



Elizabeth Gaskell

Norte e Sul

Edição Bilingue Inglês Português



Elizabeth Gaskell

Norte e Sul

Edição Bilingue Inglês Português



LANDMARK

ELIZABETH GASKELL

NORTE E SUL

EDIÇÃO BILÍNGUE

NORTH AND SOUTH



2011

Copyright © 2011 by EDITORA LANDMARK LTDA.
Todos os direitos reservados à EDITORA LANDMARK LTDA.

Primeira edição: Chapman & Hall Publishing Company Londres; 1855
Publicado inicialmente na revista literária "Households Words" entre setembro
de 1854 e janeiro de 1855
Texto adaptado à nova ortografia da língua portuguesa Decreto no 6.583, de 29
de setembro de 2008

Diretor editorial: Fabio Cyrino

Diagramação e Capa: Arquétipo Design+Comunicação
Tradução e notas: Doris Goettems

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, CBL, SP, Brasil)

GASKELL, Elizabeth (1810-1865)
NORTE E SUL - North and South
Elizabeth Gaskell; (tradução e notas Doris Goettems)
São Paulo : Editora Landmark, 2011.

Título Original: North and South
Edição bilíngue : inglês / português
ISBN 978-85-88781-97-9
e-ISBN 978-85-88781-98-6

1. Ficção inglesa. I. Título.
- II. Título: North and South
11-00725 / CDD - 823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura inglesa / 823

Textos originais em inglês de domínio público.
Reservados todos os direitos desta tradução e produção.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia microfilme,
processo
fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora Landmark,
conforme Lei n° 9610, de 19/02/1998.



EDITORA LANDMARK

Rua Alfredo Pujol, 285 - 12° andar - Santana

02017-010 - São Paulo - SP

Tel.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095

E-mail: editora@editoralandmark.com.br

www.EDITORALANDMARK.com.br

Impresso em São Paulo, SP, Brasil

Printed in Brazil

2010

Quando surgiu nas páginas de “Household Words”, este conto teve que adaptar-se às condições impostas pelas exigências de uma publicação semanal e, da mesma forma, confinar-se dentro dos limites anunciados, de modo a manter a confiança do público. Ainda que estas condições tenham sido amenizadas tanto quanto possível, o autor viu-se impossibilitado de desenvolver a história do modo originalmente pretendido e foi obrigado, em especial, a avançar os acontecimentos em direção ao final com improvável rapidez. Para corrigir de alguma forma este óbvio defeito, várias passagens curtas foram inseridas e muitos capítulos novos adicionados. Com esta breve explicação, este conto é entregue à benevolência do leitor.

“Rogo a ele, humildemente, que por misericórdia e piedade,
De sua rude feitura tenha compaixão.”^[1]

[1] Verso do poema “The Churl and the Bird” (O camponês e o pássaro), de autoria do poeta inglês John Lydgate (c.1370-c.1451).

CAPÍTULO 1

CORRIDA PARA O CASAMENTO

– Ah! Noiva, depois casada e...

– Edith! – disse Margaret, gentilmente – Edith!

Mas, como Margaret já suspeitara, Edith caíra no sono. Estava recostada no sofá da sala dos fundos em Harley Street, parecendo adorável envolta em musselina branca e fitas azuis. Se Titânia alguma vez houvesse usado musselina branca e fitas azuis e tivesse caído no sono em um sofá de damasco carmim em uma sala dos fundos, Edith poderia se passar por ela. Margaret foi outra vez atingida pela beleza da prima. Foram criadas juntas desde a infância, e durante todo esse tempo Edith sempre se distinguia perante todos, exceto Margaret, por sua beleza. Margaret nunca pensara sobre isso até poucos dias atrás, quando a perspectiva de vir a perder em breve a sua companheira parecia aumentar cada um dos doces encantos e qualidades de Edith. Estiveram conversando sobre vestidos de casamento e cerimônias de casamento; sobre o Capitão Lennox e o que ele dissera a Edith sobre a sua futura vida em Corfu, onde seu regimento estava sediado; sobre a dificuldade de manter um piano afinado (uma dificuldade que Edith pareceu considerar como uma das mais terríveis que poderiam acontecer na sua vida de casada); sobre quais vestidos ela necessitaria nas visitas à Escócia, que aconteceriam logo após o casamento. Mas o tom sussurrado foi se tornando mais sonolento, e Margaret percebeu, após uma pausa de alguns minutos, que, como havia imaginado, a despeito do burburinho na sala ao lado, Edith se entregara a uma tranquila soneca depois do jantar, deitada sobre uma pilha macia de musselina e fitas e cachos sedosos.

Margaret estava a ponto de contar à prima alguns dos planos e ideias que tivera sobre a sua futura vida no presbitério no campo, onde seu pai e sua mãe viviam, e onde ela sempre passara férias muito felizes – embora nos últimos dez anos a casa da sua tia Shaw tivesse sido o seu lar. Mas na falta de uma ouvinte, devia refletir sobre a mudança em sua vida silenciosamente, como fizera até aqui. Eram reflexões felizes, embora maculadas pelo pesar de ser separada, por tempo indefinido, de sua gentil tia e da querida prima. Quando estava pensando na delícia de ocupar o importante posto de filha única no presbitério de Helstone, chegaram aos seus ouvidos pedaços da conversa no outro cômodo. Sua tia Shaw conversava com as cinco ou seis senhoras que haviam jantado lá, cujos maridos ainda estavam na sala de jantar. Eram as pessoas mais íntimas da casa, vizinhos a quem Mrs. Shaw considerava amigos, pois costumava jantar com eles com mais frequência do que com outras pessoas; também porque, se ela ou Edith precisassem de qualquer coisa da parte deles, ou eles precisassem dela, não tinham escrúpulos em fazer uma visita uns aos outros antes do almoço. Essas senhoras e seus maridos haviam sido convidados, na sua qualidade de amigos, para um jantar de despedida em honra ao próximo casamento de Edith. A própria Edith fez alguma objeção a esse arranjo, pois esperava que o Capitão Lennox viesse no último trem, ainda naquela noite. Mas, embora fosse uma criança mimada, Edith era muito descuidada e preguiçosa para ter uma vontade própria muito forte – e cedeu ao descobrir que a mãe havia encomendado

algumas delicadas iguarias da estação, que se supõe serem sempre eficazes contra a tristeza excessiva nos jantares de despedida. Contentou-se em ficar recostada na cadeira, apenas brincando com a comida no prato, parecendo séria e ausente, enquanto todos ao redor se divertiam com os ditados de Mr. Grey, o cavalheiro que sempre sentava à cabeceira da mesa nos jantares de Mrs. Shaw e pedia à Edith que tocasse alguma coisa na sala de visitas. Mr. Grey foi especialmente agradável quanto a este jantar de despedida, e os cavalheiros se demoraram no andar de baixo mais tempo que o usual. Foi muito bom que o fizessem, a julgar pelos fragmentos de conversa que Margaret ouvia por acaso:

– Eu mesma sofri muito, não que não fosse extremamente feliz com o coitadinho do General, mas a diferença de idade sempre é uma desvantagem, e resolvi que Edith não passaria por isso. Sem nenhuma parcialidade de mãe, é claro, prevê que a minha querida menina provavelmente se casaria cedo. Na verdade, disse muitas vezes que estava certa de que ela se casaria antes dos dezenove. Tive um pressentimento quando o Capitão Lennox... – e aqui a voz baixou para um sussurro, mas Margaret podia completar as lacunas facilmente.

A trajetória do amor verdadeiro, no caso de Edith, percorreu caminhos consideravelmente suaves^[1]. Mrs. Shaw cedeu ao pressentimento, como dissera, e até insistira no casamento, embora estivesse abaixo das expectativas que muitos dos amigos de Edith tinham para ela, como jovem e bela herdeira. Mas Mrs. Shaw declarou que a sua única filha devia casar-se por amor – e suspirou de modo enfático, como se o amor não houvesse sido a causa do seu casamento com o General. Mrs. Shaw apreciou o romance desse noivado bem mais do que a filha. Não que Edith estivesse total e propriamente apaixonada: provavelmente teria preferido uma boa casa em Belgravia Square a todo o caráter pitoresco da vida em Corfu, descrita pelo Capitão Lennox. Margaret sentia-se animada ao ouvi-lo falar, enquanto Edith fingia estremecer ou sentir calafrios ao ouvir a mesma coisa. Em parte pelo prazer que tinha em ser persuadida a superar o seu desgosto em nome do profundo amor que sentia, e em parte porque qualquer coisa como uma vida de cigana ou uma vida aventureira era realmente detestável para ela. Por isso, mesmo que alguém viesse com uma bela casa, e uma bela propriedade, e um belo título além de tudo, Edith ainda assim teria se agarrado ao Capitão Lennox, enquanto durasse a atração. Quando esta terminasse, é possível que ela viesse a ter alguns escrúpulos de mal disfarçado arrependimento, pelo fato do Capitão Lennox não reunir em sua pessoa tudo o que era desejável. Nisto era bem a filha de sua mãe, a qual, depois de deliberadamente casar-se com o General Shaw sem nenhum sentimento mais forte do que o respeito pelo seu caráter e condição de vida, vivia a todo o momento, embora de forma discreta, expressando seu desgosto pela infelicidade que teve ao se unir a alguém a quem não podia amar.

– Não economizei despesas com o seu enxoval – foram as palavras seguintes que Margaret ouviu. – Dei a ela todos os belos xales e mantas indianas que o General me deu, mas que provavelmente não usarei mais.

– Ela é uma moça de sorte – respondeu outra voz.

Margaret identificou-a como a de Mrs. Gibson, uma senhora que tinha duplo interesse na conversação, pois uma de suas filhas havia se casado há poucas semanas.

– Helen se encantou com um xale indiano, mas na verdade, quando vi o preço extravagante que pediam por ele, fui obrigada a recusar-lhe. Ela vai ficar

com inveja quando souber que Edith tem alguns xales indianos. De que tipos são? De Delhi, com aqueles adoráveis e delicados bordados?

Margaret ouviu de novo a voz da tia, mas desta vez era como se ela tivesse se levantado da sua posição meio reclinada e olhasse para a sala dos fundos, fracamente iluminada. “Edith! Edith!” ela chamou, e então afundou na cadeira, como se cansada do esforço. Margaret adiantou-se.

– Edith adormeceu, Tia Shaw. Há algo que eu possa fazer?

Todas as damas disseram “Ah! Pobrezinha!” ao ouvir esta angustiante notícia sobre Edith. O pequenino cãozinho de estimação nos braços de Mrs. Shaw começou a latir, como se ficasse perturbado com aquela explosão de piedade.

– Quieta, Tiny! Sua menina travessa! Vai acordar a sua dona. Era apenas para perguntar a Edith se ela poderia pedir a Newton para trazer os xales. Talvez você pudesse ir, Margaret querida?

Margaret foi até o antigo quarto das crianças no andar mais alto da casa, onde Newton estava ocupado arrumando algumas rendas que eram necessárias para o casamento. Enquanto Newton saía (não sem um resmungo inaudível) para pegar os xales, que naquele dia já haviam sido exibidos quatro ou cinco vezes, Margaret olhou à volta do quarto. Fora o primeiro cômodo com que se familiarizara, nove anos atrás, quando fora trazida do meio da floresta, ainda indomada, para partilhar a casa, os brinquedos e as lições com sua prima Edith. Lembrou-se da aparência escura e sombria daquele quarto em Londres, comandado por uma ama austera e cerimoniosa, que era particularmente terrível a respeito de mãos limpas e vestidos rasgados. Recordou o primeiro chá que tomara ali em cima, separada do pai e da tia que jantavam em algum lugar embaixo das infinitas profundezas da escadaria. Pois, a menos que ela estivesse no céu (pensava a criança), eles deviam estar enterrados nas profundezas da terra. Na sua casa – antes de vir para Harley Street – seu quarto de criança era o antigo quarto de vestir da mãe. É como no presbitério no campo os horários não eram tardios, Margaret sempre fazia as refeições com os pais. Ah! A alta e imponente moça de dezoito anos lembrou-se das lágrimas derramadas com tão apaixonada tristeza pela menininha de nove, e de como ela enfiara o rosto embaixo das cobertas naquela primeira noite; e como fora proibida de chorar pela ama, pois perturbaria Miss Edith; e como chorara amargamente, ainda que mais quieta, até que aquela tia recém-conhecida, bela e majestosa, subisse mansamente as escadas com Mr. Hale para mostrar-lhe a sua filhinha adormecida. Então a pequena Margaret calou os soluços e tentou fingir que dormia, com medo de desagradar ao pai com sua tristeza. Não ousava expressar essa tristeza diante da tia, e acreditava que era absolutamente errado sentir-se assim, depois da longa espera, planejamento e programação que haviam feito em casa, e antes que o seu guarda-roupa pudesse ser arranjado para se adequar à grandeza da sua nova situação, e o papai pudesse deixar o presbitério para vir a Londres, mesmo que por poucos dias.

Com o tempo viera a amar o velho quarto, ainda que agora não passasse de um lugar desmantelado. E olhou ao redor, com uma espécie de arrependimento furtivo ante a ideia de deixá-lo para sempre dentro de três dias.

– Ah, Newton! – disse ela. – Acho que todas nós vamos lamentar deixar este quarto tão antigo e querido.

– De fato, senhorita, acho que irão. Meus olhos já não são tão bons como

antes, e a luz aqui é tão fraca que não consigo enxergar para arrumar os laços a não ser perto da janela – e lá sempre existe uma terrível corrente de ar, suficiente para fazer alguém morrer de frio.

– Bem, creio que em Nápoles você terá luminosidade e calor suficientes. Até lá, arrume todos os babados que puder. Obrigada, Newton, eu mesma os levo para baixo, você está ocupado.

E assim Margaret desceu carregando os xales, aspirando o seu odor de especiarias orientais. Sua tia pediu-lhe que ficasse de pé, como uma espécie de manequim onde se pudesse exibí-los, enquanto Edith ainda estava dormindo. Ninguém se deu conta disso, mas o talhe alto e esbelto de Margaret – no vestido de seda preto que usava como sinal de luto por algum parente distante do pai – realçou as longas e bonitas dobras dos requintados xales, que teriam quase encoberto o corpo de Edith. Margaret ficou ereta sob o enorme lustre, silenciosa e imóvel, enquanto a tia ajustava os drapedos. Ocasionalmente, quando a viravam, percebia de relance sua imagem no espelho sobre a lareira, e sorria ante a sua aparência – suas feições familiares nas vestimentas usuais de uma princesa. Tocava os xales com delicadeza quando envolviam seu corpo, sentindo prazer com o toque suave do tecido e suas cores brilhantes, e desejando vestir-se com tal esplendor. Alegrava-se com aquilo como uma criança, um suave sorriso de satisfação nos lábios. Neste momento a porta abriu-se, e Mr. Henry Lennox foi prontamente anunciado. Algumas damas se afastaram de repente, como se estivessem um pouco envergonhadas do seu interesse por roupas. Mrs. Shaw estendeu a mão para o recém-chegado. Margaret manteve-se perfeitamente imóvel, pensando que ainda fosse necessária como modelo para os xales, mas olhando para Mr. Lennox com um rosto brilhante e risonho, como se estivesse certa da simpatia dele quanto ao ridículo de ser assim surpreendida.

Sua tia estava tão ocupada em perguntar a Mr. Henry Lennox – que não conseguira chegar a tempo para o jantar – todo o tipo de coisas sobre seu irmão, o noivo, sua irmã, a dama de honra (que viria da Escócia com o Capitão especialmente para a ocasião), e vários outros membros da família Lennox, que Margaret percebeu que não era mais necessária como porta-xales, e dedicou-se a entreter os demais convidados, a quem a tia no momento esquecera. Quase no mesmo instante Edith veio da sala dos fundos, piscando os olhos sob a luz forte, ajeitando os cachos levemente despenteados e parecendo a Bela Adormecida recém desperta dos sonhos. Mesmo no seu cochilo, percebera instintivamente que um membro da família Lennox merecia que ela se levantasse. E tinha tantas perguntas a fazer sobre a querida Janet, a futura e ainda desconhecida cunhada, por quem professava enorme afeição, que se Margaret não fosse bastante orgulhosa teria quase sentido ciúmes da rival nova-rica. E enquanto Margaret se recolhia ao segundo plano, conversando com a tia, viu Henry Lennox dirigir o olhar para uma cadeira vazia perto dela. Sabia perfeitamente bem que, tão logo Edith o liberasse do seu questionamento, ele viria sentar-se naquela cadeira. Margaret não tinha certeza, por conta do confuso relato da tia sobre os seus compromissos, se ele viria naquela noite. Fora quase uma surpresa vê-lo, e agora estava certa de que a noite seria agradável. Ele gostava e detestava quase as mesmas coisas que ela. O rosto de Margaret iluminou-se, com sincero esplendor. Aos poucos, ele veio. Ela recebeu-o com um sorriso em que não havia nenhuma sombra de timidez ou intenção oculta.

– Bem, imagino que todas vocês estejam mergulhadas nos negócios – disse ele – negócios de mulheres, quero dizer. Bem diferente do meu negócio,

real e verdadeiro, que é lidar com leis. Brincar com xales é uma tarefa muito diferente de redigir acordos e legados.

– Ah! Sabia que ficaria divertido em nos encontrar a todas tão ocupadas em admirar belas peças de vestuário. Mas os xales indianos realmente são exemplares bastante perfeitos desse tipo de coisa.

– Não tenho dúvida que sim. Seus preços são bastante perfeitos, também. Nada que faça falta.

Os cavalheiros foram entrando, um a um, e as conversas e ruídos subiram de tom.

– Este é o seu último jantar, não é? Não há outros antes de quinta-feira? – perguntou ele.

– Não. Acho que depois desta noite poderemos descansar, o que não tenho feito há várias semanas, por certo. Pelo menos aquele tipo de descanso em que as mãos não têm mais o que fazer, e tudo está pronto para um evento que nos ocupa a mente e o coração. Ficarei contente de ter algum tempo para pensar, e tenho certeza que Edith também.

– Não estou tão certo quanto a ela, mas imagino que você ficará. Ultimamente, sempre que a vi estava sendo carregada pelo redemoinho de tarefas de alguma outra pessoa.

– Sim – disse Margaret, um tanto triste, lembrando-se das infundáveis discussões sobre ninharias que vinham acontecendo há mais de um mês. – Eu me pergunto se um casamento deve ser sempre precedido por aquilo que você chama de redemoinho, ou se – em alguns casos – não deveria haver um tempo de calma e paz justamente antes dele.

– Como, por exemplo, a fada madrinha da Cinderela encomendando o enxoval e o almoço de casamento e endereçando os convites – disse ele, rindo.

– Mas tudo isso tem que ser necessariamente um problema? – perguntou Margaret, olhando diretamente para ele em busca de resposta.

Naquele momento sentiu-se oprimida pelo indescritível desgaste provocado por todos os arranjos para um belo evento, nos quais Edith se ocupou como autoridade suprema nas últimas seis semanas. E ela de fato desejava que alguém a ajudasse com algumas ideias prazerosas e calmas relacionadas ao casamento.

– Oh, sim, naturalmente – respondeu ele com certa gravidade na voz. – Há formalidades e cerimônias pelas quais devemos passar, não tanto para a nossa satisfação, mas para calar a boca do mundo, sem o que haveria muito pouca satisfação na vida. Mas como você organizaria um casamento?

– Oh! Nunca pensei muito sobre isso. Apenas gostaria que fosse em uma bela manhã de verão; e gostaria de caminhar até a igreja sob a sombra das árvores; e não teria muitas damas de honra, nem almoço de casamento. Ouso dizer que estou me decidindo contra as coisas que me deram mais trabalho agora.

– Não, não acho que esteja. A ideia de uma majestosa simplicidade está bem de acordo com o seu caráter.

Margaret não gostou muito daquelas palavras. Recuou, lembrando-se de

outras ocasiões em que ele tentara levá-la a uma discussão (na qual ele fazia a parte cortês) sobre seu próprio caráter e sua maneira de viver. Ela cortou o assunto secamente, dizendo:

– É natural para mim pensar na igreja de Helstone e no seu caminho arborizado, e não em entrar em uma igreja de Londres, no meio de uma rua pavimentada.

– Fale-me de Helstone. Nunca a descreveu para mim. Gostaria de ter uma ideia sobre o lugar no qual irá viver, quando a casa de número noventa e seis da Harley Street for fechada e se tornar escura e sombria. Em primeiro lugar, Helstone é um vilarejo ou uma pequena cidade?

– Oh, é apenas uma aldeia. Não acho que possa ser chamada de vilarejo, absolutamente. Há uma igreja e algumas casas próximas, no campo – chalés, em sua maioria – com roseiras crescendo por toda parte.

– E que florescem o ano todo, especialmente no Natal. Assim a sua paisagem estaria completa – disse ele.

– Não – respondeu Margaret, um tanto aborrecida. – Não estou pintando uma paisagem. Estou tentando descrever Helstone como realmente é. Você não devia ter dito isso.

– Estou arrependido – ele respondeu. – Apenas achei que de fato parecia uma aldeia de contos de fadas, em vez de uma aldeia de verdade.

– E parece, realmente – replicou Margaret, com veemência. – Todos os outros lugares que conheci na Inglaterra parecem rudes e banais, depois de ver a New Forest. Helstone é como uma aldeia em um poema – em algum dos poemas de Tennyson^[2]. Mas não tentarei mais descrevê-la, acharia graça de mim se dissesse o que penso de lá – o que realmente é.

– Não acharia, na verdade. Mas vejo que está bastante decidida. Bem, então conte-me aquilo que acha que eu poderia saber sobre o presbitério. Como ele é?

– Oh, não posso descrever o meu lar. É o meu lar! Não consigo traduzir seus encantos em palavras.

– Submeto-me à sua vontade. Está um tanto severa esta noite, Margaret.

– Como? – disse ela, pousando em cheio sobre ele os grandes e belos olhos. – Não sabia que estava.

– Está. Só porque fiz uma observação infeliz você não vai me contar como é Helstone, nem dirá nada sobre a sua casa, embora eu tenha lhe dito o quanto gostaria de saber sobre ambos, especialmente a última.

– Mas não posso, realmente, contar-lhe sobre o meu próprio lar. Nem acho que seja um assunto para se falar, a menos que você o conheça.

– Está certo – ele disse, fazendo uma pequena pausa – diga-me então o que fazia lá. Aqui você lê ou estuda, ou faz outra coisa para educar a mente até o meio-dia. Faz uma caminhada antes do almoço, e depois dele sai para passear de carruagem com sua tia. À noite tem sempre algum tipo de compromisso. Então, conte-me como passa o dia em Helstone. Costuma cavalgar, passear de carruagem ou caminhar?

– Caminhar, basicamente. Não temos cavalos, nem mesmo papai. Ele

caminha até os limites da sua paróquia. Os passeios a pé são tão bonitos, seria uma vergonha cavalgar – e quase vergonhoso andar de carruagem.

– Costuma cuidar do jardim? Acredito que esta seja uma atividade apropriada para as jovens do campo.

– Não sei dizer. Temo que não goste muito desse tipo de trabalho duro.

– Competições de tiro ao alvo, piqueniques, caçadas, bailes festivos?

– Oh, não! – disse ela, rindo. – A nossa sala de estar é muito pequena. E mesmo que houvesse estas coisas por perto, duvido que eu participasse.

– Entendo, não vai me contar nada. Vai dizer apenas que não fará isso ou aquilo. Antes de terminar as férias acho que irei visitá-la, para ver como realmente emprega seu tempo.

– Espero que vá. Assim poderá ver por si mesmo como Helstone é bonita. Agora devo ir. Edith está se sentando ao piano, e eu só conheço de música o suficiente para virar-lhe as folhas da partitura. Além disso, a Tia Shaw não gosta que conversemos.

Edith tocava com brilhantismo. No meio da execução alguém entreabriu a porta, e Edith viu o Capitão Lennox hesitar, pensando se devia entrar. Ela parou imediatamente de tocar e correu para fora da sala, deixando Margaret de pé, confusa e ruborizada, para explicar aos atônitos convidados qual a visão que causara o repentino voo de Edith. O Capitão Lennox viera antes do esperado, ou já era de fato muito tarde? Os convidados olharam os seus relógios, tiveram um choque e saíram.

Edith voltou, ardendo de felicidade, meio tímida, meio orgulhosa, conduzindo o seu alto e bonito Capitão. O irmão do rapaz apertou-lhe a mão. Mrs. Shaw cumprimentou-o na sua maneira gentil e bondosa, que tinha sempre algo de triste, proveniente do longo hábito de considerar-se vítima de um casamento incompatível. Agora que o General se fora, e tinha tudo de bom na vida com o mínimo de esforço, ficava um tanto perplexa ao se deparar com alguma ansiedade, quanto mais uma tristeza. No entanto, nos últimos tempos resolvera transformar a própria saúde em uma fonte de preocupações. Pensando nisso, tinha uma pequena tosse nervosa, e algum médico condescendente lhe recomendara justo o que desejava – uma temporada de inverno na Itália. Mrs. Shaw tinha desejos tão intensos quanto a maioria das pessoas, mas nunca gostara de fazer nada pelo simples e claro motivo de dar prazer a si mesma. Preferia ser obrigada a gratificar-se através das ordens ou desejos de outra pessoa. Realmente se convencia de que estava atendendo a alguma dura necessidade externa, e assim era capaz de lamentar-se e queixar-se na sua maneira suave, enquanto o tempo todo fazia apenas o que gostava.

Foi desta maneira que começou a falar da sua viagem ao Capitão Lennox, que concordava, como manda a obrigação, com tudo o que a sua futura sogra dizia, enquanto procurava Edith com os olhos. Ela estava ocupada em arrumar a mesa para o chá, pedindo todo tipo de guloseimas, a despeito das afirmações do Capitão de que jantara há menos de duas horas.

Mr. Henry Lennox continuava de pé, apoiado no mármore da lareira, divertindo-se com a cena familiar. Estava perto do seu belo irmão, e tinha a aparência mais comum em uma família singularmente bonita. Mas seu rosto era inteligente, perspicaz e expressivo. De vez em quando Margaret se perguntava o

que ele estaria pensando, porque mantinha o silêncio, enquanto era evidente que observava – com um interesse levemente sarcástico – tudo o que ela e Edith faziam. O sentimento de sarcasmo era provocado pela conversa de Mrs. Shaw com seu irmão, não se relacionava com o interesse que lhe despertara o que tinha visto. Achou uma bela visão as duas primas tão ocupadas arranjando a mesa. Edith resolvera fazer a maior parte sozinha. Estava de bom humor, divertindo-se com a ideia de mostrar ao seu amado o quanto se sairia bem como a esposa de um soldado. Descobriu que a água do bule estava fria, e pediu que trouxessem o enorme bule de chá da cozinha. A única consequência disso foi que, ao tentar carregá-lo, viu que era muito pesado para ela. Chegou com cara de zanga, com uma mancha escura no vestido de musselina e a mãozinha branca machucada pela alça do bule. Correu a mostrá-las ao Capitão Lennox, como uma criança ferida. Naturalmente, o remédio era o mesmo para ambos os casos. O rápido ajuste que Margaret fez no réchaud revelou-se o plano mais eficiente, embora não fosse digno do acampamento de ciganos que Edith, nos seus acessos de humor, costumava considerar o mais próximo de uma vida de acampamento. Depois desta noite tudo foi confusão, até que a cerimônia de casamento terminasse.

[1] Alusão à frase de Shakespeare “A trajetória de um amor verdadeiro nunca percorreu caminhos suaves”, em “Sonho de Uma Noite de Verão”, ato I, cena I.

[2] Alfred Tennyson (1809-1892): poeta inglês, famoso por sua poesia de temas clássicos mitológicos e lendas, com descrições idílicas.

CAPÍTULO 2

ROSAS E ESPINHOS

“Sob a suave e verde luz da clareira na mata
Nos tufos de musgo onde brinca a tua infância
Sob a árvore familiar, por entre a qual os teus olhos
Pela primeira vez contemplaram, apaixonados, o céu de verão.”
Mrs. Hemans^[1]

Margaret usava o seu vestido próprio para o dia, e mais uma vez viajava calmamente para casa com o pai, que viera assistir ao casamento. Sua mãe ficara detida em casa por uma infinidade de meias razões, nenhuma das quais totalmente compreendida por ninguém, exceto Mr. Hale. Ele estava perfeitamente ciente de que todos os seus argumentos a favor de um vestido de cetim cinza, a meio caminho entre o velho e o novo, se provaram inúteis. E que, como não tinha dinheiro suficiente para equipar a esposa dos pés à cabeça com roupas novas, ela não devia comparecer ao casamento da filha única da sua única irmã. Se Mrs. Shaw tivesse adivinhado o verdadeiro motivo pelo qual Mrs. Hale não acompanhara o marido, teria feito chover vestidos sobre ela. Mas fazia quase vinte anos que Mrs. Shaw havia sido a pobre e bela Miss Beresford e já esquecera todas as tristezas, exceto a infelicidade surgida da diferença de idades na vida conjugal, sobre a qual podia se lamentar durante meia hora. A querida Maria havia se casado com o homem a quem amava, apenas oito anos mais velho que ela, com o temperamento mais doce do mundo e os cabelos de um preto azulado muito raro. Mr. Hale era um dos mais deliciosos oradores que ela já ouvira, e o perfeito modelo de um pároco. Talvez o sentimento de Mrs. Hale não tivesse sido uma dedução lógica de todas essas premissas, mas apesar disso foi a conclusão característica de Mrs. Shaw, quando soube da decisão da irmã: “Casar por amor! O que a querida Maria pode ainda desejar neste mundo?” Mrs. Hale, para dizer a verdade, podia ter respondido com uma lista pronta: uma seda cor de prata brilhante, um chapéu branco, dúzias de coisas para o casamento e centenas de coisas para a casa. Margaret sabia apenas que a mãe achara mais conveniente não vir, e ela não lamentava que o seu encontro fosse acontecer no presbitério de Helstone, em vez de na casa de Harley Street, durante a confusão dos últimos dois ou três dias – onde ela tivera que fazer o papel de Figaro, sendo solicitada em toda parte ao mesmo tempo. Tinha o corpo e a mente doloridos com a lembrança de tudo o que fizera e dissera nas últimas quarenta e oito horas. A despedida tão apressada, entre muitas outras despedidas, daquelas com quem vivera por tanto tempo, a oprimia. Lamentava-se tristemente por um tempo que não existia mais – não importa o quanto tivesse significado, acabara para nunca mais voltar. Margaret sentia o coração mais pesado do que imaginara, agora que voltava para o seu próprio lar, seu querido lar, para o lugar e a vida pelos quais ansiara durante anos, naqueles momentos em que mais sentimos a nostalgia e a saudade – antes que os nossos sentidos alertas percam a consciência ao mergulhar no sono. Tirou da mente com firmeza essas lembranças do passado e dirigiu seus pensamentos para a brilhante e serena contemplação de um futuro

promissor. Seus olhos começaram a ver, não o que havia sido, mas a realidade diante dela. Seu querido pai, reclinado e dormindo no vagão do trem. O cabelo preto azulado agora estava grisalho, e alguns fios se espalhavam pela fronte. Os ossos da face estavam claramente à vista, demais até para serem bonitos, se os seus traços não fossem tão finamente talhados. Como eram, tinham uma graça e uma beleza toda próprias. O rosto estava sereno, mas era mais o repouso que sucede ao cansaço do que o semblante calmo e tranquilo de quem leva uma vida plácida e feliz. Margaret foi dolorosamente atingida pela sua expressão de fadiga e ansiedade. E voltou o pensamento para as circunstâncias conhecidas e declaradas da vida do pai, a fim de encontrar a causa das marcas que falavam tão claramente de angústia e depressão habituais.

– Pobre Frederick! – pensou ela, suspirando. – Ah! Se Frederick ao menos tivesse se tornado clérigo, ao invés de ir para a Marinha e se distanciar de todos nós! Gostaria de saber direito o que aconteceu. Nunca entendi o que a Tia Shaw contou, sei apenas que ele não pode mais voltar à Inglaterra por causa daquele caso terrível. Pobre, papai! Como parece triste! Estou feliz de voltar para casa, para estar perto e confortar o papai e a mamãe.

Margaret tinha preparado um sorriso brilhante, sem traços de fadiga, para brindar o pai quando acordou. Ele sorriu de volta, mas fracamente, como se fosse um esforço ao qual não estivesse habituado. Seu rosto voltou a expressar a usual ansiedade. Tinha a mania de abrir um pouco a boca, como se fosse falar, que alterava constantemente a forma dos seus lábios e lhe dava um ar indeciso. Mas tinha os mesmos olhos grandes e suaves da filha – olhos que se moviam nas órbitas vagarosamente, e de modo quase majestoso, velados por pálpebras de um branco translúcido. Margaret parecia-se mais com ele do que com a mãe. Às vezes as pessoas se espantavam que pais tão bonitos tivessem uma filha tão distante do padrão regular de beleza – sem beleza alguma, diziam. A boca era larga, não um botão de rosa que pudesse abrir-se apenas para dizer “sim” ou “não” ou “por favor, senhor”. Mas a larga boca era uma curva suave de ricos lábios vermelhos. E a pele, se não era branca e fina, tinha a suavidade e delicadeza do marfim. Se o olhar, em geral, era muito digno e reservado para alguém tão jovem, agora, falando com o pai, era brilhante como a manhã – cheio de covinhas e relances, que falavam de contentamento infantil e uma fé sem limites no futuro.

Margaret voltou para casa no final de julho. As árvores da floresta, ao pôr do sol, eram uma única e escura massa verde. As samambaias sob elas captavam os raios inclinados do sol. O tempo estava quente e sem vento. Margaret costumava vaguear por ali ao lado do pai, esmagando as samambaias com uma alegria cruel, enquanto as sentia desmanchar-se sob os seus delicados pés e exalar a sua fragrância peculiar – andando pelos campos abertos, no ar cálido e perfumado, olhando para as multidões de pequenas criaturas livres e selvagens que o sol descobria, e as plantas e flores que dele dependiam. Esta vida, ou estes passeios, pelo menos, transformavam em realidade todas as expectativas de Margaret. Tornou-se orgulhosa da sua floresta. Aquela gente era a sua gente. Fez amigos sinceros entre eles. Sentia-se livre com eles. Aprendia e se deliciava em usar as suas palavras peculiares. Cuidava dos seus bebês. Conversava ou lia devagar e distintamente para as pessoas mais velhas. Levava guloseimas para os doentes. Resolveu ensinar na escola, onde seu pai ia todos os dias, como um compromisso sagrado, mas ela era continuamente tentada a sair e visitar algum amigo – homem, mulher ou criança – em alguma cabana na

sombra da floresta. Sua vida fora de casa era perfeita. A vida dentro de casa tinha seus problemas. Com a vergonha ingênua de uma criança, ela se culpava pela aguda percepção de que nem tudo ali era como devia ser. Sua mãe – sempre tão bondosa e terna para com ela – parecia vez por outra muito descontente com a situação da família, e com a negligência do bispo aos seus deveres episcopais, não concedendo a Mr. Hale uma renda melhor e quase reprovarando seu marido por não conseguir dizer que queria deixar a paróquia e tomar conta de outra maior. Seu pai suspirava alto ao responder que, se ele podia fazer o que devia na pequena Helstone, devia ser grato. Mas a cada dia ficava mais derrotado, o mundo se tornava mais confuso. Diante da insistência da esposa de que devia se candidatar a alguma promoção, Margaret percebeu que o pai se recolhia cada vez mais, e ela tentava, nessas ocasiões, reconciliar sua mãe com Helstone. Mrs. Hale declarou que a vizinhança próxima de tantas árvores afetava a sua saúde. Margaret tentava interessá-la nos campos – belos, amplos, elevados, pintados de sol e sombreados por nuvens – pois estava certa de que a mãe se acostumara por muito tempo a viver dentro de casa, raramente estendendo suas caminhadas para além da igreja, da escola e de alguns chalés próximos. Isso funcionou por algum tempo, mas quando o outono chegou e o tempo tornou-se mais instável, a ideia da mãe sobre a insalubridade do lugar cresceu. E ela se lamentava com mais frequência ainda de que seu marido, que tinha mais estudo que Mr. Hume e era melhor pároco do que Mr. Houldsworth, ainda não tivesse obtido a promoção que esses dois antigos vizinhos haviam conseguido.

Margaret não estava preparada para essas longas horas de descontentamento, que arruinavam a paz do lar. Ela sabia que devia desistir de muitos luxos – e até se divertira com a ideia – pois tinham constituído apenas aborrecimentos e empecilhos à sua liberdade em Harley Street. Seu entusiasmo divertido por qualquer prazer material era delicadamente equilibrado, se não sobrepujado, pelo seu consciencioso orgulho de ser capaz de viver sem tudo isso, se necessário. Mas a nuvem nunca vem daquela parte do céu que observamos. Antes, quando Margaret vinha passar as férias com os pais, havia leves queixas e lamentos passageiros da parte da mãe, a respeito de alguma ninharia ligada à Helstone ou à posição do pai no lugar. Mas na sua felicidade total ao recordar aqueles tempos, esquecera alguns detalhes que não eram tão agradáveis. Na segunda metade de setembro chegaram as chuvas e as tempestades do outono, e Margaret foi obrigada a ficar mais em casa do que tinha feito até então. Helstone ficava um tanto distante de quaisquer outros vizinhos com o mesmo grau de educação.

– Este é, sem dúvida, um dos lugares mais isolados da Inglaterra – disse Mrs. Hale, em um dos seus dias de humor queixoso. – Não posso deixar de lamentar o tempo todo que o papai não tenha aqui nenhuma amizade à sua altura. Ele está se desperdiçando, só encontra fazendeiros e trabalhadores, de um fim de semana ao outro. Se ao menos morássemos no outro lado da paróquia, seria diferente. Ali estaríamos a uma pequena distância dos Stansfields, que até poderia ser percorrida a pé. E os Gormans estariam ainda mais perto.

– Os Gormans – disse Margaret. – São aqueles Gormans que fizeram sua fortuna no comércio em Southampton? Fico feliz que não precisemos visitá-los. Não gosto de comerciantes. Acho que estamos muito melhor, conhecendo apenas trabalhadores rurais e pessoas sem qualquer pretensão.

– Não precisa ser tão exigente, Margaret querida! – disse a mãe,

secretamente pensando em um jovem e bonito Mr. Gorman que ela conhecera uma vez na casa de Mr. Hume.

– Não. Acho que tenho um gosto bastante abrangente. Gosto de todas as pessoas cuja ocupação esteja relacionada à pátria. Gosto de soldados, de marinheiros, e das três profissões educadas, como dizem. Tenho certeza de que não quer que eu admire açougueiros, padeiros e produtores de castiçais, quer mamãe?

– Mas os Gormans não são açougueiros nem padeiros, mas fabricantes de carruagens, e são muito respeitáveis.

– Está bem. Mas fabricar carruagens é comércio do mesmo jeito, e acho até que é muito mais inútil que o dos açougueiros ou padeiros. Oh! Como costumava me cansar dos passeios diários de carruagem com a Tia Shaw, e como desejava caminhar!

E Margaret fazia suas caminhadas, a despeito do tempo. Ficava tão feliz fora de casa, ao lado do pai, que chegava quase a dançar. Sentia a suave violência do vento oeste atrás de si ao cruzar a mata, e parecia ser guiada para a frente, tão suave e facilmente quanto as folhas caídas que flutuavam no ar com a brisa do outono. Mas as noites eram difíceis de preencher de maneira agradável. Logo depois do chá o pai se retirava para sua pequena biblioteca, e ela e a mãe ficavam sozinhas. Mrs. Hale nunca ligara muito para livros, e desencorajara o marido, logo no início do casamento, nas suas tentativas de ler em voz alta para ela, enquanto fazia algum trabalho de agulha. Uma época tentaram jogar gamão. Com o tempo, porém, Mr. Hale passou a ter um crescente interesse na sua escola e nos seus paroquianos, e percebeu que as pausas nessas obrigações eram encaradas por sua esposa como um sacrifício. Não eram aceitas como uma condição natural da sua profissão, mas como algo a ser lamentado e combatido por ela, como distintamente fazia. E assim ele passou a retirar-se para a biblioteca, enquanto as crianças ainda eram pequenas, para passar as noites (se estivesse em casa) lendo os livros de metafísica e de teorias que eram o seu deleite.

Em uma visita anterior a Helstone, de férias, Margaret trouxera consigo uma grande caixa de livros, recomendados por professores ou governantas, mas sempre achava que os dias de verão eram curtos demais para iniciar as leituras que desejava fazer antes de retornar à cidade. Agora, só havia uma edição dos Clássicos Ingleses, bem encadernada e pouco lida, que fora retirada da biblioteca do pai para encher as pequenas estantes de livros da sala de visitas. As Estações de Thomson, o Cowper de Hayley, o Cicero de Middleton, eram de longe os mais leves, novos e divertidos. As estantes não ofereciam muitas opções. Margaret contou à mãe todos os detalhes da sua vida em Londres, e Mrs. Hale ouviu-os todos com interesse, às vezes divertida e atenta, outras vezes um pouco inclinada a comparar o conforto e as facilidades da vida da irmã com os limitados recursos do presbitério de Helstone. Nessas ocasiões Margaret parava de falar subitamente, e ficava a escutar o barulhinho da chuva que batia nos caixilhos das pequenas janelas em arco. Uma ou duas vezes achou-se contando mecanicamente a repetição daquele som monótono, enquanto refletia se devia se aventurar a fazer uma pergunta sobre um assunto que lhe tocava o coração, indagando onde Frederick se encontrava agora, o que fazia, há quanto tempo não tinham notícias dele. Mas a consciência do delicado estado de saúde da mãe e do seu evidente desgosto por Helstone, ambos datando da época do motim em que

Frederick se envolvera – cujo relato completo Margaret nunca ouvira, e que agora parecia tristemente condenado ao esquecimento – faziam com que recuasse e evitasse tocar no assunto, cada vez que se lembrava dele. Quanto estava com a mãe, parecia-lhe que era melhor interrogar o pai para obter informações; e quanto estava com ele, achava que poderia conversar mais facilmente com a mãe. Provavelmente não havia mais nada para saber que fosse novidade. Em uma das cartas que recebera antes de deixar Harley Street seu pai lhe contara que haviam tido notícias de Frederick. Ele ainda estava no Rio, muito bem de saúde, e lhe mandava um abraço carinhoso. Eram notícias convencionais, e não a notícia importante pela qual ansiava. Sempre se referiam a Frederick, nas poucas vezes em que mencionavam seu nome, como “Pobre Frederick”. Seu quarto fora mantido exatamente como ele o tinha deixado, e era regularmente limpo e posto em ordem por Dixon, a criada de Mrs. Hale, que não se encarregava de nenhuma outra tarefa doméstica, mas sempre recordava o dia em que fora contratada por Lady Beresford para a criação de Sir John, como criada das senhoras, e das lindas senhoritas Beresford, as beladades de Rutlandshire. Dixon sempre considerara Mr. Hale como uma praga que caíra sobre os projetos de vida da sua jovem patroa. Se Miss Beresford não se apressasse tanto para casar-se com um pobre clérigo do campo, não se pode nem pensar no que poderia ter se tornado. Mas Dixon era leal demais para abandoná-la nessa aflição e queda (como chamava a sua vida de casada). Permaneceu com ela e era devotada aos seus interesses, sempre se considerando como a boa fada protetora, cuja missão era destruir o gigante maligno: Mr. Hale. O jovem Frederick havia sido seu favorito e seu orgulho, e era com certo abrandamento no olhar e nos modos dignos que ela entrava toda semana no quarto para arrumá-lo, com tanto cuidado como se ele pudesse voltar para casa naquela mesma noite. Margaret não conseguia deixar de pensar que devia haver alguma notícia recente de Frederick, desconhecida pela mãe, e que estava deixando o pai ansioso e embaraçado. Mrs. Hale parecia não perceber nenhuma diferença no olhar ou nos modos do marido. A disposição de Mr. Hale era sempre terna e gentil, e sentia grande prazer com qualquer pequena notícia referente ao bem-estar dos outros. Ficava deprimido por dias a fio depois de presenciar a morte de algum doente, ou quando sabia de algum crime. Mas agora Margaret percebia uma distração, como se os seus pensamentos já estivessem ocupados por algum assunto, cuja opressão não podia ser aliviada por nenhuma das suas atividades diárias, como consolar os parentes enlutados, ou ensinar na escola esperando diminuir os males da geração vindoura. Mr. Hale não visitava mais os paroquianos tanto quanto antes, ficava mais tempo calado na sua biblioteca e esperava com ansiedade o carteiro da vila, que anunciava a sua chegada com uma batida na persiana da janela dos fundos, na cozinha – um sinal que antes costumava ser repetido, antes que alguém estivesse suficientemente acordado naquela hora do dia para entender do que se tratava e atendê-lo. Agora Mr. Hale vagava pelo jardim se a manhã estivesse bonita, e se não estivesse, ficava parado sonhadamente junto à janela da biblioteca até que o carteiro chegasse, ou descesse a alameda, com um aceno respeitoso em direção ao clérigo – que ficava a observá-lo enquanto se afastava pela sebe coberta de roseiras e passava pelos grandes arbustos. Mr. Hale, então, retornava à sala para começar o seu dia de trabalho, mostrando todos os sinais de um coração pesaroso e uma mente absorta.

Mas Margaret estava em uma idade em que qualquer apreensão, não necessariamente baseada no conhecimento dos fatos, é facilmente afastada da

mente por um belo e ensolarado dia, ou alguma outra circunstância feliz que ocorresse fora de casa. E quando chegaram quatorze brilhantes dias de outono, todas as suas preocupações se dissiparam tão alegremente quanto as franjas dos cardos, e ela não pensou em mais nada que não fosse a beleza gloriosa da floresta. A colheita havia terminado, e agora que a chuva passara, várias clareiras – as quais ela apenas espiara em agosto e setembro devido ao tempo – estavam acessíveis. Aprendera a pintar com Edith, e lamentara bastante, nos dias escuros de mau tempo, sua preguiça em registrar a beleza das flores e da floresta enquanto o tempo ainda estava bom – e determinou-se a pintar o que pudesse antes que o inverno começasse. Com essa ideia em mente, estava ocupada certa manhã preparando suas telas quando Sarah, a arrumadeira, abriu amplamente a porta da sala de visitas e anunciou “Mr. Henry Lennox”.

[1] Felicia Hemans (1793-1835): poetisa inglesa, nascida em Liverpool cuja produção literária despertou interesse de seus contemporâneos, como Percy Shelley e Wordsworth.

CAPÍTULO 3

“QUANTO MAIS PRESSA, MAIOR A DEMORA”

“Aprenda a conquistar a fê de uma dama
Com nobreza, pois o premio é alto
Com bravura, para a vida e a morte –
E com leal gravidade.
Guie-a pelos palcos festivos
Aponte-lhe o céu estrelado
Mantenha-a, pela verdade das suas palavras,
Inocente das lisonjas cortêses.”
Mrs. Browning[1]

– Mr. Henry Lennox.

Margaret estivera pensando nele há apenas um momento, lembrando-se do inquérito que fizera a respeito de suas prováveis ocupações em casa. Fora “*parler du soleil et l'on en voit les rayons*”[2], e a face de Margaret iluminou-se, enquanto punha as telas de lado e se adiantava para apertar-lhe a mão.

– Avise a mamãe, Sarah – disse ela. – Mamãe e eu temos tantas perguntas a lhe fazer sobre Edith... Estou muito agradecida por ter vindo.

– Não lhe disse que viria? – disse ele, em um tom de voz mais baixo do que o dela.

– Mas ouvi dizer que estava tão longe, nas Highlands, que nunca imaginei que viria a Hampshire.

– Ah! – disse Mr. Lennox, em um tom mais alegre. – Nosso jovem casal anda se metendo em tantas travessuras bobas, correndo toda sorte de riscos, escalando montanhas, velejando no lago, que realmente achei que precisavam de um mentor para tomar conta deles. E de fato precisavam, pois estão fora do controle do meu tio – deixam o velho cavalheiro em pânico, passando dezesseis horas por dia ao ar livre. Na verdade, quando percebi o quanto não se pode confiar naqueles dois sozinhos, achei que era meu dever acompanhá-los até que os visse embarcar em segurança no porto de Plymouth.

– Esteve em Plymouth? Oh, Edith não chegou a mencionar isso. Com certeza teve que escrever com muita pressa, nos últimos dias. Eles realmente embarcaram na terça-feira?

– Realmente embarcaram, e me aliviaram de muitas responsabilidades. Edith lhe mandou todo tipo de mensagens. Acho que tenho uma pequenina nota aqui, em algum lugar. Sim, aqui está.

– Oh, obrigada! – exclamou Margaret.

Desejosa de ler a nota sozinha, sem ser observada, pediu então licença para ir novamente avisar a mãe (Sarah decerto fizera alguma confusão) que Mr. Lennox estava ali.

Quando Margaret deixou a sala, ele começou a olhar em volta no seu modo investigativo. A pequena sala aparecia no seu melhor aspecto, banhada pela luz do sol matinal. A janela do meio sob a arcada estava aberta, e um grupo de rosas e uma trepadeira vermelha espiavam pelo canto. O pequeno caminho estava muito bonito, ladeado por verbenas e gerânios das cores mais brilhantes. Mas o intenso brilho do dia lá fora fazia o interior parecer pobre e desbotado. O carpete estava longe de ser novo. O estofado do sofá já fora lavado muitas vezes. O aposento inteiro era menor e mais desgastado do que ele esperava como pano de fundo e moldura para Margaret, majestosa como ela era. Ele pegou um dos livros que estavam sobre a mesa. Era o Paraíso, de Dante, na original encadernação italiana antiga, em couro branco e ouro. Ao lado estavam um dicionário e algumas palavras copiadas a mão por Margaret. Era uma tola lista de palavras, mas de certa forma ele gostou de ter lido. Colocou-a de lado com um suspiro.

– A sala é tão pequena como ela disse, de fato. Parece estranho, pois as Beresford pertencem a uma boa família.

Enquanto isso Margaret se juntara à mãe. Aquele era um dos dias em que Mrs. Hale tinha seus ataques, em que tudo era uma dificuldade e um sofrimento. A aparição de Mr. Lennox tomou essa dimensão, embora no fundo ela se sentisse lisonjeada por ele ter achado que valia a pena visitá-las.

– É a maior das infelicidades! Vamos almoçar cedo hoje, e não há outra coisa além de carne fria, pois as criadas têm que passar a roupa, e é claro que temos que convidá-lo para almoçar – afinal é o cunhado de Edith e tudo isso. E o papai está tão deprimido esta manhã, preocupado com alguma coisa... não sei o quê. Entrei agora há pouco na biblioteca e ele estava com o rosto coberto pelas mãos, de cabeça baixa. Eu lhe disse que sabia que o ar de Helstone não estava mais lhe fazendo bem, assim como a mim, e ele levantou a cabeça de repente e me pediu que não dissesse mais uma única palavra contra Helstone, pois não poderia suportar. Se já houve um lugar que ele amou neste mundo, era Helstone. Mas eu tenho certeza que ele está assim por causa desse ar úmido e relaxante.

Margaret sentiu como se uma fria nuvem se interpusesse entre ela e o sol. Ouviu pacientemente, esperando que a mãe sentisse algum alívio em desabafar. Mas agora era hora de mandá-la ver Mr. Lennox.

– O papai gosta de Mr. Lennox – disse ela. – Eles se entenderam muito bem na recepção do casamento. Acredito que a sua chegada vai fazer muito bem ao papai. E não se preocupe com o almoço, mamãe. Carne fria será ótimo como almoço, que é como Mr. Lennox provavelmente vai considerar essa refeição às duas horas da tarde.

– Mas o que faremos com ele até lá? Agora são apenas dez e meia.

– Vou pedir-lhe para sair comigo para pintar. Sei que ele sabe pintar, e

isso vai tirá-lo do seu caminho, mamãe. Mas, por favor, vá vê-lo agora. Ele vai achar muito estranho se não for.

Mrs. Hale tirou seu avental de seda preto e alisou as faces. Tinha a aparência de uma dama muito bonita, quando cumprimentou Mr. Lennox com a cordialidade devida a alguém que era quase um parente. Era evidente que ele esperava um convite para passar o dia, e aceitou-o tão feliz e prontamente que Mrs. Hale desejou poder acrescentar alguma coisa à carne fria. Ele parecia contente com tudo, e deliciado com a ideia de Margaret de saírem juntos para pintar. Não queria perturbar Mr. Hale, por nada no mundo, já que logo o encontraria no almoço. Margaret trouxe seus materiais de pintura para que ele escolhesse. E depois que ele escolheu rapidamente o papel e os pincéis, os dois saíram com o espírito mais feliz do mundo.

– Por favor, vamos parar aqui por alguns minutos – disse Margaret. – Estes são os chalés que me assombraram durante as chuvas da última quinzena, reprovando-me por não tê-los desenhado.

– Antes que desabem e desapareçam. É verdade, se temos que desenhá-los – e eles são muito pitorescos – é melhor não deixar isso para o ano que vem. Mas onde vamos sentar?

– Oh! Deve ter vindo direto do seu escritório no Temple, em vez de ter passado dois meses nas Highlands! Olhe para este belíssimo tronco de árvore, que os lenhadores deixaram justo na posição certa para a luz. Vou colocar minha manta sobre ele e vai virar um perfeito trono florestal.

– E vai pôr os pés nesta poça, que servirá de escabelo real. Espere, vou mais para lá, assim poderá chegar mais perto. Quem mora nesses chalés?

– Foram construídos pelos colonizadores, cinquenta ou sessenta anos atrás. Um está desabitado. Os guardas florestais vão derrubá-los, assim que morrer o velho homem que vive no outro, pobre coitado! Olhe – ali está ele – tenho que ir lá falar-lhe. Ele é tão surdo que você vai ouvir todos os nossos segredos.

O velho homem estava ao sol na frente do chalé, de cabeça descoberta e apoiado em seu bastão. As feições rígidas se abriram em um sorriso tímido quando Margaret dirigiu-se a ele. Mr. Lennox rapidamente adicionou as duas figuras ao seu desenho, e terminou a paisagem como um pano de fundo para os dois, como Margaret percebeu quando chegou a hora de levantar-se, pegar as aquarelas e os restos de papel, e exibir os desenhos um para o outro. Ela riu e corou, enquanto Mr. Lennox observava-lhe o semblante.

– Bem, eu chamo isso de traição – disse ela. – Nunca pensei que tomaria o velho Isaac e eu como modelos, quando me disse para perguntar-lhe a história desses chalés.

– Foi irresistível. Não pode imaginar como foi forte a tentação. Eu não usaria dizer-lhe o quanto gostei desse desenho.

Ele não tinha certeza se ela ouvira a última frase, antes de ir até o riacho

lavar a palheta. Margaret voltou um tanto corada, mas parecendo perfeitamente inocente. Ele alegrou-se com isso, pois as palavras escaparam dos seus lábios de repente – uma coisa rara em um homem como Henry Lennox, que premeditava tanto as suas ações.

A casa tinha um aspecto brilhante e arrumado quando chegaram lá. As nuvens no semblante da mãe tinham sumido sob a influência favorável de uma bela carpa assada, oportunamente presenteada por um vizinho. Mr. Hale retornara da sua ronda matinal e estava esperando o visitante junto ao portão que dava acesso ao jardim. Parecia um perfeito cavalheiro, no seu casaco e chapéu um tanto gastos.

Margaret tinha orgulho do pai. Sentia sempre um terno e renovado orgulho ao ver o quanto ele impressionava favoravelmente qualquer estranho. Assim mesmo, seu olhar perspicaz buscou-lhe o rosto, onde viu os traços de alguma perturbação fora do comum, que fora apenas posta de lado e não afastada.

Mr. Hale pediu para ver os desenhos.

– Acho que pintou a palha muito escura, não pintou? – disse, devolvendo o desenho de Margaret e estendendo a mão para o de Mr. Lennox, que o reteve por um segundo, não mais.

– Não, papai! Acho que não. A palha do telhado e as trepadeiras ficaram muito mais escuras com a chuva. Não está parecido, papai? – disse ela, espiando sobre o ombro do pai, enquanto ele olhava as figuras no desenho de Mr. Lennox.

– Sim, bem parecido. A sua silhueta e o porte estão excelentes. E esse é bem o jeito rígido do pobre velho Isaac dobrar suas costas reumáticas. O que é isso pendurado no ramo da árvore? Certamente não é um ninho de pássaros.

– Oh, não! Esse é o meu chapéu – disse Margaret. – Nunca consigo desenhar quando estou de chapéu, minha cabeça fica quente. Estou tentando ver se consigo fazer figuras. Há muitas pessoas por aqui a quem eu gostaria de desenhar.

– Eu diria que quando se quer muito desenhar alguém, sempre se consegue que fique parecido – disse Mr. Lennox. – Tenho muita fé no poder da vontade. Acho que consegui uma boa semelhança no seu caso.

Mr. Hale precedeu-os ao entrar na casa, enquanto Margaret demorou-se colhendo algumas rosas para adornar seu vestido na hora do almoço.

“Qualquer moça de Londres entenderia o sentido implícito nessas palavras” pensava Mr. Lennox. “Estaria procurando, atrás de cada palavra que um jovem cavalheiro lhe dissesse, a *arrière-pensée* – intenção oculta – de um cumprimento. Mas acho que Margaret não.”

– Espere! – ele exclamou. – Deixe-me ajudá-la.

Colheu para ela algumas aveludadas rosas vermelhas que estavam ao seu alcance, e então, dividindo o espólio, colocou duas na sua botoeira, e deixou-a entrar, feliz e satisfeita, para arrumar suas flores.

A conversação durante o almoço fluiu calma e agradável. Havia muitas perguntas a serem respondidas dos dois lados. Deviam trocar entre si as últimas notícias que cada um recebera sobre os movimentos de Mrs. Shaw na Itália. No interesse do que foi dito, havia a desprezível simplicidade dos costumes no presbitério. Acima de tudo, na vizinhança de Margaret, Mr. Lennox esqueceu o pequeno sentimento de desapontamento com o qual a princípio percebeu que ela não havia falado mais do que a verdade, quando dissera que a casa do pai era muito pequena.

– Margaret, minha filha, devia ter colhido algumas peras para a nossa sobremesa – disse Mr. Hale, quando foi posto na mesa o hospitaleiro luxo de uma garrafa de vinho recém-decantado.

Mrs. Hale estava furiosa. Parecia que sobremesas eram coisas raras e improvisadas no presbitério. Se Mr. Hale tivesse apenas olhado atrás de si teria visto biscoitos, geleia e outras coisas arrumadas em perfeita ordem sobre o aparador. Mas a ideia das peras tomara conta da mente dele, e não havia quem a tirasse de lá.

– Há algumas peras marrons perto do muro sul que valem por qualquer fruta ou conserva estrangeira. Corra, Margaret, e colha algumas para nós.

– Proponho que nos mudemos para o jardim e degustemos as peras ali – disse Mr. Lennox. – Nada é mais delicioso do que morder uma fruta crocante e suculenta, perfumada e aquecida pelo sol. O pior é que as vespas são impudentes o suficiente para disputá-las conosco, mesmo no ápice da diversão.

Ele levantou-se, como se fosse seguir Margaret, que desaparecera pela porta. Esperava apenas a permissão de Mrs. Hale. Ela preferia concluir o almoço da maneira correta, e com todas as cerimônias que haviam corrido sem percalços até ali, especialmente porque ela e Dixon haviam tirado as lavandas do armário, com a intenção de que ela fosse tão elegante quanto convinha à irmã da viúva do General Shaw. Mas como Mr. Hale levantara-se imediatamente, preparando-se para acompanhar seu convidado, ela não pode fazer nada senão ceder.

– Vou pegar uma faca – disse Mr. Hale. – Para mim já acabou a época de comer frutas de modo tão primitivo como o que descreveu. Tenho que descascá-las e parti-las em quatro, antes de poder apreciá-las.

Margaret fez um prato para as frutas com uma folha de beterraba, que combinou de modo admirável com a cor marrom dourada das peras. Mr. Lennox olhava mais para ela do que para as peras. Mas o pai, disposto a desfrutar profundamente o sabor e a perfeição daquela hora roubada à sua ansiedade, escolheu apalpando os frutos mais maduros, e sentou-se no banco do jardim para apreciá-los à vontade. Margaret e Mr. Lennox passeavam pelo pequeno terraço ao longo do muro sul, onde as abelhas ainda estavam zumbindo e trabalhando ativamente em suas colmeias.

– Que vida perfeita vocês parecem viver aqui! Sempre desdenhei um tanto dos poetas, com seus desejos como “minha cabana junto à montanha” e

esse tipo de coisas. Mas agora acho que a verdade é que não fui muito melhor do que um homem do povo. Neste momento sinto que vinte duros anos de estudo das leis seriam amplamente recompensados por um ano apenas de uma vida delicada e serena como esta. E estes céus! – olhando para cima. – E esta folhagem carmim e âmbar, perfeitamente imóvel! – apontando para algumas grandes árvores da floresta, que cercavam o jardim como se fosse um ninho.

– Recorde, por favor, que os nossos céus nem sempre são de um azul tão intenso quanto hoje. Temos chuva, e as nossas folhas também caem e ficam encharcadas, embora eu ache que Helstone é um lugar tão perfeito quanto qualquer outro no mundo. Lembre-se de como desdenhou da descrição que fiz uma noite em Harley Street: “uma aldeia de contos de fadas”.

– Desdenhar é uma palavra muito dura, Margaret.

– Talvez seja. Só sei que teria gostado de lhe contar aquilo que me absorvia na ocasião, e você – como devo chamar a isso? – referiu-se de maneira desrespeitosa a Helstone como uma simples aldeia de contos de fadas.

– Nunca mais farei isso – disse ele, com veemência.

Viraram a esquina do terraço.

– Quase poderia desejar, Margaret... – ele hesitou.

Era tão incomum o fluente advogado hesitar, que Margaret olhou-o com certo ar de curioso espanto. Em um instante – não saberia definir o que vira no rapaz – desejava estar com a mãe, com o pai, ou em qualquer outro lugar que não fosse ao lado dele. Estava certa de que ia dizer alguma coisa à qual ela não saberia o que responder. Em seguida o seu forte orgulho dominou a súbita agitação, o que ela esperava que ele não tivesse percebido. É claro que poderia responder, e corretamente. Considerava uma atitude pobre e desprezível furtar-se a ouvir qualquer coisa, como se ela não tivesse condições de pôr um fim a isso com sua dignidade virginal e alta.

– Margaret – ele disse, pegando-a de surpresa e tomando-lhe a mão. Assim Margaret foi obrigada a ficar parada ouvindo, enquanto todo o tempo desprezava-se pela agitação do seu coração. – Margaret, gostaria que não gostasse tanto de Helstone, que não parecesse tão calma e feliz aqui. Nos últimos três meses esperei que estivesse sentindo saudades de Londres – e dos amigos de Londres, também – a ponto de ouvir com mais boa vontade – (pois ela estava tentando retirar a mão da dele, calma e firmemente) – alguém que não tem muito a oferecer, é verdade, apenas perspectivas de futuro, mas que a ama de verdade, a despeito de si mesmo. Margaret, assustei-a muito? Fale!

Ele vira os lábios da moça tremerem, quase como se fosse chorar. Margaret esforçou-se para manter a calma. Não falaria enquanto não conseguisse dominar a voz. Então disse:

– Fiquei surpresa, não imaginava que gostasse de mim dessa forma. Sempre pensei em você como um amigo, e prefiro continuar a pensar assim. Não gosto que me fale dessa maneira. Não posso responder do modo que deseja,

ainda assim lamento muito se o aborreci.

– Margaret... – disse ele, olhando-a nos olhos.

Margaret pousou nele seu olhar honesto e direto, que expressava demasiada boa-fé e relutância para causar dor. “Você ama alguma outra pessoa?” ele pretendia dizer. Mas lhe pareceu que essa pergunta seria um insulto à pura serenidade daqueles olhos.

– Perdoe-me, fui muito afoito. Recebi a punição que merecia. Apenas permita que eu tenha esperanças. Dê-me algum pequeno consolo, diga-me que você nunca encontrou ninguém a quem... – Outra pausa.

Ele não conseguia terminar a frase. Margaret reprovou-se intensamente por ser a causa do sofrimento dele.

– Ah! Se ao menos não tivesse colocado essa fantasia na cabeça! Era tão bom pensar em você como um amigo!

– Mas posso esperar, não posso, Margaret, que algum dia venha a pensar em mim como seu amado? Não agora, é claro – não há pressa – mas algum dia...

Ela ficou em silêncio por alguns minutos, tentando descobrir a verdade em seu coração antes de responder. Então disse:

– Nunca pensei em você a não ser como amigo. Gosto de pensar em você desse jeito. E tenho certeza de que nunca poderei pensar de qualquer outro modo. Por favor, vamos ambos esquecer que toda essa... – ela ia dizer “desagradável”, mas conteve-se – conversa aconteceu.

Ele esperou, antes de responder. Então, com seu tom frio habitual, replicou:

– É claro, já que está tão decidida, e já que esta conversa foi tão desagradável para você como parece, é melhor que não seja lembrada. Isso é muito bonito na teoria, essa ideia de esquecer o que é doloroso, mas será um tanto difícil, pelo menos para mim, levar adiante esse plano.

– Ficou aborrecido – disse ela, triste. – Como posso ajudá-lo?

Parecia tão verdadeiramente sentida quando disse isso, que ele lutou por um momento com seu desapontamento, e então respondeu mais calorosamente, embora com alguma amargura na voz:

– Devia ser condescendente com o sofrimento, não de um amante, Margaret, mas de um homem que não se inclina ao romance de forma geral – um homem prudente, mundano, como algumas pessoas me chamam – que foi levado a agir contra os seus hábitos pela força de uma paixão. Bem, não falemos mais disso. Mas na única concessão que esse homem faz aos melhores e mais profundos sentimentos da sua natureza, encontra apenas rejeição e repulsa. Devo me consolar desprezando a minha própria loucura. Um esforçado advogado pensando em matrimônio!

Margaret não podia responder a isso, o próprio tom a incomodava. Parecia tocar e ressaltar todos os pontos de discórdia que muitas vezes fizeram

com que se afastasse dele. Mesmo que Henry Lennox fosse o homem mais agradável, o amigo mais simpático, a pessoa que, dentre todas, melhor a entendia em Harley Street. Sentiu uma mancha de desgosto misturar-se à sua dor por tê-lo recusado. Seus belos lábios curvaram-se em leve desdém. Foi nessa hora que, tendo completado a volta pelo jardim, aproximaram-se subitamente de Mr. Hale, de cuja presença haviam esquecido. Mr. Hale ainda não terminara a pera – que descascara delicadamente em uma longa tira, fina como papel prateado – e que degustava calmamente. Era como a história daquele rei do oriente, que mergulhara a cabeça em uma bacia com água ao comando de um mágico, e antes que a retirasse, um instante após, viveu a experiência de uma vida inteira. Margaret sentia-se abalada, e incapaz de recobrar o domínio de si mesma a ponto de juntar-se à conversa trivial que se seguira entre seu pai e Mr. Lennox. Estava séria e pouco disposta a falar, perguntando-se quando Mr. Lennox iria embora para permitir-lhe relaxar e pensar nos eventos do último quarto de hora. Ele estava tão ansioso para partir quanto ela para vê-lo sair. Mas alguns minutos de uma conversa leve e desprentensiosa, mantida a muito custo, era um sacrifício que ele devia à sua vaidade ferida e ao seu respeito próprio. De vez em quando olhava para o rosto pensativo e triste de Margaret.

“Não lhe sou tão indiferente quanto ela acredita” pensava ele. “Não vou abandonar a esperança.”

Antes que se passasse um quarto de hora, ele começou a conversar de modo bastante sarcástico. Falava da vida em Londres e da vida no campo, como se tivesse consciência daquela sua natureza desdenhosa e temeroso da própria sátira. Mr. Hale ficou confuso. Seu visitante era um homem diferente daquele que encontrara na recepção de casamento e no almoço de hoje – mais cínico, esperto e mundano e, portanto, em desacordo com ele. Foi um alívio para os três quando Mr. Lennox disse que devia partir imediatamente, se quisesse pegar o trem das cinco horas. Seguiram para a casa, para que ele se despedisse de Mrs. Hale. No último momento, a verdadeira natureza de Henry Lennox transpareceu:

– Margaret, não me despreze. Tenho um coração, apesar de toda essa conversa inútil. Como prova disso, acredito que a amo mais do que nunca – se não a odeio – pelo desdém com que me ouviu nessa última meia hora. Adeus, Margaret!

[1] Elizabeth Barrett Browning (1806-1861): poetisa inglesa, sendo considerada como uma das mais proeminentes da era vitoriana, influenciando grande geração de escritores tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos da América, entre eles Edgar Allan Poe e Emily Dickinson.

[2] Em francês no original: “falando no sol, surgem os seus raios”. Algo semelhante ao ditado “falando no burro, apontou as orelhas”.

CAPÍTULO 4

DÚVIDAS E DIFICULDADES

“Lance-me em alguma costa deserta,
Onde eu apenas possa buscar
Os vestígios de algum triste destroço,
E se lá estiveres, ainda que ruja o mar,
Por nenhuma calma gentil implorarei.”
Habington[1]

Ele se foi. A casa foi fechada para a noite. Nada mais de céus de intenso azul nem folhagens âmbar e carmim. Margaret subiu para vestir-se para o chá, encontrando Dixon de mau humor pela interrupção que um visitante normalmente ocasionava em um dia tão ocupado como aquele. Demonstrou-o escovando com força demais o cabelo de Margaret, sob o pretexto de estar com pressa para atender Mrs. Hale. Apesar disso, Margaret teve ainda que esperar um longo tempo na sala até que a mãe descesse. Sentou-se sozinha junto à lareira, com um par de candeeiros apagados na mesa atrás de si. Pensava nos acontecimentos do dia, na alegre caminhada, na alegre sessão de pintura, no almoço agradável e caloroso, e na desconfortável e infeliz caminhada no jardim.

Como os homens eram diferentes das mulheres! Ali estava ela, infeliz e perturbada, porque seu instinto tornara impossível qualquer resposta que não fosse uma recusa. Enquanto ele, pouco depois de ver rejeitada a proposta que devia ter sido a mais importante e sagrada da sua vida, podia falar como se causas, sucessos, todos os confortos banais de uma boa casa e uma sociedade inteligente e agradável fossem as únicas coisas que confessava desejar. Oh, céus! Como ela poderia tê-lo amado, se ele ao menos fosse diferente, profundamente diferente! Margaret então colocou na cabeça que, afinal de contas, a superficialidade dele devia ter sido proposital, para encobrir a amargura do desapontamento que estaria estampada em seu próprio coração, se ela tivesse amado e sido rejeitada.

Sua mãe entrou na sala antes que essa confusão de pensamentos pudesse ser organizada de algum modo racional. Margaret teve que espantar as lembranças do que fora feito e dito durante o dia, e escutar com simpatia o relato de como Dixon se queixara de que a manta de passar queimara outra vez; e de como viram Susan Lightfoot com flores artificiais no chapéu, dando provas de um caráter vaidoso e fútil. Mr. Hale bebericava seu chá distraidamente, em silêncio. Margaret guardava as respostas para si. Admirava-se de como o pai e a mãe podiam ser tão esquecidos e desatenciosos com seu visitante do dia, a ponto de nem mencionarem seu nome. Esquecia-se de que não fora a eles que Mr. Lennox fizera uma proposta.

Após o chá, Mr. Hale levantou-se, colocou o cotovelo no console da lareira e apoiou a cabeça na mão, meditando sobre alguma coisa. De vez em quando suspirava profundamente. Mrs. Hale saiu para falar com Dixon sobre algumas roupas de inverno para dar aos pobres. Margaret preparava o trabalho

de tapeçaria da mãe, retraindo-se ao pensar na longa noite e desejando que chegasse logo a hora de dormir, para que pudesse pensar de novo nos eventos do dia.

– Margaret! – disse Mr. Hale, afinal, com um tom meio desesperado que fez a filha se espantar. – Essa tapeçaria é muito importante? Quero dizer, pode deixar isso por um momento e vir até o meu estúdio? Quero falar com você sobre algo muito importante para todos nós.

“Muito importante para todos nós” ela pensou. Mr. Lennox não tivera a oportunidade de ter uma conversa privada com seu pai depois da sua recusa, de outra forma isso seria, de fato, um assunto muito importante. Em primeiro lugar, sentiu-se culpada e envergonhada por haver se tornado uma mulher, a ponto de ser cogitada como esposa. Segundo, ela não sabia se o pai não ficaria desgostoso de que ela tivesse tomado a iniciativa de recusar a proposta de Mr. Lennox. Mas logo sentiu que não era sobre nada disso que o pai queria lhe falar – visto que acontecera de repente e há pouco tempo, não dando motivo a complicadas cogitações. Mr. Hale pediu que ela sentasse perto dele, atçou o fogo, cortou o pavio queimado das velas e suspirou uma ou duas vezes antes de se decidir a falar. Afinal, disse bruscamente:

– Margaret! Estou deixando Helstone.

– Deixar Helstone, papai! Mas porquê?

Mr. Hale não respondeu por um ou dois minutos. Brincou com alguns papéis na mesa de maneira nervosa e confusa, abrindo os lábios várias vezes como se fosse falar, mas fechando-os de novo sem ter a coragem de pronunciar uma palavra. Margaret não podia suportar o suspense, que era ainda mais doloroso para o pai do que para ela.

– Mas por que, papai? Conte-me!

Ele olhou-a de repente, e então disse devagar, com calma forçada:

– Porque não devo mais ser um ministro da Igreja da Inglaterra.

Margaret imaginou a princípio que nada menos que uma promoção – daquelas que a mãe tanto desejava – finalmente fora concedida ao pai. Algo que o forçaria a deixar a bela e amada Helstone, e talvez o obrigasse a ir viver em alguma das soberbas e silenciosas casas paroquiais, que Margaret às vezes via nas cidades maiores. Eram lugares grandes e imponentes, mas se para isso fosse necessário deixar Helstone para sempre, seria um sofrimento triste e prolongado. Não esperava, porém, o choque provocado pelas últimas palavras do pai. O que ele queria dizer? Devia ser muito ruim para que fizesse tanto mistério. O aspecto de triste aflição no seu rosto, quase implorando um julgamento misericordioso por parte da filha, deixou-a de repente doente. Poderia o pai estar implicado em alguma coisa que Frederick tivesse feito? Frederick era um fora da lei. Será que o pai, pelo natural amor ao filho, fora conivente com alguma...

– Oh! O que é? Por favor, diga-me, papai! Conte-me tudo! Por que não pode mais ser um clérigo? Com certeza, se contaram ao bispo tudo que sabemos sobre Frederick, e a dura e injusta...

– Não se trata de Frederick. E o bispo não tem nada a ver com isso. Sou eu o responsável. Vou lhe contar tudo. Responderei a todas as suas questões agora, mas depois desta noite nunca mais falaremos neste assunto. Posso enfrentar as consequências de minhas dolorosas e infelizes dúvidas, mas falar

sobre o que me causou tanto sofrimento é um esforço que está além das minhas forças.

– Dúvidas, papai! Dúvidas sobre a religião? – perguntou Margaret, mais chocada do que nunca.

– Não! Não se trata de dúvidas sobre a religião – nem de longe uma tal injúria.

Ele fez uma pausa. Margaret suspirou, como se estivesse à beira de algum novo horror. Mr. Hale recomeçou, falando depressa, como se retomasse uma tarefa difícil:

– Você não poderia entender tudo, se eu lhe contasse – minha ansiedade, durante anos, para saber se tinha algum direito de manter meu modo de vida – meus esforços para sufocar as dúvidas que me queimavam sobre a autoridade da Igreja. Oh! Margaret, como eu amo a santa Igreja, da qual agora tenho que me afastar!

Por alguns momentos, não conseguiu continuar. Margaret não sabia o que dizer. Aquilo lhe parecia um mistério tão grande como se o pai fosse se tornar muçulmano.

– Hoje andei lendo sobre os dois mil que foram expulsos das suas igrejas – continuou Mr. Hale, sorrindo fracamente – tentando me apoderar de um pouco da sua bravura. Mas foi inútil – inútil – não posso evitar sentir o golpe profundamente.

– Mas, papai, o senhor pensou bem nisso? Oh! Parece tão terrível, tão chocante – disse Margaret, de repente rompendo em lágrimas.

O único fundamente sério da sua casa, a sua opinião sobre seu querido pai, pareceu cambalear e balançar. O que poderia dizer? O que deveria ser feito? A visão da sua aflição fez Mr. Hale tomar coragem, de modo a tentar confortá-la. Ele engoliu em seco, sufocando os soluços que lhe vinham do coração. Foi até a estante e pegou um volume que estivera lendo ultimamente, e do qual acreditava ter retirado a força para entrar no caminho que agora iniciava.

– Ouça, querida Margaret – disse ele, pondo-lhe o braço à volta da cintura.

Ela tomou as mãos do pai nas suas e apertou-as com força, mas não conseguia levantar a cabeça. Tampouco conseguia prestar atenção ao que ele lia, tão grande era a sua agitação interior.

– Este é o solilóquio de alguém que uma vez foi um clérigo em uma paróquia do campo, como eu. Foi escrito por certo Mr. Oldfield, pároco de Carsington, no Derbyshire, há cento e sessenta anos, ou mais. Suas provações terminaram. Ele lutou a luta justa.

Disse as duas últimas sentenças em tom baixo, como se falasse para si mesmo. Então, leu alto:

– Quando não puderes mais continuar o teu trabalho sem desonrar a Deus, desacreditar a religião, privar-te da tua integridade, ferir a tua consciência, estragar a tua paz e arriscar a perda da tua salvação – em suma, quando as condições em que deves continuar (se fores continuar) no teu trabalho são pecaminosas, sem a garantia da palavra de Deus, tu deves, sim, acreditar que Deus voltará teu próprio silêncio, suspensão, privação e abandono para a Sua

glória e o melhor interesse das Escrituras. Se Deus não te usar de um jeito, usará de outro. Uma alma que deseje honrar e servir a Deus, nunca deve perder uma oportunidade de fazê-lo. Nem debes crer tão limitado o Deus de Israel a ponto de pensar que Ele possua apenas um meio de ser glorificado através de ti. Ele pode fazer isso tanto pelo teu silêncio como pelas tuas preces. Tanto pelo teu afastamento quanto pela tua perseverança em teu trabalho. Não é por prestar a Deus o melhor serviço, ou realizar a tarefa mais pesada, que ele perdoará o menor pecado, ainda que este pecado te tenha capacitado ou concedido a oportunidade de realizar essa tarefa. Terás pouco a agradecer, oh, minha alma! se fores encarregada de corromper a adoração a Deus, trair teus votos, ou fingir essa necessidade para continuares no teu ministério.

Enquanto lia isso, e passava os olhos sobre muito mais que não havia lido, adquiriu confiança em si mesmo, sentindo que ele também podia ser corajoso e firme ao fazer o que acreditava ser o certo. Mas, ao terminar, ouviu os soluços abafados e convulsivos de Margaret, e sua coragem naufragou sob a intensa sensação de sofrimento.

– Margaret, querida! – disse ele, puxando-a para perto de si. – Pense nos primeiros mártires. Pense nos milhares que sofreram.

– Mas, papai – disse ela, levantando de súbito o rosto corado e molhado de lágrimas – os antigos mártires sofreram pela verdade, enquanto o senhor... Oh! Querido, querido papai!

– Eu sofro pelo bem da minha consciência, minha criança – disse ele, com trêmula dignidade, proveniente da aguda sensibilidade do seu caráter. – Devo fazer o que manda a minha consciência. Tenho sofrido longamente com a autorreprovação, que teria despertado qualquer mente menos lenta e covarde do que a minha – sacudiu a cabeça, enquanto prosseguia. – O maior desejo de sua mãe, afinal satisfeito do modo mais ridículo, como costumam ser os desejos muito intensos. São as maçãs de Sodoma^[2] que causaram esta crise, e por isso eu devo ser agradecido, como acredito que sou. Não faz um mês que o bispo me ofereceu outro posto. Se eu o tivesse aceitado, teria que fazer uma nova declaração de conformidade com a Liturgia da minha instituição. Margaret, tentei fazer isso. Tentei me contentar em simplesmente recusar a promoção, e ficar calmamente aqui, sufocando a minha consciência tanto quanto a distendi antes. Que Deus me perdoe!

Mr. Hale levantou-se e caminhou de um lado a outro da sala, pronunciando baixinho palavras de autorreprovação e humilhação, das quais Margaret ouviu muito pouco e agradeceu por isso. Por fim, ele disse:

– Margaret, tenho que retornar à antiga e triste questão. Temos que deixar Helstone.

– Sim, eu entendo! Mas como?

– Escrevi ao bispo, acho que lhe disse isso, mas agora ando esquecendo das coisas – disse Mr. Hale, caindo de novo em depressão assim que teve que falar dos duros detalhes práticos. – Informei-o da minha intenção de deixar este vicariato. Ele foi muito gentil. Usou argumentos e censuras, tudo em vão. Em vão! Eram os mesmos com que eu tentara me convencer, sem resultado. Devo pegar minha carta de demissão e esperar pelo bispo para me despedir. Será uma prova difícil, mas pior do que isso, muito pior, será dizer adeus aos meus queridos paraquianos. Há um padre designado para ler as orações, certo Mr. Brown, que

virá amanhã para ficar conosco. No próximo domingo farei o meu sermão de despedida.

“Por que tudo tem que acontecer tão depressa?” pensava Margaret. Mas talvez fosse melhor assim. A demora só tornaria o sofrimento maior. Era melhor fechar a mente do que ouvir sobre todos aqueles arranjos, que pareciam quase completos antes que lhe contassem.

– O que a mamãe disse? – perguntou ela, com um profundo suspiro.

Para sua surpresa, o pai começou a andar novamente, antes de responder. Afinal, parou e respondeu:

– Margaret, eu sou um pobre covarde, afinal de contas. Não suporto causar dor a alguém. Sei muito bem que a vida conjugal da sua mãe não foi tudo o que ela esperava, tudo o que tinha direito de esperar, e isso vai ser um golpe tão grande para ela, que ainda não tive força moral nem coragem para contar-lhe. No entanto, agora ela precisa saber – disse ele, olhando de modo ansioso para a filha.

Margaret foi quase dominada pela ideia de que a mãe não sabia de nada disso, embora o caso já estivesse bastante avançado!

– Sim, ela precisa saber, é verdade – disse Margaret. – Talvez, afinal, ela não deva... Oh, sim! Ela vai ficar chocada! Vai sim!

A força do golpe recaiu sobre ela, ao pensar em como outra pessoa consideraria aquilo. Veio-lhe uma nova curiosidade a respeito dos planos futuros do pai, se é que ele tinha planos. Por fim, ela disse:

– Para onde vamos?

– Para Milton Norte – respondeu ele, com sombria indiferença.

Percebeu que, embora o amor da filha a levasse a unir-se a ele, e por um momento tranquilizá-lo com seu afeto, a intensidade da dor continuava forte como sempre em sua mente.

– Milton Norte! A cidade industrial em Darkshire?

– Sim – disse ele, no mesmo tom deprimido e indiferente.

– Por que essa cidade, papai? – perguntou ela.

– Porque lá eu posso ganhar o pão para sustentar a minha família. Porque não conheço ninguém lá, e ninguém conhece Helstone, e nunca poderão falar-me a respeito dela.

– Pão para sustentar a família! Pensei que o senhor e a mamãe tivessem...

Ela então parou, controlando seu interesse natural pela sua vida futura quando viu o rosto do pai tornar-se sombrio. Mas ele, com sua simpatia intuitiva e perspicaz, leu no rosto dela, como em um espelho, o reflexo da sua própria depressão, e fez um esforço para espantá-la.

– Deve saber de tudo, Margaret. Apenas me ajude a contar para sua mãe. Acho que posso fazer qualquer coisa, menos isso: a ideia da sua aflição me deixa doente de pavor. Se eu lhe contar tudo, talvez possa falar com ela amanhã. Vou passar o dia fora, para dizer adeus ao fazendeiro Dobson e ao pobre povo de Bracy Common. Você detestaria muito contar isso a ela, Margaret?

Margaret detestava, sim. Recuava diante dessa ideia mais do que de qualquer outra coisa que já tivesse que fazer na vida. De repente, não conseguia falar. O pai então disse:

– Você detestaria isso, não é, Margaret?

Depois, dominou-se e, com um olhar intenso e brilhante no rosto, continuou:

– É uma coisa dolorosa, mas deve ser feita, e farei isso tão bem como possa. Você já deve ter muitas coisas dolorosas para fazer.

Mr. Hale sacudiu a cabeça, desanimado, e pressionou a mão da filha em sinal de gratidão. Margaret estava aflita de novo, quase a ponto de desatar no choro. Para evitar esses pensamentos, disse:

– Agora me diga, papai, quais são os seus planos. O senhor e a mamãe têm algum dinheiro, independente da renda da paróquia, não tem? Sei que a tia Shaw tem.

– Sim. Acho que temos em torno de cento e setenta libras por ano. Desse valor, setenta libras sempre vão para Frederick desde que ele foi para o exterior. Não sei se ele precisa de tudo isso... – disse Mr. Hale, de modo hesitante – deve receber alguma coisa para servir ao exército espanhol.

– Frederick não deve sofrer – disse Margaret, decididamente – vivendo em um país estrangeiro e tratado com tanta injustiça por seu próprio país. Sobraram cem libras. Não poderíamos viver com cem libras por ano, o senhor, eu e mamãe, em algum lugar bem barato, bem calmo da Inglaterra? Oh! Acho que poderíamos.

– Não! – disse Mr. Hale – Isso não é solução. Devo fazer algo. Preciso me manter ocupado, para espantar os pensamentos mórbidos. Além disso, uma paróquia no campo me traria lembranças tristes de Helstone e das minhas obrigações ali. Não poderia suportar isso, Margaret. E cem libras por ano é uma renda muito pequena, depois de prover as necessidades da casa, para proporcionar à sua mãe todos os confortos a que ela foi acostumada, e que merece ter. Não. Devemos ir para Milton. Isso já está resolvido. Sempre decido melhor por mim mesmo, sem ser influenciado por aqueles a quem amo.

Disse isso como uma meia desculpa por ter organizado quase tudo, antes de contar a alguém da sua família sobre as suas intenções. E acrescentou:

– Não posso suportar objeções. Deixam-me muito indeciso.

Margaret resolveu manter silêncio. Afinal, o que importava para onde fossem, comparado àquela terrível mudança de vida?

– Alguns meses atrás – continuou Mr. Hale – quando o sofrimento provocado por essa dúvida tornou-se maior do que eu podia suportar sem falar com alguém, escrevi para Mr. Bell. Lembra-se de Mr. Bell, Margaret?

– Não, acho que nunca o vi. Mas sei quem ele é. É o padrinho de Frederick, seu antigo professor em Oxford, não é?

– Sim. Ele é um Membro do Colégio de Plymouth. Nasceu em Milton Norte, eu creio. De qualquer forma, tem uma propriedade lá, que aumentou muito de valor depois que Milton tornou-se uma grande cidade industrial. Bem, tenho razões para suspeitar, ou imaginar... É melhor não dizer nada sobre isso...

Mas creio que posso contar com a simpatia de Mr. Bell. Não posso dizer que ele tenha me dado muito incentivo. Viveu sempre uma vida bastante tranquila no seu colégio. Mas foi muito bondoso, e é graças a ele que vamos para Milton.

– Como? – disse Margaret.

– Pois ele tem inquilinos, e casas, e fábricas lá. Assim, embora não goste do lugar – acha muito agitado para alguém com os seus hábitos – é obrigado a manter algum tipo de contato. E ele me disse que ouviu falar que há muitas oportunidades para um professor particular lá em Milton.

– Um professor particular! – disse Margaret, com ar de desdém. – O que neste mundo podem querer os donos de fábricas com os clássicos, ou a literatura, ou as habilidades de um cavalheiro?

– Alguns deles realmente parecem ser ótimas pessoas – disse seu pai – conscientes das suas próprias deficiências, o que é mais do que se pode dizer de muitos homens em Oxford. Alguns querem decididamente aprender, agora que adquiriram uma situação social elevada. Alguns desejam que seus filhos tenham mais instrução do que eles tiveram. De qualquer modo, há uma oportunidade, como eu disse, para um professor particular. Mr. Bell me recomendou para certo Mr. Thornton, um inquilino dele, que me parece muito inteligente, a julgar pelas suas cartas. E em Milton, Margaret, eu posso ter uma vida ativa, se não feliz, e verei pessoas e cenários tão diferentes que nunca serei lembrado de Helstone.

Lá estava o motivo secreto, Margaret percebeu. Seria diferente! Mesmo discordando – quase abominando o lugar por tudo que já ouvira falar do norte da Inglaterra, os industriais, o povo, a região selvagem e sombria – havia esta única recomendação: seria diferente de Helstone, e nunca poderia lembrá-los desse lugar tão amado.

– Quando partimos? – perguntou Margaret, após um curto silêncio.

– Não sei exatamente. Queria falar sobre isso com você. Sua mãe ainda nem sabe do assunto, mas acho que dentro de uma quinzena. Depois que enviar a minha carta de demissão não terei mais direito a ficar aqui.

Margaret ficou quase estupefata.

– Uma quinzena!

– Não... Não, exatamente. Não há nada marcado... – disse o pai.

Falou de modo ansioso e hesitante, ao ver a nuvem de tristeza que cobrira os olhos de Margaret e a súbita mudança em seu semblante. Mas ela logo se recobrou.

– Sim, papai. É melhor marcar logo a data, decididamente, como diz. E a mamãe que não sabe nada sobre isso! Essa é que é a grande confusão!

– Pobre Maria! – respondeu Mr. Hale, ternamente. – Pobre, pobre Maria! Ah! Se não tivesse me casado, se fosse sozinho no mundo, como seria fácil! Mas sendo assim... Margaret, não tenho coragem de contar a ela!

– Não – disse Margaret, com tristeza – eu farei isso. Dê-me até amanhã à tardinha, para escolher o momento certo. Oh, papai! – ela exclamou, em uma repentina e apaixonada súplica. – Diga-me que isso é um pesadelo, um sonho mau, e não a dura realidade! Não pode querer realmente deixar a Igreja, desistir de Helstone, afastar-se para sempre de mim e da mamãe, levado por alguma

desilusão, alguma tentação! O senhor de fato não quer dizer isso!

Mr. Hale mantinha-se rígido e imóvel, enquanto ela falava. Então olhou a filha no rosto, e disse de modo lento e calculado:

– Quero dizer isso, sim, Margaret. Não deve se iludir duvidando da realidade das minhas palavras, ou da minha decisão já firmada.

Olhou-a com o mesmo semblante firme e duro que mostrara antes, ao falar. Ela também olhou-o com olhos suplicantes, antes que pudesse acreditar que a decisão era irrevogável. Então Margaret levantou-se e foi até a porta, sem mais uma palavra ou um olhar. Quando segurava a maçaneta, o pai chamou-a de volta. Estava parado ao lado da lareira, inclinado e retraído. Mas quando ela se aproximou ficou ereto e, colocando suas mãos sobre a cabeça da filha, disse solenemente:

– Que a bênção de Deus esteja com você, minha filha!

– E que Ele possa restaurá-lo à Sua Igreja – respondeu ela, com a plenitude do seu coração.

No momento seguinte temeu que essa resposta à sua bênção pudesse ser desrespeitosa, errada – poderia machucá-lo por ter vindo de sua filha, e jogou os braços em volta do seu pescoço. Ele abraçou-a por um minuto ou dois. Então, ouviu-o murmurar para si mesmo:

– Os mártires e confessores tinham ainda mais dor a suportar. Eu não vou fraquejar.

Assustaram-se ao ouvir Mrs. Hale perguntando pela filha. Começaram a separar-se, com plena consciência de tudo que os esperava. Mr. Hale disse, apressado:

– Vá, Margaret, vá. Estarei fora amanhã o dia todo. Antes da noite terá contado tudo à sua mãe?

– Sim – ela respondeu.

E retornou para a sala, em um estado de tontura e atordoamento.

[1] William Habington (1605-1654): poeta inglês do período barroco.

[2] Maçãs de Sodoma (Sodom apples): Planta mítica da era medieval. Sendo se dizia, seria uma árvore gigante que crescia na área desolada onde antes se erguiam Sodoma e Gomorra; se um viajante colhesse uma de suas maçãs, ela se transformaria em cinzas em sua mão, sinal certo do eterno desprazer de Deus para com aqueles que sucumbem às tentações materiais.

CAPÍTULO 5

DECISÃO

“Peço-te um amor amável,
Para através da vigília constante,
Receber a alegria com sorrisos felizes,
E secar os olhos que choram;
E um coração desapegado de si mesmo
Para acalmar e consolar.”

Anônimo

Margaret ouviu com paciência todos os planos da mãe para oferecer alguns pequenos confortos aos paroquianos mais pobres. Não pôde se furtar a ouvir, embora cada novo projeto fosse uma punhalada no seu coração. Quando o frio chegasse, já deviam estar muito longe de Helstone. O reumatismo do velho Simon estaria pior, assim como a sua visão. Não haveria ninguém para ir até sua casa ler um livro, ou confortá-lo com algumas tigelas de sopa e uma boa toalha vermelha. E se houvesse, seria um estranho, e o pobre homem procuraria por ela em vão. O menino aleijado de Mary Domville também se arrastaria em vão até a porta, esperando que ela chegasse através da floresta. Esses pobres amigos nunca entenderiam por que ela os abandonara. E havia muitos outros como eles. Ela pensava: “O papai sempre gastou a sua renda na própria paróquia. Estou, talvez, antecipando obrigações futuras, mas é provável que o inverno seja rigoroso, e os nossos paroquianos pobres e velhos devem ser ajudados”.

– Oh, mamãe, vamos fazer tudo o que pudermos! Não ficaremos aqui por muito mais tempo.

Falara de modo apaixonado, sem ligar para a prudência, e agarrando-se apenas à ideia de que estavam prestando aquela ajuda pela última vez.

– Não está se sentindo bem, minha querida? – perguntou Mrs. Hale, ansiosa, entendendo mal a insinuação de Margaret sobre a incerteza de sua permanência em Helstone. – Parece pálida e cansada. É este ar fraco, úmido, insalubre.

– Não, não, mamãe, não é isso. O ar aqui é delicioso: tem um perfume puro e fresco, depois da fumaça de Harley Street. Mas estou cansada, com certeza já é hora de dormir.

– Não falta muito... são nove e meia. É melhor ir se deitar, querida. Peça um mingau para Dixon. Vou vê-la assim que estiver deitada. Temo que tenha apanhado um resfriado. Ou o ar ruim de algum lago estagnado...

– Oh, mamãe! – disse Margaret, sorrindo debilmente enquanto a beijava. – Estou muito bem, não se alarme por minha causa. Só estou cansada.

Margaret subiu para o quarto. Para acalmar a ansiedade da mãe, aceitou uma tigela de mingau. Estava deitada languidamente quando Mrs. Hale veio perguntar mais uma vez sobre a sua saúde e beijá-la antes de retirar-se para o seu próprio quarto. Mas no instante em que ouviu a porta da mãe fechar-se, Margaret pulou da cama, vestiu-se apressadamente e começou a caminhar de um lado para o outro no quarto, até que o rangido de uma das tábuas do assoalho lembrou-a de que não devia fazer barulho. Então sentou-se, encolhida no banco junto à pequena *bay-window*. Naquela manhã, quando olhara para fora, seu coração se alegrara ao ver as luzes claras e brilhantes na torre da igreja, anunciando um dia belo e ensolarado. Nesta noite – haviam se passado no máximo dezesseis horas – ali estava ela, triste demais para chorar, mas com um pesar frio e desolador que parecia ter expulsado toda a juventude e alegria do seu coração, para nunca mais voltar. A visita de Mr. Henry Lennox – seu pedido – parecia um sonho, uma coisa distante da sua vida real. A dura realidade era que seu pai acalentara tantas dúvidas tentadoras em sua mente que se tornara um cismático – um excomungado. Todas as alterações decorrentes giravam em torno deste único e destrutivo fato.

Olhou pela janela, na direção da silhueta cinza escura da torre da igreja, que se elevava quadrada e ereta no seu campo de visão, recortada contra as sombras de um azul transparente mais ao longe. Seu olhar foi atraído para lá. Sentiu que podia olhar para sempre, cada vez mais longe – e não ver nenhum sinal de Deus! Pareceu-lhe, naquele momento, que a terra estava mais completamente desolada do que se fosse cingida por uma redoma de ferro, atrás da qual devia estar a paz indelével e a glória do Todo-poderoso. Aquelas profundezas do espaço infinito, na sua imóvel serenidade, zombavam mais dela do que quaisquer limites materiais – calando os gritos dos sofrendores terrenos, que agora podiam ascender a este infinito esplendor e vastidão e ficar perdidos – perdidos para sempre, até que atingissem o trono de Deus.

Estava nesse estado de espírito quando seu pai chegou silenciosamente. O luar era claro o suficiente para permitir-lhe ver a filha naquele lugar e naquela atitude incomuns. Aproximou-se e tocou-lhe o ombro, antes que ela percebesse a sua presença.

– Margaret, ouvi que você estava acordada. Não pude evitar vir aqui para pedir-lhe que reze comigo o Pai Nosso. Isso fará bem a nós dois.

Mr. Hale e Margaret ajoelharam-se junto ao nicho da janela: ele, olhando para o alto, ela, com a cabeça baixa, humilde e envergonhada. Deus estava ali, bem perto deles, ouvindo as palavras sussurradas do pai. Seu pai podia ser um herege, mas ela não havia – em suas desesperadas dúvidas cinco minutos atrás – se mostrado uma cética muito mais completa? Margaret não disse uma palavra, mas enfiou-se na cama depois que o pai a deixou, como uma criança envergonhada da sua falta. Se o mundo estava cheio de problemas complicados ela confiaria, e apenas pediria que lhe fosse mostrado o próximo passo. Mr. Lennox – sua visita, sua proposta, cuja lembrança fora tão rudemente posta de lado pelos novos eventos do dia – assombrou seus sonhos naquela noite. Sonhou que ele escalava uma árvore muito alta para alcançar o galho em que estava pendurado o seu chapéu. Então caiu, e ela lutava para salvá-lo, quando foi contida por alguma mão invisível e poderosa. Ele morreu. E então o cenário

mudou. Ela estava outra vez na sala de visitas de Harley Street, conversando com ele como antes, mas o tempo todo consciente de que o vira morrer naquela terrível queda.

Noite infeliz e insone, aquela! Que preparação para o dia seguinte! Acordou sobressaltada, sem ter descansado, e ciente de que a realidade era ainda pior do que os seus sonhos mais perturbadores. Tudo recaíra sobre ela. Não apenas o sofrimento, mas a terrível discórdia no sofrimento. Até onde seu pai iria, vagando sem destino, conduzido pelas dúvidas que, para ela, eram tentações do diabo? Ansiava por perguntar, embora não quisesse saber por nada deste mundo.

A manhã bela e revigorante fez com que a mãe se sentisse particularmente bem-disposta e feliz na hora do café. Falou bastante, planejando caridades para o vilarejo, sem prestar atenção ao silêncio do marido e às respostas monossilábicas de Margaret. Antes que as coisas fossem esclarecidas, Mr. Hale levantou-se e colocou a mão sobre a mesa, como em busca de apoio:

– Só voltarei para casa à noite. Estou indo a Bracy Common, vou pedir ao fazendeiro Dobson alguma coisa para o jantar. Devo estar de volta para o chá, às sete horas.

Não olhou para nenhuma das duas, mas Margaret sabia o que ele queria dizer. Às sete horas a mãe já teria sido comunicada. Mr. Hale teria prolongado esse anúncio para fazê-lo apenas às seis e meia. Mas Margaret era diferente. Não podia suportar aquele peso pendente sobre ela o dia todo. Era melhor passar logo pelo pior, pois o dia seria curto para consolar a mãe. Enquanto ela estava à janela, pensando em como começar e esperando que a criada deixasse a sala, a mãe subiu para pegar suas coisas e ir até a escola. Voltou pronta e equipada, em um estado de espírito mais vivaz do que o normal.

– Mamãe, venha dar uma volta no jardim comigo esta manhã. Só uma volta – disse Margaret, pondo o braço na cintura de Mrs. Hale.

Passaram pela porta-janela. Mrs. Hale disse alguma coisa, Margaret não sabia o quê. Seu olhar captou uma abelha pousando em uma campânula: quando essa abelha voasse para longe com o seu espólio ela começaria – esse seria o sinal. E ela voou.

– Mamãe! O papai vai deixar Helstone – Margaret desabafou. – Ele vai deixar a Igreja e morar em Milton Norte.

E aí estavam os três duros fatos, tão difíceis de falar.

– Por que está dizendo isso? – perguntou Mrs. Hale, em uma voz surpresa e incrédula. – Quem andou lhe contando uma bobagem dessas?

– O próprio papai – disse Margaret, ansiando por falar algo gentil e confortador, mas sem saber como.

Estavam próximas de um banco no jardim. Mrs. Hale sentou-se e começou a chorar.

– Não entendo o que está dizendo – ela falou. – Ou você cometeu algum grande engano, ou não entendo absolutamente nada.

– Não, mamãe, não cometi nenhum engano. Papai escreveu ao bispo, dizendo que tinha dúvidas de tal ordem que não poderia, em sã consciência, permanecer como ministro da Igreja da Inglaterra, e que devia desistir de

Helstone. Ele também consultou Mr. Bell – o padrinho de Frederick, a senhora sabe – e ficou decidido que vamos morar em Milton Norte.

Mrs. Hale olhava para o rosto da filha durante todo o tempo em que ela dizia essas palavras. A sombra no seu semblante indicava que, finalmente, acreditara no que fora dito.

– Não acredito que possa ser verdade – disse Mrs. Hale, por fim. – Ele certamente teria me contado, antes que chegasse a esse ponto.

O sentimento de que a mãe devia ter sido informada tomou conta de Margaret com toda a força. Sentiu que, não importa o quanto ela tivesse errado em seu descontentamento e aflição, fora uma falta do pai deixar que a esposa soubesse da sua mudança de opinião – e da sua próxima mudança de vida – através da filha, mais bem informada do que ela. Margaret sentou-se ao lado da mãe e apoiou a cabeça dela no seu peito, inclinando suas faces macias para tocar-lhe carinhosamente o rosto.

– Quando ele lhe contou, Margaret?

– Ontem, apenas ontem – respondeu Margaret, detectando o ciúme que motivara a pergunta. – Pobre papai!

Tentava desviar os pensamentos da mãe na direção de uma compassiva simpatia por tudo o que o pai havia passado. Mrs. Hale levantou a cabeça.

– O que ele quer dizer com “ter dúvidas”? – perguntou. – Decerto não quer dizer que ele pensa diferente – ou que sabe mais do que a Igreja.

Margaret sacudiu a cabeça, e vieram lágrimas aos seus olhos quando a mãe tocou no nervo exposto do seu próprio pesar.

– O bispo não pode colocá-lo no caminho certo? – perguntou Mrs. Hale, um tanto impaciente.

– Temo que não – disse Margaret. – Mas não perguntei. Não podia suportar ouvir a resposta. De qualquer forma, está tudo acertado. Ele vai deixar Helstone dentro de quinze dias. Não tenho certeza se ele disse que mandou sua carta de demissão.

– Dentro de quinze dias! – exclamou Mrs. Hale. – Acho tudo muito estranho... Não está certo, absolutamente. Chamo isso de insensibilidade – disse ela, procurando alívio nas lágrimas. – Ele tem dúvidas, é o que diz, e desiste do seu meio de vida sem sequer consultar-me. Se ele tivesse me contado sobre as suas dúvidas desde o início, eu as teria arrancado pela raiz.

Embora sabendo que a conduta do pai fora errada, Margaret não conseguia suportar que a mãe o censurasse. Sabia que a reserva do pai se deveria ao próprio afeto que tinha por ela – podia até ser covarde, mas não era insensível.

– Eu esperava que se sentisse feliz em deixar Helstone, mamãe – disse ela, após uma pausa. – A senhora nunca se deu bem com o ar daqui, sabe disso.

– Não pode achar que ar enfumaçado de uma cidade industrial, suja e cheia de chaminés como Milton Norte, seja melhor que este ar, que é puro e doce, embora seja suave e relaxante demais. Imagine-se vivendo no meio das fábricas e dos operários! É claro que, se o seu pai deixar a Igreja, não seremos admitidos na sociedade em lugar nenhum. Será uma enorme desgraça para nós! Pobre Sir John! Ainda bem que não está vivo para ver o que o seu pai se tornou!

Quando eu era menina e morava com a sua tia Shaw em Beresford Court, todos os dias após o jantar Sir John costumava fazer o primeiro brinde assim: “À Igreja e ao Rei, e abaixo o Parlamento”.

Margaret ficou contente de ver que os pensamentos da mãe se desviaram do fato de que o pai não contara a ela um assunto que lhe tocava tanto o coração. Depois da séria ansiedade quanto à natureza das dúvidas do pai, esta era a circunstância que lhe causava a maior dor.

– A senhora sabe que nós quase não frequentamos a sociedade aqui, mamãe. Os Gormans, que são os nossos vizinhos mais próximos (e a quem chamamos de sociedade – mesmo que raramente os vejamos) pertencem à indústria, como muita gente em Milton.

– Sim – disse Mrs. Hale, quase indignada – mas, de qualquer forma, os Gormans fazem carruagens para boa parte da alta sociedade da região, e acabaram por ter algum tipo de relacionamento com ela. Mas esses operários... quem no mundo usaria roupas de algodão quando pode comprar linho?

– Bem, mamãe, vamos esquecer os tecelões. Não os estou defendendo, não mais do que aos outros trabalhadores. Só que devemos ter algum contato com eles.

– Por que, meu Deus, seu pai resolveu escolher Milton Norte para morar?

– Em parte – disse Margaret, suspirando – porque é tão diferente de Helstone. E em parte porque Mr. Bell disse que lá existem boas oportunidades para um professor particular.

– Professor particular em Milton! Porque ele não vai para Oxford, e se torna professor de cavalheiros?

– A senhora se esqueceu, mamãe, que ele está deixando a Igreja por causa das suas opiniões? As suas dúvidas não lhe fariam nenhum bem em Oxford.

Mrs. Hale ficou calada por algum tempo, chorando mansamente. Por fim, disse:

– E os móveis? Como vamos organizar a mudança, bom Deus? Nunca me mudei em toda a minha vida, e só temos uma quinzena para pensar nisso!

Margaret ficou aliviada, embora não demonstrasse, ao ver que a ansiedade e aflição da mãe tinham baixado até esse ponto – tão insignificante para ela, mas no qual poderia ajudar muito. Ela planejou e prometeu, e levou a mãe a organizar as coisas o mais que pudesse, antes de conhecer com mais detalhes os planos de Mr. Hale. Margaret não saiu do lado da mãe o dia todo. Entregou sua alma para confortá-la nas suas várias mudanças de humor, especialmente à tardinha, quando ficou cada vez mais ansiosa para que o pai encontrasse um ambiente tranquilo em casa, depois de um dia inteiro de fadiga e angústia. Margaret pensava no que ele devia ter sofrido em segredo, por tanto tempo. A mãe apenas respondera friamente que ele devia ter contado a ela e que, de qualquer modo, devia ter tido um conselheiro para orientá-lo. Sentiu o coração fraquejar quando ouviu os passos do pai no vestibulo. Não ousava ir recebê-lo e contar-lhe o que fizera o dia todo, com medo de aborrecer e enciumar a mãe. Percebeu que ele se demorava, como se esperasse por ela, ou por algum sinal dela. Margaret não ousava se mexer. Viu que os lábios da mãe

tremiam e que ela mudava de cor, também consciente da chegada do marido. Naquele momento ele abriu a porta da sala e parou, sem saber se devia entrar. Tinha o rosto pálido, acinzentado – nos olhos uma expressão tímida e temerosa. Era algo triste de ver no rosto de um homem. Mas aquele olhar desanimado e triste e o abatimento de corpo e alma, tocaram o coração da esposa. Ela foi até ele e se atirou nos seus braços, exclamando:

– Oh! Richard, Richard! Devia ter me contado antes!

Então, em lágrimas, Margaret deixou-os. Subiu correndo as escadas para jogar-se na cama e esconder a cabeça nos travesseiros, abafando os soluços histéricos que explodiam por fim, depois do rígido controle que se impusera durante todo o dia. Quanto tempo ficou assim, não saberia dizer. Não ouviu nenhum barulho, embora a criada viesse arrumar o quarto. A menina assustada recuou na ponta dos pés, e contou a Mrs. Dixon que Miss Hale estava chorando como se tivesse o coração partido: tinha certeza que ela ficaria muito doente, se continuasse daquele jeito. Por causa disso, Margaret se sentiu tocada e resolveu sentar-se. Viu o quarto familiar e a figura de Dixon na sombra, que ficara de pé segurando o castiçal um pouco atrás de si, com medo do efeito da luz sobre os olhos inchados e enevoados de Miss Hale.

– Oh, Dixon! Não percebi que entrou no quarto! – disse Margaret, retomando o autocontrole. – Já é muito tarde?

Ergueu-se da cama devagar, deixando que os pés tocassem o chão com firmeza antes de ficar de pé. Afastou os cabelos molhados do rosto e tentou parecer natural, como se não houvesse nada e ela tivesse apenas adormecido.

– Mal sei dizer que horas são – replicou Dixon, em um tom aflito. – Desde que sua mãe me contou as terríveis notícias, quando a ajudei a vestir-se para o chá, perdi a conta do tempo. Não sei o que será de todos nós! Quando Charlotte me disse há pouco que estava chorando, Miss Hale, pensei “Não admira, coitadinha!” E o patrão pensando em se tornar um dissidente a esta altura da vida. E se não se pode dizer que tenha se saído bem na Igreja, também não se saiu mal, afinal de contas. Tenho um primo, senhorita, que se tornou pastor metodista quando tinha cinquenta anos de idade, depois de ter sido alfaiate a vida inteira. Mas ele nunca conseguiu fazer uma calça decente em toda a sua vida, por isso não é de se estranhar. Mas, o patrão? Como eu disse para a senhora: “O que o pobre Sir John teria dito? Ele nunca aceitou que a filha se casasse com Mr. Hale, mas se soubesse que as coisas chegariam a este ponto teria jurado uma maldição ainda pior, se fosse possível!”

Dixon estava tão acostumada a comentar sobre a conduta de Mr. Hale para com a sua patroa (quando estava disposta a falar, não importava quem ouvisse), que não reparou nos olhos faiscantes e nas narinas dilatadas de Margaret. Ouvir uma criada falar do pai desse modo na sua frente! Então disse, no tom baixo que sempre usava quando estava muito nervosa, que tinha o som de algum tumulto distante, ou de uma ameaçadora tempestade desabando ao longe:

– Dixon! Você esqueceu com quem está falando!

Estava agora parada, ereta e firme sobre os pés, confrontando a criada e encarando-a com olhos resolutos e sagazes:

– Sou a filha de Mr. Hale! Agora, vá! Cometeu um grande erro, daqueles que o seu próprio bom senso vai fazê-la lamentar, quando pensar no

assunto.

Dixon hesitou e perambulou pelo quarto por um ou dois minutos. Margaret repetiu:

– Pode ir, Dixon. Desejo que saia.

Dixon não sabia se devia se ofender com essas palavras tão decididas ou chorar. Com a patroa a coisa seria diferente. Mas, como ela dizia a si mesma “Miss Margaret tem alguma coisa do velho cavalheiro em si, assim como o pobre Mr. Frederick De onde será que tiraram isso?” E ela, que teria se ofendido com tais palavras vindas de alguém menos soberbo e determinado nos modos, submeteu-se a ponto de dizer, em um tom meio humilde, meio magoado:

– Não posso desabotoar seu vestido, senhorita, e pentear seu cabelo?

– Não! Esta noite não, obrigada.

E Margaret conduziu-a gravemente para fora do quarto, trancando a porta. Dali por diante Dixon passou a obedecer e admirar Margaret. Dizia que era porque ela se parecia muito com Mr. Frederick Mas na verdade, Dixon, como muitas outras, gostava de sentir-se governada por uma natureza poderosa e decidida.

Margaret precisava de toda a ajuda que Dixon pudesse prestar: em ações, não em palavras. Por algum tempo, Dixon pensou que era seu dever mostrar-se ofendida falando o menos possível com sua jovem patroa, assim gastou sua energia fazendo mais do que falando. Uma quinzena era um tempo muito curto para providenciar uma mudança tão séria. Quando Dixon começou a dizer “Nenhum cavalheiro – na verdade, quase qualquer outro cavalheiro...” e olhou para o semblante severo e rígido de Margareth naquele momento, desistiu de falar o resto da frase e docilmente pegou a pastilha de hortelã que Margaret lhe ofereceu “para aliviar essa ardência no meu peito, senhorita”. De fato, quase qualquer um a não ser Mr. Hale teria conhecimento prático bastante para ver que, em um tempo tão curto, seria difícil arrumar uma casa em Milton Norte – ou em qualquer outro lugar – para onde pudessem levar a mobília que devia ser obrigatoriamente retirada do vicariato. Mrs. Hale, sobrecarregada por todos os problemas e decisões imediatas sobre a família que pareciam ter desabado sobre ela ao mesmo tempo, ficou de fato doente. Margaret quase se sentiu aliviada quando a mãe recolheu-se ao leito e deixou a direção dos trabalhos nas mãos dela. Dixon, fiel ao seu posto de guarda-costas, atendia com desvelo à sua patroa, e apenas saía do quarto de Mrs. Hale para balançar a cabeça e murmurar para si mesma, de modo que Margaret não pudesse ouvir. A única coisa clara e certa diante dela era o fato de que deviam deixar Helstone. O sucessor de Mr. Hale já havia sido indicado, de qualquer forma, depois da decisão do pai. Não podia mais haver atrasos agora, pelo bem dele e por todos os outros motivos. Mr. Hale voltava para casa à noite cada vez mais deprimido, depois de ter resolvido despedir-se pessoalmente de cada um dos seus paroquianos. Margaret, inexperiente como era em todos os detalhes práticos que deviam ser providenciados, não sabia a quem se dirigir para obter orientação. Charlotte e o cozinheiro trabalhavam arduamente, com braços solícitos e corações decididos, movimentando e empacotando coisas. E a esta altura, o admirável bom senso de Margaret a levava a perceber o que era melhor, e a decidir o que devia ser feito. Mas para onde iriam? Deviam partir dali a uma semana... Iriam direto para Milton, ou para onde? Tantas coisas dependiam dessa decisão, que Margaret

resolveu perguntar ao pai certa noite, a despeito da sua fadiga e depressão. Ele respondeu:

– Minha querida, tive coisas demais em que pensar para resolver isso. O que sua mãe acha? O que ela deseja fazer? Pobre Maria!

Suspirou, enquanto ouvia um eco ainda mais intenso do seu suspiro. Dixon acabara de entrar na sala para pegar mais uma taça de chá para Mrs. Hale. Ao ouvir as últimas palavras de Mr. Hale, e protegida dos olhos reprovadores de Margaret pela presença do cavalheiro, criou coragem para dizer:

– Minha pobre patroa!

– Acha que ela está pior de saúde hoje? – perguntou Mr. Hale, virando-se apressado.

– Não saberia dizer, senhor. Não cabe a mim julgar. A doença parece estar mais na cabeça do que no corpo.

Mr. Hale pareceu extremamente aflito.

– É melhor levar o chá para a mamãe enquanto ainda está quente, Dixon – disse Margaret em um tom de tranquila autoridade.

– Oh! Perdoe-me, senhorita! Meus pensamentos estavam por demais ocupados com a minha pobre... com Mrs. Hale.

– Papai – disse Margaret – é esse suspense que faz tão mal para o senhor e a mamãe. É claro que a mamãe sentiu muito a sua mudança de opinião, não há como evitar isso – ela continuou, suavemente – mas agora o caminho a seguir é claro, pelo menos até certo ponto. E eu acho, papai, que posso conseguir que mamãe me ajude com os preparativos, se o senhor puder me dizer para o que devemos nos preparar. Ela nunca expressou nenhum desejo sobre coisa alguma, pensa apenas no que não pode ser consertado. Vamos direto para Milton? O senhor providenciou uma casa lá?

– Não – ele respondeu. – Acho que devemos ir para alguma hospedaria, e procurar por uma casa lá mesmo.

– E a mobília deve ser embalada, de modo a deixá-la no depósito da estação ferroviária até que encontremos uma casa?

– Imagine que sim. Faça o que achar melhor. Apenas lembre-se de que temos muito menos dinheiro para gastar.

Nunca haviam tido dinheiro para muitos supérfluos, Margaret sabia. Sentiu que aquele era um peso enorme que fora colocado de repente sobre os seus ombros. Quatro meses atrás, todas as decisões que precisava tomar era qual vestido usaria no jantar, ou ajudar Edith a decidir quem deveria acompanhar quem nos jantares em casa. Nem a família com a qual vivera exigia grandes decisões. Exceto no único caso da proposta do Capitão Lennox, tudo caminhava com a regularidade de um relógio. Uma vez por ano havia uma grande discussão entre a tia e Edith, para decidir se iriam a Ilha de Wight, à Escócia ou ao exterior. Mas nessas ocasiões Margaret se deixava levar, sem fazer nenhum esforço, ao tranquilo porto do seu lar. Agora, desde que Mr. Lennox viera e exigira uma decisão, cada dia trazia uma nova questão – tão grave para ela quanto para aqueles a quem amava – a ser resolvida.

Seu pai subiu para ver a mãe após o jantar, e Margaret ficou sozinha na sala. De repente, pegou um candeeiro e foi até o estúdio do pai buscar um atlas. Arrastando-o de volta para a sala, começou a examinar o mapa da Inglaterra. Estava pronta a erguer os olhos, animada, quando o pai desceu as escadas.

– Consegui imaginar um belo plano, papai. Veja aqui – em Darkshire, à distância de apenas um dedo de Milton, está Heston, que eu já ouvi muitas vezes as pessoas do norte dizerem que é uma estação de veraneio pequena e agradável. Então, não acha que poderíamos deixar a mamãe lá com Dixon, enquanto o senhor e eu vamos olhar as casas até conseguir uma já pronta para ela em Milton? Mamãe desfrutaria de um pouco de ar marítimo para restaurá-la antes do inverno, não se cansaria, e Dixon ia adorar tomar conta dela.

– Dixon irá conosco? – perguntou Mr. Hale em uma espécie de terror impotente.

– Oh, sim! – disse Margaret. – Dixon está decidida a ir, e não sei o que mamãe faria sem ela.

– Mas teremos que tolerar um modo de vida bastante diferente, creio. Tudo é muito mais caro em uma cidade. Duvido que Dixon consiga se adaptar. Para dizer-lhe a verdade, Margaret, eu às vezes acho que essa mulher é um tanto arrogante.

– Claro que ela é, papai – respondeu Margaret – E se ela tiver que tolerar um estilo diferente de vida, nós teremos que tolerar sua arrogância, o que será pior. Mas ela realmente ama a todos nós, e ficaria infeliz se nos deixasse, estou certa – especialmente em uma mudança como esta. Assim, para o bem de mamãe, e para manter a sua lealdade, acho que ela deve ir.

– Muito bem, minha querida. Prossiga. Estou resignado. Qual é a distância de Heston para Milton? A distância de um dos seus dedos não me dá uma ideia muito clara da distância real.

– Bem, suponho que seja algo perto de cinquenta quilômetros. Não é muito!

– Não em distância, mas em... Não importa! Se acha, de fato, que isso fará bem à sua mãe, pode providenciar.

Esse foi um grande passo. Agora, Margareth poderia trabalhar, planejar e agir a sério. E agora Mrs. Hale poderia despertar do seu langor, e esquecer seus verdadeiros sofrimentos pensando no prazer e na delícia de ir para o mar. Seu único desgosto era que Mr. Hale não poderia estar com ela durante toda a quinzena que ficaria lá, como já fizera quando estavam noivos e ela passara quinze dias com Sir John e Lady Beresford em Torquay.

CAPÍTULO 6
DESPEDIDA

“Sem ser visto, o galho no jardim balança,
A tenra flor flutua ao chão,
Sem amor, a faia fenece,
E o bordo queima ao longe.

Sem amor, o girassol, brilhante e belo,
Espalha em chamas seu disco de pétalas,
E muitas rosas encarnadas alimentam
Com tempero de verão o ar sussurrante.

Vinda do jardim e da selva
Surge uma nova ligação,
E ano a ano a paisagem se torna
Familiar para o filho do estranho.

Ano após ano o camponês cultiva
Sua gleba usual, ou corta as clareiras.
E ano após ano nossa memória esquece
De toda a cadeia de montanhas.”
Tennyson

O último dia chegou. A casa estava cheia de caixas de mudança, que eram carregadas da porta da frente para a estação de trem próxima. Até mesmo o belo caminho ao lado da casa tornou-se feio e desarrumado, coberto com a palha que voara pela porta e pelas janelas. Os cômodos tinham um estranho som retumbante – a luz jorrando forte e intensa das janelas sem cortinas – e já pareciam estranhos e pouco familiares. O quarto de vestir de Mrs. Hale foi deixado para o final, e ali ela e Dixon estavam empacotando roupas, interrompendo uma à outra a toda hora com exclamações, ao olhar com profunda estima algum tesouro esquecido, na forma de alguma relíquia dos filhos quando eram pequenos. Seu trabalho não progredia muito. Lá embaixo, Margaret mantinha-se calma e controlada, pronta para orientar ou aconselhar os homens que haviam sido chamados para ajudar o cozinheiro e Charlotte. Os dois últimos, chorando sem descanso, imaginavam como a jovem patroa conseguira perseverar até o último dia, e resolveram entre eles que ela não devia ligar muito para Helstone, tendo passado tanto tempo em Londres. Ali estava ela, muito pálida e calma, com seus olhos grandes e sérios observando tudo – qualquer circunstância, por menor que fosse. O que eles não poderiam entender é como o seu coração sofria, o tempo todo, com um peso que não havia suspiro que remediasse ou aliviasse – e como o empenho constante das suas capacidades perceptivas fora o único meio de evitar que gritasse de dor. Além do mais, se ela se entregasse, quem se encarregaria de tudo? Seu pai estava examinando papéis,

livros, registros e outras coisas na sacristia com o ajudante. E quando chegasse, havia os seus próprios livros para empacotar, coisa que só ele poderia fazer a contento. Além disso, Margaret não era pessoa de ceder na frente de estranhos, muito menos de pessoas ligadas à família, como o cozinheiro e Charlotte! Não ela! Mas os quatro carregadores finalmente foram para a cozinha, tomar o chá. Margaret, então, deixou devagar e com ar abatido o lugar no vestibulo em que estivera por tanto tempo, atravessou a sala vazia e saiu para o crepúsculo de uma tarde do princípio de novembro. Havia uma sombria e suave neblina, na forma de um véu nebuloso que obscurecia todas as coisas, embora não as escondesse, e lhes dava uma tonalidade lilás, pois o sol ainda não se pusera por completo. Um pintarroxo cantava – talvez, pensou Margaret, fosse o mesmo pintarroxo que seu pai tantas vezes chamara de “meu mascote de inverno”, e para o qual fizera, com as próprias mãos, uma espécie de casinha de pássaro junto à janela do seu estúdio. As folhas estavam mais lindas do que nunca. O primeiro frio do inverno as deitava todas ao chão. Uma ou duas já estavam constantemente flutuando – como âmbar e ouro – nos raios inclinados do pôr do sol.

Margaret andou ao longo do caminho, junto ao muro com as pereiras. Nunca mais voltara lá, desde que o percorrera ao lado de Mr. Lennox. Ali mesmo, ao pé do canteiro de tomilhos, ele começara a falar de algo que ela não devia recordar neste momento. Enquanto tentava responder-lhe, seus olhos fixaram-se na roseira. E foi bem no meio da última frase dita por ele que ela percebeu a beleza vivida das leves folhas das cenouras. Fazia apenas quinze dias. E tudo mudara tanto! Onde estaria ele agora? Em Londres – dando as mesmas voltas de sempre, jantando com o antigo grupo de Harley Street, ou com seus alegres e jovens amigos. Mesmo agora, enquanto ela caminhava tristemente pelo jardim úmido e sombrio ao anoitecer, quando tudo cedia e desaparecia e decaía à sua volta, ele devia estar alegremente pondo de lado seus livros de direito, depois de um agradável dia de trabalho, para reanimar-se com um passeio pelos jardins do Temple, como havia dito que fazia com frequência. Estaria naquele momento captando o grande, inarticulado e poderoso rumor de dezenas de milhares de homens ocupados, bastante próximos mas sem serem vistos, e até vislumbrando – em meio às suas voltas apressadas – as luzes da cidade surgindo das profundezas do rio. Falara várias vezes para Margaret desses rápidos passeios, espreguidos entre os estudos e o jantar. Nos seus melhores dias e quando estava de bom humor, falava sobre isso, e essa ideia agora lhe viera à cabeça. Aqui não havia sons. O pintarroxo fora embora, para dentro do vasto silêncio da noite. Aqui e ali, a porta de um chalé se abria e fechava à distância, como para receber o trabalhador que voltava para casa. Mas o som era muito longínquo. O som furtivo e arrepiante de folhas secas, caídas e pisadas na floresta além do jardim, parecia quase ao alcance da mão. Margaret sabia que devia ser algum caçador furtivo. No outono passado, quando ficava acordada até tarde no quarto, deleitando-se com a pura beleza dos céus e da terra, a luz do candeeiro já apagada, mais de uma vez vira os caçadores furtivos saltarem, leve e silenciosamente, a cerca do jardim, passarem com rapidez pelo gramado enluarado e coberto de orvalho, e desaparecerem nas sombras escuras e imóveis ao fundo. A liberdade aventureira e selvagem da sua vida incendiava-lhe a imaginação. Sentiu-se inclinada a desejar-lhes sucesso, não tinha medo deles. Mas esta noite sentia medo, não sabia por quê. Ouviu Charlotte fechando as janelas, trancando a casa para a noite, sem saber que havia alguém lá fora. Um galho pequeno – podia ser de madeira podre, ou podia ter sido quebrado à força – caiu pesadamente na parte da floresta mais próxima da casa. Margaret correu

em direção à janela, ligeira como Camila, e bateu de modo trêmulo e apressado. Charlotte se assustou lá dentro.

– Deixe-me entrar! Sou eu, Charlotte! Abra!

Seu coração não reduziu a pulsação até que ela estivesse segura na sala, com as janelas fechadas e trancadas e as paredes familiares a circundá-la e confiná-la. Sentou-se, perturbada, sobre uma caixa. A sala sombria e desfeita estava fria – não havia fogo na lareira nem qualquer outra luz, apenas o candeeiro de Charlotte há muito apagado. Charlotte olhou para Margaret com surpresa, mas a moça, sentindo mais do que vendo aquele olhar, levantou-se:

– Fiquei com medo que você trancasse tudo e me deixasse lá fora, Charlotte – disse ela, meio sorrindo. – E então, lá na cozinha, jamais me ouviria. E a porta de trás e a que dá para a igreja já foram fechadas há muito tempo.

– Ah, senhorita, tenho certeza que logo daria pela sua falta! Os homens precisariam da senhorita para dizer-lhes como prosseguir. Eu levei chá para o estúdio do patrão, para tornar o lugar mais agradável, por assim dizer.

– Obrigada, Charlotte. Você é uma boa moça. Ficarei triste de deixá-la. Deve tentar me escrever, caso eu possa lhe dar alguma pequena ajuda ou bom conselho. Sempre ficarei feliz de receber uma carta de Helstone, você sabe. Eu lhe mandarei meu endereço, assim que o souber.

A biblioteca fora preparada para o chá. Havia um belo e flamejante fogo e candeeiros sobre a mesa, ainda apagados. Margaret sentou-se no tapete, em parte para se aquecer, pois a umidade da noite aderira ao seu vestido e a exaustão a deixava com frio. Abraçou os joelhos com as mãos, a cabeça pendeu um pouco na direção do peito. Era uma atitude de desânimo, não importa qual fosse o seu estado de espírito. Mas quando ouviu os passos do pai no caminho de cascalho lá fora, sobressaltou-se. Puxando rapidamente para trás a pesada cabeleira negra e enxugando algumas lágrimas que escorreram pelas suas faces, ela nem sabia como – levantou-se e foi abrir-lhe a porta. Ele parecia bem mais deprimido do que ela. Margaret mal conseguia fazê-lo falar, embora conversasse sobre assuntos que podiam interessá-lo. Isso lhe custava um enorme esforço, que ela acreditava ser o último.

– Fez uma caminhada muito longa, hoje? – perguntou ela, vendo a recusa dele em comer qualquer coisa.

– Até Fordham Beeches. Fui ver a viúva Maltby, ela ficou muito pesarosa de não poder se despedir de você. Disse que a pequena Susan passou os últimos dias olhando a estrada. Ah, Margaret! Qual é o problema, querida?

O pensamento da menininha esperando por ela, e sendo constantemente desapontada – não por esquecimento da parte dela, mas pela completa impossibilidade de deixar a casa – foi a última gota no cálice da pobre Margaret. Começou a soluçar como se o coração fosse partir-se. Mr. Hale ficou perplexo e angustiado. Levantou-se e começou a andar nervosamente de um lado para o outro da sala. Margaret tentou se controlar, mas não falaria enquanto não pudesse fazê-lo com firmeza. Ouviu o pai dizer, como se falasse consigo mesmo:

– Não posso suportar isso. Não posso suportar ver o sofrimento dos outros. Acho que posso aguentar o meu com paciência. Oh, não haverá um meio de voltar atrás?

– Não, papai – disse Margaret, olhando direto para ele e falando em tom

baixo e firme. – Já é ruim acreditar que errou. Seria infinitamente pior saber que é um hipócrita.

Baixou a voz ao dizer as últimas palavras, como se juntar a ideia de hipocrisia com o seu pai, por um momento que fosse, beirasse o desacato.

– Além do mais – ela continuou – é só por isso que estou cansada esta noite. Não pense que estou sofrendo por aquilo que fez, papai querido. Acho que é melhor não falarmos disso esta noite, nem eu nem o senhor.

Margaret percebeu que os soluços e as lágrimas haviam voltado, a despeito dos seus esforços.

– É melhor eu subir e levar uma taça de chá para a mamãe. Ela tomou o chá muito cedo, quando eu estava ocupada demais para vê-la, e tenho certeza que vai gostar de outra xícara agora.

Na manhã seguinte, uma longa e inexorável viagem de trem arrancou-os da bela e amada Helstone. Eles se foram. Viram pela última vez a casa paroquial, baixa e comprida, meio encoberta pelas roseiras da China e os arbustos de rosas selvagens. Parecia mais que nunca o lar de Margaret, com o sol da manhã batendo nas janelas, cada uma de um cômodo muito amado. Assim que se acomodaram no carro, mandado de Southampton para levá-los à estação, foram embora para nunca mais voltar. Uma pontada no coração fez com que Margaret se esforçasse para olhar para fora, desejando ver pela última vez a velha torre da igreja, em uma curva em que sabia que a veria entre as árvores da floresta. Mas seu pai também se lembrou disso, e silenciosamente fez uso do seu maior direito à única janela de onde se poderia avistá-la. Ela recostou-se e fechou os olhos. As lágrimas surgiram e brilharam por um instante nos cílios espessos, antes de rolarem devagar pelas faces e caírem, sem serem notadas, em seu vestido.

Deviam passar a noite em Londres, em algum hotel tranquilo. A pobre Mrs. Hale chorara o dia inteiro, durante quase todo o trajeto. Dixon mostrava sua tristeza pelo extremo mau humor, e pelas tentativas contínuas e irritantes de evitar que suas saias até mesmo tocassem em Mr. Hale, adormecido na poltrona, a quem ela considerava como a origem de todo esse sofrimento.

Enveredaram pelas ruas que Margaret conhecia muito bem. Passaram por casas que ela visitara com frequência. Passaram por lojas onde ela se sentara, impaciente, ao lado da tia, enquanto essa senhora fazia alguma encomenda importante e interminável. E, definitivamente, passaram por muitos conhecidos na rua. Embora a manhã lhes parecesse longa, e tivessem a impressão de que a tarde há muito se encaminhava para o repouso da noite – chegaram a Londres na hora mais agitada de uma tarde de novembro. Fazia muito tempo que Mrs. Hale não ia a Londres, e ela se levantou, parecendo uma criança, para olhar as ruas ao redor e deslumbrar-se com as lojas e carruagens.

– Oh! Ali está a Harrison, onde comprei tantas coisas para o meu enxoval! Meu Deus, como está mudada! Colocaram aquelas enormes vitrinas espelhadas, maiores que as da Crawford's, em Southampton. Oh! Ali está... não, acho que não é... mas é, sim... Margaret, acabamos de passar por Mr. Henry Lennox. Onde será que ele está indo, no meio de tantas lojas?

Margaret adiantou-se para olhar, mas no mesmo instante retrocedeu, sorrindo para si mesma ante o gesto involuntário. A essa altura já estavam há

centenas de metros, mas ele lhe parecia uma relíquia de Helstone. Estava associado à uma manhã luminosa, em um dia cheio de acontecimentos. Teria gostado de vê-lo, sem ser vista e sem a possibilidade de se falarem.

Aquela noite, passada em um quarto de hotel sem distração alguma, foi longa e difícil. Mr. Hale saiu para procurar o seu livreiro e visitar um ou dois amigos. Todas as pessoas que viam, tanto no hotel quanto na rua, davam a impressão de estar correndo para algum compromisso, como se fossem esperadas ou esperassem alguém. Apenas eles pareciam estranhos no lugar, sem amigos e desolados. Ainda assim, na distância de apenas uma milha, Margaret sabia de muitas casas em que ela mesma ou sua mãe, por conta do parentesco com sua tia Shaw, seriam bem recebidas, se chegassem alegres ou pelo menos com o espírito em paz. Se viessem tristes, buscando simpatia em uma situação complicada como aquela, então seriam vistas como um estorvo em todas essas casas de conhecidos íntimos, mas não amigos. A vida em Londres é muito movimentada e ativa para permitir uma hora que seja desse profundo sentimento de tristeza que mostraram os amigos de Jó – quando sentaram-se com ele por sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma só palavra, pois viram que a sua tristeza era imensa.

CAPÍTULO 7

CENÁRIOS E ROSTOS NOVOS

“Névoa escondendo a luz do sol,
Casas de anões, negras de fumaça,
Nos rodeiam por todos os lados.”
Matthew Arnold^[1]

Na manhã seguinte, a mais ou menos trinta quilômetros de Milton Norte, entraram no pequeno ramal ferroviário que levava a Heston. A própria Heston era apenas uma longa rua que corria paralela à praia. Tinha um caráter próprio, tão diferente das pequenas praias do sul da Inglaterra quanto estas eram diferentes das praias do continente. Para usar uma palavra escocesa, todas as coisas pareciam mais “propositais”. As carruagens tinham mais ferro nos equipamentos dos cavalos, e menos madeira e couro. As pessoas nas ruas, embora dispostas ao lazer, pareciam ter a mente ocupada. As cores tinham tons mais acinzentados, mais resistentes, não tão alegres e bonitos. Não se viam tantos aventais de operário, mesmo entre o povo do campo, pois prejudicavam os movimentos e podiam se enroscar nas máquinas – e assim o hábito de vesti-los desaparecera. Nas cidades desse tipo no sul da Inglaterra, Margaret vira os comerciantes, quando não estavam ocupados em seus negócios, parando um pouco na porta da loja, para tomar ar e ver as pessoas passeando de um lado para o outro na rua. Aqui, se tinham alguma folga dos fregueses, ocupavam-se dentro da própria loja – até mesmo na desnecessária tarefa de desenrolar fitas e voltar a enrolá-las, como imaginava Margaret. Todas essas diferenças lhe vieram à mente, quando ela e a mãe saíram na manhã seguinte para procurar alojamento.

As duas noites passadas em hotéis haviam custado mais do que Mr. Hale previra. Ficaram felizes de encontrar o primeiro hotel claro e agradável onde, pela primeira vez em muitos dias, Margaret sentiu-se descansada. Os quartos estavam prontos para recebê-los. Havia uma qualidade de sonho naquele lugar, que o tornava ainda mais confortável e perfeito para repousar. O mar distante, quebrando em ondas na areia da praia com um som monótono. Os gritos próximos dos meninos conduzindo burros. As cenas incomuns desfilando diante dela como pinturas que, na sua preguiça, não se preocupava em entender bem antes que passassem. O passeio até a praia para respirar o ar marinho, que ali ainda era suave e cálido, mesmo no final de novembro. A nebulosa linha do horizonte, tocando o céu de delicado azul. A vela branca de um barco distante, parecendo prateada sob os pálidos raios do sol. Margaret sentia que poderia passar a vida sonhando, absorta nesses pensamentos prazerosos que ocupavam cada vez mais os seus dias, sem coragem de pensar no passado nem desejo de

contemplar o futuro.

Mas o futuro tinha que ser enfrentado, por mais duro e rigoroso que fosse. Certa noite, ficou decidido que Margaret e o pai deviam ir a Milton Norte no dia seguinte, para procurar uma casa. Mr. Hale recebera várias cartas de Mr. Bell, e uma ou duas de Mr. Thornton, e estava ansioso para acertar de uma vez a enorme quantidade de detalhes a respeito da sua posição e das suas oportunidades, o que só poderia ser feito através de uma entrevista com o último cavalheiro. Margaret sabia que deviam se mudar, mas a ideia de uma cidade industrial lhe era repugnante, e acreditava que a mãe estava se beneficiando do ar de Heston. Teria postergado essa ida a Milton de boa vontade.

Muito antes de chegarem a Milton, viram uma nuvem cor de chumbo pairando no horizonte, na direção em que ficava a cidade. Era muito escura, em contraste com o tom cinza azulado do pálido céu de inverno. Em Heston já haviam sentido os primeiros sinais do frio. Próximo a Milton, o ar tinha um leve gosto e cheiro de fumaça. Talvez fosse mais a falta da fragrância da grama e dos bosques do que propriamente o cheiro de fumaça, afinal de contas. Logo se viram dando voltas pelas ruas longas e retas, com casas regulares, todas pequenas e de tijolos. Aqui e ali, erguia-se uma fábrica, grande e retangular, com muitas janelas – como uma galinha no meio dos pintinhos – soltando uma fumaça negra que adicionava bastante à nuvem cinza que Margaret acreditava ser apenas um prenúncio de chuva. Enquanto eram conduzidos através de ruas mais largas e amplas, da estação até o hotel, tiveram que parar várias vezes. Grandes veículos carregados bloqueavam as ruas mais estreitas. Margaret já havia visitado cidades grandes em suas viagens com a tia, mas lá os pesados veículos destinados a carregar lenha pareciam ter diversos usos e propósitos. Aqui cada carro de transporte, cada vagão, cada veículo carregava algodão, tanto cru, em sacas, quanto em fardos de tecido. As pessoas se amontoavam nas ruas, muitas delas bem vestidas no que se referia ao tecido, mas com uma negligência displicente que espantou Margaret, por ser tão diferente da elegância desgastada e esfarrapada da mesma classe de pessoas em Londres.

– New Street – disse Mr. Hale. – Acho que essa é a rua principal de Milton. Bell falou-me dela várias vezes. Foi a abertura desta rua, de uma viela até uma passagem enorme, trinta anos atrás, que aumentou tanto o valor da sua propriedade. A fábrica de Mr. Thornton deve estar em algum lugar não muito distante daqui, pois ele é inquilino de Mr. Bell. Acho que ele trabalha no seu depósito.

– Onde fica o nosso hotel, papai?

– Perto do fim desta rua, creio. Vamos almoçar antes ou depois de ver as casas que marcamos no Milton Times?

– Oh! Vamos fazer primeiro a obrigação.

– Muito bem. Então vou apenas ver se tem algum bilhete ou carta para mim de Mr. Thornton, pois ele disse que me informaria qualquer coisa que pudesse apurar sobre essas casas. Depois vamos sair. Vou pedir ao táxi para

esperar, é melhor do que nos perdermos por aí e chegarmos tarde para pegar o trem hoje à tarde.

Não havia cartas para Mr. Hale, e saíram à caça de uma casa. Trinta libras por ano era tudo que podiam pagar, mas em Hampshire podiam encontrar uma espaçosa casa com agradável jardim por essa soma. Aqui, mesmo uma casa com a acomodação mínima de duas salas de estar e quatro quartos parecia inatingível. Foram vendo as casas da lista, rejeitando cada uma assim que a visitavam. Então olhavam para a próxima com desânimo.

– Devemos voltar para a segunda, eu acho – disse Margaret. – Esta aqui... em Crampton, não é como chamam o subúrbio? Tinha três salas, não se lembra como rimos do número de salas, comparado aos três quartos? Mas já planejei tudo. A sala da frente, no andar de baixo, será o seu estúdio e a nossa sala de jantar (pobre papai!), pois já combinamos que mamãe deve ter uma sala de estar o mais agradável possível. E aquela sala da frente no andar de cima, com aquele papel de parede atroz em rosa e azul e a pesada cornija, na verdade tem uma linda vista para a planície, com a grande curva do rio, ou canal, ou o que for, mais abaixo. Posso ficar com o pequeno quarto de trás, na projeção do primeiro lance de escadas sobre a cozinha, o senhor sabe, e o senhor e mamãe ficam com o quarto atrás da sala. E o *closet* no sótão dará um belo quarto de vestir.

– Mas e Dixon, e a moça que precisamos para ajudar?

– Ah! Espere só. Estou dominada pela descoberta do meu próprio talento para a administração. Dixon deve ficar com... deixe-me ver, tenho tudo aqui... a sala dos fundos. Acho que ela vai gostar – reclama tanto das escadas em Heston! E a moça ficará com o pequeno sótão sobre o quarto do senhor e da mamãe. Não vai dar direitinho?

– Acho que sim. Mas os papéis de parede... Que mau gosto! E a cor carregada da casa, e as pesadas cornijas!

– Não importa, papai. Com certeza o senhor conseguirá encantar o proprietário para que troque o papel em uma ou duas peças – pode ser a sala de estar e o seu quarto – pois a mamãe vai estar mais em contato com eles. E as suas estantes de livros encobrirão boa parte daquele padrão berrante da sala de jantar.

– Acha que é o melhor, então? Bem, é melhor procurar logo esse tal de Mr. Donkin, a quem o anúncio se refere. Vou levá-la de volta ao hotel. Poderá pedir o almoço e descansar, e logo estarei de volta. Espero que possa conseguir um novo papel de parede.

Margaret também esperava, embora não dissesse nada. Nunca tivera contato suficiente com o tipo de gosto que aprecia os ornamentos, embora ruins, mais do que a singeleza e a simplicidade, que para ela eram a moldura perfeita da elegância. Seu pai levou-a até a entrada do hotel e, deixando-a ao pé da escada, foi para o endereço do proprietário da casa que haviam escolhido. Quando Margaret estava justamente com a mão na porta do seu quarto, foi

alcançada por um apressado camareiro:

– Perdoe-me, madame. O cavalheiro saiu tão rápido que não tive tempo de contar-lhe. Mr. Thornton chegou imediatamente após a sua saída. Como entendi, pelo que Mr. Hale falou, que estariam de volta dentro de uma hora, foi o que lhe disse. Ele voltou há cinco minutos, e resolveu esperar por Mr. Hale. Está nos seus aposentos agora, madame.

– Obrigado. Meu pai deve voltar logo, diga-lhe assim que chegar.

Margaret abriu a porta e entrou com sua aparência habitual – correta, destemida e digna. Não se sentia ofendida com isso, já estava bastante acostumada com a sociedade para tanto. Ali estava uma pessoa para tratar de negócios com seu pai e, como o visitante havia se mostrado tão solícito, ela estava disposta a tratá-lo com a maior civilidade possível. Mr. Thornton ficara bem mais surpreso e embaraçado do que ela. Em vez de um tranquilo clérigo de meia-idade, uma jovem dama adiantara-se com ar digno e franco – uma jovem dama de um tipo diferente da maioria daquelas que ele costumava encontrar. Vestia-se com simplicidade: um curto chapéu de palha, do melhor material e estilo, enfeitado com uma fita branca; um vestido de seda escuro, sem nenhum enfeite ou babado; um grande xale indiano, que caía em longas e pesadas dobras pelo corpo, e que ela vestia como uma imperatriz veste seu manto. Ele não entendeu quem ela era, quando se deparou com seu olhar direto, inocente e destemido. Um olhar que mostrava que a presença dele não perturbava aquele belo semblante, nem trazia qualquer rubor ao pálido marfim daquele rosto. Ouvira falar que Mr. Hale tinha uma filha, mas imaginara que fosse uma menininha.

– Mr. Thornton, eu creio – disse Margaret, depois de uma pequena pausa, durante a qual ele ficou sem saber o que dizer. – Tenha a bondade de sentar-se. Meu pai me trouxe até a porta, não faz um minuto, mas infelizmente não lhe contaram que o senhor estava aqui, e ele saiu para tratar de negócios. Mas deve voltar em seguida. Lamento que tenha tido o trabalho de vir aqui por duas vezes.

Mr. Thornton estava acostumado a comandar, mas ela parecia exercer, de imediato, uma espécie de domínio sobre ele. Antes que ela aparecesse, estava ficando impaciente por perder seu tempo em um dia de mercado, mas agora sentava-se calmamente a pedido da moça.

– A senhorita sabe onde é que Mr. Hale foi? Talvez eu possa encontrá-lo.

– Ele foi a casa de Mr. Donkin, em Canute Street. É o proprietário da casa que o meu pai deseja alugar, em Crampton.

Mr. Thornton conhecia a casa. Vira o anúncio e fora olhá-la, atendendo ao pedido de Mr. Bell de que fizesse tudo ao seu alcance para auxiliar Mr. Hale. Também fora movido pelo seu próprio interesse no caso de um clérigo que abandonara seu meio de vida nas circunstâncias em que Mr. Hale o fizera. Mr. Thornton achou que a casa em Crampton, realmente, seria o ideal. Mas agora que vira Margaret, com aquela superioridade nos modos e no olhar, começou a

ficar envergonhado por ter imaginado que a casa seria boa para os Hales, mesmo ostentando certa vulgaridade que o impressionara quando fora vê-la.

Margaret não podia evitar olhá-lo. O lábio superior curvado, voltado para cima, o queixo erguido, redondo e maciço, a maneira de mover a cabeça, os movimentos indicando um leve e delicado desafio, sempre davam aos estranhos uma impressão de arrogância. Margaret estava cansada, e teria preferido ficar em silêncio e descansar, conforme o pai planejava. Mas devia se portar como uma dama, é claro, e dirigir-se ao estranho de vez em quando, com cortesia. O cavalheiro não estava muito polido ou refinado, deve-se confessar, após seu áspero encontro com as ruas e a multidão de Milton. Margaret desejava que ele se fosse, como havia pensado em fazer, ao invés de ficar ali sentado, respondendo com frases curtas a qualquer observação que ela fizesse. Tirara o xale e pendurara nas costas da cadeira, sentando-se de frente para ele e para a luz. Mr. Thornton via a plenitude da sua beleza. Seu colo branco e redondo elevando-se do corpo cheio, porém flexível. Seus lábios movendo-se suavemente enquanto ela falava, sem perturbar a expressão fria e serena do rosto com qualquer movimento das suas adoráveis e soberbas curvas. Os olhos, com seu brilho suave, encontrando os dele com a tranquila liberdade da inocência. Ele quase disse a si mesmo que não gostava dela, antes que a conversa terminasse. Tentou fazer isso para compensar-se pelo mortificante sentimento que o atingia, enquanto olhava para ela com uma admiração que não podia controlar e ela o olhava com orgulhosa indiferença. Tomava-o, ele pensou, por aquilo que ele, em sua irritação, disse a si mesmo que era – um rapaz grande e rude, sem qualquer graça ou refinamento. Interpretou a calma frieza do comportamento de Margaret como desprezo. Ressentiu-se tanto com isso em seu coração, que quase se levantou para ir embora e não ter nada mais a ver com esses Hales e sua presunção.

Justo quando Margaret havia esgotado o último assunto de conversa – que nem se podia chamar de conversa, com frases tão curtas e poucas – seu pai chegou. E com um cortês pedido de desculpas, no seu modo cavalheiresco e agradável, restabeleceu seu nome e o de sua família nas boas graças de Mr. Thornton.

Mr. Hale e o visitante tinham muito a falar a respeito de seu amigo comum, Mr. Bell. E Margaret, feliz de que tivesse terminado sua parte na função de entreter o visitante, foi até a janela, tentando se familiarizar com o estranho aspecto da rua. Ficou tão distraída observando o que acontecia lá fora, que mal ouviu quando o pai lhe falou, e ele teve que repetir o que dissera:

– Margaret! O proprietário insiste em admirar aquele abominável papel de parede, e creio que vamos ter que mantê-lo.

– Ah, meu Deus! Que pena! – respondeu ela.

E começou a pensar na possibilidade de escondê-lo, pelo menos em parte, com seus desenhos. Afinal desistiu da ideia, pois provavelmente ficaria pior. Enquanto isso o pai, com sua gentil hospitalidade do campo, estava insistindo com Mr. Thornton para que almoçasse com eles. Seria muito inconveniente para

ele ter que ficar, embora achasse que teria concordado, se Margaret desse alguma indicação, por olhares ou palavras, de que apoiava a intenção do pai. Ficou feliz porque ela não fez isso, embora ao mesmo tempo se irritasse com ela por não tê-lo feito. Quando ele saiu, ela saudou-o brevemente, com ar sério, e ele sentiu-se mais embaraçado e consciente de si mesmo do que jamais havia estado em toda a sua vida.

– Bem, Margaret, vamos almoçar. Já pediu o almoço?

– Não papai, esse homem já estava aqui quando cheguei, e não tive oportunidade.

– Então devemos pedir qualquer coisa logo. Acho que ele deve ter esperado um longo tempo.

– A mim pareceu extremamente longo. Eu estava no último suspiro quando o senhor chegou. Ele não conversou sobre coisa alguma, apenas deu umas poucas respostas, curtas e abruptas.

– Bem objetivo, eu diria. É um rapaz esclarecido. Ele disse (você ouviu?) que Crampton está em solo rochoso, e é de longe o mais saudável subúrbio nas vizinhanças de Milton.

Quando voltaram a Heston tiveram que contar os eventos do dia para Mrs. Hale. A dama tinha muitas perguntas, que eles respondiam enquanto bebiam o chá.

– E o que achou de Mr. Thornton, o seu correspondente? – disse Mrs. Hale.

– Pergunte a Margaret – respondeu o marido. – Os dois conversaram por longo tempo, enquanto eu estava longe, falando com o proprietário da casa.

– Ah! Mal sei dizer como ele é – disse Margaret, indolente, cansada demais para exigir muito dos seus poderes descritivos.

Levantando-se, disse:

– Ele é um homem alto, de ombros largos, com mais ou menos... que idade ele tem, papai?

– Acho que em torno de trinta.

– Com trinta anos, mais ou menos, e um rosto que não chega a ser comum nem bonito, e não é exatamente notável. Não se trata de um cavalheiro, mas isso não era de se esperar – completou Margaret.

– Mas não é vulgar nem grosseiro, de qualquer modo – acrescentou o pai, zelando para que não desprezassem o único amigo que tinha em Milton.

– Oh, não! – disse Margaret. – Com tal expressão de poder e decisão, nenhum rosto, por mais simples que seja, poderia ser vulgar ou grosseiro. Não gostaria de ter que negociar com ele, parece bastante inflexível. No geral, mamãe, parece um homem feito exatamente para o lugar que ocupa. É sagaz e forte, como convém a um grande comerciante.

– Não chame os donos de fábricas em Milton de comerciantes, Margaret – disse o pai. – Eles são muito diferentes.

– São? Uso essa palavra para todos aqueles que têm alguma coisa material para vender, mas se acha que a palavra não é adequada, papai, não a

usarei mais. Oh, mamãe! Por falar em vulgaridade e grosseria, deve se preparar para o nosso papel de parede. Rosas em tons de azul e rosa-escuro, com folhas amarelas! E uma cornija pesadíssima em volta da sala!

Mas quando se mudaram para sua nova casa em Milton, os detestáveis papéis de parede haviam sumido. O proprietário recebeu seus agradecimentos com muita compostura. Deixou-os pensar, se quisessem, que havia se arrependido de sua decisão de não trocar o papel de parede. Não havia necessidade de contar-lhes que o que fizera nada tinha a ver com o Reverendo Hale, que era desconhecido em Milton. Estava apenas feliz de atender a uma curta e áspera reclamação de Mr. Thornton, o rico industrial.

[1] Matthew Arnold (1822-1888): poeta e crítico literário inglês, tendo se destacado pela crítica social, cultural e jornalística durante os anos de intensas transformações na sociedade britânica propiciadas pela Revolução Industrial

CAPÍTULO 8

SAUDADE DE CASA

“O lar, o lar, o lar;
Em um lar, feliz eu seria...”

Era preciso um papel de parede belo e claro para reconciliá-los com Milton. Era preciso mais – mas não poderiam ter. Os nevoeiros de novembro chegaram, o ar parecia espesso e amarelado. E quando Mrs. Hale chegou ao seu novo lar, a vista do vale, com a planície e a grande curva do rio, estava totalmente escondida.

Margaret e Dixon haviam passado dois dias abrindo as caixas e arrumando as coisas, mas a aparência da casa ainda era de desordem. No lado de fora, uma espessa neblina arrastava-se pelas janelas e se infiltrava por todas as portas abertas, em sufocantes anéis brancos de névoa insalubre.

– Oh, Margaret! Temos que viver aqui? – perguntou Mrs. Hale, com horror.

Margaret sentiu no fundo do coração a tristeza do tom com que fora feita a pergunta. Mal pôde se obrigar a dizer:

– A neblina em Londres às vezes é até pior!

– Mas você sabe que a própria Londres, além dos seus amigos, estão ali. Aqui... bem, estamos isolados. Oh, Dixon! Que lugar, este aqui!

– De fato, senhora. Tenho certeza que vai matá-la sem demora, e então eu sei quem vai... Espere, Miss Hale! Isso é muito pesado para a senhorita carregar.

– De modo algum, obrigada, Dixon – respondeu friamente Margaret. – O melhor que podemos fazer pela mamãe é aprontar logo o seu quarto, para que ela possa ir para a cama, enquanto vou buscar-lhe uma xícara de café.

Mr. Hale também estava sem ânimo, e também procurou Margaret em busca de apoio.

– Margaret, eu acho mesmo que este lugar não é saudável. Imagine se a sua mãe adoecer, ou você mesma. Eu deveria ter ido para algum lugar no interior de Gales. Isso é realmente terrível – disse ele, dirigindo-se à janela.

Não havia como confortá-los. Estavam estabelecidos em Milton, e deviam aguentar a fumaça e a névoa durante aquela temporada. Na verdade, qualquer outra vida lhes parecia vedada por circunstâncias tão espessas quanto aquela neblina. Apenas um dia antes, Mr. Hale calculara horrorizado quanto havia lhes custado a mudança e aquela quinzena em Heston, e constatou que absorvera quase todo o seu estoque de dinheiro vivo. Não! Ali estavam e ali deviam ficar.

À noite, quando Margaret se deu conta disso, sentiu-se inclinada a cair

em uma apatia sem esperanças. O pesado ar enfumaçado envolvia o seu quarto, que ocupava a longa e estreita projeção nos fundos da casa. A janela, posicionada no lado menor do retângulo, dava vista para a parede vazia da mesma projeção, distante cerca de três metros. Vista através da neblina, parecia uma barreira à esperança. Dentro do quarto, estava tudo em desordem. Todos os seus esforços haviam sido dirigidos a deixar o quarto da mãe confortável. Margaret sentou-se em uma caixa, e sentiu um baque ao lembrar que o cartão com o endereço havia sido escrito em Helstone, a amada e bela Helstone! Perdeu-se em lúgubres pensamentos, mas por fim determinou-se a afastar da mente os problemas do presente. Lembrou-se então de uma carta de Edith, que com a confusão da manhã, não pudera ler até o fim. Contava da chegada dela em Corfu, da sua viagem através do Mediterrâneo, e da música e dança no navio. A vida alegre que se abria para ela, a casa com um balcão de treliça e a vista sobre os brancos penhascos e o mar azul profundo. Edith escrevia bem, com fluência, de maneira clara. Ela não só podia captar os pontos fortes e característicos de uma cena, como podia eem umerar uma quantidade suficiente de detalhes menores para que Margaret percebesse que o Capitão Lennox e outro oficial recém-casado dividiam uma mansão, encarapitada nos belos e íngremes rochedos que avançavam sobre o mar. Apesar da estação já avançada, passavam os dias navegando ou fazendo piqueniques em terra. Tudo ao ar livre, em busca de prazer e alegria. A vida de Edith se parecia com a abóbada de céu azul que a cobria: livre, absolutamente livre de qualquer nuvem ou sombra. Seu marido devia participar dos treinamentos, e ela, a que mais conhecia música entre as esposas dos oficiais, tinha a tarefa de copiar as novas e populares canções da música inglesa mais recente para serem usadas pelo regente da banda. Esta parecia ser a sua obrigação mais árdua e severa. Expressava a afetuosa expectativa de que, caso o regimento ficasse mais um ano em Corfu, Margaret pudesse vir fazer-lhe uma longa visita. Perguntava a Margaret se ela se lembrava do dia, doze meses atrás, em que chovera o dia todo em Harley Street, e como ela, Edith, não queria colocar seu novo vestido para ir a um estúpido jantar, e como ele ficou todo molhado quando ela entrou na carruagem, e como neste mesmo jantar elas conheceram o Capitão Lennox.

Sim, Margaret lembrava-se bem disso. Edith e Mrs. Shaw foram ao jantar, e Margaret foi encontrá-las à noite. A lembrança do enorme luxo de todos os arranjos, da majestosa beleza da mobília, do tamanho da casa, da pacífica e despreocupada tranquilidade dos convidados, tudo apareceu vividamente diante dela, em estranho contraste com o momento presente. O mar suave dessa antiga vida se fechara, sem deixar um marco para contar onde todos tinham estado. Os jantares frequentes, as visitas, as compras, os bailes, tudo continuava, continuava para sempre, embora sua tia Shaw e Edith não estivessem mais lá. E dela, é claro, sentiam menos falta ainda. Duvidava que alguma pessoa desse antigo grupo sequer pensasse nela, a não ser Henry Lennox. Ele também, ela sabia, se esforçaria para esquecê-la, por causa da dor que lhe causara. Ela o ouvira muitas vezes vangloriar-se de ser capaz de afastar qualquer pensamento desagradável. E então Margaret pensou no que poderia ter acontecido. Se ela sentisse por ele um afeto mais profundo do que o de amigo e o aceitasse, e então acontecesse essa mudança de opinião do pai e a conseqüente situação atual, ela não duvidava de que Mr. Lennox receberia isso com impaciência. Em um determinado sentido, era um sofrimento para ela também. Podia, porém, suportar pacientemente, porque conhecia a pureza das intenções do pai, e se sentia fortalecida em suportar os erros dele, apesar de considerá-los graves e sérios. Mas o fato de que

a estima por seu pai se degradaria, no duro julgamento humano, teria oprimido e irritado Mr. Lennox. Enquanto se dava conta do que poderia ter sido, agradeceu pelo que de fato era. Haviam descido até o ponto mais baixo, não poderiam piorar. O horror de Mrs. Shaw e o espanto de Edith deviam ser enfrentados com coragem, quando suas cartas chegassem. Assim, Margaret levantou-se e começou a despir-se, sentindo o prazer de agir sem pressa, depois de toda a correria do dia, pois já era tarde. Adormeceu, esperando por alguma luz, fosse externa ou interna. Mas se soubesse quanto demoraria para aparecer essa luz, seu coração teria mergulhado no desespero.

A época do ano era a pior possível, tanto para a saúde quanto para o espírito. Sua mãe pegou uma gripe severa, e a própria Dixon não estava bem, embora Margaret não pudesse insultá-la mais do que tentando salvá-la, ou tomando conta dela de alguma forma. Não encontravam nenhuma moça que pudesse ajudá-la, todas estavam empregadas nas fábricas. Pelo menos as que se candidataram foram todas rejeitadas por Dixon, por achar que moças como aquelas jamais seriam confiáveis para trabalhar na casa de um cavalheiro. Assim, tinham que manter uma faxineira trabalhando constantemente. Margaret ansiava por chamar Charlotte, mas além dela ser uma empregada mais qualificado do que podiam manter no momento, a distância era grande demais.

Mr. Hale conseguiu diversos alunos, recomendados a ele por Mr. Bell, ou pela influência mais imediata de Mr. Thornton. A maioria tinha a idade em que muitos meninos ainda estavam na escola, mas, de acordo com as noções predominantes em Milton – aparentemente bem fundamentadas – para transformar um rapaz em um negociante era preciso pegá-lo ainda jovem e aclimatá-lo à vida de uma fábrica, de um escritório, ou de um armazém. Se fosse mandado para alguma universidade, mesmo escocesa, voltaria imprestável para os propósitos comerciais. Ainda mais se fosse para Oxford ou Cambridge, onde não poderia ingressar antes de completar dezoito anos. Assim, muitos negociantes colocavam os filhos para aprender na idade de quatorze ou quinze anos, cortando sem misericórdia qualquer propensão à literatura ou ao cultivo das faculdades mentais, na esperança de direcionar toda a força e vigor daquela planta para o comércio. No entanto, havia alguns pais mais sábios, e alguns jovens que tinham bom senso suficiente para perceber suas próprias deficiências e esforçavam-se para superá-las. E além disso, havia alguns não tão jovens, mas ainda no vigor da idade, que tinham a meritória sabedoria de reconhecer sua própria ignorância, e aprender tarde o que deviam ter aprendido cedo. Mr. Thornton era, talvez, o mais velho dos alunos de Mr. Hale. Mas certamente era o favorito. Mr. Hale adquiriu o hábito de citar suas opiniões com tanta frequência, e com tanto respeito, que se tornou um pequeno jogo doméstico adivinhar quanto tempo, durante o horário designado para a aula, seria realmente utilizado para o estudo, uma vez que pareciam passar a maior parte dele conversando.

Margaret encorajava bastante essa maneira leve e alegre de ver o relacionamento do pai com Mr. Thornton, pois sentia que a mãe se inclinava a olhar com ciúmes para essa nova amizade do marido. Enquanto o tempo do pai fora ocupado apenas pelos seus livros e os seus paroquianos, como acontecia em Helstone, ela demonstrava ligar pouco se o via bastante ou não. Mas agora que ele parecia ansioso e estimulado por cada novo encontro com Mr. Thornton, mostrava-se magoada e aborrecida, como se ele estivesse desprezando a sua companhia pela primeira vez. Um elogio de Mr. Hale tinha o efeito de louvar os que o ouviam. Eles estavam um tanto inclinados a rebelar-se contra o fato de que

Aristides sempre era considerado o justo.

Após uma vida tranquila em uma paróquia do campo por mais de vinte anos, Mr. Hale via algo de fascinante naquela energia que vencida dificuldades enormes com facilidade. O poder das máquinas de Milton, o poder dos homens de Milton, impressionavam-no por sua grandeza, à qual ele se rendia, sem ter a preocupação de inquirir sobre os detalhes do seu funcionamento. Mas Margaret saía menos, não conhecia tanto sobre as máquinas e os homens, via menos daquele poder de uso público. Quando isso aconteceu, ficou impressionada com um ou dois que, além de atingirem multidões de pessoas, podiam sofrer intensamente pelo bem de muitos. A questão sempre é: será que fora feito todo o possível para minorar os sofrimentos daqueles poucos? Ou, no triunfo da multidão, seriam os fracos pisoteados, ao invés de serem gentilmente afastados do caminho do vencedor, a quem não tinham condições de acompanhar na sua marcha?

Sobrou para Margaret a tarefa de procurar uma criada para ajudar Dixon, que a princípio tomara a si o encargo de encontrar exatamente a pessoa certa para fazer todo o duro trabalho da casa. Mas as ideias de Dixon sobre uma ajudante eram baseadas nas lembranças das asseadas meninas maiores da escola de Helstone, que ficavam muito orgulhosas de poderem vir ao presbitério ajudar em um dia de muito trabalho, e tratavam Mrs. Dixon com todo o respeito e uma dose bem maior de temor do que sentiam por Mr. e Mrs. Hale. Dixon não deixava de notar esta respeitosa reverência que lhe era prestada. Nem deixava de gostar. Sentia-se tão lisonjeada quanto Luís XIV se sentia lisonjeado pelos seus súditos, que cobriam os olhos ante a ofuscante luz da sua presença. Mas somente o afeto fiel que ela dedicava a Mrs. Hale podia fazê-la suportar os modos independentes e rudes com que todas as moças de Milton, que haviam se candidatado ao lugar de criadas, responderam às perguntas sobre as suas qualificações. Foram até o cúmulo de questioná-la de volta. Tinham suas próprias dúvidas, como por exemplo a solvência de uma família que vivia em uma casa de trinta libras por ano e ainda assim se achava superior, e mantinha duas criadas, uma das quais tão ativa e poderosa. Mr. Hale não era mais visto como o Vigário de Helstone, mas como um homem que só podia gastar até certo ponto. Margaret estava cansada e impaciente com os relatos que Dixon fazia eternamente a Mrs. Hale, sobre o comportamento dessas possíveis criadas. Não que Margaret se sentisse ofendida pelas maneiras rudes e descorteses dessas pessoas; não que se contrairse, com o orgulho melindrado, ante as suas saudações cheias de rapapés; ou se sentisse severamente ressentida pela sua ostensiva curiosidade sobre os meios de vida e a posição de qualquer família que vivesse em Milton e não estivesse envolvida com algum tipo de negócio. Mas, quanto mais Margaret sentia a impertinência, mais ficava silenciosa sobre o assunto. E, de qualquer forma, se tomasse a si a tarefa de entrevistar as criadas, podia poupar a mãe do relato de todos os seus desapontamentos e de qualquer insulto real ou imaginário.

Nesse intuito, Margaret andou de um lado para outro, visitando açougues e mercearias, à procura de uma menina especial. Mas, a cada semana, baixava suas expectativas, percebendo a dificuldade de encontrar qualquer pessoa, em uma cidade industrial, que não preferisse o salário melhor e a independência maior do trabalho em uma fábrica. Era uma provação para Margaret sair sozinha nesse lugar agitado e tumultuado. Mrs. Shaw, com suas ideias sobre as convenções sociais e sua própria dependência dos outros, sempre insistira para

que Edith e Margaret fossem acompanhadas por um laçao, quando andassem por Harley Street ou nas vizinhanças. Na época, ela rebelou-se silenciosamente contra os limites que essa regra da tia impusera à sua independência, e apreciava duplamente os passeios e caminhadas na floresta, pelo contraste com a vida na cidade. Seguiu adiante com passos decididos e arrojados, às vezes correndo, se estivesse com pressa, ou parando em perfeito repouso para ouvir ou observar alguma das criaturas selvagens que cantavam nas árvores frondosas, ou então olhar, com olhos vivos e penetrantes, algum arbusto baixo e emaranhado. Era uma provação trocar esse movimento ou essa imobilidade, guiada apenas pela sua doce vontade, pelo ritmo decoroso dos passeios na cidade. Seria ridículo dar atenção a tal mudança, se não viesse acompanhada de um aborrecimento mais sério. O lado da cidade em que se localizava Crampton ficava bem no caminho dos trabalhadores. Nas ruas que o rodeavam havia muitas fábricas, das quais saíam fileiras de homens e mulheres duas ou três vezes ao dia. Até que Margaret descobrisse os seus horários de entrada e saída, tinha o azar de trombar constantemente com eles. Os operários andavam apressados, os rostos audaciosos e destemidos, rindo e gracejando alto, especialmente com aqueles que pareciam estar acima deles em nível ou posição social. No início, Margaret se sentia um pouco assustada com o tom alto e descontrolado das suas vozes, e com seu desprezo por todas as regras comuns da urbanidade. As moças, com sua liberdade ruda mas não inamistosa, comentavam sobre as suas roupas, até mesmo tocavam seu vestido ou o xale para se certificarem de que material era feito. Além disso, uma ou duas vezes lhe perguntaram sobre algum artigo que admiraram particularmente. Havia uma confiança tão simples naquela brandura e simpatia feminina, com seu amor por vestidos, que ela respondeu de bom grado às perguntas, assim que conseguiu entendê-las. E sorriu de volta, em resposta às suas observações. Ela não se importava de encontrar uma porção de moças, por mais agitadas e falantes que fossem. Mas às vezes temia, às vezes se exaltava contra os homens, que faziam comentários no mesmo modo franco e destemido – não sobre as suas roupas – mas sobre a sua aparência. E ela, que sempre considerara uma impertinência até a mais elegante observação sobre a sua aparência, teve que aguentar a franca admiração daqueles homens tão diretos no falar. Se Margaret estivesse menos receosa do seu tumulto, teria percebido que a própria sinceridade daqueles homens indicava que não tinham qualquer intenção de ferir seus sentimentos. Fora o medo, sentia um rubor de indignação que deixava suas faces vermelhas e os olhos negros faiscantes, quando ouvia algumas das suas expressões. Apesar disso, havia outras coisas ditas por eles que – assim que voltava para a tranquila segurança de casa – a divertiam tanto quanto eles a irritavam.

Certo dia, por exemplo, depois de passar por uma porção de homens, muitos dos quais lhe fizeram o usual elogio de desejar que ela fosse a sua queridinha, um dos retardatários acrescentou “Seu lindo rosto, minha amada, faz o dia parecer mais brilhante.” E em um outro dia, quando ela sorria sem se dar conta de algum pensamento que lhe viera à mente, um trabalhador mal vestido, de meia-idade, dirigiu-se a ela dizendo “Pode sorrir, minha querida. Muita gente sorriria se tivesse um rosto tão lindo.” Esse homem parecia tão sofrido que Margaret não pode evitar sorrir-lhe, como resposta, feliz de pensar que a sua aparência, assim como era, tivera o poder de despertar um pensamento agradável. Ele pareceu entender o olhar de compreensão dela, e um reconhecimento silencioso foi estabelecido entre os dois, sempre que o acaso os fazia cruzarem o caminho do outro. Nunca trocaram uma palavra, nada fora

dito além desse primeiro cumprimento. Ainda assim, Margaret olhava para esse homem com mais interesse do que olhava para qualquer outro em Milton. Uma ou duas vezes, aos domingos, viu-o passeando com uma moça. Era evidente que se tratava de sua filha, e parecia ainda mais doentia do que ele próprio.

Um dia, Margaret e o pai foram passear mais longe, nos campos que rodeavam a cidade. Era o início da primavera, e ela colheira algumas flores que cresciam nas sebes, violetas, celidônias e outras assim, lamentando silenciosamente a falta da doce profusão de flores que havia no sul. Seu pai deixou-a para ir a Milton tratar de algum negócio, e no caminho de volta para casa ela encontrou seus humildes amigos. A moça olhou melancolicamente para as flores e, em um súbito impulso, Margaret ofereceu-as a ela. Seus olhos de um azul pálido brilharam enquanto pegava as flores, e o pai falou por ela:

– Obrigado, senhorita, Bessy gostou muito das flores, gostou mesmo. E eu agradeço a sua bondade. A senhorita não é daqui, eu imagino...

– Não – disse Margaret, com um pequeno suspiro. – Eu venho do sul, de Hampshire.

Disse isso um pouco temerosa de ferir-lhe o orgulho, caso usasse um nome que ele não conhecesse.

– Fica além de Londres, não é? E eu venho do caminho de Burnley, uns sessenta quilômetros para o norte. Ainda assim, como vê, o norte e o sul se encontraram e se tornaram bons amigos aqui neste lugar grande e fumacento.

Margaret diminuíra o passo para caminhar ao lado do homem e da filha, cujos passos eram regulados pela fraqueza desta última. Ela agora falava com a moça. Quando Bessy respondeu havia um tom de terna piedade na sua voz, que tocou o coração do pai.

– Acho que você não está muito bem.

– Não – disse a moça. – E nunca estarei.

– A primavera está chegando – disse Margaret, para introduzir pensamentos mais agradáveis e esperançosos.

– Nem a primavera nem o verão me farão bem – disse a moça, calmamente.

Margaret olhou para o homem, quase esperando que ele a contradissesse, ou fizesse alguma observação que mudasse a total falta de esperança da filha. Mas, em vez disso, ele acrescentou:

– Temo que ela esteja falando a verdade. Acho que já está fraca demais.

– Ainda vou ver a primavera, e as flores, os amarantos e as belas rosas.

– Pobre menina! Pobre menina! – disse o pai, baixinho. – Não tenho tanta certeza disso, mas é um conforto para ela, pobre menina! Logo também serei um pobre pai!

Margaret ficou chocada com aquelas palavras – chocada mas não rechaçada. Ao contrário, sentiu-se ainda mais atraída e interessada.

– Onde moram? Acho que somos vizinhos, nos encontramos com tanta frequência neste caminho!

– Moramos no número nove da Frances Street, é a segunda à esquerda depois que passar o Dragão Dourado.

– E como se chamam? Não devo me esquecer.

– Não tenho vergonha do meu nome. Chamo-me Nicholas Higgins. Minha filha é Bessy Higgins. Por que pergunta?

Margaret ficou surpresa com a última questão, pois em Helstone teria ficado entendido – depois das perguntas que fizera – que ela pretendia visitar qualquer vizinho pobre a quem perguntasse o nome ou o lugar onde morava.

– Pensei que... Pretendia visitá-los.

Sentiu-se um tanto envergonhada por ter oferecido a visita, sem ter nenhuma razão para explicar o seu desejo, além do gentil interesse por uma estranha. Parecia uma impertinência da parte dela, e Margaret leu a mesma coisa também nos olhos do homem.

– Não gosto de ter estranhos na minha casa – disse ele.

Mas ficou com pena, ao ver que ela enrubescia, então acrescentou:

– Você é uma forasteira, pode-se dizer, e talvez não tenha muitos amigos aqui. E deu à minha menina aqui as flores que colheu com suas mãos. Pode vir, se quiser.

Margaret ficou meio divertida e meio irritada com essa resposta. Não tinha certeza se iria a um lugar onde a permissão fosse concedida como um favor. Mas quando chegaram a Frances Street, a moça parou um minuto e disse:

– Não se esqueça de que prometeu vir nos visitar.

– Sim, sim – disse o pai, impaciente. – Ela vai vir. Está um pouco aborrecida agora, porque acha que eu poderia ter falado com mais educação, mas vai pensar melhor nisso e vai vir. Posso ler o seu rosto bonito e orgulhoso como um livro. Vamos, Bess. O sino da fábrica está tocando.

Margaret foi para casa, refletindo sobre seus novos amigos e sorrindo ante a percepção do homem sobre o que se passava na sua cabeça. Desse dia em diante Milton tornou-se para ela um lugar mais luminoso. Não era por causa dos dias longos, frios e ensolarados da primavera. Nem era aquele tempo que a estava reconciliando com a cidade onde morava. Era porque havia encontrado ali, afinal, um interesse humano.

CAPÍTULO 9

VESTIDO PARA O CHÁ

“Deixe que a terra da China, colorida de ricas manchas,
Escrita de ouro e riscada de veias azuis,
O agradável sabor da folha da Índia
Ou o grão de café queimado, alegre acolha.”
Mrs. Barbauld[1]

No dia seguinte a esse encontro com Higgins e sua filha, Mr. Hale subiu para a pequena sala de estar em uma hora pouco usual. Começou a mexer nos objetos da sala, como se os examinasse, mas Margaret percebeu que era apenas um tique nervoso – um modo de adiar alguma coisa que desejava, mas temia falar. Por fim falou:

– Minha querida! Convidei Mr. Thornton para tomar chá esta noite.

Mrs. Hale estava recostada na sua cadeira de balanço, com os olhos fechados e uma expressão de dor no rosto que, ultimamente, se tornara frequente. Mas começou a lamentar-se, ao ouvir as palavras do marido:

– Mr. Thornton! Esta noite! O que será neste mundo que esse homem tem a fazer aqui? E Dixon está engomando as musselinas e as rendas. E não há muita água doce com esses terríveis ventos do leste, que eu acho que sopram o ano inteiro aqui em Milton.

– O vento está mudando de direção, minha querida – disse Mr. Hale, olhando para fora na direção da neblina, que vinha exatamente do leste. Ele apenas não entendia bem os pontos cardeais, e os arranjava *ad libitum* – à vontade – de acordo com as circunstâncias.

– Não me diga! – disse Mrs. Hale, estremecendo e enrolando-se mais no xale. – Mas, venha o vento do leste ou do oeste, suponho que esse homem virá de qualquer jeito.

– Oh, mamãe! Isso mostra que não conhece Mr. Thornton. Ele parece uma pessoa que adoraria lutar contra qualquer coisa adversa que possa encontrar pela frente – inimigos, ventos ou circunstâncias. Quanto mais chover e ventar, mais certa será a presença dele. Mas vou ajudar Dixon, estou a ponto de me tornar uma engomadeira de mão cheia. E ele não vai querer outra diversão além de conversar com papai. Não vejo a hora de encontrar um Pítias para o seu Damon[2], papai. Sabe que só o vi uma vez, e ficamos tão embaraçados, sem saber o que dizer um ao outro, que não nos demos particularmente bem.

– Não sei se algum dia chegaria a gostar dele, Margaret, ou a considerá-lo agradável. Ele não é um homem que agrade às mulheres.

Margaret inclinou a cabeça de modo insolente.

– Não admiro particularmente os homens que agradam as mulheres, papai. Mas Mr. Thornton vem aqui como seu amigo, como alguém que o considera...

– E é a única pessoa em Milton – disse Mr. Hale.

– Então vamos dar-lhe as boas vindas e alguns bolos de chocolate. Dixon vai ficar lisonjeada se lhe pedirmos que prepare alguns. E eu mesma vou engomar as suas toucas, mamãe.

Várias vezes, naquela manhã, Margaret desejou que Mr. Thornton estivesse bem longe. Tinha planejado outras ocupações para si mesma: escrever uma carta para Edith, ler um pouco de Dante, fazer uma visita aos Higgins. Mas, em vez disso, passou a manhã engomando, ouvindo as queixas de Dixon, e esperando apenas que, com seu excesso de simpatia, pudesse evitar que Dixon fosse fazer um relato das suas infelicidades para Mrs. Hale. De vez em quando, Margaret tinha que lembrar-se do afeto do pai por Mr. Thornton, para dominar a irritação do cansaço que a deixava esgotada, e lhe dava uma daquelas horríveis dores de cabeça que vinha sentindo ultimamente. Mal podia falar, quando afinal se sentou e disse à mãe que não era mais Peggy, a engomadeira, mas Margaret, a dama. Falou em tom de brincadeira, e ficou bastante irritada com sua língua comprida, quando viu que a mãe a levava a sério.

– Sim! Se alguém me dissesse, quando eu era Miss Beresford, uma das beldades da região, que uma filha minha teria que passar a metade do dia em uma cozinha minúscula e apertada, trabalhando como uma criada, para que pudessemos nos preparar corretamente para receber um comerciante, e que esse comerciante seria o único...

– Oh, mamãe! – disse Margaret, levantando-se. – Não me puna dessa maneira por uma frase descuidada. Não me importo de engomar, ou fazer qualquer outro tipo de trabalho para a senhora e o papai. Continuo sendo uma dama de nascimento e criação, mesmo que precise esfregar o chão ou lavar os pratos. Estou um pouco cansada agora, mas é por pouco tempo. Dentro de meia hora estarei pronta para fazer tudo de novo. E quanto a Mr. Thornton ser um negociante, não se pode evitar, pobre coitado! Não creio que a sua educação o prepare para muito mais do que isso.

Margaret levantou-se devagar e foi para o seu quarto, pois no momento não conseguiria aguentar muito mais.

Ao mesmo tempo, na casa de Mr. Thornton, passava-se uma cena similar, embora diferente. Uma dama de rosto largo, que há muito passara da meia-idade, sentou-se para trabalhar em uma sala de jantar sombria e lindamente mobiliada. Seus traços e sua compleição eram fortes e robustos, mas não pesados. O rosto mudava de uma expressão decidida para outra igualmente decidida. Não havia grande variação no seu semblante, mas aqueles que a olhassem de repente sempre voltavam a olhar. Até os passantes na rua viravam as cabeças para contemplar um pouco mais aquela mulher firme, severa e

digna, que nunca cedia passagem a alguém ou se detinha em sua trajetória direta e progressiva até o objetivo claro e definido que traçara para si. Usava um elegante e austero vestido de seda preta, no qual não havia um fio sequer desbotado ou gasto. Estava consertando uma enorme toalha de mesa de fina textura, às vezes segurando-a contra a luz para descobrir pequenos pontos em que era necessário o seu delicado trabalho. Não havia nem um livro na sala, com exceção dos Comentários Bíblicos de Matthew Henry, cujos seis volumes ocupavam o centro do maciço armário, com um samovar de um lado e uma lâmpada do outro. Um exercício de piano acontecia em algum remoto cômodo no interior da casa. Alguém estava praticando um trecho de uma canção de salão, tocando com muita rapidez. Na média, cada terceira nota era indistinta ou perdida de todo, e metade dos acordes altos do final eram dissonantes, mas não menos satisfatórios para o executante. Mrs. Thornton ouviu um passo, igual ao seu quando estava decidida, junto à porta da sala:

– É você, John?

Seu filho abriu a porta e apareceu.

– O que o traz para casa tão cedo? Pensei que fosse tomar chá com aquele amigo de Mr. Bell, o tal de Mr. Hale.

– E vou mesmo, mamãe. Só vim trocar de roupa.

– Trocar de roupa! Hum! Quando eu era moça, os rapazes se contentavam em vestir-se uma vez ao dia. Por que tem que se vestir para tomar chá com um velho pároco?

– Mr. Hale é um cavalheiro, e sua esposa e a filha são damas respeitáveis.

– Esposa e filha! O que elas fazem? Também ensinam? Você nunca as mencionou antes.

– Não, mamãe, porque nunca vi Mrs. Hale. E só vi Miss Hale por meia hora.

– Tome cuidado para não ser agarrado por alguma moça sem um tostão, John.

– Não sou tão fácil de ser agarrado, mamãe, como acho que a senhora bem sabe. Mas não devo permitir que fale de Miss Hale desse modo. É ofensivo para mim, sabe disso. Até agora nunca tive conhecimento de que alguma jovem dama tenha tentado me agarrar, nem acredito que alguma delas já tenha se dado a esse trabalho inútil.

Mrs. Thornton não queria ceder ao filho nesse ponto. Ou então era, de forma geral, muito orgulhosa para o seu sexo.

– Bem, peço-lhe apenas que tenha cuidado. Talvez as moças de Milton tenham espírito e bons sentimentos suficientes para não sair caçando maridos. Mas essa Miss Hale vem dos estados aristocráticos do sul, onde, pelo que ouvi dizer, maridos ricos são prêmios cobiçados.

Mr. Thornton contraiu o semblante, e deu um passo para dentro da sala.

– Mãe – disse, com um sorrisinho desdenhoso – vai me fazer confessar. Na única vez em que estive com Miss Hale, ela me tratou com uma civilidade arrogante, que tinha um forte sabor de desprezo. Manteve-se afastada de mim como se fosse uma rainha, e eu fosse seu humilde e sórdido vassalo. Fique tranquila, mãe.

– Não! Não estou tranquila nem contente. Que direito tem ela, a filha de um pároco renegado, de virar o nariz para você? Eu não trocaria de roupa para visitar nenhum deles, se fosse você! Que gente atrevida!

Quando estava deixando a sala, Mr. Thornton disse:

– Mr. Hale é bom e gentil, um homem culto. Ele não é atrevido. Quanto a Mrs. Hale, lhe direi como ela é hoje a noite, se quiser ouvir.

Fechou a porta e saiu.

– Desprezar o meu filho! Tratá-lo como um vassalo! Francamente! Queria saber onde ela iria encontrar um homem igual a ele! Desde menino é o coração mais nobre e decidido que já vi. Não importa se sou sua mãe, posso ver como ele é sem ser cega. Sei como Fanny é, e sei como ele é. Desprezá-lo! Eu a odeio!

[1] Anna Laetitia Barbauld (1743-1825): poetisa romântica, ensaísta e escritora inglesa, cuja produção literária foi significativa durante as últimas décadas do século 18, tendo participado ativamente da campanha de William Wilberforce pela extinção do comércio e da mão-de-obra escrava dentro do Império Britânico; sua última obra foi publicada em 1812, uma sátira, recebida violentamente pela crítica, quanto à participação inglesa nas Guerras Napoleônicas às quais a poetisa creditava o início do declínio do Império Britânico.

[2] A lenda grega de Pítiás e Damon simboliza a confiança e a lealdade de uma verdadeira amizade.

CAPÍTULO 10

FERRO FORJADO E OURO

“Somos as árvores que ao se agitar mais se prendem.”
George Herbert [\[1\]](#)

Mr. Thornton saiu de casa sem voltar à sala de jantar. Estava um pouco atrasado, e caminhava rapidamente na direção de Crampton. Estava ansioso para não ofender seu novo amigo com alguma impontualidade desrespeitosa. Parou à porta quando o relógio da igreja batia sete e meia, aguardando os lentos movimentos de Dixon, duplamente vagarosos quando ela precisava degradar-se atendendo a porta. Foi conduzido até a pequena sala e saudado gentilmente por Mr. Hale, que o levou até sua esposa. O corpo enrolado em um xale e o rosto pálido da dama eram uma desculpa silenciosa para o seu cumprimento desanimado e frio. Margaret acendia a lâmpada quando ele entrou, pois estava anoitecendo. A lâmpada espalhou uma bonita luz no centro do cômodo escuro. Ali, conforme os hábitos do campo, não se excluía o céu noturno, nem a *peem umbra* que reinava no exterior. De certo modo, esta sala fazia um contraste com aquela que ele deixara havia pouco, que era bonita e austera, sem qualquer sinal da presença feminina, exceto no único lugar que a mãe ocupava, e inadequada para qualquer outra coisa que não fosse comer ou beber. Apesar de se tratar de uma sala de jantar, a mãe preferia sentar-se ali, e sua vontade era lei na família. Mas esta sala de estar não era assim. Era duas vezes mais bonita... vinte vezes até, mas não tinha a metade do seu conforto. Aqui não havia espelhos, nem um pedaço de vidro para refletir a luz, como a água em uma paisagem. Nada de dourados, apenas uma cálida e sóbria mistura de cores, realçada pelas velhas e queridas cortinas de chita e as capas de cadeiras que vieram de Helstone. Havia uma escrivaninha aberta junto à janela, de frente para a porta. Junto à outra, um pedestal com um alto vaso de porcelana branca, do qual saíam guirlandas de hera inglesa, bétulas verde-claras e folhas de faia cor de cobre. Belas cestas de trabalho se espalhavam pelo cômodo, e alguns livros, descuidados e solitários, jaziam sobre uma mesa, como se tivessem sido recentemente abandonados. Atrás da porta havia outra mesa, enfeitada para o chá, com uma toalha branca sobre a qual se exibiam os bolos de chocolate, e uma cesta cheia de laranjas e maçãs vermelhas, dispostas em fatias.

Parecia a Mr. Thornton que todos esses graciosos cuidados eram habituais na família. Especialmente a presença de Margaret. Ela estava parada junto à mesa de chá, em um vestido de musselina claro com muitos detalhes em rosa. Parecia não prestar atenção à conversa, ocupada apenas com as xícaras de chá, entre as quais se moviam suas lindas mãos de marfim, com bela e silenciosa delicadeza. No braço fino usava um bracelete, que, em todo momento, caía-lhe

sobre o pulso. Mr. Thornton a observava colocar de volta no lugar o irritante adorno com muito mais atenção do que ouvia a conversa do seu pai. Parecia fascinado de vê-la puxá-lo para cima com impaciência, prendê-lo na carne macia, até que o via cair de novo. Quase exclamou “Caiu outra vez!” Faltava pouco para que o chá ficasse pronto depois da sua chegada, e quase lamentou ter sido logo obrigado a parar de observar Margaret para comer e beber. Ela entregou-lhe a xícara de chá com o ar orgulhoso de uma escrava rebelde. Percebeu, no entanto, o momento em que ele estava pronto para tomar outra xícara, e Mr. Thornton quase desejou pedir-lhe que fizesse por ele o que fora levada a fazer pelo pai. Ele tomou o polegar e o dedinho da filha na sua mão masculina e os usou como uma pinça para pegar um cubo de açúcar. Mr. Thornton viu seus belos olhos fixos no pai, cheios de calor, meio risonhos, meio amorosos, enquanto esta pequena pantomima tinha lugar entre os dois, que acreditavam não estar sendo observados por ninguém. A cabeça de Margaret ainda doía, como provavam a sua palidez e o seu silêncio. Mas estava disposta a superar-se, se houvesse alguma desagradável pausa na conversa, para que o amigo, aluno e convidado de seu pai, não tivesse motivos para sentir-se negligenciado de alguma forma. Mas a conversa continuou, e Margaret postou-se em um canto, perto da mãe, com seu trabalho de agulha, depois que a mesa do chá foi retirada. Sentiu que podia deixar os pensamentos vagarem, sem o medo de ver-se subitamente compelida a preencher algum vazio na conversa.

Mr. Thornton e Mr. Hale estavam entretidos em uma conversa sobre um tema qualquer que surgira no seu último encontro. Margaret foi chamada ao presente por alguma observação trivial da mãe, feita em voz baixa. E, de repente, olhando por sobre o seu trabalho, foi atraída pela diferença física entre seu pai e Mr. Thornton, que sinalizava distintamente suas naturezas opostas. Seu pai era esguio, o que o fazia parecer mais alto do que realmente era, quando não estava em contraste, como agora, com a estrutura alta e maciça do outro. As linhas no rosto do pai eram suaves, com uma espécie de movimento trêmulo que mostrava claramente suas emoções. As pálpebras eram grandes e arqueadas, dando aos olhos uma beleza lânguida peculiar que parecia quase feminina. As sobancelhas eram finamente desenhadas, mas estavam, pelo próprio tamanho das pálpebras, um pouco distantes dos olhos. Já no rosto de Mr. Thornton, as sobancelhas retas ficavam bem em cima dos olhos profundos, claros e sérios. Aqueles olhos, sem serem desagradavelmente sagazes, pareciam intencionados o bastante para penetrar no próprio cerne daquilo que ele estivesse observando. As linhas do rosto eram poucas, mas firmes, como se fossem esculpidas em mármore, e ficavam principalmente em volta dos lábios, que eram finos e levemente apertados. Os dentes eram tão perfeitos e bonitos que davam a impressão de um súbito raio de sol. Aquele sorriso brilhante e raro chegava em um instante e invadia os olhos, mudando-lhe toda a aparência – da expressão severa e decidida de um homem disposto a fazer e ousar qualquer coisa, à profunda e honesta alegria do momento, que raramente é visto com tanto destemor e espontaneidade a não ser nas crianças. Margaret gostava daquele sorriso, fora a primeira coisa que admirara no novo amigo de seu pai. E o caráter

oposto dos dois homens, aparente em todos esses detalhes físicos que ela acabara de notar, parecia explicar o evidente interesse que demonstravam sentir um pelo outro.

Ela arrumou o trabalho de lã da mãe e voltou aos seus pensamentos – tão completamente esquecida por Mr. Thornton como se nem estivesse na sala. Ele estava totalmente absorvido em explicar a Mr. Hale o enorme poder da máquina a vapor, apesar do seu delicado ajuste, e que lembrava a Mr. Hale algumas das histórias maravilhosas dos gênios subservientes das Mil e Uma Noites – em um momento esticando-se entre o céu e a terra, ocupando toda a largura do horizonte, e no momento seguinte, comprimidos dentro de um vaso, pequeno o bastante para caber na mão de uma criança.

– E essa imaginação poderosa, essa realização material de um pensamento gigantesco, veio da mente de um homem nesta nossa boa cidade. E esse mesmo homem tem dentro de si o poder de montar, passo a passo, a cada maravilha que termina, uma maravilha ainda maior. E sou obrigado a dizer que temos muitos entre nós que, se ele se for, podem saltar essa brecha e levar adiante a guerra que obriga, e deve obrigar, todo poder material a ceder para a ciência.

– O seu orgulho me lembra aqueles antigos versos: “Tenho cem capitães na Inglaterra. Tão bons quanto ele sempre foi.”

Diante da citação do pai, Margaret olhou de repente, com uma interrogação espantada nos olhos. Como haviam conseguido ir da roda dentada à Chevy Chase?^[2]

– Não é orgulho da minha parte – respondeu Mr. Thornton – é só uma coisa evidente. Não vou negar que me sinto orgulhoso de pertencer a uma cidade – ou talvez deva dizer uma região – cujas necessidades propiciaram tal grandeza de concepção. Preferia ser um trabalhador – fracassado e arruinado – sofrendo aqui, do que levar uma vida próspera e tediosa nos esgotados meandros do que chamam de sociedade aristocrática lá no sul, com seus dias maçantes plenos de tranquilidade e despreocupação. Um homem pode ficar entupido de mel, e incapaz de erguer-se e voar.

– O senhor se engana – disse Margaret.

Provocada pela calúnia ao seu amado sul, foi levada a fazer uma defesa acalorada, que lhe deixou as faces em fogo e os olhos cheios de lágrimas raiosas.

– O senhor não sabe nada do sul. Se há menos aventura e menos progresso – suponho que não devo dizer menos excitação – provocados pelo espírito de jogatina do comércio, que parecer forçar a criação dessas maravilhosas invenções, também há menos sofrimento. Vejo homens aqui andando de um lado para outro nas ruas, que parecem derrotados por alguma perturbadora tristeza ou preocupação, e que não são apenas sofredores, mas inimigos. Lá no sul temos os nossos pobres, mas não há nos seus rostos essa terrível expressão de doloroso senso de injustiça que eu vejo aqui. O senhor não

conhece o sul, Mr. Thornton – ela concluiu, caindo em um silêncio determinado e zangada consigo mesma por ter falado tanto.

– E posso dizer que a senhorita não conhece o norte? – ele perguntou, com uma inexprimível gentileza no tom, mostrando o quanto ela o ferira.

Margaret persistiu em seu teimoso silêncio, com saudade dos adoráveis fantasmas que deixara lá longe, no Hampshire. Seu anseio era tão apaixonado, que percebeu que sua voz sairia instável e trêmula, se falasse.

– De qualquer forma, Mr. Thornton – disse Mrs. Hale – deve concordar que Milton é uma cidade tão enfumaçada e suja como nunca encontrará alguma no sul.

– Acho que devo desistir de que um dia fique limpa – disse Mr. Thornton, com seu sorriso brilhante e apressado – mas somos constrangidos pelo Parlamento a consumir a nossa própria fumaça. Então, suponho que, como boas crianças, devemos fazer o que nos mandam... algum dia.

– Mas achei que tivesse dito que havia alterado as suas chaminés para evitar a fumaça, não disse? – perguntou Mr. Hale.

– As minhas foram alteradas por minha própria conta, antes que o parlamento se intrometesse no assunto. Foi um gasto considerável, mas compenso economizando carvão. Não estou certo se devia ter feito isso, se não devia ter esperado até que a lei fosse aprovada. De qualquer forma, devia ter esperado até ser notificado e multado, e criado todos os obstáculos que a lei me permitisse. Mas todas as leis que precisam de notificações e multas para serem aplicadas, tornam-se inertes diante da odiosidade das máquinas. Duvido que haja uma fábrica em Milton que tenha sido notificada nos últimos cinco anos, embora algumas estejam constantemente lançando ao ar um terço do seu carvão, no que chamamos aqui de fumaça antiparlamentar.

– Só sei dizer que aqui não conseguimos manter as cortinas de musselina limpas por mais de uma semana – tornou Mrs. Hale. – Em Helstone ficavam nas janelas por um mês ou mais, e nem pareciam sujas depois desse tempo. E quanto às mãos... Margaret, quantas vezes disse que lavou suas mãos hoje, antes do meio-dia? Três vezes, não foi?

– Sim, mamãe.

– O senhor parece ter uma estranha objeção aos atos do parlamento e a toda legislação que afete seu modo de gerir sua fábrica aqui em Milton – disse Mr. Hale.

– Sim, tenho. E muitos outros também têm – com motivo, eu acho. Todo o maquinário da indústria do algodão – e não me refiro às máquinas de ferro e madeira – é tão novo que não é de se estranhar que não funcione tudo direito, logo de uma vez. Setenta anos atrás, o que representava isso? E agora, o que não representa? Os materiais crus e não processados vêm juntos. Homens do mesmo nível, quanto a educação e situação, de repente tomam posições diferentes. Tornam-se patrões ou empregados, devido tanto ao seu talento natural, quanto às

oportunidades e probabilidades que distinguem alguns, e os faz enxergar longe o grande futuro que jaz escondido nesse rude modelo de Sir Richard Arkwright[3]. O rápido desenvolvimento daquilo que podemos chamar de um novo negócio deu a esses primeiros patrões enorme poder de riqueza e comando. Não digo apenas sobre os trabalhadores, mas sobre os compradores e sobre todo o mercado mundial. Posso lhe citar como exemplo, um anúncio publicado há menos de cinquenta anos em um jornal de Milton, em que fulano de tal (um dentre a meia dúzia de estampadores de algodão da época) declarava que fecharia seu depósito ao meio-dia diariamente, e que dali por diante todos os compradores deveriam vir antes daquele horário. Imagine um homem ditando dessa maneira o horário em que venderia ou não venderia o seu produto. Agora, creio, se um bom cliente resolve vir à meia-noite, devo me levantar e esperar de chapéu na mão pelas suas ordens.

Os lábios de Margaret se curvaram, mas de alguma forma sentia-se obrigada a ouvir, não podia mais se distrair com seus próprios pensamentos.

– Só citei isso para mostrar o poder quase ilimitado que os produtores tinham no começo deste século. Os homens ficaram tontos com isso. Só porque um homem tem sucesso nas suas aventuras, não há razão para supor que em todas as outras coisas sua mente seja igualmente equilibrada. Ao contrário, seu senso de justiça e sua simplicidade são totalmente sufocados pela abundância da riqueza que cai sobre ele. E contam histórias estranhas a respeito das extravagâncias selvagens e da festa constante em que viviam esses primeiros senhores do algodão. Também não há dúvida a respeito da tirania que exerciam sobre os seus empregados. Conhece o provérbio, Mr. Hale “Ponha um mendigo sobre um cavalo e ele cavalgará até o inferno”. Bem, alguns desses primeiros fabricantes cavalgaram até o inferno em alto estilo, esmagando sem piedade a carne e os ossos dos homens sob as patas dos seus cavalos. Mas, aos poucos, veio a reação. Havia mais fábricas, mais patrões, precisava-se de mais operários. O poder dos patrões e empregados se tornou mais equilibrado. E agora a batalha é travada honestamente entre nós. Difícilmente nos submeteremos à decisão de um árbitro, muito menos à interferência de um mediador com um conhecimento apenas limitado sobre a realidade dos fatos, mesmo que esse mediador seja a Alta Corte do parlamento.

– Há necessidade de chamá-la de uma batalha entre as duas classes? – perguntou Mr. Hale. – Eu sei, pelo modo com que usa essa expressão, que ela lhe dá a verdadeira ideia do estado de coisas.

– É verdade. E acredito que seja tão necessária quanto a sabedoria prudente e a boa conduta que se opõem a ela, e que combatem a ignorância e a imprevidência. É uma das grandes belezas do nosso sistema: que um trabalhador possa elevar-se ao poder e à posição de patrão pelos seus próprios esforços e atitudes; que, de fato, qualquer um que pautar o seu comportamento pela decência e a sobriedade de conduta e que cumpra as suas obrigações, pode entrar no nosso meio. Não precisa sempre ser como patrão, mas como supervisor, caixa, guarda-livros, escriturário, ou alguém do lado da autoridade e da ordem.

– O senhor então considera, se entendi direito, todos aqueles que não tiveram sucesso em elevar-se no mundo, qualquer que seja a causa, como seus inimigos – disse Margaret, em uma voz clara e fria.

– Como seus próprios inimigos, com certeza – disse ele, rápido.

Não ficou nem um pouco ofendido pela arrogante desaprovação implícita no modo de falar e no tom que Margaret usara. Mas, em seguida, sua honestidade franca o fez perceber que suas palavras foram uma pobre e esquiva resposta ao que ela dissera. E, mesmo que ela desdenhasse dele o quanto quisesse, tinha o dever para consigo mesmo de explicar o que havia dito, tanto quanto pudesse. Mas era muito difícil separar a interpretação dela daquilo que ele realmente quisera dizer. Talvez pudesse ilustrar melhor o significado das suas palavras contando-lhes algo sobre a sua própria vida. Não seria algo muito pessoal para contar a estranhos? Ainda assim, era o meio mais direto de explicar. Então, pondo de lado o resquício de timidez que lhe trouxera um momentâneo rubor ao rosto, disse:

– Não falo isso só por ouvir dizer. Dezesseis anos atrás, meu pai morreu em circunstâncias miseráveis. Fui tirado da escola e tive que me tornar um homem (tão bem como pude) em poucos dias. Tenho uma mãe que poucos têm a bênção de possuir, uma mulher de poderosa força e firme resolução. Fomos para uma pequena cidade no campo, onde a vida era mais barata que em Milton, e lá consegui emprego em uma loja de tecidos – um lugar fundamental, diga-se, para obter um bom conhecimento da mercadoria. Semana após semana, nossa renda chegou a quinze xelins, com a qual devíamos manter três pessoas. Minha mãe administrou as coisas de modo que eu pudesse separar três xelins desses quinze, regularmente. Isso foi o começo, ensinou-me a renunciar. Agora que sou capaz de proporcionar à minha mãe o conforto que a sua idade, mais do que o seu desejo, exige, agradeço-lhe silenciosamente em cada oportunidade, pelo treinamento que me proporcionou. Agora, quando percebo que, no meu caso, não se tratou de sorte, nem de mérito, nem de talento – mas simplesmente dos hábitos de vida que me ensinaram a desprezar qualquer satisfação que não seja merecida, e nunca pensar duas vezes sobre isso – acredito que esse sofrimento, que Miss Hale diz estar impresso nos semblantes do povo de Milton, não é mais do que a punição natural pelos prazeres desfrutados sem merecimento, em algum período anterior das suas vidas. Não acho que as pessoas que amam a boa vida e os prazeres materiais mereçam o meu ódio. Eu apenas os desprezo pela sua pobreza de caráter.

– Mas o senhor teve os rudimentos de uma boa educação – observou Mr. Hale. – O vivo gosto com o qual agora lê Homer, me diz que o livro não lhe era desconhecido. Já o leu antes, e agora está apenas recordando seu antigo conhecimento.

– É verdade. Passei os olhos por esse livro quando estava na escola. Confesso que até o considero um clássico muito bonito hoje em dia, embora o latim e o grego já tenham saído da minha memória desde então. Mas lhe pergunto: que preparação ele me deu para a vida que levo hoje? Nenhuma.

Exatamente nenhuma. No que refere à educação, qualquer homem que saiba ler e escrever está no mesmo nível que eu, quanto aos conhecimentos realmente úteis que eu tinha naquele tempo.

– Bem, não concordo com o senhor. Mas talvez eu seja um tanto pedante. Não achava revigorante a heroica simplicidade da vida nos tempos homéricos?

– Nem um pouco! – exclamou Mr. Thornton, rindo. – Eu estava ocupado demais para pensar nos mortos, com os vivos me pressionando, lado a lado, na busca do pão de cada dia. Agora que minha mãe está na posição que convém à sua idade, e pontualmente recompensada pelos seus antigos esforços, posso recordar toda essa história antiga e me divertir com ela.

– Ouso dizer que a minha observação é baseada no meu sentimento profissional de que não há nada como a palmatória – replicou Mr. Hale.

Quando Mr. Thornton se levantou para ir embora, depois de apertar as mãos de Mr. e Mrs. Hale, adiantou-se para Margaret para se despedir dela da mesma maneira. Era um costume natural na cidade, mas Margaret não estava preparada para isso. Fez uma simples reverência como despedida, embora, no momento em que viu a mão meio estendida, que ele prontamente recolheu, ficou triste por não ter percebido a intenção. Mas Mr. Thornton não estava ciente da sua tristeza e, endireitando-se, saiu, murmurando enquanto deixava a casa:

– Nunca vi uma moça mais orgulhosa e desagradável do que essa! Até a sua enorme beleza se apaga da memória da gente por causa dos seus modos insolentes.

[1] George Herbert (1593-1633): poeta, orador e religioso galês, destacando-se como um dos mais proeminentes acadêmicos da Universidade de Cambridge, fato esse que o levou ao Parlamento inglês por duas legislaturas sob o governo de Jaime I da Inglaterra.

[2] Balada inglesa de 1624, contando os feitos da batalha de Otterburn.

[3] Sir Richard Arkwright (1732-1792) foi um inventor e fabricante inglês. Inventou uma máquina para tecer que transformava a fibra do algodão em fio, permitindo a sua produção em escala industrial. Esse processo foi um dos precursores da Revolução Industrial na Inglaterra.

CAPÍTULO 11

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

“Existe ferro, dizem, em todo nosso sangue,
E um grão ou dois, talvez, é bom;
Mas o dele, sinto duramente,
Possui de aço um pouco demais.”
Anônimo

– Margaret! – disse Mr. Hale, depois de levar o convidado até a porta. – Não pude deixar de observar seu rosto com alguma ansiedade, quando Mr. Thornton confessou que já foi um empregado de loja. Eu sabia disso desde o início, Mr. Bell me contou, por isso estava ciente do que viria. Mas cheguei a esperar que você levantasse e deixasse a sala.

– Oh, papai! Acha mesmo que sou tão boba assim? Gostei mais desse relato que ele fez sobre si mesmo do que de qualquer outra coisa que disse. Fiquei revoltada com tudo o mais, pela sua dureza. Mas falou de si mesmo com tanta simplicidade, sem essa pretensão que torna os comerciantes tão vulgares, e com um respeito tão terno pela mãe, que fiquei menos inclinada a deixar a sala do que quando ele se gabou a respeito de Milton, como se não houvesse outro lugar igual no mundo. Ou então quando confessou calmamente seu desprezo pelas pessoas, por serem descuidadas, esbanjadoras e imprevidentes, sem sequer imaginar que é seu dever tentar torná-las diferentes, dar-lhes um pouco do mesmo treinamento que a mãe lhe deu, e ao qual é evidente que ele deve a sua posição, qualquer que seja. Não! A sua declaração de ter sido um empregado de loja foi o que mais me agradou em tudo isso.

– Estou surpresa com você, Margaret – disse a mãe. – Você, que em Helstone estava sempre acusando as pessoas de serem comerciantes! Acho que não agiu bem, Mr. Hale, nos apresentando uma pessoa sem nos dizer quem ela era. Eu estava realmente temerosa de demonstrar o quanto fiquei chocada com algumas das coisas que ele disse. Seu pai “morrendo em circunstâncias miseráveis”. Só pode ter sido em um asilo.

– Não sei se o que aconteceu não foi ainda pior do que isso – respondeu o marido. – Ouvi muito sobre a vida pregressa de Mr. Thornton, antes que viéssemos para cá. Como ele contou uma parte, posso completar o que falta. Seu pai especulava fortemente, falhou e então se matou, pois não podia suportar a desgraça. Todos os seus antigos amigos sumiram, quando se descobriu o seu jogo desonesto. Batalhas selvagens e arriscadas, feitas com o dinheiro dos outros, para recuperar a sua própria porção de riqueza. Não surgiu ninguém para ajudar a mãe e o rapaz. Havia outra criança, eu acho, uma menina. Esta era muito jovem para ganhar dinheiro, mas tinham que sustentá-la mesmo assim. Ninguém se ofereceu, pelo menos imediatamente, e Mrs. Thornton não é alguém que espere até que um bondoso retardatário resolva ajudá-la. Então deixaram Milton. Sei que ele foi trabalhar em uma loja, e que os seus ganhos, junto com uma ínfima parcela da propriedade assegurada para a mãe, fez com que se mantivessem por

longo tempo. Mr. Bell disse que se alimentaram de mingau durante anos, ele não sabe como. Mas, muito depois que os credores desistiram de receber o pagamento das antigas dívidas do velho Mr. Thornton (se é que de fato tiveram alguma esperança de receber, depois do seu suicídio), esse jovem voltou a Milton e calmamente procurou cada um dos credores, pagando-lhes a primeira prestação do que era devido. Sem estardalhaço, sem reunir os credores, fez tudo com calma e em silêncio. Finalmente pagou tudo, ajudado pela circunstância de que um dos credores, um velho camarada rabugento (segundo Mr. Bell), tomou Mr. Thornton como uma espécie de sócio.

– Isso é de fato muito bonito – disse Margaret. – É uma pena que uma natureza de tal ordem seja manchada pela sua posição de industrial em Milton.

– Como, manchada? – perguntou o pai.

– Oh, papai! Por essa atitude de avaliar tudo pelo padrão da riqueza. Quando fala do poder das máquinas, é evidente que vê isso apenas como um meio de aumentar o negócio e ganhar mais dinheiro. E os pobres à volta dele... Diz que são pobres porque são depravados, e não merecem estar sob o manto da sua simpatia, pois não possuem a sua natureza de ferro e os talentos que lhe possibilitaram ficar rico.

– Depravados, não. Ele nunca disse isso. Imprevidentes e amantes da boa vida foram as palavras que ele usou.

Margaret estava recolhendo os materiais da mãe e se preparando para ir dormir. Quando deixava a sala, hesitou. Pensou em fazer uma confissão que agradaria ao pai, mas que – para ser verdadeira – devia incluir uma pequena contradição. No entanto, resolveu falar:

– Papai, eu acho que Mr. Thornton é um homem realmente extraordinário. Mas, pessoalmente, não gosto nada dele.

– E eu gosto! – disse o pai, rindo. – Pessoalmente também, como você diz. Não o considero um herói, nem nada desse tipo. Mas tenha uma boa-noite, minha filha. Sua mãe parece bastante cansada esta noite, Margaret.

Margaret já havia notado a aparência cansada da mãe há algum tempo, e ficara ansiosa. Agora, com a observação do pai, foi para a cama com um profundo temor pesando no coração. A vida em Milton era muito diferente daquela vida a que Mrs. Hale estava acostumada em Helstone, respirando sempre um ar limpo e fresco. O próprio ar aqui parecia muito diferente, desprovido de qualquer princípio revigorante. As preocupações domésticas pesavam tanto – e de uma forma tão nova e tão sórdida – sobre todas as mulheres da família, que havia boas razões para temer que a saúde da mãe fosse seriamente afetada. Havia vários outros sinais de que alguma coisa estava errada com Mrs. Hale. Ela e Dixon tinham misteriosas conversas no seu quarto, das quais Dixon saía chorando e mal-humorada, como era o seu costume quando tinha que demonstrar simpatia por alguma angústia da patroa. Uma vez, Margaret entrou no quarto assim que Dixon saiu, e encontrou a mãe de joelhos. Enquanto saía furtivamente, ouviu algumas palavras da mãe: era uma oração pedindo força e paciência para suportar severos sofrimentos físicos. Margaret ansiava por renovar os laços de confiança íntima que foram quebrados pelo longo período em que residira com sua tia Shaw, e tentou por meio de gentis carícias e palavras suaves ocupar de novo um lugar especial no coração da mãe. Mas, embora recebesse de volta afetuosas carícias e palavras de amor – em tal

profusão que antes a teria deixado satisfeita – agora sentia que lhe escondiam um segredo, e achava que esse segredo guardava estreita relação com a saúde da mãe. Ficou acordada até tarde naquela noite, planejando um meio de diminuir a maligna influência da vida em Milton sobre a mãe. Encontraria uma criada para assistir Dixon de forma permanente, se dedicasse todo o seu tempo a procurar. De qualquer modo, a mãe teria toda a atenção que necessitava, e a que se acostumara a vida inteira. Por vários dias o tempo e os pensamentos de Margaret foram dedicados a visitar agências de empregados, vendo todo tipo de gente improvável e muito poucos prováveis. Uma tarde, encontrou-se com Bessy Higgins na rua, e parou para falar-lhe.

– Olá, Bessy, como vai você? Espero que esteja melhor, agora que o tempo mudou.

– Melhor e pior, se entende o que quero dizer.

– Não exatamente – respondeu Margaret, sorrindo.

– Estou melhor por não ser feita em pedaços, ao tossir todas as noites. Mas estou esgotada e cansada da vida de Milton, e desejando ir embora para a terra de Beulah. E quando penso que estou cada vez mais distante, meu coração desfalece, e em vez de estar melhor, estou pior.

Margaret voltou-se para andar ao lado da moça na sua lenta caminhada até a casa. Mas não falou por alguns minutos. Por fim, disse, em uma voz baixa:

– Bessy, você deseja morrer?

Ela mesma fugia da morte, com toda a vontade de viver que é natural aos jovens e saudáveis. Bessy se manteve em silêncio por algum tempo. Então, respondeu:

– Se tivesse levado a vida que eu levei, e estivesse cansada dela como eu – embora, às vezes, acho que vou durar cinquenta ou sessenta anos – e fico tonta, confusa e doente, como se cada um desses sessenta anos girasse em volta de mim, e brincasse comigo a respeito de tantas horas e minutos, e infinitos pedaços de tempo... Se tivesse vivido toda a vida aqui! Oh! Menina! Eu te digo que fico até feliz quando o doutor fala do seu temor de que eu não chegue a ver outro inverno...

– Por que, Bessy? Que tipo de vida foi a sua?

– Não foi nada pior que a de muitos outros, imagino. Só que eu luto contra ela, e eles não.

– Mas o que foi que houve? Sou uma estranha aqui, sabe disso. Talvez eu não compreenda tão facilmente o que quer dizer com “se eu tivesse vivido toda a vida em Milton”.

– Se tivesse ido lá em casa, como disse que ia, eu podia ter te contado. Mas o pai diz que você é como todo o resto, do tipo “o que os olhos não veem, o coração não sente”.

– Não sei como é todo o resto. E tenho estado ocupada. Para dizer a verdade, esqueci da minha promessa...

– Você que ofereceu, não pedimos nada disso...

– Esqueci o que eu disse naquela ocasião – continuou Margaret, calmamente. – Acabaria por me lembrar, quando estivesse menos ocupada.

Posso ir com você agora?

Bessy olhou rapidamente para o rosto de Margaret, para ver se o desejo que expressara era real. A perspicácia do seu olhar se transformou em um desejo melancólico, quando encontrou o olhar suave e amistoso de Margaret.

– Não tenho muitos que se importem comigo. Se você se importa, então pode vir.

E assim caminharam juntas em silêncio. Quando dobraram em um pequeno pátio, abrindo para uma rua escura e suja, Bessy disse:

– Não fique amedrontada se o pai estiver em casa e falar de um jeito rude, no início. Ele gosta de você, e ficou muito feliz porque disse que ia nos visitar. E é porque gosta de você que ficou irritado e preocupado quando não veio.

– Não se preocupe, Bessy.

Mas Nicholas não estava em casa quando chegaram. Uma menina grande e desleixada – um pouco mais nova que Bessy, mas alta e forte – estava ocupada na pia, batendo com as coisas de modo rude, mas capaz. Fazia tanto barulho que Margaret se incomodou, com pena da pobre Bessy, que se sentara na primeira cadeira que vira, exausta da caminhada. Margaret pediu à sua irmã que trouxesse um copo de água, e enquanto ela corria para pegá-lo (derrubando os ferros da lareira e uma cadeira no caminho), desamarrou os laços do chapéu de Bessy, para aliviar sua respiração doentia.

– Acha que vale a pena importar-se com uma vida como a minha? – disse Bessy por fim, respirando com dificuldade.

Margaret não disse nada, mas levou-lhe a água aos lábios. Bessy tomou um gole longo e sedento, depois reclinou-se e fechou os olhos. Margaret ouviu-a murmurar para si mesma “e não mais sentirão fome, nem sede; nem o calor, nem o brilho do sol os alcançarão”.

Margaret inclinou-se e disse:

– Bessy, não fique angustiada com a sua vida, qualquer que ela seja – ou possa ter sido. Lembre-se de quem a deu a você, e fez dela o que ela é!

Ficou espantada ao ouvir Nicholas falar atrás dela, pois chegara sem que ela tivesse notado.

– Não quero ouvir ninguém fazendo pregações para a minha menina. Ela já está ruim o bastante, com seus sonhos e suas fantasias, e suas visões de cidades com portões dourados e pedras preciosas. Como isso a faz feliz, eu até deixo. Mas não quero que metam mais coisas na cabeça dela.

– Mas com certeza – disse Margaret, encarando-o – o senhor acredita no que eu disse? Que Deus lhe deu a vida e ordenou que tipo de vida seria?

– Acredito no que eu vejo, e em mais nada. É nisso que acredito, mocinha! Não acredito em tudo que ouço. Oh! Não! A maior parte é mentira. Ouvi uma moça fazer um tumulto para saber onde vivemos, dizendo que vinha nos visitar. Minha menina aqui acreditou um bocado nisso, e várias vezes ficou corada quando ouvia um passo diferente; eu mesmo notei sem ela saber. E agora essa moça vem, e é bem-vinda, se não ficar fazendo sermão sobre um assunto do qual não conhece nada mesmo.

Bessy estivera observando o rosto de Margaret. Ergueu-se um pouco

para falar, pousando a mão no braço de Margaret com um gesto de súplica.

– Não se irrite com ele, há muitos que pensam igual a ele. Há muitos e muitos, por aqui. Se você os ouvisse falarem, não ia ficar chocada com ele. Ele é um homem muito bom, é meu pai, mas... Oh! – ela disse, retrocedendo, em desespero. – O que ele diz às vezes me dá vontade de morrer, mais do que nunca, pois desejo saber tantas coisas, e fico tão nervosa com esse mistério!

– Pobre menina! Pobre menina! Não quero te incomodar, não quero. Mas um homem precisa falar a verdade, e quando vejo o mundo todo errado a essas alturas, perdendo tempo com coisas das quais não sabe nada, e deixando por fazer todas as coisas que estão em desordem por perto... Deixe de lado essa conversa de religião, e ponha-se a trabalhar naquilo que vê e conhece. É o meu credo. É simples, é fácil de alcançar e de realizar.

Mas a moça apenas suplicava mais ainda a Margaret:

– Não seja dura com ele... Ele é um homem bom, é mesmo. Às vezes acho que ficaria atordoada de tristeza, mesmo na Cidade de Deus, se o pai não estivesse lá.

O calor da febre tingia as faces de Bessy, e deixava seus olhos brilhantes.

– Mas o senhor vai estar lá, pai! Deve estar! Oh, meu coração! – Bessy colocou a mão no coração e ficou pálida como um fantasma.

Margaret segurou-a nos braços e colocou sua cabeça cansada sobre o peito. Afastou seus cabelos finos e suaves das têmporas e banhou-as com água fria. Nicholas entendeu todos os seus sinais com o desvelo do amor pela filha. E até a irmã, assustada, movia-se com forçada gentileza ante o pedido de silêncio de Margaret. Agora, o espasmo que prenunciava a morte passara, e Bessy ergueu-se e disse:

– Vou para a cama, é um lugar melhor – e, agarrando o vestido de Margaret, acrescentou – Venha outra vez! Eu sei que virá. Mas prometa!

– Virei amanhã – disse Margaret.

Bessy inclinou-se para o pai, que se preparou para carregá-la escada acima. Mas, como Margaret se levantasse para sair, lutou para dizer ainda:

– Eu quase desejo que haja um Deus, só para Lhe pedir que abençoe a minha filha...

Margaret foi embora muito triste e pensativa. Estava atrasada para o chá em casa. Em Helstone, a falta de pontualidade às refeições era uma grande falta aos olhos da mãe. Mas agora, tanto esta como muitas outras pequenas irregularidades pareciam ter perdido o seu poder de irritar. Margaret quase ansiava pelas antigas reclamações.

– Encontrou uma criada para nós, querida?

– Não, mamãe. Aquela tal de Anne Buckley nunca daria certo.

– Eu poderia tentar – disse Mr. Hale. – Todo mundo já teve sua vez de tentar resolver essa grande dificuldade. Agora é a minha vez. Posso ser a Cinderela que vai colocar o sapatinho, afinal.

Margaret mal conseguiu sorrir dessa pequena brincadeira, tão oprimida

estava pela sua visita aos Higgins.

– O que faria, papai? Como resolveria isso?

– Bem, eu pediria a alguma boa mãe de família para me recomendar alguém conhecido dela, ou de alguma das suas criadas.

– Muito bom. Mas primeiro temos que arranjar essa mãe de família.

– Você já arranjou. Ou melhor, ela está caindo na armadilha e você a pegará amanhã, se for habilidosa.

– O que quer dizer, Mr. Hale? – perguntou a esposa, com a curiosidade aguçada.

– Bem, meu aluno-modelo (como Margaret o chama), me disse que sua mãe pretende visitar Mrs. e Miss Hale amanhã.

– Mrs. Thornton! – exclamou Mrs. Hale.

– A mãe da qual ele nos falou? – disse Margaret.

– Sim. Mrs. Thornton. É a única mãe que ele tem, eu creio – disse Mr. Hale, calmamente.

– Eu gostaria de conhecê-la. Deve ser uma pessoa excepcional! – acrescentou a mãe. – Talvez ela tenha alguma parenta que nos sirva, e goste da nossa casa. Ela parece ser uma pessoa tão cuidadosa e econômica, que eu gostaria de qualquer um que viesse da mesma família.

– Minha querida – disse Mr. Hale, alarmado. – Por favor, não insista nessa ideia. Acho que Mrs. Thornton é tão arrogante e orgulhosa à sua maneira, quanto nossa pequena Margaret na maneira dela. Creio que ela ignora completamente aquele antigo tempo de provação, pobreza e economia, do qual o filho nos falou com tanta franqueza. De qualquer forma, estou certo de que ela não quer que pessoas estranhas saibam de qualquer coisa a esse respeito.

– Saiba que não se trata da minha maneira arrogante, papai, se é que tenho alguma. Não concordo com o senhor, apesar de estar sempre me acusando disso.

– Também não sei, com certeza, se é o jeito dela também. Imagino isso por algumas pequenas coisas que ouvi do filho.

Elas se importavam muito pouco para perguntar de que modo o filho falara da mãe. Margaret queria só saber se deveria estar em casa para receber essa visita, o que a impediria de ir ver como Bessy estava. Só poderia sair no fim do dia, pois de manhã estava sempre ocupada com os afazeres da casa. Então lembrou-se que não deveria deixar a mãe sozinha, com todo a responsabilidade de entreter a visitante.

CAPÍTULO 12

VISITAS MATINAIS

“Bem, suponho que devemos.”
Sociedade dos Amigos

Mr. Thornton tivera alguma dificuldade para levar a mãe ao ponto certo de cortesia. Ela não fazia visitas com frequência, e quando fazia, era com má vontade que cumpria suas obrigações. O filho lhe dera uma carruagem, mas ela se recusava a permitir que ele gastasse para manter os cavalos. Eram alugados em ocasiões solenes, quando fazia visitas matinais ou à noite. Já alugara os cavalos por três dias, uma quinzena atrás, e acabara tranquilamente com todas as suas visitas, que agora deviam ter o incômodo e as despesas por sua vez. Mas Crampton era longe demais para ir a pé, e perguntara muitas vezes ao filho se o seu desejo de que ela visitasse os Hales era tão grande que permitisse as despesas de um coche de aluguel. Mrs. Thornton ficaria feliz se não fosse, pois, como dizia, não via utilidade em fazer amizade e ter intimidade com todos os professores e mestres de Milton. Desse jeito, daqui a pouco ele iria obrigá-la a visitar a esposa do professor de dança de Fanny!

– E iria mesmo, mãe, se Mr. Mason e a esposa vivessem em um lugar estranho e sem amigos, como os Hales.

– Oh, não precisa falar com tanta dureza. Eu vou amanhã. Só queria que soubesse exatamente como me sinto.

– Se a senhora vai amanhã, então vou pedir os cavalos.

– Que bobagem, John! Até parece que você é feito de dinheiro.

– Não totalmente, ainda. Mas quanto aos cavalos, estou decidido. Da última vez que saiu em um coche de aluguel voltou para casa com dor de cabeça, por causa dos solavancos.

– Estou certa que nunca me queixei disso.

– Não! Minha mãe não é dada a queixas – disse ele, um tanto orgulhoso.

– Por isso, mais razão eu tenho de cuidá-la. E quanto à nossa Fanny, certa dificuldade vai fazer-lhe bem.

– Ela não é feita do mesmo material que você, John. Não poderia suportar isso.

Depois disso, Mrs. Thornton calou-se, pois suas últimas palavras guardavam relação com um assunto que a mortificava. Tinha um desprezo inconsciente pela fraqueza de caráter. E Fanny era fraca nos mesmos pontos em que a mãe e o irmão eram fortes. Mrs. Thornton não era uma mulher dada a argumentações. Seu rápido julgamento e firme resolução serviam-lhe muito bem, em vez de qualquer longa argumentação ou discussão consigo mesma. Seu instinto lhe dizia que nada podia fortalecer Fanny, de modo a suportar com paciência os sofrimentos, ou encarar as dificuldades com coragem. E embora

ela recuasse, ao reconhecer essa verdade sobre a filha, isso apenas lhe dava uma espécie de piedosa ternura em relação à ela – muito parecida com o tipo de comportamento que as mães costumam ter para com seus filhos fracos e doentios. Um estranho, ou um observador menos cuidadoso, podia pensar que essa maneira de tratar os filhos indicava muito mais amor por Fanny do que por John. Mas essa pessoa se enganaria redondamente. A própria ousadia com que a mãe e o filho falavam verdades desagradáveis um para o outro mostrava uma firme confiança na alma de cada um, que a constrangedora ternura de Mrs. Thornton para com a filha, a vergonha com que tentava esconder a ausência na moça de todas as grandes qualidades que ela mesma possuía, e que valorizava tanto nos outros – essa vergonha traía a falta de um porto seguro para a sua afeição. Nunca chamava o filho por outro nome que não fosse John. “Amor”, “querida”, e outros termos parecidos, eram reservados para Fanny. Mas seu coração agradecia ao filho dia e noite, pois ela caminhava orgulhosamente entre as mulheres por causa dele.

– Fanny, querida, hoje alugamos cavalos para a carruagem, para visitar esses Hales. Não quer ir também e visitar a sua babá? Fica no caminho e ela sempre fica contente de vê-la. Você podia ficar lá enquanto estou na casa de Mrs. Hale.

– Ah, mamãe! É tão longe, e eu estou tão cansada!

– Cansada de quê? – indagou Mrs. Thornton, o rosto levemente contraído.

– Não sei... acho que é o tempo. Está tão abafado. Não pode trazer a babá aqui, mamãe? A carruagem podia buscá-la e deixá-la aqui para passar o dia, eu sei que ela ia gostar.

Mrs. Thornton não disse nada, mas largou o trabalho na mesa, parecendo pensativa.

– É um longo caminho para ela voltar a pé, à noite – observou, por fim.

– Ah! Mas vamos mandá-la de volta em um coche de aluguel. Nunca pensei em mandá-la a pé.

Nesse momento Mr. Thornton entrou, antes de sair para a fábrica.

– Mãe! Nem preciso dizer que, se houver qualquer coisa que possa fazer por Mrs. Hale – que é inválida – tenho certeza que fará.

– Se descobrir o que é, farei. Mas eu mesma nunca estive doente, por isso não entendo muito das necessidades dos inválidos.

– Bem! Aqui está Fanny, então, que sempre está com alguma indisposição. Talvez ela seja capaz de sugerir alguma coisa, não é Fanny?

– Não estou sempre com alguma indisposição – disse Fanny, de mau humor. – E não vou com mamãe. Estou com dor de cabeça, hoje, e não vou sair.

Mr. Thornton pareceu aborrecido. Os olhos da mãe estavam fixos na costura, à qual se dedicava com afinco.

– Eu gostaria que você fosse, Fanny – disse ele, autoritariamente. – Faria bem a você, e não mal. Sei que fará o favor de ir, sem que eu precise dizer mais nada sobre o assunto.

E saiu abruptamente da sala, depois de dizer isso. Se tivesse ficado um

minuto mais, Fanny teria chorado ante o seu tom de comando, mesmo que tivesse usado as palavras “fazer o favor”. Como ele saiu, ela apenas resmungou.

– John sempre fala como se eu fingisse estar doente, e sei que nunca fingi uma coisa dessas. Quem são esses Hales, para ele fazer tanto alarido?

– Fanny, não fale assim do seu irmão. Ele deve ter boas razões, de um jeito ou outro, ou não nos pediria para ir. Apresse-se, vá se vestir.

Mas a pequena discussão entre os filhos não ajudara a deixar Mrs. Thornton mais bem-disposta em relação a “esses Hales”. Seu coração ciumento repetia a pergunta da filha: “Quem são eles, para deixá-lo assim ansioso, com medo que não lhes façamos as honras?” Essa ideia lhe voltava à mente como o estribilho de uma canção, bem depois que Fanny já havia esquecido totalmente o assunto, na agradável ocupação de observar no espelho o efeito de um chapéu novo.

Mrs. Thornton era tímida. Somente nos últimos anos passara a ter tempo suficiente para frequentar a sociedade, e mesmo assim não era coisa que apreciasse. Sentia satisfação em oferecer um jantar, ou criticar os jantares dos outros, mas sair para fazer amizade com estranhos era algo muito diferente. Sentia-se pouco à vontade, e parecia mais severa e circunspecta do que o normal quando entrou na pequena sala de visitas dos Hale.

Margaret estava ocupada bordando uma delicada peça de cambraia, com a qual faria uma roupinha para o bebê que Edith estava esperando. “Que trabalho frívolo e inútil!” pensou Mrs. Thornton. Gostou muito mais do tricô de Mrs. Hale, que considerou bem mais essencial. No geral, a sala era cheia de enfeites, que deviam dar trabalho para limpar. E tempo era dinheiro, para as pessoas de recursos limitados. Pensou em tudo isso enquanto conversava com Mrs. Hale no seu jeito majestoso, expressando todos os estereótipos e lugares comuns que a maioria das pessoas costuma dizer com o pensamento em outra coisa. Mrs. Hale se esforçava ainda mais para responder, encantada com algumas autênticas rendas antigas que Mrs. Thornton ostentava no vestido. “Renda feita com aquele antigo ponto inglês” ela observou depois para Dixon “que não se faz mais há setenta anos, e nem se consegue comprar. Deve ter sido uma herança de algum tear antigo, o que mostra que ela teve ancestrais importantes.” Assim, a dona da renda ancestral tornou-se merecedora de algo mais do que o lânguido esforço para agradar uma visita, ao qual Mrs. Hale, de outra forma, limitaria a sua conversação. E Margaret, torturando seu cérebro para falar com Fanny, ouviu a mãe e Mrs. Thornton entrarem no interminável assunto dos criados.

– Imagino que não saiba tocar – disse Fanny – pois não vejo um piano aqui.

– Adoro ouvir boa música, mas não toco bem. Papai e mamãe não ligam muito para isso, então vendemos nosso velho piano quando viemos para cá.

– Me espanto que consiga viver sem um piano. Para mim parece algo indispensável na vida.

“Quinze libras por semana, das quais três eram economizadas!” pensou Margaret. “Ela devia ser muito criança, com certeza esqueceu da sua experiência pessoal. Mas deve saber sobre aqueles dias.” O tom de Margaret tinha um pouco mais de frieza, quando falou:

– Imagino que devem ter belos concertos aqui em Milton.

– Oh, sim! Maravilhosos! Muito concorridos, isso é o pior. Deixam entrar todo mundo, sem discriminação! Mas com certeza se ouve o que há de mais novo em matéria de música. Sempre faço uma grande encomenda de partituras na Johnson's depois de um concerto.

– Gosta das músicas recentes apenas pela novidade, então?

– Oh! Todos sabem que é a moda em Londres, ou os cantores não iriam trazê-las aqui. Já esteve em Londres, é claro.

– Sim – disse Margaret. – Vivi vários anos em Londres.

– Oh! Londres e a Alhambra são os dois lugares que mais desejo conhecer.

– Londres e a Alhambra?

– Sim! Desde que li os contos de Alhambra! Não os conhece?

– Acho que não. Mas com certeza a viagem até Londres é bem tranquila.

– Sim. Mas, de certo modo – disse Fanny, baixando a voz – como a mamãe nunca esteve em Londres, não consegue entender o meu desejo. Ela tem muito orgulho de Milton, mesmo sendo suja e fumacenta, como eu sei que é. Acredito que ela a admira ainda mais por isso.

– Se este tem sido o lar de Mrs. Thornton por tantos anos, posso entender muito bem que goste daqui – disse Margaret, no seu timbre de voz argentino.

– O que está dizendo sobre mim, Miss Hale? Será que posso perguntar?

Margaret não tinha a resposta pronta para uma questão como essa, que a pegou de surpresa. Então Miss Thornton respondeu:

– Oh, mamãe! Estamos apenas tentando explicar porque gosta tanto de Milton.

– Obrigada – disse Mrs. Thornton. – Eu não sabia que o meu afeto bastante natural pelo lugar em que nasci e me criei – e que tem sido a minha residência por tantos anos – requeresse alguma explicação.

Margaret estava irritada. Da maneira que Fanny colocou, parecia que estavam cometendo a impertinência de discutir os sentimentos de Mrs. Thornton. Mas ela também se revoltou contra o modo daquela senhora demonstrar que estava ofendida.

Depois de uma pausa, Mrs. Thornton continuou:

– Conhece alguma coisa de Milton, Miss Hale? Já viu alguma das nossas fábricas? Ou nossos magníficos depósitos?

– Não! – disse Margaret – Ainda não vi nada desse tipo.

Então percebeu que, escondendo sua total indiferença por todos esses lugares, não estava dizendo a verdade. Por isso continuou:

– Acredito que papai já teria me levado, se eu me importasse. Mas eu realmente não vejo muito interesse em conhecer as fábricas.

– São lugares muito curiosos – disse Mrs. Hale – mas sempre há tanto

barulho e sujeira! Lembro-me que uma vez fui com um vestido de seda lilás visitar uma fábrica de castiçais, e meu vestido ficou totalmente arruinado.

– É bem provável – disse Mrs. Thornton, de modo desagradável. – Eu apenas pensei que, como estranhos que vieram recentemente residir em uma cidade que se tornou uma das mais importantes do país, justamente pelo tipo e a importância do seu negócio, vocês se interessariam por visitar alguns dos lugares onde ele é praticado. São lugares únicos em todo o reino, foi o que me disseram. Se Miss Hale mudar de ideia e condescender em se interessar pelas fábricas de Milton, posso dizer que ficaria feliz de providenciar sua admissão nas fábricas de estampagem ou tecelagem, ou nas operações mais simples de fiação que são feitas nas indústrias do meu filho. Todas as últimas melhorias em termos de maquinário podem ser vistas aqui, creio, no seu mais alto grau.

– Fico feliz que não goste de fábricas e indústrias, e todo esse tipo de coisas – disse Fanny, sussurrando, enquanto se levantava para acompanhar a mãe, que se despedia de Mrs. Hale com dignos murmúrios.

– Acho que eu gostaria de saber tudo sobre elas, se fosse você – respondeu Margaret, calmamente.

– Fanny! – disse a mãe, quando se afastavam na carruagem – Vamos ser educadas com esses Hales, mas não comece uma das suas amigas apressadas com a filha. Ela não é boa para você, já percebi. A mãe está muito doente, mas me parece uma pessoa boa e tranquila.

– Não quero fazer amizade alguma com Miss Hale, mamãe – disse Fanny, com cara de zanga. – Pensei que estivesse fazendo minha obrigação ao conversar com ela e tentar diverti-la.

– Bom, de qualquer forma, acho que agora John deve estar satisfeito.

CAPÍTULO 13

UMA BRISA SUAVE EM UM LUGAR ABAFADO

“A dúvida, a inquietude, o medo e o pesar
E a angústia, tudo sombras vãs
Que a própria morte recusará

Desertos fatigantes devemos trilhar
No sombrio labirinto devemos penetrar
E por negros caminhos subterrâneos ser conduzidos

Mas, se devemos obedecer a um Guia
A trilha mais sombria, o caminho mais escuro
Nos lançarão no mais lindo dia

E nós, nas costas agora arremessados
Os perigos da viagem passados
Na casa do Pai nos veremos, por fim!”

R. C. Trench[1]

Margaret correu escada acima assim que as visitas saíram, colocou o chapéu e o xale e foi apressada saber notícias de Bessy, e ficar com ela o máximo que pudesse antes do almoço. Enquanto andava pelas ruas estreitas e apinhadas, percebeu quanto interesse essas ruas tinham agora para ela, só porque aprendera a se interessar por um dos seus moradores.

Mary Higgins, a desleixada irmã mais nova, se esforçou tanto quanto pôde para deixar a casa limpa a fim de receber a esperada visita. O centro do assoalho havia sido polido, enquanto os ladrilhos embaixo das cadeiras e da mesa e em volta das paredes continuavam sujos e escuros. Embora o dia fosse quente, havia um bom fogo na lareira, fazendo o lugar parecer um forno. Margaret não entendia que esbanjar carvão era um sinal de hospitalidade da parte de Mary, e pensou que talvez o calor opressivo fosse necessário para Bessy. A própria Bessy sentava-se em um pequeno estofado, um tipo de sofá colocado sob a janela. Estava muito mais febril do que no dia anterior, e cansada de levantar-se cada vez que ouvia passos, para ver se era Margaret que chegava. E agora que Margaret estava ali, e sentara-se junto dela, Bessy recostou-se em silêncio, contente de olhar para o rosto de Margaret e tocar seu vestido com uma admiração infantil pela fineza do tecido.

– Nunca entendi antes por que o povo na Bíblia ligava tanto para roupas macias. Mas deve ser bom vestir-se como você. É fora do comum. Fico com os olhos cansados de ver a maioria das pessoas finas usando tantas cores, mas as que você usa me descansam. Onde conseguiu esse vestido?

– Em Londres – disse Margaret, divertida.

– Londres! Você já esteve em Londres?

– Sim! Vivi lá por alguns anos. Mas o meu lar era na floresta, no interior.

– Fale-me dele – disse Bessy. – Gosto que me falem do campo, das árvores e coisas assim.

Ela recostou-se, fechou os olhos e cruzou as mãos sobre o colo, em perfeito repouso, como se estivesse pronta para receber todas as ideias que Margaret pudesse lhe transmitir.

Margaret nunca falara de Helstone, desde que saíra de lá, só mencionara o nome casualmente. Via o povoado apenas em sonhos, mais vivo do que se fosse real, ou quando se deitava à noite e sua memória percorria todas as suas belas paisagens. Mas o coração de Margaret era generoso para com essa menina.

– Oh, Bessy! Eu amava com tanta ternura esse lar que tive que deixar! Queria que pudesse vê-lo. Não consigo lhe descrever metade da sua beleza. Há grandes árvores por toda a parte, que espalham seus galhos enormes e fazem uma boa sombra, mesmo no meio do dia. E ainda que todas as folhas pareçam estar imóveis, há sempre um som farfalhante por toda a volta e mais ao longe. Às vezes a grama é suave e macia como o veludo, outras vezes é molhada, com a perene umidade de um pequeno riacho escondido, que murmura bem pertinho. Em outras partes há samambaias onduladas, galhos e galhos de samambaias. Alguns são bem verdes, outros têm umas listas amarelas como se o sol dourado pousasse sobre eles, como no mar.

– Eu nunca vi o mar – murmurou Bessy. – Mas continue.

– E aqui e ali existem prados, tão altos como se estivessem no topo das árvores.

– Fico contente com isso. Me sinto sufocada nos lugares baixos. Quando saio para dar uma volta, sempre gosto de subir lá no alto e olhar bem longe, e respirar profundamente aquele ar. Me sinto muito abafada em Milton, e acho que aquele som das árvores de que falou, que continua sempre e sempre, me deixaria deslumbrada. É o barulho que faz minha cabeça doer tanto na fábrica. Mas nesses campos acho que tem muito barulho, não é?

– Não – disse Margaret. – Apenas um ou outro som disperso no ar. Às vezes ouço um fazendeiro falar alto com seus criados, mas é tão longe que só me vem à lembrança que as pessoas estão trabalhando em algum lugar distante, enquanto eu apenas me sento na grama e não faço nada.

– Eu costumava pensar que se tivesse um dia de folga, para descansar – um dia em um lugar desse tipo que está falando – isso ia me animar. Mas agora que tenho muitos dias de repouso, estou tão cansada deles como estava do trabalho. Às vezes me sinto tão cansada que acho que não posso aproveitar nem o céu sem antes descansar. Tenho um pouco de medo de ir direto para um lugar desses sem antes tirar uma soneca no túmulo para descansar.

– Não tenha medo, Bessy – disse Margaret, tomando a mão da moça. – Deus pode lhe dar um repouso mais perfeito do que qualquer descanso aqui na terra – ou mesmo o sono da morte – pode lhe dar.

Bessy moveu-se, pouco à vontade. Então disse:

– Gostaria que o pai não falasse daquele jeito. Ele tem boa intenção,

como eu lhe disse ontem, e posso lhe dizer de novo, várias vezes. Mas, você vê, embora eu não acredite nele nem um pouquinho, de dia ou de noite, quando estou com febre, meio dormindo, meio acordada, essas coisas me vem à mente... Oh! É tão ruim! E eu penso que, se isso tem que ser o fim de tudo, e se tudo que sofri foi só para desperdiçar minha vida e meu coração, e para adoecer nesse lugar triste, com essa barulheira infernal nos meus ouvidos o tempo todo... E eu tenho que gritar para que eles parem e me deixem ter um pouco de paz... Com a penugem do algodão enchendo os meus pulmões, até eu querer morrer para poder respirar bem forte, sentindo o ar puro e fresco do qual falou... E a minha mãe que morreu, e eu nunca mais vou poder dizer a ela o quanto eu a amava, e contar dos meus problemas... Acho que se essa vida é o fim, e se não há um Deus para secar todas as lágrimas dos olhos de todo mundo... Você, menina, você...

Sentou-se, agarrando em um ímpeto a mão de Margaret, quase com violência.

– Podia ficar louca e matar você, podia sim...

Caiu para trás, completamente exausta depois dessa emoção tão forte. Margaret ajoelhou-se ao seu lado.

– Bessy... Nós temos um Pai no Céu.

– Eu sei! Eu sei! – disse a moça, virando a cabeça de um lado para o outro, constrangida. – Sou muito má. Falei com muita maldade. Oh! Não fique com medo de mim, nem deixe de vir aqui de novo. Não seria capaz de tocar em um fio do seu cabelo – Abriu os olhos e olhou seriamente para Margaret. – Acho que sei melhor do que você o que está para acontecer. Li o livro do Apocalipse até decorá-lo, e nunca duvidei, quando estou acordada e com a cabeça no lugar, de toda a glória que me espera.

– Não vamos falar das fantasias que vem à sua cabeça quando está com febre. Preferia ouvir alguma coisa sobre o que costumava fazer, quando estava se sentindo bem.

– Acho que estava bem quando a mãe morreu, mas nunca fui muito forte desde aquela época. Comecei a trabalhar cardando a lã, logo depois, e a penugem do algodão entrou nos meus pulmões e me envenenou.

– Penugem? – disse Margaret, com ar inquisitivo.

– Penugem – repetiu Bessy. – Pequenos pedacinhos que voam do algodão, quando a gente está cardando, e se espalham pelo ar como se fosse uma poeira branca. Dizem que se enrolam em volta dos pulmões e vão apertando. De qualquer modo, há muitos que trabalhavam cardando o algodão e acabaram destruídos, tossindo e cuspiendo sangue, justamente porque foram envenenados pela penugem.

– Mas isso não pode ser evitado? – perguntou Margaret.

– Não sei. Algumas pessoas têm uma enorme roda em um canto da sala de cardagem, que joga uma corrente de ar na sala e leva para longe a penugem. Mas essa roda custa muito dinheiro – quinhentas ou seiscentas libras, talvez, e não dá lucro nenhum. Por isso, só poucos patrões puseram essa roda. E ouvi falar de homens que não querem trabalhar nos lugares onde existe uma roda, pois dizem que sentem fome, depois de terem se acostumado a engolir a penugem por tanto tempo e agora ficam sem, e que tem que receber um salário maior, se

trabalharem nesses lugares. Assim, as negociações entre patrões e empregados a respeito das rodas fracassaram. Eu queria que tivesse uma roda no lugar em que trabalho, de qualquer forma.

– Seu pai não sabe sobre isso? – perguntou Margaret.

– Sim. E ele ficou muito triste. Mas a nossa fábrica era uma das melhores, com pessoas muito direitas. E o pai tinha medo de me mandar para um lugar estranho, pois embora agora não pareça, muitas pessoas costumavam dizer que eu era uma mocinha bem bonita. E eu não queria que pensassem que eu era frágil e doentia, e Mary tinha que continuar estudando, a mãe disse, e o pai estava sempre querendo comprar livros, e vivia lendo uma coisa ou outra – tudo isso custava dinheiro. Então eu trabalhei lá, até que nunca mais na vida aquele zumbido saísse dos meus ouvidos, ou a penugem da minha garganta. Foi só isso.

– Que idade tem, Bessy? – perguntou Margaret.

– Faço dezenove em julho.

“E eu também tenho dezenove” pensou Margaret, com mais tristeza do que Bessy, pelo contraste entre elas. Não pôde falar por alguns momentos, tentando conter a emoção.

– Por falar em Mary – continuou Bessy – queria lhe pedir para ser amiga dela. Ela só tem dezessete anos, mas é a última de nós. Eu não quero que vá trabalhar na fábrica, mas não sei ainda o que ela sabe fazer.

– Ela não serve para muita coisa – Margaret olhou de relance para os cantos sujos da peça. – Mal poderia encontrar um lugar de criada, poderia? Temos uma antiga criada, quase uma pessoa da família, que necessita de uma ajudante. Mas ela é muito meticulosa, e não seria certo atormentá-la conseguindo-lhe alguém que acabaria se tornando uma irritação e um aborrecimento.

– Não, tem razão. Acho que está certa. Mary é uma boa menina, mas não teve ninguém para ensiná-la como cuidar da casa. A mãe não podia, e eu na fábrica, até não prestar para mais nada além de repreendê-la por fazer errado o que eu mesma nem sabia fazer. Mas gostaria que ela pudesse viver com você, por isso mesmo.

– Mas, mesmo que ela não seja adequada para viver em nossa casa como criada – e eu não sei nada sobre isso – vou tentar ser uma boa amiga para ela, Bessy, por sua causa. Agora tenho que ir. Virei novamente assim que puder, mas se não for amanhã, ou no dia seguinte, ou mesmo por uma ou duas semanas, não pense que a esqueci. Posso estar ocupada.

– Sei que não vai me esquecer outra vez. Não vou mais desconfiar de você. Mas lembre-se, dentro de uma ou duas semanas eu posso estar morta e enterrada!

– Voltarei assim que puder, Bessy – disse Margaret, apertando com força a sua mão. – Mas mande me avisar, se você piorar.

– Sim, mandarei – disse Bessy, apertando de volta a mão de Margaret.

Desse dia em diante, Mrs. Hale foi se tornando cada vez mais doente. Agora aproximava-se o primeiro aniversário de casamento de Edith, e olhando para trás – para a pilha de problemas que se acumularam naquele ano –

Margaret se perguntava como haviam suportado. Ah! Se pudesse ter previsto tudo isso, como teria recuado e se escondido daquilo tudo que estava por vir! Ainda assim, o dia a dia havia sido bastante suportável, em si mesmo – no meio de tantas tristezas cintilaram pequenos pontos brilhantes de verdadeira alegria. Um ano atrás, quando voltou a Helstone e, pela primeira vez, tomou consciência do aspecto lamuriendo da personalidade da mãe, Margaret teria sofrido amargamente se soubesse que ela enfrentaria uma longa doença em um lugar estranho, desolado, barulhento e movimentado – ainda mais com a redução de muitos dos seus confortos domésticos. Mas surgira no espírito de Mrs. Hale uma nova espécie de paciência, agora que tinha maiores motivos de queixa, sérios e justificados. Tornou-se calma e gentil diante do intenso sofrimento físico, tanto quanto antes fora impaciente e deprimida, quando não havia motivos reais para queixas. Mr. Hale havia chegado a essa exata conclusão. Em um homem da sua espécie, no entanto, isso tomava a forma de uma cegueira deliberada. Ficava muito irritado – como sua filha nunca o vira – quando Margaret expressava a sua ansiedade.

– Realmente, Margaret, você está imaginando coisas! Deus sabe que eu deveria ser o primeiro a ficar alarmado, se sua mãe estivesse realmente doente. Nós sempre percebemos, quando ela sentia suas dores de cabeça em Helstone, mesmo que não nos contasse. Ela fica muito pálida, quando está de fato doente. E agora suas faces estão coradas e brilhantes, como eram quando eu a conheci.

– Mas sabe, papai – disse Margaret, hesitante – acho que esse rubor vem da febre.

– Bobagem, Margaret. Estou dizendo que está imaginando coisas. Quem não está bem é você. Chame o doutor amanhã para ver você, e então, se isso fizer com que se sinta melhor, ele pode ver também a sua mãe.

– Obrigada, querido papai. Isso me deixará mais feliz, realmente.

E ela foi até o pai para beijá-lo. Mas ele a afastou – gentilmente, porém com firmeza – como se ela tivesse sugerido coisas desagradáveis, das quais ele ficaria feliz de livrar-se tão prontamente quando pudesse na sua presença. Caminhava, pouco à vontade, de um lado para o outro da sala.

– Pobre Maria! – dizia ele, como se falasse consigo mesmo. – Espero que se possa fazer o que é certo, sem sacrificar os outros. Eu odiaria esta cidade, e também a mim mesmo, se ela... Diga-me, Margaret, sua mãe tem falado muito com você sobre suas antigas lembranças dos lugares em Helstone?

– Não, papai – disse Margaret, com tristeza.

– Então, minha filha, ela não deve estar triste com isso, não é? Sempre foi um motivo de conforto para mim saber que sua mãe é tão simples e aberta, que eu sempre soube de qualquer pequena angústia que ela tivesse. Ela nunca me esconderia nada de importante que afetasse a sua saúde, não acha, Margaret? Tenho certeza que não esconderia. Então não quero ouvir essas ideias mórbidas. Venha, dê-me um beijo e vá se deitar.

Mas ela continuou a ouvir os seus passos na sala (ruminando, como ela e Edith costumavam dizer), muito depois de ter trocado calmamente de roupa – e muito depois de já ter se deitado.

[1] Richard Chenevix Trench (1807-1886): poeta irlandês e arcebispo anglicano, deão da Abadia de Westminster em Londres.

CAPÍTULO 14

O MOTIM

“Eu costumava
Dormir à noite o doce sono das crianças –
Agora, se o vento sopra forte, me faz tremer,
E pensar no meu pobre menino perdido, sem rumo,
Nos mares tempestuosos. E então eu sinto
O quanto foi duro tomá-lo de mim
Por tão pequena falta.”
Southey [1]

Naquela época, foi um consolo para Margaret descobrir que a mãe se tornara mais íntima dela e a tratava com mais ternura do que jamais havia feito desde os seus dias de criança. Tomou-a como sua confidente e amiga – um posto que Margaret sempre desejara ocupar, e invejava Dixon por ter sido a preferida. Margaret se esforçava para corresponder a todos os apelos da mãe por simpatia – e eram muitos – mesmo quando se tratava de alguma ninharia. Ninharia essa que ela mesma não teria notado ou se importado, mais do que o elefante notaria um alfinete em sua pata, a qual, no entanto, levanta cuidadosamente ao comando do seu guardião. Sem ter consciência, Margaret atraía para si uma recompensa.

Uma noite, quando Mr. Hale não estava, a mãe começou a falar-lhe do seu irmão Frederick. Era um assunto sobre o qual há muito tempo Margaret desejava fazer perguntas, e quase o único em que sua timidez se sobrepunha à sua sinceridade natural. Quanto mais desejava saber sobre ele, menos probabilidade havia de que falasse.

– Oh, Margaret, ventou tanto a noite passada! O assobio do vento descia pela chaminé até o nosso quarto! Não pude dormir. Nunca posso, quando o vento está assim tão terrível. Comecei a sentir insônia quando o pobre Frederick foi para o mar. Mesmo agora, embora não acorde de repente, sonho que ele está em um mar tempestuoso – e que há grandes paredes de ondas de cada lado do seu navio, enormes, transparentes como vidro esverdeado, mas muito mais altas do que os mastros. E essas ondas se curvam sobre o navio, com aquela espuma branca terrível e cruel, como uma serpente gigante eriçada. É um sonho antigo, que sempre volta nas noites de vento. Dou graças a Deus por acordar, e me sento rígida e tensa na cama, tomada pelo terror. Pobre Frederick! Ele agora está em terra, por isso o vento não pode fazer-lhe mal. Embora eu ache que pode derrubar uma daquelas chaminés enormes.

– Onde está Frederick agora, mamãe? Sei que nossas cartas são endereçadas aos cuidados de Monsieur Barbour, em Cádiz. Mas onde ele se encontra, de verdade?

– Não consigo me lembrar do nome do lugar, mas ele não usa o nome de Hale. Deve lembrar-se disso, Margaret. Note que no canto das suas cartas estão as iniciais F. D. Ele tomou o nome de Dickenson. Eu queria que tivesse

adotado o nome Beresford, ao qual pelo menos ele tem direito, mas seu pai achou melhor que não. Ele poderia ser reconhecido, você sabe, se usasse o meu nome de solteira.

– Mãe – disse Margaret – eu estava na casa da Tia Shaw quando tudo isso aconteceu, e acho que talvez não fosse adulta o suficiente para saber toda a verdade. Mas gostaria de saber agora, se puder me dizer, e se não lhe causar muita dor falar sobre isso.

– Dor! Não – respondeu Mrs. Hale, as faces coradas. – No entanto, me dói pensar que talvez eu nunca volte a ver o meu querido menino outra vez. Ou então ele agiu certo, Margaret. Eles podem dizer o que quiserem, mas tenho suas próprias cartas para provar. E acreditarei nele, apesar de ser meu filho, antes de acreditar em qualquer corte marcial do mundo. Vá até a minha escrivaninha japonesa, querida, e na segunda gaveta do lado direito vai encontrar um pacote de cartas.

Margaret foi. Lá estavam as cartas, amareladas e manchadas de mar, com a peculiar fragrância que tem as cartas vindas do oceano. Margaret levou-as para a mãe, que desatou o cordão de seda com dedos trêmulos e, examinando as datas, entregou-as a Margaret para que as lesse. Fazia observações apressadas e ansiosas sobre o seu conteúdo, quase antes que a filha pudesse compreender do que se tratava.

– Veja, Margaret, como ele não gostou do Capitão Reid desde o início. Ele era o segundo tenente no navio – o Órion – no qual Frederick fez sua primeira viagem. Pobre rapaz, como ficava bonito no seu uniforme de aspirante de marinha, com o punhal na mão, abrindo todos os jornais com o punhal como se fosse um abridor de cartas! Mas esse Mr. Reid, como era chamado na ocasião, parece que não gostou de Frederick desde o começo. E então... Espere! Estas são as cartas que ele escreveu a bordo do Russel. Quando foi designado para lá e encontrou o seu velho inimigo Capitão Reid no comando, tinha intenção de aguentar pacientemente a sua tirania. Olhe! É essa a carta, leia, Margaret. Onde ele diz... espere... “Meu pai pode confiar que suportarei com justa paciência tudo o que um oficial e cavalheiro possa suportar de outro. Mas, devido ao meu conhecimento anterior do meu capitão, confesso que prevejo, com temor, uma longa série de tiranias a bordo do Russel”. Veja como ele promete suportar pacientemente, e sei que ele o fez, pois era o menino de temperamento mais doce que já existiu, quando não estava irritado, que é o que deve ter acontecido. É nessa carta que ele fala da impaciência do Capitão Reid para com os homens, por não fazerem as manobras no barco tão rápido como o Avenger? Veja, ele diz que havia muitos novatos no Russel, enquanto o Avenger passara quase três anos na base, sem outra coisa a fazer senão manter os escravos afastados e treinar os seus homens, até que subissem e descessem dos cordames tão rápido quanto macacos ou ratos.

Margaret leu a carta devagar. Estava um tanto ilegível, pois a tinta desbotara. Devia ser – provavelmente era – um relato sobre a arrogância e os desmandos do Capitão Reid a respeito de ninharias. Fora bastante exagerado pelo narrador, que a escrevera no calor da raiva pela cena da discussão. Alguns homens estavam no alto, no cordame do mastro de mezena principal, e o Capitão ordenou que descessem correndo, ameaçando o último a chegar com o chicote de nove tiras. Aquele que era o último no mastro, sentindo a impossibilidade de ultrapassar os companheiros, e apavorado com a ideia de ser chicoteado, jogou-

se desesperadamente para baixo tentando pegar uma corda mais baixa. Falhou e caiu sem sentidos no convés, vindo a morrer algumas horas depois. A indignação entre a tripulação estava no auge, quando o jovem Hale escreveu.

– Mas só recebemos esta carta muito depois, bem depois de sabermos do motim. Pobre Fred! Acho que era um consolo para ele escrever, mesmo que não soubesse como enviar a carta, pobre menino! Então vimos um relato nos jornais – bem antes de recebermos a carta de Fred – dizendo que um motim terrível havia estourado a bordo do Russel, e que os amotinados tomaram posse do navio e fugiram com ele, supostamente para torná-lo um navio pirata. E o Capitão Reid foi embarcado em um bote à deriva, junto com alguns homens – oficiais ou algo assim – cujos nomes foram todos informados, pois haviam sido recolhidos por um navio a vapor das Antilhas. Oh, Margaret! Como eu e seu pai ficamos loucos com essa lista, ao ver que o nome de Frederick Hale não estava lá! Pensamos que devia ser algum engano. O nosso querido Fred era um rapaz tão bom, talvez um tanto passional demais, mas bom. Tínhamos esperança de que o nome Carr, que estava na lista, fosse algum engano com o nome Hale – sabe como esses jornais são descuidados. E antes que chegasse o correio no dia seguinte, seu pai saiu e foi até Southampton pegar os jornais. Eu não podia esperar em casa, então saí para encontrá-lo. Ele estava atrasado – muito mais do que imaginei – e sentei junto à cerca para esperá-lo. Por fim ele chegou, os braços caídos, a cabeça baixa, caminhando pesadamente, como se cada passo lhe custasse um enorme esforço. Parece que o vejo agora, Margaret...

– Não continue, mamãe. Posso entender tudo – disse Margaret, inclinando-se carinhosamente para a mãe e beijando sua mão.

– Não, não pode, Margaret. Só alguém que o tivesse visto naquele momento poderia entender. Mal consegui me levantar para encontrá-lo. De repente, tudo parecia girar à minha volta. E quando me aproximei ele não disse nada, nem pareceu surpreso de me ver ali, em Oldham, a quase cinco quilômetros de casa. Colocou meu braço no seu e acariciou a minha mão, como se quisesse me tranquilizar o bastante para receber algum grande golpe. Eu tremia tanto que não conseguia falar, então ele me tomou em seus braços, encostou a cabeça na minha e começou a tremer e a chorar, gemendo baixinho em uma voz abafada. Fiquei imóvel, de tão aterrorizada, e apenas pedi que ele me contasse o que ouvira. Ele estendeu a mão como se alguém a movesse contra a sua vontade, e deu-me para ler um terrível comunicado, chamando nosso Frederick de “traidor da pior espécie”, “uma vil e ingrata desonra para a sua classe”. Oh! Nem sei dizer quais as palavras ruins que eles não usaram. Assim que li esse papel infame eu o rasguei em pedacinhos... rasguei... Oh! Margaret, acho que o rasguei com os dentes! Eu não chorei. Não podia. Meu rosto ardia como fogo, e até os meus olhos pareciam queimar. Vi o seu pai me olhando, sério. Disse que aquilo era mentira, e era mesmo. Meses depois recebemos essa carta de Frederick, e você pode ver como ele foi provocado. Não foi por si mesmo, nem pelas injúrias que recebeu, que ele se rebelou. Mas disse o que pensava ao Capitão Reid e tudo foi de mal a pior, mas a maioria dos marinheiros foram leais a Frederick.

– Acho, Margaret – ela continuou depois de um momento, exausta, em uma voz fraca e vacilante – que fico até contente com isso. Tenho mais orgulho de Frederick por ter se levantado contra a injustiça, do que se ele tivesse sido apenas um bom oficial.

– Eu também tenho, com certeza – disse Margaret, em um tom firme e decidido. – Lealdade e obediência à sabedoria e à justiça são coisas admiráveis, mas é ainda mais admirável desafiar o poder arbitrário, usado com injustiça e crueldade – não em nosso próprio benefício – mas no benefício de outros mais indefesos.

– É por isso que desejo ver Frederick uma vez mais – só uma. Ele foi meu primeiro bebê, Margaret.

Mrs. Hale falou com tristeza, e quase se desculpendo por seu melancólico desejo, como se isso fosse uma depreciação para a filha que lhe restara. Mas tal ideia nunca passara pela mente de Margaret. Ela estava pensando em como satisfazer o desejo da mãe.

– Isso foi há seis ou sete anos... Será que ainda vão executá-lo, mãe? Se ele voltasse e se submetesse ao julgamento, qual poderia ser a sua punição? Certamente deverá apresentar provas de que foi provocado.

– Isso não seria bom – disse Mrs. Hale. – Alguns dos marinheiros que acompanharam Frederick foram presos, e levados à corte marcial a bordo do Amicia. Acho que todos falaram em sua própria defesa, pobres coitados, e o que disseram confirmava a história de Frederick – mas não adiantou nada...

Pela primeira vez durante essa conversa, Mrs. Hale começou a chorar. Ainda assim Margaret tinha necessidade de saber da mãe o que ela previa – ou antes temia – que tivesse acontecido.

– O que aconteceu a eles, mamãe? – perguntou ela.

– Foram enforcados no mastro do navio – disse Mrs. Hale, solenemente. – E o pior é que a corte marcial, ao condená-los à morte, disse que eles se desgraçaram por terem sido desviados do seu dever pelos seus oficiais superiores.

As duas ficaram em silêncio por longo tempo.

– E Frederick passou vários anos na América do Sul, não é?

– Sim. E agora está na Espanha. Em Cádiz, ou algum lugar perto dali. Se voltar à Inglaterra será enforcado. Nunca mais o verei – pois se voltar à Inglaterra será enforcado.

Não havia como confortá-la. Mrs. Hale virou o rosto para a parede e ficou imóvel no seu desespero de mãe. Não havia nada que se pudesse dizer para consolá-la. Tirou sua mão da de Margaret com um movimento um tanto impaciente, com se quisesse ser deixada sozinha com a lembrança do filho. Quando Mr. Hale chegou, Margaret saiu, oprimida pela tristeza, e sem ver nenhuma perspectiva de claridade no horizonte sombrio.

[1] Caroline Anne Southey (1786-1854): poetisa inglesa

CAPÍTULO 15

PATRÕES E EMPREGADOS

“Pensamento luta com pensamento;
E emana uma centelha de verdade
Da colisão entre a espada e o escudo.”
W. S. Landor[1]

– Margaret – disse seu pai, no dia seguinte – precisamos retribuir a visita de Mrs. Thornton. Sua mãe não está muito bem, e não poderia caminhar tanto. Mas você e eu iremos esta tarde.

Enquanto andavam até lá, Mr. Hale começou a falar sobre a saúde da esposa. Seu tom era de velada ansiedade, e Margaret ficou contente de ver que, por fim, ele percebera a situação.

– Você consultou o médico, Margaret? Mandou chamá-lo?

– Não, papai. O senhor pediu que eu o chamasse para mim, mas eu estava bem. Se ao menos soubesse de algum bom médico iria chamá-lo hoje mesmo, pois tenho certeza que mamãe está seriamente indisposta.

Colocou a verdade com simplicidade e clareza, pois o pai negara completamente a ideia, na última vez que expressara seus temores. Mas agora o caso era outro. Ele respondeu, em tom deprimido:

– Acha que ela está escondendo alguma queixa? Acha que está de fato muito doente? Dixon falou alguma coisa? Oh, Margaret! Estou apavorado, temendo que a nossa vinda para Milton a tenha matado. Minha pobre Maria!

– Oh, papai! Nem pense nunca coisas dessas – disse Margaret, chocada. – Ela não está bem de saúde, isso é tudo. Muita gente não passa bem por um tempo, mas com bons cuidados melhora e fica mais forte do que antes.

– Mas Dixon falou alguma coisa sobre ela?

– Não. O senhor sabe como Dixon gosta de fazer mistério por bobagens, e ela tem sido bastante misteriosa a respeito da saúde de mamãe. Fiquei um pouco alarmada, só isso. Acho até que sem razão alguma. O senhor mesmo disse outro dia que eu estava me tornando imaginativa.

– Espero que de fato esteja. Mas não ligue para o que eu disse naquele dia. Gosto que seja imaginativa a respeito da saúde de sua mãe. Não tenha medo de me contar as suas suposições. Gosto de ouvi-las, embora fale como se estivesse aborrecido. Mas vamos perguntar a Mrs. Thornton se pode nos indicar um bom médico. Não vamos desperdiçar nosso dinheiro com qualquer um, apenas com alguém de primeira classe. Espere, temos que dobrar aqui.

Não parecia haver na rua nenhuma casa grande o suficiente para ser a residência de Mrs. Thornton. Seu filho nunca dera nenhuma indicação sobre o tipo de casa em que vivia. Mas Margaret, inconscientemente, imaginara que uma pessoa alta, sólida, e graciosamente vestida como Mrs. Thornton, devia viver em

uma casa do mesmo tipo. Malborough Street consistia de longas fileiras de casas pequenas, com um muro maciço aqui e ali, pelo menos isso era tudo que conseguíamos ver no ponto em que entramos na rua.

– Ele me disse que morava em Malborough Street, tenho certeza – disse Mr. Hale, com ar perplexo.

– Talvez viver em uma casa modesta seja uma das economias que ele ainda pratica. Mas há muitas pessoas por aqui, vou perguntar a alguém – disse Margaret.

Ela então perguntou a uma pessoa que passava. Foi informada que Mr. Thornton vivia próximo à fábrica, e essa pessoa apontou-lhe a porta da guarita da fábrica, no fim do longo muro maciço que eles tinham notado ao chegar.

A porta da guarita era como a entrada de um jardim público. Em um dos lados havia grandes portões fechados, para a entrada e saída de veículos de carga e vagões. O porteiro os introduziu em um pátio grande e retangular. De um lado havia escritórios, para as transações de negócios. No lado oposto, uma fábrica enorme, com muitas janelas. Dali vinha o ruído contínuo das máquinas, e o longo ronco do equipamento a vapor, alto o suficiente para deixar surdas as pessoas que trabalhassem lá dentro. Oposta ao muro, ao longo do qual corria a rua, em um dos lados estreitos do retângulo, ficava uma bonita casa com telhado de pedra. Enegrecida pela fumaça, por certo, mas com a pintura, as janelas e os degraus escrupulosamente limpos. Tratava-se de uma casa construída há cinquenta ou sessenta anos, era evidente. A cobertura de pedra – as janelas longas e estreitas, em grande número – os lances de escadas que levavam à porta da frente, subindo pelos dois lados e guarnecidos de corrimãos – tudo testemunhava a sua idade. Margaret só imaginava por que as pessoas que viviam em uma casa tão boa, e a mantinham em tão perfeita ordem, não preferiam uma residência bem menor no campo, ou mesmo em algum subúrbio, em vez do contínuo movimento e barulho da fábrica. Seus ouvidos, desacostumados ao ruído, mal podiam captar a voz do pai, enquanto paravam nos degraus esperando que a porta fosse aberta. O pátio, com os grandes portões no muro maciço que limitava o terreno, era uma vista um tanto lúgubre para as salas da casa. Margaret percebeu isso quando foram conduzidos à sala de visitas, depois de subirem as escadarias antiquadas, cujas três janelas se situavam sobre a porta de entrada e o cômodo do lado direito da casa. Não havia pessoa alguma na sala. Parecia que ninguém entrava ali desde o dia em que a mobília fora coberta com todo cuidado, como se a casa fosse ser inundada pela lava para ser descoberta cem anos depois. As paredes eram douradas e rosa-escuro. O tapete tinha um padrão de buquês de flores sobre um fundo claro, mas fora cuidadosamente coberto no centro por um pano de linho, fino e sem cor. As cortinas eram de renda. Cada cadeira ou sofá possuía sua própria cobertura de tecido ou crochê. Grandes conjuntos de alabastro ocupavam as superfícies planas, protegidos da poeira por cúpulas de vidro. No meio da sala, justo embaixo do candelabro também coberto, ficava uma grande mesa circular, com livros finamente amarrados dispostos a intervalos regulares ao redor da sua superfície polida, lembrando os raios coloridos de uma roda. Tudo refletia a luz, nada a absorvia. A sala inteira tinha um aspecto tão aflitivo, com suas manchas de luz, o brilho, a alternância de luz e sombra, que impressionou Margaret desfavoravelmente. Por essa razão ela não percebeu a peculiar limpeza necessária para manter tudo tão branco e puro em tal atmosfera, ou o penoso trabalho despendido para assegurar aquele efeito de desconforto gelado e glacial. Para onde olhasse havia evidências

de cuidado e trabalho, mas não para propiciar conforto ou contribuir para o hábito de tranqüila ocupação doméstica. Era apenas para adorno, e para preservar os adornos da sujeira ou destruição.

Tiveram tempo bastante para observar e conversar um com o outro em voz baixa, antes que Mrs. Thornton aparecesse. Falavam de coisas que o mundo inteiro podia ouvir, mas era um efeito comum em uma sala como aquela, fazer com que as pessoas falassem em voz baixa, como se tivessem medo de acordar estranhos ecos.

Mrs. Thornton veio, afinal, o belo vestido de seda preto farfalhando, como era seu hábito. Suas musselinas e rendas rivalizavam, mas não excediam, a pura brancura das musselinas e tecidos da sala. Margaret explicou por que a mãe não pudera acompanhá-los para retribuir a visita de Mrs. Thornton. Mas na sua ânsia de não reavivar os temores do pai, fez apenas um relato superficial, e deu a Mrs. Thornton a impressão de que a doença de Mrs. Hale era apenas a indisposição breve e imaginária de uma dama, que poderia ter sido posta de lado se ela tivesse um motivo forte o bastante. E se fosse muito séria a ponto de impedi-la de vir naquele dia, a visita poderia ter sido adiada. Lembrando-se, também, dos cavalos de carruagem que tivera que alugar para visitar os Hales – e de como Fanny fora obrigada por Mr. Thornton a ir prestar-lhes seus respeitos – Mrs. Thornton sentiu-se um tanto ofendida, e não ofereceu nenhuma simpatia a Margaret. Na verdade, mal acreditou na sua declaração de que a mãe estava doente.

– Como está Mr. Thornton? – perguntou Mr. Hale. – Fiquei com medo de que não estivesse bem, devido ao seu apressado bilhete de ontem.

– Meu filho raramente adoce, e quando isso acontece não fala no assunto, nem faz disso um motivo para ficar à toa. Ele me disse que não conseguiu um tempo livre para estudar com o senhor na noite passada, Mr. Hale. Ele lamentou, certamente, pois valoriza muito as horas que passa com o senhor.

– Tenho certeza que essas horas são igualmente agradáveis para mim – disse Mr. Hale. – Eu me sinto jovem novamente, ao ver a sua alegria e apreço por tudo que é belo na literatura clássica.

– Não duvido que os clássicos sejam muito atraentes para as pessoas que possuem tempo livre. Mas foi contra os meus conselhos, confesso, que meu filho renovou seus estudos dos clássicos. O tempo e o lugar em que vive me parecem requerer toda a sua energia e atenção. Os clássicos devem fazer muito bem para homens que desperdiçam suas vidas morando no campo ou nas universidades. Mas os homens de Milton devem ter seus pensamentos e energias absorvidos pelo trabalho diário. Pelo menos, esta é a minha opinião.

Disse a última frase com aquele orgulho que imita a humildade.

– Mas, certamente, se a mente fica direcionada para um único objetivo durante muito tempo torna-se rígida e inflexível, e incapaz de ocupar-se de interesses diversos – disse Margaret.

– Não entendo o que quer dizer com uma mente ficar rígida e inflexível. Nem admiro essas naturezas volúveis, que hoje se dedicam inteiramente a uma coisa para esquecê-la totalmente amanhã, em detrimento de um novo interesse. Ter muitos interesses não se coaduna com a vida de um industrial de Milton. É suficiente, ou deveria ser, que ele tenha apenas um grande propósito, e dedique

todos os seus esforços na vida para realizá-lo.

– E que propósito seria esse? – perguntou Mr. Hale.

Suas faces pálidas tornaram-se coradas e os olhos brilharam, enquanto ela respondia:

– Conquistar e manter um lugar de destaque e honrado entre os homens de negócios deste país, e entre os cidadãos da sua cidade. Meu filho conquistou tal lugar por seus próprios méritos. Onde quer que o senhor vá – não digo apenas na Inglaterra, mas em toda a Europa – o nome de John Thornton de Milton é conhecido e respeitado entre todos os homens de negócios.

E acrescentou, com desprezo:

– Ele é desconhecido nas rodas elegantes, é claro.

Era pouco provável que as damas e os cavalheiros ociosos soubessem muito sobre um industrial de Milton, a menos que ele entrasse para o Parlamento ou se casasse com a filha de algum lorde. Tanto Mr. Hale como Margaret sentiram-se constrangidos e ridiculamente conscientes de que nunca haviam ouvido falar desse grande nome, antes que Mr. Bell lhes escrevesse dizendo que Mr. Thornton seria um bom amigo para se ter em Milton. O mundo orgulhoso daquela mãe não era o mundo deles, das gentilezas de Harley Street por um lado, ou dos párcos de interior e proprietários de terras em Hampshire por outro. A expressão do rosto de Margaret, a despeito de todos os seus esforços para mostrar-se apenas como ouvinte, acabou por revelar à sensível Mrs. Thornton estes pensamentos.

– A senhorita está pensando que nunca ouviu falar do meu maravilhoso filho, Miss Hale. Acha que sou uma mulher idosa, cujas ideias se limitam ao universo de Milton, e que acha que o seu pequeno corvo é o mais branco dos pombos.

– Não – disse Margaret, recobrando o espírito. – Posso ter pensado, é verdade, que nunca ouvi o nome de Mr. Thornton antes de vir para Milton. Mas, desde que cheguei aqui, ouvi o suficiente para me fazer respeitá-lo e admirá-lo, e para sentir o quanto há de verdade e justiça naquilo que a senhora disse sobre ele.

– Quem lhe falou dele? – perguntou Mrs. Thornton.

Estava um pouco mais tranquila, mas desconfiada de que as palavras de qualquer outra pessoa não lhe tivessem feito plena justiça. Margaret hesitou antes de responder. Não gostava desse questionamento autoritário. Mr. Hale veio em seu auxílio, ou assim pretendeu:

– Foi o que o próprio Mr. Thornton disse que nos fez ver o tipo de homem que ele é. Não foi, Margaret?

Mrs. Thornton aproximou-se e disse:

– Meu filho não é do tipo que se vangloria dos seus feitos. Posso perguntar-lhe de novo, Miss Hale, pelo relato de quem a senhorita formou uma opinião tão favorável dele? Uma mãe é sempre curiosa e insaciável na sua admiração pelos filhos, como sabe.

Margaret respondeu:

– Foi mais pelo que Mr. Thornton não contou, a respeito do que Mr. Bell havia nos dito sobre a sua vida passada. Foi mais por isso, do que pelo que ele

disse, que nós todos sentimos quanta razão a senhora tem de ter orgulho dele.

– Mr. Bell! O que ele sabe sobre John? Ele, que vive uma vida de ócio, em uma sonolenta universidade. Mas eu lhe agradeço, Miss Hale. Muitas jovens senhoritas teriam evitado conceder a uma velha dama o prazer de saber que seu filho é bem conceituado.

– Por quê? – perguntou Margaret, olhando direto para Mrs. Thornton com expressão de espanto.

– Por quê? Porque imagino que possam ter escrúpulos em mostrar a uma velha mãe a sua certeza de que conseguirão convencê-la a atuar como sua defensora, no caso de terem planos a respeito do coração do filho.

Mrs. Thornton deu um sorriso amargo, pois gostara da franqueza de Margaret. E talvez sentisse que tinha feito perguntas demais, como se tivesse direito a interrogá-la. Margaret riu-se abertamente da ideia que lhe fora apresentada. Riu com tanta alegria, que irritou o ouvido de Mrs. Thornton, como se as palavras que deram motivo a esse riso fossem inteiramente ridículas. Margaret parou de rir assim que percebeu o olhar aborrecido de Mrs. Thornton.

– Peço desculpas, madame. Mas realmente estou muito agradecida à senhora, por me excluir do rol daquelas que fazem planos para o coração do seu filho.

– Já houve moças que fizeram, antes – disse Mrs. Thornton, rígida.

– Espero que Miss Thornton esteja bem – disse Mr. Hale, desejando mudar o rumo da conversa.

– Está tão bem como sempre. Ela não é forte – respondeu Mrs. Thornton, brevemente.

– E Mr. Thornton? Imagino que terei o prazer de vê-lo na quinta-feira?

– Não posso responder pelos compromissos do meu filho. Parece que tem algo desagradável acontecendo na cidade: uma ameaça de greve. Se for assim, meu filho será bastante consultado por seus amigos, por conta da sua experiência e bom senso. Mas acho que ele poderá ir na quinta-feira. De qualquer modo, se não puder ir, tenho certeza que ele o avisará.

– Uma greve! – disse Margaret. – Para quê? Por que fariam uma greve?

– Para dominar e tomar a propriedade dos outros – disse Mrs. Thornton com um trejeito orgulhoso. – É para isso que eles sempre fazem greve. Se os trabalhadores do meu filho fizerem greve, só direi que são um bando de patifes ingratos. Mas não tenho dúvida de que farão.

– Estão querendo salários maiores, suponho? – perguntou Mr. Hale.

– Isso é o que eles dizem. Mas a verdade é que desejam ser patrões, e transformar os patrões em escravos em seu próprio terreno. Estão sempre tentando isso. Carregam essa ideia sempre na mente, e a cada cinco ou seis anos estoura uma luta entre patrões e empregados. Mas desta vez vão se enganar, eu creio – vão ver que as coisas são um pouco diferentes do que pensaram. Se deixarem o trabalho, verão que não será mais tão fácil voltar. Agora, acho que os patrões têm uma ou duas ideias na cabeça que vão ensiná-los a não fazer greve apressadamente, caso tentem.

– Isso não vai deixar a cidade transtornada? – perguntou Margaret.

– É claro que sim. Mas com certeza você não é covarde, é, Miss Hale? Milton não é o lugar certo para os covardes. Me lembro de um tempo em que tive que achar um caminho no meio de uma multidão de homens brancos zangados, todos jurando que derramariam o sangue de Makinson, assim que ele botasse o nariz para fora da fábrica. Ele não sabia de nada disso, alguém tinha que contar-lhe, ou ele seria um homem morto – e precisava ser uma mulher, por isso eu fui. E quanto entrei, não podia mais sair. Era o quanto valia a minha vida. Então subi para o telhado, onde havia pilhas de pedras prontas para jogar na cabeça da multidão, se tentassem forçar as portas da fábrica. E eu teria levantado aquelas pedras pesadas e jogado com tão boa pontaria quanto qualquer um dos melhores homens, se não tivesse desmaiado com o calor. Para viver em Milton deve aprender a ter um coração valente, Miss Hale.

– Farei o melhor possível – disse Margaret, um tanto pálida. – Não saberei se sou corajosa ou não até que seja testada. Mas temo que possa ser uma pessoa covarde.

– As pessoas do sul que vivem no campo costumam ficar assustadas com aquilo que os homens e mulheres do Darkshire chamam apenas de viver e lutar. Mas quando passar dez anos entre pessoas que acham sempre que tem uma dívida de rancor para com os seus superiores, esperando apenas uma oportunidade para pagá-la, saberá se é ou não covarde, pode acreditar no que digo.

Naquela noite, Mr. Thornton foi a casa de Mr. Hale. Foi conduzido à sala, onde Mr. Hale estava lendo alto para a esposa e a filha.

– Vim em parte para trazer um bilhete da minha mãe, e em parte para me desculpar por não ter podido comparecer ontem. O bilhete contém o endereço que o senhor solicitou, do Dr. Donaldson.

– Muito obrigada! – disse Margaret, rapidamente, estendendo a mão para pegar o bilhete.

Não queria que a mãe soubesse que estiveram perguntando por um médico. Ficou contente ao ver que Mr. Thornton compreendeu imediatamente a sua intenção. Deu-lhe a nota sem qualquer outra palavra de explicação. Mr. Hale começou a falar sobre a greve. O rosto de Mr. Thornton assumiu uma expressão parecida com a da mãe, e Margaret, que o observava, desviou o olhar no mesmo instante.

– Sim, esses tolos vão entrar em greve. Deixe-os. Para nós está muito bem. Mas nós lhe demos uma chance. Pensam que os negócios continuam prósperos como no ano passado. Nós estamos vendo a tempestade no horizonte e preparamos os nossos navios, mas como não explicamos as nossas razões, não acreditam que estamos agindo de modo razoável. Temos que explicar-lhes com detalhes como gastamos ou economizamos nosso dinheiro. Henderson tentou um artifício com os seus homens lá em Ashley, e falhou. Ele queria mais uma greve, teria sido muito conveniente para ele. Então, quando os homens vieram pedir os cinco por cento que desejavam, ele disse que pensaria nisso e lhes daria a resposta no dia do pagamento. Sabia muito bem qual seria a sua resposta, é claro, mas pensou em reforçar a presunção deles com seus próprios métodos. Mas eles eram mais espertos, e ouviram algo sobre as perspectivas ruins do negócio. Assim, vieram na sexta-feira e retiraram seu pedido, e agora ele é obrigado a continuar trabalhando. Mas nós, os patrões de Milton, tomamos hoje a nossa

decisão. Não vamos adiantar um centavo sequer. Vamos dizer a eles que podemos ser obrigados a baixar os salários, mas não temos como pagar um aumento. E aqui ficamos, esperando pelo seu próximo ataque.

– E como será esse ataque? – perguntou Mr. Hale.

– Eu presumo que será uma greve geral. Creio que dentro de poucos dias a senhora verá Milton sem a fumaça, Mrs. Hale.

– Mas por quê? – perguntou ela. – Os senhores não podem explicar as razões sérias que têm para esperar maus negócios? Não sei se usei as palavras certas, mas creio que entenderá o que digo.

– A senhora explica aos seus criados as razões pelas quais gasta ou economiza seu próprio dinheiro? Nós, os capitalistas, temos o direito de escolher o que fazer com o nosso capital.

– Um direito humano – disse Margaret, bem baixinho.

– Desculpe, mas não ouvi o que disse.

– Prefiro não repetir o que disse – respondeu Margaret. – Diz respeito a um sentimento que não acredito que o senhor compartilhe.

– Não quer me colocar à prova? – pediu ele.

Mr. Thornton de repente insistia em saber o que ela dissera. Ela ficou incomodada com a sua insistência, mas resolveu não dar muita importância para aquelas palavras.

– Disse que o senhor tinha um direito humano. Quis dizer que parece não haver razão alguma, a não ser religiosa, para que não faça o que quiser com o que é seu.

– Sei que divergimos em nossas opiniões sobre a religião. Mas não quer me dar o crédito por ter alguma, mesmo que não seja a mesma sua?

Ele falava em uma voz suave, como se estivesse se dirigindo apenas a ela. Margaret não desejava ser interpelada de forma tão exclusiva. Respondeu no seu tom habitual:

– Não acho que tenha tido ocasião de considerar nenhuma das suas opiniões religiosas com respeito a este caso. Tudo o que quis dizer é que não existe qualquer lei humana que impeça os empregadores de gastar inteiramente ou jogar fora todo o seu dinheiro, se quiserem. Mas há passagens na Bíblia que poderiam significar – pelo menos para mim – que eles estariam negligenciando seus deveres como administradores se fizessem isso. No entanto, entendo tão pouco de greves, de valores salariais, de capital, de trabalho, que é melhor não discutir com um economista político como o senhor.

– Pelo contrário, tem mais razão ainda de fazê-lo – disse ele, com veemência. – Eu apenas ficaria feliz de explicar-lhe tudo o que possa parecer anômalo ou misterioso para uma pessoa estranha. Especialmente em um momento como este, em que cada uma das nossas ações está sendo debatida por qualquer escrevinhador que consiga segurar uma caneta.

– Obrigada – ela respondeu, friamente. – Naturalmente, devo dirigir-me primeiro ao meu pai para buscar qualquer informação que ele possa me dar, se me sentir por demais confusa vivendo aqui no meio desta estranha sociedade.

– Acha a nossa sociedade estranha? Por quê?

– Não sei... Acho que é porque, na realidade vejo duas classes dependentes uma da outra de todos os modos possíveis, e ainda assim cada uma olha os interesses da outra como opostos aos seus próprios. Nunca antes vivi em um lugar em que houvesse dois grupos de pessoas sempre criticando um ao outro.

– Quem a senhorita já viu criticando os patrões? Não estou perguntando se já viu alguém maltratando os trabalhadores, pois vejo que persiste em entender mal o que eu disse no outro dia. Mas já viu alguém criticando os patrões?

Margaret corou. Então sorriu e disse:

– Não gosto de ser catequizada. Recuso-me a responder à sua pergunta. Além disso, não tem nada a ver com o assunto. Deve aceitar minha palavra de que já vi algumas pessoas, ou, talvez, apenas um dos trabalhadores, falar como se houvesse interesse dos empregadores em impedi-los de ganhar dinheiro... que se tornariam muito independentes se tivessem algum dinheiro economizado.

– Aposto que foi o tal de Higgins que lhe disse tudo isso – disse Mrs. Hale.

Mr. Thornton pareceu não ter ouvido aquilo que Margaret não queria que soubesse. Mas ele entendeu, apesar de tudo. Margaret continuou:

– Já ouvi dizer, além do mais, que é considerada uma vantagem para os patrões manter empregados ignorantes... não advogados incompetentes, como o Capitão Lennox costuma chamar aqueles homens na sua companhia que questionam e querem saber a razão de qualquer ordem.

Dirigiu esta última parte da sua frase tanto para seu pai quanto para Mr. Thornton. “Quem era o Capitão Lennox?”, perguntava-se Mr. Thornton, com uma estranha sensação de desconforto, que o impediu de responder à Margaret. Seu pai continuou a conversa.

– Você nunca gostou de escolas, Margaret, do contrário saberia o quanto está sendo feito em prol da educação em Milton.

– Não – disse ela, com súbita obediência. – Sei que não ligo muito para escolas. Mas o conhecimento e a ignorância de que falo não se referem a saber ler e escrever, ou aos ensinamentos e informações que se dão a uma criança. Estou certa de que se refere à sabedoria que deve guiar homens e mulheres. Mal sei o que isso significa. Mas ele – isto é, meu informante – fala como se os patrões desejassem que a sua mão de obra fosse igual a uma criança grande e forte – vivendo apenas o momento presente, com um tipo de obediência cega e irracional.

– Em suma, Miss Hale, é evidente que o seu informante encontrou uma ouvinte bastante disposta para todas as calúnias que ele resolveu proferir contra os patrões – disse Mr. Thornton, em um tom ofendido.

Margaret não respondeu. Estava desgostosa com o caráter pessoal que Mr. Thornton conferiu ao que ela dissera.

Mr. Hale falou em seguida:

– Devo confessar que – embora eu não tenha me tornado amigo de

nenhum trabalhador, como Margaret fez – estou bastante espantado com o antagonismo entre os empregados e os patrões, que me parece a ponto de estourar. E confirmei essa impressão pelas coisas que o senhor mesmo disse, algumas vezes.

Mr. Thornton fez uma pausa, antes de responder. Margaret acabara de deixar a sala, e ele estava irritado com o estado do relacionamento entre os dois. O pequeno aborrecimento, no entanto, acabou por conferir grande dignidade ao que ele disse, ao torná-lo mais sério e pensativo:

– Minha teoria é de que os meus interesses são idênticos aos dos meus trabalhadores, e vice-versa. Sei que Miss Hale não gosta que os trabalhadores sejam chamados de “mão de obra”, por isso não usarei esta expressão, embora ela me venha prontamente aos lábios como um termo técnico. Sua origem, qualquer que seja, é anterior ao meu tempo. Algum dia no futuro – em algum milênio – na Utopia[2], essa unidade pode ser colocada em prática, assim como posso fantasiar que a república é a melhor forma de governo.

– Vamos ler a República, de Platão, assim que terminarmos Homer.

– Bem, na visão de Platão, podia acontecer que todos – homens, mulheres e crianças – fossem aptos para a república, mas para o nosso estado atual de moral e conhecimento prefiro uma monarquia constitucional. Na nossa infância precisamos de uma tirania sábia para nos governar. Na verdade, bem depois da infância, as crianças e os jovens são mais felizes sob as leis infalíveis de uma autoridade firme e discreta. Concordo com Miss Hale até onde considera nosso povo como crianças, mas nego que nós, os patrões, tenhamos alguma responsabilidade por mantê-los nessa condição, ou fazê-los assim. Sustento que o despotismo é o tipo de governo que mais lhes convém, por isso, nas horas em que estou em contato com os homens, devo necessariamente ser um autocrata. Usarei da maior sabedoria – sem nenhum sentimento filantrópico ou de trapaça, dos quais já tivemos demais aqui no Norte – para fazer normas sensatas e tomar decisões justas na condução dos meus negócios. Normas e decisões que venham primeiro em meu benefício – e no benefício deles em segundo lugar. Mas não serei obrigado a justificar minhas atitudes, nem recuaré daquilo que já tiver decidido. Que parem de trabalhar, se quiserem! Vou sofrer tanto quanto eles, mas no final verão que não vou recuar nem me mover um milímetro.

Margaret havia voltado para a sala, e estava sentada com seu trabalho de agulha. Não falou nada. Mr. Hale respondeu:

– Devo estar falando como alguém que não conhece o assunto, mas pelo pouco que sei, diria que as massas já estão passando rapidamente pelo estágio de inquietação que separa a infância da idade adulta, tanto na vida social quanto na individual. E o erro que muitos pais cometem, ao tratar o indivíduo em nossa época, é insistir na mesma obediência irracional, como no tempo em que tudo o que esse indivíduo precisava fazer era obedecer a leis simples como “venha quando for chamado” ou “faça o que lhe mandam”. Mas o pai sábio estimula o desejo pela ação independente, de modo a tornar-se amigo e conselheiro, quando a sua autoridade absoluta cessar. Se eu estiver errado na minha opinião, lembre-se que foi o senhor quem fez a analogia.

– Recentemente – disse Margaret – ouvi a história do que aconteceu em Nuremberg, há três ou quatro anos. Um homem rico vivia sozinho ali, em uma das imensas mansões que antigamente serviam tanto como residências quanto

como armazéns. Diziam que tinha um filho, mas ninguém sabia ao certo. Durante quarenta anos esse rumor aumentava e diminuía, sem desaparecer de todo. Depois da morte desse homem descobriu-se que era verdade. Ele tinha um filho – um homem adulto, mas com o cérebro de uma criança – a quem ele mantivera nessa estranha condição para preservá-lo da tentação e do erro. Mas, é claro, quando essa criança grande ficou sozinha no mundo, todos os maus conselheiros tinham poder de influenciá-lo. Ele não sabia distinguir o bem do mal. Seu pai cometera o grande erro de mantê-lo na ignorância achando que isso era inocência. E depois de quatorze meses de uma vida desordenada, as autoridades da cidade tiveram que encarregar-se dele para evitar que morresse de fome. Ele não conseguia usar direito as palavras nem para obter algum sucesso como mendigo.

– Eu realmente usei a comparação (sugerida por Miss Hale) entre a posição do pai e a do patrão, logo não devo queixar-me de que ela tenha usado a semelhança como uma arma contra mim. Mas quando estabeleceu um pai sábio como um modelo para nós, Mr. Hale, disse que ele estimularia seus filhos a agir de forma independente. Certamente, ainda não chegou o momento da mão de obra ter alguma independência de ação durante as horas de trabalho. Então não sei bem o que quis dizer com isso. Mas sei que os patrões estão abrindo caminho para a independência dos seus trabalhadores de um modo que eu, como um deles, não acharia justo fazer, pois se interferimos demais na sua vida eles começam a deixar as fábricas. Só porque trabalham dez horas por dia para nós, não acho que temos o direito de impor uma orientação e um controle sobre aquilo que fazem com o resto do seu tempo. Dou tanto valor à minha independência, que não posso imaginar degradação maior do que ter outra pessoa eternamente me dirigindo e me aconselhando e me reprovando – ou mesmo planejando qualquer uma das minhas ações. Pode ser o mais sábio dos homens, ou o mais poderoso – vou me rebelar da mesma forma, e me ressentir da sua interferência. Acho que esse sentimento é tão forte no norte da Inglaterra quanto no sul.

– Desculpe-me, mas isso não acontece justamente porque não existe a igualdade da amizade entre a classe dos conselheiros e a dos aconselhados? Porque cada homem tem que manter-se em uma posição isolada e pouco cristã, separado do seu irmão e com inveja dele, e constantemente temeroso de que seus direitos sejam violados?

– Estou apenas reconhecendo um fato. Bem, Mr. Hale, lamento dizer, mas tenho um compromisso às oito horas, e devo apenas tomar os fatos como os encontrei hoje à noite, sem tentar explicá-los. Da forma que as coisas se encontram, isso certamente não fará nenhuma diferença na determinação de como agir... Os fatos devem ser aceitos.

– Mas – disse Margaret, em voz baixa – para mim parece que isso faz toda a diferença do mundo.

Seu pai fez-lhe um sinal para que silenciasse e deixasse Mr. Thornton concluir o que tinha a dizer. Ele já havia se levantado e preparava-se para sair.

– Deve conceder-me este único ponto. Dado o forte sentimento de independência de cada homem do Darkshire, tenho eu algum direito de impor a esse homem os meus pontos de vista sobre a maneira como ele deve agir para com os outros (odiando tanto isso como odiaria ainda mais veementemente se fosse comigo), só porque ele tem o seu trabalho para vender e eu tenho capital

para comprar?

– De modo algum – disse Margaret, determinada a falar apenas isso – de modo algum. Não por causa das suas posições de trabalho e capital, sejam quais forem, mas porque o senhor é um homem lidando com um grupo de homens sobre o qual tem imenso poder – quer rejeite o uso desse poder ou não – e porque as suas vidas e o seu bem-estar estão constante e profundamente interligados. Deus nos criou para sermos mutuamente dependentes. Podemos ignorar nossa própria dependência, ou negar a verdade de que muitos dependem de nós em muitos aspectos além do pagamento de salários semanais. Todavia, as coisas são assim. Nem o senhor nem qualquer outro patrão podem ajudar a si mesmos. Mesmo o homem mais orgulhoso e independente depende daqueles ao seu redor pela sua influência inconsciente sobre o seu caráter e a sua vida. E o mais isolado entre todos os seus Independentes do Darkshire, tem dependentes pendurados nele por todos os lados. E não pode livrar-se deles, da mesma forma que um grande rochedo não pode livrar-se...

– Por favor, não faça comparações, Margaret. Você já nos desviou do assunto antes com isso... – disse seu pai, sorrindo.

Apesar do sorriso, sentia-se constrangido, pois pensava que estavam retendo Mr. Thornton contra a sua vontade. Era um engano, pois ele preferia ficar, desde que Margaret falasse – embora o que ela dissesse apenas o irritasse.

– Apenas me diga, Miss Hale, já foi alguma vez influenciada... Não, a comparação não é justa. Mas, digamos, se está sempre consciente de ser influenciada pelos outros, e não pelas circunstâncias, esses outros estariam agindo direta ou indiretamente? Estariam trabalhando no sentido de estimular, de se impor, de agir corretamente para servir de exemplo, ou seriam apenas homens simples e verdadeiros, fazendo a sua obrigação e agindo com firmeza, sem pensar em como suas ações poderiam tornar um homem laborioso, ou promover a sua salvação? Porque, se eu fosse um trabalhador, ficaria vinte vezes mais impressionado se soubesse que meu patrão era honesto, exigente, ativo e resolutivo em todas as suas atitudes (e os trabalhadores são espíões mais argutos que os lacaios), do que por qualquer interferência, ainda que bem-intencionada, sobre o meu modo de agir nas horas em que não estou trabalhando. Não costumo pensar muito naquilo que eu mesmo sou. Mas creio que confio na justa honestidade da minha mão de obra, e na franqueza da sua oposição, em distinto contraste com a forma com que a greve será gerida em algumas fábricas, só porque eles sabem que eu desprezo a ideia de tirar alguma vantagem desonrosa, ou fazer alguma coisa às escondidas. Isso vai além de um curso inteiro de palestras sobre “A Honestidade é a Melhor Política”, que é a vida diluída em palavras. Não, não! O que o patrão é, os empregados também serão, mesmo que não haja intenção da parte dele.

– Essa é uma confissão e tanto – disse Margaret, rindo. – Quando vejo homens violentos e obstinados em busca de seus direitos, posso inferir com segurança que o patrão é assim também, e que ignora um pouco aquele espírito que sofre há longo tempo, e é benigno, e não busca o sofrimento?

– A senhorita é igual a todos os estranhos que não entendem o funcionamento do nosso sistema, Miss Hale – disse ele, com rudeza. – Supõe que nossos homens são bonecos de massa, prontos para serem moldados em qualquer forma amável que nos agrade. Esquece que só participamos de menos de um terço das suas vidas, e parece não perceber que as responsabilidades de um

empregador são muito maiores e mais amplas do que as de um mero trabalhador. Temos um vasto negócio comercial para manter, o que nos coloca entre os pioneiros da civilização.

– Parece-me – disse Mr. Hale, sorrindo – que o senhor pode ser um pouco pioneiro na sua própria casa. Eles são um grupo de homens brutos e idólatras, esses seus homens de Milton.

– Eles são mesmo – respondeu Mr. Thornton – Água de rosas não funciona com eles. Cromwell teria sido um magnífico proprietário de fábrica, Miss Hale. Eu gostaria que pudéssemos contar com ele para acabar com esta greve para nós.

– Cromwell não é um herói para mim – ela disse, friamente. – Mas estou tentando conciliar a sua admiração pelo despotismo com o seu respeito pela independência de caráter dos outros homens.

Ele enrubescceu ao ouvir isso.

– Prefiro ser o inquestionável e isento patrão dos meus empregados, durante as horas em que trabalham para mim. Mas fora desse horário, nossa relação termina, e aí entra o mesmo respeito pela sua independência que eu mesmo exijo para comigo.

Ele não voltou a falar por um minuto, tamanha era a sua irritação. Mas livrou-se disso e deu boa-noite para Mr. e Mrs. Hale. Então, dirigindo-se a Margaret, falou em voz baixa:

– Eu fui rude ao falar com a senhorita esta noite, e temo que tenha sido um tanto áspero. Mas, a senhorita sabe, sou apenas um grosseiro industrial de Milton. Poderia perdoar-me?

– Certamente – disse ela.

Olhou-o sorrindo. A expressão do rosto dele era um tanto ansiosa e aflita, e mal dissipou-se quando encontrou o semblante doce e ensolarado de Margaret, do qual todos os efeitos do vento norte da sua discussão já tinham desaparecido completamente. Mas ela não lhe estendeu a mão. Ele sentiu outra vez a omissão, que atribuiu ao orgulho.

[1] Walter Savage Landor (1775-1864): poeta e escritor inglês, autor da obra *Conversas Imaginárias*, conhecido texto em prosa, onde poetas, políticos, filósofos e escritores da antiguidade clássica greco-romana e da história da Inglaterra travam extensos diálogos sobre os grandes temas sociais e das artes em geral.

[2] Utopia é um país imaginário, criação de Thomas Morus (1480-1535), escritor inglês, onde um governo, organizado da melhor maneira, proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz. O termo passou a designar também qualquer lugar ou situação ideais.

CAPÍTULO 16
A SOMBRA DA MORTE

“Confia naquela mão secreta, que leva
A ninguém pela trilha em que ele avança;
E esteja sempre preparado para a mudança,
Pois por lei, o mundo é fluxo e refluxo.”
Do Árabe

Na tarde seguinte Dr. Donaldson veio fazer sua primeira visita a Mrs. Hale. Aquele mistério – que Margaret esperava que tivesse sido desfeito com seus recentes hábitos de intimidade – foi renovado entre elas. Ela foi excluída da sala, enquanto Dixon era admitida. Margaret não era uma amante fácil de conquistar, mas quando amava, amava apaixonadamente, e com considerável grau de ciúme.

Ela entrou no quarto da mãe, que ficava logo atrás da sala, e começou a andar de um lado para o outro, esperando a saída do médico. De vez em quando parava para escutar, imaginando ouvir um gemido. Apertava as mãos e prendia o fôlego. Tinha certeza que ouvira um gemido. Então tudo ficou em silêncio por mais alguns minutos. Depois ouviu o arrastar das cadeiras, as vozes se elevando, todos as pequenas perturbações comuns nas despedidas.

Quando ouviu a porta abrir-se, saiu rapidamente do quarto.

– Meu pai não está em casa, Dr. Donaldson. Ele tem que atender um aluno neste horário. O senhor se incomodaria de me acompanhar até a sua sala, lá embaixo?

Ela percebeu e triunfou sobre todos os obstáculos que Dixon colocou em seu caminho, assumindo sua justa posição de filha da casa, um pouco no espírito de “O Irmão mais Velho”^[1], que venceu a impertinência do velho criado com muita eficácia. Essa postura digna em relação a Dixon, diferente dos seus hábitos e conscientemente assumida por Margaret, propiciou-lhe um momento de diversão no meio da sua ansiedade. Ela sabia, pela expressão de surpresa no rosto de Dixon, como devia estar parecendo majestosa. Desceu as escadas com essa ideia em mente, o que lhe permitiu esquecer por um instante a penetrante angústia que lhe causava o assunto que tinha em mãos. Agora o assunto lhe voltava à mente, e parecia deixá-la sem fôlego. Demorou alguns momentos para que conseguisse dizer alguma coisa.

Mas falou em um tom de comando, quando perguntou:

– Qual é o problema com mamãe? Peço-lhe a gentileza de me dizer simplesmente a verdade.

Então, sentindo uma leve hesitação por parte do médico, acrescentou:

– Sou a única filha que ela tem – pelo menos, aqui. E meu pai não está preocupado o suficiente, eu creio. Então, se houver algum problema sério, devo

contar-lhe a notícia com gentileza. Eu posso fazer isso. Posso cuidar de mamãe, também. Por favor, diga-me, senhor. Olhar para o seu rosto, e não conseguir decifrá-lo, me enche de um temor que espero que nenhuma palavra sua possa justificar.

– Minha prezada jovem, sua mãe parece ter uma criada muito atenciosa e eficiente, que mais parece uma amiga...

– Eu sou a filha dela, senhor.

– Mas não devo contar-lhe. Ela pediu-me expressamente que não lhe contasse...

– Não sou paciente nem boa o suficiente para me submeter a essa proibição. Além disso, tenho certeza que o senhor é sensato demais e experiente demais para prometer guardar esse segredo.

– Bem – ele disse, com um sorriso meio triste – nisso você está certa. Eu não prometi. Na verdade, temo que o segredo logo seja descoberto, sem que eu precise revelá-lo.

Ele fez uma pausa. Margaret ficou muito pálida e comprimiu mais os lábios. Fora isso, não moveu um músculo. Com a rápida percepção do caráter da moça, sem a qual nenhum médico poderia alcançar a eminência do Dr. Donaldson, ele viu que deveria contar a verdade por inteiro. Ela saberia se ele omitisse uma vírgula. E a omissão representaria uma tortura maior do que o conhecimento da verdade. Ele pronunciou duas frases curtas em voz baixa, observando-a o tempo todo. Viu suas pupilas se dilatarem em um negro terror e a brancura da sua tez se tornar lívida. Ele parou de falar. Esperou pelo olhar de desespero e a voz entrecortada que se seguiriam. Então ela disse:

– Eu lhe agradeço sinceramente pela sua confiança, senhor. Há várias semanas que venho temendo isso. É uma verdadeira agonia! É terrível! Pobre, pobre mamãe!

Seus lábios começaram a tremer, e o médico deixou que Margaret se entregasse ao alívio das lágrimas, seguro de que ela conseguiria controlar-se. Umhas poucas lágrimas... foi tudo o que ela se permitiu, antes de lembrar-se das perguntas que há muito tempo desejava fazer.

– Ela vai sofrer muito?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não há como dizer. Depende da constituição da pessoa e de mil outras coisas. Mas as últimas descobertas da ciência médica nos permitem aliviar muito esse sofrimento.

– Meu pobre pai! – disse Margaret, estremeecendo.

– Não conheço Mr. Hale. Quero dizer, é difícil dar conselhos. Mas eu lhe diria para ter em mente que esse conhecimento – que me obrigou a lhe dar de modo tão abrupto, até que eu não pudesse recusar – agora tornou-se familiar a você, em algum grau, de modo que pode, sem muito esforço, oferecer a seu pai todo o conforto que puder. Antes, porém, das minhas visitas – que, é claro, vou repetir de vez em quando, embora receie que não possa fazer nada além de aliviar – mil pequenas circunstâncias terão ocorrido para despertar a preocupação dele, aprofundá-la, de modo que ele acabará por ficar bem preparado. Não, minha cara jovem... Não, minha querida... Estive com Mr.

Thornton, e respeito seu pai pelo sacrifício que ele fez, por mais errado que eu acredite que ele esteja. Bem, por essa vez apenas, se faz questão, minha querida... Apenas recorde que, quando eu voltar, virei como amigo. E você tem que aprender a me ver como tal, porque nos vemos – ou nos conhecermos em circunstâncias como essas, vale por anos de visitas matinais.

Margaret não conseguiu falar devido ao choro. Mas apertou a mão dele, quando se despediu.

– Isso é o que eu chamo de uma bela moça! – pensou Dr. Donaldson, quando entrou em sua carruagem e teve tempo para examinar a mão que ela apertara, que ficara um pouco dolorida. – Quem diria que uma mãozinha como aquela fosse capaz de tal aperto? Mas os ossos estavam bem juntos, o que lhe dá uma força enorme. Ela é uma verdadeira rainha! Com a cabeça jogada para trás no início, para me forçar a falar a verdade, e depois inclinando-se ansiosamente para ouvir. Coitadinha! Posso ver que ela não é dada a esforços exagerados. Apesar de que é impressionante o quanto essas criaturas bem-criadas podem aguentar e sofrer. Essa menina joga para valer. Outra, que chegasse a ficar mortalmente pálida como ela, nunca conseguiria voltar ao normal sem desmaiar ou ficar histérica. Mas ela não faria esse tipo de coisa... Não ela! Recuperou-se com a sua própria força de vontade. Uma moça como essa podia conquistar meu coração, se eu fosse trinta anos mais jovem. Agora é muito tarde. Ah! Aqui está a residência dos Archers.

E ele saltou da carruagem – com sua sabedoria, seriedade, experiência e simpatia – pronto para atender aos chamados feitos por essa família, como se não houvesse nenhuma outra no mundo.

Enquanto isso, Margaret retornava ao estúdio do pai por um momento, para recuperar as forças antes de subir para ver a mãe.

– Oh, meu Deus, meu Deus! Mas isso é terrível. Como hei de suportar? Essa doença mortal! E nenhuma esperança! Ah, mamãe, mamãe, quem dera eu nunca tivesse ido para a casa da tia Shaw, e ficasse longe de você durante todos aqueles preciosos anos! Pobre mamãe! Quanto ela deve ter suportado! Oh, peço-te, meu Deus, que seu sofrimento não seja muito agudo, muito terrível. Como vou suportar vê-lo? Como posso suportar a agonia do papai? Não devo contar-lhe ainda, não tudo de uma vez. Isso iria matá-lo. Mas não vou perder outro momento com a minha querida e preciosa mãe.

Correu para cima. Dixon não estava no quarto. Mrs. Hale estava estendida em uma espreguiçadeira, envolta em um suave xale branco e usando um discreto chapéu, que pusera para esperar a visita do doutor. Seu rosto tinha uma cor um tanto fraca, e o próprio cansaço após o exame dava-lhe um olhar tranqüilo. Margaret ficou surpresa de vê-la com aparência tão calma.

– Como você parece estranha, Margaret! O que está acontecendo?

E então, quando se deu conta de qual era a sua verdadeira situação, acrescentou, um pouco indignada:

– Você não andou vendo o Dr. Donaldson para fazer-lhe alguma pergunta, não é, minha filha?

Margaret não respondeu, só olhou melancolicamente para ela. Mrs. Hale tornou-se mais descontente.

– Ele não teria, com certeza, quebrado a sua palavra para comigo e...

– Oh, sim, mamãe, ele quebrou. Eu o obriguei. Fui eu, sou a única culpada.

Ela ajoelhou-se ao lado da mãe e pegou-lhe a mão. Não a soltaria, embora Mrs. Hale tentasse puxá-la. Continuou a beijá-la, molhando-a com as suas lágrimas.

– Margaret, foi muito errado o que fez. Sabia que eu não queria que soubesse.

Mas, como se estivesse cansada de contestar, deixou a mão na de Margaret, e pouco a pouco apertou de volta a mão da filha. Isso encorajou Margaret a falar.

– Ah, mamãe! Deixe que eu cuide da senhora. Vou aprender tudo o que Dixon me ensinar. Mas, sabe, eu sou sua filha, e acho que tenho o direito de fazer tudo o que puder pela senhora.

– Não sabe o que está pedindo – disse Mrs. Hale, estremeecendo.

– Sim, eu sei. Sei muito mais do que a senhora imagina. Deixe-me ser a sua enfermeira. Deixe que eu tente, de qualquer forma. Ninguém nunca tentará com tanto empenho quanto eu. Será um grande conforto, mamãe.

– Minha pobre criança! Bem, pode tentar. Sabe, Margaret, Dixon e eu pensamos que você se afastaria bastante de mim, se soubesse...

– Dixon pensou! – disse Margaret, curvando o lábio com desprezo. – Dixon não poderia me dar crédito por amá-la o bastante – não tanto quanto ela! Pensou, suponho, que eu fosse uma daquelas pobres mulheres doentias, que gostam de se deitar em almofadas cor-de-rosa para serem abanadas o dia inteiro. Não deixe as fantasias de Dixon se interporem mais entre nós duas, mamãe. Por favor, não permita isso!

– Não fique zangada com Dixon – disse Mrs. Hale, ansiosamente.

Margaret recobrou-se.

– Não, não ficarei. Vou tentar ser humilde e aprender todos os seus métodos, se apenas me deixar fazer tudo o que puder pela senhora. Deixe que eu fique em primeiro lugar, mãe... estou ansiosa por isso. Eu costumava fantasiar que a senhora me esqueceria, enquanto eu estava longe com a tia Shaw, e chorava até dormir, à noite, com essa ideia na cabeça.

– E eu costumava pensar: como Margaret vai suportar nossa temporária pobreza, depois de todo o luxo e conforto de Harley Street? Muitas vezes me senti mais envergonhada de que você visse os nossos artifícios em Helstone, do que se algum estranho os descobrisse.

– Ah, mamãe! E eu gostava tanto deles. Eram muito mais divertidos do que toda aquela aborrecida rotina de Harley Street. A prateleira do armário com alças, que servia de bandeja para ceia nas grandes ocasiões! E os antigos baús de chá, estofados e cobertos para servirem de pufes! Acho que o que chama de artifícios temporários na nossa querida Helstone eram uma parte encantadora da vida ali.

– Sei que nunca verei Helstone outra vez, Margaret – disse Mrs. Hale, os olhos marejados de lágrimas. Margaret não podia responder. Mrs. Hale continuou – Enquanto eu vivia lá, estava sempre querendo ir embora. Qualquer lugar me

parecia mais agradável. E agora morrerei longe de Helstone. Fui justamente punida.

– Não deve falar desse jeito – disse Margaret, com impaciência. – O médico disse que a senhora pode viver muitos anos. Ah, mamãe! Ainda a veremos de volta a Helstone.

– Não, nunca! Devo aceitar isso como um castigo justo. Mas, Margaret... Frederick!

Disse essa única palavra com um grito de dor, como se estivesse presa de extrema agonia. Era como se a mera lembrança do filho destruísse toda a sua compostura e calma, exaurindo-a. Gritos apaixonados se sucediam:

– Frederick! Frederick! Volte, meu filho! Estou morrendo. Meu primogênito, meu menino, venha me ver uma vez mais!

Mrs. Hale foi tomada por violenta histeria. Margaret correu, aterrorizada, para chamar Dixon. Ela chegou, furiosa, acusando Margaret de haver superexcitado a mãe. Margaret suportou tudo pacientemente, esperando apenas que o pai não voltasse. A despeito do seu alarme, que era ainda maior do que a ocasião exigia, ela obedeceu todas as instruções de Dixon prontamente e com eficiência, sem dizer uma palavra para justificar-se. Assim acalmou Dixon, que parou de acusá-la. Colocaram sua mãe na cama, e Margaret ficou ao seu lado até que adormecesse. Continuou ali depois disso, até que Dixon a chamou para fora do quarto. Com uma expressão irritada, como se estivesse fazendo algo contrário à sua natureza, ordenou-lhe que fosse tomar uma xícara de café que havia preparado para ela na sala, e ficou ao seu lado com atitude de comando enquanto Margaret obedecia.

– Não deveria ter sido tão curiosa, senhorita, e então não haveria necessidade de se preocupar antes do tempo. Logo o momento teria chegado. E agora, suponho que vai contar ao patrão e que bela família vai me sair!

– Não, Dixon – disse Margaret, tristemente. – Não vou contar ao papai. Ele não poderia suportar isso como eu posso.

E, para provar como conseguia suportar bem, desatou em lágrimas.

– Ai, meu Deus! Já vi como vai ser. Agora vai acordar a sua mãe, justo quando ela conseguiu dormir tão calmamente. Miss Margaret, minha querida, tive que suportar isso por várias semanas. Embora eu não finja que posso amá-la tanto quanto a senhorita – ainda assim eu a tenho amado mais do que qualquer homem, mulher ou criança – apenas o jovem Frederick se aproximou dela no meu afeto. Desde o dia em que a criada de Lady Beresford levou-me para vê-la, vestida de crepe branco, com papoulas vermelhas e espigas de milho. E foi então que eu espetei uma agulha no dedo e a quebrei lá dentro, e ela rasgou seu lenço de bolso todo trabalhado, cortou em pedaços e molhou na sua loção, logo quando voltou do baile, onde foi a moça mais bonita de todas. Nunca amei ninguém como ela. Mal pensava naquela época que viveria o bastante para vê-la descer tão baixo. Não estou censurando ninguém. Muitos acham a senhorita bela e elegante, e quem não acharia? Mesmo neste lugar enfumaçado o bastante para cegar as pessoas, até as corujas podem enxergar isso. Mas nunca será bela como a sua mãe – nem que eu viva cem anos.

– A mamãe ainda é muito bonita. Pobre mamãe!

– Agora não comece de novo, ou eu vou desistir, afinal (lastimando-se).

Desse jeito nunca vai conseguir aguentar que o seu pai volte para casa e comece a fazer perguntas. Saia e vá dar uma volta, ou algo parecido. Muitas vezes desejei ir embora – pensando em qual era o problema com ela, e como tudo isso terminaria.

– Oh, Dixon! – disse Margaret. – Quantas vezes fiquei aborrecida com você, sem saber que terrível segredo tinha que suportar!

– Deus a abençoe, menina! Gosto de ver que mostra algum espírito. É o velho e bom sangue Beresford. Pois o último Sir John deu dois tiros no seu administrador, ali mesmo onde estava, apenas por dizer-lhe que ele estava esfolando os inquilinos – e ele esfolara os inquilinos até que não conseguisse arrancar-lhes mais um centavo, não mais do que conseguiria de uma pedra.

– Bem, Dixon, não vou atirar em você, e tentarei não ficar irritada de novo.

– Você nunca esteve. Se eu disse isso algumas vezes, foi só para mim mesma, em segredo, como forma de conversar comigo mesma, pois não havia ninguém com quem falar. E quando fica exaltada, é a própria imagem do jovem Frederick. No fundo do coração desejaria irritá-la de verdade, algum dia, só para ver esse olhar tempestuoso encobrindo seu rosto como uma grande nuvem. Mas agora saia, senhorita. Eu cuidarei da senhora, e quanto ao patrão, seus livros serão companhia suficiente para ele quando voltar.

– Eu irei – disse Margaret.

Ficou à volta de Dixon ainda um ou dois minutos, como se estivesse com medo e indecisa. Então, beijando-a subitamente, saiu correndo da sala.

– Que Deus a abençoe! – disse Dixon. – É tão suave como uma noz. Existem três pessoas que eu amo: a senhora, o jovem Frederick e ela. Só os três. E basta. O resto pode ser enforcado, pois não sei para que estão no mundo. O patrão nasceu, eu acho, só para se casar com a senhora. Se eu achasse que ele a ama como deve ser, eu poderia acabar gostando dele. Mas ele devia ter feito muito mais por ela, e não ficar o tempo todo lendo, lendo, e pensando e pensando. Veja só o que isso lhe trouxe! Muitos que nunca leram nem pensaram conseguiram o cargo de Reitor, ou Deão, ou o que for. E acho que o patrão também poderia ter conseguido, se apenas se lembrasse da senhora e deixasse para lá esse aborrecimento de ler e pensar. Lá vai ela (olhando pela janela, ao ouvir a porta da frente bater). Pobre mocinha! Suas roupas parecem gastas, perto do que eram quando voltou a Helstone, um ano atrás. Naquela época ela não tinha uma meia remendada ou um par de luvas limpas no seu guarda-roupa. E agora...

[1] “O Irmão mais Velho” (The Elder Brother) é uma peça teatral do início do século 18. É uma comédia, escrita por John Fletcher e Philip Massinger em 1625.

CAPÍTULO 17

O QUE É UMA GREVE?

“Há espinhos assolando todos os caminhos
Que exigem paciente cuidado;
Há uma cruz em cada parte,
E uma ardente carência de orações.”
Anônimo

Margaret saiu dali muito deprimida, sem ânimo. Mas bastou a distância de uma rua – sim, o ar de uma rua de Milton – para revigorar seu espírito jovem antes que ela chegasse na primeira curva. Seu passo tornou-se mais leve, seus lábios mais vermelhos. Começou a notar as coisas à sua volta, ao invés de voltar seus pensamentos apenas para si. Viu vários desocupados nas ruas, o que não era habitual: homens com as mãos nos bolsos, vadiando. Grupos de moças falando e rindo alto, aparentemente muito animadas, e mostrando uma exuberante independência de caráter e comportamento. Entre os homens – que estavam em vergonhosa minoria – os mais mal-encarados vadiavam nos degraus das cervejarias e bares, fumando e fazendo comentários atrevidos sobre cada pessoa que passava. Margaret não gostou da ideia de fazer uma longa caminhada por aquelas ruas até chegar aos campos, onde pretendia ir. Em vez disso, resolveu visitar Bessy Higgins. Não seria tão revigorante quanto uma tranquila caminhada pelo campo, mas talvez fosse uma coisa mais generosa.

Nicholas Higgins estava fumando, sentado junto ao fogo, quando ela entrou. Bessy estava na cadeira de balanço, do outro lado.

Nicholas tirou o cachimbo da boca, levantou-se e empurrou sua cadeira na direção de Margaret. Apoiou-se no console da lareira, em posição reclinada, enquanto ela perguntava a Bessy como estava.

– Ela está com o espírito muito deprimido, mas está melhor de saúde. Ela não gosta desta greve. Está bastante resolvida a ficar em paz e tranquila, custe o que custar.

– Essa é a terceira greve que eu vejo – disse ela, suspirando, como se isso fosse resposta e explicação suficiente.

– Bem, a terceira vale por todas as outras. Vai ver se não vamos acabar com os patrões desta vez. Vai ver se eles não vão vir nos implorar para voltar, pagando o nosso preço. E basta. Já perdemos antes, eu concordo. Mas desta vez não pedimos demais.

– Mas por que fazem greve? – perguntou Margaret. – Entrar em greve é deixar o trabalho até que consigam os salários que desejam, não é? Não se espante com a minha ignorância, lá onde eu vivia nunca se ouviu falar de uma greve.

– Quem dera eu vivesse lá – disse Bessy, com a voz cansada. – Mas não suporto mais ficar doente e cansada com essas greves. Esta é a última que vou

ver. Antes que termine, já estarei na Grande Cidade, a Sagrada Jerusalém.

– Ela só pensa na vida depois da morte, não vive o momento presente. E eu sou obrigado a fazer o melhor que puder aqui, como vê. Acho que mais vale um pássaro na mão que dois voando. E todos têm opiniões divergentes sobre a questão da greve.

– Mas lá no sul – disse Margaret – se as pessoas entrassem em greve, como você diz, ninguém semearia, não haveria feno nem colheita de milho, pois lá a maioria trabalha no campo.

– E daí? – disse ele.

Voltou a fumar seu cachimbo, depois do seu “e daí” em forma de interrogação.

– Bem, o que vai ser dos fazendeiros?

Ele soprou a fumaça.

– Imagino que ou vendem suas fazendas, ou pagam salários mais justos.

– Suponha que eles não possam, ou que não façam o que acabou de dizer. Não poderiam todos deixar suas fazendas de uma hora para a outra, não importa o quanto quisessem. Mas não teriam feno nem milho para vender naquele ano. E de onde viria o dinheiro para pagar os trabalhadores?

Ele continuou soltando baforadas. Por fim, disse:

– Não sei nada dos seus costumes, lá no sul. Ouvi dizer que são um bando de homens sem vigor, espeznhados. Não tem energia, passam fome até morrer, e ficam tão embrutecidos pela fome que nem percebem que são maltratados. Aqui não é assim. Sabemos quando somos maltratados, e temos o sangue quente demais para suportar isso. Nós apenas tiramos as mãos dos teares e dizemos “Vocês, patrões, podem nos fazer morrer de fome, mas não vão nos humilhar!” E desta vez não vão acabar conosco!

– Eu queria viver no sul – disse Bessy.

– Eles sofrem muito lá também – disse Margaret. – Há tristeza por toda parte. Há muito trabalho manual para ser feito, e pouca comida para dar forças.

– Mas a gente vive ao ar livre – disse Bessy. – E fica longe, bem longe desse barulho intenso, sem fim, e desse calor enjoativo.

– Mas às vezes a chuva é forte, outras vezes o frio é enregelante. Uma pessoa jovem pode suportar, mas um homem velho é atacado pelo reumatismo, e fica curvado e encolhido antes do tempo. Assim mesmo ele precisa trabalhar, ou então vai para um asilo.

– Pensei que você gostasse dos modos do sul.

– E gosto – disse Margaret, sorrindo um pouco ao se ver assim surpreendida. – Só quero lhe dizer, Bessy, que há coisas boas e ruins em toda parte, nesse mundo. E como conhece o mal aqui em cima, achei que era justo que soubesse do mal que há lá embaixo.

– E você disse que eles nunca fazem greve, lá no sul? – perguntou Nicholas, de repente.

– Não, nunca – disse Margaret. – Acho que eles são muito sensatos.

– E eu acho – respondeu ele, lançando fora as cinzas do cachimbo com tanta força que o quebrou – que não é que tenham muito bom senso, e sim que têm pouca energia.

– Ah, pai! – disse Bessy. – O que nós ganhamos fazendo greve? Lembre-se daquela primeira greve, quando mamãe morreu... Como nós todos passamos fome... o senhor mais do que todos. Ainda assim muitos continuaram trabalhando pelo mesmo salário, até que todos foram procurar trabalho onde tivesse, e muitos se tornaram mendigos pelo resto da vida depois disso.

– Sim – disse ele. – Aquela greve foi mal administrada. Os homens que a dirigiram, ou eram tolos, ou não eram homens de verdade. Você vai ver, desta vez vai ser diferente.

– Mas até agora você não me disse por que estão fazendo greve – disse Margaret, de novo.

– Bem, há cinco ou seis patrões que se juntaram para pagar os mesmos salários que vêm pagando nos últimos dois anos, e estão prosperando e ficando ricos com isso. E agora eles vêm nos dizer que temos que aceitar menos. E nós não queremos. Antes disso vamos levá-los à ruína, e então veremos quem vai trabalhar para eles. Terão matado a galinha dos ovos de ouro, é o que eu acho.

– Então planeja morrer, a fim de se vingar deles!

– Não – disse ele – não planejo isso. Eu apenas aguardo com ansiedade a possibilidade de morrer na minha função antes de me render. Isso é o que as pessoas acham belo e honroso em um soldado, e por que não em um pobre tecelão?

– Mas – disse Margaret – um soldado morre pelo bem da nação, pelo bem dos outros.

Ele sorriu amargamente:

– Minha jovem – disse ele – você é só uma menina, mas não acha que eu posso manter três pessoas – Bessy, Mary e eu – com apenas dezesseis xelins por semana, acha? Não imagina que é para mim que estou fazendo greve, a essa altura? É por causa dos outros, tanto quanto o seu soldado. Só que ele morre pela causa de uma gente em quem nunca pôs os olhos, nem ouviu falar em toda a sua vida, enquanto eu defendo a causa de John Boucher, que vive aqui do lado, e tem uma esposa doente e oito filhos, nenhum com idade para trabalhar na fábrica. E não luto só por causa dele, embora ele seja um pobre desajeitado, que só consegue manobrar dois teares de uma vez, mas luto pela causa da justiça. Por que devemos receber menos agora, pergunto, do que há dois anos?

– Não pergunte a mim – disse Margaret. – Sou muito ignorante. Pergunte a um dos seus patrões. Eles certamente lhes darão um motivo para isso. Não é uma decisão arbitrária da parte deles, surgida do nada.

– Você é apenas uma estranha por aqui, nada mais – disse ele, com desdém. – Muito que sabe sobre isso! Pergunte aos patrões! Vão nos dizer para cuidar dos nossos negócios que eles cuidam dos seus. Sendo que o nosso negócio, você já entendeu, é aceitar salários mais baixos e ser agradecidos, e o deles é nos matar de fome para aumentar seus lucros. É assim que é.

– Mas – disse Margaret, determinada a não ceder, embora visse que o estava irritando – o estado da economia pode ser tal que não lhes permita pagar a

mesma remuneração.

– Estado da economia! Isso é só uma peça de toda essa trapaça dos patrões. Eu estou falando de faixas salariais. Os patrões controlam o estado da economia com suas próprias mãos, e apenas lançam essa ideia no ar como uma fonte de medo irroteiam, para assustar as crianças desobedientes e obrigá-las a serem boas. Eu lhe digo que é o papel deles – a sua função, como muita gente chama – nos diminuir para aumentar as suas fortunas. E o nosso papel é nos mantermos de pé e lutar com bravura, não apenas por nós mesmos, mas por aqueles que nos rodeiam, pela justiça e honestidade. Nós ajudamos a fazer os seus lucros, e devemos ajudar a gastá-los. Não, dessa vez não queremos apenas o seu dinheiro, como já fizemos muitas vezes antes. Temos um dinheiro economizado e estamos decididos a resistir e morrer juntos. Nenhum homem entre nós vai aceitar trabalhar por menos do que o sindicato diz que é nosso direito. Então eu digo “Viva a greve!” e deixem que Thornton, e Slickson, e Hamper, e todo o seu resolvam tudo isso!

– Thornton! – disse Margaret. – Fala de Mr. Thornton, de Marlborough Street?

– É, sim! Thornton da Fábrica Marlborough, como nós o chamamos.

– Ele é um dos patrões contra quem estão lutando, não é? Que tipo de patrão ele é?

– Você já viu um buldogue? Ponha um buldogue sobre as patas traseiras, vista-o com casaco e calças e você terá John Thornton.

– Não – disse Margaret, rindo. – Eu nego isso. Mr. Thornton é bastante comum, mas não parece um buldogue, com aquele nariz curto e largo, e a boca meio aberta, rosnando.

– Não, não na aparência, eu concordo. Mas deixe John Thornton se apossar de uma ideia e ele vai se agarrar a ela como um buldogue. Você tem que puxá-la para fora com um forçado antes que ele largue. Se há um homem com quem vale a pena lutar, é John Thornton. Quanto a Slickson, na minha opinião, em poucos dias ele vai adular seus homens com promessas para que voltem, e vai enganá-los logo que estejam de novo sob seu poder. Vai empurrar suas multas para cima deles, eu garanto. Ele é tão escorregadio quanto uma enguia, é mesmo. É igual a um gato – elegante, astuto e feroz. A luta com ele nunca será justa, como será com Thornton. Thornton é tão sério como uma tranca de porta, um camarada obstinado em cada centímetro – o velho buldogue!

– Pobre Bessy! – disse Margaret, voltando-se para ela. – Você só suspirava com tudo isso. Não gosta de lutar e brigar como o seu pai, não é?

– Não! – disse ela, com veemência. – Fico doente com isso. Gostaria de ter outro tipo de conversa à minha volta nos meus últimos dias de vida. Passei a vida me incomodando com esses confrontos, barulhos e tagarelices sobre trabalho e salários e patrões e mão de obra e fura-greves.

– Pobre menina! Os últimos dias vão passar, bem ou mal! Pense que irá para um lugar melhor, será uma mudança. Além disso, vou ficar bastante tempo do seu lado, para deixá-la mais animada.

– A fumaça do cigarro me sufoca – disse ela, lamentando-se.

– Então não vou mais fumar dentro de casa! – ele respondeu,

ternamente. – Mas por que não me disse antes, sua menina boba?

Ela não falou por um tempo, depois falou tão baixo que só Margaret ouviu.

– Acho que ele vai precisar de todo o conforto que puder, seja o cachimbo ou a bebida, antes que termine a greve.

Seu pai saiu, com certeza para terminar de fumar o cachimbo. Bessy disse, apaixonadamente:

– Agora me diga, não sou mesmo uma boba, senhorita? Eu sabia o que devia fazer para manter o pai em casa, e longe dessa gente que está sempre pronta para tentar um homem, nessa época de greve, para ir beber. Eu devia manter a boca fechada e não discutir sobre o cachimbo dele. Ele vai sair, eu sei que vai, como faz sempre que vai fumar. E ninguém sabe como isso vai terminar. Eu preferia ter ficado sufocada com a fumaça, antes que isso acontecesse.

– Mas o seu pai bebe? – perguntou Margaret.

– Não... não dá para dizer que bebe – respondeu ela, ainda no mesmo tom veemente, animado. – Mas que tipo de prazer ele pode ter? Tem dias que você – como toda a gente, eu acho – você levanta e, enquanto as horas se arrastam, apenas anseia por um pouco de mudança – um pouco de estímulo, como se diz. Sei que eu fui e comprei um pão de quatro libras da loja de outro padeiro, em um desses dias, só porque estava enjoada de ver sempre a mesma coisa, ouvir o mesmo som nos meus ouvidos e o mesmo gosto na minha boca e o mesmo pensamento (ou nenhum pensamento, até) na minha cabeça, dia após dia, para sempre. Queria tanto ser um homem para poder ir me divertir, mesmo que fosse apenas um vagabundo andando para algum lugar novo em busca de trabalho. E o pai – e todos os homens – sentem isso com mais força ainda do que eu; ficam cansados da mesmice, e de trabalhar para sempre. E o que é que eles fazem? Não se deve culpá-los se vão para um bar, beber e se animar, e ver coisas que nunca viram em outros lugares – fotografias e espelhos e coisas assim. Mas o pai nunca foi um bêbado, embora talvez tenha ficado pior para a bebida, às vezes. Mas veja – e agora sua voz assumiu um tom triste e lamentoso – em tempo de greve há muitas coisas para abater um homem, pois começam tão esperançosos, e onde encontram consolo? Ele vai ficar furioso e transtornado – todos eles vão – e depois se cansam de ficar furiosos e transtornados, e talvez, no seu entusiasmo, tenham feito coisas que gostariam de esquecer. Deus abençoe a sua doçura e bondade, mas você ainda não sabe o que é uma greve.

– Ora, Bessy – disse Margaret – não vou dizer que está exagerando porque não sei o bastante sobre isso. Mas, talvez, como não está muito bem, esteja vendo as coisas apenas por um lado. E existe outro, mais luminoso, que também tem que ser considerado.

– É muito fácil para você dizer isso. Você viveu toda a sua vida em belos lugares cheios de árvores, e nunca conheceu a pobreza ou a preocupação, ou até mesmo a maldade.

– Tome cuidado – disse Margaret, as faces coradas e os olhos brilhantes – em como julga as pessoas, Bessy. Tenho que voltar para casa, para junto da minha mãe que está muito doente. Tão doente, Bessy, que não há outra saída para ela desse grande sofrimento a não ser a morte. Ainda assim tenho que animar o meu pai, que não tem noção do seu verdadeiro estado, e que deve ser

informado aos poucos. A única pessoa – a única que pode simpatizar comigo e me ajudar – e cuja presença podia confortar a minha mãe mais do que qualquer outra coisa no mundo, está sendo falsamente acusada, e correria risco de morte se viesse ver sua mãe agonizante. Estou contando isso para você – só para você, Bessy – e peço que não conte para ninguém. Nenhuma outra pessoa em Milton, e quase nenhuma outra em toda a Inglaterra, sabe disso. Não tenho preocupações? Não conheço a ansiedade, embora esteja bem vestida e tenha comida suficiente? Ah, Bessy, Deus é bom, e divide bem os nossos fardos, embora apenas Ele conheça a amargura das nossas almas.

– Peço que me perdoe – respondeu Bessy, humildemente. – Às vezes, quando penso na minha vida e nas poucas alegrias que tive, acredito que talvez tenha sido uma dessas pessoas condenadas a morrer pela queda de uma estrela do céu. “E o nome da estrela era Absinto, e a terça parte das águas se transformou em absinto, e os homens morreram das águas, porque se tornaram amargas.” Uma pessoa pode suportar melhor a dor e a tristeza, se acredita que isso foi profetizado para ela há muito tempo: de alguma forma, parece que o meu sofrimento é necessário para cumprir a profecia. De outra forma, ele parece inútil.

– Não, Bessy... pense! – disse Margaret. Deus não causa sofrimento de propósito. Não se debruce tanto sobre as profecias, leia as partes mais bonitas da Bíblia.

– Acho que seria mais sábio. Mas onde eu poderia encontrar palavras tão belas de promessa? Ou saber de coisas tão diferentes deste mundo sombrio e desta cidade que nos rodeia, como no Apocalipse? Muitas vezes repeti os versos do sétimo capítulo para mim, só para ouvir o som. É tão bom como o som de um órgão, e muito diferente do dia a dia, também. Não, eu não posso desistir do Apocalipse. Ele me oferece mais consolo do que qualquer outro livro da Bíblia.

– Deixe que eu venha ler para você alguns dos meus capítulos favoritos da Bíblia.

– Sim, sim – disse ela, avidamente – venha. Talvez o pai a ouça. Ele está cansado de me ouvir falar, diz que essas coisas não tem nada a ver com o mundo real, e que esse é o seu negócio.

– Onde está a sua irmã?

– Foi trabalhar no corte do linho. Eu estava relutante em deixá-la ir, mas de algum modo devemos viver, e o Sindicato não pode nos ajudar muito.

– Agora tenho que ir. Você me fez bem, Bessy.

– Eu, fazer bem a você!

– Sim. Cheguei aqui muito triste, e bastante disposta a acreditar que o motivo do meu sofrimento era o único no mundo. E agora ouço o que você teve que suportar por tantos anos. Isso me tornou mais forte.

– Deus a abençoe! Pensei que tudo que fizesse bem estivesse do lado da gente rica. Ficarei orgulhosa, se achar que posso fazer algum bem a você.

– Não ficará, se pensar bem. E se tentar, vai apenas se confundir. Isso é só um consolo.

– Você não se parece com ninguém que eu conheça. Não sei o que fazer com você.

– Nem eu sei o que fazer de mim. Adeus!

Bessy parou de se balançar para olhar para ela.

– Eu me pergunto se há muita gente como ela, lá embaixo no sul. De alguma forma, ela parece um sopro de ar fresco. Sempre me anima um pouco. Quem teria imaginado que esse rosto – tão brilhante e forte quanto o do anjo do meu sonho – podia conhecer a tristeza de que ela fala? Me pergunto que pecado ela vai cometer. Todos nós pecamos. Penso bastante nela, é verdade. Mas já notei que o pai também pensa. E Mary também. Não é sempre que ela consegue perceber isso.

CAPÍTULO 18
SIMPATIAS E ANTIPATIAS

“Meu coração se revolta dentro de mim, e duas vozes
Se fazem ouvir dentro do meu peito.”
Wallenstein

Quando Margaret chegou em casa encontrou duas cartas sobre a mesa. Uma era um bilhete para a mãe e a outra, que chegara pelo correio, era com certeza da tia Shaw – coberta de carimbos do exterior, fina prateada e farfalhante. Ela pegou a outra, e estava examinando-a quando o pai chegou de repente:

– Então sua mãe está cansada e foi para a cama cedo! Temo que um dia agitado como o de hoje não tenha sido o melhor para o médico vê-la. O que ele disse? Dixon me falou que ele conversou com você sobre ela.

Margaret hesitou. O olhar do pai tornou-se mais grave e ansioso:

– Ele não acha que ela está seriamente doente, acha?

– Não no momento. Ela precisa de cuidados, segundo ele. Ele foi muito gentil, e diz que virá novamente para ver se os remédios estão surtindo efeito.

– Apenas cuidados... Ele não recomendou uma mudança de ares? Ele não disse que esta cidade fumacenta estava lhe fazendo mal, disse, Margaret?

– Não, nem uma palavra – ela respondeu, gravemente. – Ele estava ansioso, eu acho.

– Os médicos têm esse jeito ansioso. É da profissão – disse ele.

Margaret notou, pelo aspecto nervoso do pai, que a primeira impressão do perigo entrara em sua mente, apesar da sua tentativa de minimizar o que ela lhe contara. Ele não podia esquecer o assunto, não conseguia falar de outra coisa. Continuou voltando a ele durante a noite, com má vontade de receber até a menor notícia desfavorável, o que deixou Margaret triste, sem que pudesse expressar sua tristeza.

– Essa carta é da Tia Shaw, papai. Ela foi para Nápoles, mas achou muito quente, então alugou um apartamento em Sorrento. Mas não acho que ela goste da Itália.

– O médico não falou nada a respeito de dieta, falou?

– A dieta tem que ser nutritiva e de fácil digestão. Mas o apetite da mamãe é muito bom, eu acho.

– Sim! E isso torna ainda mais estranho ele ter pensado em falar de dieta.

– Fui eu que perguntei, papai.

Outra pausa. Margaret, então, continuou:

– A Tia Shaw diz que me mandou alguns adornos de coral, papai. Mas – acrescentou Margaret, meio sorrindo – ela teme que os Dissidentes de Milton não os apreciem. Ela tirou dos Quakers todas as suas ideias sobre os Dissidentes, não foi?

– Se você por acaso souber ou notar que sua mãe deseja alguma coisa, diga-me. Tenho tanto medo que ela não me diga sempre o que quer! Por favor, trate da questão dessa menina que Mrs. Thornton mencionou. Se tivéssemos uma criada boa e eficiente, Dixon poderia ficar constantemente com ela, e eu garanto que logo a teríamos de novo entre nós, se for só cuidado o que ela precisa. Ela tem estado muito cansada ultimamente, com esse tempo quente e a dificuldade de conseguir uma criada. Um pouco de descanso vai deixá-la nova... não é, Margaret?

– Espero que sim – disse Margaret.

Falou com tanta tristeza que o pai percebeu. Ele beliscou-lhe a face.

– Vamos, vamos... Se ficar tão pálida assim terei que fazê-la corar um pouco. Cuide-se, minha criança, ou então quem vai precisar de um médico é você.

Mas ele não conseguia resolver coisa alguma naquela noite. Ficava o tempo todo caminhando de um lado para o outro, andando laboriosamente na ponta dos pés, para ver se a esposa ainda estava adormecida. O coração de Margaret se condeou com sua inquietação – com a tentativa do pai de reprimir e sufocar o terrível medo que vinha surgindo das profundezas do seu coração. Ele voltou, por fim, um pouco confortado.

– Ela está acordada agora, Margaret. Sorriu quando me viu parado ao seu lado. Aquele belo sorriso de sempre. Ela diz que se sente revigorada e pronta para tomar chá. Onde está o bilhete dela? Sua mãe quer vê-lo. Vou ler o bilhete para ela enquanto você faz o chá.

O bilhete era um convite formal de Mrs. Thornton, convidando Mr., Mrs. e Miss Hale para jantar, no dia vinte e um. Margaret ficou surpresa de que o convite fosse aceito, depois de todas as más notícias que tivera durante o dia. Mas assim foi. A ideia do marido e da filha irem a esse jantar cativou totalmente a fantasia de Mrs. Hale, mesmo antes que Margaret lesse o conteúdo da nota. Era um evento para diversificar a monotonia da vida de inválida, e ela agarrou-se à ideia de que eles deviam ir, com mais obstinação ainda quando Margaret fez objeções.

– Então, Margaret? Se ela deseja isso, estou certo que ambos iremos de boa vontade. Ela nunca desejaria que fôssemos se não se sentisse bastante forte. Bem melhor do que pensamos que ela estava, não é, Margaret? – disse Mr. Hale, ansiosamente, enquanto se preparava para escrever uma nota aceitando o convite, no dia seguinte.

– Margaret?

As mãos de Mr. Hale tremiam nervosamente. Parecia cruel recusar-lhe o consolo pelo qual ele ansiava. Além disso, sua recusa apaixonada em admitir a existência de qualquer temor, quase inspirava Margaret a sentir esperanças.

– Eu realmente acho que ela está melhor, desde ontem à noite – disse ela. – Seus olhos estão mais brilhantes e a sua tez mais clara.

– Deus te abençoe! – disse seu pai, gravemente. – Mas é verdade? Ontem estava tão quente que todo mundo se sentiu mal. Foi o dia mais inapropriado para Mr. Donaldson vê-la.

E assim ele saiu para seus afazeres diários, agora acrescidos com a preparação de algumas palestras que ele prometera fazer para os trabalhadores, em um liceu próximo. Mr. Hale escolheu como tema “Arquitetura Eclesiástica”, mais de acordo com seu próprio gosto e conhecimento do que adequado ao caráter do lugar ou ao desejo por tipos específicos de informação por parte daqueles a quem ele ia dar a palestra. E o próprio liceu, em dívida com ele, ficou bastante grato por oferecer um curso grátis ministrado por um homem educado e talentoso como Mr. Hale, qualquer que fosse o tema.

– Bem, mãe – perguntou Mr. Thornton naquela noite – quem aceitou o seu convite para o dia vinte e um?

– Fanny, onde estão os bilhetes? Os Slickson aceitaram, Collingbrook aceitaram, Stephens aceitaram, os Brown declinaram, os Hale – pai e filha – virão, a mãe está bastante doente. Os Macpherson virão, e também Mr. Horsfall e Mr. Young. Eu estava pensando em convidar os Porter, já que os Brown não virão.

– Muito bem. Sabe, temo realmente que Mrs. Hale não esteja nada bem, pelo que Mr. Donaldson disse.

– É estranho que eles tenham aceitado um convite para jantar, se ela está tão doente – disse Fanny.

– Eu não disse que ela estava muito doente – disse o irmão, um tanto brusco. – Disse apenas que ela não está nada bem. Talvez eles ainda não saibam.

Então ele subitamente lembrou-se que, de acordo com o que Mr. Donaldson lhe contara, Margaret, de qualquer forma, devia estar inteirada da exata situação da mãe.

– É mais provável que estejam cientes daquilo que você disse ontem, John – da grande vantagem que seria para eles, isto é, para Mr. Hale, ser apresentado a pessoas como os Stephens e os Collingbrook.

– Tenho certeza que isso não deve tê-los influenciado. Não! Acho que sei o que acontece.

– John! – disse Fanny, rindo com aquele seu jeito fraco e nervoso. – Como pode dizer que entende esses Hales, se nunca permite que saibamos coisa alguma sobre eles? Será que eles são de fato tão diferentes da maioria das pessoas com quem convivemos?

Ela não pretendia irritá-lo, mas se pretendesse, não teria conseguido fazê-lo tão bem. Ele ficou em silêncio, no entanto, não se dignando a responder.

– Eles não me parecem fora do comum – disse Mrs. Thornton. – Ele parece um tipo de homem bastante digno. Um tanto simples demais para o comércio, talvez seja por isso que se tornou primeiro um sacerdote e agora um professor. Ela é uma senhora bastante fina, com a sua enfermidade. E quanto à moça – ela é a única que me confunde, quando penso nela – o que não faço com frequência. Ela parece se dar ares de grande importância, e eu não posso entender o porquê disso. Posso apenas imaginar que ela se acha boa demais para as companhias que tem. E ainda assim eles não são ricos, e nunca foram, pelo

que ouvi falar.

– E ela não é talentosa, mamãe. Nem sabe tocar.

– Continue, Fanny. O que mais lhe falta para chegar até o seu nível?

– Não é nada disso, John – disse sua mãe. – O que Fanny disse não tem maldade alguma. Eu mesma ouvi Miss Hale dizer que não sabia tocar. Se nos deixasse em paz, talvez pudéssemos gostar dela e ver seus méritos.

– Tenho certeza que eu nunca poderia! – murmurou Fanny, protegida pela mãe.

Mr. Thornton ouviu, mas não se deu ao trabalho de responder. Estava andando de um lado para outro na sala, desejando que a mãe pedisse os candeeiros para que ele pudesse trabalhar, lendo ou escrevendo, e assim acabar com aquela conversa. Mas ele nunca pensaria em interferir em nenhum dos pequenos arranjos domésticos que Mrs. Thornton observava, lembrando-se naturalmente das suas antigas economias.

– Mãe – disse ele, parando e corajosamente falando a verdade – eu queria que gostasse de Miss Hale.

– Por quê? – perguntou ela, espantada com seu jeito sério, embora terno.

– Não está pensando em casar-se com ela, está? Uma moça sem um tostão.

– Ela nunca me aceitaria – disse ele, com um riso breve.

– Não, acho que não aceitaria mesmo – respondeu a mãe. – Ela riu na minha cara, quando lhe pedi que contasse algo que Mr. Bell havia dito a seu favor. Gostei da moça por ter falado tão francamente, pois vi que não tinha intenção alguma a seu respeito. E no minuto seguinte ela me irritou ao me fazer pensar... Bem, não importa! Acho que está certo quando diz que ela pensa bem demais de si própria para pensar em aceitá-lo. A dama astuciosa! Queria saber onde ela arranjará alguém melhor!

Se essas palavras feriram o filho, a luz fraca evitou que ele traísse qualquer emoção. Um minuto depois chegou perto da mãe, carinhoso, e colocando a mão suavemente sobre o seu ombro, disse:

– Bem, estou tão convencido da verdade das suas palavras, quanto a senhora mesma está. E como não tenho nenhuma ideia ou expectativa de um dia pedi-la em casamento, verá que no futuro não terei interesse algum em falar sobre ela. Vejo problemas para essa moça – talvez falta de cuidados maternos – e apenas desejo que esteja pronta para ser amiga dela, caso ela necessite. E você, Fanny – disse ele – acredito que tenha delicadeza suficiente para entender que é uma grande ofensa, tanto para Miss Hale quanto para mim – na verdade, acho que ela achará mais ofensivo para com ela – supor que eu tenha alguma razão, além das que já dei, para pedir a você e à mamãe que se mostrem extremamente gentis e atenciosas para com ela.

– Não posso perdoar o seu orgulho – disse a mãe. – Vou protegê-la, se for necessário, porque você pediu, John. Teria protegido a própria Jezebel, se tivesse me pedido. Mas essa moça, que torce o nariz para todos nós, que torce o nariz para você...

– Não, mãe. Eu ainda não me coloquei, e espero nunca me colocar, ao alcance do seu desprezo.

– Desprezo, realmente! – e Mrs. Thornton bufou, expressivamente. – Não continue falando de Miss Hale, John, se eu tenho que ser gentil com ela. Quando estou com ela não sei o que é mais forte, se a minha simpatia ou minha antipatia por ela. Mas quando penso nela, e ouço você falar dela, eu a odeio. Posso ver que ela também se deu ares de importância para com você, como se você mesmo tivesse me contado.

– E se ela o fez... – disse ele.

Fez uma pausa por alguns instantes. Depois continuou:

– Não sou um rapaz, para ficar amedrontado com um olhar orgulhoso de uma mulher, ou dar alguma importância se ela se engana quanto a mim ou a minha posição. Posso rir disso!

– Com certeza! E dela também, com seus conceitos refinados e sua arrogância!

– Só não sei porque falam tanto dela, então – disse Fanny. – Estou cansada desse assunto.

– Bem! – disse o irmão, com uma ponta de amargura – Vamos pensar em um assunto mais aprazível. O que acha da greve, como um tema mais agradável de conversa?

– Então os trabalhadores realmente pararam? – perguntou Mrs. Thornton, com vivo interesse.

– Os homens de Hamper estão fora, de fato. Os meus estão trabalhando para completar a semana. Eu mantenho todos eles cientes da sua punição, caso deixem o trabalho antes da hora. Eles temem ser processados por quebra de contrato.

– As despesas legais seriam maiores do que vale essa mão de obra. Que bando de patifes ingratos! – disse sua mãe.

– Certamente! Mas eu lhes mostrei como mantenho a minha palavra, e como espero que mantenham a sua. A essa altura eles já me conhecem. Os homens de Slickson também estão fora, e é certo que ele não vai gastar dinheiro para processá-los. Estamos prontos para demitir, mãe.

– Espero que não haja muitas encomendas já feitas.

– Claro que há. Eles sabem disso muito bem. Mas não sabem de tudo, embora achem que sim.

– O que quer dizer, John?

Os candelabros chegaram. Fanny pegou seu interminável trabalho de tricô e começou a bocejar, recostando-se na cadeira de vez em quando e olhando para o vazio, sem pensar em nada.

– Bem – disse ele – os americanos estão colocando sua lã no mercado mundial, e a nossa única chance é produzir a lã a um preço mais baixo. Se não pudermos, podemos perder o mercado de uma vez, e tanto os trabalhadores como os patrões serão prejudicados. Ainda assim, esses loucos querem voltar aos valores pagos três anos atrás – alguns dos seus líderes citam os preços de Dickinson, agora – embora saibam tão bem como nós o quanto as multas pressionam seus salários, e que nenhum homem honrado os extorquiria. E há outros meios que eu, por exemplo, não gostaria de usar, mas o preço real dos

salários pagos por Dickinson é menor do que os nossos. Eu lhe digo com sinceridade, mãe, preferia que as antigas leis combinadas estivessem em vigor. É péssimo descobrir que alguns tolos – homens ignorantes e perversos como esses – só porque unem suas cabeças tolas e fracas, podem governar o destino daqueles que trazem toda a sabedoria que só o conhecimento e a experiência, e muitas vezes o sofrimento e a ansiedade, podem dar. O próximo passo – na verdade já estamos chegando a isso – será que nós deveremos pedir, de chapéu na mão, humildemente, ao secretário do Sindicato dos Tecelões que tenha a bondade de nos fornecer mão de obra, nos seus próprios valores. É o que eles querem. Eles, que não têm o bom senso de ver que, se não conseguirmos uma divisão justa dos lucros para nos compensar pelo nosso desgaste aqui na Inglaterra, podemos nos mudar para outro país. E que, com a competição dentro do país e no estrangeiro, nenhum de nós provavelmente vai conseguir uma divisão justa. Ficaremos bastante gratos se conseguirmos isso dentro de alguns anos.

– Não pode conseguir mão de obra na Irlanda? Eu não manteria esses camaradas nem mais um dia. Iria ensinar-lhes que sou o patrão, e que posso empregar quem eu quiser.

– Sim! Certamente que posso. E é o que farei, se eles continuarem com a greve por muito tempo. Será trabalhoso e caro, e creio até que haverá algum perigo. Mas prefiro fazer isso do que ceder.

– Se vamos ter toda essa despesa extra, lamento que estejamos oferecendo um jantar justo agora.

– Eu também. Não por causa das despesas, mas porque tenho muito sobre o que pensar, e muitos compromissos inesperados que me tomarão tempo. Mas temos que contar com a presença de Mr. Horsfall, e ele não ficará muito tempo em Milton. Quanto aos outros, temos que retribuir os seus jantares e o problema é o mesmo.

Mr. Thornton retomou sua ansiosa caminhada dentro de casa, sem falar mais nada. De vez em quando dava um profundo suspiro, como se quisesse espantar algum pensamento aborrecido. Fanny fazia inúmeras perguntas à mãe sobre pequenas coisas, nenhuma delas relacionada com o assunto que ocupava a mente da dama, como qualquer pessoa inteligente perceberia. Como consequência, recebeu muitas respostas curtas. Ela não lamentou quando, às dez horas, os criados se perfilaram para as orações. Estas eram sempre lidas pela mãe, capítulo por capítulo. Estavam agora firmemente dedicados ao Velho Testamento. Quando as orações terminaram, e a mãe lhes desejou boa-noite – com aquele seu olhar longo e firme, que não transmitia a ternura que havia em seu coração, mas ainda assim tinha a intensidade de uma bênção – Mr. Thornton continuava a caminhar. Todos os seus planos de negócios haviam sido suspensos. Pararam de súbito, por conta das demissões que se aproximavam. A sua previsão de muitas horas de ansiedade foi descartada, totalmente superada pela insana estupidez desses homens, que prejudicaria mais a eles do que a ele mesmo, embora ninguém pudesse fixar qualquer limite para o dano que estavam causando. E esses eram os homens que se julgavam preparados para dizer aos patrões como deveriam dispor do seu capital! Naquele dia mesmo, Hamper havia dito que, se fosse arruinado pela greve, começaria a vida novamente, consolado pela certeza de que aqueles que o levaram a isso estavam em pior situação do que ele – pois ele tinha a cabeça e as mãos, enquanto eles tinham apenas as mãos. E se eles acabassem com o seu próprio mercado não poderiam

consegui-lo de volta, nem fazer qualquer outra coisa. Mas isso não era consolo para Mr. Thornton. Podia ser que a vingança não lhe trouxesse nenhum prazer. Podia ser que valorizasse a posição que conquistara com o suor do seu rosto, tanto que sentia profundamente que ela fosse posta em perigo pela ignorância ou a loucura de outros. E sentia tão intensamente que não economizava pensamentos sobre quais podiam ser as consequências da conduta desses homens sobre os seus próprios destinos. Caminhava de um lado para o outro, apertando os dentes de vez em quando. De repente, bateram duas horas. As velas tremeluziam nos candelabros. Ele voltou a acendê-las, murmurando para si mesmo:

– Eles vão saber, de uma vez por todas, com quem resolveram brigar. Posso dar-lhes uma quinzena – não mais. Se não virem a loucura que estão cometendo antes desse prazo, vou contratar mão de obra na Irlanda. Acho que é coisa do Slickson – confundi-los com as suas trapaças! Ele achou que tinha estoques em excesso, por isso pareceu recuar no início, quando a representação recaiu sobre ele. E, é claro, só fez com que eles se aferrassem à sua loucura, como ele pretendia. Foi aí que começou tudo isso.

CAPÍTULO 19
AS VISITAS DE UM ANJO

“Como os anjos nos sonhos mais lindos
Visitam a alma enquanto o homem dorme,
Assim, alguns estranhos pensamentos
Transcendem nossos temas banais,
E se aproximam da glória.”
Henry Vaughan[1]

Mrs. Hale estava curiosamente interessada e bastante divertida com a ideia do jantar dos Thorntons. Ficava imaginando os detalhes, com um pouco da simplicidade de uma criança, que quer ver descritos de antemão todos os prazeres que antecipa. Mas a vida monótona dos inválidos muitas vezes se transforma em crianças, na medida em que nenhum deles tem qualquer senso de proporção dos acontecimentos, e parecem todos acreditar que as paredes e cortinas que fecham o seu mundo, e mantêm afastada qualquer outra coisa, devem necessariamente ser maiores do que tudo o que se encontra para além dele. Além disso, Mrs. Hale tivera suas vaidades quando moça, e talvez houvesse sofrido desnecessariamente com a sua falta quando se tornou a esposa de um pobre clérigo. Essas vaidades foram abafadas e reprimidas, mas não foram extintas. Ela gostava da ideia de ver Margaret vestir-se para uma festa, e discutiu o que ela deveria usar com uma ansiedade e inconstância que divertiram a filha. Margaret estava mais acostumada com a sociedade, só com a sua Harley Street, do que a mãe com os seus vinte e cinco anos de Helstone.

– Então, acha que deve usar o vestido de seda branco! Tem certeza que vai servir? Faz quase um ano que Edith se casou!

– Ah, sim, mamãe! Foi Mrs. Murray que o fez, e com certeza vai servir. Pode estar um dedinho mais largo ou apertado na cintura, caso eu tenha agradecido ou engordado. Mas não acho que tenha havido qualquer alteração.

– Não é melhor deixar Dixon vê-lo? Ele pode estar amarelado, de ficar guardado.

– Se quiser, mamãe. Mas caso aconteça o pior, tenho um lindo vestido de gaze cor-de-rosa que a Tia Shaw me deu apenas dois ou três meses antes do casamento de Edith. Esse não deve ter amarelado.

– Não! Mas pode ter desbotado.

– Bem! Então tenho um de seda verde. Isso está me parecendo mais como a dificuldade de escolha dos ricos.

– Ah! Quisera saber o que você deve vestir! – disse Mrs. Hale, nervosa.

A atitude de Margaret mudou de imediato.

– Quer que eu os vista, um depois do outro, mamãe, para que veja e me diga de qual gosta mais?

– Ah... sim! Talvez seja melhor.

E assim Margaret saiu. Estava bastante inclinada a fazer algumas brincadeiras, por estar vestida em uma hora tão incomum. Fez seu rico vestido de seda branca parecer um queijo, e recuou para trás de sua mãe como se ela fosse a rainha. Mas quando viu que suas maluquices foram consideradas como interrupções em um assunto sério, e como tal aborreceram a mãe, ela voltou a ficar séria e calma. O que tinha o mundo (seu mundo) para incomodá-la tanto a respeito de um vestido, Margaret não conseguia entender. Mas nessa mesma tarde, ao contar do seu compromisso para Bessy Higgins (a propósito da criada que Mrs. Thornton prometera indicar), Bessy animou-se bastante ao saber da notícia.

– Minha querida! Então vai jantar na casa dos Thornton, na Fábrica Marlborough?

– Sim, Bessy. Por que está surpresa?

– Ah, não sei. Mas eles frequentam a alta-roda de Milton.

– E você acha que nós não pertencemos à alta-roda, não é, Bessy?

Bessy corou um pouco, ao ver seus pensamentos lidos com tanta facilidade.

– Bem – disse ela – você sabe, eles ganham um bocado de dinheiro aqui, e imagino que vocês não têm muito.

– Não – disse Margaret – isso é verdade. Mas somos pessoas educadas, e temos vivido entre pessoas educadas. É tão espantoso assim que sejamos convidados para jantar por um homem que se considera inferior ao meu pai, a ponto de vir aprender com ele? Não estou acusando Mr. Thornton. Poucos empregados de lojas de tecidos, como ele um dia foi, poderiam ter se tornado o que ele é.

– Mas vocês poderão retribuir o jantar, em uma casa tão pequena como a sua? A casa dos Thornton é três vezes maior.

– Bem, acho que podemos nos arranjar para oferecer a Mr. Thornton um jantar de retribuição, como você diz. Talvez não em uma sala tão grande, nem com tantas pessoas. Mas não creio que tenhamos chegado a pensar nisso dessa forma.

– Nunca pensei que você jantaria com os Thornton – repetiu Bessy. – Sabe, o próprio prefeito janta lá, e os membros do Parlamento também.

– Acho que posso aguentar a honra de conhecer o prefeito de Milton.

– Mas as senhoras se vestem de modo tão majestoso! – disse Bessy, com um olhar ansioso para o simples vestido estampado de Margaret, cujo tecido os seus olhos de Milton avaliaram em sete centavos o metro.

A face de Margaret se abriu em um riso alegre.

– Obrigada, Bessy, por sua bondade em desejar que eu pareça bonita entre todas essas pessoas elegantes. Mas eu tenho vários vestidos magníficos. Uma semana atrás eu diria que eles eram finos demais para qualquer coisa que eu pudesse voltar a desejar. Mas como vou jantar na casa de Mr. Thornton, e talvez encontrar o prefeito, vou colocar o meu melhor vestido, pode ter certeza.

– O que vai usar? – perguntou Bessy, um tanto aliviada.

– Seda branca – disse Margaret. – Um vestido que usei no casamento de uma prima, um ano atrás.

– Esse vai servir! – disse Bessy, recostando-se na cadeira. – Eu me recuso a ver você olhada com desprezo.

– Ah! Vou ficar bem bonita, então, se isso vai me salvar de ser desprezada em Milton.

– Quem dera eu pudesse ver você vestida assim – disse Bessy. – Quero dizer, você não é o que as pessoas chamariam de linda, não é clara ou rosada o suficiente para isso. Mas, sabe, eu sonhei com você muito tempo antes de conhecê-la.

– Que bobagem, Bessy!

– Mas eu sonhei! Seu próprio rosto, saindo da escuridão e me olhando com esses seus olhos claros e firmes – com seus cabelos voando para trás, e caindo como raios em volta da testa, que era tão suave e honesta como parece agora. E você sempre vinha para me dar forças, que eu parecia retirar dos seus olhos profundos e reconfortantes, e vestia-se com trajas resplandecentes, iguais aos que vai vestir. Então, você sabe, era você!

– Não, Bessy – disse Margaret, gentilmente. – Era só um sonho.

– E porque, na minha aflição, não posso ter um sonho, assim como os outros? Tantos na Bíblia já não fizeram isso? Sim, e posso ter visões também! Sabe, até o meu pai acredita em sonhos! Eu lhe digo que a vi tão claramente, vindo em minha direção, com seu cabelo esvoaçando para trás em um movimento rápido, igual ao jeito que você usa, e o vestido branco brilhante que você vai vestir. Deixe que eu vá vê-la com o vestido. Quero vê-la e tocá-la, igual como você estava no meu sonho.

– Minha querida Bessy, isso é uma grande fantasia da sua parte.

– Fantasia ou não, você veio, como eu sabia que viria, quando vi seus movimentos no meu sonho. E quando está aqui perto de mim, acho que me sinto melhor e confortada, como o fogo conforta a gente em um dia frio. Você disse que vai ser no dia vinte e um. Por favor, deixe-me ir vê-la.

– Oh, Bessy! Pode vir, se quiser, será bem-vinda. Mas não fale assim, isso me deixa triste, realmente.

– Então vou guardar isso para mim, vou morder a língua. Mas não é por isso que deixa de ser verdade.

Margaret ficou em silêncio. Por fim, disse:

– Então vamos falar sobre isso de vez em quando, se acha que é verdade. Mas não agora. Diga-me, seu pai está fazendo greve?

– Sim – disse Bessy, com pesar, em um tom bem diferente daquele que usara apenas alguns minutos antes. – Ele e muitos outros, todos empregados de Hamper, e muitos mais, além deles. Desta vez as mulheres estão tão perversas como os homens, em sua selvageria. A comida custa caro, e elas precisam de comida para os seus filhos, eu acho. Suponha que Thornton divida o seu jantar com eles – o mesmo dinheiro gasto em carne e batatas acalmaria muitos bebês que choram de fome, e tranquilizaria um pouco o coração das mães!

– Não fale assim! – disse Margaret. – Vai fazer com que eu me sinta má e culpada de ir a esse jantar.

– Não! – disse Bessy. – Alguns são escolhidos de antemão para festas suntuosas e finos linhos cor de púrpura... talvez você seja um desses. Outros trabalham duro durante toda a sua vida. Nem os cachorros merecem piedade em nosso tempo, como mereciam no tempo de Lázaro. Mas se apenas levantar a ponta do dedo para mim, eu atravessarei o grande golfo para encontrá-la, pensando apenas no que você foi para mim neste mundo.

– Bessy! Você está febril! Posso ver só de tocar a sua mão, e também pelo que está dizendo. Não haverá qualquer diferença, naquele dia terrível, entre os que foram mendigos nesta vida e os que foram ricos. Não seremos julgados por essa mera circunstância, mas por nossa fé nos ensinamentos de Cristo.

Margaret levantou-se, pegou um pouco de água e molhou seu lenço. Passou o lenço úmido na testa de Bessy e começou a esfregar seus pés gelados para aquecê-los. Bessy fechou os olhos e se permitiu ser cuidada. Por fim, disse:

– Você ficaria fora de si, assim como eu, se visse uma pessoa atrás da outra vir perguntar pelo pai, cada uma contando a sua história. Algumas falam com um ódio mortal, e me gelam o sangue com as coisas que dizem dos patrões. Muitas delas, as mulheres, ficam se queixando e se queixando do preço da carne (com as lágrimas escorrendo pelo rosto, que elas não secam, como se nem percebessem), e de como as suas crianças não conseguem dormir à noite por causa da fome.

– E elas acham que a greve vai resolver isso? – perguntou Margaret.

– Elas dizem que sim – respondeu Bessy. – Dizem que os negócios têm ido bem por muito tempo, e que os patrões estão cheios de dinheiro. Quanto eles têm, o pai não sabe, mas o Sindicato sabe, é claro. E é natural que agora queiram a sua parte nos lucros, já que a comida está tão cara. E o Sindicato diz que eles não estão fazendo a sua obrigação se não obrigarem os patrões a lhes pagar a sua parte. Mas os patrões têm que obter vantagem de alguma forma, e temo que eles consigam manter isso agora e para sempre. É como a grande batalha do Armagedon, o modo como persistem zombando e lutando uns com os outros, até que, mesmo enquanto lutam, vão sendo destruídos um a um e jogados na sepultura.

Só então, Nicholas Higgins chegou. Ouviu as últimas palavras da filha.

– Sim! E eu vou lutar também, e dessa vez vou conseguir. Não vai demorar muito para eles cederem, pois conseguiram um monte de encomendas, todas com prazo contratado. E logo vão descobrir que é melhor nos pagar os nossos cinco por cento do que perder os lucros que podem ter. Sem falar na multa por não cumprirem os contratos. Ah, senhores patrões! Eu sei quem vai vencer.

Margaret imaginou, pelos seus modos, que ele devia ter bebido. Não tanto pelo que ele disse, mas pela maneira excitada com que falou. E confirmou essa ideia pela evidente ansiedade de Bessy em apressar a sua partida. Bessy lhe disse:

– Dia vinte e um... É na quinta-feira dessa semana. Acho que poderei ir até sua casa, para vê-la vestida para o jantar dos Thorntons. A que hora é o jantar?

Antes que Margaret pudesse responder, Higgins desatou a falar:

– Jantar dos Thornton! Você vai ao jantar dos Thornton? Então peça a ele para fazer um brinde ao sucesso das suas encomendas. Até o dia vinte e um, acho eu, ele vai estar gastando os miolos para descobrir como entregá-las a tempo. Diga a ele que há setecentos homens que marcharão direto para a Fábrica Marlborough, no dia que ele conceder os cinco por cento, para ajudar a cumprir com as encomendas sem demora nenhuma. Todos os patrões vão estar lá nesse jantar. O meu patrão, o Hamper, é um camarada do tipo antigo. Nunca fala com um homem sem rogar uma prece ou dizer uma maldição. Acho que ele vai morrer, se um dia falar comigo com educação. Mas acaba que ele late mais do que morde, e você pode contar-lhe que um dos seus grevistas disse isso, se quiser. Ah! Vai ter um monte de valorosos donos de fábricas na casa do Thornton! Eu gostaria de ouvir a conversa deles, quando estão um tanto inclinados a sentar-se, após o jantar, e não podem escapar da conversa ao seu redor. Eu diria para eles o que penso. Diria de novo o quanto estão sendo duros conosco!

– Adeus! – disse Margaret, apressada. – Adeus, Bessy! Espero vê-la no dia vinte e um, se estiver bem de saúde.

Os remédios e o tratamento que Mr. Donaldson havia prescrito para Mrs. Hale fizeram-lhe tão bem no início, que tanto ela quanto Margaret começaram a acreditar que ele podia ter se enganado, e que ela talvez se recuperasse permanentemente. Quanto a Mr. Hale, embora nunca tivesse sabido da natureza séria dos temores das duas, triunfou sobre os seus medos com evidente alívio, o que provava o quanto fora afetado pelo que pôde perceber da doença. Apenas Dixon continuava resmungando nos ouvidos de Margaret. No entanto, Margaret desafiava o mau agouro e continuava a ter esperanças.

Era bom que houvesse esses lampejos de esperança dentro de casa, pois fora dela, mesmo para os seus olhos pouco conhecedores do assunto, havia uma sombria e chocante aparência de descontentamento. Mr. Hale tinha suas próprias amizades entre os trabalhadores, e ficava deprimido quando eles lhe contavam tristes histórias de sofrimentos e longas privações. Eles teriam se recusado a falar do que tiveram que suportar com qualquer pessoa que pudesse, devido à sua posição, ter compreendido isso sem necessidade de palavras. Mas aqui estava esse homem, de uma região distante, que ficava perplexo com as engrenagens do sistema no meio do qual se metera, e cada um deles estava ansioso por transformá-lo em juiz e dar testemunho dos seus motivos de irritação. Mr. Hale, então, trouxe todo o seu rosário de reclamações para desfiar na frente de Mr. Thornton, para que ele, com sua experiência como patrão, pudesse organizá-las e explicar sua origem – o que ele de fato fez, à luz dos princípios econômicos. Explicou que, da maneira que o negócio era conduzido, sempre haveria um aumento seguido de uma retração da prosperidade comercial. E que na fase de retração, certo número de patrões, assim como de empregados, devia ser levado à ruína, e não mais seria visto nas fileiras dos prósperos e felizes. Ele falou como se esta consequência fosse tão inteiramente lógica, que nem os empregadores, nem os empregados, teriam direito de queixar-se se esse acabasse sendo o seu destino. O empregador devia dar as costas a uma corrida em que não podia mais competir, com um amargo sentimento de incompetência e fracasso – ferido na luta, atropelado pelos seus companheiros na sua corrida para a riqueza, desprezado onde antes era respeitado – e humildemente pedindo trabalho, ao invés de conceder, com sua nobre mão. Naturalmente, falando dessa maneira de um destino que, como patrão, podia ser o seu próprio destino nas flutuações do

comércio, não era provável que ele conseguisse mais simpatia com aqueles operários que eram ignorados nessa rápida e cruel alteração, e que de bom grado teriam se deitado para morrer com calma longe do mundo que não os queria mais. Talvez eles nunca mais pudessem descansar em seus túmulos por causa dos gritos lancinantes daqueles seres amados e indefesos que deixaram para trás, e invejassem a energia do pássaro selvagem, que alimenta seus filhotes com o sangue do seu próprio coração.

Até a alma de Margaret levantava-se contra ele, quando raciocinava dessa maneira – como se os negócios fossem tudo e a humanidade nada. Mal podia lhe agradecer pela bondade que demonstrara, e que o levou naquela mesma noite a oferecer-lhe – tendo a delicadeza de perceber que deveria fazer a oferta em particular – todas as conveniências que sua própria riqueza ou o espírito previdente da mãe lhes tinha permitido acumular no seu recesso familiar, e que, como ele soube pelo Dr. Donaldson, Mrs. Hale eventualmente podia precisar. A presença dele e o modo como falou – lembrando-a da sua desgraça, aquela doença da mãe que ela tentava em vão convencer-se de que ainda poderia ser evitada – tudo conspirava para que Margaret rangesse os dentes ao olhá-lo ou escutá-lo. Por que razão ele tinha que ser a única pessoa – exceto o Dr. Donaldson e Dixon – a conhecer o terrível segredo que ela mantinha trancado no mais profundo e sagrado recesso do seu coração, sem coragem de encará-lo, a menos que invocasse uma força celestial para suportar a visão de que, em algum dia muito breve, ela deveria chorar por sua mãe, e nenhum consolo viria da escuridão vazia e silenciosa? No entanto, ele sabia de tudo. Ela viu isso nos seus olhos penalizados. Ouvia isso na sua voz grave e trêmula. Como conciliar aqueles olhos, aquela voz, com o raciocínio rígido e o modo seco e impiedoso com que ele estabeleceu axiomas sobre o comércio e serenamente seguiu-os até o fim, nas suas plenas consequências? A divergência feriu-a de modo indescritível. Ainda mais por causa da conjunção de desgraças que ela ouvira de Bessy. Com certeza, Nicholas Higgins, o pai, falava de forma diferente. Ele havia sido nomeado membro do comitê, e disse que conhecia segredos que os exóticos desconheciam. Dissera isso, expressa e particularmente, na própria véspera do jantar de Mrs. Thornton, quando Margaret fora visitar Bessy e o encontrara discutindo o assunto com Boucher. Tratava-se do vizinho de quem ela já ouvira falar com frequência – às vezes despertando a compaixão de Higgins, como um homem desajeitado com uma enorme família para sustentar, e outras vezes enraivecendo seu vizinho mais enérgico e audacioso, pela sua falta daquilo que Higgins chamava de espírito. Era evidente que Higgins estava alterado quando Margaret entrou. Boucher estava parado, com ambas as mãos no alto console da lareira, balançando-se um pouco nos braços esticados e olhando raivosamente para o fogo, com uma aparência de desespero que irritava Higgins, mesmo que lhe tocasse o coração. Bessy se balançava com força na cadeira, para frente e para trás, como era seu costume (naquela altura Margaret já sabia) quando estava agitada. Sua irmã, Mary, estava colocando seu chapéu (com laços grandes e desajeitados, próprios para seus dedos grandes e desajeitados) para ir cortar linho, choramingando alto enquanto isso, e desejando ardentemente escapar de uma cena que a incomodava. Margaret entrou nessa cena. Parou um momento na porta, então, com o dedo nos lábios, escorregou para um assento estofado perto de Bessy. Nicholas a viu entrar, e saudou-a com um aceno brusco, porém não inamistoso. Mary apressou-se e ficou contente de escapar pela porta aberta, gritando alto ao sair da presença do pai. Apenas John Boucher não tomou conhecimento de quem chegou e de quem saiu.

– Não adianta, Higgins. Ela não vai viver muito, desse jeito. Ela está morrendo – não apenas por falta de comida para ela mesma, mas porque não pode suportar ver os pequeninos passando fome. Sim, passando fome! Cinco xelins por semana podem dar muito bem pra você, que só tem duas bocas pra sustentar, e uma delas é uma moça que pode muito bem ganhar o seu sustento. Mas nós passamos fome! E eu te digo com franqueza – se ela morrer, como eu acho que vai, antes que a gente consiga os cinco por cento, vou atirar o dinheiro de volta na cara do patrão e dizer “Maldito seja você, maldito seja o seu mundo cruel, que me tirou a melhor esposa que um homem já teve!” E eu te digo, rapaz, eu vou te odiar, e também o grupo todo do Sindicato. E vou caçar vocês no inferno, com o meu ódio. Eu vou, homem! Vou, mesmo, se tá me levando pelo caminho errado nesse assunto! Vocês disseram, Nicholas, até a quarta-feira da semana passada, e hoje é quinta da outra semana. Isso dá uma quinzena, que os patrões vêm atrás de nós pedindo para a gente voltar, pelo mesmo salário – e o tempo está chegando ao fim. E o nosso pequeno Jack, tão fraquinho, deitado em uma cama, fraco demais para chorar, mas de vez em quando soluçando por falta de comida – nosso pequenino Jack, eu te digo, rapaz! Ela nunca melhorou, desde que ele nasceu, e ela ama ele como se fosse a sua vida – e ele é – porque acho que ele vai me custar esse preço, vai me tirar meu bem mais precioso. Nosso pequeno Jack, que me acorda todas as manhãs, colocando sua boquinha no meu rosto rude e bruto, procurando um lugar suave pra beijar... ele está passando fome!

Então o pobre homem desatou em soluços, e Nicholas levantou os olhos cheios de lágrimas para Margaret, antes que fosse capaz de falar.

– Aguenta firme, rapaz. O teu pequeno Jack não vai morrer de fome. Consegui uns cobres, e vamos comprar um pouco de leite e um pão bem grande agora mesmo. O que é meu é teu, decerto, se é isso que falta. Só não quero que perca a cabeça, rapaz! – ele continuou, enquanto fuçava em uma lata de chá para pegar todo o dinheiro que tinha – Eu te digo, do fundo da minha alma, que isso tudo vai acabar. É só aguentar mais uma semana, e você vai ver de que jeito os patrões vão vir atrás da gente, implorando pra gente voltar pra fábrica. E o Sindicato – isto é, eu mesmo – vai tomar conta das crianças e da patroa. Então não deixa a alma enfraquecer, nem vá procurar os patrões em busca de trabalho.

O homem voltou o rosto ao ouvir essas palavras – um rosto tão pálido, magro, desesperançado e sulcado pelas lágrimas, que a sua própria calma levou Margaret às lágrimas.

– Você sabe bem que um tirano ainda pior do que os patrões está dizendo “Morram de fome, e vou ver todos morrerem de fome, antes que tenham coragem de ir de novo ao Sindicato.” Você sabe bem disso, Nicholas, pois você já esteve com eles. Vocês podem ter bom coração, cada um separado, mas quando se juntam não tem mais piedade de um homem do que um bando de lobos enlouquecidos de fome.

Nicholas tinha a mão sobre a fechadura da porta, quando parou e virou-se para Boucher, fechando-a em seguida.

– Que Deus me ajude! Valha-me, se não acho que estou fazendo o melhor para você e para todos nós. Se estou errado quando acho que estou certo, é o pecado deles que me deixou na minha ignorância. Já pensei até a cabeça doer. Acredite, John, eu pensei. E digo outra vez: não há saída para nós, a não ser confiar no Sindicato. Eles vão vencer, você vai ver se não!

Nem Bessy nem Margaret disseram uma só palavra. Mal podiam suspirar, quando os olhos de uma encontravam os da outra e buscavam os suspiros no fundo do coração. Por fim, Bessy disse:

– Nunca pensei que ouviria o pai falar em Deus outra vez. Mas você ouviu quando ele disse “Que Deus me ajude!”

– Sim – disse Margaret. – Deixe-me trazer o dinheiro que consegui economizar, deixe que eu traga um pouco de comida para os filhos desse pobre homem. Não permita que ele saiba que isso veio de outra pessoa que não seu pai. De qualquer forma, é muito pouco.

Bessy se recostara na cadeira, sem prestar atenção ao que Margaret dissera. Não chorava, apenas tremia, o peito arfando.

– Meu coração está seco de lágrimas – ela disse. – Boucher tem vindo nestes últimos dias, contando-me seus medos e suas angústias. Ele não é mais que um camarada fraco, eu sei, mas é um homem mesmo assim. E embora eu tenha ficado zangada muitas vezes antes, com ele e a mulher, que sabe ainda menos do que ele como se virar – ainda assim, você vê, nem todas as pessoas são sábias, mas Deus permite que vivam. Sim, e lhes dá alguém para amar e ser amado, tão justo como Salomão. E se acontece algum sofrimento com aqueles a quem amam, isso lhes fere tão profundamente quanto feriu Salomão. Eu não consigo entender. Talvez seja bom que alguém como Boucher tenha o Sindicato para cuidar dele. Mas eu gostaria de ver os meios que o Sindicato vai usar, e queria colocá-los um por um, cara a cara com Boucher. Eu acho que se eles o ouvirem vão dizer-lhe (se conversarem um por um) que ele devia voltar e pegar o que pudesse pelo seu trabalho, mesmo que não fosse tanto quanto eles ordenaram.

Margaret sentava-se absolutamente calada. Como poderia algum dia voltar para o seu conforto, e esquecer a voz desse homem, com seu tom de inexprimível agonia, contando sofrimentos que nem as palavras conseguiram descrever? Pegou sua bolsa. Não tinha muito ali que pudesse chamar de seu, mas o que tinha colocou na mão de Bessy, sem falar nada.

– Obrigada. Há muitos que não recebem nem isso, e não estão em estado pior – ou pelo menos não demonstram tanto quanto ele. Mão o pai não vai deixá-los em falta, agora que sabe. Você vê, Boucher foi destruído com esses filhos, e ela sendo tão estranha, tudo o que poderiam hipotecar foi gasto neste último ano. Não deve pensar que vamos deixá-los morrer de fome, por mais que a gente mesmo esteja mal, pois se um vizinho não ajuda o outro, não sei quem o fará.

Bessy parecia quase temerosa de que Margaret pensasse que não tinham a vontade e, em certa medida, o poder de ajudar alguém a quem ela evidentemente considerava mais necessitado do que eles próprios.

– Além disso – ela continuou – o pai tem certeza absoluta de que os patrões vão ceder dentro de poucos dias, pois não poderão aguentar muito mais. Mas eu lhe agradeço mesmo assim, agradeço tanto por mim quanto por Boucher. Isso apenas torna meu coração mais e mais afetuoso para com você.

Bessy parecia mais calma hoje, mas terrivelmente lânguida e exausta. Quando terminou de falar parecia tão fraca e cansada, que Margaret ficou alarmada.

– Não é nada – disse Bessy. – Não é a morte ainda. Tive uma noite

terrível, com muitos sonhos – ou algo parecido com os sonhos, pois estava acordada. E estou um tanto sonolenta e confusa hoje – só o nosso pobre camarada me deixou mais ativa. Não! Ainda não é a morte, mas a morte não está longe. Sim, cubra-me, e talvez eu durma, se a tosse deixar. Boa-noite, ou boa-tarde talvez, não sei bem, a luz hoje está muito fraca.

[1] Henry Vaughan (1622-1695): médico e poeta metafísico galês que influenciou a produção poética de Wordsworth, Tennyson e Sigfried Sasson, bem como o escritor norte-americano Philip K. Dick

CAPÍTULO 20

HOMENS E CAVALHEIROS

“Os velhos e os jovens, rapaz, deixe que todos comam, eu já tenho o meu. Deixe que tenham dez dentes de enfeite cada um, não me importo.”
Rollo, Duque da Normandia

Margaret foi para casa tão pensativa com a dolorosa lembrança do que vira e ouvira, que mal sabia como animar-se para as obrigações que a esperavam. Entre outras coisas, tinha que manter uma conversa fluente e alegre com a mãe. Agora que não podia sair, Mrs. Hale encarava o retorno de Margaret de qualquer pequeno passeio como uma fonte de novidades.

– E a sua amiga da fábrica, vai vir na quinta-feira para vê-la vestida para o jantar?

– Ela estava tão doente que nem pensei em perguntar – disse Margaret, com tristeza.

– Minha querida! Parece que agora todo mundo anda doente – disse Mrs. Hale, com um pouco do ciúme que um doente sente do outro. – Mas deve ser muito triste ficar doente em uma daquelas ruas pequenas e estreitas. (Sua natureza bondosa prevaleceu, assim como a velha maneira de pensar de Helstone.) Aqui já é ruim o suficiente. O que pode fazer por ela, Margaret? Mr. Thornton me mandou um pouco de vinho do porto, depois que você saiu. Acha que uma garrafa desse vinho lhe faria bem?

– Não, mamãe! Não acredito que eles sejam assim tão pobres – pelo menos, não agem como se fossem. E, de qualquer forma, a doença de Bessy é a tuberculose – ela não iria querer o vinho. Talvez eu deva levar-lhe um pouco de compota, feita com as nossas queridas frutas de Helstone. Não! Há outra família a quem eu deveria dá-la. Ah, mamãe, mamãe! Como poderei me vestir com os trajes mais finos, e sair para belas festas, depois da tristeza que presenciei hoje? – exclamou Margaret.

Ultrapassou os limites que estabelecera para si mesma antes de voltar para casa, e contou à mãe o que vira e ouvira no chalé dos Higgins.

Mrs. Hale ficou profundamente angustiada. Não descansou daquela agitação enquanto não fez alguma coisa. Mandou Margaret preparar uma cesta ali mesmo na sala, para ser mandada para a família. Ficou quase zangada com a filha, quando esta disse que não faria mal se mandassem a cesta apenas na manhã seguinte, pois sabia que Higgins havia cuidado das suas necessidades imediatas, e ela mesma havia deixado algum dinheiro com Bessy. Mrs. Hale disse-lhe que não tinha sentimentos, por falar dessa maneira. E não se permitiu respirar aliviada enquanto a cesta não foi enviada.

– Depois de tudo – ela comentou – talvez tenhamos agido errado. Na última vez que Mr. Thornton esteve aqui, disse que aqueles que ajudam a prolongar a greve socorrendo os grevistas não são amigos de verdade. E esse

Boucher é um grevista, não é?

A pergunta foi feita a Mr. Hale pela esposa, quando ele subiu as escadas, logo após a aula com Mr. Thornton que terminara em conversa, como era seu costume. Margaret não ligava se a sua doação prolongasse a greve. Seus pensamentos não chegavam até aí, no seu estado presente de agitação.

Mr. Hale ouviu e tentou ser tão sereno quanto um juiz. Lembrou de todas as coisas que pareciam tão claras quando saíram da boca de Mr. Thornton, não fazia meia hora. E então chegou a um acordo, não muito satisfatório. Sua esposa e a filha não apenas haviam agido corretamente, como ele mesmo no momento não podia ver como elas poderiam ter agido de outro modo. Entretanto, como regra geral, era verdade o que Mr. Thornton dissera, que se a greve se prolongasse muito acabaria por obrigar os patrões a contratar mão de obra de fora. Isso se o resultado final não fosse, como muitas vezes acontecera antes, a invenção de alguma máquina que diminuísse a necessidade de mão de obra de uma vez por todas. Bem, estava bastante claro que o mais correto seria recusar toda a ajuda que pudesse sustentá-los nessa sua loucura. Mas, quanto a este Boucher, ele iria visitá-lo logo na manhã seguinte, e veria o que podia ser feito por ele.

Mr. Hale foi na manhã seguinte, como se propusera. Não encontrou Boucher em casa, mas conversou longamente com a esposa. Prometeu pedir uma ordem de internação hospitalar para ela. E vendo a fatura providenciada por Mrs. Hale, e um tanto desperdiçada pelas crianças, que se adonaram do andar de baixo na ausência do pai, voltou para casa com um relato mais alegre e consolador do que Margaret teria esperado. Na verdade, o que ela contara na noite anterior preparara o pai para um estado de coisas tão calamitoso que, como uma reação da sua imaginação, ele descreveu tudo melhor do que realmente era.

– Mas eu vou voltar lá, e ver o próprio Boucher – disse Mr. Hale. – Eu ainda não sei direito como comparar uma dessas casas com os nossos pobres chalés de Helstone. Vi móveis aqui que os nossos trabalhadores jamais pensariam em comprar, e alimentos comumente utilizados que lá seriam considerados um luxo. Mas para estas famílias parece que não há outro recurso, agora que seus salários estão suspensos, a não ser a loja de penhores. Temos que aprender uma linguagem diferente, e medir por um padrão diferente, aqui em Milton.

Bessy também estava um pouco melhor naquele dia. Ainda assim, sua fraqueza era tanta que pareceu esquecer por completo seu desejo de ver Margaret vestida – se, é claro, não tivesse sido o desejo febril de alguém em estado de semidelfírio.

Margaret não podia evitar a comparação entre aqueles seus trajes pouco comuns – para ir aonde não desejava, o coração pesado com várias preocupações – com os trajes antigos, alegres, de menina, com que ela e Edith haviam brincado fazia pouco mais de um ano. O único prazer que tinha agora em enfeitar-se com essas roupas luxuosas, era pensar no prazer que a mãe teria ao vê-la assim. Corou quando Dixon, mantendo a porta da sala aberta, começou a elogiá-la.

– Miss Hale parece muito bem, minha senhora, não acha? Os corais que Mrs. Shaw mandou não poderiam ter caído melhor. Deram o toque certo de cor ao traje. De outra forma, Miss Margaret, a senhorita ficaria muito pálida.

Os negros cabelos de Margaret eram muito grossos para serem trançados. Precisavam apenas ser enrolados sobre si, e modelados em uma maciça cascata de belos e sedosos cachos, que circundavam sua fronte como uma coroa, e depois eram unidos em uma grande espiral amarrada atrás. Ela prendeu o pesado coque com dois grampos de coral, que pareciam duas compridas setas. Suas mangas de seda branca foram suspensas por cordões do mesmo material, e em seu pescoço, logo abaixo da curva da garganta, a pele leitosa era coberta por um colar de pesadas contas de coral.

– Ah, Margaret! Como eu gostaria de estar indo com você a uma das antigas reuniões dos Barrington... levando você, como Lady Beresford costumava me levar.

Margaret beijou a mãe por essa pequena demonstração de vaidade maternal. Mas mal podia sorrir, pois sentia-se muito desanimada.

– Eu preferia muito mais ficar em casa com você, mamãe

– Bobagem, querida! Repare bem no jantar. Quero saber como tratam essas coisas aqui em Milton, especialmente o segundo prato. Veja o que eles servem no lugar da caça.

Mrs. Hale ficaria muito mais do que interessada – ficaria impressionada se visse a suntuosidade da mesa e dos acompanhamentos. Margaret, com seu cultivado gosto londrino, sentiu que a quantidade dos salgadinhos servidos como entrada era exagerada, a metade teria sido suficiente e o efeito seria mais leve e elegante. Mas era uma das rigorosas leis de hospitalidade seguidas por Mrs. Thornton, de que cada uma das iguarias devia ser servida para todos os hóspedes partilharem, se quisessem. Não ligando para a abstenção de bebidas na sua vida diária, era parte do seu orgulho preparar uma festa antes de tudo para seus convidados, como se desse a máxima importância para isso. Seu filho compartilhava desse sentimento. Ele nunca conhecera – embora pudesse imaginar e fosse capaz de apreciar – nenhum tipo de sociedade senão aquela que dependia da troca de maravilhosas refeições. Mesmo agora, embora se negasse pessoalmente a gastar sem necessidade, e mais de uma vez lamentasse que os convites para esse jantar já tivessem sido enviados, ainda assim – como não tinha mais solução – ficou feliz de ver a grandiosidade dos preparativos. Margaret e o pai foram os primeiros a chegar. Mr. Hale era muito exigente quanto à observância do horário estabelecido. Não havia ninguém na sala do andar de cima, além de Mrs. Thornton e Fanny. Todas as coberturas dos móveis haviam sido retiradas, e a sala resplandecia, com a seda adamscada amarela dos estofados e um carpete brilhantemente florido. Cada canto havia sido ornamentado, até que cansasse os olhos e apresentasse um estranho contraste com a feiura despojada da vista exterior, para o grande pátio da fábrica, onde os largos portões eram mantidos abertos para a entrada das carruagens. A fábrica erguia-se diante das janelas do lado esquerdo, espalhando sombra nas suas inúmeras venezianas e escurecendo o entardecer de verão antes da hora.

– Meu filho teve um compromisso de negócios na última hora, Mr. Hale. Vai vir direto para cá. Por favor, sentem-se.

Mr. Hale estava parado junto à janela, quando Mrs. Thornton falou. Voltou-se, dizendo:

– A senhora não acha que uma vizinhança tão próxima com a fábrica pode ser um tanto desagradável, às vezes?

Ela parou ao seu lado:

– Jamais. Não me tornei tão refinada a ponto de desejar esquecer a fonte da riqueza e do poder do meu filho. Além disso, não há outra fábrica como essa em Milton. Um dos pavilhões, sozinho, tem mais de duzentos metros quadrados.

– Quero dizer que a fumaça e o barulho – e a entrada e saída constante dos trabalhadores – devem ser aborrecidos!

– Concordo com o senhor, Mr. Hale! – disse Fanny. – Há um cheiro de vapor e óleo de máquinas o tempo inteiro, e o barulho é ensurdecedor, nada menos que isso.

– Já ouvi barulho muito mais ensurdecedor chamado de música. A sala com as máquinas fica bem no final da fábrica. Raramente ouvimos o barulho, a não ser no verão, quando abrem todas as janelas. E quanto ao constante burburinho dos trabalhadores, não me perturba mais do que o zumbido de uma colmeia de abelhas. De qualquer forma, sempre que penso nisso lembro do meu filho, e vejo que tudo pertence a ele e que é a sua cabeça que dirige tudo. Agora, não há som algum vindo da fábrica. A mão de obra foi ingrata o bastante para fazer greve, como talvez o senhor saiba. Mas o verdadeiro negócio (do qual eu falava, quando o senhor entrou), se refere às atitudes que ele vai tomar para fazê-los aprender qual é o seu lugar.

A expressão do seu rosto, normalmente séria, tornou-se raivosa quando disse isso. Seu semblante não se desanuiu nem quando Mr. Thornton entrou na sala. Ela percebeu no mesmo instante o peso das preocupações e da ansiedade, das quais ele não conseguira se livrar, embora dirigisse aos convidados um cumprimento que parecia alegre e cordial. Trocou um aperto de mãos com Margaret. Deu-se conta que era a primeira vez que suas mãos se tocavam, embora ela não tivesse consciência do fato. Ele perguntou por Mrs. Hale, e ouviu o relato confiante e esperançoso de Mr. Hale. Ao olhar para Margaret, para ver o quanto ela concordava com o pai, não notou nenhuma sombra de discordância em seu rosto. Quando olhou-a com essa intenção, foi novamente afetado por sua grande beleza. Ele nunca a vira vestida dessa maneira antes. Achou que tal elegância de trajes parecia tão adequada à sua figura nobre e à altiva serenidade do seu semblante, que ela devia vestir-se sempre assim. Margaret conversava com Fanny, sobre o quê ele não conseguia ouvir. Mas notou o habitual jeito inquieto da irmã, sempre arrumando o vestido, seus olhos dispersivos olhando ora para cá, ora para lá, mas sem um objetivo definido. Comparou-os, constrangido, com os olhos grandes e suaves que olhavam firmemente para um único objeto, como se de sua luz irradiasse algum suave poder tranquilizador. As curvas graciosas dos lábios vermelhos, entreabertos apenas para ouvir o que a sua companheira dizia. A cabeça um pouco inclinada para a frente, formando uma linha longa e envolvente desde o alto, onde a luz refletia no cabelo negro e brilhante, até os suaves ombros cor de marfim. Os braços redondos e claros e as mãos pequenas repousavam levemente um sobre o outro, perfeitamente imóveis na sua bela postura. Mr. Thornton suspirou quando percebeu tudo isso, em um daqueles seus olhares repentinos e abrangentes. Então virou as costas para as jovens e se dedicou – com esforço, mas empenhado de corpo e alma – a conversar com Mr. Hale.

Outras pessoas chegavam, e cada vez mais. Fanny deixou Margaret para ajudar a mãe a receber os convidados. Mr. Thornton percebeu que naquele

momento ninguém estava conversando com Margaret, e ficou inquieto com esta aparente negligência. Mas ele nunca se aproximaria dela, não deveria nem olhá-la. Apenas sabia tudo o que ela estava fazendo – ou deixando de fazer – melhor do que sabia dos movimentos de qualquer outra pessoa na sala. Margaret estava tão inconsciente da sua beleza e tão distraída observando os demais, que nem pensava se fora deixada sozinha ou não. Alguém, que ela não entendeu o nome, a conduziu à mesa para jantar, mas não parecia muito disposto a conversar com ela. Os homens conversavam animadamente entre si. As damas, em sua maioria, estavam silenciosas, e ocupavam seu tempo observando os detalhes do jantar e criticando os vestidos umas das outras. Margaret pegou o sentido da conversa geral, ficou interessada e passou a ouvir atentamente. Mr. Horsfall, o forasteiro, cuja visita à cidade fora o motivo inicial do jantar, fazia perguntas sobre o negócio e as indústrias do lugar. E o restante dos cavalheiros – todos de Milton – respondia e dava explicações. Surgiu uma divergência, que foi veementemente contestada. Referia-se a Mr. Thornton, que mal havia falado até ali – mas que agora dava a sua opinião, justificando-a tão claramente que até os oponentes concordaram. A atenção de Margaret dirigiu-se então ao seu anfitrião. Sua postura como dono da casa e anfitrião dos seus amigos era tão franca, embora simples e modesta, que o tornava inteiramente digno. Margaret pensou que nunca o vira sob uma luz tão favorável. Quando ele ia à casa deles havia sempre algo, fosse excesso de entusiasmo, ou aquele tipo de aborrecimento irritado que parecia pronto a pressupor que ele fora injustamente julgado, ainda que tivesse muito orgulho para tentar se fazer entender melhor. Mas agora, entre seus companheiros, não havia qualquer incerteza quanto à sua posição. Ele era considerado por todos como um homem de grande força de caráter, e poderoso de várias maneiras. Não precisava lutar pelo respeito deles. Ele já o possuía, e sabia disso. E essa certeza conferia uma refinada tranquilidade à sua voz e aos seus modos, que Margaret não havia percebido antes.

Mr. Thornton não tinha o hábito de conversar com mulheres, e o que dizia era um tanto formal. Com a própria Margaret, ele quase nem falou. Ela ficou surpresa ao perceber o quanto estava gostando do jantar. A esta altura já conhecia o suficiente para entender muitos interesses locais – até mesmo alguns dos termos técnicos empregados pelos ávidos proprietários de fábricas. Em silêncio, tomou partido decisivo no assunto que estavam debatendo. De qualquer forma, falavam com desesperada seriedade – não no estilo trivial que a aborrecia tanto nas festas de Londres. Ela estranhou que, com toda essa conversa sobre indústrias e negócios, não se falasse uma palavra sobre a greve que estava pendente. Não sabia que os patrões tratavam essas coisas com frieza, como se tivessem um único desfecho. Com certeza, os trabalhadores estavam cortando as próprias gargantas, como já haviam feito várias vezes antes. Mas se fossem tolos, e colocassem seu futuro nas mãos de um perverso bando de delegados pagos, deviam aguentar as consequências. Um ou dois acharam que Thornton estava abatido. E, é claro, ele perderia muito com essa greve. Mas era um acidente que podia acontecer com qualquer um deles, um dia ou outro. E Thornton tinha capacidade de administrar uma greve tanto quanto os demais, pois era um camarada tão duro quanto qualquer um em Milton. Os operários estavam enganados com este homem, tentando trapaceá-lo. E eles riam por dentro à ideia do embaraço e da derrota dos trabalhadores, ao tentarem alterar uma vírgula do que Thornton havia decretado. Margaret entendeu-se bastante depois do jantar. Ficou feliz quando os cavalheiros voltaram, não apenas porque viu o pai chegar para espantar-lhe o sono, mas porque poderia agora ouvir algo maior e mais

interessante do que as coisas insignificantes sobre as quais as damas falavam. Ela gostava da ambição pelo poder que esses homens de Milton possuíam. Seu modo de demonstrá-lo podia ser um tanto exaltado, com gosto de ostentação, mas ainda assim pareciam desafiar os antigos limites da possibilidade, em um tipo de leve intoxicação, causado pela recordação do que tinha sido alcançado, e do que ainda devia ser. Se nos seus momentos de maior frieza ela podia não aprovar o seu espírito em todas as coisas, ainda havia muito o que admirar em seu esquecimento de si mesmos e do presente, em seu triunfo antecipado sobre toda a matéria inanimada, em algum momento futuro que nenhum deles viveria para ver. Margaret ficou bastante espantada, quando Mr. Thornton, ao seu lado, dirigiu-se a ela:

– Pude perceber que estava do nosso lado, em nossa discussão durante o jantar, não estava, Miss Hale?

– Certamente. Mas sei tão pouco sobre isso. Fiquei surpresa, no entanto, ao descobrir que – pelo que Mr. Horsfall disse – há outros que pensam de modo diametralmente oposto, como esse Mr. Morison que ele mencionou. Não deve tratar-se de um cavalheiro, não acha?

– Não sou a pessoa adequada para julgar o cavalheirismo de outro homem, Miss Hale. Quero dizer, não entendo bem o que quer dizer com essa palavra. Mas eu diria que esse Morison não é um homem de verdade. Não sei quem ele é, julgo-o apenas pelo que Mr. Horsfall contou.

– Suspeito que o meu “cavalheiro” incluía o seu “verdadeiro homem”.

– E muitas coisas mais, a senhorita quer dizer. Eu discordo. Um homem, no meu entender é um ser mais completo e mais elevado do que um cavalheiro.

– O que quer dizer? – perguntou Margaret. – Devemos estar entendendo as palavras de modo diferente.

– Eu entendo que “cavalheiro” é uma palavra que só descreve uma pessoa em sua relação com os outros. Mas quando falamos dessa pessoa como “um homem”, nós o consideramos não apenas em relação aos seus semelhantes, mas em relação a si mesmo, à vida, ao tempo, à eternidade. Um naufrago solitário como Robinson Crusoe, um prisioneiro colocado em uma prisão por toda a vida, até mesmo um santo em Patmos^[1] – todos tem essa paciência, essa força, essa fé, que se descreve melhor ao chamar cada um deles de “um homem”. Estou um tanto cansado da palavra “cavalheirismo”, que me parece ser muitas vezes usada de forma inadequada e, muitas vezes, também, com distorção exagerada do seu significado – enquanto a perfeita simplicidade do substantivo “homem” e do adjetivo “ másculo” são desconhecidas. Tanto que estou inclinado a introduzi-los na escala do dia.

Margaret pensou por um momento, mas antes que pudesse expressar suas demoradas convicções ele foi chamada por algum dos ansiosos industriais, cujas palavras ela não podia ouvir, embora pudesse adivinhar seu conteúdo pelas respostas claras e curtas de Mr. Thornton – que eram firmes e sólidas como uma salva de canhões disparando à distância. Era evidente que falavam da greve, discutindo qual o melhor curso a seguir. Ela ouviu Mr. Thornton dizer:

– Isso tem sido feito.

Houve um rápido murmúrio, ao qual se juntaram dois ou três.

– Todos esses arranjos foram feitos.

Mr. Slickson relembrou algumas dúvidas e mencionou algumas dificuldades, tomando o braço de Mr. Thornton para dar mais ênfase às suas palavras. Mr. Thornton afastou-se ligeiramente, ergueu um pouco as sobrancelhas e então respondeu:

– Eu assumo o risco. Você não precisa se juntar a nós, a menos que queira.

Ainda assim, surgiram outras desconfiças.

– Não tenho medo de nada tão covarde quanto um incêndio proposital. Somos inimigos declarados, e posso me proteger de qualquer violência que eu possa temer. E eu certamente protegerei todos aqueles que me procurarem em busca de trabalho. Eles já sabem da minha determinação, tão bem e tão profundamente quanto você.

Mr. Horsfall se aproximou de Mr. Thornfield e levou-o para um canto. Margaret imaginou que fosse para perguntar-lhe alguma coisa sobre a greve, mas na verdade ele estava perguntando exatamente sobre ela: quem era aquela jovem – tão serena, tão majestosa, tão linda.

– É uma dama de Milton? – perguntou ele, ao saber seu nome.

– Não! É do sul da Inglaterra, do Hampshire, eu creio – foi a resposta fria e indiferente.

Mrs. Slickson estava interrogando Fanny sobre o mesmo assunto.

– Quem é aquela moça tão bela e distinta? É uma irmã de Mr. Horsfall?

– Oh, não, por Deus! Aquele é Mr. Hale, o pai dela, conversando com Mr. Stephens. Ele dá aulas, quer dizer, faz leituras com jovens alunos. Meu irmão John toma aulas com ele duas vezes por semana, por isso implorou a mamãe que os convidasse, para apresentá-los à sociedade. Acho que temos alguns dos seus prospectos, se quiser levar um.

– Mr. Thornton, imagine! Ele realmente encontra tempo para ler com um professor particular, no meio de todos os seus negócios, e ainda com essa abominável greve para lidar?

Fanny não teve certeza, pelos modos de Mrs. Slickson, se ela ficara orgulhosa ou envergonhada da conduta do seu irmão. E, como todas as pessoas que tomam a “conveniência” dos outros como guia para os seus próprios sentimentos, ela costumava corar diante de qualquer atitude um tanto singular. Foi salva da vergonha pela dispersão dos convidados.

[1] Patmos é uma pequena ilha da Grécia, no mar Egeu, conhecida como o local onde o apóstolo João foi exilado no ano 95, conforme o livro bíblico do Apocalipse.

CAPÍTULO 21

A NOITE SOMBRIA

“Ninguém conhece, no mundo,
O sorriso que não seja irmão de uma lágrima.”
Elliot[1]

Margaret e o pai foram caminhando para casa. A noite estava bonita, as ruas limpas. Com seu belo vestido de seda branca, lembrando o vestido de cetim verde de Leezie Lindsay na canção[2], “como um *kilt* até os joelhos”, ela se foi com o pai – pronta a dançar alegremente ao ar fresco e revigorante da noite.

– Acho que Thornton não está com a mente tranquila, por causa dessa greve. Ele parecia muito ansioso esta noite – disse Mr. Hale.

– Eu me espantaria se ele não estivesse. Mas falou com os outros com a sua frieza de sempre, quando sugeriram algumas coisas, logo antes de sairmos.

– E fez a mesma coisa depois do jantar. É preciso um bocado para que ele mude a sua maneira fria de falar. Mas me impressionei com a ansiedade do seu semblante.

– Eu também estaria ansiosa, se estivesse em seu lugar. Ele deve saber do descontentamento crescente e do ódio mal disfarçado dos seus trabalhadores, e que todos o veem como um “homem duro” conforme diz a Bíblia – mais insensível do que injusto, claro no julgamento, sustentando os seus “direitos” como nenhum ser humano ousaria fazer, considerando o quanto nós e os nossos direitos somos insignificantes diante do Todo-Poderoso. Estou feliz que o senhor ache que ele pareça ansioso. Quando me lembro das palavras e dos trejeitos meio loucos de Boucher, não posso suportar a lembrança da maneira fria com que Mr. Thornton falou.

– Para começar, não estou tão convencido quanto você sobre o sofrimento desse tal de Boucher. No momento ele está em estado deplorável, não há dúvida. Mas esses Sindicatos sempre têm um suprimento misterioso de dinheiro. E, pelo que você disse, é evidente que o homem é de natureza passional e expansiva, e expressou intensamente tudo o que sentia.

– Oh, papai!

– Bem! Só quero que seja justa com Mr. Thornton, que é de natureza exatamente oposta, eu acho – alguém orgulhoso demais para expor seus sentimentos. É o tipo de caráter que eu teria esperado que você admirasse, Margaret.

– E admiro... deveria admirar. Só não me sinto tão segura quanto o senhor da existência de tais sentimentos. Ele é um homem de grande força de

caráter – de inteligência incomum, considerando as poucas vantagens que teve na vida.

– Não foram tão poucas. Ele se dedicou ao trabalho desde muito jovem, teve que exercitar o discernimento e o autocontrole. Tudo isso desenvolve uma parte do intelecto. Com certeza ele precisa conhecer um pouco do passado, que é a única base verdadeira para planejar o futuro. Mas ele sabe dessa necessidade, ele a percebe, e isso já é algo. Você é muito preconceituosa contra Mr. Thornton, Margaret.

– Ele é o primeiro espécime de um industrial – de uma pessoa envolvida nos negócios – que já tive oportunidade de observar, papai. Ele é a minha primeira azeitona: deixe-me fazer uma careta enquanto engulo. Sei que Mr. Thornton é um excelente exemplar da sua espécie, e aos poucos poderei apreciar o tipo. Prefiro pensar que já estou começando a fazê-lo. Eu estava muito interessada na conversa dos cavalheiros, embora não tenha entendido a metade. Lamentei bastante quando Miss Thornton veio me levar para o outro extremo da sala, dizendo que tinha certeza de que eu devia me sentir desconfortável por ser a única dama entre tantos cavalheiros. Nem cheguei a pensar nisso, estava tão entretida ouvindo! E as damas eram tão maçantes, papai – oh! tão sem graça! Ainda assim, acho que era inteligente também! Lembrou-me do nosso velho jogo de cada um ter vários substantivos para introduzir em uma frase.

– O que quer dizer, filha? – perguntou Mr. Hale.

– Ora, elas usavam substantivos designando coisas que representavam provas de riqueza – governantas, auxiliares de jardineiros, quantidade de cristais, rendas valiosas, diamantes, e todas essas coisas. E cada uma formava a sua frase de maneira a inclui-los todos, da forma mais bela possível, como se fosse ao acaso.

– Você ficará igualmente orgulhosa da sua única criada, quando consegui-la, se for verdade tudo o que Mrs. Thornton diz sobre ela.

– Pode ter certeza que sim. Senti-me como uma grande hipócrita esta noite, sentada lá com meu vestido de seda branco, as mãos ociosas diante de mim, lembrando-me de todo o trabalho de casa, bom e completo, que tinha feito hoje. Eles me tomaram por uma fina dama, estou certa.

– Mesmo eu fui enganado o bastante para pensar que você parecia uma dama, minha querida – disse Mr. Hale, sorrindo calmamente.

Mas os sorrisos se transformaram em rostos pálidos e trêmulos, quando viram a expressão de Dixon ao abrir a porta.

– Oh, senhor! Oh, Miss Margaret! Graças a Deus que chegaram! Dr. Donaldson está aqui. A criada da casa ao lado foi chamá-lo, pois a faxineira já havia ido embora. Ela está melhor, agora. Mas, oh, senhor! Pensei que ela fosse morrer, uma hora atrás.

Mr. Hale agarrou-se ao braço de Margaret para evitar cair. Olhou para o rosto da filha e viu uma expressão de surpresa e extrema tristeza, mas não a

terrível agonia que contrairá seu próprio coração despreparado. Ela sabia mais do que ele, e no entanto ouvira isso com uma expressão desesperada de respeitoso temor.

– Oh! Eu não devia tê-la deixado... filha ingrata que eu sou! – gemia Margaret, enquanto ajudava seu pai, tremendo convulsivamente, a subir rapidamente as escadas.

Dr. Donaldson encontrou-os no patamar.

– Ela agora está melhor – ele sussurrou. – O narcótico já fez efeito. As convulsões foram muito fortes, não admira que tenham aterrorizado a sua criada. Mas ela vai se recuperar desta vez.

– Desta vez! Deixe-me vê-la!

Meia hora atrás Mr. Hale era um homem de meia-idade. Agora, sua aparência era sombria, seus sentidos confusos, os passos vacilantes, como se tivesse setenta anos.

Dr. Donaldson pegou-o pelo braço e conduziu-o ao quarto. Margaret seguiu logo atrás. Ali estava sua mãe, com uma expressão inconfundível no rosto. Podia estar melhor agora, estava dormindo, mas a Morte a havia marcado como sua propriedade, e estava claro que não demoraria muito para voltar e tomar posse. Mr. Hale olhou-a por algum tempo, sem uma palavra. Então começou a tremer todo e, afastando-se dos ansiosos cuidados do Dr. Donaldson, bateu em busca da porta. Não conseguia vê-la, embora várias velas, acesas às pressas, ardessem lá dentro. Ele cambaleou até a sala, e procurou uma cadeira. Dr. Donaldson alcançou-lhe uma, e ajudou-o a sentar-se. Tomou-lhe o pulso.

– Fale com ele, Miss Hale. Precisamos reanimá-lo.

– Papai! – disse Margaret, com uma voz chorosa, tomada pela dor. – Papai! Fale comigo!

A suspeita voltou aos olhos dele, que fez um grande esforço para falar.

– Margaret, você sabia disso? Oh! Foi crueldade sua!

– Não, senhor, não foi crueldade! – respondeu o Dr. Donaldson, de modo decidido. – Miss Hale agiu de acordo com as minhas instruções. Pode ter sido um engano, mas não foi crueldade. Confio que amanhã a sua esposa vai ser outra pessoa. Ela teve convulsões, como eu imaginei, só que não falei a Miss Hale dos meus temores. Ela tomou o narcótico que eu trouxe comigo, vai dormir bem por bastante tempo. E amanhã essa aparência que tanto os alarmou terá passado.

– Mas não a doença?

Dr. Donaldson lançou um olhar a Margaret. Sua cabeça inclinada, a face erguida sem nenhum pedido de adiamento temporário, mostrou àquele arguto observador da natureza humana que ela achava melhor que toda a verdade fosse dita.

– Não a doença. Não podemos curar a doença, com todas as nossas pobres e louváveis habilidades. Só podemos atrasar a sua evolução, e aliviar a dor

que ela causa. Seja um homem, senhor... um cristão. Tenha fé na imortalidade da alma, que nenhum sofrimento, nenhuma doença mortal, pode atingir ou tocar!

Mas, como única resposta, Mr. Hale disse, em voz abafada:

– O senhor nunca foi casado, Dr. Donaldson. Não sabe como é isso.

E seus soluços profundos e viris vararam a quietude da noite, como altos gritos de agonia. Margaret ajoelhou-se ao lado dele, acariciando-o com chorosos afagos. Ninguém, nem mesmo o Dr. Donaldson, sabia dizer como o tempo passou. Mr. Hale foi o primeiro a ter coragem de falar sobre as necessidades do momento presente.

– O que devemos fazer? – perguntou ele. – Diga a mim e a ela. Margaret é o meu apoio, minha mão direita.

Dr. Donaldson deu-lhes instruções claras e precisas. Não havia o que temer por aquela noite – nem para o dia seguinte, e por vários dias ainda. Mas não deviam manter esperanças de recuperação. Aconselhou Mr. Hale a ir se deitar, e deixar apenas uma pessoa para vigiar o sono da doente, que ele esperava não fosse apresentar perturbações. Prometeu voltar cedo na manhã seguinte. E com um aperto de mãos caloroso e gentil, deixou-os. Falaram muito pouco. Estavam aterrorizados demais para fazer algo além de resolver o curso imediato de ação. Mr. Hale estava decidido a velar por toda a noite, e tudo que Margaret pode fazer foi convencê-lo a dormir no sofá da sala. Dixon, de modo decidido e cabal, recusou-se a ir para a cama. Quanto a Margaret, era-lhe simplesmente impossível deixar a mãe, nem que todos os médicos do mundo falassem em “poupar recursos” ou “bastava uma pessoa para a vigília”. Então, Dixon se sentou, e encarou, e piscou, e inclinou-se, e ergueu-se novamente com um puxão, e finalmente desistiu da batalha, roncando bastante. Margaret tirou o vestido e jogou-o para o lado com uma espécie de repulsa impaciente, e vestiu o roupão. Parecia que nunca mais iria dormir. Todos os seus sentidos estavam extremamente alertas, todos imbuídos de duplo entusiasmo, na intenção de velar o sono da mãe. Cada visão e cada som – não, até mesmo cada pensamento – tocavam algum nervo profundamente. Por mais de duas horas ouviu os inquietos movimentos do pai na sala ao lado. Ele vinha constantemente até a porta do quarto da mãe e parava para ouvir, até que ela, sem notar a sua presença próxima e invisível, foi abrir a porta para contar-lhe como tudo estava indo, em resposta às questões que os seus lábios febris mal conseguiam formular. Por fim, ele também pegou no sono, e toda a casa ficou em silêncio. Margaret sentou-se atrás da cortina, pensando. Os interesses dos últimos dias pareciam distantes no tempo e no espaço. Não fazia mais de trinta e seis horas que ela se preocupava com Bessy Higgins e seu pai, e seu coração sofrera por Boucher. Agora isso parecia uma fantástica memória de uma vida passada... Tudo o que acontecera fora dali parecia-lhe dissociado da mãe, e portanto irreal. Apenas Harley Street parecia menos difusa. Lembrou-se, como se fosse ontem, como lhe agradava delinear os traços da mãe no rosto da Tia Shaw. E como as cartas chegavam, levando-a a pensar em casa com todo o anseio do amor. A própria Helstone estava enterrada no passado. Os dias sombrios e cinzentos do último inverno e da primavera, tão enfadonhos e monótonos, pareciam mais associados àquilo que a preocupava agora, acima de todas as coisas, do que Helstone. Ela teria de bom grado agarrado esse tempo passado, e rezado para que voltasse, e lhe devolvesse aquilo que valorizara tão pouco enquanto ainda era seu. Que espetáculo inútil parecia a Vida! Como era sem substância, e inconstante, e como passava rápido!

Era como se, em algum alto campanário, muito além do movimento e do ruído da terra, houvesse um sino continuamente tocando: Tudo são sombras! Tudo está passando! Tudo é passado! E quando a manhã chegou, fria e cinzenta, como muitas outras manhãs mais felizes antes, e Margaret olhou um por um os que dormiam, aquela noite terrível pareceu-lhe irreal, como um sonho. Também era uma sombra. Também havia passado.

A própria Mrs. Hale, ao acordar, não tinha consciência do quanto estivera mal na noite anterior. Ficou bastante surpresa com a visita do Dr. Donaldson logo cedo, e perplexa com os rostos ansiosos do marido e da filha. Consentiu em ficar na cama naquele dia, dizendo que sentia-se cansada, de fato. Mas, no outro dia, insistiu em levantar-se. E o Dr. Donaldson consentiu que voltasse para a sala de estar. Ela se sentia inquieta e desconfortável em qualquer posição, e antes de cair a noite teve febre alta. Mr. Hale estava totalmente apático, e incapaz de decidir coisa alguma.

– O que podemos fazer para poupar a mamãe de outra noite assim? – perguntou Margaret ao Dr. Donaldson, no terceiro dia.

– Até certo ponto, isso é a reação ao poderoso opiáceo que fui obrigado a usar. Acredito que seja mais doloroso para a senhorita ver, do que para ela suportar. Mas acho que se pudéssemos conseguir um colchão d'água poderia ser uma coisa boa. Amanhã ela já deverá estar bem melhor, quase como estava antes desse ataque. Ainda assim, eu gostaria que ela dispusesse de um colchão d'água. Sei que Mrs. Thornton tem um. Eu tentarei fazer-lhe uma visita esta tarde. Espere – disse ele, seu olhar captando a expressão do rosto de Margaret, que estava pálido com a vigília no quarto da doente – não tenho certeza se poderei ir. Tenho uma longa ronda para fazer. Não faria nenhum mal à senhorita dar um rápido passeio à Marlborough Street e perguntar a Mrs. Thornton se ela pode cedê-lo.

– Certamente – disse Margaret. – Eu poderia ir esta tarde, enquanto mamãe estiver dormindo. Tenho certeza que Mrs. Thornton o emprestará para nós.

A experiência do Dr. Donaldson informou-os corretamente. Mrs. Hale pareceu livrar-se das consequências do seu ataque, e nesta tarde parecia melhor e mais luminosa do que Margaret jamais esperaria vê-la outra vez. A filha a deixou depois do almoço, sentada na cadeira de balanço e com a mão pousada na do marido, que parecia mais abatido e sofrido do que ela, não havia dúvida. Mesmo assim ele agora podia sorrir, e um sorriso bastante modesto e fraco, é verdade. Mas um ou dois dias antes, Margaret nunca pensaria em ver o pai sorrindo novamente.

A distância entre a sua casa em Crampton Crescent e Marlborough Street era de aproximadamente três quilômetros. Estava quente demais para caminhar muito depressa. Eram três horas da tarde, e um sol de agosto batia direto rua abaixo. Margaret prosseguiu, sem notar qualquer coisa muito diferente do normal nos primeiros dois quilômetros do trajeto. Estava absorvida com os próprios pensamentos, e naquela época já havia aprendido a enfiar-se por entre o fluxo irregular de seres humanos que vagavam pelas ruas de Milton. Mas, aos poucos, foi surpreendida por um ajuntamento incomum, entre a massa de pessoas na rua movimentada em que entrava agora. Eles não pareciam mover-se tanto quanto falavam, e escutavam, e zumbiam com excitação, sem se afastar muito do lugar em que acontecia de estarem. Ainda assim, como lhe deram

passagem, e ela estava envolvida apenas com a sua incumbência e as necessidades que a motivaram, foi menos rápida na observação do que poderia ter sido, se sua mente estivesse tranquila. Chegou à Marlborough Street antes que se apossasse dela a plena convicção de que havia uma impaciência, um opressivo sentido de irritação lá fora, entre as pessoas. Havia ao seu redor uma atmosfera atroz, tanto moral quanto fisicamente. De cada uma das estreitas vielas que conduziam a Marlborough Street vinha um rumor baixo e distante, como miríades de vozes indignadas e ferozes. Os habitantes de cada uma das casas pobres e esqueléticas juntavam-se ao redor das portas e janelas, quando não estavam efetivamente parados no meio das ruas estreitas – todos olhando na direção de um único ponto. Marlborough Street era o foco de todos aqueles olhos humanos, que traíam fortes interesses de vários tipos. Alguns com uma raiva feroz, alguns rebaixando-se com ameaças inexoráveis, alguns tomados pelo medo ou implorando. E quando Margaret alcançou a pequena entrada lateral – com as portas de folhas, no enorme muro maciço que dava para o pátio da Fábrica Marlborough – e esperava que o zelador atendesse ao sino, olhou em volta e ouviu o primeiro trovejar distante da tempestade. Viu surgir, devagar, a primeira onda daquela sombria multidão, com sua crista ameaçadora, causando um distúrbio e retirando-se para o final da rua, que no momento anterior parecia cheia de barulho reprimido, e agora ostentava um silêncio funesto. Margaret viu-se forçada a notar todas estas circunstâncias, mas elas não penetraram no seu coração, já pesado com tantas preocupações. Ela não sabia o que eles pretendiam, ou qual era o total significado daquilo. Apenas sabia e sentia a aguda pressão da faca afiada que logo iria cravar-se profundamente em seu peito, deixando-a órfã de mãe. Ela estava tentando aceitar isso, para que, quando acontecesse, pudesse estar pronta para confortar o pai.

O zelador abriu a porta cautelosamente, mas não o bastante para que ela entrasse.

– É a senhora, madame? – disse ele, respirando longamente e abrindo mais a porta. Mesmo assim não abriu-a de todo. Margaret entrou. Ele trancou o portão apressadamente atrás dela.

– Os camaradas estão todos vindo para cá, imagino? – perguntou ele.

– Não sei. Parece que está acontecendo alguma coisa estranha. Mas essa rua é sempre cheia, eu acho.

Ela atravessou o pátio e subiu os degraus até a porta da casa. Não havia nenhum som próximo – nenhuma máquina a vapor trabalhando, com batidas e arquejos – nenhum som de máquinas, ou a mistura e colisão de muitas vozes estridentes. Apenas, ao longe, o trovejar e o profundo clamor da sinistra multidão.

[1] George Elliot, pseudônimo de Mary Anne (Mary Ann, Marian) Evans (1819-1880), romancista, jornalista e tradutora inglesa, um dos principais nomes da literatura vitoriana, tendo desenvolvido o método de análise psicológica característico da ficção moderna; sua obra “Middlemarch” é considerado um

dos principais romances do século 19.

[2] Leezie Lindsay é uma canção folclórica irlandesa, de origem celta.

CAPÍTULO 22

UM GOLPE E SUAS CONSEQUÊNCIAS

“Mas o trabalho se tornou escasso,
Enquanto o pão se tornou caro,
E os salários baixaram, também;
E as horas irlandesas aqui vinham disputar,
Para fazer nosso trabalho mal pago.”
As Leis do Milho em Rimas[1]

Margaret foi introduzida na sala de visitas. Esta havia retornado ao seu estado normal, com os móveis todos cobertos como se estivessem prontos para uma mudança. As janelas estavam meio abertas por causa do calor e as venezianas cobriam as vidraças, de forma que uma severa luz cinza, refletida do pavimento abaixo, distorcia todas as sombras. Combinada com a luz da sala, em tons esverdeados, fazia com que até o rosto da própria Margaret, como ela reparou ao ver-se refletida nos espelhos, parecesse pálido e melancólico. Ela sentou-se e esperou. Ninguém apareceu. De vez em quando, o vento parecia trazer para perto o som distante da multidão. E, no entanto, não havia vento algum! Havia se extinguido em profunda quietude, nesse meio tempo.

Fanny entrou, afinal.

– Mamãe virá imediatamente, Miss Hale. Ela pediu que eu me desculpasse com a senhorita. Talvez saiba que meu irmão importou mão de obra da Irlanda, e isso irritou o povo de Milton ao extremo – como se ele não tivesse o direito de contratar mão de obra onde puder conseguiu-la. E esses estúpidos infelizes daqui não trabalhariam para ele. E agora eles amedrontaram os pobres e famintos irlandeses de tal forma com suas ameaças, que nós não ousamos deixá-los sair. Você pode vê-los todos apertados naquela salinha no alto da fábrica, e eles vão dormir lá, para que fiquem protegidos desses brutos, que nem irão trabalhar nem os deixarão trabalhar. A mamãe está providenciando comida, e John está conversando com eles, pois algumas mulheres estão chorando, querendo voltar. Ah! Aqui está a mamãe!

Mrs. Thornton entrou com um olhar sombrio e severo no rosto, que fez Margaret sentir que chegara em um momento ruim para aborrecê-la com seu pedido. No entanto, ela agia apenas conforme o desejo expresso do próprio Mr. Thornton, de que deveria pedir tudo o que eles pudessem necessitar no progresso da doença da mãe. Mrs. Thornton ergueu a sobranceira e seus lábios se contraíram, enquanto Margaret falava com suave modéstia da inquietude da mãe, e do desejo do Dr. Donaldson de que ela tivesse o alívio de um colchão d'água. Ela parou. Mrs. Thornton não respondeu imediatamente. Então, levantou-se subitamente e exclamou:

– Eles estão nos portões! Chame John, Fanny – chame-o lá na fábrica! Eles estão nos portões! Vão atacá-los lá dentro! Vá, vá chamar John!

Ao mesmo tempo, ouviu-se logo atrás do muro a turba reunida – a quem

ela estivera escutando, em vez de prestar atenção às palavras de Margaret. Havia um estrondo crescente de vozes iradas e enfurecidas, atrás da barreira constituída pelos portões de madeira, que tremiam, como se aquela multidão enlouquecida, que não estava à vista, transformasse seus corpos em aríetes, e recuasse apenas um curto espaço, só para vir, unida, em um ímpeto ainda mais forte contra os portões. Por fim, suas constantes arremetidas fizeram os pesados portões estremecerem, como caniços ao vento. As mulheres se juntaram em volta das janelas, fascinadas para olhar aquela cena que as aterrorizava. Mrs. Thornton, as criadas, Margaret, estavam todas lá. Fanny voltara, gritando como se tivesse sido perseguida escada acima, e lançou-se no sofá, soluçando histericamente. Mrs. Thornton procurava seu filho, que ainda estava na fábrica. Ele saiu, olhou para elas – um agrupamento de rostos pálidos – e sorriu encorajador, antes de trancar a porta da fábrica. Ele então acenou para que uma das mulheres descesse e abrisse a porta da casa, que Fanny tinha fechado correndo atrás de si ao voar furiosamente para dentro. A própria Mrs. Thornton foi. E o som da voz autoritária e bem conhecida de Mr. Thornton tinha o mesmo efeito do gosto de sangue, para a multidão enfurecida lá fora. Até então eles estavam mudos, sem dizer uma palavra, precisando de todo o seu fôlego no duro esforço para demolir os portões. Mas agora, ouvindo-o falar lá dentro, levantou-se do meio deles um tal gemido de ferocidade sobrenatural, que até Mrs. Thornton ficou livida de medo, enquanto o precedia na sala. Ele entrou um pouco excitado, mas com os olhos brilhantes, como em resposta ao toque de clarim do perigo, e com um olhar orgulhoso de desafio no rosto que lhe dava a aparência de um homem nobre, se não bonito. Margaret sempre temera que a coragem a abandonasse em uma emergência qualquer, e ela acabasse provando que era o que mais temia – uma covarde. Mas agora, nesta hora importante de razoável e verdadeiro medo, quase terror até, ela se esqueceu de si mesma, e sentiu só uma imensa compaixão – intensa até a dor – pelos interesses do momento.

Mr. Thornton adiantou-se, sem fazer rodeios:

– Eu sinto muito, Miss Hale, que tenha vindo nos visitar neste momento infeliz, quando, eu temo, pode ser envolvida em qualquer risco que tenhamos que correr. Mãe! Não é melhor que vocês entrem nos quartos dos fundos? Eu não sei se eles não vieram pelo caminho de Pinner's Lane até os estábulos. Mas se não, vocês estarão mais seguras lá do que aqui. Vá, Jane! – continuou ele, dirigindo-se à chefe das criadas. E ela foi, seguida pelas outras.

– Eu fico aqui! – disse-lhe a mãe. – Onde você estiver, é onde eu fico.

E, realmente, retirar-se para os quartos dos fundos não servia para nada. A multidão havia cercado os prédios anexos à parte traseira, e estava enviando o mesmo terrível rugido ameaçador lá de trás. Os criados se retiraram para os sótãos, com muitos gritos e berros. Mr. Thornton sorriu desdenhosamente ao ouvi-los. Ele olhou para Margaret, parada por sua própria conta na janela mais próxima da fábrica. Seus olhos brilhavam, suas faces e os lábios estavam mais corados. Como se sentisse o olhar dele, ela virou-se e fez uma pergunta que estivera em sua mente durante algum tempo:

– Onde estão os pobres trabalhadores estrangeiros? Lá na fábrica?

– Sim! Eu os deixei escondidos em uma sala pequena, no topo de um lance de escadas, nos fundos. Pedi-lhes que evitassem todos os riscos e fugissem para lá, se ouvissem qualquer ataque feito às portas da fábrica. Mas não são eles – é a mim que eles querem.

– Quando os soldados chegarão aqui? – perguntou sua mãe, em uma voz baixa, mas firme.

Ele tirou o relógio do bolso com a mesma compostura tranquila com que fazia todas as coisas. Fez alguns poucos cálculos:

– Supondo que Williams tenha ido diretamente assim que o mandei, e não tenha sido retido, devem faltar ainda uns vinte minutos.

– Vinte minutos! – disse a mãe, demonstrando pela primeira vez o seu terror no tom da voz.

– Feche as janelas imediatamente, mãe – exclamou ele. – Os portões não aguentarão outro choque desses. Feche aquela janela, Miss Hale.

Margaret fechou a janela, e depois foi ajudar Mrs. Thornton, cujos dedos tremiam.

Por um motivo ou outro, houve uma pausa de vários minutos na rua, que também não estava à vista. Mrs. Thornton olhou com violenta ansiedade para o semblante do filho, como se pudesse obter dele a interpretação daquela súbita quietude. Sua face estava marcada por linhas rígidas de desdenhoso desafio. Nem esperança nem medo poderiam ser lidos ali.

Fanny se levantou:

– Eles já foram? – perguntou ela, em um sussurro.

– Se eles já foram? – respondeu ele. – Escute só!

Ela escutou. Todos eles podiam ouvir aquele grande e único sopro de tensão; o rangido da madeira cedendo lentamente; o puxão violento dos gonzos que se soltavam; a poderosa queda dos pesados portões. Fanny levantou-se cambaleando – deu um ou dois passos na direção da mãe e caiu para a frente, desmaiando nos seus braços. Mrs. Thornton ergueu-a com uma força que vinha tanto da vontade quanto do corpo, e a levou embora.

– Graças a Deus! – disse Mr. Thornton, quando a viu sair. – Não é melhor que vá para cima, Miss Hale?

Os lábios de Margaret formaram um – Não! – mas ele não pôde ouvi-la, por causa do pesado ruído daquela multidão de passos, justo embaixo da parede da própria casa, e do violento bramido de vozes baixas, profundamente iradas, que traziam em si um murmúrio feroz de satisfação, mais terrível que os seus gritos confusos poucos minutos antes.

– Não importa! – disse ele, pensando em encorajá-la. – Lamento muito que tenha ficado presa em meio a toda essa confusão. Mas não deve demorar muito agora. Mais alguns minutos e os soldados estarão aqui.

– Oh, Deus! – exclamou Margaret, de repente. – Lá está Boucher! Eu conheço seu rosto, embora esteja lívido de raiva... Ele está tentando chegar à frente... Olhe! Olhe!

– Quem é Boucher? – perguntou Mr. Thornton, friamente.

Aproximou-se da janela para descobrir quem era o homem que despertava tanto interesse em Margaret. Assim que viram Mr. Thornton, eles deram um berro. Dizer que esse grito não parecia humano não é nada – era como o desejo demoníaco de alguma terrível besta selvagem pela comida que é

impedida de devorar. Mesmo Mr. Thornton sentiu o golpe por um momento, espantado com a intensidade do ódio que havia provocado.

– Deixe-os gritar! – disse ele. – Dentro de cinco minutos... Só espero que os meus pobres irlandeses não fiquem apavorados com as suas espertezas e com esse barulho demoníaco. Mantenha a coragem por mais cinco minutos, Miss Hale.

– Não tema por mim – ela disse, apressadamente. – Mas por que cinco minutos? Você não pode fazer nada para acalmar estas pobres criaturas? É terrível olhar para eles.

– Os soldados logo estarão aqui, e isso os trará de volta à razão.

– Razão! – disse Margaret, rápida. – Que tipo de razão?

– A única razão que funciona com homens que se transformam em bestas selvagens. Deus do céu! Eles voltaram para a porta da fábrica!

– Mr. Thornton – disse Margaret, tremendo dos pés à cabeça, em seu arrebatamento. – Vá lá embaixo agora mesmo, se não for um covarde! Vá lá e enfrente-os como homem. Salve esses pobres estrangeiros, a quem atraiu até aqui. Fale com seus trabalhadores como se fossem seres humanos. Fale amavelmente. Não deixe que os soldados entrem aqui e derrubem essas pobres criaturas enlouquecidas. Eu vejo um ali que está louco. Se o senhor tem alguma coragem ou qualidade nobre em si, saia e fale com eles, de homem para homem.

Ele voltou-se e olhou-a, enquanto ela falava. Uma nuvem negra cobriu sua face. Rilhou os dentes ao ouvir suas palavras.

– Eu irei. Talvez possa pedir-lhe que me acompanhe até lá embaixo, para trancar a porta atrás de mim. Minha mãe e minha irmã precisarão desta proteção.

– Oh! Mr. Thornton! Eu não sei... Posso estar errada... Apenas...

Mas ele se fora. Estava lá embaixo, no vestíbulo. Havia destrancado a porta da frente. Tudo o que ela podia fazer era segui-lo depressa, fechar a porta atrás dele, e correr novamente escada acima com o coração aflito e a cabeça atordoada. Tomou o seu lugar outra vez na janela mais distante. Ele estava nos degraus logo abaixo, ela percebeu pela direção de mil olhos furiosos. Mas não podia ver nem ouvir coisa alguma, exceto a satisfação selvagem expressa naquele violento murmúrio que perpassava a multidão. Ela abriu a janela inteiramente. Muitos na multidão eram simples meninos, cruéis e irrefletidos – cruéis porque eram irrefletidos. Alguns eram homens, famintos como lobos, e loucos para depredar. Ela sabia como era. Eles eram como Boucher, com crianças famintas em casa – confiando em um último sucesso dos seus esforços para conseguir salários mais altos, e enfurecidos além da medida ao descobrir que trabalhadores irlandeses seriam trazidos para roubar o pão dos seus filhos. Margaret sabia de tudo isso. Lera na face desesperada e lívida de raiva de Boucher. Se Mr. Thornton lhes dissesse alguma coisa – e que se ouvisse apenas a sua voz – parecia-lhe melhor do que esta cólera e fúria selvagens contra o silêncio sepulcral, que não lhes oferecia palavra alguma, nem mesmo de raiva ou repreensão. Mas talvez ele estivesse falando agora – houve um momentâneo silêncio no meio daquele barulho, inarticulado como o de uma tropa de animais. Margaret tirou o chapéu, e inclinou-se para ouvir. Ela só podia ver, pois se Mr.

Thornton tinha realmente feito a tentativa de falar, o instinto momentâneo para escutá-lo já havia passado e ido embora, e as pessoas estavam mais furiosas do que nunca. Ele estava parado com os braços cruzados, imóvel como uma estátua, o rosto pálido de emoção reprimida. Eles tentavam intimidá-lo, fazê-lo vacilar. Cada um incitava o outro para algum ato imediato de violência pessoal. Margaret percebeu intuitivamente que, dentro de um momento, tudo se transformaria em baderna. O primeiro movimento causaria uma explosão, que entre estas centenas de homens enfurecidos e meninos impulsivos, colocava até a vida de Mr. Thornton em perigo. Dentro de alguns instantes as paixões tempestuosas teriam ultrapassado os limites, e varreriam para longe todas as barreiras da razão ou de qualquer noção das consequências. E enquanto olhava, viu rapazes no fundo inclinando-se para tirar os pesados tamancos de madeira – os projéteis mais à mão que podiam encontrar. Ela viu que era a faísca para a pólvora e, com um grito que ninguém ouviu, correu para fora da sala, desceu as escadas – ergueu a grande barra de ferro da porta com uma força imperiosa – escancarou a porta – e estava ali, diante daquele mar de homens furiosos, seus olhos ferindo-os com setas flamejantes de censura. Os tamancos ficaram presos nas mãos que os seguravam. Os semblantes, tão cruéis um momento antes, agora pareciam hesitantes, como se perguntassem o que significava isso. Pois ela se colocou entre eles e o seu inimigo. Não podia falar, mas estendeu os braços na direção deles, até que pudesse recuperar o fôlego.

– Oh, não usem de violência! Ele é apenas um homem, e vocês são muitos.

Mas suas palavras se extinguíram, pois sua voz não tinha força, era apenas um rouco sussurro. Mr. Thornton estava um pouco de lado, ele havia se afastado de trás dela, como se tivesse ciúme de qualquer coisa que se colocasse entre ele e perigo.

– Vão embora! – disse ela, mais uma vez (e agora a sua voz era como um grito). – Os soldados foram chamados, eles estão vindo. Vão em paz. Vão embora. Vocês terão alívio para as suas queixas, sejam quais forem.

– E esses patifes irlandeses serão mandados de volta pra casa? – perguntou alguém na multidão, com um tom de feroz ameaça na voz.

– Nunca! Vocês não dão ordens aqui! – exclamou Mr. Thornton.

E, instantaneamente, a tempestade desabou. Os assovios se elevaram da multidão e encheram o ar, mas Margaret não os ouviu. Seus olhos estavam no grupo de rapazes que tinham se armado com seus tamancos, algum tempo antes. Ela viu o seu gesto e leu a sua intenção – sabia o que significava. Mais um momento e Mr. Thornton poderia ser golpeado – ele, a quem ela havia incitado e encorajado para vir a este lugar perigoso. Ela só pensou em como poderia salvá-lo. Lançou seus braços ao redor dele, e fez do seu corpo um escudo contra aquelas pessoas ferozes mais além. Ainda assim, com os braços cruzados, ele livrou-se dela.

– Vá embora – disse ele, na sua voz grave. – Este não é lugar para você.

– É, sim! – disse ela. – O senhor não viu o que eu vi.

Se ela pensava que o seu sexo seria uma proteção – e que, se fechasse os olhos e desse as costas à terrível fúria destes homens, na esperança de que antes que olhasse novamente eles tivessem parado e refletido, e se esquivado e

desaparecido – ela estava errada. A paixão imprudente já os levava longe demais para que parassem – ou, pelo menos, tinha levado alguns deles muito longe. Pois eram sempre os rapazes selvagens, com seu amor pela agitação cruel, que encabeçavam a revolta – sem se preocupar com a matança a que isso poderia conduzir. Um tamanco zumbiu pelo ar. Os olhos fascinados de Margaret assistiram ao seu progresso. Errou o alvo, e ela ficou lívida de medo, mas não mudou sua posição, só escondeu o rosto no braço de Mr. Thornton. Então ela se virou e falou novamente:

– Pelo amor de Deus! Não prejudiquem a sua causa com esta violência. Vocês não sabem o que estão fazendo – ela se esforçava para tomar suas palavras distintas.

Uma pedra voou sobre ela, esfolando-lhe a testa e a face, e uma luz brilhante estourou diante dos seus olhos. Caiu como morta, sobre o ombro de Mr. Thornton. Então ele abriu os braços e a manteve segura, por um momento:

– Vocês fazem bem! – disse ele. – Vieram para expulsar os estrangeiros inocentes. Caem – centenas de vocês – sobre um único homem. E quando uma mulher vem diante de vocês para pedir-lhes que sejam criaturas razoáveis, para o seu próprio bem, sua ira covarde se abate sobre ela! Vocês agem bem!

Eles ficaram calados enquanto Mr. Thornton falava. Estavam observando, atentos e boquiabertos, o fio de sangue vermelho-escuro que os despertou do seu transe de violência. Aqueles que estavam mais próximos do portão saíram furtivamente, envergonhados. Houve um movimento por toda a multidão – um movimento de recuo. Só uma voz gritou:

– A pedra era pra ti! Mas se escondeu atrás de uma mulher!

Mr. Thornton tremia de raiva. O sangue derramado fizera Margaret recobrar a consciência, de modo um tanto vago e confuso. Ele a colocou suavemente no degrau da porta, apoiando sua cabeça contra a guarnição.

– Consegue descansar aí? – ele perguntou. Mas sem esperar pela resposta, desceu lentamente os degraus e avançou direto para o meio da multidão. – Agora me matem, se este é o seu desejo brutal. Não há nenhuma mulher para me proteger aqui. Podem me espancar até a morte – nunca me farão mudar aquilo que já determinei – não vocês!

Permaneceu entre eles, com os braços cruzados, precisamente na mesma atitude que adotara quando estava nos degraus.

Mas o movimento de recuo na direção do portão já tinha começado – tão sem razão, e talvez tão cego quanto a raiva que o acompanhava. Ou, talvez, fosse a ideia da aproximação dos soldados e a visão daquela face pálida, voltada para cima, com os olhos fechados, imóvel e pálida como o mármore, embora escorressem lágrimas pelo emaranhado dos cílios – e, mais pesado e mais lento até que as lágrimas, o fio de sangue que escorria da ferida. Até mesmo o mais desesperado – o próprio Boucher – recuou, hesitou, olhou com expressão de raiva, e finalmente se foi, murmurando maldições contra o patrão, que se mantinha na mesma atitude imutável, olhando a sua retirada com um olhar desafiador. No momento em que a retirada se transformou em uma corrida (como estava implícito em seu próprio caráter), ele subiu depressa os degraus até alcançar Margaret. Ela tentou se levantar sem a ajuda dele.

– Não é nada – ela disse, com um sorriso fraco. – A pele está arranhada

e eu fiquei atordoada na hora. Oh, agradeço tanto por eles terem ido!

E ela não conseguiu mais conter o choro. Mr. Thornton não podia oferecer-lhe sua compaixão. A raiva dele não se aplacou. Pelo contrário, estava aumentando à medida que o seu senso de perigo imediato diminuía. Ouviram ao longe o ruído dos soldados, apenas cinco minutos atrasados para fazer com que a multidão desaparecida sentisse o poder da autoridade e da ordem. Ele esperava que eles pudessem ver as tropas, e fossem dominados pela ideia de que escaparam por um triz. Enquanto estes pensamentos cruzavam a sua mente, Margaret se agarrou ao batente da porta para se firmar, mas sua visão escureceu – ele apenas teve tempo de segurá-la, antes que caísse.

– Mãe! Mãe! – gritou ele. – Desça... Eles já foram. E Miss Hale está ferida!

Ele carregou-a para a sala de jantar, e a colocou no sofá. Deitou-a suavemente, e olhando para a sua face branca e pura, sentiu tão intensamente o quanto ela representava para ele, que falou alto na sua dor:

– Oh, minha Margaret, minha Margaret! Ninguém sabe o que você é para mim! Morta... fria como está agora, você ainda é a única mulher a quem ame! Oh, Margaret! Margaret!

Embora falando indistintamente, ajoelhado ao lado dela, mais gemendo do que dizendo as palavras, ele se levantou envergonhado, quando a mãe entrou. Ela não viu nada, notou apenas que o filho estava um pouco mais pálido e um pouco mais sério do que o normal.

– Miss Hale está ferida, mãe. Uma pedra atingiu-a na têmpora. Temo que ela tenha perdido bastante sangue.

– Ela parece seriamente ferida... Eu podia quase imaginar que estivesse morta – disse Mrs. Thornton, bastante alarmada.

– É só um desmaio. Ela chegou a falar comigo.

Mas todo o sangue no corpo de Margaret pareceu precipitar-se para dentro do seu coração enquanto falava, e ele tremeu dos pés à cabeça.

– Vá chamar Jane. Ela pode providenciar as coisas de que preciso. E vá até os seus irlandeses, que estão chorando e gritando, aterrorizados de medo.

Ele foi. Foi embora como se houvesse pesos amarrados em cada um dos membros que a tinham segurado. Chamou Jane e também sua irmã. Ela deveria ter todos os cuidados femininos, as mais gentis atenções. Mas seu corpo todo vibrou, quando lembrou-se de como ela havia descido e se colocado à frente do perigo. Seria para salvá-lo? Na ocasião, ele a tinha empurrado para o lado e falado grosseiramente. Tinha visto apenas o perigo desnecessário em que ela havia se colocado. Foi ver seus irlandeses com cada nervo do seu corpo vibrando ao pensar nela, e achou difícil entender o bastante do que eles estavam dizendo para acalmar e confortar seus medos. Não ficariam mais lá, declararam, queriam ser mandados de volta. E assim ele teve que pensar, e falar e raciocinar.

Mrs. Thornton banhou as têmporas de Margaret com água-de-colônia. Quando o álcool tocou a ferida, que até ali nem Mrs. Thornton nem Jane haviam notado, Margaret abriu os olhos. Mas era evidente que ela não sabia onde estava, nem quem elas eram. As olheiras se aprofundaram, os lábios tremeram e se contraíram, e ela desmaiou mais uma vez.

– Ela recebeu um golpe terrível na cabeça – disse Mrs. Thornton. – Há alguém que possa chamar um médico?

– Não eu, senhora, se não se importa – disse Jane, recuando. – Esses canalhas ainda podem estar por aí. Não acho que o corte seja tão profundo como parece, senhora.

– Não correrei este risco. Ela foi ferida em nossa casa. Se você é uma covarde, Jane, eu não sou. Eu irei.

– Por favor, senhora, deixe-me chamar um dos policiais. Vieram tantos aqui, e há soldados também.

– E ainda assim você tem medo de ir! Não tomarei o tempo deles com as nossas incumbências. Eles terão bastante o que fazer, para pegar alguém da turba. Você não tem medo de ficar nesta casa – ela perguntou desdenhosamente – e continuar molhando a testa de Miss Hale, tem? Eu não ficarei mais de dez minutos fora.

– A Hannah não pode ir, senhora?

– Por que a Hannah? Por que qualquer uma, menos você? Não, Jane, se você não for, eu vou.

Mrs. Thornton foi primeiro ao quarto onde deixara Fanny estirada na cama. Ela se levantou quando a mãe entrou.

– Oh, mamãe, como a senhora me assustou! Achei que a senhora fosse um homem que entrou na casa.

– Tolice! Os homens já foram todos embora. Há soldados cercando todo o lugar, procurando fazer seu trabalho, agora que é tarde demais. Miss Hale está estendida no sofá da sala de jantar, seriamente ferida. Eu vou chamar o doutor.

– Oh! Não faça isso, mamãe! Eles vão assassiná-la.

Ela agarrou-se ao vestido da mãe. Mrs. Thornton arrancou-a dali, com a mão nada gentil.

– Então ache alguém mais para ir, mas aquela menina não pode sangrar até morrer.

– Sangue! Oh, mas é horrível! Como foi que ela se feriu?

– Não sei – não tive tempo para perguntar. Vá ficar com ela lá embaixo, Fanny, e tente se fazer útil. Jane está com ela, e acredito que parece pior que é. Jane recusou-se a sair de casa, mulher covarde! E não me colocarei ao alcance de quaisquer outras recusas por parte dos meus criados, então eu mesma vou.

– Oh, Deus! Oh, Deus! – disse Fanny, chorando e preferindo antes descer do que ficar sozinha, com a ideia de ferimentos e derramamento de sangue dentro da própria casa.

– Oh, Jane! – disse ela, se arrastando até a sala de jantar. – Qual é o problema? Ela parece tão branca! Como foi que ela se feriu? Eles jogaram pedras na sala de visitas?

Margaret, de fato, parecia branca e pálida, embora seus sentidos estivessem começando a retornar. Mas o torpor doentio do desmaio deixava-a miseravelmente fraca. Ela estava consciente do movimento ao seu redor, e do alívio da água-de-colônia – e da sua vontade de que esse alívio continuasse sem

interrupção. Mas quando elas pararam para conversar, ela não pôde mais abrir os olhos ou pedir que lhe molhassem a fronte, pois assim se movem as pessoas que estão em transe de morte, para dizer uma palavra, ou interromper os terríveis preparativos para o seu enterro, enquanto elas ainda estão plenamente conscientes; não apenas para evitar as ações dos que os rodeiam, mas a própria ideia que é o motivo para tais ações.

Jane parou de banhar a fronte de Margaret para responder à pergunta de Miss Thornton.

– Ela teria ficado bastante segura, senhorita, se tivesse ficado na sala de visitas, ou subido para ficar conosco. Estávamos no sótão da frente e pudemos ver tudo, sem perigo algum.

– Onde ela estava, então? – disse Fanny, aproximando-se aos poucos, enquanto se acostumava à visão da face pálida de Margaret.

– Bem na porta da frente... com o patrão! – disse Jane, significativamente.

– Com John! Com meu irmão! Como ela chegou lá?

– Não, senhorita, isso não me cabe dizer – respondeu Jane, movendo levemente a cabeça. – A Sarah...

– A Sarah o quê? – disse Fanny, ardendo de curiosidade.

Jane voltou a banhar o rosto de Margaret, como se o que a Sarah fez ou disse não fosse exatamente algo que ela gostasse de repetir.

– A Sarah o quê? – perguntou Fanny, severamente. – Não fale com meias palavras, ou não consigo entendê-la.

– Bem, senhorita, já que vai saber mesmo... A Sarah, sabe, estava no melhor lugar por ver tudo, na janela do lado direito. E ela diz, e também disse na hora, que ela viu Miss Hale com os braços no pescoço do patrão, abraçando-o na frente de todas aquelas pessoas.

– Não acredito nisso – disse Fanny. – Eu sei que ela gosta do meu irmão, qualquer um pode ver isso. E ousa dizer que ela daria tudo para que ele se casasse com ela, o que nunca vai acontecer, posso lhe assegurar. Mas não acredito que ela seria tão corajosa e avançada a ponto de pôr seus braços em volta do pescoço dele.

– Pobre moça! Ela pagou caro por isso, se o fez. Estou convencida que o golpe lhe trouxe tanto sangue para a cabeça, que ela nunca vai se recuperar. Ela parece um cadáver agora.

– Oh, queria tanto que mamãe voltasse! – disse Fanny, torcendo as mãos. – Eu nunca estive em uma sala com uma pessoa morta antes.

– Espere, senhorita! Ela não está morta: suas pálpebras estão tremendo, e aqui está uma lágrima escorrendo pela sua face. Fale com ela, Miss Fanny!

– Está melhor agora? – perguntou Fanny, com a voz trêmula.

Nenhuma resposta; nenhum sinal de reconhecimento. Mas uma fraca cor rosada voltou aos seus lábios, embora o resto do rosto continuasse pálido, quase cinzento.

Mrs. Thornton entrou apressadamente, com o médico mais próximo que

pudera encontrar.

– Como ela está? Sente-se melhor, minha querida? – perguntou, enquanto Margaret abria os olhos enevoados, e a olhava sonhadoramente. – Aqui está Mr. Lowe, para vê-la.

Mrs. Thornton falava alto e distintamente, como se falasse com uma pessoa surda. Margaret tentou levantar-se, e seus cabelos despenteados e exuberantes caíram instintivamente por cima do corte.

– Estou melhor agora – disse ela, em uma voz muito baixa e fraca. – Eu estive um pouco doente.

Ela deixou o médico pegar sua mão e sentir-lhe o pulso. A cor luminosa voltou por um momento ao seu rosto, quando ele pediu para examinar a ferida em sua testa. Margaret olhava para Jane, como se temesse mais a inspeção dela do que a do doutor.

– Não é muita coisa, eu acho. Estou melhor agora. Eu tenho que ir para casa.

– Não até que eu faça um curativo, e que você descanse um pouco.

Ela se sentou apressadamente, sem outra palavra, e permitiu que ele fizesse a bandagem.

– Agora, se me der licença – disse ela – eu tenho que ir. Mamãe não verá o curativo, eu acho. Está debaixo do cabelo, não é?

– Totalmente. Ninguém consegue ver.

– Mas você não deve ir – disse Mrs. Thornton, com impaciência. – Ainda não está recuperada o suficiente para isso.

– Eu devo ir – disse Margaret, decidida. – Pense na mamãe. Se eles ouvirem... Eu tenho mesmo que ir – disse então, com veemência. – Não posso ficar aqui. Posso pedir um táxi?

– Você está bastante excitada e febril – observou Mr. Lowe.

– É só por estar aqui, quando eu quero tanto ir. Se eu sair, o ar fresco me fará mais bem que qualquer outra coisa – ela alegou.

– Eu realmente acredito que é como ela diz – respondeu Mr. Lowe. – Se a mãe dela está tão doente como a senhora me contou no caminho para cá, pode ser muito grave se ela ouvir falar desta baderna e não ver a filha de volta na hora esperada. O corte não é profundo. Eu irei buscar um táxi, se os seus criados ainda estiverem com medo de sair.

– Oh, obrigada! – disse Margaret. – Isso me fará mais bem do que qualquer outra coisa. É o ar desta sala que faz com que eu me sinta tão infeliz.

Ela recostou-se no sofá e fechou os olhos. Fanny chamou a mãe para fora da sala, e lhe contou algo que a deixou tão ansiosa pela partida de Margaret quanto a própria Margaret. Não que ela acreditasse completamente na declaração de Fanny; mas acreditou o bastante para que as suas maneiras, ao despedir-se de Margaret, parecessem muito contrafeitas.

Mr. Lowe retornou com o táxi.

– Se me permitir, eu a acompanharei até em casa, Miss Hale. As ruas ainda não estão muito calmas.

Os pensamentos de Margaret já estavam suficientemente claros no momento para fazer com que desejasse se livrar de ambos – de Mr. Lowe e do táxi – antes que alcançasse Crampton Crescent, por medo de alarmar o pai e a mãe. Além desse ponto, ela nem pensaria. Aquele horrível sonho em que eram ditas palavras insolentes sobre ela nunca poderia ser esquecido, mas poderia ser posto de lado, até que ela estivesse mais forte. Oh! Ela estava muito fraca! E sua mente buscou algum fato presente para apoiar-se, e manter na memória, caso perdesse totalmente a consciência em outro desmaio hediondo e doentio.

[1] “Corn Law Rhymes”, no original, são poemas do poeta inglês Ebenezer Elliott (1781-1849). As Leis do Milho (Corn Laws) eram tarifas destinadas a proteger os preços do milho na Inglaterra e Irlanda contra a competição de outros países que o produziam a preços mais baixos.

CAPÍTULO 23

ENGANOS

“Que quando sua mãe a viu, em sua mente
Era ferida dolorosa, sem saber bem o que supor.”
Spenser^[1]

Não fazia cinco minutos que Margaret saíra quando Mr. Thornton entrou, o rosto em chamas.

– Não pude vir mais cedo: o superintendente... Onde está ela?

Olhou em volta da sala de jantar, e então virou-se quase irado para a mãe, que estava calmamente arrumando a mobília que fora desarranjada, e não respondeu imediatamente.

– Onde está Miss Hale? – perguntou outra vez.

– Foi para casa – disse ela, brevemente.

– Foi para casa?

– Sim. Ela estava bem melhor. Na verdade, não acho que estivesse muito ferida. Não são todas as pessoas que desmaiam por qualquer coisa.

– Lamento que ela tenha ido para casa – disse ele, caminhando inquieto em volta da sala. – Ela não poderia estar bem o suficiente para isso.

– Ela disse que estava; e Mr. Lowe disse que ela estava. Eu mesma fui buscá-lo.

– Obrigado, mãe.

Ele parou e ergueu um pouco a mão, para apertar a da mãe em agradecimento. Mas ela não notou o gesto.

– O que fez com os seus irlandeses?

– Mandei-os ao Dragon, para fazerem uma boa refeição, pobres infelizes. E então, por sorte, encontrei o Padre Grady, e lhe pedi que falasse com eles e os dissuadisse de irem embora em bando. Como Miss Hale foi para casa? Estou certo de que ela não podia andar.

– Ela pegou um táxi. Tudo foi feito adequadamente, até mesmo em relação ao pagamento. Vamos falar de qualquer outra coisa. Ela já causou perturbação bastante.

– Não sei onde eu estaria, se não fosse ela.

– Você se tornou tão desamparado a ponto de ter que ser defendido por uma menina? – perguntou Mrs. Thornton, desdenhosamente.

Ele corou.

– Não há muitas meninas que teriam recebido os golpes que eram destinados a mim – quero dizer, com tão decidida boa vontade.

– Uma menina apaixonada fará tudo o que estiver ao seu alcance – respondeu Mrs. Thornton, brevemente.

– Mãe! – ele deu um passo à frente e parou, tomado pela paixão.

Mrs. Thornton estava um pouco assustada com a força evidente que ele fazia para se controlar. Ela não estava certa da natureza das emoções que havia provocado. Só a violência era bastante clara. Seria raiva? Os olhos dele brilhavam, seu corpo se distendera, sua respiração era forte e rápida. Era uma mistura de alegria, de raiva, de orgulho, de surpresa feliz, de dúvida ofegante, mas ela não conseguia perceber isso. Ainda assim, Mrs. Thornton sentiu-se pouco à vontade – como se a presença de qualquer forte sentimento, cuja causa não é completamente entendida ou digna de pena – sempre tivesse esse efeito. Ela foi até o armário, abriu uma gaveta e tirou um espanador, que mantinha lá para qualquer propósito eventual. Havia visto uma gota de água-de-colônia no braço polido do sofá e, instintivamente, procurou limpá-la. Mas manteve as costas viradas para o filho por mais tempo do que o necessário. E quando falou, sua voz parecia estranha e constrangida.

– Você tomou algumas providências sobre os baderneiros, eu suponho? Teme que haja mais alguma violência? Onde estava a polícia? Nunca estão perto quando a gente precisa!

– Pelo contrário, vi três ou quatro deles, quando os portões cederam, lutando e batendo de verdade, e outros vieram justo quando eles abandonavam o pátio. Eu poderia ter dado o nome de alguns dos que estavam no comando, naquele momento, se estivesse em plena posse dos meus sentidos. Mas não haverá nenhuma dificuldade, muitas pessoas podem identificá-los.

– Mas eles não voltarão hoje à noite?

– Eu vou cuidar para que haja guarda suficiente nos locais. Marquei para encontrar o Capitão Hanbury dentro de meia hora, na delegacia.

– Mas antes deve tomar o seu chá.

– Chá! Sim, suponho que devo. São seis e meia, e eu posso ficar fora durante algum tempo. Não me espere acordada, mãe.

– Você espera que eu vá para cama antes de vê-lo seguro, então?

– Bem, talvez não – ele hesitou por um momento. – Mas se eu tiver tempo, passarei por Crampton na volta, depois que organizar tudo com a polícia e ver Hamper e Clarkson.

Seus olhos se encontraram. Olharam-se intensamente por um minuto. Então ela perguntou:

– Por que você vai passar por Crampton?

– Para perguntar por Miss Hale.

– Eu mandarei perguntar. Williams tem que levar o colchão d'água que ela veio pedir. Ele indagará como ela está.

– Eu mesmo tenho que ir.

– Mas não apenas para perguntar por Miss Hale?

– Não, não apenas para isso. Eu quero lhe agradecer pelo modo como ela se interpôs entre mim e a multidão.

– E o que fez você descer até lá, afinal? Isso é enfiar a cabeça na boca do leão!

Ele encarou-a. Viu que ela não sabia o que se passara entre ele e Margaret na sala de visitas, e respondeu com outra pergunta:

– Teria medo de ficar sozinha, enquanto eu vou providenciar o policiamento? Ou é melhor mandarmos Williams agora, para que eles possam estar aqui quando terminarmos o chá? Não há tempo a perder. Tenho que sair dentro de quinze minutos.

Mrs. Thornton deixou a sala. Os criados se espantaram com suas ordens, normalmente muito diretas e precisas, e que agora eram confusas e incertas. Mr. Thornton permaneceu na sala de jantar, tentando pensar no negócio que precisava resolver na delegacia, e na realidade pensando em Margaret. Tudo parecia nebuloso e vago para além – para trás – ou perto do toque dos braços dela em seu pescoço... aquele aperto macio que fazia o rubor ir e voltar ao seu rosto, quando pensava nisso.

A hora do chá teria se passado em silêncio, se não fosse a perpétua descrição de Fanny dos seus próprios sentimentos. Como ela havia ficado alarmada – e como pensou que eles tivessem ido – e como ficou enjoada e desmaiou – e como tremia da cabeça aos pés...

– Já é o bastante – disse o irmão, levantando-se da mesa. – A realidade é suficiente, para mim.

Ele ia deixar a sala quando a mãe o fez parar, colocando a mão em seu braço.

– Volte aqui antes de ir ver os Hale – disse ela, em voz baixa e ansiosa.

– Eu sei o que eu sei – disse Fanny para si mesma.

– Por que? Será muito tarde para perturbá-los? – perguntou ele.

– John, volte para mim apenas por esta noite. Vai estar muito tarde para ver Mrs. Hale. Mas não é isso. Amanhã, você... Volte hoje à noite, John!

Ela raramente tinha suplicado alguma coisa ao filho – era muito orgulhosa para isso. Mas ela nunca tinha suplicado em vão.

– Eu voltarei diretamente para cá assim que concluir o meu negócio. Você irá perguntar por eles? Por ela?

Mrs. Thornton não conseguiu de modo algum ser uma boa companheira de conversa para Fanny, nem sequer uma boa ouvinte, enquanto o filho esteve ausente. Mas quando ele retornou, seus olhos e ouvidos estavam ávidos para ver e ouvir todos os detalhes que ele pudesse dar, sobre as medidas que tomara para assegurar a si mesmo e àqueles a quem escolhera empregar, de qualquer repetição das afrontas do dia. Ele sabia bem qual era o seu objetivo. Castigo e sofrimento eram as consequências naturais para aqueles que tinham tomado parte no tumulto. Tudo aquilo era necessário, para que a propriedade fosse protegida, e a vontade do proprietário pudesse cortar até o fim, limpa e afiada como uma espada.

– Mãe! A senhora sabe o que eu tenho para dizer a Miss Hale amanhã, não sabe?

A pergunta caiu sobre ela de repente, durante uma pausa em que, pelo

menos, tinha esquecido de Margaret.

Ela olhou para ele.

– Sim! Eu sei. Você não poderia agir de outro modo.

– Agir de outro modo! Eu não a entendo.

– Quero dizer que, depois de permitir que ela demonstrasse seus sentimentos dessa maneira, eu acho que você está na obrigação moral...

– Obrigação moral! – disse ele, desdenhosamente. – Temos que a moral não tenha nada a ver com isto. “Demonstrar seus sentimentos dessa maneira!” A que sentimentos se refere?

– Não, John, não precisa ficar bravo. Ela não correu para baixo e se agarrou a você para salvá-lo do perigo?

– Sim! É verdade! – disse ele. – Mas, mãe – ele continuou, parando de andar bruscamente, bem em frente a ela – não ouse ter esperanças. Eu nunca fui covarde antes, mas não posso acreditar que uma tal criatura goste de mim.

– Não seja tolo, John! Uma tal criatura! Quem ouve você falar vai pensar que ela é a filha de um duque. E que prova mais você quer, me diga, do seu amor por você? Acredito que ela tenha travado uma dura batalha com o seu modo aristocrático de ver coisas; mas gosto mais dela por enxergar com clareza, afinal. E, para mim, isso é uma coisa muito difícil de admitir – disse Mrs. Thornton, sorrindo lentamente, com lágrimas nos olhos. – Depois desta noite, eu ficarei em segundo plano. Foi para ter você para mim, só para mim, por mais algumas horas, que implorei para que fosse vê-la só amanhã!

– Minha querida mãe! (Ainda assim o amor é egoísta, e em um instante ele retornou às suas próprias esperanças e temores, de um modo que lançou uma cortina de sombra fria sobre o coração de Mrs. Thornton.) Mas eu sei que ela não gosta de mim. Eu me porei aos pés dela – preciso fazê-lo. Se houvesse apenas uma chance em mil – ou em um milhão – eu o faria.

– Não há o que temer! – disse a mãe, esmagando seu próprio sofrimento interior, ao ver que o filho quase não notara sua rara ebulição de sentimentos maternos – e a pontada de ciúme que traiu a intensidade do seu amor disfarçado. – Não tenha medo – ela disse, friamente. – No que diz respeito ao amor, ela pode ser digna de você. Deve ter lhe custado um bocado, superar o próprio orgulho. Não tenha medo, John – disse ela, beijando-o, ao lhe desejar boa-noite.

E ela deixou a sala, lenta e majestosamente. Mas quando entrou no próprio quarto, trancou a porta e sentou-se para chorar, o que raramente fazia.

Margaret entrou no quarto (onde o pai e a mãe ainda estavam sentados, conversando em voz baixa), parecendo muito branca e pálida. Aproximou-se deles, antes que tivesse coragem de falar.

– Mrs. Thornton vai mandar o colchão d’água, mamãe.

– Querida, como parece cansada! Está muito quente, Margaret?

– Muito quente, e há muita perturbação nas ruas, por causa da greve.

A cor de Margaret voltou, vívida e luminosa como sempre; mas desapareceu em seguida.

– Veio uma mensagem de Bessy Higgins, pedindo que fosse vê-la –

disse Mrs. Hale. – Mas estou certa de que está cansada demais.

– Sim! – disse Margaret. – Estou cansada, não posso ir.

Margaret estava muito calada e trêmula, enquanto fazia o chá. Ficou grata de ver o pai tão ocupado com a mãe, a ponto de não notar o seu aspecto. Mesmo depois que a mãe foi para cama, ele não aceitou se afastar da esposa, e resolveu ler para que ela dormisse. Margaret ficou só.

– Agora pensarei sobre isso, agora lembrarei tudo. Não pude fazê-lo antes – não tive coragem.

Sentou-se imóvel na cadeira, as mãos apertando os joelhos, os lábios comprimidos, os olhos fixos – como alguém que tem uma visão. Respirou profundamente.

– Eu, que odeio cenas – eu, que desprezava as pessoas por mostrarem emoção, que achava que elas não tinham autocontrole... Eu desci e achei necessário me lançar no corpo a corpo, como uma tola romântica! Será que fiz algum bem? Eles teriam ido embora sem mim, ousou dizer.

Mas isso era saltar a conclusão racional, como o seu julgamento bem equilibrado logo sentiu.

– Não, talvez eles não fossem. Eu fiz algum bem. Mas o que foi que me possuiu para defender aquele homem, como se ele fosse uma criança desamparada? Ah! – disse ela, apertando as mãos – não admira que essas pessoas pensem que eu estava apaixonada por ele, depois de me desgraçar daquele modo. Eu, apaixonada – e ainda mais por ele!

Suas faces pálidas de repente se tornaram uma chama de fogo, e ela cobriu o rosto com as mãos. Quando as retirou, suas palmas estavam molhadas com lágrimas ardentes.

– Oh! Quão baixo eu caí, para que digam isso de mim! Eu não poderia ter sido tão corajosa por qualquer outra pessoa, só porque ele me era tão completamente indiferente – se, na verdade, não chego mesmo a detestá-lo. E me deixa ainda mais irritada saber que deveria haver um jogo justo de ambos os lados. Eu poderia ver se o jogo era justo. Não era justo – disse ela, veementemente – que ele ficasse parado lá, protegido, esperando os soldados, que poderiam agarrar aquelas pobres criaturas enlouquecidas como em uma armadilha – sem um esforço da parte dele para trazê-los à razão. E foi mais do que injusto para eles atacá-lo, como ameaçaram. Eu faria tudo de novo, digam o que quiserem de mim. Se eu evitei um golpe, uma ação cruel e violenta que do contrário teria sido cometida, fiz o trabalho de uma mulher. Deixe que insultem meu orgulho virginal, como sei que vão fazer – eu me apresento pura perante Deus!

Ela ergueu os olhos, e uma nobre paz pareceu descer e acalmar o seu semblante, até que estivesse ‘mais imóvel do que o mármore cinzelado.’

Dixon entrou:

– Desculpe incomodá-la, Miss Margaret, aqui está o colchão d’água de Mrs. Thornton. Hoje já está muito tarde para usá-lo, creio, pois a senhora está quase dormindo. Mas servirá muito bem para amanhã.

– Muito – disse Margaret. – Mande-lhe os nossos agradecimentos.

Dixon deixou o quarto por um momento.

– Desculpe, Miss Margaret, o criado diz que deve perguntar pela senhorita especialmente, para saber como está. Acho que ele está se referindo à senhora, mas ele diz que as últimas ordens que recebeu foram para perguntar como Miss Hale está.

– Eu! – disse Margaret, endireitando-se. – Estou muito bem. Diga-lhe que estou perfeitamente bem.

Mas seu semblante estava mortalmente branco, da cor do seu lenço; e a cabeça lhe doía terrivelmente.

Mr. Hale entrou naquele momento. Deixara a esposa adormecida, e desejava, como Margaret percebeu, distrair-se e interessar-se por algo que ela pudesse lhe contar. Com doce paciência ela aguentou a dor, sem uma palavra de reclamação, e explorou inúmeros pequenos assuntos de conversação – tudo menos o tumulto, que ela não mencionou nenhuma vez. Pensar nisso a deixava doente.

– Boa-noite, Margaret. Eu tenho uma boa chance de dormir bem esta noite, e você está parecendo muito pálida com a sua vigília. Eu chamarei Dixon, se sua mãe precisar de alguma coisa. Vá para a cama e durma como uma criança. Eu estou certo que precisa disso, pobre menina!

– Boa-noite, papai.

Ela deixou que a cor se fosse do seu rosto – o sorriso forçado desapareceu – os olhos se embotaram com as fortes dores. Ela libertou sua vontade férrea daquela tarefa laboriosa. Até de manhã deveria se sentir doente e cansada.

Ela deitou-se e não se mexeu mais. Mover a mão ou o pé, ou mesmo apenas um dedo, teria sido um esforço além dos poderes da vontade ou da ação. Estava tão cansada, tão atordoada, que pensou que nunca dormiria. Seus pensamentos febris passaram e repassaram a fronteira entre o sono e a vigília e mantiveram sua própria identidade miserável. Ela não podia ficar sozinha, prostrada, impotente como estava – uma nuvem de rostos olhava para ela, sem lhe passar a menor ideia de uma raiva vívida e feroz, ou de perigo pessoal, mas um profundo sentimento de vergonha, quando ela deveria, por tudo isso, ser objeto de respeito universal. Um sentimento de vergonha tão intenso, que tinha a impressão de que poderia de bom grado se esconder debaixo da terra, e ainda assim não escaparia daquele clarão cintilante de muitos olhos.

[1] Edmund Spenser (1552-1599): poeta inglês, um dos principais nome do período Tudor na Inglaterra.

CAPÍTULO 24

ENGANOS ESCLARECIDOS

“Sua beleza foi a primeira que ganhou o lugar,
E escalou as paredes do meu coração destemido,
Que, agora cativo, anseia em uma gaiola,
Com rudeza se preparou para o rigor do deserto;
Nem por isso menos deve o teu servo respeitar,
Apesar de rude repulsa ou silencioso orgulho.”

William Fowler^[1]

Na manhã seguinte, Margaret se arrastou da cama, grata que a noite houvesse terminado. Não se sentia renovada, mas havia descansado. Tudo tinha corrido bem na casa: a mãe só havia despertado uma vez. Uma brisa suave se espalhava pelo ar quente, e embora não houvesse nenhuma árvore para mostrar o alegre movimento causado pelo vento entre as folhas, Margaret sabia que, em algum lugar, na beira das estradas, nos matagais, ou em bosques verdes e cerrados, havia um som agradável, murmurante, dançante – um barulho apressado e cadente. A própria evocação desse pensamento trazia um eco de alegria distante ao seu coração.

Ela sentou-se com seu trabalho no quarto de Mrs. Hale. Assim que a mãe acordasse daquele sono da manhã ela a ajudaria a se vestir para o almoço, e depois iria visitar Bessy Higgins. Baniria toda a lembrança da família Thornton – não havia nenhuma necessidade de pensar neles, até que aparecessem de fato na frente dela, em carne e osso. Mas, é claro, o esforço para não pensar neles só os trouxe com mais força ainda à sua mente. E, de vez em quando, um cáldio rubor coloria sua face pálida, como um raio de sol que atravessa as nuvens esparsas, e se move rapidamente por sobre o mar.

Dixon abriu a porta com muita suavidade, e andou pé ante pé até Margaret, sentada junto à janela fechada.

– Mr. Thornton está aqui, Miss Margaret. Está na sala de visitas.

Margaret largou a costura.

– Ele perguntou por mim? Papai não está aí?

– Ele perguntou pela senhorita; e o patrão não está.

– Muito bem, eu irei – disse Margaret, calmamente.

Mas ela demorou, estranhamente. Mr. Thornton estava junto à janela, as costas viradas para a porta, aparentemente absorvido em olhar alguma coisa na rua. Mas, na verdade, tinha medo de si mesmo. Seu coração batia acelerado na expectativa da chegada de Margaret. Não podia esquecer o toque dos braços dela ao redor do seu pescoço, apesar da impaciência que sentira na ocasião. Mas agora, a lembrança daquela defesa dele em forma de abraço, parecia eletrizá-lo inteiramente – derretendo toda a sua resolução, toda a sua capacidade de

autocontrole, como se fosse cera diante do fogo. Ele temia adiantar-se para recebê-la, com os braços estendidos em muda súplica para que ela se aninhasse neles, como havia feito um dia antes. Ele a tinha ignorado então, mas jamais a ignoraria de novo. Seu coração pulsava forte e rápido. Um homem corajoso como ele, tremia à antecipação do que tinha a dizer, e de como podia ser recebido. Ela poderia se aconchegar, e corar, e vibrar nos seus braços, como se aquele fosse o seu lar natural e o seu lugar de descanso. Em um momento, ele ardia de impaciência ao pensar que ela poderia fazer isso, no momento seguinte, temia uma rejeição apaixonada, cuja simples ideia cobria o seu futuro de um gelo tão mortal que ele se recusava a pensar nisso. Assustou-se ao perceber a presença de mais alguém na sala. Virou-se. Ela havia entrado tão suavemente, que ele não a ouvira. Os ruídos da rua tinham sido mais distintos aos seus ouvidos desatentos do que os lentos movimentos dela, no seu vestido macio de musselina.

Ela parou ao lado da mesa, sem convidá-lo a sentar. Suas pálpebras estavam baixas, cobrindo-lhe parcialmente os olhos. Os dentes estavam fechados, não comprimidos, os lábios um pouco separados sobre eles, permitindo ver a linha branca entre as suas curvas. Sua respiração lenta e profunda dilatava as narinas belas e delicadas. Era o único movimento visível no seu semblante. A pele finamente granulada, o rosto oval, os ricos contornos da boca, com os cantos terminados em profundas covinhas – tudo hoje parecia abatido e pálido. A perda da sua cor habitual, natural e saudável, era mais evidente pela sombra pesada do cabelo escuro, puxado por sobre as têmporas, para esconder qualquer sinal do golpe que ela recebera. Sua cabeça, apesar dos olhos baixos, inclinava-se um pouco para trás, na velha atitude orgulhosa. Os braços longos pendiam imóveis ao lado do corpo. Considerando tudo, ela parecia um prisioneiro, falsamente acusado de um crime que detestava e desprezava, e do qual estava muito indignado para se justificar.

Mr. Thornton deu um ou dois passos apressados para a frente, recobrou-se e partiu com tranquila firmeza para a porta (que ela deixara aberta), fechando-a. Então voltou e ficou em frente a ela por um momento, recebendo a impressão geral da sua bela presença, antes de se atrever a perturbá-la, talvez repeli-la, com o que tinha a dizer.

– Miss Hale, fui muito ingrato ontem.

– O senhor não tinha nada para agradecer – disse ela, erguendo os olhos, e olhando direta e firmemente para ele. – O senhor quer dizer, imagino, que acha que deve me agradecer pelo que fiz – apesar de si mesma, a despeito da sua raiva, um forte rubor subiu-lhe ao rosto, e ardeu até mesmo em seus olhos, que, no entanto, sustentaram aquele olhar sério e firme. – Foi só um instinto natural. Qualquer mulher teria feito a mesma coisa. Nós todas sentimos a santidade do nosso sexo como um grande privilégio, quando vemos o perigo. Eu é que devo – disse ela, apressadamente – me desculpar com o senhor, por ter dito palavras impensadas que o levaram a expor-se ao perigo.

– Não foram as suas palavras. Foi a verdade que elas continham, e a forma pungente com que foi expressa. Mas a senhorita não me afastará com isso, para assim escapar à expressão da minha profunda gratidão, do meu... – ele estava à beira do abismo agora. Mas não falaria no calor da sua paixão ardente; pesaria cada palavra. Ele conseguiria; e sua vontade triunfou. Parou a meio caminho.

– Não estou tentando escapar de nada – disse ela. – Apenas digo que não

me deve gratidão alguma. E devo acrescentar que qualquer tentativa sua de expressá-la será dolorosa para mim, porque sinto que não mereço. Ainda assim, se isso o aliviará até mesmo de uma obrigação imaginária, continue.

– Eu não quero ser aliviado de qualquer obrigação – disse ele, provocado pela sua maneira tranquila. – Imaginária ou não – não me questione a respeito disso – prefiro acreditar que devo a minha própria vida à senhorita – sim – pode sorrir e pensar que é um exagero, se quiser. Eu acredito nisso, porque acrescenta um valor àquela vida para pensar... Oh, Miss Hale! – ele continuou, baixando a voz até uma tal intensidade terna de paixão que ela estremeceu e agitou-se diante dele – pensar em uma circunstância tão difícil, que sempre que eu me alegrar com a existência daqui para a frente, possa dizer a mim mesmo “Toda essa alegria na vida, todo esse honesto orgulho em fazer o meu trabalho no mundo, toda essa aguda consciência de existir, eu devo a ela!” E isso dobra a alegria, torna brilhante o orgulho, aguça o sentido da existência, até que eu mal saiba se é dor ou prazer, pensar que eu devo tudo isso a alguém... não, deve me ouvir, vai me ouvir... – disse ele, dando um passo adiante com firme determinação – devo tudo isso a alguém que eu amo, como não acredito que um homem já tenha amado uma mulher.

Ele segurou firme a mão dela na sua. Estava ofegante, enquanto esperava pelo que viria. Ao ouvir o seu tom frio, afastou a mão dela com indignação. Pois o tom era gelado, embora as palavras saíssem hesitantes, como se ela não soubesse onde encontrá-las.

– Seu modo de falar me choca. É uma blasfêmia. Eu não posso ajudá-lo, se esse é o meu primeiro sentimento. Poderia não ser assim, ousou dizer, se eu entendi o tipo de sentimento que descreve. Eu não quero irritá-lo. Além disso, temos que falar com gentileza, pois mamãe está dormindo. Mas a sua atitude inteira me ofende.

– Como? – exclamou ele. – Isso a ofende! Eu, realmente, sou muito infeliz!

– Sim! – disse ela, recuperando a dignidade. – Eu me sinto ofendida, e, creio, com justiça. O senhor parece imaginar que minha conduta de ontem – e aqui, novamente, suas faces ficaram ruborizadas, mas desta vez os olhos faiscavam de indignação em lugar de vergonha. – foi um ato pessoal entre eu e o senhor. E que pode vir e me agradecer por isso, em vez de perceber, como um cavalheiro... sim! um cavalheiro – ela repetiu, em alusão à sua conversa anterior sobre aquela palavra – perceber que qualquer mulher, digna do nome de mulher, avançaria para proteger, com seu honroso desamparo, um homem exposto à violência de inúmeros outros.

– E o cavalheiro salvo deste modo está proibido de expressar seus agradecimentos! – interrompeu ele, desdenhosamente. – Eu sou um homem. E reivindicando o direito de expressar meus sentimentos.

– E eu reconheço esse direito. Digo apenas que o senhor me causa dor insistindo nisso – ela respondeu, orgulhosa. – Mas o senhor parece ter imaginado que eu não fui guiada apenas pelo instinto feminino, mas... – e aqui as lágrimas apaixonadas (retidas há tanto tempo, e contra as quais lutara com veemência) vieram aos seus olhos e embargaram a sua voz – mas que fui incitada por algum sentimento particular pelo senhor... pelo senhor! Pois não havia um homem sequer, nem um pobre homem desesperado em toda aquela multidão, por quem

eu não tivesse mais compaixão, por quem eu não faria o pouco que pudesse com maior boa vontade.

– Pode falar à vontade, Miss Hale. Eu estou a par de todas as suas simpatias deslocadas. Acredito agora que foi apenas o seu senso inato de opressão – sim! eu, apesar de patrão, posso ser oprimido – que a fez agir tão nobremente como agiu. Eu sei que a senhorita me despreza. Mas, permita-me dizer, é porque não me entende.

– Eu não faço questão de entender – ela respondeu, agarrando-se à mesa para se firmar. Considerava-o cruel – como, de fato, ele era – e sentia-se fraca de indignação.

– Não, já vi que não. A senhorita é arbitrária e injusta.

Margaret apertou os lábios. Ela não falaria em resposta a tais acusações. Mas, apesar de tudo – com todas as palavras selvagens que ele dissera, ele poderia ter se lançado aos pés de Margaret e beijado a coroa do seu orgulho ferido, para que ela caísse em seus braços. Ele esperou, ansiando por um gesto. Ela não falou. Não se moveu. Se ela chorasse, suas lágrimas poderiam dizer alguma coisa – mesmo um insulto – ao qual ele poderia responder. Mas ela estava calada. Ele pegou o chapéu.

– Uma palavra mais. A senhorita olha como se considerasse uma desonra ser amada por mim. Não pode evitar isso. Não. Se eu pudesse, a liberaria dessa desonra. Mas eu não vou, nem que possa. Eu nunca ameí mulher alguma antes: minha vida foi sempre muito ocupada, meus pensamentos muito absorvidos por outras coisas. Agora eu amo e continuarei amando. Mas não tenha medo de que haja muita expressão desse sentimento da minha parte.

– Eu não tenho medo algum – ela respondeu, erguendo-se rapidamente – Até agora ninguém se atreveu a ser impertinente comigo, e ninguém mais será. Mas, Mr. Thornton, o senhor foi muito amável com meu pai – disse ela, mudando o tom inteiro da voz e tentando falar com uma suavidade mais feminina. – Não vamos nos separar como inimigos. Por favor, não permita isso!

Ele não tomou conhecimento das palavras dela: ocupava-se em alisar a aba do chapéu com a manga do casaco, por quase um minuto. E então, rejeitando a sua mão estendida, e fingindo não perceber o seu grave olhar de arrependimento, voltou-se bruscamente e deixou a sala. Margaret apenas vislumbrou seu rosto antes que ele se fosse.

Quando ele saiu, Margaret pensou ter visto o brilho de lágrimas contidas nos olhos dele. E isso transformou a antipatia orgulhosa dela em algo diferente e mais amável, embora quase tão doloroso – o remorso de ter causado tal sofrimento a qualquer pessoa.

– Mas o que eu poderia fazer? – perguntava-se ela. – Eu nunca gostei dele. Eu era educada, mas não tive nenhuma dificuldade em esconder minha indiferença. Na verdade, nunca pensei em mim ou nele, assim meus modos devem ter mostrado a verdade. Com tudo aquilo ontem, ele poderia se enganar. Mas isso é culpa dele, não minha. Eu faria tudo novamente, se fosse preciso, ainda que me conduzisse a toda esta vergonha e confusão.

[1] William Fowler (1560-1612): escritor, tradutor, poeta e cortesão escocês.

CAPÍTULO 25
FREDERICK

“Vingança deve ser;
A disciplina despertada proclama em voz alta a sua causa,
E a armada ferida exorta a quebrar suas leis.”
Byron[1]

Margaret começou a se perguntar se todos os pedidos de casamento eram assim tão insuspeitados de antemão – e tão angustiantes quando ocorriam, como os dois que ela havia recebido. Uma comparação involuntária entre Mr. Lennox e Mr. Thornton surgiu em sua mente. Ela lamentava que tivesse surgido das circunstâncias, no caso de Henry Lennox, a expressão de algum outro sentimento além da amizade. Aquele pesar fora o sentimento predominante, na primeira ocasião em que recebera uma proposta. Não se sentira tão aturdida, tão impressionada como agora, quando os ecos da voz de Mr. Thornton ainda permaneciam na sala. No caso de Lennox, pareceu que ele ultrapassara por um momento os limites entre amizade e amor; e, no momento seguinte, lamentou isso quase tanto quanto ela, embora por razões diferentes. No caso de Mr. Thornton, até onde Margaret sabia, não houve nenhuma fase intermediária de amizade. O relacionamento dos dois tinha sido uma série contínua de enfrentamentos. Suas opiniões colidiam. E, na verdade, ela nunca tinha percebido que ele gostava das opiniões dela, apenas por pertencerem a ela, a pessoa. Ele parecia se livrar dessas opiniões com desprezo, na medida em que desafiavam seu caráter forte como uma rocha, intensamente passional, e até que Margaret se cansasse do esforço de fazer protestos inúteis. E agora ele viera, naquele estranho modo apaixonado e selvagem, declarar o seu amor. Embora no princípio isso a tivesse chocado – que o pedido dele fosse forçado, e determinado por sua forte paixão pela situação a que ela se expusera, que ele, assim como outros, poderia entender mal – ainda assim, antes mesmo que ele deixasse a sala, e certamente não cinco minutos depois, ela começou a entender, e viu brilhar claramente à sua frente, que ele na verdade a amava, que já a amava antes, e que ainda a amaria. E ela recuou e estremeceu, como se estivesse sob o fascínio de algum grande poder, que em toda a sua vida prévia sempre considerara repulsivo. Margaret arrepiou-se e tentou voltar fugir dessa ideia. Mas era inútil. Parodiando uma linha do Tasso, de Fairfax:

“A sua poderosa ideia vagou pelo pensamento dela.”

Ela o detestava ainda mais por ter dominado a sua vontade interior. Como ele ousava dizer que ainda a amaria, mesmo que ela o desprezasse? Desejou ter falado com mais... força. Falas afiadas, decisivas, vinham à sua mente, agora que estava muito tarde para dizê-las. A impressão mais profunda

daquela entrevista era como a do horror dentro de um sonho – que não deixa o quarto enquanto não levantamos, esfregamos os olhos e forçamos nos lábios um sorriso duro e rígido. Que fica lá... lá, em algum canto do quarto.. se encolhendo e gaguejando, com horríveis olhos fixos, escutando para ver se ousamos denunciar sua presença para alguém. E nós não ousamos; pobres covardes que somos!

Ela estremeceu ante a ameaça do seu amor eterno. O que ele quis dizer? Será que ela não tinha o poder de amedrontá-lo? Pensaria sobre isso. Era preciso mais do que a ousadia de um homem para ameaçá-la dessa maneira. Ele baseara tudo aquilo apenas no miserável dia de ontem? Se fosse necessário, ela faria a mesma coisa amanhã – por um mendigo aleijado, de boa vontade e alegremente. Mas por ele, ela voltaria a fazer tudo da mesma maneira, com a mesma coragem, apesar das deduções dele e da fria lama que as mulheres lhe atirariam. Fizera aquilo porque era certo, e simples, e verdadeiro, salvar onde houvesse o que salvar - até mesmo tentar salvar. *Fais ce que dois, advienne qui pourra*[2].

Até esse momento ela não se movera de onde estava quando ele saíra. Nenhuma circunstância externa a tinha despertado do transe de pensamento em que fora mergulhada pelas últimas palavras dele, e pelo olhar dos seus olhos profundos, atentos e apaixonados, cujas chamas tinham feito seus próprios olhos cederem diante deles. Ela foi até a janela e escancarou-a, para dispersar a opressão que pairava em torno de si. Depois abriu a porta, com uma espécie de impetuoso desejo de livrar-se das lembranças da última hora na companhia de outras pessoas, ou fazendo algum esforço produtivo. Mas tudo estava profundamente silencioso na quietude do meio-dia, em uma casa onde um inválido dorme o sono agitado que lhe é negado nas horas da noite. Margaret não queria ficar sozinha. O que deveria fazer? Ir ver Bessy Higgins, é claro, pensou ela, quando a lembrança da mensagem enviada no dia anterior cruzou-lhe a mente.

E ela se foi.

Quando chegou lá, encontrou Bessy na poltrona, que fora movida para perto do fogo, embora o dia estivesse abafado e opressivo. Ela estava praticamente deitada, como se descansasse languidamente depois de algum paroxismo de dor. Margaret estava certa de que ela deveria respirar com mais liberdade, o que só seria possível com uma postura menos reclinada; e, sem uma palavra, levantou-a, e arrumou os travesseiros para que Bessy ficasse mais à vontade, embora ainda estivesse muito fraca.

– Eu pensei que não ia ver você outra vez – disse ela, afinal, olhando com tristeza para o rosto de Margaret.

– Eu temo que você esteja muito pior. Mas não pude vir ontem, minha mãe estava tão doente... e havia outras razões – disse Margaret, corando.

– Talvez pense que fui longe demais, mandando Mary chamar você. Mas as brigas e as vozes altas tinham me deixado em pedaços, e quando o pai

saiu... Oh! Pensei que se pudesse apenas ouvir sua voz, lendo para mim umas palavras de paz e esperança, eu podia morrer em silêncio e descansar em Deus, feliz como um bebê que dorme ouvindo as cantigas da mãe.

– Quer que leia um capítulo para você agora?

– Sim, faça isso! Pode ser que eu não entenda o sentido no princípio. Vai me parecer distante, mas quando chegar nas palavras que eu gosto – nos textos que me confortam – vou reconhecer pelo ouvido, e vou entender bem como é.

Margaret começou. Bessy revirava-se para lá e para cá. Se, fazendo um esforço, ela prestava atenção por um momento, no momento seguinte parecia duplamente inquieta. Afinal, ela explodiu:

– Pare de ler. Não adianta nada. Eu estou blasfemando todo o tempo em minha mente, pensando furiosamente que nada pode ser feito. Ouviu falar do tumulto que aconteceu ontem na Fábrica Marlborough? A fábrica do Thornton, você sabe.

– Seu pai não estava lá, estava? – perguntou Margaret, corando profundamente.

– Ele não. Ele daria a mão direita para que isso nunca tivesse acontecido. É isso que está me irritando. Ele ficou bastante nervoso com tudo isso. Não adianta nada lhe dizer que os tolos vão sempre passar dos limites. Você nunca vai ver um homem tão desanimado como ele.

– Mas por quê? – perguntou Margaret. – Eu não entendo.

– Porque, você vê, ele é um homem do comitê, especialmente nessa greve. O Sindicato o nomeou porque, embora eu não devesse dizer isso, ele é considerado um camarada sério, e honesto com o pessoal. E ele e os outros homens do comitê fizeram seus planos. Eles tinham que aguentar juntos para o bem e para o mal; isso pensou a maioria, os outros iam ver se iam aguentar ou não. E acima de tudo, não era para ter nada com a lei, desta vez. O povo iria apoiar, se visse que eles se esforçavam e passavam fome calados, com paciência. Mas se houvesse qualquer barulho de luta e de briga – mesmo com os fura-greves - tudo estaria acabado, como eles sabiam pela experiência de muitas e muitas vezes antes. Eles tentariam falar com os fura-greves, para persuadir e também para advertir todos eles. Mas, não importa o que acontecesse, o Comitê encarregou todos os sócios do Sindicato de deitar e morrer, se preciso fosse, sem dar um golpe sequer. E então eles tinham certeza que o público ficaria com eles. E, além de tudo isso, o Comitê sabia que eles tinham razão na sua demanda, e eles não queriam ter o certo misturado com o errado, até que o povo não pudesse separar – assim como eu não posso separar o pó que você me deu para misturar na geleia. A geleia é muito maior, mas o pó espalha o gosto por tudo. Bem, eu já falei bastante sobre isso com você, mas estou muito cansada. Pense você mesma, o que pode representar para o pai ver todo o trabalho dele desfeito, e por um bobo igual ao Boucher, que precisa agora seguir de novo as ordens do Comitê. Arruinar a greve é tão ruim, como se ele quisesse fazer o papel de Judas. Ah! Mas o pai se acertou com ele ontem à noite! Ele foi longe o bastante para

dizer que ele tinha que ir até a polícia e falar onde eles poderiam encontrar o chefe do grupo que liderou o motim, senão ele o entregaria aos donos de fábrica, para que fizessem o que quisessem com ele. Ele mostrou ao mundo que os verdadeiros líderes da greve não são como Boucher, mas homens racionais e firmes. Bons operários e bons cidadãos, que foram simpáticos com a lei e a consciência, e só queriam garantir a ordem; que só queriam o seu salário certo, e que não iam trabalhar, mesmo se passassem fome, até conseguirem isso, mas nunca iam ferir a propriedade ou a vida. Pois dizem – e Bessy baixou a voz – que Boucher atirou uma pedra na irmã do Thornton, e que ela quase morreu.

– Isso não é verdade! – disse Margaret. – Não foi o Boucher que jogou a pedra – e Margaret primeiro ficou vermelha, depois branca.

– Então você estava lá, não estava? – perguntou Bessy, fracamente. Fizera diversas pausas enquanto falava, na verdade, como se falar representasse um esforço extremo.

– Sim. Mas não importa. Continue. Apenas não foi Boucher quem jogou a pedra. Mas o que ele respondeu ao seu pai?

– Ele não disse uma palavra. Ele estava tremendo todo, muito nervoso, eu não podia aguentar olhar para ele. Eu ouvi a sua respiração ofegante, e uma vez pensei que ele estava chorando. Mas quando o pai disse que ia entregá-lo para a polícia, ele deu um grito enorme e golpeou o pai no rosto com o punho fechado, e saiu como um raio. O pai ficou atordoado com o golpe no princípio, pois todos os Boucher são fracos, para a luta e para a fome. Ele se sentou um pouco e pôs a mão diante dos olhos; e então bateram na porta. Eu não sei onde eu consegui força, mas eu saí do sofá e me atirei em cima do pai. “Pai! Pai!” eu disse. “Tu nunca vais denunciar aquele pobre homem faminto. Eu não vou me afastar de ti, até que diga que não vai fazer isso.” “Não seja boba”, ele disse, “as palavras vem mais rápido que as ações, para a maioria dos homens. Eu nunca pensei em avisar a polícia sobre ele; embora o G ache que ele merece, e eu não me importaria se algum outro fizesse o trabalho sujo, e lhe desse uns tapas. Mas agora me ocorreu que eu não poderia fazer isso agora nem nunca, pois estaria permitindo que outros homens levassem a culpa em meu lugar. Mas se ele melhorar dessa fome, e estiver em boas condições, eu e ele vamos ter uma boa briga, daquelas de gritar e rugir, e então verei o que posso fazer por ele.” E assim o pai me tirou dali, pois eu realmente estava fraca e desfalecida, e o rosto dele estava todo sujo de barro, onde não havia sangue e fiquei doente só de olhar. E eu não sei se eu dormi ou acordei, ou se estava desmaiada, até que Mary chegou. E eu lhe disse para ir buscar você. E agora não fale mais comigo, só leia outro capítulo. Estou com a mente mais tranquila por ter colocado isso pra fora. Mas eu quero alguns pensamentos daquele outro mundo distante, para ficar com esse gosto na minha boca. Leia para mim, não um capítulo do sermão, mas um capítulo da história; eles têm figuras, que eu vejo quando meus olhos estão fechados. Leia sobre os Novos Céus e a Nova Terra, e pode ser que eu esqueça tudo isso.

Margaret leu com sua voz baixa e suave. Embora os olhos de Bessy

estivessem fechados, ela ainda escutou durante algum tempo, pois seus cílios estavam pesados da umidade das lágrimas. Bessy dormiu, afinal, com muitos sobressaltos e murmurando algumas preces. Margaret a cobriu e foi embora, pois estava com a desconfortável sensação de que poderiam precisar dela em casa. E, mesmo assim, lhe parecia cruel deixar a menina agonizante. Mrs. Hale se encontrava na sala de visitas, quando a filha chegou. Estava em um dos seus melhores dias, elogiando bastante o colchão d'água. Era mais parecido com as camas da casa de Sir John Beresford do que qualquer coisa em que ela tivesse dormido desde então. Ela não sabia como, mas as pessoas pareciam ter perdido a arte de fazer o mesmo tipo de camas que costumavam fazer na sua juventude. Alguém podia pensar que era bastante fácil; havia o mesmo tipo de penas para encher o colchão e, mesmo assim, até ontem à noite, ela não sabia quando fora a última vez que tivera um sono tão repousante. Mr. Hale sugeriu que uma parte dos méritos dos colchões de penas daquela época poderia ser atribuída à atividade da juventude, que dava um sabor especial ao descanso; mas essa ideia não foi muito bem recebida pela esposa.

– Não, realmente, Mr. Hale, as camas da casa de Sir John é que eram boas. Agora, Margaret, você é bastante jovem, e anda por aí o dia todo. Acha que as camas são confortáveis? Eu apelo a você. Elas lhe dão a sensação de perfeito repouso quando se deita? Ou fica se revirando, tentando em vão achar uma posição mais confortável, e acorda pela manhã tão cansada como quando foi para a cama?

Margaret riu.

– Para falar a verdade, mamãe, eu nunca pensei sobre a minha cama, de que tipo é. Estou tão sonolenta à noite, que se eu apenas me recostar em qualquer lugar, eu cochilo imediatamente. Então, acho que não sou uma testemunha confiável. No entanto, a senhora sabe, eu nunca tive a oportunidade de testar as camas de Sir John Beresford. Eu nunca estive em Oxenham.

– Nunca esteve? Oh, é claro que não! Foi o meu pobre e querido Fred que eu levei comigo, agora me lembro. Só fui a Oxenham uma vez depois que me casei, para o casamento da sua Tia Shaw; e o pobre Fred era o bebê, naquela ocasião. Eu sabia que Dixon não gostava de bancar a babá, em vez de ser a criada de uma dama, e tinha medo de que, se a levasse para perto do seu antigo lar, entre a sua própria gente, ela poderia querer me deixar. Mas o pobre bebê estava um pouco adentado, com a dentição, quando o levamos para Oxenham. E como fiquei bastante com Anna, logo antes do seu casamento, e como não sou muito forte, Dixon teve que cuidar dele quase sozinha, como jamais havia feito. E isso a fez ficar tão apegada a ele, e sentir tanto orgulho quando ele virava as costas para todo mundo e se agarrava a ela, que eu não acredito que ela tenha pensado novamente em me deixar, embora fosse muito diferente daquilo a que ela havia sido acostumada. Pobre Fred! Todo mundo o adorava. Ele nasceu com o dom de conquistar os corações. Me faz pensar muito mal do Capitão Reid, quando ouço que ele não gostava do meu querido menino. Para mim isso é uma prova certa de que ele tem um coração mau. Ah! Coitado do seu pai, Margaret.

Ele deixou o quarto. Não aguenta ouvir falar de Fred.

– Eu adoro ouvir falar sobre ele, mamãe. Conte-me tudo o que quiser; nunca poderá me contar o bastante. Me diga como ele era quando bebê.

– Sabe, Margaret, não fique magoada, mas ele era muito mais bonito do que você. Eu me lembro, quando a vi pela primeira vez nos braços de Dixon, eu disse “Querida, que coisinha mais feia!” E ela disse “Não é toda criança que é igual ao menino Fred, que Deus o abençoe!” Ah, Margaret querida! Como me lembro bem disso. Naquela época eu podia ficar com o Fred em meus braços cada minuto do dia, e o berço dele ficava ao lado da minha cama. E agora – agora Margaret – eu não sei onde o meu menino está, e às vezes penso que nunca o verei outra vez.

Margaret sentou-se em um banquinho junto ao sofá onde estava a mãe, e suavemente pegou sua mão, acariciando-a e beijando-a como se quisesse confortá-la. Mrs. Hale chorou sem restrição. Por fim, sentou-se ereta e rígida no sofá, e virando-se para a filha, falou com seriedade chorosa e quase solene:

– Margaret, se eu posso melhorar, se Deus me conceder uma chance de recuperação, deve ser para ver meu filho Frederick mais uma vez. Isso despertaria qualquer pobre resquício de saúde que ainda exista em mim.

Ela fez uma pausa, e parecia tentar reunir forças para dizer algo mais que precisava ser dito. Sua voz estava embargada quando continuou – tremia, como se acalentasse alguma ideia estranha, ainda que bem próxima do presente.

– Margaret, se eu vou morrer – se estou destinada a morrer dentro de poucas semanas – preciso antes ver o meu menino. Eu não sei como isso pode ser arranjado; mas eu encarrego você, Margaret, como se você mesma esperasse algum conforto na sua doença fatal, de trazê-lo a mim para que eu possa abençoá-lo. Só por cinco minutos, Margaret. Não poderia haver nenhum perigo em apenas cinco minutos. Oh, Margaret, permita que eu o veja antes de morrer!

Margaret não pensou que houvesse qualquer coisa de inteiramente irracional nesta fala: nós não procuramos razão ou lógica nas solicitações apaixonadas daqueles que estão condenados à morte. Somos atormentados com a lembrança de mil oportunidades perdidas de cumprir os desejos daqueles que logo deixarão de estar entre nós. E se eles nos pedem isso pela felicidade futura de nossas vidas, nós a colocamos aos seus pés, e renunciamos a ela. Mas este desejo de Mrs. Hale era tão natural, tão justo, tão correto para ambos, que Margaret sentia que, tanto por causa de Frederick quanto por causa da mãe, ela deveria negligenciar todas as chances de perigo e se empenhar em fazer tudo ao seu alcance para realizá-lo. Os olhos grandes e suplicantes da mãe estavam fixos nela, olhando-a melancolicamente, mas com firmeza, embora seus pobres lábios lívidos tremessem como os de uma criança. Margaret se levantou suavemente e colocou-se em frente à sua delicada mãe, de modo que ela pudesse ler a certeza do cumprimento do seu desejo na firmeza tranquila do rosto da filha.

– Mamãe, vou escrever hoje à noite, e contar a Frederick o que me disse. Estou tão segura de que ele virá imediatamente até nós, quanto estou segura da minha vida. Fique tranquila, mamãe, a senhora o verá, tão certo quanto se pode prometer qualquer coisa nesta vida.

– Você escreverá hoje à noite? Oh, Margaret! O correio fecha às cinco. Você escreverá antes disso, não é? Eu tenho tão poucas horas de vida ainda... Eu sinto, querida, que não vou me recuperar, embora às vezes o seu pai consiga me persuadir a ter esperanças. Vai escrever imediatamente, não vai? Não perca uma remessa sequer do correio, posso perdê-lo por causa desse único atraso na remessa da carta.

– Mas, mamãe, o papai não está.

– O papai não está! E daí? Você acha que ele me negaria este último desejo, Margaret? Você sabe que eu não estaria doente – não estaria morrendo – se ele não tivesse me levado para longe de Helstone, para este lugar insalubre, enfumaçado, sem sol.

– Oh, mamãe! – disse Margaret.

– Sim, é assim, realmente. Ele mesmo sabe disso, já disse muitas vezes. Ele faria qualquer coisa por mim; você não está querendo dizer que ele me recusaria este último desejo... ou pedido, se prefere. Realmente, Margaret, o desejo de ver Frederick se interpõe entre eu e Deus. Eu não posso rezar até que consiga esta única coisa; realmente, não posso. Não perca tempo, minha querida Margaret. Escreva agora e mande pela próxima remessa do correio. Então ele poderá estar aqui... em vinte e dois dias! Porque é certo que ele virá. Não há cordas ou algemas que possam impedi-lo. Em vinte e dois dias eu verei o meu menino.

Ela se recostou no sofá, e durante algum tempo não percebeu que Margaret sentara-se imóvel, a mão escondendo os olhos.

– Você não está escrevendo! – disse a mãe, afinal. – Traga-me caneta e papel, eu mesma vou tentar escrever.

Ela sentou-se, tremendo dos pés à cabeça, em uma ânsia febril. Margaret baixou a mão e olhou tristemente para a mãe.

– Espere apenas até o papai voltar. Vamos perguntar-lhe qual é a melhor maneira de fazer isso.

– Você prometeu, Margaret, não faz um quarto de hora... você disse que ele viria.

– E ele deve vir, mamãe. Não chore, minha mãezinha querida. Vou escrever aqui, agora – a senhora me verá escrever – e mandarei pelo correio de hoje. E se o papai pensar que está certo, ele pode escrever novamente quando chegar – é só um dia a mais. Oh, mamãe, não chore assim, desse modo tão triste; isso me parte o coração.

Mrs. Hale não conseguia conter as lágrimas. Elas escorriam loucamente. E, na verdade, ela não fez nenhum esforço para controlá-las, preferindo evocar todas as cenas do passado feliz e do provável futuro – imaginando a cena em que ela iria fazer como um cadáver, com o filho que ela tanto tinha desejado ver em vida chorando sobre ela, e ela inconsciente da presença dele – até que a piedade de si mesma a levou a gemer, em um estado de esgotamento que deixou o coração de Margaret em pedaços. Mas, por fim, se acalmou e observou ansiosamente a filha, que começara a escrever a carta. Margaret escreveu sua súplica com rapidez e urgência, e selou a carta apressadamente, com medo de que a mãe pedisse para vê-la. E então, para maior segurança, atendendo à própria solicitação de Mrs. Hale, ela mesma a

levou ao correio. Estava voltando para casa, quando o pai a alcançou.

– E onde você foi, minha bela criada? – perguntou ele.

– Fui ao correio, levar uma carta; uma carta para Frederick Oh, papai, talvez eu tenha agido errado: mas mamãe foi tomada por um anseio tão ardente de vê-lo! Disse que isso a faria ficar boa novamente – e então disse que tinha que vê-lo antes de morrer. Não posso lhe descrever o quanto ela estava ansiosa! Será que fiz mal?

Mr. Hale não respondeu no princípio. Então disse:

– Você deveria ter esperado até que eu voltasse, Margaret.

– Eu tentei convencê-la a esperar – e Margaret então se calou.

– Eu não sei – disse Mr. Hale, depois de uma pausa. – Ela deveria ver o filho, se deseja tanto, porque acredito que lhe faria mais bem do que todos os médicos juntos – e, talvez, até a deixe completamente recuperada. Mas temo que o perigo para ele seja imenso.

– Mesmo depois de todos estes anos desde o motim, papai?

– Sim. É preciso, naturalmente, que o governo tome medidas muito rigorosas para repressão dos delitos contra a autoridade, mais particularmente na marinha, onde um oficial comandante precisa ser cercado, aos olhos dos seus homens, por uma consciência nítida de todo o poder que há em casa para apoiá-lo, defender a sua causa, e vingar qualquer ofensa que ele tenha sofrido, se for necessário. Ah! Para eles não importa o quanto as suas autoridades tenham tiranizado – irritando os temperamentos impacientes até à loucura – e, se isso puder ser aceito depois como desculpa, nunca é permitido em primeira instância. Eles não poupam nenhuma despesa, enviam navios – varrem os mares para tomar posse dos criminosos – o lapso de anos não lava a memória da ofensa; é um crime fresco e vívido nos registros do Almirantado até que seja apagado pelo sangue.

– Oh, papai, o que eu fiz! Mesmo assim parecia tão certo naquele momento. Tenho certeza que o próprio Frederick correria o risco.

– Sim, ele vai! Ele deve! Não, Margaret, estou feliz que esteja feito, embora eu não me arriscasse a fazer isso por mim mesmo. Estou grato que as coisas sejam assim. Eu teria hesitado, talvez, até que fosse muito tarde para fazer algum bem. Querida Margaret, você fez o que devia sobre isso; e o desfecho está além do nosso controle.

Estava tudo muito bem. Mas o relato do pai sobre a maneira inexorável com que foram castigados os revoltosos fez Margaret arrepiar-se e tremer. E se ela tivesse atraído o irmão para casa, para apagar a memória do seu erro com o próprio sangue! Ela viu que a ansiedade do pai era mais profunda do que a fonte das suas últimas palavras de consolo. Tomou-lhe o braço e voltou para casa, pensativa e calada ao lado dele.

[1] George Gordon Noel, 6º Barão de Byron (1788-1824) poeta inglês, um dos

principais nomes da literatura inglesa do século 19 e um dos líderes do Romantismo.

[2] Em francês no original: Faça o que deve fazer, aconteça o que acontecer.

CAPÍTULO 26
MÃE E FILHO

“Eu encontrei aquele lugar sagrado de descanso
Ainda imutável.”
Mrs. Hemans

Quando Mr. Thornton deixou a casa naquela manhã, estava quase cego pela sua paixão frustrada. Sentia-se tão atordoado como se Margaret, em vez de olhar, e falar, e se mover como uma mulher graciosa e terna, fosse uma robusta vendedora de peixe que tivesse lhe dado um terrível golpe com os punhos cerrados. Sentia fortes dores no corpo, uma violenta dor de cabeça e uma palpitação intermitente. Não podia aguentar o barulho, as luzes fortes, o ruído e o contínuo movimento da rua. Achava-se um tolo por sofrer dessa maneira. Ainda assim não podia, no momento, lembrar a causa do seu sofrimento, nem se era adequado às consequências que havia produzido. Teria sido um alívio para ele se pudesse sentar-se e chorar no batente da porta, como uma criança pequena que se enfurece e reage com lágrimas apaixonadas a alguma ofensa que tenha recebido. Ele disse a si mesmo que odiava Margaret, mas uma sensação selvagem e aguçada de amor cruzava como um raio aquele sentimento sombrio e retumbante, até mesmo quando formou as palavras que expressavam ódio. Seu maior conforto era abraçar o seu tormento, e sentir, como de fato tinha dito a ela, que, embora ela pudesse desprezá-lo, rejeitá-lo, tratá-lo com sua orgulhosa e soberana indiferença, ele não mudaria nada. Ela não podia fazê-lo mudar. Ele a amava e a amaria sempre. E desafiaria a ela e a esta miserável dor no corpo.

Ele parou por um momento, para firmar claramente esta resolução. Havia um ônibus passando – indo para o interior. O condutor pensou que ele estava esperando para embarcar, e parou junto ao meio-fio. Daria muito trabalho se desculpar e explicar. Ele então embarcou e foi levado embora – passando por longas fileiras de casas – depois por notáveis palacetes com belos jardins – até que chegaram ao verdadeiro campo, com as fileiras de sebes junto à estrada e, dali a pouco, a um pequeno vilarejo. Todos desceram, e assim fez Mr. Thornton; e como seguissem andando, ele fez o mesmo. Entrou pelos campos, caminhando com vivacidade, pois os rápidos movimentos aliviavam-lhe a mente. Podia se lembrar de tudo agora. A figura lamentável que devia ter feito; o modo absurdo com que havia feito a mesma coisa que ele, com tanta frequência, concordara consigo mesmo que seria a coisa mais tola do mundo. E tinha se deparado exatamente com as consequências que, no seu espírito sábio, sempre havia previsto como certo que se seguiriam, se ele já tivesse alguma vez feito um papel de bobo. Teria sido enfeitiçado por aqueles belos olhos, aquela boca macia, entreaberta e suspirante, que apenas ontem havia se recostado em

seu ombro? Ele não podia nem mesmo livrar-se da lembrança de que ela havia estado ali; que os seus braços o tinham enlaçado uma vez – mesmo se nunca mais o fizessem. Só tivera relances da sua personalidade, não a compreendera de todo. Em um momento ela era tão corajosa, no outro tão tímida; uma hora tão terna, na outra arrogante e majestosa. Então pensou novamente em todas as vezes em que a vira, como modo de esquecê-la afinal. Viu-a em cada vestido, em cada estado de espírito, e não soube dizer qual lhe ficava melhor. Até mesmo esta manhã, como ela parecia magnífica, seus olhos flamejando à ideia de que – só porque havia compartilhado o perigo com ele ontem, devia pelo menos gostar dele!

Se Mr. Thornton foi um tolo pela manhã – como ele mesmo se assegurou, pelo menos vinte vezes, que era – não se tornou muito mais sábio à tarde. Tudo o que ele ganhou em troca do seu passeio de ônibus barato, foi uma convicção ainda mais vívida de que nunca existiu, e nunca poderia existir, ninguém igual a Margaret; que ela não o amava e nunca o amaria; mas que ela – não! nem o mundo inteiro! - nunca poderia impedir que ele a amasse. E assim ele voltou ao pequeno vilarejo, e tomou de volta o ônibus para retornar a Milton.

A tarde já estava avançada, quando ele foi deixado próximo ao seu depósito. Os lugares costumeiros trouxeram de volta os costumeiros hábitos e modos de pensar. Sabia quanto trabalho tinha pela frente, mais do que o habitual, devido à comoção do dia anterior. Tinha que ver seus colegas magistrados; tinha que completar os arranjos, apenas esboçados durante a manhã, para o conforto e a segurança da mão de obra irlandesa recentemente contratada por ele; tinha que assegurar-se de que eles não teriam qualquer chance de comunicação com os operários descontentes de Milton. Por fim, devia ir para casa e encontrar a mãe.

Mrs. Thornton ficara sentada na sala o dia todo, esperando a qualquer momento a notícia de que Miss Hale aceitara o seu filho. Ela havia se controlado muitas e muitas vezes, ao ouvir algum barulho súbito na casa. Agarrara o bordado que tinha deixado meio de lado e começara a manipular a agulha diligentemente, apesar dos óculos embaçados e da mão instável! E a porta se abria muitas vezes, entrando alguma pessoa indiferente com alguma incumbência insignificante. Mrs. Thornton despiu a face rígida daquela expressão cinzenta e gelada, e seus traços se cobriram da aparência descansada do desânimo, tão incomum a uma pessoa severa como ela. Evitou pensar em todas as tristes mudanças que aquele casamento do filho provocaria na sua vida, e forçou-se a pensar nos arranjos domésticos costumeiros. Os recém-casados precisariam de um novo estoque de roupas de cama e mesa; e Mrs. Thornton tinha cestas e cestas, cheias de toalhas e guardanapos, que ela trouxe do depósito e começou a organizar. Havia alguma confusão entre o que era dela, consequentemente marcado com as iniciais G. H. T. (para George e Hannah Thornton), e o que era do filho – comprado com o dinheiro dele, e marcado com as iniciais dele. Alguns dos artigos marcados com G. H. T. eram de damasco holandês do tipo antigo, extremamente refinados; os artigos atuais não eram iguais a estes. Mrs. Thornton ficou olhando para eles por longo tempo, haviam

sido o seu orgulho, quando era recém-casada. Então ela juntou as sobrancelhas, apertou com força os lábios e cuidadosamente descosheu o G. H. Chegou ao extremo de procurar por um fio de seda vermelho para pôr nas iniciais novas; mas era tudo usado – e ela não teve ânimo algum para procurar algo melhor. Olhava fixamente para o vazio, uma série de visões passando diante dela, e em todas o seu filho era o mais importante, o objeto exclusivo – seu filho, seu orgulho, sua propriedade. Ainda assim, ele não chegava. Não havia dúvida de que estava com Miss Hale. O novo amor já começara a tirá-la do seu lugar, como primeira no coração dele. Um sofrimento terrível – uma pontada de ciúme inútil – atingiu seu coração: ela mal soube se era mais físico ou mental, mas forçou-a a sentar-se. Um momento depois já estava novamente de pé, tão rígida como sempre – um sorriso amargo no rosto pela primeira vez naquele dia – pronta para abrir a porta e receber o jovem alegre e triunfante, que nunca deveria saber do pesar dolorido que a mãe sentia pelo seu casamento. Com tudo isso, pensara muito pouco na futura nora como pessoa. Ela seria a esposa de John. Tomar o lugar de Mrs. Thornton como senhora da casa era apenas uma das ricas conseqüências que ornamentavam a glória suprema; toda a abundância de confortos domésticos, todo o belo e luxuoso enxoval, honra, amor, obediência, tropas de amigos, tudo viria tão naturalmente quanto joias no manto de um rei, e deviam ser pouco consideradas como valores em si. Ser escolhida por John separaria uma moça simples do campo do resto do mundo. E Miss Hale não era tão ruim. Se ela fosse uma moça de Milton, Mrs. Thornton teria positivamente gostado dela. Ela era estimulante, e tinha bom gosto, espírito e personalidade. É verdade que era tristemente preconceituosa e muito ignorante; mas aquilo era de se esperar da sua criação sulista. Uma espécie estranha de dolorosa comparação entre Fanny e ela passou pela mente de Mrs. Thornton. E pela primeira vez ela falou asperamente da filha, ofendeu-a violentamente. E então, como meio de penitência, pegou os “Comentários de Henry” e tentou fixar sua atenção nisso, em vez de procurar a ocupação que lhe dava orgulho e prazer, e continuar examinando as roupas de cama.

Os passos *dele*, afinal! Ela o ouviu – até mesmo enquanto pensou que estava terminando uma frase, enquanto seus olhos passavam sobre o livro, e sua memória podia repetir mecanicamente palavra por palavra – ela o ouviu entrar na porta da frente. Seus agudos sentidos podiam interpretar cada som de movimento: agora ele estava junto à chapeleira, agora na própria porta da sala. Por que ele parou? Que a deixasse saber do pior.

Mesmo assim, sua cabeça estava inclinada sobre o livro. Ela não ergueu os olhos. Ele veio para perto da mesa e ficou parado lá, esperando que ela terminasse o parágrafo que aparentemente a absorvia. Finalmente ela se esforçou para olhá-lo.

– E então, John?

Ele sabia o que significavam aquelas poucas palavras. Mas ele tinha se fortalecido. Desejava responder com um gracejo; a amargura do seu coração poderia ter proferido um, mas sua mãe merecia mais da parte dele. Deu a volta

por trás dela, de modo que ela não pudesse ver seu rosto, e, inclinando-se, beijou-lhe a face cinzenta e rígida, enquanto murmurava:

– Ninguém me ama... ninguém gosta de mim, só a senhora, mãe.

Ele se virou e ficou de pé, apoiando a cabeça contra o console da lareira, as lágrimas forçando o caminho até os seus olhos de homem. Mrs. Thornton ergueu-se e cambaleou. Pela primeira vez na vida, aquela mulher forte cambaleou. Pôs as mãos nos ombros do filho. Ela era uma mulher alta. Olhou no rosto dele, e o fez olhar para ela.

– O amor de mãe é uma dádiva de Deus, John. Se mantém firme por todo o sempre. O amor de uma moça é como um sopro de fumaça, muda conforme o vento. Ela não o quer, meu rapaz, não é isso?

Mrs. Thornton mostrou os dentes. Mostrou-os como um cachorro, por todo o comprimento da boca. Ele sacudiu a cabeça.

– Eu não sou adequado para ela, mãe. Eu sabia que não era.

Ela trituroou as palavras por entre os dentes fechados. Ele não pôde ouvir o que ela disse, mas a expressão dos seus olhos demonstrava que era uma maldição. E se não foi formulada de modo grosseiro, na intenção foi sentida da forma que não pôde ser proferida. Ainda assim, seu coração pulou de alegria ao saber que ele era novamente seu.

– Mãe! – disse ele, precipitadamente. – Eu não posso ouvir uma só palavra contra ela. Seja tolerante comigo, me poupe! O meu coração magoado ainda está muito fraco. Eu ainda a amo. Amo-a mais do que nunca.

– E eu a odeio – disse Mrs. Thornton, em uma voz baixa e feroz – Eu tentei não odiá-la, quando ela se interpôs entre você e eu, porque – eu disse a mim mesma – ela o fará feliz. E eu daria o sangue do meu coração para isso. Mas agora, eu a odeio por ser a causa do seu sofrimento. Sim, John, é inútil esconder de mim o seu coração dolorido. Eu sou a mãe que o apoiou, e a sua tristeza é a minha agonia. E se você não a odeia, eu sim.

– Então, mãe, a senhora me faz amá-la ainda mais. Como a trata injustamente, eu tenho que manter o equilíbrio. Mas por que estamos falando de amor ou ódio? Ela não gosta de mim, e isso basta... é até demais. Nunca mais vamos falar desse assunto. É a única coisa que pode fazer por mim, nessa questão. Nunca mais permita que ela seja nomeada.

– Com todo o meu coração. Só desejo que ela, e tudo que lhe pertence, sejam varridos de volta para o lugar de onde vieram.

Ele ficou imóvel, contemplando o fogo por mais um minuto ou dois. Os olhos escuros e secos da mãe se encheram de lágrimas indesejadas, ao olhar para ele. Mas parecia tão severa e calma como sempre, quando ele tornou a falar.

– Expediram mandados de prisão contra três homens por conspiração, mãe. O tumulto de ontem ajudou a derrubar a greve.

E o nome de Margaret não foi mais mencionado entre Mrs. Thornton e o filho. Eles retornaram ao seu modo habitual de conversar – sobre fatos, não opiniões, muito menos sentimentos. Suas vozes e os tons eram tranquilos e frios. Um estranho poderia ter ido embora pensando que nunca vira tal indiferença e frieza de tratamento entre parentes tão próximos.

CAPÍTULO 27

PEDAÇOS DE FRUTA

“Pois uma coisa jamais será errada
Quando são a singeleza e o dever que a oferecem.”
Sonhos de uma Noite de Verão

Mr. Thornton entrou direto e firme em todos os assuntos do dia seguinte. Havia uma pequena demanda de produtos acabados, e como isso afetava o seu ramo de negócios, ele se aproveitou da situação e fez duras barganhas. Chegou pontualmente à reunião com seus colegas magistrados, dando-lhes a melhor ajuda possível com seu extremo bom senso e sua capacidade de ver as consequências em um relance, e assim chegar a uma decisão rápida. Homens mais velhos, homens há longo tempo estabelecidos na cidade, homens de riqueza muito maior – concretamente aplicada em terras, enquanto a dele estava toda em capital fluante, aplicado em seu negócio – procuravam-no, em busca de conselhos práticos e sábios. Ele fora o único incumbido de falar e tratar com a polícia, para assumir a liderança em todas as etapas necessárias. Mr. Thornton não ligava para a deferência inconsciente daqueles homens mais do que para o suave vento oeste, que mal fazia a fumaça das grandes e altas chaminés desviar-se do seu curso direto para cima. Não tinha consciência do respeito silencioso que lhe dedicavam. Se tivesse sido de outra forma, ele teria considerado isso como um obstáculo no seu caminho em direção ao objetivo que tinha em vista. Da forma que era, ele visou a rápida realização de tudo sozinho. Foram os ouvidos vorazes da mãe que captaram, no tipo feminino daqueles magistrados e homens ricos, como Mr. Fulano ou Mr. Beltrano tinham Mr. Thornton em alta conta; e que se ele não tivesse estado lá, as coisas teriam acontecido de modo muito diferente – muito mal, de fato. Ele superou todos os seus negócios, de um lado e de outro, naquele dia. Sentia como se a sua profunda angústia de ontem, e o curso atordoante e sem propósito das horas que se seguiram, houvessem removido toda a névoa da sua mente. Sentia o seu poder, e se alegrava com isso. Podia quase desafiar seu coração. Se ele tivesse sabido disso antes, poderia ter cantado a canção do moleiro que vivia junto do rio Dee:

– Eu não gosto de ninguém. Ninguém gosta de mim.

A prova contra Boucher, e outros cabeças do motim, foi apresentada a ele; aquela contra os três outros, por conspiração, fracassara. Mas ele cobrou severamente a polícia para estar de prontidão, pois o braço direito da lei deveria estar pronto para atacar com rapidez, assim que eles pudessem provar uma falta. E então ele deixou a sala quente e opressiva do tribunal do município, e saiu para o ar mais fresco, embora abafado, da rua. De repente, pareceu que tudo lhe vinha à mente ao mesmo tempo. Estava tão desanimado que não podia controlar

seus pensamentos; eles acabariam por vagar na direção dela; trariam de volta a cena – não da sua repulsa e rejeição no dia anterior, mas dos olhares e das ações do dia antes desse. Andou mecanicamente ao longo das ruas abarrotadas, girando para cá e para lá entre as pessoas, mas sem nunca vê-las – quase doente com o anseio de que aquela meia hora – aquele curto espaço de tempo em que ela se abraçou a ele, e seu coração bateu-lhe contra o peito – acontecesse uma vez mais.

– Pois o senhor está friamente fingindo que não me conhece, Mr. Thornton, devo lhe dizer! E como vai sua mãe? Que belo tempo está fazendo! Nós, os doutores, não gostamos desse tempo, posso lhe garantir!

– Peço-lhe perdão, Dr. Donaldson. Eu realmente não o vi. Minha mãe está muito bem, obrigado. É um belo dia, muito bom para a colheita, eu acho. Se a safra do trigo for boa, teremos um comércio animado no ano que vem, não importa o que vocês, doutores, pensem.

– Sim, sim. Cada um por si. Seu tempo ruim, e seus tempos difíceis, são bons para mim. Quando os negócios vão mal, há mais deterioração na saúde e preparação para a morte entre vocês, os homens de Milton, do que o senhor imagina.

– Mas não comigo, doutor. Eu sou feito de ferro. As notícias da pior dívida, a mais incobrável que eu já tive, nunca fizeram meu coração bater mais forte. Esta greve, que me afeta mais do que qualquer outro em Milton – mais do que Hamper até – jamais chegou a abalar meu apetite. O senhor deve procurar um paciente em outro lugar, doutor.

– A propósito, o senhor me recomendou uma boa paciente, pobre senhora! Não querendo falar desse jeito insensível, mas acredito seriamente que Mrs. Hale – aquela senhora em Crampton, sabe – não tem muitas semanas de vida. Eu nunca tive qualquer esperança de cura, como acho que lhe falei. Mas fui vê-la hoje, e penso que ela está muito mal.

Mr. Thornton ficou em silêncio. A propalada firmeza dos seus batimentos cardíacos abandonou-o por um momento.

– Posso fazer alguma coisa, doutor? – ele perguntou, em voz alterada. – O senhor sabe... deve ter visto que lá o dinheiro não é muito abundante. Há qualquer conforto ou comodidade que ela deveria ter?

– Não – respondeu o doutor, sacudindo a cabeça. – Ela tem desejo por frutas... tem uma febre constante. Mas as peras lhe farão tanto bem quanto qualquer outra coisa, e há uma quantidade enorme delas no mercado.

– O senhor me dirá, se houver qualquer coisa que eu posso fazer, estou certo – respondeu Mr. Thornton. – Confio no senhor.

– Oh! Não tenha medo! Não pouparei o seu bolso, sei que é fundo o suficiente. Quem dera me desse *carte-blanche* [1] para todos os meus pacientes, e todos os seus desejos.

Mas Mr. Thornton não praticava nenhuma benevolência geral... nenhuma filantropia universal. Poucos teriam lhe dado o crédito de ter até mesmo alguma forte afeição. Mas ele entrou direto na primeira loja de frutas de Milton, e escolheu o cacho de uvas vermelhas de mais delicada beleza – os pêssegos de mais rico colorido – as folhas de parreira mais viçosas. As frutas foram embaladas em uma cesta e o vendedor aguardou a resposta à sua pergunta:

– Para onde devemos enviá-las, senhor?

Não houve resposta.

– Para a Fábrica Marlborough, senhor?

– Não – disse Mr. Thornton. – Me dê a cesta. Eu mesmo a levo.

Precisou das duas mãos para carregá-la, e teve que atravessar a parte mais movimentada da cidade ocupada pelo comércio feminino. Muitas jovens damas conhecidas dele se viraram para olhá-lo, e acharam estranho vê-lo ocupado daquela forma, como se fosse um carregador ou um menino de recados.

Ele estava pensando “Não serei impedido de fazer aquilo que desejo, só por causa dela. Gosto de levar essas frutas para a sua pobre mãe, e é simplesmente correto que eu o faça. Ela nunca me desprezará por fazer o que me agrada. Realmente, seria uma bonita piada se, por medo de uma menina arrogante, eu deixasse de fazer uma bondade para um homem de quem eu gosto. Faço isso por Mr. Hale. Faço isso apesar dela.”

Andou em um passo apressado que lhe era pouco habitual, e logo estava em Crampton. Subiu os degraus de dois em dois, e entrou na sala de visitas antes que Dixon pudesse anunciá-lo – as faces coradas, os olhos brilhando com bondosa seriedade. Mrs. Hale jazia no sofá, fervendo de febre. Mr. Hale lia em voz alta. Margaret estava costurando, em um banquinho baixo perto da mãe. O coração de Margaret disparou, se o dele não o fez, diante deste encontro. Mas ele não tomou conhecimento da presença dela e mal viu Mr. Hale. Foi direto com a cesta para Mrs. Hale e disse, naquele tom de voz controlado e gentil, que é tão tocante quando empregado por um homem robusto em plena saúde ao falar com uma senhora fraca e doente.

– Encontrei o Dr. Donaldson, senhora, e como ele disse que fruta seria bom para a senhora, tomei a liberdade – a enorme liberdade de trazer-lhe algumas que me pareceram boas.

Mrs. Hale ficou excessivamente surpresa, excessivamente satisfeita, tremendo de entusiasmo. Mr. Hale, com poucas palavras, expressou profunda gratidão.

– Vá buscar um prato, Margaret... uma cesta... qualquer coisa.

Margaret parou junto à mesa, meio temerosa de mover-se ou fazer qualquer barulho que despertasse em Mr. Thornton a consciência de que ela

estava na sala. Pensou que seria desagradável para ambos serem levados a um choque proposital. E imaginou que, por ela estar em um banco baixo no princípio e agora de pé atrás do pai, na pressa ele não tivesse notado a sua presença. Como se ele não sentisse a sua presença por toda parte, embora seus olhos jamais tivessem pousado sobre ela!

– Eu tenho que ir – disse ele – não posso ficar. Se puderem me perdoar esta liberdade... e os meus modos rudes... muito abruptos, eu temo... mas serei mais gentil da próxima vez. Peço que me permita o prazer de trazer-lhe algumas frutas novamente, Mrs. Hale, se vir algumas que sejam bonitas. Boa-tarde, Mr. Hale. Adeus, senhora.

Ele saiu. Nem uma palavra: nem um olhar para Margaret. Ela acreditou que ele não a vira. Buscou um prato em silêncio, e arrumou as frutas ternamente, com as pontas dos seus dedos finos e delicados. Fora bondade dele trazer as frutas, ainda mais depois de ontem!

– Oh! Está delicioso! – disse Mrs. Hale, em uma voz fraca. – Que gentileza dele pensar em mim! Margaret, querida, só prove estas uvas! Não foi bondade dele?

– Sim! – disse Margaret, calmamente.

– Margaret! – disse Mrs. Hale, um tanto ranzinza. – Você nunca vai gostar de nada que Mr. Thornton faz. Eu nunca vi uma pessoa tão preconceituosa.

Mr. Hale havia descascado um pêssego para a esposa. E, cortando um pequeno pedaço para si, disse:

– Se eu tivesse qualquer preconceito, o presente de uma fruta deliciosa como esta acabaria com ele. Nunca provei uma fruta assim – não! nem mesmo em Hampshire – desde que eu era um menino. E para os meninos, imagino, toda fruta é boa. Eu me lembro de comer abrunhos e caranguejos com prazer. Você se lembra dos emaranhados arbustos de groselha, Margaret, junto ao muro oeste do jardim em Helstone?

E ela não se lembrava? Não se lembrava de cada marca do tempo na antiga parede de pedra; dos líquenes cinzas e amarelos que a marcavam como se fosse um mapa; dos pequenos gerânios que cresciam nas fendas? Margaret fora abalada pelos eventos dos últimos dois dias; sua vida inteira agora era um desafio à sua coragem. E, de alguma maneira, essas palavras descuidadas do pai, tocando nas lembranças dos antigos tempos felizes, fez com que despertasse. Derrubando a costura no chão, saiu apressadamente da sala na direção do seu próprio quarto. Mal tinha dado vazão aos primeiros soluços abafados, quando se deu conta de que Dixon estava parada junto às gavetas, evidentemente procurando alguma coisa.

– Credo, senhorita! Como me assustou! A senhora não está pior, está? Há algum problema?

– Não, nada. Eu é que sou boba, Dixon, e preciso de um copo-d'água. O que está procurando? Eu guardo as musselinas naquela gaveta.

Dixon não falou, mas continuou procurando com afínco. O cheiro de lavanda saiu e perfumou o ambiente.

Afinal Dixon achou o que procurava – o que era, Margaret não pôde ver. Dixon olhou em volta e lhe disse:

– Eu não queria lhe dizer o que estava procurando, porque a senhorita já tem aflições suficientes para enfrentar, e eu sei que vai se angustiar com isso. Pensei em esconder isso da senhorita até a noite, ou até uma outra ocasião qualquer.

– Qual é o problema? Por favor, Dixon, me fale de uma vez.

– Aquela moça que você foi visitar... Higgins, eu quero dizer.

– Sim?

– Bem! Ela morreu esta manhã, e a irmã dela está aqui. Veio pedir uma coisa estranha. Parece que a moça que morreu tinha um desejo de ser enterrada com alguma coisa sua, e então a irmã veio pedir. Eu estava procurando uma touca de dormir que não esteje boa demais para dar.

– Oh! Deixe que eu acho uma – disse Margaret, em meio às lágrimas. – Pobre Bessy! Nunca pensei que não a veria novamente.

– E tem outra coisa. Essa menina lá embaixo me pediu para perguntar se você gostaria de vê-la.

– Mas ela está morta! – disse Margaret, ficando um pouco pálida. – Eu nunca vi uma pessoa morta. Não! Prefiro não ir.

– Eu nunca teria lhe perguntado, se não tivesse entrado. Eu lhe falei que a senhorita não vai.

– Eu vou descer e falar com ela – disse Margaret, temendo que as maneiras ásperas de Dixon ferissem a pobre menina.

Assim, levando a touca na mão, ela foi para a cozinha. O rosto de Mary estava todo inchado de chorar, e ela derramou novas lágrimas quando viu Margaret.

– Oh, senhorita, ela amou tanto a senhorita, amou mesmo, realmente!

E por um longo tempo, Margaret não conseguiu que ela dissesse qualquer coisa além disso. Afinal, a compaixão de Margaret e a carranca de Dixon, levaram à revelação de novos fatos. Nicholas Higgins saiu pela manhã, deixando Bessy tão bem quanto na véspera. Mas, uma hora depois ela piorou. Algum vizinho correu para chamar Mary, no lugar onde trabalhava; não souberam onde encontrar seu pai. Mary chegou apenas alguns minutos antes que ela morresse.

– Foi só um dia ou dois atrás que ela pediu para ser enterrada com alguma coisa sua. Ela não se cansava de falar da senhorita. Costumava dizer que a senhorita era a coisa mais linda que ela já tinha visto. Ela amava a senhorita ternamente. Suas últimas palavras foram “Dê a ela meus cumprimentos afetuosos; e não deixe o pai beber.” Por favor venha vê-la, senhorita. Ela consideraria isso um grande elogio, eu sei.

Margaret contraiu-se um pouco, evitando responder.

– Sim, talvez eu possa. Sim, eu vou. Voltarei antes de chá. Mas onde está seu pai, Mary?

Mary sacudiu a cabeça e levantou-se para ir.

– Miss Hale – disse Dixon, em voz baixa. – De que serve a sua ida para ver essa pobre coitada morta? Eu nunca diria uma palavra contra isso, se pudesse fazer algum bem à pobre menina, e nem me importaria de ir eu mesma, se isso a satisfizesse. Eles apenas têm uma noção, essa gente pobre, de que isso é um respeito ao morto. Olhe – disse ela, virando-se precipitadamente – eu irei ver a sua irmã. Miss Hale está ocupada e não pode, senão ela iria.

A menina olhou melancolicamente para Margaret. A presença de Dixon poderia ser um cumprimento, mas não era a mesma coisa para a pobre Mary, que havia tido algumas pequenas pontadas de ciúme durante a vida de Bessy, pela intimidade entre ela e a jovem.

– Não, Dixon! – disse Margaret, com decisão. – Eu irei. Mary, me espere esta tarde.

E por medo da própria covardia, ela saiu, de modo a evitar qualquer chance de mudar sua decisão.

[1] Em francês no original: carta-branca.

CAPÍTULO 28

CONFORTO NA TRISTEZA

“Através da cruz, a coroa! – E apesar da tua vida espiritual
Provações indizíveis atacam com força gigantesca,
Bom ânimo! Tende bom ânimo! Logo termina a amarga contenda,
E tu reinarás em paz com Cristo por todo o sempre.”
Kosegarten^[1]

“Verdade sim, sentimos muito forte na fortuna, precisar de ti naquela estrada;
Mas chegada a desgraça, tola é a alma, que não clama por Deus.”
Mrs. Browning

Naquela tarde ela caminhou apressada para a casa dos Higgins. Mary vigiava a sua chegada, com um rosto meio desconfiado. Margaret deu-lhe um sorriso, para acalmá-la. Atravessaram a peça rapidamente, subiram as escadas, e se encontraram na calma presença da morta. Então Margaret sentiu-se contente por ter vindo. O rosto, sempre tão esgotado pela dor, tão inquieto com pensamentos confusos, agora ostentava o leve sorriso do repouso eterno. Lentas lágrimas afloraram aos olhos de Margaret, mas uma calma profunda invadiu-lhe a alma. Então isso era a morte! Parecia mais tranquila do que a vida. Toda a beleza das sagradas escrituras veio à sua mente. “Eles descansam da sua labuta.” “Os fatigados repousarão.” “Ele concede aos Seus amados o sono.”

Lentamente, muito lentamente, Margaret saiu de perto da cama. Mary estava chorando humildemente ao fundo. Elas desceram as escadas sem uma palavra.

Nicholas Higgins estava parado no meio da sala, descansando a mão sobre a mesa. Seus grandes olhos estavam arregalados pelas notícias que ouvira de muitas línguas afiadas, enquanto vinha pela rua. Os olhos eram secos e ferozes, estudando a realidade da morte da filha, esforçando-se para entender que a casa dela nunca mais teria a sua presença. Pois ela estivera doente, e vinha morrendo por tanto tempo, que ele se convencera de que ela não morreria, que ela iria “vencer as dificuldades”.

Margaret sentia como se não tivesse nenhum direito de estar ali, se familiarizando com os ambientes da morte que ele, o pai, só agora descobria. Ela havia parado por um momento no íngreme degrau, assim que o vira. Mas agora tentou furtar-se ao seu olhar distraído e deixá-lo no círculo solene da sua desgraça familiar.

Mary se sentou na primeira cadeira que achou e, levando o avental ao rosto, começou a chorar.

O barulho pareceu despertá-lo. Ele agarrou o braço de Margaret e segurou-o até que pudesse encontrar palavras para falar. Ele parecia esgotado, suas palavras vieram pesadas, sufocadas, roucas:

– Você estava com ela? Viu quando ela morreu?

– Não! – Margaret respondeu.

Ficou parada, com extrema paciência, agora que ele já havia percebido a sua presença. Demorou algum tempo antes que ele falasse novamente, mas continuou segurando o braço de Margaret.

– Todos os homens têm que morrer – disse ele afinal, com uma estranha espécie de gravidade, que primeiro sugeriu a Margaret a ideia de que ele estivera bebendo, não o bastante para se intoxicar, mas o bastante para tornar seus pensamentos confusos. – Mas ela era mais jovem do que eu.

Ainda refletia sobre o que acontecera, sem olhar para Margaret, embora agarrasse seu braço com firmeza. De repente olhou para ela, com uma indagação selvagem no olhar.

– Tem certeza de que ela está morta, não apenas desmaiada? Ela já esteve assim antes, muitas vezes.

– Ela está morta – respondeu Margaret.

Ela não sentia nenhum medo de falar com ele, embora lhe machucasse o braço com o seu aperto, e houvesse clarões selvagens na estupidez dos seus olhos.

– Ela está morta! – Margaret repetiu.

Ele ainda olhava para ela com aquele olhar minucioso, que pareceu se dissipar enquanto a encarava. Subitamente, largou o braço de Margaret e, caindo a meio sobre a mesa, começou a soluçar violentamente, sacudindo a mesa e todas as peças de mobília da sala. Mary veio tremendo até ele.

– Vai-te embora! Vai-te embora! – ele gritou, golpeando-a com fúria cega. – Pouco me importo contigo!

Margaret pegou a mão da menina, e segurou-a suavemente entre as suas. Ele arrancou seus cabelos, bateu a própria cabeça contra a madeira dura, e então caiu exausto e embrutecido. Ainda assim Margaret e a menina não se moveram. Mary tremia da cabeça aos pés.

Afinal – podia ter levado um quarto de hora, podia ter levado uma hora – ele se levantou. Seus olhos estavam inchados e injetados, e parecia esquecido de que havia qualquer pessoa por perto. Olhou com raiva para aquelas que o observavam, quando as viu. Tremeu fortemente e lançou-lhes mais um olhar triste. Não disse uma palavra, mas dirigiu-se à porta.

– Ah! Pai! Pai! – disse Mary, agarrando-se ao seu braço. – Hoje, não! Qualquer noite, menos essa. Oh, me ajude! Ele está saindo para beber outra vez! Pai, eu não vou te deixar! Pode me bater, mas eu não vou te largar! A última coisa que ela me disse foi pra te afastar da bebida!

Mas Margaret se colocou na entrada, comandando, ainda que silenciosa. Ele olhou-a com expressão de desafio.

– Esta é a minha própria casa. Fique fora do caminho, moça, ou eu acabo com você!

Ele havia empurrado Mary com violência. Parecia agora pronto para bater em Margaret. Mas ela não moveu um músculo... nem desviou dele os seus

olhos sérios e profundos. Ele a encarava de volta com uma triste expressão de ferocidade. Se ela tivesse movido uma das mãos ou dado um passo, ele a teria empurrado para o lado, com mais violência até do que empurrara a própria filha, cuja face estava sangrando por ter batido contra uma cadeira.

– Por que está me olhando desse jeito? – perguntou ele, afinal, assombrado e intimidado pela sua calma severa. – Se pensa que vai me impedir de ir aonde eu quiser, só porque ela gostava de você... e na minha própria casa, também, onde eu nunca lhe pedi para vir, está muito enganada. E muito duro para um homem não poder recorrer ao único conforto que lhe resta.

Margaret sentiu que ele reconhecera sua autoridade. O que ela poderia fazer em seguida? Ele tinha se sentado em uma cadeira, perto da porta – meio vencido, meio ressentido - pretendendo sair assim que ela deixasse a sua posição, mas pouco disposto a usar da violência que ameaçara cinco minutos antes. Margaret pôs a mão no braço dele.

– Venha comigo – ela disse. – Venha ver a sua filha!

Falava em uma voz muito baixa e solene, mas não expressava qualquer medo ou dúvida, fosse dele ou da sua complacência. Ele se levantou de má vontade. Parou incerto, uma vacilação teimosa expressa no rosto. Ela o esperou ali. Calma e pacientemente, esperou que ele se movesse por sua vez. Higgins tinha um estranho prazer em fazê-la esperar. Mas, afinal, dirigiu-se para a escada.

Ela e ele pararam junto ao cadáver.

– As últimas palavras dela para Mary foram “Não deixe o pai beber.”

– Isso não pode mais feri-la agora – ele murmurou. – Nada pode feri-la agora - então, levantando a voz em um lamento choroso, continuou. – Podemos discutir e brigar... podemos fazer as pazes e ser amigos... podemos passar fome até ficar só pele e osso... e nem uma só de todas as nossas aflições poderá atingi-la mais. Ela já teve a sua porção de tristezas. Primeiro trabalhando duro, e no final com essa doença, levou uma vida de cachorro. E morreu sem conhecer uma grande alegria em toda a sua vida! Não, moça, não importa o que ela disse, ela não vai saber de mais nada sobre isso agora, e eu preciso de um gole de bebida, só pra aguentar esse sofrimento.

– Não – disse Margaret, abrandando-se com a maneira mais branda dele. – Você não deve. Se a vida dela foi como você diz, de qualquer modo ela não teme a morte, como fazem alguns. Oh, você devia tê-la ouvido falar da vida eterna – a vida secreta junto a Deus, para a qual ela foi agora.

Ele sacudiu a cabeça, olhando de lado para Margaret. Ela se assustou e se condeou, com aquele rosto pálido e desfigurado.

– Você está extremamente cansado. Onde esteve o dia todo? Não no trabalho, imagino?

– Não no trabalho, com certeza – disse ele, com um riso curto e amargo. – Não naquilo que você chama de trabalho. Eu estava no Comitê, até que fiquei doente tentando fazer com que aqueles tolos ouvissem a razão. Antes fui buscar a esposa do Boucher, às sete da manhã. Ela está de cama, mas estava furiosa e irritada para saber onde aquele bruto e estúpido do marido dela andava, como se eu tivesse que cuidá-lo - como se ele aceitasse ser mandado por mim. Aquele tolo danado, que pôs a sua pata em todos os nossos planos! E eu caminhei até os

meus pés doerem, para ver homens que não queriam ser vistos, agora que a lei está novamente contra nós. Eu estava com o coração dolorido também, o que é pior que pés doloridos. E se eu não visse um amigo que me contou, nunca ia saber que ela estava aqui morta. Bess, menina, me acredite, tu deves saber não é? Que eu não sabia, enquanto procurava por aquele idiota.

– Eu tenho certeza – disse Margaret – tenho certeza que você não sabia: foi muito repentino. Mas agora, você sabe, tem que ser diferente. Agora você já sabe, está vendo ela deitada aqui, ouviu o que ela disse com o seu último suspiro. Não vai sair, vai?

Nenhuma resposta. Na realidade, onde ele deveria procurar consolo?

– Venha para casa comigo – ela disse, afinal, em uma iniciativa corajosa, tremendo um pouco ante a sua própria proposta, assim que a fez. – Pelo menos terá boa comida, que eu tenho certeza que você precisa.

– Seu pai é um pastor, não é? – perguntou ele, com uma súbita mudança de pensamento.

– Ele era – disse Margaret, brevemente.

– Eu irei e tomarei uma xícara de chá com ele, então, já que você me convidou. Tenho muitas coisas que sempre desejei dizer a um pastor – e não me importa se ele agora está pregando ou não.

Margaret estava perplexa. A ideia dele tomar chá com seu pai, que estava totalmente desprevenido para essa visita – a mãe estando tão doente – parecia inteiramente fora de questão. Ainda assim, se ela recuasse agora seria muito pior, já que o levaria direto para um bar. Pensou que se pudesse apenas levá-lo à própria casa já seria um passo tão grande, que o próximo passo ela confiaria ao acaso.

– Adeus, minha menina! Vamos nos separar afinal, é preciso! Mas pense que você foi uma bênção para o seu pai, desde que nasceu. Eu abençoo os seus lábios brancos, menina – há um sorriso neles, agora! Estou feliz de ver você sorrindo outra vez, mas eu fiquei sozinho e abandonado para sempre.

Ele se inclinou e beijou ternamente a filha, cobriu-lhe o rosto e virou-se para acompanhar Margaret. Ela havia descido apressada para falar a Mary do arranjo, dizer-lhe que fora a única maneira que ela encontrara para mantê-lo longe do bar, e pedir a Mary que viesse também, pois seu coração doía ao pensar em deixar a pobre e afetuosa menina sozinha. Mas Mary tinha amigos entre os vizinhos, ela disse, que viriam e ficariam um pouco com ela. Estava tudo bem. Mas o pai...

Ele se juntou logo a elas, ou Mary teria falado mais. Livrara-se da emoção, como se estivesse até envergonhado de alguma vez ter dado vazão a isso. E chegou a se controlar de tal forma, que assumiu um tipo de alegria amarga, como o crepitar das brasas debaixo de uma panela.

– Eu vou tomar chá com o pai dela, vou mesmo!

Mas quando saiu à rua, afundou o boné por sobre os olhos e não olhou nem à direita nem à esquerda, enquanto andou ao lado de Margaret. Temia ser incomodado pelas palavras – e mais ainda pelos olhares – de compaixão dos vizinhos. Assim, ele e Margaret caminharam em silêncio.

Quando chegou perto da rua em que sabia que ela morava, ele olhou

para baixo – para suas roupas, suas mãos, seus sapatos.

– Será que eu não devia ter me lavado antes de vir?

Teria sido certamente desejável, mas Margaret assegurou-lhe que ele poderia ir até o pátio, onde lhe conseguiriam sabão e uma toalha. Ela não podia permitir que ele escapasse das suas mãos logo agora.

Enquanto ele seguia a criada ao longo do corredor e através da cozinha, pisando cautelosamente em cada marca escura no padrão do oleado, para esconder a sujeira das suas pegadas, Margaret correu escada acima. Encontrou Dixon no patamar.

– Como está mamãe? E onde está o papai?

A senhora estava cansada e fora para o próprio quarto. Ela queria ir para a cama, mas Dixon a tinha persuadido a se deitar no sofá e tomar o chá ali. Seria melhor do que ficar inquieta por estar muito tempo na cama.

Até ali tudo bem. Mas onde estava Mr. Hale? Na sala de visitas. Margaret entrou um pouco ofegante, contando apressadamente a sua história. Claro que ela contou a história pela metade, e o pai ficou bastante “surpreso” com a ideia do tecelão bêbado esperando por ele no seu calmo estúdio, e com quem se esperava que ele tomasse chá, e por quem Margaret estava ansiosamente intercedendo. O dócil e bondoso Mr. Hale teria prontamente tentado consolá-lo na sua aflição, mas, infelizmente, o ponto que Margaret enfatizou com mais veemência foi o fato de que ele estivera bebendo, e que ela o trouxera para casa como último recurso para afastá-lo do bar. Uma coisa tinha levado a outra tão naturalmente, que Margaret mal tinha consciência do que havia feito, até que viu o leve olhar de reprovação na face do pai.

– Oh, papai! Ele realmente é um homem que o senhor não achará desagradável – se não ficar chocado no início.

– Mas, Margaret, trazer um homem bêbado para casa, com sua mãe tão doente!

O semblante de Margaret ficou triste.

– Eu sinto muito, papai. Ele está muito quieto, não é barulhento nem nada. Ele só parece um tanto estranho no princípio, mas isso pode ser o choque pela morte da pobre Bessy.

Os olhos de Margaret se encheram de lágrimas. Mr. Hale colocou ambas as mãos no seu doce rosto suplicante e beijou-a na testa.

– Está tudo bem, querida. Eu irei e o consolarei tanto quanto possa, e você fica com sua mãe. Mas se você puder voltar e rezar conosco no estúdio, eu ficaria contente.

– Oh, sim... obrigada.

Mas quando Mr. Hale estava deixando a sala, ela correu atrás dele:

– Papai... Não deve se assustar muito com o que ele diz: ele é um... Eu quero dizer que ele não acredita muito naquilo que nós fazemos.

– Oh, Deus! Um tecelão bêbado e infiel! – disse Mr. Hale para si mesmo, com desânimo. Mas para Margaret ele apenas disse:

– Se sua mãe dormir, venha imediatamente.

Margaret entrou no quarto da mãe. Mrs. Hale acordara de um cochilo.

– Margaret, quando você escreveu a Frederick? Ontem ou no dia anterior?

– Ontem, mamãe.

– Ontem. E a carta seguiu ontem mesmo?

– Sim. Eu mesma a coloquei no correio.

– Oh, Margaret, eu tenho tanto medo da vinda dele! E se ele for reconhecido! E se for preso! E se for executado, após todos estes anos em que se manteve distante e viveu em segurança! Eu continuo sonhando que ele foi pego e julgado.

– Oh, mamãe, não tenha medo! Haverá algum risco, sem dúvida, mas nós vamos minorá-lo tanto quanto pudermos. E é um risco tão pequeno! Agora, se nós estivéssemos em Helstone, seria vinte... cem vezes maior. Lá, todo o mundo se lembraria dele, e se soubessem que havia um estranho na casa, eles iriam certamente adivinhar que era Frederick, enquanto aqui ninguém sabe ou se importa o bastante para notar o que fazemos. Dixon manterá guarda na porta como um dragão – não é, Dixon? – enquanto ele estiver aqui.

– Eles terão que ser muito inteligentes, para passarem por mim! – disse Dixon, mostrando os dentes à simples ideia.

– E ele não precisa sair, só ao anoitecer, pobre rapaz!

– Pobre rapaz! – ecoou Mrs. Hale. – Mas eu quase chego a desejar que você não tivesse escrito. Seria muito tarde para impedi-lo de vir, se você escrevesse novamente, Margaret?

– Eu temo que sim, mamãe – disse Margaret, lembrando da urgência com que implorara ao irmão para vir imediatamente, se desejasse ver a mãe ainda viva.

– Eu nunca gostei de fazer as coisas com tanta pressa – disse Mrs. Hale. Margaret ficou calada.

– Vamos, senhora – disse Dixon, com um tipo de alegre autoridade. – A senhora sabe que ver o jovem Frederick é a coisa que mais deseja neste mundo, mais do que qualquer outra. E fico contente que Miss Margaret tenha escrito imediatamente, sem vacilar. Eu mesma já tive muita vontade de fazer isso. E nós o manteremos confortável, pode confiar. Só a Marta, aqui na casa, não faria um bocado para salvá-lo de um aperto. E eu andei pensando que ela poderia ir ver a mãe dela, bem nessa época. Ela já disse algumas vezes que gostaria de ir, pois a mãe teve um derrame desde que ela veio para cá, só que ela não gosta de pedir. Mas eu cuidarei para que ela esteja segura longe daqui, assim que nós soubermos quando ele vai vir, que Deus o abençoe! Então tome o seu chá tranquila, senhora, e confie em mim.

Mrs. Hale de fato confiava mais em Dixon do que em Margaret. As palavras de Dixon acalmaram-na naquele momento. Margaret serviu o chá em silêncio, tentando pensar em alguma coisa agradável para dizer. Mas sua mente dava uma resposta parecida com a de Daniel O'Rourke, quando o homem-da-lua lhe pediu que largasse a sua foice: “Quanto mais você nos manda, menos a gente se mexe”. Quanto mais ela tentava pensar em qualquer coisa além do perigo a

que Frederick estaria exposto, mais sua imaginação se agarrava a essa infeliz ideia. Sua mãe tagarelava com Dixon, e parecia ter esquecido inteiramente da possibilidade de Frederick ser julgado e executado – esquecido inteiramente que, a seu pedido, embora Margaret praticasse a ação, ele fora convocado a se expor a esse perigo. A mãe era daquelas que aventavam possibilidades terríveis, probabilidades miseráveis, acasos infelizes de todos os tipos, como um foguete lançava faíscas. Mas se as faíscas atingissem algum material combustível, queimavam lentamente primeiro, e afinal estouravam em uma chama assustadora. Margaret ficou contente quando, depois de executar com suavidade e cuidado seus deveres filiais, pôde afinal descer ao estúdio. Ela se perguntava como o pai dela e Higgins estariam se entendendo.

Em primeiro lugar, o cavalheiro decoroso, bondoso, simples e antiquado, tinha inconscientemente despertado, pelo seu próprio refinamento e maneiras gentis, toda a cortesia oculta no outro.

Mr. Hale tratava todas as criaturas da mesma forma: nunca pensou em fazer qualquer diferença por causa da sua posição. Ele colocou uma cadeira para Nicholas, que estava de pé, até que ele – a pedido de Mr. Hale – sentou-se. Chamava-o invariavelmente de “Mr. Higgins”, em vez do curto “Nicholas” ou “Higgins”, aos quais o “tecelão infiel bêbado” se acostumara. Mas Nicholas não era nem um bêbado habitual nem um infiel completo. Ele bebia para esquecer as preocupações, como ele mesmo dissera: e era infiel porque até agora ainda não havia encontrado qualquer forma de fé à qual pudesse se apegar, de coração e alma.

Margaret ficou um pouco surpresa, e muito contente, quando encontrou o pai e Higgins envolvidos em séria conversação – cada um falando com o outro com a mais gentil cortesia, embora suas opiniões pudessem colidir. Nicholas, limpo e arrumado (mesmo que só com a água da pia), e falando com calma, era uma criatura nova para ela, que só o tinha visto na rude independência da sua própria casa. Ele havia “penteado” o cabelo com água fresca e ajustara o lenço do pescoço. Pedira emprestado um estranho toco de vela para polir seus tamancos, e sentou-se ali, fazendo valer alguma opinião sobre o seu pai, com um forte sotaque do Darkshire, é verdade, mas com uma voz baixa e uma expressão séria e sincera no rosto. O pai também estava interessado no que o seu companheiro dizia. Mr. Hale olhou em volta quando ela entrou, sorriu e ofereceu-lhe calmamente a sua cadeira, sentando-se novamente tão rápido quanto possível, com um pequeno aceno de desculpas ao seu convidado pela interrupção. Higgins inclinou a cabeça para ela à guisa de cumprimento, e Margaret arrumou gentilmente seu material de trabalho sobre a mesa e preparou-se para escutar.

– Como eu estava dizendo, senhor, eu acho que o senhor mesmo não teria muita confiança em si, se tivesse vivido aqui – se fosse criado aqui. Eu peço seu perdão, se uso as palavras erradas, mas o que eu quero dizer com toda convicção agora, são esses provérbios e máximas e promessas feitas por gente que nunca se viu, sobre as coisas e a vida, e que você nunca viu, nem ninguém mais. Agora, o senhor diz que são palavras verdadeiras e coisas verdadeiras, e uma vida verdadeira. Eu apenas digo, onde está a prova? Há muitos e muitos homens sábios, que conseguem aprender melhor do que eu posso à minha volta. Gente que teve tempo para pensar nessas coisas – enquanto o meu tempo foi gasto em ganhar o meu pão. Bem, eu vejo essas pessoas. A vida deles está bem aberta para mim. Eles são gente de verdade. Eles não acreditam na Bíblia... não

eles. Eles podem dizer que sim, só por dizer. Mas Deus, senhor, deve saber que o primeiro pensamento deles de manhã não é: “O que eu devo fazer para conquistar a vida eterna?”, mas “O que eu devo fazer para encher a minha bolsa neste abençoado dia? Onde eu irei? Que barganhas devo fazer?” A bolsa e o ouro e as notas são coisas reais, coisas que podem ser sentidas e tocadas, são a realidade deles. E a vida eterna é toda uma conversa, muito boa para... Peço seu perdão, senhor, o senhor não é mais um pároco, imagino. Bem! Eu nunca faltarei ao respeito com um homem na mesma situação difícil em que eu me encontro. Mas eu só vou lhe deixar mais uma pergunta, senhor, e não lhe peço que me responda agora, só quero que a ponha no seu cachimbo, e fume enquanto pensa, antes que comece a achar que nós, que só acreditamos no que vemos, somos tolos e estúpidos. Se a salvação, e a vida eterna, e tudo isso fosse verdade – não nas palavras dos homens, mas no fundo do coração desses homens – o senhor acha que eles iam nos incomodar, como eles fazem, com essa história de economia política? Eles estão muito ansiosos para vir em cima de nós com esse pedaço de sabedoria, mas seria uma grande conversão, se fosse verdade.

– Mas os patrões não têm nada a ver com a sua religião. A única ligação que eles têm com vocês é no negócio – assim eles pensam – e tudo que lhes diz respeito, portanto, para retificar suas opiniões, é na ciência dos negócios.

– Fico contente, senhor – disse Higgins, com uma piscadela de olhos curiosa – que o senhor tenha dito “assim eles pensam”. Eu teria considerado o senhor um hipócrita, eu temo, se não tivesse dito isso, por mais que seja um pastor, ou melhor, porque é um pastor. O senhor vê, se tivesse falado de religião como uma coisa que, se fosse verdadeira, não diz respeito a todos os homens para incutir na mente de todos os homens, acima de tudo nesta terra, eu teria achado o senhor um velhaco para ser um pastor. E eu prefiro pensar que é um tolo do que um velhaco. Sem ofensa, eu espero, senhor.

– Não, nenhuma. O senhor acha que estou equivocado, e eu o considero ainda mais fatalmente equivocado. Não espero convencê-lo em um dia... não em uma conversa. Mas vamos conhecer um ao outro e falar livremente um com o outro sobre essas coisas, e a verdade prevalecerá. Eu não acreditaria em Deus se não acreditasse nisso. Mr. Higgins, eu confio, não importa do que tenha desistido, que o senhor acredita... (a voz de Mr. Hale baixou, em reverência) que o senhor acredita n'Ele.

Nicholas Higgins endireitou-se de repente, ficou rígido. Margaret ficou de pé – pois pensou, pela expressão do rosto dele, que estivesse entrando em convulsão. Mr. Hale olhou para ela espantado. Afinal, Higgins encontrou as palavras:

– Camarada! Eu poderia derrubá-lo no chão por me provocar. Que negócio é esse de me tentar com as suas dúvidas? Pense só nela deitada lá, depois da vida que ela levou, e pense em como me negou o único consolo que me resta – que há um Deus, e que foi Ele que lhe deu essa vida. Eu não acredito que ela vai viver de novo – disse ele, sentando-se, e continuando com tristeza, como se falasse para o fogo insensível. – Não acredito em qualquer outra vida além dessa, na qual ela sofreu tanta dificuldade e teve essa doença interminável. E não suporto a ideia de que tudo isso foi obra do acaso, e que podia ter sido alterado com um sopro de vento. Há muito tempo que eu venho pensando que não acredito em Deus, mas eu nunca cheguei a botar isso para fora em palavras, como muitos homens fazem. Eu podia rir desses que fizeram isso, para

bancarem os valentes... eu teria olhado à minha volta, para ver se Ele me ouvia, se fosse o caso de existir um Ele. Mas hoje, quando fui abandonado, não vou ouvir o senhor, com suas perguntas e suas dúvidas. Há apenas uma coisa firme e constante em todo esse mundo revirado, e, com razão ou sem razão, vou me agarrar a ela. Tudo está muito bem para essa gente feliz...

Margaret tocou-lhe o braço muito suavemente. Ela não tinha falado antes, nem ele a ouvira levantar-se.

– Nicholas, nós não queremos argumentar; você entendeu mal o meu pai. Nós não argumentamos... nós acreditamos; e você também. É o único consolo em tempos como estes.

Ele se voltou e tomou-lhe a mão.

– Sim! É sim, é sim (limpando as lágrimas com a parte de trás da mão). Mas, você sabe, ela está lá em casa, morta, e eu estou atordoado de tristeza, às vezes nem sei o que estou dizendo. É como se o discurso que essa gente fez – coisas inteligentes e espertas como eu pensei na hora – me venha à mente agora, quando o meu coração está devastado. A greve falhou também, sabia disso, menina? Eu estava voltando para casa para pedir a ela, como o mendigo que eu sou, um pouco de conforto nessa dificuldade. E fui demolido por alguém que me disse que ela estava morta – apenas morta. E que isso era tudo. Mas para mim era suficiente.

Mr. Hale assoou o nariz e se levantou para acender as velas, de modo a esconder sua emoção.

– Ele não é um infiel, Margaret. Como pode dizer isso? – murmurou ele, reprovando-a. – Acho que é uma boa ideia ler para ele o décimo quarto capítulo de Jó.

– Acho que ainda não, papai. Talvez não. Vamos perguntar-lhe sobre a greve, e lhe dar toda a compaixão que ele precisa, e que esperava receber da pobre Bessy.

Assim, eles questionaram e escutaram. Os cálculos dos trabalhadores estavam baseados (como muitos dos patrões) em falsas premissas. Eles contavam com seus companheiros como se estes possuíssem a insensibilidade das máquinas, nem mais, nem menos. Não permitiam que as paixões humanas levassem a melhor sobre a razão, como no caso de Boucher e os desordeiros, e acreditavam que a representação das suas injúrias teria o mesmo efeito sobre pessoas estranhas, longe dali, como essas injúrias (reais ou imaginárias) tinham sobre si mesmos. Estavam, portanto, surpresos e indignados com os pobres irlandeses, que haviam permitido que os importassem e trouxessem para ocupar os seus lugares. Essa indignação era misturada, em certo grau, com o desprezo por “aqueles irlandeses”, e pelo prazer ante a ideia do modo malfeito com que eles executariam o trabalho, deixando seus novos patrões desconcertados com a sua ignorância e estupidez. Histórias exageradas e estranhas sobre isso já estavam sendo espalhadas pela cidade. Mas o golpe mais cruel de todos foi o dos operários de Milton, que tinham desafiado e desobedecido as ordens do Sindicato para manter a paz, não importa o que acontecesse, e tinham originado a discórdia no campo, e espalhado o temor de que a lei seria usada contra eles.

– E assim a greve chegou ao fim... – disse Margaret.

– Sim, senhorita. É salve-se quem puder. As portas das fábricas

precisarão estar bem abertas amanhã, para deixar entrar todos os que estão procurando trabalho. Nem que seja só para mostrar que eles não têm nada a ver com essas medidas, e que, se nós fôssemos mesmo competentes, teríamos conseguido levar os salários a um ponto em que não estará nem daqui a dez anos.

– Você arrumará emprego, não é? – perguntou Margaret. – Você é um trabalhador famoso, não é mesmo?

– Hamper vai me deixar trabalhar na sua fábrica quando ele cortar sua mão direita – nem antes, nem depois – disse Nicholas, calmamente.

Margaret ficou silenciosa e triste.

– Quanto aos salários – disse Mr. Hale – não se ofenda, mas acho que cometeu alguns tristes erros. Eu gostaria de ler para o senhor algumas observações em um livro que eu tenho.

Mr. Hale se levantou e foi até a estante.

– Não precisa se incomodar, senhor – disse Nicholas. – Essas coisas que estão nos seus livros entram por um ouvido e saem pelo outro. Não posso fazer nada com isso. Eu e Hamper já tivemos essa briga antes. O supervisor lhe disse que eu estava incitando os homens para pedir salários mais altos, e Hamper me encontrou um dia no pátio. Ele tinha um livro fininho na mão, e me disse “Higgins, me contaram que você é um desses tolos malditos que pensam que podem conseguir salários mais altos só por pedir. Sim, e que pode mantê-los altos também, depois de forçá-los para cima. Agora, eu te darei uma chance de provar que tem algum bom senso. Aqui está um livro escrito por um amigo meu, e se você ler vai ver como os salários encontram seu próprio nível, sem que nem os patrões nem os operários tenham qualquer coisa a ver com isso. Exceto os homens que cortam suas próprias gargantas fazendo greve, como os tolos malditos que são.” Bem, senhor, agora eu coloco isso para o senhor. Sendo um pároco, e tendo lidado com esse negócio de pregação, e tendo que tentar levar o povo para o que o senhor achava que era a maneira certa de pensar – o senhor começa por chamar as pessoas de tolas e coisas assim, ou prefere dizer algumas palavras amáveis no princípio, para deixá-las prontas para escutar e serem convencidas, se puderem? E, na sua pregação, o senhor para de vez em quando para dizer, meio para eles e meio para si mesmo, “Mas vocês são um tal bando de tolos, que eu tenho quase certeza que é inútil tentar botar algum juízo nas suas cabeças.”? Eu não estava no melhor estado, admito, para entender o que o amigo do Hamper tinha para dizer. Estava muito contrariado com o jeito que isso foi colocado para mim... mas eu pensei, “Bem, vamos ver o que esses camaradas tem a dizer, e tentar ver se são eles ou sou eu o tolo.” Então eu peguei o livro e carreguei com ele. Mas, Deus me abençoe, foi um tal de capital e trabalho, e trabalho e capital, até que ele me fez dormir, com justiça. Eu nunca pude fixar direito em minha mente o que era o quê, e falava deles como se fossem virtudes ou vícios. E o que eu queria saber eram os direitos dos homens, sendo ricos ou pobres... Bem pode ser que fossem só homens.

– Mas com tudo isso – disse Mr. Hale – e concordando que foi uma completa vergonha, uma loucura, uma atitude anticristã o modo como Mr. Hamper falou com o senhor para recomendar o livro do seu amigo, contudo, se o livro dissesse o que ele falou, que os salários encontram o próprio nível – e que a greve mais bem-sucedida só pode forçá-los para cima por um momento, para afundá-los em muito maior proporção depois – considerando esta greve de

agora, o livro teria dito a verdade.

– Bem, senhor – disse Higgins, bastante obstinado – pode ser que sim, pode ser que não. Há duas opiniões para resolver esse ponto. Mas suponha que fosse uma verdade muito forte: não seria nenhuma verdade para mim se eu não pudesse entendê-la. Eu ousou dizer que há verdade nos livros em latim que estão nas suas estantes, mas é só uma tagarelice sem verdade alguma para mim, a menos que eu saiba o significado das palavras. Se o senhor, ou qualquer outro homem erudito e paciente vir a mim, e me disser que vai me ensinar o que as palavras significam, e não me bater se eu for um pouco estúpido, ou esquecer como uma coisa leva a outra – bem, acho que com o tempo eu posso conseguir ver a verdade disso. Ou talvez não possa. Eu não serei obrigado a dizer que terminarei pensando igual a qualquer outro homem. E eu não sou do tipo que pensa que a verdade pode ser modelada em palavras, tudo limpo e arrumado, como os homens na fundição recortam as chapas de ferro. Os ossos não afundam todos do mesmo modo. Vai se cravar aqui na garganta deste homem, e lá na de outro. Sem falar que, quando cair, pode ser muito forte para este aqui, muito fraco para aquele. Gente que procura o médico para saber as verdades do mundo, recebe respostas diferentes para mentes diferentes. E deve ser um pouco terno na maneira de contá-las também, ou os pobres tolos aborrecidos podem cuspi-las na sua cara. Agora, Hamper primeiro me dá um murro na orelha, e então empurra sua grande pílula para mim, e diz que acha que isso não me servirá de nada, de tão tolo que eu sou, mas lá está.

– Eu gostaria que alguns dos patrões mais bondosos e sábios encontrassem alguns de vocês, os trabalhadores, e tivessem uma boa conversa sobre estas coisas. Seria, seguramente, o melhor modo de superar suas dificuldades, que, eu acredito, surgem da sua ignorância – desculpe-me, Mr. Higgins – em assuntos que seria de mútuo interesse, para patrões e empregados, que fossem bem entendidos por ambos. Eu me pergunto (dirigindo-se a meio para a filha) se Mr. Thornton não poderia ser induzido a fazer uma coisa desse tipo?

– Lembre-se, papai – disse ela, em uma voz muito baixa – do que ele disse um dia... sobre governos, o senhor sabe.

Ela estava pouco disposta a fazer qualquer insinuação mais clara à conversa que eles haviam tido sobre o modo de governar os trabalhadores – ou dando aos operários inteligência bastante para se governar, ou por um despotismo sábio da parte do patrão – pois ela viu que Higgins tinha entendido o nome de Mr. Thornton, se não a conversa toda. De fato, ele começou a falar dele.

– Thornton! Ele é o camarada que contratou logo esses irlandeses, e levou a uma revolta que arruinou a greve. Até mesmo Hamper, com toda a sua intimidação, teria esperado um tempo. Mas com Thornton é uma palavra e um golpe. E, agora, quando o Sindicato teria lhe agradecido pela perseguição a Boucher, e os camaradas acertaram novamente nossos comandos, é Thornton que dá um passo à frente e friamente diz que, como a greve chegou ao fim, ele, como a parte lesada, não quer pressionar a acusação contra os desordeiros. Eu pensei que ele tivesse mais coragem. Pensei que ele tivesse provado o seu ponto, e fizesse sua vingança de um modo aberto, mas ele disse (alguém no tribunal me contou suas próprias palavras) “Eles são bem conhecidos, e vão encontrar o castigo natural para a sua conduta na dificuldade que terão para conseguir emprego. Isso será castigo suficiente.” Eu só queria que eles conseguissem pegar

Boucher, e o fizessem antes de Hamper. Eu vejo o velho tigre ataçando o Thornton! Será que ele o teria deixado de fora? Não ele!

– Mr. Thornton tinha razão – disse Margaret. – Você está zangado com Boucher, Nicholas, ou então seria o primeiro a ver que, onde o castigo natural é severo o bastante para a ofensa, qualquer outro castigo seria como uma vingança.

– Minha filha não é nenhuma grande amiga de Mr. Thornton – disse Mr. Hale, sorrindo para Margaret, enquanto ela, vermelha como um pimentão, recomeçou o seu trabalho com dupla diligência – mas eu acredito que o que ela diz é a verdade. Gosto dele por isso.

– Bem, senhor, esta greve foi um negócio um bocado cansativo para mim. Não se espantem se estou um pouco irritado ao ver que falhou, só por causa de alguns homens que não sofrem em silêncio e resistem, corajosos e firmes.

– Você está se esquecendo, Nicholas! – disse Margaret. – Eu não conheço bem o Boucher, mas na única vez em que o vi, não foi só dos seus próprios sofrimentos que ele falou, mas da dor da esposa doente... das suas crianças pequenas.

– Verdade! Mas ele mesmo não é feito de ferro. Ele teria chorado as suas próprias mágoas em seguida. Ele não é do tipo que aguenta firme.

– Como ele entrou no Sindicato? – perguntou Margaret, inocentemente. – Você não parece ter muito respeito por ele, nem ganhou muito por tê-lo lá.

O semblante se Higgins se anuviou. Ficou calado por um minuto ou dois. Então disse, com muita brevidade:

– Não é meu papel falar mal do Sindicato. O que eles fazem, está feito. Aqueles que são de um ramo de trabalho devem se apoiar. E se eles não estão dispostos a assumir o risco junto com o resto, o Sindicato tem seus modos e meios.

Mr. Hale viu que Higgins estava contrariado com o rumo que a conversa tomara, e ficou em silêncio. Mas não Margaret, embora visse o sentimento de Higgins tão claramente quanto o pai. Por instinto, ela sentia que – se ele pudesse ser levado a se expressar em palavras simples – conseguiriam clarear algumas coisas, e poderiam discutir o que é direito e justo.

– E quais são os modos e os meios do Sindicato?

Ele olhou para ela como se fosse manter uma resistência obstinada ao seu desejo de informação. Mas o rosto calmo de Margaret, fixo nele com paciência e confiança, forçou-o a responder.

– Bem! Se um homem não pertence ao Sindicato, os que trabalham nos teares próximos têm ordens para não falar com ele – se ele se sente triste ou doente, é tudo a mesma coisa. Ele está fora dos limites, ele não é um de nós. Ele vive entre nós, ele trabalha entre nós, mas ele não é um de nós. Em alguns lugares, quem fala com ele é multado. Experimente isso, senhorita. Tente viver um ano ou dois entre eles, que olham para o lado se você olhar para eles. Tente trabalhar a poucos metros de multidões de homens que, você sabe, tem um rancor opressivo contra você em seus corações. Gente para quem, se disser que está contente, nem um olho brilha, nem um lábio se move. Gente para quem, se

o seu coração está triste, nunca pode dizer nada, porque eles nunca tomarão conhecimento dos seus suspiros e olhares tristes. E um homem não é um homem se gemer em voz alta “companheiros, qual é o problema?” Só tente viver assim, senhorita... dez horas por dia durante trezentos dias, e vai saber um pouco do que é o Sindicato.

– Ora! – disse Margaret. – Mas isso é uma tirania! Não, Higgins, eu não ligo a mínima para a sua raiva. Eu sei que você pode não ficar bravo comigo, se quiser, e eu devo dizer-lhe a verdade: que eu nunca li, em toda a história que já li, sobre uma forma mais lenta e prolongada de tortura do que essa. E você pertence ao Sindicato! E você fala da tirania dos patrões!

– Não – disse Higgins – você pode dizer o que quiser! Os mortos se atravessam entre você e toda palavra raivosa que eu disser. Acha que esqueci de quem está estendida lá, e como ela te amava? E foram os patrões que nos fizeram pecar, se o Sindicato é um pecado. Não esta geração talvez, mas os pais deles. Seus pais exploraram nossos pais até a humilhação; nos atiraram na lama! Pastor! Eu lembro que ouvi minha mãe ler em voz alta um texto: “Os pais comeram uvas azedas e mexeram com os nervos das crianças.” É assim com eles. Os Sindicatos surgiram naqueles dias de dolorosa opressão: era uma necessidade. E ainda é uma necessidade, na minha opinião. É uma resistência à injustiça passada, presente, ou futura. Pode até ser como a guerra, junto com ela surgem crimes, mas acho que é um crime ainda maior deixar como está. Nossa única chance é unir os homens em torno de um interesse comum. E se alguns são covardes e alguns são tolos, eles tem que vir e se juntar à grande marcha, porque nossa única força é sermos muitos.

– Oh! – disse Mr. Hale, suspirando. – Seu Sindicato, em si mesmo, seria bonito, glorioso – seria o próprio cristianismo – se não fosse para uma finalidade que afeta o bem de todos, em vez de somente afetar uma classe que se opõe à outra.

– Acho que já está na hora de eu ir, senhor – disse Higgins, quando o relógio bateu dez horas.

– Para casa? – disse Margaret, suavemente.

Ele a entendeu, e apertou a mão que ela estendera.

– Para casa, senhorita. Pode confiar em mim, embora eu seja do Sindicato.

– Eu confio em você, Nicholas, completamente.

– Espere! – disse Mr. Hale, correndo para a estante. – Mr. Higgins! Estou certo de que se juntará à nossa oração familiar!

Higgins olhou para Margaret, em dúvida. Os olhos doces e sérios dela encontraram os seus. Não havia nenhuma imposição neles, apenas um profundo interesse. Ele não falou, mas permaneceu em seu lugar.

Margaret, a Beata, seu pai, o Dissidente, e Higgins, o Infiel, se ajoelharam juntos. Não lhes fez mal algum.

[1] Ludwig Gotthard Kosegarten (1758-1818), também conhecido como Ludwig Theobul ou Ludwig Theoboul: poeta e sacerdote alemão, cuja obra influenciou o movimento nacionalista alemão, além de diversas composições de Franz Schubert.

CAPÍTULO 29
UM RAIOS DE SOL

“Alguns desejos cruzaram minha mente e mal lhe deram ânimo,
E um ou dois pobres prazeres melancólicos,
Cada um, à luz pálida e fria da esperança,
Que cobria de prata suas asas frágeis, voou silencioso
Entre as traças no raio de lua!”
Coleridge^[1]

A manhã seguinte trouxe para Margaret uma carta de Edith. Era afetuosa e inconsequente como a autora. Mas o afeto encantava a própria natureza afetuosa de Margaret; e ela havia crescido com a inconsequência, então não a percebia. Dizia o que segue:

“Oh, Margaret, vale a pena fazer uma viagem da Inglaterra até aqui para ver o meu menino! Ele é um rapazinho maravilhoso, especialmente com o seu gorrinho, e mais especialmente com aquele que você lhe enviou, você, mocinha, tão boa, habilidosa e perseverante! Como já deixei todas as mães daqui invejosas, quero mostrá-lo para alguém novo, e ouvir um novo jorro de expressões de admiração. Talvez seja só esse o motivo, talvez não seja... Bem, talvez haja só um pouquinho do amor de prima misturado a isso. Mas eu quero tanto que você venha aqui, Margaret! Estou certa que seria a melhor coisa para a saúde da Tia Hale. Todo mundo aqui é jovem e saudável, e nossos céus são sempre azuis, e nosso sol sempre brilha, e a banda toca músicas deliciosas da manhã à noite. E, para voltar ao estribilho da minha cantiga, meu bebê está sempre sorrindo. Eu estou sempre esperando que você o tire de mim, Margaret. Não é pelas coisas que ele faz, que são lindas, graciosas, o que tem de melhor. Eu acho que o amo bem mais do que o meu marido, que está ficando robusto e rabugento, o que ele chama de “ocupado.” Não! Ele não está. Ele há pouco entrou com notícias de um encantador piquenique, dado pelos oficiais do Hazard, que está ancorado na baía aqui embaixo. Só porque ele me trouxe uma notícia tão agradável, eu me retrato de tudo o que acabei de dizer. Alguém já não queimou a mão por ter dito ou feito algo de que depois se arrependeu? Bem, eu não posso queimar a minha, porque me feriria, e a cicatriz seria feia. Mas me retratarei de tudo o que disse, tão rápido quanto possa. Cosmo é tão querido para mim quanto o bebê, e nem um pouco robusto, e tão pouco rabugento quanto um marido pode ser. Só que, às vezes, ele é muito, muito ocupado. Só posso dizer que sem amor... o dever de esposa... Mas onde eu estava? Eu tinha algo muito especial para dizer, eu sei. Oh, é isto... Querida Margaret! Você tem que

vir me visitar. Isso faria muito bem à Tia Hale, como eu disse antes. Peça para o doutor receitar-lhe isso. Diga-lhe que é a fumaça de Milton que lhe faz mal. Eu não tenho nenhuma dívida de que é isso, realmente. Três meses (você não deve vir para ficar menos do que isso) deste clima delicioso – tudo ensolarado, as uvas tão abundantes quanto as amoras – a curariam totalmente. Eu não convido o meu tio (e aqui a carta se tornou mais constrangida e melhor escrita. Mr. Hale estava de castigo, como uma criança malcriada, por ter renunciado ao seu sustento) porque, ousado dizer, ele desaprova a guerra, e os soldados, e bandas de música. Pelo menos, eu sei que muitos Dissidentes são membros da Sociedade da Paz, e eu acho que ele não gostaria de vir. Mas se ele vier, querida, por favor diga-lhe que Cosmo e eu faremos todo o possível para deixá-lo feliz; eu esconderei o uniforme vermelho e a espada de Cosmo, e farei a banda tocar todo o tipo de músicas solenes e graves; ou, se eles tocarem pompas e vaidades, será bem lento, no dobro do tempo normal. Querida Margaret, se ele quiser acompanhar você e a Tia Hale, nós tentaremos tornar a estadia agradável, embora eu tenha muito medo de qualquer um que faça algo por causa da sua consciência. Você nunca fez, espero. Diga para Tia Hale não trazer muitas roupas quentes, embora eu acredite que o ano já estará bem adiantado antes que possam vir. Mas você não tem ideia do calor que faz aqui! Eu tentei usar o meu enorme e belo xale indiano em um piquenique, e tive que ouvir provérbios por um longo tempo, ‘o orgulho obriga’, e outras saudáveis pérolas de sabedoria, mas foi inútil. Eu parecia o pequeno cachorro da mamãe, Tiny, com os adornos de um elefante – sufocada, escondida, quase morta com meu vestuário elegante. Então eu o usei como um grande tapete para nós todos sentarmos. E aqui está esse meu menino, Margaret – e se não arrumar suas coisas assim que receber esta carta, e vir vê-lo imediatamente, eu pensarei que você é descendente do Rei Herodes!”

Margaret ansiou por um dia da vida de Edith – sua despreocupação, sua casa alegre, seus céus ensolarados. Se um desejo pudesse tê-la transportado, ela teria ido embora. Só por um dia. Ansiou pela força que tal mudança lhe traria. Mesmo por poucas horas, poder estar no meio daquela vida luminosa e sentir-se jovem outra vez. Nem vinte anos ainda! E ela havia tido que suportar dificuldades tão grandes, que se sentia muito velha. Esse fora o seu primeiro sentimento, depois de ler a carta de Edith. Então leu-a novamente, e, esquecendo de si mesma, achou divertida a sua semelhança com a própria Edith, e estava rindo alegremente, debruçada sobre ela, quando Mrs. Hale entrou na sala, apoiada no braço de Dixon. Margaret voou para arrumar os travesseiros. A mãe parecia mais fraca do que o normal.

– Do que estava rindo, Margaret? – perguntou ela, assim que se recuperou do esforço de se acomodar no sofá.

– De uma carta que eu recebi esta manhã, de Edith. Quer que a leia para a senhora, mamãe?

Ela leu em voz alta, e durante algum tempo isso pareceu interessar a

mãe, que queria saber qual o nome que Edith tinha dado ao menino, sugerindo todos os nomes prováveis, e todas as possíveis razões por que cada um desses nomes deveria ser escolhido. Bem no meio dessas divagações, Mr. Thornton chegou, trazendo outro presente de frutas para Mrs. Hale. Ele não podia – ou antes, não iria – negar a si mesmo uma oportunidade de ver Margaret. Não tinha nenhum outro objetivo, além da satisfação deste momento. Era a enérgica teimosia de um homem normalmente mais razoável e controlado. Ele entrou na sala, notando a presença de Margaret em um relance; mas depois de um cumprimento frio e distante, ele parecia nunca permitir que seus olhos pousassem sobre ela outra vez. Ficou só o tempo de oferecer os pêssegos – dizer algumas palavras bondosas e gentis – e então seus olhos frios e ofendidos encontraram os de Margaret em uma grave despedida, quando ele deixou a sala. Ela sentou-se, silenciosa e pálida.

– Você sabe, Margaret, eu realmente começo a gostar muito de Mr. Thornton.

Nenhuma resposta no princípio. Então Margaret forçou-se a dizer friamente:

– Verdade?

– Sim! Eu acho que seus modos, realmente, estão se tornando bastante polidos.

A voz de Margaret estava quase normal, agora. Ela respondeu:

– Ele é muito amável e bondoso – não há nenhuma dúvida disso.

– Eu me pergunto por que Mrs. Thornton nunca vem nos visitar. Ela deve saber que estou doente, por causa do colchão d'água.

– Eu imagino que ela saiba do seu estado através do filho.

– Ainda assim, eu gostaria de vê-la. Você tem tão poucos amigos aqui, Margaret.

Margaret percebeu o que estava nos pensamentos da mãe – um terno desejo de recomendar à bondade de alguma mulher a filha que logo ficaria órfã de mãe. Mas ela não podia falar.

– Você acha – disse Mrs. Hale, depois de uma pausa – que poderia ir pedir a Mrs. Thornton para vir me ver? Só uma vez. Não quero ser impertinente.

– Eu farei qualquer coisa que deseje, mamãe... Mas se... Mas quando o Frederick vier...

– Ah! Certamente! Teremos que manter nossas portas fechadas... não podemos deixar ninguém entrar. Eu mal sei se ousa desejar que ele venha ou não. Às vezes eu penso que era melhor ele não vir. Às vezes tenho sonhos assustadores com ele.

– Oh, mamãe! Nós tomaremos bastante cuidado. Eu cortarei meu braço fora antes que ele sofra o menor dano. Deixe que eu cuide da segurança dele, mamãe. Vou vigiá-lo como uma leoa com o filhote.

– Quando poderemos ter notícias dele?

– Não durante uma semana ainda, isso é certo... talvez mais.

– Temos que despachar a Martha a tempo. Nunca daria certo, tê-la aqui

quando ele chegasse e então despachá-la a toda pressa.

– Dixon vai nos fazer lembrar disso. Eu estava pensando que, se nós quiséssemos alguma ajuda na casa enquanto ele estiver aqui, nós poderíamos talvez contratar Mary Higgins. Ela é muito frouxa no trabalho, mas é uma boa menina, e se empenharia em fazer o melhor, tenho certeza. Poderia dormir em casa, e nunca precisaria subir aqui em cima, para saber quem está na casa.

– Como quiser. Como Dixon quiser. Mas, Margaret, não use estas horríveis palavras do jargão de Milton, “frouxa no trabalho”: é um provincianismo. O que dirá a sua tia Shaw, se ela a ouvir falar assim quando voltar?

– Oh, mamãe! Não tente fazer um bicho-papão da Tia Shaw – disse Margaret, rindo. – A Edith aprendeu tudo o que é tipo de gíria militar com o Capitão Lennox, e tia Shaw nunca tomou conhecimento disso.

– Mas a sua é gíria de fábrica.

– E se eu vivo em uma cidade industrial, eu posso falar a linguagem de fábrica quando quiser. Sabe, mamãe, eu poderia surpreendê-la com uma grande quantidade de palavras que nunca ouviu em sua vida. Não acredito que saiba o que é um “vara torta”.

– Não eu, minha filha. Eu só sei que tem um som muito vulgar e não quero ouvi-la falando isso.

– Muito bem, minha querida mãe, não usarei. Só que eu terei que usar uma oração explicativa inteira, ao invés disso.

– Eu não gosto dessa cidade – disse Mrs. Hale. – A Edith tem toda razão quando diz que foi essa fumaça que me deixou tão doente.

Margaret se assustou quando a mãe disse isso. O pai tinha acabado de entrar na sala, e ela estava muito ansiosa para que a fraca impressão que ela percebera na mente dele, de que o ar de Milton tinha prejudicado a saúde da mãe, não fosse aprofundada... não deveria receber nenhuma confirmação. Ela não podia dizer se ele tinha ouvido o que Mrs. Hale dissera ou não, e então começou a falar apressadamente de outras coisas, sem saber que Mr. Thornton o seguira.

– Mamãe está me acusando de ter ficado muito vulgar, desde que viemos para Milton.

A “vulgaridade” de que Margaret falava, referia-se puramente ao uso de palavras locais, e a expressão surgira da conversa que elas estavam mantendo ainda há pouco. Mas o semblante de Mr. Thornton anuviou-se, e Margaret sentiu de repente o quanto suas palavras poderiam ser mal interpretadas por ele. Assim, no ingênuo e natural desejo de evitar causar uma dor desnecessária, ela fez uma pequena saudação e se forçou a ir adiante, continuando o que estava dizendo, e se dirigindo expressamente a ele.

– Agora, Mr. Thornton, embora “vara torta” não tenha um som muito bonito, não é expressiva? Eu poderia prescindir dessa expressão, para falar da coisa que representa? Se usar palavras locais é ser vulgar, eu era muito vulgar em New Forest, não era, mamãe?

Margaret não estava habituada a impor seu próprio assunto de conversação aos outros. Mas, neste caso, ela estava tão ansiosa para evitar que

Mr. Thornton se sentisse incomodado com as palavras que tinha escutado acidentalmente – que não foi senão depois de ter falado que ela corou intensamente, ao se dar conta do que fizera. Especialmente porque Mr. Thornton mal parecia entender o sentido exato do que ela estava dizendo, ou seu comportamento, e passou por ela, com fria reserva e movimentos cerimoniais, para falar com Mrs. Hale.

Ao vê-lo, Mrs. Hale lembrou-se do seu desejo de ver Mrs. Thornton e recomendar Margaret aos seus cuidados. Margaret, sentada em veemente silêncio, contrariada e envergonhada com sua dificuldade em manter o seu lugar de direito, e a inconsciência tranquila do seu coração, sempre que Mr. Thornton estava por perto, ouviu a mãe solicitar em voz baixa que Mrs. Thornton viesse vê-la, com a maior brevidade, amanhã, se fosse possível. Mr. Thornton prometeu-lhe que ela viria, conversou um pouco e depois partiu. Os movimentos e a voz de Margaret pareceram imediatamente libertos de grilhões invisíveis. Ele nem olhara para ela. Ainda assim, a fuga cuidadosa dos seus olhos indicava que de algum modo ele sabia exatamente onde, se eles pousassem por acaso, iriam incidir sobre ela. Se ela falava, ele não dava nenhum sinal de atenção, mesmo assim sua próxima fala para qualquer outra pessoa era modificada pelo que ela havia dito. Às vezes havia uma resposta expressa a algo que ela havia observado, mas dirigida a outra pessoa, como se não fosse sugerida por ela. Não foi a má educação da ignorância, foi a má educação intencional que surge da ofensa profunda. Foi deliberado, na ocasião, embora provocasse arrependimento depois. Mas nenhum plano elaborado, nenhuma astúcia cuidadosa, podia tê-lo mantido em um lugar tão conveniente. Margaret pensou nele mais do que jamais havia feito. Não com qualquer traço do que é chamado de amor, mas com pesar por tê-lo ferido tão profundamente, e com um suave e paciente desejo de que voltassem à sua posição anterior de amizade antagônica. Descobriu que ele tinha mantido em relação a ela a posição de amigo, assim como com o resto da família. Havia uma bonita humildade no seu comportamento para com ele, como um pedido mudo de desculpas pelas palavras tão fortes, que eram uma reação às ações do dia da revolta.

Mas ele se ressentiu amargamente dessas palavras. Elas soavam nos seus ouvidos. Estava orgulhoso do seu senso de justiça, que o fez continuar com qualquer gentileza que pudesse oferecer aos seus pais. Ele exultou com a força que mostrou, obrigando-se a encará-la sempre que pensava em qualquer ação que pudesse agradar ao seu pai ou a sua mãe. Pensou que detestaria ver alguém que o tinha ferido tão profundamente, mas estava enganado. Era um prazer lancinante estar na mesma sala com ela e sentir a sua presença. Mas ele não era nenhum grande analista dos próprios motivos, e estava enganado como eu disse.

[1] Samuel Taylor Coleridge (1772-1834): poeta, crítico literário, romancista e filósofo que, em conjunto com William Wordsworth, fundou o movimento romântico na Inglaterra e foi membro da sociedade literária “Lake Poets”.

CAPÍTULO 30
ENFIM, O LAR

“Os pássaros mais tristes encontram uma estação para cantar.”
Southwell[1]

“Nunca dobrar o manto sobre a dor secreta,
Nunca, sob o peso de nuvens de memória novamente,
Curvar a cabeça! Tu foste para casa!”
Mrs. Hemans

Mrs. Thornton veio ver Mrs. Hale na manhã seguinte. Ela estava muito pior. Uma dessas mudanças súbitas – essas grandes e visíveis caminhadas a passos largos em direção à morte – havia tido lugar à noite, e a própria família estava assustada com a aparência funda e acinzentada que os seus traços haviam assumido naquelas doze horas de sofrimento. Mrs. Thornton – que não a tinha visto durante várias semanas – ficou imediatamente comovida. Viera porque o filho havia pedido, como um favor pessoal, mas com todos os sentimentos amargos e orgulhosos da sua própria natureza, em armas contra aquela família da qual Margaret fazia parte. Ela duvidou que a doença de Mrs. Hale fosse real. Duvidou de qualquer necessidade por parte daquela senhora, além de um capricho momentâneo que deveria afastá-la do curso previamente estabelecido para os seus compromissos do dia. Ela dissera ao filho que desejava que eles nunca tivessem se aproximado daquela cidade; que ela nunca faria amizade com eles; que nunca se havia inventado nenhum idioma tão inútil quanto o latim e o grego. Ele aguentou tudo aquilo em silêncio. Mas quando ela terminou o seu discurso injurioso contra os idiomas mortos, o filho voltou calmamente a exprimir, de forma breve, curta e decidida, o seu desejo de que ela fosse ver Mrs. Hale na ocasião designada, que provavelmente era a mais conveniente para a inválida. Mrs. Thornton submeteu-se com tanta má vontade quanto podia ao desejo do filho, mas todo o tempo sentindo que gostava mais dele por isso – e exagerando em pensamento a noção que tinha da extraordinária bondade dele em perseverar na manutenção dessa amizade com os Hale.

A bondade dele que beirava a fraqueza (como todas as virtudes ternas na sua opinião), o próprio desprezo dela por Mr. e Mrs. Hale, e a sua positiva antipatia por Margaret, eram as ideias que ocupavam Mrs. Thornton, até que ela foi atingida em cheio pela sombra escura das asas do anjo de morte. Lá estava Mrs. Hale – uma mãe como ela, uma mulher muito mais jovem do que ela – em uma cama da qual não havia a menor esperança de que pudesse se levantar novamente. Para ela não havia mais nenhuma diferença entre o dia e a noite, naquele quarto escuro. Nenhum poder de ação, escassas mudanças de movimento, fraca alternância entre sons sussurrados e persistente silêncio, e ainda assim aquela vida monótona parecia quase intensa! Quando Mrs. Thornton entrou, próspera e cheia de vida, Mrs. Hale jazia imóvel, embora, pela expressão do seu rosto, estivesse perfeitamente consciente de quem ela era. Mas não abriu

os olhos por um minuto ou dois. A umidade das lágrimas pesou em seus cílios antes que ela levantasse os olhos. Então, com a mão tateando debilmente sobre as cobertas para tocar os dedos grandes e firmes de Mrs. Thornton ela falou, mal conseguindo respirar, e Mrs. Thornton teve que se curvar da sua altivez para escutar.

– Margaret... a senhora tem uma filha... minha irmã está na Itália. Minha filha ficará sem mãe... em um lugar estranho... se eu morrer... Poderia...

E os seus olhos vagos e opacos se fixaram com enorme ansiedade no rosto de Mrs. Thornton. Durante um minuto, não houve nenhuma mudança em sua rigidez. Estava dura e impassível. Não. Mas os olhos da mulher doente foram se tornando turvos com as lágrimas que desciam lentamente, e ela poderia ter visto uma nuvem escura cruzar as feições frias. E não foi nenhum pensamento no filho, ou na sua vigorosa filha Fanny, que amoleceu seu coração afinal. Mas uma recordação súbita, sugerida por algo no arranjo do quarto... de uma filha pequenina... morta na infância... há muitos anos atrás. Como um súbito raio de sol, essa lembrança derreteu a crosta fria, atrás da qual havia uma mulher realmente terna.

– Deseja que eu seja uma amiga para Miss Hale – disse Mrs. Thornton, na sua voz controlada, que não suavizara como o seu coração, mas viera distinta e clara.

Mrs. Hale, os olhos ainda fixos no rosto de Mrs. Thornton, apertou a mão que jazia sob a sua na colcha. Ela não podia falar. Mrs. Thornton suspirou.

– Serei uma amiga verdadeira, se as circunstâncias exigirem. Não uma amiga afetuosa. Isso eu não posso ser... (“para ela”, esteve a ponto de acrescentar, mas cedeu à vista daquela face infeliz e ansiosa.) Não é minha natureza demonstrar afeto mesmo quando o sinto, nem ofereço conselhos, de forma geral. Ainda assim, a seu pedido... se isso lhe trouxer algum conforto, eu lhe prometo.

Então veio uma pausa. Mrs. Thornton estava bastante consciente de que prometer o que ela prometera não significava cumprir. E fazer qualquer coisa bondosa pelo bem de Margaret, mais detestada agora do que nunca, era difícil. Quase impossível.

– Eu prometo – disse ela, com grave seriedade. Estas palavras afinal inspiraram na mulher agonizante a fé em algo mais estável do que a própria vida... vida movimentada, cambiante, vacilante! – Eu prometo que em qualquer dificuldade na qual Miss Hale...

– Chame-a de Margaret! – ofegou Mrs. Hale.

– Se ela vier a mim em busca de ajuda, eu a ajudarei em tudo que puder, como se ela fosse minha própria filha. Prometo também que se algum dia eu a vir fazendo algo que eu acho que é errado...

– Mas Margaret nunca faz nada errado... não deliberadamente – defendeu Mrs. Hale.

Mrs. Thornton continuou como antes, como se não tivesse ouvido:

– Se eu algum dia vê-la fazendo o que eu acredito estar errado – e esse erro não atingir a mim ou aos meus, em cujo caso eu poderia supostamente ter motivo de interesse – eu lhe direi isso, fiel e claramente, como eu gostaria que

dissemem à minha própria filha.

Houve uma longa pausa. Mrs. Hale sentiu que essa promessa não incluía tudo. E ainda assim era muito. Houve reservas nisso que ela não entendeu, mas então ela estava fraca, atordoada e cansada. Mrs. Thornton estava revisando mentalmente todos os casos prováveis nos quais ela havia prometido agir. Sentia um prazer feroz com a ideia de dizer a Margaret verdades indesejadas, na forma de desempenho do dever. Mrs. Hale começou a falar:

– Eu lhe agradeço. Peço a Deus que a abençoe. Eu nunca mais a verei neste mundo. Mas minhas últimas palavras são: eu lhe agradeço por sua promessa de bondade para com a minha menina.

– Bondade não! – declarou Mrs. Thornton, desagradavelmente verdadeira no último momento.

Mas tendo aliviado a sua consciência dizendo estas palavras, ela não lamentava que não tivessem sido ouvidas. Apertou a mão macia e frouxa de Mrs. Hale, levantou-se e se dirigiu para fora da casa sem ver uma criatura sequer.

Durante o tempo em que Mrs. Thornton estava tendo esta entrevista com Mrs. Hale, Margaret e Dixon estavam juntando as suas ideias, e deliberando sobre como poderiam manter a chegada de Frederick como um segredo impenetrável para todos fora da casa. Uma carta dele podia ser esperada a qualquer momento agora; e ele seguramente seguiria depressa no seu rastro. Martha devia ser despachado no seu dia de folga. Dixon teria que manter uma severa guarda na porta da frente, só admitindo as poucas visitas que viessem para o estúdio de Mr. Hale, no andar de baixo. A doença extrema de Mrs. Hale lhes daria uma boa desculpa para isso. Se Mary Higgins tivesse que vir para ajudar Dixon na cozinha, ela deveria ver e ouvir tão pouco de Frederick quanto possível. E, se fosse necessário falar sobre ele, deviam dizer que seu nome era Mr. Dickinson. Mas a natureza lenta e apática dela era a maior proteção de todas.

Resolveram que Martha deveria deixá-los naquela mesma tarde para visitar sua mãe. Margaret desejava que a tivessem despachado no dia anterior, pois imaginou que poderia parecer estranho dar folga para uma criada quando o estado da sua patroa requeria tantos cuidados.

Pobre Margaret! Durante toda aquela tarde ela teve que fazer o papel de uma filha romana, e dar ao pai um pouco das raras forças que tinha. Mr. Hale devia ter esperança, não se desesperar com os ataques de enfermidade da esposa. Ele se animara com cada pausa no sofrimento de Mrs. Hale, acreditando que era o início da recuperação final. E assim, quando as crises vieram, cada uma mais severa do que a anterior, surgiram novas agonias e maiores decepções para ele. Naquela tarde, ele sentou-se na sala de visitas, incapaz de suportar a solidão do seu estúdio, ou de ocupar-se de qualquer forma. Enterrou a cabeça nos braços, apoiados sobre a mesa. O coração de Margaret doeu ao vê-lo. Mas, como ele não falou, ela não queria fazer uma tentativa de consolá-lo. Martha havia partido. Dixon estava com Mrs. Hale enquanto ela dormia. A casa estava quieta e silenciosa, e a escuridão chegou sem que houvesse qualquer movimento para buscar os candeeiros. Margaret sentou-se à janela, olhando para os lampiões na rua, mas sem ver nada – só atenta aos pesados suspiros do pai. Ela não queria descer para buscar os candeeiros, pois, retirada a tácita restrição proporcionada pela sua presença, o pai poderia se entregar a uma emoção mais violenta, sem que ela estivesse por perto para confortá-lo. Estava justamente

pensando que deveria ir ver o andamento do fogo na cozinha, já que não havia ninguém além dela para fazê-lo, quando ouviu tocar o sino da porta de entrada, com um puxão tão violento que retiniu por toda a casa, embora o som real não fosse alto. Ela se levantou e passou pelo pai, que sequer havia se movido àquele som velado e sombrio... Voltou-se e beijou-o ternamente. E ainda assim ele não se moveu, nem tomou conhecimento do seu abraço afetuoso. Depois desceu suavemente, no escuro, até a porta. Dixon teria posto a corrente antes de abri-la, mas Margaret não pensou em ter medo, na sua mente preocupada. A figura alta de um homem estava entre ela e a rua iluminada. Ele estava olhando para fora, mas ao som do trinco virou-se rapidamente.

– Esta é a casa de Mr. Hale? – disse ele, em uma voz clara, cheia, delicada.

Margaret tremeu dos pés à cabeça. No princípio ela não respondeu. Mas no momento seguinte suspirou.

– Frederick! – e estendeu ambas as mãos para pegar as suas, e puxá-lo para dentro.

– Oh, Margaret! – disse ele, segurando-a pelos ombros e olhando-a, depois de terem se beijado, como se até mesmo naquela escuridão ele pudesse ver o seu rosto, e ler na sua expressão uma resposta mais rápida para a sua pergunta do que as palavras poderiam dar.

– Minha mãe! Ela está viva?

– Sim, ela está viva. Meu querido, querido irmão! Ela está tão doente quanto pode estar, mas viva! Ela está viva!

– Graças a Deus! – disse ele.

– Papai está totalmente prostrado com esta grande aflição.

– Estavam me esperando, não é?

– Não, nós não recebemos nenhuma carta.

– Então eu cheguei antes dela. Mas minha mãe sabe que eu estou vindo?

– Oh! Nós todos sabíamos que você viria. Mas espere um pouco! Fique aqui. Me dê sua mão. O que é isto? Ah! A sua bolsa de viagem. Dixon fechou as venezianas, mas este é o estúdio do papai, e pode se sentar em uma cadeira para descansar alguns minutos, enquanto eu vou contar a ele.

Ela tateou até encontrar a vela e os fósforos. Sentiu-se acanhada, de repente, quando a luz fraca incidiu sobre eles. Tudo o que ela pôde ver foi que o rosto do irmão tinha uma aparência morena fora do comum, e captar o olhar furtivo de um par de notáveis olhos azuis, que cintilaram um instante com a divertida consciência do seu propósito mútuo de inspecionar um ao outro. Mas embora o irmão e a irmã tivessem um momento de afinidade na sua troca de olhares, não disseram uma palavra. Apenas, Margaret sentia que certamente teria gostado de ter o irmão como um companheiro, tanto quanto já o amava como parente tão próximo. Seu coração estava maravilhosamente leve quando subiu as escadas. A tristeza não era menos real, mas se tornou menos opressiva por haver alguém que tinha com ela precisamente a mesma relação que Margaret tinha. Nem a atitude desesperada do pai teria o poder de desanimá-la agora. Ele estava apoiado na mesa, desamparado como sempre. Mas ela possuía o encanto que o faria despertar. Usara-o talvez com muita intensidade, para o

alívio da sua própria e imensa dor.

– Papai! – ela disse.

Lançou os braços ternamente ao redor do seu pescoço e levantou-lhe a cabeça cansada com suave firmeza, até que descansasse nos seus braços, e ela pudesse olhar nos olhos dele para transmitir-lhe força e segurança.

– Papai! Adivinhe quem está aqui!

Ele olhou para ela. Margaret viu a ideia da verdade refletir-se na tristeza nebulosa dos seus olhos, e ser afastada como se fosse um delírio da imaginação.

Ele inclinou-se para a frente e escondeu o rosto nos braços mais uma vez, descansando sobre a mesa como fizera até agora. Ela o ouviu sussurrar, e curvou-se ternamente para escutar.

– Eu não sei. Não me fale que é o Frederick.. não o Frederick. Eu não posso suportar isso... estou muito fraco. E a mãe dele está morrendo!

Ele começou a chorar e lamentar como uma criança. Era tão diferente de tudo o que Margaret havia esperado e imaginado, que ela ficou doente de decepção, e calou-se por um momento. Então falou novamente – de forma muito diferente – não tão exultante, mas bem mais terna e cuidadosa.

– Papai, é o Frederick! Pense na mamãe, como ela vai ficar feliz! E nós também – ah! como vamos ficar felizes por ela! E por ele, também... nosso pobre menino!

Seu pai não mudou de atitude, mas parecia estar tentando entender o fato.

– Onde ele está? – perguntou, afinal, a face ainda escondida nos braços prostrados.

– No seu estúdio, totalmente só. Eu acendi a vela e corri para cima para lhe contar. Ele está totalmente só, e deve estar se perguntando porquê.

– Eu irei vê-lo – interrompeu o pai.

E ele se ergueu e apoiou-se no braço de Margaret, como no braço de um guia.

Margaret levou-o até a porta do estúdio, mas seu espírito estava tão agitado que ela sentiu que não suportaria ver o encontro dos dois. Virou-se, correu escada acima, e chorou copiosamente. Foi a primeira vez em muitos dias que ela ousou se permitir esse alívio. A tensão tinha sido terrível, como ela sentia agora. Mas Frederick tinha vindo! Ele, seu único e querido irmão, estava lá, seguro, entre eles novamente! Ela mal podia acreditar nisso. Parou de chorar e abriu a porta do seu quarto. Não ouviu nenhum som de vozes, e quase temeu que tivesse sonhado. Desceu as escadas e parou para escutar na porta do estúdio. Ouvia o murmúrio de vozes, e isso era o suficiente. Entrou na cozinha e atçou o fogo, iluminou a casa, e preparou uma refeição leve para o viajante. Fora uma felicidade que a mãe estivesse dormindo! Ela sabia que ela estava, pela luz da vela através do buraco da fechadura do seu quarto. O viajante poderia se alimentar e refrescar-se, e a primeira agitação do encontro com o pai já teria passado, antes que a mãe ficasse ciente de qualquer coisa incomum.

Quando tudo estava pronto, Margaret abriu a porta do estúdio e entrou, como uma copeira, carregando uma pesada bandeja nos braços. Ela estava orgulhosa de servir Frederick. Mas ele, quando a viu, saltou para ela na mesma hora, e aliviou-a da sua carga. Era um exemplo, um sinal, de todo o alívio que a presença dele iria trazer. O irmão e a irmã arrumaram a mesa juntos, falando pouco, mas o toque das suas mãos e seus olhos expressavam aquela linguagem natural, tão inteligível para aqueles que tem o mesmo sangue. O fogo tinha se apagado, e Margaret dedicou-se a acendê-lo, pois as noites começavam a esfriar. E era melhor fazer qualquer barulho tão distante quanto possível do quarto de Mrs. Hale.

– Dixon diz que é um dom acender um fogo, não uma arte que se possa aprender.

– *Poeta nascitur, non fit*^[2] – murmurou Mr. Hale, e Margaret ficou contente de ouvir novamente uma citação, ainda que fosse dita sem vivacidade.

– Minha velha e querida Dixon! Como vamos nos beijar um ao outro! – disse Frederick – Ela me beijava e então olhava para o meu rosto, para estar segura de que eu era a pessoa certa, e então começava outra vez! Mas, Margaret, como você é desajeitada! Eu nunca vi um pequeno par de mãos tão desajeitado e inútil. Corra e vá lavá-las, para cortar um pouco de pão com manteiga para mim, e deixe o fogo comigo. Eu cuidarei disso. Acender fogos é um dos meus talentos naturais.

E assim Margaret saiu, e voltou, e passou para dentro e para fora da sala, em uma alegre inquietude que não podia satisfazer ficando sentada imóvel. Quanto mais desejos Frederick tinha, mais ela ficava contente, e ele entendeu tudo isso por instinto. Era uma alegria arrancada do luto daquela casa, e o seu sabor era ainda mais pungente, porque eles sabiam, nas profundezas dos seus corações, a tristeza irremediável que os aguardava.

Em meio a isso, ouviram os passos de Dixon na escada. Mr. Hale estremeceu, em sua postura abatida na enorme poltrona, da qual estivera observando os filhos de modo sonhador, como se eles estivessem atuando em alguma comédia – o que era bonito de olhar, mas fora da realidade – e na qual ele não representava nenhum papel. Ele se levantou e olhou para a porta, mostrando uma ansiedade tão estranha e súbita para esconder Frederick da visão de qualquer pessoa que entrasse – mesmo sendo a fiel Dixon – que um calafrio percorreu o coração de Margaret, lembrando-a do novo medo em suas vidas. Ela pegou o braço de Frederick e agarrou-o com força, enquanto um sério pensamento contraiu-lhe os traços e a fez apertar os dentes. E ainda assim eles sabiam que eram apenas os passos lentos de Dixon. Eles a ouviram caminhar ao longo do corredor, em direção à cozinha. Margaret se levantou.

– Vou até lá contar a ela. E saberei notícias da mamãe – disse Margaret.

Mrs. Hale estava acordada. Ela estava um tanto confusa no início, mas depois que lhe serviram um pouco de chá sentiu-se melhor, embora não disposta a falar. Era melhor que a noite passasse, antes que lhe contassem da chegada do

filho. A visita do Dr. Donaldson, marcada de antemão, já causaria agitação suficiente para aquele fim de tarde. E ele poderia lhes dizer como prepará-la para ver Frederick. O irmão estava ali, na casa, e poderia ser chamado a qualquer momento.

Margaret não conseguia ficar parada. Era um alívio para ela ajudar Dixon em todos os seus arranjos para o “jovem Frederick”. Parecia que ela nunca poderia se cansar outra vez. Cada olhar rápido para a sala onde ele sentava-se ao lado do pai, conversando com ele, sobre algo que ela nem sabia, nem se preocupava em saber – aumentava as suas forças. Sua própria oportunidade de falar e ouvir chegaria afinal, e ela sabia bem disso, a ponto de não sentir pressa em fazê-lo agora. Margaret olhou a aparência do irmão e gostou. Ele tinha traços delicados, que escapavam de ser efeminados pela cor morena da pele e pela viva intensidade de expressão. Os olhos geralmente eram risonhos, mas às vezes os olhos e a boca mudavam tão de repente – e lhe davam tal ideia de paixão latente – que quase a amedrontava. Mas esse olhar era só por um momento. E não havia nisso nenhuma obstinação, nenhuma índole vingativa, era antes a ferocidade de expressão momentânea que vem ao rosto de todos os nativos de países selvagens ou sulistas – uma ferocidade que aumenta o encanto da suavidade pueril com a qual esse olhar se confunde. Margaret poderia temer a violência dessa natureza impulsiva, casualmente traída dessa forma, mas não havia nada nisso que a fizesse desconfiar, ou ao menos recuar, do irmão recém encontrado. Pelo contrário, todos os seus encontros foram singularmente encantadores desde o primeiro dia. Margaret soube então quanta responsabilidade tivera que aguentar, pela maravilhosa sensação de alívio que tinha na presença de Frederick. Ele entendia o pai e a mãe – sua índole e suas fraquezas, e seguiu na sua liberdade descuidada, que ainda era delicadamente cuidadosa para não machucar ou ferir quaisquer dos seus sentimentos. Frederick parecia saber por instinto quando um pouco do esplendor natural das suas maneiras e conversação não abalaria a profunda depressão do pai, nem aliviaria a dor da mãe. Sempre que ele estivesse fora do tom ou fora do tempo, a sua devoção paciente e vigilância entravam em cena, e o transformavam em um enfermeiro admirável. Então Margaret chegava quase às lágrimas, emocionada com as alusões que ele fazia com frequência sobre os seus dias de infância em New Forest. Ele nunca a esquecera – nem a Helstone – durante todo o tempo em que estivera vagando por países distantes e povos estrangeiros. Ela poderia falar com ele do velho lugar, sem medo de cansá-lo jamais. Tinha sentido medo dele antes que viesse, até mesmo enquanto ansiava pela sua vinda. Sete ou oito anos haviam produzido, ela sentia, tantas grandes mudanças nela mesma que – esquecendo quanto da Margaret original restara – ela havia raciocinado que se os seus gostos e sentimentos foram tão materialmente alterados, mesmo na sua vida bastante caseira, a carreira desordenada dele, da qual ela estava informada de modo incompleto, devia quase ter trocado outro Frederick pelo moço alto no uniforme de aspirante, a quem ela se lembrava de ter venerado com respeitoso temor. Mas, nas suas ausências, eles tinham crescido muito próximos um do outro em idade, como também em muitas outras coisas. E assim aconteceu que

Margaret foi aliviada daquele peso, em um tempo de tanta tristeza. Ela não tinha nenhuma outra luz que não fosse aquela da presença de Frederick Durante algumas horas a mãe se alegrou em ver o filho. Sentou-se com a mão dele nas suas, e não a retirou nem sequer quando dormiu. E Margaret teve que alimentá-lo como um bebê, antes que ele pudesse perturbar a mãe mexendo um dedo que fosse. Mrs. Hale acordou enquanto eles estavam nessa função. Ela moveu a cabeça lentamente no travesseiro e sorriu para os seus filhos, como se entendesse o que eles estavam fazendo, e por que fora feito.

– Eu sou muito egoísta – ela disse – mas não será por muito tempo.

E Frederick se ajoelhou e beijou a fraca mão que aprisionara a sua.

Este estado de tranquilidade não duraria muitos dias, nem talvez muitas horas, foi o que Dr. Donaldson assegurou a Margaret. Depois que o bondoso médico saiu, ela foi furtivamente até Frederick que, durante a visita, tinha sido intimado a permanecer quietamente escondido no salão da parte de trás, normalmente o quarto de Dixon, mas agora cedido para ele.

Margaret lhe falou o que Dr. Donaldson dissera.

– Eu não acredito nisso – ele exclamou. – Ela está muito doente. Pode estar seriamente doente, e em perigo imediato também. Mas não posso imaginar que ela poderia estar do jeito que está, se estivesse a ponto de morrer. Margaret! Ela deveria ter uma outra opinião... algum médico de Londres, talvez. Você nunca pensou nisso?

– Sim – disse Margaret – mais de uma vez. Mas não acredito que isso lhe fizesse algum bem. E, você sabe, nós não temos dinheiro para trazer nenhum grande cirurgião de Londres, e estou certa que Dr. Donaldson perde pouco em habilidade para o melhor de todos – se, na verdade, não é um deles.

Frederick começou a caminhar para cima e para baixo no quarto, com impaciência.

– Eu tenho crédito em Cádiz – disse ele – mas não aqui, devido a essa miserável mudança de nome. Por que meu pai deixou Helstone? Essa foi a asneira.

– Não foi nenhuma asneira – disse Margaret, com tristeza. – E acima de tudo, evite deixar que o papai ouça qualquer coisa como essa que acabou de dizer. Eu posso perceber que ele já está se atormentando com a ideia de que mamãe nunca teria adoecido se tivéssemos ficado em Helstone, e você não conhece o torturante poder que o papai tem de sentir remorso!

Frederick caminhava como se estivesse no tombadilho. Afinal, parou em frente a Margaret e olhou por um momento para o seu semblante abatido e desesperado.

– Minha pequena Margaret! – ele disse, acariciando-a. – Vamos ter esperanças enquanto pudermos. Pobre mocinha! Quê? Esse rostinho está molhado de lágrimas? Eu terei esperança. Terei, apesar de mil doutores. Resista, Margaret, seja corajosa o bastante para ter esperanças!

Margaret sufocou-se ao tentar falar, e quando o fez foi em tom muito baixo.

– Eu tenho que tentar ser dócil o bastante para confiar. Oh, Frederick!

Mamãe estava conseguindo me amar com ternura! E eu estava conseguindo entendê-la. E agora vem a morte para nos romper em pedaços!

– Vamos, vamos! O que é isso! Vamos subir e fazer algo, em vez de desperdiçar um tempo que pode ser tão precioso. Pensar já me deixou triste mais de uma vez, querida! Mas agir nunca fez isso, em toda a minha vida. Minha teoria é um tipo de paródia do ditado “Ganhe dinheiro, meu filho, honestamente se puder, mas ganhe dinheiro.” Meu preceito é “Faça algo, minha irmã, faça o bem se puder, mas, de qualquer modo, faça algo.”

– Sem excluir os danos – disse Margaret, sorrindo fracamente por entre as lágrimas.

– De jeito nenhum. O que eu faço é excluir o remorso depois. Apague os seus crimes (se você for especialmente conscienciosa) fazendo uma boa ação, logo que for possível. Assim como fazíamos uma soma correta na lousa da escola, onde uma soma incorreta fora apagada apenas pela metade. Era melhor que molhar a esponja com as nossas lágrimas. Tanto menor a perda de tempo, onde as lágrimas tinham que ser esperadas, e um efeito melhor, no final.

Se Margaret achou a teoria de Frederick um tanto dura no princípio, viu como ela de fato trabalhava na produção ininterrupta de bondade. Depois de uma noite ruim com a mãe (pois ele insistira em fazer seu turno de vigília), na manhã seguinte já estava ocupado antes do café da manhã, inventando um descanso de pernas para Dixon, que estava começando a sentir os efeitos da vigília constante. Durante o café da manhã, entreteu Mr. Hale com relatos vívidos, agitados e descritivos da vida selvagem que levava no México, América do Sul e outros lugares. Margaret teria desistido do esforço desesperado para despertar Mr. Hale do seu abatimento. Isso até mesmo a teria afetado, e a tornou absolutamente incapaz de falar sobre o assunto. Mas Fred, fiel à sua teoria, fazia algo perpetuamente. E falar era a única coisa a ser feita, além de comer, no café da manhã.

Antes da noite daquele dia, a opinião do Dr. Donaldson provou ser muito bem fundamentada. Vieram as convulsões, e quando cessaram, Mrs. Hale estava inconsciente. O marido pôde se deitar ao lado dela, sacudindo a cama com seus soluços. Os braços fortes do filho puderam erguê-la com ternura, em uma posição mais confortável. As mãos da filha puderam banhar seu rosto. Mas ela não os reconheceu. Ela nunca iria reconhecê-los novamente, até que se encontrassem no Céu.

Antes do amanhecer estava tudo acabado.

Então Margaret despertou do seu tremor e desânimo, e se tornou um anjo forte de consolo para o pai e o irmão. Pois Frederick estava arrasado, e todas as suas teorias eram inúteis para ele. Frederick chorou tão violentamente quando se trancou sozinho no seu pequeno quarto, à noite, que Margaret e Dixon desceram apavoradas para pedir que ficasse quieto, pois as paredes da casa eram muito finas, e os vizinhos da casa ao lado poderiam ouvir seus jovens e apaixonados soluços facilmente, tão diferentes da lenta agonia trêmula do pós-morte, quando nos acostumados à dor, e não ousamos nos rebelar contra o destino inexorável, sabendo quem o decretou.

Margaret sentou-se com o pai no quarto com a morta. Se ele tivesse chorado, ela teria ficado agradecida. Mas ele sentou-se na cama muito quietamente, apenas, de vez em quando, descobria a face da esposa e a

acariciava gentilmente, fazendo uma espécie de suave ruído inarticulado, como o de alguma mãe animal acariciando seus filhotes. Ele não tomou conhecimento da presença de Margaret. Uma ou duas vezes ela veio beijá-lo, e ele submeteu-se a isso, dando-lhe um pequeno empurrão depois, como se o afeto dela o perturbasse da sua absorção na morte. Ele estremeceu ao ouvir os gritos de Frederick e sacudiu a cabeça:

– Pobre menino! Coitado! – ele disse, e não tomou mais conhecimento.

O coração de Margaret doía dentro dela. Não conseguia pensar em sua própria perda, pensando no caso do pai. A noite se esgotara, e o dia chegava, quando, sem uma palavra de preparação, a voz de Margaret quebrou o silêncio do quarto, com uma clareza de som que assustou até a si mesma:

– Não deixe seu coração ser perturbado – disse ela, e seguiu com firmeza através desse capítulo de consolo indizível.

[1] Charles Southwell (1814-1860): jornalista e livre-pensador radical inglês, ligado aos movimentos operários e socialistas do século 19 na Inglaterra.

[2] Expressão latina que significa “um poeta nasce feito, não se torna poeta”.

CAPÍTULO 31

“OS VELHOS CONHECIDOS DEVERIAM SER ESQUECIDOS?”[1]

“Não mostram aquelas maneiras, e todas essas feições,
A astúcia da serpente, e a queda do pecador?”
Crabbe[2]

A fria, gelada manhã de outubro surgiu. Não a manhã de outubro do campo, com suas névoas macias e prateadas desaparecendo antes da chegada dos raios de sol, que salientavam toda a beleza deslumbrante das cores, mas a manhã de outubro de Milton, cujas névoas prateadas eram pesados nevoeiros, e onde o sol só podia mostrar longas ruas escuras, quando irrompia e brilhava. Margaret se arrastava desanimada, ajudando Dixon na sua tarefa de arrumar a casa. Seus olhos estavam continuamente cegos pelas lágrimas, mas ela não tinha tempo para dar vazão ao choro como devia. O pai e o irmão dependiam dela. Enquanto eles se entregavam à sua tristeza, ela devia estar trabalhando, planejando, ponderando. Até mesmo os arranjos necessários para o funeral pareciam ter sido delegados a ela.

Quando o fogo estava crepitando, brilhante – quando tudo estava pronto para o café da manhã, e a chaleira de chá cantava no fogão – Margaret deu um último olhar em volta do cômodo, antes de chamar Mr. Hale e Frederick Queria que tudo parecesse tão alegre quanto possível, e mesmo assim, quando conseguiu, o contraste entre o ambiente e os seus próprios pensamentos levou-a subitamente a chorar. Ela estava ajoelhando junto ao sofá, escondendo o rosto nas almofadas para que ninguém ouvisse o seu choro, quando Dixon tocou-lhe o ombro.

– Vamos, Miss Hale... vamos, minha querida! Não deve se desesperar, senão o que será de todos nós? Não há outra pessoa na casa em condições de decidir qualquer coisa, e há tanto o que fazer! É preciso resolver quem cuidará do funeral, quem deve ser convidado, onde será realizado, e tudo o mais. E o jovem Frederick está quase louco de tanto chorar, e o patrão nunca foi bom para resolver qualquer coisa, e também, pobre cavalheiro, anda por aí como se estivesse perdido. É ruim o bastante, minha querida, eu sei. Mas a morte vem para todos nós, e você tem sorte de nunca ter perdido qualquer amigo até agora. Talvez sim. Mas esta é uma perda por si só, não pode ser comparada com qualquer outro evento no mundo.

Margaret não obteve nenhum consolo das palavras de Dixon, mas a ternura incomum das maneiras da velha e afetada criada tocou-lhe o coração. E mais pelo desejo de mostrar sua gratidão por isso do que por qualquer outra razão, ela se levantou e sorriu em resposta ao olhar ansioso de Dixon. E foi dizer ao pai e ao irmão que o café da manhã estava pronto.

Mr. Hale veio – como se estivesse em um sonho, ou antes, com o movimento inconsciente de um sonâmbulo, cujos olhos e mente percebem outras coisas além do que está presente. Frederick entrou vivamente, com uma alegria forçada, agarrou a mão dela, olhou nos seus olhos, e começou a chorar. Ela teve

que se esforçar para pensar em pequenas coisinhas para dizer durante todo o café da manhã, de modo a evitar que retornasse com muita força à mente dos seus companheiros a última refeição que haviam feito juntos, quando houvera uma ininterrupta e tensa escuta de algum som ou sinal vindo do quarto da doente.

Depois do café da manhã, ela resolveu falar com o pai sobre o funeral. Ele sacudiu a cabeça e concordou com tudo que ela propôs, embora muitas das suas proposições contradissem totalmente umas às outras. Margaret não obteve nenhuma decisão concreta da parte dele, e estava deixando o quarto desanimada para ter uma consulta com Dixon, quando Mr. Hale chamou-a de volta.

– Peça a Mr. Bell – disse ele, em uma voz apática.

– Mr. Bell! – ela disse, um pouco surpresa. – Mr. Bell de Oxford?

– Mr. Bell – ele repetiu. – Sim. Ele foi meu padrinho de casamento.

Margaret entendeu a associação.

– Vou escrever-lhe hoje – disse ela.

E o pai afundou novamente na apatia. Margaret trabalhou durante toda a manhã, desejando descansar, mas em um turbilhão contínuo de negócios melancólicos.

Ao anoitecer, Dixon disse a ela:

– Já está feito, senhorita. Eu estava realmente temerosa pelo patrão, de que ele tivesse um derrame de tanta tristeza. Ele esteve o dia todo com a pobre senhora, e quando escutei à porta, eu o ouvi falando com ela, e falando com ela como se ela estivesse viva. Quando eu entrei ele ficou muito quieto, mas parecia que estava em um labirinto. Então eu pensei, temos que animá-lo. E se lhe der um choque no princípio, talvez depois seja até melhor. Então eu lhe disse que não acho seguro para o jovem Frederick ficar aqui. E não acho. Foi só na terça-feira, quando eu estava fora, que encontrei um homem de Southampton – o primeiro que eu vejo desde que cheguei a Milton. Eles não andam muito por aqui, eu acho. Bem, era o jovem Leonards, o filho do velho Leonards, o vendedor de tecidos – o maior patife que já existiu – que flagelou seu pai quase até a morte, e depois fugiu para o mar. Eu nunca pude suportá-lo. Ele estava no Orion ao mesmo tempo que o jovem Frederick, eu sei, embora não me lembre se ele estava lá quando houve o motim.

– E ele reconheceu você? – disse Margaret, ansiosamente.

– Ora, isso é o pior de tudo. Eu não acredito que ele teria me reconhecido se eu não fosse tola o suficiente para chamar o seu nome. Ele era um homem de Southampton, em um lugar estranho, ou então eu nunca o teria chamado tão prontamente, um camarada inútil, sórdido como ele. Ele disse “Miss Dixon! Quem teria pensado em vê-la por aqui? Mas talvez eu me engane, e você não seja mais a senhorita Dixon?” E então eu lhe falei que ainda podia se dirigir a mim como uma dama solteira, embora eu tivesse boas chances de casamento, se não houvesse sido tão exigente. Ele foi bastante cortês: “Ele não podia olhar para mim e duvidar disso.” Mas eu não seria pega nessa brincadeira por um camarada do tipo dele, e foi o que lhe disse. E, para lhe dar o troco, eu lhe perguntei pelo pai (que eu sabia que o tinha expulso de casa), como se eles fossem os melhores amigos do mundo. Então, para me irritar – pois, como vê, estávamos ficando cruéis, para compensar as cortesias que dissemos um ao outro

– ele começou a perguntar pelo jovem Frederick e disse em que complicação ele se envolvera (como se as complicações do jovem Frederick algum dia fossem deixar George Leonards limpo, e fazê-lo parecer outra coisa que não sujo e sórdido), e de como Frederick seria enforcado por motim, se algum dia fosse pego, e como uma recompensa de cem libras tinha sido oferecida para quem o prendesse, e que desgraça isso tinha sido para a sua família. Tudo para me ofender, minha querida, porque antes disso eu ajudei o velho Mr. Leonards a dar a George uma boa avaliação, lá em Southampton. Então eu disse que havia outras famílias que ficariam gratas se pudessem pensar que estavam ganhando a vida honestamente, como eu sabia, e que teriam muito mais motivos para se envergonhar dos seus filhos, e bem longe de casa. Ao que ele respondeu, como o sujeito atrevido que é, que ele estava em uma missão confidencial, e que se eu soubesse de qualquer jovem que tivesse sido infeliz o suficiente para seguir o mau caminho, e quisesse se recuperar, ele não teria nenhuma objeção em emprestar-lhe o seu patrocínio. Ele, realmente! Ora, ele corromperia um santo. Eu não me sentia tão mal há anos, como quando estava de pé conversando com ele outro dia. Eu podia ter chorado só de pensar que não consegui irritá-lo o bastante, porque ele continuou sorrindo na minha cara, como se levasse todos os meus cumprimentos a sério. E eu não percebi que ele prestou atenção a tudo o que eu disse, pelo menos, enquanto eu estava furiosa com os seus discursos.

– Mas você lhe falou alguma coisa sobre nós... sobre Frederick?

– Não eu – disse Dixon. – Ele nunca teve a graça de perguntar onde eu estava hospedada. E eu não teria lhe contado, se ele perguntasse. Nem eu lhe perguntei qual era a sua preciosa missão. Ele estava esperando por um ônibus, que se aproximou naquela hora, e ele fez sinal. Mas, para me atormentar até o fim, ele se voltou antes de subir no ônibus e disse “Se você puder me ajudar a pegar o Tenente Hale, Miss Dixon, seremos parceiros na recompensa. Eu sei que você gostaria de ser minha parceira, não gostaria? Não seja tímida, apenas diga sim.” E ele saltou no ônibus, e eu vi sua cara feia me olhando atravessado com um sorriso malicioso, pensando em como tinha dito a última palavra para me irritar.

Margaret ficou muito perturbada com esse relato de Dixon.

– Você contou a Frederick? – perguntou ela.

– Não – disse Dixon. – Eu fiquei inquieta de saber que aquele maldoso do Leonards estava na cidade. Mas havia tantas outras coisas em que pensar, que eu não me lembrei mais disso. Mas quando eu vi o patrão sentado rígido, com os olhos tão vidrados e tristes, pensei que iria despertá-lo, se tivesse que pensar um pouco na segurança do jovem Frederick. Então eu lhe contei tudo, embora ficasse ruborizada de lhe dizer que um rapaz estivera falando comigo. E isso fez bem ao patrão. E se formos manter o jovem Frederick escondido, pobre rapaz, ele teria que ir antes da chegada de Mr. Bell.

– Oh, eu não tenho medo de Mr. Bell, mas tenho medo desse Leonards. Eu tenho que contar para Frederick. Como é esse Leonards?

– Um sujeito mal-encarado, posso assegurar-lhe, senhorita. Uns bigodes que eu teria vergonha de usar, se fosse ele – de tão vermelhos que são! E, pelo que disse, ele conseguiu uma missão confidencial. Estava vestido de fustão, como um trabalhador.

Era evidente que Frederick devia partir. E partir justo quando havia

ocupado tão completamente seu lugar na família, e prometia ser um grande esteio e apoio para o pai e a irmã. Partir, quando os cuidados dele para com a mãe ainda viva, e sua tristeza pela morte dela, pareciam torná-lo uma dessas pessoas peculiares, que são ligadas a nós por um amor fraternal por aqueles que se foram. Enquanto Margaret estava pensando sobre tudo isso, sentada junto à lareira da sala – o pai inquieto e desconfortável sob a pressão desse medo recentemente despertado, e sobre o qual ele ainda não falara – Frederick entrou. Seu brilho esmaecera, mas a extrema violência da dor havia passado. Ele veio até Margaret e beijou-lhe a testa.

– Como você está pálida, Margaret! – disse ele, em voz baixa. – Você tem pensado em todo o mundo e ninguém pensou em você. Deite-se neste sofá... não há nada que possa fazer no momento.

– Isso é o pior – disse Margaret, em um sussurro triste.

Mas ela se deitou, e o irmão cobriu seus pés com um xale. Depois sentou-se no chão ao seu lado. E os dois começaram a falar em um dom controlado. Margaret lhe contou tudo o que Dixon havia dito sobre o seu encontro com o jovem Leonards. Os lábios de Frederick se apertaram em uma expressão de horror.

– Eu gostaria que as coisas se resolvessem de uma vez por todas com esse rapaz. Nunca houve um marinheiro pior a bordo de um navio... nem um homem pior também. Eu lhe digo, Margaret... Você conhece as circunstâncias do caso todo?

– Sim, mamãe me contou.

– Bem, quando todos os marinheiros que serviam para alguma coisa ficaram indignados com o nosso capitão, este companheiro, para bajular... Ah! E pensar que ele está aqui! Ah, se ele tivesse apenas uma noção de que eu estava a vinte milhas de distância, ele me caçaria para saldar antigos ressentimentos. Eu prefiro que qualquer pessoa receba as cem libras que eles acham que eu valho, do que aquele patife. Que pena que a pobre e velha Dixon não pôde ser convencida a desistir de mim e fazer um pé-de-meia para a sua velhice!

– Ah, Frederick, fique quieto! Não fale assim.

Mr. Hale veio até eles, ansioso e trêmulo. Ouvira por acaso o que estavam dizendo. Colocou a mão de Frederick entre as suas:

– Meu menino, você precisa partir. É muito triste – mas eu sei que precisa. Você fez tudo o que pôde. Foi um verdadeiro conforto para ela.

– Oh, papai, ele tem que ir? – disse Margaret, pleiteando contra sua própria convicção daquela necessidade.

– Posso afirmar que tenho a mente firme para enfrentar isso e aguentar meu julgamento. Se eu pudesse ao menos conseguir as provas! Não posso suportar a ideia de ficar nas mãos de um tal patife como esse Leonards. Eu quase poderia ter desfrutado – se as circunstâncias fossem outras – desta visita furtiva: teve todo o charme que a mulher francesa atribui aos prazeres proibidos.

– Uma das coisas mais antigas de que me lembro – disse Margaret – foi de você ter se metido em uma grande enrascada por roubar maçãs, Fred. Nós tínhamos o bastante em casa – árvores carregadas delas. Mas alguém lhe disse que as frutas roubadas tinham um gosto mais doce, o que você levou *au pied de*

la lettre [3], e saiu para roubar. Seus sentimentos não mudaram muito desde então.

– Sim, você tem que ir – repetiu Mr. Hale, respondendo à pergunta de Margaret, feita um tempo atrás. Seus pensamentos estavam fixos apenas em uma coisa, e era um esforço para ele seguir as observações em zigue-zague dos seus filhos – um esforço que ele não fez.

Margaret e Frederick se entreolharam. Aquela afinidade rápida e transitória não existiria mais entre eles, se ele fosse embora. Muitas coisas não puderam ser exprimidas, e foram compreendidas apenas com o olhar. Ambos seguiram o mesmo pensamento, até que ele se perdesse na tristeza. Frederick afastou-o primeiro:

– Sabe, Margaret, estive muito perto de assustar Dixon e a mim mesmo, esta tarde. Eu estava no meu quarto quando ouvi alguém tocar a campainha da porta da frente, mas pensei que a pessoa que tocou já tivesse resolvido o seu assunto e ido embora há muito tempo. Então resolvi ir até o corredor, quando, ao abrir a porta do meu quarto, vi Dixon descendo as escadas. Ela ficou zangada e mandou eu me esconder novamente. Mantive a porta aberta, e a ouvi dar um recado para um homem que estava no estúdio do papai, e que então foi embora. Quem poderia ter sido? Algum dos trabalhadores?

– É bem provável – disse Margaret, indiferente. – Esteve aqui um homenzinho muito calmo, que veio receber algumas ordens, mais ou menos há duas horas.

– Mas este não era um homenzinho... era um sujeito grande e poderoso. E já eram mais de quatro horas quando ele esteve aqui.

– Era Mr. Thornton – disse Mr. Hale.

Eles ficaram contentes de tê-lo atraído à conversa.

– Mr. Thornton! – disse Margaret, um pouco surpresa. – Eu pensei...

– Bem, menina, o que você pensou? – perguntou Frederick, já que ela não terminou a frase.

– Ah, eu só pensei – disse ela, corando e olhando diretamente para ele – que você falasse de alguém de uma classe diferente, não um cavalheiro. Alguém que viesse com uma incumbência.

– Ele parecia alguém desse tipo – disse Frederick, negligentemente. – Eu o tomei por um vendedor, e acaba que ele é um industrial.

Margaret ficou calada. Lembrou-se de como, no princípio, antes de conhecer o seu caráter, ela havia pensado e falado dele do mesmo modo que Frederick fazia agora. Aquela era apenas uma impressão natural causada por ele, e mesmo assim Margaret ficou um pouco aborrecida com isso. Não estava disposta a falar. Queria fazer Frederick entender que tipo de pessoa Mr. Thornton era, mas sua língua estava presa.

Mr. Hale continuou:

– Ele veio oferecer qualquer ajuda que estivesse ao seu alcance, eu creio. Mas eu não pude vê-lo. Disse para Dixon lhe perguntar se ele gostaria de ver você... Acho que lhe pedi que a procurasse, e que você fosse recebê-lo. Eu não sei o que eu disse.

– Ele tem sido um conhecido muito agradável, não é? – indagou Frederick, lançando a pergunta como uma bola, para quem quisesse pegar.

– Um amigo muito amável – disse Margaret, quando o pai não respondeu.

Frederick ficou calado durante algum tempo. Afinal, disse:

– Margaret, é doloroso pensar que nunca poderei agradecer àqueles que foram bondosos com vocês. Seus conhecidos e os meus devem ser diferentes. A menos, é claro, que eu corra o risco de uma corte marcial, ou a menos que você e meu pai viessem para a Espanha – ele jogou esta última sugestão como uma espécie de isca, e então repentinamente puxou o anzol. – Não sabem como eu gostaria que fossem. Tenho um bom emprego... e a chance de melhorar – continuou ele, ruborizando como uma menina. – Aquela Dolores Barbour de quem eu estava lhe falando, Margaret... eu só queria que você a conhecesse. Estou certo de que você iria gostar... não, gostar é muito pobre, amar é a palavra certa,... O senhor iria amá-la, pai, se a conhecesse. Ela não tem dezoito anos, mas se ela pensar do mesmo modo daqui a um ano, será minha esposa. Mr. Barbour não nos deixará chamar isso de noivado. Mas se vocês viessem, encontrariam amigos por toda parte, além de Dolores. Pense nisso, pai. Margaret, fique do meu lado.

– Não... Nada mais de mudanças para mim – disse Mr. Hale. – Uma mudança me custou a minha esposa. Nada mais de mudanças nesta vida. Ela estará aqui, e aqui eu ficarei o tempo que me resta.

– Oh, Frederick – disse Margaret – conte-nos mais sobre ela. Eu nunca imaginei isso, mas estou tão contente! Você terá alguém para amá-lo e cuidá-lo, lá na Espanha. Nos conte tudo sobre isso.

– Para começar, ela é uma católica romana. Essa é a única objeção que eu temia. Mas a mudança de opinião do meu pai... não, Margaret, não suspire.

Margaret teria razões para suspirar um pouco mais, antes que a conversa terminasse. O próprio Frederick, na verdade, já era um católico romano, embora ainda não declarado. Era essa, então, a razão por que ele expressara com tanta fraqueza, nas suas cartas, a sua compaixão pela extrema angústia de Margaret com a saída do pai da Igreja. Ela havia pensado que era a desatenção de um marinheiro. A verdade, porém, era que, mesmo então, ele já estava inclinado a renunciar à religião na qual fora batizado – só que as suas opiniões estavam tendendo na direção exatamente oposta às do pai. O quanto o amor tinha a ver com essa mudança, nem mesmo o próprio Frederick poderia dizer. Margaret afinal desistiu de tocar nesse ponto e, voltando ao fato do noivado, começou a considerá-lo sob uma luz nova:

– Mas, pelo bem dela, Fred, você certamente tentará se inocentar das acusações exageradas que pesam contra você, mesmo que a acusação de motim em si seja verdadeira. Se deve haver uma corte marcial, e você puder encontrar suas testemunhas, poderá, de qualquer modo, mostrar que a sua desobediência à autoridade foi porque aquela autoridade foi exercida de modo indigno.

Mr. Hale animou-se, para escutar a resposta do filho.

– Em primeiro lugar, Margaret, quem irá procurar minhas testemunhas? Todos eles são marinheiros, mandados para outros navios, exceto aqueles cujas provas seriam muito pequenas, por tomar parte ou simpatizar com o caso. E depois, permita que eu lhe diga, você não sabe o que é uma corte marcial. Você a considera uma assembleia onde a justiça é administrada, em vez do que realmente é – um tribunal onde a autoridade pesa nove décimos na balança e a prova forma só o outro décimo. Em tais casos, a própria prova mal pode escapar de ser influenciada pelo prestígio da autoridade.

– Mas não vale a pena tentar, para ver quantas provas poderiam ser descobertas e dispostas a seu favor? No momento, todos aqueles que o conheceram antigamente acreditam que é culpado, sem qualquer sombra de atenuante. Você nunca tentou se justificar, e nós nunca soubemos onde buscar provas das suas justificativas. Agora, para o bem de Miss Barbour, torne sua conduta tão clara quanto puder aos olhos do mundo. Ela pode não se importar com isso. Ela tem, estou certa, a mesma confiança em você que todos nós temos. Mas você não deve permitir que ela se una a alguém acusado de algo tão sério, sem mostrar ao mundo exatamente o que foi que você suportou. Você desobedeceu a autoridade – isso foi ruim. Mas ter se mantido leal, sem uma palavra ou ação, enquanto essa autoridade era brutalmente usada, teria sido infinitamente pior. As pessoas sabem o que você fez, mas não os motivos que elevam isso de um crime a uma proteção heroica dos fracos. Pelo bem de Dolores, eles deveriam saber.

– Mas como devo fazê-los saber? Eu não tenho confiança suficiente na pureza e justiça daqueles que seriam os meus juízes para me entregar a uma corte marcial, mesmo se pudesse trazer uma fileira inteira de testemunhas que falassem a verdade. Eu não posso enviar um mensageiro por aí, para anunciar em voz alta e proclamar nas ruas o que lhe agrada chamar de meu heroísmo. Ninguém leria um panfleto de autojustificação tanto tempo após o fato, mesmo se eu fizesse um.

– Você pode consultar um advogado sobre as suas chances de absolvição? – perguntou Margaret, olhando-o e corando fortemente.

– Eu tenho que primeiro pegar meu advogado, dar uma boa olhada e ver se gosto dele, antes de torná-lo meu confidente. Muitos advogados sem clientes poderiam esquecer a sua consciência, a ponto de achar que poderiam ganhar cem libras com muita facilidade fazendo uma boa ação: entregar a mim, um criminoso, para a justiça.

– Bobagem, Frederick! Pois eu conheço um advogado em cuja honra

posso confiar, de cuja capacidade profissional as pessoas falam muito bem, e que fará, eu penso, tudo o que for possível por qualquer... qualquer parente da Tia Shaw. Mr. Henry Lennox, papai.

– Eu penso que é uma boa ideia – disse Mr. Hale. – Mas não proponha nada que deterá Frederick na Inglaterra. Não, pelo amor de sua mãe.

– Você poderia ir a Londres amanhã à noite, pelo trem noturno – continuou Margaret, animada com seu plano. – Ele tem que ir amanhã, eu creio, papai – disse ela, ternamente. – Resolvemos isso por causa de Mr. Bell e daquele desagradável conhecido de Dixon.

– Sim. Tenho que ir amanhã – disse Frederick, decididamente.

Mr. Hale gemeu.

– Não posso suportar separar-me de você, e ainda assim fico infeliz com toda essa ansiedade, enquanto está aqui.

– Bem – disse Margaret – então escutem o meu plano. Ele chega a Londres na sexta-feira pela manhã. Eu vou... Não, você pode sim! Seria melhor eu lhe dar um bilhete para Mr. Lennox. Você o achará no seu escritório no Temple.

– Vou fazer uma lista dos nomes de todas as pessoas que eu consiga lembrar que estavam a bordo do Orion. Poderia deixar isso com ele para que os descobrisse. Ele é o irmão do marido de Edith, não é? Lembro-me de você ter mencionado o nome dele em suas cartas. Eu tenho dinheiro sob a guarda de Barbour. Posso pagar uma conta bem longa, se houver qualquer chance de sucesso. Dinheiro, querido pai, que eu pretendia usar para um propósito diferente. Assim, eu o considerarei apenas como um empréstimo do senhor e de Margaret.

– Não faça isso – disse Margaret. – Você não correrá o risco, se o fizer. E será um risco, só que vale a pena tentar. Você pode navegar a partir de Londres, bem como de Liverpool?

– Com certeza, menininha. Onde quer que eu sinta água passando por debaixo de uma prancha, lá eu me sinto em casa. Vou pegar uma embarcação ou outra para me tirar daqui, não tenha medo. Eu não ficarei vinte e quatro horas em Londres, longe de vocês por um lado, e de outra pessoa por outro.

Foi antes um conforto para Margaret que Frederick metesse na cabeça de olhar por sobre o seu ombro enquanto ela escrevia para Mr. Lennox. Se ela não tivesse sido compelida assim a escrever de forma contínua e concisa, poderia ter hesitado a respeito de muitas palavras, e se confundido na escolha de várias expressões, constrangida de ser a primeira a retomar o relacionamento, cujo desenlace tinha sido tão desagradável para ambos os lados. Porém, o bilhete lhe foi tomado antes que ela sequer tivesse tido tempo de relê-lo, e entesourado dentro de um livrinho de bolso, de onde caiu um longo cacho de cabelos negros, cuja visão fez os olhos de Frederick brilharem de prazer.

– Agora você gostaria de ver isso, não é? – disse ele. – Não! Você tem que esperar até que veja a própria pessoa. Ela é muito perfeita para ser conhecida através de fragmentos. Nenhum tijolo mau será um espécime do edifício do meu palácio.

[1] No original em inglês: “Should auld acquaintance be forgot?”. Primeiro verso de uma canção popular inglesa, cantada em geral para comemorar o Ano-novo, chamada “Auld Lang Syne”; A letra pertence a um poema escocês de 1788.

[2] George Crabbe (1754-1832): poeta e naturalista inglês, um dos grandes nomes da literatura nas primeiras décadas do século 19; uma de suas obras, “The Borough”, serviu como base para a ópera “Peter Grimes”, do compositor inglês Benjamin Briten.

[3] Em francês no original: Ao pé da letra.

CAPÍTULO 32

INFORTÚNIOS

“O quê? Ficar para ser
Denunciado... arrastado, talvez, em correntes.”
Werner [\[1\]](#)

Durante todo o dia seguinte, eles se sentaram juntos – os três. Mr. Hale quase não falava, a não ser quando os filhos lhe faziam perguntas, e o forçavam, por assim dizer, a voltar ao presente. O sofrimento de Frederick não era mais visto ou ouvido. O primeiro paroxismo tinha passado, e agora ele se sentia envergonhado de ter se deixado aniquilar pela emoção. E apesar da tristeza pela perda da mãe ser um sentimento real e profundo, que duraria toda a sua vida, nunca mais deveria ser mencionado. Margaret, não tão exaltada no princípio, estava sofrendo mais agora. Às vezes chorava bastante, e seus modos, até mesmo ao falar de coisas indiferentes, tinham uma ternura triste, que se aprofundava sempre que seu olhar caía sobre Frederick e ela pensava na sua partida próxima. Estava contente que ele fosse, por causa do pai, mas sofria muito com isso por sua causa. O terror ansioso em que Mr. Hale vivia, com medo de que o filho fosse descoberto e preso, excedeu em muito o prazer que tivera com sua presença. O nervosismo aumentara desde a morte de Mrs. Hale, provavelmente porque passou então a pensar exclusivamente nisso. Ele se espantava com qualquer barulho estranho, e nunca ficava tranquilo a menos que Frederick se sentasse fora da visão imediata de qualquer um que entrasse na sala. Pela noite ele disse:

– Você irá com Frederick até a estação, Margaret? Eu vou querer saber que ele partiu de forma segura. Você vai me trazer a notícia de que ele está fora de Milton, de qualquer modo?

– Certamente – disse Margaret. - Eu gostaria de ir, se o senhor não ficar solitário sem mim, papai.

– Não, não! Eu estaria sempre imaginando que alguém o tinha reconhecido, e que ele tinha sido detido, a menos que você possa me dizer que o viu partir. E vá para a estação de Outwood. É tão perto, e não há tantas pessoas. Pegue um táxi. Há menos risco de que o vejam. A que horas é o seu trem, Fred?

– Às seis e dez. Já vai estar quase escuro. Então, o que vai fazer, Margaret?

– Oh, não há problema algum. Estou ficando muito corajosa e muito dura. O caminho de volta é muito bem iluminado, caso já esteja escuro. Mas eu estive fora até bem mais tarde, na semana passada.

Margaret ficou agradecida quando a despedida terminou – a despedida da mãe morta e do pai vivo. Ela apressou Frederick para o táxi, de modo a encurtar uma cena que, ela percebeu, era extremamente dolorosa para o pai, que acompanhara o filho enquanto este olhava a mãe pela última vez. Em parte

como consequência disso, e em parte devido a um dos erros muito comuns no “Guia Ferroviário” quanto aos horários de chegada dos trens nas estações menores, eles descobriram, ao chegar a Outwood, que tinham quase vinte minutos de antecedência. A bilheteria ainda não estava aberta, de modo que não podiam nem mesmo comprar o bilhete. De acordo com isso, desceram o lance de escadas que conduzia ao nível do solo abaixo da ferrovia. Havia um largo caminho coberto de resíduos de carvão, que cruzava em diagonal um campo que ficava ao longo da ferrovia, e eles foram caminhar ali de um lado para outro, durante os poucos minutos livres que ainda tinham.

A mão de Margaret estava pousada no braço de Frederick. Ele a pegou com carinho.

– Margaret! Eu vou consultar Mr. Lennox sobre a chance de me isentar da culpa, de forma que possa voltar à Inglaterra sempre que quiser, mais por sua causa do que por causa de qualquer outra pessoa. Não posso suportar a ideia da situação solitária em que ficará, se acontecer alguma coisa a meu pai. Ele parece mudado – terrivelmente triste e abalado. Gostaria que você pudesse levá-lo a pensar no plano de Cádiz, por muitas razões. O que aconteceria com você, se ele viesse a morrer? Não tem nenhum amigo próximo. É curioso como temos pouquíssimas relações.

Margaret mal podia segurar as lágrimas com a terna ansiedade com que Frederick a lembrava de um evento que ela própria sentia que não era muito improvável, tão severamente os cuidados dos últimos meses haviam abatido Mr. Hale. Mas ela tentou animar-se, ao dizer:

– Houve tais mudanças estranhas e inesperadas na minha vida durante estes últimos dois anos, que sinto mais do que nunca o quanto é inútil calcular com muita precisão o que eu deveria fazer na ocorrência de algum evento futuro. Tento pensar só no presente.

Ela fez uma pausa. Eles haviam parado por um momento, perto da escada que conduzia à ferrovia. O sol poente caiu sobre seus rostos. Frederick segurou a mão dela na sua e olhou para o seu rosto com melancólica ansiedade, lendo nele mais cuidados e dificuldades do que ela deixava entrever nas suas palavras. Margaret continuou:

– Vamos escrever muitas vezes um ao outro, e eu prometo – pois vejo que deixará sua mente mais à vontade – contar-lhe toda preocupação que tiver. O papai está...

Ela estremeceu levemente, um tremor dificilmente visível, mas Frederick sentiu o movimento súbito da mão que segurava, e virou o rosto direto para a estrada, ao longo da qual um cavaleiro estava montando lentamente, e acabava de passar pela própria escada onde eles estavam. Margaret cumprimentou-o. Sua saudação foi retribuída com dureza.

– Quem é esse? – disse Frederick, quase antes do cavaleiro se afastar o bastante para não ouvir.

Margaret estava um pouco abatida, um pouco excitada, quando respondeu:

– Mr. Thornton, você já o viu antes, você sabe.

– Só as suas costas. Ele não é um sujeito muito impressionante. E que carranca ele tem!

– Aconteceu algo que o irritou – disse Margaret, em sua defesa. – Você não o teria achado pouco impressionante se o tivesse visto com mamãe.

– Eu imagino que já esteja na hora de ir comprar o meu bilhete. Se eu soubesse que estaria tão escuro, não teríamos mandado de volta o táxi, Margaret.

– Oh, não se incomode com isso. Posso conseguir um táxi aqui, se quiser, ou voltar pela ferrovia, onde tem lojas e pessoas e luzes por todo o caminho desde a estação de Milton. Não pense em mim, cuide de você. Eu estou doente com a ideia de que Leonards possa estar no mesmo trem que você. Olhe bem o seu vagão, antes de entrar.

Voltaram para a estação. Margaret insistiu em entrar no saguão fartamente iluminado por lâmpadas a gás para comprar o bilhete. Alguns rapazes desocupados estavam vagando por ali com o chefe da estação. Margaret pensou que já tinha visto antes o rosto de um deles, que a encarava de modo impertinente, com indisfarçável admiração. Retribui-lhe com um olhar orgulhoso de dignidade ofendida. Saiu apressada ao encontro do irmão, que estava de pé lá fora, e tomou-lhe o braço.

– Pegou a sua bolsa? Vamos andar por aqui na plataforma – disse ela.

Estava um pouco perturbada com a ideia de logo ser deixada sozinha, e sua coragem dissipava-se bem mais rápido do que ela gostaria de admitir até para si mesma. Ouviu um passo seguindo-os junto às bandeiras de sinalização, que parou quando eles pararam, para olhar ao longo da linha e ouvir o barulho do trem que se aproximava. Eles não falavam. Seus corações estavam pesados de tristeza. Outro momento e o trem estaria aqui. Um momento mais, e ele teria partido. Margaret quase se arrependeu da urgência com que lhe pedira que fosse para Londres. Era aumentar o risco de que Frederick fosse descoberto. Se ele pegasse um navio para a Espanha em Liverpool, poderia estar lá em duas ou três horas.

Frederick virou-se e ficou bem em frente à luz, onde o gás fora avivado para anunciar a chegada do trem. Um homem vestido de carregador da ferrovia começou a avançar. Um homem mal-encarado, que parecia ter se embebedado até um estado de brutalidade, embora seus sentidos estivessem em perfeita ordem.

– Com sua licença, senhorita! – disse ele, empurrando Margaret rudemente para um lado, e agarrando Frederick pelo colarinho.

– Seu nome é Hale, eu creio?

Em um instante – como, Margaret não viu, pois tudo dançou diante dos seus olhos – mas por alguma tática de luta, Frederick enganou-o, e ele caiu da altura de um ou dois metros, que era a altura de elevação da plataforma sobre o solo macio, pelo lado da ferrovia. Lá ele ficou.

– Corra, corra! – exclamou Margaret, ofegante. – O trem está aqui. Era o Leonards, não era? Oh, corra! Eu levarei sua bolsa.

E ela o pegou pelo braço e o empurrou para diante, com toda a sua pouca força. Uma porta foi aberta em um dos vagões, e ele saltou. E quando o irmão inclinou-se para fora para dizer “Deus te abençoe, Margaret!” o trem passou correndo por ela, e ela ficou sozinha. Estava tão terrivelmente fatigada e fraca que agradeceu por ter podido voltar para a sala de espera de senhoras, e se sentar por um momento. No início ela não podia fazer nada além de tomar

fôlego. Foi tanta pressa, um susto tão horrível, ele escapara por um triz! Se o trem não estivesse lá no momento, o homem teria saltado para cima novamente e pedido ajuda para prendê-lo. Ela se perguntava se o homem havia se levantado. Tentou se lembrar se o tinha visto mover-se, e imaginava se podia ter ficado seriamente ferido. Aventurou-se a sair. A plataforma estava toda iluminada, mas ainda bastante deserta. Ela andou até o final e olhou à volta, um pouco temerosa. Não havia ninguém. Margaret sentiu-se contente, então, de ter podido ir até lá e verificar, do contrário pensamentos terríveis teriam assombrado seus sonhos. E mesmo assim, ela estava tão trêmula e assustada, que sentiu que não poderia voltar para casa andando ao longo da estrada, que parecia realmente escura e solitária, quando vista da estação iluminada. Esperaria até que passasse o trem para a cidade e tomaria lugar nele. Mas o que seria dela, se Leonards a reconhecesse como a companheira de Frederick? Margaret olhou furtivamente em volta, antes de se arriscar até a bilheteria para comprar seu bilhete. Havia só alguns funcionários da ferrovia de pé por ali, falando alto uns com os outros.

– Então Leonards andou bebendo de novo! – disse um, com aparência de autoridade. – Ele vai precisar de toda a influência que se gaba de ter, para manter o seu lugar desta vez.

– Onde ele está? – perguntou outro, enquanto Margaret, de costas para eles, contava seu troco com dedos trêmulos, não ousando virar-se até ouvir a resposta a esta pergunta.

– Eu não sei. Ele entrou não faz cinco minutos, com uma história longa qualquer sobre uma queda que ele teve, praguejando terrivelmente. E quis me pedir algum dinheiro emprestado para ir a Londres pelo próximo trem. Ele me fez todos os tipos de promessas de bêbado, mas eu tinha mais o que fazer do que ficar ouvindo. Eu lhe disse para ir tratar da sua vida, e ele saiu pela porta da frente.

– Ele está no buraco mais próximo, pode apostar – disse o homem que falara primeiro. – Seu dinheiro teria ido para lá também, se você tivesse sido tolo o bastante para emprestar.

– Me pegou! Eu sabia muito bem o que ele quis dizer com Londres, pois ele nunca me pagou de volta aqueles cinco xelins – e assim eles se foram.

E assim toda a ansiedade de Margaret dirigiu-se ao trem que estava para chegar. Escondeu-se mais uma vez na sala de espera de senhoras, e imaginava que cada barulho fosse o passo de Leonards... qualquer voz alta e exaltada era a dele. Mas ninguém se aproximou dela até que o trem chegou. Ela foi educadamente ajudada a subir no vagão por um funcionário, em cujo rosto não se arriscou a olhar até que o trem estivesse em movimento, e só então viu que não se tratava de Leonards.

[1] Werner: obra de autoria do poeta inglês Byron, publicada em 1822.

CAPÍTULO 33

PAZ

“Dorme, meu amor, em tua cama fria,
Para nunca ser molestada!
Meu último Boa Noite – não te despertará
Até que eu o teu destino alcance.”
Dr. King

A casa parecia estranhamente quieta depois de todo esse terror e ruidosa comoção. Seu pai havia acompanhado toda a preparação feita para a refeição que Margaret faria na volta, depois sentou-se novamente na sua poltrona costumeira e caiu em um dos seus tristes estados de sonhar acordado. Dixon tinha Mary Higgins para ralhar e dirigir na cozinha, e a sua repreensão não era menos enérgica por ser feita em um sussurro furioso, pois Dixon teria considerado desrespeitoso falar alto enquanto houvesse um morto na casa. Margaret resolveu não mencionar para o pai o desfecho e o susto final na partida do irmão. Não havia utilidade alguma em falar sobre isso, tudo havia terminado bem. Sua única preocupação era que Leonards não conseguisse de algum modo o dinheiro emprestado para pôr em prática seu propósito de seguir Frederick até Londres, e então passasse a caçá-lo lá. Mas as probabilidades contra o sucesso de qualquer plano desse tipo eram imensas. E Margaret decidiu não se atormentar pensando em algo que não tinha condições de impedir. Frederick estaria tão alerta quanto ela lhe dissera, e em um dia ou dois, no máximo, ele estaria seguro, fora da Inglaterra.

– Suponho que teremos notícias de Mr. Bell amanhã – disse Margaret.

– Sim – respondeu o pai. – Suponho que sim.

– Se ele puder vir, estará aqui amanhã à noite, imagino.

– Se ele não puder vir, eu pedirei a Mr. Thornton para ir comigo à funerária. Eu não posso ir só. Ficaria completamente destruçado.

– Não peça a Mr. Thornton, papai. Deixe-me ir com você – disse Margaret, impetuosamente.

– Você! Minha querida, as mulheres geralmente não vão.

– Não, porque elas não podem se controlar. As mulheres da nossa classe não vão, porque elas não têm nenhum poder sobre as suas emoções, e ainda ficam envergonhadas de mostrá-las. As mulheres pobres vão, e não se preocupam se são vistas arrasadas pelo sofrimento. Mas eu prometo, papai, que se o senhor me deixar ir, eu não criarei problemas. Não vá com um estranho, e me deixe de lado. Querido papai! Se Mr. Bell não puder vir, eu irei. Eu não imporei o meu desejo contra a sua vontade, se ele vier.

Mr. Bell não pôde vir. Ele estava com gota. Sua carta era muito afetuosa, e expressava grande e verdadeiro pesar por sua impossibilidade de atender ao pedido. Esperava que logo pudesse vir fazer-lhes uma visita, se pudessem

recebê-lo. Sua propriedade em Milton requeria alguma atenção, e seu agente havia escrito para dizer que sua presença era absolutamente necessária. Do contrário, ele teria evitado tanto quanto pudesse se aproximar de Milton, e agora a única coisa que o reconciliaria com essa visita obrigatória era a ideia de que ele poderia ver e possivelmente confortar seu velho amigo.

Margaret teve toda a dificuldade do mundo para convencer o pai a não convidar Mr. Thornton. Sentia uma repugnância indescritível diante dessa situação. Na noite antes do funeral, veio uma nota imponente de Mrs. Thornton para Miss Hale, dizendo que, atendendo ao desejo do filho, sua carruagem deveria participar do funeral, se não fosse desagradável à família. Margaret atirou o bilhete para o pai.

– Oh, não permita essas formalidades, papai – disse ela. – Vamos sozinhos... o senhor e eu, papai. Eles não se importam conosco, ou então ele teria se oferecido para ir em pessoa, e não propor-se a enviar uma carruagem vazia.

– Pensei que você fosse extremamente avessa à sua ida, Margaret – disse Mr. Hale, um pouco surpreso.

– E sou mesmo. Eu não quero que ele venha de jeito nenhum, e detesto especialmente a ideia de convidá-lo. Mas isso parece de tal forma um escárnio de luto, que não espero isso dele.

Ela assustou o pai ao começar a chorar. Havia se dominado tanto na sua dor, pensara tanto nos outros, fora tão suave e paciente em todas as coisas, que ele não podia entender os seus modos inquietos desta noite. Ela parecia agitada e nervosa. E toda a ternura que o pai, por sua vez, dispensou a ela, só a fez chorar mais.

Margaret passou tão mal a noite, que estava mal preparada para a ansiedade adicional causada por uma carta enviada por Frederick Mr. Lennox estava fora da cidade. Seu secretário dissera que ele retornaria na terça-feira seguinte, no máximo, e que possivelmente estaria em casa no domingo. Por conseguinte, depois de alguma consideração, Frederick tinha resolvido permanecer em Londres por mais um dia ou dois. Ele chegou a pensar em voltar a Milton. A tentação tinha sido muito forte, mas a ideia de Mr. Bell socializando na casa do pai, e o susto que recebera à última hora na estação de trem, fizeram com que decidisse ficar em Londres. Margaret podia ficar segura de que ele tomaria todas as precauções para evitar ser localizado por Leonards. Ela agradeceu por ter recebido esta carta enquanto o pai estava ausente, no quarto da mãe. Se ele estivesse presente, teria esperado que ela lesse a carta em voz alta para ele, e isso teria despertado em Mr. Hale um tal estado de alarme nervoso que ela considerava impossível de acalmar. Não havia apenas o fato, que a perturbou excessivamente, de Frederick ter ficado retido em Londres, mas houve insinuações ao seu reconhecimento no último momento em Milton, e a possibilidade de uma perseguição que fez seu sangue gelar. E como isso teria afetado seu pai? Várias vezes Margaret se arrependera de ter sugerido e insistido no plano de consultar Mr. Lennox. Na ocasião, parecera-lhe que a demora ocasionada por isso seria irrelevante, e acrescentaria muito pouco às chances aparentemente pequenas de que Frederick fosse descoberto. E, no entanto, tudo o que acontecera desde então tornara essa decisão muito indesejável. Margaret lutou duramente contra esse pesar por algo em que não havia mais como ajudar – esse remorso por ter dito o que parecera sábio na ocasião, mas que os eventos posteriores provaram ser tão tolo. Mas o pai estava por demais deprimido, de

corpo e mente, para lutar com ânimo. Ele sucumbiria a todas essas causas de mórbido pesar sobre coisas que não podiam ser refeitas. Margaret reuniu todas as suas forças para ajudá-lo. O pai parecia ter esquecido que havia alguma razão para esperar uma carta de Frederick esta manhã. Estava absorvido por uma só ideia – que o último símbolo visível da presença da esposa devia ser afastado dele, e escondido da sua vista. Ele tremeu choroso, quando o cozeiro estava arrumando as cortinas de crepe ao seu redor. Olhou melancolicamente para Margaret. E quando foi liberado, cambaleou para ela, murmurando:

– Reze por mim, Margaret. Eu não tenho mais forças. Eu não posso rezar. Renunciei a ela porque fui obrigado. Tentei suportar: realmente tentei. Eu sei que é a vontade de Deus. Mas eu não posso entender por que ela morreu. Reze por mim, Margaret, para que eu possa ter fé para rezar. É um grande dilema, minha filha.

Margaret sentou-se ao lado do pai na carruagem, quase apoiando-o nos braços, e repetindo todos os versos de nobre e sagrado conforto, ou textos expressando fiel resignação, de que podia se lembrar. Sua voz nunca vacilou, e ela própria ganhou força, fazendo isso. Os lábios do pai se moviam após os seus, repetindo os textos bem conhecidos assim que ela sugeria as palavras. Era terrível ver seu esforço penoso e paciente para obter uma resignação que ele não tinha forças para levar ao seu coração, como se fosse parte de si mesmo.

A coragem de Margaret quase cedeu, quando Dixon, com um leve movimento da mão, dirigiu sua atenção para Nicholas Higgins e a filha, parados um pouco à distância, mas profundamente atentos ao cerimonial. Nicholas usava suas roupas habituais de fustão, mas tinha um pedaço de pano preto costurado à volta do chapéu – um sinal de luto que ele nunca tinha mostrado pela memória da sua filha Bessy. Mas Mr. Hale não viu nada. Continuou repetindo para si mesmo, de forma mecânica, todo o serviço funerário, assim que era lido pelo clérigo oficiante. Suspirou duas vezes ou três vezes, quando tudo terminou. Então, pondo a mão no braço de Margaret, pediu de forma muda que o levasse embora, como se ele fosse cego, e ela fosse o seu guia fiel.

Dixon chorava em voz alta. Cobrira a face com o lenço, e estava tão absorvida na própria aflição que não percebeu que a multidão, atraída em tais ocasiões, estava se dispersando, até que foi alertada por alguém bem próximo dela. Era Mr. Thornton. Ele estivera presente todo o tempo, de pé, com a cabeça baixa, atrás de um grupo de pessoas, de modo que, na verdade, ninguém o reconheceria.

– Peça-lhe perdão, mas pode me dizer como está Mr. Hale? E Miss Hale, também? Eu gostaria de saber como ambos estão.

– Claro, senhor. Eles estão como era de se esperar. O patrão está terrivelmente abalado. Miss Hale está suportando melhor do que o previsto.

Mr. Thornton preferia ter ouvido que ela estava sofrendo a tristeza natural. Em primeiro lugar, ele era egoísta o suficiente para sentir prazer com a ideia de que o seu grande amor poderia servir de conforto e consolo para ela. Muito parecido com o tipo de prazer apaixonado e estranho que aguilhoa o coração de uma mãe, quando sente sua criança aconchegar-se ao seu peito e depender dela para tudo. Mas esta visão deliciosa do que poderia ter sido – à qual, apesar de toda a repulsa de Margaret, ele teria se entregue apenas alguns dias atrás – foi miseravelmente perturbada pela lembrança do que ele vira perto da

estação de Outwood. Miseravelmente perturbada! Isso era dizer pouco! Ele foi assombrado pela recordação do belo rapaz, com quem ela mantinha uma atitude de íntima confiança. A recordação atravessou-o como uma onda de agonia, até que o fez apertar as mãos com firmeza, para dominar a dor. Naquela hora tardia, tão longe de casa! Foi preciso um grande esforço moral para estimular a sua confiança – antes tão perfeita – na pura e delicada virgindade de Margaret. Assim que o esforço cessou, sua confiança caiu morta e impotente: e todos os tipos de fantasias selvagens perseguiram umas às outras como sonhos em sua mente. E aqui estava uma pequena confirmação miserável, que o roía por dentro. Ela estava suportando esta aflição melhor do que o previsto. Tinha então alguma esperança para onde olhar, tão brilhante que, mesmo em sua natureza afetuosa, pudesse vir iluminar as horas escuras de uma filha recentemente tornada órfã de mãe. Sim! Ele sabia como ela iria amar. Ele não a amara sem obter aquele conhecimento instintivo das aptidões que ela possuía. A alma de Margaret andaria à luz do sol glorioso se algum homem merecesse – pelo seu próprio poder de amar – ser amado também por ela. Mesmo no luto, ela descansaria na sua compaixão, em pacífica confiança. Sua compaixão! De quem? Daquele outro homem. E que fosse outro, foi o bastante para fazer o rosto grave e pálido de Mr. Thornton tornar-se duplamente lívido e severo à resposta de Dixon.

– Eu suponho que possa fazer uma visita – disse ele, friamente. – Para Mr. Hale, eu quero dizer. Talvez ele me receba depois de amanhã, ou próximo disso.

Mr. Thornton falou como se a resposta lhe fosse indiferente. Mas não era assim. Por conta de toda a sua dor, ele ansiava por ver a autora desse sofrimento. Embora detestasse Margaret às vezes, quando pensava naquela gentil atitude familiar e em todas as circunstâncias que a acompanhavam, tinha um desejo incansável de renovar a imagem dela em sua mente – e ansiava pelo próprio ar que ela respirava. Ele se encontrava no Caribdis da paixão, e devia forçosamente passar de círculo em círculo, rodando cada vez mais próximo do centro fatal.

– Ouso dizer, senhor, que o patrão o receberá. Ele ficou muito triste por não poder vê-lo no outro dia, mas as circunstâncias não eram agradáveis naquele momento.

Por uma razão ou outra, Dixon nunca mencionou para Margaret esta entrevista que tivera com Mr. Thornton. Podia ter sido puro acaso, mas foi assim que Margaret nunca soube que ele tinha assistido ao funeral da sua pobre mãe.

CAPÍTULO 34

FALSO E VERDADEIRO

“A verdade não te deixará nunca, nunca!
Embora seja o teu barco conduzido pela tempestade,
Embora seja cada prancha rasgada e dilacerada,
A verdade vai estar contigo para sempre!”
Anônimo

O “suportando melhor do que o previsto” custava a Margaret um terrível esforço. Às vezes ela pensava em ceder e gritar de agonia, quando lhe vinha de súbito o dilacerante pensamento – mesmo durante a sua conversa aparentemente animada com o pai – de que ela já não tinha mãe. Sobre Frederick, também, havia grande inquietação. O correio de domingo era separado, e interferiu com as suas cartas de Londres. E na terça-feira, Margaret ficou surpresa e desanimada ao ver que ainda não havia nenhuma carta. Ela estava totalmente no escuro sobre os planos do irmão, e seu pai estava infeliz com toda essa incerteza. Interrompeu o hábito recentemente adquirido por Mr. Hale, de sentar-se imóvel em uma espreguiçadeira pela metade do dia, junto à Margaret. Ele continuava andando para cima e para baixo na sala e, depois, fora dela. Ela o ouviu no patamar, abrindo e fechando as portas do quarto, sem qualquer motivo aparente. Margaret tentou tranquilizá-lo lendo em voz alta, mas era evidente que ele não conseguia ouvir por muito tempo. Como ficou grata, então, por ter mantido em segredo a causa adicional de ansiedade produzida pelo encontro deles com Leonards. Ficou contente quando ouviu Mr. Thornton ser anunciado. A visita dele forçaria os pensamentos do pai em outra direção.

Ele veio direto para o seu pai, tomando-lhe as mãos e apertando-as sem uma palavra – segurando-as nas suas por um minuto ou dois. Durante esse tempo, seu rosto, seus olhos, seus modos, mostraram mais compaixão do que poderia ser expressa em palavras. Então ele virou-se para Margaret. Ela não parecia “melhor do que o previsto.” Sua beleza imponente fora ofuscada pela insônia constante e as muitas lágrimas. A expressão no seu semblante era de tristeza suave e paciente, não de positivo sofrimento presente. Ele não pretendia cumprimentá-la senão com sua recente e estudada frieza de comportamento. Mas não pôde evitar dirigir-se a ela – que ficara um pouco à parte, retraída pela incerteza quanto às maneiras recentes dele – e dizer-lhe as poucas palavras comuns necessárias nessas ocasiões, em uma voz tão terna que os olhos de Margaret se encheram de lágrimas, e ela se virou para esconder a emoção. Margaret pegou seu trabalho e sentou-se, muito calma e silenciosa. O coração de Mr. Thornton batia forte e rápido, e naquele momento ele se esqueceu totalmente da pista ao lado da ferrovia em Outwood. Ele tentou falar com Mr. Hale e – sendo sua presença sempre um prazer para o cavalheiro, pelo seu poder e suas decisões, assim como suas opiniões o tornavam um porto seguro e protegido – foi extremamente agradável para com seu pai, como Margaret percebeu.

Naquele momento Dixon veio até a porta e disse:

– Miss Hale, desejam ver a senhorita.

Os modos de Dixon eram tão agitados, que Margaret ficou angustiada. Algo tinha acontecido a Fred. Ela não tinha nenhuma dúvida disso. Ainda bem que o pai e Mr. Thornton estavam tão entretidos na sua conversa.

– O que é, Dixon? – perguntou Margaret, assim que fechou a porta da sala de visitas.

– Venha por aqui, senhorita – disse Dixon, abrindo a porta do que tinha sido o dormitório de Mr. Hale, e agora era o de Margaret, pois o pai se recusara a dormir lá novamente depois da morte da esposa. – Não é nada, senhorita – disse Dixon, com a voz um pouco abafada – só o inspetor de polícia. Ele quer vê-la, senhorita. Mas eu ousou dizer que não é sobre nada.

– Ele falou o nome de... – perguntou Margaret, quase sem voz.

– Não, senhorita, não falou nome nenhum. Ele só perguntou se a senhorita morava aqui, e se podia lhe falar. Martha foi abrir a porta e o deixou entrar. Ela o levou ao estúdio do patrão. Eu mesma fui até lá para tentar ver se isso era suficiente. Mas não... é com a senhorita que ele quer falar.

Margaret não falou novamente até que sua mão estivesse na fechadura da porta do estúdio. Então se virou e disse:

– Cuide para que o papai não desça. Mr. Thornton está com ele agora.

O inspetor ficou quase amedrontado com a altivez dos seus modos, quando ela entrou. Havia algo de indignação expresso no seu semblante, mas tão contido e controlado, que lhe dava um ar soberbo de desdém. Não havia nenhuma surpresa, nenhuma curiosidade. Ela se manteve de pé, esperando que ele dissesse do que se tratava. Não fez sequer uma pergunta.

– Peço-lhe perdão, senhora, mas meu dever me obriga a lhe fazer algumas perguntas simples. Um homem morreu no hospital, em consequência de uma queda ocorrida na estação de Outwood, entre as cinco e seis horas da tarde de quinta-feira, dia vinte e seis. Na ocasião, a queda não parecia de muita importância, mas tornou-se fatal, dizem os médicos, pela presença de alguma doença interna, e pelo próprio hábito do homem de beber.

Os grandes olhos escuros, fixos diretamente no rosto do inspetor, dilataram-se um pouco. Caso contrário não haveria nenhum movimento perceptível à sua experiente observação. Seus lábios se estenderam em uma curva mais rica do que o normal, devido à tensão forçada dos músculos, mas ele não sabia como era a sua aparência habitual, de modo a reconhecer o desafio sombrio e inusitado das suas linhas envolventes e firmes. Ela jamais recuou ou tremeu. Olhava-o fixamente. Então, como ele fizera uma pausa antes de continuar, ela disse, quase como se o encorajasse a contar sua história.

– Bem... prossiga!

– Supõe-se que terá que haver um inquérito. Há alguma evidência provando que o golpe, ou empurrão, ou briga que causou a queda foi provocado pela impertinência meio tola deste pobre rapaz a uma jovem dama, que caminhava com o homem que empurrou o defunto pela borda da plataforma. Isso tudo foi observado por alguém na plataforma, que, no entanto, não pensou mais sobre o assunto, pois o golpe parecia de pouca consequência. Também há alguma razão para identificar a dama como sendo a senhora, e neste caso...

– Eu não estava lá – disse Margaret, ainda mantendo os olhos inexpressivos fixos no rosto dele, com o olhar inconsciente de uma sonâmbula.

O inspetor assentiu mas não falou. A dama de pé à sua frente não mostrava nenhuma emoção, nenhum medo trêmulo, nenhuma ansiedade, nenhum desejo de terminar a entrevista. A informação que ele havia recebido era muito vaga. Um dos carregadores, apressando-se para estar de prontidão quando o trem chegasse, tinha visto uma briga, no outro extremo da plataforma, entre Leonards e um cavalheiro acompanhado por uma senhora, mas não ouviu nenhum ruído. E antes que o trem tivesse chegado à sua velocidade máxima depois de partir, ele foi quase derrubado pela precipitada corrida do enfurecido e meio intoxicado Leonards, xingando e praguejando muito. Ele não pensara mais nisso, até que o seu depoimento foi descoberto pelo inspetor, que, ao fazer algumas indagações posteriores na estação ferroviária, ouviu do chefe da estação que uma jovem senhora e um cavalheiro tinham estado lá em torno daquela hora – a senhora notavelmente bela – e soube, pelo empregado de uma mercearia presente na ocasião, tratar-se de uma Miss Hale, vivendo em Crampton, cuja família frequentava a sua loja. Não havia nenhuma certeza de que aquela dama e o cavalheiro fossem idênticos ao outro par, mas havia grande probabilidade. O próprio Leonards tinha ido, meio louco de raiva e dor, para o bar mais próximo, em busca de conforto, e suas palavras tolas foram ignoradas pelos garçons ocupados de lá. Eles se lembraram, porém, dele ter se levantado rapidamente, amaldiçoando-se por não ter pensado mais cedo no telégrafo elétrico para algum propósito desconhecido, e acreditavam que ele saíra do bar com a ideia de ir até lá. No caminho, vencido pela dor ou pela bebida, ele se deitou na estrada, onde foi encontrado pela polícia e levado ao hospital. Lá ele nunca recobrou a consciência o suficiente para dar qualquer relato inteligível sobre a sua queda, embora uma ou duas vezes tenha tido lampejos de bom senso o bastante para fazer as autoridades chamarem o magistrado mais próximo, na esperança de que este seria capaz de registrar o testemunho do moribundo sobre a causa da sua morte. Mas quando o magistrado chegou ele estava divagando sobre estar no mar, e misturando nomes de capitães e tenentes, de forma indistinta, com aqueles dos carregadores, seus companheiros na ferrovia. E suas últimas palavras foram uma maldição contra a “fraude da Cornualha”, que o tinha tornado, ele disse, cem libras mais pobre do que deveria ter sido. O inspetor repassou tudo isso em sua mente – a imprecisão das evidências para provar que Margaret tinha estado na estação, e a sua negativa calma e inabalável de tal suposição. Margaret ficou esperando a palavra seguinte do inspetor com uma serenidade que parecia suprema.

– Então, senhora, eu tenho sua negativa de que a senhora estava acompanhando o cavalheiro que desferiu o golpe, ou deu o empurrão, que causou a morte deste pobre homem?

Uma dor rápida, aguda passou pela mente de Margaret. “Oh Deus! Se eu soubesse que Frederick está seguro!” Um observador profundo do rosto humano poderia ter visto a agonia momentânea que saltara dos seus grandes olhos sombrios, como a tortura de alguma criatura encurralada. Mas o inspetor, apesar de muito perspicaz, não era um observador muito profundo. Ele estava um pouco impressionado, todavia, pela forma da resposta, que soou como uma repetição mecânica de sua primeira resposta - não mudou e modificou a forma, de modo a se adequar à sua última pergunta.

– Eu não estava lá – disse ela, lenta e pesadamente.

E durante todo esse tempo ela nunca piscou, nem desviou aquele olhar vidrado e irreal. As suspeitas sutis do inspetor foram despertadas por este eco sombrio da sua negativa anterior. Era como se ela tivesse se forçado a uma mentira, e estivesse atordoada a ponto de perder qualquer poder de modificá-la.

Ele pôs de lado seu livro de notas, de modo bastante deliberado. Então olhou-a. Ela não se movera mais do que teria feito se fosse alguma grande estátua egípcia.

– Espero que não me considere impertinente quando digo que posso ter que visitá-la novamente. Posso ter que intimá-la para aparecer no inquérito e provar seu alibi, se as minhas testemunhas (fora apenas um que a reconhecera) persistirem depondo sobre a sua presença nesse evento infeliz.

Ele olhou-a de forma penetrante. Ela ainda estava perfeitamente imóvel – nenhuma mudança de cor ou sombra de culpa, no seu rosto orgulhoso. Ele pensou tê-la visto estremecer: ele não conhecia Margaret Hale. Ficara um pouco envergonhado com sua compostura régia. Devia tratar-se de um erro de identidade. Ele continuou:

– É muito improvável, senhora, que eu tenha que fazer qualquer coisa desse tipo. Espero que me desculpe por fazer o que é apenas o meu dever, embora possa parecer impertinente.

Margaret curvou a cabeça quando ele se dirigiu à porta. Seus lábios estavam rígidos e secos. Não conseguiu dizer sequer as palavras comuns de despedida. Mas de repente adiantou-se, abriu a porta do estúdio, e acompanhou-o até a porta da casa, que ela abriu de par em par para a saída dele. Manteve os olhos no inspetor, do mesmo modo sombrio e fixo, até que ele estivesse suficientemente afastado da casa. Então fechou a porta e dirigiu-se ao estúdio. A meio caminho retrocedeu, como se movida por algum impulso passional, e trancou a porta por dentro.

Então foi para o estúdio, fez uma pausa – cambaleou um pouco para a frente – fez outra pausa, balançou por um momento no lugar onde estava, e caiu de bruços no chão, desmaiada.

CAPÍTULO 35

EXPIAÇÃO

“Não há nada tão finamente engendrado,
Mas ele vem para o sol”.

Mr. Thornton continuou lá sentado por muito tempo. Sentia que sua companhia dava prazer a Mr. Hale, e ficou tocado com a súplica ansiosa e delicadamente expressa para que permanecesse um pouco mais – a melancólica “não vá ainda” – que seu pobre amigo dizia de vez em quando. Ele se perguntava se Margaret não voltaria, mas foi sem nenhuma intenção de vê-la que ele se demorou. Naquela hora – e na presença de alguém que estava sentindo tão completamente o nada absoluto da terra – ele foi razoável e controlado. Estava profundamente interessado em tudo que o pai de Margaret tinha a dizer.

– Da morte, e da pesada calma, e da mente que se tornou sombria.

Era curioso como a presença de Mr. Thornton tinha poder sobre Mr. Hale, a ponto de fazê-lo revelar os pensamentos secretos que mantinha escondidos até mesmo de Margaret. Fosse porque a simpatia da filha seria tão intensa, e demonstrada de forma tão viva, que ele tinha medo da sua própria reação; fosse porque à sua mente especulativa todos os tipos de dúvidas se apresentavam ao mesmo tempo, implorando e chorando alto para serem transformadas em certezas; fosse porque ele sabia que a filha teria recuado se ele expressasse qualquer dessas dúvidas, ou melhor, recuaria dele próprio como capaz de concebê-las – não importa qual fosse a razão, ele poderia desabafar melhor com Mr. Thornton do que com ela todos os pensamentos e fantasias e temores que haviam sido confinados em sua mente até agora. Mr. Thornton disse muito pouco, mas todas as palavras que proferiu aumentaram a confiança e consideração de Mr. Hale por ele. Se Mr. Hale fazia uma pausa ao expressar alguma agonia que lhe viesse à lembrança, as duas ou três palavras de Mr. Thornton completavam a frase, mostrando como seu significado fora profundamente compreendido. Se tinha uma dúvida, um medo – uma incerteza vagando em busca de repouso, mas não o encontrando, tão cegos pelas lágrimas estavam seus olhos – Mr. Thornton, em vez de ficar chocado, parecia ter ele próprio atravessado aquela mesma fase de pensamento, sugerindo onde o raio de luz exato podia ser encontrado para tornar claros os lugares escuros. Homem de ação como ele era, ocupado na grande batalha do mundo, havia uma religião mais profunda ligando-o a Deus no seu coração, apesar da sua forte obstinação – e através de todos os seus enganos – que Mr. Hale nem sequer sonhava. Eles nunca mais falaria de tais coisas, como tinha acontecido agora. Mas esta única conversa tornou-os pessoas especiais um para o outro, uniu-os de um modo que nenhuma conversa solta e indistinta sobre coisas sagradas jamais fez. Quando todos são aceitos, como pode haver um Santo dos Santos?

E todo esse tempo, Margaret jazia imóvel e branca como a morte, no chão do estúdio! Ela sucumbira sob o seu fardo. Era muito pesado, e fora carregado por longo tempo. Ela havia sido muito humilde e paciente, até que, de

repente, sua fé cedera e ela buscara em vão por socorro! Seu bonito semblante tinha uma triste contração de sofrimento, embora não houvesse nenhum outro sinal de consciência restante. A boca – há pouco tempo atrás, tão tristemente projetada em desafio – estava descontrada e lívida.

– E par che de la sua labbia si mova, Uno spirito soave e pien d’amore, Chi va dicendo a l’anima: sospira!^[1]

O primeiro sintoma de que retornava à vida foi um tremor dos lábios – uma débil e muda tentativa de falar. Mas os olhos ainda estavam fechados, e o tremor terminou por aquietar-se. Então, apoiando fracamente nos braços por um momento para se firmar, Margaret se recobrou e levantou-se. Seu pente havia caído dos cabelos e, com um desejo intuitivo de apagar os sinais de fraqueza e voltar ao normal, ela começou a procurá-lo, embora, de vez em quando, no curso da procura, tivesse que sentar-se e recuperar as forças. A cabeça inclinada para a frente – as mãos humildemente pousadas, uma sobre a outra – ela tentou recobrar sua força de ânimo, esforçando-se para lembrar-se dos detalhes que a tinham lançado em tal estado de medo mortal, mas não pôde. Compreendia apenas dois fatos – que Frederick esteve em perigo de ser perseguido e descoberto em Londres, não só como culpado de homicídio não premeditado, mas como o líder mais imperdoável do motim, e que ela havia mentido para salvá-lo. Havia um consolo: sua mentira o salvara, nem que fosse por ter ganho algum tempo adicional. Se o inspetor viesse amanhã novamente, depois que ela tivesse recebido a carta pela qual ansiava, para assegurá-la da segurança do irmão, ela enfrentaria a vergonha, e aguentaria sua amarga penitência – ela, a altiva Margaret – reconhecendo perante a sala lotada da corte de justiça, se necessário fosse, que havia agido como “um cão” e feito aquilo. Mas se ele viesse antes que ela recebesse notícias de Frederick, se voltasse, como havia ameaçado veladamente, em poucas horas... ora! ela contaria aquela mentira de novo. Como as palavras saíam, depois de toda esta terrível pausa para reflexão e remorso, sem trair a sua falsidade, ela não sabia. Mas sua repetição ganharia tempo – tempo para Frederick.

Margaret foi despertada pela entrada de Dixon. Ela acabara de levar Mr. Thornton até a porta.

Ele mal tinha dado dez passos na rua, antes que um ônibus parasse perto dele. Um homem desceu e dirigiu-se a ele, tocando o chapéu enquanto se aproximava. Era o inspetor de polícia.

Mr. Thornton tinha obtido para ele seu primeiro cargo na polícia, e tinha ouvido falar ao longo do tempo do progresso do seu protegido, mas eles não haviam se encontrado com frequência, e no início Mr. Thornton não se lembrou dele.

– Meu nome é Watson. George Watson, senhor, a quem o senhor...

– Ah, sim! Eu me lembro. Pois você está ficando famoso, pelo que ouvi.

– Sim, senhor. Eu devia agradecer-lhe, senhor. Mas é por um pequeno assunto de negócios que fui tão ousado em falar com o senhor agora. Acredito que o senhor foi o magistrado que registrou o testemunho de um pobre homem que morreu ontem à noite no hospital.

– Sim – respondeu Mr. Thornton. – Eu fui e ouvi algum tipo de declaração confusa, que o secretário disse que não tinha grande utilidade. Creio

que ele não era senão um sujeito bêbado, embora não haja nenhuma dúvida de que veio a morrer por causa de violência, afinal. Uma das criadas da minha mãe estava noiva dele, acredito, e ela está muito angustiada hoje. O que tem ele?

– Bem, senhor, a morte dele está estranhamente ligada com alguém na casa de onde eu o vi saindo agora mesmo. É a casa de Mr. Hale, eu creio.

– Sim! – disse Mr. Thornton, virando-se rapidamente e olhando para o rosto do inspetor com súbito interesse. – O que tem isso?

– Porque, senhor, me parece que tenho uma cadeia bem distinta de provas, inculcando um cavalheiro que estava caminhando com Miss Hale naquela noite na estação de Outwood, como o homem que golpeou ou empurrou Leonards para fora da plataforma, e assim causou sua morte. Mas a jovem dama nega que tenha estado lá na ocasião.

– Miss Hale nega que tenha estado lá! – repetiu Mr. Thornton, em voz alterada. – Diga-me, que noite era essa? Que horas?

– Cerca de seis horas, na noite de quinta-feira, dia vinte e seis.

Os dois caminharam lado a lado, em silêncio, por um ou dois minutos. O inspetor foi o primeiro a falar.

– Veja, senhor, é provável que haja um inquérito judicial para investigar a morte suspeita, e eu tenho um jovem que é bastante positivo – ou pelo menos era, no princípio. Desde que soube da negativa da jovem dama, ele diz que não gostaria de prestar juramento. Ainda assim ele é bastante positivo sobre ter visto Miss Hale na estação, caminhando com um cavalheiro, menos de cinco minutos antes dessa hora, quando um dos carregadores viu uma briga que ele atribuiu a algum descaramento de Leonards – mas que levou à queda que causou sua morte. E ao vê-lo sair da própria casa, senhor, pensei que eu poderia me atrever a perguntar se... o senhor vê, é sempre desagradável lidar com casos de identidade questionada, e ninguém gosta de duvidar da palavra de uma jovem dama respeitável, a menos que se tenha uma prova forte do contrário.

– E ela negou ter estado na estação naquela noite! – repetiu Mr. Thornton, em um tom de voz baixo e pensativo.

– Sim, senhor, por duas vezes, de forma tão distinta quanto possível. Eu lhe disse que deveria procurá-la novamente, mas vendo o senhor justo quando eu estava voltando após ter questionado o rapaz que disse que era ela, pensei em pedir o seu conselho, tanto como o magistrado que viu Leonards no seu leito de morte, quanto como o cavalheiro que conseguiu meu posto na polícia.

– Fez muito bem – disse Mr. Thornton. – Não tome nenhuma medida até que tenha me visto novamente.

– A jovem senhora vai esperar que eu a procure, pelo que eu disse.

– Eu só pretendo atrasá-lo em uma hora. Agora são três. Venha à minha fábrica às quatro horas.

– Muito bem, senhor!

E eles se separaram. Mr. Thornton correu para a sua fábrica, e, ordenando severamente a seus funcionários que ninguém o interrompesse, foi para o seu próprio escritório e trancou a porta. Entregou-se então à tortura de refletir sobre tudo e entender cada detalhe. Como ele pudera se tranquilizar com

a calma confiante que se refletira na sua imagem chorosa há menos de duas horas, até que ele se tornasse fraco o bastante para ter pena dela, e ansiar por ela, esquecido do ciúme selvagem e desconfiado que a própria visão dela – e daquele desconhecido para ele – em uma tal hora – em um tal lugar – o havia inspirado! Como podia alguém tão puro descer assim da sua maneira decente e nobre de comportar-se! Mas era decente? Era mesmo? Ele se odiou ante a ideia que se impôs a ele, só por um momento – não mais – e ainda assim, enquanto esteve presente, emocionou-o com sua antiga potência de atração para a sua imagem. E então essa mentira – quão terrível deve ser o medo da vergonha a ser revelada – pois, afinal de contas, a provocação feita por um homem como Leonards, quando animado pela bebida, poderia, com toda a probabilidade, ser mais do que suficiente para justificar qualquer um que avançasse para expressar as circunstâncias abertamente e sem reservas! Que medo rastejante e mortal seria aquele, que podia levar a leal Margaret para a falsidade! Ele quase podia ter pena dela. Qual seria o fim daquilo? Ela não poderia ter considerado tudo em que estava se envolvendo, caso houvesse um inquérito e o jovem se apresentasse. De repente, ele se levantou. Não deveria haver nenhum inquérito. Ele salvaria Margaret. Ele assumiria a responsabilidade de impedir o inquérito, pois a razão para tal, pela incerteza do testemunho médico (o qual ele ouvira vagamente na noite anterior, pelo cirurgião de plantão), podia ser apenas duvidosa. Os médicos haviam descoberto uma doença interna muito avançada, e que seguramente se provaria fatal. Tinham declarado que a morte poderia ter sido acelerada pela queda, ou pela bebida e subsequente exposição ao frio. Se ele apenas soubesse como Margaret seria envolvida no caso – se tivesse apenas previsto que ela mancharia a sua pureza com uma mentira – ele poderia tê-la salvo com uma palavra. Pois a questão – inquérito ou não inquérito – tinha sido posta a oscilar na balança apenas na noite anterior. Miss Hale poderia amar outra pessoa – era indiferente e desprezível para ele – mas ainda assim lhe prestaria seus fiéis serviços, dos quais ela nunca deveria saber. Ele poderia desprezá-la, mas a mulher a quem amara um dia, devia ser preservada da vergonha. E vergonha seria comprometer-se com uma mentira em um tribunal público, ou então levantar-se e reconhecer o seu motivo para desejar a escuridão ao invés da luz.

Mr. Thornton parecia muito severo e desolado, ao passar pelos seus espantados funcionários. Esteve fora por cerca de meia hora, e parecia pouco menos carrancudo quando voltou, apesar de sua missão ter sido bem-sucedida.

Escreveu duas linhas em um pedaço de papel, colocou em um envelope, e fechou-o. Entregou-o a um dos funcionários, dizendo:

– Eu marquei com Watson – aquele que era empacotador no depósito e que entrou na polícia – uma reunião para as quatro horas. Encontrei há pouco um cavaleiro de Liverpool, que deseja me ver antes de deixar a cidade. Tome o cuidado de entregar este bilhete a Watson, quando ele vier.

A nota continha estas palavras:

“Não haverá nenhum inquérito. As provas médicas não são suficientes para justificá-lo. Não tome qualquer outra medida. Eu não vi o acusado, mas assumirei a responsabilidade.”

– Bem – pensou Watson – isso me alivia de um trabalho difícil. Nenhuma das minhas testemunhas parecia certa de qualquer coisa, exceto a moça. Ela foi bastante clara e precisa. O carregador da ferrovia tinha visto uma briga – e quando ele descobriu que era provável que fosse chamado como

testemunha, então poderia não ter sido uma briga, só uma pequena confusão, e Leonards poderia ter pulado ele mesmo da plataforma, afinal ele não conseguia se manter de pé. E Jennings, o vendedor da mercearia – bem, ele não era tão ruim assim, mas eu duvido que pudesse fazê-lo jurar, depois de saber que Miss Hale negou firmemente. Teria sido um trabalho incômodo, sem nenhuma satisfação. E agora eu devo ir dizer-lhes que não serão mais necessários.

Com essa intenção, ele se apresentou novamente na casa de Mr. Hale naquela noite. O pai e Dixon teriam de bom grado persuadido Margaret a ir para a cama – mas eles não sabiam, nenhum deles, a razão para suas contínuas recusas em fazer isso. Dixon descobrira parte da verdade – mas só parte. Margaret não contaria a nenhum ser humano o que havia dito, e ela não revelou o término fatal da queda de Leonards da plataforma. Assim, a curiosidade de Dixon combinou-se com sua submissão, para insistir com Margaret que fosse descansar – o que a sua aparência, quando se deitou no sofá, mostrava muito claramente que era necessário. Ela não falava, a não ser quando falavam com ela. Tentou sorrir em resposta aos ansiosos olhares e palavras do pai, que inquiriam ternamente. Mas, em vez de um sorriso, os lábios lívidos se decidiram por um suspiro. Ele estava tão inquieto e condoído que, afinal, ela consentiu em ir para o próprio quarto, e preparar-se para dormir. Estava, na verdade, inclinada a renunciar à ideia de que o inspetor voltaria a procurá-la naquela noite, pois já passava das nove horas.

Ela parou junto ao pai, apoiando-se no espaldar da sua cadeira.

– O senhor irá logo para a cama, não é, papai? Não fique sentado aqui sozinho!

Qual foi a sua resposta, ela não ouviu. As palavras se perderam no ponto de som muito mais baixo, que exagerava seus medos e enchia sua mente. Houve um fraco toque na campainha.

Margaret beijou o pai e deslizou escada abaixo, com uma rapidez de movimentos da qual ninguém a teria julgado capaz, se a tivesse visto um minuto antes. Ela dispensou Dixon.

– Não precisa vir, eu abrirei a porta. Eu sei que é ele... eu posso... eu mesma tenho que resolver isso.

– Como quiser, senhorita! – disse Dixon, irritada. Mas um momento depois, acrescentou – Mas a senhorita não está em condições para isso. Está mais morta do que viva.

– Estou? – disse Margaret, voltando-se e mostrando seus olhos, iluminados por um fogo estranho, as faces coradas, embora os lábios ainda estivessem ressecados e lívidos.

Ela abriu a porta para o inspetor e levou-o até o estúdio. Colocou o candeeiro na mesa e acendeu-o cuidadosamente, antes de se virar para olhá-lo de frente.

– O senhor está atrasado! – disse ela. – Bem?

Ela prendeu a respiração esperando a resposta.

– Eu lamento tê-la incomodado sem necessidade, senhora, porque, afinal de contas, eles renunciaram a qualquer ideia de fazer um inquérito. Tive outros trabalhos para fazer e outras pessoas para ver, ou eu teria vindo antes.

– Então está encerrado – disse Margaret. – Não vai haver mais inquérito.

– Acho que tenho o bilhete de Mr. Thornton comigo – disse o Inspetor, mexendo em sua carteira.

– Mr. Thornton! – disse Margaret.

– Sim! Ele é um magistrado... Ah! Aqui está.

Ela não conseguia ver o suficiente para lê-lo... Não, não, embora estivesse perto da luz. As palavras dançavam diante dela. Mas ela o segurou na mão, e olhou-o como se estivesse a estudá-lo atentamente.

– Tenho certeza, senhora, que foi um grande peso que tirei da minha mente. Pois as provas eram tão incertas, a senhora vê, de que o homem tivesse mesmo recebido qualquer golpe... e se houvesse qualquer questão de identidade, o caso se complicaria tanto, como eu disse a Mr. Thornton...

– Mr. Thornton! – disse Margaret, novamente.

– Eu o encontrei esta manhã, justo quando estava saindo desta casa, e, como ele é um velho amigo meu, além de ser o magistrado que viu Leonards ontem à noite, ousei contar-lhe da minha dificuldade.

Margaret suspirou profundamente. Ela não queria ouvir mais nada. Estava com medo tanto do que tinha ouvido, quanto do que poderia ouvir. Só desejava que o homem se fosse. Ela se forçou a falar.

– Obrigada pela visita. Está muito tarde. Acredito que já passa das dez horas. Oh! Aqui está o bilhete! – ela continuou, interpretando de súbito o significado da mão estendida para recebê-lo. Ele estava guardando a nota de volta, quando ela disse – Acho que é um tipo de letra apertada e pouco inteligível. Não consigo entendê-la. Poderia apenas ler para mim?

Ele leu a nota em voz alta.

– Obrigada. O senhor contou a Mr. Thornton que eu não estava lá?

– Ah, claro que sim, senhora. Lamento agora ter agido com base em uma informação que parece ter sido tão errada. No início o rapaz foi tão positivo, e agora ele diz que teve dúvidas desde o princípio, e espera que o seu engano não lhe cause tal aborrecimento, a ponto de a sua loja perder a cliente. Boa noite, senhora.

– Boa noite.

Ela tocou a campainha para Dixon mostrar-lhe a saída. Quando Dixon retornou ao corredor, Margaret passou rapidamente por ela.

– Está tudo certo! – disse ela, sem olhar para Dixon. E antes que a mulher pudesse segui-la com mais perguntas, subiu depressa a escada, entrou no seu quarto e trancou a porta.

Atirou-se, vestida como estava, em cima da cama. Estava exausta demais para pensar. Passou-se meia hora ou mais, antes que a sua posição encolhida e a friagem, resultante do seu grande cansaço, tivessem o poder de despertar seus sentidos entorpecidos. Então ela começou a recordar, combinar, questionar. A primeira ideia que se apresentou a ela, foi que todo aquele temor doentio pelo bem de Frederick estava acabado, que toda a tensão havia passado. A próxima, foi um desejo de lembrar de cada palavra do Inspetor relacionada

com Mr. Thornton. Quando ele o encontrara? O que tinha dito a ele? O que Mr. Thornton fizera? Quais foram as palavras exatas do seu bilhete? E até que ela pudesse recordar, mesmo colocando ou omitindo algum artigo, as expressões exatas que ele usara no bilhete, sua mente recusava-se a ir em frente. Mas a conclusão seguinte a que ela chegou era bastante clara. Mr. Thornton a vira perto da estação de Outwood naquela noite fatal de quinta-feira, e fora informado de que ela negara ter estado lá. Ela ficou como mentirosa aos seus olhos. Ela era uma mentirosa. Mas não teve nenhum pensamento de penitência diante de Deus. Nada além do caos e da noite cercavam o pavoroso fato de que, aos olhos de Mr. Thornton, ela estava degradada. Margaret não se deu ao trabalho de pensar, nem para si mesma, em quantas desculpas poderia apresentar. Aquilo não tinha nada a ver com Mr. Thornton. Nunca imaginou que ele, ou qualquer outra pessoa, pudesse encontrar motivo para suspeita em algo que era tão natural, como ela acompanhar o irmão. Mas o que era realmente falso e errado era conhecido por ele, e ele tinha o direito de julgá-la. “Ah, Frederick! Frederick!” ela exclamou “o que eu não teria sacrificado por você!” E mesmo quando ela adormeceu, seus pensamentos foram obrigados a viajar pelo mesmo círculo, apenas com as circunstâncias exageradas e monstruosas da dor.

Quando ela acordou, uma nova ideia brilhou em sua mente, com toda a luminosidade da manhã. Mr. Thornton soubera da sua mentira antes de ir ao juiz investigador. Isto sugeria a ideia de que ele possivelmente tinha sido influenciado a agir assim com a intenção de poupar-lhe a repetição da negativa. Mas ela colocou esta noção de lado, com a aborrecida teimosia de uma criança. Se assim fosse, não sentia nenhuma gratidão por ele, pois só lhe mostrava quão profundamente ele devia ter visto que ela já estava desgraçada, antes que se desse a tais esforços inusitados para poupá-la de qualquer teste adicional de veracidade, que já havia falhado de forma tão notável. Ela teria passado por tudo aquilo... Preferia cometer perjúrio para salvar Frederick, mais – muito mais – do que permitir que Mr. Thornton tivesse o conhecimento o que levou a interferir para salvá-la. Que desgraça o levou a ter contato com o Inspetor? O que o fez ser o próprio magistrado enviado para receber o testemunho de Leonards? O que Leonards havia dito? Quanto daquilo era inteligível para Mr. Thornton, que já poderia, por tudo que ela sabia, estar ciente da antiga acusação contra Frederick, através do seu amigo em comum, Mr. Bell? Neste caso, ele teria se esforçado para salvar o filho, que desafiara a lei para vir assistir à mãe em seu leito de morte. Nesse sentido ela poderia se sentir grata... mas ainda não, se é que ela deveria, se a sua interferência tivesse sido incitada pelo desprezo. Oh! Alguém já havia tido uma causa tão justa para sentir desprezo por ela? Mr. Thornton, acima de todas as pessoas, a quem ela só havia olhado de sua altura imaginária até agora! De repente, ela se encontrava aos pés dele, e estava estranhamente triste com a queda. Margaret evitou seguir as premissas até sua conclusão, e assim reconhecer para si mesma o quanto ela valorizava seu respeito e boa opinião. Sempre que essa ideia se apresentava a ela ao final de uma longa avenida de pensamentos, ela afastava-se para não seguir aquele caminho, pois não acreditava nele.

Era mais tarde do que ela imaginava, pois na agitação da noite anterior ela havia esquecido de dar corda no relógio. E Mr. Hale tinha dado ordens especiais de que ela não deveria ser perturbada para acordar no horário habitual. Aos poucos a porta abriu-se cautelosamente, e Dixon pôs a cabeça para dentro. Percebendo que Margaret estava acordado, ela se adiantou trazendo uma carta.

– Aqui está algo que vai lhe fazer bem, senhorita. Uma carta do jovem Frederick

– Obrigada, Dixon. Como está tarde!

Ela falou de forma desinteressada, e permitiu que Dixon deixasse a carta sobre a colcha à sua frente, sem estender a mão para pegá-la.

– Deseja tomar seu café da manhã, estou certa. Vou trazê-lo em um minuto. O patrão já está com a bandeja toda pronta, eu sei.

Margaret não respondeu. Deixou-a ir. Sentia que devia estar sozinha, antes que pudesse abrir aquela carta. Abriu-a, afinal. A primeira coisa que chamou sua atenção foi a data, dois dias antes dela receber a carta. Ele tinha escrito, então, quando prometera, e a sua inquietação poderia ter sido evitada. Mas ela leria a carta e veria. Era bastante apressada, mas perfeitamente satisfatória. Ele tinha visto Henry Lennox, que soube do caso o suficiente para balançar a cabeça, em primeiro lugar, e lhe dizer que tinha feito uma coisa muito ousada voltando à Inglaterra, com tal acusação – sustentada por influência tão poderosa – pairando sobre ele. Mas quando chegaram a conversar sobre isso, Mr. Lennox reconheceu que poderia haver alguma chance de absolvição, se ele pudesse ao menos provar suas declarações através de testemunhas confiáveis – e que, nesse caso, podia ser que valesse a pena enfrentar o julgamento, caso contrário seria um grande risco. Ele iria analisar... faria todos os esforços... “Pareceu-me” disse Frederick “que a sua apresentação, minha irmãzinha, foi meio caminho andado. É isso mesmo? Ele fez muitas perguntas, posso lhe assegurar. Me pareceu um sujeito esperto, inteligente, e com boa prática também, a julgar pelos sinais de negócios e o número de auxiliares à sua volta. Mas estes podem ser apenas truques de advogado. Eu consegui lugar em um barco pronto para partir, e sairei em cinco minutos. Posso ter que voltar outra vez à Inglaterra por causa desse assunto, então mantenha minha visita em segredo. Vou enviar para meu pai um pouco de um raro xerez envelhecido, que não se consegue comprar na Inglaterra (tal como essa coisa que está na garrafa à minha frente)! Ele precisa de algo do tipo... mande meu terno amor para ele. Deus o abençoe. Eu estou certo... Aqui está o meu táxi. PS – Que fuga foi aquela! Tome cuidado para não transpirar sobre eu ter vindo... nem mesmo para os Shaw.”

Margaret virou-se para o envelope, que fora marcado: Atrasado. A carta provavelmente tinha sido confiada a algum empregado descuidado, que havia se esquecido de colocá-la no correio. Ah! Quantas leves teias de acasos se colocam entre nós e a Tentação! Frederick estava seguro, e fora de Inglaterra, vinte, não, trinta horas atrás. E fora apenas há cerca de dezessete horas que ela contara uma mentira, para despistar as buscas, que mesmo então teriam sido inúteis. Como tinha sido incrédula! Onde estava agora o seu lema orgulhoso - *fais ce que dois, advienne que pourra?* Se ela tivesse ao menos ousado contar a verdade corajosamente no que dizia respeito a si própria, desafiando-os a descobrir o que ela se recusava a contar a respeito de outro, como seu coração estaria leve agora! Não se veria humilhada diante de Deus, por ter falhado na sua confiança para com Ele. Nem degradada e desonrada na opinião de Mr. Thornton. Ao pensar nisso sentiu um tremor infeliz. Aqui estava ela, classificando a baixa opinião dele ao lado do desgosto de Deus. Como foi que ele assombrou sua

imaginação de modo tão persistente? O que poderia ser? Por que ela se importava com o que ele pensava, apesar de todo seu orgulho, apesar de si mesma? Acreditava que pudesse suportar a sensação de desgosto do Todo-poderoso, porque Ele sabia de tudo, e poderia ler o seu arrependimento, e ouvir seus gritos por ajuda a tempo. Mas Mr. Thornton... Por que ela tremia, e escondia a face no travesseiro? Que sentimento poderoso a havia alcançado, afinal?

Ela pulou da cama, e rezou longa e fervorosamente. Sentiu-se calma e confortada, ao abrir assim seu coração. Mas tão logo revisou sua posição, viu que o ferrão ainda estava lá; que ela não era boa o bastante, nem pura o bastante para ser indiferente à opinião rebaixada de uma criatura amiga; que a ideia de como ele devia estar olhando-a com desprezo, se interpunha entre ela e o seu senso de transgressão. Levou a carta para o pai assim que se vestiu. Havia uma insinuação tão leve sobre o susto na estação ferroviária, que Mr. Hale passou por cima disso sem prestar atenção. Realmente, além do mero fato de Frederick ter partido de navio sem ser descoberto ou levantar suspeitas, ele não obteve muito mais da carta na ocasião, tão intranquilo estava com a aparência pálida de Margaret. Ela parecia sempre a ponto de chorar.

– Você está tristemente abatida, Margaret. Não é de se estranhar. Mas tem que me deixar cuidá-la, agora.

Ele a fez deitar-se no sofá e foi procurar um xale para cobri-la. A ternura dele libertou suas lágrimas, e ela chorou amargamente.

– Pobre criança! Pobre menina! – disse ele, olhando-a ternamente, enquanto ela virava o rosto para a parede, sacudida pelos soluços.

Depois de um tempo eles cessaram, e ela começou a imaginar se ousaria aliviar sua tristeza contando ao pai toda a sua aflição. Mas havia mais razões contra isso do que a favor. A única razão a favor era o alívio para si mesma. E contra, havia a ideia de que isso acrescentaria materialmente ao nervosismo do pai, se realmente fosse necessário que Frederick viesse outra vez à Inglaterra; que ele teria que lidar com a circunstância do filho ter causado a morte de um homem, embora involuntariamente e sem saber disso; que esse conhecimento voltaria perpetuamente a incomodá-lo, em várias formas de exagero e distorção da simples verdade. E sobre sua própria grande falta – ele se angustiaría além de qualquer medida, por sua falta de coragem e de fê, ainda que eternamente perturbado em encontrar desculpas para ela. Antigamente Margaret teria vindo a ele, tanto como sacerdote quanto como pai, contar-lhe da sua tentação e do seu pecado. Mas ultimamente eles não falavam muito desses assuntos, e ela não sabia como ele iria responder, na sua mudança de opiniões, se sua alma clamasse profundamente por ele. Não. Ela manteria o segredo e suportaria o fardo sozinha. Sozinha iria diante de Deus, implorar pela Sua absolvição. Sozinha suportaria sua desgraçada posição na opinião de Mr. Thornton. Margaret não conseguia exprimir sua emoção com os esforços ternos do pai para pensar em assuntos alegres para falar, e assim levar seus pensamentos para longe de tudo aquilo que acontecera recentemente. Fazia alguns meses, desde que ele estivera tão falante quanto nesse dia. Ele não a

deixaria sentar-se, e ofender Dixon desesperadamente por insistir em acompanhá-la ele mesmo.

Afinal ela sorriu. Um pequeno sorriso tímido e fraco, mas lhe deu o mais verdadeiro prazer.

– Parece estranho pensar que a nossa maior esperança no futuro se chamaria Dolores – disse Margaret. A observação guardava mais relação com o caráter do pai do que com sua própria personalidade. Mas hoje eles pareciam ter trocado as naturezas.

– A mãe dela era espanhola, eu creio: isso responde pela sua religião. Seu pai era um Presbiteriano rígido, quando eu o conheci. Mas é um nome muito suave e bonito.

– Como ela é jovem! Quatorze meses mais jovem do que eu. É justo a idade de Edith, quando ficou noiva do Capitão Lennox. Papai, nós vamos vê-los na Espanha.

Ele sacudiu a cabeça. Mas disse:

– Se deseja, Margaret. Só permita que voltemos para cá. Pareceria injusto... indelicado para com sua mãe, que sempre detestou tanto Milton, eu temo, se nós deixássemos a cidade agora que ela está enterrada aqui e não pode ir conosco. Não, querida. Você irá visitá-los, e me trará um relatório sobre a minha filha espanhola.

– Não, papai, eu não irei sem o senhor. Quem tomará conta do senhor quanto eu for?

– Eu gostaria de saber qual de nós está tomando conta do outro. Mas se você fosse, eu convenceria Mr. Thornton a permitir que eu lhe desse lições em dobro. Nós trabalharíamos sobre os clássicos de forma excepcional. Esse seria um interesse perpétuo. Você poderia ir ver Edith em Corfu, se quisesse.

Margaret não falou tudo de uma vez. Então disse com bastante seriedade:

– Obrigada, papai. Mas eu não quero ir. Nós esperamos que Mr. Lennox administre tão bem as coisas, que Frederick possa trazer Dolores para nos ver, quando estiverem casados. E quanto a Edith, o regimento não permanecerá por muito tempo em Corfu. Talvez nós os vejamos a ambos por aqui antes que se passe mais um ano.

Os assuntos alegres de Mr. Hale tinham se acabado. Alguma lembrança dolorosa havia cruzado sua mente e o levava ao silêncio. Logo Margaret disse:

– Papai... o senhor não viu Nicholas Higgins no funeral? Ele estava lá, e Mary também. Pobre sujeito! Foi o modo dele de mostrar condolência. Ele tem um coração muito bom, sob aqueles modos rudes e ásperos.

– Estou seguro disso – respondeu Mr. Hale. – Eu vi isso desde o início, mesmo quando você tentou me convencer de que ele era todo o tipo de coisas ruins. Vamos visitá-los amanhã, se você estiver forte o bastante para caminhar

tão longe.

– Oh sim. Eu quero vê-los. Nós não pagamos a Mary... ou ela se recusou a receber, como Dixon diz. Vamos chegar logo após o almoço, e antes que ele vá trabalhar.

Pela noite, Mr. Hale disse:

– Eu tinha certa esperança de que Mr. Thornton viesse hoje. Ele ontem falou de um livro que possuía, e que me interessei de ver. Disse que tentaria trazê-lo hoje.

Margaret suspirou. Sabia que ele não viria. Ele seria delicado demais para correr o risco de encontrá-la, enquanto a vergonha de Margaret estivesse tão fresca na memória dele. A simples menção do seu nome renovou o problema de Margaret, e produziu uma recaída naquele sentimento de exaustão preocupada e deprimida. Ela se deixou tomar pela fraqueza e apatia. De repente lhe ocorreu que esta era uma estranha maneira de mostrar sua paciência, ou recomendar o pai por seus cuidados para com ela durante todo o dia. Então sentou-se e se ofereceu para ler em voz alta. Os olhos dele estavam falhando, e Mr. Hale aceitou de bom grado a sua proposta. Ela leu bem, dando a devida ênfase às palavras, mas tivesse alguém lhe perguntado, quando ela terminou, o significado do que estivera lendo, ela não poderia ter dito. Estava atormentada por um sentimento de ingratidão para com Mr. Thornton, já que, pela manhã, ela havia se recusado a aceitar a bondade que ele lhe havia mostrado em fazer investigações complementares junto aos médicos, de modo a evitar que qualquer inquérito fosse realizado. Oh! Ela era grata! Tinha sido covarde e falsa, e havia mostrado sua covardia e sua falsidade em ação que não podia ser recordada, mas ela não era ingrata. Isso alegrou seu coração, saber como ela poderia sentir-se em relação a alguém que tinha razão para desprezá-la. Seu motivo de desprezo era tão justo, que ela o teria respeitado menos se tivesse pensado que ele não sentia desprezo. Era um prazer sentir como ela o respeitava totalmente. Ele não podia impedi-la de fazer isso, era o único consolo em todo esse sofrimento.

Tarde da noite, o livro esperado chegou, com os cumprimentos de Mr. Thornton e seu desejo de saber como estava Mr. Hale.

– Diga-lhe que estou muito melhor, Dixon, mas que Miss Hale...

– Não, papai – disse Margaret, ansiosamente – não diga nada sobre mim. Ele não perguntou.

– Minha querida criança, como você está tremendo! – disse o pai, alguns minutos depois. – Você tem que ir para a cama imediatamente. Ficou tão pálida!

Margaret não se recusou a ir, embora relutasse em deixar o pai sozinho. Ela precisava do alívio da solidão, depois de um dia ocupada em pensar, e mais ocupada ainda em arrepende-se.

Mas ela pareceu bem mais normal no dia seguinte. A gravidade e a tristeza prolongadas, e a ocasional ausência da mente, não eram sintomas

anormais nos primeiros dias de luto. E quase na mesma proporção do restabelecimento da sua saúde, ocorreu a recaída do pai nas suas distraídas reflexões sobre a esposa que perdera, e sobre a última fase da sua vida que lhe fora fechada para sempre.

[1] Em italiano, no original: “E dos seus lábios flutua, Um espírito gentil e amoroso, Que continua dizendo à alma: suspira!” Citação de Dante Alighieri em “La Vita Nuova” (A Vida Nova).

CAPÍTULO 36

A UNIÃO NEM SEMPRE FAZ A FORÇA

“Os passos dos que conduzem, pesados e lentos,
Os soluços dos que choram, profundos e baixos.”

Shelley [\[1\]](#)

No horário combinado no dia anterior, eles saíram a pé para visitar Nicholas Higgins e a filha. Ambos foram lembrados da sua perda recente por uma estranha timidez com relação aos trajes novos, e também porque era a primeira vez, em muitas semanas, que tinham deliberadamente saído juntos. Andavam muito próximos um do outro, em uma simpatia tácita.

Nicholas estava sentado junto ao fogo, no seu canto costumeiro: mas não fumava seu costumeiro cachimbo. Descansava a cabeça na mão, o braço apoiado sobre o joelho. Ele não se levantou quando os viu, embora Margaret pudesse ler as boas vindas nos seus olhos.

– Sentem-se, sentem-se. O fogo está muito fraco – disse ele, atijando-o vigorosamente, como se quisesse desviar a atenção de si.

Ele estava bastante desleixado, com uma barba escura que vinha crescendo há vários dias, fazendo sua face pálida parecer ainda mais pálida, e uma jaqueta que estava mais do que na hora de ser remendada.

– Pensamos que havia uma boa chance de encontrá-lo, logo após o almoço – disse Margaret.

– Nós também passamos pela nossa tristeza, desde a última vez que nos vimos – disse Mr. Hale.

– Sim, sim. Tristezas são mais abundantes agora do que almoços, eu acho. Minha hora de jantar se estende por todo o dia. Podem estar bastante certos de me encontrar.

– Você está desempregado? – perguntou Margaret.

– Sim – ele respondeu, brevemente. Então, após um momento de silêncio, acrescentou, olhando para cima pela primeira vez – Mas não estou querendo uns cobses. Nem penso nisso. Bess, pobre moça, tinha um pequeno estoque debaixo do travesseiro, pronto para cair na minha mão, na última hora, e a Mary é cortadora de linho. Mas eu estou sem trabalho do mesmo jeito.

– Nós devemos algum dinheiro a Mary – disse Mr. Hale, antes que o forte aperto de Margaret no seu braço pudesse impedir as palavras.

– Se ela aceitar, eu a expulso de casa. Vou morar dentro destas quatro paredes e ela vai morar fora. Só isso.

– Mas somos muito gratos pela gentileza dela, nos prestando esse serviço – começou Mr. Hale novamente.

– Eu nunca agradei à sua filha aqui por seus atos de amor para com a

minha pobre menina. Eu nunca consegui achar as palavras. Vou ter que tentar agora, se o senhor vai começar a fazer um escarcêu só porque a pequena Mary pôde ajudá-los.

– É por causa da greve que você está desempregado? – perguntou Margaret, gentilmente.

– A greve está encerrada. Já acabou agora. Estou desempregado porque nunca pedi trabalho. E eu nunca pedi, porque as palavras boas são escassas, e as ruins são abundantes.

Naquele seu estado de humor, sentia um prazer grosseiro em dar respostas em forma de enigmas. Mas Margaret viu que ele gostaria de ser convidado a explicar.

– E palavras boas são...?

– Pedir trabalho. Eu acho que são quase as melhores palavras que os homens podem dizer. “Dê-me trabalho” significa “e eu o realizarei como um homem.” São palavras boas.

– E palavras ruins são recusar-lhe trabalho quando você pede.

– Sim. Palavras ruins é dizer “Ah! Meu bom camarada! Você tem sido fiel ao seu grupo, e eu serei fiel ao meu. Você fez o melhor que pôde por aqueles que precisavam de ajuda; esse é o seu jeito de ser fiel à sua natureza, e eu serei fiel à minha. Você tem sido um pobre tolo, como não se conhece nenhum melhor, e nem é um verdadeiro tolo fiel. Então vá e que se dane. Não há trabalho para você aqui.” São palavras ruins. Eu não sou um tolo. E se eu fosse, os companheiros teriam me ensinado como ser sábio à sua maneira. Eu podia ter aprendido, se alguém tivesse tentado me ensinar.

– Será que não valeria a pena – disse Mr. Hale – perguntar ao seu antigo patrão se ele o aceitaria de volta? A chance pode ser pequena, mas seria uma possibilidade.

Ele olhou outra vez, com um olhar penetrante na direção do cavalheiro. Então deu um risinho baixo e amargo.

– Mestre! Se não é crime, eu vou lhe fazer uma ou duas perguntas, por minha vez.

– Sinta-se à vontade – disse Mr. Hale.

– Eu imagino que o senhor tenha algum modo de ganhar o seu pão. As pessoas raramente vivem em Milton por prazer, se podem viver em qualquer outro lugar.

– Tem toda a razão. Eu tenho alguma renda independente, mas minha intenção ao me instalar em Milton era me tornar um professor particular.

– Ensinar as pessoas. Bem! Eu acho que eles lhe pagam para ensiná-los, não pagam?

– Sim – respondeu Mr. Hale, sorrindo. – Eu ensino a fim de ser pago.

– E aqueles que lhe pagam, eles lhe dizem o que fazer ou o que não fazer com o dinheiro que lhe dão em justo pagamento pelos seus esforços... como uma troca justa?

– Não, por certo que não!

– Eles não dizem “Você pode ter um irmão, ou um amigo tão querido quanto um irmão, que quer estes cobres aqui para um propósito que tanto você quanto ele acham certo, mas você deve prometer não dar isso a ele. Você pode achar que é um bom uso, no seu pensamento, para o seu dinheiro, mas nós achamos que é bom, e assim, se você gastar à toa, vamos deixar de lidar com você.” Eles não lhe dizem isso, dizem?

– Não, por certo que não!

– E o senhor aguentaria, se dissessem?

– Teria que ser uma pressão muito forte, para me fazer sequer pensar em me submeter a tal despotismo.

– Não há pressão alguma, em todo esse mundo imenso, que me fizesse sequer pensar nisso – disse Nicholas Higgins. – Agora o senhor entendeu. Acertou no centro do alvo. Hamper, que é onde eu trabalhava, fez os seus homens prometerem que não darão um centavo para ajudar o Sindicato, ou para evitar que os grevistas morram de fome. Eles podem prometer e fazer promessas – continuou ele, desdenhosamente – mas ele só fará mentirosos e hipócritas. E isso é um pecado menor, na minha opinião, tornar os corações dos homens tão duros que eles não façam uma caridade com quem precisa, ou ajudem uma causa justa e correta, apesar de usarem novamente a mão forte. Mas eu nunca vou renegar qualquer trabalho que o rei possa me dar. Eu sou um membro do Sindicato, e acho que é a única coisa que faz algum bem para os trabalhadores. E eu fui um grevista, e sei o que é passar fome. Assim, se eu conseguir um xelim, meio xelim irá para eles, nem que tirem isso de mim. A consequência é: não vejo onde posso conseguir um xelim.

– Esta regra sobre não contribuir para o Sindicato está em vigor em todas as fábricas? – perguntou Margaret.

– Não sei dizer. É um regulamento novo para nós. Acho que eles vão descobrir que não podem mantê-lo. Mas está em vigor agora. Aos poucos eles descobrirão, os tiranos fazem os mentirosos.

Houve uma pequena pausa. Margaret hesitava, pensando se devia dizer o que estava em sua mente. Não se sentia disposta a irritar alguém que já estava triste e desanimado o bastante. Por fim, acabou falando. Mas quando falou no seu tom suave, e com sua maneira relutante – mostrando que não estava disposta a dizer qualquer coisa desagradável – isso não pareceu aborrecer Higgins, só desconcertá-lo.

– Você se lembra do pobre Boucher dizendo que o Sindicato era um tirano? Acho que ele disse que era o pior tirano de todos. E eu me lembro que concordei com ele na ocasião.

Passou-se um longo tempo antes que Nicholas falasse. Estava descansando a cabeça nas duas mãos, e olhando para baixo na direção do fogo, assim ele não podia ver a expressão do seu rosto.

– Eu não vou negar que o Sindicato considera necessário forçar um homem para o seu próprio bem. Vou falar a verdade. Um homem que não está no Sindicato leva uma vida difícil. Mas uma vez que estiver no Sindicato, seus interesses são cuidados de forma muito melhor do que se ele mesmo o fizesse, no caso. É a única maneira dos trabalhadores obterem seus direitos, mantendo-se unidos. Quanto mais membros, maiores as chances de cada homem em

separado conseguir que lhe façam justiça. O governo toma conta dos tolos e loucos, e se algum homem está inclinado a ferir a si mesmo ou ao seu vizinho, controla um pouco a vida dele, quer ele goste ou não. Isso é tudo que nós fazemos no Sindicato. Não podemos atirar as pessoas na prisão, mas podemos tornar a vida de um homem tão difícil de aguentar, que ele é obrigado a entrar e ser sábio e útil, a despeito de si mesmo. Boucher foi um tolo o tempo todo, e nunca foi tão tolo quanto no final.

– Ele o prejudicou? – perguntou Margaret.

– Sim, isso ele fez. Nós tínhamos a opinião pública do nosso lado, até que ele e outros do seu tipo começaram a criar motins e infringir as leis. E isso acabou com a greve.

– Então não teria sido infinitamente melhor deixá-lo sozinho e não forçá-lo a entrar para o Sindicato? Ele o prejudicou, e você o deixou furioso.

– Margaret... – disse o pai, em um tom baixo de advertência, pois viu o rosto de Higgins tornar-se sombrio.

– Eu gosto dela – disse Higgins, de repente. – Ela fala claramente o que está na sua cabeça. Ela não compreende o que é o Sindicato, no entanto. É um grande poder: é o nosso único poder. Eu li um pouco de poesia, sobre um arado passando por cima de uma margarida, que me levou lágrimas aos olhos, antes que eu tivesse outro motivo para chorar. Mas o camarada nunca parou de dirigir o arado, eu garanto, por mais que tivesse pena da margarida. Ele tinha muito bom senso para isso. O Sindicato é o arado, preparando a terra para a colheita. Tal como Boucher – seria elevá-lo muito compará-lo a uma margarida, ele é mais parecido com uma erva daninha que se espalha pelo chão – basta apenas convencê-los a deixá-lo fora do caminho. Estou muito irritado com ele agora. Assim, pode ser até que eu não esteja sendo justo com ele. Eu mesmo poderia passar sobre ele com um arado, com todo o prazer do mundo.

– Por quê? O que ele tem feito? Alguma novidade?

– Sim, com certeza. Ele nunca está longe de problemas, aquele homem. Primeiro de tudo, ele se enfureceu como um louco furioso e se envolveu no motim. Depois se escondeu, e ainda estaria escondido, se Thornton tivesse saído atrás dele como eu esperava que fizesse. Mas Thornton, tendo conseguido o seu propósito, não se importou em continuar com o processo pelo motim. Assim, Boucher se trançou de novo em sua casa. Ele não mostrou a cara por um dia ou dois. Ele tinha essa graça. E então, onde você pensa que ele foi? Pois ele foi à fábrica do Hamper. Maldito! Ele foi com sua cara de fala mansa, que me deixa doente só de olhar, pedir trabalho, embora conhecesse bastante bem a nova regra, de que teria que se comprometer a não dar nada para o Sindicato, nem para ajudar os grevistas famintos! Pois ele teria passado fome até morrer, se o Sindicato não o tivesse ajudado na hora do aperto. Lá ele se foi, prometendo tudo, jurando tudo, contando tudo o que sabia sobre os nossos procedimentos, aquele Judas inútil! Mas eu digo isso do Hamper, e lhe agradecerei até o dia da minha morte, pois ele afugentou Boucher e não quis ouvi-lo – nem uma palavra – embora as pessoas que estavam perto dissessem que ele chorava como um bebê!

– Ah! Que chocante! Que coisa lamentável! – exclamou Margaret. – Higgins, eu não o reconheço. Você não vê que foi você quem fez de Boucher o que ele é, obrigando-o a entrar para o Sindicato contra a sua vontade, sem que o seu coração aceitasse? Você fez dele o que ele é!

– Fiz dele o que ele é! E o que ele foi?

Aos poucos, um som oco, cadenciado, começou a invadir a rua estreita e longa, obrigando-os a prestar atenção. Era o som de muitas vozes, calmas e baixas. Ouvia-se muitos passos que não se moviam para a frente, pelo menos não com rapidez ou firmeza de movimentos, mas como se circundassem um mesmo local. Sim, havia um lento tropel de passos, porém distinto, e que fez um claro caminho através do ar até chegar aos seus ouvidos. A caminhada fatigante e compassada de homens carregando um fardo pesado. Eles foram todos atraídos para a porta da casa por algum impulso irresistível. Impelidos para lá – não por mera curiosidade, mas como se por alguma comoção solene.

Seis homens marchavam pelo meio da rua, três deles policiais. Carregavam nos ombros uma porta, arrancada das dobradiças, sobre a qual jazia alguma criatura humana morta. E de cada lado da porta havia um gotejamento constante. Toda a rua apareceu para ver, e, depois de ver, acompanhavam a procissão, cada um questionando os carregadores, que afinal respondiam com relutância, tantas vezes haviam contado a mesma história.

– Nós o achamos no riacho, no campo lá adiante.

– O riacho! Mas não há água suficiente para afogá-lo!

– Ele era um sujeito determinado, se deitou de cabeça para baixo. Ele estava cansado dessa vida, escolha a causa que quiser para ele ter feito isso.

Higgins se arrastou até o lado de Margaret e disse em um tom de voz fraco e abafado:

– Não é John Boucher? Ele não teria coragem suficiente. Claro! Não é John Boucher! Pois eles estão todos olhando para cá! Escutem! Eu estou com um zumbido na cabeça, não consigo ouvir.

Eles colocaram a porta cuidadosamente sobre o calçamento, e todos puderam ver o pobre infeliz afogado... seus olhos embaçados, um deles entreaberto, olhando direto para o céu. Devido à posição na qual ele fora encontrado, seu rosto estava inchado e descolorido, a pele manchada pela água do riacho, que fora usada para tingir tecidos. A parte dianteira da cabeça era calva, mas o cabelo crescia fino e longo atrás, e a água escorria por cada um dos seus cachos. Por todas estas deformações, Margaret reconheceu John Boucher. Parecia-lhe tão sacrílego espreitar assim aquele pobre rosto agoniado e distorcido que, em um súbito instinto, ela se adiantou e cobriu suavemente o semblante do homem morto com seu lenço. Os olhos que a viram fazer isso a seguiram, quando ela se afastou depois do seu ato piedoso, e dessa forma foram conduzidos ao lugar onde Nicholas Higgins permanecia, como se estivesse preso ao chão. Os homens trocaram algumas palavras, e então um deles veio até Higgins, que teria de bom grado se enfiado de volta na casa.

– Higgins, você o conhece! Tem que contar para a esposa dele. Faça isso com jeito, homem, mas faça logo, não dá para deixá-lo muito tempo aqui.

– Não posso ir – disse Higgins – Não me peçam. Não consigo encará-la.

– Você a conhece melhor – disse o homem. – Já fizemos muito trazendo-o até aqui. Você tem que fazer a sua parte.

– Não posso fazer isso – disse Higgins. – Estou triste só de olhar para ele. Nós não éramos amigos, e agora ele está morto.

– Bem, se você não vai, então não vai. Mas alguém tem que ir. É uma tarefa difícil. Mas há uma chance, a cada minuto, dela ouvir isso de algum modo mais áspero, antes que alguém possa contar a ela devagar, como deve ser.

– Papai, você vai – disse Margaret, em voz baixa.

– Se eu pudesse... se eu tivesse tempo para pensar na melhor forma de contar, mas assim de uma vez... Margaret viu que o pai realmente era incapaz de fazê-lo. Ele tremia da cabeça aos pés.

– Eu irei – disse ela.

– Deus a abençoe, senhorita, será um ato de bondade, pois ela não é mais do que um corpo doente, ouvi dizer, e poucos por aqui a conhecem bem.

Margaret bateu na porta fechada, mas havia tanto barulho, como o som de muitas criancinhas mal comportadas, que ela não pôde ouvir nenhuma resposta. Na verdade, duvidou de que tivesse sido ouvida, e como cada momento de demora a fazia recuar ainda mais da sua tarefa, ela abriu a porta e entrou, fechando-a atrás de si e trancando-a, sem ser vista pela mulher.

Mrs. Boucher estava sentando em uma cadeira de balanço, do outro lado da lareira quase apagada. A casa parecia estar há vários dias sem qualquer tentativa de limpeza.

Margaret disse algo, ela nem sabia o quê, sua garganta e a boca estavam secas, e o barulho das crianças impedia completamente que ela fosse ouvida. Tentou novamente.

– Como está, Mrs. Boucher? Bastante mal, eu temo.

– Eu não tenho nenhuma chance de melhorar – disse ela, queixosa. – Estou sozinha para cuidar dessas crianças, e não tenho nada para dar a eles, para que fiquem quietos. John não deveria ter me deixado sozinha, eu estando tão mal.

– Quanto tempo faz desde que ele foi embora?

– Quatro dias. Ninguém lhe daria trabalho aqui, e ele teve que ir andando para Greenfield. Mas ele já devia ter voltado, ou me mandado uma palavra dizendo se conseguiu trabalho. Ele pode...

– Oh, não o culpe – disse Margaret. – Ele sentia profundamente, estou certa...

– Fique quieto agora, e me deixe ouvir a senhora falar! – dirigindo-se, em uma voz não muito gentil, para um garotinho de cerca de um ano de idade. Ela continuou se desculpando para Margaret – Ele está sempre me importunando com “papai” e “pãozinho”, e eu não tenho nenhum pãozinho para dar a ele, e papai está longe, e se esqueceu de nós todos, eu acho. Ele é o queridinho do pai, é sim – disse ela, mudando repentinamente de humor, e arrastando a criança para o colo começou a beijá-la carinhosamente.

Margaret pôs a mão no braço da mulher, para prender sua atenção. Seus olhos se encontraram.

– Pobre menininho! – disse Margaret, lentamente. – Ele *era* o queridinho do pai.

– Ele *é* o queridinho do pai – disse a mulher, levantando-se apressadamente e ficando cara a cara com Margaret. Nenhuma delas falou por

um momento ou dois. Então Mrs. Boucher começou em um tom baixo e murmurado, que cresceu em selvageria a medida que ela prosseguia – Ele é o queridinho do pai, estou dizendo. Gente pobre pode amar seus filhos tanto quanto os ricos. Por que não fala? Por que não me olha com seus grandes olhos piedosos? Onde está John?

Fraca como estava, ela sacudiu Margaret para forçar uma resposta.

– Oh, meu Deus! – disse ela, entendendo o significado daquele olhar choroso. Afundou de repente na cadeira. Margaret pegou a criança e a segurou nos braços.

– Ele amava o bebê – disse ela.

– Sim – disse a mulher, sacudindo a cabeça – ele amava a todos nós. Nós tivemos alguém para nos amar uma vez. Foi há muito tempo, mas quando ele estava vivo e junto conosco, ele nos amou, amou sim. Ele amou este bebê mais do que tudo, mas ele me amou e eu o amei. Estava chamando por ele faz cinco minutos. Tem certeza que ele está morto? – disse ela, tentando se levantar. – Se ele estiver só doente e quase morrendo, eles podem trazê-lo de volta ainda. Eu mesma não sou mais do que uma criatura doente. Estou doente há longo tempo.

– Mas ele está morto... ele se afogou!

– Oh! O povo fica andando em volta deles, depois que morrem afogados. O que eu estava pensando, sentada aqui, quando devia estar me mexendo? Aqui, criança... quietinha! Quietinha! Toma isso, toma isso pra brincar, mas não chora, enquanto meu coração está partido! Oh, onde foi parar a minha força? Ah, John... meu marido!

Margaret evitou que ela caísse, pegando-a nos braços. Sentou-se na cadeira de balanço e segurou a mulher sobre os joelhos, a cabeça dela apoiada no ombro de Margaret. As outras crianças, amedrontadas, agarradas umas às outras, começaram a entender o mistério da cena. Mas as ideias vieram devagar, pois seus cérebros eram embotados e de fraca percepção. Começaram a gritar com tanto desespero quando adivinharam a verdade, que Margaret não sabia como suportar aquilo. Os gritos de Johnny eram os mais altos de todos, embora ele não soubesse por que chorava, pobrezinho.

A mãe tremia, deitada nos braços de Margaret. Margaret ouviu um barulho na porta.

– Abra. Abra rápido – disse ela para a criança mais velha. – Está trancada, não faça nenhum barulho... abra com cuidado. Oh, papai, deixe-os descer as escadas gentilmente, com cuidado, e talvez ela não os ouça. Ela desmaiou, só isso.

– É melhor para ela, pobre criatura – disse uma mulher, que vinha logo atrás dos que carregavam o morto. Mas você não está em condições de segurá-la. Espere, vou correndo buscar um travesseiro e nós a deitaremos com jeito no chão.

Esta prestativa vizinha foi um grande alívio para Margaret. Ela era, evidentemente, uma estranha na casa, alguém recém-chegado ao distrito, na verdade. Mas era tão gentil e atenciosa, que Margaret sentiu que não era mais necessária, e que seria melhor, talvez, dar o exemplo e esvaziar a casa, que estava cheia de curiosos que não faziam nada, ainda que estivessem compadecidos.

Margaret olhou em volta, procurando por Nicholas Higgins. Ele não estava lá. Então ela falou com a mulher que tinha tomado a iniciativa de colocar Mrs. Boucher no chão.

– Poderia dizer a todas essas pessoas que seria melhor que saíssem em silêncio? De modo que, quando ela voltar a si, encontre apenas uma ou duas pessoas conhecidas ao seu redor. Papai, o senhor falaria com os homens, para conseguir que vão embora? Ela não consegue respirar, pobrezinha, com essa multidão sobre ela.

Margaret estava ajoelhada junto à Mrs. Boucher, banhando sua face com vinagre, mas em poucos minutos surpreendeu-se com o jorro de ar fresco. Ela olhou em volta e viu um sorriso entre seu pai e a mulher.

– O que foi? – perguntou ela.

– Foi só a nossa boa amiga aqui – respondeu o pai – que usou um expediente fundamental para limpar o lugar.

– Eu pedi para saírem, e cada um levar uma criança consigo, e para lembrar que eles eram órfãos e a sua mãe uma viúva. Era o melhor que se podia fazer, e com certeza as crianças hoje terão comida suficiente, e carinho também. Ela sabe como ele morreu?

– Não – disse Margaret. – Eu não podia dizer-lhe tudo de uma vez.

– Ela tem que saber por causa do inquérito. Veja! Ela está voltando a si. Você conta ou eu faço isso? Ou talvez seja melhor o seu pai?

– Não, você, você – disse Margaret.

Esperaram em silêncio que ela se recobrasse inteiramente. Então a vizinha sentou-se no chão e colocou a cabeça e os ombros de Mrs. Boucher no seu colo.

– Vizinha – disse ela – seu marido está morto. Sabe como ele morreu?

– Ele se afogou – disse Mrs. Boucher, debilmente, começando a chorar pela primeira vez, ante esta dura sondagem das suas tristezas.

– Ele foi encontrado afogado. Ele estava voltando para casa sem esperança de nada nesta vida. Pensou que Deus podia não ser tão duro quanto os homens; talvez não tão duro; talvez tão terno quanto uma mãe; talvez mais terno ainda. Não estou dizendo que ele fez certo, e eu não estou dizendo que ele errou. Tudo o que eu digo é, que eu nunca tenha, nem qualquer dos meus, o seu coração dolorido, ou nós podemos agir como animais.

– Ele me deixou sozinha com todas essas crianças! – gemeu a viúva, menos aflita com a causa da morte do que Margaret esperava. Mas era uma faceta do seu caráter desamparado, sentir a perda dele como afetando principalmente a ela e aos seus filhos.

– Sozinha não – disse Mr. Hale, solenemente. – Quem está com você? Quem vai assumir a sua causa?

A viúva arregalou os olhos, e olhou para aquela nova pessoa que falara, cuja presença ela não tinha percebido até então.

– Quem prometeu ser um pai para os órfãos? – continuou ele.

– Mas eu tenho seis crianças, senhor, e o mais velho não tem oito anos de idade. Eu não estou pretendendo duvidar do poder Dele, senhor... só que é preciso um bocado de confiança – e ela começou a chorar mais uma vez.

– Ela vai ser mais capaz de falar amanhã, senhor – disse a vizinha. – O melhor conforto agora seria a sensação de uma criança em seu peito. Lamento que tenham levado o bebê.

– Eu vou buscá-lo – disse Margaret.

E em poucos minutos ela retornou, carregando Johnnie, com o rosto todo manchado de comida, e as mãos carregadas de tesouros em forma de conchas, e pedaços de cristal, e a cabeça de uma figura de gesso. Ela o colocou nos braços da mãe.

– Aí está! – disse a mulher. – Agora vai. Eles vão chorar juntos e se consolar juntos, ninguém faz isso melhor do que uma criança. Vou ficar com ela enquanto precisar de mim, e se o senhor vier amanhã, pode ter uma conversa sensata com ela, que hoje ela não consegue.

Quando Margaret e o pai saíram lentamente para a rua, ela parou na porta fechada de Higgins.

– Vamos entrar? – perguntou seu pai. – Eu estava pensando nele também.

Eles bateram. Não houve resposta, então tentaram abrir a porta. Estava trancada, mas eles pensaram tê-lo ouvido mover-se lá dentro.

– Nicholas! – disse Margaret. Não houve nenhuma resposta. Eles poderiam ter ido embora acreditando que a casa estava vazia, se um livro não caísse, acidentalmente, lá dentro.

– Nicholas! – disse Margaret outra vez. – Somos só nós. Não vai nos deixar entrar?

– Não – disse ele. – Eu falei tão claro quanto pude, sem usar palavras, só trancando a porta. Me deixem, por hoje.

Mr. Hale teria insistido, mas Margaret colocou o dedo sobre os seus lábios.

– Eu não me espanto com isso – disse ela. – Eu mesma desejo ficar só. Parece a única coisa que pode fazer bem a uma pessoa, depois de um dia como esse.

[1] Percy Bysshe Shelley (1792-1822): poeta, filósofo e crítico literário inglês, autor das mais belas poesias do século 19, e de importantes obras entre as quais “Ozimandias” e “Uma Defesa da Poesia”

CAPÍTULO 37
OLHANDO PARA O SUL

“Uma pá! um ancinho! uma enxada!
Uma picareta ou uma podadeira!
Um garfo para colher, ou uma foice para ceifar,
Um mangual, ou o que quiserdes...
E aqui está uma mão pronta
Para utilizar a ferramenta necessária,
E hábil o bastante, por rudes lições,
Na dura escola do Trabalho.”
Hood[1]

A porta de Higgins estava fechada no dia seguinte, quando foram fazer sua visita à viúva Boucher, mas desta vez souberam por um vizinho intrometido que ele realmente não estava em casa. Tinha ido ver Mrs. Boucher, no entanto, antes de começar suas atividades do dia, seja lá o que fossem. A visita deles a Mrs. Boucher foi muito insatisfatória. Ela se considerava uma mulher inútil, pelo suicídio do seu pobre marido, e havia um grande fundo de verdade nessa ideia, a ponto de torná-la muito difícil de refutar. Ainda assim, era desagradável ver como os seus pensamentos se voltavam inteiramente para si e sua própria posição, e este egoísmo se estendia até mesmo às suas relações com os filhos, a quem considerava como encargos, mesmo no meio do seu afeto um pouco animal por eles. Margaret tentou fazer amizade com uma ou duas das crianças, enquanto o pai se esforçava para levar os pensamentos da viúva a um canal mais elevado do que a mera lamentação impotente. Margaret descobriu que o luto das crianças era mais verdadeiro e mais simples do que o da viúva. Seu papai tinha sido amável com eles. Cada um podia contar, no seu modo ansioso e vacilante, sobre alguma ternura demonstrada – ou alguma indulgência concedida – pelo pai perdido.

– Essa coisa lá em cima é mesmo ele? Não se parece com ele. Eu tenho medo daquilo, e eu nunca tive medo do papai.

O coração de Margaret sangrou ao ouvir que a mãe, no seu anseio egoísta por compaixão, tinha levado seus filhos lá em cima para ver o pai desfigurado. Era misturar a brutalidade do horror com a profundidade da tristeza natural. Ela tentou levar os pensamentos das crianças para alguma outra direção; para o que eles poderiam fazer pela mãe; para o que seu pai – pois esse era um modo mais eficaz de colocar as coisas – teria desejado que fizessem. Margaret foi mais bem-sucedida do que Mr. Hale em seus esforços. As crianças, vendo suas obrigações bem perto à sua volta, começaram a fazer, cada uma delas, algo que ela sugerira, para ajeitar a sala desarrumada. Mas o pai fixara um objetivo elevado demais, e demasiado abstrato, em relação à indolente inválida. Ela não conseguia despertar em sua mente entorpecida qualquer ideia vívida do que poderia ter sido a infelicidade do seu marido, antes que ele tivesse recorrido àquele último passo terrível – só podia enxergar nisso aquilo que afetava a si

mesma. Não entendia a misericórdia eterna de Deus, que não tinha se interposto de maneira especial para impedir que a água afogasse seu marido prostrado. E embora ela estivesse secretamente culpando o marido por ter caído em um desespero tão sombrio, e negando que ele tivesse qualquer desculpa para o seu último ato irrefletido, estava determinada a insultar a todos os que supostamente podiam, de algum modo, tê-lo levado a tal desespero. Os patrões – Mr. Thornton, em particular, cuja fábrica tinha sido atacada por Boucher, e que, depois de o mandato ter sido emitido para a sua detenção sob a acusação de motim, mandou retirá-lo – o Sindicato, do qual Higgins era o representante perante a pobre mulher – as crianças tão em umerosas, tão famintas, e tão barulhentas – tudo isso compunha um grande exército de inimigos pessoais, cuja culpa era torná-la agora uma viúva desamparada.

Margaret levou o suficiente desta irracionalidade para deixá-la desanimada. E quando eles saíram ela descobriu que era impossível encorajar o pai.

– É a vida da cidade – disse ela. – Seus nervos são irritados pela pressa e agitação e velocidade de tudo ao seu redor, para não falar do confinamento nessas casas fechadas, o que por si só é suficiente para induzir à depressão e preocupação dos espíritos. Agora, no campo, as pessoas vivem bem mais ao ar livre, até mesmo as crianças, e até mesmo no inverno.

– Mas as pessoas têm que viver em cidades. E no campo alguns adquirem tais hábitos estagnados de mente, que são quase fatalistas.

– Sim, eu reconheço isso. Suponho que cada modo de vida produz suas próprias provações e suas próprias tentações. O morador das cidades pode achar difícil ser paciente e calmo, assim como o homem criado no campo deve achar difícil ser ativo, e corresponder em situações de emergência inusitadas. Ambos devem achar difícil construir um futuro de qualquer espécie. O primeiro porque o presente é tão vivo e apressado e fechado em torno dele; o outro porque sua vida o incita a alegrar-se com o mero sentido da existência animal, não conhecendo e, por conseguinte, não se importando com qualquer estímulo de prazer pela realização do que ele possa planejar, e negar a si mesmo e olhar em frente.

– E assim, tanto a necessidade de sobressair-se, quanto a estúpida satisfação no presente, produzem os mesmos efeitos. Mas essa pobre Mrs. Boucher! Quão pouco podemos fazer por ela.

– E assim mesmo não nos atrevemos a deixá-la sem fazer nossos esforços, embora possam parecer tão inúteis. Oh, papai! É um mundo duro para se viver!

– De fato é, minha filha. Sentimos isso só agora, de qualquer modo, mas temos sido muito felizes, mesmo no meio da nossa tristeza. Que prazer foi a visita de Frederick!

– Sim, foi mesmo – disse Margaret, alegremente. – Foi uma dessas coisas encantadoras, imprevisíveis, proibidas.

Mas de repente parou de falar. Havia manchado a lembrança que guardava da visita de Frederick com sua própria covardia. De todos as falhas, a que ela mais desprezava nos outros era a falta de coragem, a maldade de coração que conduz à inverdade. E agora ela havia sido culpada disso! Então

lembrou-se que Mr. Thornton sabia de sua falsidade. Ela se perguntava se teria se importado tanto se isso tivesse sido descoberto por qualquer outra pessoa. Tentou imaginar a mesma coisa com a Tia Shaw e Edith; com seu pai; com o Capitão e Mr. Lennox; com Frederick O pensamento de que Frederick descobrisse o que ela fizera, mesmo que para o seu próprio bem, era o mais doloroso, pois o irmão e a irmã estavam em primeiro lugar, em sua mútua consideração e amor. Mas mesmo cair algum degrau na opinião de Frederick não era nada comparado à vergonha, a acachapante vergonha, que sentia ante a ideia de encontrar Mr. Thornton novamente. E ainda assim desejava vê-lo, terminar com isso, entender o lugar que ocupava na sua opinião. Suas faces coraram quando lembrou-se de como tinha orgulho de sua objeção ao comércio (nos primeiros dias do seu conhecimento), porque muitas vezes levava ao engano de repassar bens inferiores por superiores, de um lado; e de assumir o crédito pela riqueza e recursos não possuídos, do outro. Lembrou-se do tranquilo olhar de desdém de Mr. Thornton. E também de como, em poucas palavras, ele lhe deu a entender que no grande esquema do comércio todas as formas de atuação desonrosa com certeza se provavam prejudiciais a longo prazo, e que, testando tais ações simples com o baixo nível de sucesso, havia loucura e não sabedoria em todas essas coisas, e em todo o tipo de fraude no comércio, bem como em outras coisas. Ela lembrou-se – ela, com sua forte crença na própria verdade – de ter lhe perguntado se ele não achava que comprara mais barato e vender mais caro no mercado mostrava alguma falta da justiça transparente, que está tão intimamente ligada com a ideia da verdade. E usara a palavra cavalheirismo – que seu pai tinha corrigido com a palavra mais elevada, cristianismo, e tomara o argumento para si, enquanto ela sentava-se silenciosa, com um leve sentimento de desprezo.

Nada mais de desprezo para ela! Nada mais de conversas sobre cavalheirismo! Daqui em diante ela deveria sentir-se humilhada e desonrada perante os olhos dele. Mas quando iria vê-lo? Seu coração dava um salto de apreensão a cada toque da campainha. E mesmo depois que parava de tocar, a cada decepção Margaret sentia-se estranhamente triste e angustiada. Era bastante evidente que o pai esperava vê-lo, e estava surpreso com sua ausência. A verdade é que havia pontos na sua conversa da outra noite que eles não tiveram tempo de ampliar, mas foi entendido que, se possível na noite seguinte – se não, então, pelo menos na primeira noite que Mr. Thornton pudesse dispor – eles deveriam se encontrar para uma discussão mais aprofundada. Mr. Hale esperava ansiosamente por esse encontro desde que eles se separaram. Ele ainda não tinha retomado a instrução dos seus alunos, que havia abandonado quando a doença da esposa começou a se tornar mais séria, assim tinha menos ocupações do que o normal. E o grande interesse dos últimos dias (o suicídio de Boucher) o fizera retornar com mais vontade do que nunca às suas especulações. Ele esteve inquieto durante toda a noite. Dizia continuamente:

– Eu esperava que Mr. Thornton viesse. Acho que o mensageiro que trouxe o livro ontem à noite devia ter algum bilhete e se esqueceu de entregá-lo. Você acha que deixaram algum recado hoje?

– Eu vou perguntar, papai – disse Margaret, depois de ver essas frases se alternarem duas ou três vezes. – Espere, a campainha está tocando!

Ela sentou-se imediatamente, e inclinou a cabeça com atenção sobre seu trabalho. Ouvia um passo na escada, mas era só um, e ela sabia que era Dixon. Margaret ergueu a cabeça e suspirou, e acreditou que estava contente.

– É aquele tal de Higgins, senhor. Ele quer ver o senhor, ou então Miss Hale. Ou poderia ser primeiro Miss Hale, e então o senhor, pois ele está parecendo muito estranho.

– Era melhor que ele subisse até aqui, Dixon, então ele pode ver a ambos e escolher quem ele gostaria que fosse o seu ouvinte.

– Oh! Muito bem, senhor. Eu não tenho nenhuma vontade de ouvir o que ele tem para dizer, com certeza. Apenas, senhor, se pudesse ver os seus sapatos, estou certa que diria que a cozinha é o lugar mais adequado.

– Ele pode limpá-los, eu suponho – disse Mr. Hale.

Então Dixon lançou-se para fora e foi convidá-lo a subir as escadas. Ficou um pouco mais calma, porém, quando ele olhou para os seus pés com um ar hesitante. E então, sentando-se no degrau inferior, tirou os sapatos ofensivos e subiu as escadas sem uma palavra.

– Seu criado, senhor! – disse ele, alisando o cabelo enquanto entrava na sala. – Se ela me desculpar (olhando para Margaret) por estar só de meias... Estive vagando o dia todo e nenhuma das ruas é muito limpa.

Margaret pensou que o cansaço poderia explicar a mudança nos seus modos, pois ele estava involuntariamente calmo e controlado, e era evidente que tinha alguma dificuldade em dizer o que viera dizer.

A simpatia sempre pronta de Mr. Hale, sem qualquer timidez, hesitação ou falta de autoconfiança, o fez vir em seu auxílio.

– Nós vamos tomar chá nesse momento, Mr. Higgins, e então o senhor tomará uma xícara conosco. Estou certo de que está cansado, se esteve fora muito tempo em um dia tão chuvoso. Margaret, minha querida, você não poderia apressar o chá?

Margaret só poderia apressar o chá encarregando-se ela mesma da preparação, e assim ofender Dixon, que estava emergindo da sua tristeza pela morte da patroa em um estado muito sensível, irritável. Mas Martha, como todos que conviviam com Margaret – até mesmo Dixon, no final das contas – considerava um prazer e uma honra antecipar qualquer um dos seus desejos. E sua disponibilidade e a doce paciência de Margaret, logo fizeram Dixon envergonhar-se.

– Por que o patrão e a senhorita têm sempre que estar convidando as classes inferiores para subir ao salão, desde que nós viemos a Milton, eu não consigo entender. O povo, lá em Helstone, nunca passou além da cozinha, e eu já deixei um ou dois deles saberem antes que eles poderiam considerar uma honra até mesmo estar ali.

Higgins achou mais fácil aliviar sua alma para um do que para dois. Depois que Margaret deixou a sala, ele foi até a porta e se assegurou de que estava fechada. Então voltou e parou perto de Mr. Hale.

– Mestre – disse ele – o senhor não ia adivinhar fácil o quanto eu tenho andado por aí depois de hoje. Em especial se lembrar da minha maneira de falar ontem. Eu tenho buscado trabalho, tenho mesmo – disse ele. – Eu disse para mim mesmo, eu mantenho uma língua educada na minha cabeça, digam o que disserem. Eu seguros meus dentes e minha língua, antes de falar com pressa. Pelo bem daquele homem... o senhor entende –apontando o polegar para trás em

alguma direção desconhecida.

– Não, não entendo – disse Mr. Hale, vendo que ele esperava algum tipo de concordância, e sem ter a menor ideia de quem poderia ser “aquele homem”.

– Aquele camarada que está estendido lá – disse ele, apontando de novo. – Aquele que se afogou por conta própria, coitado! Eu não acho que ele tinha isso de ficar lá parado, estendido, deixando a água passar por cima dele até morrer. Boucher, o senhor sabe.

– Sim, eu sei agora – disse Mr. Hale. – Volte para o que estava dizendo: você nãoalaria com pressa...

– Por causa dele. Ainda assim, não é por ele, pois onde quer que esteja e o que quer que aconteça, ele nunca vai saber o que é fome ou frio outra vez. Mas é por causa da esposa, e do bando de crianças.

– Deus o abençoe! – disse Mr. Hale, levantando-se de repente. Então, acalmando-se, disse ansiosamente – O que quer dizer? Diga-me.

– Eu já lhe falei – disse Higgins, um pouco surpreso com a agitação de Mr. Hale. – Eu não pediria trabalho para mim mesmo, mas eles foram deixados como uma carga para mim. Eu acho que devia ter guiado Boucher para um final melhor, mas eu o mandei estrada a fora, e agora eu tenho que fazer a parte dele.

Mr. Hale pegou a mão de Higgins e apertou-a cordialmente, sem falar. Higgins parecia desajeitado e envergonhado.

– Ora, deixe disso, mestre! Não há um homem que possa ser chamado de homem, entre nós, que não faria o mesmo. Sim, e melhor também, pois, acredite, eu não consigo nada de trabalho, nem uma possibilidade. Por tudo que eu lhe disse que Hamper fez, deixando de lado a tal promessa – que eu nunca ia assinar – não, eu não poderia, nem mesmo por isso – mas ele nunca ia ter um trabalhador na sua fábrica igual a mim, ele nunca teve o melhor de mim, nem mesmo dos outros. Eu sou uma pobre e irresponsável ovelha negra... as crianças podem morrer de fome se depender de mim. A menos que o senhor me ajude, padre!

– Ajudar você? Como? Eu faria qualquer coisa... mas o que eu posso fazer?

– A moça ali – pois Margaret tinha voltado para a sala, e estava quieta, escutando – falou muitas vezes da grandeza do Sul, e do modo que se vive lá. Bem, eu nem sei se é muito longe, mas tenho pensado se eu não poderia viver lá, onde a comida é barata e os salários são bons, e todo o mundo, ricos e pobres, patrões e empregados, vivem como amigos. O senhor podia, talvez, me ajudar a trabalhar. Eu não tenho quarenta e cinco anos, e sou um bocado forte ainda, mestre.

– Mas que tipo de trabalho você poderia fazer, bom homem?

– Bem, eu acho que poderia trabalhar com uma pá, talvez...

– E por isso – disse Margaret, adiantando-se – ou por qualquer outra coisa que pudesse fazer, Higgins, com a melhor boa vontade do mundo, você ganharia em torno de nove xelins por semana. Talvez dez, em trabalho externo. Para comer é como aqui, exceto que você poderia ter um pequeno jardim...

– As crianças poderiam cuidar disso – disse ele. – Estou farto de Milton,

de qualquer maneira, e Milton está farto de mim.

– Você não deve ir para o Sul – disse Margaret – por todas essas razões. Você não aguentaria. Teria que ficar ao ar livre o ano todo, não importa a estação. Isso acabaria por matá-lo de reumatismo. O mero trabalho corporal, a essa altura da sua vida, iria destruí-lo. A comida é muito diferente daquela a que você foi acostumado.

– Não exijo nenhuma carne especial – disse ele, como se estivesse ofendido.

– Mas você imaginou que vai ter carne de boi uma vez por dia, se estiver no trabalho, e pagá-la sem tocar nos seus dez xelins, e manter essas crianças pobres se puder. Eu devo isso a você – já que foi o meu modo de falar que lhe provocou essa ideia – de colocar tudo claro diante de você. Você não aguentaria o tédio daquela vida, você não sabe como ela é, ela o comeria como a ferrugem. Aqueles que viveram lá a vida toda estão acostumados a mergulhar nas águas estagnadas. Eles seguem trabalhando, dia após dia, na grande solidão dos campos cobertos de névoa – sem nunca falar ou erguer suas pobres cabeças curvadas e abatidas. O duro trabalho de arar a terra rouba a centelha da vida; a mesmice da sua labuta enfraquece a sua imaginação; não desejam se encontrar para discutir pensamentos e especulações, até mesmo do tipo mais fraco, mais selvagem, depois que terminam seu trabalho; vão para casa brutalmente cansados – pobres criaturas! – sem pensar em nada além de comida e descanso. Você não poderia levá-los a qualquer espécie de companheirismo, o que você consegue em uma cidade, onde há tanta abundância de companhias quanto o ar que você respira, sejam boas ou ruins – e isso eu não sei. Mas o que eu sei é que você, mais do que qualquer outro homem, não é alguém que suporte viver entre tais trabalhadores. O que seria a paz para eles, seria uma aflição eterna para você. Não pense mais nisso, Nicholas, eu lhe imploro. Além disso, você nunca poderia pagar para ter a mãe e todos os filhos lá... que é uma coisa boa.

– Eu tenho pensado nisso. Uma casa deve dar para todos nós, e a mobília da outra pode servir muito bem. E os homens lá devem ter suas famílias para sustentar... talvez seis ou sete filhos. Que Deus os ajude! – disse ele, mais convencido pela sua própria apresentação dos fatos do que por tudo que Margaret havia dito, e renunciando de repente à ideia, que não devia ter se formado senão recentemente, em um cérebro desgastado pela fadiga e ansiedade do dia. – Deus os ajude! Norte e Sul têm cada um seus próprios problemas. Se lá o trabalho é seguro e fixo, também é pago a preço de fome. Enquanto aqui temos dinheiro entrando em um dia e nem um centavo no outro. Sem dúvida, o mundo está em uma tal confusão, que ultrapassa a minha compreensão ou a de qualquer outro homem. Precisa de conserto, e quem vai consertar, se é como as pessoas dizem, e não existe nada além daquilo que vemos?

Mr. Hale estava ocupado cortando pão e manteiga. Margaret ficou contente por isso, pois viu que Higgins estava melhor se deixado sozinho. Se seu pai começasse a falar suavemente no assunto que Higgins estava pensando, ele se consideraria desafiado a argumentar, e se sentiria obrigado a manter seu território. Ela e o pai mantiveram uma conversação banal até que Higgins, mal se dando conta se comia ou não, acabou por fazer uma refeição bastante substancial. Então ele empurrou sua cadeira para longe da mesa e tentou se interessar pelo que estavam dizendo. Mas era inútil, e ele caiu em sonhadora tristeza. De repente, Margaret disse (ela estivera pensando nisso durante algum

tempo, mas as palavras haviam ficado presas em sua garganta).

– Higgins, você já foi procurar trabalho na Fábrica Marlborough?

– A fábrica do Thornton? – perguntou ele. – Sim, estive no Thornton.

– E o que ele disse?

– Um camarada como eu não consegue ver o patrão. O supervisor me mandou ir embora e me danar.

– Gostaria que tivesse falado com Mr. Thornton – disse Mr. Hale – Ele poderia não ter lhe dado trabalho, mas não teria usado tal linguagem.

– Quanto à linguagem, estou bem acostumado com ela, isso não me incomoda. Não me importo quando sou ofendido. Foi o fato de que não me quiseram lá, nem em qualquer outro lugar, que me incomodou.

– Mas eu gostaria que tivesse visto Mr. Thornton – repetiu Margaret. – Você iria novamente... eu sei que é pedir muito... mas você iria amanhã e tentaria falar com ele? Eu ficaria tão contente se você fosse!

– Temo que seja inútil – disse Mr. Hale, em voz baixa. – Seria melhor deixar que eu falasse com ele.

Margaret ainda olhava para Higgins, esperando sua resposta. Era difícil resistir àqueles olhos suaves e sérios. Ele deu um grande suspiro.

– Seria elevar um pouco o preço do meu orgulho. Se dependesse de mim, eu preferia passar um bocado de fome primeiro. Prefiro antes derrubá-lo com um soco do que pedir-lhe um favor. Preferia até me autoflagelar antes de fazer isso. Mas você não é uma moça comum, desculpe dizer, nem se utiliza de meios comuns. Vou até lá amanhã, e nem vou fazer cara feia. Não pense que ele vai concordar. Aquele homem tem essa coisa dentro dele, de ser queimado na fogueira antes de ceder. Eu faço isso por sua causa, Miss Hale, e é a primeira vez em minha vida que eu cedo para uma mulher. Nem minha esposa nem Bess puderam dizer que conseguiram isso de mim.

– Agradeço-lhe do fundo do coração – disse Margaret, sorrindo. – No entanto, não acredito em você: acredito que já cedeu para a esposa e a filha, tanto quanto a maioria dos homens.

– E quanto a Mr. Thornton – disse Mr. Hale – vou lhe dar um bilhete para ele, o qual, acho que posso me aventurar a dizer, vai garantir-lhe uma entrevista.

– Agradeço-lhe a gentileza, senhor, mas eu prefiro de bom grado ficar com meus próprios motivos. Eu não posso engolir a ideia de receber um favor assim, de alguém que não conhece os detalhes da disputa. Se intrometer entre patrões e empregados é mais parecido com se intrometer entre marido e mulher do que qualquer outra coisa: é preciso muita sabedoria para fazer algum bem. Vou montar guarda na porta da fábrica. Vou estar lá desde as seis da manhã, até que consiga falar com ele. Mas eu preferia muito mais varrer as ruas, se os indigentes já não pegaram esse trabalho. Não tenha esperança, senhorita. Haverá mais chance de tirar o leite de uma pedra. Desejo-lhes uma boa noite e muito obrigada aos dois.

– Você encontrará seus sapatos junto ao fogo da cozinha. Levei-os lá para secar – disse Margaret.

Ele se virou e olhou para ela com firmeza, então esfregou os olhos com

a mão magra e seguiu seu caminho.

– Como é orgulhoso esse homem! – disse seu pai, que estava um pouco aborrecido com a maneira pela qual Higgins tinha recusado sua intercessão junto à Mr. Thornton.

– Ele é – disse a Margaret – mas quantas grandes qualidades de um homem ele possui, orgulho e tudo.

– É divertido ver como ele, evidentemente, respeita a parte do caráter de Mr. Thornton que é igual à sua.

– Há um pouco de granito em todas essas pessoas do norte, papai, não acha?

– Não havia nenhum no pobre Boucher, eu temo, nem em sua esposa.

– Eu diria, pelo seu sotaque, que eles devem ter sangue irlandês. Eu me pergunto se Higgins vai ter sucesso amanhã. Se ele e Mr. Thornton vão conversar de homem para homem... se Higgins vai esquecer que Mr. Thornton é um patrão, e falar com ele como fez conosco. E se Mr. Thornton seria bastante paciente para escutá-lo com seu coração humano, e não com seus ouvidos de patrão.

– Finalmente você está conseguindo fazer justiça a Mr. Thornton, Margaret – disse o pai, beliscando sua orelha.

Margaret sentiu um estranho aperto no coração, que a tornou incapaz de responder. “Ah!” pensava ela “Eu gostaria de ser um homem, assim poderia ir até ele e forçá-lo a expressar sua desaprovação, e dizer-lhe honestamente que sabia que merecia. Parece difícil perdê-lo como amigo, justo quando havia começado a perceber o seu valor. Como ele foi terno com a querida mamãe! Mesmo que fosse só por causa dela, eu gostaria que ele viesse, e então pelo menos eu saberia quanto fui rebaixada aos seus olhos.”

[1] Thomas Hood (1799-1845): poeta e humorista britânico.

CAPÍTULO 38

PROMESSAS CUMPRIDAS

“Então com orgulho, com orgulho, ela se levantou,
Apesar da lágrima em seus olhos,
Diga o que quiser, pense o que puder,
De mim não ouvirá uma palavra!”
Balada Escocesa

Não se tratava apenas de Mr. Thornton achar que Margaret tinha dito uma mentira – embora ela imaginasse que só por isso estivesse tão depreciada na sua opinião – mas do fato de que essa sua mentira, na mente dele, guardava estreita relação com algum outro amor. Ele não podia esquecer do olhar apaixonado e ardente que se passara entre ela e algum outro homem – a atitude de confiança familiar, se não de positivo afeto. Esse pensamento o atormentava perpetuamente. Era um quadro diante dos seus olhos, onde quer que fosse e o que quer que fizesse. Além disso (e ele rangeu os dentes enquanto se lembrava), era a hora, na sombra do crepúsculo, e o lugar, tão longe de casa e relativamente pouco frequentado. A parte nobre do seu ser tinha pensado, no princípio, que tudo aquilo poderia ser acidental, inocente, justificável. Mas, uma vez admitido seu direito de amar e ser amada (e ele tinha qualquer razão para negar-lhe esse direito? suas palavras não tinham sido severamente explícitas quando ela atirou longe o amor dele?), ela poderia ter sido iludida facilmente para fazer um passeio mais longo, em uma hora mais tardia do que previra. Mas aquela mentira! – que mostrava uma consciência fatal de algo errado, algo que devia ser escondido, que era contrário ao seu modo de ser. Ele fez a ela essa justiça, embora o tempo todo teria sido um alívio acreditá-la totalmente indigna da sua estima. Foi isso que fez a infelicidade – que ele a amava apaixonadamente, e pensava que ela era, mesmo com todos os seus defeitos, a mais adorável das mulheres, e superior a qualquer outra. Ainda assim, ele a julgava tão ligada a algum outro homem, tão levada por seu afeto por ele a ponto de violar sua natureza sincera. A própria falsidade que a manchava era uma prova de quão cegamente ela amava a outro – aquele homem moreno, elegante, bonito e refinado – enquanto ele era áspero, severo e de talhe rústico. Ele se flagelou em uma agonia de ciúme feroz. Pensou naquele olhar, naquela atitude! – como ele teria posto sua vida aos pés dela por tais olhares ternos, por tal possessão apaixonada! Ele zombou de si mesmo, por ter valorizado a forma mecânica com que ela o havia protegido da fúria da multidão. Agora ele tinha visto como ela parecia suave e enfeitada, quando estava com um homem a quem realmente amava. Lembrou-se, ponto por ponto, da agudeza das suas palavras... Não havia um homem em toda aquela multidão por quem ela não teria feito o mesmo, muito mais prontamente do que por ele. Ele compartilhara com aquela turba o desejo dela de evitar derramamento de sangue. Mas esse homem, esse amante escondido, não compartilhava com ninguém: tinha olhares, palavras, apego, mentiras, encobrimento, tudo para ele.

Mr. Thornton estava consciente de que nunca estivera, em toda a sua vida, tão irritado quanto agora. Sentia-se inclinado a dar uma resposta curta e

abrupta, mais um latido do que uma fala, para qualquer um que lhe fizesse uma pergunta. Esta consciência feriu-lhe o orgulho, por ter magoado seu autocontrole. E ele iria controlar-se. Assim, dominou suas maneiras através de calma reflexão, mas o assunto era ainda mais duro e rigoroso do que o habitual. Em casa, estava mais silencioso do que de costume. Empregava suas noites em uma caminhada contínua de um lado para outro, o que teria aborrecido sua mãe excessivamente se tivesse sido praticado por qualquer outra pessoa. E não ajudava a promover alguma tolerância por parte dela, mesmo em relação a esse filho amado.

– Você pode parar? Pode se sentar por um momento? Eu tenho algo para lhe dizer, se você desistir de ficar sempre andando, andando, andando...

Ele sentou-se imediatamente, em uma cadeira virada para a parede.

– Eu quero falar com você sobre Betsy. Ela diz que deve nos deixar, que a morte do seu noivo afetou tanto o seu espírito que ela não pode dedicar-se de coração ao trabalho.

– Muito bem. Eu suponho que outros cozinheiros poderão ser encontrados.

– Isso é tão típico de um homem! Não se trata apenas da culinária, é que ela conhece todos os costumes da casa. Além disso, ela me disse algo sobre sua amiga Miss Hale.

– Miss Hale não é nenhuma amiga minha. Mr. Hale é meu amigo.

– Fico feliz em ouvi-lo dizer isso, pois se ela fosse sua amiga, o que a Betsy diz o teria aborrecido.

– Permita-me ouvir – disse ele, com a extrema tranquilidade de maneiras que vinha assumindo nos últimos dias.

– Betsy diz que na noite em que seu noivo... não me lembro o nome dele, pois ela sempre o chama de “ele”...

– Leonards.

– Na noite em que Leonards foi visto pela última vez na estação – quando ele foi visto pela última vez em serviço, na verdade – Miss Hale estava lá, caminhando com um jovem que, Betsy acredita, matou Leonards com algum golpe ou empurrão.

– Leonards não foi morto por qualquer golpe ou empurrão.

– Como você sabe?

– Porque eu coloquei a questão distintamente para o cirurgião do hospital. Ele me disse que havia uma doença interna que já durava há longo tempo, causada pelo hábito de Leonards de beber em excesso. E que o fato de ele piorar rapidamente, quando em estado de embriaguez, resolvera a questão sobre se o último ataque fatal fora causado por excesso de bebida ou pela queda.

– Queda? Que queda?

– Causada pelo golpe ou empurrão de que Betsy fala.

– Então houve um golpe ou empurrão?

– Acredito que sim.

– E quem fez isto?

– Como não houve nenhum inquérito, por causa da opinião do doutor, não sei lhe dizer.

– Mas Miss Hale estava lá?

Nenhuma resposta.

– E com um rapaz?

Nenhuma resposta ainda. Afinal, ele disse:

– Eu já lhe disse, mãe, que não houve nenhum inquérito – nenhuma investigação. Nenhuma investigação judicial, quero dizer.

– Betsy diz que Woolmer (um homem que ela conhece, que trabalha em uma mercearia em Crampton) pode jurar que Miss Hale estava na estação a essa hora, caminhando de um lado para outro com um rapaz.

– Eu não vejo o que temos a ver com isso. Miss Hale é livre para fazer o que lhe agrada.

– Fico feliz de ouvi-lo dizer isso – disse Mrs. Thornton, ansiosamente. – Isso certamente significa muito pouco para nós – e nada para você, depois do que se passou! Mas eu... eu fiz uma promessa a Mrs. Hale, de que não permitiria que sua filha cometesse um erro sem aconselhá-la e mostrar minha desaprovação. Eu a deixarei saber minha opinião sobre tal conduta, certamente.

– Eu não vejo mal nenhum no que ela fez naquela noite – disse Mr. Thornton, levantando-se e chegando perto da mãe. Ficou parado ao lado da lareira, com o rosto virado para fora da sala.

– Você não teria aprovado que Fanny fosse vista fora de casa, depois do anoitecer, em um lugar bastante solitário, caminhando com um jovem. Sem mencionar o gosto dela em escolher aquele momento, quando sua mãe permanecia insepulta, para um tal passeio. Você teria gostado que sua irmã fosse notada pelo empregado de uma mercearia por fazer algo assim?

– Em primeiro lugar, não faz muitos anos que eu mesmo era empregado de um comerciante de tecidos, a mera circunstância de um empregado de mercearia perceber qualquer ato não altera o caráter do ato para mim. E em segundo lugar, vejo muita diferença entre Miss Hale e Fanny. Eu posso imaginar que uma possa ter razões poderosas, que podem e devem fazê-la esquecer qualquer impropriedade aparente em sua conduta. Eu nunca soube que Fanny tivesse razões poderosas para qualquer coisa. Outras pessoas devem protegê-la. Acredito que Miss Hale é guardiã de si mesma.

– Um belo caráter o da sua irmã, na verdade! Realmente, John, qualquer um teria pensado que Miss Hale já fez o suficiente para torná-lo lúcido. Ela o levou a fazer um pedido, por uma exibição corajosa de pretensão afeto por você – para depois jogá-lo contra este mesmo rapaz, não tenho nenhuma dúvida. Sua conduta toda está clara para mim agora. Você acredita que ele seja o seu amante, suponho... Você concorda com isso.

Ele se virou para a mãe, seu rosto estava muito triste e severo.

– Sim, mãe. Eu acredito que ele é seu amante.

Depois de falar, virou-se novamente. Ele padecia com isso, como se fosse uma dor física. Encostou o rosto contra a sua mão. Então, antes que ela pudesse falar, ele voltou a ficar irritado:

– Mãe. Ele é seu amante, quem quer que ele seja. Mas ela pode precisar de ajuda e conselho femininos. Pode haver dificuldades ou tentações que eu não conheço. Temo que haja. Eu não quero saber quais são, mas como a senhora sempre foi uma boa mãe – sim! e uma mãe terna para mim – procure-a e ganhe sua confiança, e então lhe diga o que é melhor fazer. Eu sei que algo está errado – algo horrível, deve ser uma tortura terrível para ela.

– Pelo amor de Deus, John! – disse a mãe, agora realmente chocada. – O que você quer dizer? O que você quer dizer? O que você sabe?

Ele não respondeu.

– John! Eu não sei o que posso vir a pensar, a menos que você fale. Você não tem o direito de dizer o que tem feito contra ela.

– Não contra ela, mãe! Eu não *podia* falar contra ela.

– Bem! Você não tem o direito de dizer o que tem feito, a menos que diga mais. Essas meias expressões são o que arruína o caráter de uma mulher.

– Seu caráter! Mãe, você não ousa... – ele virou-se para ela, e encarou-a com olhos flamejantes. Então, recuperando um pouco de sua compostura e dignidade, disse – Não vou dizer mais do que isso, que é nem mais nem menos do que a simples verdade, e tenho certeza que acredita em mim... Tenho boas razões para acreditar que Miss Hale esteja em algum dilema ou dificuldade relacionada com uma ligação que, por si só, pelo meu conhecimento do caráter de Miss Hale, é perfeitamente inocente e direita. Qual é a minha razão, eu me recuso a dizer. Mas nunca deixe-me ouvir qualquer um dizer uma palavra contra ela, implicando qualquer imputação mais grave do que o fato de ela precisar agora do conselho de alguma mulher bondosa e gentil. A senhora prometeu a Mrs. Hale que seria essa mulher!

– Não! – disse Mrs. Thornton. – Fico feliz de dizer que não prometi bondade nem gentileza, pois sentia na ocasião que poderia estar fora do meu poder oferecer isso a alguém com o caráter e a disposição de Miss Hale. Eu prometi conselho e aviso, como eu daria à minha própria filha. Vou falar com ela como eu faria com Fanny, se ela estivesse andando por aí com um rapaz ao crepúsculo. Falarei com relação às circunstâncias que conheço, sem ser influenciada de um modo ou de outro pelas “razões poderosas” que você não vai me dizer. Então eu terei cumprido a minha promessa e feito o meu dever.

– Ela nunca irá tolerar isso – disse ele, apaixonadamente.

– Ela terá que tolerar, se eu falar no nome da sua mãe morta.

– Bem! – disse ele, escapando. – Não me diga mais nada sobre isso. Eu não posso suportar pensar nisso. De qualquer modo, será melhor que a senhora fale com ela do que ninguém falar absolutamente nada.

“Ah! Aquele olhar de amor!” disse ele, entredentes, quando se trancou no seu próprio quarto. “E aquela maldita mentira, que mostrou alguma vergonha terrível no fundo, para ser mantida longe da luz na qual eu pensei que ela vivesse eternamente! Oh, Margaret, Margaret! Mãe, como você me torturou! Oh! Margaret, você não poderia ter me amado? Eu sei que sou apenas rude e duro,

mas eu nunca a teria levado a mentir por mim.”

Quanto mais Mrs. Thornton refletia sobre o que o filho havia dito, pedindo um julgamento misericordioso para a indiscrição de Margaret, mais amargamente ela se sentia disposta em relação a ela. Sentia um prazer selvagem com a ideia de “falar o que pensava” para Margaret, sob a forma de cumprimento de um dever. Gostou da ideia de mostrar-se intocada pelo “encanto”, que ela estava plenamente consciente de que Margaret era capaz de lançar sobre muitas pessoas. Resmungou com desdém ante a imagem da beleza de sua vítima – seus cabelos negros, sua pele lisa e clara, seus olhos lúcidos não ajudariam a poupar uma palavra da repreensão justa e dura que Mrs. Thornton gastou metade da noite preparando em sua mente.

– Miss Hale está em casa?

Ela sabia que estava, pois a tinha visto na janela, e já colocara os pés no pequeno vestibulo antes que Martha tivesse terminado de responder à sua pergunta.

Margaret estava sentada sozinha, escrevendo para Edith e lhe dando muitos detalhes dos últimos dias da mãe. Era uma tarefa suave, e ela teve que afastar as lágrimas que lhe vieram espontaneamente, quando Mrs. Thornton foi anunciada.

Margaret foi tão gentil e elegante no seu modo de receber que a visitante ficou um pouco espantada. E tornou-se impossível proferir seu discurso, tão fácil de elaborar quando não era dirigido a ninguém. A rica voz grave de Margaret estava mais suave do que o usual, e seus modos mais graciosos, pois no seu coração sentia-se muito grata a Mrs. Thornton pela cortesia da sua visita. Ela dedicou-se a encontrar assuntos de interesse para a conversa; elogiou Martha, a criada que Mrs. Thornton havia encontrado para eles; tinha perguntado a Edith alguma coisa a respeito do ar da Grécia, sobre o qual falara com Miss Thornton. Mrs. Thornton ficou bastante desconcertada. Sua lâmina afiada de Damasco parecia fora de lugar e inútil entre pétalas de rosas. Ela ficou em silêncio, porque estava tentando dar conta do seu dever. Afinal, forçou-se a desmentir-se por uma suspeita que, apesar de toda a probabilidade, ela permitiu que cruzasse a sua mente: de que toda essa doçura fora fingida com a intenção de acalmar Mr. Thornton; que, de alguma maneira, a outra ligação havia acabado, e que convinha aos propósitos de Miss Hale recuperar seu amante rejeitado. Pobre Margaret! Talvez a única verdade que houvesse na suspeita de Mrs. Thornton fosse esta: que Mrs. Thornton era a mãe de alguém cujo respeito ela valorizava, e temia ter perdido; e esse pensamento inconscientemente somava-se ao seu desejo natural de agradar a alguém que estava se mostrando gentil em fazer-lhe uma visita. Mrs. Thornton levantou-se para sair, mas ainda parecia ter algo mais a dizer. Ela limpou a garganta e começou:

– Miss Hale, eu tenho um dever a cumprir. Prometi à sua falecida mãe que, na medida do meu pobre julgamento, eu não lhe permitiria agir de forma errada, ou (aqui ela suavizou um pouco o seu discurso), inadvertidamente, sem

protestar ou, pelo menos, sem oferecer conselho, quer você aceite ou não.

Margaret estava à sua frente, corando como qualquer culpado, seus olhos se dilatando enquanto contemplava Mrs. Thornton. Pensou que ela viera para falar-lhe sobre a mentira que ela havia dito – que Mr. Thornton tinha utilizado a mãe para explicar o perigo a que ela se expunha, de ser refutada em pelo tribunal! E embora seu coração afundasse ao pensar que ele preferira não vir pessoalmente, e censurá-la, e receber sua penitência, e restaurá-la novamente em sua boa opinião, ainda assim ela estava muito mortificada para não suportar qualquer culpa sobre esse assunto com paciência e humildade.

Mrs. Thornton continuou:

– No princípio, quando eu soube por uma das minhas criadas que você tinha sido vista passeando com um cavaleiro, em um lugar tão longe de casa como a estação de Outwood, àquela hora da noite, eu mal pude acreditar. Mas meu filho, lamento dizer, confirmou a sua história. Você foi imprudente, para dizer o mínimo. Muitas jovens já perderam a reputação antes...

Os olhos de Margaret faiscaram. Esta era uma ideia nova – era muito insultante. Se Mrs. Thornton tivesse falado com ela sobre a mentira que ela havia dito, muito bem – ela teria admitido e sofrido a humilhação. Mas questionar a sua conduta – falar do seu caráter! – Ela... Mrs. Thornton, uma simples estranha... Era muita impertinência! Ela não lhe responderia... nem uma palavra. Mrs. Thornton viu a batalha do espírito nos olhos de Margaret, e isso despertou sua combatividade também.

– Pelo amor de sua mãe, eu pensei ser correto adverti-la contra tais impropriedades. Isso pode degradá-la, a longo prazo, na estima do mundo. Mesmo que, de fato, não lhe cause nenhum dano prático.

– Pelo amor de minha mãe – disse Margaret, em uma voz chorosa – eu suportarei muita coisa, mas não posso suportar tudo. Ela nunca quis que eu fosse exposta ao insulto, estou certa.

– Insulto, Miss Hale?

– Sim, senhora – disse Margaret com mais firmeza – é um insulto. O que a senhora sabe de mim, para levá-la a suspeitar... Oh! – disse ela, arrasada, cobrindo o rosto com as mãos. – Eu sei agora... Mr. Thornton lhe contou...

– Não, Miss Hale – disse Mrs. Thornton, sua honestidade fazendo-a impedir a confissão que Margaret estava a ponto de fazer, embora sua curiosidade ardesse por ouvi-la. – Espere. Mr. Thornton não me falou nada. Você não conhece o meu filho. Você não merece conhecê-lo. Ele disse isso. Escute, minha jovem, para que possa entender, se puder, que tipo de homem você rejeitou. Este industrial de Milton, seu grande e terno coração desprezado como foi desprezado, me disse apenas ontem à noite “Vá até ela. Eu tenho uma boa razão para acreditar que ela está em algum dilema, saindo de alguma ligação, e precisa de um conselho feminino.” Acredito que essas foram as suas palavras exatas. Mais do que isso – mais do que admitir o fato de você ter estado na

estação de Outwood com um cavalheiro, na noite do dia vinte e seis – ele não disse. Não disse nada... nem uma palavra contra você. Se ele teve conhecimento de qualquer coisa que poderia fazê-la chorar assim, guardou para si mesmo.

O rosto de Margaret ainda estava escondido nas mãos, seus dedos molhados de lágrimas. Mrs. Thornton suavizou-se um pouco.

– Vamos, Miss Hale. Pode haver circunstâncias, eu admito, que, se explicadas, podem remover a aparente impropriedade.

Nenhuma resposta ainda. Margaret estava pensando no que dizer. Ela desejava ficar bem com Mrs. Thornton. Ainda assim não podia, não devia, dar qualquer explicação. Mrs. Thornton ficou impaciente.

– Eu lamentaria romper uma amizade, mas pelo bem de Fanny... Como eu disse ao meu filho, se Fanny tivesse feito isso nós consideraríamos uma grande desgraça – e Fanny poderia ser levada...

– Eu não posso lhe dar nenhuma explicação – disse Margaret, em voz baixa. – Eu agi errado, mas não do modo que a senhora pensa ou sabe. Acho que Mr. Thornton me julga com mais misericórdia do que a senhora – ela teve bastante trabalho para evitar sufocar com as lágrimas – mas acredito, minha senhora, que sua intenção foi justa.

– Obrigada – disse Mrs. Thornton, endireitando-se. – Eu não estava ciente de que a minha intenção fora posta em dúvida. É a última vez que vou interferir. Eu estava pouco disposta a consentir nisso, quando sua mãe me pediu. Não havia aprovado o afeto do meu filho por você, enquanto era apenas uma suspeita. Você não me parece digna dele. Mas quando você se comprometeu daquela maneira, no momento do motim, e se expôs aos comentários de criados e trabalhadores, senti que não era mais direito me opor ao desejo do meu filho de lhe propor casamento – um desejo, aliás, que ele sempre negou que tivesse, até o dia do motim.

Margaret estremeceu e puxou a respiração com um longo som sibilante, do qual, porém, Mrs. Thornton não tomou conhecimento.

– Ele veio, mas você tinha, aparentemente, mudado de ideia. Eu disse ao meu filho, ontem, que eu pensei que fosse possível, embora o intervalo fosse curto, que você tivesse recebido alguma notícia desse outro amante...

– O que está pensando de mim, minha senhora? – perguntou Margaret, jogando a cabeça para trás com orgulhoso desdém, até que sua garganta se curvasse como a de um cisne. – A senhora não pode dizer mais nada, Mrs. Thornton. Não aceito qualquer tentativa de me justificar por coisa alguma. Peço-lhe que me permita deixar a sala.

E ela abandonou a sala com a graça silenciosa de uma princesa ofendida. Mrs. Thornton tinha bastante humor natural para fazê-la sentir o ridículo da posição em que fora deixada. Não havia nada a fazer além de sair. Ela não estava particularmente aborrecida com a maneira de Margaret se comportar. Não se importava o suficiente com ela para isso. Ela havia levado a reprovação de Mrs. Thornton ao extremo, permitindo que penetrasse em seu

coração com tanta força quanto aquela senhora esperava. E a paixão de Margaret abrandara imediatamente a visitante, muito mais do que qualquer silêncio ou reserva poderia ter feito. Mostrava o efeito das suas palavras. “Minha jovem” pensava Mrs. Thornton para si mesma “você tem um ótimo temperamento. Se você e John tivessem ficado juntos, ele teria que manter uma mão firme sobre você, para fazê-la conhecer o seu lugar. Mas eu não acho que você vai andar por aí de novo com o seu namorado, a essa hora do dia, assim tão depressa. Você tem muito orgulho e espírito para isso. Eu gosto de ver uma menina enfurecer-se com a ideia de que possam falar mal dela. Mostra que não são volúveis nem controladas pela natureza. Quanto a essa moça, ela pode até ser controlada, mas nunca seria volúvel. Eu lhe farei essa justiça. Mas Fanny, ela seria volúvel, e não corajosa. Ela não tem nenhuma coragem, pobrezinha!

Mr. Thornton não estava passando a manhã de modo tão satisfatório quanto a mãe. Ela, pelo menos, estava cumprindo seu propósito determinado. Ele estava tentando entender em que ponto se encontrava, o dano que a greve havia lhe causado. Uma boa parte do seu capital fora investido em maquinaria nova e cara, e ele também havia comprado algodão em grande quantidade, tendo em vista algumas grandes encomendas que ele tinha em mãos. A greve o tinha deixado terrivelmente atrasado com relação à entrega dessas encomendas. Mesmo com seus próprios trabalhadores, experientes e qualificados, ele teria tido alguma dificuldade para cumprir seus compromissos. Do jeito que as coisas estavam, a incompetência da mão de obra irlandesa, que tivera que ser treinada para o trabalho, em um momento que exigia uma atividade incomum, era um aborrecimento diário.

Não era uma boa hora para Higgins fazer o seu pedido. Mas ele tinha prometido a Margaret fazê-lo a qualquer custo. Assim, embora cada momento aumentasse a sua repugnância, o seu orgulho e a rabugice do seu temperamento, ele permaneceu encostado no muro, hora após hora, primeiro apoiado em uma perna, depois na outra. Por fim, a tranca foi erguida bruscamente, e Mr. Thornton saiu.

- Eu preciso falar com o senhor.
- Não posso ficar agora, homem. Estou muito atrasado.
- Bem, senhor, acho que posso esperar até que o senhor volte.

Mr. Thornton já estava descendo rua abaixo. Higgins suspirou. Mas era inútil. Pegá-lo na rua era a sua única chance de falar com “o patrão”. Se ele tivesse tocado a campainha da fábrica, ou até mesmo ido até a casa para perguntar por ele, teria sido encaminhado para o supervisor. Então ele ficou parado novamente, sem dar nenhuma resposta, apenas um leve aceno de reconhecimento para os poucos homens que o conheciam e falaram com ele – enquanto a multidão se dirigia para fora do pátio na hora do almoço – além de olhar com a cara mais carrancuda que podia para os “fura greves” irlandeses que tinham acabado de ser importados. Finalmente Mr. Thornton retornou.

- O quê! Ainda está parado aí?
- Sim, senhor. Preciso falar com o senhor.

- Entre aqui, então. Espere, vamos atravessar o pátio, os homens ainda não voltaram e estaremos sozinhos. Vejo que essa gente boa está almoçando – disse ele, fechando a entrada da portaria.

Ele parou para falar com o supervisor. Este último disse em voz baixa:

– Suponho que saiba, senhor, que aquele homem é Higgins, um dos líderes do Sindicato. Foi ele que fez aquele discurso em Hurstfield.

– Não, eu não sabia – disse Mr. Thornton, voltando-se e olhando de modo penetrante para o homem que o seguia. Ele conhecia Higgins de nome, como sendo um caráter turbulento.

– Venha – disse ele, e o seu tom era mais áspero do que antes. – “São homens como este” pensou ele “que interrompem o comércio e prejudicam a própria cidade em que vivem: meros demagogos, amantes do poder, custe o que custar para os outros.”

– Bem, senhor! O que quer comigo? – disse Mr. Thornton, olhando-o de frente, assim que chegaram ao escritório de contabilidade da fábrica.

– Meu nome é Higgins.

– Eu sei disso – interrompeu Mr. Thornton. – O que deseja, Mr. Higgins? Essa é a questão.

– Eu quero trabalho.

– Trabalho! Você é um sujeito ousado para vir aqui me pedir trabalho. Não lhe falta atrevimento, pelo que vejo.

– Eu já tive inimigos e caluniadores como meus superiores, mas eu nunca soube de algum deles ter dito que eu sou humilde – disse Higgins. Seu sangue estava começando a ferver, mais pelas maneiras de Mr. Thornton do que por suas palavras.

Mr. Thornton viu uma carta dirigida a ele sobre a mesa. Pegou-a e leu-a inteira. No final, levantou os olhos e disse:

– O que está esperando?

– Uma resposta para a pergunta que eu fiz.

– Eu já lhe dei antes. Não perca mais o seu tempo.

– O senhor fez uma observação sobre o meu atrevimento, senhor, mas eu fui ensinado que era gentil responder “sim” ou “não”, quando alguém nos faz uma pergunta educada. Eu ficaria grato ao senhor se me desse trabalho. Hamper poderá lhe dizer que sou um bom trabalhador.

– Tenho a impressão de que seria melhor não me mandar para o Hamper para perguntar sobre um caráter, homem. Eu poderia ouvir mais do que você gostaria.

– Eu correria o risco. O pior que eles poderiam dizer de mim é que eu fiz o que achei melhor, até mesmo para meu próprio prejuízo.

– É melhor você ir lá tentar, então, e ver se eles vão te dar trabalho. Eu dispensei mais de uma centena dos meus melhores trabalhadores, por nenhuma outra falta senão seguir você e outros como você, e ainda acha que vou ficar com você? Eu poderia muito bem colocar um tição no meio do resíduo do algodão.

Higgins se virou. Então a lembrança de Boucher veio à sua mente, e ele encarou a maior concessão que poderia se convencer a fazer.

– Eu lhe prometo, patrão, que não falaria uma palavra que pudesse prejudicá-lo, se o senhor agir certo conosco. E prometo mais: prometo que quando eu ver que está agindo errado, e sendo injusto, eu primeiro vou falar a sós com o senhor. É isso seria uma advertência justa. Se o senhor e eu concordarmos agora em nossa opinião sobre a sua conduta, o senhor pode me dispensar com aviso prévio de uma hora apenas.

– Dou-lhe minha palavra, você não pensa pouco de si mesmo! Hamper teve uma enorme perda com você. Como ele permitiu que você e a sua sabedoria se fossem?

– Bem, nós nos separamos por insatisfação mútua. Eu não ia assinar o compromisso que eles estavam pedindo, e eles não ficariam comigo sem essa obrigação. Assim, eu estou livre para fazer outro contrato, e como eu disse antes, embora eu não devesse dizer isso, eu sou um bom trabalhador, patrão, e um homem firme - especialmente quando puder parar de beber. E isso eu farei agora, se nunca fiz antes.

– Para que possa ter mais dinheiro guardado para uma outra greve, eu suponho?

– Não! Eu seria grato se estivesse livre para fazer isso. É para manter a viúva e os filhos de um homem que ficou louco com os fura-greves. Posto para fora por um Mané, que não sabe a diferença entre tamar e urdir.

– Bem! Seria melhor você se voltar para qualquer outra coisa, se tiver algum juízo nessa sua cabeça. Eu não o aconselharia a ficar em Milton: você é muito conhecido por aqui.

– Se fosse verão – disse Higgins – eu faria o trabalho de um Mané, ou iria ser marinheiro, ou cortador de feno, e nunca veria Milton novamente. Mas é inverno, e as crianças vão morrer de fome.

– Um belo marinheiro você daria! Pois você não conseguiria aguentar o trabalho de escavação durante a metade de um dia, comparado a um irlandês.

– Eu só cobraria meio dia por doze horas, se pudesse fazer o trabalho de meio dia nesse tempo. O senhor não conhece qualquer lugar onde eles pudessem me testar, longe das fábricas, se eu sou um tal agitador? Eu aceitaria qualquer salário que eles achem que eu mereça, por causa das crianças.

– Você não percebe o que isso o tornaria? Você seria um fura-greve. Você estaria aceitando um salário menor do que o dos outros trabalhadores – tudo por causa dos filhos de outro homem. Pense em como você insultaria qualquer pobre companheiro que estivesse disposto a aceitar o que pudesse conseguir para manter os próprios filhos. Você e o seu Sindicato logo cairiam em cima dele. Não! Não! Se é só pela lembrança do modo com que você usou os pobres fura-greves até agora, eu digo não! – para a sua pergunta. Não vou lhe dar trabalho. Eu não direi que não acredito no seu pretexto para vir pedir trabalho – não sei nada sobre isto. Pode ser verdade, pode não ser. É uma história muito improvável, de qualquer modo. Me deixe passar. Eu não lhe darei trabalho. Ai está a sua resposta.

– Eu ouvi, senhor. Eu não o teria incomodado, se não fosse obrigado a vir por alguém que parece pensar que o senhor tem algum lugar suave no seu coração. Ela se equivocou e eu fui enganado. Mas eu não sou o primeiro homem que é enganado por uma mulher.

– Diga a ela para cuidar dos seus próprios assuntos da próxima vez, em vez de tomar o seu tempo e o meu também. Eu acredito que as mulheres estão por trás de todas as pragas deste mundo. Saia fora daqui.

– Eu sou grato ao senhor por toda a sua bondade, patrão, e acima de tudo pela sua maneira educada de dizer adeus.

Mr. Thornton não se dignou responder. Mas, olhando para fora da janela um minuto depois, foi surpreendido com a figura magra e curvada saindo do pátio: o andar pesado fazia um estranho contraste com a determinação clara e resoluta do homem que falara com ele. Ele foi até a portaria:

– Há quanto tempo aquele homem, Higgins, estava esperando para falar comigo?

– Ele estava fora do portão antes das oito horas, senhor. Eu acho que ele esteve lá desde então.

– E agora é...?

– Uma hora, senhor.

“Cinco horas” pensou Mr. Thornton. “É um longo tempo para um homem esperar, sem fazer nada além de primeiro esperar, e depois temer.”

CAPÍTULO 39

FAZENDO AMIGOS

“Não, acabou; de mim nada mais terás:
E estou contente, sim, contente do fundo do coração,
Que assim tão claramente eu mesma seja livre.”
Drayton^[1]

Margaret trancou-se em seu próprio quarto, depois de ter deixado Mrs. Thornton. Começou a caminhar de um lado para outro, no seu antigo modo habitual de mostrar agitação. Mas, depois, lembrando-se de que naquela casa construída com tanta leveza cada passo era ouvido de uma peça para outra, sentou-se até que ouviu Mrs. Thornton sair com segurança da casa. Obrigou-se a lembrar toda a conversa que se passara entre elas. Fala por fala, ela forçou sua memória a passar por isso. No final, levantou-se e disse para si mesma, em um tom melancólico:

“De qualquer modo, suas palavras não me tocam. Elas não me atingem, pois sou inocente de todas as motivações que ela me atribui. Mas, ainda assim, é difícil pensar que qualquer um – qualquer mulher – pode acreditar em tudo isso a respeito de outra com tanta facilidade. É difícil e triste. Onde eu agi errado, ela não me acusa... ela não sabe. Ele nunca lhe contou: eu devia ter sabido que ele não contaria!”

Ela levantou a cabeça, como se sentisse orgulho de qualquer delicadeza de sentimentos que Mr. Thornton tivesse mostrado. Então, como se um pensamento novo lhe surgisse, ela juntou as mãos e apertou-as firmemente.

“Ele, também, tomou o pobre Frederick por algum amante.” (Ela corou quando a palavra cruzou sua mente). “Agora entendo. Ele não apenas sabe da minha mentira, como acredita que algum outro gosta de mim, e que eu... Oh, Deus! Oh, céus! O que devo fazer? O que pretendo? Por que me importo com o que ele pensa, além da mera perda do seu bom conceito quanto ao fato de eu ter contado ou não a verdade? Não sei dizer. Mas eu sou muito infeliz! Oh, como este último ano foi infeliz! Eu passei da infância para a velhice. Não tive nenhuma juventude... nenhuma feminilidade. As esperanças próprias de uma mulher se acabaram para mim, pois nunca me casarei. E prevejo preocupações e tristezas, como se eu fosse uma mulher velha, e com o mesmo espírito temeroso. Estou cansada dessa contínua necessidade de ser forte. Eu poderia suportar pelo papai, pois esse é um dever natural e piedoso. E acho que poderia suportar ir de encontro... de qualquer modo, eu poderia ter energia para me ressentir contra as suspeitas injustas e impertinentes de Mrs. Thornton. Mas é duro sentir o quanto ele está completamente enganado a meu respeito. O que aconteceu para me deixar tão mórbida hoje? Eu não sei. Só sei que não posso evitar isso. Tenho que

ceder às vezes. Não, eu não vou, no entanto...” pensou ela, ficando repentinamente de pé. “Eu não vou... eu *não* pensarei em mim e na minha própria posição. Não analisarei meus próprios sentimentos. Seria inútil agora. Algum dia, se eu viver até ficar velhinha, poderei sentar-me junto à lareira e, olhando para as brasas, pensar na vida que poderia ter tido.”

Todo esse tempo ela estava se vestindo apressadamente para sair, parando de vez em quando só para secar os olhos, com um gesto de impaciência pelas lágrimas que continuavam a cair, apesar de toda a sua coragem.

“Ouso dizer que muitas mulheres já cometeram um erro tão triste como o meu, e só descobriram tarde demais. E como eu fui orgulhosa e impertinente ao falar com ele naquele dia! Mas eu não sabia, então. Chegou-me pouco a pouco e não sei onde começou. Agora eu não cederei. Acharei difícil me comportar da mesma maneira com ele, com esta consciência infeliz pesando sobre mim. Mas serei muito tranquila e muito calma e direi muito pouco. Mas, com certeza, não posso vê-lo, e ele se mantém evidentemente fora do nosso caminho. Isso seria pior do que tudo. E ainda assim não admira que ele me evite, pensando o que pensa sobre mim.”

Ela saiu, dirigindo-se rapidamente para o campo, e tentando sufocar as reflexões com a rapidez da caminhada.

Ao voltar, quando parou na entrada da casa, seu pai apareceu:

– Ah! Boa menina! – disse ele. – Foi visitar Mrs. Boucher. Eu estava justamente pretendendo ir até lá, se tivesse tempo, antes do almoço.

– Não, papai, eu não fui – disse Margaret, corando. – Nem sequer pensei nela. Mas irei imediatamente após o almoço, enquanto o senhor faz a sua sesta.

Assim, Margaret foi. Mrs. Boucher estava muito doente, realmente doente... não apenas indisposta. A vizinha amável e sensata que viera no outro dia parecia ter se encarregado de tudo. Algumas das crianças foram para a casa dos vizinhos. Mary Higgins viera buscar os três mais novos para o almoço, e desde então Nicholas mandara chamar o médico. Ele ainda não tinha vindo. Mrs. Boucher estava morrendo, e não havia nada a fazer senão esperar. Margaret pensou que gostaria de saber a opinião dele, e que não havia nada melhor a fazer do que ver os Higgins enquanto isso. Talvez ela pudesse, então, saber se Nicholas tinha conseguido fazer seu pedido a Mr. Thornton.

Ela encontrou Nicholas diligentemente ocupado em fazer uma moeda girar sobre a cômoda, para divertimento das três crianças pequenas, que se agarravam a ele de modo destemido. Ele, assim como os pequenos, estava sorrindo ao ver a moeda girar demoradamente, e Margaret pensou que o seu olhar feliz de interesse naquela ocupação era um bom sinal. Quando a moeda parou de girar, o “pequeno Johnnie” começou a chorar.

– Venha comigo – disse Margaret, tirando-o da cômoda e pegando-o nos braços. Segurou seu relógio junto ao ouvido do bebê, enquanto perguntava a Nicholas se ele tinha visto Mr. Thornton.

O olhar no rosto dele mudou imediatamente.

– Sim! – disse ele. – Eu vi e ouvi demais da parte dele.

– Ele o recusou, então? – disse Margaret, com tristeza.

– Pode estar certa. Eu sabia o tempo todo que ele faria isso. Não é bom esperar piedade das mãos dos patrões. Você é uma estranha, uma forasteira, e não é de se esperar que conheça os seus hábitos. Mas eu conheço.

– Eu sinto muito ter lhe pedido isso. Ele estava zangado? Ele não falou com você do mesmo modo que o Hamper, falou?

– Ele não foi educado demais! – disse Nicholas, girando a moeda novamente, tanto para a sua própria diversão como para a das crianças. – Não se preocupe, estou apenas onde já estava. Vou sair a caminhar de novo amanhã. Eu lhe dei o mesmo tratamento que recebi. Disse-lhe que não tinha uma opinião tão boa sobre ele, a ponto de vir procurá-lo uma segunda vez, mas que você me aconselhara a vir, e eu estava em dívida com você.

– Você lhe contou que eu o mandei lá?

– Eu não sei se falei no seu nome. Acho que não falei. Eu lhe disse que uma mulher que não conhecia ninguém melhor tinha me aconselhado a vir e ver se havia um lugar suave no coração dele.

– E ele? – Margaret perguntou.

– Mandou que eu lhe dissesse para cuidar dos seus próprios assuntos. Esse giro é mais longo ainda, meus rapazes. E as palavras educadas que ele usou comigo! Mas não se preocupe. Estamos do mesmo jeito que antes, e eu quebrarei pedras na estrada antes de deixar estes pequeninos morrerem de fome.

Margaret tirou o irrequieto Johnnie dos braços, e o colocou de volta no seu antigo lugar sobre a cômoda.

– Lamento ter lhe pedido que fosse procurar Mr. Thornton. Estou desapontada com ele.

Houve um leve barulho atrás dela. Tanto ela quanto Nicholas voltaram-se ao mesmo tempo, e lá estava Mr. Thornton, com um olhar de desagradável surpresa no rosto. Obedecendo ao primeiro impulso, Margaret passou por ele sem dizer uma palavra, apenas cumprimentando-o com um leve aceno de cabeça para esconder a súbita palidez que ela sentia invadir o seu rosto. Ele retribuiu com o mesmo leve aceno, e então fechou a porta atrás dela. Enquanto se apressava para a casa de Mrs. Boucher, ela ouviu a porta bater, e isso pareceu-lhe a medida da sua mortificação. Ele também ficou aborrecido de encontrá-la ali. Mr. Thornton tinha ternura em seu coração – um “lugar suave”, como Nicholas Higgins chamou. Mas tinha algum orgulho em ocultá-la, mantinha-a muito sagrada e segura, e tinha ciúmes de toda circunstância que tentasse ser admitida ali. Mas se temia a exposição da sua ternura, estava igualmente desejoso de que todos os homens reconhecessem sua justiça. E ele sentia que havia sido injusto, ouvindo com tanto desprezo alguém que tinha esperado, com humilde paciência, durante cinco horas para falar com ele. Que o homem tivesse lhe falado com insolência, quando teve a oportunidade, não representava nada para Mr. Thornton. Ele até gostou dele por isso, e estava bastante consciente da sua própria irritabilidade de temperamento, no momento, o que provavelmente os deixava na mesma situação. Mas foram as cinco horas

de espera que espantaram Mr. Thornton. Ele mesmo não tinha cinco horas para desperdiçar. No entanto, passada uma ou duas horas de árdua reflexão intelectual, assim como de trabalho físico, ele deixou de tentar coletar provas sobre a veracidade da história de Higgins, a natureza do seu caráter, o seu método de vida. Ele tentou não se convencer, mas acabou convencido de que tudo que Higgins tinha dito era verdade. E então a convicção entrou, como se por algum feitiço, e tocou a ternura oculta do seu coração. A paciência do homem, a generosidade simples do seu motivo (pois ele soube da briga entre Boucher e Higgins), o fez esquecer inteiramente dos meros raciocínios de justiça e saltar por sobre eles por um instinto adivinho. Ele viera para dizer a Higgins que lhe daria trabalho, e ficou mais aborrecido por encontrar Margaret lá do que por ouvir suas últimas palavras, pois entendeu então que ela era a mulher que tinha insistido com Higgins para que fosse vê-lo. E ele temia a admissão de qualquer pensamento dela como sendo o motivo para o que ele estava fazendo apenas porque era certo.

– Então esta era a senhora a quem você se referiu como uma mulher? – disse ele, indignado com Higgins. – Você poderia ter me dito que era ela.

– E então, talvez, o senhor tivesse falado dela de modo mais educado. O senhor devia ter uma mãe que controlasse a sua língua, quando dissesse que as mulheres estão na raiz de todas as pragas.

– E é claro que contou isso a Miss Hale?

– Claro que contei. Pelo menos, acho que contei. Eu lhe disse que ela não devia se intrometer novamente em nada que se referisse ao senhor.

– De quem são aquelas crianças... suas? – Mr. Thornton tinha uma boa noção sobre de quem elas eram, pelo que tinha ouvido, mas se sentia desconfortável em iniciar a conversa com este começo pouco promissor.

– Eles não são meus, e eles são meus.

– São as crianças de quem você me falou esta manhã?

– Quando o senhor disse – respondeu Higgins, voltando-se, mal contendo a raiva – que minha história poderia ser verdade ou poderia não ser, mas era muito improvável – eu não esqueci, patrão.

Mr. Thornton ficou calado por um momento. Então disse:

– Nem eu esqueci. Eu me lembro do que disse. Eu lhe falei daquelas crianças de um modo que não tinha o direito de falar. Não acreditei em você. Eu mesmo não poderia tomar conta dos filhos de outro homem, se ele tivesse agido comigo como eu ouvi dizer que Boucher agiu com você. Mas sei agora que você falou a verdade. Eu lhe peço perdão.

Higgins não se voltou, nem respondeu imediatamente. Mas quando falou, foi em um tom mais suave, embora as palavras fossem bastante ásperas.

– O senhor não tem nada que bisbilhotar sobre o que aconteceu entre Boucher e eu. Ele está morto e eu sinto muito. E isso basta.

– É verdade. Você aceita trabalhar comigo? Foi isso que vim perguntar.

A obstinação de Higgins oscilou, recuperou a força e permaneceu firme. Ele não falaria. Mr. Thornton não perguntaria de novo. O olhar de Higgins caiu sobre as crianças.

– O senhor disse que eu era atrevido, e um mentiroso, e um promotor de desordens, e poderia ter dito, com alguma verdade, que eu era dado a beber de vez em quando. E eu o chamei de tirano, e um velho buldogue, e um patrão duro e cruel. E as coisas estão nesse pé. Mas pelas crianças, patrão, o senhor acha que podemos encarar isso juntos?

– Bem! – disse Mr. Thornton, meio sorrindo. – Não era minha proposta de que deveríamos ir juntos. Mas há um conforto, na sua própria explicação. Nenhum de nós pode pensar muito pior do outro do que já fazemos agora.

– Isso é verdade – disse Higgins, refletindo. – Eu tenho pensado, desde que o encontrei, que foi uma graça o senhor não ter me contratado, pois eu nunca conheci um homem a quem pudesse suportar menos. Mas talvez esse tenha sido um julgamento precipitado. E trabalho é trabalho, no que me diz respeito. Assim, patrão, eu irei, e mais ainda, eu lhe agradeço. E isso já é muito, da minha parte – disse ele, com mais franqueza, virando-se de repente e encarando Mr. Thornton plenamente pela primeira vez.

– E isso já é muito da minha parte também – disse Mr. Thornton, dando a Higgins um firme aperto de mão. – E não se esqueça de ser sempre pontual – continuou ele, voltando a ser o patrão. – Não vou ter nenhum retardatário na minha fábrica. As normas que temos, mantemos severamente. E a primeira vez que eu o pegar fazendo alguma asneira, você está fora. Então agora você sabe em que ponto estamos.

– O senhor falou da minha sabedoria esta manhã. Eu acho que posso levá-la comigo, ou o senhor prefere que eu não use o meu cérebro?

– Deixe seu cérebro ativo, se for para usá-lo no meu negócio, e se puder usá-lo também para si mesmo.

– Vou precisar de um bocado de inteligência, para resolver onde meu negócio termina e onde começa o seu.

– Seu negócio ainda não começou e o meu está esperando por mim. Então, boa tarde.

Pouco antes de Mr. Thornton passar pela porta de Mrs. Boucher, Margaret saiu. Ela não o viu, e ele a seguiu por vários metros, admirando seu andar leve e desenvolto, e sua figura alta e graciosa. Mas, de repente, esta emoção simples de prazer foi manchada, envenenada pelo ciúme. Ele desejava alcançá-la e falar com ela, para ver como ela o receberia, agora que sabia que ele estava ciente daquela outra ligação. Ele desejava também, mas se sentia um tanto avergonhado desse desejo, que ela soubesse que ele havia justificado a sua sabedoria em enviar Higgins para pedir-lhe trabalho, e que tinha se arrependido da sua decisão da manhã. Ele veio até ela. Ela se sobressaltou.

– Permita-me dizer, Miss Hale, que foi um tanto prematura em expressar seu desapontamento. Eu contratei Higgins.

– Fico contente com isso – disse ela, friamente.

– Ele me contou que lhe repetiu o que eu disse esta manhã... – Mr. Thornton hesitou.

Margaret prosseguiu:

– Sobre as mulheres não se intrometerem. O senhor tem todo o direito de expressar sua opinião, que é muito correta, não tenho a menor dúvida. – E

continuou, com um pouco mais de ardor – Higgins não lhe contou a verdade exata.

A palavra “verdade” a fez lembrar-se da sua própria mentira, e ela parou bruscamente, sentindo-se extremamente desconfortável.

Mr. Thornton ficou confuso ao interpretar seu silêncio, no princípio. E então lembrou-se da mentira que ela havia contado e de tudo que a havia antecedido.

– A verdade exata! – disse ele. – Muito poucas pessoas falam a verdade exata. Eu desisti de esperar por isso. Miss Hale, não tem qualquer explicação para me dar? A senhorita deve perceber aquilo que não posso deixar de pensar.

Margaret ficou em silêncio. Ela se perguntava se uma explicação de qualquer tipo seria coerente com a sua lealdade para com Frederick.

– Não – disse ele. – Não perguntarei mais nada. Posso estar colocando a tentação no seu caminho. No momento, acredite, seu segredo está seguro comigo. Mas você corre grandes riscos, me permita dizer, sendo tão indiscreta. Eu estou falando agora apenas como amigo do seu pai: se eu tivesse qualquer outra intenção ou esperança, é claro que agora estaria terminada. Eu sou bastante imparcial.

– Eu estou ciente disso – disse Margaret, forçando-se a falar de modo indiferente, descuidado. – Estou ciente do que eu devo parecer ao senhor, mas o segredo é de outra pessoa e eu não posso explicar sem causar-lhe dano.

– Eu não tenho o menor desejo de bisbilhotar os segredos do cavalheiro – disse ele, com raiva crescente. – O meu interesse na senhorita é... simplesmente o de um amigo. Pode não me acreditar, Miss Hale, mas é, apesar de já tê-la assediado um tempo atrás, eu temo. Mas já desisti disso, já está tudo morto e enterrado. Acredita em mim, Miss Hale?

– Sim – disse Margaret, quieta e tristemente.

– Então, realmente, eu não vejo nenhuma razão para continuarmos a caminhar juntos. Pensei, talvez, que a senhorita poderia ter algo a dizer, mas vejo que não somos nada um para o outro. Se está inteiramente convencida de que qualquer paixão tola da minha parte está completamente superada, eu lhe desejarei boa tarde – E ele se afastou rapidamente.

“O que ele pode estar querendo dizer?” Margaret pensou. “O que espera falando assim, como se eu estivesse sempre pensando que ele gosta de mim, quando eu sei que ele não gosta, nem pode gostar? Sua mãe deve ter lhe dito todas aquelas coisas cruéis sobre mim. Mas não vou me importar com ele. Certamente sou bastante senhora de mim para controlar este sentimento selvagem, estranho, infeliz, que me tentou até mesmo a trair o meu querido Frederick, só para reconquistar a sua boa opinião. A boa opinião de um homem que se dá a tanto trabalho para me dizer que eu não sou nada para ele. Vamos, meu pobre coraçãozinho! Seja alegre e valente. Vamos ser muito importantes um para o outro, se ficamos abandonados e tristes.”

Seu pai ficou quase assustado com a sua alegria naquela tarde. Ela falou sem parar e forçou um tanto o seu humor natural. E se havia alguma amargura em muito do que ela dissera, se as suas histórias do velho grupo de Harley Street eram um pouco sarcásticas, seu pai não ousava corrigi-la, como teria feito em outra ocasião, pois estava contente de vê-la deixar de lado as preocupações. Mais

tarde naquela noite ela foi chamada para atender Mary Higgins, e quando voltou, Mr. Hale imaginou ver trações de lágrimas no seu rosto. Mas não podia ser isso, porque ela trouxera boas notícias... o tal Higgins havia conseguido trabalho na fábrica de Mr. Thornton. De qualquer modo, o espírito de Margaret estava abatido, e ela achou muito difícil continuar falando, ainda mais do modo animado com que vinha fazendo. Por alguns dias seu ânimo variou estranhamente, e seu pai estava começando a se preocupar com ela, quando chegaram notícias de amigos distantes que lhe prometiam alguma mudança e variedade. Mr. Hale recebeu uma carta de Mr. Bell, na qual o cavalheiro se prontificava a visitá-los. Mr. Hale imaginava que a prometida convivência com seu velho amigo de Oxford seria uma agradável mudança para as ideias de Margaret, assim como para as suas. Margaret tentou se interessar por algo que deixava o pai tão contente. Mas estava triste demais para se importar com um Mr. Bell qualquer, mesmo que fosse vinte vezes seu padrinho. Ficou mais animada com uma carta de Edith, cheia de compaixão pela morte da tia e cheia de detalhes sobre ela, o marido e o bebê. No final dizia que, como o clima não era bom para o bebê, e como Mrs. Shaw estava falando em voltar à Inglaterra, ela acreditava que o Capitão Lennox venderia tudo – e que todos eles poderiam voltar a viver na antiga casa de Harley Street que, no entanto, iria parecer muito incompleta sem Margaret. Margaret sentia saudades daquela velha casa, e da tranquilidade plácida da sua antiga vida ordenada e monótona. Enquanto durara, ela havia ocasionalmente achado aquela vida cansativa, mas desde então tinha sido esbofeteada pela vida, e se sentia tão esvaziada por esta recente luta consigo mesma, que achava que até a estagnação seria um descanso e um alívio para ela. Assim, ela começou a olhar para uma longa visita aos Lennox, no seu retorno à Inglaterra, como um ponto – não, não de esperança – mas de lazer, onde ela poderia recuperar sua força e o controle sobre si mesma. No momento, parecia-lhe que todos os assuntos levavam a Mr. Thornton, como se ela não o pudesse esquecer apesar de todos os seus esforços. Se ela fosse ver os Higgins, ouviria falar dele lá; seu pai havia retomado as aulas com ele e citava suas opiniões perpetuamente; até mesmo Mr. Bell trouxera o nome do seu inquilino à baila, quando escrevera dizendo que acreditava que estaria ocupado com Mr. Thornton durante boa parte do seu tempo, pois um novo arrendamento estava em preparação e as condições deviam ser negociadas entre eles de comum acordo.

[1] Michael Drayton (1563-1631): poeta inglês, um dos mais proeminentes da era Elizabetana.

CAPÍTULO 40

FORA DE SINTONIA

“Não de mal eu tenho, onde não possa reivindicar nenhum direito,
Nada me foi levado, de onde eu nada tinha,
Ainda que da minha aflição eu não possa ser inteiro;
Ou seja, desde que outro possa ser feliz
Com isso, para que assim me faça triste a tristeza.”
Wyatt[1]

Margaret não esperava obter muito prazer com a visita de Mr. Bell – só a aguardava ansiosamente por causa do pai. Quando seu padrinho chegou, porém, ela sentiu-se de imediato na posição de amizade mais natural do mundo. Ele disse que ela não possuía mérito algum em ser o que era – uma menina tão inteiramente de acordo com o seu próprio coração. Era um poder hereditário que ela possuía, de entrar e tomar posse do seu afeto, enquanto ela, em resposta, lhe deu muito crédito por estar tão jovem e vigoroso sob a capa e o capelo de membro da universidade.

– Jovem e vigoroso em calor e bondade, quero dizer. Eu temo admitir que acho as suas opiniões as mais velhas e antiquadas com que me deparei neste longo tempo.

– Ouça esta sua filha, Hale. Essa residência em Milton a corrompeu totalmente. Ela é uma democrata, uma republicana fanática, uma sócia da Sociedade de Paz, uma socialista...

– Papai, isso é só porque estou defendendo o progresso do comércio. Mr. Bell queria que ele continuasse parado no tempo, ainda fazendo a troca de peles de animais selvagens por castanhas.

– Não, não. Eu cavaria a terra e cultivaria batatas. E rasparia as peles dos animais selvagens para transformar a lã em todo tipo de pano. Não exagere, mocinha. Mas estou farto dessa agitação. Todo o mundo passando por cima de todo o mundo, na sua pressa de ficar rico.

– Não é todo mundo que pode sentar-se confortavelmente em um conjunto de salas da faculdade, e deixar suas riquezas crescerem sem qualquer esforço da sua parte. Sem dúvida há muitos homens aqui que seriam gratos se a sua propriedade crescesse como fez a sua, sem que eles se incomodassem com nada – disse Mr. Hale.

– Eu não acredito que eles gostariam. É a agitação e a luta que eles apreciam. Quanto a ficar quieto, aprendendo sobre o passado, ou moldando o futuro através do trabalho fiel sobre um espírito profético... Ora! Bobagem! Eu não acredito que haja um homem em Milton que consiga ficar quieto. É isso é uma grande arte.

– As pessoas de Milton, eu imagino, acham que os homens de Oxford não sabem se movimentar. Seria uma coisa muito boa se eles se misturassem um

pouco mais.

– Poderia ser bom para os miltonianos. Muitas coisas que seriam boas para eles, no entanto, poderiam ser muito desagradáveis para outras pessoas.

– O senhor mesmo não é um homem de Milton? – perguntou Margaret.
– Eu achava que o senhor tinha orgulho da sua cidade.

– Eu confesso que não vejo o que há para se orgulhar. Se você apenas for a Oxford, Margaret, eu lhe mostrarei um lugar para ser glorificado.

– Bem! – disse Mr. Hale – Mr. Thornton está chegando para tomar chá conosco esta noite, e ele é tão orgulhoso de Milton como você de Oxford. Você dois devem tentar tornar um ao outro um pouco mais liberal.

– Eu não quero ser mais liberal, obrigado – disse Mr. Bell.

– Mr. Thornton está vindo para o chá, papai? – perguntou Margaret, em voz baixa.

– Para o chá ou logo após, ele não soube precisar. Pediu-nos que não esperássemos.

Mr. Thornton tinha se determinado a não fazer nenhuma pergunta para a mãe sobre até que ponto ela levara a cabo seu projeto de falar com Margaret sobre a impropriedade da sua conduta. Ele tinha plena certeza de que, se esta entrevista acontecera, o relato da mãe sobre o que se passara iria apenas aborrecê-lo e magoá-lo, embora ele estivesse todo o tempo consciente das cores que receberia ao passar pela mente dela. Ele se retraía ao ouvir o próprio nome de Margaret sendo mencionado. Ele, enquanto a culpava – enquanto sentia ciúmes dela – enquanto renunciava a ela – a amava desesperadamente, a despeito de si mesmo. Sonhava com ela. Sonhou que ela veio dançando para ele de braços abertos, e com uma leveza e alegria que o fizeram odiá-la, mesmo enquanto o fascinava. Mas a impressão dessa figura de Margaret – retirando-se dela todo o caráter de Margaret, tão completamente como se algum espírito maligno tivesse tomado posse de sua forma – estava tão profundamente gravada em sua imaginação, que, quando ele acordava, mal conseguia separar a Una da Duessa, e a antipatia que ele sentia pela última parecia envolver e desfigurar a antiga. Ainda assim estava muito orgulhoso de reconhecer a sua fraqueza, evitando vê-la. Ele não buscava uma oportunidade de estar em sua companhia, nem de evitá-la. Para se convencer do seu poder de autocontrole, demorou-se sobre cada detalhe dos negócios nesta tarde. Forçou todos os seus movimentos para uma lentidão anormal e profunda deliberação e, por conseguinte, já passava das oito horas quando chegou à casa de Mr. Hale. Então havia acordos de negócios a serem tratados no estúdio com Mr. Bell, e este último permaneceu sentado junto ao fogo, falando cansativamente, muito depois de os negócios terem sido concluídos, e quando eles poderiam muito bem ter ido lá para cima. Mas Mr. Thornton não diria uma palavra sobre movimentar-se dali. Por consequência, ficou se irritando e se irritando sem parar, achando que Mr. Bell era um companheiro muito chato, enquanto Mr. Bell devolveu o elogio em segredo, achando que Mr. Thornton era o sujeito mais rude e seco que ele já conheceria na vida, e terrivelmente atrasado, tanto em inteligência quanto em maneiras. Por fim, algum suave ruído na sala acima sugeriu a necessidade de se mudarem para lá. Encontraram Margaret com uma carta aberta à sua frente, discutindo ansiosamente seu conteúdo com o pai. À entrada dos cavalheiros, a carta foi imediatamente posta de lado, mas os sentidos alertas de Mr. Thornton

captaram algumas poucas palavras de Mr. Hale a Mr. Bell.

– É uma carta de Henry Lennox. Deixou Margaret muito esperançosa.

Mr. Bell acenou com a cabeça. Margaret estava vermelha como uma rosa quando Mr. Thornton olhou para ela. Ele teve a maior vontade do mundo de se levantar e sair da sala naquele mesmo instante, e nunca mais pisar naquela casa.

– Nós estávamos pensando – disse Mr. Hale – que você e Mr. Thornton tinham seguido o conselho de Margaret, e estavam cada um tentando converter o outro, já que ficaram tanto tempo no estúdio.

– E você pensou que não restaria nada de nós além de uma opinião, como o rabo do gato de Kilkenny. E qual das opiniões você acha que teria a vitalidade mais obstinada?

Mr. Thornton não tinha a menor noção do que estavam falando, e não se dignou a perguntar. Mr. Hale, educadamente, o esclareceu.

– Mr. Thornton, nós estávamos acusando Mr. Bell esta manhã de um tipo de preconceito medieval oxfordiano contra a sua cidade natal. E nós... Margaret, eu creio, sugeriu que lhe faria bem associar-se um pouco com os industriais de Milton.

– Peço que me perdoe. Margaret pensou que faria bem aos industriais de Milton associarem-se um pouco mais com os homens de Oxford. Não foi assim, Margaret?

– Acho que pensei que faria bem a ambos conhecer um pouco mais do outro... não sabia que a ideia era minha mais do que do papai.

– E assim o senhor vê, Mr. Thornton, que nós deveríamos estar melhorando um ao outro lá embaixo, em vez de falar sobre famílias desaparecidas de Smiths e Harrisons. No entanto, estou disposto a fazer a minha parte agora. Eu desejo saber quando vocês, os homens de Milton, pretendem viver. Todas as suas vidas parecem ser gastas em reunir os materiais para a vida.

– Por viver, suponho que queira dizer diversão.

– Sim, diversão... Não especifico o tipo, porque confio que ambos devemos considerar o mero prazer como uma diversão muito pobre.

– Eu preferiria ter a natureza da diversão definida.

– Bem! Diversão do lazer – diversão do poder e influência que o dinheiro dá. Você estão todos lutando por dinheiro. Para que o querem?

Mr. Thornton ficou em silêncio. Então disse:

– Eu realmente não sei. Mas não é por dinheiro que *eu* estou lutando.

– E por que é então?

– É uma questão de origem. Eu teria que me colocar à disposição de um tal catequista, e não estou certo de que estou preparado para fazê-lo.

– Não! – disse Mr. Hale. – Não vamos ser pessoais no nosso catecismo. Nenhum de vocês é um homem representativo da sua categoria. Cada um de vocês é muito individual para isso.

– Eu não estou seguro se devo considerar isso como um elogio ou não. Eu gostaria de ser o representante de Oxford, com sua beleza e seu estudo, e sua história antiga e orgulhosa. O que você acha, Margaret, eu deveria ser lisonjeado?

– Eu não conheço Oxford. Mas há uma diferença entre ser o representante de uma cidade e o homem representativo dos seus habitantes.

– Muito verdadeiro, Miss Margaret. Agora me lembro, você estava contra mim esta manhã, e foi totalmente miltoniana e industrialista em suas preferências.

Margaret viu o rápido olhar de surpresa que Mr. Thornton lhe lançou, e ficou aborrecida com a ideia que ele poderia fazer desta fala de Mr. Bell. Mr. Bell continuou:

– Ah! Gostaria de poder lhe mostrar a nossa High Street... a nossa Radcliffe Square. Eu estou deixando de fora os nossos colégios e faculdades, da mesma maneira que dou a Mr. Thornton o direito de omitir as fábricas ao falar dos encantos de Milton. Eu tenho o direito de ofender meu lugar de nascimento. Lembre-se de que sou um homem de Milton.

Mr. Thornton ficou mais aborrecido do que deveria ter ficado, com tudo aquilo que Mr. Bell estava dizendo. Ele não estava com humor para brincadeiras. Em outro momento, poderia ter se divertido com a condenação um tanto irritada de Mr. Bell de uma cidade onde a vida era tão discrepante de todos os hábitos que ele tinha criado. Mas agora, foi atormentado o suficiente para tentar defender o que nunca havia sido seriamente atacado.

– Eu não coloco Milton como um modelo de cidade.

– Nem em arquitetura? – perguntou Mr. Bell, maliciosamente.

– Não! Estivemos muito ocupados por aqui para prestar atenção a meras aparências externas.

– Não diga *meras* aparências externas – disse Mr. Hale, suavemente. – Elas nos impressionam a todos, da infância para a frente... todos os dias da nossa vida.

– Espere um pouco – disse Mr. Thornton. – Lembre-se, somos de uma raça diferente dos gregos, para quem a beleza era tudo, e para quem Mr. Bell poderia ter falado de uma vida de lazer e diversão serena, grande parte da qual veio através dos seus sentidos. Não me refiro a desprezá-los, não mais do que imitá-los. Mas eu tenho sangue teutônico, que é menos misturado nesta parte da Inglaterra, comparado a outras. Nós mantemos muito do seu idioma, e mais ainda do seu espírito. Não vemos a vida como um tempo de prazer, mas como um tempo de ação e esforço. Nossa glória e nossa beleza surgem da nossa força

interior, que nos torna vitoriosos sobre a resistência material, e sobre dificuldades ainda maiores. Somos teutônicos de outra maneira, aqui no Darkshire. Odiamos obedecer a leis que são feitas à distância. Queremos que as pessoas nos permitam governar a nós mesmos, em vez de se intrometer continuamente com sua legislação imperfeita. Nós defendemos o governo autônomo, e nos opomos à centralização.

– Em resumo, você gostaria de ter de volta o Heptarco[2]. Bem, de qualquer forma, revogo o que disse esta manhã – que vocês, o povo de Milton, não reverenciam o passado. Vocês são adoradores fiéis de Thor.

– Se não reverenciamos o passado como vocês fazem em Oxford, é porque queremos algo que se possa aplicar ao presente de forma mais direta. É bom quando o estudo do passado conduz a uma profecia do futuro. Mas, para homens tateando em circunstâncias novas, seria melhor se as palavras de experiência pudessem nos orientar sobre como agir naquilo que nos interessa mais intimamente e de imediato – que está cheio de dificuldades que precisam ser enfrentadas. E do modo pelo qual estas dificuldades são conhecidos e vencidas, não apenas deixadas de lado por algum tempo, depende o nosso futuro. Além da sabedoria do passado, precisa ajudar-nos com o presente. Mas não! As pessoas podem falar da Utopia com muito mais facilidade do que do dever do dia seguinte – e ainda assim, quando esse dever é realizado inteiramente pelos outros – estão prontas a gritar “Que vergonha, que vergonha!”

– Até agora eu ainda não entendi sobre o que você está falando. Vocês, os homens de Milton, se dignariam a nos consultar em Oxford sobre as suas dificuldades de todo dia? Vocês ainda não tentaram conosco.

Mr. Thornton riu abertamente.

– Eu acreditava estar falando sobre um bocado de problemas que têm nos aborrecido ultimamente. Estava pensando nas greves que temos enfrentado, que são coisas suficientemente problemáticas e prejudiciais, como estou descobrindo por minha própria conta. Ainda assim, esta última greve, sobre a qual ainda estou conjecturando, foi respeitável.

– Uma greve respeitável! – disse Mr. Bell. – Isso soa como se você tivesse ido longe demais na adoração de Thor.

Margaret sentiu, mais do que viu, que Mr. Thornton estava desgostoso por levarem repetidamente na brincadeira algo que para ele era bastante sério. Ela tentou levar a conversa para um assunto que interessava pouco a uma das partes, enquanto a outra estaria profundamente interessada, por se tratar de uma coisa pessoal.

Margaret se forçou a dizer algo.

– Edith diz que encontra tecidos de algodão estampado melhores e mais baratos em Corfu do que em Londres.

– É mesmo? – disse o pai. – Deve ser um dos exageros de Edith. Você está certa disso, Margaret?

– Tenho certeza disso, papai.

– Então acredito que é verdade – disse Mr. Bell. – Minha crença na sua honestidade vai tão longe que abrange até o caráter da sua prima, Margaret. Não acredito que uma prima sua poderia exagerar.

– Miss Hale é tão notável assim no que diz respeito à verdade? – disse Mr. Thornton, amargamente.

No momento em que disse isso ele sentiu que devia ter mordido a língua. O que ele era? Por que deveria apunhalá-la desse modo com a sua vergonha? Como estava mau esta noite! Possuído pelo mau humor por estar longe dela há tanto tempo, irritado com a menção de algum nome – porque pensava que pertencia a um amante mais bem-sucedido. E agora demonstrava mau caráter, porque não tinha sido capaz de enfrentar, com o coração leve, alguém que estava tentando, com falas alegres e descuidadas, fazer a noite passar de modo agradável – o velho e amável amigo de todos eles, cujos modos a esta altura já eram bem conhecidos de Mr. Thornton, que o conhecia há muitos anos. E além do mais, falar com Margaret da maneira que ele tinha feito! Ela não se levantou e deixou a sala, como tinha feito em outras ocasiões, quando sua aspereza ou seu temperamento a tinham aborrecido. Ficou sentada em perfeita imobilidade, depois do primeiro relance momentâneo de pesados olhos, que fez seus olhos parecerem os de alguma criança que se deparou com uma recusa inesperada. Dilataram-se lentamente em uma tristeza desolada e vergonhosa, depois baixaram ao colo. Ela se inclinou sobre o seu trabalho e não falou mais. Mas ele não podia evitar olhar para ela, e viu seu corpo estremecer ao suspirar, como se ela tremesse com algum frio inesperado. Sentiu-se como teria feito a mãe, no meio do “seu balanço e classificação”, se ela tivesse sido chamada para longe antes que seu sorriso lento e confiante, implicando perfeita confiança no amor de mãe, tivesse provado a renovação desse amor. Ele deu respostas curtas e afiadas – estava desconfortável e mal-humorado, incapaz de discernir entre brincadeira e seriedade – e ansioso apenas por um olhar, uma palavra dela, diante da qual pudesse prostrar-se em humildade penitente. Mas ela nem olhou nem falou. Seus dedos macios e finos voavam para dentro e para fora no seu trabalho de costura, com tanta rapidez e firmeza como se aquilo fosse o trabalho da sua vida. Ela não devia gostar dele, ele pensava, ou então o fervor apaixonado do seu desejo a teria forçado a elevar esses olhos, nem que fosse por um momento, para ler o tardio arrependimento nos seus. Ele poderia tê-la atacado antes de partir, de modo que, por algum estranho e evidente ato de grosseria, pudesse ganhar o privilégio de lhe contar o remorso que corroía seu coração. Era bom que aquela noite terminasse com um longo passeio ao ar livre. Isso abrandou-o e o levou a uma séria resolução – de que dali por diante ele a veria o mínimo possível – uma vez que a mera visão daquele rosto árido, o simples som daquela voz (como os ventos macios de pura melodia) tinham tal poder de tirá-lo do equilíbrio. Bem! Ele conhecera o que era o amor – uma dor aguda, uma experiência cruel, no meio de cujas chamas ele estava se debatendo! Mas, daquele inferno ele lutaria para sair e chegar à serenidade da meia-idade – muito mais rico e mais humano por

ter conhecido esta grande paixão.

Quando ele deixou a sala um tanto abruptamente, Margaret levantou-se do seu lugar e começou a dobrar seu trabalho em silêncio. As costuras eram longas e pesadas, e tinham um peso incomum para seus braços fracos. As linhas suaves do seu rosto assumiram uma forma reta e alongada, e a sua aparência inteira era de alguém que tivesse passado por um dia de grande cansaço. Quando os três se preparavam para dormir, Mr. Bell resmungou uma pequena condenação à Mr. Thornton.

– Nunca vi um sujeito tão estragado pelo sucesso! Não pode suportar uma palavra, uma brincadeira que seja. Tudo parece ofender a sua alta dignidade. Antigamente, ele era tão simples e aberto como o dia, você não podia ofendê-lo, porque ele não tinha nenhuma vaidade.

– Ele continua não sendo vaidoso – disse Margaret, voltando-se da mesa e falando com tranquila distinção. – Esta noite ele estava fora do seu normal. Algo deve tê-lo aborrecido antes de vir aqui.

Mr. Bell deu-lhe um dos seus olhares penetrantes por cima dos óculos. Ela sustentou o olhar com bastante calma, mas, depois que deixou a sala, ele perguntou de repente.

– Hale! Já lhe ocorreu que Thornton e a sua filha têm aquilo que os franceses chamam de *tendresse* [\[3\]](#) um pelo outro?

– Nunca! – disse Mr. Hale, primeiro assustado e depois confuso com a nova ideia. – Não, eu tenho certeza que você está errado. Estou quase certo que você está enganado. Se existe alguma coisa, é tudo da parte de Mr. Thornton. Pobre rapaz! Eu espero e confio que ele não esteja pensando nela, pois estou certo de que ela não o aceitaria.

– Bem! Eu sou solteiro, e tenho me afastado dos casos de amor durante toda a minha vida. Então talvez a minha opinião não tenha nenhum valor. Do contrário eu diria que há sinais bastante evidentes da parte dela!

– Então estou certo que você está errado – disse Mr. Hale. – Ele pode gostar dela, embora ela realmente tenha sido quase rude com ele algumas vezes. Mas ela!... Ora, Margaret nunca pensaria nele, tenho certeza! Tal coisa nunca entrou na sua cabeça.

– Podia ter entrado no coração. Mas eu apenas lancei uma sugestão do que poderia ser. Ouso dizer que estou errado. Estando certo ou errado, porém, estou com muito sono. Por isso, após perturbar a sua noite de sono (como posso perceber) com minhas fantasias intempestivas, eu me entrego com uma mente mais leve ao meu próprio descanso.

Mas Mr. Hale resolveu que não seria perturbado por qualquer ideia absurda desse tipo, e então se deitou determinado a não pensar no assunto.

Mr. Bell partiu no dia seguinte, pedindo a Margaret que o visse como alguém que tinha o direito de ajudá-la e protegê-la em todas as suas dificuldades,

de qualquer natureza. Para Mr. Hale, ele disse:

– Essa sua Margaret me tocou fundo o coração. Cuide dela, pois é uma criatura muito preciosa... boa demais para Milton... Só serve para Oxford, na verdade. A cidade, eu quero dizer, não os homens. Não posso encontrar-lhe um marido ainda. Quando eu puder, vou trazer o meu rapaz para ficar lado a lado com a sua menina, assim como o gênio das Mil e Uma Noites trouxe o príncipe Caralmazan para combinar com a princesa Badoura das fadas.

– Eu lhe imploro que não faça tal coisa, lembre-se dos infortúnios que resultaram. Além disso, não posso ficar sem Margaret.

– Não, pensando bem, vamos guardá-la para nós cuidar daqui a dez anos, quando seremos dois velhos inválidos rabugentos. Sério, Hale! Gostaria que deixasse Milton, que é o lugar mais inadequado para você, embora fosse a minha recomendação em primeira instância. Se você fosse, eu engoliria a sombra das minhas dúvidas e pegaria um cargo na faculdade, e você e Margaret poderiam vir morar no presbitério – você para ser um tipo de cura leigo, e tirar isso das minhas mãos, e ela para ser a nossa governanta – a Dama Generosa da cidade – durante o dia, e para ler para nós à noite. Eu poderia ser muito feliz com uma vida assim. O que você acha?

– Nunca! – disse Mr. Hale, decididamente. – Minha única grande mudança já foi feita, e meu preço em sofrimento foi pago. Aqui eu fico pelo resto da minha vida, e aqui vou ser enterrado e perdido na multidão.

– Eu não desisti do meu plano ainda. Apenas não vou acenar-lhe mais com ele agora. Onde está o Pearl? Venha, Margaret, dê-me um beijo de despedida. E lembre-se, minha querida, onde você pode encontrar um verdadeiro amigo, tanto quanto a minha capacidade alcança. Você é minha filha, Margaret. Lembre-se disso, e que Deus a abençoe!

E assim eles voltaram à monotonia da vida pacata que deviam levar dali em diante. Não havia nenhum doente sobre quem esperar ou temer. Até mesmo os Higgins, um interesse vívido por tanto tempo, pareciam ter recuado de qualquer necessidade de atenção imediata. As crianças Boucher, tendo ficado órfãs de mãe, exigiam todo o cuidado que Margaret pudesse oferecer, e ela ia com frequência ver Mary Higgins – que se encarregara deles. As duas famílias estavam morando na mesma casa: as crianças mais velhas estavam em escolas humildes, e os mais jovens eram atendidos, quando Mary estava trabalhando, pela bondosa vizinha cujo bom senso tinha espantado Margaret na época da morte de Boucher. Claro que ela era paga pelo trabalho e, na verdade, em todos os seus pequenos planos e arranjos para estas crianças órfãs, Nicholas mostrou um julgamento sóbrio e um método regulado de pensar, que estavam em desacordo com as suas ações anteriores, mais excêntricas. Ele estava tão firme em seu trabalho, que Margaret não o viu com frequência durante aqueles meses de inverno, mas quando o fez, viu que ele evitava qualquer referência ao pai dessas crianças, a quem ele tomara tão plena e sinceramente sob seus cuidados. Não foi com facilidade que ele falou de Mr. Thornton.

– Para falar a verdade – disse ele – Mr. Thornton me confunde bastante. Ele é duas pessoas. Um camarada eu conheço de antigamente, como tendo sido sempre um patrão. O outro camarada não tem um grama sequer de carne de

patrão. Como os dois camaradas vivem no mesmo corpo, é um tormento para eu descobrir. Mas não serei vencido por isso, mesmo assim. Enquanto isso, ele vem aqui com bastante frequência, e é assim que eu conheço o camarada que é o homem, não o patrão. E acho que ele é surpreendido por mim tanto quanto eu sou por ele, pois ele se senta e escuta e fica olhando, como se eu fosse alguma besta estranha recentemente capturada em alguma das zonas. Mas eu não fico amedrontado. É preciso um bocadinho para me amedrontar na minha própria casa, como ele sabe. É eu lhe digo algumas coisas da minha cabeça que eu acho que teria sido melhor se ele tivesse ouvido quando era um homem mais jovem.

– E ele não lhe responde? – perguntou Mr. Hale.

– Bem! Eu não direi que a vantagem está toda do lado dele, pois eu levo crédito por melhorá-lo um pouquinho. As vezes ele diz uma ou duas coisas grosseiras, que não são agradáveis de aceitar no princípio, mas têm um estranho gosto de verdade, quando você chega a digeri-las. Ele está vindo esta noite, eu acho, para saber da educação das crianças. Ele não está satisfeito com o modo como é feita, e quer examiná-los.

– O que são... – começou Mr. Hale, mas Margaret, tocando em seu braço, mostrou-lhe o relógio.

– São quase sete horas – ela disse. – As noites estão ficando mais longas, agora. Venha, papai.

Ela não respirou livremente até que eles estivessem a alguma distância da casa. Então, como ficou mais calma, desejou não ter tido tanta pressa. Pois, de alguma maneira, eles viam Mr. Thornton muito raramente agora. Ele poderia ter vindo para ver Higgins, e em honra da sua velha amizade ela gostaria de tê-lo visto hoje à noite.

Sim! Ele vinha muito raramente, mesmo para o propósito frio e tedioso das aulas. Mr. Hale estava desapontado com a indiferença do seu aluno pela literatura grega, que pouco tempo atrás tinha tanto interesse para ele. E agora acontecia com frequência de chegar uma nota apressado de Mr. Thornton, apenas no último momento, dizendo que ele estava muito ocupado e que não poderia vir ler com Mr. Hale naquela noite. E, embora outros alunos tivessem tomado mais do que seu lugar e tempo, não havia ninguém como o seu primeiro aluno no coração de Mr. Hale. Ele estava deprimido e triste por esta cessação parcial de uma relação que se tornara querida para ele, e ele costumava sentar-se e refletir sobre a razão que poderia ter ocasionado essa mudança.

Ele assustou Margaret, uma noite, enquanto ela se sentava com seu trabalho, perguntando de repente:

– Margaret! Você já teve alguma razão para pensar que Mr. Thornton gosta de você?

Ela quase corou quando ele fez esta pergunta, mas a ideia exploratória de Mr. Bell lhe ocorrera, e as palavras saíram dos seus lábios antes que ele se desse conta.

Margaret não respondeu imediatamente, mas pela maneira com que ela abaixava a cabeça, ele adivinhou qual seria a sua resposta.

– Sim, acredito que sim. Oh, papai! Eu deveria ter lhe contado.

E ela deixou cair seu trabalho, e escondeu o rosto nas mãos.

– Não, querida, não pense que eu sou um curioso impertinente. Eu estou certo de que você teria me falado, se tivesse sentido que podia retornar seu sentimento. Ele falou com você sobre isso?

Nenhuma resposta no princípio, mas, aos poucos, um suave e relutante “Sim.”

– E você o recusou?

Um longo suspiro, uma atitude mais desamparada e sem força, e outro “Sim.” Mas antes que o pai pudesse falar, Margaret ergueu a face rosada com um pouco de bonita vergonha, e, fixando os olhos nele, disse:

– Agora, papai, que eu já lhe disse isso, não posso dizer-lhe mais. A coisa toda é tão dolorosa para mim, cada palavra e ação relacionada com ela é tão indescritivelmente amarga, que eu não posso suportar nem pensar nisso. Oh, papai, eu lamento que o senhor tenha perdido esse amigo, mas eu não pude evitar... Oh! Eu sinto muito – ela sentou-se no chão e deitou a cabeça sobre os seus joelhos.

– Eu também sinto muito, minha querida. Mr. Bell me assustou bastante quando disse alguma coisa do tipo...

– Mr. Bell! Oh! Mr. Bell percebeu isso?

– Um pouco. Mas ele meteu na cabeça que você – como posso dizer isso? – que você não estava desagradavelmente disposta em relação a Mr. Thornton. Eu sabia que isso nunca poderia acontecer. Esperava que tudo fosse apenas imaginação, mas eu conhecia muito bem os seus reais sentimentos para supor que você algum dia pudesse gostar de Mr. Thornton daquele modo. Mas eu sinto muito.

Ficaram muito quietos e parados durante alguns minutos. Mas, ao acariciar-lhe a face em seguida de um modo carinhoso, Mr. Hale ficou quase chocado ao descobri-la molhada de lágrimas. Quando ele a tocou, ela levantou-se e, com brilho forçado, começou a falar dos Lennox com tal desejo veemente de mudar o rumo da conversa, que Mr. Hale foi compassivo o suficiente para não tentar forçá-la de volta ao antigo tema.

– Amanhã – sim, amanhã – eles estarão de volta a Harley Street. Oh, como vai ser estranho! Qual será o quarto que transformarão em berçário? Tia Shaw vai ficar feliz com o bebê. Imagine, Edith sendo mãe! E o Capitão Lennox... fico pensando no que ele fará agora que deu baixa!

– Eu lhe direi o quê – disse o pai, ansioso por ajudá-la com esse novo foco de interesse. – Acho que devo abrir mão de você durante uma quinzena, para que possa correr até a cidade e ver os viajantes. Você pode saber mais, em meia hora de conversa com Mr. Henry Lennox sobre as chances de Frederick do que em uma dúzia dessas cartas dele. Então isso seria, na verdade, unir os negócios com o prazer.

– Não, papai, o senhor não pode me dispensar, e além do mais, eu não vou ser dispensada. – E acrescentou, depois de uma pausa – Estou perdendo a esperança, infelizmente, sobre Frederick. Ele está nos abandonando suavemente, mas eu posso ver que o próprio Mr. Lennox não tem nenhuma esperança de caçar as testemunhas, depois de tantos anos passados. Não – disse ela – aquela bolha era muito bonita e muito cara aos nossos corações, mas estourou como muitas outras. E nós temos que nos consolar e ficar contentes por Frederick ser

tão feliz, e por representarmos tanto uns para os outros. Assim, não me ofenda falando em ser capaz de dispensar-me, papai, porque eu lhe asseguro que não pode.

Mas a ideia de uma mudança criou raízes e germinou no coração de Margaret, embora não da maneira que seu pai propôs no princípio. Ela começou a pensar que algo do tipo seria desejável para o pai, cujo espírito, sempre frágil, agora se tornara com muita frequência deprimido, e cuja saúde, embora ele nunca se queixasse, tinha sido seriamente afetada pela doença e morte da esposa. Havia as horas regulares de leitura com seus alunos, mas esse ato de dar e não receber já não podia ser chamado de companheirismo, como nos velhos tempos, quando Mr. Thornton vinha estudar com ele. Margaret estava consciente da falta que ele sofria, desconhecida até para ele mesmo – a falta de relacionamento de um homem com outros homens. Em Helstone havia ocasiões perpétuas para um intercâmbio de visitas com os clérigos da vizinhança, e os trabalhadores mais pobres nos campos, ou calmamente andando para casa à noite, ou cuidando dos rebanhos na floresta, estavam sempre disponíveis para falar ou para que falassem com eles. Mas em Milton todos estavam ocupados demais para uma conversa calma, ou qualquer troca de ideias amadurecida. O que diziam era sobre negócios, muito presente e real, e quando a tensão da mente relacionada aos seus negócios diários terminava, eles mergulhavam no repouso até a manhã seguinte. O trabalhador não seria encontrado depois de terminado o seu dia de trabalho: ele iria para alguma palestra, ou algum clube, ou alguma cervejaria, de acordo com o seu grau de caráter. A ideia de Mr. Hale era tentar fazer uma série de palestras em algumas das instituições, mas ao fazê-lo ele contemplou apenas um esforço do dever – e com tão pouco do cordial impulso de amor pelo seu trabalho e o seu fim – que Margaret tinha certeza de que não seria bem feito até que ele pudesse olhar para isso com algum tipo de entusiasmo.

[1] Sir Thomas Wyatt (1503-1542): poeta lírico e cortesão inglês da corte de Henrique VIII; fez parte da embaixada encaminhada ao Vaticano para gestar junto ao papa Clemente VII a anulação do casamento do rei com Catarina de Aragão.

[2] O Heptarco é o nome coletivo dado a sete reinos anglo-saxões independentes na antiguidade. Posteriormente esses reinos, e outros, foram unificados sob o nome de Reino Unido da Grã Bretanha.

[3] Em francês no original: ternura, carinho.

CAPÍTULO 41

O FIM DA JORNADA

“Vejo o meu caminho como os pássaros o seu caminho sem trilhas –
Eu chegarei! A que horas, que caminho tomar primeiro,
Eu não pergunto: mas a menos que Deus envie a sua chuva de granizo
Ou ofuscantes bolas de fogo, gelo, ou neve sufocante,
Em algum tempo – seu tempo – eu chegarei;
Ele guia a mim e ao pássaro. No Seu tempo!”
“Parcelso”, de Browning

Assim o inverno foi passando, e os dias começavam a se alongar, sem trazer consigo qualquer brilho de esperança que normalmente acompanha os raios de um sol de fevereiro. Mrs. Thornton tinha, naturalmente, deixado por completo de vir à casa. Mr. Thornton vinha ocasionalmente, mas suas visitas eram dirigidas ao pai, e ficavam confinadas ao estúdio. Mr. Hale falava dele como sempre o mesmo. Na verdade, a própria raridade do seu relacionamento parecia fazer Mr. Hale valorizá-lo ainda mais. E pelo que Margaret podia entender do que Mr. Thornton tinha dito, não havia nada na interrupção das suas visitas que pudesse advir de algum ressentimento ou aflição. Seus negócios haviam se complicado durante a greve, e exigiam maior atenção do que ele tinha dado a eles no inverno passado. Mais ainda, Margaret podia até descobrir que ele falava nela de vez em quando, e sempre, tanto quanto ela sabia, do mesmo modo calmo e amigável, nunca buscando e nunca evitando qualquer menção ao seu nome.

Ela não estava com espírito para melhorar o estado de ânimo do pai. A tranquilidade sombria do momento presente tinha sido precedida por um período tão longo de ansiedade e cuidados – até mesmo entremeados por tempestades – que sua mente havia perdido a elasticidade. Ela tentou encontrar ocupação ensinando as duas crianças Boucher mais novas, e trabalhou duramente por sua bondade. Trabalho árduo, para dizer a verdade, porque seu coração parecia morto ao final dos seus esforços, embora os fizesse pontual e dolorosamente. Mesmo assim, estava mais longe do que nunca de qualquer alegria – sua vida ainda parecia desolada e triste. A única coisa que ela fez bem foi o que fez fora da sua piedade inconsciente: o conforto e consolo silencioso do pai. Nenhum estado de espírito de Mr. Hale deixava de encontrar em Margaret uma disposta simpatizante. Não havia um desejo dele que Margaret não se esforçasse para prever ou realizar. Eram desejos tranquilos, por certo, e dificilmente mencionados sem hesitação e desculpas. Seu dócil espírito de obediência era o mais completo e bonito. Março trouxe as notícias do casamento de Frederick Ele e Dolores escreveram. Ela em espanhol-inglês, como era bastante natural, e ele com algumas reviravoltas e inversões de palavras, que provavam o quanto o

idioma do país da sua noiva o estava contagiando.

No verso da carta de Henry Lennox, anunciando quão pouca esperança havia de absolvê-lo perante uma corte marcial na ausência das testemunhas, Frederick tinha escrito a Margaret uma carta bem veemente, anunciando a sua renúncia à Inglaterra como seu país. Desejava nunca ter nascido ali, e declarou que ele nunca aceitaria o perdão, mesmo que lhe fosse oferecido, nem voltaria a viver no país se tivesse permissão para tanto. Tudo isso fez Margaret chorar amargamente, tão antinatural lhe parecia à primeira vista. Mas depois, refletindo, ela viu nessa expressão muito mais a crueldade da decepção que havia esmagado dessa maneira as esperanças do irmão. E sentiu que não havia outro remédio senão ter paciência. Na carta seguinte Frederick falou tão alegremente do futuro, que não havia mais nenhum pensamento do passado. E Margaret encontrou um uso para a paciência que havia desejado por causa dele. Ela teria que ser paciente. Mas as cartas de Dolores – próprias de uma menina, bonitas e tímidas – estavam começando a encantar tanto Margaret quanto o pai. A jovem espanhola estava evidentemente tão ansiosa para causar uma impressão favorável nos parentes ingleses do seu amado, que o seu cuidado feminino surgia em cada correção na escrita. E as cartas que anunciavam o casamento foram acompanhadas por uma esplêndida *mantilla*^[1] de renda preta, escolhida pela própria Dolores para a sua cunhada desconhecida, a quem Frederick tinha descrito como um modelo de perfeita beleza, sabedoria e virtude. Esse casamento elevou a posição de Frederick na sociedade a um nível tão alto quanto eles poderiam desejar. Barbour e Companhia era uma das maiores casas comerciais da Espanha, e Frederick passou a fazer parte dela como sócio júnior. Margaret sorriu um pouco e então suspirou, quando se lembrou novamente das suas antigas tiradas contra o comércio. Aqui estava seu *preux chevalier*^[2], um irmão transformado em mercador, comerciante! Mas ela então se rebelou contra si mesma, e protestou silenciosamente contra a confusão entre um comerciante espanhol e um industrial de Milton. Bem! Com comércio ou sem comércio, Frederick estava muito, muito feliz. Dolores devia ser encantadora e a mantilha era primorosa! E então ela voltou à vida presente.

Seu pai tinha ocasionalmente apresentado alguma dificuldade para respirar na primavera deste ano, que a afligira sobremaneira na época. Margaret estava menos alarmada, pois essa dificuldade desaparecia completamente entre uma crise e outra. Mas ela ainda estava bastante desejosa de que ele se livrasse por inteiro das responsabilidades e, para ela, tornou-se urgente que ele aceitasse o convite de Mr. Bell para visitá-lo em Oxford neste mês de abril. O convite de Mr. Bell incluía Margaret. Mais ainda, ele lhe escrevera uma carta especial ordenando-lhe que viesse. Ela sentia, porém, que seria um grande alívio para ela ficar tranquilamente em casa, livre de qualquer responsabilidade que fosse, e assim descansar a mente e o coração de uma maneira que ela não tinha sido capaz de fazer nos últimos dois anos ou mais.

Quando seu pai partiu na direção da ferrovia, Margaret sentiu quão grande e prolongada tinha sido a pressão sobre o seu tempo e o seu espírito. Era

surpreendente, quase estonteante, sentir-se tão livre, ninguém dependendo dela para um cuidado carinhoso, se não para a decidida felicidade. Nenhum doente sobre quem pensar ou planejar. Ela poderia ser preguiçosa, e silenciosa, e esquecida – e o que parecia valer mais do que todos os outros privilégios – ela poderia ser infeliz, se quisesse. Durante os últimos meses, todos os seus próprios cuidados e dificuldades tiveram que ser amontoados dentro de um armário escuro. Mas agora ela estava livre para tirá-los de lá, chorar por eles e estudar sua natureza, e buscar o verdadeiro método de subjugar-los para se tornarem elementos de paz. Durante todas estas semanas ela tivera uma sombria consciência da sua existência, embora estivessem escondidos. Agora, de uma vez por todas, ela iria examiná-los e designar a cada um o seu lugar de direito na sua vida. Assim, sentou-se quase imóvel durante horas na sala de visitas, revisando a amargura de cada lembrança com uma resolução sem recuos. Só uma vez ela chorou em voz alta, ao doloroso pensamento da falta de fé que deu origem a essa humilhante mentira.

Ela agora não iria sequer reconhecer a força da tentação. Todos os seus planos para Frederick falharam, e a tentação ficou lá como uma zombaria morta – um escárnio que nunca existira por si mesmo. A mentira fora desprezivelmente tola, vista à luz dos eventos que se seguiram, e a fé no poder da verdade era uma sáberia infinitamente maior!

Na sua agitação nervosa, ela abriu sem se dar conta um livro do pai que estava sobre a mesa. As palavras que leu ao acaso pareciam quase escritas para o seu estado presente de intensa autodegradação:

“Je ne voudrais pas reprendre mon coeur en cette sorte: meurs de honte, aveugle, impudent, traitre et desloyal a ton Dieu, et semblables choses; mais je voudrais le corriger par voie de compassion. Or sus, mon pauvre coeur, nous voilà tombez dans la fosse, l’aquelle nous avions tant resolu d’échapper. Ah! relevons-nous, et quittons-la pour jamais, reclamons la misericorde de Dieu, et esperons en elle qu’elle nous assistera pour desormais être plus fermes; et remettons-nous au chemin de l’humilité. Courage, soyons meshuy sur nos gardes, Dieu nous aidera.”^[3]

“O caminho da humildade” pensou Margaret. “Ah! Eis aí o que perdi! Mas, coragem, pequenino coração. Nós voltaremos, e com a ajuda de Deus encontraremos o caminho perdido.”

Assim, ela se levantou e decidiu, de uma vez por todas, que se dedicaria a algum trabalho que a fizesse esquecer de si mesma. Para começar, chamou Martha, quando passou pela porta da sala ao subir as escadas, e tentou descobrir o que estava debaixo da sua maneira séria, respeitosa e servil, que encobria o caráter individual com uma obediência que era quase mecânica. Ela achou difícil induzir Martha a falar de qualquer dos seus interesses pessoais, mas afinal tocou na corda certa, ao nomear Mrs. Thornton. O rosto todo de Martha se iluminou, e, com um pequeno encorajamento, veio à luz uma longa história de

como seu pai tinha sido no início da vida conectado com o marido de Mrs. Thornton – e mais, havia estado até mesmo em posição de prestar-lhe algum favor. O que seria esse favor Martha mal sabia, pois tinha acontecido quando ela era ainda muito pequena. Surgiram então circunstâncias que separaram as duas famílias, até que Martha estivesse quase adulta. Uma vez que seu pai saía-se cada vez pior na sua ocupação original como escriturário em um armazém, e a mãe já morrera, ela e a irmã, para usar a própria expressão de Martha, teriam “se perdido”, se não fosse por Mrs. Thornton, que as procurou e cuidou delas.

– Eu havia tido a febre, e estava muito frágil. Mrs. Thornton, e Mr. Thornton também, não descansaram enquanto não cuidaram de mim na sua própria casa, e me enviaram para o mar e tudo. Os médicos disseram que a febre estava pegando, mas eles nem se importaram – só Miss Fanny, e ela foi visitar esse sujeito com quem vai se casar. Assim, embora ela tenha sentido medo na época, tudo terminou bem.

– Miss Fanny vai se casar! – exclamou Margaret.

– Sim. E o cavalheiro é muito rico, também, só que é um bocado mais velho do que ela. O nome dele é Watson, e as suas fábricas ficam em algum lugar além de Hayleigh. É um casamento muito bom, apesar de todo o cabelo grisalho que ele tem.

Diante dessa notícia, Margaret ficou em silêncio por tempo suficiente para Martha recuperar a compostura, e, com isso, sua habitual brevidade de resposta. Ela varreu a sala, perguntou a que horas deveria preparar o chá, e deixou a peça com o mesmo rosto rígido com que tinha entrado. Margaret teve que repreender-se por ceder a um mau costume, no qual vinha caindo ultimamente – de tentar imaginar como cada notícia relacionada com Mr. Thornton que ela ouvia iria afetá-la. Se ela iria gostar ou detestar.

No dia seguinte ela deu aula para as crianças Boucher e fez um longo passeio, e terminou por uma visita a Mary Higgins. Um pouco surpresa, Margaret encontrou Nicholas já de volta do trabalho, pois a luz daquele dia mais longo a enganara quanto a hora tardia da noite. Ele também parecia, pelas suas maneiras, ter entrado um pouco mais no caminho da humildade – estava mais silencioso e menos autoafirmativo.

– Então o velho cavalheiro está ausente, em uma de suas viagens, não é? – disse ele. – Os pequenos me contaram. Ei! Mas eles são espertos, são mesmo, acho que quase batem as minhas próprias meninas em esperteza. Embora talvez seja errado dizer isso, quando uma delas já está na sepultura. Há algo no clima, eu acho, que convida para um passeio. Meu patrão, lá na fábrica, também está passeando pelo mundo, em algum lugar.

– É por isso que veio tão cedo para casa esta noite? – perguntou Margaret, inocentemente.

– Você não sabe nada sobre isso, e basta – disse ele, desdenhosamente. – Eu não sou homem de duas caras, uma para o meu patrão e a outra para quando ele dá as costas. Eu contei as badaladas de todos os relógios da cidade, antes de

deixar o trabalho. Não! Além disso, o Thornton é bom o bastante para lutar, mas bom demais para ser enganado. Foi você que me conseguiu o lugar e eu lhe agradeço por isso. A fábrica do Thornton não é ruim, nos tempos que correm. Desça daí, rapaz, e diga um bonito verso para Miss Margaret. Isso mesmo, firme sobre as pernas e o braço direito estendido para apresentar-se. Um parou, dois ficaram, três se prepararam, e o quarto fugiu!

O menino repetiu um hino metodista, muito acima da sua compreensão do ponto de vista da linguagem, mas cujo ritmo balançado tinha pego de ouvido, e o repetiu com toda a cadência desenvolvida de um membro do parlamento. Depois que Margaret aplaudiu propriamente, Nicholas pediu outro, e ainda outro, para grande surpresa dela, pois descobriu que ele fora estranha e inconscientemente levado a se interessar pelas coisas sagradas, que antigamente desprezava.

Já passara da hora habitual do chá quando ela chegou em casa, mas Margaret teve o conforto de sentir que ninguém tinha sido mantido à sua espera, e de se dedicar aos seus próprios pensamentos enquanto descansava, em vez de observar ansiosamente outra pessoa para saber se estava alegre ou triste. Depois do chá ela decidiu examinar um grande pacote de cartas, e escolher aquelas que deviam ser destruídas.

Entre elas havia quatro ou cinco de Mr. Henry Lennox, relativas aos negócios de Frederick, que ela leu e releu cuidadosamente, com a única intenção, quando começou, de averiguar exatamente quão boa era a chance de justificação do seu irmão. Mas quando terminou de ler a última, e pesou os prós e os contras, a pouca revelação de caráter pessoal que elas continham chamou a sua atenção. Era por demais evidente, pela rigidez do texto, que Mr. Lennox nunca esquecera da sua relação com ela, apesar de qualquer interesse que pudesse ter no assunto da correspondência. Eram cartas inteligentes, Margaret viu isso em um segundo, mas fora omitida toda a atmosfera amável e cordial. Deviam ser preservadas, porém, como valiosas, por isso ela as colocou cuidadosamente de lado. Quando esse pequeno negócio foi concluído, ela caiu em um devaneio, e o pensamento do pai ausente passou estranhamente pela cabeça de Margaret esta noite. Ela quase se culpou por ter sentido a solidão (e por conseguinte a ausência dele) como um alívio, mas estes dois dias a tinham animado outra vez, com nova força e esperanças mais brilhantes. Os planos que tinham recentemente lhe aparecido sob a forma de tarefas, agora apareciam como prazeres. Os parâmetros mórbidos haviam caído dos seus olhos, e ela viu sua posição e seu trabalho de modo mais realista. Se Mr. Thornton apenas restaurasse a amizade perdida – ou melhor, se ele apenas viesse de vez em quando alegrar seu pai como antigamente – mesmo que ela nunca o visse, ela sentia como se o curso da sua vida futura, embora não fosse brilhante em perspectiva, pudesse se estender claro e uniforme diante dela. Margaret suspirou quando se levantou para ir se deitar. Apesar do “um passo é o bastante para mim” – apesar do claro dever de devoção para com o pai – havia no fundo do seu coração uma ansiedade e uma pontada de tristeza.

E Mr. Hale pensava em Margaret, naquela noite de abril, do mesmo modo estranho e persistente com que ela pensava nele. Ele tinha ficado cansado de andar entre os velhos amigos e os antigos lugares familiares. Havia tido ideias exageradas sobre a alteração que a sua mudança de opiniões poderia produzir na maneira com que seria recebido pelos amigos. Mas embora alguns pudessem ter se sentido chocados, ou aflitos, ou indignados com a sua queda em abstrato, logo que viam o rosto do homem de quem um dia gostaram, esqueciam as suas opiniões para pensar na pessoa, ou apenas se lembravam o bastante para adicionar uma terna seriedade às suas maneiras. Pois Mr. Hale não era conhecido por muitos, havia pertencido a uma das faculdades menores, e sempre tinha sido tímido e reservado. Mas aqueles que na mocidade haviam se preocupado em penetrar na delicadeza de pensamento e sentimento que jaziam debaixo do seu silêncio e indecisão, apreciaram-no de todo o coração, com algo da bondade protetora que teriam demonstrado por uma mulher. E a renovação desta bondade, depois de um lapso de anos, e um intervalo de tantas mudanças, o dominou mais do que qualquer aspereza ou expressão de desaprovação poderia ter feito.

– Tenho medo que tenhamos exagerado – disse Mr. Bell. – Você está sofrendo agora por ter vivido tanto tempo naquele ar de Milton.

– Eu estou cansado – disse Mr. Hale. – Mas não é o ar de Milton. Eu tenho cinquenta e cinco anos de idade, e esse pequeno fato, por si só, já conta para qualquer perda de força.

– Tolice! Eu já passei dos sessenta, e não sinto nenhuma perda de força, seja física ou mental. Não me deixe ouvi-lo falar assim. Cinquenta e cinco! Você é um homem muito jovem!

Mr. Hale sacudiu a cabeça.

– Estes últimos anos! – disse ele.

Mas, depois de um minuto de pausa, ele se levantou de sua posição meio deitada em uma das luxuosas cadeiras de balanço de Mr. Bell, e disse com uma espécie de fervor trêmulo:

– Bell! Você não deve pensar que, se eu pudesse ter previsto tudo o que adviria da minha mudança de opinião, e da minha desistência do meu sustento – não! nem mesmo se eu pudesse ter sabido como *ela* sofreria – que eu desistiria disto: o ato de aberto reconhecimento de que eu já não mantinha a mesma fé na igreja da qual eu era um sacerdote. Como penso agora, mesmo se eu pudesse ter previsto aquele martírio mais cruel de sofrimento – pelos sofrimentos de alguém a quem amava – eu teria feito o mesmo e iria tão longe quanto me levasse esse passo de deixar a igreja abertamente. Eu poderia ter feito diferente e agido de forma mais sensata, em tudo o que fiz posteriormente pela minha família. Mas eu não acho que Deus me dotou de demasiada sabedoria ou força – ele acrescentou, reclinando-se de novo em sua antiga posição.

Mr. Bell assoou o nariz ostensivamente antes de responder. Então disse:

– Ele lhe deu força para fazer o que a sua consciência lhe disse que era certo, e eu não vejo por que precisamos de alguma força maior ou mais santa do que essa, ou sabedoria também. Eu sei que não tenho tanto, e ainda assim os homens me colocam nos seus livros de tolos como um homem sábio, um caráter independente, de espírito forte e todas essas hipocrisias. O idiota mais verossímil que obedece a sua própria lei simples de direito, nem que seja para limpar seus sapatos em um capacho, é mais sábio e mais forte do que eu. Como os homens são ingênuos!

Houve uma pausa. Mr. Hale falou primeiro, em continuação ao seu pensamento:

– Sobre Margaret.

– Bem! Sobre Margaret, o quê?

– Se eu morro...

– Tolice!

– O que será dela?... eu penso com frequência. Suponho que os Lennox vão pedir-lhe que viva com eles. Eu tento pensar que farão isso. A sua tia Shaw amava-a bastante, no seu modo quieto, mas ela esquece de amar os ausentes.

– Uma falta muito comum. Que tipo de pessoas são os Lennox?

– Ele, bonito, fluente e agradável. Edith, uma doce belezinha mimada. Margaret a ama com todo o seu coração, e Edith com tanto do seu coração quanto ela pode ceder.

– Agora, Hale, você sabe que essa sua menina conquistou quase todo o meu coração. Eu já lhe disse isso. Claro que, como sua filha, como minha afilhada, eu me interessei por ela antes de vê-la pela última vez. Mas essa visita que eu fiz a você em Milton me fez seu escravo. Eu fui, uma velha vítima voluntária, seguindo o carro do vencedor. Pois, na verdade, ela parece tão grandiosa e serena como alguém que lutou, e pode estar lutando, e ainda tem a vitória segura em vista. Sim, apesar de todas as suas angústias presentes, que se podia ver no seu rosto. E assim, tudo o que tenho está a serviço dela, se ela precisar, e será dela, queira ou não, quando eu morrer. Além disso, eu próprio serei o seu *preux chevalier*, sessentão e sofrendo de gota como estou. Sério, velho amigo, sua filha será a minha principal responsabilidade na vida, e toda a ajuda que minha inteligência, ou minha sabedoria, ou meu coração disposto possam dar, será dela. Eu não a escolheria como motivo de preocupação. Você tem que ter algo para se preocupar, eu sei há muito, ou não seria feliz. Mas você vai sobreviver a mim por muitos e longos anos. Acredite, os homens magros estão sempre tentando e sempre enganando a Morte! São os sujeitos robustos e corados como eu que sempre vão primeiro.

Se Mr. Bell tivesse um olho profético ele poderia ter visto a tocha, mas invertida, e o anjo com o rosto sério e composto mantendo-se muito próximo, acenando para o amigo. Naquela noite Mr. Hale deitou a cabeça no travesseiro, sobre o qual nunca mais deveria mexer-se em vida. O criado que entrou no

quarto pela manhã não recebeu nenhuma resposta à sua fala, Aproximando-se da cama, viu o rosto calmo e bonito jazendo frio e branco sob o selo indelével da morte. A atitude era perfeitamente relaxada, não tinha havido nenhuma dor – nenhuma luta. O coração devia ter cessado de bater quando ele se deitou.

Mr. Bell estava atordoado com o choque, e só se recuperou quando chegou a hora de ficar com raiva a cada sugestão do seu secretário.

– Uma investigação judicial? Bah! Você não acha que eu o envenenei, acha? Dr. Forbes diz que é apenas o fim natural de uma doença do coração. Meu pobre Hale! Você desgastou esse seu terno coração antes da hora. Pobre velho amigo! Como ele falou da sua...Wallis, arrume uma bolsa de viagem para mim em cinco minutos. Aqui estou eu falando. Arrume-a, estou dizendo. Tenho que ir a Milton pelo próximo trem.

Mr. Bell recebeu a bolsa arrumada, pediu um táxi e chegou à ferrovia em vinte minutos, desde o momento da decisão. O trem de Londres zuniu, avançou alguns metros e Mr. Bell foi apressado pelo guarda impaciente. Ele se reclinou no assento, para tentar, de olhos fechados, entender como alguém que estava vivo ontem podia estar morto hoje. E logo algumas lágrimas furtivas cobriram-lhe os cílios grisalhos. Diante desse sentimento, Mr. Bell abriu os olhos penetrantes e pareceu tão severamente animado quanto sua determinação lhe permitia. Ele não ia choramingar diante de um bando de estranhos. Não ele!

Não havia nenhum bando de estranhos, apenas um, sentado longe dele no mesmo lado. Pouco a pouco Mr. Bell examinou-o, para descobrir que tipo de homem era aquele que podia ter visto a sua emoção. E atrás da grande folha aberta do “Times”, ele reconheceu Mr. Thornton.

– Thornton! É você? – disse ele, mudando-se apressadamente para perto dele.

Ele apertou com veemência a mão de Mr. Thornton, até que o aperto terminasse em um relaxamento súbito, pois precisou da mão para limpar as lágrimas. Ele tinha visto Mr Thornton pela última vez na companhia do seu amigo Hale.

– Estou indo para Milton, incumbido de uma tarefa melancólica. Tenho que contar à filha de Hale sobre a morte súbita do pai!

– Morte! Mr. Hale está morto?

– Sim. Eu continuo dizendo para mim mesmo “Hale está morto!”, mas isso não torna o fato mais real. Hale está morto para tudo isso. Ele foi para a cama bem, ao que tudo indica, ontem à noite, e estava totalmente frio esta manhã quando meu criado foi chamá-lo.

– Onde? Eu não entendo!

– Em Oxford. Ele veio para ficar comigo, não vinha a Oxford há dezessete anos... e esse foi o fim.

Nenhum dos dois disse uma palavra durante um quarto de hora. Então Mr. Thornton disse:

– E ela? – e parou bruscamente.

– Margaret, você quer dizer. Sim! Estou indo contar-lhe. Pobre companheiro! Como seus pensamentos eram todos para ela ontem à noite! Bom

Deus! Foi apenas ontem à noite. E como ele está a uma distância imensurável agora! Mas eu tomo Margaret como minha filha, por causa dele. Eu lhe disse ontem à noite que a protegeria por causa dela. Bem, eu a protejo por causa de ambos.

Mr. Thornton fez uma ou duas tentativas infrutíferas de falar, antes que pudesse proferir as palavras:

– O que será dela?

Eu imagino que haverá duas pessoas esperando por ela: eu sou um. Eu levaria um dragão vivo para morar em minha casa se, contratando tal acompanhante, e montando um estabelecimento por minha própria conta, pudesse tornar minha velhice feliz tendo Margaret como minha filha. Mas há aqueles Lennox!

– Quem são eles? – perguntou Mr. Thornton, tremendo de interesse.

– Oh, pessoas inteligentes de Londres, que muito provavelmente pensarão que têm mais direito a ela do que eu. O Capitão Lennox se casou com a sua prima – a menina com a qual ela foi criada. Boa gente, ousou dizer. E há a tia, Mrs. Shaw. Seria meio caminho andado, talvez, se eu me oferecesse para casar com essa dama respeitável! Mas isso seria o menor dos males. E há também aquele irmão!

– Que irmão? Um irmão da tia?

– Não, não, um Lennox inteligente (o capitão é um bobo, espero que me entenda), um advogado jovem que vai tentar conquistar Margaret. Eu sei que ele não a tirou da cabeça nestes últimos cinco anos ou mais: um dos amigos íntimos dele me contou tudo isso. E ele só se conteve porque ela não tinha fortuna. Agora isso vai acabar.

– Como? – perguntou Mr. Thornton, por demais curioso para se dar conta da impertinência da pergunta.

– Ora, ela herdará o meu dinheiro, quando eu morrer. E se esse Henry Lennox ao menos for bom o suficiente para ela, e se ela gosta dele... bem! Eu poderia achar outro modo de conseguir um lar através do casamento. Morro de medo de ser tentado pela tia, num momento de descuido.

Nem Mr. Bell nem Mr. Thornton estavam com humor para brincadeiras, por isso a estranheza de qualquer das falas ditas pelo primeiro passou despercebida por eles. Mr. Bell assobiou, sem emitir qualquer som além de uma longa respiração sibilante, e mudou de assento sem encontrar conforto ou descanso. Enquanto isso Mr. Thornton sentava-se perfeitamente imóvel, os olhos fixos em um ponto do jornal, que ele retomara de modo a ver-se livre para pensar.

– Onde você esteve? – perguntou Mr. Bell, depois de longo tempo.

– No Havre. Tentando descobrir o segredo do grande aumento no preço do algodão.

– Argh! Algodão, e especulações, e fumaça, bem limpos e bem cuidados para as máquinas, e a mão de obra suja e abandonada. Pobre velho Hale! Pobre velho Hale! Se você pudesse ter sabido o que essa mudança representou para ele, comparado a Helstone! Você conheceu New Forest, afinal?

– Sim. (Muito brevemente.)

– Então pode imaginar a diferença entre esse lugar e Milton. Em que parte esteve? Chegou a ir a Helstone? Uma pequena aldeia pitoresca, como algumas no Odenwald? Conhece Helstone?

– Eu a conheci. Foi uma grande mudança deixá-la para vir a Milton.

Ele pegou seu jornal com ar determinado, como se estivesse resolvido a evitar mais conversa, e Mr. Bell se viu forçado a recorrer à sua ocupação anterior de tentar descobrir o melhor modo de dar a notícia a Margaret.

Ela estava em uma janela no alto da escada. Viu-o descer do táxi. Adivinhou a verdade num clarão instintivo. Ela parou no meio da sala, como se fosse impedida no seu primeiro impulso de correr escada abaixo, e como se, pelo mesmo pensamento restritivo, tivesse se transformado em pedra – tão branca e imóvel estava.

– Oh! Não me fale! Eu vejo no seu rosto! Você teria enviado... Você não o teria deixado – se ele estivesse vivo! Oh papai, papai!

[1] Em espanhol no original: mantilha, xale para cobrir a cabeça e os ombros.

[2] Em francês no original: cavaleiro branco; herói; o cavaleiro que defende a honra de uma dama.

[3] Em francês no original: “Eu não queria retomar meu coração desta maneira: sentimentos de vergonha, cegueira, despudor, traição e deslealdade ao teu Deus, e coisas semelhantes; mas queria corrigi-lo pelo caminho da compaixão. Ou então, meu pobre coração, cairemos na cova da qual tanto tentamos escapar. Ah! Levantemo-nos daqui, e deixemos este lugar para jamais voltar. Peçamos a misericórdia de Deus, e esperemos que ela nos ajude, de hoje em diante, a ser mais firmes. E voltemos ao caminho da humildade. Coragem, estejamos em guarda, e Deus nos ajudará.”

CAPÍTULO 42
SOZINHA! SOZINHA!

“Quando alguma voz amada que era para você
Som e doçura, falha, de repente,
E o silêncio, contra o qual você não ousa gritar,
Dói ao seu redor, como uma doença nova e forte...
Que esperança? Que tipo de ajuda? Qual música irá desfazer
Aquele silêncio aos seus sentidos?”
Mrs. Browning

O choque tinha sido grande. Margaret entrou em um estado de prostração que não se revelou por soluços ou lágrimas, nem mesmo achou o alívio das palavras. Ela jazia no sofá, com os olhos fechados, só falando se falassem com ela, e então respondendo com sussurros. Mr. Bell estava perplexo. Não ousava deixá-la. Não ousava pedir-lhe que o acompanhasse a Oxford, que era um dos planos que havia elaborado na sua viagem para Milton. Era evidente que o esgotamento físico de Margaret era muito grande para que ela enfrentasse qualquer desgaste dessa ordem – considerando que ela não o achasse fora de questão. Mr. Bell sentou-se junto ao fogo, refletindo sobre o que seria melhor fazer. Margaret jazia imóvel e quase sem respirar perto dele. Ele não a deixaria, nem mesmo para apreciar o jantar que Dixon havia preparado para ele no andar de baixo, e que, com chorosa hospitalidade, teria de bom grado tentado fazê-lo comer. Mr. Bell ainda tinha um prato cheio de algo que fora preparado para ele. Em geral, ele era bastante exigente e delicado, e conhecia bem cada variação de sabor na sua comida, mas agora o torturante frango tinha gosto de serragem. Ele picou um pedaço da ave para Margaret, apimentou-a e salgou-a bem. Mas quando Dixon, seguindo suas instruções, tentou alimentá-la, o fraco movimento de cabeça provou que, em um estado tal como Margaret se encontrava, a comida só iria sufocá-la, em vez de alimentá-la.

Mr. Bell deu um grande suspiro, ergueu seus membros velhos e robustos (endurecidos por causa da viagem) da sua posição confortável, e seguiu Dixon para fora da sala.

– Eu não posso deixá-la. Preciso escrever para Oxford, para que sejam tomadas as providências: eles podem seguir com tudo até que eu chegue. Não é possível Mrs. Lennox vir ficar com ela? Vou escrever-lhe para dizer que ela deve vir. A menina precisa ter alguma companhia feminina junto dela, nem que seja para ajudá-la a ter um ataque de choro.

Dixon estava chorando... o bastante para duas. Mas, depois de esfregar os olhos e firmar a voz, conseguiu contar a Mr. Bell que Mrs. Lennox estava de resguardo, e não poderia empreender qualquer viagem no momento.

– Bem! Então suponho que possamos chamar Mrs. Shaw. Ela voltou para a Inglaterra, não voltou?

– Sim, senhor, ela voltou. Mas eu não creio que ela gostará de deixar Mrs. Lennox nesse estado interessante – disse Dixon, que não aprovava muito que uma estranha entrasse na casa, para compartilhar com ela seu impositivo cuidado de Margaret.

– Estado interessante, é... – Mr. Bell limitou-se a tossir ao final da sua frase. – Pelo que sei ela devia estar bem contente de ficar em Veneza ou Nápoles, ou algum desses lugares papistas, durante o último “estado interessante” da filha, que aconteceu em Corfu, eu acho. E o que pode significar o “estado interessante” de uma mulher jovem e próspera, comparado com aquela pobre criatura ali – esta Margaret desamparada, sem lar, sem amigos – jazendo imóvel naquele sofá como se ele fosse um monumento funerário e ela a estátua de pedra. Estou lhe dizendo, Mrs. Shaw virá. Providencie para que um quarto, ou o que ela quiser, esteja pronto até amanhã à noite. Eu cuidarei para que ela venha.

Assim Mr. Bell escreveu uma carta, que Mrs. Shaw declarou, com muitas lágrimas, ser tão parecida com as do querido general quando ia ter um ataque de gota, que ela sempre deveria valorizá-la e preservá-la. Se ele tivesse lhe dado a opção, pedindo ou insistindo, como se uma recusa fosse possível, ela poderia não ter vindo – por mais verdadeira e sincera que fosse a sua compaixão por Margaret. Era preciso um comando áspero e pouco cortês para fazê-la vencer a sua *vis inertiae* [1], e permitir que a empregada empacotasse suas coisas, depois que ela tivesse enchido os baús. Edith, só toucas, xales e lágrimas, saiu para o patamar da escada, enquanto o Capitão Lennox estava levando sua mãe até a carruagem:

– Não esqueça, mamãe. Margaret tem que vir morar conosco. Sholto irá para Oxford na quarta-feira e a senhora tem que mandar um recado de Mr. Bell por ele, sobre quando devemos esperá-la. E se a senhora precisar de Sholto, ele pode ir de Oxford para Milton. Não se esqueça, mamãe, de que tem que trazer Margaret de volta.

Edith voltou para a sala de visitas. Mr. Henry Lennox estava lá, rasgando as páginas de uma nova edição da Crítica. Sem erguer a cabeça, disse:

– Se você não gosta que Sholto fique tanto tempo ausente, Edith, espero que permita que eu vá até Milton e preste toda a ajuda possível.

– Oh, obrigada – disse Edith. – Ouso dizer que o velho Mr. Bell fará tudo o que puder, e mais ajuda pode não ser necessária. Apenas não se pode esperar muito tato de um membro residente da universidade. Querida Margaret! Não será ótimo tê-la aqui novamente? Vocês dois eram grandes aliados, anos atrás.

– Éramos? – perguntou ele, indiferente, parecendo estar interessado em uma passagem da Crítica.

– Bem, talvez não... não me lembro. Eu estava muito ocupada com Sholto. Mas não foi apropriado – se meu tio tinha que morrer – que fosse justo

agora, quando voltamos para o país, nos estabelecemos na velha casa, e estamos prontos para receber Margaret? Coitadinha! Que mudança será para ela, que diferença de Milton! Vou colocar tecidos novos no seu quarto, e deixá-lo parecendo novo e brilhante, para alegrá-la um pouco.

No mesmo espírito de bondade, Mrs. Shaw viajou a Milton, ocasionalmente temendo o reencontro, e se perguntando como ele terminaria. Mas, com mais frequência, planejando com que rapidez poderia tirar Margaret “daquele lugar horrível”, e trazê-la de volta aos confortos agradáveis de Harley Street.

– Oh, céus! – ela disse para sua empregada. – Olhe essas chaminés! Minha pobre irmã! Acho que não poderia ter descansado em Nápoles, se soubesse como era tudo isso! Eu devia ter vindo e levado ela e Margaret embora. – E para si mesma ela reconheceu que sempre tinha achado o cunhado um homem bastante fraco, mas nunca tão fraco como agora, quando ela pode ver por qual lugar ele trocara a adorável casa de Helstone.

Margaret permanecia no mesmo estado: pálida, imóvel, calada, sem lágrimas. Disseram-lhe que a sua tia Shaw estava vindo, mas ela não expressou nem surpresa, nem prazer, nem desagrado com a ideia. Mr. Bell, cujo apetite tinha voltado, e que apreciava os esforços de Dixon para satisfazê-lo, em vão insistiu com Margaret para provar algumas molejas guisadas com ostras. Ela sacudiu a cabeça com a mesma obstinação quieta do dia anterior, e ele se obrigou a consolar-se pela sua rejeição comendo tudo sozinho. Margaret, porém, foi a primeira a ouvir o ruído do táxi que trouxe a tia da estação de trem. Suas pálpebras tremeram, os lábios ganharam cor e se agitaram. Mr. Bell desceu para receber Mrs. Shaw, e quando eles subiram, Margaret estava de pé, tentando vencer o atordoamento. E quando ela viu a tia, foi direto para os braços estendidos para recebê-la, e pela primeira vez achou o alívio apaixonado das lágrimas no ombro da tia. Todos os pensamentos de amor calmo e habitual, de ternura durante anos, da relação com o morto – toda aquela semelhança inexplicável de aparência, tom, e gesto, que parece pertencer a uma família, e que lembraram a Margaret com tanta força, naquele momento, da sua mãe – juntaram-se para derreter e amolecer seu coração entorpecido em um transbordamento de lágrimas ardentes.

Mr. Bell saiu despercebido da sala e desceu para o estúdio, onde mandou acender o fogo, e tentou distrair-se tirando da estante e examinando os diferentes livros. Cada volume trazia uma recordação ou uma sugestão do seu falecido amigo. Poderia ser uma mudança de ocupação, depois de dois dias assistindo Margaret, mas não constituía uma mudança de pensamento. Ficou feliz de ouvir o som da voz de Mr. Thornton, fazendo algumas perguntas na porta. Dixon estava despedindo-o com bastante arrogância, pois, com o aparecimento da empregada de Mrs. Shaw, vieram visões da antiga grandeza, do sangue dos Beresford, da “posição” (assim ela gostava de chamá-la) da qual a sua jovem senhora havia sido deposta, e à qual ela devia agora, com a graça de Deus, ser restaurada. Essas visões, sobre as quais ela se estendera em complacente conversa com a

empregada de Mrs. Shaw (extraíndo habilmente, enquanto isso, todas as circunstâncias de situação e importância ligadas à residência de Harley Street, para a edificação da atenta Martha), tornaram Dixon bastante inclinada a ser presunçosa ao tratar com qualquer habitante de Milton. Assim, embora ela sempre tivesse um certo medo de Mr. Thornton, foi tão seca quanto pôde, ao dizer-lhe que não poderia ver nenhum dos ocupantes da casa naquela noite. Foi bastante desagradável ser contrariada na sua declaração por Mr. Bell, que, abrindo a porta do estúdio, chamou:

– Thornton! É você? Entre um minutinho, quero falar com você.

Assim Mr. Thornton entrou no estúdio, e Dixon teve que se retirar para a cozinha, e restabelecer-se em sua própria estima com uma história prodigiosa sobre Sir John Beresford mandar e desmandar, quando era um alto oficial da lei, nomeado pela Coroa.

– Eu não sei o que queria lhe dizer, afinal de contas – disse Mr. Bell. – Só que é muito triste sentar-se numa sala onde todos falam com você sobre um amigo morto. Além disso, Margaret e a tia devem ter a sala só para elas!

– Mrs... A tia de Margaret veio? – perguntou Mr. Thornton.

– Se ela veio? Sim! Com empregada e tudo. É de se pensar que ela poderia ter vindo sozinha num momento desses! E agora devo me retirar e tomar o rumo do Clarendon.

– Você não deve ir para o Clarendon. Nós temos cinco ou seis quartos vazios em casa.

– Bem arejados?

– Acho que pode confiar em minha mãe quanto a isso.

– Então vou só correr lá em cima para desejar boa-noite àquela menina pálida e cumprimentar a tia, depois vou direto com você.

Mr. Bell ficou algum tempo lá em cima. Mr. Thornton começou a achar um tanto demorado, pois estava cheio de compromissos, e mal conseguira arrumar um tempo para correr até Crampton e perguntar como Miss Hale estava passando.

Depois que partiram, Mr. Bell disse:

– Eu fui retido pelas mulheres na sala de visitas. Mrs. Shaw está ansiosa para chegar em casa – por causa da filha, ela diz – e quer que Margaret vá com ela de uma vez. Mas agora ela é tão capaz de viajar quanto eu sou de voar. Além disso, Margaret diz, com muita justiça, que ela tem amigos que deve visitar – que é preciso despedir-se de várias pessoas. Então a tia começou a angustiá-la com antigas reivindicações – será que ela havia se esquecido dos velhos amigos? E ela disse, num ataque de choro, que deveria estar bastante contente de ir embora de um lugar onde sofrera tanto. E agora, eu tenho que voltar a Oxford amanhã, e não sei em que lado da balança colocar meu prato.

Ele parou, como se fizesse uma pergunta, mas não recebeu nenhuma

resposta do amigo, cujo pensamento continuava ecoando as palavras:

– Onde ela sofrera tanto... Ai de mim!

E era desse modo que aqueles dezoito meses em Milton – para ele tão indizivelmente preciosos, mesmo na sua amargura que valia pela doçura de uma vida inteira – seriam lembrados. Nem a perda do pai, nem a perda da mãe, querida como ela era para Mr. Thornton, poderia envenenar a lembrança das semanas, dos dias, das horas, quando um passeio de três quilômetros – cada passo do qual era agradável, pois o trazia para mais perto dela – o levou à sua doce presença; cada passo do qual era rico, pois cada momento recorrente que o levou para longe dela o fez recordar de alguma graça nova em seu comportamento ou comoção agradável em seu caráter. Sim! Não importa o que acontecesse com ele, fora da sua relação com ela, ele jamais poderia falar daquele tempo, quando podia vê-la todos os dias – quando a teve ao seu alcance, por assim dizer – como um tempo de sofrimento. Tinha sido um tempo de luxo real para ele, com todos os seus tormentos e insolências, comparado à pobreza que rastejava à sua volta e degradava a previsão do futuro até a sórdida realidade, e à vida sem uma atmosfera de qualquer espécie de esperança ou medo.

Mrs. Thornton e Fanny estavam na sala de jantar, a última um tanto agitada e exultante, enquanto a empregada segurava um tecido brilhante após o outro, para testar o efeito do vestido de casamento à luz de velas. A mãe realmente tentava simpatizar com ela, mas não podia. Nem bom gosto nem vestidos estavam na sua linha de interesses, e ela desejou de coração que Fanny tivesse aceitado a oferta do irmão – de ter as roupas de casamento fornecidas por alguma costureira londrina de primeira categoria, sem as discussões problemáticas e infinitas, e a indecisão insegura surgida do desejo de Fanny de escolher e supervisionar tudo ela mesma. Mr. Thornton só estava contente de mostrar sua grata aprovação a qualquer homem sensato que pudesse ser cativado pelas afetações de segunda categoria de Fanny, dando à irmã amplos meios de proporcionar à si mesma o vestuário elegante que certamente rivalizava com o noivo na sua estima, se é que não excedia. Quando o irmão e Mr. Bell entraram, Fanny corou e deu um sorriso afetado, e agitou-se com os sinais da atividade em que se ocupava, de um modo que não poderia ter deixado de chamar a atenção de qualquer um, menos Mr. Bell. Se ele prestou atenção nela e em suas sedas e seus cetins e tudo o mais, foi para compará-los com a tristeza pálida que havia deixado para trás, sentada imóvel, com a cabeça inclinada e as mãos cruzadas, em um quarto onde a quietude era tão grande que se podia quase imaginar que a pressão nos ouvidos fosse causada pelo espírito do morto, ainda flutuando em volta da sua amada filha. Pois quando Mr. Bell fora até lá em cima primeiro, Mrs. Shaw estava adormecida no sofá, e nenhum som quebrou o silêncio.

Mrs. Thornton deu a Mr. Bell o seu acolhimento formal e hospitaleiro. Ela nunca era tão agradável como quando recebia os amigos do seu filho na casa do seu filho. E quanto mais inesperada a visita, mais honrosos eram seus admiráveis arranjos domésticos para proporcionar-lhe conforto.

– Como está Miss Hale? – ela perguntou.

– Tão arrasada por este último golpe quanto poderia estar.

– Estou certa de que é muito bom para ela ter um amigo como o senhor.

– Bem que eu gostaria de ser o seu único amigo, minha senhora. Ouso dizer que soa muito brutal, mas aqui eu fui posto de lado, e demitido do meu

cargo de consolador e conselheiro por uma senhora muito fina, sua tia. E há os primos e não sei quem mais exigindo sua presença em Londres, como se ela fosse um cachorrinho que pertencesse a eles. E ela está muito fraca e infeliz para ter alguma vontade própria.

– Ela deve estar fraca, realmente – disse Mrs. Thornton, com um sentido implícito que seu filho compreendeu bem. – Mas onde – continuou Mrs. Thornton – estavam esses parentes durante todo esse tempo em que Miss Hale pareceu quase sem amigos, e certamente teve bastante ansiedade para suportar?

Mas ela não tinha interesse suficiente na resposta para esperar por ela. Deixou a sala para cuidar dos seus arranjos domésticos.

– Estavam vivendo no estrangeiro. Eles têm algum tipo de direito sobre ela, devo fazer-lhes essa justiça. A tia a criou, e ela e a prima sempre foram como irmãs. O que me incomoda, você vê, é que eu queria levá-la como minha própria filha – e tenho ciúmes dessas pessoas, que não parecem valorizar o privilégio que representa esse direito sobre ela. Agora, seria diferente se Fredericka reivindicasse.

– Frederick! – exclamou Mr. Thornton. – Quem é ele? Que direito...? – E parou bruscamente na sua pergunta veemente.

– Frederick – disse Mr. Bell, surpreso. – Ora, você não sabe? Ele é o irmão dela. Você não ouviu...

– Eu nunca ouvi o nome dele antes. Onde ele está? Quem é ele?

– Com certeza eu lhe falei sobre ele, quando a família chegou a Milton... o filho que estava envolvido naquele motim.

– Eu nunca ouvi falar dele até este momento. Onde ele vive?

– Na Espanha. Ele é passível de ser preso no momento que colocar os pés em solo inglês. Pobre rapaz! Ele vai se angustiar por não ter sido capaz de assistir ao funeral do pai. Devemos nos contentar com o Capitão Lennox, pois eu não conheço nenhum outro parente a quem chamar.

– Espero que eu tenha permissão para ir?

– Certamente, agradecemos muito. Você é um bom amigo, afinal, Thornton. Hale gostava de você. Ele me falou de você ainda outro dia, em Oxford. Lamentava tê-lo visto tão pouco, ultimamente. Sou agradecido a você, por desejar mostrar-lhe seu respeito.

– Mas voltando a Frederick. Ele nunca vem à Inglaterra?

– Nunca.

– Ele não esteve por aqui na época da morte de Mrs. Hale?

– Não. Pois eu estava aqui, então. Eu não vi Hale por anos e anos e, se você se lembra, eu vim... Não, foi algum tempo depois disso que eu vim. Mas o pobre Frederick Hale não estava aqui então. O que o fez pensar que ele estava?

– Eu vi um rapaz caminhando com Miss Hale um dia – respondeu Mr. Thornton – e acho que foi nessa época.

– Oh, esse poderia ser o jovem Lennox, o irmão do Capitão. Ele é um advogado, e eles estavam em correspondência constante com ele. Eu me lembro de Hale ter dito que achava que ele viria. Você sabe – disse Mr. Bell, fazendo um

rodeio e fechando um olho, para melhor trazer as forças do outro a suportarem um agudo escrutínio no rosto de Mr. Thornton – que eu cheguei a imaginar que você tivesse uma certa ternura por Margaret?

Nenhuma resposta. Nenhuma mudança de semblante.

– E o pobre Hale também. Não no princípio, e não até que eu tivesse posto isso na cabeça dele.

– Eu admiro Miss Hale. Todo mundo deve admirá-la. Ela é uma bela criatura – disse Mr. Thornton, induzido a ladrar pelo interrogatório pertinaz de Mr. Bell.

– E isso é tudo! Você consegue falar dela desse modo comedido, como simplesmente uma “bela criatura”... algo só para agradar os olhos. Eu esperava que você tivesse nobreza suficiente dentro de si para prestar-lhe a homenagem do coração. Embora, eu creio – eu sei, na verdade – que ela o teria rejeitado, ainda que tê-la amado sem ser correspondido o teria erguido mais alto do que todos esses, sejam eles quem forem, que nunca a conheceram o bastante para amar. “Bela criatura”, realmente! Você falaria dela como se fala de um cavalo ou um cachorro?

Os olhos de Mr. Thornton arderam como brasas.

– Mr. Bell – disse ele – antes de falar assim, deveria se lembrar que nem todos os homens são tão livres para expressar o que sentem como o senhor. Vamos falar de outra coisa.

Pois, embora seu coração desse um pulso, como se atendesse ao chamado de um clarim, a cada palavra que Mr. Bell tinha dito, e embora soubesse que o que ele dissera ligaria doravante o pensamento do velho membro da universidade de Oxford estreitamente com as coisas mais preciosas do seu coração – ainda assim ele não seria obrigado a expressar de modo algum o que sentia em relação a Margaret. Ele não era nenhum pássaro imitador, para tentar – só porque outro exaltou o que ele reverenciava e amava apaixonadamente – superá-lo em louvores. Voltou, então, aos áridos assuntos de negócios que existiam entre Mr. Bell e ele, como proprietário e inquilino.

– O que é aquele monte de tijolo e argamassa pela qual passamos no pátio? Há necessidade de algum reparo?

– Não, nenhum, obrigado.

– Você está construindo por sua própria conta? Se for assim, eu lhe agradeço muito.

– Eu estou construindo uma sala de jantar – para os homens, quero dizer – a mão de obra.

– Eu diria que você é difícil de agradar, se esta sala não fosse boa o bastante para satisfazer a você, um solteiro.

– Eu fiz amizade com um sujeito meio estranho, e pus na escola uma ou duas crianças em quem ele está interessado. Assim, como aconteceu de eu estar passando perto da sua casa um dia, só fui lá por causa de algum pagamento insignificante a ser feito, eu vi um miserável de um jantar... um pedaço torrado de carne gordurosa, que primeiro me levou a pensar. Mas não foi senão quando os alimentos se tornaram tão caros neste inverno que eu refleti sobre como, comprando coisas no atacado, e cozinhando uma boa quantidade de provisões

juntas, se poderia economizar muito dinheiro e ganhar bastante conforto. Então falei com meu amigo – ou meu inimigo – o homem de quem lhe falei – e ele encontrou falha em todos os detalhes do meu plano. Por conseguinte eu o coloquei de lado, tanto como impraticável, como também porque, se eu forçasse para colocá-lo em operação, estaria interferindo com a independência dos meus homens. Então, de repente, esse Higgins veio a mim e graciosamente comunicou sua aprovação a um esquema tão parecido com o meu que eu poderia, com justiça, tê-lo reivindicado, e também a aprovação de vários dos seus companheiros de trabalho, com quem ele tinha falado. Eu estava um pouco “irritado”, confesso, pelos seus modos, e pensei em lançar tudo ao mar para afundar ou nadar. Mas pareceu infantil abandonar um plano que eu uma vez considerara sábio e bem montado, só porque eu mesmo não recebi toda a honra e importância devida ao mentor. Então eu friamente assumi a parte que me cabia, que é um pouco parecida com a de um gerente de um clube. Eu compro no atacado as provisões e providencio uma senhora adequada para cozinhar.

– Espero que encontre satisfação na sua nova aptidão. Você é um bom juiz de batatas e cebolas? Mas eu suponho que Mrs. Thornton o ajuda com as compras.

– Nem um pouco – respondeu Mr. Thornton. – Ela desaprova o plano inteiro e agora nós nunca mencionamos isso um para o outro. Mas eu administro muito bem, consigo grandes estoques de alimentos em Liverpool, e tenho a carne fornecida pelo próprio açougueiro da família. Eu lhe asseguro, os jantares que essa senhora prepara não são de ser desprezados.

– Você prova cada prato quando ela faz, em razão do seu ofício? Espero que tenha uma varinha mágica.

– Eu era muito escrupuloso, no princípio, limitando-me simplesmente a comprar, e até mesmo nisso eu obedecia mais aos pedidos dos homens, transmitidos pela encarregada, do que ao meu próprio julgamento. Uma vez era o bife que era muito grande, na outra a carne de carneiro que não era bastante gorda. Eu acho que perceberam como eu estava sendo cuidadoso em deixá-los livres e não impor minhas próprias ideias. Então, um dia, dois ou três homens – entre eles meu amigo Higgins – me perguntaram se eu não queria fazer um lanche. Era um dia muito ocupado, mas eu vi que os homens ficariam sentidos se, depois de darem o primeiro passo, eu não os encontrasse a meio caminho. Então eu fui. E nunca jantei melhor em toda a minha vida. Eu lhes disse (para os que estavam próximos a mim na mesa, pois não sou de fazer discursos) o quanto tinha gostado. E durante algum tempo, sempre que havia aquele prato especial na sua dieta, eu estava certo de ser convidado por eles, com um “Patrão, tem cozido para o jantar hoje, o senhor vem?” Se eles não tivessem me convidado, eu não teria mais me intrometido lá, como não teria me metido na bagunça das barracas sem convite.

– Eu pensaria que a sua presença foi uma boa restrição à conversa dos seus anfitriões. Eles não podem abusar dos patrões enquanto você estiver lá. Suspeito que eles tiram essa diferença nos dias em que não tem cozido.

– Bem! Até aqui conseguimos evitar todas as questões irritantes. Mas se alguma das velhas disputas viesse à tona, eu certamente falaria o que penso no próximo dia em que tivesse cozido. Mas você quase não está familiarizado com os nossos companheiros do Darkshire, embora você mesmo seja um homem do Darkshire. Eles têm um grande senso de humor, e um modo atrevido de se

expressar! Eu estou de fato começando a conhecer alguns deles agora, e eles falam com muita liberdade diante de mim.

– Nada como o ato de comer para igualar os homens. Morrer não é nada, comparado a isso. O filósofo morre sentenciosamente – o fariseu, ostentadamente – o simples de coração, humildemente – o pobre idiota cegamente, como o pardal que cai no chão. Filósofo e idiota, publicano e fariseu, todos comem da mesma forma... e tem uma digestão igualmente boa. Há teoria, para teoria, para você!

– Na verdade, não tenho nenhuma teoria. Odeio teorias.

– Peço perdão. Para mostrar meu arrependimento, você aceitaria uma nota de dez libras para fazer suas compras, e daria um banquete para os pobres rapazes?

– Obrigado, mas prefiro que não. Eles me pagam aluguel pelo forno e os lugares para cozinhar nos fundos da fábrica, e terão que pagar mais pelo novo refeitório. Eu não quero que isso se torne uma caridade. Não quero doações. Se fizesse isso uma vez, eu acabaria por ter pessoas andando, e falando, e estragando a simplicidade da coisa toda.

– As pessoas falarão sobre qualquer plano novo. Você não pode evitar isso.

– Meus inimigos, se eu tenho algum, podem fazer um alarido filantrópico sobre este esquema de jantar, mas você é um amigo e espero que guarde silêncio a respeito da minha experiência. É apenas uma vassoura nova no momento, e varre bem o bastante. Mas, aos poucos, vamos encontrar muitos obstáculos, sem dúvida.

[1] Expressão latina: a força da inércia.

CAPÍTULO 43

A MUDANÇA DE MARGARET

“A pior coisa para a qual se diz *adieu*,
Perde sua maldade na hora da despedida.”

Elliot

Mrs. Shaw criou uma forte antipatia contra Milton – tanto quanto era possível a uma natureza delicada como a sua. Era um lugar barulhento, e enfumaçado, e as pessoas pobres que ela vira nas ruas eram sujas, e as senhoras ricas espalhafatosas, e nem um dos homens que ela viu, alto ou baixo, tinha as roupas feitas sob medida. Estava certa de que Margaret nunca iria recuperar sua força perdida enquanto ficasse em Milton. É ela própria estava com medo de ter um dos seus antigos ataques de nervos. Margaret devia retornar com ela, e rapidamente. Isto, se não era a força exata das suas palavras, era de qualquer modo o espírito do que conversara com Margaret, até que a última, fraca, cansada e abatida, prometeu-lhe com relutância que, assim que passasse a quarta-feira, ela se prepararia para acompanhar a tia de volta à cidade – deixando Dixon encarregada de todos os arranjos para pagar as contas, dispor da mobília e fechar a casa. Antes daquela quarta-feira – aquela triste quarta-feira, quando Mr. Hale seria enterrado, longe de qualquer um dos lares que conhecera em vida, e longe da esposa que jazia solitária entre estranhos (e esta última foi a grande dificuldade de Margaret, pois ela achava que se não tivesse se entregue àquele estupor opressivo nos primeiros dias de tristeza, poderia ter organizado as coisas de outro modo) – antes daquela quarta-feira, Margaret recebeu uma carta de Mr. Bell.

Minha querida Margaret

Eu queria ter voltado a Milton na quinta-feira, mas infelizmente aconteceu de ser uma daquelas raras ocasiões em que nós, os Membros de Plymouth, somos chamados a desempenhar algum tipo de obrigação, e eu não devo estar ausente do meu posto. Capitão Lennox e Mr. Thornton estão aqui. O primeiro parece ser um homem inteligente, bem-intencionado, e propôs ir a Milton para ajudá-la em qualquer busca pelo testamento. É claro que não há nenhum, ou você já o teria encontrado a esta altura, se seguiu minhas instruções. Assim, o Capitão diz que deve levar você e a sogra para casa, e, no atual estado da sua esposa, não vejo como você poderia esperar que ele fique além de sexta-feira. No entanto, essa sua Dixon é confiável, e pode cuidar de tudo até que eu chegue. Vou colocar o assunto nas mãos do meu advogado de Milton, se não houver testamento, pois desconfio que este capitão inteligente não é nenhum grande homem de negócios. Não obstante, seus bigodes são esplêndidos.

Terá que haver uma venda, então selecione as coisas que você deseja manter e reserve. Ou você pode enviar uma lista depois. Agora, mais duas coisas e chego ao fim. Você sabe, ou se não sabe, seu pobre pai sabia, que você deve herdar meu dinheiro e meus bens quando eu morrer. Não que eu pretenda morrer ainda, mas menciono isso no desejo de explicar o que está por vir. Esses Lennox parecem gostar muito de você agora, e talvez continuem a gostar, talvez não. Então é melhor começar com um acordo formal, ou seja, que você lhes pagará duzentos e cinquenta libras por ano, enquanto você e eles considerarem agradável viver juntos. (Isso, é claro, inclui Dixon; cuide para que não seja seduzida a pagar qualquer coisa mais por ela.) Assim você não será lançado à deriva, se algum dia o capitão desejar ter a casa só para si, mas poderá levar a si mesma e as suas duzentas e cinquenta libras para algum outro lugar. Se, na verdade, eu não tiver exigido que você venha manter a casa para mim, primeiro. E quanto aos vestidos, e Dixon, e gastos pessoais, e despesas de confeitaria (todas as jovens senhoras comem doces, até que a sabedoria venha com a idade), vou consultar alguma senhora do meu conhecimento e ver o quanto você receberá de seu pai, antes de fixar um valor. Agora, Margaret, você largou tudo antes de ler até aqui, e se perguntou que direito tem este homem velho de resolver os negócios por você de modo tão arrogante? Não tenho nenhuma dívida de que o fez. Ainda assim o homem velho tem um direito. Ele foi amigo do seu pai durante trinta e cinco anos, estava ao lado dele no dia do seu casamento, e fechou-lhe os olhos na morte. Além disso, ele é seu padrinho. E como não pode fazer-lhe o bem espiritualmente – tendo uma consciência secreta da sua superioridade em tais coisas – ele lhe faz, de bom grado, o mísero bem de dotá-la materialmente. E o homem velho não tem um parente conhecido na terra – “Quem irá chorar por Adam Bell?” – e todo o seu coração está disposto e inclinado a uma única coisa, e Margaret Hale não é a menina que vai dizer-lhe não. Escreva pelo retorno, mesmo que apenas duas linhas, para dizer-me sua resposta. Mas que não seja “não, obrigada.”

Margaret pegou uma caneta e rabiscou com mão trêmula “Margaret Hale não é a menina que vai dizer-lhe não”. No seu estado de fraqueza ela não conseguia pensar em quaisquer outras palavras, e ainda assim estava angustiada por usar estas. Mas estava tão fatigada, mesmo por este leve esforço, que se pudesse ter pensado em outra forma de aceitação não poderia sentar-se para escrever uma sílaba dela. Foi obrigada a se deitar novamente, e se esforçar para não pensar.

– Minha querida criança! Aquela carta a aborreceu ou perturbou?

– Não! – disse Margaret, fracamente. – Vou me sentir melhor quando amanhã tiver passado.

– Eu estou certa, querida, que você não vai melhorar até que eu a tire dessa atmosfera horrível. Como você suportou isso por dois anos, eu não posso imaginar.

– Onde eu poderia ir? Eu não podia deixar o papai e a mamãe.

– Bem! Não se aflija, minha querida. Ouso dizer que foi tudo para o melhor, eu só não tinha qualquer ideia de como você estava vivendo. A esposa do nosso mordomo mora em uma casa melhor do que esta.

– Às vezes é muito bonito... no verão. Não pode julgar pelo que é agora. Fui muito feliz aqui – e Margaret fechou os olhos, como modo de encerrar a conversa.

A casa transbordava de conforto agora, comparado ao que tinha sido. As noites eram frias, e por ordens de Mrs. Shaw acenderam-se as lareiras em todas as peças. Ela mimava Margaret de todas as maneiras possíveis, e comprou todas as guloseimas ou pequenos luxos nos quais ela mesma costumava se refugiar ou procurar conforto. Mas Margaret era indiferente a todas essas coisas. Ou, se elas se impunham à sua atenção, era apenas como motivo de gratidão para com a tia, que se colocara tão fora do seu modo habitual para pensar nela. Margaret estava agitada, apesar da fraqueza. Durante todo o dia ela se absteve de pensar na cerimônia que estava acontecendo em Oxford, vagando de sala em sala, lentamente pondo de lado os artigos que desejava manter. Dixon a seguia a mando de Mrs. Shaw, ostensivamente para receber ordens, mas com instruções secretas de fazê-la repousar assim que fosse possível.

– Vou ficar com estes livros, Dixon. Você poderia mandar todos os outros para Mr. Bell? São livros valiosos por si mesmos, e ele vai valorizá-los também por causa do papai. Este aqui...Eu gostaria que você mandasse este para Mr. Thornton, depois que eu for embora. Espere. Vou mandar um bilhete junto.

E, como se tivesse medo de pensar, ela sentou-se e escreveu rapidamente:

Prezado Senhor

Estou certa que irá valorizar o livro que acompanha esta nota como lembrança do meu pai, a quem ele pertencia.

Atenciosamente

Margaret Hale

Ela partiu novamente em suas viagens através da casa, mexendo nos objetos, conhecidos desde a sua infância, com um tipo de relutância carinhosa em deixá-los – por mais antiquados, gastos e surrados que pudessem estar. Mas ela quase não falou de novo, e o relatório de Dixon para Mrs. Shaw era que – ela duvidava que Miss Hale tivesse ouvido uma palavra do que ela disse, embora ela falasse o tempo inteiro para desviar sua atenção. A consequência de ficar de pé o dia todo foi o cansaço corporal excessivo à noite, e a melhor noite de sono que tivera desde que ouvira a notícia da morte de Mr. Hale.

No dia seguinte, durante o café da manhã, ela expressou o desejo de se despedir de um ou dois amigos. Mrs. Shaw objetou:

– Tenho certeza, minha querida, de que você não pode ter nenhum

amigo aqui de quem seja íntima o suficiente para justificar visitá-los tão cedo, antes de ter ido à igreja.

– Mas hoje é meu único dia, se o Capitão Lennox vem esta tarde, e se nós devemos... se eu devo de fato partir amanhã.

– Oh, sim, nós iremos amanhã. Estou cada vez mais convencida de que este ar é ruim para você, e lhe faz parecer assim pálida e doente. Além disso, Edith nos aguarda, e ela já deve estar me esperando. E você não pode ficar sozinha, minha querida, não na sua idade. Não, se precisa fazer essas visitas eu irei com você. Dixon pode nos conseguir uma carruagem, suponho?

E então Mrs. Shaw foi para cuidar de Margaret, e levou sua empregada com ela, para cuidar dos xales e agasalhos. O rosto de Margaret estava muito triste para se iluminar com um sorriso ante toda essa preparação para fazer duas visitas, que ela várias vezes fizera sozinha a qualquer hora do dia. Estava meio receosa de admitir que um dos lugares para onde ia era a casa de Nicholas Higgins. Tudo o que podia fazer era esperar que a tia não se dispusesse a sair do coche e caminhar pelo pátio, e a cada sopro de vento ter o rosto batido pela roupa molhada, pendurada para secar em cordas esticadas de casa em casa.

Houve uma pequena batalha na mente de Mrs. Shaw, entre a tolerância e o senso de decoro matronal, mas a primeira ganhou a parada. E com muitas ordens a Margaret para ter cuidado e não pegar alguma febre, que sempre estava à espreita em tais lugares, sua tia lhe permitiu ir onde ela fora muitas vezes antes, sem tomar qualquer precaução ou pedir qualquer autorização.

Nicholas estava fora, só Mary e uma ou duas das crianças Boucher estavam em casa. Margaret ficou contrariada consigo mesma por não ter cronometrado melhor a sua visita. Mary tinha um intelecto muito limitado, embora seus sentimentos fossem calorosos e amáveis, e no momento em que ela entendeu qual era o propósito da visita de Margaret, começou a chorar e a soluçar com tão pouca moderação, que Margaret achou inútil dizer qualquer uma das milhares de pequenas coisas que tinham lhe ocorrido quando estava vindo na carruagem. Ela só poderia tentar confortá-la um pouco, sugerindo a vaga possibilidade de se encontrarem novamente, em algum momento possível, em algum lugar possível, e pedir-lhe que dissesse ao seu pai o quanto ela desejava, caso lhe fosse possível, que ele viesse vê-la quando terminasse seu turno de trabalho à noite.

Ao sair ela parou e olhou em volta, e, depois, hesitou um pouco antes de dizer:

– Eu gostaria de ter alguma coisinha para me lembrar de Bessy.

Num instante a generosidade de Mary avivou-se. O que eles poderiam dar? E ao ver Margaret escolher um copinho de água comum, que ela se lembrava como o único que estava sempre ao lado de Bessy com água para os seus lábios febris, Mary disse:

– Oh, é melhor levar isso, custa só quatro centavos!

– Assim está bem, obrigada – disse Margaret.

E ela saiu rapidamente, enquanto o brilho causado pelo prazer de ter algo para dar ainda permanecia no rosto de Mary.

“E agora vamos a Mrs. Thornton” pensou consigo mesma. “É preciso

fazê-lo.” Mas ela parecia bastante séria e pálida ao pensar nisso, e teve muito trabalho para achar as palavras exatas com que explicar à tia quem era Mrs. Thornton, e por que deveria despedir-se dela.

Elas (pois Mrs. Shaw desceu aqui) foram conduzidas à sala de visitas, na qual um fogo acabava de ser aceso. Mrs. Shaw aconchegou-se em seu xale e tremeu.

– Que sala fria! – ela disse.

Tiveram que esperar por algum tempo antes que Mrs. Thornton entrasse. Houve um certo abrandamento em seu coração com relação à Margaret, agora que ela estava saindo das suas vistas. Lembrava-se do espírito da moça, que se mostrara em vários momentos e lugares, mais até do que da paciência com que ela havia suportado sofrimentos longos e cansativos. O semblante de Mrs. Thornton estava mais suave do que o normal, quando cumprimentou Margaret. Houve até uma sombra de ternura nos seus modos, quando notou o rosto branco e inchado de lágrimas, e o tremor na voz que Margaret tentava manter firme.

– Permita-me apresentar minha tia, Mrs. Shaw. Estou indo embora de Milton amanhã, não sei se a senhora está ciente disso. Mas queria vê-la mais uma vez, Mrs. Thornton, para... me desculpar pelos meus modos na última vez em que a vi, e lhe dizer que estou certa de que a senhora teve boa intenção... por muito que possamos ter entendido mal uma à outra.

Mrs. Shaw pareceu extremamente perplexa com o que Margaret tinha dito. Agradecimento pela bondade! E desculpas por ter falhado nas boas maneiras! Mas Mrs. Thornton apenas respondeu:

– Miss Hale, estou contente que me faça justiça. Eu não fiz mais do que acreditava ser o meu dever, advertindo-a como fiz. Eu sempre desejei fazer o papel de uma amiga para você. Estou contente que me faça justiça.

– E – disse Margaret, corando excessivamente enquanto falava – a senhora me fará a justiça de acreditar que embora eu não possa... não escolha... dar explicações da minha conduta, não agi do modo impróprio que a senhora entendeu?

A voz de Margaret era tão suave, e seus olhos tão suplicantes, que Mrs. Thornton foi definitivamente afetada pelo encanto das suas maneiras, ao qual ela até agora havia se mostrado invulnerável.

– Sim, eu acredito. Não vamos falar mais sobre isso. Onde vai residir, Miss Hale? Ouvi de Mr. Bell que ia deixar Milton. A senhorita nunca gostou de Milton, sabe disso – disse Mrs. Thornton, com um tipo de sorriso amargo. – Mas justo por isso não deve esperar que eu a felicite ao deixá-la. Onde vai viver?

– Com minha tia – Margaret respondeu, virando-se para Mrs. Shaw.

– Minha sobrinha residirá comigo em Harley Street. Ela é quase como uma filha para mim – disse Mrs. Shaw, olhando carinhosamente para Margaret – e eu estou contente de reconhecer minha própria dívida de gratidão por toda bondade que lhe foi demonstrada. Se a senhora e seu marido algum dia vierem a Londres, meu genro e minha filha, o capitão e Mrs. Lennox, irmão, estou certa, unir-se ao meu desejo de fazer qualquer coisa ao nosso alcance para mostrar-lhe a devida atenção.

Mrs. Thornton pensou consigo que Margaret não tinha tomado muito cuidado em esclarecer a tia sobre a relação entre Mrs. e Mr. Thornton, a quem a fina dama estava estendendo o seu gentil patronato. Assim, ela respondeu brevemente:

– Meu marido está morto. Mr. Thornton é meu filho. Eu nunca vou a Londres, assim não é provável que eu seja capaz de desfrutar do seu delicado oferecimento.

Nesse instante, Mr. Thornton entrou na sala: acabara de regressar de Oxford. Seu traje de luto falou da razão que o havia chamado ali.

– John – disse sua mãe – esta senhora é Mrs. Shaw, a tia de Miss Hale. Lamento dizer que a visita de Miss Hale é para nos dizer adeus.

– Então está indo! – disse ele, em voz baixa.

– Sim – disse Margaret. – Partimos amanhã.

– Meu genro vem esta noite para nos acompanhar – disse Mrs. Shaw.

Mr. Thornton se virou. Ele não havia se sentado, e agora parecia estar examinando alguma coisa sobre a mesa, quase como se tivesse descoberto uma carta fechada que o fizesse esquecer das visitas presentes. Ele nem sequer pareceu se dar conta quando elas se levantaram para partir. Adiantou-se, porém, para acompanhar Mrs. Shaw até a carruagem. Enquanto ela se aproximava, ele e Margaret ficaram juntos nos degraus da porta, e era impossível que a lembrança do dia do motim não forçasse seu caminho de ambas as mentes. Na mente dele, veio associada com as declarações do dia seguinte – com a declaração passional dela de que não havia um só homem em toda aquela multidão violenta e desesperada, com quem ela não se importasse tanto quanto se importava com ele. E à recordação daquelas palavras insultuosas, seu semblante tornou-se duro, embora o coração batesse forte com um amor ardente. “Não!” ele pensou “eu coloquei tudo ao seu alcance uma vez, e perdi tudo. Deixe que se vá... com sua beleza e seu coração de pedra. Como o seu olhar está fixo e duro, apesar das feições adoráveis! Ela tem medo de que eu fale alguma coisa que exija uma repressão severa. Que se vá! Apesar de ser bela e herdeira, ela verá que é difícil encontrar um coração mais verdadeiro do que o meu. Que se vá!”

E não havia nenhum tom de pesar, ou qualquer tipo de emoção na voz dele quando se despediu. E a mão que lhe foi oferecida foi tomada com calma resoluta, e largada com tanta negligência como se fosse uma flor murcha e morta. Mas ninguém na casa viu Mr. Thornton de novo naquele dia. Ele estava extremamente ocupado, ou assim ele disse.

A força de Margaret foi tão completamente exaurida por essas visitas que ela teve que se submeter a muitos cuidados, carícias, e suspiros de “eu não disse?” por parte da tia. Dixon declarou que ela estava tão ruim quanto no primeiro dia em que soube da morte do pai, e ela e Mrs. Shaw consideraram a conveniência de adiar a viagem do dia seguinte. Mas quando a tia propôs relutantemente a Margaret uma demora de alguns dias, esta contorceu o corpo como se estivesse em sofrimento agudo, e disse:

– Oh! Vamos embora. Não posso ser paciente aqui, não conseguirei melhorar aqui. Eu quero esquecer.

E assim os arranjos prosseguiram. Capitão Lennox veio, e com ele vieram notícias de Edith e do menininho. E Margaret descobriu que a

conversaçõo indiferente e descuidada de alguem que, embora gentil, não era um simpaticante tão caloroso e ansioso do seu pesar lhe fez bem. Ela se levantou, e na hora em que sabia que Higgins estava para chegar, foi capaz de deixar a sala em silêncio e esperar em sua prõpria câmara que a chamassem.

– Ah! – disse ele, quando ela entrou. – E pensar no velho cavalheiro morrendo dessa maneira! Alguem podia me derrubar com uma palha quando me contaram. “Mr. Hale?” eu disse “Aquele que era pároco?” “Sim”, eles disseram. “Então,” eu disse, “era o melhor homem que já viveu na face da terra, vamos ver quem será o outro!” E eu vim ver você, e lhe dizer como fiquei sentido, mas aquelas mulheres na cozinha não iam lhe contar que eu estava aqui. Disseram que você estava doente – e eu não sei, mas você não parece a mesma moça. Então vai ser uma grande dama em Londres, não é?

– Não uma grande dama – disse Margaret, meio sorrindo.

– Bem! Thornton disse que... ele disse, um ou dois dias atrãs “Higgins, você já viu Miss Hale?” “Não” eu disse, “há um bando de mulheres que não vão me deixar vê-la. Mas posso esperar a minha hora, se ela está doente. Ela e eu nos conhecemos muito bem, e ela não vai duvidar que eu estou muito triste com a morte do velho cavalheiro, só porque eu não posso chegar para ela e dizer isso.” E ele disse “Você não terá muito tempo para tentar vê-la, meu bom camarada. Ela não vai ficar conosco um dia a mais do que o necessário. Ela tem parentes poderosos, e eles estão levando-a embora, não vamos vê-la nunca mais.” “Patrão” eu disse, “se eu não conseguir vê-la antes que ela vá, vou me esforçar para ir a Londres no próximo Pentecostes, vou mesmo. E não serei impedido de dizer adeus a ela por qualquer parente que seja.” Mas, Deus te abençoe, eu sabia que você viria. Foi só para brincar com o patrão que eu deixei ele pensar que acreditava que você ia deixar Milton sem me ver.

– Você tem toda razão – disse Margaret. – Você só me faz justiça. E não me esquecerá, estou certa. Se ninguem mais em Milton se lembrar de mim, tenho certeza que você vai lembrar, e do papai também. Você sabe como ele era bom e terno. Olhe, Higgins! Aqui está a Bíblia dele, guardei para você. Mal pude deixá-la, mas eu sei que ele teria gostado que você ficasse com ela. Tenho certeza que você vai cuidá-la, e estudar o que está escrito nela, por causa dele.

– Pode contar com isso. Se fosse o próprio garrancho do demônio, e você me pedisse para ler por sua causa, ou do velho cavalheiro, eu faria isso. Que é isso, menina? Não vim aqui tomar os seus cobres, não pense nisso. Fomos grandes amigos, apesar do som do dinheiro que passa entre nós.

– Para as crianças... para as crianças de Boucher – disse Margaret, às pressas. – Eles podem precisar. Você não tem nenhum direito de recusá-lo por eles. Eu não lhe daria um centavo – ela disse, sorrindo. – Não pense que há algum dinheiro aqui para você.

– Bem, moça! Eu só posso dizer “Deus te abençoe! Deus te abençoe!”... e amém.

CAPÍTULO 44
ALÍVIO, NÃO PAZ

”Uma rotação tediosa, que nunca para,
A face do ontem é a imagem idêntica do hoje.”
Cowper^[1]

“Do que cada um devia ser, ele vê a forma e a regra,
E até que chegue a isso, sua alegria nunca será completa.”
Ruckert^[2]

Foi muito bom para Margaret que a extrema quietude da casa de Harley Street, durante o período de resguardo de Edith, lhe proporcionasse o descanso natural que ela precisava. Deu-lhe tempo para compreender a mudança súbita na sua situação nos últimos dois meses. Encontrou-se de repente habitando uma casa luxuosa, onde o mero conhecimento da existência de qualquer dificuldade ou preocupação mal parecia penetrar. As rodas da máquina da vida cotidiana estavam bem azeitadas e corriam com suavidade deliciosa. Mrs. Shaw e Edith dificilmente poderiam fazer mais por Margaret, no seu retorno ao que elas insistiam em chamar de sua casa. E ela sentia que era quase uma ingratidão ter um sentimento secreto de que o vicariato de Helstone – e mais, até mesmo a casa pequena e pobre de Milton, com o pai ansioso e a mãe inválida, e todos os pequenos cuidados domésticos de comparativa pobreza – compunham a sua real ideia de um lar. Edith estava ansiosa para recuperar-se, de modo a prover o quarto de Margaret de todos os confortos suaves e enfeites bonitos que havia em profusão no seu próprio quarto. Mrs. Shaw e a empregada encontraram ocupação bastante restaurando o guarda-roupa de Margaret a um estado de variedade elegante. Capitão Lennox era gentil, bondoso e cavalheiresco. Sentava-se com a esposa no seu quarto de vestir durante uma ou duas horas, diariamente. Brincava com o filhinho durante outra hora e passava o resto do tempo ociosamente no seu clube, quando não tinha algum compromisso para jantar fora. E antes que Margaret se recuperasse da sua necessidade de calma e repouso – antes que ela tivesse começado a sentir a falta de propósito e o tédio da sua vida – Edith deixou o quarto e retomou o seu papel habitual na família. E Margaret voltou ao velho hábito de cuidar, admirar e auxiliar a prima. Ela se encarregou alegremente de retirar todos os deveres das mãos de Edith: respondia aos bilhetes, lembrava-a dos compromissos, cuidava dela quando não havia qualquer perspectiva de alegria, e, por conseguinte, ela tendia a se imaginar doente. O resto da família, porém, estava plenamente engajada nos compromissos da estação em Londres, e Margaret muitas vezes ficava sozinha. Seus pensamentos, então, voltavam-se para Milton, com um senso estranho de contraste entre a vida lá e aqui. Estava ficando cansada daquela vida fácil e sem

surpresas, que não requeria nenhuma luta ou esforço. Tinha medo até de se tornar sonolenta e enfraquecida, e esquecida de qualquer coisa além da vida que a envolvia com tantos luxos. Devia haver trabalhadores e batalhadores ali em Londres, mas ela nunca os viu. Os próprios criados viviam em um mundo subterrâneo só deles, do qual ela não conhecia nem as esperanças nem os temores. Eles só pareciam criar vida quando alguma necessidade ou desejo do seu patrão ou patroa os tornava necessários. Havia um vazio estranho e não satisfeito no coração e no modo de vida de Margaret. E quando uma vez ela insinuara isso vagamente a Edith, a última, esgotada com as danças da noite anterior, acariciou distraidamente o rosto da prima, que estava sentada ao seu lado na mesma atitude de antigamente – Margaret em um banco junto ao sofá onde Edith se recostava.

– Pobre criança! – disse Edith. – É um pouco triste para você ser deixada em casa, noite após noite, justo nesta época quando todo mundo está tão alegre. Mas logo teremos os nossos jantares dançantes – assim que Henry volte do circuito jurídico – e então haverá um pouco de mudança que vai lhe agradar bastante. Não admira que esteja tão desanimada, pobre querida!

Margaret não acreditava que os jantares seriam uma panaceia. Mas Edith se superava nos seus jantares. “Tão diferente”, ela dizia “dos antigos jantares de viúva do tempo da mamãe”. E a própria Mrs. Shaw parecia obter o mesmo tipo de prazer nos arranjos e no círculo de amizades bastante diferente, que eram do gosto do Capitão e de Mrs. Lennox, quanto tinha com os entretenimentos mais formais e graves que ela mesma costumava organizar. Capitão Lennox era sempre extremamente bondoso e fraternal para com Margaret. Ela realmente gostava muito dele, exceto quando ele dedicava uma atenção ansiosa ao vestido e à aparência de Edith, com a intenção de que a sua beleza deixasse uma impressão profunda no mundo. Então toda a Vashti latente em Margaret despertava, e ela mal podia se impedir de expressar seus sentimentos.

Este era o curso do dia de Margaret. Uma ou duas horas calmas antes de um café da manhã tardio – uma refeição impontual, feita preguiçosamente por pessoas cansadas e meio despertas – mas à qual, mesmo assim, com toda a sua exagerada lentidão, se esperava que ela estivesse presente, porque, logo após, vinha uma discussão de planos aos quais, embora nenhum lhe dissesse respeito, era esperado que ela concedesse a sua simpatia, se não pudesse ajudar com seu conselho. Um número infinito de notas para escrever, que Edith invariavelmente deixava para ela, com muitos elogios carinhosos sobre a sua eloquência *du billet*. Um pequeno jogo com Sholto, quando ele voltava do seu passeio matinal, além do cuidado das crianças durante o jantar dos criados. Um passeio ou visitas. Algum jantar ou compromisso matinal para a tia e os primos, que deixava Margaret livre, é verdade, mas bastante aborrecida com a inatividade do dia, que se estendia sobre seu espírito deprimido e saúde debilitada.

Ela esperava com ansioso interesse, embora não revelado, o simples retorno de Dixon de Milton, onde, até agora, a velha criada tinha estado

diligentemente ocupada em concluir todos os negócios da família Hale. Ao seu coração parecia uma escassez súbita, esta interrupção completa de quaisquer notícias sobre as pessoas entre as quais tinha vivido por tão longo tempo. Era verdade que Dixon, nas suas cartas de negócios, citava, de vez em quando, uma opinião de Mr. Thornton sobre o que seria melhor que ela fizesse com a mobília, ou como agir com respeito ao proprietário da casa de Crampton Terrace. Mas era só aqui e ali que o nome era citado, ou qualquer outro nome de Milton, na verdade. Uma noite, Margaret encontrava-se inteiramente sozinha na sala de visitas dos Lennox, não ocupada em ler as cartas de Dixon, que ainda segurava na mão, mas refletindo sobre elas, e recordando os dias passados, e imaginando a vida ocupada da qual ela própria fora excluída e ninguém sentira falta. Imaginando se tudo continuava a girar depressa da mesma maneira, como se ela e o pai nunca tivessem existido. Questionando dentro de si se ninguém em toda aquela multidão sentia falta dela (não Higgins, ela não estava pensando nele), quando, de repente, Mr. Bell foi anunciado. Margaret teve um sobressalto e se apressou a guardar as cartas na sua cestinha de costura, corando como se estivesse fazendo alguma coisa errada.

– Oh, Mr. Bell! Eu nunca pensaria em vê-lo!

– Mas você me dará as boas vindas, espero, além desse belo olhar de surpresa.

– O senhor já jantou? Como foi que veio? Me deixe pedir algo para o senhor jantar.

– Só se for jantar também. Do contrário, você sabe, não há ninguém que se importe menos em comer do que eu. Mas onde estão os outros? Saíram para jantar? Deixaram você sozinha?

– Oh, sim! E é um descanso. Eu estava apenas pensando... Mas o senhor correria o risco de jantar? Eu não sei se há qualquer coisa na casa.

– Pois, para lhe dizer a verdade, eu jantei no meu clube. Só que eles não cozinham mais tão bem como faziam, então eu pensei que, se você fosse jantar, eu poderia tentar jantar também. Mas não importa, não importa! Não há dez cozinheiros na Inglaterra em quem se possa confiar para jantares improvisados. Se a sua habilidade e o fogo se mantêm, o seu temperamento não. Pode me fazer um pouco de chá, Margaret. E agora, no que estava pensando? Você estava a ponto de me contar. De quem eram essas cartas, minha afilhada, que você escondeu com tanta rapidez?

– São apenas cartas de Dixon – respondeu Margaret, corando intensamente.

– Uau! Isso é tudo? Quem você acha que veio no trem comigo?

– Eu não sei – disse Margaret, decidida a não tentar adivinhar.

– Seu.. Como você o chama? Qual é o nome certo para o irmão do marido de uma prima?

– Mr. Henry Lennox? – perguntou Margaret.

– Sim – respondeu Mr. Bell. – Você o conheceu antigamente, não é? Que tipo de pessoa ele é, Margaret?

– Eu gostava dele, muito tempo atrás – disse Margaret, olhando para baixo por um momento. Então voltou a levantar os olhos e continuou na sua maneira habitual. – Você sabe que nós temos nos correspondido sobre Frederick, desde então. Mas não o vejo há quase três anos, e ele pode ter mudado. O que o senhor achou dele?

– Eu não sei. Ele estava tão ocupado tentando descobrir quem eu era, em primeiro lugar, e o que eu era, em segundo lugar, que nunca deixou escapar o que ele mesmo era. A menos que, na verdade, essa sua curiosidade velada sobre o tipo de homem com que ele tinha que falar não fosse uma coisa séria, e uma mostra verdadeira do seu caráter. Você o considera bonito, Margaret?

– Não! Certamente que não. O senhor acha?

– Não eu. Mas pensei, talvez, que você achasse. Ele vem muito aqui?

– Imagino que venha quando está na cidade. Ele esteve viajando no circuito jurídico agora, desde que eu vim. Mas, Mr. Bell, o senhor veio de Oxford ou de Milton?

– De Milton. Você não vê que estou defumado?

– Certamente. Mas eu pensei que poderia ser o efeito das antiguidades de Oxford.

– Vamos, seja uma mulher sensata! Em Oxford, eu poderia ter administrado todos os proprietários do lugar do meu próprio jeito, com a metade do aborrecimento que o seu proprietário de Milton me causou, e ainda me derrotou, afinal de contas. Ele não queria aceitar a casa de volta até o próximo mês de junho, daqui a um ano. Por sorte, Mr. Thornton achou um inquilino para ela. Por que você não pergunta por Mr. Thornton, Margaret? Ele tem provado ser um amigo seu muito ativo, posso lhe dizer. Tirou mais da metade dos problemas das minhas mãos.

– E como ele está? Como está Mrs. Thornton? – Margaret perguntou apressadamente, em tom baixo, embora tentasse falar alto.

– Eu suponho que estão bem. Eu vinha me hospedando na sua casa, até que fui enxotado pelo ruído incessante sobre o casamento daquela menina Thornton. Era muito até para o próprio Thornton, embora ele seja seu irmão. Ele costumava ficar sentado eternamente no seu próprio quarto – está passando da idade de ligar para essas coisas, seja como principal ou como acessório. Fiquei surpreso por ver a velha senhora embarcar na corrente e ser levada pelo entusiasmo da filha sobre flores de laranjeira e rendas. Pensei que Mrs. Thornton fosse feita de um material mais duro.

– Ela usaria qualquer imitação de sentimento para ocultar a fraqueza da filha – disse Margaret, em voz baixa.

– Talvez. Você a analisou, não é? Ela não parece gostar muito de você.

– Eu sei – disse Margaret. – Oh, aqui está o chá, afinal! – exclamou ela, como se estivesse aliviada

E com o chá veio Mr. Henry Lennox, que viera caminhando até Harley Street, depois de um recente jantar, e tinha esperado encontrar o irmão e a cunhada em casa, evidentemente. Margaret suspeitou que ele estava tão grato quanto ela à presença de uma terceira pessoa, neste seu primeiro encontro desde o dia memorável do pedido dele e da sua recusa, em Helstone. Ela mal sabia o que dizer no princípio, e agradeceu por estar ocupada com a bandeja de chá, o que lhe deu uma desculpa para manter silêncio, e a ele uma oportunidade de se recuperar. Pois, para dizer a verdade, ele havia se forçado bastante para ir até Harley Street esta noite, com a intenção de superar uma reunião embaraçosa, que seria embaraçosa até mesmo na presença do Capitão Lennox e Edith, e duplamente embaraçosa agora, quando ela era a única senhora presente, e a pessoa a quem ele devia, natural e forçosamente, dirigir a maior parte da sua conversação. Ela foi a primeira a recuperar a autoconfiança. Começou a falar no assunto que ocupava o primeiro lugar em sua mente, depois do rubor inicial de timidez desajeitada.

– Mr. Lennox, estou muito agradecida ao senhor por tudo que fez no caso de Frederick

– Eu só sinto que tenha sido tão malsucedido – respondeu ele, com um relance rápido para Mr. Bell, como se investigasse o quanto poderia dizer na frente dele.

Margaret, como se lesse o seu pensamento, dirigiu-se a Mr. Bell e o incluiu na conversação, indicando que ele estava perfeitamente a par dos esforços que tinham sido feitos para inocentar Frederick

– Aquele Horrocks... a última testemunha de todas, provou-se tão inútil quanto todas as outras – disse ela. – Mr. Lennox descobriu que ele embarcou num navio para a Austrália só no último mês de agosto. Só dois meses antes de o Frederick vir à Inglaterra, e nos dar os nomes dos...

– Frederick na Inglaterra! Você nunca me contou isso! – exclamou Mr. Bell, surpreso.

– Eu pensei que o senhor soubesse. Nunca duvidei que tivessem lhe contado. Era um grande segredo, naturalmente, e talvez eu nem devesse tê-lo mencionado agora – disse Margaret, um pouco aflita.

– Eu nunca mencionei isso, nem para o meu irmão nem para sua prima – disse Mr. Lennox, com uma secura pouco profissional de censura implícita.

– Não importa, Margaret. Não estou vivendo em um mundo de falatórios e tagarelices, nem tampouco entre pessoas que fiquem tentando arrancar-me informações. Você não precisa ficar tão amedrontada, porque deixou o gato sair do saco para um ermitão velho e fiel como eu. Nunca mencionarei que ele esteve na Inglaterra. Não vou nem ser tentado, pois ninguém vai me perguntar. Espere! (interrompendo-se de forma abrupta.) Foi na época do funeral de sua mãe?

– Ele estava com mamãe, quando ela morreu – disse Margaret, suavemente.

– Com certeza! Com certeza! Porque alguém me perguntou se ele não tinha estado por aqui então, e eu neguei resolutamente... não faz muitas semanas... Quem poderia ter sido? Oh! Eu me lembro!

Mas ele não disse o nome. E embora Margaret tivesse dado muito para saber se suas suspeitas estavam certas – e se tinha sido Mr. Thornton quem fizera a pergunta – ela não podia questionar Mr. Bell, por mais que desejasse fazê-lo.

Houve uma pausa de alguns momentos. Então Mr. Lennox disse, dirigindo-se a Margaret.

– Eu suponho que, como Mr. Bell está agora informado de todas as circunstâncias que dizem respeito ao desafortunado dilema do seu irmão, não posso fazer nada melhor do que informá-lo exatamente como se encontra no momento a pesquisa de provas que nós uma vez esperamos produzir em favor de Frederick Assim, se ele me der a honra de tomar o café da manhã comigo amanhã, nós revisaremos os nomes desses cavalheiros perdidos.

– Gostaria de ouvir todos os detalhes, se puder. Você não pode vir aqui? Não ousou convidar os dois para o café da manhã, embora esteja certo de que seriam bem-vindos. Mas permita-me saber tudo o que posso sobre Frederick, embora não haja nenhuma esperança no momento.

– Eu tenho um compromisso às onze e meia. Mas eu certamente virei, se assim desejar – respondeu Mr. Lennox, com um pequeno adendo resultante de um esforço de vontade que fez Margaret encolher-se, e quase desejar não ter proposto seu pedido natural.

Mr. Bell se levantou e olhou ao redor procurando o chapéu, que havia sido removido para abrir espaço para o chá.

– Bem! – disse ele – Não sei o que Mr. Lennox está inclinado a fazer, mas eu estou disposto a ir para casa. Fiz uma viagem hoje, e as viagens começam a contar nos meus sessenta e alguns anos.

– Eu acredito que ficarei para esperar meu irmão e minha cunhada – disse Mr. Lennox, sem fazer qualquer movimento para partir.

Margaret foi tomada por um medo embaraçoso e tímido de ficar só com ele. A cena no pequeno terraço no jardim de Helstone ainda estava tão presente na sua mente, que ela mal podia evitar de pensar que acontecia o mesmo com ele.

– Não vá ainda, por favor, Mr. Bell – disse ela, apressadamente. – Quero que veja Edith, e quero que Edith o conheça. Por favor! – disse ela, colocando uma mão delicada mas determinada no seu braço.

Ele olhou para ela e viu a confusão estampada em seu semblante. Sentou-se outra vez, como se o seu leve toque possuísse uma força irresistível.

– Veja como ela me domina, Mr. Lennox – disse ele. – E espero que tenha notado a sua escolha feliz das palavras. Ela quer que eu “veja” essa prima Edith que, pelo que ouvi dizer, é uma grande beldade. Mas teve a honestidade de mudar a palavra quando se referiu a mim. Mrs. Lennox deve me “conhecer.” Suponho que eu não seja muito de se “ver”, não é, Margaret?

Ele brincou, para dar a ela tempo de se recuperar da leve agitação que tinha detectado em suas maneiras, quando se propusera a partir. Ela percebeu o tom e jogou a bola de volta. Mr. Lennox se perguntava como seu irmão, o Capitão, podia ter dito que ela perdera todos os seus encantos. Com certeza, no seu vestido todo preto, ela era um contraste a Edith, dançando em seu vestido de luto de crepe branco, os longos cabelos dourados fluuando, toda suavidade e brilho. Edith mostrou as covinhas e corou de modo conveniente quando foi apresentada a Mr. Bell, consciente de que tinha uma reputação de beleza a manter, e que não ficaria bem ter um Mordecai recusando-se a adorá-la e admirá-la, mesmo na forma de um velho Membro da Universidade de quem ninguém nunca tinha ouvido falar. Mrs. Shaw e o Capitão Lennox, cada um à sua maneira, deram a Mr. Bell um acolhimento amável e sincero, persuadindo-o a gostar deles quase à despeito de si próprio, especialmente quando viu como Margaret assumia com naturalidade o seu lugar como irmã e filha da casa.

– É uma vergonha que não estivéssemos em casa para recebê-lo – disse Edith. – Você também, Henry! No entanto, eu não sei se teríamos ficado em casa para você. Mas para Mr. Bell! Para o Mr. Bell de Margaret...

– ...ninguém sabe que sacrifícios você teria feito – disse o cunhado. – Até mesmo um jantar dançante! E a delícia de usar esse vestido tão atraente.

Edith não sabia se franzia o cenho ou sorria. Mas não combinava com Mr. Lennox levá-la à primeira destas alternativas. Então ele prosseguiu.

– Você me mostraria sua presteza em fazer sacrifícios amanhã de manhã, primeiro me convidando para o café da manhã, para encontrar Mr. Bell, e depois sendo amável o bastante para marcá-lo para as nove e meia, em vez de dez horas? Tenho algumas cartas e documentos que desejo mostrar a Miss Hale e Mr. Bell.

– Eu espero que Mr. Bell faça da nossa casa a sua própria durante sua permanência em Londres – disse o Capitão Lennox. – Eu só lamento que não possamos lhe oferecer um quarto.

– Obrigado. Eu lhe sou muito grato. O senhor me consideraria um caipira se o fizesse, pois eu teria que declinar, acredito, apesar de todas as tentações de uma companhia tão agradável – disse Mr. Bell, cumprimentando todos à volta, e se felicitando secretamente pela bela volta que dera à sua frase, que, se colocada em linguagem simples, seria algo mais próximo do tipo: – Eu não poderia aguentar as restrições de um grupo de pessoas tão bem comportadas e educadas ao falar, como estas. Seria como comida sem sal. Fico grato que eles não disponham de uma cama. E como eu arrumei bem a minha frase! Estou pegando inteiramente o truque das boas maneiras.

Sua autossatisfação durou até que ele estivesse nas ruas, andando lado a lado com Henry Lennox. Então lembrou-se de repente do pequeno olhar de súplica de Margaret, quando lhe pediu que ficasse um pouco mais, e também se lembrou de algumas insinuações feitas há muito tempo por um conhecido de Mr. Lennox, sobre a sua admiração por Margaret. Isso deu um novo rumo aos seus pensamentos.

– O senhor conhece Miss Hale há muito tempo, eu creio. O que achou da sua aparência? Espantei-me de achá-la pálida e doente.

– Eu achei sua aparência muito boa. Talvez não quando eu cheguei –

agora que penso nisso. Mas, certamente, quando ela se animou, parecia tão bem como nunca a vi antes.

– Ela passou por grandes sofrimentos – disse Mr. Bell.

– Sim! Fiquei triste ao saber de tudo que ela teve que suportar. Não somente a tristeza comum e universal que surge da morte, mas todo o aborrecimento que a conduta do pai deve ter-lhe causado, e então...

– A conduta do pai! – disse Mr. Bell, com um tom de surpresa na voz. – O senhor deve ter ouvido alguma informação errada. Ele se comportou da maneira mais conscienciosa. Mostrou a força mais resoluta, pela qual eu jamais lhe teria dado crédito antigamente.

– Talvez eu tenha sido mal informado. Mas me foi dito pelo seu sucessor na paróquia – um homem inteligente, sensível, e um clérigo totalmente ativo – que não houve nenhuma pressão sobre Mr. Hale para fazer o que ele fez, renunciar ao seu sustento, e lançar a si e à família nas ternas graças do ensino privado em uma cidade industrial. O bispo tinha lhe oferecido outro cargo, é verdade, mas se ele viesse a manter certas dúvidas, poderia ter permanecido onde estava e assim não teria nenhuma ocasião para demitir-se. Mas a verdade é que esses clérigos rurais vivem uma vida tão isolada – isolada, quero dizer, de toda a convivência com homens de igual cultura, por cujas mentes eles poderiam regular a sua própria, e perceber quando estivessem indo depressa demais ou devagar demais – que se tornam bastante capazes de perturbar-se com dúvidas imaginárias sobre os artigos da fé, e de abandonar algumas oportunidades de fazer o bem por suas próprias fantasias incertas.

– Eu discordo do senhor. Eu não acho que eles sejam bastante capazes de fazer o que meu pobre amigo Hale fez – Mr. Bell fervia por dentro.

– Talvez eu tenha usado uma expressão muito geral, ao dizer “bastante capazes”. Mas certamente suas vidas são tais que, com muita frequência, ou produzem uma exagerada autossuficiência ou um estado mórbido de consciência – respondeu Mr. Lennox, com frieza perfeita.

– O senhor não encontra qualquer autossuficiência entre os advogados, por exemplo? – perguntou Mr. Bell. – E raramente, imagino, algum caso de consciência mórbida.

Ele estava ficando cada vez mais irritado, e esquecendo o truque recentemente adquirido das boas maneiras. Mr. Lennox viu então que havia aborrecido seu companheiro, e como ele tinha falado apenas para dizer alguma coisa, e assim passar o tempo enquanto faziam o mesmo caminho, era-lhe bastante indiferente o lado exato que tomasse na questão. Calmamente deu a volta, dizendo:

– Com certeza, há algo de bom em um homem da idade de Mr. Hale deixar a casa que foi seu lar por vinte anos, e desistir de todos os seus hábitos adquiridos por uma ideia que era provavelmente errônea. Mas isso não importa – é um pensamento intangível. Não se pode deixar de admirá-lo, com uma mistura de pena em nossa admiração, algo como o que se sente por Don Quixote. E um cavalheiro como ele, além de tudo! Nunca vou esquecer da hospitalidade refinada e simples que ele mostrou-me naquele último dia em Helstone.

Apenas meio abrandado, e ainda ansioso, a fim de acalmar certos escrúpulos da sua própria consciência e acreditar que a conduta de Mr. Hale tinha

um toque de quixotismo, Mr. Bell rosnou.

– Sim! E o senhor não conhece Milton. É tão diferente de Helstone! Faz anos desde que estive em Helstone – mas eu lhe asseguro – ainda está lá parado, cada galho e cada pedra do mesmo jeito durante o último século. Enquanto Milton!... Eu vou lá a cada quatro ou cinco anos – e eu nasci lá – ainda assim, digo-lhe que eu muitas vezes me perco... Sim, entre as muitas pilhas de depósitos que são construídos sobre o pomar do meu pai. Nos separamos aqui? Bem, boa noite, senhor. Suponho que nos encontraremos amanhã de manhã em Harley Street.

[1] William Cowper (1731-1800): poeta e grande compositor hinário inglês, um dos precursores do movimento romântico na Inglaterra

[2] Friedrich Rückert (1788-1866): tradutor, acadêmico e poeta alemão, cuja produção lírica foi musicada por grandes compositores do século 19, entre os quais Schumann, Schubert, Brahms e Mahler.

CAPÍTULO 45
NEM TUDO FOI UM SONHO

“Onde estão os sons que flutuavam
Ao leve ar quando eu era jovem?
A última vibração agora acabou,
E aqueles que ouviam não existem mais;
Ah! Deixe-me fechar os olhos e sonhar.”
W. S. Landor

A ideia de Helstone tinha sido sugerida à mente desperta de Mr. Bell pela sua conversa com Mr. Lennox, e durante toda a noite correu revolta pelos seus sonhos. Ele voltou a ser o professor da universidade onde agora tinha o grau de Membro. Era novamente um tempo de longas férias, e ele estava hospedado com seu amigo recém-casado, o marido orgulhoso e feliz vigário de Helstone. Sobre riachos murmurantes eles davam saltos impossíveis, que pareciam mantê-los dias inteiros suspensos no ar. Tempo e espaço não existiam, embora todas as outras coisas parecessem reais. Cada evento era medido pelas emoções da mente, não por sua existência real, pois existência não havia. Mas as árvores eram deslumbrantes na sua folhagem outonal – os odores mornos de flores e ervas vinham doces aos sentidos – e a jovem esposa movimentava-se perto da casa com aquela mistura exata de aborrecimento pela sua posição, considerada como riqueza, e orgulho pelo seu marido bonito e dedicado, que Mr. Bell tinha notado na vida real um quarto de século atrás. O sonho foi tão parecido com a vida que, quando acordou, sua vida presente parecia um sonho. Onde ele estava? No quarto fechado e lindamente mobiliado de um hotel de Londres! Onde estavam aqueles que falavam com ele, moviam-se em torno dele, tocavam-no, não fazia um instante? Mortos! Enterrados! Perdidos para sempre, até onde a terra se estendesse eternamente. Ele era um homem velho, até pouco tempo atrás triunfante na força plena da masculinidade. Era insuportável pensar na solidão absoluta da sua vida. Levantou-se de súbito e tentou esquecer o que nunca mais poderia ser, vestindo-se apressado para o café da manhã em Harley Street.

Ele não pôde prestar atenção a todos os detalhes de advogado que fizeram os olhos de Margaret se dilatarem e seus lábios se tornarem pálidos, enquanto o destino decretava, ou assim parecia, que um por um todos os fragmentos de prova que pudessem isentar Frederick deveriam cair por terra e desaparecer. Até mesmo a voz bem regulada e profissional de Mr. Lennox adquiriu um tom mais suave e terno, quando ele se aproximou da extinção da última esperança. Não que Margaret não estivesse perfeitamente ciente do resultado antes. Só que os detalhes de cada decepção sucessiva vieram com tal meticulosidade inexorável para extinguir toda a esperança, que ela afinal deu vazão às lágrimas. Mr. Lennox parou de ler.

– É melhor não continuar – disse ele, com uma voz preocupada. – Foi uma proposta tola da minha parte. O tenente Hale... – e até o fato de Mr. Lennox lhe dar o título de serviço, do qual ele fora tão severamente expulso, era

tranquilizador para Margaret – O tenente Hale está feliz agora, mais seguro em termos de fortuna e perspectivas de futuro do que jamais poderia ter estado na marinha, e sem dúvida adotou o país da esposa como o seu próprio.

– É isso mesmo – disse Margaret. – Parece tão egoísta da minha parte lamentar isso – Margaret tentou sorrir – mas ainda assim ele está perdido para mim, e estou tão só...

Mr. Lennox voltou aos seus documentos, e desejou que ele fosse tão rico e próspero como acreditava que ele viria a ser algum dia. Mr. Bell assoou o nariz, mas, fora isso, também manteve silêncio. Margaret, em um minuto ou dois, pareceu ter recobrado sua compostura habitual. Agradeceu educadamente a Mr. Lennox pelo seu incômodo, com tanto mais cortesia e graça porque estava ciente de que, pelo seu comportamento, ele poderia ter sido, com certeza, levado a imaginar que havia lhe causado uma dor desnecessária. No entanto, era dor que ela ainda não tinha passado.

Mr. Bell veio despedir-se dela.

– Margaret! – disse ele, enquanto remexia nas luvas. – Estou descendo para Helstone amanhã, para ver o antigo lugar. Você gostaria de vir comigo? Ou isso lhe causaria muita dor? Fale, não tenha medo.

– Oh, Mr. Bell! – disse ela, e não conseguiu dizer mais nada. Mas pegou sua mão velha e atacada pela gota e a beijou.

– Vamos, vamos, já chega – disse ele, corando estupidamente. – Suponho que sua tia Shaw confiará você a mim. Sairemos amanhã de manhã e chegaremos lá perto das duas horas, imagino. Vamos fazer um lanche e pedir o jantar na pequena hospedaria – costumava ser o Lennard Arms – e depois fazer uma caminhada na floresta para abrir o apetite. Você aguentaria isso, Margaret? Será uma prova, eu sei, para nós dois, mas será um prazer para mim, pelo menos. E lá nós jantaremos – será carne de cervo, se conseguirmos – e então vou tirar minha soneca enquanto você vai sair para visitar velhos amigos. Eu a devolverei sã e salva, exceto algum acidente ferroviário, e farei um seguro de vida para você de mil libras antes de partir, o que pode ser um pequeno conforto para os seus parentes. Caso contrário eu a devolverei a Mrs. Shaw antes do almoço de sexta-feira. Assim, se você disser que sim, eu irei lá em cima agora para propor isso.

– Não adianta nem dizer o quanto eu gostaria... – disse Margaret, entre as lágrimas.

– Bem, então, prove sua gratidão mantendo essas suas fontes secas durante os próximos dois dias. Se você não o fizer, eu me sentirei estranho a respeito dos dutos lacrimais, e não gosto disso.

– Eu não vou chorar uma gota – disse Margaret, piscando os olhos para sacudir as lágrimas dos cílios e forçando um sorriso.

– Essa é a minha menina. Então vamos subir e resolver tudo.

Margaret estava em um estado de ansiedade quase trêmula, enquanto Mr. Bell discutia seu plano com sua tia Shaw, que primeiro ficou assustada, depois duvidosa e perplexa, e, no final, cedeu mais à força áspera das palavras de Mr. Bell do que à sua própria convicção. Pois, certo ou errado, próprio ou impróprio, ela não poderia voltar a ficar satisfeita até o retorno seguro de Margaret. O feliz cumprimento do projeto deu-lhe decisão suficiente para dizer que “estava certa

de que tinha sido uma ideia muito amável de Mr. Bell, e justo o que ela mesma vinha desejando para Margaret, para lhe proporcionar a verdadeira mudança de que ela necessitava depois de toda a ansiedade por que passara.”

CAPÍTULO 46
ANTES E AGORA

“Então nesses dias felizes de outrora
Que muitas vezes me atrevo a habitar agora,
Devo perder ainda os amigos a quem revi,
E a quem a Morte do meu lado carregou.

Mas sempre que a verdadeira amizade une,
Espírito é o que espírito reúne;
Em espírito então nossa felicidade encontramos,
Em espírito ainda a eles estou unida.”
Uhland[1]

Margaret estava pronta muito antes da hora marcada, e teve tempo bastante para chorar um pouco, quietamente, quando não era observada, e para sorrir de modo luminoso quando qualquer um olhava para ela. Sua última preocupação era que não estivessem atrasados demais a ponto de perder o trem. Mas não! Estavam no horário. E ela finalmente respirou livre e feliz, sentada em frente a Mr. Bell no vagão de trem, passando rapidamente pelas estações conhecidas, olhando as velhas cidadezinhas sulistas e os vilarejos que dormiam na luz morna do sol pleno – que dava uma cor ainda mais avermelhada às telhas das casas, tão diferentes das ardósias frias do norte. Bandos de pombos voavam sem destino ao redor dessas cumeeiras estranhas e pontiagudas, aninhando-se lentamente aqui e ali, e arrepiando as penas macias e brilhantes, como se expusessem cada uma de suas fibras àquele calor delicioso. Havia poucas pessoas nas estações, quase parecia que estavam preguiçosos e contentes demais para querer viajar. Nada do alvoroço e tumulto que Margaret tinha notado nas suas duas viagens a Londres e linha Norte-Occidental. Mais tarde no ano, esta linha da ferrovia se tornaria agitada e cheia de vida, com os ricos que procuravam lazer, mas quanto às constantes idas e vindas de homens de negócios atarefados, seria sempre muito diferente das linhas do norte. Aqui, um espectador ou dois sempre ficava vadiando em quase todas as estações, com as mãos no bolso, tão absorto no simples ato de observar, que fazia os viajantes se perguntarem o que ele poderia encontrar para fazer quando o trem se fosse, e só o espaço em branco de uma ferrovia, alguns galpões e um ou dois campos distantes fossem deixados à sua contemplação. O ar quente dançava sobre a quietude dourada da terra, fazenda após fazenda ficavam para trás, cada qual lembrando a Margaret os Idílios Germânicos – de Herman e Dorothea – de Evangeline. Ela foi despertada deste sonho acordado. Era o lugar onde deveriam deixar o trem e pegar o transporte para Helstone. E agora, sentimentos mais intensos atravessavam seu coração – ela mal poderia dizer se eram de dor ou prazer. Cada quilômetro estava impregnado de associações, que ela não perderia por nada deste mundo, mas cada uma das quais a fazia clamar pelos “dias que não existiam mais”, com saudade indizível. A última vez que ela havia passado

por essa estrada foi quando deixara Helstone com o pai e a mãe – o dia, a estação, eram sombrios, e ela mesma desesperançada, mas eles estavam lá com ela. Agora ela estava sozinha, órfã, e eles, estranhamente, tinham se afastado dela e desaparecido da face da terra. Doeu-lhe ver a estrada de Helstone tão inundada pela luz solar, e cada curva e cada árvore familiar tão precisamente a mesma em sua glória de verão como tinha sido em anos anteriores. A natureza não sentia mudança alguma, e era sempre jovem.

Mr. Bell sabia algo do que estava passando pela sua cabeça, e de modo sábio e bondoso segurou a língua. Eles se aproximavam do Lennard Arms, meio casa de fazenda, meio pousada, que ficava um pouco afastada da estrada, quando menos para dizer que o anfitrião não dependia tanto assim do costume dos viajantes, a ponto de ser impertinente cortejando-os – em vez disso, eles é que deviam procurá-lo. A casa dava frente para o parque do vilarejo, e logo antes dele havia uma limeira imemorial com bancos à volta, e em algum recesso escondido da sua folhagem abundante ficava pendurado o brasão severo do Lennard. A porta da hospedaria estava inteiramente aberta, mas não havia nenhuma pressa hospitaleira para receber os viajantes. Quando a proprietária apareceu – e eles deviam ter abstraído mais de um artigo primeiro – ela lhes deu um acolhimento amável, quase como se eles fossem convidados, e se desculpou por ter demorado tanto a chegar, dizendo que era época da colheita do feno, e deviam enviar as provisões para os homens no campo, e ela estivera muito ocupada embalando as cestas para ouvir o barulho das rodas na estrada que, desde que eles tinham deixado a rodovia, passava por sobre a relva curta e macia.

– Ora, por Deus! – exclamou ela, como se ao final da sua apologia um raio de sol revelasse o rosto de Margaret, até aqui despercebido naquele salão sombrio. – É Miss Hale, Jenny – disse ela, correndo até a porta e chamando a filha. – Venha aqui, venha logo, é Miss Hale! – e então ela se dirigiu a Margaret e apertou-lhe as mãos com afeto maternal.

– E como estão todos? Como vai o vigário e Miss Dixon? O vigário acima de tudo! Deus o abençoe! Nós nunca deixamos de lamentar que ele tenha partido.

Margaret tentou falar e lhe contar sobre a morte do pai. Da morte da mãe era evidente que Mrs. Purkis estava ao par, pela sua omissão do seu nome. Mas Margaret engasgou no esforço, e pode apenas tocar seu traje de luto profundo, e dizer uma só palavra, “papai.”

– Com certeza, senhor, não pode ser! – disse Mrs. Purkis, virando-se para Mr. Bell para confirmar a suspeita triste que agora entrava em sua mente. – Havia um cavalheiro aqui na primavera... poderia ter sido há mais tempo, no inverno passado – que nos falou bastante de Mr. Hale e Miss Margaret. E ele contou que Mrs. Hale faleceu, pobre senhora. Mas não disse uma palavra sobre o vigário estar doente!

– Mas aconteceu, infelizmente – disse Mr. Bell. – Ele morreu de repente, quando estava me fazendo uma visita em Oxford. Era um homem bom, Mrs. Purkis, e há muitos de nós que poderiam agradecer se tivessem um fim tão calmo quanto o dele. Venha Margaret, minha querida! Seu pai era meu melhor amigo e ela é minha afilhada, então eu pensei apenas que podíamos vir juntos para ver o antigo lugar. E eu sei há muito que a senhora pode nos conseguir quartos confortáveis e um jantar magnífico. A senhora não se lembra de mim,

estou vendo, mas meu nome é Bell, e algumas vezes, quando o presbitério estava cheio, eu dormi aqui e provei sua boa cerveja inglesa.

– Certamente, peço-lhe perdão, mas o senhor vê que eu estava ocupada com Miss Hale. Deixe-me mostrar-lhe um quarto, Miss Margaret, onde poderá tirar o chapéu e lavar o rosto. Foi só nesta manhã que mergulhei algumas rosas frescas de cabeça para baixo no jarro de água, pois, pensei, talvez alguém esteja vindo, e não há nada tão doce quanto a água da fonte perfumada por uma ou duas rosas almiscaradas. E pensar que o vigário está morto! Bem, com certeza, todos nós devemos morrer. Só que aquele cavalheiro dissera que ele estava se recuperando muito bem, depois da sua perturbação com a morte de Mrs. Hale.

– Volte a me procurar, Mrs. Purkis, depois que cuidar de Miss Hale. Quero consultá-la a respeito do jantar.

A pequena janela de caixilho do dormitório de Margaret estava quase cheia de rosas e ramos de videira. Mas, empurrando-os para o lado e esticando-se um pouco, ela podia ver os topos das chaminés do presbitério acima das árvores, e distinguiu muito da sua conhecida silhueta por entre as folhas.

– Sim! – disse Mrs. Purkis, alisando a cama e despachando Jenny para trazer uma braçada de toalhas perfumadas de lavanda. – Os tempos mudaram, senhorita. Nosso novo vigário tem sete crianças, e está construindo um berçário pronto para mais, onde ficavam a pégula e a casa de ferramentas nos velhos tempos. E ele instalou grelhas novas na casa, e uma janela de vidro muito refinada na sala. Ele e a esposa são pessoas ativas e estão sempre fazendo o bem, ou pelo menos eles dizem que estão fazendo o bem. Se não fosse, eu chamaria isso de virar as coisas de cabeça para baixo a troco de nada. O vigário novo é um abstinente, senhorita, e um magistrado, e sua esposa tem uma coleção de receitas para cozinhar de forma econômica, e para fazer o pão sem fermento. E ambos falam tanto, e ao mesmo tempo, que derrubam a gente com isso. E é só quando eles se vão, e a gente pode ter um pouco de paz, que se consegue pensar que havia coisas que a gente poderia ter dito sobre o nosso lado da questão. Ele vai sair atrás das latas dos homens nos campos de feno, vai ficar espreitando, e depois haverá uma barulheira porque não é cerveja de gengibre, mas não posso fazer nada. Minha mãe e minha avó antes de mim enviavam um bom licor de malte para os cortadores de feno, e mandavam sais e plantas medicinais para quando alguma dor os afligisse, e eu mesma devo seguir os seus costumes, embora Mrs. Hepworth queira me dar compotas em vez de medicamentos, que, como ela diz, são mais agradáveis, só que eu não tenho fé nisso. Mas eu tenho que ir, senhorita, embora esteja querendo ouvir muitas coisas. Eu voltarei sem demora.

Mr. Bell tinha morangos com creme, um pão de forma integral, e um jarro de leite, (junto com um queijo Stilton e uma garrafa de vinho do Porto para o seu consumo privado) prontos para Margaret quando ela desceu. E depois desse almoço rústico eles saíram para caminhar, mal sabendo que caminho tomar, tantos eram os antigos atrativos familiares que os esperavam em cada um.

– Devemos ir além do vicariato? – perguntou Mr. Bell.

– Não, ainda não. Vamos seguir este caminho e fazer uma volta de modo a voltar por ele – Margaret respondeu.

Aqui e ali árvores antigas tinham sido derrubadas no outono anterior. Ou a cabana de um posseiro, grosseiramente construída e decadente, tinha

desaparecido. Margaret sentia falta de cada uma, e se entristecia por elas como se fossem velhas amigas. Passaram pelo lugar onde ela e Mr. Lennox haviam desenhado. O tronco branco e riscado por um raio da faia venerável, entre cujas raízes haviam se sentado, não estava mais lá. O homem idoso, habitante da cabana em ruínas, estava morto. A cabana havia sido demolida e uma nova, arrumada e respeitável, tinha sido construída no local. Havia um pequeno jardim no lugar onde estivera a faia.

– Não pensei que eu estivesse tão velha – disse Margaret, depois de um momento de silêncio. E ela virou-se, suspirando.

– Sim! – disse Mr. Bell. – São as primeiras mudanças entre coisas familiares que tornam o tempo misterioso para o jovem. Depois perdemos o sentido do mistério. Considero as mudanças em tudo o que vejo como uma coisa natural. A instabilidade de todas as coisas humanas é familiar para mim, para você é nova e opressiva.

– Vamos ver a pequena Susan – disse Margaret, levando seu companheiro por um caminho coberto de grama, que conduzia à sombra de uma clareira na floresta.

– Com todo o meu coração, embora eu não tenha a menor ideia de quem seja a pequena Susan. Mas eu tenho um carinho por todas as Susans, pelo simples bem de Susan.

– Minha pequena Susan ficou desapontada quando a deixei sem dizer adeus. E isso ficou na minha consciência desde então – que eu lhe causei uma dor que um pouco mais de esforço da minha parte poderia ter evitado. Mas é um tanto longe. Tem certeza que não ficará cansado?

– Plena certeza. Quer dizer, se você não caminhar tão rápido. Você sabe, aqui não há nenhuma vista que possa dar a alguém uma desculpa para parar e tomar fôlego. Você poderia achar romântico passear com uma pessoa “gorda e sem fôlego”, se eu fosse Hamlet, Príncipe de Dinamarca. Tenha compaixão das minhas fraquezas por causa dele.

– Eu vou andar mais devagar por sua própria causa. Eu gosto do senhor vinte vezes mais do que de Hamlet.

– Partindo do princípio de que um burro vivo é melhor do que um leão morto?

– Talvez sim. Não analiso meus sentimentos.

– Estou contente que goste de mim, sem examinar com muita profundidade os motivos. Só não precisamos andar a passo de tartaruga.

– Muito bem. Caminhe no seu próprio passo e eu o seguirei. Ou melhor, pare para meditar como o Hamlet a quem o senhor se compara, case eu ande muito rápido.

– Obrigado. Mas como minha mãe não assassinou meu pai e depois se casou com meu tio, eu não saberia sobre o que meditar, a menos que fosse para pesar as chances de termos um jantar excelente ou não. O que você acha?

– Estou inclinada a esperar o melhor. Ela era considerada uma renomada cozinheira, até onde alcança a opinião de Helstone.

– Mas você considerou a distração produzida por toda essa colheita de

feno?

Margaret sentia toda a bondade de Mr. Bell, tentando alegrar o ambiente falando sobre ninharias, no esforço de impedi-la de pensar muito sobre o passado. Mas ela teria preferido fazer esses passeios tão queridos em silêncio, se na verdade não fosse ingrata o bastante para pensar que deveria ter estado sozinha.

Chegaram à cabana onde vivia a mãe viúva de Susan. Susan não estava lá. Tinha ido à escola paroquial. Margaret ficou desapontada e a pobre mulher percebeu, e começou a falar algo que se parecia com um pedido de desculpas.

– Oh! Está tudo bem – disse Margaret. – Estou muito contente de ouvir isso. Eu devia ter pensado em algo assim, só que ela costumava ficar em casa com a senhora.

– Sim, é verdade, e sinto muito a sua falta. Eu costumava ensinar-lhe o pouco que sabia, à noite. Não era muito, com certeza. Mas ela estava se tornando uma menina tão útil, que eu sinto muitíssimo a falta dela. Mas agora ela já aprendeu muito mais do que eu – e a mãe suspirou.

– Eu estou totalmente errado – murmurou Mr. Bell. – Não ligue para o que eu digo. Estou cem anos atrasado em relação ao mundo. Mas eu diria que a criança estava recebendo uma educação melhor e mais simples e mais natural, ficando em casa e ajudando a mãe, e aprendendo a ler um capítulo do Novo Testamento todas as noites ao seu lado – do que a educação que teria em todas as escolas do mundo.

Margaret não desejava encorajá-lo a continuar, respondendo à sua observação, e assim prolongando a discussão diante da mãe. Então virou-se para ela e perguntou:

– Como está a velha Betty Barnes?

– Não sei – disse a mulher, um tanto seca. – Não somos amigas.

– Por que não? – perguntou Margaret, que tinha sido antigamente a pacificadora da aldeia.

– Ela roubou meu gato.

– Ela sabia que era seu?

– Eu não sei. Acho que não.

– Bem! A senhora não poderia pegá-lo de volta, dizendo-lhe que era seu?

– Não! Porque ela o queimou.

– Queimou! – exclamaram ambos, Margaret e Mr. Bell.

– Assou! – explicou a mulher.

Não era uma explicação satisfatória. Por meio de perguntas, Margaret extraiu da mulher a história horrível de que Betty Barnes, tendo sido induzida por uma cigana a emprestar-lhe as roupas de domingo do seu marido, com a promessa de tê-las fielmente devolvidas na noite de sábado, antes que Goodman Barnes sentisse a sua falta, ficou alarmada quando ela não apareceu. E com medo da justa raiva do marido, e como, de acordo com uma das superstições selvagens do meio rural, os gritos de um gato, na agonia de ser fervido ou assado vivo, obrigavam (como seja) os poderes da escuridão a cumprir os desejos do

executor, foi lançado mão do feitiço. A pobre mulher evidentemente acreditava na sua eficácia. Seu único sentimento era de indignação por seu gato ter sido escolhido para um sacrifício, entre todos os outros. Margaret escutou horrorizada, e empenhou-se em vão em esclarecer a sua mente, mas foi obrigada a desistir em desespero. Passo a passo ela conseguiu que a mulher admitisse certos fatos, cuja ligação e sucessão lógica estavam perfeitamente claras para Margaret. Mas no final, a confusa mulher repetiu simplesmente a sua primeira afirmação, isto é, que “fora muito cruel, sem dúvida, e ela não devia ter gostado de fazer isso, mas que não havia nada melhor para dar a uma pessoa o que ela desejava, e ela passara a vida inteira ouvindo isso, mas mesmo assim era muito cruel.” Margaret desistiu em desespero, e foi embora dali com o coração triste.

– Você é uma boa menina, por não triunfar sobre mim – disse Mr. Bell.

– Como assim? O que quer dizer?

– Eu admito, estou errado sobre a questão da educação. Qualquer coisa é melhor do que ter aquela menina criada no meio desse paganismo prático.

– Oh! Agora me lembro. Pobrezinha da Susan! Eu tenho que ir vê-la. Se importaria de visitar a escola?

– Nem um pouco. Estou curioso para ver algo do ensino que ela vai receber.

Eles não falaram muito mais, mas tomaram um caminho que passava por muitos vales arborizados, cuja visão repousante, verde e macia, não conseguiu acabar com o choque e a dor no coração de Margaret, causados pela narrativa de tamanha crueldade. Uma narrativa que também traía uma absoluta falta de imaginação, e, portanto, de qualquer compaixão pelo sofrimento do animal.

O burburinho das vozes, como o murmúrio de uma colmeia de abelhas humanas ocupadas, fez-se ouvir assim que eles emergiram da floresta para um campo mais aberto do vilarejo, onde a escola se situava. A porta estava aberta, e eles entraram. Uma senhora ativa vestida de preto, aqui, lá, e em todo o lugar, notou-os e deu-lhes as boas vindas com um certo ar de anfitriã, que, Margaret se lembrou, a mãe costumava assumir, apenas de uma forma mais suave e lânguida, quando qualquer raro visitante vagava por ali para inspecionar a escola. Soube na hora que era a esposa do atual vigário, a sucessora da mãe. Margaret teria se furtado ao encontro, se isso tivesse sido possível, mas dominou esse sentimento em um instante, e avançou humildemente, encontrando vários olhares brilhantes de reconhecimento e ouvindo muitos murmúrios meio abafados de “É Miss Hale.” A esposa do vigário ouviu o nome e seus modos se tornaram imediatamente mais amáveis. Margaret desejava que pudesse ter ajudado, sentindo que também se tornava mais condescendente. A dama ofereceu a mão a Mr. Bell, dizendo:

– Seu pai, eu presumo, Miss Hale. Eu vejo pela semelhança. Tenho certeza de que estou muito contente em conhecê-lo, senhor, e o vigário também ficará.

Margaret explicou que não se tratava do pai, e gaguejou ao falar da sua morte, perguntando-se o tempo todo como Mr. Hale poderia ter suportado visitar Helstone, se fosse como a esposa do vigário supunha. Ela não ouviu o que Mrs. Hepworth estava dizendo, e deixou para Mr. Bell a tarefa de responder-

lhe, olhando em volta, enquanto isso, para seus velhos conhecidos.

– Ah! Vejo que gostaria de dar uma aula, Miss Hale. Eu sei por mim mesma. Primeiro ano de pé para uma lição de análise gramatical com Miss Hale.

A pobre Margaret, cuja visita era sentimental, e não de inspeção em qualquer grau, sentiu-se presa em uma armadilha. Mas como de algum modo isso a punha em contato com os pequenos rostos ansiosos, uma vez tão conhecidos, e que tinham recebido o rito solene do batismo do seu pai, ela sentou-se, meio perdida, tentando localizar os traços mudados na face das meninas, e segurando a mão de Susan por um minuto ou dois, despercebida por todos, enquanto a primeira classe procurava os seus livros, e a esposa do vigário chegava tão próximo quanto uma senhora podia de segurar Mr. Bell pelo colarinho, enquanto lhe explicava o sistema fonético e lhe transmitia uma conversação que ela tivera com o inspetor a respeito disso.

Margaret se inclinou sobre o livro, vendo apenas... Ouvindo o burburinho das vozes das crianças, os velhos tempos voltaram, e ela deu lugar às recordações. Seus olhos se encheram de lágrimas, até que houve uma pausa repentina – uma das meninas estava tropeçando na palavra aparentemente simples “um”, sem saber como chamá-la.

– Um, artigo indefinido – disse Margaret, suavemente.

– Eu lhe peço perdão – disse a esposa do vigário, toda olhos e ouvidos – mas nós fomos ensinadas por Mr. Milsome a chamar “um” de... Quem consegue se lembrar?

– Um adjetivo absoluto – disseram meia dúzia de vozes, de uma vez.

Margaret sentou-se envergonhada. As crianças sabiam mais do que ela. Mr. Bell se virou e sorriu. Margaret não falou mais nada durante a lição. Mas depois que terminou, ela foi calmamente até uma ou duas de suas antigas favoritas e conversou um pouco. Elas estavam crescendo e se tornando meninas grandes, desaparecendo da sua lembrança em seu rápido desenvolvimento, assim como ela, pela ausência de três anos, estava desaparecendo da lembrança delas. Mesmo assim, sentiu-se feliz por ter visto a todos de novo, apesar de uma pontinha de tristeza misturar-se com o seu prazer. Quando acabaram as aulas do dia ainda estava no início da tarde de verão. Mrs. Hepworth propôs a Margaret que ela e Mr. Bell a acompanhassem ao presbitério, e vissem as – a palavra “melhorias” quase saiu da sua boca, mas ela a substituiu pelo termo mais cauteloso “alterações” – que o atual vigário estava fazendo. Margaret não ligava a mínima para ver as alterações, que abalavam a doce lembrança do que o seu lar tinha sido, mas desejava ver a casa antiga uma vez mais, embora estremecesse com a dor que sabia que deveria sentir.

O presbitério estava tão mudado, por dentro e por fora, que o sofrimento real foi menor do que ela havia previsto. Nem parecia o mesmo lugar. O jardim, o canteiro, antes tão delicadamente ornamentado que até mesmo uma folha de rosa perdida parecia uma mácula em seu arranjo primoroso e conveniente, fora atulhado com as coisas das crianças. Um saco de bolas de gude aqui, um arco lá, um chapéu de palha enfiado em uma roseira como em um cabide, até a destruição de um ramo novo, longo e belo, carregado de flores, que antigamente teria sido direcionado para cima ternamente, como se fosse amado. O pequeno vestíbulo quadrado, atapetado, fora igualmente preenchido com sinais de uma

infância alegre, saudável e rude.

– Ah! – disse Mrs. Hepworth. – Deve desculpar a desordem, Miss Hale. Quando terminarmos o berçário, insistirei em um pouco de ordem. Estamos construindo um berçário junto ao seu quarto, eu creio. Como conseguiram se arranjar, Miss Hale, sem um berçário?

– Éramos apenas dois – disse Margaret. – A senhora tem muitas crianças, imagino?

– Sete. Olhe aqui! Estamos abrindo uma janela para a estrada, neste lado. Mr. Hepworth está gastando uma quantia enorme de dinheiro nessa casa, mas realmente estava quase inabitável quando chegamos – quero dizer, para uma família tão grande como a nossa, é claro.

Cada cômodo da casa tinha sido mudado, inclusive aquele que Mrs. Hepworth mencionara, que havia sido o estúdio de Mr. Hale anteriormente – e onde a sombra do verde e a deliciosa quietude do lugar conduziam, como ele havia dito, a um hábito de meditação, mas, talvez, em algum grau, à formação de um caráter mais adaptado ao pensamento do que à ação. A janela nova proporcionava uma visão da estrada, e tinha muitas vantagens, como Mrs. Hepworth mostrou. Dalí poderiam ser vistas as ovelhas perdidas do rebanho do seu marido, que se extraviavam na tentadora cervejaria, acreditando-se despercebidas, mas não despercebidas de fato. Pois o ativo vigário mantinha o olho na estrada, até mesmo durante a composição dos seus sermões mais ortodoxos, e tinha o chapéu e a bengala pendurados à mão, pronto para agarrar, antes de surpreender seus paroquianos, aqueles que precisaram de pernas rápidas, se puderam se refugiar no “Jolly Forester” antes que o vigário abstêmio conseguisse pegá-los. A família inteira era rápida, ativa, barulhenta, generosa, e não se importava muito com a delicadeza de percepção. Margaret temia que Mrs. Hepworth descobrisse que Mr. Bell estava brincando com ela, na admiração que ele achava adequado expressar por tudo o que afrontasse especialmente o seu gosto. Mas não! Ela tomava tudo literalmente, e com tão boa-fé, que Margaret não pode evitar de protestar com ele, enquanto caminhavam lentamente para longe do presbitério, de volta à hospedaria.

– Não me censure, Margaret. Foi tudo por sua causa. Se ela não tivesse lhe mostrado todas as mudanças com uma alegria tão evidente quanto ao seu sentido superior, percebendo o que seria uma melhoria aqui e ali, eu poderia ter me comportado bem. Mas se deve prosseguir com o sermão, guarde-o para depois do jantar, quando ele me fará dormir e ajudará minha digestão.

Ambos estavam muito cansados, e a própria Margaret tão cansada, que se sentia pouco disposta a sair, como tinha se proposto, e fazer outra perambulação pelos bosques e campos tão próximos do seu lar da infância. E, de alguma maneira, esta visita a Helstone não tinha sido tudo – não tinha sido exatamente o que ela havia esperado. Houve mudança em toda parte, leve, mas que permeava tudo. Famílias foram alteradas pela ausência, ou morte, ou casamento, ou pelas mutações naturais impostas por dias e meses e anos, que nos carregam sem percebermos da infância para a juventude, e depois da idade adulta para a velhice, de onde caímos como frutas, completamente maduras, na tranquilidade da mãe terra. Lugares foram mudados – uma árvore se foi aqui, um ramo ali, trazendo um longo raio de luz onde antes não havia luz – uma estrada era aparada e estreitada, e o caminho verde que se estendia ao seu lado fechado e cultivado. Chamavam a isso de grande melhoria, mas Margaret

suspirava pelo antigo caráter pitoresco, a velha obscuridade, e os caminhos de beira de estrada cobertos de grama de antigamente. Ela sentou-se no pequeno banco junto à janela, contemplando tristemente o avanço das sombras da noite, que guardavam perfeita harmonia com seu espírito pensativo. Mr. Bell dormia profundamente, depois daquele exercício incomum durante o dia. Afinal, ele foi despertado pela entrada da bandeja de chá, trazida por uma corada menina do campo, que evidentemente tinha encontrado alguma variedade na sua ocupação habitual de copeira, ajudando naquele dia no campo de feno.

– Olá! Quem está aí? Onde estamos? Quem é que... Margaret? Oh, agora eu me lembro de tudo. Eu não podia imaginar quem era a mulher que estava sentada em uma atitude tão triste, com as mãos apertadas contra os joelhos, e o rosto olhando com tanta firmeza à sua frente. O que você estava olhando? – perguntou Mr. Bell, chegando à janela e parando atrás de Margaret.

– Nada – disse ela, levantando-se depressa, e falando tão alegremente quanto podia, à observação de um momento.

– Nada, mesmo! – disse ele. – Um fundo sombrio de árvores, alguma roupa branca pendurada na sebe de roseiras, e uma grande lufada de ar úmido. Feche a janela e entre para servir o chá.

Margaret ficou calada durante algum tempo. Brincava com a colher de chá, e não prestou muita atenção ao que Mr. Bell disse. Ele a contradisse, e ela teve o mesmo tipo de reação sorridente à sua opinião como se ele tivesse concordado com ela. Então suspirou, largou a colher, e começou a propósito de nada, na voz aguda que normalmente mostra que o orador pensou durante algum tempo no assunto que deseja introduzir:

– Mr. Bell, o senhor se lembra do que estávamos dizendo ontem à noite sobre Frederick, não lembra?

– Ontem à noite! Onde eu estava? Oh, eu me lembro! Pois parece que foi há uma semana. Sim, com certeza, lembro-me que nós falamos sobre ele, pobre rapaz.

– Sim... E o senhor não se lembra que Mr. Lennox falou sobre ele ter estado na Inglaterra na ocasião da morte da querida mamãe? – perguntou Margaret, a voz agora mais baixa do que o normal.

– Eu me lembro. Eu não tinha ouvido falar sobre isso antes.

– E eu pensei... eu sempre pensei que o papai tinha lhe contado.

– Não! Ele nunca o fez. Mas o que tem isso, Margaret?

– Quero contar-lhe algo que eu fiz naquela época, e que foi muito errado – disse Margaret, de repente, olhando para ele com seus olhos claros e honestos. – Eu disse uma mentira – e o seu rosto ficou vermelho.

– É verdade, isso foi ruim, admito. Não que eu não tenha dito um bom número em minha vida, nem todas em palavras claras, como suponho que você fez, mas em ações, ou em algum surrado circunlóquio, levando as pessoas, ou a negarem a verdade, ou a acreditarem em uma mentira. Você sabe quem é o pai das mentiras, Margaret? Bem! Um grande número de pessoas, que se acham muito boas, tem tipos estranhos de ligação com mentiras, casamentos desiguais e primos em segundo grau. O sangue manchando de falsidade percorre todos nós. Eu deveria ter suposto que você estava tão longe disso quanto a maioria das

pessoas. O quê? Chorando, minha criança? Não, não... Então não vou falar mais nisso, se termina dessa maneira. Eu ousou dizer que você lamenta o que fez, e que não o fará novamente, e que foi há muito tempo. Em suma, eu quero que você seja muito alegre, e não muito triste, esta noite.

Margaret enxugou os olhos e tentou falar sobre qualquer outra coisa, mas de repente explodiu em lágrimas de novo.

– Por favor, Mr. Bell, deixe-me contar-lhe sobre isso... talvez o senhor possa me ajudar um pouco. Não, não me ajudar, mas se o senhor soubesse a verdade, poderia talvez me orientar. Não é nada disso, afinal de contas – disse ela, em desespero por não poder se expressar com mais exatidão, como desejava.

Mr. Bell mudou inteiramente de atitude.

– Conte-me tudo, filha – disse ele.

– É uma longa história, mas quando Fred veio, mamãe estava muito doente, e eu estava destruída de ansiedade, e temerosa, também, de que eu pudesse colocá-lo em perigo. E nós levamos um susto logo após a sua morte, pois Dixon encontrou alguém em Milton – um homem chamado Leonards – que tinha conhecido Fred, e que parecia sentir rancor por ele, ou de qualquer modo parecia tentado pela lembrança da recompensa oferecida pela sua captura. E com esse novo temor, achei que era melhor despachar logo Fred para Londres onde, pelo que o senhor entendeu do que dissemos na outra noite, ele deveria consultar Mr. Lennox sobre as suas chances caso enfrentasse o julgamento. E assim nós – quer dizer, ele e eu – fomos para a estação de trem. Era o início da noite, e estava começando a escurecer, mas ainda estava claro o bastante para reconhecer e ser reconhecido, e nós chegamos muito cedo, então saímos para caminhar em um campo próximo. Eu estava sempre em pânico sobre esse Leonards – que se encontrava, eu sabia, em algum lugar na vizinhança. E então, quando nós estávamos no campo, com os últimos raios do sol batendo no meu rosto, alguém veio a cavalo na estrada, justo abaixo da escadinha onde estávamos parados. Eu o vi olhar para mim, mas não sabia quem era, no princípio, o sol batia direto nos meus olhos. Um instante depois consegui enxergar, e eu vi que era Mr. Thornton, e nós o cumprimentamos...

– E ele viu Frederick, é claro – disse Mr. Bell, pensando em ajudá-la com a sua história.

– Sim. E então, na estação, um homem se aproximou – bêbado e cambaleante – e tentou agarrar Fred pelo colarinho, e se desequilibrou quando Fred o empurrou para longe, e caiu na beira da plataforma. Não muito longe, nem muito fundo, não mais do que um metro. Mas... Oh! Mr. Bell, de alguma maneira aquela queda o matou!

– Que estranho. Era esse Leonards, suponho. E como Fred saiu?

– Oh! Ele saiu logo depois da queda, que nunca pensamos que pudesse ter feito ao coitado nenhum mal, parecia uma lesão tão leve.

– Então ele não morreu imediatamente?

– Não! Não durante dois ou três dias. E então... Oh, Mr. Bell! Agora vem a parte ruim – disse ela, entrelaçando os dedos nervosamente. – Um inspetor de polícia veio e me acusou de ter sido a companheira do rapaz cujo empurrão ou golpe tinha causado a morte de Leonards. Era uma acusação falsa, o senhor

sabe, mas nós ainda não sabíamos se Fred tinha pego o navio, ele ainda poderia estar em Londres e sujeito a ser preso por essa falsa acusação. E se a sua identidade como o tenente Hale, acusado de causar aquele motim, fosse descoberta, ele poderia ser morto. Tudo isso passou num instante pela minha mente, e eu disse que não era eu. Eu não estava na estação de trem naquela noite. Eu não sabia nada sobre aquilo. Não tive qualquer ideia ou pensamento que não fosse salvar Frederick.

– Eu digo que foi certo. Eu teria feito o mesmo. Você esqueceu de si mesma para pensar em outro. Acredito que eu teria feito o mesmo.

– Não, o senhor não teria. Foi errado, transgressivo, mentiroso. Naquele mesmo momento Fred já estava seguro fora da Inglaterra, e na minha cegueira esqueci que havia outra testemunha que poderia declarar que eu estava lá.

– Quem?

– Mr. Thornton. O senhor sabe que ele tinha me visto perto da estação. Nós nos cumprimentamos.

– Bem! Ele não saberia nada deste tumulto sobre a morte do sujeito bêbedo. Suponho que a investigação não chegou a nada.

– Não! Os procedimentos sobre os quais eles tinham começado a falar no inquérito foram suspensos. Mr. Thornton soube de tudo sobre o assunto. Ele era um magistrado, e descobriu que não foi a queda que causou a morte. Mas não antes que soubesse o que eu tinha dito. Oh, Mr. Bell! – ela de repente cobriu o rosto com as mãos, como se desejasse se esconder da presença da lembrança.

– Você teve alguma explicação com ele? Chegou a lhe contar o motivo forte, instintivo?

– A instintiva falta de fê, me agarrando a um pecado para me impedir de naufragar – disse ela, amargamente. – Não! Como poderia? Ele não sabia nada do Frederick. Para me reabilitar em sua boa opinião eu deveria contar-lhe os segredos da nossa família, envolvendo, como parecia ser o caso, as chances de total absolvição do pobre Frederick? As últimas palavras de Fred foram para me impor que mantivesse sua visita em segredo para todos. O senhor vê, o papai nunca contou, nem mesmo para o senhor. Não! Eu poderia suportar a vergonha – ou ao menos pensei que poderia. E eu suportei. Mr. Thornton nunca me respeitou desde então.

– Ele a respeita, tenho certeza – disse Mr. Bell. – Decerto que isso conta um pouco para... Mas ele sempre fala de você com consideração e estima, embora agora eu entenda uma certa reserva nas suas maneiras.

Margaret não falou. Não prestou atenção ao que Mr. Bell chegou a dizer, perdeu todo o sentido. Dali a pouco ela disse:

– O senhor vai me dizer o que significa a “reserva” na maneira dele de falar de mim?

– Oh! Simplesmente que ele me aborreceu por não se juntar aos meus elogios a você. Como um velho tolo, eu penso que todo mundo deve ter as mesmas opiniões que eu, e ele, evidentemente, não podia concordar comigo. Fiquei confuso na ocasião. Mas ele deve estar perplexo, se o caso nunca foi ao menos explicado. Primeiro houve o seu passeio com um jovem ao anoitecer.

– Mas era meu irmão! – disse Margaret, surpresa.

– Verdade. Mas como ele podia saber disso?

– Eu não sei. Nunca pensei em nada desse tipo – disse Margaret, corando e parecendo magoada e ofendida.

– E talvez ele nunca soubesse, se não fosse a mentira – a qual, dadas as circunstâncias, eu mantenho que era necessária.

– Não era. Eu sei disso agora. Me arrependo amargamente.

Houve um silêncio prolongado. Margaret foi a primeira a falar.

– Eu provavelmente nunca verei Mr. Thornton de novo – e aqui ela parou.

– Há muitas coisas mais improváveis, devo dizer – respondeu Mr. Bell.

– Mas eu acredito que nunca o verei. Ainda assim, de alguma forma, uma pessoa não gosta de ter descido tão baixo na... na opinião de um amigo, como eu fiz na opinião dele – seus olhos estavam cheios de lágrimas, embora a voz fosse firme, e Mr. Bell não estava olhando para ela. – E agora que Frederick renunciou a toda esperança, e a quase todo desejo de algum dia provar sua inocência e voltar à Inglaterra, seria apenas fazer-me justiça ter tudo isso explicado. Se lhe agrada, e se o senhor puder, se houver uma boa oportunidade (não force uma explicação, eu lhe peço), mas se puder, o senhor lhe contaria todas as circunstâncias, e também lhe diria que eu lhe dei licença para fazê-lo, porque sinto que por causa do papai eu não gostaria de perder o seu respeito, embora provavelmente nunca mais voltemos a nos encontrar?

– Certamente. Eu acho que ele deve saber. Não gosto que você permaneça até mesmo sob a sombra de uma impropriedade. Ele não saberia o que pensar de ver você sozinha com um jovem.

– Quanto a isso – disse Margaret, orgulhosamente – eu mantenho que é “*Honi soít qui mal y pense.*”^[2] Ainda assim eu preferia que fosse explicado, se surgir uma oportunidade para uma explicação simples. Mas não é para inocentar-me de qualquer suspeita de conduta imprópria que eu desejo que o senhor lhe conte – se eu achasse que ele suspeita de mim, não me importaria com a sua boa opinião – não! É para que ele saiba como eu fui tentada, e como cai na armadilha. Porque eu disse aquela mentira, em resumo.

– Pela qual eu não a culpo. E não estou sendo parcial, asseguro-lhe.

– Que outras pessoas possam pensar que está certo ou errado não é nada comparado ao meu próprio conhecimento, minha convicção inata de que estava errado. Mas não vamos falar mais disso, por favor. Está feito, meu pecado é pecado. Eu tenho agora que deixá-lo para trás, e ser verdadeira para sempre, se puder.

– Muito bem. Se você gosta de ser inquieta e mórbida, seja. Eu sempre mantenho minha consciência tão firmemente trancada como uma caixinha de surpresas, para que quando pule para dentro da existência me surpreenda com o seu tamanho. Então eu a seduzo para entrar novamente na caixa, como o pescador seduziu o diabo. “É maravilhoso” eu digo “pensar que você esteve escondida por tanto tempo, e num espaço tão pequeno que eu realmente não sabia da sua existência. Por favor, senhor, em vez de crescer mais e mais a cada

instante, e me desconcertar com seus contornos nebulosos, poderia voltar a se comprimir nas suas dimensões anteriores?” E quando eu o tenho de volta na caixa, não coloco o selo e tomo bastante cuidado ao abri-la novamente? E como contrário Salomão, o mais sábio dos homens, que o confinou ali.

Mas Margaret não achou o assunto engraçado. Mal prestou atenção ao que Mr. Bell estava dizendo. Seus pensamentos estavam na Ideia, surgida antes, mas que agora tinha assumido a força de uma convicção, de que Mr. Thornton já não mantinha a sua boa opinião anterior sobre ela – que estava decepcionado com ela. Sentia que não havia qualquer explicação que pudesse restabelecê-la – não no amor dele, pois Margaret resolvera nunca mais pensar nesse amor nem em qualquer retribuição da sua parte, e manteve rigidamente essa resolução – mas no seu respeito e alta consideração, que ela esperava jamais o teria feito desajar, no espírito das belas palavras de Gerald Griffin,

“Virar e olhar para trás, quando ouvires o som do meu nome.”

Ela continuou engasgando e engolindo todo o tempo em que pensava sobre isso. Tentou se consolar com a ideia de que o que ele imaginava que ela fosse, não alterava a verdade do que ela era. Mas era um truísmo, um fantasma, e quebrou-se sob o peso do seu arrependimento. Ela tinha vinte perguntas na ponta da língua para fazer a Mr. Bell, mas não pronunciou nenhuma. Mr. Bell pensou que ela estava cansada e a mandou cedo para o quarto, onde ela ficou sentada durante horas junto à janela aberta – contemplando a cúpula avermelhada que se elevava acima das árvores, onde as estrelas surgiam, e piscavam e desapareciam atrás das árvores grandes e frondosas – até que foi para cama. Durante toda a noite também, brilhou por entre as árvores um pouco de luz na terra. Uma vela no seu antigo quarto, que era o berçário para os habitantes atuais do presbitério, até que o novo fosse construído. Margaret foi dominada por um sentido de mudança, de perplexidade e decepção, de não ser nada individualmente. Nada tinha sido o mesmo, e essa instabilidade tênue, que invadia tudo, causara-lhe uma dor maior do que se tivesse havido uma mudança tão completa que ela nem reconhecesse o lugar.

“Começo a entender agora o que o céu deve ser – ah! e a grandeza e o repouso das palavras... ‘O mesmo ontem, hoje, e para sempre.’ Eterno! ‘De eterno para eterno, Tu és Deus.’ Aquele céu acima de mim parece que não poderia mudar, e ainda assim vai mudar. Eu estou tão cansada – tão cansada de ser levada pelo turbilhão de todas essas fases da minha vida, em que nada permanece comigo, nenhuma criatura, nenhum lugar – é como o círculo em que as vítimas da paixão terrena se movem em uma voragem contínua. Eu estou naquele humor em que as mulheres de outra religião tomam o véu. Eu busco a firmeza divina na monotonia terrena. Se eu fosse uma católica romana e pudesse amortecer meu coração, abalá-lo com algum grande golpe, poderia me tornar uma freira. Mas eu me consumiria pela minha espécie. Não, não pela minha espécie, pois o amor pela minha espécie nunca poderia encher meu coração pela exclusão absoluta do amor pelos indivíduos. Talvez devesse ser assim, talvez não. Não posso decidir esta noite.

Ela foi para a cama cansada, e cansada se levantou depois de quatro ou

cinco horas. Mas com a manhã veio a esperança e uma visão mais luminosa das coisas.

– Afinal de contas, está certo – disse ela, ouvindo as vozes das crianças brincando, enquanto se vestia. – Se o mundo ficasse parado, retrocederia e se tornaria corrupto, se não é irlandês. Olhando além de mim e do meu próprio sentimento doloroso de mudança, o progresso ao meu redor é certo e necessário. Não devo pensar tanto em como as circunstâncias me afetam, mas como afetam aos outros, se desejo ter um julgamento justo, ou um coração esperançoso e confiável.

E com um sorriso pronto nos olhos, que descia trêmulo até os lábios, ela entrou no salão e cumprimentou Mr. Bell.

– Ah, senhorita! Esteve acordada até tarde ontem à noite, e assim está atrasada esta manhã. Agora eu tenho uma notícia para a senhorita. O que acha de um convite para jantar? Recebi uma visita matinal, literalmente no orvalho da manhã. Pois eu já tive o vigário aqui, no seu caminho para a escola. O quanto o desejo de dar aos anfitriões uma conferência abstermia para o benefício dos cortadores de feno tem a ver com a sua visita prematura, eu não sei. Mas aqui ele estava, quando eu descí logo antes das nove, e fomos convidados a jantar lá hoje.

– Mas Edith me espera de volta... Eu não posso ir – disse Margaret, grata por ter uma desculpa tão boa.

– Sim! Eu sei. Eu lhe falei isso. Pensei que a senhorita não gostaria de ir. Ainda está de pé, caso queira.

– Oh, não! – disse Margaret. – Vamos manter o nosso plano. Sairemos às doze. É muita bondade e gentileza deles, mas realmente não posso ir.

– Muito bem. Não se incomode, vou cuidar de tudo.

Antes que eles partissem Margaret foi furtivamente até a parte de trás do jardim do vicariato, e juntou um raminho extraviado de madressilva. Ela não pegaria uma flor na véspera, por medo de ser observada e despertar comentários sobre os seus motivos e sentimentos. Mas quando voltava através do campo, o lugar voltou a ter para ela a antiga atmosfera encantadora. Os sons naturais da vida eram mais musicais ali do que em qualquer outro lugar do mundo, a luz mais dourada, a vida mais tranquila e cheia de uma delícia de sonho. Ao lembrar-se dos seus sentimentos do dia anterior, Margaret disse a si mesma:

– Eu também mudo perpetuamente – agora isto, depois aquilo – agora desapontada e de mau humor porque tudo não era exatamente como eu tinha pensado, depois descobrindo de repente que a realidade é muito mais bonita do que eu tinha imaginado. Oh, Helstone! Eu nunca amarei nenhum lugar como você.

Alguns dias depois ela havia encontrado o equilíbrio, e decidiu que estava muito feliz por ter estado lá, e por ter visto Helstone de novo, e que para ela esse seria sempre o lugar mais bonito do mundo, mas que estava tão associado com os dias felizes, e especialmente com seu pai e sua mãe, que se tudo acontecesse para vir mais uma vez, ela recuaria ante uma outra visita como essa que ela tinha feito com Mr. Bell.

[1] Johann Ludwig Uhland (1787-1862): poeta, filólogo, teórico da Literatura e político alemão.

[2] Em francês no original: “Maldito seja quem pensar mal disto.” Lema da Ordem da Jarreteira, criada por Eduardo III da Inglaterra em 1347.

CAPÍTULO 47
EM BUSCA DE ALGO

“A experiência, como um músico pálido, tem
O saltério da paciência em sua mão;
De onde as harmonias não podemos entender,
Da vontade de Deus nos Seus mundos, a tensão se desdobra
Em tristes, perplexos acordes.”
Mrs. Browning

Por essa época Dixon voltou de Milton, e assumiu seu posto como criada de Margaret. Ela trouxe infinitos mexericos de Milton: como Martha tinha ido viver com Miss Thornton, depois do casamento da última, com um relato sobre as damas de honra, os vestidos e os cafés da manhã daquela cerimônia interessante; como as pessoas pensaram que Mr. Thornton tinha feito um casamento grandioso demais, considerando que ele havia perdido uma quantia enorme com a greve e tivera que pagar tanto por não cumprir seus contratos; como as peças de mobília mais baratas – longamente desejadas por Dixon – encantaram a todos no leilão, o que era uma vergonha, considerando o quanto as pessoas eram ricas em Milton; como Mrs. Thornton viera um dia e conseguira duas ou três boas pechinchas, e Mr. Thornton tinha vindo em seguida, e no seu desejo de obter uma ou duas coisas, competira consigo mesmo, para grande prazer dos arrematantes, como Dixon notou, o que acabou por igualar as coisas; se Mrs. Thornton pagou muito pouco, Mr. Thornton pagou demais. Mr. Bell tinha mandado todos os tipos de ordens a respeito dos livros, mas não houve entendimento, ele era muito minucioso; se ele tivesse vindo pessoalmente tudo teria dado certo, mas cartas sempre foram e sempre serão mais enigmáticas do que merecem. Dixon não tinha muito para contar sobre os Higgins. Sua memória tinha uma propensão aristocrática, e era muito traiçoeira sempre que ela tentava recordar qualquer circunstância ligada àqueles que estavam abaixo dela na vida. Nicholas estava muito bem, ela acreditava. Ele tinha ido várias vezes à casa para pedir notícias de Miss Margaret – a única pessoa que perguntara por ela, exceto uma vez Mr. Thornton. E Mary? Oh! Claro que ela estava muito bem, aquela coisa grande, forte, desleixada! Ela ouvira, ou talvez fosse só um sonho, apesar de que seria estranho se ela tivesse sonhado com pessoas como os Higgins, que Mary havia ido trabalhar na fábrica de Mr. Thornton, porque o pai queira que ela aprendesse a cozinhar, mas Dixon não sabia que bobagem isso poderia significar. Margaret concordou inteiramente com ela de que a história era incoerente o bastante para parecer um sonho. Ainda assim, era agradável ter alguém agora com quem pudesse falar sobre Milton, e sobre as pessoas de Milton. Dixon não era apaixonada pelo assunto, preferindo deixar essa parte da sua vida na sombra. Ela gostava muito mais de se dedicar às falas de Mr. Bell, que haviam lhe

sugerido uma ideia do que era realmente a sua intenção – tornar Margaret sua herdeira. Mas a sua jovem patroa não lhe deu qualquer encorajamento, nem satisfação de modo algum as suas perguntas insinuantes, embora disfarçadas na forma de suspeitas ou afirmações.

Todo esse tempo, Margaret tinha um desejo estranho e indefinido de ouvir que Mr. Bell tinha ido fazer uma de suas visitas de negócios a Milton. Ficava bem entendido entre eles, no momento da sua conversa em Helstone, que a explicação que ela tinha desejado só deveria ser dada a Mr. Thornton por palavras, e mesmo dessa maneira, de modo algum devia ser forçada sobre ele. Mr. Bell não era nenhum grande correspondente, mas escrevia de vez em quando cartas longas ou curtas, conforme o humor do momento, e embora Margaret não estivesse consciente de qualquer esperança definida ao recebê-las, ainda assim sempre guardava as cartas com um leve sentimento de decepção. Ele não estava indo para Milton, não dissera nada sobre isso, de qualquer modo. Bem! Ela devia ser paciente. Cedo ou tarde as névoas se dissipariam. As cartas de Mr. Bell dificilmente se pareciam com ele mesmo – eram curtas e queixosas, e aqui e ali havia um pequeno toque de amargura que era incomum. Ele não olhava para o futuro à sua frente, parecia antes lamentar o passado e estar cansado do presente. Margaret imaginou que ele podia não estar bem, mas em resposta a algumas perguntas dela sobre a sua saúde, ele lhe enviou uma nota curta dizendo que havia uma queixa antiga chamada de baço, que ele estava sofrendo disso e que cabia a ela decidir se era mais mental do que físico, mas que ele gostaria de se permitir apenas resmungar, sem ser obrigado a enviar um relatório a cada vez.

Em consequência disso, Margaret não fez mais perguntas sobre a sua saúde. Um dia, Edith deixou escapar acidentalmente um fragmento de uma conversa que tivera com Mr. Bell, na última vez que ele fora a Londres, o que induziu Margaret a acreditar que ele tinha alguma intenção de levá-la para fazer uma visita ao seu irmão e à sua nova cunhada, em Cádiz, no outono. Ela questionou e tornou a questionar Edith, até que esta ficou cansada e declarou que não havia nada mais para lembrar – que tudo que ele tinha dito era que chegou a pensar que deveria ir, e ouvir por si mesmo o que Frederick tinha a dizer sobre o motim, e que seria uma oportunidade boa para Margaret se familiarizar com a cunhada nova, e que ele sempre foi para algum lugar durante as férias longas, e não via por que não deveria ir à Espanha ou a qualquer outro lugar. Isso era tudo. Edith esperava que Margaret não quisesse deixá-los, já que estava tão ansiosa com tudo isso. E então, não tendo nada de especial para fazer, ela chorou, e disse que sabia que se importava muito mais com Margaret do que Margaret se importava com ela. Margaret confortou-a tão bem quanto pôde, mas dificilmente poderia explicar a ela como essa ideia da Espanha, simples *Chateau en Espagne* como parecia ser, a encantava e deliciava. Edith estava no humor de pensar que qualquer prazer desfrutado longe dela era uma afronta tácita, ou na melhor das hipóteses uma prova de indiferença. Assim, Margaret teve que guardar seu prazer para si mesma, e só podia deixá-lo escapar pela válvula de segurança de perguntar a Dixon, quando se vestia para o jantar, se ela, na verdade, não gostaria muito de ver o jovem Frederick e sua nova esposa?

– Ela é uma papista, não é, senhorita?

– Eu creio... Oh, sim, certamente! – disse Margaret, um pouco desanimada, por um momento, com essa lembrança.

– E eles moram em um país papista?

– Sim.

– Então eu temo, devo dizer, que minha alma valha mais para mim do que até mesmo o jovem Frederick, sua própria pessoa tão querida. Eu ficaria em perpétuo terror, senhorita, para que não fosse convertida.

– Oh! – disse Margaret. – Eu não sei se vou. E se eu for, não sou uma dama tão refinada que não possa viajar sem você. Não, velha e querida Dixon! Você terá longas férias, se eu for. Mas temo que tudo isso seja um enorme “se.”

Dixon não gostou desse discurso. Em primeiro lugar, ela não gostava do truque de Margaret de chamá-la de “velha e querida Dixon” sempre que era especialmente demonstrativa. Ela sabia que Miss Hale era capaz de chamar todas as pessoas de quem gostava de “velha”, como uma espécie de termo carinhoso. Mas Dixon sempre recuava da aplicação dessa palavra em relação a ela, que, não tendo passado muito dos cinquenta, estava, ela achava, no auge da vida. Em segundo lugar, não gostava de ser levada tão ao pé da letra. Ela tinha, apesar de todo o seu temor, uma curiosidade secreta sobre a Espanha, a Inquisição e os mistérios papistas. Assim, depois de limpar a garganta, como para mostrar sua vontade de afastar as dificuldades, ela perguntou a Miss Hale se achava que, caso ela tomasse o cuidado de nunca ver um padre, ou entrar em uma das suas igrejas, haveria tanto perigo assim de ela ser convertida? O jovem Frederick, com certeza, mostrara-se inexplicável.

– Eu imagino que foi o amor que primeiro o predispsôs à conversão – disse Margaret, suspirando.

– Realmente, senhorita! – disse Dixon. – Bem! Eu posso me preservar dos padres e das igrejas. Mas o amor nos rouba de improviso! Eu acho que é por isso que eu não deveria ir.

Margaret estava com medo de deixar sua mente divagar muito sobre esse plano espanhol. Mas ele desviou seus pensamentos do desejo muito mais impaciente de ter tudo explicado a Mr. Thornton. Mr. Bell parecia no momento estar estacionado em Oxford, e não ter nenhum propósito imediato de ir a Milton. Parecia haver alguma restrição secreta pairando sobre Margaret, que a impedia de sequer perguntar ou aludir novamente a qualquer probabilidade de uma tal visita da parte dele. Nem ela se sentia em liberdade para mencionar o que Edith tinha lhe contado sobre a ideia que ele tivera – nem que fosse por cinco minutos – de ir à Espanha. Ele nunca falara disso em Helstone, durante todo aquele dia ensolarado de lazer. Provavelmente não era mais que a fantasia de um momento – mas se fosse verdade, que saída luminosa seria para a monotonia da sua vida presente, que estava começando a incomodá-la.

Um dos grandes prazeres da vida de Margaret, nessa época, era o

filhinho de Edith. Ele era o orgulho e o brinquedo de ambos, pai e mãe, contanto que fosse bonzinho. Mas ele tinha uma vontade muito forte, e assim que explodisse em um dos seus ataques de paixão, Edith recuaria em desespero, e se cansaria, e suspiraria...

– Oh, querido! O que eu posso fazer com ele? Por favor, Margaret, toque o sininho para o Hanley.

Mas Margaret quase gostava mais dele nessas manifestações de caráter do que no seu bom humor tranquilo. Ela o levaria para um outro quarto, onde só os dois lutariam. Ela com um poder firme que o subjugava até a paz, enquanto todo o encanto súbito e astúcia que ela possuía eram exercidos para o lado do bem, até que ele esfregasse o rostinho quente e manchado de lágrimas por todo o seu rosto. Margaret o beijava e acariciava até que ele muitas vezes adormecia nos seus braços ou no ombro. Aqueles eram os momentos mais doces de Margaret. Davam-lhe o gosto do sentimento que ela acreditava lhe seria negado para sempre.

Mr. Henry Lennox acrescentou um elemento novo e não desagradável ao curso da vida doméstica com sua presença frequente. Margaret o achava mais frio, se não mais brilhante do que antigamente. Mas havia fortes gostos intelectuais e conhecimento extenso e variado, que davam tempero à conversação, que de outro modo seria bastante insípida. Margaret via indícios nele de um leve desprezo pelo irmão e a cunhada, e pelo seu modo de vida, que ele parecia considerar como frívolo e sem propósito. Mr. Lennox falou algumas vezes com o irmão, na presença de Margaret, em um tom de interrogação bastante contundente, sobre se ele pretendia renunciar inteiramente à sua profissão. E à resposta do Capitão Lennox, de que tinha o bastante com que viver, ela virou os lábios de Mr. Lennox se curvarem com desprezo ao dizer “E é só para isso que você vive?”

Mas os irmãos eram muito afeiçoados um ao outro, do mesmo modo que quaisquer duas pessoas, quando um é mais esperto e sempre conduz o outro, e este último está contente e resignado em ser conduzido. Mr. Lennox estava avançando em sua profissão, cultivando, com cálculo profundo, todas aquelas ligações que poderiam, eventualmente, ser-lhe úteis. Era perspicaz, previdente, inteligente, sarcástico e orgulhoso. Desde a única conversa longa sobre os negócios de Frederick, que Margaret teve com ele na primeira noite em presença de Mr. Bell, ela não tivera mais nenhuma grande comunicação com ele, além daquelas que surgiam das suas estreitas relações com a mesma família. Mas isso fora bastante para eliminar a timidez da parte dela e qualquer sintoma de orgulho ferido e vaidade da parte dele. Encontravam-se continuamente, é claro, mas ela achou que ele preferia evitar ficar a sós com ela. Margaret imaginou que ele, assim como ela, percebera que eles tinham se afastado estranhamente da sua antiga aliança, um com o outro, em muitas das suas opiniões, e em todos os seus gostos.

E, no entanto, quando ele falava extraordinariamente bem, ou com um modo satírico notável, ela sentia que os olhos dele procuravam a expressão do

seu rosto em primeiro lugar, mesmo que por um momento. E que, no relacionamento familiar que constantemente os reunia, a opinião dela era a única que ele escutava com deferência – e a mais perfeita, porque era relutantemente oferecida e escondida o máximo possível.

CAPÍTULO 48

“PARA NUNCA MAIS SER ENCONTRADO”

“Meu próprio amigo, amigo do meu pai!
Não posso me separar de ti!
Eu nunca demonstrei, tu nunca soubeste,
Como és querido para mim.”
Anônimo

As características dos jantares festivos que Mrs. Lennox dava eram estas: suas amigas contribuíam com a beleza; Capitão Lennox com o conhecimento ligeiro dos assuntos do dia; e Mr. Henry Lennox e o punhado de homens prósperos que eram recebidos como seus amigos, traziam a sagacidade, a inteligência, o conhecimento profundo e extenso do qual eles sabiam muito bem como usufruir sem parecer pedantes, ou sobrecarregar o fluxo rápido da conversação.

Esses jantares eram encantadores, mas mesmo aqui a insatisfação de Margaret a encontrou. Cada talento, cada sentimento, cada aquisição – e mais, até mesmo cada tendência para a virtude, era consumida como material para fogos de artifício. O fogo escondido, sagrado, esgotava-se em faíscas e crepitação. Eles conversavam sobre a arte de um modo meramente sensual, enfatizando os efeitos externos, em vez de se permitirem aprender o que ela tinha para ensinar. Deixavam-se levar pelo entusiasmo sobre altos assuntos quando estavam em companhia, e nunca pensavam sobre eles quando estavam sós. Desperdiçavam sua capacidade de apreciação em um simples fluxo de palavras apropriadas. Um dia, depois que os cavalheiros voltaram para a sala de visitas, Mr. Lennox se aproximou de Margaret e dirigiu-lhe praticamente as primeiras palavras voluntárias desde que ela voltara a viver em Harley Street.

– Você não parecia contente com o que Shirley dizia no jantar.

– É mesmo? Meu rosto deve ser muito expressivo – respondeu Margaret.

– Sempre foi. Não perdeu o truque de ser eloquente.

– Eu não gostei – disse Margaret, apressadamente – do seu modo de defender o que ele sabia ser errado – tão evidentemente errado – até mesmo em tom de gracejo.

– Mas foi muito inteligente. Como toda palavra contou! Você se lembra dos epítetos felizes?

– Sim.

– E os despreza, você gostaria de acrescentar. Não tenha escrúpulos, por favor, embora ele seja meu amigo.

– Aí está! Este é o tom exato que você usa, que... – ela parou bruscamente.

Ele escutou por um momento, para ver se ela iria terminar a frase, mas

ela só ficou corada e se afastou. Antes de fazer isso, porém, ela o ouviu dizer, em uma voz muito baixa e clara.

– Se o meu tom, ou meu modo de pensar, não são do seu agrado, você me faria a justiça de me dizer, e assim me dar a chance de aprender a agradá-la?

Durante todas essas semanas não houve qualquer notícia da ida de Mr. Bell a Milton. Ele tinha falado disso em Helstone como de uma viagem que ele deveria fazer em um curto espaço de tempo. Mas Mr. Bell devia ter resolvido seus negócios por escrito, Margaret pensou, já antes, e ela sabia que, se pudesse, ele evitaria ir a um lugar do qual não gostava. Além disso, não entenderia muito bem a importância secreta que ela dava à essa explicação, que só poderia ser dada por palavras. Ela sabia que ele ia achar que era necessário que isso fosse feito, mas se no verão, outono ou inverno, significaria muito pouco. Agora era agosto, e não houvera nenhuma menção à viagem para a Espanha, a qual ele havia mencionado a Edith, e Margaret tentou aceitar o desvanecimento dessa ilusão.

Mas uma manhã ela recebeu uma carta, dizendo que ele pretendia chegar à cidade na próxima semana. Queria consultá-la sobre um plano que tivera. Além disso, ele pretendia tratar um pouco da saúde, pois tinha começado a concordar com a opinião dela, de que seria mais agradável pensar que a sua saúde estava mais em falta do que ele, quando se achava irritado e mal-humorado. Havia um tom geral de alegria forçada na carta, como Margaret notou depois, mas no momento sua atenção foi tomada pelas exclamações de Edith.

– Chegando à cidade! Oh, céus! E eu estou tão abatida com esse calor que não acredito que eu tenha força suficiente em mim para um outro jantar. Além disso, todo mundo viajou, menos nossas queridas pessoas estúpidas, que não conseguem resolver para onde ir. Não haveria ninguém para encontrá-lo.

– Tenho certeza que ele prefere muito mais vir jantar conosco completamente sozinho, do que com os estranhos mais agradáveis que você conseguisse juntar. Além disso, se ele não está bem de saúde, não vai querer convites. Estou feliz que tenha se permitido isso, afinal. Eu tinha certeza de que ele estava doente só pelo tom das suas cartas, e ainda assim ele não me respondeu quando eu lhe perguntei, e não tenho uma terceira pessoa a quem eu possa pedir notícias.

– Ah! Ele não deve estar tão doente, ou não pensaria na Espanha.

– Ele nunca mencionou a Espanha.

– Não! Mas o plano que ele pretende propor evidentemente se relaciona com isso. Mas você realmente iria, com um tempo como este?

– Oh! Vai ficar mais frio a cada dia. Sim! Pense nisso! Só tenho medo de ter pensado e desejado demais – daquele modo voluntarioso e arreatado que seguramente traz decepção – ou então gratificada, ao pé da letra, enquanto o espírito não sente prazer algum.

– Mas isso é superstição, tenho certeza, Margaret.

– Não, eu não acho que seja. Só que deveria me advertir, e evitar que eu me entregue a tais desejos apaixonados. É uma espécie de “Dá-me filhos, senão eu morro.” Temo que meu grito seja “Deixe-me ir para Cádiz, senão eu morro.”

– Minha querida Margaret! Você vai ser persuadida a ficar por lá, e então o que farei? Ah! Eu queria encontrar alguém para você se casar aqui, assim poderia ter certeza de contar com você!

– Eu nunca me casarei.

– Bobagem e bobagem em dobro! Porque, como Sholto diz, você é uma tal atração para a casa, que ele nunca conheceu tantos homens que ficariam alegres de visitar-nos aqui no ano que vem só por sua causa.

Margaret ergueu-se com altivez.

– Sabe, Edith, eu às vezes acho que a sua vida em Corfu lhe ensinou...

– O quê?

– Uma ou duas formas de grosseria.

Edith começou a soluçar com tanta amargura e a declarar com tanto ardor que Margaret havia perdido todo seu amor por ela, e não a via mais como uma amiga, que Margaret chegou a pensar que havia sido muito dura ao expressar sua opinião, para o alívio do seu próprio orgulho ferido, e terminou por ser a escrava de Edith pelo resto do dia – enquanto aquela bela dama, abalada pelo sentimento ferido, deitou-se como uma vítima no sofá, ocasionalmente dando um suspiro profundo, até que afinal dormiu.

Mr. Bell não apareceu nem sequer no dia em que pela segunda vez adiou sua visita. Na manhã seguinte chegou uma carta de Wallis, seu criado, dizendo que seu patrão não estava se sentindo bem há algum tempo, que fora a verdadeira razão para adiar a viagem. E que, no momento exato em que deveria ter partido para Londres, havia sido acometido por uma apoplexia. Na verdade, Wallis acrescentou, a opinião dos médicos era de que ele não deveria sobreviver àquela noite, e era bastante provável que, quando Miss Hale recebesse esta carta, o seu pobre patrão não existisse mais.

Margaret recebeu esta carta durante o café da manhã, e ficou muito pálida ao lê-la. Em seguida, colocando a carta silenciosamente nas mãos de Edith, deixou a sala.

Edith ficou terrivelmente chocada ao ler, e começou a chorar de modo amedrontado e infantil, para grande angústia do marido. Mrs. Shaw estava tomando o café em seu próprio quarto, e recaiu sobre ele a tarefa de reconciliar a esposa ao contato próximo em que ela parecia ter estado com a morte, pela primeira vez que ela pudesse se lembrar em sua vida. Ali estava um homem que devia ter jantado com eles esta noite, morto ou então morrendo! Foi só algum tempo depois que ela se lembrou de Margaret. Teve um sobressalto, e correu escada acima até o seu quarto. Dixon estava empacotando alguns artigos de toalete, e Margaret estava colocando o chapéu apressadamente, derramando lágrimas o tempo todo, enquanto as mãos tremiam tanto que ela mal conseguia amarrar as fitas.

– Oh, Margaret querida! Que coisa chocante! O que você está fazendo? Você está saindo? Sholto pode telegrafar ou fazer qualquer coisa que você queira.

– Eu vou para Oxford. Há um trem saindo em meia hora. Dixon se

ofereceu para ir comigo, mas eu poderia ter ido sozinho. Eu tenho que vê-lo novamente. Além disso, ele pode estar melhor e precisar de cuidados. Ele foi como um pai para mim. Não me detenha, Edith.

– Mas eu devo. Mamãe não gostaria nem um pouco disso. Venha, Margaret, vamos consultá-la sobre o assunto. Você nem sabe para onde está indo. Eu não me importaria se ele tivesse sua própria casa, mas nos apartamentos da universidade! Venha ver a mamãe e fale com ela antes de ir. Não levará um minuto.

Margaret cedeu, e perdeu o trem. Por ser algo tão repentino, Mrs. Shaw ficou desnordeada e histérica, e assim um tempo precioso passou. Mas havia outro trem em um par de horas, e depois de várias discussões sobre o que era apropriado ou inapropriado, ficou decidido que o Capitão Lennox deveria acompanhar Margaret, pois a única coisa em que ela se mantinha firme era na sua decisão de ir, sozinha ou de outra forma, pelo próximo trem, não importa o que fosse dito sobre o decoro ou a impropriedade dessa atitude. O amigo do seu pai, o seu próprio amigo, estava às portas da morte. Esse pensamento a atingiu com tal intensidade, que ela mesma ficou surpresa com a firmeza com que insistiu em seu direito à independência de ação. E cinco minutos antes da hora de partir, ela se achou sentada em um vagão de trem em frente ao Capitão Lennox.

Era sempre um consolo para ela pensar que tinha ido, embora fosse só para ouvir que ele tinha morrido durante a noite. Ela viu os aposentos que ele tinha ocupado e associou-os desde então ternamente em sua memória com a ideia do pai, e seu único amigo querido e fiel.

Antes de partir eles tinham prometido a Edith que, se tudo houvesse terminado como eles temiam, voltariam para o jantar. Assim, aquela visita longa e vagarosa ao quarto onde o pai havia morrido teve que ser interrompida, e Margaret despediu-se em silêncio do rosto velho e bondoso de Mr. Bell, que tantas vezes lhe viera com palavras amáveis e sátiras alegres e excêntricas.

Capitão Lennox dormiu na viagem de volta para casa. Margaret podia chorar à vontade, e refletir sobre este ano fatal, e todas as desgraças que havia lhe trazido. Mal ela tomava plena consciência de uma perda e outra chegava – não para substituir a sua tristeza anterior, mas para reabrir feridas e sentimentos mal curados. Mas ao som das vozes ternas da sua tia e de Edith, da alegria do pequeno Sholto à sua chegada, e à vista dos quartos bem iluminados, com suas senhoras tão belas em sua palidez e seu interesse ansioso e triste, Margaret despertou do seu transe pesado de desesperança quase supersticiosa e começou a sentir que, mesmo ao seu redor, a alegria e a felicidade poderiam se reunir. Ela tomou o lugar de Edith no sofá. Sholto foi ensinado a levar a xícara de chá com muito cuidado para a tia Margaret. E na hora em que subiu para se vestir, Margaret já podia agradecer a Deus por ter poupado seu velho amigo querido de uma doença longa e dolorosa.

Mas quando veio a noite – e noite solene, toda a casa estava em silêncio – Margaret ainda ficou olhando a beleza de um céu de Londres a tal hora, e em

tal noite de verão, e o reflexo rosado das luzes terrenas nas nuvens macias que flutuavam calmamente para o luar pálido, longe da morna escuridão que se estendia imóvel ao redor do horizonte. O quarto de Margaret tinha sido o berçário na sua infância, justo quando emergia a mocidade, e quando os sentimentos e a consciência foram primeiro despertados para sua completa atividade. Em alguma noite como esta, ela se lembrou de prometer a si mesma viver uma vida tão corajosa e nobre quanto qualquer heroína de romance que ela já lera ou ouvira falar, uma vida *sans peur et sans reproche* – sem medo e sem mácula. Parecia-lhe, então, que bastava apenas desejar, e uma vida assim se realizaria. E agora ela tinha aprendido que não apenas desejar, mas também rezar, era uma condição necessária ao verdadeiro heroísmo. Confiando em si mesma, ela tinha caído. Era uma consequência justa do seu pecado, que todas as desculpas para ele, toda a sua tentação, deveriam permanecer para sempre desconhecidas para a pessoa em cuja opinião ela havia descido até o ponto mais baixo. Margaret ficou frente a frente, finalmente, com seu pecado. Ela o conhecia pelo que era. O bondoso sofisma de Mr. Bell, de que quase todos os homens eram culpados de ações equivocadas, e que o motivo enobrecia o mal, nunca teve muito peso sobre ela. Seu próprio pensamento de que, se soubesse de tudo, ela poderia ter dito a verdade sem medo, parecia baixo e pobre. Não, mesmo agora, a ansiedade de ter seu caráter de verdade parcialmente desculpado aos olhos de Mr. Thornton, como Mr. Bell havia prometido fazer, era uma consideração muito pequena e insignificante, agora que ela fora novamente ensinada pela morte sobre o que a vida devia ser. Se todo mundo falava, agia ou silenciava com a intenção de enganar – se os interesses mais caros estavam em jogo, e as vidas mais queridas em perigo – se ninguém deveria saber da sua verdade ou falsidade para medir a sua honra ou seu desprezo por ela, inteiramente sozinha como estava, na presença de Deus, ela rezava para que tivesse forças para falar e agir com verdade para todo o sempre.

CAPÍTULO 49

TRANQUILIDADE

“E pela praia ensolarada ela passeia devagar,
Com muitas pausas de dúvida pelo caminho;
A tristeza tem uma influência tão silenciosa e sagrada.”
Hood

– Margaret não é a herdeira? – Edith sussurrou ao marido, quando estavam em seu quarto, à noite, após a triste viagem para Oxford.

Ela abaixou a cabeça e ficou na ponta dos pés, e lhe implorou que não ficasse chocado, antes de se aventurar a fazer essa pergunta. No entanto, Capitão Lennox estava totalmente no escuro – se alguma vez ouvira falar disso, ele havia esquecido. Um membro de uma pequena faculdade não podia ter uma renda muito alta. Mas ele nunca quis que ela pagasse pela sua manutenção, e duzentas e cinquenta libras por ano eram algo ridículo, considerando que ela não tomava vinho. Edith firmou-se sobre os pés, um pouco mais triste, como um romance que acaba mal.

Uma semana depois, ela dirigiu-se com arrogância ao marido, fazendo uma profunda reverência:

– Eu estava certa e você estava errado, meu nobre Capitão. Margaret recebeu uma carta de um advogado, e ela é a herdeira residual. Os legados são de cerca de duas mil libras, e o restante em torno de quarenta mil, o valor atual da propriedade de Milton.

– Realmente! E como ela reagiu a uma sorte tão grande?

– Oh, parece que ela sabia desde o começo, só não tinha ideia de que fosse tanto. Ela parece muito pávida e descorada, e diz que está com medo, mas isso é tolice, você sabe, e logo vai passar. Deixei mamãe se derramando em parabéns, e saí escondida para lhe contar.

Parecia ser consenso geral que a coisa mais natural do mundo seria considerar Mr. Lennox, de agora em diante, como consultor jurídico de Margaret. Ela era tão completamente ignorante de todas as formas de negócios que tinha que recorrer a ele para quase tudo. Ele escolheu seu advogado e trouxe-lhe os documentos para serem assinados. Mr. Lennox nunca foi tão feliz como quando lhe ensinava todos esses mistérios da lei representados por tipos e sinais.

– Henry – disse Edith, um dia, maliciosamente. – Você sabe como eu desejo e espero que terminem todas essas longas conversas com Margaret?

– Não, eu não sei – disse ele, corando. – E desejo que você não me diga.

– Oh! Muito bem. Então não preciso dizer a Sholto para não convidar Mr. Montagu com tanta frequência à nossa casa.

– Como você preferir – disse ele, com frieza forçada. – O que você está

pensando pode ou não acontecer, mas desta vez, antes de me comprometer, espero ver o caminho livre. Convide quem quiser. Pode não ser muito educado, Edith, mas se você se intrometer nisso vai estragar tudo. Há muito tempo que ela vem me tratando com bastante desconfiança, e só agora está começando a abrandar um pouco as suas maneiras de Zenóbia. Ela tem a estrutura de uma Cleópatra, caso fosse só um pouco mais pagã.

– Da minha parte – disse Edith, um tanto maliciosa – estou bem contente que ela seja uma cristã. Eu conheço tão poucos!

Não houve Espanha alguma para Margaret naquele outono, embora até o fim ela esperasse que alguma ocasião afortunada levasse Frederick a Paris, onde ela poderia facilmente tê-lo encontrado com um comboio. Em vez de Cádiz, ela teve que se contentar com Cromer. Sua tia Shaw e os Lennox estavam presos ali. Eles desejaram que ela os acompanhasse desde o início, e, por conseguinte, com o caráter que possuíam, fizeram esforços apenas moderados para levar adiante o próprio desejo de Margaret, diferente do seu. Talvez Cromer fosse o melhor para ela, em determinado sentido. Margaret precisava estimular e fortalecer seu organismo, além de descansar.

Entre outras esperanças desaparecidas, estava a esperança – a confiança que ela tivera – de que Mr. Bell iria contar a Mr. Thornton as simples circunstâncias familiares que haviam precedido o acidente infeliz que conduziu à morte de Leonards. Qualquer opinião – mesmo diferente daquela que Mr. Thornton tivera uma vez – ela desejava que fosse baseada em uma verdadeira compreensão do que ela havia feito, e por que havia feito. Teria sido um prazer para ela. Teria lhe dado descanso em um ponto sobre o qual ela deveria agora passar toda a sua vida inquieta, a menos que estivesse em seu poder não pensar nisso. Já se passara tanto tempo dessas ocorrências, que não havia nenhum modo possível de explicá-las, a não ser aquele que se perdera com a morte repentina de Mr. Bell. Devia apenas submeter-se a ser mal interpretada, como muitos outros. Mas, embora se persuadisse a acreditar que o seu destino não era incomum, seu coração não doía menos com o desejo de que algum dia – anos e anos à frente – antes que ele morresse, de qualquer modo, ele soubesse o quanto ela tinha sido tentada. Ela achou que não precisava que fosse tudo explicado a ele, se ao menos pudesse ter certeza de que ele saberia. Mas esse desejo era ilusório, como tantos outros. E quando ela conseguiu se educar nessa convicção, voltou-se com todo o seu coração e as suas forças para a vida que se estendia imediatamente à sua frente, e resolveu se esforçar e fazer o melhor com o que tinha.

Margaret costumava sentar-se por longas horas na praia, contemplando atentamente as ondas que se debatiam em movimento perpétuo contra as pedras da costa – ou olhava para uma elevação mais distante, que brilhava contra o céu, e ouvia, sem ter consciência disso, o salmo eterno que subia continuamente. Ela estava aliviada, sem saber como nem porquê. Ficou sentada ali no chão, distraída, as mãos rodeando os joelhos, enquanto sua tia Shaw fazia algumas compras, e Edith e o Capitão Lennox andavam bem longe, pela costa e o interior. As amas, vagando por ali em suas obrigações, passavam e tornavam a passar por ela, perguntando-se em sussurros o que ela poderia achar para olhar por tanto tempo, dia após dia. E quando a família se reuniu na hora do jantar, Margaret estava tão silenciosa e absorta que Edith achou-a aparvalhada, e saudou com grande entusiasmo a proposta do seu marido de que Mr. Henry Lennox fosse convidado a passar uma semana em Cromer, no seu retorno da Escócia em

outubro.

Todo esse tempo para pensar, porém, permitiu que Margaret colocasse os acontecimentos em seus devidos lugares, quanto a origem e importância, e no que se referia tanto à sua vida passada como ao seu futuro. Essas horas junto ao mar não eram perdidas, como qualquer um poderia ter visto, se tivesse a percepção para ler, ou o cuidado para entender, a expressão que o rosto de Margaret adquiria gradualmente. Mr. Henry Lennox ficou extremamente espantado com a mudança.

– O mar fez um imenso bem à Miss Hale, imagino – disse ele, na primeira vez que ela deixou a sala após a chegada dele ao círculo familiar. – Ela parece dez anos mais jovem do que parecia em Harley Street.

– É o chapéu que comprei para ela! – disse Edith, triunfante. – Soube que lhe ficaria bem no momento em que o vi.

– Peço seu perdão – disse Mr. Lennox, no tom meio depreciativo, meio indulgente, que ele usava geralmente com Edith. – Mas eu creio que sei a diferença entre o encanto de um traje e o encanto de uma mulher. Nenhum simples chapéu teria tornado os olhos de Miss Hale tão brilhantes e ainda assim tão suaves, ou seus lábios tão maduros e vermelhos – e seu rosto tão luminoso e cheio de paz. Ela parece, em maior grau ainda – ele baixou a voz – a Margaret Hale de Helstone.

A partir desse momento, aquele homem inteligente e ambicioso dirigiu todas as suas forças para conquistar Margaret. Ele amou sua doce beleza. Viu o movimento latente da sua mente, que poderia ser levada com facilidade (ele pensou) a abraçar todos os objetivos nos quais ele tinha colocado seu coração. Olhava para a sua fortuna apenas como uma parte do caráter completo e soberbo dela própria e de sua posição. Ainda assim, tinha plena consciência da ascensão que isso imediatamente possibilitaria a ele, o advogado pobre. Eventualmente, ele obteria tal sucesso e tal honra, que lhe permitiria pagar-lhe de volta, com juros, esse primeiro adiantamento de fortuna que deveria a ela. Ele estivera em Milton, tratando de negócios relacionados com a propriedade de Margaret, no seu retorno da Escócia. E com o olho rápido de um advogado qualificado, pronto para considerar e pesar contingências, tinha visto que um grande valor adicional estava sendo acrescido anualmente às terras e moradias que ela possuía naquela cidade próspera e crescente. Mr. Lennox estava contente de ver que a relação presente entre Margaret e ele, de cliente e consultor jurídico, estava substituindo aos poucos a lembrança daquele dia azarado e equivocado em Helstone. Ele tinha assim oportunidades incomuns de manter um relacionamento mais estreito com ela, além daquelas que surgiam da ligação entre as famílias.

Margaret estava muito disposta a ouvir desde que ele falasse de Milton, embora ele não tivesse visto nenhuma das pessoas a quem ela conhecia mais especialmente. O tom com que a tia e a prima haviam falado de Milton era de aversão e desprezo, justo os mesmos sentimentos que Margaret tinha vergonha de lembrar que havia expressado e sentido na primeira vez que viu a cidade, quando foi viver lá. Mas Mr. Lennox quase excedeu Margaret na sua apreciação do caráter de Milton e de seus habitantes. Sua energia, seu poder, sua coragem indomável para lutar e combater, sua vivacidade brilhante na vida, cativaram e prenderam sua atenção. Ele não se cansava de falar sobre eles, e nunca havia percebido quão egoístas e materiais eram muitos dos fins a que eles se

propunham, como resultado de todo o seu esforço poderoso e incansável, até que Margaret, mesmo em meio à sua satisfação, teve a sinceridade de mostrar isso como a mancha do pecado, entre tantas coisas nobres e dignas de admiração. E então, quando outros assuntos a cansaram, e ela não deu senão respostas curtas para muitas questões, Henry Lennox descobriu que algumas perguntas sobre a peculiaridade do caráter do Darkshire traziam de volta a luz aos seus olhos e o brilho ao seu rosto.

Quando eles voltaram para a cidade, Margaret cumpriu uma de suas resoluções à beira-mar, e tomou sua vida em suas próprias mãos. Antes de ir para Cromer, ela tinha sido tão dócil com as normas da tia como se ainda fosse a pequena estranha assustada que chorou até dormir naquela primeira noite no berçário de Harley Street. Mas ela aprendera, naquelas horas solenes de reflexão, que ela mesma teria um dia que responder por sua própria vida, e pelo que fizesse com ela, e tentou resolver o problema mais difícil para as mulheres, o quanto devia ser inteiramente concedido para a obediência à autoridade e o quanto poderia ser reservado para a liberdade de movimento. Mrs. Shaw era tão bem humorada quanto poderia ser, e Edith tinha herdado essa qualidade familiar encantadora. A própria Margaret provavelmente tinha o pior temperamento das três, pois sua percepção rápida e imaginação viva a faziam precipitada, e o isolamento precoce da compaixão a fizera orgulhosa. Mas ela tinha uma doçura pueril de coração indescritível, que tornava os seus modos, mesmo nos seus raros acessos de teimosia, irresistíveis aos mais velhos. E agora, castigada até mesmo pelo que o mundo chamava de sua boa sorte, ela encantou a tia relutante para concordar com a sua vontade. Assim Margaret ganhou o reconhecimento do seu direito de seguir suas próprias ideias de dever.

– Só não seja decidida demais – implorou Edith. – Mamãe quer que você tenha o seu próprio criado, e estou certa que será muito bem-vinda, pois eles são umas pragas. Só para me agradar, querida, não se torne decidida demais, é a única coisa que eu peço. Criado ou não criado, não seja cabeça dura.

– Não tenha medo, Edith. Vou desmaiar em suas mãos durante o jantar dos criados, na primeira oportunidade. E então, com o Sholto brincando com o fogo, e o bebê chorando, você começará a implorar por uma mulher bem decidida, capacitada para qualquer emergência.

– E você não se achará boa demais para brincar e ser alegre?

– Não eu. Serei mais alegre do que jamais fui, agora que tenho minha própria maneira.

– E você não será só uma silhueta, mas me deixará comprar seus vestidos para você?

– Na verdade, eu pretendo comprá-los. Você poderá vir comigo, se quiser, mas ninguém pode me agradar senão eu mesma.

– Oh! Eu estava com medo que fosse se vestir de marrom e cor de poeira, para não mostrar a sujeira que você vai pegar em todos esses lugares. Fico feliz que você vai manter uma ou duas vaidades, só como exemplar do velho Adão.

– Eu vou ser a mesma pessoa, Edith, se você e minha tia puderem apenas imaginar isso. Só que, como não tenho marido nem filho para me trazer deveres naturais, terei que providenciar alguns, além de encomendar meus

vestidos.

No conclave familiar, que era composto de Edith, sua mãe e seu marido, ficou decidido que talvez todos esses planos de Margaret só fariam garanti-la ainda mais para Henry Lennox. Mantiveram-na fora do caminho de outros amigos que pudessem ter filhos ou irmãos elegíveis, e também concordaram que ela nunca parecia ter muito prazer na companhia de ninguém a não ser Henry, fora sua própria família. Os outros admiradores, atraídos por sua aparência ou pela reputação da sua fortuna, foram varridos para longe pelo seu desdém sorridente inconsciente – para os caminhos frequentados por outras beldades menos exigentes, ou outras herdeiras com uma quantia maior de ouro. Henry e ela lentamente se tornaram mais íntimos, mas nem ele nem ela eram pessoas que dessem a menor pista sobre as suas atitudes.

CAPÍTULO 50

MUDANÇAS EM MILTON

“Aqui nós vamos, para cima, para cima, para cima;
E aqui nós vamos, para baixo, para baixo, para baixoooo!”
Canção de Ninar

Enquanto isso, em Milton, as chaminés fumegavam. O rugido incessante, o ritmo poderoso e o giro vertiginoso das máquinas, continuavam na sua luta e esforços perpétuos. A madeira, o ferro e o vapor não tinham sentido nem propósito em seu trabalho infundável. Mas a persistência do seu trabalho monótono era igualada em resistência incansável pelas multidões vigorosas que, com sentido e com propósito, estavam ocupadas e inquietas em busca de... De quê? Nas ruas havia poucos desocupados – nenhum caminhando por mero prazer. O rosto de cada homem era marcado por linhas de ansiedade ou ímpeto. Procuravam-se notícias com avidez feroz, e os homens empurravam uns aos outros no Mart e no Exchange, como faziam na vida, no egoísmo profundo da concorrência. A cidade estava sombria. Poucos vinham para comprar, e aqueles que o faziam eram olhados com suspeita pelos vendedores, pois o crédito era inseguro, e até os mais estáveis podiam ter suas fortunas afetadas pela crise que se instalara entre as casas de remessa, no grande porto vizinho. Até agora não houvera nenhuma falência em Milton, mas, desde as imensas especulações que tinham vindo à tona fazendo um estrago na América, e até mais perto de casa, ficou se sabendo que algumas casas de negócios de Milton deveriam sofrer tão severamente que todos os dias os rostos dos homens se perguntavam, se as línguas não o faziam – Quais são as notícias? Quem fechou? Como isso me afetará? E se dois ou três deles conversavam, preferiam falar nos nomes daqueles que estavam a salvo do que se atrever a especular sobre aqueles que provavelmente tinham se ido. Pois respirar lentamente, em tempos como estes, podia causar a queda de alguns que de outra forma resistiriam à tempestade. E cada um que cai arrasta muitos atrás de si. “Thornton está seguro” eles diziam. “Seu negócio é grande, e aumenta a cada ano. Mas uma cabeça como a dele... e tão prudente, com toda a sua ousadia!” Então um homem chama outro à parte, e se afasta um pouco, e com a cabeça inclinada ao ouvido do seu vizinho, diz “O negócio de Thornton é grande, mas ele gastou seus lucros aumentando-o, e não tem nenhum capital guardado. A maquinaria dele foi toda renovada nos últimos dois anos e lhe custou – não vamos dizer o quê! – não há palavra para isso! Mas aquele Mr. Harrison era um charlatão, um homem que herdou a fortuna que o pai ganhou no comércio – e que tinha medo de perder, por isso alterou seu modo de negócio para qualquer um que lhe desse maior lucro. E ainda assim tinha inveja de todo centavo ganho por outros mais ousados e de visão mais larga.”

Mas a verdade era que Mr. Thornton sofreu uma dura pressão. Sentiu isso intensamente no seu ponto mais vulnerável – seu orgulho do caráter comercial que ele tinha estabelecido para si mesmo. Arquiteto do seu próprio sucesso, ele não atribuía isso a nenhum mérito ou qualidade própria especial, mas ao poder – que ele acreditava que o comércio dava a cada homem corajoso,

honesto e perseverante – de elevar-se a um nível de onde ele poderia ver e interpretar o grande jogo do sucesso mundano, e com honestidade, através de tal clarividência, comandar mais poder e influência do que em qualquer outro modo de vida. Longe dali, no Oriente e no Ocidente, onde sua pessoa jamais seria conhecida, seu nome devia ser considerado, e seus desejos realizados, e sua palavra aceita como ouro. Esta era a ideia da vida de comerciante com que Mr. Thornton tinha iniciado. “Seus comerciantes eram como príncipes” disse sua mãe, lendo o texto em voz alta, como se fosse uma trombeta chamando seu filho para a luta. Ele não era diferente de muitos outros – homens, mulheres e crianças – vivo para o que estava distante, e morto para as coisas próximas. Ele procurava que seu nome fosse influente em países estrangeiros e mares distantes – tornar-se o criador de uma empresa que deveria ser conhecida por gerações. E levou longos anos meditando para chegar apenas a um vislumbre do que poderia ser agora, hoje, aqui na sua própria cidade, na sua própria fábrica, entre sua própria gente. Ele e eles tinham levado vidas paralelas – muito próximas, mas sem nunca se tocarem – até o acaso (ou assim parecia) do seu relacionamento com Higgins. Uma vez colocado frente a frente, de homem para homem, com um indivíduo das massas ao seu redor, e (ele notou) fora do caráter de patrão e empregado, cada um deles começou primeiro a reconhecer que “todos nós temos um coração humano.” Era a ponta fina da cunha. E até agora, quando o receio de perder a sua ligação com dois ou três dos trabalhadores a quem ele tinha começado a conhecer como homens há tão pouco tempo – de ter um plano ou dois, que eram experiências muito caras ao seu coração, rudemente descartadas sem qualquer tentativa – dava uma pungência nova ao medo sutil que se apoderava dele de vez em quando – até agora, ele nunca tinha reconhecido o quanto era grande e profundo o interesse que tinha começado a sentir ultimamente pela sua posição de industrial, simplesmente porque o punha em contato tão próximo, e lhe dava a oportunidade de tanto poder sobre uma raça de pessoas estranhas, astutas, ignorantes, mas, acima de tudo, cheias de caráter e da força do sentimento humano.

Ele reviu sua posição como industrial de Milton. A greve de um ano e meio atrás – ou mais, pois o tempo agora era de inverno tardio, no final de primavera – aquela greve, quando ele era jovem, e ele agora estava velho – havia impedido que entregasse algumas das grandes encomendas que tinha em mãos na ocasião. Ele havia empatado uma boa parte do seu capital em máquinas novas e caras, e também tinha comprado um grande estoque de algodão, para cumprir essas encomendas feitas sob contrato. Que ele não tenha sido capaz de cumprir-las se devia, em algum grau, à absoluta falta de habilidade da mão de obra irlandesa que ele tinha importado. Muito do seu trabalho era danificado, e impróprio para ser enviado por uma casa que se orgulhava de produzir apenas artigos de primeira categoria. Por muitos meses, o constrangimento causado pela greve tinha sido um obstáculo no caminho de Mr. Thornton. E muitas vezes, quando seus olhos caíam sobre Higgins, ele podia falar duramente com ele sem qualquer motivo aparente, só de sentir o quanto era sério o dano que tinha surgido desse caso no qual ele estava implicado. Mas quando tomou consciência desse ressentimento súbito, rápido, resolveu refreá-lo. Não lhe bastava evitar Higgins, ele devia se convencer de que era patrão acima da sua própria raiva, sendo particularmente cuidadoso em permitir o acesso de Higgins a ele, sempre que as regras rígidas dos negócios ou o tempo de Mr. Thornton o permitissem. E, pouco a pouco, ele perdeu todo o ressentimento, ao perguntar-se como era, ou poderia ser, que dois homens como ele e Higgins, vivendo do mesmo negócio,

trabalhando cada um à sua maneira para o mesmo objetivo, podiam olhar para a posição e os deveres do outro de um modo tão diferente e estranho. E então surgiu aquele relacionamento que, embora não tivesse o efeito de prevenir qualquer conflito futuro de opinião ou de ação quando a ocasião surgisse, permitiria, de qualquer modo, que tanto o patrão quanto o empregado olhassem um para o outro com muito mais caridade e simpatia, e suportassem um ao outro com mais paciência e gentileza. Além desta melhoria de sentimentos, tanto Mr. Thornton quanto seus trabalhadores descobriram sua ignorância quanto a assuntos triviais, conhecidos até então de um lado, mas não do outro.

Mas agora viera um daqueles períodos de maus negócios, quando o mercado em queda derrubava o valor de todos os grandes estoques. O de Mr. Thornton caiu para quase metade. Nenhuma encomenda chegava, assim ele perdeu os juros do capital que aplicara em maquinário. Na verdade, era difícil obter o pagamento dos pedidos concluídos, e ainda havia o gasto constante com as despesas de funcionamento da empresa. Em seguida vieram as contas do algodão que ele tinha comprado, e, com o dinheiro escasso, ele só conseguia empréstimos com taxas exorbitantes, e ainda assim não conseguia transformar em dinheiro nenhum dos seus bens. Mas ele não se desesperou, esforçou-se dia e noite para antecipar e prever todas as situações de emergência. Era tão calmo e gentil como sempre com as mulheres da casa. Não falava muito com os trabalhadores em sua fábrica, mas a esta altura eles já o conheciam bastante bem. E muitas respostas curtas e decididas foram recebidas por eles – mais com simpatia pelas preocupações que eles percebiam que o estavam pressionando, do que com o antagonismo reprimido que antigamente estava latente, e pronto para palavras duras e julgamentos duros em todas as ocasiões. “O patrão está um bocadinho chateado” disse Higgins, um dia, quando ouviu as perguntas curtas e secas de Mr. Thornton sobre por que tal ordem não havia sido obedecida, e percebeu o som do suspiro reprimido que ele deu ao passar por uma sala onde alguns dos homens estavam trabalhando. Higgins e outro homem trabalharam por horas naquela noite, sem ninguém saber, para completar o trabalho que fora negligenciado. E Mr. Thornton soube apenas que o supervisor, a quem ele tinha dado a ordem em primeiro lugar, tinha feito o trabalho ele mesmo.

“Ah! Acho que sei quem haveria de ficar triste ao ver nosso patrão sentado igual a um pedaço de algodão cinzento! O velho pároco teria se afligido até o fundo do coração, se tivesse visto a expressão angustiada que eu vi na face do patrão” pensava Higgins, um dia, quando se aproximava de Mr. Thornton na Fábrica Marlborough.

– Patrão – disse ele, parando seu empregador em sua caminhada rápida e resoluto, e fazendo com que aquele cavalheiro o olhasse com súbito aborrecimento, como se os seus pensamentos estivessem muito distantes.

– O senhor ouviu algo de Miss Marget ultimamente?

– Miss... quem? – respondeu Mr. Thornton.

– Miss Marget... Miss Hale. A filha do velho clérigo... o senhor sabe bem de quem estou falando, se pensar só um pouquinho... (não havia nada de desrespeitoso no tom em que isso foi dito).

– Oh, sim!

E de repente, o olhar frio e severo de preocupação deixou o rosto de Mr. Thornton, como se algum suave vento de verão tivesse soprado toda a ansiedade

para longe da sua mente, e apesar da sua boca estar tão comprimida quanto antes, seus olhos sorriram agradavelmente a esta pergunta.

– Ela é a minha senhoria agora, você sabe, Higgins. Eu ouço falar dela pelo seu agente aqui, de vez em quando. Ela está bem e entre amigos... Obrigado, Higgins.

Esse “obrigado”, que veio hesitante depois das outras palavras, e ainda assim veio com tanto calor de sentimento, deu uma nova luz ao perspicaz Higgins. Podia ser apenas um fogo-fátuo, mas ele pensou que iria segui-lo e averiguar até onde o levaria.

– E ela não se casou, patrão?

– Ainda não – o rosto estava sombrio mais uma vez. – Existe alguma conversa a respeito, segundo eu entendi, com alguém ligado à família.

– Então ela não vai vir novamente a Milton, eu acho.

– Não!

– Espere um minuto, patrão.

E aproximando-se confidencialmente, disse:

– O jovem cavalheiro foi absolvido? – e reforçou a profundidade do seu conhecimento com uma piscadela, o que só tornou as coisas mais misteriosas para Mr. Thornton. – O jovem cavalheiro, quero dizer... O jovem Frederick, como eles o chamam, o irmão dela que uma vez esteve aqui, o senhor sabe.

– Esteve aqui...

– Sim, com certeza, quando a senhora morreu. O senhor não precisa ter medo do que estou contando, pois Mary e eu, nós sabemos disso desde o início, só não dissemos nada porque soubemos disso quando Mary trabalhava na casa.

– E ele esteve aqui. E era o seu irmão!

– Com certeza, e eu achei que o senhor sabia disso, ou então nunca teria falado. O senhor sabia que ela tinha um irmão?

– Sim, eu sei tudo sobre ele. E ele estava aqui quando Mrs. Hale morreu?

– Não! Eu não vou falar mais nada. Eu talvez já tenha causado algum prejuízo, pois eles mantiveram isso em segredo. Eu só queria saber se eles conseguiram inocentá-lo?

– Não que eu saiba. Eu não sei de nada. Só ouço falar de Miss Hale agora como minha senhoria, e pelo seu advogado.

Ele separou-se de Higgins, para seguir o negócio no qual estava envolvido quando o empregado o abordou, deixando Higgins frustrado em sua tentativa.

“Era o irmão dela” dizia Mr. Thornton para si mesmo. “Estou contente. Posso não vê-la nunca mais, mas é um consolo – um alívio – saber disso. Eu sabia que ela não poderia ser impura, e ainda assim ansiei por uma prova. Agora estou contente!”

Foi um pequeno fio de ouro que atravessou a teia escura do seu destino atual, que se tornava cada vez mais sombrio e mais lúgubre. Seu agente tinha confiado amplamente em uma empresa de comércio americana, que falira,

junto com várias outras, justo nessa época. Era como um castelo de cartas, a queda de uma levava a outras falências. Quais eram os compromissos de Mr. Thornton? Ele poderia aguentar?

Noite após noite ele levava livros e documentos para o seu próprio quarto, e sentava-se lá por muito tempo depois da família ter ido para a cama. Mr. Thornton achava que ninguém sabia dessa ocupação das horas que ele deveria usar para dormir. Certa manhã, quando a luz do dia se infiltrava pelas fendas das janelas do seu quarto, e ele nem sequer se deitara, e, na indiferença desesperadora de espírito, estava pensando no que poderia fazer sem uma ou duas horas de descanso, que era tudo o que ele era capaz de se permitir antes que a agitação do trabalho diário começasse outra vez – a porta do quarto se abriu, e sua mãe parou ali, vestida como estava no dia anterior. Ela nunca renunciara ao sono, não mais do que ele. Seus olhos se encontraram. Seus rostos eram frios e rígidos, e pálidos, pela longa vigília.

– Mãe! Por que não está na cama?

– Meu filho John – disse ela – você pensa que posso dormir com a mente tranquila, enquanto você se mantém acordado e cheio de preocupações? Você não me disse qual é o problema, mas tem tido problemas difíceis há muitos dias.

– Os negócios vão mal.

– E você teme...

– Eu não temo nada – respondeu ele, levantando a cabeça e mantendo-a ereta. – Eu sei agora que ninguém será prejudicado por minha causa. Essa era a minha preocupação.

– Mas como vai suportar? Você... Vai haver uma falência? – sua voz firme tremia de forma inusitada.

– Não uma falência. Terei que fechar o negócio, mas pagarei todos os trabalhadores. Eu poderia me recuperar... Estou seriamente tentado...

– Como? Oh, John! Mantenha seu nome limpo... arrisque tudo para isso. Como você poderia se recuperar?

– Com uma especulação financeira que me ofereceram, cheia de riscos. Mas, se for bem sucedida, me colocaria acima da linha d'água, de modo que ninguém nunca precise saber da dificuldade em que estou. Se falhar, porém...

– Se falhar... – disse ela, avançando, e pondo a mão em seu braço, os olhos brilhando de ansiedade. Ela prendeu o fôlego para ouvir o fim da sua frase.

– Os homens honestos são arruinados por um patife – disse ele, com tristeza. – Do modo como estou agora, o dinheiro dos meus credores está seguro... cada centavo dele. Mas não tenho de onde tirar o meu próprio... pode ter acabado todo, posso estar sem dinheiro neste momento. Então, é o dinheiro dos meus credores que eu arriscaria.

– Mas se tiver sucesso, eles nunca precisariam saber. É uma especulação tão desesperada? Tenho certeza de que não é, ou você nunca teria pensado nisso. E se der certo...

– Eu seria um homem rico, e minha paz de espírito se acabaria!

– Por que? Você não teria prejudicado ninguém.

– Não, mas eu teria corrido o risco de arruinar muitos para o meu mero engrandecimento. Mãe, eu decidi! A senhora não sofrerá muito por termos que deixar esta casa, não é, querida mãe?

– Não! Mas você se tornar diferente do que é magoaria meu coração. O que pode fazer?

– Ser sempre o mesmo John Thornton, em quaisquer circunstâncias. Me esforçando para fazer o certo, e cometendo erros estúpidos. E então tentando ser corajoso e começando de novo. Mas é duro, mãe. Eu trabalhei e planejei tanto... Descobri forças novas nessa situação tarde demais... e agora tudo está acabado. Estou muito velho para começar tudo de novo com o mesmo coração. É duro, mãe.

Ele se afastou dela, e cobriu o rosto com as mãos.

– Eu não posso pensar – disse ela, em um tom de triste desafio – como isso aconteceu. Aqui está o meu menino – bom filho, homem justo, coração sensível – e ele falha em tudo que coloca na cabeça. Encontra uma mulher para amar, e ela se importa tanto com seu afeto como se ele fosse um homem qualquer. Ele trabalha, e o seu trabalho acaba em nada. Enquanto outras pessoas prosperam e ficam ricas, e mantêm seus nomes insignificantes inatacáveis e acima da vergonha.

– A vergonha nunca me tocou – disse ele, em tom baixo.

Mas ela continuou.

– Eu às vezes me pergunto para onde foi a justiça, e agora não acredito que haja tal coisa no mundo – agora que você chegou a isso. Você, o meu John Thornton! No entanto, eu e você poderemos mendigar juntos, meu querido filho!

Ela abraçou-o e beijou-o através das lágrimas.

– Mãe! – disse ele, segurando-a gentilmente nos braços. – Quem me deu tal destino na vida, para o bem e para o mal?

Ela sacudiu a cabeça. Não queria saber de religião nesse momento.

– Mãe – ele continuou, vendo que ela não iria falar – eu também fui rebelde, mas estou me esforçando para não ser mais assim. Ajude-me, como me ajudou quando eu era criança. A senhora disse muitas palavras boas então – quando meu pai morreu, e nós às vezes tínhamos pouquíssimos confortos – o que não vai acontecer agora. A senhora disse palavras corajosas, nobres, confiantes, mãe, das quais eu nunca esqueci, embora elas possam ter ficado adormecidas. Fale novamente comigo daquele modo, mãe. Não nos deixe pensar que o mundo endureceu demais os nossos corações. Se a senhora dissesse aquelas boas e velhas palavras, me faria sentir um pouco da simplicidade piedosa da minha infância. Eu as repito para mim, mas elas viriam diferentes da senhora, lembrando de todas as preocupações e provas que teve que suportar.

– Eu tive muitas – disse ela, chorando – mas nenhuma tão dolorosa quanto esta. Vê-lo expulso do seu lugar de direito! Eu poderia dizer isso de mim, John, mas não de você. Não de você! Deus achou justo ser muito duro com você, muito.

Ela tremia com os soluços, que vêm tão convulsivamente quando uma pessoa idosa chora. Ela afinal percebeu o silêncio ao seu redor, e aquietou-se para ouvir. Nenhum som. Olhou em volta. Seu filho sentava-se à mesa, os braços

estendidos sobre ela, a cabeça baixa.

– Oh, John! – ela disse, e ergueu o rosto do filho.

Ele tinha um olhar tão estranho, um pálido olhar de tristeza, que por um momento ela temeu que esse olhar fosse o precursor da morte. Mas, quando a rigidez abandonou seu semblante e a cor natural voltou, e ela viu que ele voltara a ser ele mesmo, todo seu sofrimento mundano naufragou diante da consciência da grande bênção que ele representava para ela, por sua simples existência. Ela agradeceu a Deus por isso, e só por isso, com um fervor que varreu todos os sentimentos rebeldes da sua mente.

Ele não falou logo, mas foi abrir as janelas, e deixou a luz avermelhada do amanhecer inundar o quarto. Mas o vento estava no leste, o tempo era de frio penetrante, como tinha sido durante semanas, e não haveria nenhuma demanda por produtos leves de verão este ano. Aquela esperança para o renascimento do comércio devia ser totalmente abandonada.

Era um grande conforto ter tido essa conversa com a mãe, e ter certeza de que, embora eles pudessem manter silêncio dali em diante sobre todas essas angústias, ainda entendiam os sentimentos um do outro e estavam, se não em harmonia, pelo menos não em discordância entre si, no seu modo de ver as coisas. O marido de Fanny ficou contrariado com a recusa de Thornton de ter qualquer participação na especulação que oferecera a ele, e voltou atrás de qualquer possibilidade de supostamente vir a ajudá-lo com dinheiro vivo, o qual, na verdade, o especulador precisava para os seus próprios negócios de risco.

Não havia motivo para isso, afinal, senão aquele que Mr. Thornton havia temido por várias semanas. Ele teve que renunciar ao negócio no qual esteve envolvido durante tanto tempo, com tanta honra e sucesso, e procurar uma colocação subalterna. A Fábrica Marlborough e as habitações adjacentes eram mantidas sob um contrato de arrendamento de longo prazo, e deviam, se possível, ser alugadas novamente. Imediatamente foram oferecidas várias propostas de trabalho a Mr. Thornton, entre as quais ele poderia escolher. Mr. Hamper teria ficado bastante feliz de tê-lo como um sócio firme e experiente para o filho, a quem ele estava estabelecendo com um grande capital em uma cidade vizinha. Mas o jovem era semieducado no tocante à informação, e completamente deseducado no que dizia respeito a qualquer outra responsabilidade que não fosse ganhar dinheiro, além de ser brutal, tanto nos prazeres quanto nas dores. Mr. Thornton recusou ter qualquer participação em uma sociedade que frustraria os seus poucos planos que haviam sobrevivido ao colapso da sua fortuna. Ele preferia ser apenas um administrador, onde pudesse ter um certo grau de poder além da mera questão financeira, do que cair sob os humores tirânico de um sócio endinheirado, com o qual ele certamente brigaria dentro de alguns meses.

Então ele esperou, e se colocou de lado com humildade profunda, quando se espalhou pelo Exchange a notícia da fortuna enorme que o seu cunhado tinha ganho com sua especulação ousada. Foi uma maravilha de nove dias. O sucesso trouxe com ele sua consequência mundana de admiração extrema. Ninguém era considerado tão sábio e perspicaz quanto Mr. Watson.

CAPÍTULO 51
REENCONTRO

“Aguenta, coração valente! Tranquilos e fortes seremos;
Por certo, dominar olhos, faces ou língua podemos,
A quem contar histórias não devemos dar guarida
Ela sempre foi, é e será querida.”
Jogo de Rimas

Era uma noite quente de verão. Edith entrou no quarto de Margaret, a primeira vez como era seu costume, e ninguém estava lá. Na segunda vez, já inteiramente vestida para o jantar, e encontrou Dixon colocando o vestido de Margaret sobre a cama. Mas nada de Margaret. Edith começou a se inquietar.

– Oh, Dixon! Não essas flores azuis horrendas com aquele vestido cor de ouro pálido. Que gosto! Espere um minuto e eu trarei algumas flores de romã para você.

– Não é cor de ouro pálido, senhora. É cor de palha. E o azul sempre combina com cor de palha.

Mas Edith já tinha trazido as flores vermelhas brilhantes, antes que Dixon chegasse à metade do seu protesto.

– Onde está Miss Hale? – Edith perguntou, assim que testou o efeito do adereço. – Não posso imaginar – ela continuou, de mau humor – como minha tia lhe permite continuar com esses hábitos errantes de Milton! Estou sempre à espera de ouvir que ela encontrou algo horrível em algum desses lugares miseráveis em que ela costuma se enfiar. Eu nunca ousaria andar por essas ruas sem uma criada. Elas não são adequadas para senhoras.

Dixon ainda estava irritada por seu gosto ter sido desprezado, então retrucou brevemente:

– Não me admiro nem um pouco quando ouço as senhoras falarem tanta coisa sobre serem damas – e quando elas são damas tão temerosas, sensíveis e delicadas também – só digo que não me admiro que não existam mais santos na terra...

– Oh, Margaret! Afinal chegou! Precisei tanto de você... Mas como o seu rosto está corado com o calor, pobre criança! Mas veja só o que aquele aborrecido do Henry fez, realmente, ele excede os limites da sua condição de cunhado. Justo quando a minha festa estava tão lindamente organizada – montada com tanta precisão para Mr. Colthurst – lá veio o Henry, com uma desculpa é verdade, e utilizando o seu nome como justificativa, e me perguntou se ele podia trazer aquele Mr. Thornton de Milton – seu inquilino, você sabe – que está em Londres resolvendo algum negócio legal. Vai estragar completamente o número de convidados.

– Eu não me importo de jantar. Não quero comer nada – disse Margaret, em voz baixa. – Dixon pode me trazer uma xícara de chá aqui, e estarei na sala

de visitas quando você aparecer. Realmente, vou ficar bem feliz de descansar.

– Não, não! Isso não vai ser possível. Você de fato parece terrivelmente pálida, mas isso é só o calor, e nós não podemos jantar sem você, de jeito nenhum. (Prenda as flores um pouco mais baixo, Dixon. Elas parecem chamas gloriosas no seu cabelo negro, Margaret.) Você sabe que nós planejamos que você falasse sobre Milton com Mr. Colthurst. Ah! Com certeza! E este homem vem de Milton! Acho que ele será importante, afinal de contas. Mr. Colthurst pode bombeá-lo com perguntas sobre todos os assuntos nos quais está interessado, e será muito divertido localizar suas experiências e o conhecimento desse Mr. Thornton no próximo discurso de Mr. Colthurst na Câmara. Realmente, acho que foi um palpite feliz do Henry. Perguntei-lhe se esse Mr. Thornton era um homem de quem a gente poderia se envergonhar, e ele me respondeu “Não se você tiver algum bom senso, minha irmãzinha.” Assim eu suponho que ele seja capaz de falar sem sotaque, o que não é um talento comum no Darkshire, não é, Margaret?

– Mr. Lennox não disse por que Mr. Thornton veio à Londres? Esse negócio legal está relacionado com a propriedade? – perguntou Margaret, com voz forçada.

– Oh! Ele faliu, ou algo assim, Henry lhe contou naquele dia que você estava com dor de cabeça... O que foi mesmo? (Aí, ficou perfeito, Dixon. Miss Hale vai nos dar o crédito, não vai?) Gostaria de ser tão alta quanto uma rainha, e tão morena quanto uma cigana, Margaret.

– Mas e sobre Mr. Thornton?

– Oh! Eu realmente tenho uma cabeça terrível para negócios legais. Não há nada de que Henry gostaria mais do que lhe contar tudo sobre isso. Sei que me causou a impressão de que Mr. Thornton está totalmente sem dinheiro, e que é um homem muito respeitável, e que devo ser muito educada com ele. E como não sei o que fazer, vim até você para pedir que me ajude. E agora desça comigo, e descanse no sofá por um quarto de hora.

O cunhado privilegiado chegou cedo. E Margaret, corando enquanto falava, começou a lhe fazer as perguntas sobre Mr. Thornton que ela queria ver respondidas.

– Ele veio para tratar da sublocação da propriedade – a Fábrica Marlborough e a casa e dependências anexas, quero dizer. Ele não pode mantê-las, e há ações e arrendamentos para serem examinados, e acordos para serem redigidos. Espero que Edith o receba corretamente, mas ela ficou bastante irritada, como percebi, pela liberdade que tomei ao implorar que ela o convidasse. Eu pensei, porém, que você gostaria que lhe demonstrassem alguma atenção, e se deve ser particularmente escrupuloso em tratar com todo respeito um homem que está perdendo tudo no mundo.

Ele estava sentado ao lado de Margaret, e baixara a voz ao falar sobre isso. Mas quando terminou levantou-se de repente, pois Mr. Thornton chegara nesse momento, e Mr. Lennox apresentou-o a Edith e ao Capitão Lennox.

Margaret observou Mr. Thornton ansiosamente, enquanto ele estava assim ocupado. Fazia bem mais de um ano, desde que o vira, e ocorreram coisas nesse tempo que o deixaram bastante mudado. Sua bela figura ainda era mais alta do que a maioria dos homens, e lhe dava um ar distinto, pela facilidade de movimento que lhe proporcionava e que lhe era natural. Mas o rosto parecia

mais velho e entristecido, embora ostentasse um ar de nobreza e um senso de dignidade inerente e força máscula, o que impressionava aqueles que acabavam de ouvir falar da sua mudança de posição. Ele tinha consciência da presença de Margaret, desde que primeiro lançara os olhos ao redor da sala. Tinha visto seu olhar intencional de quem estava ocupada ouvindo Mr. Henry Lennox, e dirigiu-se a ela com a maneira perfeitamente controlada de um velho amigo. Ao ouvir suas primeiras palavras tranquilas, o rosto de Margaret se tornou rubro, e assim ficou até o fim da noite. Ela não parecia ter muito para lhe dizer. Margaret o desapontou pelo modo calmo com que fez algumas perguntas meramente formais, conforme lhe pareceu, sobre seus velhos conhecidos em Milton. Mas outras pessoas chegaram – mais íntimas da casa do que ele – e Mr. Thornton ficou em segundo plano, conversando com Mr. Lennox de vez em quando.

– Miss Hale parece muito bem, não acha? – dizia Lennox. – Milton não era o lugar adequado para ela, imagino, pois quando voltou para Londres pensei que nunca vira uma pessoa tão mudada. Esta noite ela está parecendo radiante, e está muito mais forte. No outono passado ela ficava cansada com um passeio de poucos quilômetros. Na sexta-feira à noite nós fizemos um passeio até Hampstead e voltamos. Ainda assim, no sábado ela parecia tão bem quanto está agora.

– Nós, quem? Os dois sozinhos?

Mr. Colthurst era um homem muito inteligente e um membro em ascensão do parlamento. Tinha muita perspicácia para discernir um caráter, e ficou impressionado com uma observação que Mr. Thornton fez durante o jantar. Perguntou a Edith quem era aquele cavalheiro, e ela, para sua grande surpresa, descobriu pelo tom dele ao dizer “Realmente!” que aquele Mr. Thornton de Milton não era um nome tão desconhecido para o parlamentar quanto ela tinha imaginado que seria. O seu jantar estava indo bem. Henry estava de bom humor, e usou sua inteligência cáustica admiravelmente. Mr. Thornton e Mr. Colthurst acharam um ou dois assuntos de mútuo interesse, nos quais apenas tocaram, reservando-os para uma conversa mais privada após o jantar. Margaret parecia linda com as flores de romã, e se ela se apoiava na cadeira e falava pouco, Edith não estava aborrecida, pois a conversação fluía suavemente sem ela. Margaret estava observando o rosto de Mr. Thornton. Ele nunca olhava para ela, assim ela podia analisá-lo sem ser observada, e notar as mudanças que até mesmo esse curto espaço de tempo havia produzido nele. Somente quando Mr. Lennox dizia algum gracejo inesperado sua face parecia iluminar-se com a intensa alegria de antigamente. O brilho alegre voltava aos seus olhos, os lábios apenas se afastavam para sugerir o belo sorriso antigo. E, por um instante, o rápido olhar dele buscou instintivamente o de Margaret, como se quisesse a sua compaixão. Mas quando os seus olhos se encontraram, o semblante inteiro de Mr. Thornton mudou, e ele se tornou sério e ansioso uma vez mais, e passou decididamente a evitar olhar até mesmo para perto dela outra vez durante o jantar.

Havia só duas senhoras, além do seu grupo familiar, e como estas estavam ocupadas conversando com sua tia e Edith, quando foram para a sala de visitas Margaret se ocupou languidamente com algum trabalho. Agora os cavalheiros voltavam, Mr. Colthurst e Mr. Thornton em conversa íntima. Mr. Lennox chegou perto de Margaret e disse em voz baixa:

– Eu realmente acho que Edith deve me agradecer por minha contribuição para a sua festa. Você não tem nenhuma ideia de como esse seu

inquilino é uma pessoa agradável e sensata. Ele foi o homem certo para dar a Colthurst todos os fatos sobre os quais ele queria se informar. Eu não posso conceber como ele conseguiu administrar mal os seus negócios.

– Com seus poderes e oportunidades, você teria tido sucesso – disse Margaret.

Ele não apreciou muito o tom no qual ela falou, embora as palavras não expressassem senão um pensamento que já passara pela sua própria mente. Como ele ficou em silêncio, eles ouviram uma parte da conversa que acontecia perto da lareira, entre Mr. Colthurst e Mr. Thornton.

– Eu lhe asseguro, ouvi falar disso com grande interesse – curioso quanto ao resultado, talvez, seria melhor dizer. Ouvi seu nome ser mencionado muitas vezes durante a minha curta permanência na vizinhança.

Então eles perderam algumas palavras, e quando puderam ouvir novamente Mr. Thornton estava dizendo:

– Eu não reúno as condições para ser popular... e se eles falaram de mim desse modo estão enganados. Eu custo muito a entrar em um projeto, e acho difícil me permitir ser conhecido, mesmo por aqueles a quem eu desejo conhecer, e com quem não teria nenhuma reserva. Ainda assim, mesmo com todas essas desvantagens, eu sentia que estava no caminho certo, e que, começando uma amizade com um, me tornava conhecido de muitos outros. As vantagens eram mútuas: nós estávamos ensinando uns aos outros, de modo consciente e inconsciente.

– Você diz “estava.” Eu confio que está pretendendo seguir o mesmo curso, ou não?

– Eu preciso interromper Colthurst – disse Henry Lennox, apressadamente.

E com uma pergunta abrupta, ainda que pertinente, ele mudou o rumo da conversa, de modo a não causar a Mr. Thornton a tristeza de reconhecer a sua falta de sucesso e consequente mudança de posição. Mas assim que o novo assunto chegou ao fim, Mr. Thornton retomou a conversa exatamente onde tinha sido interrompida, e deu a Mr. Colthurst a resposta para a sua pergunta.

– Eu fui malsucedido nos negócios, e tive que renunciar à minha posição como patrão. Estou à procura de uma colocação em Milton, onde posso encontrar um emprego com alguém que esteja disposto a me deixar agir do meu próprio modo, em assuntos como esses. Posso confiar em mim quanto a não ter nenhuma teoria avançada para pôr precipitadamente em prática. Meu único desejo é ter a oportunidade de cultivar alguma relação com a mão de obra, além do mero “vínculo financeiro.” Mas poderia ser o ponto que Arquimedes buscava, a partir do qual moveria a terra, a julgar pela importância dada a isso por alguns dos nossos fabricantes, que abanam as cabeças e parecem sérios, assim que eu nomeio uma ou duas experiências que gostaria de tentar.

– Você se chama de “experiências”, eu percebi – disse Mr. Colthurst, com um aumento delicado de respeito nas suas maneiras.

– Porque eu acredito que é isso que são. Não estou certo das consequências que podem resultar delas, mas tenho certeza que deveriam ser tentadas. Cheguei à conclusão de que nenhuma mera instituição, embora sábia, e por mais reflexão que tenha sido necessária para organizá-la e arranjá-la, pode

unir uma classe à outra como elas deveriam ser unidas, a menos que o funcionamento dessas instituições traga os indivíduos das diferentes classes a um contato pessoal e real. Esse relacionamento é o sopro da vida. Um trabalhador dificilmente pode sentir e saber o quanto o seu empregador trabalhou no estudo dos planos para o benefício dos seus empregados. Um plano completo surge como uma peça de maquinaria, aparentemente preparada para qualquer emergência. Mas a mão de obra aceita isso como faz com as máquinas, sem entender o intenso trabalho mental e premeditação necessários para trazê-las a tal perfeição. Mas eu tomaria uma ideia, o funcionamento da qual necessitaria de relacionamento pessoal. Poderia não ir bem no início, mas a cada dificuldade um maior número de homens se interessaria, e no final o seu sucesso passaria a ser desejado por todos, pois todos teriam tido uma parte na formação do plano. E mesmo assim, estou certo de que ele perderia a sua vitalidade, e deixaria de existir, assim que deixasse de ser levado adiante por aquele tipo de interesse comum que invariavelmente faz as pessoas encontrarem meios e modos de verem uns aos outros, e se familiarizarem com o caráter e a pessoa uns dos outros, e até mesmo com os truques de temperamento e modos de expressão. Deveríamos entender melhor uns aos outros e, me aventuro a dizer, deveríamos gostar mais uns dos outros.

– E o senhor pensa que isso poderia prevenir a ocorrência de novas greves?

– Nem um pouco. Minha expectativa maior não vai além disto: que as greves não se tornem mais as fontes amargas e venenosas de ódio que elas costumavam ser até agora. Um homem mais esperançoso poderia imaginar que uma relação mais estreita e cordial entre as classes poderia acabar com as greves. Mas eu não sou um homem esperançoso.

De repente, como se lhe ocorresse uma nova ideia, ele cruzou o aposento até onde Margaret estava sentada, e começou, sem introdução, como se soubesse que ela tinha estado escutando tudo o que se passara:

– Miss Hale, eu tenho um abaixo-assinado de alguns dos meus homens – eu suspeito que na caligrafia de Higgins – afirmando o seu desejo de trabalhar para mim, se alguma vez eu estiver em posição de empregar os homens novamente em meu próprio nome. Isso foi bom, não acha?

– Sim. Muito bom. Fico feliz com isso – disse Margaret, olhando diretamente para o seu rosto com seus olhos expressivos, e então mergulhando-os no olhar eloquente de Mr. Thornton.

Ele olhou de volta para ela durante um minuto, como se não soubesse exatamente o que estava procurando. Então suspirou, e dizendo “Eu sabia que iria gostar” virou-se e não falou mais com ela, até que desejou-lhe um formal “boanoite.”

Como Mr. Lennox já havia partido, Margaret disse, com um rubor que ela não conseguia reprimir, e com alguma hesitação.

– Posso falar com o senhor amanhã? Preciso da sua ajuda a respeito de... um assunto.

– Certamente. Virei a qualquer hora que escolher. Não poderia me dar um prazer maior do que me permitir ser útil. Às onze? Muito bem.

Os olhos dele brilharam com grande alegria. Como ela estava

aprendendo a depender dele! Parecia que a qualquer momento agora poderia ter certeza, sem ter o que ele tinha decidido nunca oferecer a ela novamente.

CAPÍTULO 52

“EMBALE AS NUVENS”^[1]

“Para a alegria ou a aflição, para a esperança ou o medo,
Para todo o futuro, como para aqui,
Na paz ou na guerra, na tempestade ou sob a luz do sol.”
Anônimo

Na manhã seguinte, Edith andava na ponta dos pés, controlando Sholto para que não falasse alto, como se qualquer barulho súbito pudesse interromper a conferência que estava acontecendo na sala de visitas. Já era duas horas, e eles ainda estavam lá com as portas fechadas. Então ouviu-se o passo de um homem correndo pelas escadas, e Edith espiou da sala.

– Bem, Henry? – disse ela, com um olhar de interrogação.

– Bem! – dito ele, de modo breve.

– Entre para almoçar!

– Não, obrigado, não posso. Eu já perdi muito tempo aqui.

– Então ainda não está tudo resolvido – disse Edith, desanimada.

– Não! Nem um pouco. Nunca será resolvido, se o “tudo” a que você se refere é o que eu imagino. Isso nunca vai acontecer, Edith, desista de pensar no assunto.

– Mas seria tão agradável para nós todos – implorou Edith. – Eu sempre me sentiria tranquila sobre as crianças, se tivesse Margaret morando perto de mim. Do jeito que está, estou sempre com medo dela partir para Cádiz.

– Eu tentarei, quando me casar, procurar uma jovem que tenha algum conhecimento do trato com crianças. Isso é tudo que eu posso fazer. Miss Hale não me aceitaria. E eu não vou pedi-la.

– Então, sobre o que estão falando?

– Mil coisas que você não entenderia: investimentos e arrendamentos e valores de terras.

– Ah, vá embora, se isso é tudo. Você e ela serão insuportavelmente estúpidos, se estiveram falando todo esse tempo sobre essas coisas cansativas.

– Muito bem. Virei de novo amanhã, e trarei Mr. Thornton comigo, para conversar mais um pouco com Miss Hale.

– Mr. Thornton! O que tem ele a ver com isso?

– Ele é o inquilino de Miss Hale – disse Mr. Lennox, virando-se. – E ele quer desistir do arrendamento.

– Oh! Muito bem. Não consigo entender detalhes, portanto não os conte para mim.

– O único detalhe que eu quero que você entenda é – deixe que

tenhamos a sala de visitas dos fundos tranquila, como estava hoje. Em geral, as crianças e os criados andam tanto de um lado para outro, que eu nunca posso explicar um negócio de modo satisfatório, e os acordos que temos que fazer amanhã são importantes.

Ninguém nunca soube por que Mr. Lennox não manteve seu compromisso no dia seguinte. Mr. Thornton chegou na hora exata, e após mantê-lo esperando por quase uma hora, Margaret entrou parecendo muito pálida e ansiosa.

Ela começou apressadamente:

– Lamento tanto que Mr. Lennox não esteja aqui... Ele poderia tratar disso muito melhor do que eu. Ele é o meu consultor neste assunto...

– Sinto muito ter vindo, se isso a incomoda. Devo ir ao escritório de Mr. Lennox e tentar encontrá-lo lá?

– Não, obrigada. Queria lhe dizer o quanto fiquei triste de saber que vou perdê-lo como inquieto. Mas, como Mr. Lennox diz, com certeza as coisas vão melhorar...

– Mr. Lennox sabe pouco sobre isso – disse Mr. Thornton, calmamente. – Como ele é feliz e afortunado em tudo que interessa a um homem, ele não entende o que é descobrir que não se é mais jovem – e ainda assim ser lançado de volta ao ponto de partida, que exige a energia esperançosa da juventude. Sentir que a metade da vida passou e nada está feito – que não resta nada da oportunidade perdida, apenas a lembrança amarga daquilo que foi. Miss Hale, prefiro não ouvir a opinião de Mr. Lennox sobre os meus negócios. Aqueles que são felizes e prósperos são muito inclinados a menosprezar as desgraças dos outros.

– O senhor é injusto – disse Margaret, gentilmente. – Mr. Lennox apenas falou da grande probabilidade que ele acredita que haja da sua recuperação... de recuperar até mais do que perdeu... Não fale até que eu termine... por favor, não! – E, recompondo-se mais uma vez, ela continuou rapidamente, consultando alguns documentos legais e declarações de contas de maneira apressada, trêmula. – Oh! Aqui está! Ele me preparou uma proposta... gostaria que ele estivesse aqui para explicar... mostrando que se o senhor tomasse emprestado algum dinheiro meu, dezoito mil e cinquenta e sete libras, que estão no banco sem utilização no momento e me rendendo um juro de apenas dois e meio por cento... Bem, o senhor poderia me pagar um juro muito melhor, e manteria a Fábrica Marlborough funcionando.

Sua voz tinha clareado e se tornado mais firme. Mr. Thornton não falou, e ela continuou a procurar algum papel em que estava escrita a proposta por segurança, pois ela estava muito ansiosa para ter tudo tratado como um simples acordo de negócios, no qual a vantagem principal estaria do lado dela. Enquanto Margaret procurava o documento, sua pulsação foi alterada pelo tom em que Mr. Thornton falou. A voz dele estava rouca e trêmula de paixão, quando disse:

– Margaret!

Por um momento ela o olhou. Então tentou ocultar os olhos luminosos escondendo o rosto nas mãos. Novamente, chegando mais perto, ele voltou a chamar o seu nome, com voz trêmula e ansiosa.

– Margaret!

Mais sua cabeça baixou, mais o rosto se escondeu, quase descansando na mesa diante dela. Ele se aproximou. Ajoelhou-se ao seu lado, trazendo o rosto até o seu ouvido, e sussurrou ofegante as palavras:

– Tome cuidado... Se você não falar, eu a reivindicarei como minha, de algum modo presunçoso e estranho. Me mande embora agora, se eu tenho que ir... Margaret!

Quando ele a chamou pela terceira vez ela virou para ele o rosto, ainda coberto pelas mãos brancas e delicadas, e deitou-o no seu ombro, continuando a escondê-lo. E ele estava achando delicioso demais sentir a face macia dela contra a sua, para não desejar ver rubores profundos ou olhos amorosos. Apertou-a contra si. Mas ambos mantinham silêncio. Por fim, ela murmurou em uma voz entrecortada:

– Oh, Mr. Thornton! Eu não sou boa o bastante!

– Não é boa o bastante! Não zombe do meu próprio sentimento profundo de indignidade.

Depois de um minuto ou dois, ele suavemente tirou-lhe as mãos do rosto e pôs os braços dela ao redor do seu pescoço, como ela havia feito uma vez para protegê-lo dos desordeiros.

– Você se lembra, amor? – ele murmurou. – E como eu lhe agradeeci com insolência no dia seguinte?

– Eu me lembro de como fui injusta ao falar com você – isso é tudo.

– Olhe aqui! Levante a cabeça. Tenho algo para lhe mostrar!

Ela o olhou devagar, o rosto corado de linda vergonha.

– Conhece estas rosas? – ele disse, puxando o livro de bolso, no qual estavam entesouradas algumas flores mortas.

– Não! – ela respondeu, com curiosidade inocente. – Eu as dei para você?

– Não! Vaidade! Não deu. Você deve ter usado as irmãs destas rosas, provavelmente.

Ela as olhou, refletindo por um minuto, então sorriu um pouco quando disse:

– Elas são de Helstone, não são? Conheço os entalhes profundos em volta das folhas. Oh! Você esteve lá? Quando foi lá?

– Eu queria ver o lugar onde Margaret cresceu para se tornar o que ela é, mesmo no pior momento, quando eu não tinha nenhuma esperança de um dia chamá-la de minha. Eu fui lá em meu retorno do Havre.

– Você tem que dá-las para mim – ela disse, tentando tirá-las das mãos dele com suave violência.

– Muito bem. Só que você tem que me pagar por elas!

– Como vou contar à Tia Shaw? – ela sussurrou, depois de certo tempo de delicioso silêncio.

– Me deixe falar com ela.

– Oh, não! Eu tenho essa dívida com ela... mas o que ela dirá?

– Eu posso adivinhar. Sua primeira exclamação será “Aquele homem!”

– Silêncio! – disse Margaret. – Ou vou tentar lhe mostrar o tom indignado da sua mãe quando disser “Aquele mulher!”

FIM

[1] No original: “Pack clouds away”. Poema de Thomas Heywood (1570?-1641), dramaturgo e ator inglês.

NORTH AND SOUTH

CHAPTER I

HASTE TO THE WEDDING

– Wooed and married and a...

– Edith! – said Margaret, gently – Edith!

But, as Margaret half suspected, Edith had fallen asleep. She lay curled up on the sofa in the back drawing-room in Harley Street, looking very lovely in her white muslin and blue ribbons. If Titania had ever been dressed in white muslin and blue ribbons, and had fallen asleep on a crimson damask sofa in a back drawing-room, Edith might have been taken for her. Margaret was struck afresh by her cousin's beauty. They had grown up together from childhood, and all along Edith had been remarked upon by every one, except Margaret, for her prettiness; but Margaret had never thought about it until the last few days, when the prospect of soon losing her companion seemed to give force to every sweet quality and charm which Edith possessed. They had been talking about wedding dresses, and wedding ceremonies; and Captain Lennox, and what he had told Edith about her future life at Corfu, where his regiment was stationed; and the difficulty of keeping a piano in good tune (a difficulty which Edith seemed to consider as one of the most formidable that could befall her in her married life), and what gowns she should want in the visits to Scotland, which would immediately succeed her marriage; but the whispered tone had latterly become more drowsy; and Margaret, after a pause of a few minutes, found, as she fancied, that in spite of the buzz in the next room, Edith had rolled herself up into a soft ball of muslin and ribbon, and silken curls, and gone off into a peaceful little after-dinner nap.

Margaret had been on the point of telling her cousin of some of the plans and visions which she entertained as to her future life in the country parsonage, where her father and mother lived; and where her bright holidays had always been passed, though for the last ten years her aunt Shaw's house had been considered as her home. But in default of a listener, she had to brood over the change in her life silently as heretofore. It was a happy brooding, although tinged with regret at being separated for an indefinite time from her gentle aunt and dear cousin. As she thought of the delight of filling the important post of only daughter in Helstone parsonage, pieces of the conversation out of the next room came upon her ears. Her aunt Shaw was talking to the five or six ladies who had been dining there, and whose husbands were still in the dining-room. They were the familiar acquaintances of the house; neighbours whom Mrs. Shaw called friends, because she happened to dine with them more frequently than with any other people, and because if she or Edith wanted anything from them, or they from her, they did not scruple to make a call at each other's houses before luncheon. These ladies and their husbands were invited, in their capacity of

friends, to eat a farewell dinner in honour of Edith's approaching marriage. Edith had rather objected to this arrangement, for Captain Lennox was expected to arrive by a late train this very evening; but, although she was a spoiled child, she was too careless and idle to have a very strong will of her own, and gave way when she found that her mother had absolutely ordered those extra delicacies of the season which are always supposed to be efficacious against immoderate grief at farewell dinners. She contented herself by leaning back in her chair, merely playing with the food on her plate, and looking grave and absent; while all around her were enjoying the mots of Mr. Grey, the gentleman who always took the bottom of the table at Mrs. Shaw's dinner parties, and asked Edith to give them some music in the drawing-room. Mr. Grey was particularly agreeable over this farewell dinner, and the gentlemen staid down stairs longer than usual. It was very well they did – to judge from the fragments of conversation which Margaret overheard.

– I suffered too much myself; not that I was not extremely happy with the poor dear General, but still disparity of age is a drawback; one that I was resolved Edith should not have to encounter. Of course, without any maternal partiality, I foresaw that the dear child was likely to marry early; indeed, I had often said that I was sure she would be married before she was nineteen. I had quite a prophetic feeling when Captain Lennox – and here the voice dropped into a whisper, but Margaret could easily supply the blank. The course of true love in Edith's case had run remarkably smooth. Mrs. Shaw had given way to the presentiment, as she expressed it; and had rather urged on the marriage, although it was below the expectations which many of Edith's acquaintances had formed for her, a young and pretty heiress. But Mrs. Shaw said that her only child should marry for love – and sighed emphatically, as if love had not been her motive for marrying the General. Mrs. Shaw enjoyed the romance of the present engagement rather more than her daughter. Not but that Edith was very thoroughly and properly in love; still she would certainly have preferred a good house in Belgravia, to all the picturesqueness of the life which Captain Lennox described at Corfu. The very parts which made Margaret glow as she listened, Edith pretended to shiver and shudder at; partly for the pleasure she had in being coaxed out of her dislike by her fond lover, and partly because anything of a gipsy or make-shift life was really distasteful to her. Yet had any one come with a fine house, and a fine estate, and a fine title to boot, Edith would still have clung to Captain Lennox while the temptation lasted; when it was over, it is possible she might have had little qualms of ill-concealed regret that Captain Lennox could not have united in his person everything that was desirable. In this she was but her mother's child; who, after deliberately marrying General Shaw with no warmer feeling than respect for his character and establishment, was constantly, though quietly, bemoaning her hard lot in being united to one whom she could not love.

– I have spared no expense in her trousseau. – were the next words Margaret heard.

– She has all the beautiful Indian shawls and scarfs the General gave to

me, but which I shall never wear again.

– She is a lucky girl. – replied another voice, which Margaret knew to be that of Mrs. Gibson, a lady who was taking a double interest in the conversation, from the fact of one of her daughters having been married within the last few weeks.

– Helen had set her heart upon an Indian shawl, but really when I found what an extravagant price was asked, I was obliged to refuse her. She will be quite envious when she hears of Edith having Indian shawls. What kind are they? Delhi? with the lovely little borders?

Margaret heard her aunt's voice again, but this time it was as if she had raised herself up from her half-recumbent position, and were looking into the more dimly lighted back drawing-room. "Edith! Edith!", cried she; and then she sank as if wearied by the exertion. Margaret stepped forward.

– Edith is asleep, Aunt Shaw. Is it anything I can do?

All the ladies said "Poor child!" on receiving this distressing intelligence about Edith; and the minute lap-dog in Mrs. Shaw's arms began to bark, as if excited by the burst of pity.

– Hush, Tiny! you naughty little girl! you will waken your mistress. It was only to ask Edith if she would tell Newton to bring down her shawls: perhaps you would go, Margaret dear?

Margaret went up into the old nursery at the very top of the house, where Newton was busy getting up some laces which were required for the wedding. While Newton went (not without a muttered grumbling) to undo the shawls, which had already been exhibited four or five times that day, Margaret looked round upon the nursery; the first room in that house with which she had become familiar nine years ago, when she was brought, all untamed from the forest, to share the home, the play, and the lessons of her cousin Edith. She remembered the dark, dim look of the London nursery, presided over by an austere and ceremonious nurse, who was terribly particular about clean hands and torn frocks. She recollected the first tea up there – separate from her father and aunt, who were dining somewhere down below an infinite depth of stairs; for unless she were up in the sky (the child thought), they must be deep down in the bowels of the earth. At home – before she came to live in Harley Street – her mother's dressing-room had been her nursery; and, as they kept early hours in the country parsonage, Margaret had always had her meals with her father and mother. Oh! well did the tall stately girl of eighteen remember the tears shed with such wild passion of grief by the little girl of nine, as she hid her face under the bed-clothes, in that first night; and how she was bidden not to cry by the nurse, because it would disturb Miss Edith; and how she had cried as bitterly, but more quietly, till her newly-seen, grand, pretty aunt had come softly upstairs with Mr. Hale to show him his little sleeping daughter. Then the little Margaret had hushed her sobs, and tried to lie quiet as if asleep, for fear of making her father unhappy

by her grief, which she dared not express before her aunt, and which she rather thought it was wrong to feel at all after the long hoping, and planning, and contriving they had gone through at home, before her wardrobe could be arranged so as to suit her grander circumstances, and before papa could leave his parish to come up to London, even for a few days.

Now she had got to love the old nursery, though it was but a dismantled place; and she looked all round, with a kind of cat-like regret, at the idea of leaving it for ever in three days.

– Ah Newton! – said she – I think we shall all be sorry to leave this dear old room.

– Indeed, miss, I shan't for one. My eyes are not so good as they were, and the light here is so bad that I can't see to mend laces except just at the window, where there's always a shocking draught – enough to give one one's death of cold.

– Well, I dare say you will have both good light and plenty of warmth at Naples. You must keep as much of your darning as you can till then. Thank you, Newton, I can take them down – you're busy.

So Margaret went down laden with shawls, and snuffing up their spicy Eastern smell. Her aunt asked her to stand as a sort of lay figure on which to display them, as Edith was still asleep. No one thought about it; but Margaret's tall, finely made figure, in the black silk dress which she was wearing as mourning for some distant relative of her father's, set off the long beautiful folds of the gorgeous shawls that would have half-smothered Edith. Margaret stood right under the chandelier, quite silent and passive, while her aunt adjusted the draperies. Occasionally, as she was turned round, she caught a glimpse of herself in the mirror over the chimney-piece, and smiled at her own appearance there – the familiar features in the usual garb of a princess. She touched the shawls gently as they hung around her, and took a pleasure in their soft feel and their brilliant colours, and rather liked to be dressed in such splendour – enjoying it much as a child would do, with a quiet pleased smile on her lips. Just then the door opened, and Mr. Henry Lennox was suddenly announced. Some of the ladies started back, as if half-ashamed of their feminine interest in dress. Mrs. Shaw held out her hand to the new-comer; Margaret stood perfectly still, thinking she might be yet wanted as a sort of block for the shawls; but looking at Mr. Lennox with a bright, amused face, as if sure of his sympathy in her sense of the ludicrousness at being thus surprised.

Her aunt was so much absorbed in asking Mr. Henry Lennox – who had not been able to come to dinner – all sorts of questions about his brother the bridegroom, his sister the bridesmaid (coming with the Captain from Scotland for the occasion), and various other members of the Lennox family, that Margaret saw she was no more wanted as shawl-bearer, and devoted herself to the amusement of the other visitors, whom her aunt had for the moment forgotten. Almost immediately, Edith came in from the back drawing-room, winking and

blinking her eyes at the stronger light, shaking back her slightly-ruffled curls, and altogether looking like the Sleeping Beauty just startled from her dreams. Even in her slumber she had instinctively felt that a Lennox was worth rousing herself for; and she had a multitude of questions to ask about dear Janet, the future, unseen sister-in-law, for whom she professed so much affection, that if Margaret had not been very proud she might have almost felt jealous of the mushroom rival. As Margaret sank rather more into the background on her aunt's joining the conversation, she saw Henry Lennox directing his look towards a vacant seat near her; and she knew perfectly well that as soon as Edith released him from her questioning, he would take possession of that chair. She had not been quite sure, from her aunt's rather confused account of his engagements, whether he would come that night; it was almost a surprise to see him; and now she was sure of a pleasant evening. He liked and disliked pretty nearly the same things that she did. Margaret's face was lightened up into an honest, open brightness. By-and-by he came. She received him with a smile which had not a tinge of shyness or self-consciousness in it.

– Well, I suppose you are all in the depths of business – ladies business, I mean. Very different to my business, which is the real true law business. Playing with shawls is very different work to drawing up settlements.

– Ah, I knew how you would be amused to find us all so occupied in admiring finery. But really Indian shawls are very perfect things of their kind.

– I have no doubt they are. Their prices are very perfect, too. Nothing wanting. – The gentlemen came dropping in one by one, and the buzz and noise deepened in tone.

– This is your last dinner-party, is it not? There are no more before Thursday?

– No. I think after this evening we shall feel at rest, which I am sure I have not done for many weeks; at least, that kind of rest when the hands have nothing more to do, and all the arrangements are complete for an event which must occupy one's head and heart. I shall be glad to have time to think, and I am sure Edith will.

– I am not so sure about her; but I can fancy that you will. Whenever I have seen you lately, you have been carried away by a whirlwind of some other person's making.

– Yes – said Margaret, rather sadly, remembering the never-ending commotion about trifles that had been going on for more than a month past: – I wonder if a marriage must always be preceded by what you call a whirlwind, or whether in some cases there might not rather be a calm and peaceful time just before it.

– Cinderella's godmother ordering the trousseau, the wedding-breakfast, writing the notes of invitation, for instance – said Mr. Lennox, laughing.

– But are all these quite necessary troubles? – asked Margaret, looking up straight at him for an answer. A sense of indescribable weariness of all the arrangements for a pretty effect, in which Edith had been busied as supreme authority for the last six weeks, oppressed her just now; and she really wanted some one to help her to a few pleasant, quiet ideas connected with a marriage.

– Oh, of course – he replied with a change to gravity in his tone. – There are forms and ceremonies to be gone through, not so much to satisfy oneself, as to stop the world's mouth, without which stoppage there would be very little satisfaction in life. But how would you have a wedding arranged?

– Oh, I have never thought much about it; only I should like it to be a very fine summer morning; and I should like to walk to church through the shade of trees; and not to have so many bridesmaids, and to have no wedding-breakfast. I dare say I am resolving against the very things that have given me the most trouble just now.

– No, I don't think you are. The idea of stately simplicity accords well with your character.

Margaret did not quite like this speech; she winced away from it more, from remembering former occasions on which he had tried to lead her into a discussion (in which he took the complimentary part) about her own character and ways of going on. She cut his speech rather short by saying:

– It is natural for me to think of Helstone church, and the walk to it, rather than of driving up to a London church in the middle of a paved street.

– Tell me about Helstone. You have never described it to me. I should like to have some idea of the place you will be living in, when ninety-six Harley Street will be looking dingy and dirty, and dull, and shut up. Is Helstone a village, or a town, in the first place?

– Oh, only a hamlet; I don't think I could call it a village at all. There is the church and a few houses near it on the green – cottages, rather – with roses growing all over them.

– And flowering all the year round, especially at Christmas – make your picture complete – said he.

– No – replied Margaret, somewhat annoyed – I am not making a picture. I am trying to describe Helstone as it really is. You should not have said that.

– I am penitent – he answered. – Only it really sounded like a village in a tale rather than in real life.

– And so it is – replied Margaret, eagerly. – All the other places in England that I have seen seem so hard and prosaic-looking, after the New Forest. Helstone is like a village in a poem – in one of Tennyson's poems. But I won't try and describe it any more. You would only laugh at me if I told you what I think of

it – what it really is.

– Indeed, I would not. But I see you are going to be very resolved. Well, then, tell me that which I should like still better to know what the parsonage is like.

– Oh, I can't describe my home. It is home, and I can't put its charm into words.

– I submit. You are rather severe tonight, Margaret.

– How? – said she, turning her large soft eyes round full upon him.

– I did not know I was.

– Why, because I made an unlucky remark, you will neither tell me what Helstone is like, nor will you say anything about your home, though I have told you how much I want to hear about both, the latter especially.

– But indeed I cannot tell you about my own home. I don't quite think it is a thing to be talked about, unless you knew it.

– Well, then – pausing for a moment – tell me what you do there. Here you read, or have lessons, or otherwise improve your mind, till the middle of the day; take a walk before lunch, go a drive with your aunt after, and have some kind of engagement in the evening. There, now fill up your day at Helstone. Shall you ride, drive, or walk?

– Walk, decidedly. We have no horse, not even for papa. He walks to the very extremity of his parish. The walks are so beautiful, it would be a shame to drive – almost a shame to ride.

– Shall you garden much? That, I believe, is a proper employment for young ladies in the country.

– I don't know. I am afraid I shan't like such hard work.

– Archery parties – pic-nics – race-balls – hunt-balls?

– Oh no! – said she, laughing. – Papa's living is very small; and even if we were near such things, I doubt if I should go to them.

– I see, you won't tell me anything. You will only tell me that you are not going to do this and that. Before the vacation ends, I think I shall pay you a call, and see what you really do employ yourself in.

– I hope you will. Then you will see for yourself how beautiful Helstone is. Now I must go. Edith is sitting down to play, and I just know enough of music to turn over the leaves for her; and besides, Aunt Shaw won't like us to talk – Edith played brilliantly. In the middle of the piece the door half-opened, and Edith saw Captain Lennox hesitating whether to come in. She threw down her music, and rushed out of the room, leaving Margaret standing confused and blushing to explain to the astonished guests what vision had shown itself to cause Edith's sudden flight. Captain Lennox had come earlier than was expected; or was it

really so late? They looked at their watches, were duly shocked, and took their leave.

Then Edith came back, glowing with pleasure, half-shyly, half-proudly leading in her tall handsome Captain. His brother shook hands with him, and Mrs. Shaw welcomed him in her gentle kindly way, which had always something plaintive in it, arising from the long habit of considering herself a victim to an uncongenial marriage. Now that, the General being gone, she had every good of life, with as few drawbacks as possible, she had been rather perplexed to find an anxiety, if not a sorrow. She had, however, of late settled upon her own health as a source of apprehension; she had a nervous little cough whenever she thought about it; and some complaisant doctor ordered her just what she desired – a winter in Italy. Mrs. Shaw had as strong wishes as most people, but she never liked to do anything from the open and acknowledged motive of her own good will and pleasure; she preferred being compelled to gratify herself by some other person's command or desire. She really did persuade herself that she was submitting to some hard external necessity; and thus she was able to moan and complain in her soft manner, all the time she was in reality doing just what she liked.

It was in this way she began to speak of her own journey to Captain Lennox, who assented, as in duty bound, to all his future mother-in-law said, while his eyes sought Edith, who was busying herself in rearranging the tea-table, and ordering up all sorts of good things, in spite of his assurances that he had dined within the last two hours.

Mr. Henry Lennox stood leaning against the chimney-piece, amused with the family scene. He was close by his handsome brother; he was the plain one in a singularly good-looking family; but his face was intelligent, keen, and mobile; and now and then Margaret wondered what it was that he could be thinking about, while he kept silence, but was evidently observing, with an interest that was slightly sarcastic, all that Edith and she were doing. The sarcastic feeling was called out by Mrs. Shaw's conversation with his brother; it was separate from the interest which was excited by what he saw. He thought it a pretty sight to see the two cousins so busy in their little arrangements about the table. Edith chose to do most herself. She was in a humour to enjoy showing her lover how well she could behave as a soldier's wife. She found out that the water in the urn was cold, and ordered up the great kitchen tea-kettle; the only consequence of which was that when she met it at the door, and tried to carry it in, it was too heavy for her, and she came in pouting, with a black mark on her muslin gown, and a little round white hand indented by the handle, which she took to show to Captain Lennox, just like a hurt child, and, of course, the remedy was the same in both cases. Margaret's quickly-adjusted spirit-lamp was the most efficacious contrivance, though not so like the gypsy-encampment which Edith, in some of her moods, chose to consider the nearest resemblance to a barrack-life. After this evening all was bustle till the wedding was over.

CHAPTER 2

ROSES AND THORNS

“By the soft green light in the woody glade,
On the banks of moss where thy childhood played;
By the household tree, thro’ which thine eye
First looked in love to the summer sky”.

Mrs. Hemans.

Margaret was once more in her morning dress, travelling quietly home with her father, who had come up to assist at the wedding. Her mother had been detained at home by a multitude of half-reasons, none of which anybody fully understood, except Mr. Hale, who was perfectly aware that all his arguments in favour of a grey satin gown, which was midway between oldness and newness, had proved unavailing; and that, as he had not the money to equip his wife afresh, from top to toe, she would not show herself at her only sister's only child's wedding. If Mrs. Shaw had guessed at the real reason why Mrs. Hale did not accompany her husband, she would have showered down gowns upon her; but it was nearly twenty years since Mrs. Shaw had been the poor, pretty Miss Beresford, and she had really forgotten all grievances except that of the unhappiness arising from disparity of age in married life, on which she could descant by the half-hour. Dearest Maria had married the man of her heart, only eight years older than herself, with the sweetest temper, and that blue-black hair one so seldom sees. Mr. Hale was one of the most delightful preachers she had ever heard, and a perfect model of a parish priest. Perhaps it was not quite a logical deduction from all these premises, but it was still Mrs. Shaw's characteristic conclusion, as she thought over her sister's lot: – Married for love, what can dearest Maria have to wish for in this world? Mrs. Hale, if she spoke truth, might have answered with a ready-made list – a silver-grey glace silk, a white chip bonnet, oh! dozens of things for the wedding, and hundreds of things for the house. Margaret only knew that her mother had not found it convenient to come, and she was not sorry to think that their meeting and greeting would take place at Helstone parsonage, rather than, during the confusion of the last two or three days, in the house in Harley Street, where she herself had had to play the part of Figaro, and was wanted everywhere at one and the same time. Her mind and body ached now with the recollection of all she had done and said within the last forty-eight hours. The farewells so hurriedly taken, amongst all the other good-byes, of those she had lived with so long, oppressed her now with a sad regret for the times that were no more; it did not signify what those times had been, they were gone never to return. Margaret's heart felt more heavy than she could ever have thought it possible in going to her own dear home, the place and the life she had longed for for years – at that time of all times for yearning and

longing, just before the sharp senses lose their outlines in sleep. She took her mind away with a wrench from the recollection of the past to the bright serene contemplation of the hopeful future. Her eyes began to see, not visions of what had been, but the sight actually before her; her dear father leaning back asleep in the railway carriage. His blue-black hair was grey now, and lay thinly over his brows. The bones of his face were plainly to be seen – too plainly for beauty, if his features had been less finely cut; as it was, they had a grace if not a comeliness of their own. The face was in repose; but it was rather rest after weariness, than the serene calm of the countenance of one who led a placid, contented life. Margaret was painfully struck by the worn, anxious expression; and she went back over the open and avowed circumstances of her father's life, to find the cause for the lines that spoke so plainly of habitual distress and depression.

– Poor Frederick! – thought she, sighing. – Oh! if Frederick had but been a clergyman, instead of going into the navy, and being lost to us all! I wish I knew all about it. I never understood it from Aunt Shaw; I only knew he could not come back to England because of that terrible affair. Poor dear papa! how sad he looks! I am so glad I am going home, to be at hand to comfort him and mamma.

She was ready with a bright smile, in which there was not a trace of fatigue, to greet her father when he awakened. He smiled back again, but faintly, as if it were an unusual exertion. His face returned into its lines of habitual anxiety. He had a trick of half-opening his mouth as if to speak, which constantly unsettled the form of the lips, and gave the face an undecided expression. But he had the same large, soft eyes as his daughter – eyes which moved slowly and almost grandly round in their orbits, and were well veiled by their transparent white eyelids. Margaret was more like him than like her mother. Sometimes people wondered that parents so handsome should have a daughter who was so far from regularly beautiful; not beautiful at all, was occasionally said. Her mouth was wide; no rosebud that could only open just enough to let out a “yes” and “no” and “an't please you, sir”. But the wide mouth was one soft curve of rich red lips; and the skin, if not white and fair, was of an ivory smoothness and delicacy. If the look on her face was, in general, too dignified and reserved for one so young, now, talking to her father, it was bright as the morning – full of dimples, and glances that spoke of childish gladness, and boundless hope in the future.

It was the latter part of July when Margaret returned home. The forest trees were all one dark, full, dusky green; the fern below them caught all the slanting sunbeams; the weather was sultry and broodingly still. Margaret used to tramp along by her father's side, crushing down the fern with a cruel glee, as she felt it yield under her light foot, and send up the fragrance peculiar to it – out on the broad commons into the warm scented light, seeing multitudes of wild, free, living creatures, revelling in the sunshine, and the herbs and flowers it called forth. This life – at least these walks – realised all Margaret's anticipations. She took a pride in her forest. Its people were her people. She made hearty friends

with them; learned and delighted in using their peculiar words; took up her freedom amongst them; nursed their babies; talked or read with slow distinctness to their old people; carried dainty messes to their sick; resolved before long to teach at the school, where her father went every day as to an appointed task, but she was continually tempted off to go and see some individual friend – man, woman, or child – in some cottage in the green shade of the forest. Her out-of-doors life was perfect. Her in-doors life had its drawbacks. With the healthy shame of a child, she blamed herself for her keenness of sight, in perceiving that all was not as it should be there. Her mother – her mother always so kind and tender towards her – seemed now and then so much discontented with their situation; thought that the bishop strangely neglected his episcopal duties, in not giving Mr. Hale a better living; and almost reproached her husband because he could not bring himself to say that he wished to leave the parish, and undertake the charge of a larger. He would sigh aloud as he answered, that if he could do what he ought in little Helstone, he should be thankful; but every day he was more overpowered; the world became more bewildering. At each repeated urgency of his wife, that he would put himself in the way of seeking some preferment, Margaret saw that her father shrank more and more; and she strove at such times to reconcile her mother to Helstone. Mrs. Hale said that the near neighbourhood of so many trees affected her health; and Margaret would try to tempt her forth on to the beautiful, broad, upland, sun-streaked, cloud-shadowed common; for she was sure that her mother had accustomed herself too much to an in-doors life, seldom extending her walks beyond the church, the school, and the neighbouring cottages. This did good for a time; but when the autumn drew on, and the weather became more changeable, her mother's idea of the unhealthiness of the place increased; and she repined even more frequently that her husband, who was more learned than Mr. Hume, a better parish priest than Mr. Houldsworth, should not have met with the preferment that these two former neighbours of theirs had done.

This marring of the peace of home, by long hours of discontent, was what Margaret was unprepared for. She knew, and had rather revelled in the idea, that she should have to give up many luxuries, which had only been troubles and trammels to her freedom in Harley Street. Her keen enjoyment of every sensuous pleasure, was balanced finely, if not overbalanced, by her conscious pride in being able to do without them all, if need were. But the cloud never comes in that quarter of the horizon from which we watch for it. There had been slight complaints and passing regrets on her mother's part, over some trifle connected with Helstone, and her father's position there, when Margaret had been spending her holidays at home before; but in the general happiness of the recollection of those times, she had forgotten the small details which were not so pleasant. In the latter half of September, the autumnal rains and storms came on, and Margaret was obliged to remain more in the house than she had hitherto done. Helstone was at some distance from any neighbours of their own standard of cultivation.

– It is undoubtedly one of the most out-of-the-way places in England –

said Mrs. Hale, in one of her plaintive moods – I can't help regretting constantly that papa has really no one to associate with here; he is so thrown away; seeing no one but farmers and labourers from week's end to week's end. If we only lived at the other side of the parish, it would be something; there we should be almost within walking distance of the Stansfields; certainly the Gormans would be within a walk

– Gormans – said Margaret. – Are those the Gormans who made their fortunes in trade at Southampton? Oh! I'm glad we don't visit them. I don't like shoppy people. I think we are far better off, knowing only cottagers and labourers, and people without pretence.

– You must not be so fastidious, Margaret, dear! – said her mother, secretly thinking of a young and handsome Mr. Gorman whom she had once met at Mr. Hume's.

– No! I call mine a very comprehensive taste; I like all people whose occupations have to do with land; I like soldiers and sailors, and the three learned professions, as they call them. I'm sure you don't want me to admire butchers and bakers, and candlestick-makers, do you, mamma?

– But the Gormans were neither butchers nor bakers, but very respectable coach-builders.

– Very well. Coach-building is a trade all the same, and I think a much more useless one than that of butchers or bakers. Oh! how tired I used to be of the drives every day in Aunt Shaw's carriage, and how I longed to walk!

And walk Margaret did, in spite of the weather. She was so happy out of doors, at her father's side, that she almost danced; and with the soft violence of the west wind behind her, as she crossed some heath, she seemed to be borne onwards, as lightly and easily as the fallen leaf that was wafted along by the autumnal breeze. But the evenings were rather difficult to fill up agreeably. Immediately after tea her father withdrew into his small library, and she and her mother were left alone. Mrs. Hale had never cared much for books, and had discouraged her husband, very early in their married life, in his desire of reading aloud to her, while she worked. At one time they had tried backgammon as a resource; but as Mr. Hale grew to take an increasing interest in his school and his parishioners, he found that the interruptions which arose out of these duties were regarded as hardships by his wife, not to be accepted as the natural conditions of his profession, but to be regretted and struggled against by her as they severally arose. So he withdrew, while the children were yet young, into his library, to spend his evenings (if he were at home), in reading the speculative and metaphysical books which were his delight.

When Margaret had been here before, she had brought down with her a great box of books, recommended by masters or governess, and had found the summer's day all too short to get through the reading she had to do before her return to town. Now there were only the well-bound little-read English Classics,

which were weeded out of her father's library to fill up the small book-shelves in the drawing-room. Thomson's Seasons, Hayley's Cowper, Middleton's Cicero, were by far the lightest, newest, and most amusing. The book-shelves did not afford much resource. Margaret told her mother every particular of her London life, to all of which Mrs. Hale listened with interest, sometimes amused and questioning, at others a little inclined to compare her sister's circumstances of ease and comfort with the narrower means at Helstone vicarage. On such evenings Margaret was apt to stop talking rather abruptly, and listen to the drip-drip of the rain upon the leads of the little bow-window. Once or twice Margaret found herself mechanically counting the repetition of the monotonous sound, while she wondered if she might venture to put a question on a subject very near to her heart, and ask where Frederick was now; what he was doing; how long it was since they had heard from him. But a consciousness that her mother's delicate health, and positive dislike to Helstone, all dated from the time of the mutiny in which Frederick had been engaged – the full account of which Margaret had never heard, and which now seemed doomed to be buried in sad oblivion – made her pause and turn away from the subject each time she approached it. When she was with her mother, her father seemed the best person to apply to for information; and when with him, she thought that she could speak more easily to her mother. Probably there was nothing much to be heard that was new. In one of the letters she had received before leaving Harley Street, her father had told her that they had heard from Frederick, he was still at Rio, and very well in health, and sent his best love to her; which was dry bones, but not the living intelligence she longed for. Frederick was always spoken of, in the rare times when his name was mentioned, as "Poor Frederick". His room was kept exactly as he had left it; and was regularly dusted, and put into order by Dixon, Mrs. Hale's maid, who touched no other part of the household work, but always remembered the day when she had been engaged by Lady Beresford as ladies' maid to Sir John's wards, the pretty Miss Beresfords, the belles of Rutlandshire. Dixon had always considered Mr. Hale as the blight which had fallen upon her young lady's prospects in life. If Miss Beresford had not been in such a hurry to marry a poor country clergyman, there was no knowing what she might not have become. But Dixon was too loyal to desert her in her affliction and downfall (alias her married life). She remained with her, and was devoted to her interests; always considering herself as the good and protecting fairy, whose duty it was to baffle the malignant giant, Mr. Hale. Master Frederick had been her favorite and pride; and it was with a little softening of her dignified look and manner, that she went in weekly to arrange the chamber as carefully as if he might be coming home that very evening. Margaret could not help believing that there had been some late intelligence of Frederick unknown to her mother, which was making her father anxious and uneasy. Mrs. Hale did not seem to perceive any alteration in her husband's looks or ways. His spirits were always tender and gentle, readily affected by any small piece of intelligence concerning the welfare of others. He would be depressed for many days after witnessing a death-bed, or hearing of any crime. But now Margaret noticed an absence of mind, as if his thoughts were pre-occupied by some subject, the oppression of which could not be relieved by

any daily action, such as comforting the survivors, or teaching at the school in hope of lessening the evils in the generation to come. Mr. Hale did not go out among his parishioners as much as usual; he was more shut up in his study; was anxious for the village postman, whose summons to the house-hold was a rap on the back-kitchen window-shutter – a signal which at one time had often to be repeated before any one was sufficiently alive to the hour of the day to understand what it was, and attend to him. Now Mr. Hale loitered about the garden if the morning was fine, and if not, stood dreamily by the study window until the postman had called, or gone down the lane, giving a half-respectful, half-confidential shake of the head to the parson, who watched him away beyond the sweet-briar hedge, and past the great arbutus, before he turned into the room to begin his day's work, with all the signs of a heavy heart and an occupied mind.

But Margaret was at an age when any apprehension, not absolutely based on a knowledge of facts, is easily banished for a time by a bright sunny day, or some happy outward circumstance. And when the brilliant fourteen fine days of October came on, her cares were all blown away as lightly as thistledown, and she thought of nothing but the glories of the forest. The fern-harvest was over, and now that the rain was gone, many a deep glade was accessible, into which Margaret had only peeped in July and August weather. She had learnt drawing with Edith; and she had sufficiently regretted, during the gloom of the bad weather, her idle revelling in the beauty of the woodlands while it had yet been fine, to make her determined to sketch what she could before winter fairly set in. Accordingly, she was busy preparing her board one morning, when Sarah, the housemaid, threw wide open the drawing-room door and announced, 'Mr. Henry Lennox.'

CHAPTER 3

'THE MORE HASTE THE WORSE SPEED'

“Learn to win a lady’s faith
Nobly, as the thing is high;
Bravely, as for life and death –
With a loyal gravity.
Lead her from the festive boards,
Point her to the starry skies,
Guard her, by your truthful words,
Pure from courtship’s flatteries”.
Mrs. Browning.

– Mr. Henry Lennox. – Margaret had been thinking of him only a moment before, and remembering his inquiry into her probable occupations at home. It was “parler du soleil et l’on en voit les rayons”; and the brightness of the sun came over Margaret’s face as she put down her board, and went forward to shake hands with him. – Tell mamma, Sarah – said she. – Mamma and I want to ask you so many questions about Edith; I am so much obliged to you for coming.

– Did not I say that I should? – asked he, in a lower tone than that in which she had spoken.

– But I heard of you so far away in the Highlands that I never thought Hampshire could come in.

– Oh! – said he, more lightly – our young couple were playing such foolish pranks, running all sorts of risks, climbing this mountain, sailing on that lake, that I really thought they needed a Mentor to take care of them. And indeed they did; they were quite beyond my uncle’s management, and kept the old gentleman in a panic for sixteen hours out of the twenty-four. Indeed, when I once saw how unfit they were to be trusted alone, I thought it my duty not to leave them till I had seen them safely embarked at Plymouth.

– Have you been at Plymouth? Oh! Edith never named that. To be sure, she has written in such a hurry lately. Did they really sail on Tuesday?

– Really sailed, and relieved me from many responsibilities. Edith gave me all sorts of messages for you. I believe I have a little diminutive note somewhere; yes, here it is.

– Oh! thank you – exclaimed Margaret; and then, half wishing to read it alone and unwatched, she made the excuse of going to tell her mother again (Sarah surely had made some mistake) that Mr. Lennox was there.

When she had left the room, he began in his scrutinising way to look

about him. The little drawing-room was looking its best in the streaming light of the morning sun. The middle window in the bow was opened, and clustering roses and the scarlet honeysuckle came peeping round the corner; the small lawn was gorgeous with verbenas and geraniums of all bright colours. But the very brightness outside made the colours within seem poor and faded. The carpet was far from new; the chintz had been often washed; the whole apartment was smaller and shabbier than he had expected, as back-ground and frame-work for Margaret, herself so queenly. He took up one of the books lying on the table; it was the *Paradiso* of Dante, in the proper old Italian binding of white vellum and gold; by it lay a dictionary, and some words copied out in Margaret's handwriting. They were a dull list of words, but somehow he liked looking at them. He put them down with a sigh.

—The living is evidently as small as she said. It seems strange, for the Beresfords belong to a good family.

Margaret meanwhile had found her mother. It was one of Mrs. Hale's fitful days, when everything was a difficulty and a hardship; and Mr. Lennox's appearance took this shape, although secretly she felt complimented by his thinking it worth while to call.

—It is most unfortunate! We are dining early today, and having nothing but cold meat, in order that the servants may get on with their ironing; and yet, of course, we must ask him to dinner — Edith's brother-in-law and all. And your papa is in such low spirits this morning about something — I don't know what. I went into the study just now, and he had his face on the table, covering it with his hands. I told him I was sure Helstone air did not agree with him any more than with me, and he suddenly lifted up his head, and begged me not to speak a word more against Helstone, he could not bear it; if there was one place he loved on earth it was Helstone. But I am sure, for all that, it is the damp and relaxing air.

Margaret felt as if a thin cold cloud had come between her and the sun. She had listened patiently, in hopes that it might be some relief to her mother to unburden herself; but now it was time to draw her back to Mr. Lennox.

—Papa likes Mr. Lennox; they got on together famously at the wedding breakfast. I dare say his coming will do papa good. And never mind the dinner, dear mamma. Cold meat will do capitally for a lunch, which is the light in which Mr. Lennox will most likely look upon a two o'clock dinner.

—But what are we to do with him till then? It is only half-past ten now.

—I'll ask him to go out sketching with me. I know he draws, and that will take him out of your way, mamma. Only do come in now; he will think it so strange if you don't.

Mrs. Hale took off her black silk apron, and smoothed her face. She looked a very pretty lady-like woman, as she greeted Mr. Lennox with the cordiality due to one who was almost a relation. He evidently expected to be asked to spend the day, and accepted the invitation with a glad readiness that

made Mrs. Hale wish she could add something to the cold beef. He was pleased with everything; delighted with Margaret's idea of going out sketching together; would not have Mr. Hale disturbed for the world, with the prospect of so soon meeting him at dinner. Margaret brought out her drawing materials for him to choose from; and after the paper and brushes had been duly selected, the two set out in the merriest spirits in the world.

– Now, please, just stop here for a minute or two, said Margaret. – These are the cottages that haunted me so during the rainy fortnight, reproaching me for not having sketched them.

– Before they tumbled down and were no more seen. Truly, if they are to be sketched – and they are very picturesque – we had better not put it off till next year. But where shall we sit?

– Oh! You might have come straight from chambers in the Temple – instead of having been two months in the Highlands! Look at this beautiful trunk of a tree, which the wood-cutters have left just in the right place for the light. I will put my plaid over it, and it will be a regular forest throne.

– With your feet in that puddle for a regal footstool! Stay, I will move, and then you can come nearer this way. Who lives in these cottages?

– They were built by squatters fifty or sixty years ago. One is uninhabited; the foresters are going to take it down, as soon as the old man who lives in the other is dead, poor old fellow! Look – there he is – I must go and speak to him. He is so deaf you will hear all our secrets.

The old man stood bareheaded in the sun, leaning on his stick at the front of his cottage. His stiff features relaxed into a slow smile as Margaret went up and spoke to him. Mr. Lennox hastily introduced the two figures into his sketch, and finished up the landscape with a subordinate reference to them – as Margaret perceived, when the time came for getting up, putting away water, and scraps of paper, and exhibiting to each other their sketches. She laughed and blushed Mr. Lennox watched her countenance.

– Now, I call that treacherous – said she. – I little thought you were making old Isaac and me into subjects, when you told me to ask him the history of these cottages.

– It was irresistible. You can't know how strong a temptation it was. I hardly dare tell you how much I shall like this sketch.

He was not quite sure whether she heard this latter sentence before she went to the brook to wash her palette. She came back rather flushed, but looking perfectly innocent and unconscious. He was glad of it, for the speech had slipped from him unawares – a rare thing in the case of a man who premeditated his actions so much as Henry Lennox.

The aspect of home was all right and bright when they reached it. The clouds on her mother's brow had cleared off under the propitious influence of a

brace of carp, most opportunely presented by a neighbour. Mr. Hale had returned from his morning's round, and was awaiting his visitor just outside the wicket gate that led into the garden. He looked a complete gentleman in his rather threadbare coat and well-worn hat.

Margaret was proud of her father; she had always a fresh and tender pride in seeing how favourably he impressed every stranger; still her quick eye sought over his face and found there traces of some unusual disturbance, which was only put aside, not cleared away.

Mr. Hale asked to look at their sketches.

– I think you have made the tints on the thatch too dark, have you not? as he returned Margaret's to her, and held out his hand for Mr. Lennox's, which was withheld from him one moment, no more.

– No, papa! I don't think I have. The house-leek and stone-crop have grown so much darker in the rain. Is it not like, papa? – said she, peeping over his shoulder, as he looked at the figures in Mr. Lennox's drawing.

– Yes, very like. Your figure and way of holding yourself is capital. And it is just poor old Isaac's stiff way of stooping his long rheumatic back. What is this hanging from the branch of the tree? Not a bird's nest, surely.

– Oh no! that is my bonnet. I never can draw with my bonnet on; it makes my head so hot. I wonder if I could manage figures. There are so many people about here whom I should like to sketch.

– I should say that a likeness you very much wish to take you would always succeed in – said Mr. Lennox. – I have great faith in the power of will. I think myself I have succeeded pretty well in yours. Mr. Hale had preceded them into the house, while Margaret was lingering to pluck some roses, with which to adorn her morning gown for dinner.

– A regular London girl would understand the implied meaning of that speech – thought Mr. Lennox. – She would be up to looking through every speech that a young man made her for the arriere-pensee of a compliment. But I don't believe Margaret. Stay! – exclaimed he – Let me help you; – and he gathered for her some velvety cramoisy roses that were above her reach, and then dividing the spoil he placed two in his button-hole, and sent her in, pleased and happy, to arrange her flowers.

The conversation at dinner flowed on quietly and agreeably. There were plenty of questions to be asked on both sides – the latest intelligence which each could give of Mrs. Shaw's movements in Italy to be exchanged; and in the interest of what was said, the unpretending simplicity of the parsonage-ways – above all, in the neighbourhood of Margaret, Mr. Lennox forgot the little feeling of disappointment with which he had at first perceived that she had spoken but the simple truth when she had described her father's living as very small.

– Margaret, my child, you might have gathered us some pears for our

dessert – said Mr. Hale, as the hospitable luxury of a freshly-decanted bottle of wine was placed on the table.

Mrs. Hale was hurried. It seemed as if desserts were impromptu and unusual things at the parsonage; whereas, if Mr. Hale would only have looked behind him, he would have seen biscuits and marmalade, and what not, all arranged in formal order on the sideboard. But the idea of pears had taken possession of Mr. Hale's mind, and was not to be got rid of.

– There are a few brown beurres against the south wall which are worth all foreign fruits and preserves. Run, Margaret, and gather us some.

– I propose that we adjourn into the garden, and eat them there. – said Mr. Lennox.

– Nothing is so delicious as to set one's teeth into the crisp, juicy fruit, warm and scented by the sun. The worst is, the wasps are impudent enough to dispute it with one, even at the very crisis and summit of enjoyment.

He rose, as if to follow Margaret, who had disappeared through the window he only awaited Mrs. Hale's permission. She would rather have wound up the dinner in the proper way, and with all the ceremonies which had gone on so smoothly hitherto, especially as she and Dixon had got out the finger-glasses from the store-room on purpose to be as correct as became General Shaw's widow's sister, but as Mr. Hale got up directly, and prepared to accompany his guest, she could only submit.

– I shall arm myself with a knife – said Mr. Hale – the days of eating fruit so primitively as you describe are over with me. I must pare it and quarter it before I can enjoy it.

Margaret made a plate for the pears out of a beetroot leaf, which threw up their brown gold colour admirably. Mr. Lennox looked more at her than at the pears; but her father, inclined to cull fastidiously the very zest and perfection of the hour he had stolen from his anxiety, chose daintily the ripest fruit, and sat down on the garden bench to enjoy it at his leisure. Margaret and Mr. Lennox strolled along the little terrace-walk under the south wall, where the bees still hummed and worked busily in their hives.

– What a perfect life you seem to live here! I have always felt rather contemptuously towards the poets before, with their wishes, “Mine be a cot beside a hill” and that sort of thing: but now I am afraid that the truth is, I have been nothing better than a cockney. Just now I feel as if twenty years hard study of law would be amply rewarded by one year of such an exquisite serene life as this – such skies! looking up – such crimson and amber foliage, so perfectly motionless as that! – pointing to some of the great forest trees which shut in the garden as if it were a nest.

– You must please to remember that our skies are not always as deep a blue as they are now. We have rain, and our leaves do fall, and get sodden: though

I think Helstone is about as perfect a place as any in the world. Recollect how you rather scorned my description of it one evening in Harley Street: “a village in a tale”.

– Scorned, Margaret That is rather a hard word.

– Perhaps it is. Only I know I should have liked to have talked to you of what I was very full at the time, and you – what must I call it, then? – spoke disrespectfully of Helstone as a mere village in a tale.

– I will never do so again – said he, warmly. They turned the corner of the walk

– I could almost wish, Margaret... – he stopped and hesitated. It was so unusual for the fluent lawyer to hesitate that Margaret looked up at him, in a little state of questioning wonder; but in an instant – from what about him she could not tell – she wished herself back with her mother – her father – any where away from him, for she was sure he was going to say something to which she should not know what to reply. In another moment the strong pride that was in her came to conquer her sudden agitation, which she hoped he had not perceived. Of course she could answer, and answer the right thing; and it was poor and despicable of her to shrink from hearing any speech, as if she had not power to put an end to it with her high maidenly dignity.

– Margaret – said he, taking her by surprise, and getting sudden possession of her hand, so that she was forced to stand still and listen, despising herself for the fluttering at her heart all the time; – Margaret, I wish you did not like Helstone so much – did not seem so perfectly calm and happy here. I have been hoping for these three months past to find you regretting London – and London friends, a little – enough to make you listen more kindly – (for she was quietly, but firmly, striving to extricate her hand from his grasp) – to one who has not much to offer, it is true – nothing but prospects in the future – but who does love you, Margaret, almost in spite of himself. Margaret, have I startled you too much? Speak! – For he saw her lips quivering almost as if she were going to cry. She made a strong effort to be calm; she would not speak till she had succeeded in mastering her voice, and then she said:

– I was startled. I did not know that you cared for me in that way. I have always thought of you as a friend; and, please, I would rather go on thinking of you so. I don't like to be spoken to as you have been doing. I cannot answer you as you want me to do, and yet I should feel so sorry if I vexed you.

– Margaret – said he, looking into her eyes, which met his with their open, straight look, expressive of the utmost good faith and reluctance to give pain.

– Do you – he was going to say – love any one else? – But it seemed as if this question would be an insult to the pure serenity of those eyes. – Forgive me I have been too abrupt. I am punished. Only let me hope. Give me the poor

comfort of telling me you have never seen any one whom you could... – Again a pause. He could not end his sentence. Margaret reproached herself acutely as the cause of his distress.

– Ah! if you had but never got this fancy into your head! It was such a pleasure to think of you as a friend.

– But I may hope, may I not, Margaret, that some time you will think of me as a lover? Not yet, I see – there is no hurry – but some time... – She was silent for a minute or two, trying to discover the truth as it was in her own heart, before replying; then she said:

– I have never thought of – you, but as a friend. I like to think of you so; but I am sure I could never think of you as anything else. Pray, let us both forget that all this... – “disagreeable”, she was going to say, but stopped short – conversation has taken place.

He paused before he replied. Then, in his habitual coldness of tone, he answered:

– Of course, as your feelings are so decided, and as this conversation has been so evidently unpleasant to you, it had better not be remembered. That is all very fine in theory, that plan of forgetting whatever is painful, but it will be somewhat difficult for me, at least, to carry it into execution.

– You are vexed – said she, sadly; – yet how can I help it?

She looked so truly grieved as she said this, that he struggled for a moment with his real disappointment, and then answered more cheerfully, but still with a little hardness in his tone:

– You should make allowances for the mortification, not only of a lover, Margaret, but of a man not given to romance in general – prudent, worldly, as some people call me – who has been carried out of his usual habits by the force of a passion – well, we will say no more of that; but in the one outlet which he has formed for the deeper and better feelings of his nature, he meets with rejection and repulse. I shall have to console myself with scorning my own folly. A struggling barrister to think of matrimony!

Margaret could not answer this. The whole tone of it annoyed her. It seemed to touch on and call out all the points of difference which had often repelled her in him; while yet he was the pleasantest man, the most sympathising friend, the person of all others who understood her best in Harley Street. She felt a tinge of contempt mingle itself with her pain at having refused him. Her beautiful lip curled in a slight disdain. It was well that, having made the round of the garden, they came suddenly upon Mr. Hale, whose whereabouts had been quite forgotten by them. He had not yet finished the pear, which he had delicately peeled in one long strip of silver-paper thinness, and which he was enjoying in a deliberate manner. It was like the story of the eastern king, who dipped his head into a basin of water, at the magician's command, and ere he

instantly took it out went through the experience of a lifetime. I Margaret felt stunned, and unable to recover her self-possession enough to join in the trivial conversation that ensued between her father and Mr. Lennox. She was grave, and little disposed to speak; full of wonder when Mr. Lennox would go, and allow her to relax into thought on the events of the last quarter of an hour. He was almost as anxious to take his departure as she was for him to leave; but a few minutes light and careless talking, carried on at whatever effort, was a sacrifice which he owed to his mortified vanity, or his self-respect. He glanced from time to time at her sad and pensive face.

– I am not so indifferent to her as she believes – thought he to himself. – I do not give up hope.

Before a quarter of an hour was over, he had fallen into a way of conversing with quiet sarcasm; speaking of life in London and life in the country, as if he were conscious of his second mocking self, and afraid of his own satire. Mr. Hale was puzzled. His visitor was a different man to what he had seen him before at the wedding-breakfast, and at dinner today; a lighter, cleverer, more worldly man, and, as such, dissonant to Mr. Hale. It was a relief to all three when Mr. Lennox said that he must go directly if he meant to catch the five o'clock train. They proceeded to the house to find Mrs. Hale, and wish her good-bye. At the last moment, Henry Lennox's real self broke through the crust.

– Margaret, don't despise me; I have a heart, notwithstanding all this good-for-nothing way of talking. As a proof of it, I believe I love you more than ever – if I do not hate you – for the disdain with which you have listened to me during this last half-hour. Good-bye, Margaret – Margaret!

CHAPTER 4
DOUBTS AND DIFFICULTIES

“Cast me upon some naked shore,
Where I may tracke
Only the print of some sad wracke,
If thou be there, though the seas roare,
I shall no gentler calm implore”.
Habington.

He was gone. The house was shut up for the evening. No more deep blue skies or crimson and amber tints. Margaret went up to dress for the early tea, finding Dixon in a pretty temper from the interruption which a visitor had naturally occasioned on a busy day. She showed it by brushing away viciously at Margaret's hair, under pretence of being in a great hurry to go to Mrs. Hale. Yet, after all, Margaret had to wait a long time in the drawing-room before her mother came down. She sat by herself at the fire, with unlighted candles on the table behind her, thinking over the day, the happy walk, happy sketching, cheerful pleasant dinner, and the uncomfortable, miserable walk in the garden.

How different men were to women! Here was she disturbed and unhappy, because her instinct had made anything but a refusal impossible; while he, not many minutes after he had met with a rejection of what ought to have been the deepest, holiest proposal of his life, could speak as if briefs, success, and all its superficial consequences of a good house, clever and agreeable society, were the sole avowed objects of his desires. Oh dear! how she could have loved him if he had but been different, with a difference which she felt, on reflection, to be one that went low – deep down. Then she took it into her head that, after all, his lightness might be but assumed, to cover a bitterness of disappointment which would have been stamped on her own heart if she had loved and been rejected.

Her mother came into the room before this whirl of thoughts was adjusted into anything like order. Margaret had to shake off the recollections of what had been done and said through the day, and turn a sympathising listener to the account of how Dixon had complained that the ironing-blanket had been burnt again; and how Susan Lightfoot had been seen with artificial flowers in her bonnet, thereby giving evidence of a vain and giddy character. Mr. Hale sipped his tea in abstracted silence; Margaret had the responses all to herself. She wondered how her father and mother could be so forgetful, so regardless of their companion through the day, as never to mention his name. She forgot that he had not made them an offer.

After tea Mr. Hale got up, and stood with his elbow on the chimney-piece, leaning his head on his hand, musing over something, and from time to

time sighing deeply. Mrs. Hale went out to consult with Dixon about some winter clothing for the poor. Margaret was preparing her mother's worsted work, and rather shrinking from the thought of the long evening, and wishing bed-time were come that she might go over the events of the day again.

– Margaret! – said Mr. Hale, at last, in a sort of sudden desperate way, that made her start. – Is that tapestry thing of immediate consequence? I mean, can you leave it and come into my study? I want to speak to you about something very serious to us all.

– Very serious to us all. – Mr. Lennox had never had the opportunity of having any private conversation with her father after her refusal, or else that would indeed be a very serious affair. In the first place, Margaret felt guilty and ashamed of having grown so much into a woman as to be thought of in marriage; and secondly, she did not know if her father might not be displeased that she had taken upon herself to decline Mr. Lennox's proposal. But she soon felt it was not about anything, which having only lately and suddenly occurred, could have given rise to any complicated thoughts, that her father wished to speak to her. He made her take a chair by him; he stirred the fire, snuffed the candles, and sighed once or twice before he could make up his mind to say – and it came out with a jerk after all – Margaret! I am going to leave Helstone.

– Leave Helstone, papa! But why?

Mr. Hale did not answer for a minute or two. He played with some papers on the table in a nervous and confused manner, opening his lips to speak several times, but closing them again without having the courage to utter a word. Margaret could not bear the sight of the suspense, which was even more distressing to her father than to herself.

– But why, dear papa? Do tell me!

He looked up at her suddenly, and then said with a slow and enforced calmness:

– Because I must no longer be a minister in the Church of England.

Margaret had imagined nothing less than that some of the preferments which her mother so much desired had befallen her father at last – something that would force him to leave beautiful, beloved Helstone, and perhaps compel him to go and live in some of the stately and silent Closes which Margaret had seen from time to time in cathedral towns. They were grand and imposing places, but if, to go there, it was necessary to leave Helstone as a home for ever, that would have been a sad, long, lingering pain. But nothing to the shock she received from Mr. Hale's last speech. What could he mean? It was all the worse for being so mysterious. The aspect of piteous distress on his face, almost as imploring a merciful and kind judgment from his child, gave her a sudden sickening. Could he have become implicated in anything Frederick had done? Frederick was an outlaw. Had her father, out of a natural love for his son, connived at any ...

– Oh! what is it? do speak, papa! tell me all! Why can you no longer be a clergyman? Surely, if the bishop were told all we know about Frederick, and the hard, unjust...

– It is nothing about Frederick, the bishop would have nothing to do with that. It is all myself. Margaret, I will tell you about it. I will answer any questions this once, but after tonight let us never speak of it again. I can meet the consequences of my painful, miserable doubts; but it is an effort beyond me to speak of what has caused me so much suffering.

– Doubts, papa! Doubts as to religion? – asked Margaret, more shocked than ever.

– No! not doubts as to religion; not the slightest injury to that. – He paused. Margaret sighed, as if standing on the verge of some new horror. He began again, speaking rapidly, as if to get over a set task

– You could not understand it all, if I told you – my anxiety, for years past, to know whether I had any right to hold my living – my efforts to quench my smouldering doubts by the authority of the Church. Oh! Margaret, how I love the holy Church from which I am to be shut out! – He could not go on for a moment or two. Margaret could not tell what to say; it seemed to her as terribly mysterious as if her father were about to turn Mahometan.

– I have been reading today of the two thousand who were ejected from their churches – continued Mr. Hale, smiling faintly – trying to steal some of their bravery; but it is of no use – no use – I cannot help feeling it acutely.

– But, papa, have you well considered? Oh! it seems so terrible, so shocking – said Margaret, suddenly bursting into tears. The one staid foundation of her home, of her idea of her beloved father, seemed reeling and rocking. What could she say? What was to be done? The sight of her distress made Mr. Hale nerve himself, in order to try and comfort her. He swallowed down the dry choking sobs which had been heaving up from his heart hitherto, and going to his bookcase he took down a volume, which he had often been reading lately, and from which he thought he had derived strength to enter upon the course in which he was now embarked.

– Listen, dear Margaret – said he, putting one arm round her waist. She took his hand in hers and grasped it tight, but she could not lift up her head; nor indeed could she attend to what he read, so great was her internal agitation.

– This is the soliloquy of one who was once a clergyman in a country parish, like me; it was written by a Mr. Oldfield, minister of Carsington, in Derbyshire, a hundred and sixty years ago, or more. His trials are over. He fought the good fight. – These last two sentences he spoke low, as if to himself. Then he read aloud:

– When thou canst no longer continue in thy work without dishonour to God, discredit to religion, foregoing thy integrity, wounding conscience, spoiling

thy peace, and hazarding the loss of thy salvation; in a word, when the conditions upon which thou must continue (if thou wilt continue) in thy employments are sinful, and unwarranted by the word of God, thou mayest, yea, thou must believe that God will turn thy very silence, suspension, deprivation, and laying aside, to His glory, and the advancement of the Gospel's interest. When God will not use thee in one kind, yet He will in another. A soul that desires to serve and honour Him shall never want opportunity to do it; nor must thou so limit the Holy One of Israel as to think He hath but one way in which He can glorify Himself by thee. He can do it by thy silence as well as by thy preaching; thy laying aside as well as thy continuance in thy work. It is not pretence of doing God the greatest service, or performing the weightiest duty, that will excuse the least sin, though that sin capacitated or gave us the opportunity for doing that duty. Thou wilt have little thanks, O my soul! if, when thou art charged with corrupting God's worship, falsifying thy vows, thou pretendest a necessity for it in order to a continuance in the ministry. As he read this, and glanced at much more which he did not read, he gained resolution for himself, and felt as if he too could be brave and firm in doing what he believed to be right; but as he ceased he heard Margaret's low convulsive sob; and his courage sank down under the keen sense of suffering.

– Margaret, dear! – said he, drawing her closer – think of the early martyrs; think of the thousands who have suffered.

– But, father – said she, suddenly lifting up her flushed, tear-wet face – the early martyrs suffered for the truth, while you – oh! dear, dear papa!

– I suffer for conscience sake, my child – said he, with a dignity that was only tremulous from the acute sensitiveness of his character; – I must do what my conscience bids. I have borne long with self-reproach that would have roused any mind less torpid and cowardly than mine. – He shook his head as he went on. – Your poor mother's fond wish, gratified at last in the mocking way in which over-fond wishes are too often fulfilled – Sodom apples as they are – has brought on this crisis, for which I ought to be, and I hope I am thankful. It is not a month since the bishop offered me another living; if I had accepted it, I should have had to make a fresh declaration of conformity to the Liturgy at my institution. Margaret, I tried to do it; I tried to content myself with simply refusing the additional preferment, and stopping quietly here – strangling my conscience now, as I had strained it before. God forgive me!

He rose and walked up and down the room, speaking low words of self-reproach and humiliation, of which Margaret was thankful to hear but few. At last he said,

– Margaret, I return to the old sad burden we must leave Helstone.

– Yes! I see. But when?

– I have written to the bishop – I dare say I have told you so, but I forget things just now – said Mr. Hale, collapsing into his depressed manner as soon as he came to talk of hard matter-of-fact details, informing him of my intention to

resign this vicarage. He has been most kind; he has used arguments and expostulations, all in vain – in vain. They are but what I have tried upon myself, without avail. I shall have to take my deed of resignation, and wait upon the bishop myself, to bid him farewell. That will be a trial, but worse, far worse, will be the parting from my dear people. There is a curate appointed to read prayers – a Mr. Brown. He will come to stay with us tomorrow. Next Sunday I preach my farewell sermon.

Was it to be so sudden then? thought Margaret; and yet perhaps it was as well. Lingering would only add stings to the pain; it was better to be stunned into numbness by hearing of all these arrangements, which seemed to be nearly completed before she had been told. “What does mamma say?”, asked she, with a deep sigh.

To her surprise, her father began to walk about again before he answered. At length he stopped and replied:

– Margaret, I am a poor coward after all. I cannot bear to give pain. I know so well your mother’s married life has not been all she hoped – all she had a right to expect – and this will be such a blow to her, that I have never had the heart, the power to tell her. She must be told though, now, said he, looking wistfully at his daughter. Margaret was almost overpowered with the idea that her mother knew nothing of it all, and yet the affair was so far advanced!

– Yes, indeed she must – said Margaret. – Perhaps, after all, she may not – Oh yes! she will, she must be shocked – as the force of the blow returned upon herself in trying to realise how another would take it. – Where are we to go to? – said she at last, struck with a fresh wonder as to their future plans, if plans indeed her father had.

– To Milton-Northern – he answered, with a dull indifference, for he had perceived that, although his daughter’s love had made her cling to him, and for a moment strive to soothe him with her love, yet the keenness of the pain was as fresh as ever in her mind.

– Milton-Northern! The manufacturing town in Darkshire?

– Yes – said he, in the same despondent, indifferent way.

– Why there, papa? – asked she.

– Because there I can earn bread for my family. Because I know no one there, and no one knows Helstone, or can ever talk to me about it.

– Bread for your family! I thought you and mamma had – and then she stopped, checking her natural interest regarding their future life, as she saw the gathering gloom on her father’s brow. But he, with his quick intuitive sympathy, read in her face, as in a mirror, the reflections of his own moody depression, and turned it off with an effort.

– You shall be told all, Margaret. Only help me to tell your mother. I

think I could do anything but that: the idea of her distress turns me sick with dread. If I tell you all, perhaps you could break it to her tomorrow. I am going out for the day, to bid Farmer Dobson and the poor people on Bracy Common good-bye. Would you dislike breaking it to her very much, Margaret?

Margaret did dislike it, did shrink from it more than from anything she had ever had to do in her life before. She could not speak, all at once. Her father said – You dislike it very much, don't you, Margaret? – Then she conquered herself, and said, with a bright strong look on her face:

– It is a painful thing, but it must be done, and I will do it as well as ever I can. You must have many painful things to do.

Mr. Hale shook his head despondingly: he pressed her hand in token of gratitude. Margaret was nearly upset again into a burst of crying. To turn her thoughts, she said – Now tell me, papa, what our plans are. You and mamma have some money, independent of the income from the living, have not you? Aunt Shaw has, I know.

– Yes. I suppose we have about a hundred and seventy pounds a year of our own. Seventy of that has always gone to Frederick, since he has been abroad. I don't know if he wants it all – he continued in a hesitating manner. — He must have some pay for serving with the Spanish army.

– Frederick must not suffer – said Margaret, decidedly; – in a foreign country; so unjustly treated by his own. A hundred is left. Could not you, and I, and mamma live on a hundred a year in some very cheap – very quiet part of England? Oh! I think we could.

– No! – said Mr. Hale. – That would not answer. I must do something. I must make myself busy, to keep off morbid thoughts. Besides, in a country parish I should be so painfully reminded of Helstone, and my duties here. I could not bear it, Margaret. And a hundred a year would go a very little way, after the necessary wants of housekeeping are met, towards providing your mother with all the comforts she has been accustomed to, and ought to have. No: we must go to Milton. That is settled. I can always decide better by myself, and not influenced by those whom I love – said he, as a half apology for having arranged so much before he had told any one of his family of his intentions. – I cannot stand objections. They make me so undecided.

Margaret resolved to keep silence. After all, what did it signify where they went, compared to the one terrible change?

Mr. Hale continued: – A few months ago, when my misery of doubt became more than I could bear without speaking, I wrote to Mr. Bell – you remember Mr. Bell, Margaret?

– No; I never saw him, I think. But I know who he is. Frederick's godfather – your old tutor at Oxford, don't you mean?

– Yes. He is a Fellow of Plymouth College there. He is a native of Milton-Northern, I believe. At any rate, he has property there, which has very much increased in value since Milton has become such a large manufacturing town. Well, I had reason to suspect – to imagine – I had better say nothing about it, however. But I felt sure of sympathy from Mr. Bell. I don't know that he gave me much strength. He has lived an easy life in his college all his days. But he has been as kind as can be. And it is owing to him we are going to Milton.

– How? – said Margaret.

– Why he has tenants, and houses, and mills there; so, though he dislikes the place – too bustling for one of his habits – he is obliged to keep up some sort of connection; and he tells me that he hears there is a good opening for a private tutor there.

– A private tutor! – said Margaret, looking scornful: – What in the world do manufacturers want with the classics, or literature, or the accomplishments of a gentleman?

– Oh – said her father – some of them really seem to be fine fellows, conscious of their own deficiencies, which is more than many a man at Oxford is. Some want resolutely to learn, though they have come to man's estate. Some want their children to be better instructed than they themselves have been. At any rate, there is an opening, as I have said, for a private tutor. Mr. Bell has recommended me to a Mr. Thornton, a tenant of his, and a very intelligent man, as far as I can judge from his letters. And in Milton, Margaret, I shall find a busy life, if not a happy one, and people and scenes so different that I shall never be reminded of Helstone.

There was the secret motive, as Margaret knew from her own feelings. It would be different. Discordant as it was – with almost a detestation for all she had ever heard of the North of England, the manufacturers, the people, the wild and bleak country – there was this one recommendation – it would be different from Helstone, and could never remind them of that beloved place.

– When do we go? – asked Margaret, after a short silence.

– I do not know exactly. I wanted to talk it over with you. You see, your mother knows nothing about it yet: but I think, in a fortnight; – after my deed of resignation is sent in, I shall have no right to remain.

Margaret was almost stunned.

– In a fortnight!

– No – no, not exactly to a day. Nothing is fixed – said her father, with anxious hesitation, as he noticed the filmy sorrow that came over her eyes, and the sudden change in her complexion. But she recovered herself immediately.

– Yes, papa, it had better be fixed soon and decidedly, as you say. Only mamma to know nothing about it! It is that that is the great perplexity.

– Poor Maria! – replied Mr. Hale, tenderly. – Poor, poor Maria! Oh, if I were not married – if I were but my self in the world, how easy it would be! As it is – Margaret, I dare not tell her!

– No – said Margaret, sadly – I will do it. Give me till tomorrow evening to choose my time Oh, papa – cried she, with sudden passionate entreaty – say – tell me it is a night-mare – a horrid dream – not the real waking truth! You cannot mean that you are really going to leave the Church – to give up Helstone – to be for ever separate from me, from mamma – led away by some delusion – some temptation! You do not really mean it!

Mr. Hale sat in rigid stillness while she spoke.

Then he looked her in the face, and said in a slow, hoarse, measured way – I do mean it, Margaret. You must not deceive yourself into doubting the reality of my words – my fixed intention and resolve. He looked at her in the same steady, stony manner, for some moments after he had done speaking. She, too, gazed back with pleading eyes before she would believe that it was irrevocable. Then she arose and went, without another word or look, towards the door. As her fingers were on the handle he called her back. He was standing by the fireplace, shrunk and stooping; but as she came near he drew himself up to his full height, and, placing his hands on her head, he said, solemnly:

– The blessing of God be upon thee, my child!

– And may He restore you to His Church – responded she, out of the fulness of her heart. The next moment she feared lest this answer to his blessing might be irreverent, wrong – might hurt him as coming from his daughter, and she threw her arms round his neck. He held her to him for a minute or two. She heard him murmur to himself – The martyrs and confessors had even more pain to bear – I will not shrink.

They were startled by hearing Mrs. Hale inquiring for her daughter. They started asunder in the full consciousness of all that was before them. Mr. Hale hurriedly said – Go, Margaret, go. I shall be out all tomorrow. Before night you will have told your mother!

– Yes – she replied, and she returned to the drawing-room in a stunned and dizzy state.

CHAPTER 5
DECISION

“I ask Thee for a thoughtful love,
Through constant watching wise,
To meet the glad with joyful smiles,
And to wipe the weeping eyes;
And a heart at leisure from itself
To soothe and sympathise”.
Anonymous

Margaret made a good listener to all her mother's little plans for adding some small comforts to the lot of the poorer parishioners. She could not help listening, though each new project was a stab to her heart. By the time the frost had set in, they should be far away from Helstone. Old Simon's rheumatism might be bad and his eyesight worse; there would be no one to go and read to him, and comfort him with little porringers of broth and good red flannel: or if there was, it would be a stranger, and the old man would watch in vain for her. Mary Domville's little crippled boy would crawl in vain to the door and look for her coming through the forest. These poor friends would never understand why she had forsaken them; and there were many others besides. – Papa has always spent the income he derived from his living in the parish. I am, perhaps, encroaching upon the next dues, but the winter is likely to be severe, and our poor old people must be helped.

– Oh, mamma, let us do all we can – said Margaret eagerly, not seeing the prudential side of the question, only grasping at the idea that they were rendering such help for the last time; – we may not be here long.

– Do you feel ill, my darling? – asked Mrs. Hale, anxiously, misunderstanding Margaret's hint of the uncertainty of their stay at Helstone. – You look pale and tired. It is this soft, damp, unhealthy air.

– No – no, mamma, it is not that: it is delicious air. It smells of the freshest, purest fragrance, after the smokiness of Harley Street. But I am tired: it surely must be near bedtime.

– Not far off – it is half-past nine. You had better go to bed at dear. Ask Dixon for some gruel. I will come and see you as soon as you are in bed. I am afraid you have taken cold; or the bad air from some of the stagnant ponds –

– Oh, mamma, said Margaret, faintly smiling as she kissed her mother – I am quite well don't alarm yourself about me; I am only tired.

Margaret went upstairs. To soothe her mother's anxiety she submitted to

a basin of gruel. She was lying languidly in bed when Mrs. Hale came up to make some last inquiries and kiss her before going to her own room for the night. But the instant she heard her mother's door locked, she sprang out of bed, and throwing her dressing-gown on, she began to pace up and down the room, until the creaking of one of the boards reminded her that she must make no noise. She went and curled herself up on the window-seat in the small, deeply-recessed window. That morning when she had looked out, her heart had danced at seeing the bright clear lights on the church tower, which foretold a fine and sunny day. This evening – sixteen hours at most had past by – she sat down, too full of sorrow to cry, but with a dull cold pain, which seemed to have pressed the youth and buoyancy out of her heart, never to return. Mr. Henry Lennox's visit – his offer – was like a dream, a thing beside her actual life. The hard reality was, that her father had so admitted tempting doubts into his mind as to become a schismatic – an outcast; all the changes consequent upon this grouped themselves around that one great blighting fact.

She looked out upon the dark-gray lines of the church tower, square and straight in the centre of the view, cutting against the deep blue transparent depths beyond, into which she gazed, and felt that she might gaze for ever, seeing at every moment some farther distance, and yet no sign of God! It seemed to her at the moment, as if the earth was more utterly desolate than if girt in by an iron dome, behind which there might be the ineffaceable peace and glory of the Almighty: those never-ending depths of space, in their still serenity, were more mocking to her than any material bounds could be – shutting in the cries of earth's sufferers, which now might ascend into that infinite splendour of vastness and be lost – lost for ever, before they reached His throne. In this mood her father came in unheard. The moonlight was strong enough to let him see his daughter in her unusual place and attitude. He came to her and touched her shoulder before she was aware that he was there.

– Margaret, I heard you were up. I could not help coming in to ask you to pray with me – to say the Lord's Prayer; that will do good to both of us.

Mr. Hale and Margaret knelt by the window-seat – he looking up, she bowed down in humble shame. God was there, close around them, hearing her father's whispered words. Her father might be a heretic; but had not she, in her despairing doubts not five minutes before, shown herself a far more utter sceptic? She spoke not a word, but stole to bed after her father had left her, like a child ashamed of its fault. If the world was full of perplexing problems she would trust, and only ask to see the one step needful for the hour. Mr. Lennox – his visit, his proposal – the remembrance of which had been so rudely pushed aside by the subsequent events of the day – haunted her dreams that night. He was climbing up some tree of fabulous height to reach the branch whereon was slung her bonnet: he was falling, and she was struggling to save him, but held back by some invisible powerful hand. He was dead. And yet, with a shifting of the scene, she was once more in the Harley Street drawing-room, talking to him as of old, and still with a consciousness all the time that she had seen him killed by that terrible

fall.

Miserable, unresting night! Ill preparation for the coming day! She awoke with a start, unrefreshed, and conscious of some reality worse even than her feverish dreams. It all came back upon her; not merely the sorrow, but the terrible discord in the sorrow. Where, to what distance apart, had her father wandered, led by doubts which were to her temptations of the Evil One? She longed to ask, and yet would not have heard for all the world.

The fine Crisp morning made her mother feel particularly well and happy at breakfast-time. She talked on, planning village kindnesses, unheeding the silence of her husband and the monosyllabic answers of Margaret. Before the things were cleared away, Mr. Hale got up; he leaned one hand on the table, as if to support himself:

– I shall not be at home till evening. I am going to Bracy Common, and will ask Farmer Dobson to give me something for dinner. I shall be back to tea at seven. He did not look at either of them, but Margaret knew what he meant. By seven the announcement must be made to her mother. Mr. Hale would have delayed making it till half-past six, but Margaret was of different stuff. She could not bear the impending weight on her mind all the day long: better get the worst over; the day would be too short to comfort her mother. But while she stood by the window, thinking how to begin, and waiting for the servant to have left the room, her mother had gone up-stairs to put on her things to go to the school. She came down ready equipped, in a brisker mood than usual.

– Mother, come round the garden with me this morning; just one turn, said Margaret, putting her arm round Mrs. Hale's waist.

They passed through the open window. Mrs. Hale spoke – said something – Margaret could not tell what. Her eye caught on a bee entering a deep-belled flower: when that bee flew forth with his spoil she would begin – that should be the sign. Out he came.

– Mamma! Papa is going to leave Helstone! she blurted forth. – He's going to leave the Church, and live in Milton-Northern. There were the three hard facts hardly spoken.

– What makes you say so? asked Mrs. Hale, in a surprised incredulous voice. 'Who has been telling you such nonsense?'

– Papa himself, said Margaret, longing to say something gentle and consoling, but literally not knowing how. They were close to a garden-bench. Mrs. Hale sat down, and began to cry.

– I don't understand you, she said. – Either you have made some great mistake, or I don't quite understand you.

– No, mother, I have made no mistake. Papa has written to the bishop, saying that he has such doubts that he cannot conscientiously remain a priest of the Church of England, and that he must give up Helstone. He has also consulted

Mr. Bell – Frederick's godfather, you know, mamma; and it is arranged that we go to live in Milton-Northern. Mrs. Hale looked up in Margaret's face all the time she was speaking these words: the shadow on her countenance told that she, at least, believed in the truth of what she said.

– I don't think it can be true, said Mrs. Hale, at length. – He would surely have told me before it came to this.

It came strongly upon Margaret's mind that her mother ought to have been told: that whatever her faults of discontent and repining might have been, it was an error in her father to have left her to learn his change of opinion, and his approaching change of life, from her better-informed child. Margaret sat down by her mother, and took her unresisting head on her breast, bending her own soft cheeks down caressingly to touch her face.

– Dear, darling mamma! we were so afraid of giving you pain. Papa felt so acutely – you know you are not strong, and there must have been such terrible suspense to go through.

– When did he tell you, Margaret?

– Yesterday, only yesterday, replied Margaret, detecting the jealousy which prompted the inquiry. – Poor papa! – trying to divert her mother's thoughts into compassionate sympathy for all her father had gone through. Mrs. Hale raised her head.

– What does he mean by having doubts? she asked. – Surely, he does not mean that he thinks differently – that he knows better than the Church. Margaret shook her head, and the tears came into her eyes, as her mother touched the bare nerve of her own regret.

– Can't the bishop set him right? asked Mrs. Hale, half impatiently.

– I'm afraid not, said Margaret. – But I did not ask I could not bear to hear what he might answer. It is all settled at any rate. He is going to leave Helstone in a fortnight. I am not sure if he did not say he had sent in his deed of resignation.

– In a fortnight! exclaimed Mrs. Hale – I do think this is very strange – not at all right. I call it very unfeeling, said she, beginning to take relief in tears. – He has doubts, you say, and gives up his living, and all without consulting me. I dare say, if he had told me his doubts at the first I could have nipped them in the bud.

Mistaken as Margaret felt her father's conduct to have been, she could not bear to hear it blamed by her mother. She knew that his very reserve had originated in a tenderness for her, which might be cowardly, but was not unfeeling.

– I almost hoped you might have been glad to leave Helstone, mamma, said she, after a pause. – You have never been well in this air, you know.

– You can't think the smoky air of a manufacturing town, all chimneys and dirt like Milton-Northern, would be better than this air, which is pure and sweet, if it is too soft and relaxing. Fancy living in the middle of factories, and factory people! Though, of course, if your father leaves the Church, we shall not be admitted into society any where. It will be such a disgrace to us! Poor dear Sir John! It is well he is not alive to see what your father has come to! Every day after dinner, when I was a girl, living with your aunt Shaw, at Beresford Court, Sir John used to give for the first toast – “Church and King, and down with the Rump.”

Margaret was glad that her mother's thoughts were turned away from the fact of her husband's silence to her on the point which must have been so near his heart. Next to the serious vital anxiety as to the nature of her father's doubts, this was the one circumstance of the case that gave Margaret the most pain.

– You know, we have very little society here, mamma. The Gormans, who are our nearest neighbours (to call society – and we hardly ever see them), have been in trade just as much as these Milton-Northern people.

– Yes, said Mrs. Hale, almost indignantly – but, at any rate, the Gormans made carriages for half the gentry of the county, and were brought into some kind of intercourse with them; but these factory people, who on earth wears cotton that can afford linen?

– Well, mamma, I give up the cotton-spinners; I am not standing up for them, any more than for any other trades-people. Only we shall have little enough to do with them.

– Why on earth has your father fixed on Milton-Northern to live in?

– Partly, said Margaret, sighing – because it is so very different from Helstone – partly because Mr. Bell says there is an opening there for a private tutor.

– Private tutor in Milton! Why can't he go to Oxford, and be a tutor to gentlemen?

– You forget, mamma! He is leaving the Church on account of his opinions – his doubts would do him no good at Oxford.

Mrs. Hale was silent for some time, quietly crying. At last she said: –

– And the furniture – How in the world are we to manage the removal? I never removed in my life, and only a fortnight to think about it!

Margaret was inexpressibly relieved to find that her mother's anxiety and distress was lowered to this point, so insignificant to herself, and on which she could do so much to help. She planned and promised, and led her mother on to arrange fully as much as could be fixed before they knew somewhat more definitively what Mr. Hale intended to do. Throughout the day Margaret never left her mother; bending her whole soul to sympathise in all the various turns her

feelings took, towards evening especially, as she became more and more anxious that her father should find a soothing welcome home awaiting him, after his return from his day of fatigue and distress. She dwelt upon what he must have borne in secret for long; her mother only replied coldly that he ought to have told her, and that then at any rate he would have had an adviser to give him counsel; and Margaret turned faint at heart when she heard her father's step in the hall. She dared not go to meet him, and tell him what she had done all day, for fear of her mother's jealous annoyance. She heard him linger, as if awaiting her, or some sign of her; and she dared not stir; she saw by her mother's twitching lips, and changing colour, that she too was aware that her husband had returned. Presently he opened the room-door, and stood there uncertain whether to come in. His face was gray and pale; he had a timid, fearful look in his eyes; something almost pitiful to see in a man's face; but that look of despondent uncertainty, of mental and bodily languor, touched his wife's heart. She went to him, and threw herself on his breast, crying out –

– Oh! Richard, Richard, you should have told me sooner!

And then, in tears, Margaret left her, as she rushed up-stairs to throw herself on her bed, and hide her face in the pillows to stifle the hysteric sobs that would force their way at last, after the rigid self-control of the whole day. How long she lay thus she could not tell. She heard no noise, though the housemaid came in to arrange the room. The affrighted girl stole out again on tip-toe, and went and told Mrs. Dixon that Miss Hale was crying as if her heart would break she was sure she would make herself deadly ill if she went on at that rate. In consequence of this, Margaret felt herself touched, and started up into a sitting posture; she saw the accustomed room, the figure of Dixon in shadow, as the latter stood holding the candle a little behind her, for fear of the effect on Miss Hale's startled eyes, swollen and blinded as they were.

– Oh, Dixon! I did not hear you come into the room! said Margaret, resuming her trembling self-restraint. – Is it very late? continued she, lifting herself languidly off the bed, yet letting her feet touch the ground without fairly standing down, as she shaded her wet ruffled hair off her face, and tried to look as though nothing were the matter; as if she had only been asleep.

– I hardly can tell what time it is, replied Dixon, in an aggrieved tone of voice. – Since your mamma told me this terrible news, when I dressed her for tea, I've lost all count of time. I'm sure I don't know what is to become of us all. When Charlotte told me just now you were sobbing, Miss Hale, I thought, no wonder, poor thing! And master thinking of turning Dissenter at his time of life, when, if it is not to be said he's done well in the Church, he's not done badly after all. I had a cousin, miss, who turned Methodist preacher after he was fifty years of age, and a tailor all his life; but then he had never been able to make a pair of trousers to fit, for as long as he had been in the trade, so it was no wonder; but for master! as I said to missus, "What would poor Sir John have said? he never liked your marrying Mr. Hale, but if he could have known it would have come to this, he would have sworn worse oaths than ever, if that was possible!"

Dixon had been so much accustomed to comment upon Mr. Hale's proceedings to her mistress (who listened to her, or not, as she was in the humour), that she never noticed Margaret's flashing eye and dilating nostril. To hear her father talked of in this way by a servant to her face!

– Dixon, she said, in the low tone she always used when much excited, which had a sound in it as of some distant turmoil, or threatening storm breaking far away. – Dixon! you forget to whom you are speaking. She stood upright and firm on her feet now, confronting the waiting-maid, and fixing her with her steady discerning eye. – I am Mr. Hale's daughter. Go! You have made a strange mistake, and one that I am sure your own good feeling will make you sorry for when you think about it.

Dixon hung irresolutely about the room for a minute or two. Margaret repeated – You may leave me, Dixon. I wish you to go. Dixon did not know whether to resent these decided words or to cry; either course would have done with her mistress: but, as she said to herself – Miss Margaret has a touch of the old gentleman about her, as well as poor Master Frederick; I wonder where they get it from? and she, who would have resented such words from any one less haughty and determined in manner, was subdued enough to say, in a half humble, half injured tone:

– Mayn't I unfasten your gown, miss, and do your hair?

– No! not tonight, thank you. And Margaret gravely lighted her out of the room, and bolted the door. From henceforth Dixon obeyed and admired Margaret. She said it was because she was so like poor Master Frederick; but the truth was, that Dixon, as do many others, liked to feel herself ruled by a powerful and decided nature.

Margaret needed all Dixon's help in action, and silence in words; for, for some time, the latter thought it her duty to show her sense of affront by saying as little as possible to her young lady; so the energy came out in doing rather than in speaking. A fortnight was a very short time to make arrangements for so serious a removal; as Dixon said – Any one but a gentleman – indeed almost any other gentleman – but catching a look at Margaret's straight, stern brow just here, she coughed the remainder of the sentence away, and meekly took the horehound drop that Margaret offered her, to stop the little tickling at my chest, miss. But almost any one but Mr. Hale would have had practical knowledge enough to see, that in so short a time it would be difficult to fix on any house in Milton-Northern, or indeed elsewhere, to which they could remove the furniture that had of necessity to be taken out of Helstone vicarage. Mrs. Hale, overpowered by all the troubles and necessities for immediate household decisions that seemed to come upon her at once, became really ill, and Margaret almost felt it as a relief when her mother fairly took to her bed, and left the management of affairs to her. Dixon, true to her post of body-guard, attended most faithfully to her mistress, and only emerged from Mrs. Hale's bed-room to shake her head, and murmur to herself in a manner which Margaret did not choose to hear. For, the one thing

clear and straight before her, was the necessity for leaving Helstone. Mr. Hale's successor in the living was appointed; and, at any rate, after her father's decision; there must be no lingering now, for his sake, as well as from every other consideration. For he came home every evening more and more depressed, after the necessary leave-taking which he had resolved to have with every individual parishioner. Margaret, inexperienced as she was in all the necessary matter-of-fact business to be got through, did not know to whom to apply for advice. The cook and Charlotte worked away with willing arms and stout hearts at all the moving and packing; and as far as that went, Margaret's admirable sense enabled her to see what was best, and to direct how it should be done. But where were they to go to? In a week they must be gone. Straight to Milton, or where? So many arrangements depended on this decision that Margaret resolved to ask her father one evening, in spite of his evident fatigue and low spirits. He answered:

– My dear! I have really had too much to think about to settle this. What does your mother say? What does she wish? Poor Maria!

He met with an echo even louder than his sigh. Dixon had just come into the room for another cup of tea for Mrs. Hale, and catching Mr. Hale's last words, and protected by his presence from Margaret's upbraiding eyes, made bold to say – My poor mistress!

– You don't think her worse today, said Mr. Hale, turning hastily.

– I'm sure I can't say, sir. It's not for me to judge. The illness seems so much more on the mind than on the body.

Mr. Hale looked infinitely distressed.

– You had better take mamma her tea while it is hot, Dixon, said Margaret, in a tone of quiet authority.

– Oh! I beg your pardon, miss! My thoughts was otherwise occupied in thinking of my poor...of Mrs. Hale.

– Papa! said Margaret – it is this suspense that is bad for you both. Of course, mamma must feel your change of opinions: we can't help that, she continued, softly; – but now the course is clear, at least to a certain point. And I think, papa, that I could get mamma to help me in planning, if you could tell me what to plan for. She has never expressed any wish in any way, and only thinks of what can't be helped. Are we to go straight to Milton? Have you taken a house there?

– No, he replied. – I suppose we must go into lodgings, and look about for a house.

– And pack up the furniture so that it can be left at the railway station, till we have met with one?

– I suppose so. Do what you think best. Only remember, we shall have much less money to spend.

They had never had much superfluity, as Margaret knew. She felt that it was a great weight suddenly thrown upon her shoulders. Four months ago, all the decisions she needed to make were what dress she would wear for dinner, and to help Edith to draw out the lists of who should take down whom in the dinner parties at home. Nor was the household in which she lived one that called for much decision. Except in the one grand case of Captain Lennox's offer, everything went on with the regularity of clockwork. Once a year, there was a long discussion between her aunt and Edith as to whether they should go to the Isle of Wight, abroad, or to Scotland; but at such times Margaret herself was secure of drifting, without any exertion of her own, into the quiet harbour of home. Now, since that day when Mr. Lennox came, and startled her into a decision, every day brought some question, momentous to her, and to those whom she loved, to be settled.

Her father went up after tea to sit with his wife. Margaret remained alone in the drawing-room. Suddenly she took a candle and went into her father's study for a great atlas, and lugging it back into the drawing-room, she began to pore over the map of England. She was ready to look up brightly when her father came down stairs.

– I have hit upon such a beautiful plan. Look here – in Darkshire, hardly the breadth of my finger from Milton, is Heston, which I have often heard of from people living in the north as such a pleasant little bathing-place. Now, don't you think we could get mamma there with Dixon, while you and I go and look at houses, and get one all ready for her in Milton? She would get a breath of sea air to set her up for the winter, and be spared all the fatigue, and Dixon would enjoy taking care of her.

– Is Dixon to go with us? asked Mr. Hale, in a kind of helpless dismay.

– Oh, yes! said Margaret. – Dixon quite intends it, and I don't know what mamma would do without her.

– But we shall have to put up with a very different way of living, I am afraid. Everything is so much dearer in a town. I doubt if Dixon can make herself comfortable. To tell you the truth Margaret, I sometimes feel as if that woman gave herself airs.

– To be sure she does, papa, replied Margaret; – and if she has to put up with a different style of living, we shall have to put up with her airs, which will be worse. But she really loves us all, and would be miserable to leave us, I am sure – especially in this change; so, for mamma's sake, and for the sake of her faithfulness, I do think she must go.

– Very well, my dear. Go on. I am resigned. How far is Heston from Milton? The breadth of one of your fingers does not give me a very clear idea of distance.

– Well, then, I suppose it is thirty miles; that is not much!

– Not in distance, but in... Never mind! If you really think it will do your mother good, let it be fixed so.

This was a great step. Now Margaret could work, and act, and plan in good earnest. And now Mrs. Hale could rouse herself from her languor, and forget her real suffering in thinking of the pleasure and the delight of going to the sea-side. Her only regret was that Mr. Hale could not be with her all the fortnight she was to be there, as he had been for a whole fortnight once, when they were engaged, and she was staying with Sir John and Lady Beresford at Torquay.

CHAPTER 6
FAREWELL

“Unwatch’d the garden bough shall sway,
The tender blossom flutter down,
Unloved that beech will gather brown,
The maple burn itself away;
Unloved, the sun-flower, shining fair,
Ray round with flames her disk of seed,
And many a rose-carnation feed
With summer spice the humming air;
Till from the garden and the wild
A fresh association blow,
And year by year the landscape grow
Familiar to the stranger’s child;
As year by year the labourer tills
His wonted glebe, or lops the glades;
And year by year our memory fades
From all the circle of the hills”.

Tennyson.

The last day came; the house was full of packing-cases, which were being carted off at the front door, to the nearest railway station. Even the pretty lawn at the side of the house was made unsightly and untidy by the straw that had been wafted upon it through the open door and windows. The rooms had a strange echoing sound in them – and the light came harshly and strongly in through the uncurtained windows – seeming already unfamiliar and strange. Mrs. Hale’s dressing-room was left untouched to the last; and there she and Dixon were packing up clothes, and interrupting each other every now and then to exclaim at, and turn over with fond regard, some forgotten treasure, in the shape of some relic of the children while they were yet little. They did not make much progress with their work. Down-stairs, Margaret stood calm and collected, ready to counsel or advise the men who had been called in to help the cook and Charlotte. These two last, crying between whiles, wondered how the young lady could keep up so this last day, and settled it between them that she was not likely to care much for Helstone, having been so long in London. There she stood, very pale and quiet, with her large grave eyes observing everything – up to every present circumstance, however small. They could not understand how her heart was aching all the time, with a heavy pressure that no sighs could lift off or relieve, and how constant exertion for her perceptive faculties was the only way to keep herself from crying out with pain. Moreover, if she gave way, who was to act? Her father was examining papers, books, registers, what not, in the vestry with the clerk; and when he came in, there were his own books to pack up, which no one

but himself could do to his satisfaction. Besides, was Margaret one to give way before strange men, or even household friends like the cook and Charlotte! Not she. But at last the four packers went into the kitchen to their tea; and Margaret moved stiffly and slowly away from the place in the hall where she had been standing so long, out through the bare echoing drawing-room, into the twilight of an early November evening. There was a filmy veil of soft dull mist obscuring, but not hiding, all objects, giving them a lilac hue, for the sun had not yet fully set; a robin was singing – perhaps, Margaret thought, the very robin that her father had so often talked of as his winter pet, and for which he had made, with his own hands, a kind of robin-house by his study-window. The leaves were more gorgeous than ever; the first touch of frost would lay them all low on the ground. Already one or two kept constantly floating down, amber and golden in the low slanting sun-rays.

Margaret went along the walk under the pear-tree wall. She had never been along it since she paced it at Henry Lennox's side. Here, at this bed of thyme, he began to speak of what she must not think of now. Her eyes were on that late-blowing rose as she was trying to answer; and she had caught the idea of the vivid beauty of the feathery leaves of the carrots in the very middle of his last sentence. Only a fortnight ago And all so changed! Where was he now? In London – going through the old round; dining with the old Harley Street set, or with gayer young friends of his own. Even now, while she walked sadly through that damp and drear garden in the dusk, with every thing falling and fading, and turning to decay around her, he might be gladly putting away his law-books after a day of satisfactory toil, and freshening himself up, as he had told her he often did, by a run in the Temple Gardens, taking in the while the grand inarticulate mighty roar of tens of thousands of busy men, nigh at hand, but not seen, and catching ever, at his quick turns, glimpses of the lights of the city coming up out of the depths of the river. He had often spoken to Margaret of these hasty walks, snatched in the intervals between study and dinner. At his best times and in his best moods had he spoken of them; and the thought of them had struck upon her fancy. Here there was no sound. The robin had gone away into the vast stillness of night. Now and then, a cottage door in the distance was opened and shut, as if to admit the tired labourer to his home; but that sounded very far away. A stealthy, creeping, cranching sound among the crisp fallen leaves of the forest, beyond the garden, seemed almost close at hand. Margaret knew it was some poacher. Sitting up in her bed-room this past autumn, with the light of her candle extinguished, and purely revelling in the solemn beauty of the heavens and the earth, she had many a time seen the light noiseless leap of the poachers over the garden-fence, their quick tramp across the dewy moonlit lawn, their disappearance in the black still shadow beyond. The wild adventurous freedom of their life had taken her fancy; she felt inclined to wish them success; she had no fear of them. But tonight she was afraid, she knew not why. She heard Charlotte shutting the windows, and fastening up for the night, unconscious that any one had gone out into the garden. A small branch – it might be of rotten wood, or it might be broken by force – came heavily down in the nearest part of the forest,

Margaret ran, swift as Camilla, down to the window, and rapped at it with a hurried tremulousness which startled Charlotte within.

– Let me in! Let me in! It is only me, Charlotte! Her heart did not still its fluttering till she was safe in the drawing-room, with the windows fastened and bolted, and the familiar walls hemming her round, and shutting her in. She had sate down upon a packing case; cheerless, Chill was the dreary and dismantled room – no fire nor other light, but Charlotte's long unsnuffed candle. Charlotte looked at Margaret with surprise; and Margaret, feeling it rather than seeing it, rose up.

– I was afraid you were shutting me out altogether, Charlotte, said she, half-smiling. – And then you would never have heard me in the kitchen, and the doors into the lane and churchyard are locked long ago.

– Oh, miss, I should have been sure to have missed you soon. The men would have wanted you to tell them how to go on. And I have put tea in master's study, as being the most comfortable room, so to speak

– Thank you, Charlotte. You are a kind girl. I shall be sorry to leave you. You must try and write to me, if I can ever give you any little help or good advice. I shall always be glad to get a letter from Helstone, you know. I shall be sure and send you my address when I know it.

The study was all ready for tea. There was a good blazing fire, and unlighted candles on the table. Margaret sat down on the rug, partly to warm herself, for the dampness of the evening hung about her dress, and overfatigue had made her chilly. She kept herself balanced by clasping her hands together round her knees; her head dropped a little towards her chest; the attitude was one of despondency, whatever her frame of mind might be. But when she heard her father's step on the gravel outside, she started up, and hastily shaking her heavy black hair back, and wiping a few tears away that had come on her cheeks she knew not how, she went out to open the door for him. He showed far more depression than she did. She could hardly get him to talk, although she tried to speak on subjects that would interest him, at the cost of an effort every time which she thought would be her last.

– Have you been a very long walk today? asked she, on seeing his refusal to touch food of any kind.

– As far as Fordham Beeches. I went to see Widow Maltby; she is sadly grieved at not having wished you good-bye. She says little Susan has kept watch down the lane for days past. – Nay, Margaret, what is the matter, dear? The thought of the little child watching for her, and continually disappointed – from no forgetfulness on her part, but from sheer inability to leave home – was the last drop in poor Margaret's cup, and she was sobbing away as if her heart would break. Mr. Hale was distressingly perplexed. He rose, and walked nervously up and down the room. Margaret tried to check herself, but would not speak until she could do so with firmness. She heard him talking, as if to himself.

– I cannot bear it. I cannot bear to see the sufferings of others. I think I could go through my own with patience. Oh, is there no going back?

– No, father, said Margaret, looking straight at him, and speaking low and steadily. – It is bad to believe you in error. It would be infinitely worse to have known you a hypocrite. She dropped her voice at the last few words, as if entertaining the idea of hypocrisy for a moment in connection with her father savoured of irreverence.

– Besides, she went on – it is only that I am tired tonight; don't think that I am suffering from what you have done, dear papa. We can't either of us talk about it tonight, I believe, said she, finding that tears and sobs would come in spite of herself. – I had better go and take mamma up this cup of tea. She had hers very early, when I was too busy to go to her, and I am sure she will be glad of another now.

Railroad time inexorably wrenched them away from lovely, beloved Helstone, the next morning. They were gone; they had seen the last of the long low parsonage home, half-covered with China-roses and pyracanthus – more homelike than ever in the morning sun that glittered on its windows, each belonging to some well-loved room. Almost before they had settled themselves into the car, sent from Southampton to fetch them to the station, they were gone away to return no more. A sting at Margaret's heart made her strive to look out to catch the last glimpse of the old church tower at the turn where she knew it might be seen above a wave of the forest trees; but her father remembered this too, and she silently acknowledged his greater right to the one window from which it could be seen. She leant back and shut her eyes, and the tears welled forth, and hung glittering for an instant on the shadowing eye-lashes before rolling slowly down her cheeks, and dropping, unheeded, on her dress.

They were to stop in London all night at some quiet hotel. Poor Mrs. Hale had cried in her way nearly all day long; and Dixon showed her sorrow by extreme crossness, and a continual irritable attempt to keep her petticoats from even touching the unconscious Mr. Hale, whom she regarded as the origin of all this suffering.

They went through the well-known streets, past houses which they had often visited, past shops in which she had lounged, impatient, by her aunt's side, while that lady was making some important and interminable decision-nay, absolutely past acquaintances in the streets; for though the morning had been of an incalculable length to them, and they felt as if it ought long ago to have closed in for the repose of darkness, it was the very busiest time of a London afternoon in November when they arrived there. It was long since Mrs. Hale had been in London; and she roused up, almost like a child, to look about her at the different streets, and to gaze after and exclaim at the shops and carriages.

– Oh, there's Harrison's, where I bought so many of my wedding-things. Dear! how altered! They've got immense plate-glass windows, larger than Crawford's in Southampton. Oh, and there, I declare – no, it is not – yes, it is –

Margaret, we have just passed Mr. Henry Lennox. Where can he be going, among all these shops?

Margaret started forwards, and as quickly fell back, half-smiling at herself for the sudden motion. They were a hundred yards away by this time; but he seemed like a relic of Helstone – he was associated with a bright morning, an eventful day, and she should have liked to have seen him, without his seeing her – without the chance of their speaking.

The evening, without employment, passed in a room high up in an hotel, was long and heavy. Mr. Hale went out to his bookseller's, and to call on a friend or two. Every one they saw, either in the house or out in the streets, appeared hurrying to some appointment, expected by, or expecting somebody. They alone seemed strange and friendless, and desolate. Yet within a mile, Margaret knew of house after house, where she for her own sake, and her mother for her aunt Shaw's, would be welcomed, if they came in gladness, or even in peace of mind. If they came sorrowing, and wanting sympathy in a complicated trouble like the present, then they would be felt as a shadow in all these houses of intimate acquaintances, not friends. London life is too whirling and full to admit of even an hour of that deep silence of feeling which the friends of Job showed, when – they sat with him on the ground seven days and seven nights, and none spake a word unto him; for they saw that his grief was very great.

CHAPTER 7
NEW SCENES AND FACES

“Mist clogs the sunshine,
Smoky dwarf houses
Have we round on every side”.
Matthew Arnold

The next afternoon, about twenty miles from Milton-Northern, they entered on the little branch railway that led to Heston. Heston itself was one long straggling street, running parallel to the seashore. It had a character of its own, as different from the little bathing-places in the south of England as they again from those of the continent. To use a Scotch word, every thing looked more ‘purposelike.’ The country carts had more iron, and less wood and leather about the horse-gear; the people in the streets, although on pleasure bent, had yet a busy mind. The colours looked grayer – more enduring, not so gay and pretty. There were no smock-frocks, even among the country folk; they retarded motion, and were apt to catch on machinery, and so the habit of wearing them had died out. In such towns in the south of England, Margaret had seen the shopmen, when not employed in their business, lounging a little at their doors, enjoying the fresh air, and the look up and down the street. Here, if they had any leisure from customers, they made themselves business in the shop – even, Margaret fancied, to the unnecessary unrolling and rerolling of ribbons. All these differences struck upon her mind, as she and her mother went out next morning to look for lodgings.

Their two nights at hotels had cost more than Mr. Hale had anticipated, and they were glad to take the first clean, cheerful for the first time for many days, did Margaret feel at rest. There rooms they met with that were at liberty to receive them. There, was a dreaminess in the rest, too, which made it still more perfect and luxurious to repose in. The distant sea, lapping the sandy shore with measured sound; the nearer cries of the donkey-boys; the unusual scenes moving before her like pictures, which she cared not in her laziness to have fully explained before they passed away; the stroll down to the beach to breathe the sea-air, soft and warm on that sandy shore even to the end of November; the great long misty sea-line touching the tender-coloured sky; the white sail of a distant boat turning silver in some pale sunbeam: – it seemed as if she could dream her life away in such luxury of pensiveness, in which she made her present all in all, from not daring to think of the past, or wishing to contemplate the future.

But the future must be met, however stern and iron it be. One evening it was arranged that Margaret and her father should go the next day to Milton-Northern, and look out for a house. Mr. Hale had received several letters from Mr.

Bell, and one or two from Mr. Thornton, and he was anxious to ascertain at once a good many particulars respecting his position and chances of success there, which he could only do by an interview with the latter gentleman. Margaret knew that they ought to be removing; but she had a repugnance to the idea of a manufacturing town, and believed that her mother was receiving benefit from Heston air, so she would willingly have deferred the expedition to Milton.

For several miles before they reached Milton, they saw a deep lead-coloured cloud hanging over the horizon in the direction in which it lay. It was all the darker from contrast with the pale gray-blue of the wintry sky; for in Heston there had been the earliest signs of frost. Nearer to the town, the air had a faint taste and smell of smoke; perhaps, after all, more a loss of the fragrance of grass and herbage than any positive taste or smell. Quick they were whirled over long, straight, hopeless streets of regularly-built houses, all small and of brick. Here and there a great oblong many-windowed factory stood up, like a hen among her chickens, puffing out black 'unparliamentary' smoke, and sufficiently accounting for the cloud which Margaret had taken to foretell rain. As they drove through the larger and wider streets, from the station to the hotel, they had to stop constantly; great loaded luries blocked up the not over-wide thoroughfares. Margaret had now and then been into the city in her drives with her aunt. But there the heavy lumbering vehicles seemed various in their purposes and intent; here every van, every waggon and truck, bore cotton, either in the raw shape in bags, or the woven shape in bales of calico. People thronged the footpaths, most of them well-dressed as regarded the material, but with a slovenly looseness which struck Margaret as different from the shabby, threadbare smartness of a similar class in London.

– New Street, said Mr. Hale. – This, I believe, is the principal street in Milton. Bell has often spoken to me about it. It was the opening of this street from a lane into a great thoroughfare, thirty years ago, which has caused his property to rise so much in value. Mr. Thornton's mill must be somewhere not very far off, for he is Mr. Bell's tenant. But I fancy he dates from his warehouse.

– Where is our hotel, papa?

– Close to the end of this street, I believe. Shall we have lunch before or after we have looked at the houses we marked in the Milton Times?

– Oh, let us get our work done first.

– Very well. Then I will only see if there is any note or letter for me from Mr. Thornton, who said he would let me know anything he might hear about these houses, and then we will set off. We will keep the cab; it will be safer than losing ourselves, and being too late for the train this afternoon.

There were no letters awaiting him. They set out on their house-hunting. Thirty pounds a-year was all they could afford to give, but in Hampshire they could have met with a roomy house and pleasant garden for the money. Here, even the necessary accommodation of two sitting-rooms and four bed-rooms

seemed unattainable. They went through their list, rejecting each as they visited it. Then they looked at each other in dismay.

– We must go back to the second, I think. That one – in Crampton, don't they call the suburb? There were three sitting-rooms; don't you remember how we laughed at the number compared with the three bed-rooms? But I have planned it all. The front room down-stairs is to be your study and our dining-room (poor papa!), for, you know, we settled mamma is to have as cheerful a sitting-room as we can get; and that front room up-stairs, with the atrocious blue and pink paper and heavy cornice, had really a pretty view over the plain, with a great bend of river, or canal, or whatever it is, down below. Then I could have the little bed-room behind, in that projection at the head of the first flight of stairs – over the kitchen, you know – and you and mamma the room behind the drawing-room, and that closet in the roof will make you a splendid dressing-room.

– But Dixon, and the girl we are to have to help?

– Oh, wait a minute. I am overpowered by the discovery of my own genius for management. Dixon is to have – let me see, I had it once – the back sitting-room. I think she will like that. She grumbles so much about the stairs at Heston; and the girl is to have that sloping attic over your room and mamma's. Won't that do?

– I dare say it will. But the papers. What taste! And the overloading such a house with colour and such heavy cornices!

– Never mind, papa! Surely, you can charm the landlord into re-papering one or two of the rooms – the drawing-room and your bed-room – for mamma will come most in contact with them; and your book-shelves will hide a great deal of that gaudy pattern in the dining-room.

– Then you think it the best? If so, I had better go at once and call on this Mr. Donkin, to whom the advertisement refers me. I will take you back to the hotel, where you can order lunch, and rest, and by the time it is ready, I shall be with you. I hope I shall be able to get new papers.

Margaret hoped so too, though she said nothing. She had never come fairly in contact with the taste that loves ornament, however bad, more than the plainness and simplicity which are of themselves the framework of elegance. Her father took her through the entrance of the hotel, and leaving her at the foot of the staircase, went to the address of the landlord of the house they had fixed upon. Just as Margaret had her hand on the door of their sitting-room, she was followed by a quick-stepping waiter:

– I beg your pardon, ma'am. The gentleman was gone so quickly, I had no time to tell him. Mr. Thornton called almost directly after you left; and, as I understood from what the gentleman said, you would be back in an hour, I told him so, and he came again about five minutes ago, and said he would wait for Mr. Hale. He is in your room now, ma'am.

– Thank you. My father will return soon, and then you can tell him. Margaret opened the door and went in with the straight, fearless, dignified presence habitual to her. She felt no awkwardness; she had too much the habits of society for that. Here was a person come on business to her father; and, as he was one who had shown himself obliging, she was disposed to treat him with a full measure of civility. Mr. Thornton was a good deal more surprised and discomfited than she. Instead of a quiet, middle-aged clergyman, a young lady came forward with frank dignity – a young lady of a different type to most of those he was in the habit of seeing. Her dress was very plain: a close straw bonnet of the best material and shape, trimmed with white ribbon; a dark silk gown, without any trimming or flounce; a large Indian shawl, which hung about her in long heavy folds, and which she wore as an empress wears her drapery. He did not understand who she was, as he caught the simple, straight, unabashed look, which showed that his being there was of no concern to the beautiful countenance, and called up no flush of surprise to the pale ivory of the complexion. He had heard that Mr. Hale had a daughter, but he had imagined that she was a little girl.

– Mr. Thornton, I believe! said Margaret, after a half-instant's pause, during which his unready words would not come. – Will you sit down. My father brought me to the door, not a minute ago, but unfortunately he was not told that you were here, and he has gone away on some business. But he will come back almost directly. I am sorry you have had the trouble of calling twice.

Mr. Thornton was in habits of authority himself, but she seemed to assume some kind of rule over him at once. He had been getting impatient at the loss of his time on a market-day, the moment before she appeared, yet now he calmly took a seat at her bidding.

– Do you know where it is that Mr. Hale has gone to? Perhaps I might be able to find him.

– He has gone to a Mr. Donkin's in Canute Street. He is the land-lord of the house my father wishes to take in Crampton.

Mr. Thornton knew the house. He had seen the advertisement, and been to look at it, in compliance with a request of Mr. Bell's that he would assist Mr. Hale to the best of his power: and also instigated by his own interest in the case of a clergyman who had given up his living under circumstances such as those of Mr. Hale. Mr. Thornton had thought that the house in Crampton was really just the thing; but now that he saw Margaret, with her superb ways of moving and looking, he began to feel ashamed of having imagined that it would do very well for the Hales, in spite of a certain vulgarity in it which had struck him at the time of his looking it over.

Margaret could not help her looks; but the short curled upper lip, the round, massive up-turned chin, the manner of carrying her head, her movements, full of a soft feminine defiance, always gave strangers the impression of haughtiness. She was tired now, and would rather have remained

silent, and taken the rest her father had planned for her; but, of course, she owed it to herself to be a gentlewoman, and to speak courteously from time to time to this stranger; not over-brushed, nor over-polished, it must be confessed, after his rough encounter with Milton streets and crowds. She wished that he would go, as he had once spoken of doing, instead of sitting there, answering with curt sentences all the remarks she made. She had taken off her shawl, and hung it over the back of her chair. She sat facing him and facing the light; her full beauty met his eye; her round white flexile throat rising out of the full, yet lithe figure; her lips, moving so slightly as she spoke, not breaking the cold serene look of her face with any variation from the one lovely haughty curve; her eyes, with their soft gloom, meeting his with quiet maiden freedom. He almost said to himself that he did not like her, before their conversation ended; he tried so to compensate himself for the mortified feeling, that while he looked upon her with an admiration he could not repress, she looked at him with proud indifference, taking him, he thought, for what, in his irritation, he told himself he was – a great rough fellow, with not a grace or a refinement about him. Her quiet coldness of demeanour he interpreted into contemptuousness, and resented it in his heart to the pitch of almost inclining him to get up and go away, and have nothing more to do with these Hales, and their superciliousness.

Just as Margaret had exhausted her last subject of conversation – and yet conversation that could hardly be called which consisted of so few and such short speeches – her father came in, and with his pleasant gentlemanly courteousness of apology, reinstated his name and family in Mr. Thornton's good opinion.

Mr. Hale and his visitor had a good deal to say respecting their mutual friend, Mr. Bell; and Margaret, glad that her part of entertaining the visitor was over, went to the window to try and make herself more familiar with the strange aspect of the street. She got so much absorbed in watching what was going on outside that she hardly heard her father when he spoke to her, and he had to repeat what he said:

– Margaret! the landlord will persist in admiring that hideous paper, and I am afraid we must let it remain.

– Oh dear! I am sorry! she replied, and began to turn over in her mind the possibility of hiding part of it, at least, by some of her sketches, but gave up the idea at last, as likely only to make bad worse. Her father, meanwhile, with his kindly country hospitality, was pressing Mr. Thornton to stay to luncheon with them. It would have been very inconvenient to him to do so, yet he felt that he should have yielded, if Margaret by word or look had seconded her father's invitation; he was glad she did not, and yet he was irritated at her for not doing it. She gave him a low, grave bow when he left, and he felt more awkward and self-conscious in every limb than he had ever done in all his life before.

– Well, Margaret, now to luncheon, as fast we can. Have you ordered it?

– No, papa; that man was here when I came home, and I have never had an opportunity.

– Then we must take anything we can get. He must have been waiting a long time, I'm afraid.

– It seemed exceedingly long to me. I was just at the last gasp when you came in. He never went on with any subject, but gave little, short, abrupt answers.

– Very much to the point though, I should think. He is a clearheaded fellow. He said (did you hear?) that Crompton is on gravelly soil, and by far the most healthy suburb in the neighbourhood of Milton.

When they returned to Heston, there was the day's account to be given to Mrs. Hale, who was full of questions which they answered in the intervals of tea-drinking.

– And what is your correspondent, Mr. Thornton, like?

– Ask Margaret, said her husband. – She and he had a long attempt at conversation, while I was away speaking to the landlord.

– Oh! I hardly know what he is like, said Margaret, lazily; too tired to tax her powers of description much. And then rousing herself, she said – He is a tall, broad-shouldered man, about – how old, papa?

– I should guess about thirty.

– About thirty – with a face that is neither exactly plain, nor yet handsome, nothing remarkable – not quite a gentleman; but that was hardly to be expected.

– Not vulgar, or common though, put in her father, rather jealous of any disparagement of the sole friend he had in Milton.

– Oh no! said Margaret. – With such an expression of resolution and power, no face, however plain in feature, could be either vulgar or common. I should not like to have to bargain with him; he looks very inflexible. Altogether a man who seems made for his niche, mamma; sagacious, and strong, as becomes a great tradesman.

– Don't call the Milton manufacturers tradesmen, Margaret, said her father.

– They are very different.

– Are they? I apply the word to all who have something tangible to sell; but if you think the term is not correct, papa, I won't use it. But, oh mamma! speaking of vulgarity and commonness, you must prepare yourself for our drawing-room paper. Pink and blue roses, with yellow leaves! And such a heavy cornice round the room!

But when they removed to their new house in Milton, the obnoxious papers were gone. The landlord received their thanks very composedly; and let them think, if they liked, that he had relented from his expressed determination

not to repaper. There was no particular need to tell them, that what he did not care to do for a Reverend Mr. Hale, unknown in Milton, he was only too glad to do at the one short sharp remonstrance of Mr. Thornton, the wealthy manufacturer.

CHAPTER 8
HOME SICKNESS

“And it’s hame, hame; hame,
Hame fain wad I be...”

It needed the pretty light papering of the rooms to reconcile them to Milton. It needed more – more that could not be had. The thick yellow November fogs had come on; and the view of the plain in the valley, made by the sweeping bend of the river, was all shut out when Mrs. Hale arrived at her new home.

Margaret and Dixon had been at work for two days, unpacking and arranging, but everything inside the house still looked in disorder; and outside a thick fog crept up to the very windows, and was driven in to every open door in choking white wreaths of unwholesome mist.

– Oh, Margaret! are we to live here? asked Mrs. Hale in blank dismay. Margaret’s heart echoed the dreariness of the tone in which this question was put. She could scarcely command herself enough to say – Oh, the fogs in London are sometimes far worse!

– But then you knew that London itself, and friends lay behind it. Here – well! we are desolate. Oh Dixon, what a place this is!

– Indeed, ma’am, I’m sure it will be your death before long, and then I know who’ll – stay! Miss Hale, that’s far too heavy for you to lift.

– Not at all, thank you, Dixon, replied Margaret, coldly. – The best thing we can do for mamma is to get her room quite ready for her to go to bed, while I go and bring her a cup of coffee.

Mr. Hale was equally out of spirits, and equally came upon Margaret for sympathy.

– Margaret, I do believe this is an unhealthy place. Only suppose that your mother’s health or yours should suffer. I wish I had gone into some country place in Wales; this is really terrible, said he, going up to the window. There was no comfort to be given. They were settled in Milton, and must endure smoke and fogs for a season; indeed, all other life seemed shut out from them by as thick a fog of circumstance. Only the day before, Mr. Hale had been reckoning up with dismay how much their removal and fortnight at Heston had cost, and he found it had absorbed nearly all his little stock of ready money. No! here they were, and here they must remain.

At night when Margaret realised this, she felt inclined to sit down in a stupor of despair. The heavy smoky air hung about her bedroom, which occupied

the long narrow projection at the back of the house. The window, placed at the side of the oblong, looked to the blank wall of a similar projection, not above ten feet distant. It loomed through the fog like a great barrier to hope. Inside the room everything was in confusion. All their efforts had been directed to make her mother's room comfortable. Margaret sat down on a box, the direction card upon which struck her as having been written at Helstone – beautiful, beloved Helstone! She lost herself in dismal thought: but at last she determined to take her mind away from the present; and suddenly remembered that she had a letter from Edith which she had only half read in the bustle of the morning. It was to tell of their arrival at Corfu; their voyage along the Mediterranean – their music, and dancing on board ship; the gay new life opening upon her; her house with its trellised balcony, and its views over white cliffs and deep blue sea. Edith wrote fluently and well, if not graphically. She could not only seize the salient and characteristic points of a scene, but she could enumerate enough of indiscriminate particulars for Margaret to make it out for herself. Captain Lennox and another lately married officer shared a villa, high up on the beautiful precipitous rocks overhanging the sea. Their days, late as it was in the year, seemed spent in boating or land pic-nics; all out-of-doors, pleasure-seeking and glad, Edith's life seemed like the deep vault of blue sky above her, free – utterly free from fleck or cloud. Her husband had to attend drill, and she, the most musical officer's wife there, had to copy the new and popular tunes out of the most recent English music, for the benefit of the bandmaster; those seemed their most severe and arduous duties. She expressed an affectionate hope that, if the regiment stopped another year at Corfu, Margaret might come out and pay her a long visit. She asked Margaret if she remembered the day twelve-month on which she, Edith, wrote – how it rained all day long in Harley Street; and how she would not put on her new gown to go to a stupid dinner, and get it all wet and splashed in going to the carriage; and how at that very dinner they had first met Captain Lennox.

Yes! Margaret remembered it well. Edith and Mrs. Shaw had gone to dinner. Margaret had joined the party in the evening. The recollection of the plentiful luxury of all the arrangements, the stately handsomeness of the furniture, the size of the house, the peaceful, untroubled ease of the visitors – all came vividly before her, in strange contrast to the present time. The smooth sea of that old life closed up, without a mark left to tell where they had all been. The habitual dinners, the calls, the shopping, the dancing evenings, were all going on, going on for ever, though her Aunt Shaw and Edith were no longer there; and she, of course, was even less missed. She doubted if any one of that old set ever thought of her, except Henry Lennox. He too, she knew, would strive to forget her, because of the pain she had caused him. She had heard him often boast of his power of putting any disagreeable thought far away from him. Then she penetrated farther into what might have been. If she had cared for him as a lover, and had accepted him, and this change in her father's opinions and consequent station had taken place, she could not doubt but that it would have been impatiently received by Mr. Lennox. It was a bitter mortification to her in one

sense; but she could bear it patiently, because she knew her father's purity of purpose, and that strengthened her to endure his errors, grave and serious though in her estimation they were. But the fact of the world esteeming her father degraded, in its rough wholesale judgment, would have oppressed and irritated Mr. Lennox. As she realised what might have been, she grew to be thankful for what was. They were at the lowest now; they could not be worse. Edith's astonishment and her aunt Shaw's dismay would have to be met bravely, when their letters came. So Margaret rose up and began slowly to undress herself, feeling the full luxury of acting leisurely, late as it was, after all the past hurry of the day. She fell asleep, hoping for some brightness, either internal or external. But if she had known how long it would be before the brightness came, her heart would have sunk low down. The time of the year was most unpropitious to health as well as to spirits. Her mother caught a severe cold, and Dixon herself was evidently not well, although Margaret could not insult her more than by trying to save her, or by taking any care of her. They could hear of no girl to assist her; all were at work in the factories; at least, those who applied were well scolded by Dixon, for thinking that such as they could ever be trusted to work in a gentleman's house. So they had to keep a charwoman in almost constant employ. Margaret longed to send for Charlotte; but besides the objection of her being a better servant than they could now afford to keep, the distance was too great.

Mr. Hale met with several pupils, recommended to him by Mr. Bell, or by the more immediate influence of Mr. Thornton. They were mostly of the age when many boys would be still at school, but, according to the prevalent, and apparently well-founded notions of Milton, to make a lad into a good tradesman he must be caught young, and acclimated to the life of the mill, or office, or warehouse. If he were sent to even the Scotch Universities, he came back unsettled for commercial pursuits; how much more so if he went to Oxford or Cambridge, where he could not be entered till he was eighteen? So most of the manufacturers placed their sons in sucking situations at fourteen or fifteen years of age, unsparingly cutting away all off-shoots in the direction of literature or high mental cultivation, in hopes of throwing the whole strength and vigour of the plant into commerce. Still there were some wiser parents; and some young men, who had sense enough to perceive their own deficiencies, and strive to remedy them. Nay, there were a few no longer youths, but men in the prime of life, who had the stern wisdom to acknowledge their own ignorance, and to learn late what they should have learnt early. Mr. Thornton was perhaps the oldest of Mr. Hale's pupils. He was certainly the favourite. Mr. Hale got into the habit of quoting his opinions so frequently, and with such regard, that it became a little domestic joke to wonder what time, during the hour appointed for instruction, could be given to absolute learning, so much of it appeared to have been spent in conversation.

Margaret rather encouraged this light, merry way of viewing her father's acquaintance with Mr. Thornton, because she felt that her mother was inclined to look upon this new friendship of her husband's with jealous eyes. As long as his time had been solely occupied with his books and his parishioners, as at Helstone, she had appeared to care little whether she saw much of him or not; but

now that he looked eagerly forward to each renewal of his intercourse with Mr. Thornton, she seemed hurt and annoyed, as if he were slighting her companionship for the first time. Mr. Hale's over-praise had the usual effect of over-praise upon his auditors; they were a little inclined to rebel against Aristides being always called the Just.

After a quiet life in a country parsonage for more than twenty years, there was something dazzling to Mr. Hale in the energy which conquered immense difficulties with ease; the power of the machinery of Milton, the power of the men of Milton, impressed him with a sense of grandeur, which he yielded to without caring to inquire into the details of its exercise. But Margaret went less abroad, among machinery and men; saw less of power in its public effect, and, as it happened, she was thrown with one or two of those who, in all measures affecting masses of people, must be acute sufferers for the good of many. The question always is, has everything been done to make the sufferings of these exceptions as small as possible? Or, in the triumph of the crowded procession, have the helpless been trampled on, instead of being gently lifted aside out of the roadway of the conqueror, whom they have no power to accompany on his march?

It fell to Margaret's share to have to look out for a servant to assist Dixon, who had at first undertaken to find just the person she wanted to do all the rough work of the house. But Dixon's ideas of helpful girls were founded on the recollection of tidy elder scholars at Helstone school, who were only too proud to be allowed to come to the parsonage on a busy day, and treated Mrs. Dixon with all the respect, and a good deal more of fright, which they paid to Mr. and Mrs. Hale. Dixon was not unconscious of this awed reverence which was given to her; nor did she dislike it; it flattered her much as Louis the Fourteenth was flattered by his courtiers shading their eyes from the dazzling light of his presence. But nothing short of her faithful love for Mrs. Hale could have made her endure the rough independent way in which all the Milton girls, who made application for the servant's place, replied to her inquiries respecting their qualifications. They even went the length of questioning her back again; having doubts and fears of their own, as to the solvency of a family who lived in a house of thirty pounds a-year, and yet gave themselves airs, and kept two servants, one of them so very high and mighty. Mr. Hale was no longer looked upon as Vicar of Helstone, but as a man who only spent at a certain rate. Margaret was weary and impatient of the accounts which Dixon perpetually brought to Mrs. Hale of the behaviour of these would-be servants. Not but what Margaret was repelled by the rough uncourteous manners of these people; not but what she shrunk with fastidious pride from their hail-fellow accost and severely resented their unconcealed curiosity as to the means and position of any family who lived in Milton, and yet were not engaged in trade of some kind. But the more Margaret felt impertinence, the more likely she was to be silent on the subject; and, at any rate, if she took upon herself to make inquiry for a servant, she could spare her mother the recital of all her disappointments and fancied or real insults.

Margaret accordingly went up and down to butchers and grocers, seeking for a nonpareil of a girl; and lowering her hopes and expectations every week, as she found the difficulty of meeting with any one in a manufacturing town who did not prefer the better wages and greater independence of working in a mill. It was something of a trial to Margaret to go out by herself in this busy bustling place. Mrs. Shaw's ideas of propriety and her own helpless dependence on others, had always made her insist that a footman should accompany Edith and Margaret, if they went beyond Harley Street or the immediate neighbourhood. The limits by which this rule of her aunt's had circumscribed Margaret's independence had been silently rebelled against at the time: and she had doubly enjoyed the free walks and rambles of her forest life, from the contrast which they presented. She went along there with a bounding fearless step, that occasionally broke out into a run, if she were in a hurry, and occasionally was stilled into perfect repose, as she stood listening to, or watching any of the wild creatures who sang in the leafy courts, or glanced out with their keen bright eyes from the low brushwood or tangled furze. It was a trial to come down from such motion or such stillness, only guided by her own sweet will, to the even and decorous pace necessary in streets. But she could have laughed at herself for minding this change, if it had not been accompanied by what was a more serious annoyance. The side of the town on which Crampton lay was especially a thoroughfare for the factory people. In the back streets around them there were many mills, out of which poured streams of men and women two or three times a day. Until Margaret had learnt the times of their ingress and egress, she was very unfortunate in constantly falling in with them. They came rushing along, with bold, fearless faces, and loud laughs and jests, particularly aimed at all those who appeared to be above them in rank or station. The tones of their unrestrained voices, and their carelessness of all common rules of street politeness, frightened Margaret a little at first. The girls, with their rough, but not unfriendly freedom, would comment on her dress, even touch her shawl or gown to ascertain the exact material; nay, once or twice she was asked questions relative to some article which they particularly admired. There was such a simple reliance on her womanly sympathy with their love of dress, and on her kindness, that she gladly replied to these inquiries, as soon as she understood them; and half smiled back at their remarks. She did not mind meeting any number of girls, loud spoken and boisterous though they might be. But she alternately dreaded and fired up against the workmen, who commented not on her dress, but on her looks, in the same open fearless manner. She, who had hitherto felt that even the most refined remark on her personal appearance was an impertinence, had to endure undisguised admiration from these outspoken men. But the very out-spokenness marked their innocence of any intention to hurt her delicacy, as she would have perceived if she had been less frightened by the disorderly tumult. Out of her fright came a flash of indignation which made her face scarlet, and her dark eyes gather flame, as she heard some of their speeches. Yet there were other sayings of theirs, which, when she reached the quiet safety of home, amused her even while they irritated her.

For instance, one day, after she had passed a number of men, several of whom had paid her the not unusual compliment of wishing she was their sweetheart, one of the lingerers added – Your bonny face, my lass, makes the day look brighter. And another day, as she was unconsciously smiling at some passing thought, she was addressed by a poorly-dressed, middle-aged workman, with – You may well smile, my lass; many a one would smile to have such a bonny face. This man looked so careworn that Margaret could not help giving him an answering smile, glad to think that her looks, such as they were, should have had the power to call up a pleasant thought. He seemed to understand her acknowledging glance, and a silent recognition was established between them whenever the chances of the day brought them across each other's paths. They had never exchanged a word; nothing had been said but that first compliment; yet somehow Margaret looked upon this man with more interest than upon any one else in Milton. Once or twice, on Sundays, she saw him walking with a girl, evidently his daughter, and, if possible, still more unhealthy than he was himself.

One day Margaret and her father had been as far as the fields that lay around the town; it was early spring, and she had gathered some of the hedge and ditch flowers, dog-violets, lesser celandines, and the like, with an unspoken lament in her heart for the sweet profusion of the South. Her father had left her to go into Milton upon some business; and on the road home she met her humble friends. The girl looked wistfully at the flowers, and, acting on a sudden impulse, Margaret offered them to her. Her pale blue eyes lightened up as she took them, and her father spoke for her.

– Thank yo, Miss. Bessy 'll think a deal o' them flowers; that hoo will; and I shall think a deal o' yo' kindness. Yo're not of this country, I reckon?

– No! said Margaret, half sighing. – I come from the South – from Hampshire, she continued, a little afraid of wounding his consciousness of ignorance, if she used a name which he did not understand.

– That's beyond London, I reckon? And I come fro Burnley-ways, and forty mile to th' North. And yet, yo see, North and South has both met and made kind o' friends in this big smoky place.

Margaret had slackened her pace to walk alongside of the man and his daughter, whose steps were regulated by the feebleness of the latter. She now spoke to the girl, and there was a sound of tender pity in the tone of her voice as she did so that went right to the heart of the father.

– I'm afraid you are not very strong.

– No,' said the girl, 'nor never will be.

– Spring is coming, said Margaret, as if to suggest pleasant, hopeful thoughts.

– Spring nor summer will do me good, said the girl quietly.

Margaret looked up at the man, almost expecting some contradiction

from him, or at least some remark that would modify his daughter's utter hopelessness. But, instead, he added:

– I'm afeared hoo speaks truth. I'm afeared hoo's too far gone in a waste.

– I shall have a spring where I'm boun to, and flowers, and amaranths, and shining robes besides.

– Poor lass, poor lass!' said her father in a low tone. 'I'm none so sure o' that; but it's a comfort to thee, poor lass, poor lass. Poor father! it'll be soon.

Margaret was shocked by his words – shocked but not repelled; rather attracted and interested.

– Where do you live? I think we must be neighbours, we meet so often on this road.

– We put up at nine Frances Street, second turn to th' left at after yo've past th' Goulden Dragon.

– And your name? I must not forget that.

– I'm none ashamed o' my name. It's Nicholas Higgins. Hoo's called Bessy Higgins. Whatten yo' asking for?

Margaret was surprised at this last question, for at Helstone it would have been an understood thing, after the inquiries she had made, that she intended to come and call upon any poor neighbour whose name and habitation she had asked for.

– I thought – I meant to come and see you. She suddenly felt rather shy of offering the visit, without having any reason to give for her wish to make it, beyond a kindly interest in a stranger. It seemed all at once to take the shape of an impertinence on her part; she read this meaning too in the man's eyes.

– I'm none so fond of having strange folk in my house. But then relenting, as he saw her heightened colour, he added – Yo're a foreigner, as one may say, and maybe don't know many folk here, and yo've given my wench here flowers out of yo'r own hand; – yo may come if yo like.

Margaret was half-amused, half-nettled at this answer. She was not sure if she would go where permission was given so like a favour conferred. But when they came to the town into Frances Street, the girl stopped a minute, and said,

– Yo'll not forget yo're to come and see us.

– Aye, aye, said the father, impatiently – hoo'll come. Hoo's a bit set up now, because hoo thinks I might ha spoken more civilly; but hoo'll think better on it, and come. I can read her proud bonny face like a book. Come along, Bess; there's the mill bell ringing.

Margaret went home, wondering at her new friends, and smiling at the man's insight into what had been passing in her mind. From that day Milton became a brighter place to her. It was not the long, bleak sunny days of spring,

nor yet was it that time was reconciling her to the town of her habitation. It was that in it she had found a human interest.

CHAPTER 9
DRESSING FOR TEA

“Let China’s earth, enrich’d with colour’d stains,
Pencil’d with gold, and streak’d with azure veins,
The grateful flavour of the Indian leaf,
Or Mocho’s sunburnt berry glad receive”.
Mrs. Barbauld

The day after this meeting with Higgins and his daughter, Mr. Hale came upstairs into the little drawing-room at an unusual hour. He went up to different objects in the room, as if examining them, but Margaret saw that it was merely a nervous trick—a way of putting off something he wished, yet feared to say. Out it came at last...

— My dear! I’ve asked Mr. Thornton to come to tea tonight.

Mrs. Hale was leaning back in her easy chair, with her eyes shut, and an expression of pain on her face which had become habitual to her of late. But she roused up into querulousness at this speech of her husband’s.

— Mr. Thornton! — and tonight! What in the world does the man want to come here for? And Dixon is washing my muslins and laces, and there is no soft water with these horrid east winds, which I suppose we shall have all the year round in Milton.

— The wind is veering round, my dear, said Mr. Hale, looking out at the smoke, which drifted right from the east, only he did not yet understand the points of the compass, and rather arranged them *ad libitum*, according to circumstances.

— Don’t tell me!’ said Mrs. Hale, shuddering up, and wrapping her shawl about her still more closely. ‘But, east or west wind, I suppose this man comes.

— Oh, mamma, that shows you never saw Mr. Thornton. He looks like a person who would enjoy battling with every adverse thing he could meet with — enemies, winds, or circumstances. The more it rains and blows, the more certain we are to have him. But I’ll go and help Dixon. I’m getting to be a famous clear-starcher. And he won’t want any amusement beyond talking to papa. Papa, I am really longing to see the Pythias to your Damon. You know I never saw him but once, and then we were so puzzled to know what to say to each other that we did not get on particularly well.

— I don’t know that you would ever like him, or think him agreeable, Margaret. He is not a lady’s man.

Margaret wreathed her throat in a scornful curve.

– I don't particularly admire ladies men, papa. But Mr. Thornton comes here as your friend – as one who has appreciated you –

– The only person in Milton, said Mrs. Hale.

– So we will give him a welcome, and some cocoa-nut cakes. Dixon will be flattered if we ask her to make some; and I will undertake to iron your caps, mamma.

Many a time that morning did Margaret wish Mr. Thornton far enough away. She had planned other employments for herself: a letter to Edith, a good piece of Dante, a visit to the Higginses. But, instead, she ironed away, listening to Dixon's complaints, and only hoping that by an excess of sympathy she might prevent her from carrying the recital of her sorrows to Mrs. Hale. Every now and then, Margaret had to remind herself of her father's regard for Mr. Thornton, to subdue the irritation of weariness that was stealing over her, and bringing on one of the bad headaches to which she had lately become liable. She could hardly speak when she sat down at last, and told her mother that she was no longer Peggy the laundry-maid, but Margaret Hale the lady. She meant this speech for a little joke, and was vexed enough with her busy tongue when she found her mother taking it seriously.

– Yes! if any one had told me, when I was Miss Beresford, and one of the belles of the county, that a child of mine would have to stand half a day, in a little poky kitchen, working away like any servant, that we might prepare properly for the reception of a tradesman, and that this tradesman should be the only – Oh, mamma! said Margaret, lifting herself up – don't punish me so for a careless speech. I don't mind ironing, or any kind of work, for you and papa. I am myself a born and bred lady through it all, even though it comes to scouring a floor, or washing dishes. I am tired now, just for a little while; but in half an hour I shall be ready to do the same over again. And as to Mr. Thornton's being in trade, why he can't help that now, poor fellow. I don't suppose his education would fit him for much else. Margaret lifted herself slowly up, and went to her own room; for just now she could not bear much more.

In Mr. Thornton's house, at this very same time, a similar, yet different, scene was going on. A large-boned lady, long past middle age, sat at work in a grim handsomely-furnished dining-room. Her features, like her frame, were strong and massive, rather than heavy. Her face moved slowly from one decided expression to another equally decided. There was no great variety in her countenance; but those who looked at it once, generally looked at it again; even the passers-by in the street, half-turned their heads to gaze an instant longer at the firm, severe, dignified woman, who never gave way in street-courtesy, or paused in her straight-onward course to the clearly-defined end which she proposed to herself. She was handsomely dressed in stout black silk, of which not a thread was worn or discoloured. She was mending a large long table-cloth of the finest texture, holding it up against the light occasionally to discover thin places, which

required her delicate care. There was not a book about in the room, with the exception of Matthew Henry's Bible Commentaries, six volumes of which lay in the centre of the massive side-board, flanked by a tea-urn on one side, and a lamp on the other. In some remote apartment, there was exercise upon the piano going on. Some one was practising up a morceau de salon, playing it very rapidly; every third note, on an average, being either indistinct, or wholly missed out, and the loud chords at the end being half of them false, but not the less satisfactory to the performer. Mrs. Thornton heard a step, like her own in its decisive character, pass the dining-room door.

– John! Is that you?

Her son opened the door and showed himself.

– What has brought you home so early? I thought you were going to tea with that friend of Mr. Bell's; that Mr. Hale.

– So I am, mother; I am come home to dress!

– Dress! humph! When I was a girl, young men were satisfied with dressing once in a day. Why should you dress to go and take a cup of tea with an old parson?

– Mr. Hale is a gentleman, and his wife and daughter are ladies.

– Wife and daughter! Do they teach too? What do they do? You have never mentioned them.

– No! mother, because I have never seen Mrs. Hale; I have only seen Miss Hale for half an hour.

– Take care you don't get caught by a penniless girl, John.

– I am not easily caught, mother, as I think you know. But I must not have Miss Hale spoken of in that way, which, you know, is offensive to me. I never was aware of any young lady trying to catch me yet, nor do I believe that any one has ever given themselves that useless trouble.

Mrs. Thornton did not choose to yield the point to her son; or else she had, in general, pride enough for her sex.

– Well! I only say, take care. Perhaps our Milton girls have too much spirit and good feeling to go angling after husbands; but this Miss Hale comes out of the aristocratic counties, where, if all tales be true, rich husbands are reckoned prizes.

Mr. Thornton's brow contracted, and he came a step forward into the room.

– Mother (with a short scornful laugh) – you will make me confess. The only time I saw Miss Hale, she treated me with a haughty civility which had a strong flavour of contempt in it. She held herself aloof from me as if she had been a queen, and I her humble, unwashed vassal. Be easy, mother.

– No! I am not easy, nor content either. What business had she, a renegade clergyman's daughter, to turn up her nose at you! I would dress for none of them – a saucy set! if I were you. As he was leaving the room, he said: –

– Mr. Hale is good, and gentle, and learned. He is not saucy. As for Mrs. Hale, I will tell you what she is like tonight, if you care to hear. He shut the door and was gone.

– Despise my son! treat him as her vassal, indeed! Humph! I should like to know where she could find such another! Boy and man, he's the noblest, stoutest heart I ever knew. I don't care if I am his mother; I can see what's what, and not be blind. I know what Fanny is; and I know what John is. Despise him! I hate her!

CHAPTER 10
WROUGHT IRON AND GOLD

“We are the trees whom shaking fastens more”.
George Herbert

Mr. Thornton left the house without coming into the dining-room again. He was rather late, and walked rapidly out to Crampton. He was anxious not to slight his new friend by any disrespectful unpunctuality. The church-clock struck half-past seven as he stood at the door awaiting Dixon's slow movements; always doubly tardy when she had to degrade herself by answering the door-bell. He was ushered into the little drawing-room, and kindly greeted by Mr. Hale, who led him up to his wife, whose pale face, and shawl-draped figure made a silent excuse for the cold languor of her greeting. Margaret was lighting the lamp when he entered, for the darkness was coming on. The lamp threw a pretty light into the centre of the dusky room, from which, with country habits, they did not exclude the night-skies, and the outer darkness of air. Somehow, that room contrasted itself with the one he had lately left; handsome, ponderous, with no sign of feminine habitation, except in the one spot where his mother sate, and no convenience for any other employment than eating and drinking. To be sure, it was a dining-room; his mother preferred to sit in it; and her will was a household law. But the drawing-room was not like this. It was twice – twenty times as fine; not one quarter as comfortable. Here were no mirrors, not even a scrap of glass to reflect the light, and answer the same purpose as water in a landscape; no gilding; a warm, sober breadth of colouring, well relieved by the dear old Helstone chintz-curtains and chair covers. An open davenport stood in the window opposite the door; in the other there was a stand, with a tall white china vase, from which drooped wreaths of English ivy, pale-green birch, and copper-coloured beech-leaves. Pretty baskets of work stood about in different places: and books, not cared for on account of their binding solely, lay on one table, as if recently put down. Behind the door was another table, decked out for tea, with a white tablecloth, on which flourished the cocoa-nut cakes, and a basket piled with oranges and ruddy American apples, heaped on leaves.

It appeared to Mr. Thornton that all these graceful cares were habitual to the family; and especially of a piece with Margaret. She stood by the tea-table in a light-coloured muslin gown, which had a good deal of pink about it. She looked as if she was not attending to the conversation, but solely busy with the tea-cups, among which her round ivory hands moved with pretty, noiseless, daintiness. She had a bracelet on one taper arm, which would fall down over her round wrist. Mr. Thornton watched the replacing of this troublesome ornament with far more attention than he listened to her father. It seemed as if it fascinated him to see her

push it up impatiently, until it tightened her soft flesh; and then to mark the loosening – the fall. He could almost have exclaimed – There it goes, again! There was so little left to be done after he arrived at the preparation for tea, that he was almost sorry the obligation of eating and drinking came so soon to prevent his watching Margaret. She handed him his cup of tea with the proud air of an unwilling slave; but her eye caught the moment when he was ready for another cup; and he almost longed to ask her to do for him what he saw her compelled to do for her father, who took her little finger and thumb in his masculine hand, and made them serve as sugar-tongs. Mr. Thornton saw her beautiful eyes lifted to her father, full of light, half-laughter and half-love, as this bit of pantomime went on between the two, unobserved, as they fancied, by any. Margaret's head still ached, as the paleness of her complexion, and her silence might have testified; but she was resolved to throw herself into the breach, if there was any long untoward pause, rather than that her father's friend, pupil, and guest should have cause to think himself in any way neglected. But the conversation went on; and Margaret drew into a corner, near her mother, with her work, after the tea-things were taken away; and felt that she might let her thoughts roam, without fear of being suddenly wanted to fill up a gap.

Mr. Thornton and Mr. Hale were both absorbed in the continuation of some subject which had been started at their last meeting. Margaret was recalled to a sense of the present by some trivial, low-spoken remark of her mother's; and on suddenly looking up from her work, her eye was caught by the difference of outward appearance between her father and Mr. Thornton, as betokening such distinctly opposite natures. Her father was of slight figure, which made him appear taller than he really was, when not contrasted, as at this time, with the tall, massive frame of another. The lines in her father's face were soft and waving, with a frequent undulating kind of trembling movement passing over them, showing every fluctuating emotion; the eyelids were large and arched, giving to the eyes a peculiar languid beauty which was almost feminine. The brows were finely arched, but were, by the very size of the dreamy lids, raised to a considerable distance from the eyes. Now, in Mr. Thornton's face the straight brows fell low over the clear, deep-set earnest eyes, which, without being unpleasantly sharp, seemed intent enough to penetrate into the very heart and core of what he was looking at. The lines in the face were few but firm, as if they were carved in marble, and lay principally about the lips, which were slightly compressed over a set of teeth so faultless and beautiful as to give the effect of sudden sunlight when the rare bright smile, coming in an instant and shining out of the eyes, changed the whole look from the severe and resolved expression of a man ready to do and dare everything, to the keen honest enjoyment of the moment, which is seldom shown so fearlessly and instantaneously except by children. Margaret liked this smile; it was the first thing she had admired in this new friend of her father's; and the opposition of character, shown in all these details of appearance she had just been noticing, seemed to explain the attraction they evidently felt towards each other.

She rearranged her mother's worsted-work, and fell back into her own

thoughts – as completely forgotten by Mr. Thornton as if she had not been in the room, so thoroughly was he occupied in explaining to Mr. Hale the magnificent power, yet delicate adjustment of the might of the steam-hammer, which was recalling to Mr. Hale some of the wonderful stories of subservient genii in the Arabian Nights – one moment stretching from earth to sky and filling all the width of the horizon, at the next obediently compressed into a vase small enough to be borne in the hand of a child.

– And this imagination of power, this practical realisation of a gigantic thought, came out of one man's brain in our good town. That very man has it within him to mount, step by step, on each wonder he achieves to higher marvels still. And I'll be bound to say, we have many among us who, if he were gone, could spring into the breach and carry on the war which compels, and shall compel, all material power to yield to science.

– Your boast reminds me of the old lines – “I've a hundred captains in England”, he said, “As good as ever was he”.

At her father's quotation Margaret looked suddenly up, with inquiring wonder in her eyes. How in the world had they got from cog-wheels to Chevy Chase?

– It is no boast of mine, replied Mr. Thornton; – it is plain matter-of-fact. I won't deny that I am proud of belonging to a town – or perhaps I should rather say a district – the necessities of which give birth to such grandeur of conception. I would rather be a man toiling, suffering – nay, failing and unsuccessful – here, than lead a dull prosperous life in the old worn grooves of what you call more aristocratic society down in the South, with their slow days of careless ease. One may be clogged with honey and unable to rise and fly.

– You are mistaken, said Margaret, roused by the aspersion on her beloved South to a fond vehemence of defence, that brought the colour into her cheeks and the angry tears into her eyes. – You do not know anything about the South. If there is less adventure or less progress – I suppose I must not say less excitement – from the gambling spirit of trade, which seems requisite to force out these wonderful inventions, there is less suffering also. I see men here going about in the streets who look ground down by some pinching sorrow or care – who are not only sufferers but haters. Now, in the South we have our poor, but there is not that terrible expression in their countenances of a sullen sense of injustice which I see here. You do not know the South, Mr. Thornton, she concluded, collapsing into a determined silence, and angry with herself for having said so much.

– And may I say you do not know the North? asked he, with an inexpressible gentleness in his tone, as he saw that he had really hurt her. She continued resolutely silent; yearning after the lovely haunts she had left far away in Hampshire, with a passionate longing that made her feel her voice would be unsteady and trembling if she spoke.

– At any rate, Mr. Thornton, said Mrs. Hale – you will allow that Milton is a much more smoky, dirty town than you will ever meet with in the South.

– I'm afraid I must give up its cleanliness, said Mr. Thornton, with the quick gleaming smile. – But we are bidden by parliament to burn our own smoke; so I suppose, like good little children, we shall do as we are bid – some time.

– But I think you told me you had altered your chimneys so as to consume the smoke, did you not? asked Mr. Hale.

– Mine were altered by my own will, before parliament meddled with the affair. It was an immediate outlay, but it repays me in the saving of coal. I'm not sure whether I should have done it, if I had waited until the act was passed. At any rate, I should have waited to be informed against and fined, and given all the trouble in yielding that I legally could. But all laws which depend for their enforcement upon informers and fines, become inert from the odiousness of the machinery. I doubt if there has been a chimney in Milton informed against for five years past, although some are constantly sending out one-third of their coal in what is called here unparliamentary smoke.

– I only know it is impossible to keep the muslin blinds clean here above a week together; and at Helstone we have had them up for a month or more, and they have not looked dirty at the end of that time. And as for hands – Margaret, how many times did you say you had washed your hands this morning before twelve o'clock? Three times, was it not?

– Yes, mamma.

– You seem to have a strong objection to acts of parliament and all legislation affecting your mode of management down here at Milton, said Mr. Hale.

– Yes, I have; and many others have as well. And with justice, I think the whole machinery – I don't mean the wood and iron machinery now – of the cotton trade is so new that it is no wonder if it does not work well in every part all at once. Seventy years ago what was it? And now what is it not? Raw, crude materials came together; men of the same level, as regarded education and station, took suddenly the different positions of masters and men, owing to the motherwit, as regarded opportunities and probabilities, which distinguished some, and made them far-seeing as to what great future lay concealed in that rude model of Sir Richard Arkwright's. The rapid development of what might be called a new trade, gave those early masters enormous power of wealth and command. I don't mean merely over the workmen; I mean over purchasers – over the whole world's market. Why, I may give you, as an instance, an advertisement, inserted not fifty years ago in a Milton paper, that so-and-so (one of the half-dozen calico-printers of the time) would close his warehouse at noon each day; therefore, that all purchasers must come before that hour. Fancy a man dictating in this manner the time when he would sell and when he would not sell. Now, I believe, if a good customer chose to come at midnight, I should get up, and stand

hat in hand to receive his orders.

Margaret's lip curled, but somehow she was compelled to listen; she could no longer abstract herself in her own thoughts.

– I only name such things to show what almost unlimited power the manufacturers had about the beginning of this century. The men were rendered dizzy by it. Because a man was successful in his ventures, there was no reason that in all other things his mind should be well-balanced. On the contrary, his sense of justice, and his simplicity, were often utterly smothered under the glut of wealth that came down upon him; and they tell strange tales of the wild extravagance of living indulged in on gala-days by those early cotton-lords. There can be no doubt, too, of the tyranny they exercised over their work-people. You know the proverb, Mr. Hale, “Set a beggar on horseback, and he'll ride to the devil”, – well, some of these early manufacturers did ride to the devil in a magnificent style – crushing human bone and flesh under their horses' hoofs without remorse. But by-and-by came a re-action, there were more factories, more masters; more men were wanted. The power of masters and men became more evenly balanced; and now the battle is pretty fairly waged between us. We will hardly submit to the decision of an umpire, much less to the interference of a meddler with only a smattering of the knowledge of the real facts of the case, even though that meddler be called the High Court of Parliament.

– Is there necessity for calling it a battle between the two classes?, asked Mr. Hale. I know, from your using the term, it is one which gives a true idea of the real state of things to your mind.

– It is true; and I believe it to be as much a necessity as that prudent wisdom and good conduct are always opposed to, and doing battle with ignorance and improvidence. It is one of the great beauties of our system, that a working-man may raise himself into the power and position of a master by his own exertions and behaviour; that, in fact, every one who rules himself to decency and sobriety of conduct, and attention to his duties, comes over to our ranks; it may not be always as a master, but as an over-looker, a cashier, a book-keeper, a clerk, one on the side of authority and order.

– You consider all who are unsuccessful in raising themselves in the world, from whatever cause, as your enemies, then, if I understand you rightly, said Margaret' in a clear, cold voice.

– As their own enemies, certainly, said he, quickly, not a little piqued by the haughty disapproval her form of expression and tone of speaking implied. But, in a moment, his straightforward honesty made him feel that his words were but a poor and quibbling answer to what she had said; and, be she as scornful as she liked, it was a duty he owed to himself to explain, as truly as he could, what he did mean. Yet it was very difficult to separate her interpretation, and keep it distinct from his meaning. He could best have illustrated what he wanted to say by telling them something of his own life; but was it not too personal a subject to speak about to strangers? Still, it was the simple straightforward way of explaining his

meaning; so, putting aside the touch of shyness that brought a momentary flush of colour into his dark cheek, he said:

– I am not speaking without book. Sixteen years ago, my father died under very miserable circumstances. I was taken from school, and had to become a man (as well as I could) in a few days. I had such a mother as few are blest with; a woman of strong power, and firm resolve. We went into a small country town, where living was cheaper than in Milton, and where I got employment in a draper's shop (a capital place, by the way, for obtaining a knowledge of goods). Week by week our income came to fifteen shillings, out of which three people had to be kept. My mother managed so that I put by three out of these fifteen shillings regularly. This made the beginning; this taught me self-denial. Now that I am able to afford my mother such comforts as her age, rather than her own wish, requires, I thank her silently on each occasion for the early training she gave me. Now when I feel that in my own case it is no good luck, nor merit, nor talent – but simply the habits of life which taught me to despise indulgences not thoroughly earned – indeed, never to think twice about them – I believe that this suffering, which Miss Hale says is impressed on the countenances of the people of Milton, is but the natural punishment of dishonestly-enjoyed pleasure, at some former period of their lives. I do not look on self-indulgent, sensual people as worthy of my hatred; I simply look upon them with contempt for their poorness of character.

– But you have had the rudiments of a good education, remarked Mr. Hale. – The quick zest with which you are now reading Homer, shows me that you do not come to it as an unknown book; you have read it before, and are only recalling your old knowledge.

– That is true – I had blundered along it at school; I dare say, I was even considered a pretty fair classic in those days, though my Latin and Greek have slipped away from me since. But I ask you, what preparation they were for such a life as I had to lead? None at all. Utterly none at all. On the point of education, any man who can read and write starts fair with me in the amount of really useful knowledge that I had at that time.

– Well! I don't agree with you. But there I am perhaps somewhat of a pedant. Did not the recollection of the heroic simplicity of the Homeric life nerve you up?

– Not one bit! exclaimed Mr. Thornton, laughing. – I was too busy to think about any dead people, with the living pressing alongside of me, neck to neck, in the struggle for bread. Now that I have my mother safe in the quiet peace that becomes her age, and duly rewards her former exertions, I can turn to all that old narration and thoroughly enjoy it.

– I dare say, my remark came from the professional feeling of there being nothing like leather, replied Mr. Hale.

When Mr. Thornton rose up to go away, after shaking hands with Mr. and

Mrs. Hale, he made an advance to Margaret to wish her good-bye in a similar manner. It was the frank familiar custom of the place; but Margaret was not prepared for it. She simply bowed her farewell; although the instant she saw the hand, half put out, quickly drawn back, she was sorry she had not been aware of the intention. Mr. Thornton, however, knew nothing of her sorrow, and, drawing himself up to his full height, walked off, muttering as he left the house –

– A more proud, disagreeable girl I never saw. Even her great beauty is blotted out of one's memory by her scornful ways.

CHAPTER 11
FIRST IMPRESSIONS

“There’s iron, they say, in all our blood,
And a grain or two perhaps is good;
But his, he makes me harshly feel,
Has got a little too much of steel”.

Anonymous

– Margaret! said Mr. Hale, as he returned from showing his guest downstairs; – I could not help watching your face with some anxiety, when Mr. Thornton made his confession of having been a shop-boy. I knew it all along from Mr. Bell; so I was aware of what was coming; but I half expected to see you get up and leave the room.

– Oh, papa! you don’t mean that you thought me so silly? I really liked that account of himself better than anything else he said. Everything else revolted me, from its hardness; but he spoke about himself so simply – with so little of the pretence that makes the vulgarity of shop-people, and with such tender respect for his mother, that I was less likely to leave the room than when he was boasting about Milton, as if there was not such another place in the world; or quietly professing to despise people for careless, wasteful improvidence, without ever seeming to think it his duty to try to make them different – to give them anything of the training which his mother gave him, and to which he evidently owes his position, whatever that may be. No! his statement of having been a shop-boy was the thing I liked best of all.

– I am surprised at you, Margaret, said her mother. – You who were always accusing people of being shabby at Helstone! I don’t I think, Mr. Hale, you have done quite right in introducing such a person to us without telling us what he had been. I really was very much afraid of showing him how much shocked I was at some parts of what he said. His father “dying in miserable circumstances”. Why it might have been in the workhouse.

– I am not sure if it was not worse than being in the workhouse, replied her husband. – I heard a good deal of his previous life from Mr. Bell before we came here; and as he has told you a part, I will fill up what he left out. His father speculated wildly, failed, and then killed himself, because he could not bear the disgrace. All his former friends shrunk from the disclosures that had to be made of his dishonest gambling – wild, hopeless struggles, made with other people’s money, to regain his own moderate portion of wealth. No one came forwards to help the mother and this boy. There was another child, I believe, a girl; too young to earn money, but of course she had to be kept. At least, no friend came

forwards immediately, and Mrs. Thornton is not one, I fancy, to wait till tardy kindness comes to find her out. So they left Milton. I knew he had gone into a shop, and that his earnings, with some fragment of property secured to his mother, had been made to keep them for a long time. Mr. Bell said they absolutely lived upon water-porridge for years – how, he did not know; but long after the creditors had given up hope of any payment of old Mr. Thornton's debts (if, indeed, they ever had hoped at all about it, after his suicide,) this young man returned to Milton, and went quietly round to each creditor, paying him the first instalment of the money owing to him. No noise – no gathering together of creditors – it was done very silently and quietly, but all was paid at last; helped on materially by the circumstance of one of the creditors, a crabbed old fellow (Mr. Bell says), taking in Mr. Thornton as a kind of partner.

– That really is fine, said Margaret. – What a pity such a nature should be tainted by his position as a Milton manufacturer.

– How tainted? asked her father.

– Oh, papa, by that testing everything by the standard of wealth. When he spoke of the mechanical powers, he evidently looked upon them only as new ways of extending trade and making money. And the poor men around him – they were poor because they were vicious – out of the pale of his sympathies because they had not his iron nature, and the capabilities that it gives him for being rich.

– Not vicious; he never said that. Improvident and self-indulgent were his words.

Margaret was collecting her mother's working materials, and preparing to go to bed. Just as she was leaving the room, she hesitated – she was inclined to make an acknowledgment which she thought would please her father, but which to be full and true must include a little annoyance. However, out it came.

– Papa, I do think Mr. Thornton a very remarkable man; but personally I don't like him at all.

– And I do!, said her father laughing. – Personally, as you call it, and all. I don't set him up for a hero, or any thing of that kind. But good night, child. Your mother looks sadly tired tonight, Margaret.

Margaret had noticed her mother's jaded appearance with anxiety for some time past, and this remark of her father's sent her up to bed with a dim fear lying like a weight on her heart. The life in Milton was so different from what Mrs. Hale had been accustomed to live in Helstone, in and out perpetually into the fresh and open air; the air itself was so different, deprived of all revivifying principle as it seemed to be here; the domestic worries pressed so very closely, and in so new and sordid a form, upon all the women in the family, that there was good reason to fear that her mother's health might be becoming seriously affected. There were several other signs of something wrong about Mrs. Hale. She and Dixon held mysterious consultations in her bedroom, from which Dixon

would come out crying and cross, as was her custom when any distress of her mistress called upon her sympathy. Once Margaret had gone into the chamber soon after Dixon left it, and found her mother on her knees, and as Margaret stole out she caught a few words, which were evidently a prayer for strength and patience to endure severe bodily suffering. Margaret yearned to re-unite the bond of intimate confidence which had been broken by her long residence at her aunt Shaw's, and strove by gentle caresses and softened words to creep into the warmest place in her mother's heart. But though she received caresses and fond words back again, in such profusion as would have gladdened her formerly, yet she felt that there was a secret withheld from her, and she believed it bore serious reference to her mother's health. She lay awake very long this night, planning how to lessen the evil influence of their Milton life on her mother. A servant to give Dixon permanent assistance should be got, if she gave up her whole time to the search; and then, at any rate, her mother might have all the personal attention she required, and had been accustomed to her whole life. Visiting register offices, seeing all manner of unlikely people, and very few in the least likely, absorbed Margaret's time and thoughts for several days. One afternoon she met Bessy Higgins in the street, and stopped to speak to her.

– Well, Bessy, how are you? Better, I hope, now the wind has changed.

– Better and not better, if yo'know what that means.

– Not exactly, replied Margaret, smiling.

– I'm better in not being torn to pieces by coughing o'nights, but I'm weary and tired o'Milton, and longing to get away to the land o'Beulah; and when I think I'm farther and farther off, my heart sinks, and I'm no better; I'm worse. Margaret turned round to walk alongside of the girl in her feeble progress homeward. But for a minute or two she did not speak. At last she said in a low voice,

– Bessy, do you wish to die? For she shrank from death herself, with all the clinging to life so natural to the young and healthy.

Bessy was silent in her turn for a minute or two. Then she replied,

– If yo'd led the life I have, and gotten as weary of it as I have, and thought at times, “maybe it'll last for fifty or sixty years – it does wi'some” – and got dizzy and dazed, and sick, as each of them sixty years seemed to spin about me, and mock me with its length of hours and minutes, and endless bits o'time – oh, wench! I tell thee thou'd been glad enough when th'doctor said he feared thou'd never see another winter.

– Why, Bessy, what kind of a life has yours been?

– Nought worse than many others, I reckon. Only I fretted again it, and they didn't.

– But what was it? You know, I'm a stranger here, so perhaps I'm not so quick at understanding what you mean as if I'd lived all my life at Milton.

– If yo’d ha’ come to our house when yo’ said yo’ would, I could maybe ha’ told you. But father says yo’re just like th’ rest on ‘em; it’s out o’ sight out o’ mind wi’ you.

– I don’t know who the rest are; and I’ve been very busy; and, to tell the truth, I had forgotten my promise –

– Yo offered it! we asked none of it.

– I had forgotten what I said for the time, continued Margaret quietly. – I should have thought of it again when I was less busy. May I go with you now? Bessy gave a quick glance at Margaret’s face, to see if the wish expressed was really felt. The sharpness in her eye turned to a wistful longing as she met Margaret’s soft and friendly gaze.

– I ha’ none so many to care for me; if yo’ care yo’ may come.

So they walked on together in silence. As they turned up into a small court, opening out of a squalid street, Bessy said,

– Yo’ll not be daunted if father’s at home, and speaks a bit gruffish at first. He took a mind to ye, yo’ see, and he thought a deal o’ your coming to see us; and just because he liked yo’ he were vexed and put about.

– Don’t fear, Bessy.

But Nicholas was not at home when they entered. A great slatternly girl, not so old as Bessy, but taller and stronger, was busy at the wash-tub, knocking about the furniture in a rough capable way, but altogether making so much noise that Margaret shrunk, out of sympathy with poor Bessy, who had sat down on the first chair, as if completely tired out with her walk. Margaret asked the sister for a cup of water, and while she ran to fetch it (knocking down the fire-irons, and tumbling over a chair in her way), she unloosed Bessy’s bonnet strings, to relieve her catching breath.

– Do you think such life as this is worth caring for? gasped Bessy, at last. Margaret did not speak, but held the water to her lips. Bessy took a long and feverish draught, and then fell back and shut her eyes. Margaret heard her murmur to herself: – They shall hunger no more, neither thirst any more; neither shall the sun light on them, nor any heat.

Margaret bent over and said, ‘Bessy, don’t be impatient with your life, whatever it is – or may have been. Remember who gave it you, and made it what it is!’ She was startled by hearing Nicholas speak behind her; he had come in without her noticing him.

– Now, I’ll not have my wench preached to. She’s bad enough as it is, with her dreams and her methodic fancies, and her visions of cities with goulden gates and precious stones. But if it amuses her I let it abe, but I’m none going to have more stuff poured into her.

– But surely, said Margaret, facing round – you believe in what I said, that God gave her life, and ordered what kind of life it was to be?

– I believe what I see, and no more. That's what I believe, young woman. I don't believe all I hear – no! not by a big deal. I did hear a young lass make an ado about knowing where we lived, and coming to see us. And my wench here thought a deal about it, and flushed up many a time, when hoo little knew as I was looking at her, at the sound of a strange step. But hoo's come at last – and hoo's welcome, as long as hoo'll keep from preaching on what hoo knows nought about. Bessy had been watching Margaret's face; she half sate up to speak now, laying her hand on Margaret's arm with a gesture of entreaty. – Don't be vexed wi' him – there's many a one thinks like him; many and many a one here. If yo' could hear them speak, yo'd not be shocked at him; he's a rare good man, is father – but oh! said she, falling back in despair – what he says at times makes me long to die more than ever, for I want to know so many things, and am so tossed about wi' wonder.

– Poor wench – poor old wench – I'm loth to vex thee, I am; but a man mun speak out for the truth, and when I see the world going all wrong at this time o' day, bothering itself wi' things it knows nought about, and leaving undone all the things that lie in disorder close at its hand – why, I say, leave a' this talk about religion alone, and set to work on what yo' see and know. That's my creed. It's simple, and not far to fetch, nor hard to work.

But the girl only pleaded the more with Margaret.

– Don't think hardly on him – he's a good man, he is. I sometimes think I shall be moped wi' sorrow even in the City of God, if father is not there. The feverish colour came into her cheek, and the feverish flame into her eye. – But you will be there, father! you shall! Oh! my heart! She put her hand to it, and became ghastly pale.

Margaret held her in her arms, and put the weary head to rest upon her bosom. She lifted the thin soft hair from off the temples, and bathed them with water. Nicholas understood all her signs for different articles with the quickness of love, and even the round-eyed sister moved with laborious gentleness at Margaret's 'hush!' Presently the spasm that foreshadowed death had passed away, and Bessy roused herself and said –

– I'll go to bed – it's best place; but, catching at Margaret's gown – yo'll come again – I know yo' will – but just say it!

– I will come tomorrow, said Margaret.

Bessy leant back against her father, who prepared to carry her upstairs; but as Margaret rose to go, he struggled to say something: – I could wish there were a God, if it were only to ask Him to bless thee.

Margaret went away very sad and thoughtful.

She was late for tea at home. At Helstone unpunctuality at meal-times was a great fault in her mother's eyes; but now this, as well as many other little irregularities, seemed to have lost their power of irritation, and Margaret almost

longed for the old complainings.

– Have you met with a servant, dear?

– No, mamma; that Anne Buckley would never have done.

– Suppose I try, said Mr. Hale. – Everybody else has had their turn at this great difficulty. Now let me try. I may be the Cinderella to put on the slipper after all.

Margaret could hardly smile at this little joke, so oppressed was she by her visit to the Higginses.

– What would you do, papa? How would you set about it?

– Why, I would apply to some good house-mother to recommend me one known to herself or her servants.

– Very good. But we must first catch our house-mother.

– You have caught her. Or rather she is coming into the snare, and you will catch her tomorrow, if you're skilful.

– What do you mean, Mr. Hale? asked his wife, her curiosity aroused.

– Why, my paragon pupil (as Margaret calls him), has told me that his mother intends to call on Mrs. and Miss Hale tomorrow.

– Mrs. Thornton! exclaimed Mrs. Hale.

– The mother of whom he spoke to us? said Margaret.

– Mrs. Thornton; the only mother he has, I believe, said Mr. Hale quietly.

– I shall like to see her. She must be an uncommon person, her mother added.

– Perhaps she may have a relation who might suit us, and be glad of our place. She sounded to be such a careful economical person, that I should like any one out of the same family.

– My dear, said Mr. Hale alarmed. – Pray don't go off on that idea. I fancy Mrs. Thornton is as haughty and proud in her way, as our little Margaret here is in hers, and that she completely ignores that old time of trial, and poverty, and economy, of which he speaks so openly. I am sure, at any rate, she would not like strangers to know any thing about It.

– Take notice that is not my kind of haughtiness, papa, if I have any at all; which I don't agree to, though you're always accusing me of it.

– I don't know positively that it is hers either; but from little things I have gathered from him, I fancy so.

They cared too little to ask in what manner her son had spoken about her. Margaret only wanted to know if she must stay in to receive this call, as it would prevent her going to see how Bessy was, until late in the day, since the early

morning was always occupied in household affairs; and then she recollected that her mother must not be left to have the whole weight of entertaining her visitor.

CHAPTER 12
MORNING CALLS

“Well... I suppose we must”
Friends in Council

Mr. Thornton had had some difficulty in working up his mother to the desired point of civility. She did not often make calls; and when she did, it was in heavy state that she went through her duties. Her son had given her a carriage; but she refused to let him keep horses for it; they were hired for the solemn occasions, when she paid morning or evening visits. She had had horses for three days, not a fortnight before, and had comfortably killed off all her acquaintances, who might now put themselves to trouble and expense in their turn. Yet Crampton was too far off for her to walk; and she had repeatedly questioned her son as to whether his wish that she should call on the Hales was strong enough to bear the expense of cab-hire. She would have been thankful if it had not; for, as she said – she saw no use in making up friendships and intimacies with all the teachers and masters in Milton; why, he would be wanting her to call on Fanny’s dancing-master’s wife, the next thing!

– And so I would, mother, if Mr. Mason and his wife were friend less in a strange place, like the Hales.

– Oh! you need not speak so hastily. I am going tomorrow. I only wanted you exactly to understand about it.

– If you are going tomorrow, I shall order horses.

– Nonsense, John. One would think you were made of money.

– Not quite, yet. But about the horses I’m determined. The last time you were out in a cab, you came home with a headache from the jolting.

– I never complained of it, I’m sure.

– No. My mother is not given to complaints, said he, a little proudly. – But so much the more I have to watch over you. Now as for Fanny there, a little hardship would do her good.

– She is not made of the same stuff as you are, John. She could not bear it. Mrs. Thornton was silent after this; for her last words bore relation to a subject which mortified her. She had an unconscious contempt for a weak character; and Fanny was weak in the very points in which her mother and brother were strong. Mrs. Thornton was not a woman much given to reasoning; her quick judgment and firm resolution served her in good stead of any long arguments and discussions with herself; she felt instinctively that nothing could strengthen Fanny

to endure hardships patiently, or face difficulties bravely; and though she winced as she made this acknowledgment to herself about her daughter, it only gave her a kind of pitying tenderness of manner towards her; much of the same description of demeanour with which mothers are wont to treat their weak and sickly children. A stranger, a careless observer might have considered that Mrs. Thornton's manner to her children betokened far more love to Fanny than to John. But such a one would have been deeply mistaken. The very daringness with which mother and son spoke out unpalatable truths, the one to the other, showed a reliance on the firm centre of each other's souls, which the uneasy tenderness of Mrs. Thornton's manner to her daughter, the shame with which she thought to hide the poverty of her child in all the grand qualities which she herself possessed unconsciously, and which she set so high a value upon in others – this shame, I say, betrayed the want of a secure resting-place for her affection. She never called her son by any name but John; 'love,' and 'dear,' and such like terms, were reserved for Fanny. But her heart gave thanks for him day and night; and she walked proudly among women for his sake.

– Fanny dear I shall have horses to the carriage today, to go and call on these Hales. Should not you go and see nurse? It's in the same direction, and she's always so glad to see you. You could go on there while I am at Mrs. Hale's.

– Oh! mamma, it's such a long way, and I am so tired.

– With what?" asked Mrs. Thornton, her brow slightly contracting.

– I don't know – the weather, I think It is so relaxing. Couldn't you bring nurse here, mamma? The carriage could fetch her, and she could spend the rest of the day here, which I know she would like.

Mrs. Thornton did not speak, but she laid her work on the table, and seemed to think

– It will be a long way for her to walk back at night! she remarked, at last.

– Oh, but I will send her home in a cab. I never thought of her walking. At this point, Mr. Thornton came in, just before going to the mill.

– Mother! I need hardly say, that if there is any little thing that could serve Mrs. Hale as an invalid, you will offer it, I'm sure.

– If I can find it out, I will. But I have never been ill myself, so I am not much up to invalids fancies.

– Well! here is Fanny then, who is seldom without an ailment. She will be able to suggest something, perhaps – won't you, Fan?

– I have not always an ailment, said Fanny, pettishly; – and I am not going with mamma. I have a headache today, and I shan't go out.

Mr. Thornton looked annoyed. His mother's eyes were bent on her work, at which she was now stitching away busily.

– Fanny! I wish you to go, said he, authoritatively. – It will do you good, instead of harm. You will oblige me by going, without my saying anything more about it.

He went abruptly out of the room after saying this.

If he had staid a minute longer, Fanny would have cried at his tone of command, even when he used the words, ‘You will oblige me.’ As it was, she grumbled.

– John always speaks as if I fancied I was ill, and I am sure I never do fancy any such thing. Who are these Hales that he makes such a fuss about?

– Fanny, don’t speak so of your brother. He has good reasons of some kind or other, or he would not wish us to go. Make haste and put your things on.

But the little altercation between her son and her daughter did not incline Mrs. Thornton more favourably towards ‘these Hales.’ Her jealous heart repeated her daughter’s question – Who are they, that he is so anxious we should pay them all this attention? It came up like a burden to a song, long after Fanny had forgotten all about it in the pleasant excitement of seeing the effect of a new bonnet in the looking-glass.

Mrs. Thornton was shy. It was only of late years that she had had leisure enough in her life to go into society; and as society she did not enjoy it. As dinner-giving, and as criticising other people’s dinners, she took satisfaction in it. But this going to make acquaintance with strangers was a very different thing. She was ill at ease, and looked more than usually stern and forbidding as she entered the Hales’ little drawing-room.

Margaret was busy embroidering a small piece of cambric for some little article of dress for Edith’s expected baby – ‘Flimsy, useless work,’ as Mrs. Thornton observed to herself. She liked Mrs. Hale’s double knitting far better; that was sensible of its kind. The room altogether was full of knick-knacks, which must take a long time to dust; and time to people of limited income was money. She made all these reflections as she was talking in her stately way to Mrs. Hale, and uttering all the stereotyped commonplaces that most people can find to say with their senses blindfolded. Mrs. Hale was making rather more exertion in her answers, captivated by some real old lace which Mrs. Thornton wore; ‘lace,’ as she afterwards observed to Dixon – of that old English point which has not been made for this seventy years, and which cannot be bought. It must have been an heir-loom, and shows that she had ancestors. So the owner of the ancestral lace became worthy of something more than the languid exertion to be agreeable to a visitor, by which Mrs. Hale’s efforts at conversation would have been otherwise bounded. And presently, Margaret, racking her brain to talk to Fanny, heard her mother and Mrs. Thornton plunge into the interminable subject of servants.

– I suppose you are not musical, said Fanny – as I see no piano.

– I am fond of hearing good music; I cannot play well myself; and papa and mamma don’t care much about it; so we sold our old piano when we came

here.

– I wonder how you can exist without one. It almost seems to me a necessary of life.

– Fifteen shillings a week, and three saved out of them! thought Margaret to herself – But she must have been very young. She probably has forgotten her own personal experience. But she must know of those days. Margaret's manner had an extra tinge of coldness in it when she next spoke.

– You have good concerts here, I believe.

– Oh, yes! Delicious! Too crowded, that is the worst. The directors admit so indiscriminately. But one is sure to hear the newest music there. I always have a large order to give to Johnson's, the day after a concert.

– Do you like new music simply for its newness, then?

– Oh; one knows it is the fashion in London, or else the singers would not bring it down here. You have been in London, of course.

– Yes, said Margaret – I have lived there for several years.

– Oh! London and the Alhambra are the two places I long to see!

– London and the Alhambra!

– Yes! ever since I read the Tales of the Alhambra. Don't you know them?

– I don't think I do. But surely, it is a very easy journey to London.

– Yes; but somehow, said Fanny, lowering her voice – mamma has never been to London herself, and can't understand my longing. She is very proud of Milton; dirty, smoky place, as I feel it to be. I believe she admires it the more for those very qualities.

– If it has been Mrs. Thornton's home for some years, I can well understand her loving it, said Margaret, in her clear bell-like voice.

– What are you saying about me, Miss Hale? May I inquire?

Margaret had not the words ready for an answer to this question, which took her a little by surprise, so Miss Thornton replied:

– Oh, mamma! we are only trying to account for your being so fond of Milton.

– Thank you, said Mrs. Thornton. – I do not feel that my very natural liking for the place where I was born and brought up – and which has since been my residence for some years, requires any accounting for.

Margaret was vexed. As Fanny had put it, it did seem as if they had been impertinently discussing Mrs. Thornton's feelings; but she also rose up against that lady's manner of showing that she was offended.

Mrs. Thornton went on after a moment's pause:

– Do you know anything of Milton, Miss Hale? Have you seen any of our factories? our magnificent warehouses?

– No! said Margaret. – I have not seen anything of that description as yet. Then she felt that, by concealing her utter indifference to all such places, she was hardly speaking with truth; so she went on:

– I dare say, papa would have taken me before now if I had cared. But I really do not find much pleasure in going over manufactories.

– They are very curious places, said Mrs. Hale – but there is so much noise and dirt always. I remember once going in a lilac silk to see candles made, and my gown was utterly ruined.

– Very probably, said Mrs. Thornton, in a short displeased manner. – I merely thought, that as strangers newly come to reside in a town which has risen to eminence in the country, from the character and progress of its peculiar business, you might have cared to visit some of the places where it is carried on; places unique in the kingdom, I am informed. If Miss Hale changes her mind and condescends to be curious as to the manufactures of Milton, I can only say I shall be glad to procure her admission to print-works, or reed-making, or the more simple operations of spinning carried on in my son's mill. Every improvement of machinery is, I believe, to be seen there, in its highest perfection.

– I am so glad you don't like mills and manufactories, and all those kind of things, said Fanny, in a half-whisper, as she rose to accompany her mother, who was taking leave of Mrs. Hale with rustling dignity.

– I think I should like to know all about them, if I were you, replied Margaret quietly.

– Fanny! said her mother, as they drove away – we will be civil to these Hales: but don't form one of your hasty friendships with the daughter. She will do you no good, I see. The mother looks very ill, and seems a nice, quiet kind of person.

– I don't want to form any friendship with Miss Hale, mamma, said Fanny, pouting. – I thought I was doing my duty by talking to her, and trying to amuse her.

– Well! at any rate John must be satisfied now.

CHAPTER 13

A SOFT BREEZE IN A SULTRY PLACE

“That doubt and trouble, fear and pain,
And anguish, all, are shadows vain,
That death itself shall not remain;
That weary deserts we may tread,
A dreary labyrinth may thread,
Thro’ dark ways underground be led;
Yet, if we will one Guide obey,
The dreariest path, the darkest way
Shall issue out in heavenly day;
And we, on divers shores now cast,
Shall meet, our perilous voyage past,
All in our Father’s house at last!”

R. C. Trench

Margaret flew up stairs as soon as their visitors were gone, and put on her bonnet and shawl, to run and inquire how Bessy Higgins was, and sit with her as long as she could before dinner. As she went along the crowded narrow streets, she felt how much of interest they had gained by the simple fact of her having learnt to care for a dweller in them.

Mary Higgins, the slatternly younger sister, had endeavoured as well as she could to tidy up the house for the expected visit. There had been rough-stoning done in the middle of the floor, while the flags under the chairs and table and round the walls retained their dark unwashed appearance. Although the day was hot, there burnt a large fire in the grate, making the whole place feel like an oven. Margaret did not understand that the lavishness of coals was a sign of hospitable welcome to her on Mary’s part, and thought that perhaps the oppressive heat was necessary for Bessy. Bessy herself lay on a squab, or short sofa, placed under the window. She was very much more feeble than on the previous day, and tired with raising herself at every step to look out and see if it was Margaret coming. And now that Margaret was there, and had taken a chair by her, Bessy lay back silent, and content to look at Margaret’s face, and touch her articles of dress, with a childish admiration of their fineness of texture.

– I never knew why folk in the Bible cared for soft raiment afore. But it must be nice to go dressed as yo’ do. It’s different fro’ common. Most fine folk tire my eyes out wi’ their colours; but some how yours rest me. Where did ye get this frock?

– In London, said Margaret, much amused.

– London! Have yo’ been in London?

– Yes! I lived there for some years. But my home was in a forest; in the country.

– Tell me about it, said Bessy. – I like to hear speak of the country and trees, and such like things. She leant back, and shut her eye and crossed her hands over her breast, lying at perfect rest, as if t receive all the ideas Margaret could suggest.

Margaret had never spoken of Helstone since she left it, except just naming the place incidentally. She saw it in dreams more vivid than life, and as she fell away to slumber at nights her memory wandered in all its pleasant places. But her heart was opened to this girl; – Oh, Bessy, I loved the home we have left so dearly! I wish you could see it. I cannot tell you half its beauty. There are great trees standing all about it, with their branches stretching long and level, and making a deep shade of rest even at noonday. And yet, though every leaf may seem still, there is a continual rushing sound of movement all around – not close at hand. Then sometimes the turf is as soft and fine as velvet; and sometimes quite lush with the perpetual moisture of a little, hidden, tinkling brook near at hand. And then in other parts there are billowy ferns – whole stretches of fern; some in the green shadow; some with long streaks of golden sunlight lying on them – just like the sea.

– I have never seen the sea, murmured Bessy. ‘But go on.’

– Then, here and there, there are wide commons, high up as if above the very tops of the trees...

– I’m glad of that. I felt smothered like down below. When I have gone for an out, I’ve always wanted to get high up and see far away, and take a deep breath o’fulness in that air. I get smothered enough in Milton, and I think the sound yo’ speak of among the trees, going on for ever and ever, would send me dazed; it’s that made my head ache so in the mill. Now on these commons I reckon there is but little noise?

– No, said Margaret; – nothing but here and there a lark high in the air. Sometimes I used to hear a farmer speaking sharp and loud to his servants; but it was so far away that it only reminded me pleasantly that other people were hard at work in some distant place, while I just sat on the heather and did nothing.

– I used to think once that if I could have a day of doing nothing, to rest me – a day in some quiet place like that yo’ speak on – it would maybe set me up. But now I’ve had many days o’ idleness, and I’m just as weary o’ them as I was o’ my work. Sometimes I’m so tired out I think I cannot enjoy heaven without a piece of rest first. I’m rather afeard o’ going straight there without getting a good sleep in the grave to set me up.

– Don’t be afraid, Bessy, said Margaret, laying her hand on the girl’s; – God can give you more perfect rest than even idleness on earth, or the dead sleep of the grave can do.

Bessy moved uneasily; then she said:

– I wish father would not speak as he does. He means well, as I telled yo' yesterday, and tell yo' again and again. But yo' see, though I don't believe him a bit by day, yet by night – when I'm in a fever, half-asleep and half-awake – it comes back upon me – oh! so bad! And I think, if this should be th' end of all, and if all I've been born for is just to work my heart and my life away, and to sicken i' this dree place, wi' them mill-noises in my ears for ever, until I could scream out for them to stop, and let me have a little piece o' quiet – and wi' the fluff filling my lungs, until I thirst to death for one long deep breath o' the clear air yo' speak on – and my mother gone, and I never able to tell her again how I loved her, and o' all my troubles – I think if this life is th' end, and that there's no God to wipe away all tears from all eyes – yo' wench, yo'! said she, sitting up, and clutching violently, almost fiercely, at Margaret's hand – I could go mad, and kill yo', I could. She fell back completely worn out with her passion. Margaret knelt down by her.

– Bessy – we have a Father in Heaven.

– I know it! I know it, moaned she, turning her head uneasily from side to side.

– I'm very wicked. I've spoken very wickedly. Oh! don't be frightened by me and never come again. I would not harm a hair of your head. And, opening her eyes, and looking earnestly at Margaret – I believe, perhaps, more than yo' do o' what's to come. I read the book o' Revelations until I know it off by heart, and I never doubt when I'm waking, and in my senses, of all the glory I'm to come to.

– Don't let us talk of what fancies come into your head when you are feverish. I would rather hear something about what you used to do when you were well.

– I think I was well when mother died, but I have never been rightly strong sin' somewhere about that time. I began to work in a carding-room soon after, and the fluff got into my lungs and poisoned me.

– Fluff? said Margaret, inquiringly.

– Fluff, repeated Bessy. – Little bits, as fly off fro' the cotton, when they're carding it, and fill the air till it looks all fine white dust. They say it winds round the lungs, and tightens them up. Anyhow, there's many a one as works in a carding-room, that falls into a waste, coughing and spitting blood, because they're just poisoned by the fluff.

– But can't it be helped? asked Margaret.

– I dunno. Some folk have a great wheel at one end o' their carding-rooms to make a draught, and carry off th' dust; but that wheel costs a deal o' money – five or six hundred pound, maybe, and brings in no profit; so it's but a few of th' masters as will put 'em up; and I've heard tell o' men who didn't like

working places where there was a wheel, because they said as how it mad 'em hungry, at after they 'd been long used to swallowing fluff, tone go without it, and that their wage ought to be raised if they were to work in such places. So between masters and men th' wheels fall through. I know I wish there'd been a wheel in our place, though.

– Did not your father know about it? asked Margaret.

– Yes! And he were sorry. But our factory were a good one on the whole; and a steady likely set o' people; and father was afeard of letting me go to a strange place, for though yo' would na think it now, many a one then used to call me a gradely lass enough. And I did na like to be reckoned nesh and soft, and Mary's schooling were to be kept up, mother said, and father he were always liking to buy books, and go to lectures o' one kind or another – all which took money – so I just worked on till I shall ne'er get the whirr out o' my ears, or the fluff out o' my throat i' this world. That's all.

– How old are you? asked Margaret.

– Nineteen, come July.

– And I too am nineteen. She thought, more sorrowfully than Bessy did, of the contrast between them. She could not speak for a moment or two for the emotion she was trying to keep down.

– About Mary, said Bessy. – I wanted to ask yo' to be a friend to her. She's seventeen, but she's th' last on us. And I don't want her to go to th' mill, and yet I dunno what she's fit for.

– She could not do – Margaret glanced unconsciously at the uncleaned corners of the room – She could hardly undertake a servant's place, could she? We have an old faithful servant, almost a friend, who wants help, but who is very particular; and it would not be right to plague her with giving her any assistance that would really be an annoyance and an irritation.

– No, I see. I reckon yo're right. Our Mary's a good wench; but who has she had to teach her what to do about a house? No mother, and me at the mill till I were good for nothing but scolding her for doing badly what I didn't know how to do a bit. But I wish she could ha' lived wi' yo', for all that.

– But even though she may not be exactly fitted to come and live with us as a servant – and I don't know about that – I will always try and be a friend to her for your sake, Bessy. And now I must go. I will come again as soon as I can; but if it should not be tomorrow, or the next day, or even a week or a fortnight hence, don't think I've forgotten you. I may be busy.

– I'll know yo' won't forget me again. I'll not mistrust yo' no more. But remember, in a week or a fortnight I may be dead and buried!

– I'll come as soon as I can, Bessy, said Margaret, squeezing her hand tight.

– But you'll let me know if you are worse.

– Ay, that will I, said Bessy, returning the pressure.

From that day forwards Mrs. Hale became more and more of a suffering invalid. It was now drawing near to the anniversary of Edith's marriage, and looking back upon the year's accumulated heap of troubles, Margaret wondered how they had been borne. If she could have anticipated them, how she would have shrunk away and hid herself from the coming time! And yet day by day had, of itself, and by itself, been very endurable – small, keen, bright little spots of positive enjoyment having come sparkling into the very middle of sorrows. A year ago, or when she first went to Helstone, and first became silently conscious of the querulousness in her mother's temper, she would have groaned bitterly over the idea of a long illness to be borne in a strange, desolate, noisy, busy place, with diminished comforts on every side of the home life. But with the increase of serious and just ground of complaint, a new kind of patience had sprung up in her mother's mind. She was gentle and quiet in intense bodily suffering, almost in proportion as she had been restless and depressed when there had been no real cause for grief. Mr. Hale was in exactly that stage of apprehension which, in men of his stamp, takes the shape of wilful blindness. He was more irritated than Margaret had ever known him at his daughter's expressed anxiety.

– Indeed, Margaret, you are growing fanciful! God knows I should be the first to take the alarm if your mother were really ill; we always saw when she had her headaches at Helstone, even without her telling us. She looks quite pale and white when she is ill; and now she has a bright healthy colour in her cheeks, just as she used to have when I first knew her.

– But, papa, said Margaret, with hesitation – do you know, I think that is the flush of pain.

– Nonsense, Margaret. I tell you, you are too fanciful. You are the person not well, I think. Send for the doctor tomorrow for yourself; and then, if it will make your mind easier, he can see your mother.

– Thank you, dear papa. It will make me happier, indeed. And she went up to him to kiss him. But he pushed her away – gently enough, but still as if she had suggested unpleasant ideas, which he should be glad to get rid of as readily as he could of her presence. He walked uneasily up and down the room.

– Poor Maria! said he, half soliloquising – I wish one could do right without sacrificing others. I shall hate this town, and myself too, if she...Pray, Margaret, does your mother often talk to you of the old places of Helstone, I mean?

– No, papa, said Margaret, sadly.

– Then, you see, she can't be fretting after them, eh? It has always been a comfort to me to think that your mother was so simple and open that I knew

every little grievance she had. She never would conceal anything seriously affecting her health from me: would she, eh, Margaret? I am quite sure she would not. So don't let me hear of these foolish morbid ideas. Come, give me a kiss, and run off to bed.

But she heard him pacing about (racooning, as she and Edith used to call it) long after her slow and languid undressing was finished – long after she began to listen as she lay in bed.

CHAPTER 14
THE MUTINY

“I was used
To sleep at nights as sweetly as a child –
Now if the wind blew rough, it made me start,
And think of my poor boy tossing about
Upon the roaring seas. And then I seemed
To feel that it was hard to take him from me
For such a little fault”.
Southey

It was a comfort to Margaret about this time, to find that her mother drew more tenderly and intimately towards her than she had ever done since the days of her childhood. She took her to her heart as a confidential friend – the post Margaret had always longed to fill, and had envied Dixon for being preferred to. Margaret took pains to respond to every call made upon her for sympathy – and they were many – even when they bore relation to trifles, which she would no more have noticed or regarded herself than the elephant would perceive the little pin at his feet, which yet he lifts carefully up at the bidding of his keeper. All unconsciously Margaret drew near to a reward.

One evening, Mr. Hale being absent, her mother began to talk to her about her brother Frederick, the very subject on which Margaret had longed to ask questions, and almost the only one on which her timidity overcame her natural openness. The more she wanted to hear about him, the less likely she was to speak.

– Oh, Margaret, it was so windy last night! It came howling down the chimney in our room! I could not sleep. I never can when there is such a terrible wind. I got into a wakeful habit when poor Frederick was at sea; and now, even if I don't waken all at once, I dream of him in some stormy sea, with great, clear, glass-green walls of waves on either side his ship, but far higher than her very masts, curling over her with that cruel, terrible white foam, like some gigantic crested serpent. It is an old dream, but it always comes back on windy nights, till I am thankful to waken, sitting straight and stiff up in bed with my terror. Poor Frederick! He is on land now, so wind can do him no harm. Though I did think it might shake down some of those tall chimneys.

– Where is Frederick now, mamma? Our letters are directed to the care of Messrs. Barbour, at Cadiz, I know; but where is he himself?

– I can't remember the name of the place, but he is not called Hale; you must remember that, Margaret. Notice the F. D. in every corner of the letters. He

has taken the name of Dickenson. I wanted him to have been called Beresford, to which he had a kind of right, but your father thought he had better not. He might be recognised, you know, if he were called by my name.

– Mamma, said Margaret – I was at Aunt Shaw's when it all happened; and I suppose I was not old enough to be told plainly about it. But I should like to know now, if I may – if it does not give you too much pain to speak about it.

– Pain! No, replied Mrs. Hale, her cheek flushing. – Yet it is pain to think that perhaps I may never see my darling boy again. Or else he did right, Margaret. They may say what they like, but I have his own letters to show, and I'll believe him, though he is my son, sooner than any court-martial on earth. Go to my little japan cabinet, dear, and in the second left-hand drawer you will find a packet of letters.

Margaret went. There were the yellow, sea-stained letters, with the peculiar fragrance which ocean letters have: Margaret carried them back to her mother, who untied the silken string with trembling fingers, and, examining their dates, she gave them to Margaret to read, making her hurried, anxious remarks on their contents, almost before her daughter could have understood what they were.

– You see, Margaret, how from the very first he disliked Captain Reid. He was second lieutenant in the ship – the Orion – in which Frederick sailed the very first time. Poor little fellow, how well he looked in his midshipman's dress, with his dirk in his hand, cutting open all the newspapers with it as if it were a paper-knife! But this Mr. Reid, as he was then, seemed to take a dislike to Frederick from the very beginning. And then – stay! these are the letters he wrote on board the Russell. When he was appointed to her, and found his old enemy Captain Reid in command, he did mean to bear all his tyranny patiently. Look! this is the letter. Just read it, Margaret. Where is it he says – Stop – my father may rely upon me, that I will bear with all proper patience everything that one officer and gentleman can take from another. But from my former knowledge of my present captain, I confess I look forward with apprehension to a long course of tyranny on board the Russell. You see, he promises to bear patiently, and I am sure he did, for he was the sweetest-tempered boy, when he was not vexed, that could possibly be. Is that the letter in which he speaks of Captain Reid's impatience with the men, for not going through the ship's manoeuvres as quickly as the Avenger? You see, he says that they had many new hands on board the Russell, while the Avenger had been nearly three years on the station, with nothing to do but to keep slavers off, and work her men, till they ran up and down the rigging like rats or monkeys.

Margaret slowly read the letter, half illegible through the fading of the ink. It might be – it probably was – a statement of Captain Reid's imperiousness in trifles, very much exaggerated by the narrator, who had written it while fresh and warm from the scene of altercation. Some sailors being aloft in the main-topsail rigging, the captain had ordered them to race down, threatening the hindmost with the cat-of-nine-tails. He who was the farthest on the spar, feeling

the impossibility of passing his companions, and yet passionately dreading the disgrace of the flogging, threw himself desperately down to catch a rope considerably lower, failed, and fell senseless on deck. He only survived for a few hours afterwards, and the indignation of the ship's crew was at boiling point when young Hale wrote.

– But we did not receive this letter till long, long after we heard of the mutiny. Poor Fred! I dare say it was a comfort to him to write it even though he could not have known how to send it, poor fellow! And then we saw a report in the papers – that's to say, long before Fred's letter reached us – of an atrocious mutiny having broken out on board the *Russell*, and that the mutineers had remained in possession of the ship, which had gone off, it was supposed, to be a pirate; and that Captain Reid was sent adrift in a boat with some men – officers or something – whose names were all given, for they were picked up by a West-Indian steamer. Oh, Margaret! how your father and I turned sick over that list, when there was no name of Frederick Hale. We thought it must be some mistake; for poor Fred was such a fine fellow, only perhaps rather too passionate; and we hoped that the name of Carr, which was in the list, was a misprint for that of Hale – newspapers are so careless. And towards post-time the next day, papa set off to walk to Southampton to get the papers; and I could not stop at home, so I went to meet him. He was very late – much later than I thought he would have been; and I sat down under the hedge to wait for him. He came at last, his arms hanging loose down, his head sunk, and walking heavily along, as if every step was a labour and a trouble. Margaret, I see him now.

– Don't go on, mamma. I can understand it all, said Margaret, leaning up caressingly against her mother's side, and kissing her hand.

– No, you can't, Margaret. No one can who did not see him then. I could hardly lift myself up to go and meet him – everything seemed so to reel around me all at once. And when I got to him, he did not speak, or seem surprised to see me there, more than three miles from home, beside the Oldham beech-tree; but he put my arm in his, and kept stroking my hand, as if he wanted to soothe me to be very quiet under some great heavy blow; and when I trembled so all over that I could not speak, he took me in his arms, and stooped down his head on mine, and began to shake and to cry in a strange muffled, groaning voice, till I, for very fright, stood quite still, and only begged him to tell me what he had heard. And then, with his hand jerking, as if some one else moved it against his will, he gave me a wicked newspaper to read, calling our Frederick a “traitor of the blackest dye”, “a base, ungrateful disgrace to his profession”. Oh! I cannot tell what bad words they did not use. I took the paper in my hands as soon as I had read it – I tore it up to little bits – I tore it – oh! I believe Margaret, I tore it with my teeth. I did not cry. I could not. My cheeks were as hot as fire, and my very eyes burnt in my head. I saw your father looking grave at me. I said it was a lie, and so it was. Months after, this letter came, and you see what provocation Frederick had. It was not for himself, or his own injuries, he rebelled; but he would speak his mind to Captain Reid, and so it went on from bad to worse; and you see, most of the

sailors stuck by Frederick

– I think, Margaret, she continued, after a pause, in a weak, trembling, exhausted voice – I am glad of it – I am prouder of Frederick standing up against injustice, than if he had been simply a good officer.

– I am sure I am, said Margaret, in a firm, decided tone. – Loyalty and obedience to wisdom and justice are fine; but it is still finer to defy arbitrary power, unjustly and cruelly used-not on behalf of ourselves, but on behalf of others more helpless.

– For all that, I wish I could see Frederick once more – just once. He was my first baby, Margaret. Mrs. Hale spoke wistfully, and almost as if apologising for the yearning, craving wish, as though it were a depreciation of her remaining child. But such an idea never crossed Margaret's mind. She was thinking how her mother's desire could be fulfilled.

– It is six or seven years ago – would they still prosecute him, mother? If he came and stood his trial, what would be the punishment? Surely, he might bring evidence of his great provocation.

– It would do no good, replied Mrs. Hale. – Some of the sailors who accompanied Frederick were taken, and there was a court-martial held on them on board the Amicia; I believed all they said in their defence, poor fellows, because it just agreed with Frederick's story – but it was of no use – and for the first time during the conversation Mrs. Hale began to cry; yet something possessed Margaret to force the information she foresaw, yet dreaded, from her mother.

– What happened to them, mamma? asked she.

– They were hung at the yard-arm, said Mrs. Hale, solemnly. – And the worst was that the court, in condemning them to death, said they had suffered themselves to be led astray from their duty by their superior officers.

They were silent for a long time.

– And Frederick was in South America for several years, was he not?

– Yes. And now he is in Spain. At Cadiz, or somewhere near it. If he comes to England he will be hung. I shall never see his face again – for if he comes to England he will be hung.

There was no comfort to be given. Mrs. Hale turned her face to the wall, and lay perfectly still in her mother's despair. Nothing could be said to console her. She took her hand out of Margaret's with a little impatient movement, as if she would fain be left alone with the recollection of her son. When Mr. Hale came in, Margaret went out, oppressed with gloom, and seeing no promise of brightness on any side of the horizon.

CHAPTER 15
MASTERS AND MEN

“Thought fights with thought;
out springs a spark of truth
From the collision of the sword and shield”.
W. S. Landor

– Margaret, said her father, the next day – we must return Mrs. Thornton’s call. Your mother is not very well, and thinks she cannot walk so far; but you and I will go this afternoon.

As they went, Mr. Hale began about his wife’s health, with a kind of veiled anxiety, which Margaret was glad to see awakened at last.

– Did you consult the doctor, Margaret? Did you send for him?

– No, papa, you spoke of his coming to see me. Now I was well. But if I only knew of some good doctor, I would go this afternoon, and ask him to come, for I am sure mamma is seriously indisposed.

She put the truth thus plainly and strongly because her father had so completely shut his mind against the idea, when she had last named her fears. But now the case was changed. He answered in a despondent tone:

– Do you think she has any hidden complaint? Do you think she is really very ill? Has Dixon said anything? Oh, Margaret! I am haunted by the fear that our coming to Milton has killed her. My poor Maria!

– Oh, papa! don’t imagine such things, said Margaret, shocked. – She is not well, that is all. Many a one is not well for a time; and with good advice gets better and stronger than ever.

– But has Dixon said anything about her?

– No! You know Dixon enjoys making a mystery out of trifles; and she has been a little mysterious about mamma’s health, which has alarmed me rather, that is all. Without any reason, I dare say. You know, papa, you said the other day I was getting fanciful.

– I hope and trust you are. But don’t think of what I said then. I like you to be fanciful about your mother’s health. Don’t be afraid of telling me your fancies. I like to hear them, though, I dare say, I spoke as if I was annoyed. But we will ask Mrs. Thornton if she can tell us of a good doctor. We won’t throw away our money on any but some one first-rate. Stay, we turn up this street. The street did not look as if it could contain any house large enough for Mrs. Thornton’s

habitation. Her son's presence never gave any impression as to the kind of house he lived in; but, unconsciously, Margaret had imagined that tall, massive, handsomely dressed Mrs. Thornton must live in a house of the same character as herself. Now Marlborough Street consisted of long rows of small houses, with a blank wall here and there; at least that was all they could see from the point at which they entered it.

— He told me he lived in Marlborough Street, I'm sure, said Mr. Hale, with a much perplexed air.

— Perhaps it is one of the economies he still practises, to live in a very small house. But here are plenty of people about; let me ask

She accordingly inquired of a passer-by, and was informed that Mr. Thornton lived close to the mill, and had the factory lodge-door pointed out to her, at the end of the long dead wall they had noticed.

The lodge-door was like a common garden-door; on one side of it were great closed gates for the ingress and egress of luries and wagons. The lodge-keeper admitted them into a great oblong yard, on one side of which were offices for the transaction of business; on the opposite, an immense many-windowed mill, whence proceeded the continual clank of machinery and the long groaning roar of the steam-engine, enough to deafen those who lived within the enclosure. Opposite to the wall, along which the street ran, on one of the narrow sides of the oblong, was a handsome stone-coped house — blackened, to be sure, by the smoke, but with paint, windows, and steps kept scrupulously clean. It was evidently a house which had been built some fifty or sixty years. The stone facings — the long, narrow windows, and the number of them — the flights of steps up to the front door, ascending from either side, and guarded by railing — all witnessed to its age. Margaret only wondered why people who could afford to live in so good a house, and keep it in such perfect order, did not prefer a much smaller dwelling in the country, or even some suburb; not in the continual whirl and din of the factory. Her unaccustomed ears could hardly catch her father's voice, as they stood on the steps awaiting the opening of the door. The yard, too, with the great doors in the dead wall as a boundary, was but a dismal look-out for the sitting-rooms of the house — as Margaret found when they had mounted the old-fashioned stairs, and been ushered into the drawing-room, the three windows of which went over the front door and the room on the right-hand side of the entrance. There was no one in the drawing-room. It seemed as though no one had been in it since the day when the furniture was bagged up with as much care as if the house was to be overwhelmed with lava, and discovered a thousand years hence. The walls were pink and gold; the pattern on the carpet represented bunches of flowers on a light ground, but it was carefully covered up in the centre by a linen druggel, glazed and colourless. The window-curtains were lace; each chair and sofa had its own particular veil of netting, or knitting. Great alabaster groups occupied every flat surface, safe from dust under their glass shades. In the middle of the room, right under the bagged-up chandelier, was a large circular table, with smartly-bound books arranged at regular intervals round the

circumference of its polished surface, like gaily-coloured spokes of a wheel. Everything reflected light, nothing absorbed it. The whole room had a painfully spotted, spangled, speckled look about it, which impressed Margaret so unpleasantly that she was hardly conscious of the peculiar cleanliness required to keep everything so white and pure in such an atmosphere, or of the trouble that must be willingly expended to secure that effect of icy, snowy discomfort. Wherever she looked there was evidence of care and labour, but not care and labour to procure ease, to help on habits of tranquil home employment; solely to ornament, and then to preserve ornament from dirt or destruction.

They had leisure to observe, and to speak to each other in low voices, before Mrs. Thornton appeared. They were talking of what all the world might hear; but it is a common effect of such a room as this to make people speak low, as if unwilling to awaken the unused echoes.

At last Mrs. Thornton came in, rustling in handsome black silk, as was her wont; her muslins and laces rivalling, not excelling, the pure whiteness of the muslins and netting of the room. Margaret explained how it was that her mother could not accompany them to return Mrs. Thornton's call; but in her anxiety not to bring back her father's fears too vividly, she gave but a bungling account, and left the impression on Mrs. Thornton's mind that Mrs. Hale's was some temporary or fanciful fine-ladyish indisposition, which might have been put aside had there been a strong enough motive; or that if it was too severe to allow her to come out that day, the call might have been deferred. Remembering, too, the horses to her carriage, hired for her own visit to the Hales, and how Fanny had been ordered to go by Mr. Thornton, in order to pay every respect to them, Mrs. Thornton drew up slightly offended, and gave Margaret no sympathy – indeed, hardly any credit for the statement of her mother's indisposition.

– How is Mr. Thornton? asked Mr. Hale. – I was afraid he was not well, from his hurried note yesterday.

– My son is rarely ill; and when he is, he never speaks about it, or makes it an excuse for not doing anything. He told me he could not get leisure to read with you last night, sir. He regretted it, I am sure; he values the hours spent with you.

– I am sure they are equally agreeable to me, said Mr. Hale. – It makes me feel young again to see his enjoyment and appreciation of all that is fine in classical literature.

– I have no doubt the classics are very desirable for people who have leisure. But, I confess, it was against my judgment that my son renewed his study of them. The time and place in which he lives, seem to me to require all his energy and attention. Classics may do very well for men who loiter away their lives in the country or in colleges; but Milton men ought to have their thoughts and powers absorbed in the work of today. At least, that is my opinion. This last clause she gave out with 'the pride that apes humility.

– But, surely, if the mind is too long directed to one object only, it will get stiff and rigid, and unable to take in many interests, said Margaret.

– I do not quite understand what you mean by a mind getting stiff and rigid. Nor do I admire those whirligig characters that are full of this thing today, to be utterly forgetful of it in their new interest tomorrow. Having many interests does not suit the life of a Milton manufacturer. It is, or ought to be, enough for him to have one great desire, and to bring all the purposes of his life to bear on the fulfilment of that.

– And that is – ? asked Mr. Hale.

Her sallow cheek flushed, and her eye lightened, as she answered:

– To hold and maintain a high, honourable place among the merchants of his country – the men of his town. Such a place my son has earned for himself. Go where you will – I don't say in England only, but in Europe – the name of John Thornton of Milton is known and respected amongst all men of business. Of course, it is unknown in the fashionable circles, she continued, scornfully.

– Idle gentlemen and ladies are not likely to know much of a Milton manufacturer, unless he gets into parliament, or marries a lord's daughter. Both Mr. Hale and Margaret had an uneasy, ludicrous consciousness that they had never heard of this great name, until Mr. Bell had written them word that Mr. Thornton would be a good friend to have in Milton. The proud mother's world was not their world of Harley Street gentilities on the one hand, or country clergymen and Hampshire squires on the other. Margaret's face, in spite of all her endeavours to keep it simply listening in its expression told the sensitive Mrs. Thornton this feeling of hers.

– You think you never heard of this wonderful son of mine, Miss Hale. You think I'm an old woman whose ideas are bounded by Milton, and whose own brow is the whitest ever seen.

– No, said Margaret, with some spirit. – It may be true, that I was thinking I had hardly heard Mr. Thornton's name before I came to Milton. But since I have come here, I have heard enough to make me respect and admire him, and to feel how much justice and truth there is in what you have said of him.

– Who spoke to you of him? asked Mrs. Thornton, a little mollified, yet jealous lest any one else's words should not have done him full justice. Margaret hesitated before she replied. She did not like this authoritative questioning. Mr. Hale came in, as he thought, to the rescue.

– It was what Mr. Thornton said himself, that made us know the kind of man he was. Was it not, Margaret?

Mrs. Thornton drew herself up, and said:

– My son is not the one to tell of his own doings. May I again ask you, Miss Hale, from whose account you formed your favourable opinion of him? A

mother is curious and greedy of commendation of her children, you know.

Margaret replied – It was as much from what Mr. Thornton withheld of that which we had been told of his previous life by Mr. Bell – it was more than that he said, that made us all feel what reason you have to be proud of him.

– Mr. Bell! What can he know of John? He, living a lazy life in a drowsy college. But I'm obliged to you, Miss Hale. Many a missy young lady would have shrunk from giving an old woman the pleasure of hearing that her son was well spoken of.

– Why? asked Margaret, looking straight at Mrs. Thornton, in bewilderment.

– Why! because I suppose they might have consciences that told them how surely they were making the old mother into an advocate for them, in case they had any plans on the son's heart.

She smiled a grim smile, for she had been pleased by Margaret's frankness; and perhaps she felt that she had been asking questions too much as if she had a right to catechise. Margaret laughed outright at the notion presented to her; laughed so merrily that it grated on Mrs. Thornton's ear, as if the words that called forth that laugh, must have been utterly and entirely ludicrous. Margaret stopped her merriment as soon as she saw Mrs. Thornton's annoyed look

– I beg your pardon, madam. But I really am very much obliged to you for exonerating me from making any plans on Mr. Thornton's heart.

– Young ladies have, before now, said Mrs. Thornton, stiffly.

– I hope Miss Thornton is well, put in Mr. Hale, desirous of changing the current of the conversation.

– She is as well as she ever is. She is not strong, replied Mrs. Thornton, shortly.

– And Mr. Thornton? I suppose I may hope to see him on Thursday?

– I cannot answer for my son's engagements. There is some uncomfortable work going on in the town; a threatening of a strike. If so, his experience and judgment will make him much consulted by his friends. But I should think he could come on Thursday. At any rate, I am sure he will let you know if he cannot.

– A strike! asked Margaret. – What for? What are they going to strike for?

– For the mastership and ownership of other people's property, said Mrs. Thornton, with a fierce snort. – That is what they always strike for. If my son's work-people strike, I will only say they are a pack of ungrateful hounds. But I have no doubt they will.

– They are wanting higher wages, I suppose? asked Mr. Hale.

– That is the face of the thing. But the truth is, they want to be masters, and make the masters into slaves on their own ground. They are always trying at it; they always have it in their minds and every five or six years, there comes a struggle between masters and men. They'll find themselves mistaken this time, I fancy – a little out of their reckoning. If they turn out, they mayn't find it so easy to go in again. I believe, the masters have a thing or two in their heads which will teach the men not to strike again in a hurry, if they try it this time.

– Does it not make the town very rough? asked Margaret.

– Of course it does. But surely you are not a coward, are you? Milton is not the place for cowards. I have known the time when I have had to thread my way through a crowd of white, angry men, all swearing they would have Makinson's blood as soon as he ventured to show his nose out of his factory; and he, knowing nothing of it, some one had to go and tell him, or he was a dead man, and it needed to be a woman – so I went. And when I had got in, I could not get out. It was as much as my life was worth. So I went up to the roof, where there were stones piled ready to drop on the heads of the crowd, if they tried to force the factory doors. And I would have lifted those heavy stones, and dropped them with as good an aim as the best man there, but that I fainted with the heat I had gone through. If you live in Milton, you must learn to have a brave heart, Miss Hale.

– I would do my best, said Margaret rather pale. – I do not know whether I am brave or not till I am tried; but I am afraid I should be a coward.

– South country people are often frightened by what our Darkshire men and women only call living and struggling. But when you've been ten years among a people who are always owing their betters a grudge, and only waiting for an opportunity to pay it off, you'll know whether you are a coward or not, take my word for it.

Mr. Thornton came that evening to Mr. Hale's. He was shown up into the drawing-room, where Mr. Hale was reading aloud to his wife and daughter.

– I am come partly to bring you a note from my mother, and partly to apologise for not keeping to my time yesterday. The note contains the address you asked for; Dr. Donaldson.

– Thank you! said Margaret, hastily, holding out her hand to take the note, for she did not wish her mother to hear that they had been making any inquiry about a doctor. She was pleased that Mr. Thornton seemed immediately to understand her feeling; he gave her the note without another word of explanation. Mr. Hale began to talk about the strike. Mr. Thornton's face assumed a likeness to his mother's worst expression, which immediately repelled the watching Margaret.

– Yes; the fools will have a strike. Let them. It suits us well enough. But we gave them a chance. They think trade is flourishing as it was last year. We see the storm on the horizon and draw in our sails. But because we don't explain our

reasons, they won't believe we're acting reasonably. We must give them line and letter for the way we choose to spend or save our money. Henderson tried a dodge with his men, out at Ashley, and failed. He rather wanted a strike; it would have suited his book well enough. So when the men came to ask for the five per cent. they are claiming, he told 'em he'd think about it, and give them his answer on the pay day; knowing all the while what his answer would be, of course, but thinking he'd strengthen their conceit of their own way. However, they were too deep for him, and heard something about the bad prospects of trade. So in they came on the Friday, and drew back their claim, and now he's obliged to go on working. But we Milton masters have today sent in our decision. We won't advance a penny. We tell them we may have to lower wages; but can't afford to raise. So here we stand, waiting for their next attack

– And what will that be? asked Mr. Hale.

– I conjecture, a simultaneous strike. You will see Milton without smoke in a few days, I imagine, Miss Hale.

– But why, asked she – could you not explain what good reason you have for expecting a bad trade? I don't know whether I use the right words, but you will understand what I mean.

– Do you give your servants reasons for your expenditure, or your economy in the use of your own money? We, the owners of capital, have a right to choose what we will do with it.

– A human right, said Margaret, very low.

– I beg your pardon, I did not hear what you said.

– I would rather not repeat it, said she; – it related to a feeling which I do not think you would share.

– Won't you try me? pleaded he; his thoughts suddenly bent upon learning what she had said. She was displeased with his pertinacity, but did not choose to affix too much importance to her words.

– I said you had a human right. I meant that there seemed no reason but religious ones, why you should not do what you like with your own.

– I know we differ in our religious opinions; but don't you give me credit for having some, though not the same as yours?

He was speaking in a subdued voice, as if to her alone. She did not wish to be so exclusively addressed. She replied out in her usual tone:

– I do not think that I have any occasion to consider your special religious opinions in the affair. All I meant to say is, that there is no human law to prevent the employers from utterly wasting or throwing away all their money, if they choose; but that there are passages in the Bible which would rather imply – to me at least – that they neglected their duty as stewards if they did so. However I know so little about strikes, and rate of wages, and capital, and labour, that I had

better not talk to a political economist like you.

– Nay, the more reason, said he, eagerly. – I shall only be too glad to explain to you all that may seem anomalous or mysterious to a stranger; especially at a time like this, when our doings are sure to be canvassed by every scribbler who can hold a pen.

– Thank you, she answered, coldly. – Of course, I shall apply to my father in the first instance for any information he can give me, if I get puzzled with living here amongst this strange society.

– You think it strange. Why?

– I don't know – I suppose because, on the very face of it, I see two classes dependent on each other in every possible way, yet each evidently regarding the interests of the other as opposed to their own; I never lived in a place before where there were two sets of people always running each other down.

– Who have you heard running the masters down? I don't ask who you have heard abusing the men; for I see you persist in misunderstanding what I said the other day. But who have you heard abusing the masters?

Margaret reddened; then smiled as she said,

– I am not fond of being catechised. I refuse to answer your question. Besides, it has nothing to do with the fact. You must take my word for it, that I have heard some people, or, it may be, only someone of the workpeople, speak as though it were the interest of the employers to keep them from acquiring money – that it would make them too independent if they had a sum in the savings' bank.

– I dare say it was that man Higgins who told you all this, said Mrs Hale. Mr. Thornton did not appear to hear what Margaret evidently did not wish him to know. But he caught it, nevertheless.

– I heard, moreover, that it was considered to the advantage of the masters to have ignorant workmen – not hedge-lawyers, as Captain Lennox used to call those men in his company who questioned and would know the reason for every order. This latter part of her sentence she addressed rather to her father than to Mr. Thornton. Who is Captain Lennox? asked Mr. Thornton of himself, with a strange kind of displeasure, that prevented him for the moment from replying to her! Her father took up the conversation.

– You never were fond of schools, Margaret, or you would have seen and known before this, how much is being done for education in Milton.

– No! said she, with sudden meekness. – I know I do not care enough about schools. But the knowledge and the ignorance of which I was speaking, did not relate to reading and writing – the teaching or information one can give to a child. I am sure, that what was meant was ignorance of the wisdom that shall

guide men and women. I hardly know what that is. But he – that is, my informant – spoke as if the masters would like their hands to be merely tall, large children – living in the present moment – with a blind unreasoning kind of obedience.

– In short, Miss Hale, it is very evident that your informant found a pretty ready listener to all the slander he chose to utter against the masters, said Mr. Thornton, in an offended tone.

Margaret did not reply. She was displeased at the personal character Mr. Thornton affixed to what she had said.

Mr. Hale spoke next:

– I must confess that, although I have not become so intimately acquainted with any workmen as Margaret has, I am very much struck by the antagonism between the employer and the employed, on the very surface of things. I even gather this impression from what you yourself have from time to time said.

Mr. Thornton paused awhile before he spoke. Margaret had just left the room, and he was vexed at the state of feeling between himself and her. However, the little annoyance, by making him cooler and more thoughtful, gave a greater dignity to what he said:

– My theory is, that my interests are identical with those of my workpeople and vice-versa. Miss Hale, I know, does not like to hear men called ‘hands,’ so I won’t use that word, though it comes most readily to my lips as the technical term, whose origin, whatever it was, dates before my time. On some future day – in some millennium – in Utopia, this unity may be brought into practice – just as I can fancy a republic the most perfect form of government.

– We will read Plato’s Republic as soon as we have finished Homer.

– Well, in the Platonic year, it may fall out that we are all – men women, and children – fit for a republic: but give me a constitutional monarchy in our present state of morals and intelligence. In our infancy we require a wise despotism to govern us. Indeed, long past infancy, children and young people are the happiest under the unflinching laws of a discreet, firm authority. I agree with Miss Hale so far as to consider our people in the condition of children, while I deny that we, the masters, have anything to do with the making or keeping them so. I maintain that despotism is the best kind of government for them; so that in the hours in which I come in contact with them I must necessarily be an autocrat. I will use my best discretion – from no humbug or philanthropic feeling, of which we have had rather too much in the North – to make wise laws and come to just decisions in the conduct of my business – laws and decisions which work for my own good in the first instance – for theirs in the second; but I will neither be forced to give my reasons, nor flinch from what I have once declared to be my resolution. Let them turn out! I shall suffer as well as they: but at the end they will find I have not bated nor altered one jot.

Margaret had re-entered the room and was sitting at her work; but she

did not speak. Mr. Hale answered –

– I dare say I am talking in great ignorance; but from the little I know, I should say that the masses were already passing rapidly into the troublesome stage which intervenes between childhood and manhood, in the life of the multitude as well as that of the individual. Now, the error which many parents commit in the treatment of the individual at this time is, insisting on the same unreasoning obedience as when all he had to do in the way of duty was, to obey the simple laws of “Come when you’re called” and “Do as you’re bid!” But a wise parent humours the desire for independent action, so as to become the friend and adviser when his absolute rule shall cease. If I get wrong in my reasoning, recollect, it is you who adopted the analogy.

– Very lately, said Margaret – I heard a story of what happened in Nuremberg only three or four years ago. A rich man there lived alone in one of the immense mansions which were formerly both dwellings and warehouses. It was reported that he had a child, but no one knew of it for certain. For forty years this rumour kept rising and falling – never utterly dying away. After his death it was found to be true. He had a son – an overgrown man with the unexercised intellect of a child, whom he had kept up in that strange way, in order to save him from temptation and error. But, of course, when this great old child was turned loose into the world, every bad counsellor had power over him. He did not know good from evil. His father had made the blunder of bringing him up in ignorance and taking it for innocence; and after fourteen months of riotous living, the city authorities had to take charge of him, in order to save him from starvation. He could not even use words effectively enough to be a successful beggar.

– I used the comparison (suggested by Miss Hale) of the position of the master to that of a parent; so I ought not to complain of your turning the simile into a weapon against me. But, Mr. Hale, when you were setting up a wise parent as a model for us, you said he humoured his children in their desire for independent action. Now certainly, the time is not come for the hands to have any independent action during business hours; I hardly know what you would mean by it then. And I say, that the masters would be trenching on the independence of their hands, in a way that I, for one, should not feel justified in doing, if we interfered too much with the life they lead out of the mills. Because they labour ten hours a-day for us, I do not see that we have any right to impose leading-strings upon them for the rest of their time. I value my own independence so highly that I can fancy no degradation greater than that of having another man perpetually directing and advising and lecturing me, or even planning too closely in any way about my actions. He might be the wisest of men, or the most powerful – I should equally rebel and resent his interference I imagine this is a stronger feeling in the North of England than in the South.

– I beg your pardon, but is not that because there has been none of the equality of friendship between the adviser and advised classes? Because every man has had to stand in an unchristian and isolated position, apart from and jealous of his brother-man: constantly afraid of his rights being trenched upon?

– I only state the fact. I am sorry to say, I have an appointment at eight o'clock, and I must just take facts as I find them tonight, without trying to account for them; which, indeed, would make no difference in determining how to act as things stand – the facts must be granted.

– But, said Margaret in a low voice – it seems to me that it makes all the difference in the world – . Her father made a sign to her to be silent, and allow Mr. Thornton to finish what he had to say. He was already standing up and preparing to go.

– You must grant me this one point. Given a strong feeling of independence in every Darkshire man, have I any right to obtrude my views, of the manner in which he shall act, upon another (hating it as I should do most vehemently myself), merely because he has labour to sell and I capital to buy?

– Not in the least, said Margaret, determined just to say this one thing; – not in the least because of your labour and capital positions, whatever they are, but because you are a man, dealing with a set of men over whom you have, whether you reject the use of it or not, immense power, just because your lives and your welfare are so constantly and intimately interwoven. God has made us so that we must be mutually dependent. We may ignore our own dependence, or refuse to acknowledge that others depend upon us in more respects than the payment of weekly wages; but the thing must be, nevertheless. Neither you nor any other master can help yourselves. The most proudly independent man depends on those around him for their insensible influence on his character – his life. And the most isolated of all your Darkshire Egos has dependants clinging to him on all sides; he cannot shake them off, any more than the great rock he resembles can shake off –

– Pray don't go into similes, Margaret; you have led us off once already, said her father, smiling, yet uneasy at the thought that they were detaining Mr. Thornton against his will, which was a mistake; for he rather liked it, as long as Margaret would talk, although what she said only irritated him.

– Just tell me, Miss Hale, are you yourself ever influenced – no, that is not a fair way of putting it; – but if you are ever conscious of being influenced by others, and not by circumstances, have those others been working directly or indirectly? Have they been labouring to exhort, to enjoin, to act rightly for the sake of example, or have they been simple, true men, taking up their duty, and doing it unflinchingly, without a thought of how their actions were to make this man industrious, that man saving? Why, if I were a workman, I should be twenty times more impressed by the knowledge that my master, was honest, punctual, quick, resolute in all his doings (and hands are keener spies even than valets), than by any amount of interference, however kindly meant, with my ways of going on out of work-hours. I do not choose to think too closely on what I am myself; but, I believe, I rely on the straightforward honesty of my hands, and the open nature of their opposition, in contra-distinction to the way in which the turnout will be managed in some mills, just because they know I scorn to take a single

dishonourable advantage, or do an underhand thing myself It goes farther than a whole course of lectures on "Honesty is the Best Policy" – life diluted into words. No, no! What the master is, that will the men be, without over-much taking thought on his part.

– That is a great admission, said Margaret, laughing. – When I see men violent and obstinate in pursuit of their rights, I may safely infer that the master is the same that he is a little ignorant of that spirit which suffereth long, and is kind, and seeketh not her own.

– You are just like all strangers who don't understand the working of our system, Miss Hale, said he, hastily. – You suppose that our men are puppets of dough, ready to be moulded into any amiable form we please. You forget we have only to do with them for less than a third of their lives; and you seem not to perceive that the duties of a manufacturer are far larger and wider than those merely of an employer of labour: we have a wide commercial character to maintain, which makes us into the great pioneers of civilisation.

– It strikes me, said Mr. Hale, smiling – that you might pioneer a little at home. They are a rough, heathenish set of fellows, these Milton men of yours.

– They are that, replied Mr. Thornton. – Rosewater surgery won't do for them. Cromwell would have made a capital mill-owner, Miss Hale. I wish we had him to put down this strike for us.

– Cromwell is no hero of mine, said she, coldly. – But I am trying to reconcile your admiration of despotism with your respect for other men's independence of character.

He reddened at her tone. – I choose to be the unquestioned and irresponsible master of my hands, during the hours that they labour for me. But those hours past, our relation ceases; and then comes in the same respect for their independence that I myself exact.

He did not speak again for a minute, he was too much vexed. But he shook it off, and bade Mr. and Mrs. Hale good night. Then, drawing near to Margaret, he said in a lower voice –

– I spoke hastily to you once this evening, and I am afraid, rather rudely. But you know I am but an uncouth Milton manufacturer; will you forgive me?

– Certainly, said she, smiling up in his face, the expression of which was somewhat anxious and oppressed, and hardly cleared away as he met her sweet sunny countenance, out of which all the north-wind effect of their discussion had entirely vanished. But she did not put out her hand to him, and again he felt the omission, and set it down to pride.

CHAPTER 16
THE SHADOW OF DEATH

“Trust in that veiled hand, which leads
None by the path that he would go;
And always be for change prepared,
For the world’s law is ebb and flow”.
From the Arabic

The next afternoon Dr. Donaldson came to pay his first visit to Mrs. Hale. The mystery that Margaret hoped their late habits of intimacy had broken through, was resumed. She was excluded from the room, while Dixon was admitted. Margaret was not a ready lover, but where she loved she loved passionately, and with no small degree of jealousy.

She went into her mother’s bed-room, just behind the drawing-room, and paced it up and down, while awaiting the doctor’s coming out. Every now and then she stopped to listen; she fancied she heard a moan. She clenched her hands tight, and held her breath. She was sure she heard a moan. Then all was still for a few minutes more; and then there was the moving of chairs, the raised voices, all the little disturbances of leave-taking.

When she heard the door open, she went quickly out of the bed-room.

– My father is from home, Dr. Donaldson; he has to attend a pupil at this hour. May I trouble you to come into his room down stairs?

She saw, and triumphed over all the obstacles which Dixon threw in her way; assuming her rightful position as daughter of the house in something of the spirit of the Elder Brother, which quelled the old servant’s officiousness very effectually. Margaret’s conscious assumption of this unusual dignity of demeanour towards Dixon, gave her an instant’s amusement in the midst of her anxiety. She knew, from the surprised expression on Dixon’s face, how ridiculously grand she herself must be looking; and the idea carried her down stairs into the room; it gave her that length of oblivion from the keen sharpness of the recollection of the actual business in hand. Now, that came back, and seemed to take away her breath. It was a moment or two before she could utter a word.

But she spoke with an air of command, as she asked:

– What is the matter with mamma? You will oblige me by telling the simple truth. Then, seeing a slight hesitation on the doctor’s part, she added:

– I am the only child she has – here, I mean. My father is not sufficiently alarmed, I fear; and, therefore, if there is any serious apprehension, it must be broken to him gently. I can do this. I can nurse my mother. Pray, speak

sir; to see your face, and not be able to read it, gives me a worse dread than I trust any words of yours will justify.

– My dear young lady, your mother seems to have a most attentive and efficient servant, who is more like her friend.

– I am her daughter, sir.

– But when I tell you she expressly desired that you might not be told.

– I am not good or patient enough to submit to the prohibition. Besides, I am sure you are too wise – too experienced to have promised to keep the secret.

– Well, said he, half-smiling, though sadly enough – there you are right. I did not promise. In fact, I fear, the secret will be known soon enough without my revealing it.

He paused. Margaret went very white, and compressed her lips a little more. Otherwise not a feature moved. With the quick insight into character, without which no medical man can rise to the eminence of Dr. Donaldson, he saw that she would exact the full truth; that she would know if one iota was withheld; and that the withholding would be torture more acute than the knowledge of it. He spoke two short sentences in a low voice, watching her all the time; for the pupils of her eyes dilated into a black horror and the whiteness of her complexion became livid. He ceased speaking. He waited for that look to go off – for her gasping breath to come. Then she said:

– I thank you most truly, sir, for your confidence. That dread has haunted me for many weeks. It is a true, real agony. My poor, poor mother! her lips began to quiver, and he let her have the relief of tears, sure of her power of self-control to check them.

A few tears – those were all she shed, before she recollected the many questions she longed to ask

– Will there be much suffering?

He shook his head. – That we cannot tell. It depends on constitution; on a thousand things. But the late discoveries of medical science have given us large power of alleviation.

– My father!, said Margaret, trembling all over.

– I do not know Mr. Hale. I mean, it is difficult to give advice. But I should say, bear on, with the knowledge you have forced me to give you so abruptly, till the fact which I could not with-hold has become in some degree familiar to you, so that you may, without too great an effort, be able to give what comfort you can to your father. Before then – my visits, which, of course, I shall repeat from time to time, although I fear I can do nothing but alleviate – a thousand little circumstances will have occurred to awaken his alarm, to deepen it – so that he will be all the better prepared. – Nay, my dear young lady – nay, my dear – I saw Mr. Thornton, and I honour your father for the sacrifice he has

made, however mistaken I may believe him to be. – Well, this once, if it will please you, my dear. Only remember, when I come again, I come as a friend. And you must learn to look upon me as such, because seeing each other – getting to know each other at such times as these, is worth years of morning calls. Margaret could not speak for crying: but she wrung his hand at parting.

– That's what I call a fine girl! thought Dr. Donaldson, when he was seated in his carriage, and had time to examine his ringed hand, which had slightly suffered from her pressure. – Who would have thought that little hand could have given such a squeeze? But the bones were well put together, and that gives immense power. What a queen she is! With her head thrown back at first, to force me into speaking the truth; and then bent so eagerly forward to listen. Poor thing! I must see she does not overstrain herself. Though it's astonishing how much those thorough-bred creatures can do and suffer. That girl's game to the back-bone. Another, who had gone that deadly colour, could never have come round without either fainting or hysterics. But she wouldn't do either – not she! And the very force of her will brought her round. Such a girl as that would win my heart, if I were thirty years younger. It's too late now. Ah! here we are at the Archers. So out he jumped, with thought, wisdom, experience, sympathy, and ready to attend to the calls made upon them by this family, just as if there were none other in the world.

Meanwhile, Margaret had returned into her father's study for a moment, to recover strength before going upstairs into her mother's presence.

– Oh, my God, my God! but this is terrible. How shall I bear it? Such a deadly disease! no hope! Oh, mamma, mamma, I wish I had never gone to aunt Shaw's, and been all those precious years away from you! Poor mamma! how much she must have borne! Oh, I pray thee, my God, that her sufferings may not be too acute, too dreadful. How shall I bear to see them? How can I bear papa's agony? He must not be told yet; not all at once. It would kill him. But I won't lose another moment of my own dear, precious mother.

She ran upstairs. Dixon was not in the room. Mrs. Hale lay back in an easy chair, with a soft white shawl wrapped around her, and a becoming cap put on, in expectation of the doctor's visit. Her face had a little faint colour in it, and the very exhaustion after the examination gave it a peaceful look. Margaret was surprised to see her look so calm.

– Why, Margaret, how strange you look! What is the matter? And then, as the idea stole into her mind of what was indeed the real state of the case, she added, as if a little displeased: – you have not been seeing Dr. Donaldson, and asking him any questions – have you, child? Margaret did not reply – only looked wistfully towards her. Mrs. Hale became more displeased. – He would not, surely, break his word to me, and –

– Oh yes, mamma, he did. I made him. It was I – blame me. She knelt down by her mother's side, and caught her hand – she would not let it go, though Mrs. Hale tried to pull it away. She kept kissing it, and the hot tears she shed bathed

it.

– Margaret, it was very wrong of you. You knew I did not wish you to know. But, as if tired with the contest, she left her hand in Margaret's clasp, and by-and-by she returned the pressure faintly. That encouraged Margaret to speak.

– Oh, mamma! let me be your nurse. I will learn anything Dixon can teach me. But you know I am your child, and I do think I have a right to do everything for you.

– You don't know what you are asking, said Mrs. Hale, with a shudder.

– Yes, I do. I know a great deal more than you are aware of. Let me be your nurse. Let me try, at any rate. No one has ever shall ever try so hard as I will do. It will be such a comfort, mamma.

– My poor child! Well, you shall try. Do you know, Margaret, Dixon and I thought you would quite shrink from me if you knew –

– Dixon thought! said Margaret, her lip curling. – Dixon could not give me credit for enough true love – for as much as herself! She thought, I suppose, that I was one of those poor sickly women who like to lie on rose leaves, and be fanned all day; Don't let Dixon's fancies come any more between you and me, mamma. Don't, please! implored she.

– Don't be angry with Dixon, said Mrs. Hale, anxiously. Margaret recovered herself.

– No! I won't. I will try and be humble, and learn her ways, if you will only let me do all I can for you. Let me be in the first place, mother – I am greedy of that. I used to fancy you would forget me while I was away at aunt Shaw's, and cry myself to sleep at nights with that notion in my head.

– And I used to think, how will Margaret bear our makeshift poverty after the thorough comfort and luxury in Harley Street, till I have many a time been more ashamed of your seeing our contrivances at Helstone than of any stranger finding them out.

– Oh, mamma! and I did so enjoy them. They were so much more amusing than all the jog-trot Harley Street ways. The wardrobe shelf with handles, that served as a supper-tray on grand occasions! And the old tea-chests stuffed and covered for ottomans! I think what you call the makeshift contrivances at dear Helstone were a charming part of the life there.

– I shall never see Helstone again, Margaret, said Mrs. Hale, the tears welling up into her eyes. Margaret could not reply. Mrs. Hale went on. – While I was there, I was for ever wanting to leave it. Every place seemed pleasanter. And now I shall die far away from it. I am rightly punished.

– You must not talk so, said Margaret, impatiently. – He said you might live for years. Oh, mother! we will have you back at Helstone yet.

– No never! That I must take as a just penance. But, Margaret – Frederick! At the mention of that one word, she suddenly cried out loud, as in some sharp agony. It seemed as if the thought of him upset all her composure, destroyed the calm, overcame the exhaustion. Wild passionate cry succeeded to cry – Frederick! Frederick! Come to me. I am dying. Little first-born child, come to me once again!

She was in violent hysterics. Margaret went and called Dixon in terror. Dixon came in a huff, and accused Margaret of having over-excited her mother. Margaret bore all meekly, only trusting that her father might not return. In spite of her alarm, which was even greater than the occasion warranted, she obeyed all Dixon's directions promptly and well, without a word of self-justification. By so doing she mollified her accuser. They put her mother to bed, and Margaret sat by her till she fell asleep, and afterwards till Dixon beckoned her out of the room, and, with a sour face, as if doing something against the grain, she bade her drink a cup of coffee which she had prepared for her in the drawing-room, and stood over her in a commanding attitude as she did so.

– You shouldn't have been so curious, Miss, and then you wouldn't have needed to fret before your time. It would have come soon enough. And now, I suppose, you'll tell master, and a pretty household I shall have of you!

– No, Dixon, said Margaret, sorrowfully – I will not tell papa. He could not bear it as I can. And by way of proving how well she bore it, she burst into tears.

– Ay! I knew how it would be. Now you'll waken your mamma, just after she's gone to sleep so quietly. Miss Margaret my dear, I've had to keep it down this many a week; and though I don't pretend I can love her as you do, yet I loved her better than any other man, woman, or child – no one but Master Frederick ever came near her in my mind. Ever since Lady Beresford's maid first took me in to see her dressed out in white crape, and corn-ears, and scarlet poppies, and I ran a needle down into my finger, and broke it in, and she tore up her worked pocket-handkerchief, after they'd cut it out, and came in to wet the bandages again with lotion when she returned from the ball – where she'd been the prettiest young lady of all – I've never loved any one like her. I little thought then that I should live to see her brought so low. I don't mean no reproach to nobody. Many a one calls you pretty and handsome, and what not. Even in this smoky place, enough to blind one's eyes, the owls can see that. But you'll never be like your mother for beauty – never; not if you live to be a hundred.

– Mamma is very pretty still. Poor mamma!

– Now don't ye set off again, or I shall give way at last (whimpering). – You'll never stand master's coming home, and questioning, at this rate. Go out and take a walk, and come in something like. Many's the time I've longed to walk it off – the thought of what was the matter with her, and how it must all end.

– Oh, Dixon!' said Margaret, how often I've been cross with you, not

knowing what a terrible secret you had to bear!

– Bless you, child! I like to see you showing a bit of a spirit. It's the good Beresford blood. Why, the last Sir John but two shot his steward down, there where he stood, for just telling him that he'd racked the tenants, and he'd racked the tenants till he could get no more money off them than he could get skin off a flint.

– Well, Dixon, I won't shoot you, and I'll try not to be cross again.

– You never have. If I've said it at times, it has always been to myself, just in private, by way of making a little agreeable conversation, for there's no one here fit to talk to. And when you fire up, you're the very image of Master Frederick I could find in my heart to put you in a passion any day, just to see his stormy look coming like a great cloud over your face. But now you go out, Miss. I'll watch over missus; and as for master, his books are company enough for him, if he should come in.

– I will go, said Margaret. She hung about Dixon for a minute or so, as if afraid and irresolute; then suddenly kissing her, she went quickly out of the room.

– Bless her! said Dixon. – She's as sweet as a nut. There are three people I love: it's missus, Master Frederick, and her. Just them three. That's all. The rest be hanged, for I don't know what they're in the world for. Master was born, I suppose, for to marry missus. If I thought he loved her properly, I might get to love him in time. But he should ha' made a deal more on her, and not been always reading, reading, thinking, thinking. See what it has brought him to! Many a one who never reads nor thinks either, gets to be Rector, and Dean, and what not; and I dare say master might, if he'd just minded missus, and let the weary reading and thinking alone. – There she goes (looking out of the window as she heard the front door shut). – Poor young lady! her clothes look shabby to what they did when she came to Helstone a year ago. Then she hadn't so much as a darned stocking or a cleaned pair of gloves in all her wardrobe. And now – !

CHAPTER 17
WHAT IS A STRIKE?

“There are briars besetting every path,
Which call for patient care;
There is a cross in every lot,
And an earnest need for prayer”
Anonymous

Margaret went out heavily and unwillingly enough. But the length of a street – yes, the air of a Milton Street – cheered her young blood before she reached her first turning. Her step grew lighter, her lip redder. She began to take notice, instead of having her thoughts turned so exclusively inward. She saw unusual loiterers in the streets: men with their hands in their pockets sauntering along; loud-laughing and loud-spoken girls clustered together, apparently excited to high spirits, and a boisterous independence of temper and behaviour. The more ill-looking of the men – the discreditable minority – hung about on the steps of the beer-houses and gin-shops, smoking, and commenting pretty freely on every passer-by. Margaret disliked the prospect of the long walk through these streets, before she came to the fields which she had planned to reach. Instead, she would go and see Bessy Higgins. It would not be so refreshing as a quiet country walk, but still it would perhaps be doing the kinder thing.

Nicholas Higgins was sitting by the fire smoking, as she went in. Bessy was rocking herself on the other side.

Nicholas took the pipe out of his mouth, and standing up, pushed his chair towards Margaret; he leant against the chimney piece in a lounging attitude, while she asked Bessy how she was.

– Hoo’s rather down i’ th’ mouth in regard to spirits, but hoo’s better in health. Hoo doesn’t like this strike. Hoo’s a deal too much set on peace and quietness at any price.

– This is th’ third strike I’ve seen, said she, sighing, as if that was answer and explanation enough.

– Well, third time pays for all. See if we don’t dang th’ masters this time. See if they don’t come, and beg us to come back at our own price. That’s all. We’ve missed it afore time, I grant yo’; but this time we’n laid our plans desperate deep.

– Why do you strike? asked Margaret. – Striking is leaving off work till you get your own rate of wages, is it not? You must not wonder at my ignorance; where I come from I never heard of a strike.

– I wish I were there, said Bessy, wearily. – But it's not for me to get sick and tired o' strikes. This is the last I'll see. Before it's ended I shall be in the Great City – the Holy Jerusalem.

– Hoo's so full of th' life to come, hoo cannot think of th' present. Now I, yo' see, am bound to do the best I can here. I think a bird i' th' hand is worth two i' th' bush. So them's the different views we take on th' strike question.

– But, said Margaret – if the people struck, as you call it, where I come from, as they are mostly all field labourers, the seed would not be sown, the hay got in, the corn reaped.

– Well? said he. He had resumed his pipe, and put his 'well' in the form of an interrogation.

– Why, she went on – what would become of the farmers.

He puffed away. – I reckon they'd have either to give up their farms, or to give fair rate of wage.

– Suppose they could not, or would not do the last; they could not give up their farms all in a minute, however much they might wish to do so; but they would have no hay, nor corn to sell that year; and where would the money come from to pay the labourers' wages the next?

Still puffing away. At last he said:

– I know nought of your ways down South. I have heerd they're a pack of spiritless, down-trodden men; welly clemmed to death; too much dazed wi' clemming to know when they're put upon. Now, it's not so here. We known when we're put upon; and we'en too much blood in us to stand it. We just take our hands fro' our looms, and say, "Yo' may clem us, but yo'll not put upon us, my masters! And be danged to 'em, they shan't this time!

– I wish I lived down South, said Bessy.

– There's a deal to bear there, said Margaret. – There are sorrows to bear every where. There is very hard bodily labour to be gone through, with very little food to give strength.

– But it's out of doors, said Bessy. – And away from the endless, endless noise, and sickening heat.

– It's sometimes in heavy rain, and sometimes in bitter cold. A young person can stand it; but an old man gets racked with rheumatism, and bent and withered before his time; yet he must just work on the same, or else go to the workhouse.

– I thought yo' were so taken wi' the ways of the South country.

– So I am, said Margaret, smiling a little, as she found herself thus caught. – I only mean, Bessy, there's good and bad in everything in this world; and as you felt the bad up here, I thought it was but fair yo should know the bad

down there.

– And yo’say they never strike down there? asked Nicholas, abruptly.

– No! said Margaret; – I think they have too much sense.

– An I think, replied he, dashing the ashes out of his pipe with so much vehemence that it broke – it’s not that they’ve too much sense, but that they’ve too little spirit.

– O, father! said Bessy – what have ye gained by striking? Think of that first strike when mother died – how we all had to clem – you the worst of all; and yet many a one went in every week at the same wage, till all were gone in that there was work for; and some went beggars all their lives at after.

– Ay, said he. – That there strike was badly managed. Folk got into th’ management of it, as were either fools or not true men. Yo’ll see, it’ll be different this time.

– But all this time you’ve not told me what you’re striking for, said Margaret, again.

– Why, yo’see, there’s five or six masters who have set themselves again paying the wages they’ve been paying these two years past, and flourishing upon, and getting richer upon. And now they come to us, and say we’re to take less. And we won’t. We’ll just clem them to death first; and see who’ll work for ‘em then. They’ll have killed the goose that laid ‘em the golden eggs, I reckon.

– And so you plan dying, in order to be revenged upon them!

– No, said he – I dunnot. I just look forward to the chance of dying at my post sooner than yield. That’s what folk call fine and honourable in a soldier, and why not in a poor weaver-chap?

– But, said Margaret – a soldier dies in the cause of the Nation – in the cause of others.

He laughed grimly. – My lass, said he – yo’re but a young wench, but don’t yo’ think I can keep three people – that’s Bessy, and Mary, and me – on sixteen shilling a week? Dun yo’ think it’s for mysel I’m striking work at this time? It’s just as much in the cause of others as yon soldier – only m’appen, the cause he dies for is just that of somebody he never clapt eyes on, nor heerd on all his born days, while I take up John Boucher’s cause, as lives next door but one, wi’ a sickly wife, and eight childer, none on ‘em factory age; and I don’t take up his cause only, though he’s a poor good-for-nought, as can only manage two looms at a time, but I take up th’ cause o’ justice. Why are we to have less wage now, I ask, than two year ago?

– Don’t ask me, said Margaret; – I am very ignorant. Ask some of your masters. Surely they will give you a reason for it. It is not merely an arbitrary decision of theirs, come to without reason.

– Yo’re just a foreigner, and nothing more, said he, contemptuously. – Much yo’know about it. Ask th’masters! They’d tell us to mind our own business, and they’d mind theirs. Our business being, yo’ understand, to take the bated’ wage, and be thankful, and their business to bate us down to clemming point, to swell their profits. That’s what it is.

– But said Margaret, determined not to give way, although she saw she was irritating him – the state of trade may be such as not to enable them to give you the same remuneration.

– State o’ trade! That’s just a piece o’ masters’ humbug. It’s rate o’ wages I was talking of. Th’masters keep th’ state o’ trade in their own hands; and just walk it forward like a black bug-a-boo, to frighten naughty children with into being good. I’ll tell yo’ it’s their part – their cue, as some folks call it – to beat us down, to swell their fortunes; and it’s ours to stand up and fight hard – not for ourselves alone, but for them round about us – for justice and fair play. We help to make their profits, and we ought to help spend ‘em. It’s not that we want their brass so much this time, as we’ve done many a time afore. We’n gotten money laid by; and we’re resolved to stand and fall together; not a man on us will go in for less wage than th’ Union says is our due. So I say, “hooray for the strike,” and let Thornton, and Slickson, and Hamper, and their set look to it!

– Thornton! said Margaret. – Mr. Thornton of Marlborough Street?

– Aye! Thornton o’ Marlborough Mill, as we call him.

– He is one of the masters you are striving with, is he not? What sort of a master is he?

– Did yo’ ever see a bulldog? Set a bulldog on hind legs, and dress him up in coat and breeches, and yo’n just gotten John Thornton.

– Nay, said Margaret, laughing – I deny that. Mr. Thornton is plain enough, but he’s not like a bulldog, with its short broad nose, and snarling upper lip.

– No! not in look, I grant yo’. But let John Thornton get hold on a notion, and he’ll stick to it like a bulldog; yo’ might pull him away wi’ a pitch-fork ere he’ll leave go. He’s worth fighting wi’, is John Thornton. As for Slickson, I take it, some o’ these days he’ll wheedle his men back wi’ fair promises; that they’ll just get cheated out of as soon as they’re in his power again. He’ll work his fines well out on ‘em, I’ll warrant. He’s as slippery as an eel, he is. He’s like a cat – as sleek and cunning, and fierce. It’ll never be an honest up and down fight wi’ him, as it will be wi’ Thornton. Thornton’s as dour as a door-nail; an obstinate chap, every inch on him – th’oud bulldog!

– Poor Bessy! said Margaret, turning round to her. – You sigh over it all. You don’t like struggling and fighting as your father does, do you?

– No! said she, heavily. – I’m sick on it. I could have wished to have had other talk about me in my latter days, than just the clashing and clanging and clattering that has wearied a’ my life long, about work and wages, and masters,

and hands, and knobsticks.

– Poor wench! latter days be farred! Thou’rt looking a sight better already for a little stir and change. Beside, I shall be a deal here to make it more lively for thee.

– Tobacco-smoke chokes me! said she, querulously.

– Then I’ll never smoke no more i’ th’ house! he replied, tenderly. – But why didst thou not tell me afore, thou foolish wench?

She did not speak for a while, and then so low that only Margaret heard her:

– I reckon, he’ll want a’ the comfort he can get out o’ either pipe or drink afore he’s done.

Her father went out of doors, evidently to finish his pipe.

Bessy said passionately,

– Now am not I a fool – am I not, Miss? – there, I knew I ought for to keep father at home, and away fro’ the folk that are always ready for to tempt a man, in time o’ strike, to go drink – and there my tongue must needs quarrel with this pipe o’ his’n – and he’ll go off, I know he will – as often as he wants to smoke – and nobody knows where it’ll end. I wish I’d letten myself be choked first.

– But does your father drink? asked Margaret.

– No – not to say drink, replied she, still in the same wild excited tone. – But what win ye have? There are days wi’ you, as wi’ other folk, I suppose, when yo’ get up and go through th’ hours, just longing for a bit of a change – a bit of a fillip, as it were. I know I ha’ gone and bought a four-pounder out o’ another baker’s shop to common on such days, just because I sickened at the thought of going on for ever wi’ the same sight in my eyes, and the same sound in my ears, and the same taste i’ my mouth, and the same thought (or no thought, for that matter) in my head, day after day, for ever. I’ve longed for to be a man to go spreeing, even it were only a tramp to some new place in search o’ work. And father – all men – have it stronger in ‘em than me to get tired o’ sameness and work for ever. And what is ‘em to do? It’s little blame to them if they do go into th’ gin-shop for to make their blood flow quicker, and more lively, and see things they never see at no other time – pictures, and looking-glass, and such like. But father never was a drunkard, though maybe, he’s got worse for drink now and then. Only yo’ see – and now her voice took a mournful, pleading tone – at times o’ strike there’s much to knock a man down, for all they start so hopefully; and where’s the comfort to come fro’? He’ll get angry and mad – they all do – and then they get tired out wi’ being angry and mad, and maybe ha’ done things in their passion they’d be glad to forget. Bless yo’r sweet pitiful face! but yo’ dunnot know what a strike is yet.

– Come, Bessy, said Margaret – I won’t say you’re exaggerating, because I don’t know enough about it: but, perhaps, as you’re not well, you’re

only looking on one side, and there is another and a brighter to be looked to.

– It's all well enough for yo' to say so, who have lived in pleasant green places all your life long, and never known want or care, or wickedness either, for that matter.

– Take care, said Margaret, her cheek flushing, and her eye lightening – how you judge, Bessy. I shall go home to my mother, who is so ill – so ill, Bessy, that there's no outlet but death for her out of the prison of her great suffering; and yet I must speak cheerfully to my father, who has no notion of her real state, and to whom the knowledge must come gradually. The only person – the only one who could sympathise with me and help me – whose presence could comfort my mother more than any other earthly thing – is falsely accused – would run the risk of death if he came to see his dying mother. This I tell you – only you, Bessy. You must not mention it. No other person in Milton – hardly any other person in England knows. Have I not care? Do I not know anxiety, though I go about well-dressed, and have food enough? Oh, Bessy, God is just, and our lots are well portioned out by Him, although none but He knows the bitterness of our souls.

– I ask your pardon, replied Bessy, humbly. – Sometimes, when I've thought o' my life, and the little pleasure I've had in it, I've believed that, maybe, I was one of those doomed to die by the falling of a star from heaven; “And the name of the star is called Wormwood; and the third part of the waters became wormwood; and men died of the waters, because they were made bitter.” One can bear pain and sorrow better if one thinks it has been prophesied long before for one: somehow, then it seems as if my pain was needed for the fulfilment; otherways it seems all sent for nothing.

– Nay, Bessy – think! said Margaret. – God does not willingly afflict. Don't dwell so much on the prophecies, but read the clearer parts of the Bible.

– I dare say it would be wiser; but where would I hear such grand words of promise – hear tell o' anything so far different fro' this dreary world, and this town above a', as in Revelations? Many's the time I've repeated the verses in the seventh chapter to myself, just for the sound. It's as good as an organ, and as different from every day, too. No, I cannot give up Revelations. It gives me more comfort than any other book i' the Bible.

– Let me come and read you some of my favourite chapters.

– Ay, said she, greedily, come. Father will maybe hear yo'. He's deaved wi' my talking; he says it's all nought to do with the things o' today, and that's his business.

– Where is your sister?

– Gone fustian-cutting. I were loth to let her go; but somehow we must live; and th' Union can't afford us much.

– Now I must go. You have done me good, Bessy.

– I done you good!

– Yes. I came here very sad, and rather too apt to think my own cause for grief was the only one in the world. And now I hear how you have had to bear for years, and that makes me stronger.

– Bless yo’! I thought a’ the good-doing was on the side of gentle folk. I shall get proud if I think I can do good to yo’.

– You won’t do it if you think about it. But you’ll only puzzle yourself if you do, that’s one comfort.

– Yo’re not like no one I ever seed. I dunno what to make of yo’.

– Nor I of myself. Good-bye!

Bessy stilled her rocking to gaze after her.

– I wonder if there are many folk like her down South. She’s like a breath of country air, somehow. She freshens me up above a bit. Who’d ha’ thought that face – as bright and as strong as the angel I dream of – could have known the sorrow she speaks on? I wonder how she’ll sin. All on us must sin. I think a deal on her, for sure. But father does the like, I see. And Mary even. It’s not often hoo’s stirred up to notice much.

CHAPTER 18
LIKES AND DISLIKES

“My heart revolts within me, and two voices
Make themselves audible within my bosom”.
Wallenstein

On Margaret's return home she found two letters on the table: one was a note for her mother – the other, which had come by the post, was evidently from her Aunt Shaw – covered with foreign post-marks – thin, silvery, and rustling. She took up the other, and was examining it, when her father came in suddenly:

– So your mother is tired, and gone to bed early! I'm afraid, such a thundery day was not the best in the world for the doctor to see her. What did he say? Dixon tells me he spoke to you about her.

Margaret hesitated. Her father's looks became more grave and anxious:

– He does not think her seriously ill?

– Not at present; she needs care, he says; he was very kind, and said he would call again, and see how his medicines worked.

– Only care – he did not recommend change of air? – he did not say this smoky town was doing her any harm, did he, Margaret?

– No! not a word, she replied, gravely. – He was anxious, I think

– Doctors have that anxious manner; it's professional, said he.

Margaret saw, in her father's nervous ways, that the first impression of possible danger was made upon his mind, in spite of all his making light of what she told him. He could not forget the subject – could not pass from it to other things; he kept recurring to it through the evening, with an unwillingness to receive even the slightest unfavourable idea, which made Margaret inexpressibly sad.

– This letter is from Aunt Shaw, papa. She has got to Naples, and finds it too hot, so she has taken apartments at Sorrento. But I don't think she likes Italy.

– He did not say anything about diet, did he?

– It was to be nourishing, and digestible. Mamma's appetite is pretty good, I think

– Yes! and that makes it all the more strange he should have thought of speaking about diet.

– I asked him, papa. Another pause. Then Margaret went on: – Aunt

Shaw says, she has sent me some coral ornaments, papa; but, added Margaret, half smiling – she's afraid the Milton Dissenters won't appreciate them. She has got all her ideas of Dissenters from the Quakers, has not she?

– If ever you hear or notice that your mother wishes for anything, be sure you let me know. I am so afraid she does not tell me always what she would like. Pray, see after that girl Mrs. Thornton named. If we had a good, efficient house-servant, Dixon could be constantly with her, and I'd answer for it we'd soon set her up amongst us, if care will do it. She's been very much tired of late, with the hot weather, and the difficulty of getting a servant. A little rest will put her quite to rights – eh, Margaret?

– I hope so, said Margaret – but so sadly, that her father took notice of it. He pinched her cheek

– Come; if you look so pale as this, I must rouge you up a little. Take care of yourself, child, or you'll be wanting the doctor next.

But he could not settle to anything that evening. He was continually going backwards and forwards, on laborious tiptoe, to see if his wife was still asleep. Margaret's heart ached at his restlessness – his trying to stifle and strangle the hideous fear that was looming out of the dark places of his heart. He came back at last, somewhat comforted.

– She's awake now, Margaret. She quite smiled as she saw me standing by her. Just her old smile. And she says she feels refreshed, and ready for tea. Where's the note for her? She wants to see it. I'll read it to her while you make tea.

The note proved to be a formal invitation from Mrs. Thornton, to Mr., Mrs., and Miss Hale to dinner, on the twenty-first instant. Margaret was surprised to find an acceptance contemplated, after all she had learnt of sad probabilities during the day. But so it was. The idea of her husband's and daughter's going to this dinner had quite captivated Mrs. Hale's fancy, even before Margaret had heard the contents of the note. It was an event to diversify the monotony of the invalid's life; and she clung to the idea of their going, with even fretful pertinacity when Margaret objected.

– Nay, Margaret? if she wishes it, I'm sure we'll both go willingly. She never would wish it unless she felt herself really stronger – really better than we thought she was, eh, Margaret? said Mr. Hale, anxiously, as she prepared to write the note of acceptance, the next day.

– Eh! Margaret? questioned he, with a nervous motion of his hands. It seemed cruel to refuse him the comfort he craved for. And besides, his passionate refusal to admit the existence of fear, almost inspired Margaret herself with hope.

– I do think she is better since last night, said she. – Her eyes look brighter, and her complexion clearer.

– God bless you, said her father, earnestly. – But is it true? Yesterday was so sultry every one felt ill. It was a most unlucky day for Mr. Donaldson to see her on.

So he went away to his day's duties, now increased by the preparation of some lectures he had promised to deliver to the working people at a neighbouring Lyceum. He had chosen Ecclesiastical Architecture as his subject, rather more in accordance with his own taste and knowledge than as falling in with the character of the place or the desire for particular kinds of information among those to whom he was to lecture. And the institution itself, being in debt, was only too glad to get a gratis course from an educated and accomplished man like Mr. Hale, let the subject be what it might.

– Well, mother, asked Mr. Thornton that night – who have accepted your invitations for the twenty-first?

– Fanny, where are the notes? The Slicksons accept, Collingbrooks accept, Stephenses accept, Browns decline. Hales – father and daughter come – mother too great an invalid – Macphersons come, and Mr. Horsfall, and Mr. Young. I was thinking of asking the Porters, as the Browns can't come.

– Very good. Do you know, I'm really afraid Mrs. Hale is very far from well, from what Dr. Donaldson says.

– It's strange of them to accept a dinner-invitation if she's very ill, said Fanny.

– I didn't say very ill, said her brother, rather sharply. – I only said very far from well. They may not know it either. And then he suddenly remembered that, from what Dr. Donaldson had told him, Margaret, at any rate, must be aware of the exact state of the case.

– Very probably they are quite aware of what you said yesterday, John – of the great advantage it would be to them – to Mr. Hale, I mean, to be introduced to such people as the Stephenses and the Collingbrooks.

– I'm sure that motive would not influence them. No! I think I understand how it is.

– John! said Fanny, laughing in her little, weak, nervous way. – How you profess to understand these Hales, and how you never will allow that we can know anything about them. Are they really so very different to most people one meets with?

She did not mean to vex him; but if she had intended it, she could not have done it more thoroughly. He chafed in silence, however, not deigning to reply to her question.

– They do not seem to me out of the common way, said Mrs. Thornton. – He appears a worthy kind of man enough; rather too simple for trade – so it's perhaps as well he should have been a clergyman first, and now a teacher. She's a

bit of a fine lady, with her invalidism; and as for the girl – she's the only one who puzzles me when I think about her – which I don't often do. She seems to have a great notion of giving herself airs; and I can't make out why. I could almost fancy she thinks herself too good for her company at times. And yet they're not rich, from all I can hear they never have been.

– And she's not accomplished, mamma. She can't play.

– Go on, Fanny. What else does she want to bring her up to your standard?

– Nay! John, said his mother – that speech of Fanny's did no harm. I myself heard Miss Hale say she could not play. If you would let us alone, we could perhaps like her, and see her merits.

– I'm sure I never could! murmured Fanny, protected by her mother. Mr. Thornton heard, but did not care to reply. He was walking up and down the dining-room, wishing that his mother would order candles, and allow him to set to work at either reading or writing, and so put a stop to the conversation. But he never thought of interfering in any of the small domestic regulations that Mrs. Thornton observed, in habitual remembrance of her old economies.

– Mother, said he, stopping, and bravely speaking out the truth,

– I wish you would like Miss Hale.

– Why? asked she, startled by his earnest, yet tender manner. – You're never thinking of marrying her? – a girl without a penny.

– She would never have me, said he, with a short laugh.

– No, I don't think she would, answered his mother. – She laughed in my face, when I praised her for speaking out something Mr. Bell had said in your favour. I liked the girl for doing it so frankly, for it made me sure she had no thought of you; and the next minute she vexed me so by seeming to think..Well, never mind! Only you're right in saying she's too good an opinion of herself to think of you. The saucy jade! I should like to know where she'd find a better! If these words hurt her son, the dusky light prevented him from betraying any emotion. In a minute he came up quite cheerfully to his mother, and putting one hand lightly on her shoulder, said:

– Well, as I'm just as much convinced of the truth of what you have been saying as you can be; and as I have no thought or expectation of ever asking her to be my wife, you'll believe me for the future that I'm quite disinterested in speaking about her. I foresee trouble for that girl – perhaps want of motherly care – and I only wish you to be ready to be a friend to her, in case she needs one. Now, Fanny, said he – I trust you have delicacy enough to understand, that it is as great an injury to Miss Hale as to me – in fact, she would think it a greater – to suppose that I have any reason, more than I now give, for begging you and my mother to show her every kindly attention.

– I cannot forgive her her pride, said his mother; – I will befriend her, if

there is need, for your asking, John. I would befriend Jezebel herself if you asked me. But this girl, who turns up her nose at us all – who turns up her nose at you...

– Nay, mother; I have never yet put myself, and I mean never to put myself, within reach of her contempt.

– Contempt, indeed! – (One of Mrs. Thornton's expressive snorts.) – Don't go on speaking of Miss Hale, John, if I've to be kind to her. When I'm with her, I don't know if I like or dislike her most; but when I think of her, and hear you talk of her, I hate her. I can see she's given herself airs to you as well as if you'd told me out.

– And if she has, said he – and then he paused for a moment – then went on: – I'm not a lad, to be cowed by a proud look from a woman, or to care for her misunderstanding me and my position. I can laugh at it!

– To be sure! and at her too, with her fine notions and haughty tosses!

– I only wonder why you talk so much about her, then, said Fanny.

– I'm sure, I'm tired enough of the subject.

– Well! said her brother, with a shade of bitterness. – Suppose we find some more agreeable subject. What do you say to a strike, by way of something pleasant to talk about?

– Have the hands actually turned out? asked Mrs. Thornton, with vivid interest.

– Hamper's men are actually out. Mine are working out their week through fear of being prosecuted for breach of contract I'd have had every one of them up and punished for it, that left his work before his time was out.

– The law expenses would have been more than the hands themselves were worth – a set of ungrateful naughts! said his mother.

– To be sure. But I'd have shown them how I keep my word, and how I mean them to keep theirs. They know me by this time. Slickson's men are off – pretty certain he won't spend money in getting them punished. We're in for a turn-out, mother.

– I hope there are not many orders in hand?

– Of course there are. They know that well enough. But they don't quite understand all, though they think they do.

– What do you mean, John?

Candles had been brought, and Fanny had taken up her interminable piece of worsted-work, over which she was yawning; throwing herself back in her chair, from time to time, to gaze at vacancy, and think of nothing at her ease.

– Why, said he – the Americans are getting their yarns so into the general market, that our only chance is producing them at a lower rate. If we

can't, we may shut up shop at once, and hands and masters go alike on tramp. Yet these fools go back to the prices paid three years ago – nay, some of their leaders quote Dickinson's prices now – though they know as well as we do that, what with fines pressed out of their wages as no honourable man would extort them, and other ways which I for one would scorn to use, the real rate of wage paid at Dickinson's is less than at ours. Upon my word, mother, I wish the old combination-laws were in force. It is too bad to find out that fools – ignorant wayward men like these – just by uniting their weak silly heads, are to rule over the fortunes of those who bring all the wisdom that knowledge and experience, and often painful thought and anxiety, can give. The next thing will be – indeed, we're all but come to it now – that we shall have to go and ask – stand hat in hand – and humbly ask the secretary of the Spinner Union to be so kind as to furnish us with labour at their own price. That's what they want – they, who haven't the sense to see that, if we don't get a fair share of the profits to compensate us for our wear and tear here in England, we can move off to some other country; and that, what with home and foreign competition, we are none of us likely to make above a fair share, and may be thankful enough if we can get that, in an average number of years.

– Can't you get hands from Ireland? I wouldn't keep these fellows a day. I'd teach them that I was master, and could employ what servants I liked.

– Yes! to be sure, I can; and I will, too, if they go on long. It will be trouble and expense, and I fear there will be some danger; but I will do it, rather than give in.

– If there is to be all this extra expense, I'm sorry we're giving a dinner just now.

– So am I – not because of the expense, but because I shall have much to think about, and many unexpected calls on my time. But we must have had Mr. Horsfall, and he does not stay in Milton long. And as for the others, we owe them dinners, and it's all one trouble.

He kept on with his restless walk – not speaking any more, but drawing a deep breath from time to time, as if endeavouring to throw off some annoying thought. Fanny asked her mother numerous small questions, all having nothing to do with the subject, which a wiser person would have perceived was occupying her attention. Consequently, she received many short answers. She was not sorry when, at ten o'clock, the servants filed in to prayers. These her mother always read – first reading a chapter. They were now working steadily through the Old Testament. When prayers were ended, and his mother had wished him goodnight, with that long steady look of hers which conveyed no expression of the tenderness that was in her heart, but yet had the intensity of a blessing, Mr. Thornton continued his walk. All his business plans had received a check, a sudden pull-up, from this approaching turn-out. The forethought of many anxious hours was thrown away, utterly wasted by their insane folly, which would injure themselves even more than him, though no one could set any limit to the mischief they were

doing. And these were the men who thought themselves fitted to direct the masters in the disposal of their capital! Hamper had said, only this very day, that if he were ruined by the strike, he would start life again, comforted by the conviction that those who brought it on were in a worse predicament than he himself – for he had head as well as hands, while they had only hands; and if they drove away their market, they could not follow it, nor turn to anything else. But this thought was no consolation to Mr. Thornton. It might be that revenge gave him no pleasure; it might be that he valued the position he had earned with the sweat of his brow, so much that he keenly felt its being endangered by the ignorance or folly of others – so keenly that he had no thoughts to spare for what would be the consequences of their conduct to themselves. He paced up and down, setting his teeth a little now and then. At last it struck two. The candles were flickering in their sockets. He lighted his own, muttering to himself:

– Once for all, they shall know whom they have got to deal with. I can give them a fortnight – no more. If they don't see their madness before the end of that time, I must have hands from Ireland. I believe it's Slickson's doing – confound him and his dodges! He thought he was overstocked; so he seemed to yield at first, when the deputation came to him – and of course, he only confirmed them in their folly, as he meant to do. That's where it spread from.

CHAPTER 19
ANGEL VISITS

“As angels in some brighter dreams
Call to the soul when man doth sleep,
So some strange thoughts transcend our wonted themes,
And into glory peep”.
Henry Vaughan

Mrs. Hale was curiously amused and interested by the idea of the Thornton dinner party. She kept wondering about the details, with something of the simplicity of a little child, who wants to have all its anticipated pleasures described beforehand. But the monotonous life led by invalids often makes them like children, inasmuch as they have neither of them any sense of proportion in events, and seem each to believe that the walls and curtains which shut in their world, and shut out everything else, must of necessity be larger than anything hidden beyond. Besides, Mrs. Hale had had her vanities as a girl; had perhaps unduly felt their mortification when she became a poor clergyman's wife; – they had been smothered and kept down; but they were not extinct; and she liked to think of seeing Margaret dressed for a party, and discussed what she should wear, with an unsettled anxiety that amused Margaret, who had been more accustomed to society in her one in Harley Street than her mother in five and twenty years of Helstone.

– Then you think you shall wear your white silk. Are you sure it will fit? It's nearly a year since Edith was married!

– Oh yes, mamma! Mrs. Murray made it, and it's sure to be right; it may be a straw's breadth shorter or longer-waisted, according to my having grown fat or thin. But I don't think I've altered in the least.

– Hadn't you better let Dixon see it? It may have gone yellow with lying by.

– If you like, mamma. But if the worst comes to the worst, I've a very nice pink gauze which aunt Shaw gave me, only two or three months before Edith was married. That can't have gone yellow.

– No! but it may have faded.

– Well! then I've a green silk I feel more as if it was the embarrassment of riches.

– I wish I knew what you ought to wear, said Mrs. Hale, nervously. Margaret's manner changed instantly. – Shall I go and put them on one after

another, mamma, and then you could see which you liked best?

– But – yes! perhaps that will be best.

So off Margaret went. She was very much inclined to play some pranks when she was dressed up at such an unusual hour; to make her rich white silk balloon out into a cheese, to retreat backwards from her mother as if she were the queen; but when she found that these freaks of hers were regarded as interruptions to the serious business, and as such annoyed her mother, she became grave and sedate. What had possessed the world (her world) to fidget so about her dress, she could not understand; but that very afternoon, on naming her engagement to Bessy Higgins (apropos of the servant that Mrs. Thornton had promised to inquire about), Bessy quite roused up at the intelligence.

– Dear! and are you going to dine at Thornton's at Marlborough Mills?

– Yes, Bessy. Why are you so surprised?

– Oh, I dunno. But they visit wi' a' th' first folk in Milton.

– And you don't think we're quite the first folk in Milton, eh, Bessy? Bessy's cheeks flushed a little at her thought being thus easily read.

– Well, said she – yo' see, they think a deal o' money here and I reckon yo've not gotten much.

– No, said Margaret – that's very true. But we are educated people, and have lived amongst educated people. Is there anything so wonderful, in our being asked out to dinner by a man who owns himself inferior to my father by coming to him to be instructed? I don't mean to blame Mr. Thornton. Few drapers assistants, as he was once, could have made themselves what he is.

– But can yo' give dinners back, in yo'r small house? Thornton's house is three times as big.

– Well, I think we could manage to give Mr. Thornton a dinner back, as you call it. Perhaps not in such a large room, nor with so many people. But I don't think we've thought about it at all in that way.

– I never thought yo'd be dining with Thorntons, repeated I Bessy. – Why, the may or hissel' dines there; and the members of Parliament and all.

– I think I could support the honour of meeting the mayor of Milton.

– But them ladies dress so grand! said Bessy, with an anxious look at Margaret's print gown, which her Milton eyes appraised at sevenpence a yard. Margaret's face dimpled up into a merry laugh. – Thank You, Bessy, for thinking so kindly about my looking nice among all the smart people. But I've plenty of grand gowns – a week ago, I should have said they were far too grand for anything I should ever want again. But as I'm to dine at Mr. Thornton's, and perhaps to meet the mayor, I shall put on my very best gown, you may be sure.

– What win yo' wear? asked Bessy, somewhat relieved.

– White silk, said Margaret. – A gown I had for a cousin's wedding, a year ago.

– That'll do! said Bessy, falling back in her chair. – I should be loth to have yo'looked down upon.

– Oh! I'll be fine enough, if that will save me from being looked down upon in Milton.

– I wish I could see you dressed up, said Bessy. – I reckon, yo're not what folk would ca'pretty; yo've not red and white enough for that. But dun yo'know, I ha'dreamt of yo', long afore ever I seed yo'.

– Nonsense, Bessy!

– Ay, but I did. Yo'r very face – looking wi'yo'r clear steadfast eyes out o'th'darkness, wi'yo'r hair blown off from yo'r brow, and going out like rays round yo'r forehead, which was just as smooth and as straight as it is now – and yo'always came to give me strength, which I seemed to gather out o'yo'r deep comforting eyes – and yo'were drest in shining raiment – just as yo'r going to be drest. So, yo'see, it was yo'!

– Nay, Bessy, said Margaret, gently – it was but a dream.

– And why might na I dream a dream in my affliction as well as others? Did not many a one i'the Bible? Ay, and see visions too! Why, even my father thinks a deal o'dreams! I tell yo'again, I saw yo'as plainly, coming swiftly towards me, wi'yo'r hair blown back wi'the very swiftness o'the motion, just like the way it grows, a little standing off like; and the white shining dress on yo've gotten to wear. Let me come and see yo'in it. I want to see yo'and touch yo'as in very deed yo'were in my dream.

– My dear Bessy, it is quite a fancy of yours.

– Fancy or no fancy – yo've come, as I knew yo'would, when I saw yo'r movement in my dream – and when yo're here about me, I reckon I feel easier in my mind, and comforted, just as a fire comforts one on a dree day. Yo'said it were on th'twenty-first; please God, I'll come and see yo'.

– Oh Bessy! you may come and welcome; but don't talk so – it really makes me sorry. It does indeed.

– Then I'll keep it to mysel', if I bite my tongue out. Not but what it's true for all that.

Margaret was silent. At last she said,

– Let us talk about it sometimes, if you think it true. But not now. Tell me, has your father turned out?

– Ay! said Bessy, heavily – in a manner very different from that she had spoken in but a minute or two before. – He and many another – all Hamper's men – and many a one besides. Th'women are as bad as th'men, in their savageness,

this time. Food is high – and they mun have food for their childer, I reckon. Suppose Thorntons sent ‘em their dinner out – th’same money, spent on potatoes and meal, would keep many a crying babby quiet, and hush up its mother’s heart for a bit!

– Don’t speak so! said Margaret. – You’ll make me feel wicked and guilty in going to this dinner.

– No! said Bessy. – Some’s pre-elected to sumptuous feasts, and purple and fine linen – may be yo’re one on ‘em. Others toil and moil all their lives long – and the very dogs are not pitiful in our days, as they were in the days of Lazarus. But if yo’ ask me to cool yo’r tongue wi’ th’ tip of my finger, I’ll come across the great gulf to yo’ just for th’ thought o’ what yo’ve been to me here.

– Bessy! you’re very feverish! I can tell it in the touch of your hand, as well as in what you’re saying. It won’t be division enough, in that awful day, that some of us have been beggars here, and some of us have been rich – we shall not be judged by that poor accident, but by our faithful following of Christ. Margaret got up, and found some water and soaking her pocket-handkerchief in it, she laid the cool wetness on Bessy’s forehead, and began to chafe the stone-cold feet. Bessy shut her eyes, and allowed herself to be soothed. At last she said,

– Yo’d ha’ been deaved out o’ yo’r five wits, as well as me, if yo’d had one body after another coming in to ask for father, and staying to tell me each one their tale. Some spoke o’ deadly hatred, and made my blood run cold wi’ the terrible things they said o’ th’ masters – but more, being women, kept plaining, plaining (wi’ the tears running down their cheeks, and never wiped away, nor heeded), of the price o’ meat, and how their childer could na sleep at nights for th’ hunger.

– And do they think the strike will mend this? asked Margaret.

– They say so, replied Bessy. – They do say trade has been good for long, and the masters has made no end o’ money; how much father doesn’t know, but, in course, th’ Union does; and, as is natural, they wanten their share o’ th’ profits, now that food is getting dear; and th’ Union says they’ll not be doing their duty if they don’t make the masters give ‘em their share. But masters has gotten th’ upper hand somehow; and I’m feared they’ll keep it now and evermore. It’s like th’ great battle o’ Armageddon, the way they keep on, grinning and fighting at each other, till even while they fight, they are picked off into the pit. Just then, Nicholas Higgins came in. He caught his daughter’s last words.

– Ay! and I’ll fight on too; and I’ll get it this time. It’ll not take long for to make ‘em give in, for they’ve gotten a pretty lot of orders, all under contract; and they’ll soon find out they’d better give us our five per cent than lose the profit they’ll gain; let alone the fine for not fulfilling the contract. Aha, my masters! I know who’ll win.

Margaret fancied from his manner that he must have been drinking, not so much from what he said, as from the excited way in which he spoke; and she

was rather confirmed in this idea by the evident anxiety Bessy showed to hasten her departure. Bessy said to her...

– The twenty-first – that's Thursday week. I may come and see yo' dressed for Thornton's, I reckon. What time is yo'r dinner?

Before Margaret could answer, Higgins broke out,

– Thornton's! Ar't' going to dine at Thornton's? Ask him to give yo' a bumper to the success of his orders. By th'twenty-first, I reckon, he'll be potted in his brains how to get 'em done in time. Tell him, there's seven hundred'll come marching into Marlborough Mills, the morning after he gives the five per cent, and will help him through his contract in no time. You'll have 'em all there. My master, Hamper. He's one o' th' oud-fashioned sort. Ne'er meets a man bout an oath or a curse; I should think he were going to die if he spoke me civil; but arter all, his bark's waur than his bite, and yo' may tell him one o' his turn-outs said so, if yo' like. Eh! but yo'll have a lot of prize mill-owners at Thornton's! I should like to get speech o' them, when they're a bit inclined to sit still after dinner, and could na run for the life on 'em. I'd tell 'em my mind. I'd speak up again th' hard way they're driving on us!

– Good-bye! said Margaret, hastily. – Good-bye, Bessy! I shall look to see you on the twenty-first, if you're well enough.

The medicines and treatment which Dr. Donaldson had ordered for Mrs. Hale, did her so much good at first that not only she herself, but Margaret, began to hope that he might have been mistaken, and that she could recover permanently. As for Mr. Hale, although he had never had an idea of the serious nature of their apprehensions, he triumphed over their fears with an evident relief, which proved how much his glimpse into the nature of them had affected him. Only Dixon croaked for ever into Margaret's ear. However, Margaret defied the raven, and would hope.

They needed this gleam of brightness in-doors, for out-of-doors, even to their uninstructed eyes, there was a gloomy brooding appearance of discontent. Mr. Hale had his own acquaintances among the working men, and was depressed with their earnestly told tales of suffering and long-endurance. They would have scorned to speak of what they had to bear to any one who might, from his position, have understood it without their words. But here was this man, from a distant county, who was perplexed by the workings of the system into the midst of which he was thrown, and each was eager to make him a judge, and to bring witness of his own causes for irritation. Then Mr. Hale brought all his budget of grievances, and laid it before Mr. Thornton, for him, with his experience as a master, to arrange them, and explain their origin; which he always did, on sound economical principles; showing that, as trade was conducted, there must always be a waxing and waning of commercial prosperity; and that in the waning a certain number of masters, as well as of men, must go down into ruin, and be no more seen among the ranks of the happy and prosperous. He spoke as if this consequence were so entirely logical, that neither employers nor employed had

any right to complain if it became their fate: the employer to turn aside from the race he could no longer run, with a bitter sense of incompetency and failure – wounded in the struggle – trampled down by his fellows in their haste to get rich – slighted where he once was honoured – humbly asking for, instead of bestowing, employment with a lordly hand. Of course, speaking so of the fate that, as a master, might be his own in the fluctuations of commerce, he was not likely to have more sympathy with that of the workmen, who were passed by in the swift merciless improvement or alteration who would fain lie down and quietly die out of the world that needed them not, but felt as if they could never rest in their graves for the clinging cries of the beloved and helpless they would leave behind; who envied the power of the wild bird, that can feed her young with her very heart's blood. Margaret's whole soul rose up against him while he reasoned in this way – as if commerce were everything and humanity nothing. She could hardly, thank him for the individual kindness, which brought him that very evening to offer her – for the delicacy which made him understand that he must offer her privately – every convenience for illness that his own wealth or his mother's foresight had caused them to accumulate in their household, and which, as he learnt from Dr. Donaldson, Mrs. Hale might possibly require. His presence, after the way he had spoken – his bringing before her the doom, which she was vainly trying to persuade herself might yet be averted from her mother – all conspired to set Margaret's teeth on edge, as she looked at him, and listened to him. What business had he to be the only person, except Dr. Donaldson and Dixon, admitted to the awful secret, which she held shut up in the most dark and sacred recess of her heart – not daring to look at it, unless she invoked heavenly strength to bear the sight – that, some day soon, she should cry aloud for her mother, and no answer would come out of the blank dumb darkness? Yet he knew all. She saw it in his pitying eyes. She heard it in his grave and tremulous voice. How reconcile those eyes, that voice, with the hard-reasoning, dry, merciless way in which he laid down axioms of trade, and serenely followed them out to their full consequences? The discord jarred upon her inexpressibly. The more because of the gathering woe of which she heard from Bessy. To be sure, Nicholas Higgins, the father, spoke differently. He had been appointed a committee-man, and said that he knew secrets of which the exoteric knew nothing. He said this more expressly and particularly, on the very day before Mrs. Thornton's dinner-party, when Margaret, going in to speak to Bessy, found him arguing the point with Boucher, the neighbour of whom she had frequently heard mention, as by turns exciting Higgins's compassion, as an unskilful workman with a large family depending upon him for support, and at other times enraging his more energetic and sanguine neighbour by his want of what the latter called spirit. It was very evident that Higgins was in a passion when Margaret entered. Boucher stood, with both hands on the rather high mantel-piece, swaying himself a little on the support which his arms, thus placed, gave him, and looking wildly into the fire, with a kind of despair that irritated Higgins, even while it went to his heart. Bessy was rocking herself violently backwards and forwards, as was her wont (Margaret knew by this time) when she was agitated, Her sister Mary was tying on her bonnet (in great clumsy bows, as suited her great clumsy fingers), to go to her fustian-

cutting, blubbering out loud the while, and evidently longing to be away from a scene that distressed her. Margaret came in upon this scene. She stood for a moment at the door – then, her finger on her lips, she stole to a seat on the squab near Bessy. Nicholas saw her come in, and greeted her with a gruff, but not unfriendly nod. Mary hurried out of the house catching gladly at the open door, and crying aloud when she got away from her father's presence. It was only John Boucher that took no notice whatever who came in and who went out.

– It's no use, Higgins. Hoo cannot live long a' this'n. Hoo's just sinking away – not for want o' meat hersel – but because hoo cannot stand th' sight o' the little ones clemming. Ay, clemming! Five shilling a week may do well enough for thee, wi' but two mouths to fill, and one on 'em a wench who can welly earn her own meat. But it's clemming to us. An' I tell thee plain – if hoo dies as I'm 'feard hoo will afore we've gotten th' five per cent, I'll fling th' money back i' th' master's face, and say, “Be domned to yo'; be domned to th' whole cruel world o' yo'; that could na leave me th' best wife that ever bore childer to a man!” An' look thee, lad, I'll hate thee, and th' whole pack o' th' Union. Ay, an' chase yo' through heaven wi' my hatred – I will, lad! I will – if yo're leading me astray i' this matter. Thou saidst, Nicholas, on Wednesday sennight – and it's now Tuesday i' th' second week – that afore a fortnight we'd ha' the masters coming a-begging to us to take back our work, at our own wage – and time's nearly up – and there's our lile Jack lying a-bed, too weak to cry, but just every now and then sobbing up his heart for want o' food – our lile Jack, I tell thee, lad! Hoo's never looked up sin' he were born, and hoo loves him as if he were her very life – as he is – for I reckon he'll ha' cost me that precious price – our lile Jack, who wakened me each morn wi' putting his sweet little lips to my great rough fou' face, a-seeking a smooth place to kiss – an' he lies clemming. Here the deep sobs choked the poor man, and Nicholas looked up, with eyes brimful of tears, to Margaret, before he could gain courage to speak

– Hou'd up, man. Thy lile Jack shall na' clem. I ha' gotten brass, and we'll go buy the chap a sup o' milk an' a good four-pounder this very minute. What's mine's thine, sure enough, i' thoust i' want. Only, dunnot lose heart, man! continued he, as he fumbled in a tea-pot for what money he had. – I lay yo' my heart and soul we'll win for a' this: it's but bearing on one more week, and yo' just see th' way th' masters 'll come round, praying on us to come back to our mills. An' th' Union – that's to say, I – will take care yo've enough for th' childer and th' missus. So dunnot turn faint-heart, and go to th' tyrants a-seeking work

The man turned round at these words – turned round a face so white, and gaunt, and tear-furrowed, and hopeless, that its very calm forced Margaret to weep. – Yo' know well, that a worser tyrant than e'er th' masters were says “Clem to death, and see 'em a' clem to death, ere yo' dare go again th' Union.” Yo' know it well, Nicholas, for a' yo're one on 'em. Yo' may be kind hearts, each separate; but once banded together, yo've no more pity for a man than a wild hunger-maddened wolf.

Nicholas had his hand on the lock of the door – he stopped and turned

round on Boucher, close following:

– So help me God! man alive – if I think not I'm doing best for thee, and for all on us. If I'm going wrong when I think I'm going right, it's their sin, who ha' left me where I am, in my ignorance. I ha' thought till my brains ached – Beli' me, John, I have. An' I say again, there's no help for us but having faith i' th' Union. They'll win the day, see if they dunnot!

Not one word had Margaret or Bessy spoken. They had hardly uttered the sighing, that the eyes of each called to the other to bring up from the depths of her heart. At last Bessy said,

– I never thought to hear father call on God again. But yo' heard him say, “So help me God!”

– Yes! said Margaret. – Let me bring you what money I can spare – let me bring you a little food for that poor man's children. Don't let them know it comes from any one but your father. It will be but little.

Bessy lay back without taking any notice of what Margaret said. She did not cry – she only quivered up her breath,

– My heart's drained dry o' tears, she said. – Boucher's been in these days past, a telling me of his fears and his troubles. He's but a weak kind o' chap, I know, but he's a man for a' that; and tho' I've been angry, many a time afore now, wi' him an' his wife, as knew no more nor him how to manage, yet, yo' see, all folks isn't wise, yet God lets 'em live – ay, an' gives 'em some one to love, and be loved by, just as good as Solomon. An', if sorrow comes to them they love, it hurts 'em as sore as e'er it did Solomon. I can't make it out. Perhaps it's as well such a one as Boucher has th' Union to see after him. But I'd just like for to see th' mean as make th' Union, and put 'em one by one face to face wi' Boucher. I reckon, if they heard him, they'd tell him (if I cotched 'em one by one), he might go back and get what he could for his work, even if it weren't so much as they ordered.

Margaret sat utterly silent. How was she ever to go away into comfort and forget that man's voice, with the tone of unutterable agony, telling more by far than his words of what he had to suffer? She took out her purse; she had not much in it of what she could call her own, but what she had she put into Bessy's hand without speaking.

– Thank yo'. There's many on 'em gets no more, and is not so bad off – leastways does not show it as he does. But father won't let 'em want, now he knows. Yo' see, Boucher's been pulled down wi' his childer – and her being so cranky, and a' they could pawn has gone this last twelvemonth. Yo're not to think we'd ha' letten 'em clem, for all we're a bit pressed oursel; – if neighbours doesn't see after neighbours, I dunno who will. Bessy seemed almost afraid lest Margaret should think they had not the will, and, to a certain degree, the power of helping one whom she evidently regarded as having a claim upon them. – Besides, she went on – father is sure and positive the masters must give in within these next

few days – that they canna hould on much longer. But I thank yo’ all the same – I thank yo’ for mysel, as much as for Boucher, for it just makes my heart warm to yo’ more and more.

Bessy seemed much quieter today, but fearfully languid a exhausted. As she finished speaking, she looked so faint and weary that Margaret became alarmed.

– It’s nout, said Bessy. – It’s not death yet. I had a fearfu’ night wi’ dreams – or somewhat like dreams, for I were wide awake – and I’m all in a swounding daze today – only yon poor chap made me alive again. No! it’s not death yet, but death is not far off. Ay! Cover me up, and I’ll may be sleep, if th’ cough will let me. Good night – good afternoon, m’appen I should say – but th’ light is dim an’ misty today.

CHAPTER 20
MEN AND GENTLEMEN

“Old and young, boy, let ‘em all eat, I have it;
Let ‘em have ten tire of teeth a-piece, I care not”.
Rollo, Duke of Normandy

Margaret went home so painfully occupied with what she had heard and seen that she hardly knew how to rouse herself up to the duties which awaited her; the necessity for keeping up a constant flow of cheerful conversation for her mother, who, now that she was unable to go out, always looked to Margaret’s return from the shortest walk as bringing in some news.

– And can your factory friend come on Thursday to see you dressed?

– She was so ill I never thought of asking her, said Margaret, dolefully.

– Dear! Everybody is ill now, I think, said Mrs. Hale, with a little of the jealousy which one invalid is apt to feel of another. – But it must be very sad to be ill in one of those little back streets. (Her kindly nature prevailing, and the old Helstone habits of thought returning.) – It’s bad enough here. What could you do for her, Margaret? Mr. Thornton has sent me some of his old port wine since you went out. Would a bottle of that do her good, think you?

– No, mamma! I don’t believe they are very poor – at least, they don’t speak as if they were; and, at any rate, Bessy’s illness is consumption – she won’t want wine. Perhaps, I might take her a little preserve, made of our dear Helstone fruit. No! there’s another family to whom I should like to give – Oh mamma, mamma! how am I to dress up in my finery, and go off and away to smart parties, after the sorrow I have seen today? exclaimed Margaret, bursting the bounds she had preordained for herself before she came in, and telling her mother of what she had seen and heard at Higgins’s cottage.

It distressed Mrs. Hale excessively. It made her restlessly irritated till she could do something. She directed Margaret to pack up a basket in the very drawing-room, to be sent there and then to the family; and was almost angry with her for saying, that it would not signify if it did not go till morning, as she knew Higgins had provided for their immediate wants, and she herself had left money with Bessy. Mrs. Hale called her unfeeling for saying this; and never gave herself breathing-time till the basket was sent out of the house. Then she said:

– After all, we may have been doing wrong. It was only the last time Mr. Thornton was here that he said, those were no true friends who helped to prolong the struggle by assisting the turn outs. And this Boucher-man was a turn-out, was he not?

The question was referred to Mr. Hale by his wife, when he came upstairs, fresh from giving a lesson to Mr. Thornton, which had ended in conversation, as was their wont. Margaret did not care if their gifts had prolonged the strike; she did not think far enough for that, in her present excited state.

Mr. Hale listened, and tried to be as calm as a judge; he recalled all that had seemed so clear not half-an-hour before, as it came out of Mr. Thornton's lips; and then he made an unsatisfactory compromise. His wife and daughter had not only done quite right in this instance, but he did not see for a moment how they could have done otherwise. Nevertheless, as a general rule, it was very true what Mr. Thornton said, that as the strike, if prolonged, must end in the masters' bringing hands from a distance (if, indeed, the final result were not, as it had often been before, the invention of some machine which would diminish the need of hands at all), why, it was clear enough that the kindest thing was to refuse all help which might bolster them up in their folly. But, as to this Boucher, he would go and see him the first thing in the morning, and try and find out what could be done for him.

Mr. Hale went the next morning, as he proposed. He did not find Boucher at home, but he had a long talk with his wife; promised to ask for an Infirmary order for her; and, seeing the plenty provided by Mrs. Hale, and somewhat lavishly used by the children, who were masters down-stairs in their father's absence, he came back with a more consoling and cheerful account than Margaret had dared to hope for; indeed, what she had said the night before had prepared her father for so much worse a state of things that, by a reaction of his imagination, he described all as better than it really was.

– But I will go again, and see the man himself, said Mr. Hale. – I hardly know as yet how to compare one of these houses with our Helstone cottages. I see furniture here which our labourers would never have thought of buying, and food commonly used which they would consider luxuries; yet for these very families there seems no other resource, now that their weekly wages are stopped, but the pawn-shop. One had need to learn a different language, and measure by a different standard, up here in Milton.

Bessy, too, was rather better this day. Still she was so weak that she seemed to have entirely forgotten her wish to see Margaret dressed – if, indeed, that had not been the feverish desire of a half-delirious state.

Margaret could not help comparing this strange dressing of hers, to go where she did not care to be – her heart heavy with various anxieties – with the old, merry, girlish toilettes that she and Edith had performed scarcely more than a year ago. Her only pleasure now in decking herself out was in thinking that her mother would take delight in seeing her dressed. She blushed when Dixon, throwing the drawing-room door open, made an appeal for admiration.

– Miss Hale looks well, ma'am – doesn't she? Mrs. Shaw's coral couldn't have come in better. It just gives the right touch of colour, ma'am. Otherwise, Miss Margaret, you would have been too pale.

Margaret's black hair was too thick to be plaited; it needed rather to be twisted round and round, and have its fine silkiness compressed into massive coils, that encircled her head like a crown, and then were gathered into a large spiral knot behind. She kept its weight together by two large coral pins, like small arrows for length. Her white silk sleeves were looped up with strings of the same material, and on her neck, just below the base of her curved and milk-white throat, there lay heavy coral beads.

– Oh, Margaret! how I should like to be going with you to one of the old Barrington assemblies – taking you as Lady Beresford used to take me. Margaret kissed her mother for this little burst of maternal vanity; but she could hardly smile at it, she felt so much out of spirits.

– I would rather stay at home with you – much rather, mamma.

– Nonsense, darling! Be sure you notice the dinner well. I shall like to hear how they manage these things in Milton. Particularly the second course, dear. Look what they have instead of game.

Mrs. Hale would have been more than interested – she would have been astonished, if she had seen the sumptuousness of the dinner-table and its appointments. Margaret, with her London cultivated taste, felt the number of delicacies to be oppressive one half of the quantity would have been enough, and the effect lighter and more elegant. But it was one of Mrs. Thornton's rigorous laws of hospitality, that of each separate dainty enough should be provided for all the guests to partake, if they felt inclined. Careless to abstemiousness in her daily habits, it was part of her pride to set a feast before such of her guests as cared for it. Her son shared this feeling. He had never known – though he might have imagined, and had the capability to relish – any kind of society but that which depended on an exchange of superb meals and even now, though he was denying himself the personal expenditure of an unnecessary sixpence, and had more than once regretted that the invitations for this dinner had been sent out, still, as it was to be, he was glad to see the old magnificence of preparation. Margaret and her father were the first to arrive. Mr. Hale was anxiously punctual to the time specified. There was no one up-stairs in the drawing-room but Mrs. Thornton and Fanny. Every cover was taken off, and the apartment blazed forth in yellow silk damask and a brilliantly-flowered carpet. Every corner seemed filled up with ornament, until it became a weariness to the eye, and presented a strange contrast to the bald ugliness of the look-out into the great mill-yard, where wide folding gates were thrown open for the admission of carriages. The mill loomed high on the left-hand side of the windows, casting a shadow down from its many stories, which darkened the summer evening before its time.

– My son was engaged up to the last moment on business. He will be here directly, Mr. Hale. May I beg you to take a seat?

Mr. Hale was standing at one of the windows as Mrs. Thornton spoke. He turned away, saying,

– Don't you find such close neighbourhood to the mill rather unpleasant at times?

She drew herself up:

– Never. I am not become so fine as to desire to forget the source of my son's wealth and power. Besides, there is not such another factory in Milton. One room alone is two hundred and twenty square yards.

– I meant that the smoke and the noise – the constant going out and coming in of the work-people, might be annoying!

– I agree with you, Mr. Hale! said Fanny. – There is a continual smell of steam, and oily machinery – and the noise is perfectly deafening.

– I have heard noise that was called music far more deafening. The engine-room is at the street-end of the factory; we hardly hear it, except in summer weather, when all the windows are open; and as for the continual murmur of the work-people, it disturbs me no more than the humming of a hive of bees. If I think of it at all, I connect it with my son, and feel how all belongs to him, and that his is the head that directs it. Just now, there are no sounds to come from the mill; the hands have been ungrateful enough to turn out, as perhaps you have heard. But the very business (of which I spoke, when you entered), had reference to the steps he is going to take to make them learn their place. The expression on her face, always stern, deepened into dark anger, as she said this. Nor did it clear away when Mr. Thornton entered the room; for she saw, in an instant, the weight of care and anxiety which he could not shake off, although his guests received from him a greeting that appeared both cheerful and cordial. He shook hands with Margaret. He knew it was the first time their hands had met, though she was perfectly unconscious of the fact. He inquired after Mrs. Hale, and heard Mr. Hale's sanguine, hopeful account; and glancing at Margaret, to understand how far she agreed with her father, he saw that no dissenting shadow crossed her face. And as he looked with this intention, he was struck anew with her great beauty. He had never seen her in such dress before and yet now it appeared as if such elegance of attire was so befitting her noble figure and lofty serenity of countenance, that she ought to go always thus apparelled. She was talking to Fanny; about what, he could not hear; but he saw his sister's restless way of continually arranging some part of her gown, her wandering eyes, now glancing here, now there, but without any purpose in her observation; and he contrasted them uneasily with the large soft eyes that looked forth steadily at one object, as if from out their light beamed some gentle influence of repose: the curving lines of the red lips, just parted in the interest of listening to what her companion said – the head a little bent forwards, so as to make a long sweeping line from the summit, where the light caught on the glossy raven hair, to the smooth ivory tip of the shoulder; the round white arms, and taper hands, laid lightly across each other, but perfectly motionless in their pretty attitude. Mr. Thornton sighed as he took in all this with one of his sudden comprehensive glances. And then he turned his back to the young ladies, and threw himself, with

an effort, but with all his heart and soul, into a conversation with Mr. Hale.

More people came – more and more. Fanny left Margaret's side, and helped her mother to receive her guests. Mr. Thornton felt that in this influx no one was speaking to Margaret, and was restless under this apparent neglect. But he never went near her himself; he did not look at her. Only, he knew what she was doing – or not doing – better than he knew the movements of any one else in the room. Margaret was so unconscious of herself, and so much amused by watching other people, that she never thought whether she was left unnoticed or not. Somebody took her down to dinner; she did not catch the name; nor did he seem much inclined to talk to her. There was a very animated conversation going on among the gentlemen; the ladies, for the most part, were silent, employing themselves in taking notes of the dinner and criticising each other's dresses. Margaret caught the clue to the general conversation, grew interested and listened attentively. Mr. Horsfall, the stranger, whose visit to the town was the original germ of the party, was asking questions relative to the trade and manufactures of the place; and the rest of the gentlemen – all Milton men – were giving him answers and explanations. Some dispute arose, which was warmly contested; it was referred to Mr. Thornton, who had hardly spoken before; but who now gave an opinion, the grounds of which were so clearly stated that even the opponents yielded. Margaret's attention was thus called to her host; his whole manner as master of the house, and entertainer of his friends, was so straightforward, yet simple and modest, as to be thoroughly dignified. Margaret thought she had never seen him to so much advantage. When he had come to their house, there had been always something, either of over-eagerness or of that kind of vexed annoyance which seemed ready to pre-suppose that he was unjustly judged, and yet felt too proud to try and make himself better understood. But now, among his fellows, there was no uncertainty as to his position. He was regarded by them as a man of great force of character; of power in many ways. There was no need to struggle for their respect. He had it, and he knew it; and the security of this gave a fine grand quietness to his voice and ways, which Margaret had missed before.

He was not in the habit of talking to ladies; and what he did say was a little formal. To Margaret herself he hardly spoke at all. She was surprised to think how much she enjoyed this dinner. She knew enough now to understand many local interests – nay, even some of the technical words employed by the eager mill-owners. She silently took a very decided part in the question they were discussing. At any rate, they talked in desperate earnest – not in the used-up style that wearied her so in the old London parties. She wondered that with all this dwelling on the manufactures and trade of the place, no allusion was made to the strike then pending. She did not yet know how coolly such things were taken by the masters, as having only one possible end. To be sure, the men were cutting their own throats, as they had done many a time before; but if they would be fools, and put themselves into the hands of a rascally set of paid delegates, they must take the consequence. One or two thought Thornton looked out of spirits; and, of course, he must lose by this turn-out. But it was an accident that might happen

to themselves any day; and Thornton was as good to manage a strike as any one; for he was as iron a chap as any in Milton. The hands had mistaken their man in trying that dodge on him. And they chuckled inwardly at the idea of the workmen's discomfiture and defeat, in their attempt to alter one iota of what Thornton had decreed. It was rather dull for Margaret after dinner. She was glad when the gentlemen came, not merely because she caught her father's eye to brighten her sleepiness up; but because she could listen to something larger and grander than the petty interests which the ladies had been talking about. She liked the exultation in the sense of power which these Milton men had. It might be rather rampant in its display, and savour of boasting; but still they seemed to defy the old limits of possibility, in a kind of fine intoxication, caused by the recollection of what had been achieved, and what yet should be. If in her cooler moments she might not approve of their spirit in all things, still there was much to admire in their forgetfulness of themselves and the present, in their anticipated triumphs over all inanimate matter at some future time which none of them should live to see. She was rather startled when Mr. Thornton spoke to her, close at her elbow:

– I could see you were on our side in our discussion at dinner – were you not, Miss Hale?

– Certainly. But then I know so little about it. I was surprised, however, to find from what Mr. Horsfall said, that there were others who thought in so diametrically opposite a manner, as the Mr. Morison he spoke about. He cannot be a gentleman – is he?

– I am not quite the person to decide on another's gentlemanliness, Miss Hale. I mean, I don't quite understand your application of the word. But I should say that this Morison is no true man. I don't know who he is; I merely judge him from Mr. Horsfall's account.

– I suspect my “gentleman” includes your “true man”.

– And a great deal more, you would imply. I differ from you. A man is to me a higher and a completer being than a gentleman.

– What do you mean? asked Margaret. – We must understand the words differently.

– I take it that “gentleman” is a term that only describes a person in his relation to others; but when we speak of him as “a man”, we consider him not merely with regard to his fellow-men, but in relation to himself – to life – to time – to eternity. A cast-away lonely as Robinson Crusoe – a prisoner immured in a dungeon for life – nay, even a saint in Patmos, has his endurance, his strength, his faith, best described by being spoken of as “a man”. I am rather weary of this word “gentlemanly”, which seems to me to be often inappropriately used, and often, too, with such exaggerated distortion of meaning, while the full simplicity of the noun “man”, and the adjective “manly” are unacknowledged – that I am induced to class it with the cant of the day.

Margaret thought a moment – but before she could speak her slow conviction, he was called away by some of the eager manufacturers, whose speeches she could not hear, though she could guess at their import by the short clear answers Mr. Thornton gave, which came steady and firm as the boom of a distant minute gun. They were evidently talking of the turn-out, and suggesting what course had best be pursued. She heard Mr. Thornton say:

– That has been done. Then came a hurried murmur, in which two or three joined.

– All those arrangements have been made.

Some doubts were implied, some difficulties named by Mr. Slickson, who took hold of Mr. Thornton's arm, the better to impress his words. Mr. Thornton moved slightly away, lifted his eyebrows a very little, and then replied:

– I take the risk. You need not join in it unless you choose. Still some more fears were urged.

– I'm not afraid of anything so dastardly as incendiarism. We are open enemies; and I can protect myself from any violence that I apprehend. And I will assuredly protect all others who come to me for work. They know my determination by this time, as well and as fully as you do.

Mr. Horsfall took him a little on one side, as Margaret conjectured, to ask him some other question about the strike; but, in truth, it was to inquire who she herself was – so quiet, so stately, and so beautiful.

– A Milton lady? asked he, as the name was given.

– No! from the south of England – Hampshire, I believe, was the cold, indifferent answer.

Mrs. Slickson was catechising Fanny on the same subject.

– Who is that fine distinguished-looking girl? a sister of Mr. Horsfall's?

– Oh dear, no! That is Mr. Hale, her father, talking now to Mr. Stephens. He gives lessons; that is to say, he reads with young men. My brother John goes to him twice a week, and so he begged mamma to ask them here, in hopes of getting him known. I believe, we have some of their prospectuses, if you would like to have one.

– Mr. Thornton! Does he really find time to read with a tutor, in the midst of all his business – and this abominable strike in hand as well?

Fanny was not sure, from Mrs. Slickson's manner, whether she ought to be proud or ashamed of her brother's conduct; and, like all people who try and take other people's 'ought' for the rule of their feelings, she was inclined to blush for any singularity of action. Her shame was interrupted by the dispersion of the guests.

CHAPTER 21
THE DARK NIGHT

“On earth is known to none
The smile that is not sister to a tear”.
Elliott

Margaret and her father walked home. The night was fine, the streets clean, and with her pretty white silk, like Leezie Lindsay’s gown o’ green satin, in the ballad, ‘kilted up to her knee,’ she was off with her father – ready to dance along with the excitement of the cool, fresh night air.

– I rather think Thornton is not quite easy in his mind about this strike. He seemed very anxious tonight.

– I should wonder if he were not. But he spoke with his usual coolness to the others, when they suggested different things, just before we came away.

– So he did after dinner as well. It would take a good deal to stir him from his cool manner of speaking; but his face strikes me as anxious.

– I should be, if I were he. He must know of the growing anger and hardly smothered hatred of his workpeople, who all look upon him as what the Bible calls a “hard man,” – not so much unjust as unfeeling; clear in judgment, standing upon his “rights” as no human being ought to stand, considering what we and all our petty rights are in the sight of the Almighty. I am glad you think he looks anxious. When I remember Boucher’s half mad words and ways, I cannot bear to think how coolly Mr. Thornton spoke.

– In the first place, I am not so convinced as you are about that man Boucher’s utter distress; for the moment, he was badly off, I don’t doubt. But there is always a mysterious supply of money from these Unions; and, from what you said, it was evident the man was of a passionate, demonstrative nature, and gave strong expression to all he felt.

– Oh, papa!

– Well! I only want you to do justice to Mr. Thornton, who is, I suspect, of an exactly opposite nature – a man who is far too proud to show his feelings. Just the character I should have thought beforehand, you would have admired, Margaret.

– So I do – so I should; but I don’t feel quite so sure as you do of the existence of those feelings. He is a man of great strength of character – of unusual intellect, considering the few advantages he has had.

– Not so few. He has led a practical life from a very early age; has been called upon to exercise judgment and self-control. All that develops one part of the intellect. To be sure, he needs some of the knowledge of the past, which gives the truest basis for conjecture as to the future; but he knows this need – he perceives it, and that is something. You are quite prejudiced against Mr. Thornton, Margaret.

– He is the first specimen of a manufacturer – of a person engaged in trade – that I had ever the opportunity of studying, papa. He is my first olive: let me make a face while I swallow it. I know he is good of his kind, and by and by I shall like the kind. I rather think I am already beginning to do so. I was very much interested by what the gentlemen were talking about, although I did not understand half of it. I was quite sorry when Miss Thornton came to take me to the other end of the room, saying she was sure I should be uncomfortable at being the only lady among so many gentlemen. I had never thought about it, I was so busy listening; and the ladies were so dull, papa – oh, so dull! Yet I think it was clever too. It reminded me of our old game of having each so many nouns to introduce into a sentence.

– What do you mean, child? asked Mr. Hale.

– Why, they took nouns that were signs of things which gave evidence of wealth – housekeepers, under-gardeners, extent of glass, valuable lace, diamonds, and all such things; and each one formed her speech so as to bring them all in, in the prettiest accidental manner possible.

– You will be as proud of your one servant when you get her, if all is true about her that Mrs. Thornton says.

– To be sure, I shall. I felt like a great hypocrite tonight, sitting there in my white silk gown, with my idle hands before me, when I remembered all the good, thorough, house-work they had done today. They took me for a fine lady, I'm sure.

– Even I was mistaken enough to think you looked like a lady my dear, said Mr. Hale, quietly smiling.

But smiles were changed to white and trembling looks, when they saw Dixon's face, as she opened the door.

– Oh, master! – Oh, Miss Margaret! Thank God you are come! Dr. Donaldson is here. The servant next door went for him, for the charwoman is gone home. She's better now; but, oh, sir! I thought she'd have died an hour ago.

Mr. Hale caught Margaret's arm to steady himself from falling. He looked at her face, and saw an expression upon it of surprise and extremest sorrow, but not the agony of terror that contracted his own unprepared heart. She knew more than he did, and yet she listened with that hopeless expression of awed apprehension.

– Oh! I should not have left her – wicked daughter that I am! moaned

forth Margaret, as she supported her trembling father's hasty steps up-stairs. Dr. Donaldson met them on the landing.

– She is better now, he whispered. – The opiate has taken effect. The spasms were very bad: no wonder they frightened your maid; but she'll rally this time.

– This time! Let me go to her! Half an hour ago, Mr. Hale was a middle-aged man; now his sight was dim, his senses wavering, his walk tottering, as if he were seventy years of age.

Dr. Donaldson took his arm, and led him into the bedroom. Margaret followed close. There lay her mother, with an unmistakable look on her face. She might be better now; she was sleeping, but Death had signed her for his own, and it was clear that ere long he would return to take possession. Mr. Hale looked at her for some time without a word. Then he began to shake all over, and, turning away from Dr. Donaldson's anxious care, he groped to find the door; he could not see it, although several candles, brought in the sudden affright, were burning and flaring there. He staggered into the drawing-room, and felt about for a chair. Dr. Donaldson wheeled one to him, and placed him in it. He felt his pulse.

– Speak to him, Miss Hale. We must rouse him.

– Papa! said Margaret, with a crying voice that was wild with pain. – Papa! Speak to me! The speculation came again into his eyes, and he made a great effort.

– Margaret, did you know of this? Oh, it was cruel of you!

– No, sir, it was not cruel! replied Dr. Donaldson, with quick decision. – Miss Hale acted under my directions. There may have been a mistake, but it was not cruel. Your wife will be a different creature tomorrow, I trust. She has had spasms, as I anticipated, though I did not tell Miss Hale of my apprehensions. She has taken the opiate I brought with me; she will have a good long sleep; and tomorrow, that look which has alarmed you so much will have passed away.

– But not the disease?

Dr. Donaldson glanced at Margaret. Her bent head, her face raised with no appeal for a temporary reprieve, showed that quick observer of human nature that she thought it better that the whole truth should be told.

– Not the disease. We cannot touch the disease, with all our poor vaunted skill. We can only delay its progress – alleviate the pain it causes. Be a man, sir – a Christian. Have faith in the immortality of the soul, which no pain, no mortal disease, can assail or touch!

But all the reply he got, was in the choked words – You have never been married, Dr. Donaldson; you do not know what it is, and in the deep, manly sobs, which went through the stillness of the night like heavy pulses of agony. Margaret knelt by him, caressing him with tearful caresses. No one, not even Dr. Donaldson, knew how the time went by. Mr. Hale was the first to dare to speak of

the necessities of the present moment.

– What must we do? asked he. – Tell us both. Margaret is my staff – my right hand.

Dr. Donaldson gave his clear, sensible directions. No fear for tonight – nay, even peace for tomorrow, and for many days yet. But no enduring hope of recovery. He advised Mr. Hale to go to bed, and leave only one to watch the slumber, which he hoped would be undisturbed. He promised to come again early in the morning. And with a warm and kindly shake of the hand, he left them. They spoke but few words; they were too much exhausted by their terror to do more than decide upon the immediate course of action. Mr. Hale was resolved to sit up through the night, and all that Margaret could do was to prevail upon him to rest on the drawing-room sofa. Dixon stoutly and bluntly refused to go to bed; and, as for Margaret, it was simply impossible that she should leave her mother, let all the doctors in the world speak of ‘husbanding resources,’ and ‘one watcher only being required.’ So, Dixon sat, and stared, and winked, and drooped, and picked herself up again with a jerk, and finally gave up the battle, and fairly snored. Margaret had taken off her gown and tossed it aside with a sort of impatient disgust, and put on her dressing-gown. She felt as if she never could sleep again; as if her whole senses were acutely vital, and all endued with double keenness, for the purposes of watching. Every sight and sound – nay, even every thought, touched some nerve to the very quick. For more than two hours, she heard her father’s restless movements in the next room. He came perpetually to the door of her mother’s chamber, pausing there to listen, till she, not hearing his close unseen presence, went and opened it to tell him how all went on, in reply to the questions his baked lips could hardly form. At last he, too, fell asleep, and all the house was still. Margaret sate behind the curtain thinking. Far away in time, far away in space, seemed all the interests of past days. Not more than thirty-six hours ago, she cared for Bessy Higgins and her father, and her heart was wrung for Boucher; now, that was all like a dreaming memory of some former life; – everything that had passed out of doors seemed dissevered from her mother, and therefore unreal. Even Harley Street appeared more distinct; there she remembered, as if it were yesterday, how she had pleased herself with tracing out her mother’s features in her Aunt Shaw’s face – and how letters had come, making her dwell on the thoughts of home with all the longing of love. Helstone, itself, was in the dim past. The dull gray days of the preceding winter and spring, so uneventful and monotonous, seemed more associated with what she cared for now above all price. She would fain have caught at the skirts of that departing time, and prayed it to return, and give her back what she had too little valued while it was yet in her possession. What a vain show Life seemed! How unsubstantial, and flickering, and flitting! It was as if from some aerial belfry, high up above the stir and jar of the earth, there was a bell continually tolling – All are shadows! – all are passing! – all is past! And when the morning dawned, cool and gray, like many a happier morning before – when Margaret looked one by one at the sleepers, it seemed as if the terrible night were unreal as a dream; it, too, was a shadow. It, too, was past.

Mrs. Hale herself was not aware when she awoke, how ill she had been the night before. She was rather surprised at Dr. Donaldson's early visit, and perplexed by the anxious faces of husband and child. She consented to remain in bed that day, saying she certainly was tired; but, the next, she insisted on getting up; and Dr. Donaldson gave his consent to her returning into the drawing-room. She was restless and uncomfortable in every position, and before night she became very feverish. Mr. Hale was utterly listless, and incapable of deciding on anything.

– What can we do to spare mamma such another night? Asked Margaret on the third day.

– It is, to a certain degree, the reaction after the powerful opiates I have been obliged to use. It is more painful for you to see than for her to bear, I believe. But, I think, if we could get a water-bed it might be a good thing. Not but what she will be better tomorrow; pretty much like herself as she was before this attack. Still, I should like her to have a water-bed. Mrs. Thornton has one, I know. I'll try and call there this afternoon. Stay, said he, his eye catching on Margaret's face, blanched with watching in a sick room – I'm not sure whether I can go; I've a long round to take. It would do you no harm to have a brisk walk to Marlborough Street, and ask Mrs. Thornton if she can spare it.

– Certainly, said Margaret. – I could go while mamma is asleep this afternoon. I'm sure Mrs. Thornton would lend it to us.

Dr. Donaldson's experience told them rightly. Mrs. Hale seemed to shake off the consequences of her attack, and looked brighter and better this afternoon than Margaret had ever hoped to see her again. Her daughter left her after dinner, sitting in her easy chair, with her hand lying in her husband's, who looked more worn and suffering than she by far. Still, he could smile now-rather slowly, rather faintly, it is true; but a day or two before, Margaret never thought to see him smile again.

It was about two miles from their house in Crampton Crescent to Marlborough Street. It was too hot to walk very quickly. An August sun beat straight down into the street at three o'clock in the afternoon. Margaret went along, without noticing anything very different from usual in the first mile and a half of her journey; she was absorbed in her own thoughts, and had learnt by this time to thread her way through the irregular stream of human beings that flowed through Milton streets. But, by and by, she was struck with an unusual heaving among the mass of people in the crowded road on which she was entering. They did not appear to be moving on, so much as talking, and listening, and buzzing with excitement, without much stirring from the spot where they might happen to be. Still, as they made way for her, and, wrapt up in the purpose of her errand, and the necessities that suggested it, she was less quick of observation than she might have been, if her mind had been at ease, she had got into Marlborough Street before the full conviction forced itself upon her, that there was a restless, oppressive sense of irritation abroad among the people; a thunderous atmosphere,

morally as well as physically, around her. From every narrow lane opening out on Marlborough Street came up a low distant roar, as of myriads of fierce indignant voices. The inhabitants of each poor squalid dwelling were gathered round the doors and windows, if indeed they were not actually standing in the middle of the narrow ways – all with looks intent towards one point. Marlborough Street itself was the focus of all those human eyes, that betrayed intensest interest of various kinds; some fierce with anger, some lowering with relentless threats, some dilated with fear, or imploring entreaty; and, as Margaret reached the small side-entrance by the folding doors, in the great dead wall of Marlborough mill-yard and waited the porter's answer to the bell, she looked round and heard the first long far-off roll of the tempest; – saw the first slow-surfing wave of the dark crowd come, with its threatening crest, tumble over, and retreat, at the far end of the street, which a moment ago, seemed so full of repressed noise, but which now was ominously still; all these circumstances forced themselves on Margaret's notice, but did not sink down into her pre-occupied heart. She did not know what they meant – what was their deep significance; while she did know, did feel the keen sharp pressure of the knife that was soon to stab her through and through by leaving her motherless. She was trying to realise that, in order that, when it came, she might be ready to comfort her father.

The porter opened the door cautiously, not nearly wide enough to admit her.

– It's you, is it, ma'am? said he, drawing a long breath, and widening the entrance, but still not opening it fully. Margaret went in. He hastily bolted it behind her.

– Th'folk are all coming up here I reckon? asked he.

– I don't know. Something unusual seemed going on; but this street is quite empty, I think.

She went across the yard and up the steps to the house door. There was no near sound – no steam-engine at work with beat and pant – no click of machinery, or mingling and clashing of many sharp voices; but far away, the ominous gathering roar, deep-clamouring.

CHAPTER 22

A BLOW AND ITS CONSEQUENCES

“But work grew scarce, while bread grew dear,
And wages lessened, too;
For Irish hordes were bidders here,
Our half-paid work to do”.
Corn Law Rhymes

Margaret was shown into the drawing-room. It had returned into its normal state of bag and covering. The windows were half open because of the heat, and the Venetian blinds covered the glass – so that a gray grim light, reflected from the pavement below, threw all the shadows wrong, and combined with the green-tinged upper light to make even Margaret's own face, as she caught it in the mirrors, look ghastly and wan. She sat and waited; no one came. Every now and then, the wind seemed to bear the distant multitudinous sound nearer; and yet there was no wind! It died away into profound stillness between whiles.

Fanny came in at last.

– Mamma will come directly, Miss Hale. She desired me to apologise to you as it is. Perhaps you know my brother has imported hands from Ireland, and it has irritated the Milton people excessively – as if he hadn't a right to get labour where he could; and the stupid wretches here wouldn't work for him; and now they've frightened these poor Irish starvelings so with their threats, that we daren't let them out. You may see them huddled in that top room in the mill – and they're to sleep there, to keep them safe from those brutes, who will neither work nor let them work. And mamma is seeing about their food, and John is speaking to them, for some of the women are crying to go back Ah! here's mamma!

Mrs. Thornton came in with a look of black sternness on her face, which made Margaret feel she had arrived at a bad time to trouble her with her request. However, it was only in compliance with Mrs. Thornton's expressed desire, that she would ask for whatever they might want in the progress of her mother's illness. Mrs. Thornton's brow contracted, and her mouth grew set, while Margaret spoke with gentle modesty of her mother's restlessness, and Dr. Donaldson's wish that she should have the relief of a water-bed. She ceased. Mrs. Thornton did not reply immediately. Then she started up and exclaimed –

– They're at the gates! Call John, Fanny – call him in from the mill! They're at the gates! They'll batter them in! Call John, I say!

And simultaneously, the gathering tramp – to which she had been listening, instead of heeding Margaret's words – was heard just right outside the

wall, and an increasing din of angry voices raged behind the wooden barrier, which shook as if the unseen maddened crowd made battering-rams of their bodies, and retreated a short space only to come with more united steady impetus against it, till their great beats made the strong gates quiver, like reeds before the wind. The women gathered round the windows, fascinated to look on the scene which terrified them. Mrs. Thornton, the women-servants, Margaret – all were there. Fanny had returned, screaming up-stairs as if pursued at every step, and had thrown herself in hysterical sobbing on the sofa. Mrs. Thornton watched for her son, who was still in the mill. He came out, looked up at them – the pale cluster of faces – and smiled good courage to them, before he locked the factory-door. Then he called to one of the women to come down and undo his own door, which Fanny had fastened behind her in her mad flight. Mrs. Thornton herself went. And the sound of his well-known and commanding voice, seemed to have been like the taste of blood to the infuriated multitude outside. Hitherto they had been voiceless, wordless, needing all their breath for their hard-labouring efforts to break down the gates. But now, hearing him speak inside, they set up such a fierce unearthly groan, that even Mrs. Thornton was white with fear as she preceded him into the room. He came in a little flushed, but his eyes gleaming, as in answer to the trumpet-call of danger, and with a proud look of defiance on his face, that made him a noble, if not a handsome man. Margaret had always dreaded lest her courage should fail her in any emergency, and she should be proved to be, what she dreaded lest she was – a coward. But now, in this real great time of reasonable fear and nearness of terror, she forgot herself, and felt only an intense sympathy – intense to painfulness – in the interests of the moment.

Mr. Thornton came frankly forwards:

– I'm sorry, Miss Hale, you have visited us at this unfortunate moment, when, I fear, you may be involved in whatever risk we have to bear. Mother! hadn't you better go into the back rooms? I'm not sure whether they may not have made their way from Pinner's Lane into the stable-yard; but if not, you will be safer there than here. Go Jane! continued he, addressing the upper-servant. And she went, followed by the others.

– I stop here! said his mother. – Where you are, there I stay. And indeed, retreat into the back rooms was of no avail; the crowd had surrounded the outbuildings at the rear, and were sending forth their awful threatening roar behind. The servants retreated into the garrets, with many a cry and shriek. Mr. Thornton smiled scornfully as he heard them. He glanced at Margaret, standing all by herself at the window nearest the factory. Her eyes glittered, her colour was deepened on cheek and lip. As if she felt his look, she turned to him and asked a question that had been for some time in her mind:

– Where are the poor imported work-people? In the factory there?

– Yes! I left them covered up in a small room, at the head of a back flight of stairs; bidding them run all risks, and escape down there, if they heard any attack made on the mill-doors. But it is not them – it is me they want.

– When can the soldiers be here? asked his mother, in a low but not unsteady voice.

He took out his watch with the same measured composure with which he did everything. He made some little calculation:

– Supposing Williams got straight off when I told him, and hadn't to dodge about amongst them – it must be twenty minutes yet.

– Twenty minutes! said his mother, for the first time showing her terror in the tones of her voice.

– Shut down the windows instantly, mother, exclaimed he: – the gates won't bear such another shock. Shut down that window, Miss Hale.

Margaret shut down her window, and then went to assist Mrs. Thornton's trembling fingers.

From some cause or other, there was a pause of several minutes in the unseen street. Mrs. Thornton looked with wild anxiety at her son's countenance, as if to gain the interpretation of the sudden stillness from him. His face was set into rigid lines of contemptuous defiance; neither hope nor fear could be read there.

Fanny raised herself up:

– Are they gone? asked she, in a whisper.

– Gone! replied he. – Listen!

She did listen; they all could hear the one great straining breath; the creak of wood slowly yielding; the wrench of iron; the mighty fall of the ponderous gates. Fanny stood up tottering – made a step or two towards her mother, and fell forwards into her arms in a fainting fit. Mrs. Thornton lifted her up with a strength that was as much that of the will as of the body, and carried her away.

– Thank God! said Mr. Thornton, as he watched her out. – Had you not better go upstairs, Miss Hale?

Margaret's lips formed a – No! – but he could not hear her speak, for the tramp of innumerable steps right under the very wall of the house, and the fierce growl of low deep angry voices that had a ferocious murmur of satisfaction in them, more dreadful than their baffled cries not many minutes before.

– Never mind! said he, thinking to encourage her. – I am very sorry you should have been entrapped into all this alarm; but it cannot last long now; a few minutes more, and the soldiers will be here.

– Oh, God! cried Margaret, suddenly; – there is Boucher. I know his face, though he is livid with rage – he is fighting to get to the front – look! look!

– Who is Boucher? asked Mr. Thornton, coolly, and coming close to the window to discover the man in whom Margaret took such an interest. As soon as they saw Mr. Thornton, they set up a yell – to call it not human is nothing – it was as the demoniac desire of some terrible wild beast for the food that is withheld

from his ravening. Even he drew hack for a moment, dismayed at the intensity of hatred he had provoked.

– Let them yell! said he. – In five minutes more – I only hope my poor Irishmen are not terrified out of their wits by such a fiendlike noise. Keep up your courage for five minutes, Miss Hale.

– Don't be afraid for me, she said hastily. – But what in five minutes? Can you do nothing to soothe these poor creatures? It is awful to see them.

– The soldiers will be here directly, and that will bring them to reason.

– To reason! said Margaret, quickly. – What kind of reason?

– The only reason that does with men that make themselves into wild beasts. By heaven! they've turned to the mill-door!

– Mr. Thornton, said Margaret, shaking all over with her passion – go down this instant, if you are not a coward. Go down and face them like a man. Save these poor strangers, whom you have decoyed here. Speak to your workmen as if they were human beings. Speak to them kindly. Don't let the soldiers come in and cut down poor-creatures who are driven mad. I see one there who is. If you have any courage or noble quality in you, go out and speak to them, man to man.

He turned and looked at her while she spoke. A dark cloud came over his face while he listened. He set his teeth as he heard her words.

– I will go. Perhaps I may ask you to accompany me downstairs, and bar the door behind me; my mother and sister will need that protection.

– Oh! Mr. Thornton! I do not know – I may be wrong – only –

But he was gone; he was downstairs in the hall; he had unbarred the front door; all she could do, was to follow him quickly, and fasten it behind him, and clamber up the stairs again with a sick heart and a dizzy head. Again she took her place by the farthest window. He was on the steps below; she saw that by the direction of a thousand angry eyes; but she could neither see nor hear any-thing save the savage satisfaction of the rolling angry murmur. She threw the window wide open. Many in the crowd were mere boys; cruel and thoughtless – cruel because they were thoughtless; some were men, gaunt as wolves, and mad for prey. She knew how it was; they were like Boucher, with starving children at home – relying on ultimate success in their efforts to get higher wages, and enraged beyond measure at discovering that Irishmen were to be brought in to rob their little ones of bread. Margaret knew it all; she read it in Boucher's face, forlornly desperate and livid with rage. If Mr. Thornton would but say something to them – let them hear his voice only – it seemed as if it would be better than this wild beating and raging against the stony silence that vouchsafed them no word, even of anger or reproach. But perhaps he was speaking now; there was a momentary hush of their noise, inarticulate as that of a troop of animals. She tore her bonnet off; and bent forwards to hear. She could only see; for if Mr. Thornton

had indeed made the attempt to speak, the momentary instinct to listen to him was past and gone, and the people were raging worse than ever. He stood with his arms folded; still as a statue; his face pale with repressed excitement. They were trying to intimidate him – to make him flinch; each was urging the other on to some immediate act of personal violence. Margaret felt intuitively, that in an instant all would be uproar; the first touch would cause an explosion, in which, among such hundreds of infuriated men and reckless boys, even Mr. Thornton's life would be unsafe – that in another instant the stormy passions would have passed their bounds, and swept away all barriers of reason, or apprehension of consequence. Even while she looked, she saw lads in the back-ground stooping to take off their heavy wooden clogs – the readiest missile they could find; she saw it was the spark to the gunpowder, and, with a cry, which no one heard, she rushed out of the room, down stairs – she had lifted the great iron bar of the door with an imperious force – had thrown the door open wide – and was there, in face of that angry sea of men, her eyes smiting them with flaming arrows of reproach. The clogs were arrested in the hands that held them – the countenances, so fell not a moment before, now looked irresolute, and as if asking what this meant. For she stood between them and their enemy. She could not speak, but held out her arms towards them till she could recover breath.

– Oh, do not use violence! He is one man, and you are many; but her words died away, for there was no tone in her voice; it was but a hoarse whisper. Mr. Thornton stood a little on one side; he had moved away from behind her, as if jealous of anything that should come between him and danger.

– Go! said she, once more (and now her voice was like a cry). – The soldiers are sent for – are coming. Go peaceably. Go away. You shall have relief from your complaints, whatever they are.

– Shall them Irish blackguards be packed back again? asked one from out the crowd, with fierce threatening in his voice.

– Never, for your bidding! exclaimed Mr. Thornton. And instantly the storm broke. The hootings rose and filled the air – but Margaret did not hear them. Her eye was on the group of lads who had armed themselves with their clogs some time before. She saw their gesture – she knew its meaning – she read their aim. Another moment, and Mr. Thornton might be smitten down – he whom she had urged and goaded to come to this perilous place. She only thought how she could save him. She threw her arms around him; she made her body into a shield from the fierce people beyond. Still, with his arms folded, he shook her off.

– Go away, said he, in his deep voice. – This is no place for you.

– It is! said she. – You did not see what I saw. If she thought her sex would be a protection – if, with shrinking eyes she had turned away from the terrible anger of these men, in any hope that ere she looked again they would have paused and reflected, and slunk away, and vanished – she was wrong. Their reckless passion had carried them too far to stop – at least had carried some of them too far; for it is always the savage lads, with their love of cruel excitement,

who head the riot – reckless to what bloodshed it may lead. A clog whizzed through the air. Margaret's fascinated eyes watched its progress; it missed its aim, and she turned sick with affright, but changed not her position, only hid her face on Mr. Thornton's arm. Then she turned and spoke again:

– For God's sake! do not damage your cause by this violence. You do not know what you are doing. She strove to make her words distinct.

A sharp pebble flew by her, grazing forehead and cheek, and drawing a blinding sheet of light before her eyes. She lay like one dead on Mr. Thornton's shoulder. Then he unfolded his arms, and held her encircled in one for an instant:

– You do well! said he. – You come to oust the innocent stranger. You fall – you hundreds – on one man; and when a woman comes before you, to ask you for your own sakes to be reasonable creatures, your cowardly wrath falls upon her! You do well! They were silent while he spoke. They were watching, open-eyed and open-mouthed, the thread of dark-red blood which wakened them up from their trance of passion. Those nearest the gate stole out ashamed; there was a movement through all the crowd – a retreating movement. Only one voice cried out:

– Th' stone were meant for thee; but thou wert sheltered behind a woman!

Mr. Thornton quivered with rage. The blood-flowing had made Margaret conscious – dimly, vaguely conscious. He placed her gently on the door-step, her head leaning against the frame.

– Can you rest there? he asked. But without waiting for her answer, he went slowly down the steps right into the middle of the crowd. – Now kill me, if it is your brutal will. There is no woman to shield me here. You may beat me to death – you will never move me from what I have determined upon – not you! He stood amongst them, with his arms folded, in precisely the same attitude as he had been in on the steps.

But the retrograde movement towards the gate had begun – as unreasoningly, perhaps as blindly, as the simultaneous anger. Or, perhaps, the idea of the approach of the soldiers, and the sight of that pale, upturned face, with closed eyes, still and sad as marble, though the tears welled out of the long entanglement of eyelashes and dropped down; and, heavier, slower plash than even tears, came the drip of blood from her wound. Even the most desperate – Boucher himself – drew back, faltered away, scowled, and finally went off, muttering curses on the master, who stood in his unchanging attitude, looking after their retreat with defiant eyes. The moment that retreat had changed into a flight (as it was sure from its very character to do), he darted up the steps to Margaret. She tried to rise without his help.

– It is nothing, she said, with a sickly smile. – The skin is grazed, and I was stunned at the moment. Oh, I am so thankful they are gone! And she cried without restraint.

He could not sympathise with her. His anger had not abated; it was rather rising the more as his sense of immediate danger was passing away. The distant clank of the soldiers was heard just five minutes too late to make this vanished mob feel the power of authority and order. He hoped they would see the troops, and be quelled by the thought of their narrow escape. While these thoughts crossed his mind, Margaret clung to the doorpost to steady herself: but a film came over her eyes – he was only just in time to catch her. – Mother – mother! cried he; – Come down – they are gone, and Miss Hale is hurt! He bore her into the dining-room, and laid her on the sofa there; laid her down softly, and looking on her pure white face, the sense of what she was to him came upon him so keenly that he spoke it out in his pain:

– Oh, my Margaret – my Margaret! no one can tell what you are to me! Dead – cold as you lie there, you are the only woman I ever loved! Oh, Margaret – Margaret! Inarticulately as he spoke, kneeling by her, and rather moaning than saying the words, he started up, ashamed of himself, as his mother came in. She saw nothing, but her son a little paler, a little sterner than usual.

– Miss Hale is hurt, mother. A stone has grazed her temple. She has lost a good deal of blood, I'm afraid.

– She looks very seriously hurt – I could almost fancy her dead, said Mrs. Thornton, a good deal alarmed.

– It is only a fainting-fit. She has spoken to me since. But all the blood in his body seemed to rush inwards to his heart as he spoke, and he absolutely trembled.

– Go and call Jane – she can find me the things I want; and do you go to your Irish people, who are crying and shouting as if they were mad with fright. He went. He went away as if weights were tied to every limb that bore him from her. He called Jane; he called his sister. She should have all womanly care, all gentle tendance. But every pulse beat in him as he remembered how she had come down and placed herself in foremost danger – could it be to save him? At the time, he had pushed her aside, and spoken gruffly; he had seen nothing but the unnecessary danger she had placed herself in. He went to his Irish people, with every nerve in his body thrilling at the thought of her, and found it difficult to understand enough of what they were saying to soothe and comfort away their fears. There, they declared, they would not stop; they claimed to be sent back. And so he had to think, and talk, and reason.

Mrs. Thornton bathed Margaret's temples with eau de Cologne. As the spirit touched the wound, which till then neither Mrs. Thornton nor Jane had perceived, Margaret opened her eyes; but it was evident she did not know where she was, nor who they were. The dark circles deepened, the lips quivered and contracted, and she became insensible once more.

– She has had a terrible blow, said Mrs. Thornton. – Is there any one who will go for a doctor?

– Not me, ma'am, if you please, said Jane, shrinking back – Them rabble may be all about; I don't think the cut is so deep, ma'am, as it looks.

– I will not run the chance. She was hurt in our house. If you are a coward, Jane, I am not. I will go.

– Pray, ma'am, let me send one of the police. There's ever so many come up, and soldiers too.

– And yet you're afraid to go! I will not have their time taken up with our errands. They'll have enough to do to catch some of the mob. You will not be afraid to stop in this house, she asked contemptuously – and go on bathing Miss Hale's forehead, shall you? I shall not be ten minutes away.

– Couldn't Hannah go, ma'am?

– Why Hannah? Why any but you? No, Jane, if you don't go, I do.

Mrs. Thornton went first to the room in which she had left Fanny stretched on the bed. She started up as her mother entered.

– Oh, mamma, how you terrified me! I thought you were a man that had got into the house.

– Nonsense! The men are all gone away. There are soldiers all round the place, seeking for their work now it is too late. Miss Hale is lying on the dining-room sofa badly hurt. I am going for the doctor.

– Oh! don't, mamma! they'll murder you. She clung to her mother's gown. Mrs. Thornton wrenched it away with no gentle hand.

– Find me some one else to go but that girl must not bleed to death.

– Bleed! oh, how horrid! How has she got hurt?

– I don't know – I have no time to ask. Go down to her, Fanny, and do try to make yourself of use. Jane is with her; and I trust it looks worse than it is. Jane has refused to leave the house, cowardly woman! And I won't put myself in the way of any more refusals from my servants, so I am going myself.

– Oh, dear, dear! said Fanny, crying, and preparing to go down rather than be left alone, with the thought of wounds and bloodshed in the very house.

– Oh, Jane! said she, creeping into the dining-room – what is the matter? How white she looks! How did she get hurt? Did they throw stones into the drawing-room?

Margaret did indeed look white and wan, although her senses were beginning to return to her. But the sickly daze of the swoon made her still miserably faint. She was conscious of movement around her, and of refreshment from the eau de Cologne, and a craving for the bathing to go on without intermission; but when they stopped to talk, she could no more have opened her eyes, or spoken to ask for more bathing, than the people who lie in death-like

trance can move, or utter sound, to arrest the awful preparations for their burial, while they are yet fully aware, not merely of the actions of those around them, but of the idea that is the motive for such actions.

Jane paused in her bathing, to reply to Miss Thornton's question.

– She'd have been safe enough, miss, if she'd stayed in the drawing-room, or come up to us; we were in the front garret, and could see it all, out of harm's way.

– Where was she, then? said Fanny, drawing nearer by slow degrees, as she became accustomed to the sight of Margaret's pale face.

– Just before the front door – with master! said Jane, significantly.

– With John! with my brother! How did she get there?

– Nay, miss, that's not for me to say, answered Jane, with a slight toss of her head. – Sarah did...

– Sarah what? said Fanny, with impatient curiosity.

Jane resumed her bathing, as if what Sarah did or said was not exactly the thing she liked to repeat.

– Sarah what? asked Fanny, sharply. – Don't speak in these half sentences, or I can't understand you.

– Well, miss, since you will have it – Sarah, you see, was in the best place for seeing, being at the right-hand window; and she says, and said at the very time too, that she saw Miss Hale with her arms about master's neck, hugging him before all the people.

– I don't believe it, said Fanny. – I know she cares for my brother; any one can see that; and I dare say, she'd give her eyes if he'd marry her – which he never will, I can tell her. But I don't believe she'd be so bold and forward as to put her arms round his neck.

– Poor young lady! she's paid for it dearly if she did. It's my belief, that the blow has given her such an ascendancy of blood to the head as she'll never get the better from. She looks like a corpse now.

– Oh, I wish mamma would come! said Fanny, wringing her hands. – I never was in the room with a dead person before.

– Stay, miss! She's not dead: her eye-lids are quivering, and here's wet tears a-coming down her cheeks. Speak to her, Miss Fanny!

– Are you better now? asked Fanny, in a quavering voice.

No answer; no sign of recognition; but a faint pink colour returned to her lips, although the rest of her face was ashen pale.

Mrs. Thornton came hurriedly in, with the nearest surgeon she could

find. – How is she? Are you better, my dear? as Margaret opened her filmy eyes, and gazed dreamily at her. – Here is Mr. Lowe come to see you.

Mrs. Thornton spoke loudly and distinctly, as to a deaf person. Margaret tried to rise, and drew her ruffled, luxuriant hair instinctly over the cut. – I am better now, said she, in a very low, faint voice. I was a little sick. She let him take her hand and feel her pulse. The bright colour came for a moment into her face, when he asked to examine the wound in her forehead; and she glanced up at Jane, as if shrinking from her inspection more than from the doctor's.

– It is not much, I think I am better now. I must go home.

– Not until I have applied some strips of plaster; and you have rested a little.

She sat down hastily, without another word, and allowed it to be bound up.

– Now, if you please, said she – I must go. Mamma will not see it, I think It is under the hair, is it not?

– Quite; no one could tell.

– But you must not go, said Mrs. Thornton, impatiently. – You are not fit to go.

– I must, said Margaret, decidedly. – Think of mamma. If they should hear..Besides, I must go, said she, vehemently. – I cannot stay here. May I ask for a cab?

– You are quite flushed and feverish, observed Mr. Lowe.

'It is only with being here, when I do so want to go. The air – getting away, would do me more good than anything,' pleaded she.

– I really believe it is as she says, Mr. Lowe replied. – If her mother is so ill as you told me on the way here, it may be very serious if she hears of this riot, and does not see her daughter back at the time she expects. The injury is not deep. I will fetch a cab, if your servants are still afraid to go out.

– Oh, thank you! said Margaret. – It will do me more good than anything. It is the air of this room that makes me feel so miserable.

She leant back on the sofa, and closed her eyes. Fanny beckoned her mother out of the room, and told her something that made her equally anxious with Margaret for the departure of the latter. Not that she fully believed Fanny's statement; but she credited enough to make her manner to Margaret appear very much constrained, at wishing her good-bye.

Mr. Lowe returned in the cab.

– If you will allow me, I will see you home, Miss Hale. The streets are not very quiet yet.

Margaret's thoughts were quite alive enough to the present to make her desirous of getting rid of both Mr. Lowe and the cab before she reached Crampton Crescent, for fear of alarming her father and mother. Beyond that one aim she would not look. That ugly dream of insolent words spoken about herself, could never be forgotten – but could be put aside till she was stronger – for, oh! she was very weak; and her mind sought for some present fact to steady itself upon, and keep it from utterly losing consciousness in another hideous, sickly swoon.

CHAPTER 23
MISTAKES

“Which when his mother saw, she in her mind
Was troubled sore, ne wist well what to ween”.
Spenser

Margaret had not been gone five minutes when Mr. Thornton came in, his face all a-glow.

– I could not come sooner: the superintendent would...Where is she? He looked round the dining-room, and then almost fiercely at his mother, who was quietly re-arranging the disturbed furniture, and did not instantly reply. – Where is Miss Hale? asked he again.

– Gone home, said she, rather shortly.

– Gone home!

– Yes. She was a great deal better. Indeed, I don't believe it was so very much of a hurt; only some people faint at the least thing.

– I am sorry she is gone home, said he, walking uneasily about. – She could not have been fit for it.

– She said she was; and Mr. Lowe said she was. I went for him myself.

– Thank you, mother. He stopped, and partly held out his hand to give her a grateful shake. But she did not notice the movement.

– What have you done with your Irish people?

– Sent to the Dragon for a good meal for them, poor wretches. And then, luckily, I caught Father Grady, and I've asked him in to speak to them, and dissuade them from going off in a body. How did Miss Hale go home? I'm sure she could not walk

– She had a cab. Everything was done properly, even to the paying. Let us talk of something else. She has caused disturbance enough.

– I don't know where I should have been but for her.

– Are you become so helpless as to have to be defended by a girl? asked Mrs. Thornton, scornfully.

He reddened. – Not many girls would have taken the blows on herself which were meant for me; – meant with right down good-will, too.

– A girl in love will do a good deal, replied Mrs. Thornton, shortly.

– Mother! He made a step forwards; stood still; heaved with passion.

She was a little startled at the evident force he used to keep himself calm. She was not sure of the nature of the emotions she had provoked. It was only their violence that was clear. Was it anger? His eyes glowed, his figure was dilated, his breath came thick and fast. It was a mixture of joy, of anger, of pride, of glad surprise, of panting doubt; but she could not read it. Still it made her uneasy – as the presence of all strong feeling, of which the cause is not fully understood or sympathised in, always has this effect. She went to the side-board, opened a drawer, and took out a duster, which she kept there for any occasional purpose. She had seen a drop of eau de Cologne on the polished arm of the sofa, and instinctively sought to wipe it off. But she kept her back turned to her son much longer than was necessary; and when she spoke, her voice seemed unusual and constrained.

– You have taken some steps about the rioters, I suppose? You don't apprehend any more violence, do you? Where were the police? Never at hand when they're wanted!

– On the contrary, I saw three or four of them, when the gates gave way, struggling and beating about in fine fashion; and more came running up just when the yard was clearing. I might have given some of the fellows in charge then, if I had had my wits about me. But there will be no difficulty, plenty of people can identify them.

– But won't they come back tonight?

– I'm going to see about a sufficient guard for the premises. I have appointed to meet Captain Hanbury in half an hour at the station.

– You must have some tea first.

– Tea! Yes, I suppose I must. It's half-past six, and I may be out for some time. Don't sit up for me, mother.

– You expect me to go to bed before I have seen you safe, do you?

– Well, perhaps not. He hesitated for a moment. – But if I've time, I shall go round by Crampton, after I've arranged with the police and seen Hamper and Clarkson. Their eyes met; they looked at each other intently for a minute. Then she asked:

– Why are you going round by Crampton?

– To ask after Miss Hale.

– I will send. Williams must take the water-bed she came to ask for. He shall inquire how she is.

– I must go myself.

– Not merely to ask how Miss Hale is?

– No, not merely for that. I want to thank her for the way in which she stood between me and the mob.

– What made you go down at all? It was putting your head into the lion's mouth! He glanced sharply at her; saw that she did not know what had passed between him and Margaret in the drawing-room; and replied by another question:

– Shall you be afraid to be left without me, until I can get some of the police; or had we better send Williams for them now, and they could be here by the time we have done tea? There's no time to be lost. I must be off in a quarter of an hour.

Mrs. Thornton left the room. Her servants wondered at her directions, usually so sharply-cut and decided, now confused and uncertain. Mr. Thornton remained in the dining-room, trying to think of the business he had to do at the police-office, and in reality thinking of Margaret. Everything seemed dim and vague beyond – behind – besides the touch of her arms round his neck – the soft clinging which made the dark colour come and go in his cheek as he thought of it.

The tea would have been very silent, but for Fanny's perpetual description of her own feelings; how she had been alarmed – and then thought they were gone – and then felt sick and faint and trembling in every limb.

– There, that's enough, said her brother, rising from the table. – The reality was enough for me. He was going to leave the room, when his mother stopped him with her hand upon his arm.

– You will come back here before you go to the Hales, said she, in a low, anxious voice.

– I know what I know, said Fanny to herself.

– Why? Will it be too late to disturb them?

– John, come back to me for this one evening. It will be late for Mrs. Hale. But that is not it. Tomorrow, you will...Come back tonight, John! She had seldom pleaded with her son at all – she was too proud for that: but she had never pleaded in vain.

– I will return straight here after I have done my business. You will be sure to inquire after them? – after her?

Mrs. Thornton was by no means a talkative companion to Fanny, nor yet a good listener while her son was absent. But on his return, her eyes and ears were keen to see and to listen to all the details which he could give, as to the steps he had taken to secure himself, and those whom he chose to employ, from any repetition of the day's outrages. He clearly saw his object. Punishment and suffering, were the natural consequences to those who had taken part in the riot. All that was necessary, in order that property should be protected, and that the will of the proprietor might cut to his end, clean and sharp as a sword.

– Mother! You know what I have got to say to Miss Hale, tomorrow? The

question came upon her suddenly, during a pause in which she, at least, had forgotten Margaret.

She looked up at him.

– Yes! I do. You can hardly do otherwise.

– Do otherwise! I don't understand you.

– I mean that, after allowing her feelings so to overcome her, I consider you bound in honour –

– Bound in honour, said he, scornfully. – I'm afraid honour has nothing to do with it. "Her feelings overcome her!" What feelings do you mean?

– Nay, John, there is no need to be angry. Did she not rush down, and cling to you to save you from danger?

– She did! said he. – But, mother, continued he, stopping short in his walk right in front of her – I dare not hope. I never was fainthearted before; but I cannot believe such a creature cares for me.

– Don't be foolish, John. Such a creature! Why, she might be a duke's daughter, to hear you speak. And what proof more would you have, I wonder, of her caring for you? I can believe she has had a struggle with her aristocratic way of viewing things; but I like her the better for seeing clearly at last. It is a good deal for me to say, said Mrs. Thornton, smiling slowly, while the tears stood in her eyes; – for after tonight, I stand second. It was to have you to myself, all to myself, a few hours longer, that I begged you not to go till tomorrow!

– Dearest mother! (Still love is selfish, and in an instant he reverted to his own hopes and fears in a way that drew the cold creeping shadow over Mrs. Thornton's heart.) – But I know she does not care for me. I shall put myself at her feet – I must. If it were but one chance in a thousand – or a million – I should do it.

– Don't fear! said his mother, crushing down her own personal mortification at the little notice he had taken of the rare ebullition of her maternal feelings – of the pang of jealousy that betrayed the intensity of her disregarded love. – Don't be afraid,' she said, coldly. – As far as love may go she may be worthy of you. It must have taken a good deal to overcome her pride. Don't be afraid, John, said she, kissing him, as she wished him good-night. And she went slowly and majestically out of the room. But when she got into her own, she locked the door, and sate down to cry unwonted tears.

Margaret entered the room (where her father and mother still sat, holding low conversation together), looking very pale and white. She came close up to them before she could trust herself to speak.

– Mrs. Thornton will send the water-bed, mamma.

– Dear, how tired you look! Is it very hot, Margaret?

– Very hot, and the streets are rather rough with the strike.

Margaret's colour came back vivid and bright as ever; but it faded away instantly.

– Here has been a message from Bessy Higgins, asking you to go to her, said Mrs. Hale. – But I'm sure you look too tired.

– Yes! said Margaret. – I am tired, I cannot go.

She was very silent and trembling while she made tea. She was thankful to see her father so much occupied with her mother as not to notice her looks. Even after her mother went to bed, he was not content to be absent from her, but undertook to read her to sleep. Margaret was alone.

– Now I will think of it – now I will remember it all. I could not before – I dared not. She sat still in her chair, her hands clasped on her knees, her lips compressed, her eyes fixed as one who sees a vision. She drew a deep breath.

– I, who hate scenes – I, who have despised people for showing emotion – who have thought them wanting in self-control – I went down and must needs throw myself into the melee, like a romantic fool! Did I do any good? They would have gone away without me I dare say. But this was over-leaping the rational conclusion – as in an instant her well-poised judgment felt. – No, perhaps they would not. I did some good. But what possessed me to defend that man as if he were a helpless child! Ah! said she, clenching her hands together – it is no wonder those people thought I was in love with him, after disgracing myself in that way. I in love – and with him too! Her pale cheeks suddenly became one flame of fire; and she covered her face with her hands. When she took them away, her palms were wet with scalding tears.

– Oh how low I am fallen that they should say that of me! I could not have been so brave for any one else, just because he was so utterly indifferent to me – if, indeed, I do not positively dislike him. It made me the more anxious that there should be fair play on each side; and I could see what fair play was. It was not fair, said she, vehemently – that he should stand there – sheltered, awaiting the soldiers, who might catch those poor maddened creatures as in a trap – without an effort on his part, to bring them to reason. And it was worse than unfair for them to set on him as they threatened. I would do it again, let who will say what they like of me. If I saved one blow, one cruel, angry action that might otherwise have been committed, I did a woman's work. Let them insult my maiden pride as they will – I walk pure before God!

She looked up, and a noble peace seemed to descend and calm her face, till it was 'stiller than chiselled marble.'

Dixon came in:

– If you please, Miss Margaret, here's the water-bed from Mrs. Thornton's. It's too late for tonight, I'm afraid, for missus is nearly asleep: but it will do nicely for tomorrow.

– Very, said Margaret. – You must send our best thanks.

Dixon left the room for a moment.

– If you please, Miss Margaret, he says he's to ask particular how you are. I think he must mean missus; but he says his last words were, to ask how Miss Hale was.

– Me! said Margaret, drawing herself up. – I am quite well. Tell him I am perfectly well. But her complexion was as deadly white as her handkerchief; and her head ached intensely.

Mr. Hale now came in. He had left his sleeping wife; and wanted, as Margaret saw, to be amused and interested by something that she was to tell him. With sweet patience did she bear her pain, without a word of complaint; and rummaged up numberless small subjects for conversation – all except the riot, and that she never named once. It turned her sick to think of it.

– Good-night, Margaret. I have every chance of a good night myself, and you are looking very pale with your watching. I shall call Dixon if your mother needs anything. Do you go to bed and sleep like a top; for I'm sure you need it, poor child!

– Good-night, papa.

She let her colour go – the forced smile fade away – the eyes grow dull with heavy pain. She released her strong will from its laborious task. Till morning she might feel ill and weary.

She lay down and never stirred. To move hand or foot, or even so much as one finger, would have been an exertion beyond the powers of either volition or motion. She was so tired, so stunned, that she thought she never slept at all; her feverish thoughts passed and repassed the boundary between sleeping and waking, and kept their own miserable identity. She could not be alone, prostrate, powerless as she was – a cloud of faces looked up at her, giving her no idea of fierce vivid anger, or of personal danger, but a deep sense of shame that she should thus be the object of universal regard – a sense of shame so acute that it seemed as if she would fain have burrowed into the earth to hide herself, and yet she could not escape out of that unwinking glare of many eyes.

CHAPTER 24
MISTAKES CLEARED UP

“Your beauty was the first that won the place,
And scal’d the walls of my undaunted heart,
Which, captive now, pines in a caitive case,
Unkindly met with rigour for desert;
Yet not the less your servant shall abide,
In spite of rude repulse or silent pride”.

William Fowler

The next morning, Margaret dragged herself up, thankful that the night was over – unrefreshed, yet rested. All had gone well through the house; her mother had only wakened once. A little breeze was stirring in the hot air, and though there were no trees to show the playful tossing movement caused by the wind among the leaves, Margaret knew how, somewhere or another, by wayside, in copses, or in thick green woods, there was a pleasant, murmuring, dancing sound – a rushing and falling noise, the very thought of which was an echo of distant gladness in her heart.

She sat at her work in Mrs. Hale’s room. As soon as that forenoon slumber was over, she would help her mother to dress after dinner, she would go and see Bessy Higgins. She would banish all recollection of the Thornton family – no need to think of them till they absolutely stood before her in flesh and blood. But, of course, the effort not to think of them brought them only the more strongly before her; and from time to time, the hot flush came over her pale face sweeping it into colour, as a sunbeam from between watery clouds comes swiftly moving over the sea.

Dixon opened the door very softly, and stole on tiptoe up to Margaret, sitting by the shaded window.

– Mr. Thornton, Miss Margaret. He is in the drawing-room.

Margaret dropped her sewing.

– Did he ask for me? Isn’t papa come in?

– He asked for you, miss; and master is out.

– Very well, I will come, said Margaret, quietly. But she lingered strangely. Mr. Thornton stood by one of the windows, with his back to the door, apparently absorbed in watching something in the street. But, in truth, he was afraid of himself. His heart beat thick at the thought of her coming. He could not forget the touch of her arms around his neck, impatiently felt as it had been at the time; but now the recollection of her clinging defence of him, seemed to thrill

him through and through – to melt away every resolution, all power of self-control, as if it were wax before a fire. He dreaded lest he should go forwards to meet her, with his arms held out in mute entreaty that she would come and nestle there, as she had done, all unheeded, the day before, but never unheeded again. His heart throbbled loud and quick Strong man as he was, he trembled at the anticipation of what he had to say, and how it might be received. She might droop, and flush, and flutter to his arms, as to her natural home and resting-place. One moment, he glowed with impatience at the thought that she might do this, the next, he feared a passionate rejection, the very idea of which withered up his future with so deadly a blight that he refused to think of it. He was startled by the sense of the presence of some one else in the room. He turned round. She had come in so gently, that he had never heard her; the street noises had been more distinct to his inattentive ear than her slow movements, in her soft muslin gown.

She stood by the table, not offering to sit down. Her eyelids were dropped half over her eyes; her teeth were shut, not compressed; her lips were just parted over them, allowing the white line to be seen between their curve. Her slow deep breathings dilated her thin and beautiful nostrils; it was the only motion visible on her countenance. The fine-grained skin, the oval cheek, the rich outline of her mouth, its corners deep set in dimples – were all wan and pale today; the loss of their usual natural healthy colour being made more evident by the heavy shadow of the dark hair, brought down upon the temples, to hide all sign of the blow she had received. Her head, for all its drooping eyes, was thrown a little back, in the old proud attitude. Her long arms hung motion-less by her sides. Altogether she looked like some prisoner, falsely accused of a crime that she loathed and despised, and from which she was too indignant to justify herself.

Mr. Thornton made a hasty step or two forwards; recovered himself, and went with quiet firmness to the door (which she had left open), and shut it. Then he came back and stood opposite to her for a moment, receiving the general impression of her beautiful presence, before he dared to disturb it, perhaps to repel it, by what he had to say.

– Miss Hale, I was very ungrateful yesterday –

– You had nothing to be grateful for, said she, raising her eyes, and looking full and straight at him. – You mean, I suppose, that you believe you ought to thank me for what I did. In spite of herself – in defiance of her anger – the thick blushes came all over her face, and burnt into her very eyes; which fell not nevertheless from their grave and steady look – It was only a natural instinct; any woman would have done just the same. We all feel the sanctity of our sex as a high privilege when we see danger. I ought rather, said she, hastily – to apologise to you, for having said thoughtless words which sent you down into the danger.

– It was not your words; it was the truth they conveyed, pun-gently as it was expressed. But you shall not drive me off upon that, and so escape the expression of my deep gratitude, my – he was on the verge now; he would not

speaking in the haste of his hot passion; he would weigh each word. He would; and his will was triumphant. He stopped in mid career.

– I do not try to escape from anything, said she. – I simply say, that you owe me no gratitude; and I may add, that any expression of it will be painful to me, because I do not feel that I deserve it. Still, if it will relieve you from even a fancied obligation, speak on.

– I do not want to be relieved from any obligation, said he, goaded by her calm manner. Fancied, or not fancied – I question not myself to know which – I choose to believe that I owe my very life to you – ay – smile, and think it an exaggeration if you will. I believe it, because it adds a value to that life to think – oh, Miss Hale! continued he, lowering his voice to such a tender intensity of passion that she shivered and trembled before him – to think circumstance so wrought, that whenever I exult in existence henceforward, I may say to myself, “All this gladness in life, all honest pride in doing my work in the world, all this keen sense of being, I owe to her!” And it doubles the gladness, it makes the pride glow, it sharpens the sense of existence till I hardly know if it is pain or pleasure, to think that I owe it to one – nay, you must, you shall hear – said he, stepping forwards with stern determination – to one whom I love, as I do not believe man ever loved woman before. He held her hand tight in his. He panted as he listened for what should come. He threw the hand away with indignation, as he heard her icy tone; for icy it was, though the words came faltering out, as if she knew not where to find them.

– Your way of speaking shocks me. It is blasphemous. I cannot help it, if that is my first feeling. It might not be so, I dare say, if I understood the kind of feeling you describe. I do not want to vex you; and besides, we must speak gently, for mamma is asleep; but your whole manner offends me –

– How! exclaimed he. – Offends you! I am indeed most unfortunate.

– Yes! said she, with recovered dignity. – I do feel offended; and, I think justly. You seem to fancy that my conduct of yesterday – again the deep carnation blush, but this time with eyes kindling with indignation rather than shame – was a personal act between you and me; and that you may come and thank me for it, instead of perceiving, as a gentleman would – yes! a gentleman, she repeated, in allusion to their former conversation about that word – that any woman, worthy of the name of woman, would come forward to shield, with her revered helplessness, a man in danger from the violence of numbers.

– And the gentleman thus rescued is forbidden the relief of thanks! he broke in contemptuously. – I am a man. I claim the right of expressing my feelings.

– And I yielded to the right; simply saying that you gave me pain by insisting upon it, she replied, proudly. – But you seem to have imagined, that I was not merely guided by womanly instinct, but – and here the passionate tears (kept down for long – struggled with vehemently) came up into her eyes, and choked

her voice – but that I was prompted by some particular feeling for you – you! Why, there was not a man – not a poor desperate man in all that crowd – for whom I had not more sympathy – for whom I should not have done what little I could more heartily.

– You may speak on, Miss Hale. I am aware of all these misplaced sympathies of yours. I now believe that it was only your innate sense of oppression – (yes; I, though a master, may be oppressed) – that made you act so nobly as you did. I know you despise me; allow me to say, it is because you do not understand me.

– I do not care to understand, she replied, taking hold of the table to steady herself; for she thought him cruel – as, indeed, he was – and she was weak with her indignation.

– No, I see you do not. You are unfair and unjust.

Margaret compressed her lips. She would not speak in answer to such accusations. But, for all that – for all his savage words, he could have thrown himself at her feet, and kissed the hem of her wounded pride fell hot and fast. He waited awhile, longing for garment. She did not speak; she did not move. The tears of her to say something, even a taunt, to which he might reply. But she was silent. He took up his hat.

– One word more. You look as if you thought it tainted you to be loved by me. You cannot avoid it. Nay, I, if I would, cannot cleanse you from it. But I would not, if I could. I have never loved any woman before: my life has been too busy, my thoughts too much absorbed with other things. Now I love, and will love. But do not be afraid of too much expression on my part.

– I am not afraid, she replied, lifting herself straight up. – No one yet has ever dared to be impertinent to me, and no one ever shall. But, Mr. Thornton, you have been very kind to my father, said she, changing her whole tone and bearing to a most womanly softness. – Don't let us go on making each other angry. Pray don't! He took no notice of her words: he occupied himself in smoothing the nap of his hat with his coat-sleeve, for half a minute or so; and then, rejecting her offered hand, and making as if he did not see her grave look of regret, he turned abruptly away, and left the room. Margaret caught one glance at his face before he went.

When he was gone, she thought she had seen the gleam of unshed tears in his eyes; and that turned her proud dislike into something different and kinder, if nearly as painful – self-reproach for having caused such mortification to any one.

– But how could I help it? asked she of herself. – I never liked him. I was civil; but I took no trouble to conceal my indifference. Indeed, I never thought about myself or him, so my manners must have shown the truth. All that yesterday, he might mistake. But that is his fault, not mine. I would do it again, if need were, though it does lead me into all this shame and trouble.

CHAPTER 25
FREDERICK

“Revenge may have her own;
Roused discipline aloud proclaims their cause,
And injured navies urge their broken laws”.
Byron

Margaret began to wonder whether all offers were as unexpected beforehand – as distressing at the time of their occurrence, as the two she had had. An involuntary comparison between Mr. Lennox and Mr. Thornton arose in her mind. She had been sorry, that an expression of any other feeling than friendship had been lured out by circumstances from Henry Lennox. That regret was the predominant feeling, on the first occasion of her receiving a proposal. She had not felt so stunned – so impressed as she did now, when echoes of Mr. Thornton’s voice yet lingered about the room. In Lennox’s case, he seemed for a moment to have slid over the boundary between friendship and love; and the instant afterwards, to regret it nearly as much as she did, although for different reasons. In Mr. Thornton’s case, as far as Margaret knew, there was no intervening stage of friendship. Their intercourse had been one continued series of opposition. Their opinions clashed; and indeed, she had never perceived that he had cared for her opinions, as belonging to her, the individual. As far as they defied his rock-like power of character, his passion-strength, he seemed to throw them off from him with contempt, until she felt the weariness of the exertion of making useless protests; and now, he had come, in this strange wild passionate way, to make known his love. For, although at first it had struck her, that his offer was forced and goaded out of him by sharp compassion for the exposure she had made of herself – which he, like others, might misunderstand – yet, even before he left the room – and certainly, not five minutes after, the clear conviction dawned upon her, shined bright upon her, that he did love her; that he had loved her; that he would love her. And she shrank and shuddered as under the fascination of some great power, repugnant to her whole previous life. She crept away, and hid from his idea. But it was of no use. To parody a line out of Fairfax’s Tasso –

– His strong idea wandered through her thought.

She disliked him the more for having mastered her inner will. How dared he say that he would love her still, even though she shook him off with contempt? She wished she had spoken more – stronger. Sharp, decisive speeches came thronging into her mind, now that it was too late to utter them. The deep impression made by the interview, was like that of a horror in a dream; that will not leave the room although we waken up, and rub our eyes, and force a stiff rigid smile upon our lips. It is there – there, cowering and gibbering, with fixed

ghastly eyes, in some corner of the chamber, listening to hear whether we dare to breathe of its presence to any one. And we dare not; poor cowards that we are!

And so she shuddered away from the threat of his enduring love. What did he mean? Had she not the power to daunt him? She would see. It was more daring than became a man to threaten her so. Did he ground it upon the miserable yesterday? If need were, she would do the same tomorrow – by a crippled beggar, willingly and gladly – but by him, she would do it, just as bravely, in spite of his deductions, and the cold slime of women's impertinence. She did it because it was right, and simple, and true to save where she could save; even to try to save. – Fais ce que dois, advienne que pourra.

Hitherto she had not stirred from where he had left her; no outward circumstances had roused her out of the trance of thought in which she had been plunged by his last words, and by the look of his deep intent passionate eyes, as their flames had made her own fall before them. She went to the window, and threw it open, to dispel the oppression which hung around her. Then she went and opened the door, with a sort of impetuous wish to shake off the recollection of the past hour in the company of others, or in active exertion. But all was profoundly hushed in the noonday stillness of a house, where an invalid catches the unrefreshing sleep that is denied to the night-hours. Margaret would not be alone. What should she do? – Go and see Bessy Higgins, of course, thought she, as the recollection of the message sent the night before flashed into her mind.

And away she went.

When she got there, she found Bessy lying on the settle, moved close to the fire, though the day was sultry and oppressive. She was laid down quite flat, as if resting languidly after some paroxysm of pain. Margaret felt sure she ought to have the greater freedom of breathing which a more sitting posture would procure; and, without a word, she raised her up, and so arranged the pillows, that Bessy was more at ease, though very languid.

– I thought I should na' ha' seen yo' again, said she, at last, looking wistfully in Margaret's face.

– I'm afraid you're much worse. But I could not have come yesterday, my mother was so ill – for many reasons, said Margaret, colouring.

– Yo'd m'appen think I went beyond my place in sending Mary for yo'. But the wranglin' and the loud voices had just torn me to pieces, and I thought when father left, oh! if I could just hear her voice, reading me some words o' peace and promise, I could die away into the silence and rest o' God, lust as a baby is hushed up to sleep by its mother's lullaby.

– Shall I read you a chapter, now?

– Ay, do! M'appen I shan't listen to th' sense, at first; it will seem far away – but when yo' come to words I like – to th' comforting texts – it'll seem close in my ear, and going through me as it were.

Margaret began. Bessy tossed to and fro. If, by an effort, she attended for one moment, it seemed as though she were convulsed into double restlessness the next. At last, she burst out – Don't go on reading. It's no use. I'm blaspheming all the time in my mind, wi' thinking angrily on what canna be helped. – Yo'd hear o' th' riot, m'appen, yesterday at Marlborough Mills? Thornton's factory, yo' know.

– Your father was not there, was he? said Margaret, colouring deep.

– Not he. He'd ha' given his right hand if it had never come to pass. It's that that's fretting me. He's fairly knocked down in his mind by it. It's no use telling him, fools will always break out o' bounds. Yo' never saw a man so down-hearted as he is.

– But why? asked Margaret. – I don't understand.

– Why yo' see, he's a committee-man on this special strike. Th' Union appointed him because, though I say it as shouldn't say it, he's reckoned a deep chap, and true to th' back-bone. And he and t' other committee-men laid their plans. They were to hou'd together through thick and thin; what the major part thought, t' others were to think, whether they would or no. And above all there was to be no going again the law of the land. Folk would go with them if they saw them striving and starving wi' dumb patience; but if there was once any noise o' fighting and struggling – even wi' knobsticks – all was up, as they knew by th' experience of many, and many a time before. They would try and get speech o' th' knobsticks, and coax 'em, and reason wi' 'em, and m'appen warn 'em off; but whatever came, the Committee charged all members o' th' Union to lie down and die, if need were, without striking a blow; and then they reckoned they were sure o' carrying th' public with them. And beside all that, Committee knew they were right in their demand, and they didn't want to have right all mixed up wi' wrong, till folk can't separate it, no more nor I can th' physic-powder from th' jelly yo' gave me to mix it in; jelly is much the biggest, but powder tastes it all through. Well, I've told yo' at length about this'n, but I'm tired out. Yo' just think for yo'rsel, what it mun be for father to have a' his work undone, and by such a fool as Boucher, who must needs go right again the orders of Committee, and ruin th' strike, just as bad as if he meant to be a Judas. Eh! but father giv'd it him last night! He went so far as to say, he'd go and tell police where they might find th' ringleader o' th' riot; he'd give him up to th' mill-owners to do what they would wi' him. He'd show the world that th' real leaders o' the strike were not such as Boucher, but steady thoughtful men; good hands, and good citizens, who were friendly to law and judgment, and would uphold order; who only wanted their right wage, and wouldn't work, even though they starved, till they got 'em; but who would ne'er injure property or life: For, dropping her voice – they do say, that Boucher threw a stone at Thornton's sister, that welly killed her.

– That's not true, said Margaret. – It was not Boucher that threw the stone – she went first red, then white.

– Yo'd be there then, were yo'? asked Bessy languidly for indeed, she had spoken with many pauses, as if speech was unusually difficult to her.

– Yes. Never mind. Go on. Only it was not Boucher that threw the stone. But what did he answer to your father?

– He did na’ speak words. He were all in such a tremble wi’ spent passion, I could na’ bear to look at him. I heard his breath coming quick, and at one time I thought he were sobbing. But when father said he’d give him up to police, he gave a great cry, and struck father on th’ face wi’ his closed fist, and be off like lightning. Father were stunned wi’ the blow at first, for all Boucher were weak wi’ passion and wi’ clemming. He sat down a bit, and put his hand afore his eyes; and then made for th’ door. I dunno’ where I got strength, but I threw mysel’ off th’ settle and clung to him. “Father, father!” said I. “Thou’ll never go peach on that poor clemmed man. I’ll never leave go on thee, till thou sayst thou wunnot.” “Dunnot be a fool,” says he, “words come readier than deeds to most men. I never thought o’ telling th’ police on him; though by G – , he deserves it, and I should na’ ha minded if some one else had done the dirty work, and got him clapped up. But now he has strucken me, I could do it less nor ever, for it would be getting other men to take up my quarrel. But if ever he gets well o’er this clemming, and is in good condition, he and I’ll have an up and down fight, purring an’ a’, and I’ll see what I can do for him.” And so father shook me off – for indeed, I was low and faint enough, and his face was all clay white, where it weren’t bloody, and turned me sick to look at. And I know not if I slept or waked, or were in a dead swoon, till Mary come in; and I telled her to fetch yo’ to me. And now dunnot talk to me, but just read out th’ chapter. I’m easier in my mind for having spit it out; but I want some thoughts of the world that’s far away to take the weary taste of it out o’ my mouth. Read me – not a sermon chapter, but a story chapter; they’ve pictures in them, which I see when my eyes are shut. Read about the New Heavens, and the New Earth; and m’appen I’ll forget this.

Margaret read in her soft low voice. Though Betsy’s eyes were shut, she was listening for some time, for the moisture of tears gathered heavy on her eyelashes. At last she slept; with many starts, and muttered pleadings. Margaret covered her up, and left her, for she had an uneasy consciousness that she might be wanted at home, and yet, until now, it seemed cruel to leave the dying girl. Mrs. Hale was in the drawing-room on her daughter’s return. It was one of her better days, and she was full of praises of the water-bed. It had been more like the beds at Sir John Beresford’s than anything she had slept on since. She did not know how it was, but people seemed to have lost the art of making the same kind of beds as they used to do in her youth. One would think it was easy enough; there was the same kind of feathers to be had, and yet somehow, till this last night she did not know when she had had a good sound resting sleep. Mr. Hale suggested, that something of the merits of the featherbeds of former days might be attributed to the activity of youth, which gave a relish to rest; but this idea was not kindly received by his wife.

– No, indeed, Mr. Hale, it was those beds at Sir John’s. Now, Margaret, you’re young enough, and go about in the day; are the beds comfortable? I appeal to you. Do they give you a feeling of perfect repose when you lie down

upon them; or rather, don't you toss about, and try in vain to find an easy position, and waken in the morning as tired as when you went to bed?

Margaret laughed. – To tell the truth, mamma, I've never thought about my bed at all, what kind it is. I'm so sleepy at night, that if I only lie down anywhere, I nap off directly. So I don't think I'm a competent witness. But then, you know, I never had the opportunity of trying Sir John Beresford's beds. I never was at Oxenham.

– Were not you? Oh, no! to be sure. It was poor darling Fred I took with me, I remember. I only went to Oxenham once after I was married – to your Aunt Shaw's wedding; and poor little Fred was the baby then. And I know Dixon did not like changing from lady's maid to nurse, and I was afraid that if I took her near her old home, and amongst her own people, she might want to leave me. But poor baby was taken ill at Oxenham, with his teething; and, what with my being a great deal with Anna just before her marriage, and not being very strong myself, Dixon had more of the charge of him than she ever had before; and it made her so fond of him, and she was so proud when he would turn away from every one and cling to her, that I don't believe she ever thought of leaving me again; though it was very different from what she'd been accustomed to. Poor Fred! Every body loved him. He was born with the gift of winning hearts. It makes me think very badly of Captain Reid when I know that he disliked my own dear boy. I think it a certain proof he had a bad heart. Ah! Your poor father, Margaret. He has left the room. He can't bear to hear Fred spoken of.

– I love to hear about him, mamma. Tell me all you like; you never can tell me too much. Tell me what he was like as a baby.

– Why, Margaret, you must not be hurt, but he was much prettier than you were. I remember, when I first saw you in Dixon's arms, I said, "Dear, what an ugly little thing!" And she said, "It's not every child that's like Master Fred, bless him!" Dear! how well I remember it. Then I could have had Fred in my arms every minute of the day, and his cot was close by my bed; and now, now – Margaret – I don't know where my boy is, and sometimes I think I shall never see him again.

Margaret sat down by her mother's sofa on a little stool, and softly took hold of her hand, caressing it and kissing it, as if to comfort. Mrs. Hale cried without restraint. At last, she sat straight, stiff up on the sofa, and turning round to her daughter, she said with tearful, almost solemn earnestness – Margaret, if I can get better – if God lets me have a chance of recovery, it must be through seeing my son Frederick once more. It will waken up all the poor springs of health left in me.

She paused, and seemed to try and gather strength for something more yet to be said. Her voice was choked as she went on – was quavering as with the contemplation of some strange, yet closely-present idea.

– And, Margaret, if I am to die – if I am one of those appointed to die

before many weeks are over – I must see my child first. I cannot think how it must be managed; but I charge you, Margaret, as you yourself hope for comfort in your last illness, bring him to me that I may bless him. Only for five minutes, Margaret. There could be no danger in five minutes. Oh, Margaret, let me see him before I die!

Margaret did not think of anything that might be utterly unreasonable in this speech: we do not look for reason or logic in the passionate entreaties of those who are sick unto death; we are stung with the recollection of a thousand slighted opportunities of fulfilling the wishes of those who will soon pass away from among us: and do they ask us for the future happiness of our lives, we lay it at their feet, and will it away from us. But this wish of Mrs. Hale's was so natural, so just, so right to both parties, that Margaret felt as if, on Frederick's account as well as on her mother's, she ought to overlook all intermediate chances of danger, and pledge herself to do everything in her power for its realisation. The large, pleading, dilated eyes were fixed upon her wistfully, steady in their gaze, though the poor white lips quivered like those of a child. Margaret gently rose up and stood opposite to her frail mother; so that she might gather the secure fulfilment of her wish from the calm steadiness of her daughter's face.

– Mamma, I will write tonight, and tell Frederick what you say. I am as sure that he will come directly to us, as I am sure of my life. Be easy, mamma, you shall see him as far as anything earthly can be promised.

– You will write tonight? Oh, Margaret! the post goes out at five – you will write by it, won't you? I have so few hours left – I feel, dear, as if I should not recover, though sometimes your father over-persuades me into hoping; you will write directly, won't you? Don't lose a single post; for just by that very post I may miss him.

– But, mamma, papa is out.

– Papa is out! and what then? Do you mean that he would deny me this last wish, Margaret? Why, I should not be ill – be dying – if he had not taken me away from Helstone, to this unhealthy, smoky, sunless place.

– Oh, mamma! said Margaret.

– Yes; it is so, indeed. He knows it himself; he has said so many a time. He would do anything for me; you don't mean he would refuse me this last wish – prayer, if you will. And, indeed, Margaret, the longing to see Frederick stands between me and God. I cannot pray till I have this one thing; indeed, I cannot. Don't lose time, dear, dear Margaret. Write by this very next post. Then he may be here – here in twenty-two days! For he is sure to come. No cords or chains can keep him. In twenty-two days I shall see my boy. She fell back, and for a short time she took no notice of the fact that Margaret sat motionless, her hand shading her eyes.

– You are not writing! said her mother at last – Bring me some pens and paper; I will try and write myself. She sat up, trembling all over with feverish

eagerness. Margaret took her hand down and looked at her mother sadly.

– Only wait till papa comes in. Let us ask him how best to do it.

– You promised, Margaret, not a quarter of an hour ago; – you said he should come.

– And so he shall, mamma; don't cry, my own dear mother. I'll write here, now – you shall see me write – and it shall go by this very post; and if papa thinks fit, he can write again when he comes in – it is only a day's delay. Oh, mamma, don't cry so pitifully – it cuts me to the heart.

Mrs. Hale could not stop her tears; they came hysterically; and, in truth, she made no effort to control them, but rather called up all the pictures of the happy past, and the probable future – painting the scene when she should lie a corpse, with the son she had longed to see in life weeping over her, and she unconscious of his presence – till she was melted by self-pity into a state of sobbing and exhaustion that made Margaret's heart ache. But at last she was calm, and greedily watched her daughter, as she began her letter; wrote it with swift urgent entreaty; sealed it up hurriedly, for fear her mother should ask to see it: and then, to make security most sure, at Mrs. Hale's own bidding, took it herself to the post-office. She was coming home when her father overtook her.

– And where have you been, my pretty maid? asked he.

– To the post-office – with a letter; a letter to Frederick Oh, papa, perhaps I have done wrong: but mamma was seized with such a passionate yearning to see him – she said it would make her well again – and then she said that she must see him before she died – I cannot tell you how urgent she was! Did I do wrong? Mr. Hale did not reply at first. Then he said:

– You should have waited till I came in, Margaret.

– I tried to persuade her – and then she was silent.

– I don't know, said Mr. Hale, after a pause. – She ought to see him if she wishes it so much, for I believe it would do her much more good than all the doctor's medicine – and, perhaps, set her up altogether; but the danger to him, I'm afraid, is very great.

– All these years since the mutiny, papa?

– Yes; it is necessary, of course, for government to take very stringent measures for the repression of offences against authority, more particularly in the navy, where a commanding officer needs to be surrounded in his men's eyes with a vivid consciousness of all the power there is at home to back him, and take up his cause, and avenge any injuries offered to him, if need be. Ah! it's no matter to them how far their authorities have tyrannised – galled hasty tempers to madness – or, if that can be any excuse afterwards, it is never allowed for in the first instance; they spare no expense, they send out ships – they scour the seas to lay hold of the offenders – the lapse of years does not wash out the memory of

the offence – it is a fresh and vivid crime on the Admiralty books till it is blotted out by blood.

– Oh, papa, what have I done! And yet it seemed so right at the time. I'm sure Frederick himself, would run the risk

– So he would; so he should! Nay, Margaret, I'm glad it is done, though I durst not have done it myself. I'm thankful it is as it is; I should have hesitated till, perhaps, it might have been too late to do any good. Dear Margaret, you have done what is right about it; and the end is beyond our control.

It was all very well; but her father's account of the relentless manner in which mutinies were punished made Margaret shiver and creep. If she had decoyed her brother home to blot out the memory of his error by his blood! She saw her father's anxiety lay deeper than the source of his latter cheering words. She took his arm and walked home pensively and wearily by his side.

CHAPTER 26
MOTHER AND SON

“I have found that holy place of rest
Still changeless”.
Mrs. Hemans

When Mr. Thornton had left the house that morning he was almost blinded by his baffled passion. He was as dizzy as if Margaret, instead of looking, and speaking, and moving like a tender graceful woman, had been a sturdy fish-wife, and given him a sound blow with her fists. He had positive bodily pain – a violent headache, and a throbbing intermittent pulse. He could not bear the noise, the garish light, the continued rumble and movement of the street. He called himself a fool for suffering so; and yet he could not, at the moment, recollect the cause of his suffering, and whether it was adequate to the consequences it had produced. It would have been a relief to him, if he could have sat down and cried on a door-step by a little child, who was raging and storming, through his passionate tears, at some injury he had received. He said to himself, that he hated Margaret, but a wild, sharp sensation of love cleft his dull, thunderous feeling like lightning, even as he shaped the words expressive of hatred. His greatest comfort was in hugging his torment; and in feeling, as he had indeed said to her, that though she might despise him, contemn him, treat him with her proud sovereign indifference, he did not change one whit. She could not make him change. He loved her, and would love her; and defy her, and this miserable bodily pain.

He stood still for a moment, to make this resolution firm and clear. There was an omnibus passing – going into the country; the conductor thought he was wishing for a place, and stopped near the pavement. It was too much trouble to apologise and explain; so he mounted upon it, and was borne away – past long rows of houses – then past detached villas with trim gardens, till they came to real country hedge-rows, and, by-and-by, to a small country town. Then every body got down; and so did Mr. Thornton, and because they walked away he did so too. He went into the fields, walking briskly, because the sharp motion relieved his mind. He could remember all about it now; the pitiful figure he must have cut; the absurd way in which he had gone and done the very thing he had so often agreed with himself in thinking would be the most foolish thing in the world; and had met with exactly the consequences which, in these wise moods, he had always foretold were certain to follow, if he ever did make such a fool of himself. Was he bewitched by those beautiful eyes, that soft, half-open, sighing mouth which lay so close upon his shoulder only yesterday? He could not even shake off the recollection that she had been there; that her arms had been round him, once – if never again. He only caught glimpses of her; he did not understand her altogether.

At one time she was so brave, and at another so timid; now so tender, and then so haughty and regal-proud. And then he thought over every time he had ever seen her once again, by way of finally forgetting her. He saw her in every dress, in every mood, and did not know which became her best. Even this morning, how magnificent she had looked – her eyes flashing out upon him at the idea that, because she had shared his danger yesterday, she had cared for him the least!

If Mr. Thornton was a fool in the morning, as he assured himself at least twenty times he was, he did not grow much wiser in the afternoon. All that he gained in return for his sixpenny omnibus ride, was a more vivid conviction that there never was, never could be, any one like Margaret; that she did not love him and never would; but that she – no! nor the whole world – should never hinder him from loving her. And so he returned to the little market-place, and remounted the omnibus to return to Milton.

It was late in the afternoon when he was set down, near his warehouse. The accustomed places brought back the accustomed habits and trains of thought. He knew how much he had to do – more than his usual work, owing to the commotion of the day before. He had to see his brother magistrates; he had to complete the arrangements, only half made in the morning, for the comfort and safety of his newly imported Irish hands; he had to secure them from all chance of communication with the discontented work-people of Milton. Last of all, he had to go home and encounter his mother.

Mrs. Thornton had sat in the dining-room all day, every moment expecting the news of her son's acceptance by Miss Hale. She had braced herself up many and many a time, at some sudden noise in the house; had caught up the half-dropped work, and begun to ply her needle diligently, though through dimmed spectacles, and with an unsteady hand! and many times had the door opened, and some indifferent person entered on some insignificant errand. Then her rigid face unstiffened from its gray frost-bound expression, and the features dropped into the relaxed look of despondency, so unusual to their sternness. She wrenched herself away from the contemplation of all the dreary changes that would be brought about to herself by her son's marriage; she forced her thoughts into the accustomed household grooves. The newly-married couple-to-be would need fresh household stocks of linen; and Mrs. Thornton had clothes-basket upon clothes-basket, full of table-cloths and napkins, brought in, and began to reckon up the store. There was some confusion between what was hers, and consequently marked G. H. T. (for George and Hannah Thornton), and what was her son's – bought with his money, marked with his initials. Some of those marked G. H. T. were Dutch damask of the old kind, exquisitely fine; none were like them now. Mrs. Thornton stood looking at them long – they had been her pride when she was first married. Then she knit her brows, and pinched and compressed her lips tight, and carefully unpicked the G. H. She went so far as to search for the Turkey-red marking-thread to put in the new initials; but it was all used – and she had no heart to send for any more just yet. So she looked fixedly at vacancy; a series of visions passing before her, in all of which her son was the principal, the sole

object – her son, her pride, her property. Still he did not come. Doubtless he was with Miss Hale. The new love was displacing her already from her place as first in his heart. A terrible pain – a pang of vain jealousy – shot through her: she hardly knew whether it was more physical or mental; but it forced her to sit down. In a moment, she was up again as straight as ever – a grim smile upon her face for the first time that day, ready for the door opening, and the rejoicing triumphant one, who should never know the sore regret his mother felt at his marriage. In all this, there was little thought enough of the future daughter-in-law as an individual. She was to be John's wife. To take Mrs. Thornton's place as mistress of the house, was only one of the rich consequences which decked out the supreme glory; all household plenty and comfort, all purple and fine linen, honour, love, obedience, troops of friends, would all come as naturally as jewels on a king's robe, and be as little thought of for their separate value. To be chosen by John, would separate a kitchen-wench from the rest of the world. And Miss Hale was not so bad. If she had been a Milton lass, Mrs. Thornton would have positively liked her. She was pungent, and had taste, and spirit, and flavour in her. True, she was sadly prejudiced, and very ignorant; but that was to be expected from her southern breeding. A strange sort of mortified comparison of Fanny with her, went on in Mrs. Thornton's mind; and for once she spoke harshly to her daughter; abused her roundly; and then, as if by way of penance, she took up Henry's Commentaries, and tried to fix her attention on it, instead of pursuing the employment she took pride and pleasure in, and continuing her inspection of the table-linen.

His step at last! She heard him, even while she thought she was finishing a sentence; while her eye did pass over it, and her memory could mechanically have repeated it word for word, she heard him come in at the hall-door. Her quickened sense could interpret every sound of motion: now he was at the hat-stand – now at the very room-door. Why did he pause? Let her know the worst.

Yet her head was down over the book; she did not look up. He came close to the table, and stood still there, waiting till she should have finished the paragraph which apparently absorbed her. By an effort she looked up. Well, John?

He knew what that little speech meant. But he had steeled himself. He longed to reply with a jest; the bitterness of his heart could have uttered one, but his mother deserved better of him. He came round behind her, so that she could not see his looks, and, bending back her gray, stony face, he kissed it, murmuring:

– No one loves me – no one cares for me, but you, mother.

He turned away and stood leaning his head against the mantel-piece, tears forcing themselves into his manly eyes. She stood up – she tottered. For the first time in her life, the strong woman tottered. She put her hands on his shoulders; she was a tall woman. She looked into his face; she made him look at her.

– Mother's love is given by God, John. It holds fast for ever and ever. A girl's love is like a puff of smoke – it changes with every wind. And she would not

have you, my own lad, would not she? She set her teeth; she showed them like a dog for the whole length of her mouth. He shook his head.

– I am not fit for her, mother; I knew I was not.

She ground out words between her closed teeth. He could not hear what she said; but the look in her eyes interpreted it to be a curse – if not as coarsely worded, as fell in intent as ever was uttered. And yet her heart leapt up light, to know he was her own again.

– Mother! said he, hurriedly – I cannot hear a word against her. Spare me – spare me! I am very weak in my sore heart; – I love her yet; I love her more than ever.

– And I hate her, said Mrs. Thornton, in a low fierce voice. – I tried not to hate her, when she stood between you and me, because – I said to myself – she will make him happy; and I would give my heart's blood to do that. But now, I hate her for your misery's sake. Yes, John, it's no use hiding up your aching heart from me. I am the mother that bore you, and your sorrow is my agony; and if you don't hate her, I do.

– Then, mother, you make me love her more. She is unjustly treated by you, and I must make the balance even. But why do we talk of love or hatred? She does not care for me, and that is enough – too much. Let us never name the subject again. It is the only thing you can do for me in the matter. Let us never name her.

– With all my heart. I only wish that she, and all belonging to her, were swept back to the place they came from.

He stood still, gazing into the fire for a minute or two longer. Her dry dim eyes filled with unwonted tears as she looked at him; but she seemed just as grim and quiet as usual when he next spoke.

– Warrants are out against three men for conspiracy, mother. The riot yesterday helped to knock up the strike.

And Margaret's name was no more mentioned between Mrs. Thornton and her son. They fell back into their usual mode of talk – about facts, not opinions, far less feelings. Their voices and tones were calm and cold a stranger might have gone away and thought that he had never seen such frigid indifference of demeanour between such near relations.

CHAPTER 27
FRUIT-PIECE

“For never any thing can be amiss
When simpleness and duty tender it”.
Midsummer Night’s Dream

Mr. Thornton went straight and clear into all the interests of the following day. There was a slight demand for finished goods; and as it affected his branch of the trade, he took advantage of it, and drove hard bargains. He was sharp to the hour at the meeting of his brother magistrates – giving them the best assistance of his strong sense, and his power of seeing consequences at a glance, and so coming to a rapid decision. Older men, men of long standing in the town, men of far greater wealth – realised and turned into land, while his was all floating capital, engaged in his trade – looked to him for prompt, ready wisdom. He was the one deputed to see and arrange with the police – to lead in all the requisite steps. And he cared for their unconscious deference no more than for the soft west wind, that scarcely made the smoke from the great tall chimneys swerve in its straight upward course. He was not aware of the silent respect paid to him. If it had been otherwise, he would have felt it as an obstacle in his progress to the object he had in view. As it was, he looked to the speedy accomplishment of that alone. It was his mother’s greedy ears that sucked in, from the women-kind of these magistrates and wealthy men, how highly Mr. This or Mr. That thought of Mr. Thornton; that if he had not been there, things would have gone on very differently – very badly, indeed. He swept off his business right and left that day. It seemed as though his deep mortification of yesterday, and the stunned purposeless course of the hours afterwards, had cleared away all the mists from his intellect. He felt his power and revelled in it. He could almost defy his heart. If he had known it, he could have sang the song of the miller who lived by the river Dee:

– I care for nobody – Nobody cares for me.

The evidence against Boucher, and other ringleaders of the riot, was taken before him; that against the three others, for conspiracy, failed. But he sternly charged the police to be on the watch; for the swift right arm of the law should be in readiness to strike, as soon as they could prove a fault. And then he left the hot reeking room in the borough court, and went out into the fresher, but still sultry street. It seemed as though he gave way all at once; he was so languid that he could not control his thoughts; they would wander to her; they would bring back the scene – not of his repulse and rejection the day before but the looks, the actions of the day before that. He went along the crowded streets mechanically, winding in and out among the people, but never seeing them – almost sick with

longing for that one half-hour – that one brief space of time when she clung to him, and her heart beat against his – to come once again.

– Why, Mr. Thornton you're cutting me very coolly, I must say. And how is Mrs. Thornton? Brave weather this! We doctors don't like it, I can tell you!

– I beg your pardon, Dr. Donaldson. I really didn't see you. My mother's quite well, thank you. It is a fine day, and good for the harvest, I hope. If the wheat is well got in, we shall have a brisk trade next year, whatever you doctors have.

– Ay, ay. Each man for himself Your bad weather, and your bad times, are my good ones. When trade is bad, there's more undermining of health, and preparation for death, going on among you Milton men than you're aware of.

– Not with me, Doctor. I'm made of iron. The news of the worst bad debt I ever had, never made my pulse vary. This strike, which affects me more than any one else in Milton – more than Hamper – never comes near my appetite. You must go elsewhere for a patient, Doctor.

– By the way, you've recommended me a good patient, poor lady! Not to go on talking in this heartless way, I seriously believe that Mrs. Hale – that lady in Crampton, you know – hasn't many weeks to live. I never had any hope of cure, as I think I told you; but I've been seeing her today, and I think very badly of her.

Mr. Thornton was silent. The vaunted steadiness of pulse failed him for an instant.

– Can I do anything, Doctor? he asked, in an altered voice. – You know – you would see, that money is not very plentiful; are there any comforts or dainties she ought to have?

– No, replied the Doctor, shaking his head. – She craves for fruit – she has a constant fever on her; but jargonelle pears will do as well as anything, and there are quantities of them in the market.

– You will tell me, if there is anything I can do, I'm sure, replied Mr. Thornton. – I rely upon you.

– Oh! never fear! I'll not spare your purse – I know it's deep enough. I wish you'd give me carte-blanche for all my patients, and all their wants.

But Mr. Thornton had no general benevolence – no universal philanthropy; few even would have given him credit for strong affections. But he went straight to the first fruit-shop in Milton, and chose out the bunch of purple grapes with the most delicate bloom upon them – the richest-coloured peaches – the freshest vine-leaves. They were packed into a basket, and the shopman awaited the answer to his inquiry – Where shall we send them to, sir?

There was no reply. – To Marlborough Mills, I suppose, sir?

– No! Mr. Thornton said. – Give the basket to me – I'll take it.

It took up both his hands to carry it; and he had to pass through the busiest part of the town for feminine shopping. Many a young lady of his acquaintance turned to look after him, and thought it strange to see him occupied just like a porter or an errand-boy.

He was thinking – I will not be daunted from doing as I choose by the thought of her. I like to take this fruit to the poor mother, and it is simply right that I should. She shall never scorn me out of doing what I please. A pretty joke, indeed, if, for fear of a haughty girl, I failed in doing a kindness to a man I liked I do it for Mr. Hale; I do it in defiance of her.

He went at an unusual pace, and was soon at Crampton. He went upstairs two steps at a time, and entered the drawing-room before Dixon could announce him – his face flushed, his eyes shining with kindly earnestness. Mrs. Hale lay on the sofa, heated with fever. Mr. Hale was reading aloud. Margaret was working on a low stool by her mother's side. Her heart fluttered, if his did not, at this interview. But he took no notice of her, hardly of Mr. Hale himself; he went up straight with his basket to Mrs. Hale, and said, in that subdued and gentle tone, which is so touching when used by a robust man in full health, speaking to a feeble invalid –

– I met Dr. Donaldson, ma'am, and as he said fruit would be good for you, I have taken the liberty – the great liberty of bringing you some that seemed to me fine. Mrs. Hale was excessively surprised; excessively pleased; quite in a tremble of eagerness. Mr. Hale with fewer words expressed a deeper gratitude.

– Fetch a plate, Margaret – a basket – anything. Margaret stood up by the table, half afraid of moving or making any noise to arouse Mr. Thornton into a consciousness of her being in the room. She thought it would be awkward for both to be brought into conscious collision; and fancied that, from her being on a low seat at first, and now standing behind her father, he had overlooked her in his haste. As if he did not feel the consciousness of her presence all over, though his eyes had never rested on her!

– I must go, said he – I cannot stay. If you will forgive this liberty – my rough ways – too abrupt, I fear – but I will be more gentle next time. You will allow me the pleasure of bringing you some fruit again, if I should see any that is tempting. Good afternoon, Mr. Hale. Good-bye, ma'am.

He was gone. Not one word: not one look to Margaret. She believed that he had not seen her. She went for a plate in silence, and lifted the fruit out tenderly, with the points of her delicate taper fingers. It was good of him to bring it; and after yesterday too!

– Oh! it is so delicious! said Mrs. Hale, in a feeble voice. – How kind of him to think of me! Margaret love, only taste these grapes! Was it not good of him?

– Yes! said Margaret, quietly.

– Margaret! said Mrs. Hale, rather querulously – you won't like anything Mr. Thornton does. I never saw anybody so prejudiced.

Mr. Hale had been peeling a peach for his wife; and, cutting off a small piece for himself, he said:

– If I had any prejudices, the gift of such delicious fruit as this would melt them all away. I have not tasted such fruit – no! not even in Hampshire – since I was a boy; and to boys, I fancy, all fruit is good. I remember eating sloes and crabs with a relish. Do you remember the matted-up currant bushes, Margaret, at the corner of the west-wall in the garden at home?

Did she not? Did she not remember every weather-stain on the old stone wall; the gray and yellow lichens that marked it like a map; the little crane's-bill that grew in the crevices? She had been shaken by the events of the last two days; her whole life just now was a strain upon her fortitude; and, somehow, these careless words of her father's, touching on the remembrance of the sunny times of old, made her start up, and, dropping her sewing on the ground, she went hastily out of the room into her own little chamber. She had hardly given way to the first choking sob, when she became aware of Dixon standing at her drawers, and evidently searching for something.

– Bless me, miss! How you startled me! Missus is not worse, is she? Is anything the matter?

– No, nothing. Only I'm silly, Dixon, and want a glass of water. What are you looking for? I keep my muslins in that drawer.

Dixon did not speak, but went on rummaging. The scent of lavender came out and perfumed the room.

At last Dixon found what she wanted; what it was Margaret could not see. Dixon faced round, and spoke to her:

– Now I don't like telling you what I wanted, because you've fretting enough to go through, and I know you'll fret about this. I meant to have kept it from you till night, may be, or such times as that.

– What is the matter? Pray, tell me, Dixon, at once.

– That young woman you go to see – Higgins, I mean.

– Well?

– Well! she died this morning, and her sister is here – come to beg a strange thing. It seems, the young woman who died had a fancy for being buried in something of yours, and so the sister's come to ask for it – and I was looking for a night-cap that wasn't too good to give away.

– Oh! let me find one, said Margaret, in the midst of her tears. – Poor Bessy! I never thought I should not see her again.

– Why, that's another thing. This girl down-stairs wanted me to ask you, if

you would like to see her.

– But she's dead! said Margaret, turning a little pale. – I never saw a dead person. No! I would rather not.

– I should never have asked you, if you hadn't come in. I told her you wouldn't.

– I will go down and speak to her, said Margaret, afraid lest Dixon's harshness of manner might wound the poor girl. So, taking the cap in her hand, she went to the kitchen. Mary's face was all swollen with crying, and she burst out afresh when she saw Margaret.

– Oh, ma'am, she loved yo', she loved yo', she did indeed! And for a long time, Margaret could not get her to say anything more than this. At last, her sympathy, and Dixon's scolding, forced out a few facts. Nicholas Higgins had gone out in the morning, leaving Bessy as well as on the day before. But in an hour she was taken worse; some neighbour ran to the room where Mary was working; they did not know where to find her father; Mary had only come in a few minutes before she died.

– It were a day or two ago she axed to be buried in somewhat o' yourn. She were never tired o' talking o' yo'. She used to say yo' were the prettiest thing she'd ever clapped eyes on. She loved yo' dearly. Her last words were, "Give her my affectionate respects; and keep father fro' drink." Yo'll come and see her, ma'am. She would ha' thought it a great compliment, I know.

Margaret shrank a little from answering.

– Yes, perhaps I may. Yes, I will. I'll come before tea. But where's your father, Mary?

Mary shook her head, and stood up to be going.

– Miss Hale, said Dixon, in a low voice – where's the use o' your going to see the poor thing laid out? I'd never say a word against it, if it could do the girl any good; and I wouldn't mind a bit going myself, if that would satisfy her. They've just a notion, these common folks, of its being a respect to the departed. Here, said she, turning sharply round – I'll come and see your sister. Miss Hale is busy, and she can't come, or else she would.

The girl looked wistfully at Margaret. Dixon's coming might be a compliment, but it was not the same thing to the poor sister, who had had her little pangs of jealousy, during Bessy's lifetime, at the intimacy between her and the young lady.

– No, Dixon! said Margaret with decision. – I will go. Mary, you shall see me this afternoon. And for fear of her own cowardice, she went away, in order to take from herself any chance of changing her determination.

CHAPTER 28
COMFORT IN SORROW

“Through cross to crown! – And though thy spirit’s life
Trials untold assail with giant strength,
Good cheer! good cheer! Soon ends the bitter strife,
And thou shalt reign in peace with Christ at length”.
Kosegarten

“Ay sooth, we feel too strong in weal, to need Thee on that road;
But woe being come, the soul is dumb, that crieth not on ‘God’”.
Mrs. Browning

That afternoon she walked swiftly to the Higgins’s house. Mary was looking out for her, with a half-distrustful face. Margaret smiled into her eyes to re-assure her. They passed quickly through the house-place, upstairs, and into the quiet presence of the dead. Then Margaret was glad that she had come. The face, often so weary with pain, so restless with troublous thoughts, had now the faint soft smile of eternal rest upon it. The slow tears gathered into Margaret’s eyes, but a deep calm entered into her soul. And that was death! It looked more peaceful than life. All beautiful scriptures came into her mind. ‘They rest from their labours.’ ‘The weary are at rest.’ ‘He giveth His beloved sleep.’

Slowly, slowly Margaret turned away from the bed. Mary was humbly sobbing in the back-ground. They went down stairs without a word.

Resting his hand upon the house-table, Nicholas Higgins stood in the midst of the floor; his great eyes startled open by the news he had heard, as he came along the court, from many busy tongues. His eyes were dry and fierce; studying the reality of her death; bringing himself to understand that her place should know her no more. For she had been sickly, dying so long, that he had persuaded himself she would not die; that she would ‘pull through.’

Margaret felt as if she had no business to be there, familiarly acquainting herself with the surroundings of death which he, the father, had only just learnt. There had been a pause of an instant on the steep crooked stair, when she first saw him; but now she tried to steal past his abstracted gaze, and to leave him in the solemn circle of his household misery.

Mary sat down on the first chair she came to, and throwing her apron over her head, began to cry.

The noise appeared to rouse him. He took sudden hold of Margaret’s arm, and held her till he could gather words to speak seemed dry; they came up thick, and choked, and hoarse:

– Were yo’ with her? Did yo’ see her die?

– No! replied Margaret, standing still with the utmost patience, now she found herself perceived. It was some time before he spoke again, but he kept his hold on her arm.

– All men must die, said he at last, with a strange sort of gravity, which first suggested to Margaret the idea that he had been drinking – not enough to intoxicate himself, but enough to make his thoughts bewildered. – But she were younger than me. Still he pondered over the event, not looking at Margaret, though he grasped her tight. Suddenly, he looked up at her with a wild searching inquiry in his glance. – Yo’re sure and certain she’s dead – not in a dwam, a faint? – she’s been so before, often.

– She is dead, replied Margaret. She felt no fear in speaking to him, though he hurt her arm with his gripe, and wild gleams came across the stupidity of his eyes.

– She is dead! she said.

He looked at her still with that searching look, which seemed to fade out of his eyes as he gazed. Then he suddenly let go his hold of Margaret, and, throwing his body half across the table, he shook it and every piece of furniture in the room, with his violent sobs. Mary came trembling towards him.

– Get thee gone! – get thee gone! he cried, striking wildly and blindly at her. – What do I care for thee? Margaret took her hand, and held it softly in hers. He tore his hair, he beat his head against the hard wood, then he lay exhausted and stupid. Still his daughter and Margaret did not move. Mary trembled from head to foot.

At last – it might have been a quarter of an hour, it might have been an hour – he lifted himself up. His eyes were swollen and bloodshot, and he seemed to have forgotten that any one was by; he scowled at the watchers when he saw them. He Shook himself heavily, gave them one more sullen look, spoke never a word, but made for the door.

– Oh, father, father! said Mary, throwing herself upon his arm – not tonight! Any night but tonight. Oh, help me! he’s going out to drink again! Father, I’ll not leave yo’. Yo’ may strike, but I’ll not leave yo’. She told me last of all to keep yo’ fro’ drink!

But Margaret stood in the doorway, silent yet commanding. He looked up at her defyingly.

– It’s my own house. Stand out o’ the way, wench, or I’ll make yo’! He had shaken off Mary with violence; he looked ready to strike Margaret. But she never moved a feature – never took her deep, serious eyes off him. He stared back on her with gloomy fierceness. If she had stirred hand or foot, he would have thrust her aside with even more violence than he had used to his own daughter, whose face was bleeding from her fall against a chair.

– What are yo’ looking at me in that way for? asked he at last, daunted and awed by her severe calm. – If yo’ think for to keep me from going what gait I choose, because she loved yo’ – and in my own house, too, where I never asked yo’ to come, yo’re mista’en. It’s very hard upon a man that he can’t go to the only comfort left.

Margaret felt that he acknowledged her power. What could she do next? He had seated himself on a chair, close to the door; half-conquered, half-resenting; intending to go out as soon as she left her position, but unwilling to use the violence he had threatened not five minutes before. Margaret laid her hand on his arm.

– Come with me, she said. – Come and see her!

The voice in which she spoke was very low and solemn; but there was no fear or doubt expressed in it, either of him or of his compliance. He sullenly rose up. He stood uncertain, with dogged irresolution upon his face. She waited him there; quietly and patiently waited for his time to move. He had a strange pleasure in making her wait; but at last he moved towards the stairs.

She and he stood by the corpse.

– Her last words to Mary were, “Keep my father fro’ drink”

– It canna hurt her now, muttered he. – Nought can hurt her now. Then, raising his voice to a wailing cry, he went on: – We may quarrel and fall out – we may make peace and be friends – we may clem to skin and bone – and nought o’ all our griefs will ever touch her more. Hoo’s had her portion on ‘em. What wi’ hard work first, and sickness at last, hoo’s led the life of a dog. And to die without knowing one good piece o’ rejoicing in all her days! Nay, wench, whatever hoo said, hoo can know nought about it now, and I mun ha’ a sup o’ drink júst to steady me again sorrow.

– No, said Margaret, softening with his softened manner. – You shall not. If her life has been what you say, at any rate she did not fear death as some do. Oh, you should have heard her speak of the life to come – the life hidden with God, that she is now gone to.

He shook his head, glancing sideways up at Margaret as he did so. His pale, haggard face struck her painfully.

– You are sorely tired. Where have you been all day – not at work?

– Not at work, sure enough, said he, with a short, grim laugh. – Not at what you call work I were at the Committee, till I were sickened out wi’ trying to make fools hear reason. I were fetched to Boucher’s wife afore seven this morning. She’s bed-fast, but she were raving and raging to know where her dunder-headed brute of a chap was, as if I’d to keep him – as if he were fit to be ruled by me. The d...d fool, who has put his foot in all our plans! And I’ve walked my feet sore wi’ going about for to see men who wouldn’t be seen, now the law is raised again us. And I were sore-hearted, too, which is worse than sore-footed;

and if I did see a friend who ossed to treat me, I never knew hoo lay a-dying here. Bess, lass, thou'd believe me, thou wouldst – wouldstn't thou? turning to the poor dumb form with wild appeal.

– I am sure, said Margaret – I am sure you did not know: it was quite sudden. But now, you see, it would be different; you do know; you do see her lying there; you hear what she said with her last breath. You will not go?

No answer. In fact, where was he to look for comfort?

– Come home with me, said she at last, with a bold venture, half trembling at her own proposal as she made it. – At least you shall have some comfortable food, which I'm sure you need.

– Yo'r father's a parson? asked he, with a sudden turn in his ideas.

– He was, said Margaret, shortly.

– I'll go and take a dish o' tea with him, since yo've asked me. I've many a thing I often wished to say to a parson, and I'm not particular as to whether he's preaching now, or not.

Margaret was perplexed; his drinking tea with her father, who would be totally unprepared for his visitor – her mother so ill – seemed utterly out of the question; and yet if she drew back now, it would be worse than ever – sure to drive him to the gin-shop. She thought that if she could only get him to their own house, it was so great a step gained that she would trust to the chapter of accidents for the next.

– Goodbye, ou'd wench! We've parted company at last, we have! But thou'st been a blessin' to thy father ever sin' thou wert born. Bless thy white lips, lass – they've a smile on 'em now! and I'm glad to see it once again, though I'm lone and forlorn for evermore.

He stooped down and fondly kissed his daughter; covered up her face, and turned to follow Margaret. She had hastily gone down stairs to tell Mary of the arrangement; to say it was the only way she could think of to keep him from the gin-palace; to urge Mary to come too, for her heart smote her at the idea of leaving the poor affectionate girl alone. But Mary had friends among the neighbours, she said, who would come in and sit a bit with her, it was all right; but father –

He was there by them as she would have spoken more. He had shaken off his emotion, as if he was ashamed of having ever given way to it; and had even o'erleaped himself so much that he assumed a sort of bitter mirth, like the crackling of thorns under a pot.

– I'm going to take my tea wi' her father, I am!

But he slouched his cap low down over his brow as he went out into the street, and looked neither to the right nor to the left, while he tramped along by Margaret's side; he feared being upset by the words, still more the looks, of

sympathising neighbours. So he and Margaret walked in silence.

As he got near the street in which he knew she lived, he looked down at his clothes, his hands, and shoes.

– I should m'appen ha' cleaned myself', first?

It certainly would have been desirable, but Margaret assured him he should be allowed to go into the yard, and have soap and towel provided; she could not let him slip out of her hands just then.

While he followed the house-servant along the passage, and through the kitchen, stepping cautiously on every dark mark in the pattern of the oil-cloth, in order to conceal his dirty foot-prints, Margaret ran upstairs. She met Dixon on the landing.

– How is mamma? – where is papa?

Missus was tired, and gone into her own room. She had wanted to go to bed, but Dixon had persuaded her to lie down on the sofa, and have her tea brought to her there; it would be better than getting restless by being too long in bed.

So far, so good. But where was Mr. Hale? In the drawing-room. Margaret went in half breathless with the hurried story she had to tell. Of course, she told it incompletely; and her father was rather 'taken aback' by the idea of the drunken weaver awaiting him in his quiet study, with whom he was expected to drink tea, and on whose behalf Margaret was anxiously pleading. The meek kind-hearted Mr. Hale would have readily tried to console him in his grief, but, unluckily, the point Margaret dwelt upon most forcibly was the fact of his having been drinking, and her having brought him home with her as a last expedient to keep him from the gin-shop. One little event had come out of another so naturally that Margaret was hardly conscious of what she had done, till she saw the slight look of repugnance on her father's face.

– Oh, papa! he really is a man you will not dislike – if you won't be shocked to begin with.

– But, Margaret, to bring a drunken man home – and your mother so ill!

Margaret's countenance fell. – I am sorry, papa. He is very quiet – he is not tipsy at all. He was only rather strange at first, but that might be the shock of poor Bessy's death. Margaret's eyes filled with tears. Mr. Hale took hold of her sweet pleading face in both his hands, and kissed her forehead.

– It is all right, dear. I'll go and make him as comfortable as I can, and do you attend to your mother. Only, if you can come in and make a third in the study, I shall be glad.

– Oh, yes – thank you. But as Mr. Hale was leaving the room, she ran after him:

– Papa – you must not wonder at what he says: he's an...I mean he does

not believe in much of what we do.

– Oh dear! a drunken infidel weaver! said Mr. Hale to himself, in dismay. But to Margaret he only said – If your mother goes to sleep, be sure you come directly.

Margaret went into her mother's room. Mrs. Hale lifted herself up from a doze.

– When did you write to Frederick, Margaret? Yesterday, or the day before?

– Yesterday, mamma.

– Yesterday. And the letter went?

– Yes. I took it myself

– Oh, Margaret, I'm so afraid of his coming! If he should be recognised! If he should be taken! If he should be executed, after all these years that he has kept away and lived in safety! I keep falling asleep and dreaming that he is caught and being tried.

– Oh, mamma, don't be afraid. There will be some risk no doubt; but we will lessen it as much as ever we can. And it is so little! Now, if we were at Helstone, there would be twenty – a hundred times as much. There, everybody would remember him and if there was a stranger known to be in the house, they would be sure to guess it was Frederick; while here, nobody knows or cares for us enough to notice what we do. Dixon will keep the door like a dragon – won't you, Dixon – while he is here?

– They'll be clever if they come in past me! said Dixon, showing her teeth at the bare idea.

– And he need not go out, except in the dusk, poor fellow!

– Poor fellow! echoed Mrs. Hale. – But I almost wish you had not written. Would it be too late to stop him if you wrote again, Margaret?

– I'm afraid it would, mamma, said Margaret, remembering the urgency with which she had entreated him to come directly, if he wished to see his mother alive.

– I always dislike that doing things in such a hurry, said Mrs. Hale.

Margaret was silent.

– Come now, ma'am, said Dixon, with a kind of cheerful authority – you know seeing Master Frederick is just the very thing of all others you're longing for. And I'm glad Miss Margaret wrote off straight, without shilly-shallying. I've had a great mind to do it myself. And we'll keep him snug, depend upon it. There's only Martha in the house that would not do a good deal to save him on a pinch; and I've been thinking she might go and see her mother just at that very

time. She's been saying once or twice she should like to go, for her mother has had a stroke since she came here, only she didn't like to ask. But I'll see about her being safe off, as soon as we know when he comes, God bless him! So take your tea, ma'am, in comfort, and trust to me.

Mrs. Hale did trust in Dixon more than in Margaret. Dixon's words quieted her for the time. Margaret poured out the tea in silence, trying to think of something agreeable to say; but her thoughts made answer something like Daniel O'Rourke, when the man-in-the-moon asked him to get off his reaping-hook – The more you ax us, the more we won't stir. The more she tried to think of something anything besides the danger to which Frederick would be exposed – the more closely her imagination clung to the unfortunate idea presented to her. Her mother prattled with Dixon, and seemed to have utterly forgotten the possibility of Frederick being tried and executed – utterly forgotten that at her wish, if by Margaret's deed, he was summoned into this danger. Her mother was one of those who throw out terrible possibilities, miserable probabilities, unfortunate chances of all kinds, as a rocket throws out sparks; but if the sparks light on some combustible matter, they smoulder first, and burst out into a frightful flame at last. Margaret was glad when, her filial duties gently and carefully performed, she could go down into the study. She wondered how her father and Higgins had got on.

In the first place, the decorous, kind-hearted, simple, old-fashioned gentleman, had unconsciously called out, by his own refinement and courteseness of manner, all the latent courtesy in the other.

Mr. Hale treated all his fellow-creatures alike: it never entered into his head to make any difference because of their rank. He placed a chair for Nicholas stood up till he, at Mr. Hale's request, took a seat; and called him, invariably, 'Mr. Higgins,' instead of the curt 'Nicholas' or 'Higgins,' to which the 'drunken infidel weaver' had been accustomed. But Nicholas was neither an habitual drunkard nor a thorough infidel. He drank to drown care, as he would have himself expressed it: and he was infidel so far as he had never yet found any form of faith to which he could attach himself, heart and soul.

Margaret was a little surprised, and very much pleased, when she found her father and Higgins in earnest conversation – each speaking with gentle politeness to the other, however their opinions might clash. Nicholas – clean, tidied (if only at the pump-trough), and quiet spoken – was a new creature to her, who had only seen him in the rough independence of his own hearthstone. He had 'slicked' his hair down with the fresh water; he had adjusted his neck-handkerchief, and borrowed an odd candle-end to polish his clogs with and there he sat, enforcing some opinion on her father, with a strong Darkshire accent, it is true, but with a lowered voice, and a good, earnest composure on his face. Her father, too, was interested in what his companion was saying. He looked round as she came in, smiled, and quietly gave her his chair, and then sat down afresh as quickly as possible, and with a little bow of apology to his guest for the interruption. Higgins nodded to her as a sign of greeting; and she softly adjusted

her working materials on the table, and prepared to listen.

– As I was a-say in, sir, I reckon yo’d not ha’ much belief in yo’ if yo’ lived here – if yo’d been bred here. I ax your pardon if I use wrong words; but what I mean by belief just now, is a-thinking on sayings and maxims and promises made by folk yo’ never saw, about the things and the life, yo’ never saw, nor no one else. Now, yo’ say these are true things, and true sayings, and a true life. I just say, where’s the proof? There’s many and many a one wiser, and scores better learned than I am around me – folk who’ve had time to think on these things – while my time has had to be gi’en up to getting my bread. Well, I sees these people. Their lives is pretty much open to me. They’re real folk. They don’t believe i’ the Bible – not they. They may say they do, for form’s sake; but Lord, sir, d’y’e think their first cry i’ th’ morning is, “What shall I do to get hold on eternal life?” or “What shall I do to fill my purse this blessed day? Where shall I go? What bargains shall I strike?” The purse and the gold and the notes is real things; things as can be felt and touched; them’s realities; and eternal life is all a talk, very fit for – I ax your pardon, sir; yo’r a parson out o’ work, I believe. Well! I’ll never speak disrespectful of a man in the same fix as I’m in mysel’. But I’ll just ax yo another question, sir, and I dunnot want yo to answer it, only to put in yo’r pipe, and smoke it, afore yo’ go for to set down us, who only believe in what we see, as fools and noddies. If salvation, and life to come, and what not, was true – not in men’s words, but in men’s hearts’ core – dun yo’ not think they’d din us wi’ it as they do wi’ political ‘conomy? They’re mighty anxious to come round us wi’ that piece o’ wisdom; but t’other would be a greater convarnsion, if it were true.

– But the masters have nothing to do with your religion. All that they are connected with you in is trade – so they think – and all that it concerns them, therefore, to rectify your opinions in is the science of trade.

– I’m glad, sir, said Higgins, with a curious wink of his eye, that yo’ put in, “so they think” I’d ha’ thought yo’ a hypocrite, I’m afeard, if yo’ hadn’t, for all yo’r a parson, or rayther because yo’r a parson. Yo’ see, if yo’d spoken o’ religion as a thing that, if it was true, it didn’t concern all men to press on all men’s attention, above everything else in this ‘varsal earth, I should ha’ thought yo’ a knave for to be a parson; and I’d rather think yo’ a fool than a knave. No offence, I hope, sir.

– None at all. You consider me mistaken, and I consider you far more fatally mistaken. I don’t expect to convince you in a day – not in one conversation; but let us know each other, and speak freely to each other about these things, and the truth will prevail. I should not believe in God if I did not believe that. Mr. Higgins, I trust, whatever else you have given up, you believe – (Mr. Hale’s voice dropped low in reverence) – you believe in Him.

Nicholas Higgins suddenly stood straight, stiff up. Margaret started to her feet – for she thought, by the working of his face, he was going into convulsions. Mr. Hale looked at her dismayed. At last Higgins found words:

Man! I could fell yo’ to the ground for tempting me. Whatten business

have yo' to try me wi' your doubts? Think o' her lying there, after the life hoo's led and think then how yo'd deny me the one sole comfort left – that there is a God, and that He set her her life. I dunnot believe she'll ever live again, said he, sitting down, and drearily going on, as if to the unsympathising fire. – I dunnot believe in any other life than this, in which she dreed such trouble, and had such never-ending care; and I cannot bear to think it were all a set o' chances, that might ha' been altered wi' a breath o' wind. There's many a time when I've thought I didna believe in God, but I've never put it fair out before me in words, as many men do. I may ha' laughed at those who did, to brave it out like – but I have looked round at after, to see if He heard me, if so be there was a He; but today, when I'm left desolate, I wunnot listen to yo' wi' yo'r questions, and yo'r doubts. There's but one thing steady and quiet i' all this reeling world, and, reason or no reason, I'll cling to that. It's a' very well for happy folk..

Margaret touched his arm very softly. She had not spoken before, nor had he heard her rise.

– Nicholas, we do not want to reason; you misunderstand my father. We do not reason – we believe; and so do you. It is the one sole comfort in such times.

He turned round and caught her hand. – Ay! it is, it is – (brushing away the tears with the back of his hand). – But yo' know, she's lying dead at home and I'm welly dazed wi' sorrow, and at times I hardly know what I'm saying. It's as if speeches folk ha' made – clever and smart things as I've thought at the time – come up now my heart's welly brossen. Th' strike's failed as well; dun yo' know that, miss? I were coming whoam to ask her, like a beggar as I am, for a bit o' comfort i' that trouble; and I were knocked down by one who telled me she were dead – just dead That were all; but that were enough for me.

Mr. Hale blew his nose, and got up to snuff the candles in order to conceal his emotion. – He's not an infidel, Margaret; how could you say so? muttered he reproachfully – I've a good mind to read him the fourteenth chapter of Job.

– Not yet, papa, I think. Perhaps not at all. Let us ask him about the strike, and give him all the sympathy he needs, and hoped to have from poor Bessy.

So they questioned and listened. The workmen's calculations were based (like too many of the masters') on false premises. They reckoned on their fellowmen as if they possessed the calculable powers of machines, no more, no less; no allowance for human passions getting the better of reason, as in the case of Boucher and the rioters; and believing that the representations of their injuries would have the same effect on strangers far away, as the injuries (fancied or real) had upon themselves. They were consequently surprised and indignant at the poor Irish, who had allowed themselves to be imported and brought over to take their places. This indignation was tempered, in some degree, by contempt for 'them Irishers,' and by pleasure at the idea of the bungling way in which they would set to work, and perplex their new masters with their ignorance and

stupidity, strange exaggerated stories of which were already spreading through the town. But the most cruel cut of all was that of the Milton workmen, who had defied and disobeyed the commands of the Union to keep the peace, whatever came; who had originated discord in the camp, and spread the panic of the law being arrayed against them.

– And so the strike is at an end, said Margaret.

– Ay, miss. It's save as save can. Th' factory doors will need open wide tomorrow to let in all who'll be axing for work; if it's only just to show they'd nought to do wi' a measure, which if we'd been made o' th' right stuff would ha' brought wages up to a point they'n not been at this ten year.

– You'll get work, shan't you? asked Margaret. – You're a famous workman, are not you?

– Hamper'll let me work at his mill, when he cuts off his right hand – not before, and not after, said Nicholas, quietly. Margaret was silenced and sad.

– About the wages, said Mr. Hale. – You'll not be offended, but I think you make some sad mistakes. I should like to read you some remarks in a book I have. He got up and went to his book-shelves.

– Yo' needn't trouble yoursel', sir, said Nicholas. – Their book-stuff goes in at one ear and out at t'other. I can make nought on't. Afore Hamper and me had this split, th' overlooker telled him I were stirring up the men to ask for higher wages; and Hamper met me one day in th' yard. He'd a thin book i' his hand, and says he, "Higgins, I'm told you're one of those damned fools that think you can get higher wages for asking for 'em; ay, and keep 'em up too, when you've forced 'em up. Now, I'll give yo' a chance and try if yo've any sense in yo'. Here's a book written by a friend o' mine, and if yo'll read it yo'll see how wages find their own level, without either masters or men having aught to do with them; except the men cut their own throats wi' striking, like the confounded noodles they are." Well, now, sir, I put it to yo', being a parson, and having been in th' preaching line, and having had to try and bring folk o'er to what yo' thought was a right way o' thinking – did yo' begin by calling 'em fools and such like, or didn't yo' rayther give 'em some kind words at first, to make 'em ready for to listen and be convinced, if they could; and in yo'r preaching, did yo' stop every now and then, and say, half to them and half to yo'rsel', "But yo're such a pack o' fools, that I've a strong notion it's no use my trying to put sense into yo'?" I were not i' th' best state, I'll own, for taking in what Hamper's friend had to say – I were so vexed at the way it were put to me; – but I thought, "Come, I'll see what these chaps has got to say, and try if it's them or me as is th' noodle." So I took th' book and tugged at it; but, Lord bless yo', it went on about capital and labour, and labour and capital, till it fair sent me off to sleep. I ne'er could rightly fix i' my mind which was which; and it spoke on 'em as if they was virtues or vices; and what I wanted for to know were the rights o' men, whether they were rich or poor – so be they only were men.

– But for all that, said Mr. Hale – and granting to the full the offensiveness, the folly, the unchristianness of Mr. Hamper’s way of speaking to you in recommending his friend’s book, yet if it told you what he said it did, that wages find their own level, and that the most successful strike can only force them up for a moment, to sink in far greater proportion afterwards, in consequence of that very strike, the book would have told you the truth.

– Well, sir, said Higgins, rather doggedly; – it might, or it might not. There’s two opinions go to settling that point. But suppose it was truth double strong, it were no truth to me if I couldna take it in. I daresay there’s truth in yon Latin book on your shelves; but it’s gibberish and not truth to me, unless I know the meaning o’ the words. If yo’, sir, or any other knowledgable, patient man come to me, and says he’ll larn me what the words mean, and not blow me up if I’m a bit stupid, or forget how one thing hangs on another – why, in time I may get to see the truth of it; or I may not. I’ll not be bound to say I shall end in thinking the same as any man. And I’m not one who think truth can be shaped out in words, all neat and clean, as th’ men at th’ foundry cut out sheet-iron. Same bones won’t go down wi’ every one. It’ll stick here i’ this man’s throat, and there i’ t’other’s. Let alone that, when down, it may be too strong for this one, too weak for that. Folk who sets up to doctor th’ world wi’ their truth, mun suit different for different minds; and be a bit tender in th’ way of giving it too, or th’ poor sick fools may spit it out i’ their faces. Now Hamper first gi’es me a box on my ear, and then he throws his big bolus at me, and says he reckons it’ll do me no good, I’m such a fool, but there it is.

– I wish some of the kindest and wisest of the masters would meet some of you men, and have a good talk on these things; it would, surely, be the best way of getting over your difficulties, which, I do believe, arise from your ignorance – excuse me, Mr. Higgins – on subjects which it is for the mutual interest of both masters and men should be well understood by both. I wonder – (half to his daughter) – if Mr. Thornton might not be induced to do such a thing?

– Remember, papa, said she in a very low voice – what he said one day – about governments, you know. She was unwilling to make any clearer allusion to the conversation they had held on the mode of governing work-people – by giving men intelligence enough to rule themselves, or by a wise despotism on the part of the master – for she saw that Higgins had caught Mr. Thornton’s name, if not the whole of the speech: indeed, he began to speak of him.

– Thornton! He’s the chap as wrote off at once for these Irishers; and led to th’ riot that ruined th’ strike. Even Hamper wi’ all his bullying, would ha’ waited a while – but it’s a word and a blow wi’ Thornton. And, now, when th’ Union would ha’ thanked him for following up th’ chase after Boucher, and them chaps as went right again our commands, it’s Thornton who steps forrard and coolly says that, as th’ strike’s at an end, he, as party injured, doesn’t want to press the charge again the rioters. I thought he’d had more pluck I thought he’d ha’ carried his point, and had his revenge in an open way; but says he (one in court telled me his very words) “they are well known; they will find the natural punishment of their

conduct, in the difficulty they will meet wi' in getting employment. That will be severe enough." I only wish they'd cotched Boucher, and had him up before Hamper. I see th'oud tiger setting on him! would he ha'let him off? Not he!

– Mr. Thornton was right, said Margaret. You are angry against Boucher, Nicholas; or else you would be the first to see, that where the natural punishment would be severe enough for the offence, any farther punishment would be something like revenge.

– My daughter is no great friend of Mr. Thornton's, said Mr. Hale, smiling at Margaret; while she, as red as any carnation, began to work with double diligence – but I believe what she says is the truth. I like him for it.

– Well, sir, this strike has been a weary piece o'business to me; and yo'll not wonder if I'm a bit put out wi'seeing it fail, just for a few men who would na suffer in silence, and hou'd out, brave and firm.

– You forget! said Margaret. – I don't know much of Boucher; but the only time I saw him it was not his own sufferings he spoke of, but those of his sick wife – his little children.

– True! but he were not made of iron himsel'. He'd ha'cried out for his own sorrows, next. He were not one to bear.

– How came he into the Union? asked Margaret innocently. – You don't seem to have much respect for him; nor gained much good from having him in.

Higgins's brow clouded. He was silent for a minute or two. Then he said, shortly enough:

– It's not for me to speak o'th'Union. What they does, they does. Them that is of a trade mun hang together; and if they're not willing to take their chance along wi'th'rest, th'Union has ways and means.

Mr. Hale saw that Higgins was vexed at the turn the conversation had taken, and was silent. Not so Margaret, though she saw Higgins's feeling as clearly as he did. By instinct she felt, that if he could but be brought to express himself in plain words, something clear would be gained on which to argue for the right and the just.

– And what are the Union's ways and means?

He looked up at her, as if on'the point of dogged resistance to her wish for information. But her calm face, fixed on his, patient and trustful, compelled him to answer.

– Well! If a man doesn't belong to th'Union, them as works next looms has orders not to speak to him – if he's sorry or ill it's a'the same; he's out o' bounds; he's none o'us; he comes among us, he works among us, but he's none o' us. I'some places them's fined who speaks to him. Yo'try that, miss; try living a year or two among them as looks away if yo'look at'em; try working within two yards o'crowds o'men, who, yo'know, have a grinding grudge at yo'in their

hearts – to whom if yo’ say yo’r glad, not an eye brightens, nor a lip moves – to whom if your heart’s heavy, yo’ can never say nought, because they’ll ne’er take notice on your sighs or sad looks (and a man ‘s no man who’ll groan out loud ‘bout folk asking him what ‘s the matter?) – just yo’ try that, miss – ten hours for three hundred days, and yo’ll know a bit what th’ Union is.

– Why! said Margaret, what tyranny this is! Nay, Higgins, I don’t care one straw for your anger. I know you can’t be angry with me if you would, and I must tell you the truth: that I never read, in all the history I have read, of a more slow, lingering torture than this. And you belong to the Union! And you talk of the tyranny of the masters!

– Nay, said Higgins – yo’ may say what yo’ like! The dead stand between yo and every angry word o’ mine. D’ye think I forget who’s lying *there*, and how hoo loved yo’? And it’s th’ masters as has made us sin, if th’ Union is a sin. Not this generation maybe, but their fathers. Their fathers ground our fathers to the very dust; ground us to powder! Parson! I reckon, I’ve heerd my mother read out a text, “The fathers have eaten sour grapes and th’ children’s teeth are set on edge.” It’s so wi’ them. In those days of sore oppression th’ Unions began; it were a necessity. It’s a necessity now, according to me. It’s a withstanding of injustice, past, present, or to come. It may be like war; along wi’ it come crimes; but I think it were a greater crime to let it alone. Our only chance is binding men together in one common interest; and if some are cowards and some are fools, they mun come along and join the great march, whose only strength is in numbers.

– Oh! said Mr. Hale, sighing – your Union in itself would be beautiful, glorious – it would be Christianity itself – if it were but for an end which affected the good of all, instead of that of merely one class as opposed to another.

– I reckon it’s time for me to be going, sir, said Higgins, as the clock struck ten.

– Home? said Margaret very softly. He understood her, and took her offered hand. – Home, miss. Yo’ may trust me, tho’ I am one o’ th’ Union.

– I do trust yo most thoroughly, Nicholas.

– Stay! said Mr. Hale, hurrying to the book-shelves. – Mr. Higgins! I’m sure you’ll join us in family prayer?

Higgins looked at Margaret, doubtfully. Hey grave sweet eyes met his; there was no compulsion, only deep interest in them. He did not speak, but he kept his place.

Margaret the Churchwoman, her father the Dissenter, Higgins the Infidel, knelt down together. It did them no harm.

CHAPTER 29

ARAY OF SUNSHINE

“Some wishes crossed my mind and dimly cheered it,
And one or two poor melancholy pleasures,
Each in the pale unwarming light of hope,
Silvering its flimsy wing, flew silent by –
Moths in the moonbeam!”
Coleridge

The next morning brought Margaret a letter from Edith. It was affectionate and inconsequent like the writer. But the affection was charming to Margaret's own affectionate nature; and she had grown up with the inconsequence, so she did not perceive it. It was as follows:

– Oh, Margaret, it is worth a journey from England to see my boy! He is a superb little fellow, especially in his caps, and most especially in the one you sent him, you good, dainty-fingered, persevering little lady! Having made all the mothers here envious, I want to show him to somebody new, and hear a fresh set of admiring expressions; perhaps, that's all the reason; perhaps it is not – nay, possibly, there is just a little cousinly love mixed with it; but I do want you so much to come here, Margaret! I'm sure it would be the very best thing for Aunt Hale's health; everybody here is young and well, and our skies are always blue, and our sun always shines, and the band plays deliciously from morning till night; and, to come back to the burden of my ditty, my baby always smiles. I am constantly wanting you to draw him for me, Margaret. It does not signify what he is doing; that very thing is prettiest, gracefulest, best. I think I love him a great deal better than my husband, who is getting stout, and grumpy – what he calls “busy”. No! he is not. He has just come in with news of such a charming pic-nic, given by the officers of the Hazard, at anchor in the bay below. Because he has brought in such a pleasant piece of news, I retract all I said just now. Did not somebody burn his hand for having said or done something he was sorry for? Well, I can't burn mine, because it would hurt me, and the scar would be ugly; but I'll retract all I said as fast as I can. Cosmo is quite as great a darling as baby, and not a bit stout, and as un-grumpy as ever husband was; only, sometimes he is very, very busy. I may say that without love – wifely duty – where was I? – I had something very particular to say, I know, once. Oh, it is this – Dearest Margaret! – you must come and see me; it would do Aunt Hale good, as I said before. Get the doctor to order it for her. Tell him that it's the smoke of Milton that does her harm. I have no doubt it is that, really. Three months (you must not come for less) of this delicious climate – all sunshine, and grapes as common as blackberries, would quite cure her. I don't ask my uncle? – (Here the letter became more constrained, and better written; Mr. Hale was in the corner, like a

naughty child, for having given up his living.) – ‘because, I dare say, he disapproves of war, and soldiers, and bands of music; at least, I know that many Dissenters are members of the Peace Society, and I am afraid he would not like to come; but, if he would, dear, pray say that Cosmo and I will do our best to make him happy; and I’ll hide up Cosmo’s red coat and sword, and make the band play all sorts of grave, solemn things; or, if they do play poms and vanities, it shall be in double slow time. Dear Margaret, if he would like to accompany you and Aunt Hale, we will try and make it pleasant, though I’m rather afraid of any one who has done something for conscience sake. You never did, I hope. Tell Aunt Hale not to bring many warm clothes, though I’m afraid it will be late in the year before you can come. But you have no idea of the heat here! I tried to wear my great beauty Indian shawl at a pic-nic. I kept myself up with proverbs as long as I could; “Pride must abide”, – and such wholesome pieces of pith; but it was of no use. I was like mamma’s little dog Tiny with an elephant’s trappings on; smothered, hidden, killed with my finery; so I made it into a capital carpet for us all to sit down upon. Here’s this boy of mine, Margaret – if you don’t pack up your things as soon as you get this letter, a come straight off to see him, I shall think you’re descended from King Herod!

Margaret did long for a day of Edith’s life – her freedom from care, her cheerful home, her sunny skies. If a wish could have transported her, she would have gone off; just for one day. She yearned for the strength which such a change would give – even for a few hours to be in the midst of that bright life, and to feel young again. Not yet twenty! and she had had to bear up against such hard pressure that she felt quite old. That was her first feeling after reading Edith’s letter. Then she read it again, and, forgetting herself, was amused at its likeness to Edith’s self, and was laughing merrily over it when Mrs. Hale came into the drawing-room, leaning on Dixon’s arm. Margaret flew to adjust the pillows. Her mother seemed more than usually feeble.

– What were you laughing at, Margaret? asked she, as soon as she had recovered from the exertion of settling herself on the sofa.

– A letter I have had this morning from Edith. Shall I read it you, mamma?

She read it aloud, and for a time it seemed to interest her mother, who kept wondering what name Edith had given to her boy, and suggesting all probable names, and all possible reasons why each and all of these names should be given. Into the very midst of these wonders Mr. Thornton came, bringing another offering of fruit for Mrs. Hale. He could not – say rather, he would not – deny himself the chance of the pleasure of seeing Margaret. He had no end in this but the present gratification. It was the sturdy wilfulness of a man usually most reasonable and self-controlled. He entered the room, taking in at a glance the fact of Margaret’s presence; but after the first cold distant bow, he never seemed to let his eyes fall on her again. He only stayed to present his peaches – to speak some gentle kindly words – and then his cold offended eyes met Margaret’s with a grave farewell, as he left the room. She sat down silent and pale.

– Do you know, Margaret, I really begin quite to like Mr. Thornton.

No answer at first. Then Margaret forced out an icy – Do you?

– Yes! I think he is really getting quite polished in his manners.

Margaret's voice was more in order now. She replied,

– He is very kind and attentive – there is no doubt of that.

– I wonder Mrs. Thornton never calls. She must know I am ill, because of the water-bed.

– I dare say, she hears how you are from her son.

– Still, I should like to see her. You have so few friends here, Margaret.

Margaret felt what was in her mother's thoughts – a tender craving to bespeak the kindness of some woman towards the daughter that might be so soon left motherless. But she could not speak.

– Do you think, said Mrs. Hale, after a pause, that you could go and ask Mrs. Thornton to come and see me? Only once – I don't want to be troublesome.

– I will do anything, if you wish it, mamma – but if – but when Frederick comes...

– Ah, to be sure! we must keep our doors shut – we must let no one in. I hardly know whether I dare wish him to come or not. Sometimes I think I would rather not. Sometimes I have such frightful dreams about him.

– Oh, mamma! we'll take good care. I will put my arm in the bolt sooner than he should come to the slightest harm. Trust the care of him to me, mamma. I will watch over him like a lioness over her young.

– When can we hear from him?

– Not for a week yet, certainly – perhaps more.

– We must send Martha away in good time. It would never do to have her here when he comes, and then send her off in a hurry.

– Dixon is sure to remind us of that. I was thinking that, if we wanted any help in the house while he is here, we could perhaps get Mary Higgins. She is very slack of work, and is a good girl, and would take pains to do her best, I am sure, and would sleep at home, and need never come upstairs, so as to know who is in the house.

– As you please. As Dixon pleases. But, Margaret, don't get to use these horrid Milton words. "Slack of work": it is a provincialism. What will your aunt Shaw say, if she hears you use it on her return?

– Oh, mamma! don't try and make a bugbear of aunt Shaw' said Margaret, laughing. 'Edith picked up all sorts of military slang from Captain Lennox, and aunt Shaw never took any notice of it.

– But yours is factory slang.

– And if I live in a factory town, I must speak factory language when I want it. Why, mamma, I could astonish you with a great many words you never heard in your life. I don't believe you know what a knobstick is.

– Not I, child. I only know it has a very vulgar sound and I don't want to hear you using it.

– Very well, dearest mother, I won't. Only I shall have to use a whole explanatory sentence instead.

– I don't like this Milton, said Mrs. Hale. – Edith is right enough in saying it's the smoke that has made me so ill.

Margaret started up as her mother said this. Her father had just entered the room, and she was most anxious that the faint impression she had seen on his mind that the Milton air had injured her mother's health, should not be deepened – should not receive any confirmation. She could not tell whether he had heard what Mrs. Hale had said or not; but she began speaking hurriedly of other things, unaware that Mr. Thornton was following him.

– Mamma is accusing me of having picked up a great deal of vulgarity since we came to Milton.

The 'vulgarity' Margaret spoke of, referred purely to the use of local words, and the expression arose out of the conversation they had just been holding. But Mr. Thornton's brow darkened; and Margaret suddenly felt how her speech might be misunderstood by him; so, in the natural sweet desire to avoid giving unnecessary pain, she forced herself to go forwards with a little greeting, and continue what she was saying, addressing herself to him expressly.

– Now, Mr. Thornton, though "knobstick" has not a very pretty sound, is it not expressive? Could I do without it, in speaking of the thing it represents? If using local words is vulgar, I was very vulgar in the Forest – was I not, mamma?

It was unusual with Margaret to obtrude her own subject of conversation on others; but, in this case, she was so anxious to prevent Mr. Thornton from feeling annoyance at the words he had accidentally overheard, that it was not until she had done speaking that she coloured all over with consciousness, more especially as Mr. Thornton seemed hardly to understand the exact gist or bearing of what she was saying, but passed her by, with a cold reserve of ceremonious movement, to speak to Mrs. Hale.

The sight of him reminded her of the wish to see his mother, and commend Margaret to her care. Margaret, sitting in burning silence, vexed and ashamed of her difficulty in keeping her right place, and her calm unconsciousness of heart, when Mr. Thornton was by, heard her mother's slow entreaty that Mrs. Thornton would come and see her; see her soon; tomorrow, if it were possible. Mr. Thornton promised that she should – conversed a little, and then took his leave; and Margaret's movements and voice seemed at once

released from some invisible chains. He never looked at her; and yet, the careful avoidance of his eyes betokened that in some way he knew exactly where, if they fell by chance, they would rest on her. If she spoke, he gave no sign of attention, and yet his next speech to any one else was modified by what she had said; sometimes there was an express answer to what she had remarked, but given to another person as though unsuggested by her. It was not the bad manners of ignorance it was the wilful bad manners arising from deep offence. It was wilful at the time, repented of afterwards. But no deep plan, no careful cunning could have stood him in such good stead. Margaret thought about him more than she had ever done before; not with any tinge of what is called love, but with regret that she had wounded him so deeply – and with a gentle, patient striving to return to their former position of antagonistic friendship; for a friend's position was what she found that he had held in her regard, as well as in that of the rest of the family. There was a pretty humility in her behaviour to him, as if mutely apologising for the over-strong words which were the reaction from the deeds of the day of the riot.

But he resented those words bitterly. They rung in his ears; and he was proud of the sense of justice which made him go on in every kindness he could offer to her parents. He exulted in the power he showed in compelling himself to face her, whenever he could think of any action which might give her father or mother pleasure. He thought that he disliked seeing one who had mortified him so keenly; but he was mistaken. It was a stinging pleasure to be in the room with her, and feel her presence. But he was no great analyser of his own motives, and was mistaken as I have said.

CHAPTER 30
HOME AT LAST

“The saddest birds a season find to sing”.
Southwell

“Never to fold the robe o’er secret pain,
Never, weighed down by memory’s clouds again,
To bow thy head! Thou art gone home!”
Mrs. Hemans

Mrs. Thornton came to see Mrs. Hale the next morning. She was much worse. One of those sudden changes – those great visible strides towards death, had been taken in the night, and her own family were startled by the gray sunken look her features had assumed in that one twelve hours of suffering. Mrs. Thornton – who had not seen her for weeks – was softened all at once. She had come because her son asked it from her as a personal favour, but with all the proud bitter feelings of her nature in arms against that family of which Margaret formed one. She doubted the reality of Mrs. Hale’s illness; she doubted any want beyond a momentary fancy on that lady’s part, which should take her out of her previously settled course of employment for the day. She told her son that she wished they had never come near the place; that he had never got acquainted with them; that there had been no such useless languages as Latin and Greek ever invented. He bore all this pretty silently; but when she had ended her invective against the dead languages, he quietly returned to the short, curt, decided expression of his wish that she should go and see Mrs. Hale at the time appointed, as most likely to be convenient to the invalid. Mrs. Thornton submitted with as bad a grace as she could to her son’s desire, all the time liking him the better for having it; and exaggerating in her own mind the same notion that he had of extraordinary goodness on his part in so perseveringly keeping up with the Hales.

His goodness verging on weakness (as all the softer virtues did in her mind), and her own contempt for Mr. and Mrs. Hale, and positive dislike to Margaret, were the ideas which occupied Mrs. Thornton, till she was struck into nothingness before the dark shadow of the wings of the angel of death. There lay Mrs. Hale – a mother like herself – a much younger woman than she was – on the bed from which there was no sign of hope that she might ever rise again. No more variety of light and shade for her in that darkened room; no power of action, scarcely change of movement; faint alternations of whispered sound and studious silence; and yet that monotonous life seemed almost too much! When Mrs. Thornton, strong and prosperous with life, came in, Mrs. Hale lay still, although from the look on her face she was evidently conscious of who it was. But she did not even open her eyes for a minute or two. The heavy moisture of tears stood on the eye-lashes before she looked up, then with her hand groping feebly

over the bed-clothes, for the touch of Mrs. Thornton's large firm fingers, she said, scarcely above her breath – Mrs. Thornton had to stoop from her erectness to listen:

– Margaret – you have a daughter – my sister is in Italy. My child will be without a mother; – in a strange place – if I die – will you...

And her filmy wandering eyes fixed themselves with an intensity of wistfulness on Mrs. Thornton's face. For a minute, there was no change in its rigidity; it was stern and unmoved; – nay, but that the eyes of the sick woman were growing dim with the slow-gathering tears, she might have seen a dark cloud cross the cold features. And it was no thought of her son, or of her living daughter Fanny, that stirred her heart at last; but a sudden remembrance, suggested by something in the arrangement of the room – of a little daughter – dead in infancy – long years ago – that, like a sudden sunbeam, melted the icy crust, behind which there was a real tender woman.

– You wish me to be a friend to Miss Hale, said Mrs. Thornton, in her measured voice, that would not soften with her heart, but came out distinct and clear.

Mrs. Hale, her eyes still fixed on Mrs. Thornton's face, pressed the hand that lay below hers on the coverlet. She could not speak. Mrs. Thornton sighed – I will be a true friend, if circumstances require it. Not a tender friend. That I cannot be – ('to her,' she was on the point of adding, but she relented at the sight of that poor, anxious face.) – It is not my nature to show affection even where I feel it, nor do I volunteer advice in general. Still, at your request – if it will be any comfort to you, I will promise you. Then came a pause. Mrs. Thornton was too conscientious to promise what she did not mean to perform; and to perform anything in the way of kindness on behalf of Margaret, more disliked at this moment than ever, was difficult; almost impossible.

– I promise, said she, with grave severity; which, after all, inspired the dying woman with faith as in something more stable than life itself – flickering, fitting, wavering life! – I promise that in any difficulty in which Miss Hale...

– Call her Margaret! gasped Mrs. Hale.

– In which she comes to me for help, I will help her with every power I have, as if she were my own daughter. I also promise that if ever I see her doing what I think is wrong...

– But Margaret never does wrong – not wilfully wrong, pleaded Mrs. Hale. Mrs. Thornton went on as before; as if she had not heard:

– If ever I see her doing what I believe to be wrong – such wrong not touching me or mine, in which case I might be supposed to have an interested motive – I will tell her of it, faithfully and plainly, as I should wish my own daughter to be told.

There was a long pause. Mrs. Hale felt that this promise did not include

all; and yet it was much. It had reservations in it which she did not understand; but then she was weak, dizzy, and tired. Mrs. Thornton was reviewing all the probable cases in which she had pledged herself to act. She had a fierce pleasure in the idea of telling Margaret unwelcome truths, in the shape of performance of duty. Mrs. Hale began to speak

– I thank you. I pray God to bless you. I shall never see you again in this world. But my last words are, I thank you for your promise of kindness to my child.

– Not kindness! testified Mrs. Thornton, ungraciously truthful to the last. But having eased her conscience by saying these words, she was not sorry that they were not heard. She pressed Mrs. Hale's soft languid hand; and rose up and went her way out of the house without seeing a creature.

During the time that Mrs. Thornton was having this interview with Mrs. Hale, Margaret and Dixon were laying their heads together, and consulting how they should keep Frederick's coming a profound secret to all out of the house. A letter from him might now be expected any day; and he would assuredly follow quickly on its heels. Martha must be sent away on her holiday; Dixon must keep stern guard on the front door, only admitting the few visitors that ever came to the house into Mr. Hale's room down-stairs – Mrs. Hale's extreme illness giving her a good excuse for this. If Mary Higgins was required as a help to Dixon in the kitchen she was to hear and see as little of Frederick as possible; and he was, if necessary to be spoken of to her under the name of Mr. Dickinson. But her sluggish and incurious nature was the greatest safeguard of all.

They resolved that Martha should leave them that very afternoon for this visit to her mother. Margaret wished that she had been sent away on the previous day, as she fancied it might be thought strange to give a servant a holiday when her mistress's state required so much attendance.

Poor Margaret! All that afternoon she had to act the part of a Roman daughter, and give strength out of her own scanty stock to her father. Mr. Hale would hope, would not despair, between the attacks of his wife's malady; he buoyed himself up in every respite from her pain, and believed that it was the beginning of ultimate recovery. And so, when the paroxysms came on, each more severe than the last, they were fresh agonies, and greater disappointments to him. This afternoon, he sat in the drawing-room, unable to bear the solitude of his study, or to employ himself in any way. He buried his head in his arms, which lay folded on the table. Margaret's heart ached to see him; yet, as he did not speak, she did not like to volunteer any attempt at comfort. Martha was gone. Dixon sat with Mrs. Hale while she slept. The house was very still and quiet, and darkness came on, without any movement to procure candles. Margaret sat at the window, looking out at the lamps and the street, but seeing nothing – only alive to her father's heavy sighs. She did not like to go down for lights, lest the tacit restraint of her presence being withdrawn, he might give way to more violent emotion, without her being at hand to comfort him. Yet she was just thinking that

she ought to go and see after the well-doing of the kitchen fire, which there was nobody but herself to attend to when she heard the muffled door-ring with so violent a pull, that the wires jingled all through the house, though the positive sound was not great. She started up, passed her father, who had never moved at the veiled, dull sound – returned, and kissed him tenderly. And still he never moved, nor took any notice of her fond embrace. Then she went down softly, through the dark, to the door. Dixon would have put the chain on before she opened it, but Margaret had not a thought of fear in her pre-occupied mind. A man's tall figure stood between her and the luminous street. He was looking away; but at the sound of the latch he turned quickly round.

– Is this Mr. Hale's? said he, in a clear, full, delicate voice.

Margaret trembled all over; at first she did not answer. In a moment she sighed out,

– Frederick! and stretched out both her hands to Catch his, and draw him in.

– Oh, Margaret! said he, holding her off by her shoulders, after they had kissed each other, as if even in that darkness he could see her face, and read in its expression a quicker answer to his question than words could give –

– My mother! is she alive?

– Yes, she is alive, dear, dear brother! She – as ill as she can be she is; but alive! She is alive!

– Thank God! said he.

– Papa is utterly prostrate with this great grief.

– You expect me, don't you?

– No, we have had no letter.

– Then I have come before it. But my mother knows I am coming?

– Oh! we all knew you would come. But wait a little! Step in here. Give me your hand. What is this? Oh! your carpet-bag. Dixon has shut the shutters; but this is papa's study, and I can take you to a chair to rest yourself for a few minutes; while I go and tell him.

She groped her way to the taper and the lucifer matches. She suddenly felt shy, when the little feeble light made them visible. All she could see was, that her brother's face was unusually dark in complexion, and she caught the stealthy look of a pair of remarkably long-cut blue eyes, that suddenly twinkled up with a droll consciousness of their mutual purpose of inspecting each other. But though the brother and sister had an instant of sympathy in their reciprocal glances, they did not exchange a word; only, Margaret felt sure that she should like her brother as a companion as much as she already loved him as a near relation. Her heart was wonderfully lighter as she went up-stairs; the sorrow was no less in reality,

but it became less oppressive from having some one in precisely the same relation to it as that in which she stood. Not her father's desponding attitude had power to damp her now. He lay across the table, helpless as ever; but she had the spell by which to rouse him. She used it perhaps too violently in her own great relief.

– Papa, said she, throwing her arms fondly round his neck, pulling his weary head up in fact with her gentle violence, till it rested in her arms, and she could look into his eyes, and let them gain strength and assurance from hers.

– Papa! guess who is here!

He looked at her; she saw the idea of the truth glimmer into their filmy sadness, and he dismissed thence as a wild imagination.

He threw himself forward, and hid his face once more in his stretched-out arms, resting upon the table as heretofore. She heard him whisper; she bent tenderly down to listen. – I don't know. Don't tell me it is Frederick – not Frederick I cannot bear it – I am too weak. And his mother is dying! He began to cry and wail like a child. It was so different to all which Margaret had hoped and expected, that she turned sick with disappointment, and was silent for an instant. Then she spoke again – very differently – not so exultingly, far more tenderly and carefully.

– Papa, it is Frederick! Think of mamma, how glad she will be! And oh, for her sake, how glad we ought to be! For his sake, too – our poor, poor boy!

Her father did not change his attitude, but he seemed to be trying to understand the fact.

– Where is he? asked he at last, his face still hidden in his prostrate arms.

– In your study, quite alone. I lighted the taper, and ran up to tell you. He is quite alone, and will be wondering why –

– I will go to him, broke in her father; and he lifted himself up and leant on her arm as on that of a guide.

Margaret led him to the study door, but her spirits were so agitated that she felt she could not bear to see the meeting. She turned away, and ran up-stairs, and cried most heartily. It was the first time she had dared to allow herself this relief for days. The strain had been terrible, as she now felt. But Frederick was come! He, the one precious brother, was there, safe, amongst them again! She could hardly believe it. She stopped her crying, and opened her bedroom door. She heard no sound of voices, and almost feared she might have dreamt. She went down-stairs, and listened at the study door. She heard the buzz of voices; and that was enough. She went into the kitchen, and stirred up the fire, and lighted the house, and prepared for the wanderer's refreshment. How fortunate it was that her mother slept! She knew that she did, from the candle-lighter thrust through the key hole of her bedroom door. The traveller could be refreshed and bright, and the first excitement of the meeting with his father all be over, before her mother

became aware of anything unusual.

When all was ready, Margaret opened the study door, and went in like a serving-maiden, with a heavy tray held in her extended arms. She was proud of serving Frederick. But he, when he saw her, sprang up in a minute, and relieved her of her burden. It was a type, a sign, of all the coming relief which his presence would bring. The brother and sister arranged the table together, saying little, but their hands touching, and their eyes speaking the natural language of expression, so intelligible to those of the same blood. The fire had gone out; and Margaret applied herself to light it, for the evenings had begun to be chilly; and yet it was desirable to make all noises as distant as possible from Mrs. Hale's room.

– Dixon says it is a gift to light a fire; not an art to be acquired.

– Poeta nascitur, non fit, murmured Mr. Hale; and Margaret was glad to hear a quotation once more, however languidly given.

– Dear old Dixon! How we shall kiss each other! said Frederick – She used to kiss me, and then look in my face to be sure I was the right person, and then set to again! But, Margaret, what a bungler you are! I never saw such a little awkward, good-for-nothing pair of hands. Run away, and wash them, ready to cut bread-and-butter for me, and leave the fire. I'll manage it. Lighting fires is one of my natural accomplishments.

So Margaret went away; and returned; and passed in and out of the room, in a glad restlessness that could not be satisfied with sitting still. The more wants Frederick had, the better she was pleased; and he understood all this by instinct. It was a joy snatched in the house of mourning, and the zest of it was all the more pungent, because they knew in the depths of their hearts what irremediable sorrow awaited them.

In the middle, they heard Dixon's foot on the stairs. Mr. Hale started from his languid posture in his great armchair, from which he had been watching his children in a dreamy way, as if they were acting some drama of happiness, which it was pretty to look at, but which was distinct from reality, and in which he had no part. He stood up, and faced the door, showing such a strange, sudden anxiety to conceal Frederick from the sight of any person entering, even though it were the faithful Dixon, that a shiver came over Margaret's heart: it reminded her of the new fear in their lives. She caught at Frederick's arm, and clutched it tight, while a stern thought compressed her brows, and caused her to set her teeth. And yet they knew it was only Dixon's measured tread. They heard her walk the length of the passage, into the kitchen. Margaret rose up.

I will go to her, and tell her. And I shall hear how mamma is. Mrs. Hale was awake. She rambled at first; but after they had given her some tea she was refreshed, though not disposed to talk. It was better that the night should pass over before she was told of her son's arrival. Dr. Donaldson's appointed visit would bring nervous excitement enough for the evening; and he might tell them how to prepare her for seeing Frederick. He was there, in the house; could be summoned

at any moment.

Margaret could not sit still. It was a relief to her to aid Dixon in all her preparations for 'Master Frederick.' It seemed as though she never could be tired again. Each glimpse into the room where he sat by his father, conversing with him, about, she knew not what, nor cared to know – was increase of strength to her. Her own time for talking and hearing would come at last, and she was too certain of this to feel in a hurry to grasp it now. She took in his appearance and liked it. He had delicate features, redeemed from effeminacy by the swarthy complexion, and his quick intensity of expression. His eyes were generally merry-looking, but at times they and his mouth so suddenly changed, and gave her such an idea of latent passion, that it almost made her afraid. But this look was only for an instant; and had in it no doggedness, no vindictiveness; it was rather the instantaneous ferocity of expression that comes over the countenances of all natives of wild or southern countries – a ferocity which enhances the charm of the childlike softness into which such a look may melt away. Margaret might fear the violence of the impulsive nature thus occasionally betrayed, but there was nothing in it to make her distrust, or recoil in the least, from the new-found brother. On the contrary, all their intercourse was peculiarly charming to her from the very first. She knew then how much responsibility she had had to bear, from the exquisite sensation of relief which she felt in Frederick's presence. He understood his father and mother – their characters and their weaknesses, and went along with a careless freedom, which was yet most delicately careful not to hurt or wound any of their feelings. He seemed to know instinctively when a little of the natural brilliancy of his manner and conversation would not jar on the deep depression of his father, or might relieve his mother's pain. Whenever it would have been out of tune, and out of time, his patient devotion and watchfulness came into play, and made him an admirable nurse. Then Margaret was almost touched into tears by the allusions which he often made to their childish days in the New Forest; he had never forgotten her – or Helstone either – all the time he had been roaming among distant countries and foreign people. She might talk to him of the old spot, and never fear tiring him. She had been afraid of him before he came, even while she had longed for his coming; seven or eight years had, she felt, produced such great changes in herself that, forgetting how much of the original Margaret was left, she had reasoned that if her tastes and feelings had so materially altered, even in her stay-at-home life, his wild career, with which she was but imperfectly acquainted, must have almost substituted another Frederick for the tall stripling in his middy's uniform, whom she remembered looking up to with such admiring awe. But in their absence they had grown nearer to each other in age, as well as in many other things. And so it was that the weight, this sorrowful time, was lightened to Margaret. Other light than that of Frederick's presence she had none. For a few hours, the mother rallied on seeing her son. She sat with his hand in hers; she would not part with it even while she slept; and Margaret had to feed him like a baby, rather than that he should disturb her mother by removing a finger. Mrs. Hale awakened while they were thus engaged; she slowly moved her head round on the pillow, and smiled at her children, as she

understood what they were doing, and why it was done.

– I am very selfish, said she; – but it will not be for long. Frederick bent down and kissed the feeble hand that imprisoned his.

This state of tranquillity could not endure for many days, nor perhaps for many hours; so Dr. Donaldson assured Margaret. After the kind doctor had gone away, she stole down to Frederick, who, during the visit, had been adjured to remain quietly concealed in the back parlour, usually Dixon's bedroom, but now given up to him.

Margaret told him what Dr. Donaldson said.

– I don't believe it, he exclaimed. – She is very ill; she may be dangerously ill, and in immediate danger, too; but I can't imagine that she could be as she is, if she were on the point of death. Margaret! she should have some other advice – some London doctor. Have you never thought of that?

– Yes, said Margaret – more than once. But I don't believe it would do any good. And, you know, we have not the money to bring any great London surgeon down, and I am sure Dr. Donaldson is only second in skill to the very best – if, indeed, he is to them.

Frederick began to walk up and down the room impatiently.

– I have credit in Cadiz, said he – but none here, owing to this wretched change of name. Why did my father leave Helstone? That was the blunder.

– It was no blunder, said Margaret gloomily. – And above all possible chances, avoid letting papa hear anything like what you have just been saying. I can see that he is tormenting himself already with the idea that mamma would never have been ill if we had stayed at Helstone, and you don't know papa's agonising power of self-reproach!

Frederick walked away as if he were on the quarter-deck. At last he stopped right opposite to Margaret, and looked at her drooping and desponding attitude for an instant.

– My little Margaret! said he, caressing her. – Let us hope as long as we can. Poor little woman! what! is this face all wet with tears? I will hope. I will, in spite of a thousand doctors. Bear up, Margaret, and be brave enough to hope!

Margaret choked in trying to speak, and when she did it was very low.

– I must try to be meek enough to trust. Oh, Frederick! mamma was getting to love me so! And I was getting to understand her. And now comes death to snap us asunder!

– Come, come, come! Let us go up-stairs, and do something, rather than waste time that may be so precious. Thinking has, many a time, made me sad, darling; but doing never did in all my life. My theory is a sort of parody on the maxim of "Get money, my son, honestly if you can; but get money." My precept is, "Do something, my sister, do good if you can; but, at any rate, do

something.”

– Not excluding mischief, said Margaret, smiling faintly through her tears.

– By no means. What I do exclude is the remorse afterwards. Blot your misdeeds out (if you are particularly conscientious), by a good deed, as soon as you can; just as we did a correct sum at school on the slate, where an incorrect one was only half rubbed out. It was better than wetting our sponge with our tears; both less loss of time where tears had to be waited for, and a better effect at last.

If Margaret thought Frederick's theory rather a rough one at first, she saw how he worked it out into continual production of kindness in fact. After a bad night with his mother (for he insisted on taking his turn as a sitter-up) he was busy next morning before breakfast, contriving a leg-rest for Dixon, who was beginning to feel the fatigues of watching. At breakfast-time, he interested Mr. Hale with vivid, graphic, rattling accounts of the wild life he had led in Mexico, South America, and elsewhere. Margaret would have given up the effort in despair to rouse Mr. Hale out of his dejection; it would even have affected herself and rendered her incapable of talking at all. But Fred, true to his theory, did something perpetually; and talking was the only thing to be done, besides eating, at breakfast.

Before the night of that day, Dr. Donaldson's opinion was proved to be too well founded. Convulsions came on; and when they ceased, Mrs. Hale was unconscious. Her husband might lie by her shaking the bed with his sobs; her son's strong arms might lift her tenderly up into a comfortable position; her daughter's hands might bathe her face; but she knew them not. She would never recognise them again, till they met in Heaven.

Before the morning came all was over.

Then Margaret rose from her trembling and despondency, and became as a strong angel of comfort to her father and brother. For Frederick had broken down now, and all his theories were of no use to him. He cried so violently when shut up alone in his little room at night, that Margaret and Dixon came down in affright to warn him to be quiet: for the house partitions were but thin, and the next-door neighbours might easily hear his youthful passionate sobs, so different from the slower trembling agony of after-life, when we become inured to grief, and dare not be rebellious against the inexorable doom, knowing who it is that decrees.

Margaret sate with her father in the room with the dead. If he had cried, she would have been thankful. But he sate by the bed quite quietly; only, from time to time, he uncovered the face, and stroked it gently, making a kind of soft inarticulate noise, like that of some mother-animal caressing her young. He took no notice of Margaret's presence. Once or twice she came up to kiss him; and he submitted to it, giving her a little push away when she had done, as if her affection disturbed him from his absorption in the dead. He started when he heard Frederick's cries, and shook his head: – Poor boy! poor boy! he said, and took no

more notice. Margaret's heart ached within her. She could not think of her own loss in thinking of her father's case. The night was wearing away, and the day was at hand, when, without a word of preparation, Margaret's voice broke upon the stillness of the room, with a clearness of sound that startled even herself: – Let not your heart be troubled, it said; and she went steadily on through all that chapter of unspeakable consolation.

CHAPTER 31

'SHOULD AULD ACQUAINTANCE BE FORGOT?'

"Show not that manner, and these features all,
The serpent's cunning, and the sinner's fall?"
Crabbe

The chill, shivery October morning came; not the October morning of the country, with soft, silvery mists, clearing off before the sunbeams that bring out all the gorgeous beauty of colouring, but the October morning of Milton, whose silver mists were heavy fogs, and where the sun could only show long dusky streets when he did break through and shine. Margaret went languidly about, assisting Dixon in her task of arranging the house. Her eyes were continually blinded by tears, but she had no time to give way to regular crying. The father and brother depended upon her; while they were giving way to grief, she must be working, planning, considering. Even the necessary arrangements for the funeral seemed to devolve upon her.

When the fire was bright and crackling – when everything was ready for breakfast, and the tea-kettle was singing away, Margaret gave a last look round the room before going to summon Mr. Hale and Frederick. She wanted everything to look as cheerful as possible; and yet, when it did so, the contrast between it and her own thoughts forced her into sudden weeping. She was kneeling by the sofa, hiding her face in the cushions that no one might hear her cry, when she was touched on the shoulder by Dixon.

– Come, Miss Hale – come, my dear! You must not give way, or where shall we all be? There is not another person in the house fit to give a direction of any kind, and there is so much to be done. There's who's to manage the funeral; and who's to come to it; and where it's to be; and all to be settled: and Master Frederick's like one crazed with crying, and master never was a good one for settling; and, poor gentleman, he goes about now as if he was lost. It's bad enough, my dear, I know; but death comes to us all; and you're well off never to have lost any friend till now. – Perhaps so. But this seemed a loss by itself; not to bear comparison with any other event in the world. Margaret did not take any comfort from what Dixon said, but the unusual tenderness of the prim old servant's manner touched her to the heart; and, more from a desire to show her gratitude for this than for any other reason, she roused herself up, and smiled in answer to Dixon's anxious look at her; and went to tell her father and brother that breakfast was ready.

Mr. Hale came – as if in a dream, or rather with the unconscious motion of a sleep-walker, whose eyes and mind perceive other things than what are

present. Frederick came briskly in, with a forced cheerfulness, grasped her hand, looked into her eyes, and burst into tears. She had to try and think of little nothings to say all breakfast-time, in order to prevent the recurrence of her companions' thoughts too strongly to the last meal they had taken together, when there had been a continual strained listening for some sound or signal from the sick-room.

After breakfast, she resolved to speak to her father, about the funeral. He shook his head, and assented to all she proposed, though many of her propositions absolutely contradicted one another. Margaret gained no real decision from him; and was leaving the room languidly, to have a consultation with Dixon, when Mr. Hale motioned her back to his side.

– Ask Mr. Bell, said he in a hollow voice.

– Mr. Bell! said she, a little surprised. – Mr. Bell of Oxford?

– Mr. Bell, he repeated. – Yes. He was my groom's-man.

Margaret understood the association.

– I will write today, said she. He sank again into listlessness. All morning she toiled on, longing for rest, but in a continual whirl of melancholy business.

Towards evening, Dixon said to her:

– I've done it, miss. I was really afraid for master, that he'd have a stroke with grief. He's been all this day with poor missus; and when I've listened at the door, I've heard him talking to her, and talking to her, as if she was alive. When I went in he would be quite quiet, but all in a maze like. So I thought to myself, he ought to be roused; and if it gives him a shock at first, it will, maybe, be the better afterwards. So I've been and told him, that I don't think it's safe for Master Frederick to be here. And I don't. It was only on Tuesday, when I was out, that I met-a Southampton man – the first I've seen since I came to Milton; they don't make their way much up here, I think. Well, it was young Leonards, old Leonards the draper's son, as great a scamp as ever lived – who plagued his father almost to death, and then ran off to sea. I never could abide him. He was in the Orion at the same time as Master Frederick, I know; though I don't recollect if he was there at the mutiny.

– Did he know you? said Margaret, eagerly.

– Why, that's the worst of it. I don't believe he would have known me but for my being such a fool as to call out his name. He were a Southampton man, in a strange place, or else I should never have been so ready to call cousins with him, a nasty, good-for-nothing fellow. Says he, "Miss Dixon! who would ha' thought of seeing you here? But perhaps I mistake, and you're Miss Dixon no longer?" So I told him he might still address me as an unmarried lady, though if I hadn't been so particular, I'd had good chances of matrimony. He was polite enough: "He couldn't look at me and doubt me." But I were not to be caught with such chaff from such a fellow as him, and so I told him; and, by way of being even, I asked him after his father (who I knew had turned him out of doors), as if

they was the best friends as ever was. So then, to spite me – for you see we were getting savage, for all we were so civil to each other – he began to inquire after Master Frederick, and said, what a scrape he'd got into (as if Master Frederick's scrapes would ever wash George Leonards' white, or make 'em look otherwise than nasty, dirty black), and how he'd be hung for mutiny if ever he were caught, and how a hundred pound reward had been offered for catching him, and what a disgrace he had been to his family – all to spite me, you see, my dear, because before now I've helped old Mr. Leonards to give George a good rating, down in Southampton. So I said, there were other families be thankful if they could think they were earning an honest living as I knew, who had far more cause to blush for their sons, and to far away from home. To which he made answer, like the impudent chap he is, that he were in a confidential situation, and if I knew of any young man who had been so unfortunate as to lead vicious courses, and wanted to turn steady, he'd have no objection to lend him his patronage. He, indeed! Why, he'd corrupt a saint. I've not felt so bad myself for years as when I were standing talking to him the other day. I could have cried to think I couldn't spite him better, for he kept smiling in my face, as if he took all my compliments for earnest; and I couldn't see that he minded what I said in the least, while I was mad with all his speeches.

– But you did not tell him any thing about us – about Frederick?

– Not I, said Dixon. – He had never the grace to ask where I was staying; and I shouldn't have told him if he had asked. Nor did I ask him what his precious situation was. He was waiting for a bus, and just then it drove up, and he hailed it. But, to plague me to the last, he turned back before he got in, and said, "If you can help me to trap Lieutenant Hale, Miss Dixon, we'll go partners in the reward. I know you'd like to be my partner, now wouldn't you? Don't be shy, but say yes." And he jumped on the bus, and I saw his ugly face leering at me with a wicked smile to think how he'd had the last word of plaguing.

Margaret was made very uncomfortable by this account of Dixon's.

– Have you told Frederick? asked she.

– No, said Dixon. – I were uneasy in my mind at knowing that bad Leonards was in town; but there was so much else to think about that I did not dwell on it at all. But when I saw master sitting so stiff, and with his eyes so glazed and sad, I thought it might rouse him to have to think of Master Frederick's safety a bit. So I told him all, though I blushed to say how a young man had been speaking to me. And it has done master good. And if we're to keep Master Frederick in hiding, he would have to go, poor fellow, before Mr. Bell came.

– Oh, I'm not afraid of Mr. Bell; but I am afraid of this Leonards. I must tell Frederick. What did Leonards look like?

– A bad-looking fellow, I can assure you, miss. Whiskers such as I should be ashamed to wear – they are so red. And for all he said he'd got a confidential situation, he was dressed in fustian just like a working-man.

It was evident that Frederick must go. Go, too, when he had so completely vaulted into his place in the family, and promised to be such a stay and staff to his father and sister. Go, when his cares for the living mother, and sorrow for the dead, seemed to make him one of those peculiar people who are bound to us by a fellow-love for them that are taken away. Just as Margaret was thinking all this, sitting over the drawing-room fire – her father restless and uneasy under the pressure of this newly-aroused fear, of which he had not as yet spoken – Frederick came in, his brightness dimmed, but the extreme violence of his grief passed away. He came up to Margaret, and kissed her forehead.

– How wan you look, Margaret! said he in a low voice. – You have been thinking of everybody, and no one has thought of you. Lie on this sofa – there is nothing for you to do.

– That is the worst, said Margaret, in a sad whisper. But she went and lay down, and her brother covered her feet with a shawl, and then sate on the ground by her side; and the two began to talk in a subdued tone.

Margaret told him all that Dixon had related of her interview with young Leonards. Frederick's lips closed with a long whew of dismay.

– I should just like to have it out with that young fellow. A worse sailor was never on board ship – nor a much worse man either. I declare, Margaret – you know the circumstances of the whole affair?

– Yes, mamma told me.

– Well, when all the sailors who were good for anything were indignant with our captain, this fellow, to curry favour – pah! And to think of his being here! Oh, if he'd a notion I was within twenty miles of him, he'd ferret me out to pay off old grudges. I'd rather anybody had the hundred pounds they think I am worth than that rascal. What a pity poor old Dixon could not be persuaded to give me up, and make a provision for her old age!

– Oh, Frederick, hush! Don't talk so.

Mr. Hale came towards them, eager and trembling. He had overheard what they were saying. He took Frederick's hand in both of his:

– My boy, you must go. It is very bad – but I see you must. You have done all you could – you have been a comfort to her.

– Oh, papa, must he go? said Margaret, pleading against her own conviction of necessity.

– I declare, I've a good mind to face it out, and stand my trial. If I could only pick up my evidence! I cannot endure the thought of being in the power of such a blackguard as Leonards. I could almost have enjoyed – in other circumstances – this stolen visit: it has had all the charm which the French-woman attributed to forbidden pleasures.

– One of the earliest things I can remember, said Margaret – was your

being in some great disgrace, Fred, for stealing apples. We had plenty of our own – trees loaded with them; but some one had told you that stolen fruit tasted sweetest, which you took au pied de la lettre, and off you went a-robbing. You have not changed your feelings much since then.

– Yes – you must go, repeated Mr. Hale, answering Margaret's question, which she had asked some time ago. His thoughts were fixed on one subject, and it was an effort to him to follow the zig-zag remarks of his children – an effort which he did not make.

Margaret and Frederick looked at each other. That quick momentary sympathy would be theirs no longer if he went away. So much was understood through eyes that could not be put into words. Both coursed the same thought till it was lost in sadness. Frederick shook it off first:

– Do you know, Margaret, I was very nearly giving both Dixon and myself a good fright this afternoon. I was in my bedroom; I had heard a ring at the front door, but I thought the ringer must have done his business and gone away long ago; so I was on the point of making my appearance in the passage, when, as I opened my room door, I saw Dixon coming downstairs; and she frowned and kicked me into hiding again. I kept the door open, and heard a message given to some man that was in my father's study, and that then went away. Who could it have been? Some of the shopmen?

– Very likely, said Margaret, indifferently. – There was a little quiet man who came up for orders about two o'clock.

– But this was not a little man – a great powerful fellow; and it was past four when he was here.

– It was Mr. Thornton, said Mr. Hale. They were glad to have drawn him into the conversation.

– Mr. Thornton! said Margaret, a little surprised. – I thought...

– Well, little one, what did you think? asked Frederick, as she did not finish her sentence.

– Oh, only, said she, reddening and looking straight at him – I fancied you meant some one of a different class, not a gentleman; somebody come on an errand.

– He looked like some one of that kind, said Frederick, carelessly. – I took him for a shopman, and he turns out a manufacturer.

Margaret was silent. She remembered how at first, before she knew his character, she had spoken and thought of him just as Frederick was doing. It was but a natural impression that was made upon him, and yet she was a little annoyed by it. She was unwilling to speak; she wanted to make Frederick understand what kind of person Mr. Thornton was – but she was tongue-tied.

Mr. Hale went on. – He came to offer any assistance in his power, I

believe. But I could not see him. I told Dixon to ask him if he would like to see you – I think I asked her to find you, and you would go to him. I don't know what I said.

– He has been a very agreeable acquaintance, has he not? asked Frederick, throwing the question like a ball for any one to catch who chose.

– A very kind friend, said Margaret, when her father did not answer.

Frederick was silent for a time. At last he spoke:

– Margaret, it is painful to think I can never thank those who have shown you kindness. Your acquaintances and mine must be separate. Unless, indeed, I run the chances of a court-martial, or unless you and my father would come to Spain. He threw out this last suggestion as a kind of feeler; and then suddenly made the plunge. – You don't know how I wish you would. I have a good position – the chance of a better, continued he, reddening like a girl. – That Dolores Barbour that I was telling you of, Margaret – I only wish you knew her; I am sure you would like – no, love is the right word, like is so poor – you would love her, father, if you knew her. She is not eighteen; but if she is in the same mind another year, she is to be my wife. Mr. Barbour won't let us call it an engagement. But if you would come, you would find friends everywhere, besides Dolores. Think of it, father. Margaret, be on my side.

– No – no more removals for me, said Mr. Hale. – One removal has cost me my wife. No more removals in this life. She will be here; and here will I stay out my appointed time.

– Oh, Frederick, said Margaret – tell us more about her. I never thought of this; but I am so glad. You will have some one to love and care for you out there. Tell us all about it.

– In the first place, she is a Roman Catholic. That's the only objection I anticipated. But my father's change of opinion – nay, Margaret, don't sigh.

Margaret had reason to sigh a little more before the conversation ended. Frederick himself was Roman Catholic in fact, though not in profession as yet. This was, then, the reason why his sympathy in her extreme distress at her father's leaving the Church had been so faintly expressed in his letters. She had thought it was the carelessness of a sailor; but the truth was, that even then he was himself inclined to give up the form of religion into which he had been baptised, only that his opinions were tending in exactly the opposite direction to those of his father. How much love had to do with this change not even Frederick himself could have told. Margaret gave up talking about this branch of the subject at last; and, returning to the fact of the engagement, she began to consider it in some fresh light:

– But for her sake, Fred, you surely will try and clear yourself of the exaggerated charges brought against you, even if the charge of mutiny itself be true. If there were to be a court-martial, and you could find your witnesses, you

might, at any rate, show how your disobedience to authority was because that authority was unworthily exercised.

Mr. Hale roused himself up to listen to his son's answer.

– In the first place, Margaret, who is to hunt up my witnesses? All of them are sailors, drafted off to other ships, except those whose evidence would go for very little, as they took part, or sympathised in the affair. In the next place, allow me to tell you, you don't know what a court-martial is, and consider it as an assembly where justice is administered, instead of what it really is – a court where authority weighs nine-tenths in the balance, and evidence forms only the other tenth. In such cases, evidence itself can hardly escape being influenced by the prestige of authority.

– But is it not worth trying, to see how much evidence might be discovered and arrayed on your behalf? At present, all those who knew you formerly, believe you guilty without any shadow of excuse. You have never tried to justify yourself, and we have never known where to seek for proofs of your justification. Now, for Miss Barbour's sake, make your conduct as clear as you can in the eye of the world. She may not care for it; she has, I am sure, that trust in you that we all have; but you ought not to let her ally herself to one under such a serious charge, without showing the world exactly how it is you stand. You disobeyed authority – that was bad; but to have stood by, without word or act, while the authority was brutally used, would have been infinitely worse. People know what you did; but not the motives that elevate it out of a crime into an heroic protection of the weak. For Dolores's sake, they ought to know.

– But how must I make them know? I am not sufficiently sure of the purity and justice of those who would be my judges, to give myself up to a court-martial, even if I could bring a whole array of truth-speaking witnesses. I can't send a bellman about, to cry aloud and proclaim in the streets what you are pleased to call my heroism. No one would read a pamphlet of self-justification so long after the deed, even if I put one out.

– Will you consult a lawyer as to your chances of exculpation? asked Margaret, looking up, and turning very red.

– I must first catch my lawyer, and have a look at him, and see how I like him, before I make him into my confidant. Many a briefless barrister might twist his conscience into thinking, that he could earn a hundred pounds very easily by doing a good action – in giving me, a criminal, up to justice.

– Nonsense, Frederick! – because I know a lawyer on whose honour I can rely; of whose cleverness in his profession people speak very highly; and who would, I think, take a good deal of trouble for any of – of Aunt Shaw's relations Mr. Henry Lennox, papa.

– I think it is a good idea, said Mr. Hale. – But don't propose anything which will detain Frederick in England. Don't, for your mother's sake.

– You could go to London tomorrow evening by a night-train, continued Margaret, warming up into her plan. – He must go tomorrow, I'm afraid, papa,' said she, tenderly; 'we fixed that, because of Mr. Bell, and Dixon's disagreeable acquaintance.

– Yes; I must go tomorrow, said Frederick decidedly.

Mr. Hale groaned. – I can't bear to part with you, and yet I am miserable with anxiety as long as you stop here.

– Well then, said Margaret – listen to my plan. He gets to London on Friday morning. I will – you might – no! it would be better for me to give him a note to Mr. Lennox. You will find him at his chambers in the Temple.

– I will write down a list of all the names I can remember on board the Orion. I could leave it with him to ferret them out. He is Edith's husband's brother, isn't he? I remember your naming him in your letters. I have money in Barbour's hands. I can pay a pretty long bill, if there is any chance of success Money, dear father, that I had meant for a different purpose; so I shall only consider it as borrowed from you and Margaret.

– Don't do that, said Margaret. – You won't risk it if you do. And it will be a risk only it is worth trying. You can sail from London as well as from Liverpool!

– To be sure, little goose. Wherever I feel water heaving under a plank, there I feel at home. I'll pick up some craft or other to take me off, never fear. I won't stay twenty-four hours in London, away from you on the one hand, and from somebody else on the other.

It was rather a comfort to Margaret that Frederick took it into his head to look over her shoulder as she wrote to Mr. Lennox. If she had not been thus compelled to write steadily and concisely on, she might have hesitated over many a word, and been puzzled to choose between many an expression, in the awkwardness of being the first to resume the intercourse of which the concluding event had been so unpleasant to both sides. However, the note was taken from her before she had even had time to look it over, and treasured up in a pocket-book, out of which fell a long lock of black hair, the sight of which caused Frederick's eyes to glow with pleasure.

– Now you would like to see that, wouldn't you? said he. – No! you must wait till you see her herself. She is too perfect to be known by fragments. No mean brick shall be a specimen of the building of my palace.

CHAPTER 32
MISCHANCES

“What! remain to be
Denounced – dragged, it may be, in chains”.
Werner

All the next day they sate together – they three. Mr. Hale hardly ever spoke but when his children asked him questions, and forced him, as it were, into the present. Frederick’s grief was no more to be seen or heard; the first paroxysm had passed over, and now he was ashamed of having been so battered down by emotion; and though his sorrow for the loss of his mother was a deep real feeling, and would last out his life, it was never to be spoken of again. Margaret, not so passionate at first, was more suffering now. At times she cried a good deal; and her manner, even when speaking on indifferent things, had a mournful tenderness about it, which was deepened whenever her looks fell on Frederick, and she thought of his rapidly approaching departure. She was glad he was going, on her father’s account, however much she might grieve over it on her own. The anxious terror in which Mr. Hale lived lest his son should be detected and captured, far outweighed the pleasure he derived from his presence. The nervousness had increased since Mrs. Hale’s death, probably because he dwelt upon it more exclusively. He started at every unusual sound; and was never comfortable unless Frederick sate out of the immediate view of any one entering the room. Towards evening he said:

– You will go with Frederick to the station, Margaret? I shall want to know he is safely off. You will bring me word that he is clear of Milton, at any rate?

– Certainly, said Margaret. – I shall like it, if you won’t be lonely without me, papa.

– No, no! I should always be fancying some one had known him, and that he had been stopped, unless you could tell me you had seen him off. And go to the Outwood station. It is quite as near, and not so many people about. Take a cab there. There is less risk of his being seen. What time is your train, Fred?

– Ten minutes past six; very nearly dark. So what will you do, Margaret?

– Oh, I can manage. I am getting very brave and very hard. It is a well-lighted road all the way home, if it should be dark. But I was out last week much later.

Margaret was thankful when the parting was over – the parting from the dead mother and the living father. She hurried Frederick into the cab, in order to shorten a scene which she saw was so bitterly painful to her father, who would

accompany his son as he took his last look at his mother. Partly in consequence of this, and partly owing to one of the very common mistakes in the 'Railway Guide' as to the times when trains arrive at the smaller stations, they found, on reaching Outwood, that they had nearly twenty minutes to spare. The booking-office was not open, so they could not even take the ticket. They accordingly went down the flight of steps that led to the level of the ground below the railway. There was a broad cinder-path diagonally crossing a field which lay along-side of the carriage-road, and they went there to walk backwards and forwards for the few minutes they had to spare.

Margaret's hand lay in Frederick's arm. He took hold of it affectionately.

– Margaret! I am going to consult Mr. Lennox as to the chance of exculpating myself, so that I may return to England whenever I choose, more for your sake than for the sake of any one else. I can't bear to think of your lonely position if anything should happen to my father. He looks sadly changed – terribly shaken. I wish you could get him to think of the Cadiz plan, for many reasons. What could you do if he were taken away? You have no friend near. We are curiously bare of relations.

Margaret could hardly keep from crying at the tender anxiety with which Frederick was bringing before her an event which she herself felt was not very improbable, so severely had the cares of the last few months told upon Mr. Hale. But she tried to rally as she said:

– There have been such strange unexpected changes in my life during these last two years, that I feel more than ever that it is not worth while to calculate too closely what I should do if any future event took place. I try to think only upon the present. She paused; they were standing still for a moment, close on the field side of the stile leading into the road; the setting sun fell on their faces. Frederick held her hand in his, and looked with wistful anxiety into her face, reading there more care and trouble than she would betray by words. She went on:

– We shall write often to one another, and I will promise – for I see it will set your mind at ease – to tell you every worry I have. Papa is – she started a little, a hardly visible start – but Frederick felt the sudden motion of the hand he held, and turned his full face to the road, along which a horseman was slowly riding, just passing the very stile where they stood. Margaret bowed; her bow was stiffly returned.

– Who is that? said Frederick, almost before he was out of hearing. Margaret was a little drooping, a little flushed, as she replied:

– Mr. Thornton; you saw him before, you know.

– Only his back. He is an unprepossessing-looking fellow. What a scowl he has!

– Something has happened to vex him, said Margaret, apologetically. –

You would not have thought him unprepossessing if you had seen him with mamma.

– I fancy it must be time to go and take my ticket. If I had known how dark it would be, we wouldn't have sent back the cab, Margaret.

– Oh, don't fidget about that. I can take a cab here, if I like; or go back by the rail-road, when I should have shops and people and lamps all the way from the Milton station-house. Don't think of me; take care of yourself. I am sick with the thought that Leonards may be in the same train with you. Look well into the carriage before you get in.

They went back to the station. Margaret insisted upon going into the full light of the flaring gas inside to take the ticket. Some idle-looking young men were lounging about with the stationmaster. Margaret thought she had seen the face of one of them before, and returned him a proud look of offended dignity for his somewhat impertinent stare of undisguised admiration. She went hastily to her brother, who was standing outside, and took hold of his arm. – Have you got your bag? Let us walk about here on the platform, said she, a little flurried at the idea of so soon being left alone, and her bravery oozing out rather faster than she liked to acknowledge even to herself. She heard a step following them along the flags; it stopped when they stopped, looking out along the line and hearing the whizz of the coming train. They did not speak; their hearts were too full. Another moment, and the train would be here; a minute more, and he would be gone. Margaret almost repented the urgency with which she had entreated him to go to London; it was throwing more chances of detection in his way. If he had sailed for Spain by Liverpool, he might have been off in two or three hours.

Frederick turned round, right facing the lamp, where the gas darted up in vivid anticipation of the train. A man in the dress of a railway porter started forward; a bad-looking man, who seemed to have drunk himself into a state of brutality, although his senses were in perfect order.

– By your leave, miss! said he, pushing Margaret rudely on one side, and seizing Frederick by the collar.

– Your name is Hale, I believe?

In an instant – how, Margaret did not see, for everything danced before her eyes – but by some sleight of wrestling, Frederick had tripped him up, and he fell from the height of three or four feet, which the platform was elevated above the space of soft ground, by the side of the railroad. There he lay.

– Run, run! gasped Margaret. – The train is here. It was Leonards, was it? oh, run! I will carry your bag. And she took him by the arm to push him along with all her feeble force. A door was opened in a carriage – he jumped in; and as he leant out to say – God bless you, Margaret! the train rushed past her; and she was left standing alone. She was so terribly sick and faint that she was thankful to be able to turn into the ladies waiting-room, and sit down for an instant. At first she could do nothing but gasp for breath. It was such a hurry; such a sickening alarm;

such a near chance. If the train had not been there at the moment, the man would have jumped up again and called for assistance to arrest him. She wondered if the man had got up: she tried to remember if she had seen him move; she wondered if he could have been seriously hurt. She ventured out; the platform was all alight, but still quite deserted; she went to the end, and looked over, somewhat fearfully. No one was there; and then she was glad she had made herself go, and inspect, for otherwise terrible thoughts would have haunted her dreams. And even as it was, she was so trembling and affrighted that she felt she could not walk home along the road, which did indeed seem lonely and dark, as she gazed down upon it from the blaze of the station. She would wait till the down train passed and take her seat in it. But what if Leonards recognised her as Frederick's companion! She peered about, before venturing into the booking-office to take her ticket. There were only some railway officials standing about; and talking loud to one another.

– So Leonards has been drinking again! said one, seemingly in authority.
– He'll need all his boasted influence to keep his place this time.

– Where is he? asked another, while Margaret, her back towards them, was counting her change with trembling fingers, not daring to turn round until she heard the answer to this question.

– I don't know. He came in not five minutes ago, with some long story or other about a fall he'd had, swearing awfully; and wanted to borrow some money from me to go to London by the next up-train. He made all sorts of tipsy promises, but I'd something else to do than listen to him; I told him to go about his business; and he went off at the front door.

– He's at the nearest vaults, I'll be bound, said the first speaker. – Your money would have gone there too, if you'd been such a fool as to lend it.

– Catch me! I knew better what his London meant. Why, he has never paid me off that five shillings – and so they went on.

And now all Margaret's anxiety was for the train to come. She hid herself once more in the ladies waiting-room, and fancied every noise was Leonards step – every loud and boisterous voice was his. But no one came near her until the train drew up; when she was civilly helped into a carriage by a porter, into whose face she durst not look till they were in motion, and then she saw that it was not Leonards.

CHAPTER 33
PEACE

“Sleep on, my love, in thy cold bed,
Never to be disquieted!
My last Good Night – thou wilt not wake
Till I thy fate shall overtake”.
Dr. King

Home seemed unnaturally quiet after all this terror and noisy commotion. Her father had seen all due preparation made for her refreshment on her return; and then sat down again in his accustomed chair, to fall into one of his sad waking dreams. Dixon had got Mary Higgins to scold and direct in the kitchen; and her scolding was not the less energetic because it was delivered in an angry whisper; for, speaking above her breath she would have thought irreverent, as long as there was any one dead lying in the house. Margaret had resolved not to mention the crowning and closing affright to her father. There was no use in speaking about it; it had ended well; the only thing to be feared was lest Leonards should in some way borrow money enough to effect his purpose of following Frederick to London, and hunting him out there. But there were immense chances against the success of any such plan; and Margaret determined not to torment herself by thinking of what she could do nothing to prevent. Frederick would be as much on his guard as she could put him; and in a day or two at most he would be safely out of England.

– I suppose we shall hear from Mr. Bell tomorrow, said Margaret.

– Yes, replied her father. – I suppose so.

– If he can come, he will be here tomorrow evening, I should think.

– If he cannot come, I shall ask Mr. Thornton to go with me to the funeral. I cannot go alone. I should break down utterly.

– Don't ask Mr. Thornton, papa. Let me go with you, said Margaret, impetuously.

– You! My dear, women do not generally go.

– No: because they can't control themselves. Women of our class don't go, because they have no power over their emotions, and yet are ashamed of showing them. Poor women go, and don't care if they are seen overwhelmed with grief. But I promise you, papa, that if you will let me go, I will be no trouble. Don't have a stranger, and leave me out. Dear papa! if Mr. Bell cannot come, I shall go. I won't urge my wish against your will, if he does.

Mr. Bell could not come. He had the gout. It was a most affectionate letter, and expressed great and true regret for his inability to attend. He hoped to come and pay them a visit soon, if they would have him; his Milton property required some looking after, and his agent had written to him to say that his presence was absolutely necessary; or else he had avoided coming near Milton as long as he could, and now the only thing that would reconcile him to this necessary visit was the idea that he should see, and might possibly be able to comfort his old friend.

Margaret had all the difficulty in the world to persuade her father not to invite Mr. Thornton. She had an indescribable repugnance to this step being taken. The night before the funeral, came a stately note from Mrs. Thornton to Miss Hale, saying that, at her son's desire, their carriage should attend the funeral, if it would not be disagreeable to the family. Margaret tossed the note to her father.

– Oh, don't let us have these forms, said she. – Let us go alone – you and me, papa. They don't care for us, or else he would have offered to go himself, and not have proposed this sending an empty carriage.

– I thought you were so extremely averse to his going, Margaret, said Mr. Hale in some surprise.

– And so I am. I don't want him to come at all; and I should especially dislike the idea of our asking him. But this seems such a mockery of mourning that I did not expect it from him. She startled her father by bursting into tears. She had been so subdued in her grief, so thoughtful for others, so gentle and patient in all things, that he could not understand her impatient ways tonight; she seemed agitated and restless; and at all the tenderness which her father in his turn now lavished upon her, she only cried the more.

She passed so bad a night that she was ill prepared for the additional anxiety caused by a letter received from Frederick. Mr. Lennox was out of town; his clerk said that he would return by the following Tuesday at the latest; that he might possibly be at home on Monday. Consequently, after some consideration, Frederick had determined upon remaining in London a day or two longer. He had thought of coming down to Milton again; the temptation had been very strong; but the idea of Mr. Bell domesticated in his father's house, and the alarm he had received at the last moment at the railway station, had made him resolve to stay in London. Margaret might be assured he would take every precaution against being tracked by Leonards. Margaret was thankful that she received this letter while her father was absent in her mother's room. If he had been present, he would have expected her to read it aloud to him, and it would have raised in him a state of nervous alarm which she would have found it impossible to soothe away. There was not merely the fact, which disturbed her excessively, of Frederick's detention in London, but there were allusions to the recognition at the last moment at Milton, and the possibility of a pursuit, which made her blood run cold; and how then would it have affected her father? Many a time did Margaret repent of having suggested and urged on the plan of consulting Mr. Lennox. At the moment,

it had seemed as if it would occasion so little delay – add so little to the apparently small chances of detection; and yet everything that had since occurred had tended to make it so undesirable. Margaret battled hard against this regret of hers for what could not now be helped; this self-reproach for having said what had at the time appeared to be wise, but which after events were proving to have been so foolish. But her father was in too depressed a state of mind and body to struggle healthily; he would succumb to all these causes for morbid regret over what could not be recalled. Margaret summoned up all her forces to her aid. Her father seemed to have forgotten that they had any reason to expect a letter from Frederick that morning. He was absorbed in one idea – that the last visible token of the presence of his wife was to be carried away from him, and hidden from his sight. He trembled pitifully as the undertaker's man was arranging his crape draperies around him. He looked wistfully at Margaret; and, when released, he tottered towards her, murmuring – Pray for me, Margaret. I have no strength left in me. I cannot pray. I give her up because I must. I try to bear it: indeed I do. I know it is God's will. But I cannot see why she died. Pray for me, Margaret, that I may have faith to pray. It is a great strait, my child.

Margaret sat by him in the coach, almost supporting him in her arms; and repeating all the noble verses of holy comfort, or texts expressive of faithful resignation, that she could remember. Her voice never faltered; and she herself gained strength by doing this. Her father's lips moved after her, repeating the well-known texts as her words suggested them; it was terrible to see the patient struggling effort to obtain the resignation which he had not strength to take into his heart as a part of himself.

Margaret's fortitude nearly gave way as Dixon, with a slight motion of her hand, directed her notice to Nicholas Higgins and his daughter, standing a little aloof, but deeply attentive to the ceremonial. Nicholas wore his usual fustian clothes, but had a bit of black stuff sewn round his hat – a mark of mourning which he had never shown to his daughter Bessy's memory. But Mr. Hale saw nothing. He went on repeating to himself, mechanically as it were, all the funeral service as it was read by the officiating clergyman; he sighed twice or thrice when all was ended; and then, putting his hand on Margaret's arm, he mutely entreated to be led away, as if he were blind, and she his faithful guide.

Dixon sobbed aloud; she covered her face with her handkerchief, and was so absorbed in her own grief, that she did not perceive that the crowd, attracted on such occasions, was dispersing, till she was spoken to by some one close at hand. It was Mr. Thornton. He had been present all the time, standing, with bent head, behind a group of people, so that, in fact, no one had recognised him.

– I beg your pardon – but, can you tell me how Mr. Hale is? And Miss Hale, too? I should like to know how they both are.

– Of course, sir. They are much as is to be expected. Master is terribly broke down. Miss Hale bears up better than likely.

Mr. Thornton would rather have heard that she was suffering the natural sorrow. In the first place, there was selfishness enough in him to have taken pleasure in the idea that his great love might come in to comfort and console her; much the same kind of strange passionate pleasure which comes stinging through a mother's heart, when her drooping infant nestles close to her, and is dependent upon her for everything. But this delicious vision of what might have been – in which, in spite of all Margaret's repulse, he would have indulged only a few days ago – was miserably disturbed by the recollection of what he had seen near the Outwood station. – Miserably disturbed! that is not strong enough. He was haunted by the remembrance of the handsome young man, with whom she stood in an attitude of such familiar confidence; and the remembrance shot through him like an agony, till it made him clench his hands tight in order to subdue the pain. At that late hour, so far from home! It took a great moral effort to galvanise his trust – erewhile so perfect – in Margaret's pure and exquisite maidenliness, into life; as soon as the effort ceased, his trust dropped down dead and powerless: and all sorts of wild fancies chased each other like dreams through his mind. Here was a little piece of miserable, gnawing confirmation. – She bore up better than likely under this grief. She had then some hope to look to, so bright that even in her affectionate nature it could come in to lighten the dark hours of a daughter newly made motherless. Yes! he knew how she would love. He had not loved her without gaining that instinctive knowledge of what capabilities were in her. Her soul would walk in glorious sunlight if any man was worthy, by his power of loving, to win back her love. Even in her mourning she would rest with a peaceful faith upon his sympathy. His sympathy! Whose? That other man's. And that it was another was enough to make Mr. Thornton's pale grave face grow doubly wan and stern at Dixon's answer.

– I suppose I may call, said he coldly. – On Mr. Hale, I mean. He will perhaps admit me after tomorrow or so.

He spoke as if the answer were a matter of indifference to him. But it was not so. For all his pain, he longed to see the author of it. Although he hated Margaret at times, when he thought of that gentle familiar attitude and all the attendant circumstances, he had a restless desire to renew her picture in his mind – a longing for the very atmosphere she breathed. He was in the Charybdis of passion, and must perforce circle and circle ever nearer round the fatal centre.

– I dare say, sir, master will see you. He was very sorry to have to deny you the other day; but circumstances was not agreeable just then.

For some reason or other, Dixon never named this interview that she had had with Mr. Thornton to Margaret. It might have been mere chance, but so it was that Margaret never heard that he had attended her poor mother's funeral.

CHAPTER 34
FALSE AND TRUE

“Truth will fail thee never, never!
Though thy bark be tempest-driven,
Though each plank be rent and riven,
Truth will bear thee on for ever!”
Anonymous

The ‘bearing up better than likely’ was a terrible strain upon Margaret. Sometimes she thought she must give way, and cry out with pain, as the sudden sharp thought came across her, even during her apparently cheerful conversations with her father, that she had no longer a mother. About Frederick, too, there was great uneasiness. The Sunday post intervened, and interfered with their London letters; and on Tuesday Margaret was surprised and disheartened to find that there was still no letter. She was quite in the dark as to his plans, and her father was miserable at all this uncertainty. It broke in upon his lately acquired habit of sitting still in one easy chair for half a day together. He kept pacing up and down the room; then out of it; and she heard him upon the landing opening and shutting the bed-room doors, without any apparent object. She tried to tranquillise him by reading aloud; but it was evident he could not listen for long together. How thankful she was then, that she had kept to herself the additional cause for anxiety produced by their encounter with Leonards. She was thankful to hear Mr. Thornton announced. His visit would force her father’s thoughts into another channel.

He came up straight to her father, whose hands he took and wrung without a word – holding them in his for a minute or two, during which time his face, his eyes, his look, told of more sympathy than could be put into words. Then he turned to Margaret. Not ‘better than likely’ did she look. Her stately beauty was dimmed with much watching and with many tears. The expression on her countenance was of gentle patient sadness – nay of positive present suffering. He had not meant to greet her otherwise than with his late studied coldness of demeanour; but he could not help going up to her, as she stood a little aside, rendered timid by the uncertainty of his manner of late, and saying the few necessary common-place words in so tender a voice, that her eyes filled with tears, and she turned away to hide her emotion. She took her work and sate down very quiet and silent. Mr. Thornton’s heart beat quick and strong, and for the time he utterly forgot the Outwood lane. He tried to talk to Mr. Hale: and – his presence always a certain kind of pleasure to Mr. Hale, as his power and decision made him, and his opinions, a safe, sure port – was unusually agreeable to her father, as Margaret saw.

Presently Dixon came to the door and said – Miss Hale, you are wanted.

Dixon's manner was so flurried that Margaret turned sick at heart. Something had happened to Fred. She had no doubt of that. It was well that her father and Mr. Thornton were so much occupied by their conversation.

– What is it, Dixon? asked Margaret, the moment she had shut the drawing-room door.

– Come this way, miss, said Dixon, opening the door of what had been Mrs. Hale's bed-chamber, now Margaret's, for her father refused to sleep there again after his wife's death. – It's nothing, miss, said Dixon, choking a little. – Only a police-inspector. He wants to see you, miss. But I dare say, it's about nothing at all.

– Did he name – asked Margaret, almost inaudibly.

– No, miss; he named nothing. He only asked if you lived here, and if he could speak to you. Martha went to the door, and let him in; she has shown him into master's study. I went to him myself, to try if that would do; but no – it's you, miss, he wants.

Margaret did not speak again till her hand was on the lock of the study door. Here she turned round and said – Take care papa does not come down. Mr. Thornton is with him now.

The inspector was almost daunted by the haughtiness of her manner as she entered. There was something of indignation expressed in her countenance, but so kept down and controlled, that it gave her a superb air of disdain. There was no surprise, no curiosity. She stood awaiting the opening of his business there. Not a question did she ask.

– I beg your pardon, ma'am, but my duty obliges me to ask you a few plain questions. A man has died at the Infirmary, in consequence of a fall, received at Outwood station, between the hours of five and six on Thursday evening, the twenty-sixth instant. At the time, this fall did not seem of much consequence; but it was rendered fatal, the doctors say, by the presence of some internal complaint, and the man's own habit of drinking.

The large dark eyes, gazing straight into the inspector's face, dilated a little. Otherwise there was no motion perceptible to his experienced observation. Her lips swelled out into a richer curve than ordinary, owing to the enforced tension of the muscles, but he did not know what was their usual appearance, so as to recognise the unwonted sullen defiance of the firm sweeping lines. She never blenched or trembled. She fixed him with her eye. Now – as he paused before going on, she said, almost as if she would encourage him in telling his tale – Well – go on!

– It is supposed that an inquest will have to be held; there is some slight evidence to prove that the blow, or push, or scuffle that caused the fall, was provoked by this poor fellow's half-tipsy impertinence to a young lady, walking

with the man who pushed the deceased over the edge of the platform. This much was observed by some one on the platform, who, however, thought no more about the matter, as the blow seemed of slight consequence. There is also some reason to identify the lady with yourself; in which case –

– I was not there, said Margaret, still keeping her expressionless eyes fixed on his face, with the unconscious look of a sleep-walker.

The inspector bowed but did not speak. The lady standing before him showed no emotion, no fluttering fear, no anxiety, no desire to end the interview. The information he had received was very vague; one of the porters, rushing out to be in readiness for the train, had seen a scuffle, at the other end of the platform, between Leonards and a gentleman accompanied by a lady, but heard no noise; and before the train had got to its full speed after starting, he had been almost knocked down by the headlong run of the enraged half-intoxicated Leonards, swearing and cursing awfully. He had not thought any more about it, till his evidence was routed out by the inspector, who, on making some farther inquiry at the railroad station, had heard from the station-master that a young lady and gentleman had been there about that hour – the lady remarkably handsome – and said, by some grocer's assistant present at the time, to be a Miss Hale, living at Crampton, whose family dealt at his shop. There was no certainty that the one lady and gentleman were identical with the other pair, but there was great probability. Leonards himself had gone, half-mad with rage and pain, to the nearest gin-palace for comfort; and his tipsy words had not been attended to by the busy waiters there; they, however, remembered his starting up and cursing himself for not having sooner thought of the electric telegraph, for some purpose unknown; and they believed that he left with the idea of going there. On his way, overcome by pain or drink, he had lain down in the road, where the police had found him and taken him to the Infirmary: there he had never recovered sufficient consciousness to give any distinct account of his fall, although once or twice he had had glimmerings of sense sufficient to make the authorities send for the nearest magistrate, in hopes that he might be able to take down the dying man's deposition of the cause of his death. But when the magistrate had come, he was rambling about being at sea, and mixing up names of captains and lieutenants in an indistinct manner with those of his fellow porters at the railway; and his last words were a curse on the 'Cornish trick' which had, he said, made him a hundred pounds poorer than he ought to have been. The inspector ran all this over in his mind – the vagueness of the evidence to prove that Margaret had been at the station – the unflinching, calm denial which she gave to such a supposition. She stood awaiting his next word with a composure that appeared supreme.

– Then, madam, I have your denial that you were the lady accompanying the gentleman who struck the blow, or gave the push, which caused the death of this poor man?

A quick, sharp pain went through Margaret's brain. – Oh God! that I knew Frederick were safe! A deep observer of human countenances might have seen the momentary agony shoot out of her great gloomy eyes, like the torture of

some creature brought to bay. But the inspector though a very keen, was not a very deep observer. He was a little struck, notwithstanding, by the form of the answer, which sounded like a mechanical repetition of her first reply – not changed and modified in shape so as to meet his last question.

– I was not there, said she, slowly and heavily. And all this time she never closed her eyes, or ceased from that glassy, dream-like stare. His quick suspicions were aroused by this dull echo of her former denial. It was as if she had forced herself to one untruth, and had been stunned out of all power of varying it.

He put up his book of notes in a very deliberate manner. Then he looked up; she had not moved any more than if she had been some great Egyptian statue.

– I hope you will not think me impertinent when I say, that I may have to call on you again. I may have to summon you to appear on the inquest, and prove an alibi, if my witnesses (it was but one who had recognised her) persist in deposing to your presence at the unfortunate event. He looked at her sharply. She was still perfectly quiet – no change of colour, or darker shadow of guilt, on her proud face. He thought to have seen her wince: he did not know Margaret Hale. He was a little abashed by her regal composure. It must have been a mistake of identity. He went on:

– It is very unlikely, ma'am, that I shall have to do anything of the kind. I hope you will excuse me for doing what is only my duty, although it may appear impertinent.

Margaret bowed her head as he went towards the door. Her lips were stiff and dry. She could not speak even the common words of farewell. But suddenly she walked forwards, and opened the study door, and preceded him to the door of the house, which she threw wide open for his exit. She kept her eyes upon him in the same dull, fixed manner, until he was fairly out of the house. She shut the door, and went half-way into the study; then turned back, as if moved by some passionate impulse, and locked the door inside.

Then she went into the study, paused – tottered forward – paused again – swayed for an instant where she stood, and fell prone on the floor in a dead swoon.

CHAPTER 35
EXPIATION

“There’s nought so finely spun
But it cometh to the sun”.

Mr. Thornton sate on and on. He felt that his company gave pleasure to Mr. Hale; and was touched by the half-spoken wishful entreaty that he would remain a little longer – the plaintive – ‘Don’t go yet,’ which his poor friend put forth from time to time. He wondered Margaret did not return; but it was with no view of seeing her that he lingered. For the hour – and in the presence of one who was so thoroughly feeling the nothingness of earth – he was reasonable and self-controlled. He was deeply interested in all her father said,

– Of death, and of the heavy lull, And of the brain that has grown dull.

It was curious how the presence of Mr. Thornton had power over Mr. Hale to make him unlock the secret thoughts which he kept shut up even from Margaret. Whether it was that her sympathy would be so keen, and show itself in so lively a manner, that he was afraid of the reaction upon himself, or whether it was that to his speculative mind all kinds of doubts presented themselves at such a time, pleading and crying aloud to be resolved into certainties, and that he knew she would have shrunk from the expression of any such doubts – nay, from him himself as capable of conceiving them – whatever was the reason, he could unburden himself better to Mr. Thornton than to her of all the thoughts and fancies and fears that had been frost-bound in his brain till now. Mr. Thornton said very little; but every sentence he uttered added to Mr. Hale’s reliance and regard for him. Was it that he paused in the expression of some remembered agony, Mr. Thornton’s two or three words would complete the sentence, and show how deeply its meaning was entered into. Was it a doubt – a fear – a wandering uncertainty seeking rest, but finding none – so tear-blinded were its eyes – Mr. Thornton, instead of being shocked, seemed to have passed through that very stage of thought himself, and could suggest where the exact ray of light was to be found, which should make the dark places plain. Man of action as he was, busy in the world’s great battle, there was a deeper religion binding him to God in his heart, in spite of his strong wilfulness, through all his mistakes, than Mr. Hale had ever dreamed. They never spoke of such things again, as it happened; but this one conversation made them peculiar people to each other; knit them together, in a way which no loose indiscriminate talking about sacred things can ever accomplish. When all are admitted, how can there be a Holy of Holies?

And all this while, Margaret lay as still and white as death on the study floor! She had sunk under her burden. It had been heavy in weight and long

carried; and she had been very meek and patient, till all at once her faith had given way, and she had groped in vain for help! There was a pitiful contraction of suffering upon her beautiful brows, although there was no other sign of consciousness remaining. The mouth – a little while ago, so sullenly projected in defiance – was relaxed and livid.

– E par che de la sua labbia si mova Uno spirito soave e pien d'amore,
Chi va dicendo a l'anima: sospira!

The first symptom of returning life was a quivering about the lips – a little mute soundless attempt at speech; but the eyes were still closed; and the quivering sank into stillness. Then, feebly leaning on her arms for an instant to steady herself, Margaret gathered herself up, and rose. Her comb had fallen out of her hair; and with an intuitive desire to efface the traces of weakness, and bring herself into order again, she sought for it, although from time to time, in the course of the search, she had to sit down and recover strength. Her head drooped forwards – her hands meekly laid one upon the other – she tried to recall the force of her temptation, by endeavouring to remember the details which had thrown her into such deadly fright; but she could not. She only understood two facts – that Frederick had been in danger of being pursued and detected in London, as not only guilty of manslaughter, but as the more unpardonable leader of the mutiny, and that she had lied to save him. There was one comfort; her lie had saved him, if only by gaining some additional time. If the inspector came again tomorrow, after she had received the letter she longed for to assure her of her brother's safety, she would brave shame, and stand in her bitter penance – she, the lofty Margaret – acknowledging before a crowded justice-room, if need were, that she had been as 'a dog, and done this thing. But if he came before she heard from Frederick; if he returned, as he had half threatened, in a few hours, why! she would tell that lie again; though how the words would come out, after all this terrible pause for reflection and self-reproach, without betraying her falsehood, she did not know, she could not tell. But her repetition of it would gain time – time for Frederick.

She was roused by Dixon's entrance into the room; she had just been letting out Mr. Thornton.

He had hardly gone ten steps in the street, before a passing omnibus stopped close by him, and a man got down, and came up to him, touching his hat as he did so. It was the police-inspector.

Mr. Thornton had obtained for him his first situation in the police, and had heard from time to time of the progress of his protege, but they had not often met, and at first Mr. Thornton did not remember him.

– My name is Watson – George Watson, sir, that you got...

– Ah, yes! I recollect. Why you are getting on famously, I hear.

– Yes, sir. I ought to thank you, sir. But it is on a little matter of business I made so bold as to speak to you now. I believe you were the magistrate who

attended to take down the deposition of a poor man who died in the Infirmary last night.

– Yes, replied Mr. Thornton. – I went and heard some kind of a rambling statement, which the clerk said was of no great use. I'm afraid he was but a drunken fellow, though there is no doubt he came to his death by violence at last. One of my mother's servants was engaged to him, I believe, and she is in great distress today. What about him?

– Why, sir, his death is oddly mixed up with somebody in the house I saw you coming out of just now; it was a Mr. Hale's, I believe.

– Yes! said Mr. Thornton, turning sharp round and looking into the inspector's face with sudden interest. – What about it?

– Why, sir, it seems to me that I have got a pretty distinct chain of evidence, inculcating a gentleman who was walking with Miss Hale that night at the Outwood station, as the man who struck or pushed Leonards off the platform and so caused his death. But the young lady denies that she was there at the time.

– Miss Hale denies she was there! repeated Mr. Thornton, in an altered voice. – Tell me, what evening was it? What time?

– About six o'clock, on the evening of Thursday, the twenty-sixth.

They walked on, side by side, in silence for a minute or two. The inspector was the first to speak

– You see, sir, there is like to be a coroner's inquest; and I've got a young man who is pretty positive – at least he was at first; – since he has heard of the young lady's denial, he says he should not like to swear; but still he's pretty positive that he saw Miss Hale at the station, walking about with a gentleman, not five minutes before the time, when one of the porters saw a scuffle, which he set down to some of Leonards' impudence – but which led to the fall which caused his death. And seeing you come out of the very house, sir, I thought I might make bold to ask if – you see, it's always awkward having to do with cases of disputed identity, and one doesn't like to doubt the word of a respectable young woman unless one has strong proof to the contrary.

– And she denied having been at the station that evening! repeated Mr. Thornton, in a low, brooding tone.

– Yes, sir, twice over, as distinct as could be. I told her I should call again, but seeing you just as I was on my way back from questioning the young man who said it was her, I thought I would ask your advice, both as the magistrate who saw Leonards on his death-bed, and as the gentleman who got me my berth in the force.

– You were quite right, said Mr. Thornton. – Don't take any steps till you have seen me again.

– The young lady will expect me to call, from what I said.

– I only want to delay you an hour. It's now three. Come to my warehouse at four.

– Very well, sir!

And they parted company. Mr. Thornton hurried to his warehouse, and, sternly forbidding his clerks to allow any one to interrupt him, he went his way to his own private room, and locked the door. Then he indulged himself in the torture of thinking it all over, and realising every detail. How could he have lulled himself into the unsuspecting calm in which her tearful image had mirrored itself not two hours before, till he had weakly pitied her and yearned towards her, and forgotten the savage, distrustful jealousy with which the sight of her – and that unknown to him – at such an hour – in such a place – had inspired him! How could one so pure have stooped from her decorous and noble manner of bearing! But was it decorous – was it? He hated himself for the idea that forced itself upon him, just for an instant – no more – and yet, while it was present, thrilled him with its old potency of attraction towards her image. And then this falsehood – how terrible must be some dread of shame to be revealed – for, after all, the provocation given by such a man as Leonards was, when excited by drinking, might, in all probability, be more than enough to justify any one who came forward to state the circumstances openly and without reserve! How creeping and deadly that fear which could bow down the truthful Margaret to falsehood! He could almost pity her. What would be the end of it? She could not have considered all she was entering upon; if there was an inquest and the young man came forward. Suddenly he started up. There should be no inquest. He would save Margaret. He would take the responsibility of preventing the inquest, the issue of which, from the uncertainty of the medical testimony (which he had vaguely heard the night before, from the surgeon in attendance), could be but doubtful; the doctors had discovered an internal disease far advanced, and sure to prove fatal; they had stated that death might have been accelerated by the fall, or by the subsequent drinking and exposure to cold. If he had but known how Margaret would have become involved in the affair – if he had but foreseen that she would have stained her whiteness by a falsehood, he could have saved her by a word; for the question, of inquest or no inquest, had hung trembling in the balance only the night before. Miss Hale might love another – was indifferent and contemptuous to him – but he would yet do her faithful acts of service of which she should never know. He might despise her, but the woman whom he had once loved should be kept from shame; and shame it would be to pledge herself to a lie in a public court, or otherwise to stand and acknowledge her reason for desiring darkness rather than light.

Very gray and stern did Mr. Thornton look, as he passed out through his wondering clerks. He was away about half an hour; and scarcely less stern did he look when he returned, although his errand had been successful.

He wrote two lines on a slip of paper, put it in an envelope, and sealed it up. This he gave to one of the clerks, saying:

– I appointed Watson – he who was a packer in the warehouse, and who went into the police – to call on me at four o'clock I have just met with a gentleman from Liverpool who wishes to see me before he leaves town. Take care to give this note to Watson he calls.

The note contained these words:

– There will be no inquest. Medical evidence not sufficient to justify it. Take no further steps. I have not seen the corner; but I will take the responsibility.

– Well, thought Watson – it relieves me from an awkward job. None of my witnesses seemed certain of anything except the young woman. She was clear and distinct enough; the porter at the rail-road had seen a scuffle; or when he found it was likely to bring him in as a witness, then it might not have been a scuffle, only a little larking, and Leonards might have jumped off the platform himself; – he would not stick firm to anything. And Jennings, the grocer's shopman – well, he was not quite so bad, but I doubt if I could have got him up to an oath after he heard that Miss Hale flatly denied it. It would have been a troublesome job and no satisfaction. And now I must go and tell them they won't be wanted.

He accordingly presented himself again at Mr. Hale's that evening. Her father and Dixon would fain have persuaded Margaret to go to bed; but they, neither of them, knew the reason for her low continued refusals to do so. Dixon had learnt part of the truth-but only part. Margaret would not tell any human being of what she had said, and she did not reveal the fatal termination to Leonards' fall from the platform. So Dixon curiosity combined with her allegiance to urge Margaret to go to rest, which her appearance, as she lay on the sofa, showed but too clearly that she required. She did not speak except when spoken to; she tried to smile back in reply to her father's anxious looks and words of tender enquiry; but, instead of a smile, the wan lips resolved themselves into a sigh. He was so miserably uneasy that, at last, she consented to go into her own room, and prepare for going to bed. She was indeed inclined to give up the idea that the inspector would call again that night, as it was already past nine o'clock.

She stood by her father, holding on to the back of his chair.

– You will go to bed soon, papa, won't you? Don't sit up alone!

What his answer was she did not hear; the words were lost in the far smaller point of sound that magnified itself to her fears, and filled her brain. There was a low ring at the door-bell.

She kissed her father and glided down stairs, with a rapidity of motion of which no one would have thought her capable, who had seen her the minute before. She put aside Dixon.

– Don't come; I will open the door. I know it is him – I can – I must manage it all myself.

– As you please, miss! said Dixon testily; but in a moment afterwards,

she added – But you're not fit for it. You are more dead than alive.

– Am I? said Margaret, turning round and showing her eyes all aglow with strange fire, her cheeks flushed, though her lips were baked and livid still.

She opened the door to the Inspector, and preceded him into the study. She placed the candle on the table, and snuffed it carefully, before she turned round and faced him.

– You are late! said she. – Well? She held her breath for the answer.

– I'm sorry to have given any unnecessary trouble, ma'am; for, after all, they've given up all thoughts of holding an inquest. I have had other work to do and other people to see, or I should have been here before now.

– Then it is ended, said Margaret. – There is to be no further enquiry.

– I believe I've got Mr. Thornton's note about me, said the Inspector, fumbling in his pocket-book

– Mr. Thornton's! said Margaret.

– Yes! he's a magistrate – ah! here it is. She could not see to read it – no, not although she was close to the candle. The words swam before her. But she held it in her hand, and looked at it as if she were intently studying it.

– I'm sure, ma'am, it's a great weight off my mind; for the evidence was so uncertain, you see, that the man had received any blow at all – and if any question of identity came in, it so complicated the case, as I told Mr. Thornton –

– Mr. Thornton! said Margaret, again.

– I met him this morning, just as he was coming out of this house, and, as he's an old friend of mine, besides being the magistrate who saw Leonards last night, I made bold to tell him of my difficulty.

Margaret sighed deeply. She did not want to hear any more; she was afraid alike of what she had heard, and of what she might hear. She wished that the man would go. She forced herself to speak

– Thank you for calling. It is very late. I dare say it is past ten o'clock. Oh! here is the note! she continued, suddenly interpreting the meaning of the hand held out to receive it. He was putting it up, when she said – I think it is a cramped, dazzling sort of writing. I could not read it; will you just read it to me?

He read it aloud to her.

– Thank you. You told Mr. Thornton that I was not there?

– Oh, of course, ma'am. I'm sorry now that I acted upon information, which seems to have been so erroneous. At first the young man was so positive; and now he says that he doubted all along, and hopes that his mistake won't have occasioned you such annoyance as to lose their shop your custom. Good night, ma'am.

– Good night. She rang the bell for Dixon to show him out. As Dixon returned up the passage Margaret passed her swiftly.

– It is all right! said she, without looking at Dixon; and before the woman could follow her with further questions she had sped up-stairs, and entered her bed-chamber, and bolted her door.

She threw herself, dressed as she was, upon her bed. She was too much exhausted to think. Half an hour or more elapsed before the cramped nature of her position, and the chilliness, supervening upon great fatigue, had the power to rouse her numbed faculties. Then she began to recall, to combine, to wonder. The first idea that presented itself to her was, that all this sickening alarm on Frederick's behalf was over; that the strain was past. The next was a wish to remember every word of the Inspector's which related to Mr. Thornton. When had he seen him? What had he said? What had Mr. Thornton done? What were the exact words of his note? And until she could recollect, even to the placing or omitting an article, the very expressions which he had used in the note, her mind refused to go on with its progress. But the next conviction she came to was clear enough; – Mr. Thornton had seen her close to Outwood station on the fatal Thursday night, and had been told of her denial that she was there. She stood as a liar in his eyes. She was a liar. But she had no thought of penitence before God; nothing but chaos and night surrounded the one lurid fact that, in Mr. Thornton's eyes, she was degraded. She cared not to think, even to herself, of how much of excuse she might plead. That had nothing to do with Mr. Thornton; she never dreamed that he, or any one else, could find cause for suspicion in what was so natural as her accompanying her brother; but what was really false and wrong was known to him, and he had a right to judge her. – Oh, Frederick! Frederick! she cried – what have I not sacrificed for you! Even when she fell asleep her thoughts were compelled to travel the same circle, only with exaggerated and monstrous circumstances of pain.

When she awoke a new idea flashed upon her with all the brightness of the morning. Mr. Thornton had learnt her falsehood before he went to the coroner; that suggested the thought, that he had possibly been influenced so to do with a view of sparing her the repetition of her denial. But she pushed this notion on one side with the sick-wilfulness of a child. If it were so, she felt no gratitude to him, as it only showed her how keenly he must have seen that she was disgraced already, before he took such unwonted pains to spare her any further trial of truthfulness, which had already failed so signally. She would have gone through the whole – she would have perjured herself to save Frederick, rather – far rather – than Mr. Thornton should have had the knowledge that prompted him to interfere to save her. What ill-fate brought him in contact with the Inspector? What made him be the very magistrate sent for to receive Leonards' deposition? What had Leonards said? How much of it was intelligible to Mr. Thornton, who might already, for aught she knew, be aware of the old accusation against Frederick, through their mutual friend, Mr. Bell? If so, he had striven to save the son, who came in defiance of the law to attend his mother's death-bed. And under

this idea she could feel grateful – not yet, if ever she should, if his interference had been prompted by contempt. Oh! had any one such just cause to feel contempt for her? Mr. Thornton, above all people, on whom she had looked down from her imaginary heights till now! She suddenly found herself at his feet, and was strangely distressed at her fall. She shrank from following out the premises to their conclusion, and so acknowledging to herself how much she valued his respect and good opinion. Whenever this idea presented itself to her at the end of a long avenue of thoughts, she turned away from following that path – she would not believe in it.

It was later than she fancied, for in the agitation of the previous night, she had forgotten to wind up her watch; and Mr. Hale had given especial orders that she was not to be disturbed by the usual awakening. By and by the door opened cautiously, and Dixon put her head in. Perceiving that Margaret was awake, she came forwards with a letter.

– Here’s something to do you good, miss. A letter from Master Frederick.

– Thank you, Dixon. How late it is!

She spoke very languidly, and suffered Dixon to lay it on the counterpane before her, without putting out a hand to take it.

– You want your breakfast, I’m sure. I will bring it you in a minute. Master has got the tray all ready, I know.

Margaret did not reply; she let her go; she felt that she must be alone before she could open that letter. She opened it at last. The first thing that caught her eye was the date two days earlier than she received it. He had then written when he had promised, and their alarm might have been spared. But she would read the letter and see. It was hasty enough, but perfectly satisfactory. He had seen Henry Lennox, who knew enough of the case to shake his head over it, in the first instance, and tell him he had done a very daring thing in returning to England, with such an accusation, backed by such powerful influence, hanging over him. But when they had come to talk it over, Mr. Lennox had acknowledged that there might be some chance of his acquittal, if he could but prove his statements by credible witnesses – that in such case it might be worth while to stand his trial, otherwise it would be a great risk. He would examine – he would take every pains. – It struck me said Frederick – that your introduction, little sister of mine, went a long way. Is it so? He made many inquiries, I can assure you. He seemed a sharp, intelligent fellow, and in good practice too, to judge from the signs of business and the number of clerks about him. But these may be only lawyer’s dodges. I have just caught a packet on the point of sailing – I am off in five minutes. I may have to come back to England again on this business, so keep my visit secret. I shall send my father some rare old sherry, such as you cannot buy in England – (such stuff as I’ve got in the bottle before me)! He needs something of the kind – my dear love to him – God bless him. I’m sure – here’s my cab. P.S. – What an escape that was! Take care you don’t breathe of my having been – not even to the Shaws.

Margaret turned to the envelope; it was marked – Too late. The letter had probably been trusted to some careless waiter, who had forgotten to post it. Oh! what slight cobwebs of chances stand between us and Temptation! Frederick had been safe, and out of England twenty, nay, thirty hours ago; and it was only about seventeen hours since she had told a falsehood to baffle pursuit, which even then would have been vain. How faithless she had been! Where now was her proud motto – *Fais ce que dois, advienne que pourra?* If she had but dared to bravely tell the truth as regarded herself, defying them to find out what she refused to tell concerning another, how light of heart she would now have felt! Not humbled before God, as having failed in trust towards Him; not degraded and abased in Mr. Thornton's sight. She caught herself up at this with a miserable tremor; here was she classing his low opinion of her alongside with the displeasure of God. How was it that he haunted her imagination so persistently? What could it be? Why did she care for what he thought, in spite of all her pride in spite of herself? She believed that she could have borne the sense of Almighty displeasure, because He knew all, and could read her penitence, and hear her cries for help in time to come. But Mr. Thornton – why did she tremble, and hide her face in the pillow? What strong feeling had overtaken her at last?

She sprang out of bed and prayed long and earnestly. It soothed and comforted her so to open her heart. But as soon as she reviewed her position she found the sting was still there; that she was not good enough, nor pure enough to be indifferent to the lowered opinion of a fellow creature; that the thought of how he must be looking upon her with contempt, stood between her and her sense of wrong-doing. She took her letter in to her father as soon as she was drest. There was so slight an allusion to their alarm at the rail-road station, that Mr. Hale passed over it without paying any attention to it. Indeed, beyond the mere fact of Frederick having sailed undiscovered and unsuspected, he did not gather much from the letter at the time, he was so uneasy about Margaret's pallid looks. She seemed continually on the point of weeping.

– You are sadly overdone, Margaret. It is no wonder. But you must let me nurse you now.

He made her lie down on the sofa, and went for a shawl to cover her with. His tenderness released her tears; and she cried bitterly.

– Poor child! – poor child! said he, looking fondly at her, as she lay with her face to the wall, shaking with her sobs. After a while they ceased, and she began to wonder whether she durst give herself the relief of telling her father of all her trouble. But there were more reasons against it than for it. The only one for it was the relief to herself; and against it was the thought that it would add materially to her father's nervousness, if it were indeed necessary for Frederick to come to England again; that he would dwell on the circumstance of his son's having caused the death of a man, however unwittingly and unwillingly; that this knowledge would perpetually recur to trouble him, in various shapes of exaggeration and distortion from the simple truth. And about her own great fault – he would be distressed beyond measure at her want of courage and faith, yet

perpetually troubled to make excuses for her. Formerly Margaret would have come to him as priest as well as father, to tell him of her temptation and her sin; but latterly they had not spoken much on such subjects; and she knew not how, in his change of opinions, he would reply if the depth of her soul called unto his. No; she would keep her secret, and bear the burden alone. Alone she would go before God, and cry for His absolution. Alone she would endure her disgraced position in the opinion of Mr. Thornton. She was unspeakably touched by the tender efforts of her father to think of cheerful subjects on which to talk, and so to take her thoughts away from dwelling on all that had happened of late. It was some months since he had been so talkative as he was this day. He would not let her sit up, and offended Dixon desperately by insisting on waiting upon her himself.

At last she smiled; a poor, weak little smile; but it gave him the truest pleasure.

– It seems strange to think, that what gives us most hope for the future should be called Dolores, said Margaret. The remark was more in character with her father than with her usual self; but today they seemed to have changed natures.

– Her mother was a Spaniard, I believe: that accounts for her religion. Her father was a stiff Presbyterian when I knew him. But it is a very soft and pretty name.

– How young she is! – younger by fourteen months than I am. Just, the age that Edith was when she was engaged to Captain Lennox. Papa, we will go and see them in Spain.

He shook his head. But he said – If you wish it, Margaret. Only let us come back here. It would seem unfair – unkind to your mother, who always, I'm afraid, disliked Milton so much, if we left it now she is lying here, and cannot go with us. No, dear; you shall go and see them, and bring me back a report of my Spanish daughter.

– No, papa, I won't go without you. Who is to take care of you when I am gone?

– I should like to know which of us is taking care of the other. But if you went, I should persuade Mr. Thornton to let me give him double lessons. We would work up the classics famously. That would be a perpetual interest. You might go on, and see Edith at Corfu, if you liked.

Margaret did not speak all at once. Then she said rather gravely: – Thank you, papa. But I don't want to go. We will hope that Mr. Lennox will manage so well, that Frederick may bring Dolores to see us when they are married. And as for Edith, the regiment won't remain much longer in Corfu. Perhaps we shall see both of them here before another year is out.

Mr. Hale's cheerful subjects had come to an end. Some painful recollection had stolen across his mind, and driven him into silence. By-and-by Margaret said:

– Papa – did you see Nicholas Higgins at the funeral? He was there, and Mary too. Poor fellow! it was his way of showing sympathy. He has a good warm heart under his bluff abrupt ways.

– I am sure of it, replied Mr. Hale. – I saw it all along, even while you tried to persuade me that he was all sorts of bad things. We will go and see them tomorrow, if you are strong enough to walk so far.

– Oh yes. I want to see them. We did not pay Mary – or rather she refused to take it, Dixon says. We will go so as to catch him just after his dinner, and before he goes to his work.

Towards evening Mr. Hale said:

– I half expected Mr. Thornton would have called. He spoke of a book yesterday which he had, and which I wanted to see. He said he would try and bring it today.

Margaret sighed. She knew he would not come. He would be too delicate to run the chance of meeting her, while her shame must be so fresh in his memory. The very mention of his name renewed her trouble, and produced a relapse into the feeling of depressed, pre-occupied exhaustion. She gave way to listless languor. Suddenly it struck her that this was a strange manner to show her patience, or to reward her father for his watchful care of her all through the day. She sat up and offered to read aloud. His eyes were failing, and he gladly accepted her proposal. She read well: she gave the due emphasis; but had any one asked her, when she had ended, the meaning of what she had been reading, she could not have told. She was smitten with a feeling of ingratitude to Mr. Thornton, inasmuch as, in the morning, she had refused to accept the kindness he had shown her in making further inquiry from the medical men, so as to obviate any inquest being held. Oh! she was grateful! She had been cowardly and false, and had shown her cowardliness and falsehood in action that could not be recalled; but she was not ungrateful. It sent a glow to her heart, to know how she could feel towards one who had reason to despise her. His cause for contempt was so just, that she should have respected him less if she had thought he did not feel contempt. It was a pleasure to feel how thoroughly she respected him. He could not prevent her doing that; it was the one comfort in all this misery.

Late in the evening, the expected book arrived – with Mr. Thornton's kind regards, and wishes to know how Mr. Hale is.

– Say that I am much better, Dixon, but that Miss Hale –

– No, papa, said Margaret, eagerly – don't say anything about me. He does not ask

– My dear child, how you are shivering! said her father, a few minutes afterwards. – You must go to bed directly. You have turned quite pale!

Margaret did not refuse to go, though she was loth to leave her father alone. She needed the relief of solitude after a day of busy thinking, and busier

repenting.

But she seemed much as usual the next day; the lingering gravity and sadness, and the occasional absence of mind, were not unnatural symptoms in the early days of grief. And almost in proportion to her re-establishment in health, was her father's relapse into his abstracted musing upon the wife he had lost, and the past era in his life that was closed to him for ever.

CHAPTER 36

UNION NOT ALWAYS STRENGTH

“The steps of the bearers, heavy and slow,
The sobs of the mourners, deep and low”.
Shelley

At the time arranged the previous day, they set out on their walk to see Nicholas Higgins and his daughter. They both were reminded of their recent loss, by a strange kind of shyness in their new habiliments, and in the fact that it was the first time, for many weeks, that they had deliberately gone out together. They drew very close to each other in unspoken sympathy.

Nicholas was sitting by the fire-side in his accustomed corner: but he had not his accustomed pipe. He was leaning his head upon his hand, his arm resting on his knee. He did not get up when he saw them, though Margaret could read the welcome in his eye.

– Sit ye down, sit ye down. Fire’s welly out, said he, giving it a vigorous poke, as if to turn attention away from himself. He was rather disorderly, to be sure, with a black unshaven beard of several days’ growth, making his pale face look yet paler, and a jacket which would have been all the better for patching.

– We thought we should have a good chance of finding you, just after dinner-time, said Margaret.

– We have had our sorrow too, since we saw you, said Mr. Hale.

– Ay, ay. Sorrows is more plentiful than dinners just now; I reckon, my dinner hour stretches all o’er the day; yo’re pretty sure of finding me.

– Are you out of work? asked Margaret.

– Ay,’ he replied shortly. Then, after a moment’s silence, he added, looking up for the first time: – I’m not wanting brass. Dunno yo’ think it. Bess, poor lass, had a little stock under her pillow, ready to slip into my hand, last moment, and Mary is fustian-cutting. But I’m out o’work a’ the same.

– We owe Mary some money, said Mr. Hale, before Margaret’s sharp pressure on his arm could arrest the words.

– If hoo takes it, I’ll turn her out o’ doors. I’ll bide inside these four walls, and she’ll bide out. That’s a’.

– But we owe her many thanks for her kind service, began Mr. Hale again.

– I ne'er thanked yo'r daughter theer for her deeds o' love to my poor wench. I ne'er could find th' words. I'se have to begin and try now, if yo' start making an ado about what little Mary could sarve yo'.

– Is it because of the strike you're out of work? asked Margaret gently.

– Strike's ended. It's o'er for this time. I'm out o' work because I ne'er asked for it. And I ne'er asked for it, because good words is scarce, and bad words is plentiful.

He was in a mood to take a surly pleasure in giving answers that were like riddles. But Margaret saw that he would like to be asked for the explanation.

– And good words are – ?

– Asking for work I reckon them's almost the best words that men can say. "Gi'me work" means "and I'll do it like a man." Them's good words.

– And bad words are refusing you work when you ask for it.

– Ay. Bad words is saying "Aha, my fine chap! You've been true to yo'r order, and I'll be true to mine. Yo'did the best yo' could for them as wanted help; that's yo'r way of being true to yo'r kind; and I'll be true to mine. You've been a poor fool, as knowed no better nor be a true faithful fool. So go and be d...d to yo'. There's no work for yo' here." Them's bad words. I'm not a fool; and if I was, folk ought to ha' taught me how to be wise after their fashion. I could mappen ha' learnt, if any one had tried to teach me.

– Would it not be worth while, said Mr. Hale – to ask your old master if he would take you back again? It might be a poor chance, but it would be a chance.

He looked up again, with a sharp glance at the questioner; and then tittered a low and bitter laugh.

– Measter! if it's no offence, I'll ask yo' a question or two in my turn.

– You're quite welcome, said Mr. Hale.

– I reckon yo'n some way of earning your bread. Folk seldom lives i' Milton lust for pleasure, if they can live anywhere else.

– You are quite right. I have some independent property, but my intention in settling in Milton was to become a private tutor.

– To teach folk. Well! I reckon they pay yo' for teaching them, dunnot they?

– Yes, replied Mr. Hale, smiling. – I teach in order to get paid.

– And them that pays yo', dun they tell yo' whatten to do, or whatten not to do wi' the money they gives you in just payment for your pains – in fair exchange like?

– No; to be sure not!

– They dunnot say, “Yo’ may have a brother, or a friend as dear as a brother, who wants this here brass for a purpose both yo’ and he think right; but yo’ mun promise not give it to him. Yo’ may see a good use, as yo’ think, to put yo’r money to; but we don’t think it good, and so if yo’ spend it a-thatens we’ll just leave off dealing with yo’.” They dunnot say that, dun they?

– No: to be sure not!

– Would yo’ stand it if they did?

– It would be some very hard pressure that would make me even think of submitting to such dictation.

– There’s not the pressure on all the broad earth that would make me, said Nicholas Higgins. – Now yo’ve got it. Yo’ve hit the bull’s eye. Hamper’s – that’s where I worked – makes their men pledge ‘emselves they’ll not give a penny to help th’ Union or keep turnouts fro’ clemming. They may pledge and make pledge,’ continued he, scornfully; – they nobbut make liars and hypocrites. And that’s a less sin, to my mind, to making men’s hearts so hard that they’ll not do a kindness to them as needs it, or help on the right and just cause, though it goes again the strong hand. But I’ll ne’er forswear mysel’ for a’ the work the king could gi’e me. I’m a member o’ the Union; and I think it’s the only thing to do the workman any good. And I’ve been a turn-out, and known what it were to clem; so if I get a shilling, sixpence shall go to them if they axe it from me. Consequence is, I dunnot see where I’m to get a shilling.

– Is that rule about not contributing to the Union in force at all the mills? asked Margaret.

– I cannot say. It’s a new regulation at ourn; and I reckon they’ll find that they cannot stick to it. But it’s in force now. By-and-by they’ll find out, tyrants makes liars.

There was a little pause. Margaret was hesitating whether she should say what was in her mind; she was unwilling to irritate one who was already gloomy and despondent enough. At last out it came. But in her soft tones, and with her reluctant manner, showing that she was unwilling to say anything unpleasant, it did not seem to annoy Higgins, only to perplex him.

– Do you remember poor Boucher saying that the Union was a tyrant? I think he said it was the worst tyrant of all. And I remember at the time I agreed with him.

It was a long while before he spoke. He was resting his head on his two hands, and looking down into the fire, so she could not read the expression on his face.

– I’ll not deny but what th’ Union finds it necessary to force a man into his own good. I’ll speak truth. A man leads a dree life who’s not i’ th’ Union. But

once i' the' Union, his interests are taken care on better nor he could do it for himself, or by himself, for that matter. It's the only way working men can get their rights, by all joining together. More the members, more chance for each one separate man having justice done him. Government takes care o' fools and madmen; and if any man is inclined to do himself' or his neighbour a hurt, it puts a bit of a check on him, whether he likes it or no. That's all we do i' th' Union. We can't clap folk into prison; but we can make a man's life so heavy to be borne, that he's obliged to come in, and be wise and helpful in spite of himself. Boucher were a fool all along, and ne'er a worse fool than at th' last.

– He did you harm? asked Margaret.

– Ay, that did he. We had public opinion on our side, till he and his sort began rioting and breaking laws. It were all o'er wi' the strike then.

– Then would it not have been far better to have left him alone, and not forced him to join the Union? He did you no good; and you drove him mad.

– Margaret, said her father, in a low and warning tone, for he saw the cloud gathering on Higgins's face.

– I like her, said Higgins, suddenly. – Hoo speaks plain out what's in her mind. Hoo doesn't comprehend th' Union for all that. It's a great power: it's our only power. I ha' read a bit o' poetry about a plough going o'er a daisy, as made tears come into my eyes, afore I'd other cause for crying. But the chap ne'er stopped driving the plough, I'se warrant, for all he were pitiful about the daisy. He'd too much mother-wit for that. Th' Union's the plough, making ready the land for harvest-time. Such as Boucher – 'twould be settin' him up too much to liken him to a daisy; he's liker a weed lounging over the ground – mun just make up their mind to be put out o' the way. I'm sore vexed wi' him just now. So, mappen, I dunnot speak him fair. I could go o'er him wi' a plough mysel', wi' a' the pleasure in life.

– Why? What has he been doing? Any thing fresh?

– Ay, to be sure. He's ne'er out o' mischief, that man. First of a' he must go raging like a mad fool, and kick up yon riot. Then he'd to go into hiding, where he'd a been yet, if Thornton had followed him out as I'd hoped he would ha' done. But Thornton, having got his own purpose, didn't care to go on wi' the prosecution for the riot. So Boucher slunk back again to his house. He ne'er showed himself abroad for a day or two. He had that grace. And then, where think ye that he went? Why, to Hamper's. Damn him! He went wi' his mealy-mouthed face, that turns me sick to look at, a-asking for work, though he knowed well enough the new rule, o' pledging themselves to give nought to th' Unions; nought to help the starving turn-out! Why he'd a clemmed to death, if th' Union had na helped him in his pinch. There he went, ossing to promise aught, and pledge himself to aught – to tell a' he know'd on our proceedings, the good-for-nothing Judas! But I'll say this for Hamper, and thank him for it at my dying day, he drove Boucher away, and would na listen to him – ne'er a word – though folk standing by, says the

traitor cried like a babby!

– Oh! how shocking! how pitiful! exclaimed Margaret. – Higgins, I don't know you today. Don't you see how you've made Boucher what he is, by driving him into the Union against his will – without his heart going with it. You have made him what he is!

Made him what he is! What was he?

Gathering, gathering along the narrow street, came a hollow, measured sound; now forcing itself on their attention. Many voices were hushed and low: many steps were heard not moving onwards, at least not with any rapidity or steadiness of motion, but as if circling round one spot. Yes, there was one distinct, slow tramp of feet, which made itself a clear path through the air, and reached their ears; the measured laboured walk of men carrying a heavy burden. They were all drawn towards the house-door by some irresistible impulse; impelled thither – not by a poor curiosity, but as if by some solemn blast.

Six men walked in the middle of the road, three of them being policemen. They carried a door, taken off its hinges, upon their shoulders, on which lay some dead human creature; and from each side of the door there were constant droppings. All the street turned out to see, and, seeing, to accompany the procession, each one questioning the bearers, who answered almost reluctantly at last, so often had they told the tale.

– We found him i'th'brook in the field beyond there.

– Th'brook! – why there's not water enough to drown him!

– He was a determined chap. He lay with his face downwards. He was sick enough o'living, choose what cause he had for it.

Higgins crept up to Margaret's side, and said in a weak piping kind of voice: It's not John Boucher? He had na spunk enough. Sure! It's not John Boucher! Why, they are a'looking this way! Listen! I've a singing in my head, and I cannot hear.

They put the door down carefully upon the stones, and all might see the poor drowned wretch – his glassy eyes, one half-open, staring right upwards to the sky. Owing to the position in which he had been found lying, his face was swollen and discoloured besides, his skin was stained by the water in the brook, which had been used for dyeing purposes. The fore part of his head was bald; but the hair grew thin and long behind, and every separate lock was a conduit for water. Through all these disfigurements, Margaret recognised John Boucher. It seemed to her so sacrilegious to be peering into that poor distorted, agonised face, that, by a flash of instinct, she went forwards and softly covered the dead man's countenance with her handkerchief. The eyes that saw her do this followed her, as she turned away from her pious office, and were thus led to the place where Nicholas Higgins stood, like one rooted to the spot. The men spoke together, and then one of them came up to Higgins, who would have fain shrunk back into his house.

– Higgins, thou knowed him! Thou mun go tell the wife. Do it gently, man, but do it quick, for we canna leave him here long.

– I canna go, said Higgins. – Dunnot ask me. I canna face her.

– Thou knows her best, said the man. – We'n done a deal in bringing him here – thou take thy share.

– I canna do it, said Higgins. – I'm welly felled wi' seeing him. We wasn't friends; and now he's dead.

– Well, if thou wunnot thou wunnot. Some one mun, though. It's a dree task; but it's a chance, every minute, as she doesn't hear on it in some rougher way nor a person going to make her let on by degrees, as it were.

– Papa, do you go, said Margaret, in a low voice.

– If I could – if I had time to think of what I had better say; but all at once... Margaret saw that her father was indeed unable. He was trembling from head to foot.

– I will go, said she.

– Bless yo, miss, it will be a kind act; for she's been but a sickly sort of body, I hear, and few hereabouts know much on her.

Margaret knocked at the closed door; but there was such a noise, as of many little ill-ordered children, that she could hear no reply; indeed, she doubted if she was heard, and as every moment of delay made her recoil from her task more and more, she opened the door and went in, shutting it after her, and even, unseen to the woman, fastening the bolt.

Mrs. Boucher was sitting in a rocking-chair, on the other side of the ill-redd-up fireplace; it looked as if the house had been untouched for days by any effort at cleanliness.

Margaret said something, she hardly knew what, her throat and mouth were so dry, and the children's noise completely prevented her from being heard. She tried again.

– How are you, Mrs. Boucher? But very poorly, I'm afraid.

– I've no chance o' being well, said she querulously. – I'm left alone to manage these childer, and nought for to give 'em for to keep 'em quiet. John should na ha' left me, and me so poorly.

– How long is it since he went away?

– Four days sin. No one would give him work here, and he'd to go on tramp toward Greenfield. But he might ha' been back afore this, or sent me some word if he'd gotten work. He might...

– Oh, don't blame him, said Margaret. – He felt it deeply, I'm sure...

– Will to hold thy din, and let me hear the lady speak! addressing herself, in no very gentle voice, to a little urchin of about a year old. She apologetically continued to Margaret – He’s always mithering me for “daddy” and “butty;” and I ha’ no butties to give him, and daddy’s away, and forgotten us a’, I think. He’s his father’s darling, he is, said she, with a sudden turn of mood, and, dragging the child up to her knee, she began kissing it fondly.

Margaret laid her hand on the woman’s arm to arrest her attention. Their eyes met.

– Poor little fellow! said Margaret, slowly; – he *was* his father’s darling.

– He *is* his father’s darling, said the woman, rising hastily, and standing face to face with Margaret. Neither of them spoke for a moment or two. Then Mrs. Boucher began in a low, growling tone, gathering in wildness as she went on: He *is* his father’s darling, I say. Poor folk can love their childer as well as rich. Why dunno yo’ speak? Why dun yo’ stare at me wi’ your great pitiful eyes? Where’s John? Weak as she was, she shook Margaret to force out an answer. – Oh, my God! said she, understanding the meaning of that tearful look. She sank hack into the chair. Margaret took up the child and put him into her arms.

– He loved him, said she.

– Ay, said the woman, shaking her head, ‘he loved us a’. We had some one to love us once. It’s a long time ago; but when he were in life and with us, he did love us, he did. He loved this babby mappen the best on us; but he loved me and I loved him, though I was calling him five minutes agone. Are yo’ sure he’s dead? said she, trying to get up. – If it’s only that he’s ill and like to die, they may bring him round yet. I’m but an ailing creature mysel’ – I’ve been ailing this long time.

– But he is dead – he is drowned!

– Folk are brought round after they’re dead-drowned. Whatten was I thinking of, to sit still when I should be stirring mysel’? Here, whisth thee, child – whisth thee! tak’ this, tak’ aught to play wi’, but dunnot cry while my heart’s breaking! Oh, where is my strength gone to? Oh, John – husband!

Margaret saved her from falling by catching her in her arms. She sate down in the rocking chair, and held the woman upon her knees, her head lying on Margaret’s shoulder. The other children, clustered together in affright, began to understand the mystery of the scene; but the ideas came slowly, for their brains were dull and languid of perception. They set up such a cry of despair as they guessed the truth, that Margaret knew not how to bear it. Johnny’s cry was loudest of them all, though he knew not why he cried, poor little fellow.

The mother quivered as she lay in Margaret’s arms. Margaret heard a noise at the door.

– Open it. Open it quick, said she to the eldest child. – It’s bolted; make no noise – be very still. Oh, papa, let them go upstairs very softly and carefully, and

perhaps she will not hear them. She has fainted – that's all.

– It's as well for her, poor creature, said a woman following in the wake of the bearers of the dead. – But yo're not fit to hold her. Stay, I'll run fetch a pillow and we'll let her down easy on the floor.

This helpful neighbour was a great relief to Margaret; she was evidently a stranger to the house, a new-comer in the district, indeed; but she was so kind and thoughtful that Margaret felt she was no longer needed; and that it would be better, perhaps, to set an example of clearing the house, which was filled with idle, if sympathising gazers.

She looked round for Nicholas Higgins. He was not there. So she spoke to the woman who had taken the lead in placing Mrs. Boucher on the floor.

– Can you give all these people a hint that they had better leave in quietness? So that when she comes round, she should only find one or two that she knows about her. Papa, will you speak to the men, and get them to go away? She cannot breathe, poor thing, with this crowd about her.

Margaret was kneeling down by Mrs. Boucher and bathing her face with vinegar; but in a few minutes she was surprised at the gush of fresh air. She looked round, and saw a smile pass between her father and the woman.

– What is it? asked she.

– Only our good friend here, replied her father – hit on a capital expedient for clearing the place.

– I bid 'em begone, and each take a child with 'em, and to mind that they were orphans, and their mother a widow. It was who could do most, and the childer are sure of a bellyful today, and of kindness too. Does hoo know how he died?

– No, said Margaret; – I could not tell her all at once.

– Hoo mun be told because of th'Inquest. See! Hoo's coming round; shall you or I do it? or mappen your father would be best?

– No; you, you, said Margaret.

They awaited her perfect recovery in silence. Then the neighbour woman sat down on the floor, and took Mrs. Boucher's head and shoulders on her lap.

– Neighbour, said she – your man is dead. Guess yo'how he died?

– He were drowned, said Mrs. Boucher, feebly, beginning to cry for the first time, at this rough probing of her sorrows.

– He were found drowned. He were coming home very hopeless o' aught on earth. He thought God could na be harder than men; mappen not so hard; mappen as tender as a mother; mappen tenderer. I'm not saying he did right, and I'm not saying he did wrong. All I say is, may neither me nor mine

ever have his sore heart, or we may do like things.

– He has left me alone wi' a' these children! moaned the widow, less distressed at the manner of the death than Margaret expected; but it was of a piece with her helpless character to feel his loss as principally affecting herself and her children.

– Not alone, said Mr. Hale, solemnly. – Who is with you? Who will take up your cause? The widow opened her eyes wide, and looked at the new speaker, of whose presence she had not been aware till then.

– Who has promised to be a father to the fatherless? continued he.

– But I've gotten six children, sir, and the eldest not eight years of age. I'm not meaning for to doubt His power, sir – only it needs a deal o' trust; and she began to cry afresh.

– Hoo'll be better able to talk tomorrow, sir, said the neighbour. – Best comfort now would be the feel of a child at her heart. I'm sorry they took the baby.

– I'll go for it, said Margaret. And in a few minutes she returned, carrying Johnnie, his face all smeared with eating, and his hands loaded with treasures in the shape of shells, and bits of crystal, and the head of a plaster figure. She placed him in his mother's arms.

– There! said the woman – now you go. They'll cry together, and comfort together, better nor any one but a child can do. I'll stop with her as long as I'm needed, and if yo' come tomorrow, yo' can have a deal o' wise talk with her, that she's not up to today.

As Margaret and her father went slowly up the street, she paused at Higgins's closed door.

– Shall we go in? asked her father. – I was thinking of him too.

They knocked. There was no answer, so they tried the door. It was bolted, but they thought they heard him moving within.

– Nicholas! said Margaret. There was no answer, and they might have gone away, believing the house to be empty, if there had not been some accidental fall, as of a book, within.

– Nicholas! said Margaret again. – It is only us. Won't you let us come in?

– No, said he. 'I spoke as plain as I could – bout using words, when I bolted th' door. Let me be, this day.

Mr. Hale would have urged their desire, but Margaret placed her finger on his lips.

– I don't wonder at it, said she. – I myself long to be alone. It seems the only thing to do one good after a day like this.

CHAPTER 37
LOOKING SOUTH

“A spade! a rake! a hoe!
A pickaxe or a bill!
A hook to reap, or a scythe to mow,
A flail, or what ye will –
And here’s a ready hand
To ply the needful tool,
And skill’d enough, by lessons rough,
In Labour’s rugged school”.
Hood

Higgins’s door was locked the next day, when they went to pay their call on the widow Boucher: but they learnt this time from an officious neighbour, that he was really from home. He had, however, been in to see Mrs. Boucher, before starting on his day’s business, whatever that was. It was but an unsatisfactory visit to Mrs. Boucher; she considered herself as an ill-used woman by her poor husband’s suicide; and there was quite germ of truth enough in this idea to make it a very difficult one to refute. Still, it was unsatisfactory to see how completely her thoughts were turned upon herself and her own position, and this selfishness extended even to her relations with her children, whom she considered as incumbrances, even in the very midst of her somewhat animal affection for them. Margaret tried to make acquaintances with one or two of them, while her father strove to raise the widow’s thoughts into some higher channel than that of mere helpless querulousness. She found that the children were truer and simpler mourners than the widow. Daddy had been a kind daddy to them; each could tell, in their eager stammering way, of some tenderness shown some indulgence granted by the lost father.

– Is yon thing upstairs really him? it doesna look like him. I’m feared on it, and I never was feared o’ daddy.

Margaret’s heart bled to hear that the mother, in her selfish requirement of sympathy, had taken her children upstairs to see their disfigured father. It was intermingling the coarseness of horror with the profoundness of natural grief. She tried to turn their thoughts in some other direction; on what they could do for mother; on what – for this was a more efficacious way of putting it – what father would have wished them to do. Margaret was more successful than Mr. Hale in her efforts. The children seeing their little duties lie in action close around them, began to try each one to do something that she suggested towards redding up the slatternly room. But her father set too high a standard, and too abstract a view, before the indolent invalid. She could not rouse her torpid mind into any vivid

imagination of what her husband's misery might have been before he had resorted to the last terrible step; she could only look upon it as it affected herself; she could not enter into the enduring mercy of the God who had not specially interposed to prevent the water from drowning her prostrate husband; and although she was secretly blaming her husband for having fallen into such drear despair, and denying that he had any excuse for his last rash act, she was inveterate in her abuse of all who could by any possibility be supposed to have driven him to such desperation. The masters – Mr. Thornton in particular, whose mill had been attacked by Boucher, and who, after the warrant had been issued for his apprehension on the charge of rioting, had caused it to be withdrawn – the Union, of which Higgins was the representative to the poor woman – the children so numerous, so hungry, and so noisy – all made up one great army of personal enemies, whose fault it was that she was now a helpless widow.

Margaret heard enough of this unreasonableness to dishearten her; and when they came away she found it impossible to cheer her father.

– It is the town life, said she. – Their nerves are quickened by the haste and bustle and speed of everything around them, to say nothing of the confinement in these pent-up houses, which of itself is enough to induce depression and worry of spirits. Now in the country, people live so much more out of doors, even children, and even in the winter.

– But people must live in towns. And in the country some get such stagnant habits of mind that they are almost fatalists.

– Yes; I acknowledge that. I suppose each mode of life produces its own trials and its own temptations. The dweller in towns must find it as difficult to be patient and calm, as the country-bred man must find it to be active, and equal to unwonted emergencies. Both must find it hard to realise a future of any kind; the one because the present is so living and hurrying and close around him; the other because his life tempts him to revel in the mere sense of animal existence, not knowing of, and consequently not caring for any pungency of pleasure for the attainment of which he can plan, and deny himself and look forward.

– And thus both the necessity for engrossment, and the stupid content in the present, produce the same effects. But this poor Mrs. Boucher! how little we can do for her.

– And yet we dare not leave her without our efforts, although they may seem so useless. Oh papa! it's a hard world to live in!

– So it is, my child. We feel it so just now, at any rate; but we have been very happy, even in the midst of our sorrow. What a pleasure Frederick's visit was!

– Yes, that it was, said Margaret; brightly. – It was such a charming, snatched, forbidden thing. But she suddenly stopped speaking. She had spoiled the remembrance of Frederick's visit to herself by her own cowardice. Of all faults the one she most despised in others was the want of bravery; the meanness of

heart which leads to untruth. And here had she been guilty of it! Then came the thought of Mr. Thornton's cognisance of her falsehood. She wondered if she should have minded detection half so much from any one else. She tried herself in imagination with her Aunt Shaw and Edith; with her father; with Captain and Mr. Lennox; with Frederick. The thought of the last knowing what she had done, even in his own behalf, was the most painful, for the brother and sister were in the first flush of their mutual regard and love; but even any fall in Frederick's opinion was as nothing to the shame, the shrinking shame she felt at the thought of meeting Mr. Thornton again. And yet she longed to see him, to get it over; to understand where she stood in his opinion. Her cheeks burnt as she recollected how proudly she had implied an objection to trade (in the early days of their acquaintance), because it too often led to the deceit of passing off inferior for superior goods, in the one branch; of assuming credit for wealth and resources not possessed, in the other. She remembered Mr. Thornton's look of calm disdain, as in few words he gave her to understand that, in the great scheme of commerce, all dishonourable ways of acting were sure to prove injurious in the long run, and that, testing such actions simply according to the poor standard of success, there was folly and not wisdom in all such, and every kind of deceit in trade, as well as in other things. She remembered – she, then strong in her own untempted truth – asking him, if he did not think that buying in the cheapest and selling in the dearest market proved some want of the transparent justice which is so intimately connected with the idea of truth: and she had used the word chivalric – and her father had corrected her with the higher word, Christian; and so drawn the argument upon himself, while she sate silent by with a slight feeling of contempt.

No more contempt for her! – no more talk about the chivalric! Henceforward she must feel humiliated and disgraced in his sight. But when should she see him? Her heart leaped up in apprehension at every ring of the door-bell; and yet when it fell down to calmness, she felt strangely saddened and sick at heart at each disappointment. It was very evident that her father expected to see him, and was surprised that he did not come. The truth was, that there were points in their conversation the other night on which they had no time then to enlarge; but it had been understood that if possible on the succeeding evening – if not then, at least the very first evening that Mr. Thornton could command – they should meet for further discussion. Mr. Hale had looked forward to this meeting ever since they had parted. He had not yet resumed the instruction to his pupils, which he had relinquished at the commencement of his wife's more serious illness, so he had fewer occupations than usual; and the great interest of the last day or so (Boucher's suicide) had driven him back with more eagerness than ever upon his speculations. He was restless all evening. He kept saying – I quite expected to have seen Mr. Thornton. I think the messenger who brought the book last night must have had some note, and forgot to deliver it. Do you think there has been any message left today?

– I will go and inquire, papa, said Margaret, after the changes on these sentences had been rung once or twice. – Stay, there's a ring! She sate down instantly, and bent her head attentively over her work. She heard a step on the

stairs, but it was only one, and she knew it was Dixon's. She lifted up her head and sighed, and believed she felt glad.

– It's that Higgins, sir. He wants to see you, or else Miss Hale. Or it might be Miss Hale first, and then you, sir; for he's in a strange kind of way.

– He had better come up here, Dixon; and then he can see us both, and choose which he likes for his listener.

– Oh! very well, sir. I've no wish to hear what he's got to say, I'm sure; only, if you could see his shoes, I'm sure you'd say the kitchen was the fitter place.

– He can wipe them, I suppose, said Mr. Hale. So Dixon flung off, to bid him walk up-stairs. She was a little mollified, however, when he looked at his feet with a hesitating air; and then, sitting down on the bottom stair, he took off the offending shoes, and without a word walked up-stairs.

– Sarvant, sir! said he, slicking his hair down when he came into the room. – If hoo'l excuse me (looking at Margaret) for being i' my stockings; I've been tramping a'day, and streets is none o'th'cleanest.

Margaret thought that fatigue might account for the change in his manner, for he was unusually quiet and subdued; and he had evidently some difficulty in saying what he came to say.

Mr. Hale's ever-ready sympathy with anything of shyness or hesitation, or want of self-possession, made him come to his aid.

– We shall have tea up directly, and then you'll take a cup with us, Mr. Higgins. I am sure you are tired, if you've been out much this wet relaxing day. Margaret, my dear, can't you hasten tea?

Margaret could only hasten tea by taking the preparation of it into her own hands, and so offending Dixon, who was emerging out of her sorrow for her late mistress into a very touchy, irritable state. But Martha, like all who came in contact with Margaret – even Dixon herself, in the long run – felt it a pleasure and an honour to forward any of her wishes; and her readiness, and Margaret's sweet forbearance, soon made Dixon ashamed of herself.

– Why master and you must always be asking the lower classes up-stairs, since we came to Milton, I cannot understand. Folk at Helstone were never brought higher than the kitchen; and I've let one or two of them know before now that they might think it an honour to be even there.

Higgins found it easier to unburden himself to one than to two. After Margaret left the room, he went to the door and assured himself that it was shut. Then he came and stood close to Mr. Hale.

– Master, said he – yo'd not guess easy what I've been tramping after today. Special if yo'remember my manner o'talk yesterday. I've been a seeking work I have'said he. – I said to mysel', I'd keep a civil tongue in my head, let

who would say what 'em would. I'd set my teeth into my tongue sooner nor speak i' haste. For that man's sake – yo' understand, jerking his thumb back in some unknown direction.

– No, I don't, said Mr. Hale, seeing he waited for some kind of assent, and completely bewildered as to who 'that man' could be.

– That chap as lies theer, said he, with another jerk – Him as went and drowned himself, poor chap! I did na'think he'd got it in him to lie still and let th' water creep o'er him till he died. Boucher, yo' know.

– Yes, I know now, said Mr. Hale. – Go back to what you were saying: you'd not speak in haste...

– For his sake. Yet not for his sake; for where'er he is, and whate'er, he'll ne'er know other clemming or cold again; but for the wife's sake, and the bits o' childer.

– God bless you! said Mr. Hale, starting up; then, calming down, he said breathlessly – What do you mean? Tell me out.

– I have telled yo', said Higgins, a little surprised at Mr. Hale's agitation. – I would na ask for work for myself; but them's left as a charge on me. I reckon, I would ha guided Boucher to a better end; but I set him off o'th'road, and so I mun answer for him.

Mr. Hale got hold of Higgins's hand and shook it heartily, without speaking. Higgins looked awkward and ashamed.

– Theer, theer, master! Theer's ne'er a man, to call a man, amongst us, but what would do th' same; ay, and better too; for, belie' me, I'se ne'er got a stroke o' work, nor yet a sight of any. For all I telled Hamper that, let alone his pledge – which I would not sign – no, I could na, not e'en for this – he'd ne'er ha' such a worker on his mill as I would be – he'd ha' none o' me – no more would none o'th'others. I'm a poor black feckless sheep – childer may clem for aught I can do, unless, parson, yo'd help me?

– Help you! How? I would do anything – but what can I do?

– Miss there – for Margaret had re-entered the room, and stood silent, listening – 'has often talked grand o'the South, and the ways down there. Now I dunnot know how far off it is, but I've been thinking if I could get 'em down theer, where food is cheap and wages good, and all the folk, rich and poor, master and man, friendly like; yo' could, may be, help me to work. I'm not forty-five, and I've a deal o'strength in me, measter.

– But what kind of work could you do, my man?

– Well, I reckon I could spade a bit..

– And for that, said Margaret, stepping forwards – for anything you could do, Higgins, with the best will in the world, you would, may be, get nine

shillings a week, may be ten, at the outside. Food is much the same as here, except that you might have a little garden...

– The childer could work at that,' said he. 'I'm sick o' Milton anyways, and Milton is sick o' me.

– You must not go to the South, said Margaret – for all that. You could not stand it. You would have to be out all weathers. It would kill you with rheumatism. The mere bodily work at your time of life would break you down. The fare is far different to what you have been accustomed to.

– I be nought particular about my meat, said he, as if offended.

– But you've reckoned on having butcher's meat once a day, if you're in work; pay for that out of your ten shillings, and keep those poor children if you can. I owe it to you – since it's my way of talking that has set you off on this idea – to put it all clear before you. You would not bear the dulness of the life; you don't know what it is; it would eat you away like rust. Those that have lived there all their lives, are used to soaking in the stagnant waters. They labour on, from day to day, in the great solitude of steaming fields – never speaking or lifting up their poor, bent, downcast heads. The hard spade-work robs their brain of life; the sameness of their toil deadens their imagination; they don't care to meet to talk over thoughts and speculations, even of the weakest, wildest kind, after their work is done; they go home brutishly tired, poor creatures! caring for nothing but food and rest. You could not stir them up into any companionship, which you get in a town as plentiful as the air you breathe, whether it be good or bad – and that I don't know; but I do know, that you of all men are not one to bear a life among such labourers. What would be peace to them would be eternal fretting to you. Think no more of it, Nicholas, I beg. Besides, you could never pay to get mother and children all there – that's one good thing.

– I've reckoned for that. One house mun do for us a', and the furniture o' t'other would go a good way. And men theer mun have their families to keep – mappen six or seven childer. God help 'em! said he, more convinced by his own presentation of the facts than by all Margaret had said, and suddenly renouncing the idea, which had but recently formed itself in a brain worn out by the day's fatigue and anxiety. – God help 'em! North an' South have each gotten their own troubles. If work's sure and steady theer, labour's paid at starvation prices; while here we'n rucks o' money coming in one quarter, and ne'er a farthing th'next. For sure, th' world is in a confusion that passes me or any other man to understand; it needs fettleing, and who's to fettle it, if it's as yon folks say, and there's nought but what we see?

Mr. Hale was busy cutting bread and butter; Margaret was glad of this, for she saw that Higgins was better left to himself: that if her father began to speak ever so mildly on the subject of Higgins's thoughts, the latter would consider himself challenged to an argument, and would feel himself bound to maintain his own ground. She and her father kept up an indifferent conversation until Higgins, scarcely aware whether he ate or not, had made a very substantial meal. Then

he pushed his chair away from the table, and tried to take an interest in what they were saying; but it was of no use; and he fell back into dreamy gloom. Suddenly, Margaret said (she had been thinking of it for some time, but the words had stuck in her throat) – Higgins, have you been to Marlborough Mills to seek for work?

– Thornton’s? asked he. – Ay, I’ve been at Thornton’s.

– And what did he say?

– Such a chap as me is not like to see the measter. Th’ o’erlooker bid me go and be d...d.

– I wish you had seen Mr. Thornton, said Mr. Hale. – He might not have given you work, but he would not have used such language.

– As to th’ language, I’m welly used to it; it dunnot matter to me. I’m not nesh mysel’ when I’m put out. It were th’ fact that I were na wanted theer, no more nor any other place, as I minded.

– But I wish you had seen Mr. Thornton, repeated Margaret. – Would you go again – it’s a good deal to ask, I know – but would you go tomorrow and try him? I should be so glad if you would.

– I’m afraid it would be of no use, said Mr. Hale, in a low voice. – It would be better to let me speak to him. Margaret still looked at Higgins for his answer. Those grave soft eyes of hers were difficult to resist. He gave a great sigh.

– It would tax my pride above a bit, if it were for mysel’, I could stand a deal o’ clemming first; I’d sooner knock him down than ask a favour from him. I’d a deal sooner be flogged mysel’; but yo’re not a common wench, axing yo’r pardon, nor yet have yo’ common ways about yo’. I’ll e’en make a wry face, and go at it tomorrow. Dunna yo’ think that he’ll do it. That man has it in him to be burnt at the stake afore he’ll give in. I do it for yo’ sake, Miss Hale, and it’s first time in my life as e’er I give way to a woman. Neither my wife nor Bess could e’er say that much again me.

– All the more do I thank you, said Margaret, smiling. – Though I don’t believe you: I believe you have just given way to wife and daughter as much as most men.

– And as to Mr. Thornton, said Mr. Hale – I’ll give you a note to him, which, I think I may venture to say, will ensure you a hearing.

– I thank yo’ kindly, sir, but I’d as lief stand on my own bottom. I dunnot stomach the notion of having favour curried for me, by one as doesn’t know the ins and outs of the quarrel. Meddling ‘twixt master and man is liker meddling ‘twixt husband and wife than aught else: it takes a deal o’ wisdom for to do any good. I’ll stand guard at the lodge door. I’ll stand there fro’ six in the morning till I get speech on him. But I’d liefer sweep th’ streets, if paupers had na’ got hold on that work. Dunna yo’ hope, miss. There’ll be more chance o’ getting milk out of a

flint. I wish yo’ a very good night, and many thanks to yo’.

– You’ll find your shoe’s by the kitchen fire; I took them there to dry, said Margaret.

He turned round and looked at her steadily, and then he brushed his lean hand across his eyes and went his way.

– How proud that man is! said her father, who was a little annoyed at the manner in which Higgins had declined his intercession with Mr. Thornton.

– He is, said Margaret; – but what grand makings of a man there are in him, pride and all.

– It’s amusing to see how he evidently respects the part in Mr. Thornton’s character which is like his own.

– There’s granite in all these northern people, papa, is there not?

– There was none in poor Boucher, I am afraid; none in his wife either.

– I should guess from their tones that they had Irish blood in them. I wonder what success he’ll have tomorrow. If he and Mr. Thornton would speak out together as man to man – if Higgins would forget that Mr. Thornton was a master, and speak to him as he does to us – and if Mr. Thornton would be patient enough to listen to him with his human heart, not with his master’s ears...

– You are getting to do Mr. Thornton justice at last, Margaret, said her father, pinching her ear.

Margaret had a strange choking at her heart, which made her unable to answer. – Oh! thought she – I wish I were a man, that I could go and force him to express his disapprobation, and tell him honestly that I knew I deserved it. It seems hard to lose him as a friend just when I had begun to feel his value. How tender he was with dear mamma! If it were only for her sake, I wish he would come, and then at least I should know how much I was abased in his eyes.

CHAPTER 38
PROMISES FULFILLED

“Then proudly, proudly up she rose,
Tho’ the tear was in her e’e,
Whate’er ye say, think what ye may,
Ye’^s get na word frae me!”
Scotch Ballad

It was not merely that Margaret was known to Mr. Thornton to have spoken falsely – though she imagined that for this reason only was she so turned in his opinion – but that this falsehood of hers bore a distinct reference in his mind to some other lover. He could not forget the fond and earnest look that had passed between her and some other man – the attitude of familiar confidence, if not of positive endearment. The thought of this perpetually stung him; it was a picture before his eyes, wherever he went and whatever he was doing. In addition to this (and he ground his teeth as he remembered it), was the hour, dusky twilight; the place, so far away from home, and comparatively unfrequented. His nobler self had said at first, that all this last might be accidental, innocent, justifiable; but once allow her right to love and be beloved (and had he any reason to deny her right? – had not her words been severely explicit when she cast his love away from her?), she might easily have been beguiled into a longer walk, on to a later hour than she had anticipated. But that falsehood! which showed a fatal consciousness of something wrong, and to be concealed, which was unlike her. He did her that justice, though all the time it would have been a relief to believe her utterly unworthy of his esteem. It was this that made the misery – that he passionately loved her, and thought her, even with all her faults, more lovely and more excellent than any other woman; yet he deemed her so attached to some other man, so led away by her affection for him as to violate her truthful nature. The very falsehood that stained her, was a proof how blindly she loved another – this dark, slight, elegant, handsome man – while he himself was rough, and stern, and strongly made. He lashed himself into an agony of fierce jealousy. He thought of that look, that attitude! – how he would have laid his life at her feet for such tender glances, such fond detention! He mocked at himself, for having valued the mechanical way in which she had protected him from the fury of the mob; now he had seen how soft and bewitching she looked when with a man she really loved. He remembered, point by point, the sharpness of her words – There was not a man in all that crowd for whom she would not have done as much, far more readily than for him. He shared with the mob, in her desire of averting bloodshed from them; but this man, this hidden lover, shared with nobody; he had looks, words, hand-cleavings, lies, concealment, all to himself.

Mr. Thornton was conscious that he had never been so irritable as he was

now, in all his life long; he felt inclined to give a short abrupt answer, more like a bark than a speech, to every one that asked him a question; and this consciousness hurt his pride he had always piqued himself on his self-control, and control himself he would. So the manner was subdued to a quiet deliberation, but the matter was even harder and sterner than common. He was more than usually silent at home; employing his evenings in a continual pace backwards and forwards, which would have annoyed his mother exceedingly if it had been practised by any one else; and did not tend to promote any forbearance on her part even to this beloved son.

– Can you stop – can you sit down for a moment? I have something to say to you, if you would give up that everlasting walk, walk, walk.

He sat down instantly, on a chair against the wall.

– I want to speak to you about Betsy. She says she must leave us; that her lover's death has so affected her spirits she can't give her heart to her work.

– Very well. I suppose other cooks are to be met with.

– That's so like a man. It's not merely the cooking, it is that she knows all the ways of the house. Besides, she tells me something about your friend Miss Hale.

– Miss Hale is no friend of mine. Mr. Hale is my friend.

– I am glad to hear you say so, for if she had been your friend, what Betsy says would have annoyed you.

– Let me hear it, said he, with the extreme quietness of manner he had been assuming for the last few days.

– Betsy says, that the night on which her lover – I forget his name – for she always calls him “he” ...

– Leonards.

– The night on which Leonards was last seen at the station – when he was last seen on duty, in fact – Miss Hale was there, walking about with a young man who, Betsy believes, killed Leonards by some blow or push.

– Leonards was not killed by any blow or push.

– How do you know?

– Because I distinctly put the question to the surgeon of the Infirmary. He told me there was an internal disease of long standing, caused by Leonards' habit of drinking to excess; that the fact of his becoming rapidly worse while in a state of intoxication, settled the question as to whether the last fatal attack was caused by excess of drinking, or the fall.

– The fall! What fall?

– Caused by the blow or push of which Betsy speaks.

– Then there was a blow or push?

– I believe so.

– And who did it?

– As there was no inquest, in consequence of the doctor's opinion, I cannot tell you.

– But Miss Hale was there?

No answer.

– And with a young man?

Still no answer. At last he said: – I tell you, mother, that there was no inquest – no inquiry. No judicial inquiry, I mean.

– Betsy says that Woolmer (some man she knows, who is in a grocer's shop out at Crampton) can swear that Miss Hale was at the station at that hour, walking backwards and forwards with a young man.

– I don't see what we have to do with that. Miss Hale is at liberty to please herself.

– I'm glad to hear you say so, said Mrs. Thornton, eagerly. – It certainly signifies very little to us – not at all to you, after what has passed! but I – I made a promise to Mrs. Hale, that I would not allow her daughter to go wrong without advising and remonstrating with her. I shall certainly let her know my opinion of such conduct.

– I do not see any harm in what she did that evening, said Mr. Thornton, getting up, and coming near to his mother; he stood by the chimney-piece with his face turned away from the room.

– You would not have approved of Fanny's being seen out, after dark, in rather a lonely place, walking about with a young man. I say nothing of the taste which could choose the time, when her mother lay unburied, for such a promenade. Should you have liked your sister to have been noticed by a grocer's assistant for doing so?

– In the first place, as it is not many years since I myself was a draper's assistant, the mere circumstance of a grocer's assistant noticing any act does not alter the character of the act to me. And in the next place, I see a great deal of difference between Miss Hale and Fanny. I can imagine that the one may have weighty reasons, which may and ought to make her overlook any seeming Impropriety in her conduct. I never knew Fanny have weighty reasons for anything. Other people must guard her. I believe Miss Hale is a guardian to herself.

– A pretty character of your sister, indeed! Really, John, one would have thought Miss Hale had done enough to make you clear-sighted. She drew you on to an offer, by a bold display of pretended regard for you – to play you off

against this very young man, I've no doubt. Her whole conduct is clear to me now. You believe he is her lover, I suppose – you agree to that.

He turned round to his mother; his face was very gray and grim. – Yes, mother. I do believe he is her lover. When he had spoken, he turned round again; he writhed himself about, like one in bodily pain. He leant his face against his hand. Then before she could speak, he turned sharp again:

– Mother. He is her lover, whoever he is; but she may need help and womanly counsel; – there may be difficulties or temptations which I don't know. I fear there are. I don't want to know what they are; but as you have ever been a good – ay! and a tender mother to me, go to her, and gain her confidence, and tell her what is best to be done. I know that something is wrong; some dread, must be a terrible torture to her.

– For God's sake, John! said his mother, now really shocked – what do you mean? What do you mean? What do you know?

He did not reply to her.

– John! I don't know what I shan't think unless you speak. You have no right to say what you have done against her.

– Not against her, mother! I *could* not speak against her.

– Well! you have no right to say what you have done, unless you say more. These half-expressions are what ruin a woman's character.

– Her character! Mother, you do not dare – he faced about, and looked into her face with his flaming eyes. Then, drawing himself up into determined composure and dignity, he said – I will not say any more than this, which is neither more nor less than the simple truth, and I am sure you believe me – I have good reason to believe, that Miss Hale is in some strait and difficulty connected with an attachment which, of itself, from my knowledge of Miss Hale's character, is perfectly innocent and right. What my reason is, I refuse to tell. But never let me hear any one say a word against her, implying any more serious imputation than that she now needs the counsel of some kind and gentle woman. You promised Mrs. Hale to be that woman!

– No! said Mrs. Thornton. – I am happy to say, I did not promise kindness and gentleness, for I felt at the time that it might be out of my power to render these to one of Miss Hale's character and disposition. I promised counsel and advice, such as I would give to my own daughter; I shall speak to her as I would do to Fanny, if she had gone gallivanting with a young man in the dusk. I shall speak with relation to the circumstances I know, without being influenced either one way or another by the “strong reasons” which you will not confide to me. Then I shall have fulfilled my promise, and done my duty.

– She will never bear it, said he passionately.

– She will have to bear it, if I speak in her dead mother's name.

– Well! said he, breaking away – don't tell me any more about it. I cannot endure to think of it. It will be better that you should speak to her any way, than that she should not be spoken to at all. – Oh! that look of love! continued he, between his teeth, as he bolted himself into his own private room. – And that cursed lie; which showed some terrible shame in the background, to be kept from the light in which I thought she lived perpetually! Oh, Margaret, Margaret! Mother, how you have tortured me! Oh! Margaret, could you not have loved me? I am but uncouth and hard, but I would never have led you into any falsehood for me.

The more Mrs. Thornton thought over what her son had said, in pleading for a merciful judgment for Margaret's indiscretion, the more bitterly she felt inclined towards her. She took a savage pleasure in the idea of 'speaking her mind' to her, in the guise of fulfilment of a duty. She enjoyed the thought of showing herself untouched by the 'glamour,' which she was well aware Margaret had the power of throwing over many people. She snorted scornfully over the picture of the beauty of her victim; her jet black hair, her clear smooth skin, her lucid eyes would not help to save her one word of the just and stern reproach which Mrs. Thornton spent half the night in preparing to her mind.

– Is Miss Hale within? She knew she was, for she had seen her at the window, and she had her feet inside the little hall before Martha had half answered her question.

Margaret was sitting alone, writing to Edith, and giving her many particulars of her mother's last days. It was a softening employment, and she had to brush away the unbidden tears as Mrs. Thornton was announced.

She was so gentle and ladylike in her mode of reception that her visitor was somewhat daunted; and it became impossible to utter the speech, so easy of arrangement with no one to address it to. Margaret's low rich voice was softer than usual; her manner more gracious, because in her heart she was feeling very grateful to Mrs. Thornton for the courteous attention of her call. She exerted herself to find subjects of interest for conversation; praised Martha, the servant whom Mrs. Thornton had found for them; had asked Edith for a little Greek air, about which she had spoken to Miss Thornton. Mrs. Thornton was fairly discomfited. Her sharp Damascus blade seemed out of place, and useless among rose-leaves. She was silent, because she was trying to task herself up to her duty. At last, she stung herself into its performance by a suspicion which, in spite of all probability, she allowed to cross her mind, that all this sweetness was put on with a view of propitiating Mr. Thornton; that, somehow, the other attachment had fallen through, and that it suited Miss Hale's purpose to recall her rejected lover. Poor Margaret! there was perhaps so much truth in the suspicion as this: that Mrs. Thornton was the mother of one whose regard she valued, and feared to have lost; and this thought unconsciously added to her natural desire of pleasing one who was showing her kindness by her visit. Mrs. Thornton stood up to go, but yet she seemed to have something more to say. She cleared her throat and began:

– Miss Hale, I have a duty to perform. I promised your poor mother that, as far as my poor judgment went, I would not allow you to act in any way wrongly, or (she softened her speech down a little here) inadvertently, without remonstrating; at least, without offering advice, whether you took it or not.

Margaret stood before her, blushing like any culprit, with her eyes dilating as she gazed at Mrs. Thornton. She thought she had come to speak to her about the falsehood she had told – that Mr. Thornton had employed her to explain the danger she had exposed herself to, of being confuted in full court! and although her heart sank to think he had not rather chosen to come himself, and upbraid her, and receive her penitence, and restore her again to his good opinion, yet she was too much humbled not to bear any blame on this subject patiently and meekly.

Mrs. Thornton went on:

– At first, when I heard from one of my servants, that you had been seen walking about with a gentleman, so far from home as the Outwood station, at such a time of the evening, I could hardly believe it. But my son, I am sorry to say, confirmed her story. It was indiscreet, to say the least; many a young woman has lost her character before now...

Margaret's eyes flashed fire. This was a new idea – this was too insulting. If Mrs. Thornton had spoken to her about the lie she had told, well and good – she would have owned it, and humiliated herself. But to interfere with her conduct – to speak of her character! she – Mrs. Thornton, a mere stranger – it was too impertinent! She would not answer her – not one word. Mrs. Thornton saw the battle-spirit in Margaret's eyes, and it called up her combativeness also.

– For your mother's sake, I have thought it right to warn you against such improprieties; they must degrade you in the long run in the estimation of the world, even if in fact they do not lead you to positive harm.

– For my mother's sake, said Margaret, in a tearful voice – I will bear much; but I cannot bear everything. She never meant me to be exposed to insult, I am sure.

– Insult, Miss Hale!

– Yes, madam, said Margaret more steadily – it is insult. What do you know of me that should lead you to suspect – Oh! said she, breaking down, and covering her face with her hands – I know now, Mr. Thornton has told you...

– No, Miss Hale, said Mrs. Thornton, her truthfulness causing her to arrest the confession Margaret was on the point of making, though her curiosity was itching to hear it. – Stop. Mr. Thornton has told me nothing. You do not know my son. You are not worthy to know him. He said this. Listen, young lady, that you may understand, if you can, what sort of a man you rejected. This Milton manufacturer, his great tender heart scorned as it was scorned, said to me only last night, "Go to her. I have good reason to know that she is in some strait, arising

out of some attachment; and she needs womanly counsel." I believe those were his very words. Farther than that – beyond admitting the fact of your being at the Outwood station with a gentleman, on the evening of the twenty-sixth – he has said nothing – not one word against you. If he has knowledge of anything which should make you sob so, he keeps it to himself.

Margaret's face was still hidden in her hands, the fingers of which were wet with tears. Mrs. Thornton was a little mollified.

– Come, Miss Hale. There may be circumstances, I'll allow, that, if explained, may take off from the seeming impropriety.

Still no answer. Margaret was considering what to say; she wished to stand well with Mrs. Thornton; and yet she could not, might not, give any explanation. Mrs. Thornton grew impatient.

– I shall be sorry to break off an acquaintance; but for Fanny's sake – as I told my son, if Fanny had done so we should consider it a great disgrace – and Fanny might be led away...

– I can give you no explanation, said Margaret, in a low voice. – I have done wrong, but not in the way you think or know about. I think Mr. Thornton judges me more mercifully than you; – she had hard work to keep herself from choking with her tears – but, I believe, madam, you mean to do rightly.

– Thank you, said Mrs. Thornton, drawing herself up; – I was not aware that my meaning was doubted. It is the last time I shall interfere. I was unwilling to consent to do it, when your mother asked me. I had not approved of my son's attachment to you, while I only suspected it. You did not appear to me worthy of him. But when you compromised yourself as you did at the time of the riot, and exposed yourself to the comments of servants and workpeople, I felt it was no longer right to set myself against my son's wish of proposing to you – a wish, by the way, which he had always denied entertaining until the day of the riot. Margaret winced, and drew in her breath with a long, hissing sound; of which, however, Mrs. Thornton took no notice. – He came; you had apparently changed your mind. I told my son yesterday, that I thought it possible, short as was the interval, you might have heard or learnt something of this other lover...

– What must you think of me, madam? asked Margaret, throwing her head back with proud disdain, till her throat curved outwards like a swan's. – You can say nothing more, Mrs. Thornton. I decline every attempt to justify myself for anything. You must allow me to leave the room.

And she swept out of it with the noiseless grace of an offended princess. Mrs. Thornton had quite enough of natural humour to make her feel the ludicrousness of the position in which she was left. There was nothing for it but to show herself out. She was not particularly annoyed at Margaret's way of behaving. She did not care enough for her for that. She had taken Mrs. Thornton's remonstrance to the full as keenly to heart as that lady expected; and Margaret's passion at once mollified her visitor, far more than any silence or reserve could

have done. It showed the effect of her words. 'My young lady,' thought Mrs. Thornton to herself; – you've a pretty good temper of your own. If John and you had come together, he would have had to keep a tight hand over you, to make you know your place. But I don't think you will go a-walking again with your beau, at such an hour of the day, in a hurry. You've too much pride and spirit in you for that. I like to see a girl fly out at the notion of being talked about. It shows they're neither giddy, nor hold by nature. As for that girl, she might be hold, but she'd never be giddy. I'll do her that justice. Now as to Fanny, she'd be giddy, and not bold. She's no courage in her, poor thing!

Mr. Thornton was not spending the morning so satisfactorily as his mother. She, at any rate, was fulfilling her determined purpose. He was trying to understand where he stood; what damage the strike had done him. A good deal of his capital was locked up in new and expensive machinery; and he had also bought cotton largely, with a view to some great orders which he had in hand. The strike had thrown him terribly behindhand, as to the completion of these orders. Even with his own accustomed and skilled workpeople, he would have had some difficulty in fulfilling his engagements; as it was, the incompetence of the Irish hands, who had to be trained to their work, at a time requiring unusual activity, was a daily annoyance.

It was not a favourable hour for Higgins to make his request. But he had promised Margaret to do it at any cost. So, though every moment added to his repugnance, his pride, and his sullenness of temper, he stood leaning against the dead wall, hour after hour, first on one leg, then on the other. At last the latch was sharply lifted, and out came Mr. Thornton.

– I want for to speak to yo', sir.

– Can't stay now, my man. I'm too late as it is.

– Well, sir, I reckon I can wait till yo' come back.

Mr. Thornton was half way down the street. Higgins sighed. But it was no use. To catch him in the street was his only chance of seeing 'the measter;' if he had rung the lodge bell, or even gone up to the house to ask for him, he would have been referred to the overlooker. So he stood still again, vouchsafing no answer, but a short nod of recognition to the few men who knew and spoke to him, as the crowd drove out of the millyard at dinner-time, and scowling with all his might at the Irish 'knobsticks' who had just been imported. At last Mr. Thornton returned.

– What! you there still!

– Ay, sir. I mun speak to yo'.

– Come in here, then. Stay, we'll go across the yard; the men are not come back, and we shall have it to ourselves. These good people, I see, are at dinner; said he, closing the door of the porter's lodge.

He stopped to speak to the overlooker. The latter said in a low tone:

– I suppose you know, sir, that that man is Higgins, one of the leaders of the Union; he that made that speech in Hurstfield.

– No, I didn't, said Mr. Thornton, looking round sharply at his follower. Higgins was known to him by name as a turbulent spirit.

– Come along,' said he, and his tone was rougher than before. 'It is men such as this,' thought he, 'who interrupt commerce and injure the very town they live in: mere demagogues, lovers of power, at whatever cost to others.

– Well, sir! what do you want with me? said Mr. Thornton, facing round at him, as soon as they were in the counting-house of the mill.

– My name is Higgins –

– I know that, broke in Mr. Thornton. – What do you want, Mr. Higgins? That's the question.

– I want work

– Work! You're a pretty chap to come asking me for work You don't want impudence, that's very clear.

– I've gotten enemies and backbiters, like my betters; but I ne'er heard o' any of them calling me o'er-modest, said Higgins. His blood was a little roused by Mr. Thornton's manner, more than by his words.

Mr. Thornton saw a letter addressed to himself on the table. He took it up and read it through. At the end, he looked up and said – What are you waiting for?

– An answer to the question I axed.

– I gave it you before. Don't waste any more of your time.

– Yo'made a remark, sir, on my impudence: but I were taught that it was manners to say either "yes" or "no," when I were axed a civil question. I should be thankfu' to yo' if yo'd give me work. Hamper will speak to my being a good hand.

– I've a notion you'd better not send me to Hamper to ask for a character, my man. I might hear more than you'd like.

– I'd take th'risk Worst they could say of me is, that I did what I thought best, even to my own wrong.

– You'd better go and try them, then, and see whether they'll give you work I've turned off upwards of a hundred of my best hands, for no other fault than following you and such as you; and d'ye think I'll take you on? I might as well put a firebrand into the midst of the cotton-waste.

Higgins turned away; then the recollection of Boucher came over him, and he faced round with the greatest concession he could persuade himself to make.

– I'd promise yo', measter, I'd not speak a word as could do harm, if so be yo' did right by us; and I'd promise more: I'd promise that when I seed yo' going wrong, and acting unfair, I'd speak to yo' in private first; and that would be a fair warning. If yo' and I did na agree in our opinion o' your conduct, yo' might turn me off at an hour's notice.']

– Upon my word, you don't think small beer of yourself! Hamper has had a loss of you. How came he to let you and your wisdom go?

– Well, we parted wi' mutual dissatisfaction. I wouldn't gi'e the pledge they were asking; and they wouldn't have me at no rate. So I'm free to make another engagement; and as I said before, though I should na' say it, I'm a good hand, measter, and a steady man – specially when I can keep fro' drink; and that I shall do now, if I ne'er did afore.

– That you may have more money laid up for another strike, I suppose?

– No! I'd be thankful if I was free to do that; it's for to keep th' widow and childer of a man who was drove mad by them knobsticks o' yourn; put out of his place by a Paddy that did na know weft fro' warp.

– Well! you'd better turn to something else, if you've any such good intention in your head. I shouldn't advise you to stay in Milton: you're too well known here.

– If it were summer, said Higgins – I'd take to Paddy's work, and go as a navvy, or haymaking, or summut, and ne'er see Milton again. But it's winter, and th' childer will clem.

– A pretty navvy you'd make! why, you couldn't do half a day's work at digging against an Irishman.

– I'd only charge half-a-day for th'twelve hours, if I could only do half-a-day's work in th'time. Yo're not knowing of any place, where they could gi'me a trial, away fro' the mills, if I'm such a firebrand? I'd take any wage they thought I was worth, for the sake of those childer.

– Don't you see what you would be? You'd be a knobstick. You'd be taking less wages than the other labourers – all for the sake of another man's children. Think how you'd abuse any poor fellow who was willing to take what he could get to keep his own children. You and your Union would soon be down upon him. No! no! if it's only for the recollection of the way in which you've used the poor knobsticks before now, I say No! to your question. I'll not give you work. I won't say, I don't believe your pretext for coming and asking for work; I know nothing about it. It may be true, or it may not. It's a very unlikely story, at any rate. Let me pass. I'll not give you work. There's your answer.

– I hear, sir. I would na ha' troubled yo', but that I were bid to come, by one as seemed to think yo'd gotten some soft place in, yo'r heart. Hoo were mistook, and I were misled. But I'm not the first man as is misled by a woman.

– Tell her to mind her own business the next time, instead of taking up your time and mine too. I believe women are at the bottom of every plague in this world. Be off with you.

– I'm obleeged to yo' for a' yo'r kindness, measter, and most of a' for yo'r civil way o'saying good-bye.

Mr. Thornton did not deign a reply. But, looking out of the window a minute after, he was struck with the lean, bent figure going out of the yard: the heavy walk was in strange contrast with the resolute, clear determination of the man to speak to him. He crossed to the porter's lodge:

– How long has that man Higgins been waiting to speak to me?

– He was outside the gate before eight o'clock, sir. I think he's been there ever since.

– And it is now – ?

– Just one, sir.

– Five hours, thought Mr. Thornton; – it's a long time for a man to wait, doing nothing but first hoping and then fearing.

CHAPTER 39
MAKING FRIENDS

“Nay, I have done; you get no more of me:
And I am glad, yea glad with all my heart,
That thus so clearly I myself am free”.
Drayton

Margaret shut herself up in her own room, after she had quitted Mrs. Thornton. She began to walk backwards and forwards, in her old habitual way of showing agitation; but, then, remembering that in that slightly-built house every step was heard from one room to another, she sate down until she heard Mrs. Thornton go safely out of the house. She forced herself to recollect all the conversation that had passed between them; speech by speech, she compelled her memory to go through with it. At the end, she rose up, and said to herself, in a melancholy tone:

– At any rate, her words do not touch me; they fall off from me; for I am innocent of all the motives she attributes to me. But still, it is hard to think that any one – any woman – can believe all this of another so easily. It is hard and sad. Where I have done wrong, she does not accuse me – she does not know. He never told her: I might have known he would not!

She lifted up her head, as if she took pride in any delicacy of feeling which Mr. Thornton had shown. Then, as a new thought came across her, she pressed her hands tightly together.

– He, too, must take poor Frederick for some lover. (She blushed as the word passed through her mind.) – I see it now. It is not merely that he knows of my falsehood, but he believes that some one else cares for me; and that I... Oh dear! – oh dear! What shall I do? What do I mean? Why do I care what he thinks, beyond the mere loss of his good opinion as regards my telling the truth or not? I cannot tell. But I am very miserable! Oh, how unhappy this last year has been! I have passed out of childhood into old age. I have had no youth – no womanhood; the hopes of womanhood have closed for me – for I shall never marry; and I anticipate cares and sorrows just as if I were an old woman, and with the same fearful spirit. I am weary of this continual call upon me for strength. I could bear up for papa; because that is a natural, pious duty. And I think I could bear up against – at any rate, I could have the energy to resent, Mrs. Thornton’s unjust, impertinent suspicions. But it is hard to feel how completely he must misunderstand me. What has happened to make me so morbid today? I do not know. I only know I cannot help it. I must give way sometimes. No, I will not, though, said she, springing to her feet. – I will not – I *will* not think of myself and

my own position. I won't examine into my own feelings. It would be of no use now. Some time, if I live to be an old woman, I may sit over the fire, and, looking into the embers, see the life that might have been.

All this time, she was hastily putting on her things to go out, only stopping from time to time to wipe her eyes, with an impatience of gesture at the tears that would come, in spite of all her bravery.

– I dare say, there's many a woman makes as sad a mistake as I have done, and only finds it out too late. And how proudly and impertinently I spoke to him that day! But I did not know then. It has come upon me little by little, and I don't know where it began. Now I won't give way. I shall find it difficult to behave in the same way to him, with this miserable consciousness upon me; but I will be very calm and very quiet, and say very little. But, to be sure, I may not see him; he keeps out of our way evidently. That would be worse than all. And yet no wonder that he avoids me, believing what he must about me.

She went out, going rapidly towards the country, and trying to drown reflection by swiftness of motion.

As she stood on the door-step, at her return, her father came up:

– Good girl! said he. – You've been to Mrs. Boucher's. I was just meaning to go there, if I had time, before dinner.

– No, papa; I have not, said Margaret, reddening. – I never thought about her. But I will go directly after dinner; I will go while you are taking your nap.

Accordingly Margaret went. Mrs. Boucher was very ill; really ill – not merely ailing. The kind and sensible neighbour, who had come in the other day, seemed to have taken charge of everything. Some of the children were gone to the neighbours. Mary Higgins had come for the three youngest at dinner-time; and since then Nicholas had gone for the doctor. He had not come as yet; Mrs. Boucher was dying; and there was nothing to do but to wait. Margaret thought that she should like to know his opinion, and that she could not do better than go and see the Higginses in the meantime. She might then possibly hear whether Nicholas had been able to make his application to Mr. Thornton.

She found Nicholas busily engaged in making a penny spin on the dresser, for the amusement of three little children, who were clinging to him in a fearless manner. He, as well as they, was smiling at a good long spin; and Margaret thought, that the happy look of interest in his occupation was a good sign. When the penny stopped spinning, 'lile Johnnie' began to cry.

– Come to me, said Margaret, taking him off the dresser, and holding him in her arms; she held her watch to his ear, while she asked Nicholas if he had seen Mr. Thornton.

The look on his face changed instantly.

– Ay! said he. – I've seen and heard too much on him.

– He refused you, then? said Margaret, sorrowfully.

– To be sure. I knew he'd do it all long. It's no good expecting mercy at the hands o' them measters. Yo're a stranger and a foreigner, and aren't likely to know their ways; but I knowed it.

– I am sorry I asked you. Was he angry? He did not speak to you as Hamper did, did he?

– He weren't o'er-civil! said Nicholas, spinning the penny again, as much for his own amusement as for that of the children. – Never yo' fret, I'm only where I was. I'll go on tramp tomorrow. I gave him as good as I got. I telled him, I'd not that good opinion on him that I'd ha' come a second time of mysel'; but yo'd advised me for to come, and I were beholden to yo'.

– You telled him I sent you?

– I dunno' if I ca'd yo' by your name. I dunnot think I did. I said, a woman who knew no better had advised me for to come and see if there was a soft place in his heart.

– And he – ? asked Margaret.

– Said I were to tell yo' to mind yo'r own business. – That's the longest spin yet, my lads. – And them's civil words to what he used to me. But ne'er mind. We're but where we was; and I'll break stones on th' road afore I let these little uns clem.

Margaret put the struggling Johnnie out of her arms, back into his former place on the dresser.

– I am sorry I asked you to go to Mr. Thornton's. I am disappointed in him.

There was a slight noise behind her. Both she and Nicholas turned round at the same moment, and there stood Mr. Thornton, with a look of displeased surprise upon his face. Obeying her swift impulse, Margaret passed out before him, saying not a word, only bowing low to hide the sudden paleness that she felt had come over her face. He bent equally low in return, and then closed the door after her. As she hurried to Mrs. Boucher's, she heard the clang, and it seemed to fill up the measure of her mortification. He too was annoyed to find her there. He had tenderness in his heart – 'a soft place,' as Nicholas Higgins called it; but he had some pride in concealing it; he kept it very sacred and safe, and was jealous of every circumstance that tried to gain admission. But if he dreaded exposure of his tenderness, he was equally desirous that all men should recognise his justice; and he felt that he had been unjust, in giving so scornful a hearing to any one who had waited, with humble patience, for five hours, to speak to him. That the man had spoken saucily to him when he had the opportunity, was nothing to Mr. Thornton. He rather liked him for it; and he was conscious of his own irritability of temper at the time, which probably made them both quits. It was the five hours of waiting that struck Mr. Thornton. He had not five hours to spare himself; but

one hour – two hours, of his hard penetrating intellectual, as well as bodily labour, did he give up to going about collecting evidence as to the truth of Higgins's story, the nature of his character, the tenor of his life. He tried not to be, but was convinced that all that Higgins had said was true. And then the conviction went in, as if by some spell, and touched the latent tenderness of his heart; the patience of the man, the simple generosity of the motive (for he had learnt about the quarrel between Boucher and Higgins), made him forget entirely the mere reasonings of justice, and overleap them by a diviner instinct. He came to tell Higgins he would give him work; and he was more annoyed to find Margaret there than by hearing her last words, for then he understood that she was the woman who had urged Higgins to come to him; and he dreaded the admission of any thought of her, as a motive to what he was doing solely because it was right.

– So that was the lady you spoke of as a woman? said he indignantly to Higgins. – You might have told me who she was.

– And then, maybe, yo'd ha' spoken of her more civil than yo' did; yo'd gotten a mother who might ha' kept yo'r tongue in check when yo' were talking o' women being at the root o' all the plagues.

– Of course you told that to Miss Hale?

– In coorse I did. Leastways, I reckon I did. I telled her she weren't to meddle again in aught that concerned yo'.

– Whose children are those – yours? Mr. Thornton had a pretty good notion whose they were, from what he had heard; but he felt awkward in turning the conversation round from this unpromising beginning.

– They're not mine, and they are mine.

– They are the children you spoke of to me this morning?

– When yo' said, replied Higgins, turning round, with ill-smothered fierceness – that my story might be true or might not, but it were a very unlikely one. Measter, I've not forgotten.

Mr. Thornton was silent for a moment; then he said: – No more have I. I remember what I said. I spoke to you about those children in a way I had no business to do. I did not believe you. I could not have taken care of another man's children myself, if he had acted towards me as I hear Boucher did towards you. But I know now that you spoke truth. I beg your pardon.

Higgins did not turn round, or immediately respond to this. But when he did speak, it was in a softened tone, although the words were gruff enough.

– Yo've no business to go prying into what happened between Boucher and me. He's dead, and I'm sorry. That's enough.

– So it is. Will you take work with me? That's what I came to ask

Higgins's obstinacy wavered, recovered strength, and stood firm. He

would not speak. Mr. Thornton would not ask again. Higgins's eye fell on the children.

– You've called me impudent, and a liar, and a mischief-maker, and yo' might ha' said wi' some truth, as I were now and then given to drink. An' I ha' called you a tyrant, an' an oud bull-dog, and a hard, cruel master; that's where it stands. But for th' childer. Measter, do yo' think we can e'er get on together?

– Well! said Mr. Thornton, half-laughing – it was not my proposal that we should go together. But there's one comfort, on your own showing. We neither of us can think much worse of the other than we do now.

– That's true, said Higgins, reflectively. – I've been thinking, ever sin' I saw you, what a marcy it were yo' did na take me on, for that I ne'er saw a man whom I could less abide. But that's maybe been a hasty judgment; and work's work to such as me. So, measter, I'll come; and what's more, I thank yo'; and that's a deal fro' me, said he, more frankly, suddenly turning round and facing Mr. Thornton fully for the first time.

– And this is a deal from me, said Mr. Thornton, giving Higgins's hand a good grip. – Now mind you come sharp to your time, continued he, resuming the master. – I'll have no laggards at my mill. What fines we have, we keep pretty sharply. And the first time I catch you making mischief, off you go. So now you know where you are.

– Yo' spoke of my wisdom this morning. I reckon I may bring it wi' me; or would yo' rayther have me 'bout my brains?

– Bout your brains if you use them for meddling with my business; with your brains if you can keep them to your own.

– I shall need a deal o' brains to settle where my business ends and yo'rs begins.

– Your business has not begun yet, and mine stands still for me. So good afternoon.

Just before Mr. Thornton came up to Mrs. Boucher's door, Margaret came out of it. She did not see him; and he followed her for several yards, admiring her light and easy walk, and her tall and graceful figure. But, suddenly, this simple emotion of pleasure was tainted, poisoned by jealousy. He wished to overtake her, and speak to her, to see how she would receive him, now she must know he was aware of some other attachment. He wished too, but of this wish he was rather ashamed, that she should know that he had justified her wisdom in sending Higgins to him to ask for work; and had repented him of his morning's decision. He came up to her. She started.

– Allow me to say, Miss Hale, that you were rather premature in expressing your disappointment. I have taken Higgins on.

– I am glad of it, said she, coldly.

– He tells me, he repeated to you, what I said this morning about – Mr. Thornton hesitated. Margaret took it up:

– About women not meddling. You had a perfect right to express your opinion, which was a very correct one, I have no doubt. But, she went on a little more eagerly – Higgins did not quite tell you the exact truth. The word ‘truth,’ reminded her of her own untruth, and she stopped short, feeling exceedingly uncomfortable.

Mr. Thornton at first was puzzled to account for her silence; and then he remembered the lie she had told, and all that was foregone. – The exact truth! said he. – Very few people do speak the exact truth. I have given up hoping for it. Miss Hale, have you no explanation to give me? You must perceive what I cannot but think

Margaret was silent. She was wondering whether an explanation of any kind would be consistent with her loyalty to Frederick

– Nay, said he – I will ask no farther. I may be putting temptation in your way. At present, believe me, your secret is safe with me. But you run great risks, allow me to say, in being so indiscreet. I am now only speaking as a friend of your father’s: if I had any other thought or hope, of course that is at an end. I am quite disinterested.

– I am aware of that, said Margaret, forcing herself to speak in an indifferent, careless way. – I am aware of what I must appear to you, but the secret is another person’s, and I cannot explain it without doing him harm.

– I have not the slightest wish to pry into the gentleman’s secrets, he said, with growing anger. – My own interest in you is – simply that of a friend. You may not believe me, Miss Hale, but it is – in spite of the persecution I’m afraid I threatened you with at one time – but that is all given up; all passed away. You believe me, Miss Hale?

– Yes, said Margaret, quietly and sadly.

– Then, really, I don’t see any occasion for us to go on walking together. I thought, perhaps you might have had something to say, but I see we are nothing to each other. If you’re quite convinced, that any foolish passion on my part is entirely over, I will wish you good afternoon. He walked off very hastily.

– What can he mean? thought Margaret – what could he mean by speaking so, as if I were always thinking that he cared for me, when I know he does not; he cannot. His mother will have said all those cruel things about me to him. But I won’t care for him. I surely am mistress enough of myself to control this wild, strange, miserable feeling, which tempted me even to betray my own dear Frederick, so that I might but regain his good opinion – the good opinion of a man who takes such pains to tell me that I am nothing to him. Come poor little heart! be cheery and brave. We’ll be a great deal to one another, if we are thrown off and left desolate.

Her father was almost startled by her merriment this afternoon. She talked incessantly, and forced her natural humour to an unusual pitch; and if there was a tinge of bitterness in much of what she said; if her accounts of the old Harley Street set were a little sarcastic, her father could not bear to check her, as he would have done at another time – for he was glad to see her shake off her cares. In the middle of the evening, she was called down to speak to Mary Higgins; and when she came back, Mr. Hale imagined that he saw traces of tears on her cheeks. But that could not be, for she brought good news – that Higgins had got work at Mr. Thornton's mill. Her spirits were damped, at any rate, and she found it very difficult to go on talking at all, much more in the wild way that she had done. For some days her spirits varied strangely; and her father was beginning to be anxious about her, when news arrived from one or two quarters that promised some change and variety for her. Mr. Hale received a letter from Mr. Bell, in which that gentleman volunteered a visit to them; and Mr. Hale imagined that the promised society of his old Oxford friend would give as agreeable a turn to Margaret's ideas as it did to his own. Margaret tried to take an interest in what pleased her father; but she was too languid to care about any Mr. Bell, even though he were twenty times her godfather. She was more roused by a letter from Edith, full of sympathy about her aunt's death; full of details about herself, her husband, and child; and at the end saying, that as the climate did not suit, the baby, and as Mrs. Shaw was talking of returning to England, she thought it probable that Captain Lennox might sell out, and that they might all go and live again in the old Harley Street house; which, however, would seem very incomplete without Margaret. Margaret yearned after that old house, and the placid tranquillity of that old well-ordered, monotonous life. She had found it occasionally tiresome while it lasted; but since then she had been buffeted about, and felt so exhausted by this recent struggle with herself, that she thought that even stagnation would be a rest and a refreshment. So she began to look towards a long visit to the Lennoxes, on their return to England, as to a point – no, not of hope – but of leisure, in which she could regain her power and command over herself. At present it seemed to her as if all subjects tended towards Mr. Thornton; as if she could not forget him with all her endeavours. If she went to see the Higginses, she heard of him there; her father had resumed their readings together, and quoted his opinions perpetually; even Mr. Bell's visit brought his tenant's name upon the tapis; for he wrote word that he believed he must be occupied some great part of his time with Mr. Thornton, as a new lease was in preparation, and the terms of it must be agreed upon.

CHAPTER 40
OUT OF TUNE

“I have no wrong, where I can claim no right,
Naught ta'en me fro, where I have nothing had,
Yet of my woe I cannot so be quite;
Namely, since that another may be glad
With that, that thus in sorrow makes me sad”.
Wyatt

Margaret had not expected much pleasure to herself from Mr. Bell's visit – she had only looked forward to it on her father's account, but when her godfather came, she at once fell into the most natural position of friendship in the world. He said she had no merit in being what she was, a girl so entirely after his own heart; it was an hereditary power which she had, to walk in and take possession of his regard; while she, in reply, gave him much credit for being so fresh and young under his Fellow's cap and gown.

– Fresh and young in warmth and kindness, I mean. I'm afraid I must own, that I think your opinions are the oldest and mustiest I have met with this long time.

– Hear this daughter of yours, Hale Her residence in Milton has quite corrupted her. She's a democrat, a red republican, a member of the Peace Society, a socialist –

– Papa, it's all because I'm standing up for the progress of commerce. Mr. Bell would have had it keep still at exchanging wild-beast skins for acorns.

– No, no. I'd dig the ground and grow potatoes. And I'd shave the wild-beast skins and make the wool into broad cloth. Don't exaggerate, missy. But I'm tired of this bustle. Everybody rushing over everybody, in their hurry to get rich.

– It is not every one who can sit comfortably in a set of college rooms, and let his riches grow without any exertion of his own. No doubt there is many a man here who would be thankful if his property would increase as yours has done, without his taking any trouble about it, said Mr. Hale.

– I don't believe they would. It's the bustle and the struggle they like. As for sitting still, and learning from the past, or shaping out the future by faithful work done in a prophetic spirit – Why! Pooh! I don't believe there's a man in Milton who knows how to sit still; and it is a great art.

– Milton people, I suspect, think Oxford men don't know how to move. It would be a very good thing if they mixed a little more.

– It might be good for the Miltoners. Many things might be good for them which would be very disagreeable for other people.

– Are you not a Milton man yourself? asked Margaret. – I should have thought you would have been proud of your town.

– I confess, I don't see what there is to be proud of If you'll only come to Oxford, Margaret, I will show you a place to glory in.

– Well! said Mr. Hale – Mr. Thornton is coming to drink tea with us tonight, and he is as proud of Milton as you of Oxford. You two must try and make each other a little more liberal-minded.

– I don't want to be more liberal-minded, thank you, said Mr. Bell.

– Is Mr. Thornton coming to tea, papa? asked Margaret in a low voice.

– Either to tea or soon after. He could not tell. He told us not to wait.

Mr. Thornton had determined that he would make no inquiry of his mother as to how far she had put her project into execution of speaking to Margaret about the impropriety of her conduct. He felt pretty sure that, if this interview took place, his mother's account of what passed at it would only annoy and chagrin him, though he would all the time be aware of the colouring which it received by passing through her mind. He shrank from hearing Margaret's very name mentioned; he, while he blamed her – while he was jealous of her – while he renounced her – he loved her sorely, in spite of himself. He dreamt of her; he dreamt she came dancing towards him with outspread arms, and with a lightness and gaiety which made him loathe her, even while it allured him. But the impression of this figure of Margaret – with all Margaret's character taken out of it, as completely as if some evil spirit had got possession of her form – was so deeply stamped upon his imagination, that when he wakened he felt hardly able to separate the Una from the Duessa; and the dislike he had to the latter seemed to envelope and disfigure the former Yet he was too proud to acknowledge his weakness by avoiding the sight of her. He would neither seek an opportunity of being in her company nor avoid it. To convince himself of his power of self-control, he lingered over every piece of business this afternoon; he forced every movement into unnatural slowness and deliberation; and it was consequently past eight o'clock before he reached Mr. Hale's. Then there were business arrangements to be transacted in the study with Mr. Bell; and the latter kept on, sitting over the fire, and talking wearily, long after all business was transacted, and when they might just as well have gone upstairs. But Mr. Thornton would not say a word about moving their quarters; he chafed and chafed, and thought Mr. Bell a most prosy companion; while Mr. Bell returned the compliment in secret, by considering Mr. Thornton about as brusque and curt a fellow as he had ever met with, and terribly gone off both in intelligence and manner. At last, some slight noise in the room above suggested the desirableness of moving there. They found Margaret with a letter open before her, eagerly discussing its contents with her father. On the entrance of the gentlemen, it was immediately put aside; but Mr.

Thornton's eager senses caught some few words of Mr. Hale's to Mr. Bell.

– A letter from Henry Lennox. It makes Margaret very hopeful.

Mr. Bell nodded. Margaret was red as a rose when Mr. Thornton looked at her. He had the greatest mind in the world to get up and go out of the room that very instant, and never set foot in the house again.

– We were thinking, said Mr. Hale – that you and Mr. Thornton had taken Margaret's advice, and were each trying to convert the other, you were so long in the study.

– And you thought there would be nothing left of us but an opinion, like the Kilkenny cat's tail. Pray whose opinion did you think would have the most obstinate vitality?

Mr. Thornton had not a notion what they were talking about, and disdained to inquire. Mr. Hale politely enlightened him.

– Mr. Thornton, we were accusing Mr. Bell this morning of a kind of Oxonian mediaeval bigotry against his native town; and we – Margaret, I believe – suggested that it would do him good to associate a little with Milton manufacturers.

– I beg your pardon. Margaret thought it would do the Milton manufacturers good to associate a little more with Oxford men. Now wasn't it so, Margaret?

– I believe I thought it would do both good to see a little more of the other – I did not know it was my idea any more than papa's.

– And so you see, Mr. Thornton, we ought to have been improving each other down-stairs, instead of talking over vanished families of Smiths and Harrisons. However, I am willing to do my part now. I wonder when you Milton men intend to live. All your lives seem to be spent in gathering together the materials for life.

– By living, I suppose you mean enjoyment.

– Yes, enjoyment – I don't specify of what, because I trust we should both consider mere pleasure as very poor enjoyment.

– I would rather have the nature of the enjoyment defined.

– Well! enjoyment of leisure – enjoyment of the power and influence which money gives. You are all striving for money. What do you want it for?

Mr. Thornton was silent. Then he said – I really don't know. But money is not what *I* strive for.

– What then?

– It is a home question. I shall have to lay myself open to such a catechist, and I am not sure that I am prepared to do it.

– No! said Mr. Hale; – don't let us be personal in our catechism. You are neither of you representative men; you are each of you too individual for that.

– I am not sure whether to consider that as a compliment or not. I should like to be the representative of Oxford, with its beauty and its learning, and its proud old history. What do you say, Margaret; ought I to be flattered?

– I don't know Oxford. But there is a difference between being the representative of a city and the representative man of its inhabitants.

– Very true, Miss Margaret. Now I remember, you were against me this morning, and were quite Miltonian and manufacturing in your preferences. Margaret saw the quick glance of surprise that Mr. Thornton gave her, and she was annoyed at the construction which he might put on this speech of Mr. Bell's. Mr. Bell went on –

– Ah! I wish I could show you our High Street – our Radcliffe Square. I am leaving out our colleges, just as I give Mr. Thornton leave to omit his factories in speaking of the charms of Milton. I have a right to abuse my birth-place. Remember I am a Milton man.

Mr. Thornton was annoyed more than he ought to have been at all that Mr. Bell was saying. He was not in a mood for joking. At another time, he could have enjoyed Mr. Bell's half testy condemnation of a town where the life was so at variance with every habit he had formed; but now, he was galled enough to attempt to defend what was never meant to be seriously attacked.

– I don't set up Milton as a model of a town.

– Not in architecture? slyly asked Mr. Bell.

– No! We've been too busy to attend to mere outward appearances.

– Don't say *mere* outward appearances, said Mr. Hale, gently. – They impress us all, from childhood upward – every day of our life.

– Wait a little while, said Mr. Thornton. – Remember, we are of a different race from the Greeks, to whom beauty was everything, and to whom Mr. Bell might speak of a life of leisure and serene enjoyment, much of which entered in through their outward senses. I don't mean to despise them, any more than I would ape them. But I belong to Teutonic blood; it is little mingled in this part of England to what it is in others; we retain much of their language; we retain more of their spirit; we do not look upon life as a time for enjoyment, but as a time for action and exertion. Our glory and our beauty arise out of our inward strength, which makes us victorious over material resistance, and over greater difficulties still. We are Teutonic up here in Darkshire in another way. We hate to have laws made for us at a distance. We wish people would allow us to right ourselves, instead of continually meddling, with their imperfect legislation. We stand up for self-government, and oppose centralisation.

– In short, you would like the Heptarchy back again. Well, at any rate, I

revoke what I said this morning – that you Milton people did not reverence the past. You are regular worshippers of Thor.

– If we do not reverence the past as you do in Oxford, it is because we want something which can apply to the present more directly. It is fine when the study of the past leads to a prophecy of the future. But to men groping in new circumstances, it would be finer if the words of experience could direct us how to act in what concerns us most intimately and immediately; which is full of difficulties that must be encountered; and upon the mode in which they are met and conquered – not merely pushed aside for the time – depends our future. Out of the wisdom of the past, help us over the present. But no! People can speak of Utopia much more easily than of the next day's duty; and yet when that duty is all done by others, who so ready to cry, "Fie, for shame!"

– And all this time I don't see what you are talking about. Would you Milton men condescend to send up your today's difficulty to Oxford? You have not tried us yet.

Mr. Thornton laughed outright at this. – I believe I was talking with reference to a good deal that has been troubling us of late; I was thinking of the strikes we have gone through, which are troublesome and injurious things enough, as I am finding to my cost. And yet this last strike, under which I am smarting, has been respectable.

– A respectable strike! said Mr. Bell. – That sounds as if you were far gone in the worship of Thor.

Margaret felt, rather than saw, that Mr. Thornton was chagrined by the repeated turning into jest of what he was feeling as very serious. She tried to change the conversation from a subject about which one party cared little, while, to the other, it was deeply, because personally, interesting. She forced herself to say something.

– Edith says she finds the printed calicoes in Corfu better and cheaper than in London.

– Does she? said her father. – I think that must be one of Edith's exaggerations. Are you sure of it, Margaret?

– I am sure she says so, papa.

– Then I am sure of the fact, said Mr. Bell. – Margaret, I go so far in my idea of your truthfulness, that it shall cover your cousin's character. I don't believe a cousin of yours could exaggerate.

– Is Miss Hale so remarkable for truth? said Mr. Thornton, bitterly. The moment he had done so, he could have bitten his tongue out. What was he? And why should he stab her with her shame in this way? How evil he was tonight; possessed by ill-humour at being detained so long from her; irritated by the mention of some name, because he thought it belonged to a more successful lover; now ill-tempered because he had been unable to cope, with a light heart,

against one who was trying, by gay and careless speeches, to make the evening pass pleasantly away – the kind old friend to all parties, whose manner by this time might be well known to Mr. Thornton, who had been acquainted with him for many years. And then to speak to Margaret as he had done! She did not get up and leave the room, as she had done in former days, when his abruptness or his temper had annoyed her. She sat quite still, after the first momentary glance of grieved surprise, that made her eyes look like some child's who has met with an unexpected rebuff; they slowly dilated into mournful, reproachful sadness; and then they fell, and she bent over her work, and did not speak again. But he could not help looking at her, and he saw a sigh tremble over her body, as if she quivered in some unwonted chill. He felt as the mother would have done, in the midst of 'her rocking it, and rating it,' had she been called away before her slow confiding smile, implying perfect trust in mother's love, had proved the renewing of its love. He gave short sharp answers; he was uneasy and cross, unable to discern between jest and earnest; anxious only for a look, a word of hers, before which to prostrate himself in penitent humility. But she neither looked nor spoke. Her round taper fingers flew in and out of her sewing, as steadily and swiftly as if that were the business of her life. She could not care for him, he thought, or else the passionate fervour of his wish would have forced her to raise those eyes, if but for an instant, to read the late repentance in his. He could have struck her before he left, in order that by some strange overt act of rudeness, he might earn the privilege of telling her the remorse that gnawed at his heart. It was well that the long walk in the open air wound up this evening for him. It sobered him back into grave resolution, that henceforth he would see as little of her as possible – since the very sight of that face arid form, the very sounds of that voice (like the soft winds of pure melody) had such power to move him from his balance. Well! He had known what love was – a sharp pang, a fierce experience, in the midst of whose flames he was struggling! but, through that furnace he would fight his way out into the serenity of middle age – all the richer and more human for having known this great passion.

When he had somewhat abruptly left the room, Margaret rose from her seat, and began silently to fold up her work; The long seams were heavy, and had an unusual weight for her languid arms. The round lines in her face took a lengthened, straighter form, and her whole appearance was that of one who had gone through a day of great fatigue. As the three prepared for bed, Mr. Bell muttered forth a little condemnation of Mr. Thornton.

– I never saw a fellow so spoiled by success. He can't bear a word; a jest of any kind. Everything seems to touch on the soreness of his high dignity. Formerly, he was as simple and noble as the open day; you could not offend him, because he had no vanity.

– He is not vain now, said Margaret, turning round from the table, and speaking with quiet distinctness. – Tonight he has not been like himself. Something must have annoyed him before he came here.

Mr. Bell gave her one of his sharp glances from above his spectacles.

She stood it quite calmly; but, after she had left the room, he suddenly asked –

– Hale! did it ever strike you that Thornton and your daughter have what the French call a tendresse for each other?

– Never! said Mr. Hale, first startled and then flurried by the new idea. – No, I am sure you are wrong. I am almost certain you are mistaken. If there is anything, it is all on Mr. Thornton's side. Poor fellow! I hope and trust he is not thinking of her, for I am sure she would not have him.

– Well! I'm a bachelor, and have steered clear of love affairs all my life; so perhaps my opinion is not worth having. Or else I should say there were very pretty symptoms about her!

– Then I am sure you are wrong, said Mr. Hale. – He may care for her, though she really has been almost rude to him at times. But she! – why, Margaret would never think of him, I'm sure! Such a thing has never entered her head.

– Entering her heart would do. But I merely threw out a suggestion of what might be. I dare say I was wrong. And whether I was wrong or right, I'm very sleepy; so, having disturbed your night's rest (as I can see) with my untimely fancies, I'll betake myself with an easy mind to my own.

But Mr. Hale resolved that he would not be disturbed by any such nonsensical idea; so he lay awake, determining not to think about it.

Mr. Bell took his leave the next day, bidding Margaret look to him as one who had a right to help and protect her in all her troubles, of whatever nature they might be. To Mr. Hale he said –

– That Margaret of yours has gone deep into my heart. Take care of her, for she is a very precious creature – a great deal too good for Milton – only fit for Oxford, in fact. The town, I mean; not the men. I can't match her yet. When I can, I shall bring my young man to stand side by side with your young woman, just as the genie in the Arabian Nights brought Prince Caralmazan to match with the fairy's Princess Badoura.

– I beg you'll do no such thing. Remember the misfortunes that ensued; and besides, I can't spare Margaret.

– No; on second thoughts, we'll have her to nurse us ten years hence, when we shall be two cross old invalids. Seriously, Hale! I wish you'd leave Milton; which is a most unsuitable place for you, though it was my recommendation in the first instance. If you would; I'd swallow my shadows of doubts, and take a college living; and you and Margaret should come and live at the parsonage – you to be a sort of lay curate, and take the unwashed off my hands; and she to be our housekeeper – the village Lady Bountiful – by day; and read us to sleep in the evenings. I could be very happy in such a life. What do you think of it?

– Never! said Mr. Hale, decidedly. – My one great change has been

made and my price of suffering paid. Here I stay out my life; and here will I be buried, and lost in the crowd.

– I don't give up my plan yet. Only I won't bait you with it any more just now. Where's the Pearl? Come, Margaret, give me a farewell kiss; and remember, my dear, where you may find a true friend, as far as his capability goes. You are my child, Margaret. Remember that, and 'God bless you!

So they fell back into the monotony of the quiet life they would henceforth lead. There was no invalid to hope and fear about; even the Higginses – so long a vivid interest – seemed to have receded from any need of immediate thought. The Boucher children, left motherless orphans, claimed what of Margaret's care she could bestow; and she went pretty often to see Mary Higgins, who had charge of them. The two families were living in one house: the elder children were at humble schools, the younger ones were tended, in Mary's absence at her work, by the kind neighbour whose good sense had struck Margaret at the time of Boucher's death. Of course she was paid for her trouble; and indeed, in all his little plans and arrangements for these orphan children, Nicholas showed a sober judgment, and regulated method of thinking, which were at variance with his former more eccentric jerks of action. He was so steady at his work, that Margaret did not often see him during these winter months; but when she did, she saw that he winced away from any reference to the father of those children, whom he had so fully and heartily taken under his care. He did not speak easily of Mr. Thornton.

– To tell the truth, said he – he fairly bamboozles me. He's two chaps. One chap I knowed of old as were measter all o'er. T'other chap hasn't an ounce of measter's flesh about him. How them two chaps is bound up in one body, is a craddy for me to find out. I'll not be beat by it, though. Meanwhile he comes here pretty often; that's how I know the chap that's a man, not a measter. And I reckon he's taken aback by me pretty much as I am by him; for he sits and listens and stares, as if I were some strange beast newly caught in some of the zones. But I'm none daunted. It would take a deal to daunt me in my own house, as he sees. And I tell him some of my mind that I reckon he'd ha' been the better of hearing when he were a younger man.

– And does he not answer you? asked Mr. Hale.

– Well! I'll not say th' advantage is all on his side, for all I take credit for improving him above a bit. Sometimes he says a rough thing or two, which is not agreeable to look at at first, but has a queer smack o' truth in it when yo' come to chew it. He'll be coming tonight, I reckon, about them childer's schooling. He's not satisfied wi' the make of it, and wants for t' examine 'em.

– What are they – began Mr. Hale; but Margaret, touching his arm, showed him her watch.

– It is nearly seven, she said. – The evenings are getting longer now. Come, papa. She did not breathe freely till they were some distance from the

house. Then, as she became more calm, she wished that she had not been in so great a hurry; for, somehow, they saw Mr. Thornton but very seldom now; and he might have come to see Higgins, and for the old friendship's sake she should like to have seen him tonight.

Yes! he came very seldom, even for the dull cold purpose of lessons. Mr. Hale was disappointed in his pupil's lukewarmness about Greek literature, which had but a short time ago so great an interest for him. And now it often happened that a hurried note from Mr. Thornton would arrive, just at the last moment, saying that he was so much engaged that he could not come to read with Mr. Hale that evening. And though other pupils had taken more than his place as to time, no one was like his first scholar in Mr. Hale's heart. He was depressed and sad at this partial cessation of an intercourse which had become dear to him; and he used to sit pondering over the reason that could have occasioned this change.

He startled Margaret, one evening as she sat at her work, by suddenly asking:

– Margaret! had you ever any reason for thinking that Mr. Thornton cared for you?

He almost blushed as he put this question; but Mr. Bell's scouted idea recurred to him, and the words were out of his mouth before he well knew what he was about.

Margaret did not answer immediately; but by the bent drooping of her head, he guessed what her reply would be.

– Yes; I believe – oh papa, I should have told you. And she dropped her work, and hid her face in her hands.

– No, dear; don't think that I am impertinently curious. I am sure you would have told me if you had felt that you could return his regard. Did he speak to you about it?

No answer at first; but by-and-by a little gentle reluctant 'Yes.'

– And you refused him?

A long sigh; a more helpless, nerveless attitude, and another 'Yes.' But before her father could speak, Margaret lifted up her face, rosy with some beautiful shame, and, fixing her eyes upon him, said:

– Now, papa, I have told you this, and I cannot tell you more; and then the whole thing is so painful to me; every word and action connected with it is so unspeakably bitter, that I cannot bear to think of it. Oh, papa, I am sorry to have lost you this friend, but I could not help it – but oh! I am very sorry. She sat down on the ground, and laid her head on his knees.

– I too, am sorry, my dear. Mr. Bell quite startled me when he said, some idea of the kind –

– Mr. Bell! Oh, did Mr. Bell see it?

– A little; but he took it into his head that you – how shall I say it? – that you were not ungraciously disposed towards Mr. Thornton. I knew that could never be. I hoped the whole thing was but an imagination; but I knew too well what your real feelings were to suppose that you could ever like Mr. Thornton in that way. But I am very sorry.

They were very quiet and still for some minutes. But, on stroking her cheek in a caressing way soon after, he was almost shocked to find her face wet with tears. As he touched her, she sprang up, and smiling with forced brightness, began to talk of the Lennoxes with such a vehement desire to turn the conversation, that Mr. Hale was too tender-hearted to try to force it back into the old channel.

– Tomorrow – yes, tomorrow they will be back in Harley Street. Oh, how strange it will be! I wonder what room they will make into the nursery? Aunt Shaw will be happy with the baby. Fancy Edith a mamma! And Captain Lennox – I wonder what he will do with himself now he has sold out!

– I'll tell you what, said her father, anxious to indulge her in this fresh subject of interest – I think I must spare you for a fortnight just to run up to town and see the travellers. You could learn more, by half an hour's conversation with Mr. Henry Lennox, about Frederick's chances, than in a dozen of these letters of his; so it would, in fact, be uniting business with pleasure.

– No, papa, you cannot spare me, and what's more, I won't be spared. Then after a pause, she added: – I am losing hope sadly about Frederick; he is letting us down gently, but I can see that Mr. Lennox himself has no hope of hunting up the witnesses under years and years of time. No, said she – that bubble was very pretty, and very dear to our hearts; but it has burst like many another; and we must console ourselves with being glad that Frederick is so happy, and with being a great deal to each other. So don't offend me by talking of being able to spare me, papa, for I assure you you can't.

But the idea of a change took root and germinated in Margaret's heart, although not in the way in which her father proposed it at first. She began to consider how desirable something of the kind would be to her father, whose spirits, always feeble, now became too frequently depressed, and whose health, though he never complained, had been seriously affected by his wife's illness and death. There were the regular hours of reading with his pupils, but that all giving and no receiving could no longer be called companionship, as in the old days when Mr. Thornton came to study under him. Margaret was conscious of the want under which he was suffering, unknown to himself; the want of a man's intercourse with men. At Helstone there had been perpetual occasions for an interchange of visits with neighbouring clergymen; and the poor labourers in the fields, or leisurely tramping home at eve, or tending their cattle in the forest, were always at liberty to speak or be spoken to. But in Milton every one was too busy for quiet speech, or any ripened intercourse of thought; what they said was about business, very present and actual; and when the tension of mind relating to

their daily affairs was over, they sunk into fallow rest until next morning. The workman was not to be found after the day's work was done; he had gone away to some lecture, or some club, or some beer-shop, according to his degree of character. Mr. Hale thought of trying to deliver a course of lectures at some of the institutions, but he contemplated doing this so much as an effort of duty, and with so little of the genial impulse of love towards his work and its end, that Margaret was sure that it would not be well done until he could look upon it with some kind of zest.

CHAPTER 41

THE JOURNEY'S END

“I see my way as birds their trackless way –
I shall arrive! what time, what circuit first,
I ask not: but unless God send his hail
Or blinding fire-balls, sleet, or stifling snow,
In some time – his good time – I shall arrive;
He guides me and the bird. In His good time!”
Browning's Paracelsus

So the winter was getting on, and the days were beginning to lengthen, without bringing with them any of the brightness of hope which usually accompanies the rays of a February sun. Mrs. Thornton had of course entirely ceased to come to the house. Mr. Thornton came occasionally, but his visits were addressed to her father, and were confined to the study. Mr. Hale spoke of him as always the same; indeed, the very rarity of their intercourse seemed to make Mr. Hale set only the higher value on it. And from what Margaret could gather of what Mr. Thornton had said, there was nothing in the cessation of his visits which could arise from any umbrage or vexation. His business affairs had become complicated during the strike, and required closer attention than he had given to them last winter. Nay, Margaret could even discover that he spoke from time to time of her, and always, as far as she could learn, in the same calm friendly way, never avoiding and never seeking any mention of her name.

She was not in spirits to raise her father's tone of mind. The dreary peacefulness of the present time had been preceded by so long a period of anxiety and care – even intermixed with storms – that her mind had lost its elasticity. She tried to find herself occupation in teaching the two younger Boucher children, and worked hard at goodness; hard, I say most truly, for her heart seemed dead to the end of all her efforts; and though she made them punctually and painfully, yet she stood as far off as ever from any cheerfulness; her life seemed still bleak and dreary. The only thing she did well, was what she did out of unconscious piety, the silent comforting and consoling of her father. Not a mood of his but what found a ready sympathiser in Margaret; not a wish of his that she did not strive to forecast, and to fulfil. They were quiet wishes to be sure, and hardly named without hesitation and apology. All the more complete and beautiful was her meek spirit of obedience. March brought the news of Frederick's marriage. He and Dolores wrote; she in Spanish-English, as was but natural, and he with little turns and inversions of words which proved how far the idioms of his bride's country were infecting him.

On the receipt of Henry Lennox's letter, announcing how little hope there was of his ever clearing himself at a court-martial, in the absence of the missing witnesses, Frederick had written to Margaret a pretty vehement letter, containing his renunciation of England as his country; he wished he could unname himself, and declared that he would not take his pardon if it were offered him, nor live in

the country if he had permission to do so. All of which made Margaret cry sorely, so unnatural did it seem to her at the first opening; but on consideration, she saw rather in such expression the poignancy of the disappointment which had thus crushed his hopes; and she felt that there was nothing for it but patience. In the next letter, Frederick spoke so joyfully of the future that he had no thought for the past; and Margaret found a use in herself for the patience she had been craving for him. She would have to be patient. But the pretty, timid, girlish letters of Dolores were beginning to have a charm for both Margaret and her father. The young Spaniard was so evidently anxious to make a favourable impression upon her lover's English relations, that her feminine care peeped out at every erasure; and the letters announcing the marriage, were accompanied by a splendid black lace mantilla, chosen by Dolores herself for her unseen sister-in-law, whom Frederick had represented as a paragon of beauty, wisdom and virtue. Frederick's worldly position was raised by this marriage on to as high a level as they could desire. Barbour and Co. was one of the most extensive Spanish houses, and into it he was received as a junior partner. Margaret smiled a little, and then sighed as she remembered afresh her old tirades against trade. Here was her preux chevalier of a brother turned merchant, trader! But then she rebelled against herself, and protested silently against the confusion implied between a Spanish merchant and a Milton mill-owner. Well! trade or no trade, Frederick was very, very happy. Dolores must be charming, and the mantilla was exquisite! And then she returned to the present life.

Her father had occasionally experienced a difficulty in breathing this spring, which had for the time distressed him exceedingly. Margaret was less alarmed, as this difficulty went off completely in the intervals; but she still was so desirous of his shaking off the liability altogether, as to make her very urgent that he should accept Mr. Bell's invitation to visit him at Oxford this April. Mr. Bell's invitation included Margaret. Nay more, he wrote a special letter commanding her to come; but she felt as if it would be a greater relief to her to remain quietly at home, entirely free from any responsibility whatever, and so to rest her mind and heart in a manner which she had not been able to do for more than two years past.

When her father had driven off on his way to the railroad, Margaret felt how great and long had been the pressure on her time and her spirits. It was astonishing, almost stunning, to feel herself so much at liberty; no one depending on her for cheering care, if not for positive happiness; no invalid to plan and think for; she might be idle, and silent, and forgetful – and what seemed worth more than all the other privileges – she might be unhappy if she liked. For months past, all her own personal cares and troubles had had to be stuffed away into a dark cupboard; but now she had leisure to take them out, and mourn over them, and study their nature, and seek the true method of subduing them into the elements of peace. All these weeks she had been conscious of their existence in a dull kind of way, though they were hidden out of sight. Now, once for all she would consider them, and appoint to each of them its right work in her life. So she sat almost motionless for hours in the drawing-room, going over the bitterness of every remembrance with an unwincing resolution. Only once she cried aloud, at the stinging thought of the faithlessness which gave birth to that abasing falsehood.

She now would not even acknowledge the force of the temptation; her plans for Frederick had all failed, and the temptation lay there a dead mockery – a mockery which had never had life in it; the lie had been so despicably foolish,

seen by the light of the ensuing events, and faith in the power of truth so infinitely the greater wisdom!

In her nervous agitation, she unconsciously opened a book of her father's that lay upon the table – the words that caught her eye in it, seemed almost made for her present state of acute self-abasement:

'Je ne voudrois pas reprendre mon coeur en ceste sorte: meurs de honte, aveugle, impudent, traistre et desloyal a ton Dieu, et sembables choses; mais je voudrois le corriger par voye de compassion. Or sus, mon pauvre coeur, nous voila tombez dans la fosse, laquelle nous avons tant resolu d'eschapper. Ah! relevons-nous, et quittons-la pour jamais, reclamons la misericorde de Dieu, et esperons en elle qu'elle nous assistera pour desormais estre plus fermes; et remettons-nous au chemin de l'humilite. Courage, soyons meshuy sur nos gardes, Dieu nous aydera.'

– The way of humility. Ah, thought Margaret – that is what I have missed! But courage, little heart. We will turn back, and by God's help we may find the lost path.

So she rose up, and determined at once to set to on some work which should take her out of herself. To begin with, she called in Martha, as she passed the drawing-room door in going up-stairs, and tried to find out what was below the grave, respectful, servant-like manner, which crusted over her individual character with an obedience that was almost mechanical. She found it difficult to induce Martha to speak of any of her personal interests; but at last she touched the right chord, in naming Mrs. Thornton. Martha's whole face brightened, and, on a little encouragement, out came a long story, of how her father had been in early life connected with Mrs. Thornton's husband – nay, had even been in a position to show him some kindness; what, Martha hardly knew, for it had happened when she was quite a little child; and circumstances had intervened to separate the two families until Martha was nearly grown up, when, her father having sunk lower and lower from his original occupation as clerk in a warehouse, and her mother being dead, she and her sister, to use Martha's own expression, would have been 'lost' but for Mrs. Thornton; who sought them out, and thought for them, and cared for them.

– I had had the fever, and was but delicate; and Mrs. Thornton, and Mr. Thornton too, they never rested till they had nursed me up in their own house, and sent me to the sea and all. The doctors said the fever was catching, but they cared none for that – only Miss Fanny, and she went a-visiting these folk that she is going to marry into. So, though she was a afraid at the time, it has all ended well.

– Miss Fanny going to be married! exclaimed Margaret.

– Yes; and to a rich gentleman, too, only he's a deal older than she is. His name is Watson; and his mills are somewhere out beyond Hayleigh; it's a very

good marriage, for all he's got such gray hair.

At this piece of information, Margaret was silent long enough for Martha to recover her propriety, and, with it, her habitual shortness of answer. She swept up the hearth, asked at what time she should prepare tea, and quitted the room with the same wooden face with which she had entered it. Margaret had to pull herself up from indulging a bad trick, which she had lately fallen into, of trying to imagine how every event that she heard of in relation to Mr. Thornton would affect him: whether he would like it or dislike it.

The next day she had the little Boucher children for their lessons, and took a long walk, and ended by a visit to Mary Higgins. Somewhat to Margaret's surprise, she found Nicholas already come home from his work; the lengthening light had deceived her as to the lateness of the evening. He too seemed, by his manners, to have entered a little more on the way of humility; he was quieter, and less self-asserting.

— So th'oud gentleman's away on his travels, is he? said he. — Little 'uns telled me so. Eh! but they're sharp 'uns, they are; I a'most think they beat my own wenches for sharpness, though mappen it's wrong to say so, and one on 'em in her grave. There's summut in th' weather, I reckon, as sets folk a-wandering. My measter, him at th'shop yonder, is spinning about th'world somewhere.

— Is that the reason you're so soon at home tonight? Asked Margaret innocently.

— Thou know'st nought about it, that's all, said he, contemptuously. — I'm not one wi' two faces — one for my measter, and t'other for his back I counted a' th'clocks in the town striking afore I'd leave my work. No! yon Thornton's good enough for to fight wi', but too good for to be cheated. It were you as gotten me the place, and I thank yo' for it. Thornton's is not a bad mill, as times go. Stand down, lad, and say yo'r pretty hymn to Miss Margaret. That's right; steady on thy legs, and right arm out as straight as a shewer. One to stop, two to stay, three mak' ready, and four away!

The little fellow repeated a Methodist hymn, far above his comprehension in point of language, but of which the swinging rhythm had caught his ear, and which he repeated with all the developed cadence of a member of parliament. When Margaret had duly applauded, Nicholas called for another, and yet another, much to her surprise, as she found him thus oddly and unconsciously led to take an interest in the sacred things which he had formerly scouted.

It was past the usual tea-time when she reached home; but she had the comfort of feeling that no one had been kept waiting for her; and of thinking her own thoughts while she rested, instead of anxiously watching another person to learn whether to be grave or gay. After tea she resolved to examine a large packet of letters, and pick out those that were to be destroyed.

Among them she came to four or five of Mr. Henry Lennox's, relating to

Frederick's affairs; and she carefully read them over again, with the sole intention, when she began, to ascertain exactly on how fine a chance the justification of her brother hung. But when she had finished the last, and weighed the pros and cons, the little personal revelation of character contained in them forced itself on her notice. It was evident enough, from the stiffness of the wording, that Mr. Lennox had never forgotten his relation to her in any interest he might feel in the subject of the correspondence. They were clever letters; Margaret saw that in a twinkling; but she missed out of them all hearty and genial atmosphere. They were to be preserved, however, as valuable; so she laid them carefully on one side. When this little piece of business was ended, she fell into a reverie; and the thought of her absent father ran strangely in Margaret's head this night. She almost blamed herself for having felt her solitude (and consequently his absence) as a relief; but these two days had set her up afresh, with new strength and brighter hope. Plans which had lately appeared to her in the guise of tasks, now appeared like pleasures. The morbid scales had fallen from her eyes, and she saw her position and her work more truly. If only Mr. Thornton would restore her the lost friendship – nay, if he would only come from time to time to cheer her father as in former days – though she should never see him, she felt as if the course of her future life, though not brilliant in prospect, might lie clear and even before her. She sighed as she rose up to go to bed. In spite of the 'One step's enough for me,' – in spite of the one plain duty of devotion to her father – there lay at her heart an anxiety and a pang of sorrow.

And Mr. Hale thought of Margaret, that April evening, just as strangely and as persistently as she was thinking of him. He had been fatigued by going about among his old friends and old familiar places. He had had exaggerated ideas of the change which his altered opinions might make in his friends' reception of him; but although some of them might have felt shocked or grieved or indignant at his falling off in the abstract, as soon as they saw the face of the man whom they had once loved, they forgot his opinions in himself; or only remembered them enough to give an additional tender gravity to their manner. For Mr. Hale had not been known to many; he had belonged to one of the smaller colleges, and had always been shy and reserved; but those who in youth had cared to penetrate to the delicacy of thought and feeling that lay below his silence and indecision, took him to their hearts, with something of the protecting kindness which they would have shown to a woman. And the renewal of this kindness, after the lapse of years, and an interval of so much change, overpowered him more than any roughness or expression of disapproval could have done.

– I'm afraid we've done too much, said Mr. Bell. – You're suffering now from having lived so long in that Milton air.

– I am tired, said Mr. Hale. – But it is not Milton air. I'm fifty-five years of age, and that little fact of itself accounts for any loss of strength.

– Nonsense! I'm upwards of sixty, and feel no loss of strength, either bodily or mental. Don't let me hear you talking so. Fifty-five! why, you're quite a young man.

Mr. Hale shook his head. – These last few years! said he. But after a minute's pause, he raised himself from his half recumbent position, in one of Mr. Bell's luxurious easy-chairs, and said with a kind of trembling earnestness:

– Bell! you're not to think, that if I could have foreseen all that would come of my change of opinion, and my resignation of my living – no! not even if I could have known how *she* would have suffered – that I would undo it – the act of open acknowledgment that I no longer held the same faith as the church in which I was a priest. As I think now, even if I could have foreseen that cruellest martyrdom of suffering, through the sufferings of one whom I loved, I would have done just the same as far as that step of openly leaving the church went. I might have done differently, and acted more wisely, in all that I subsequently did for my family. But I don't think God endued me with over-much wisdom or strength, he added, falling hack into his old position.

Mr. Bell blew his nose ostentatiously before answering. Then he said:

– He gave you strength to do what your conscience told you was right; and I don't see that we need any higher or holier strength than that; or wisdom either. I know I have not that much; and yet men set me down in their fool's books as a wise man; an independent character; strong-minded, and all that cant. The veriest idiot who obeys his own simple law of right, if it be but in wiping his shoes on a door-mat, is wiser and stronger than I. But what gulls men are!

There was a pause. Mr. Hale spoke first, in continuation of his thought:

– About Margaret.

– Well! about Margaret. What then?

– If I die...

– Nonsense!

– What will become of her – I often think? I suppose the Lennoxes will ask her to live with them. I try to think they will. Her aunt Shaw loved her well in her own quiet way; but she forgets to love the absent.

– A very common fault. What sort of people are the Lennoxes?

– He, handsome, fluent, and agreeable. Edith, a sweet little spoiled beauty. Margaret loves her with all her heart, and Edith with as much of her heart as she can spare.

– Now, Hale; you know that girl of yours has got pretty nearly all my heart. I told you that before. Of course, as your daughter, as my god-daughter, I took great interest in her before I saw her the last time. But this visit that I paid to you at Milton made me her slave. I went, a willing old victim, following the car of the conqueror. For, indeed, she looks as grand and serene as one who has struggled, and may be struggling, and yet has the victory secure in sight. Yes, in spite of all her present anxieties, that was the look on her face. And so, all I have is at her service, if she needs it; and will be hers, whether she will or no, when I

die. Moreover, I myself, will be her preux chevalier, sixty and gouty though I be. Seriously, old friend, your daughter shall be my principal charge in life, and all the help that either my wit or my wisdom or my willing heart can give, shall be hers. I don't choose her out as a subject for fretting. Something, I know of old, you must have to worry yourself about, or you wouldn't be happy. But you're going to outlive me by many a long year. You spare, thin men are always tempting and always cheating Death! It's the stout, florid fellows like me, that always go off first.

If Mr. Bell had had a prophetic eye he might have seen the torch all but inverted, and the angel with the grave and composed face standing very nigh, beckoning to his friend. That night Mr. Hale laid his head down on the pillow on which it never more should stir with life. The servant who entered his room in the morning, received no answer to his speech; drew near the bed, and saw the calm, beautiful face lying white and cold under the ineffaceable seal of death. The attitude was exquisitely easy; there had been no pain – no struggle. The action of the heart must have ceased as he lay down.

Mr. Bell was stunned by the shock; and only recovered when the time came for being angry at every suggestion of his man's.

– A coroner's inquest? Pooh. You don't think I poisoned him! Dr. Forbes says it is just the natural end of a heart complaint. Poor old Hale! You wore out that tender heart of yours before its time. Poor old friend! how he talked of his... Wallis, pack up a carpet-bag for me in five minutes. Here have I been talking. Pack it up, I say. I must go to Milton by the next train.

The bag was packed, the cab ordered, the railway reached, in twenty minutes from the moment of this decision. The London train whizzed by, drew back some yards, and in Mr. Bell was hurried by the impatient guard. He threw himself back in his seat, to try, with closed eyes, to understand how one in life yesterday could be dead today; and shortly tears stole out between his grizzled eye-lashes, at the feeling of which he opened his keen eyes, and looked as severely cheerful as his set determination could make him. He was not going to blubber before a set of strangers. Not he!

There was no set of strangers, only one sitting far from him on the same side. By and by Mr. Bell peered at him, to discover what manner of man it was that might have been observing his emotion; and behind the great sheet of the outspread "Times," he recognised Mr. Thornton.

– Why, Thornton! is that you? said he, removing hastily to a closer proximity. He shook Mr. Thornton vehemently by the hand, until the gripe ended in a sudden relaxation, for the hand was wanted to wipe away tears. He had last seen Mr. Thornton in his friend Hale's company.

– I'm going to Milton, bound on a melancholy errand. Going to break to Hale's daughter the news of his sudden death!

– Death! Mr. Hale dead!

– Ay; I keep saying it to myself, “Hale is dead!” but it doesn’t make it any the more real. Hale is dead for all that. He went to bed well, to all appearance, last night, and was quite cold this morning when my servant went to call him.

– Where? I don’t understand!

– At Oxford. He came to stay with me; hadn’t been in Oxford this seventeen years – and this is the end of it.

Not one word was spoken for above a quarter of an hour. Then Mr. Thornton said:

– And she! and stopped full short.

– Margaret you mean. Yes! I am going to tell her. Poor fellow! how full his thoughts were of her all last night! Good God! Last night only. And how immeasurably distant he is now! But I take Margaret as my child for his sake. I said last night I would take her for her own sake. Well, I take her for both.

Mr. Thornton made one or two fruitless attempts to speak, before he could get out the words:

– What will become of her!

– I rather fancy there will be two people waiting for her: myself for one. I would take a live dragon into my house to live, if, by hiring such a chaperon, and setting up an establishment of my own, I could make my old age happy with having Margaret for a daughter. But there are those Lennoxes!

– Who are they? asked Mr. Thornton with trembling interest.

– Oh, smart London people, who very likely will think they’ve the best right to her. Captain Lennox married her cousin – the girl she was brought up with. Good enough people, I dare say. And there’s her aunt, Mrs. Shaw. There might be a way open, perhaps, by my offering to marry that worthy lady! but that would be quite a pis aller. And then there’s that brother!

– What brother? A brother of her aunt’s?

– No, no; a clever Lennox, (the captain’s a fool, you must understand) a young barrister, who will be setting his cap at Margaret. I know he has had her in his mind this five years or more: one of his chums told me as much; and he was only kept back by her want of fortune. Now that will be done away with.

– How? asked Mr. Thornton, too earnestly curious to be aware of the impertinence of his question.

– Why, she’ll have my money at my death. And if this Henry Lennox is half good enough for her, and she likes him – well! I might find another way of getting a home through a marriage. I’m dreadfully afraid of being tempted, at an unguarded moment, by the aunt.

Neither Mr. Bell nor Mr. Thornton was in a laughing humour; so the oddity of any of the speeches which the former made was unnoticed by them. Mr. Bell whistled, without emitting any sound beyond a long hissing breath; changed his seat, without finding comfort or rest while Mr. Thornton sat immoveably still, his eyes fixed on one spot in the newspaper, which he had taken up in order to give himself leisure to think

– Where have you been? asked Mr. Bell, at length.

– To Havre. Trying to detect the secret of the great rise in the price of cotton.

– Ugh! Cotton, and speculations, and smoke, well-cleansed and well-cared-for machinery, and unwashed and neglected hands. Poor old Hale! Poor old Hale! If you could have known the change which it was to him from Helstone. Do you know the New Forest at all?

– Yes. (Very shortly).

– Then you can fancy the difference between it and Milton. What part were you in? Were you ever at Helstone? a little picturesque village, like some in the Odenwald? You know Helstone?

– I have seen it. It was a great change to leave it and come to Milton.

He took up his newspaper with a determined air, as if resolved to avoid further conversation; and Mr. Bell was fain to resort to his former occupation of trying to find out how he could best break the news to Margaret.

She was at an up-stairs window; she saw him alight; she guessed the truth with an instinctive flash. She stood in the middle of the drawing-room, as if arrested in her first impulse to rush downstairs, and as if by the same restraining thought she had been turned to stone; so white and immoveable was she.

– Oh! don't tell me! I know it from your face! You would have sent – you would not have left him – if he were alive! Oh papa, papa!

CHAPTER 42
ALONE! ALONE!

“When some beloved voice that was to you
Both sound and sweetness, faileth suddenly,
And silence, against which you dare not cry,
Aches round you like a strong disease and new –
What hope? what help? what music will undo
That silence to your sense?”
Mrs. Browning

The shock had been great. Margaret fell into a state of prostration, which did not show itself in sobs and tears, or even find the relief of words. She lay on the sofa, with her eyes shut, never speaking but when spoken to, and then replying in whispers. Mr. Bell was perplexed. He dared not leave her; he dared not ask her to accompany him back to Oxford, which had been one of the plans he had formed on the journey to Milton, her physical exhaustion was evidently too complete for her to undertake any such fatigue – putting the sight that she would have to encounter out of the question. Mr. Bell sat over the fire, considering what he had better do. Margaret lay motionless, and almost breathless by him. He would not leave her, even for the dinner which Dixon had prepared for him down-stairs, and, with sobbing hospitality, would fain have tempted him to eat. He had a plateful of something brought up to him. In general, he was particular and dainty enough, and knew well each shade of flavour in his food, but now the devilled chicken tasted like sawdust. He minced up some of the fowl for Margaret, and peppered and salted it well; but when Dixon, following his directions, tried to feed her, the languid shake of head proved that in such a state as Margaret was in, food would only choke, not nourish her.

Mr. Bell gave a great sigh; lifted up his stout old limbs (stiff with travelling) from their easy position, and followed Dixon out of the room.

– I can't leave her. I must write to them at Oxford, to see that the preparations are made: they can be getting on with these till I arrive. Can't Mrs. Lennox come to her? I'll write and tell her she must. The girl must have some woman-friend about her, if only to talk her into a good fit of crying.

Dixon was crying – enough for two; but, after wiping her eyes and steadying her voice, she managed to tell Mr. Bell, that Mrs. Lennox was too near her confinement to be able to undertake any journey at present.

– Well! I suppose we must have Mrs. Shaw; she's come back to England, isn't she?

– Yes, sir, she's come back; but I don't think she will like to leave Mrs.

Lennox at such an interesting time, said Dixon, who did not much approve of a stranger entering the household, to share with her in her ruling care of Margaret.

– Interesting time be – Mr. Bell restricted himself to coughing over the end of his sentence. – She could be content to be at Venice or Naples, or some of those Popish places, at the last “interesting time,” which took place in Corfu, I think. And what does that little prosperous woman’s “interesting time” signify, in comparison with that poor creature there – that helpless, homeless, friendless Margaret – lying on that sofa as if it were an altar-tomb, and she the stone statue on it. I tell you, Mrs. Shaw shall come. See that a room, or whatever she wants, is got ready for her by tomorrow night. I’ll take care she comes.

Accordingly Mr. Bell wrote a letter, which Mrs. Shaw declared, with many tears, to be so like one of the dear general’s when he was going to have a fit of the gout, that she should always value and preserve it. If he had given her the option, by requesting or urging her, as if a refusal were possible, she might not have come – true and sincere as was her sympathy with Margaret. It needed the sharp uncourteous command to make her conquer her vis inertiae, and allow herself to be packed by her maid, after the latter had completed the boxes. Edith, all cap, shawls, and tears, came out to the top of the stairs, as Captain Lennox was taking her mother down to the carriage:

– Don’t forget, mamma; Margaret must come and live with us. Sholto will go to Oxford on Wednesday, and you must send word by Mr. Bell to him when we’re to expect you. And if you want Sholto, he can go on from Oxford to Milton. Don’t forget, mamma; you are to bring back Margaret.

Edith re-entered the drawing-room. Mr. Henry Lennox was there, cutting open the pages of a new Review. Without lifting his head, he said – If you don’t like Sholto to be so long absent from you, Edith, I hope you will let me go down to Milton, and give what assistance I can.

– Oh, thank you, said Edith – I dare say old Mr. Bell will do everything he can, and more help may not be needed. Only one does not look for much savoir-faire from a resident Fellow. Dear, darling Margaret! won’t it be nice to have her here, again? You were both great allies, years ago.

– Were we? asked he indifferently, with an appearance of being interested in a passage in the Review.

– Well, perhaps not – I forget. I was so full of Sholto. But doesn’t it fall out well, that if my uncle was to die, it should be just now, when we are come home, and settled in the old house, and quite ready to receive Margaret? Poor thing! what a change it will be to her from Milton! I’ll have new chintz for her bedroom, and make it look new and bright, and cheer her up a little.

In the same spirit of kindness, Mrs. Shaw journeyed to Milton, occasionally dreading the first meeting, and wondering how it would be got over; but more frequently planning how soon she could get Margaret away from ‘that horrid place,’ and back into the pleasant comforts of Harley Street.

– Oh dear! she said to her maid; – look at those chimneys! My poor sister Hale! I don't think I could have rested at Naples, if I had known what it was! I must have come and fetched her and Margaret away. And to herself she acknowledged, that she had always thought her brother-in-law rather a weak man, but never so weak as now, when she saw for what a place he had exchanged the lovely Helstone home.

Margaret had remained in the same state; white, motionless, speechless, tearless. They had told her that her aunt Shaw was coming; but she had not expressed either surprise or pleasure, or dislike to the idea. Mr. Bell, whose appetite had returned, and who appreciated Dixon's endeavours to gratify it, in vain urged upon her to taste some sweetbreads stewed with oysters; she shook her head with the same quiet obstinacy as on the previous day; and he was obliged to console himself for her rejection, by eating them all himself. But Margaret was the first to hear the stopping of the cab that brought her aunt from the railway station. Her eyelids quivered, her lips coloured and trembled. Mr. Bell went down to meet Mrs. Shaw; and when they came up, Margaret was standing, trying to steady her dizzy self; and when she saw her aunt, she went forward to the arms open to receive her, and first found the passionate relief of tears on her aunt's shoulder. All thoughts of quiet habitual love, of tenderness for years, of relationship to the dead – all that inexplicable likeness in look, tone, and gesture, that seem to belong to one family, and which reminded Margaret so forcibly at this moment of her mother – came in to melt and soften her numbed heart into the overflow of warm tears.

Mr. Bell stole out of the room, and went down into the study, where he ordered a fire, and tried to divert his thoughts by taking down and examining the different books. Each volume brought a remembrance or a suggestion of his dead friend. It might be a change of employment from his two days' work of watching Margaret, but it was no change of thought. He was glad to catch the sound of Mr. Thornton's voice, making enquiry at the door. Dixon was rather cavalierly dismissing him; for with the appearance of Mrs. Shaw's maid, came visions of former grandeur, of the Beresford blood, of the 'station' (so she was pleased to term it) from which her young lady had been ousted, and to which she was now, please God, to be restored. These visions, which she had been dwelling on with complacency in her conversation with Mrs. Shaw's maid (skilfully eliciting meanwhile all the circumstances of state and consequence connected with the Harley Street establishment, for the edification of the listening Martha), made Dixon rather inclined to be supercilious in her treatment of any inhabitant of Milton; so, though she always stood rather in awe of Mr. Thornton, she was as curt as she durst be in telling him that he could see none of the inmates of the house that night. It was rather uncomfortable to be contradicted in her statement by Mr. Bell's opening the study-door, and calling out:

– Thornton! is that you? Come in for a minute or two; I want to speak to you. So Mr. Thornton went into the study, and Dixon had to retreat into the kitchen, and reinstate herself in her own esteem by a prodigious story of Sir John

Beresford's coach and six, when he was high sheriff.

– I don't know what I wanted to say to you after all. Only it's dull enough to sit in a room where everything speaks to you of a dead friend. Yet Margaret and her aunt must have the drawing-room to themselves!

– Is Mrs... is her aunt come? asked Mr. Thornton.

– Come? Yes! maid and all. One would have thought she might have come by herself at such a time! And now I shall have to turn out and find my way to the Clarendon.

– You must not go to the Clarendon. We have five or six empty bedrooms at home.

– Well aired?

– I think you may trust my mother for that.

– Then I'll only run up-stairs and wish that wan girl good-night, and make my bow to her aunt, and go off with you straight.

Mr. Bell was some time up-stairs. Mr. Thornton began to think it long, for he was full of business, and had hardly been able to spare the time for running up to Crampton, and enquiring how Miss Hale was.

When they had set out upon their walk, Mr. Bell said:

– I was kept by those women in the drawing-room. Mrs. Shaw is anxious to get home – on account of her daughter, she says – and wants Margaret to go off with her at once. Now she is no more fit for travelling than I am for flying. Besides, she says, and very justly, that she has friends she must see – that she must wish good-bye to several people; and then her aunt worried her about old claims, and was she forgetful of old friends? And she said, with a great burst of crying, she should be glad enough to go from a place where she had suffered so much. Now I must return to Oxford tomorrow, and I don't know on which side of the scale to throw in my voice.

He paused, as if asking a question; but he received no answer from his companion, the echo of whose thoughts kept repeating –

– Where she had suffered so much. Alas! and that was the way in which this eighteen months in Milton – to him so unspeakably precious, down to its very bitterness, which was worth all the rest of life's sweetness – would be remembered. Neither loss of father, nor loss of mother, dear as she was to Mr. Thornton, could have poisoned the remembrance of the weeks, the days, the hours, when a walk of two miles, every step of which was pleasant, as it brought him nearer and nearer to her, took him to her sweet presence – every step of which was rich, as each recurring moment that bore him away from her made him recall some fresh grace in her demeanour, or pleasant pungency in her character. Yes! whatever had happened to him, external to his relation to her, he could never have spoken of that time, when he could have seen her every day –

when he had her within his grasp, as it were – as a time of suffering. It had been a royal time of luxury to him, with all its stings and contumelies, compared to the poverty that crept round and clipped the anticipation of the future down to sordid fact, and life without an atmosphere of either hope or fear.

Mrs. Thornton and Fanny were in the dining-room; the latter in a flutter of small exultation, as the maid held up one glossy material after another, to try the effect of the wedding-dresses by candlelight. Her mother really tried to sympathise with her, but could not. Neither taste nor dress were in her line of subjects, and she heartily wished that Fanny had accepted her brother's offer of having the wedding clothes provided by some first-rate London dressmaker, without the endless troublesome discussions, and unsettled wavering, that arose out of Fanny's desire to choose and superintend everything herself. Mr. Thornton was only too glad to mark his grateful approbation of any sensible man, who could be captivated by Fanny's second-rate airs and graces, by giving her ample means for providing herself with the finery, which certainly rivalled, if it did not exceed, the lover in her estimation. When her brother and Mr. Bell came in, Fanny blushed and simpered, and fluttered over the signs of her employment, in a way which could not have failed to draw attention from any one else but Mr. Bell. If he thought about her and her silks and satins at all, it was to compare her and them with the pale sorrow he had left behind him, sitting motionless, with bent head and folded hands, in a room where the stillness was so great that you might almost fancy the rush in your straining ears was occasioned by the spirits of the dead, yet hovering round their beloved. For, when Mr. Bell had first gone upstairs, Mrs. Shaw lay asleep on the sofa; and no sound broke the silence.

Mrs. Thornton gave Mr. Bell her formal, hospitable welcome. She was never so gracious as when receiving her Son's friends in her son's house; and the more unexpected they were, the more honour to her admirable housekeeping preparations for comfort.

– How is Miss Hale? she asked.

– About as broken down by this last stroke as she can be.

– I am sure it is very well for her that she has such a friend as you.

– I wish I were her only friend, madam. I daresay it sounds very brutal; but here have I been displaced, and turned out of my post of comforter and adviser by a fine lady aunt; and there are cousins and what not claiming her in London, as if she were a lap-dog belonging to them. And she is too weak and miserable to have a will of her own.

– She must indeed be weak, said Mrs. Thornton, with an implied meaning which her son understood well. 'But where,' continued Mrs. Thornton – have these relations been all this time that Miss Hale has appeared almost friendless, and has certainly had a good deal of anxiety to bear? But she did not feel interest enough in the answer to her question to wait for it. She left the room to make her household arrangements.

– They have been living abroad. They have some kind of claim upon her. I will do them that justice. The aunt brought her up, and she and the cousin have been like sisters. The thing vexing me, you see, is that I wanted to take her

for a child of my own; and I am jealous of these people, who don't seem to value the privilege of their right. Now it would be different if Frederick claimed her.

– Frederick! exclaimed Mr. Thornton. – Who is he? What right...? Me stopped short in his vehement question.

– Frederick, said Mr. Bell in surprise. – Why don't you know? He's her brother. Have you not heard –

– I never heard his name before. Where is he? Who is he?

– Surely I told you about him, when the family first came to Milton – the son who was concerned in that mutiny.

– I never heard of him till this moment. Where does he live?

– In Spain. He's liable to be arrested the moment he sets foot on English ground. Poor fellow! he will grieve at not being able to attend his father's funeral. We must be content with Captain Lennox; for I don't know of any other relation to summon.

– I hope I may be allowed to go?

– Certainly; thankfully. You're a good fellow, after all, Thornton. Hale liked you. He spoke to me, only the other day, about you at Oxford. He regretted he had seen so little of you lately. I am obliged to you for wishing to show him respect.

– But about Frederick. Does he never come to England?

– Never.

– He was not over here about the time of Mrs. Hale's death?

– No. Why, I was here then. I hadn't seen Hale for years and years and, if you remember, I came – No, it was some time after that that I came. But poor Frederick Hale was not here then. What made you think he was?

– I saw a young man walking with Miss Hale one day,' replied Mr. Thornton, 'and I think it was about that time.

– Oh, that would be this young Lennox, the Captain's brother. He's a lawyer, and they were in pretty constant correspondence with him; and I remember Mr. Hale told me he thought he would come down. Do you know, said Mr. Bell, wheeling round, and shutting one eye, the better to bring the forces of the other to bear with keen scrutiny on Mr. Thornton's face – that I once fancied you had a little tenderness for Margaret?

No answer. No change of countenance.

– And so did poor Hale. Not at first, and not till I had put it into his head.

– I admired Miss Hale. Every one must do so. She is a beautiful creature, said Mr. Thornton, driven to bay by Mr. Bell's pertinacious questioning.

– Is that all! You can speak of her in that measured way, as simply a “beautiful creature” – only something to catch the eye. I did hope you had had nobleness enough in you to make you pay her the homage of the heart. Though I believe – in fact I know, she would have rejected you, still to have loved her without return would have lifted you higher than all those, be they who they may, that have never known her to love. “Beautiful creature” indeed! Do you speak of her as you would of a horse or a dog?

Mr. Thornton’s eyes glowed like red embers.

– Mr. Bell, said he – before you speak so, you should remember that all men are not as free to express what they feel as you are. Let us talk of something else. For though his heart leaped up, as at a trumpet-call, to every word that Mr. Bell had said, and though he knew that what he had said would henceforward bind the thought of the old Oxford Fellow closely up with the most precious things of his heart, yet he would not be forced into any expression of what he felt towards Margaret. He was no mocking-bird of praise, to try because another extolled what he revered and passionately loved, to outdo him in laudation. So he turned to some of the dry matters of business that lay between Mr. Bell and him, as landlord and tenant.

– What is that heap of brick and mortar we came against in the yard? Any repairs wanted?

– No, none, thank you.

– Are you building on your own account? If you are, I’m very much obliged to you.

– I’m building a dining-room – for the men I mean – the hands.

– I thought you were hard to please, if this room wasn’t good enough to satisfy you, a bachelor.

– I’ve got acquainted with a strange kind of chap, and I put one or two children in whom he is interested to school. So, as I happened to be passing near his house one day, I just went there about some trifling payment to be made; and I saw such a miserable black frizzle of a dinner – a greasy cinder of meat, as first set me a-thinking. But it was not till provisions grew so high this winter that I bethought me how, by buying things wholesale, and cooking a good quantity of provisions together, much money might be saved, and much comfort gained. So I spoke to my friend – or my enemy – the man I told you of – and he found fault with every detail of my plan; and in consequence I laid it aside, both as impracticable, and also because if I forced it into operation I should be interfering with the independence of my men; when, suddenly, this Higgins came to me and graciously signified his approval of a scheme so nearly the same as mine, that I might fairly have claimed it; and, moreover, the approval of several of his fellow-workmen, to whom he had spoken. I was a little “riled,” I confess, by his manner, and thought of throwing the whole thing overboard to sink or swim. But it seemed childish to relinquish a plan which I had once thought wise and well-laid,

just because I myself did not receive all the honour and consequence due to the originator. So I coolly took the part assigned to me, which is something like that of steward to a club. I buy in the provisions wholesale, and provide a fitting matron or cook

– I hope you give satisfaction in your new capacity. Are you a good judge of potatoes and onions? But I suppose Mrs. Thornton assists you in your marketing.

– Not a bit, replied Mr. Thornton. ‘She disapproves of the whole plan, and now we never mention it to each other. But I manage pretty well, getting in great stocks from Liverpool, and being served in butcher’s meat by our own family butcher. I can assure you, the hot dinners the matron turns out are by no means to be despised.

– Do you taste each dish as it goes in, in virtue of your office? I hope you have a white wand.

– I was very scrupulous, at first, in confining myself to the mere purchasing part, and even in that I rather obeyed the men’s orders conveyed through the housekeeper, than went by my own judgment. At one time, the beef was too large, at another the mutton was not fat enough. I think they saw how careful I was to leave them free, and not to intrude my own ideas upon them; so, one day, two or three of the men – my friend Higgins among them – asked me if I would not come in and take a snack. It was a very busy day, but I saw that the men would be hurt if, after making the advance, I didn’t meet them half-way, so I went in, and I never made a better dinner in my life. I told them (my next neighbours I mean, for I’m no speech-maker) how much I’d enjoyed it; and for some time, whenever that especial dinner recurred in their dietary, I was sure to be met by these men, with a “Master, there’s hot-pot for dinner today, win yo’ come?” If they had not asked me, I would no more have intruded on them than I’d have gone to the mess at the barracks without invitation.

– I should think you were rather a restraint on your hosts’ conversation. They can’t abuse the masters while you’re there. I suspect they take it out on non-hot-pot days.

– Well! hitherto we’ve steered clear of all vexed questions. But if any of the old disputes came up again, I would certainly speak out my mind next hot-pot day. But you are hardly acquainted with our Darkshire fellows, for all you’re a Darkshire man yourself. They have such a sense of humour, and such a racy mode of expression! I am getting really to know some of them now, and they talk pretty freely before me.

– Nothing like the act of eating for equalising men. Dying is nothing to it. The philosopher dies sententiously – the pharisee ostentatiously – the simple-hearted humbly – the poor idiot blindly, as the sparrow falls to the ground; the philosopher and idiot, publican and pharisee, all eat after the same fashion – given an equally good digestion. There’s theory for theory for you!

– Indeed I have no theory; I hate theories.

– I beg your pardon. To show my penitence, will you accept a ten pound note towards your marketing, and give the poor fellows a feast?

– Thank you; but I'd rather not. They pay me rent for the oven and cooking-places at the back of the mill: and will have to pay more for the new dining-room. I don't want it to fall into a charity. I don't want donations. Once let in the principle, and I should have people going, and talking, and spoiling the simplicity of the whole thing.

– People will talk about any new plan. You can't help that.

– My enemies, if I have any, may make a philanthropic fuss about this dinner-scheme; but you are a friend, and I expect you will pay my experiment the respect of silence. It is but a new broom at present, and sweeps clean enough. But by-and-by we shall meet with plenty of stumbling-blocks, no doubt.

CHAPTER 43

MARGARET'S FLITTIN'

“The meanest thing to which we bid adieu,
Loses its meanness in the parting hour”.
Elliott

Mrs. Shaw took as vehement a dislike as it was possible for one of her gentle nature to do, against Milton. It was noisy, and smoky, and the poor people whom she saw in the streets were dirty, and the rich ladies over-dressed, and not a man that she saw, high or low, had his clothes made to fit him. She was sure Margaret would never regain her lost strength while she stayed in Milton; and she herself was afraid of one of her old attacks of the nerves. Margaret must return with her, and that quickly. This, if not the exact force of her words, was at any rate the spirit of what she urged on Margaret, till the latter, weak, weary, and broken-spirited, yielded a reluctant promise that, as soon as Wednesday was over she would prepare to accompany her aunt back to town, leaving Dixon in charge of all the arrangements for paying bills, disposing of furniture, and shutting up the house. Before that Wednesday – that mournful Wednesday, when Mr. Hale was to be interred, far away from either of the homes he had known in life, and far away from the wife who lay lonely among strangers (and this last was Margaret's great trouble, for she thought that if she had not given way to that overwhelming stupor during the first sad days, she could have arranged things otherwise) – before that Wednesday, Margaret received a letter from Mr. Bell.

MY DEAR MARGARET:

I did mean to have returned to Milton on Thursday, but unluckily it turns out to be one of the rare occasions when we, Plymouth Fellows, are called upon to perform any kind of duty, and I must not be absent from my post. Captain Lennox and Mr. Thornton are here. The former seems a smart, well-meaning man; and has proposed to go over to Milton, and assist you in any search for the will; of course there is none, or you would have found it by this time, if you followed my directions. Then the Captain declares he must take you and his mother-in-law home; and, in his wife's present state, I don't see how you can expect him to remain away longer than Friday. However, that Dixon of yours is trusty; and can hold her, or your own, till I come. I will put matters into the hands of my Milton attorney if there is no will; for I doubt this smart captain is no great man of business. Nevertheless, his moustachios are splendid. There will have to be a sale, so select what things you wish reserved. Or you can send a list afterwards. Now two things more, and I have done. You know, or if you don't, your poor father did, that you are to have my money and goods

when I die. Not that I mean to die yet; but I name this lust to explain what is coming. These Lennoxes seem very fond of you now; and perhaps may continue to be; perhaps not. So it is best to start with a formal agreement; namely, that you are to pay them two hundred and fifty pounds a year; as long as you and they find it pleasant to live together. (This, of course, includes Dixon; mind you don't be cajoled into paying any more for her.) Then you won't be thrown adrift, if some day the captain wishes to have his house to himself, but you can carry yourself and your two hundred and fifty pounds off somewhere else; if, indeed, I have not claimed you to come and keep house for me first. Then as to dress, and Dixon, and personal expenses, and confectionery (all young ladies eat confectionery till wisdom comes by age), I shall consult some lady of my acquaintance, and see how much you will have from your father before fixing this. Now, Margaret, have you flown out before you have read this far, and wondered what right the old man has to settle your affairs for you so cavalierly? I make no doubt you have. Yet the old man has a right. He has loved your father for five and thirty years; he stood beside him on his wedding-day; he closed his eyes in death. Moreover, he is your godfather; and as he cannot do you much good spiritually, having a hidden consciousness of your superiority in such things, he would fain do you the poor good of endowing you materially. And the old man has not a known relation on earth; "who is there to mourn for Adam Bell?" and his whole heart is set and bent upon this one thing, and Margaret Hale is not the girl to say him nay. Write by return, if only two lines, to tell me your answer. But no thanks.

Margaret took up a pen and scrawled with trembling hand – Margaret Hale is not the girl to say him nay. In her weak state she could not think of any other words, and yet she was vexed to use these. But she was so much fatigued even by this slight exertion, that if she could have thought of another form of acceptance, she could not have sat up to write a syllable of it. She was obliged to lie down again, and try not to think

– My dearest child! Has that letter vexed or troubled you?

– No! said Margaret feebly. – I shall be better when tomorrow is over.

– I feel sure, darling, you won't be better till I get you out of this horrid air. How you can have borne it this two years I can't imagine.

– Where could I go to? I could not leave papa and mamma.

– Well! don't distress yourself, my dear. I dare say it was all for the best, only I had no conception of how you were living. Our butler's wife lives in a better house than this.

– It is sometimes very pretty – in summer; you can't judge by what it is now. I have been very happy here, and Margaret closed her eyes by way of stopping the conversation.

The house teemed with comfort now, compared to what it had done. The evenings were chilly, and by Mrs. Shaw's directions fires were lighted in every bedroom. She petted Margaret in every possible way, and bought every delicacy, or soft luxury in which she herself would have burrowed and sought comfort. But Margaret was indifferent to all these things; or, if they forced themselves upon her attention, it was simply as causes for gratitude to her aunt, who was putting herself so much out of her way to think of her. She was restless, though so weak. All the day long, she kept herself from thinking of the ceremony which was going on at Oxford, by wandering from room to room, and languidly setting aside such articles as she wished to retain. Dixon followed her by Mrs. Shaw's desire, ostensibly to receive instructions, but with a private injunction to soothe her into repose as soon as might be.

— These books, Dixon, I will keep. All the rest will you send to Mr. Bell? They are of a kind that he will value for themselves, as well as for papa's sake. This...I should like you to take this to Mr. Thornton, after I am gone. Stay; I will write a note with it. And she sat down hastily, as if afraid of thinking, and wrote:

DEAR SIR,

The accompanying book I am sure will be valued by you for the sake of my father, to whom it belonged.

Yours sincerely,

MARGARET HALE.

She set out again upon her travels through the house, turning over articles, known to her from her childhood, with a sort of caressing reluctance to leave them — old-fashioned, worn and shabby, as they might be. But she hardly spoke again; and Dixon's report to Mrs. Shaw was, that — she doubted whether Miss Hale heard a word of what she said, though she talked the whole time, in order to divert her attention. The consequence of being on her feet all day was excessive bodily weariness in the evening, and a better night's rest than she had had since she had heard of Mr. Hale's death.

At breakfast time the next day, she expressed her wish to go and bid one or two friends good-bye. Mrs. Shaw objected:

— I am sure, my dear, you can have no friends here with whom you are sufficiently intimate to justify you in calling upon them so soon; before you have been at church.

— But today is my only day; if Captain Lennox comes this afternoon, and if we must — if I must really go tomorrow...

— Oh, yes; we shall go tomorrow. I am more and more convinced that

this air is bad for you, and makes you look so pale and ill; besides, Edith expects us; and she may be waiting me; and you cannot be left alone, my dear, at your age. No; if you must pay these calls, I will go with you. Dixon can get us a coach, I suppose?

So Mrs. Shaw went to take care of Margaret, and took her maid with her to, take care of the shawls and air-cushions. Margaret's face was too sad to lighten up into a smile at all this preparation for paying two visits, that she had often made by herself at all hours of the day. She was half afraid of owning that one place to which she was going was Nicholas Higgins'; all she could do was to hope her aunt would be indisposed to get out of the coach, and walk up the court, and at every breath of wind have her face slapped by wet clothes, hanging out to dry on ropes stretched from house to house.

There was a little battle in Mrs. Shaw's mind between ease and a sense of matronly propriety; but the former gained the day; and with many an injunction to Margaret to be careful of herself, and not to catch any fever, such as was always lurking in such places, her aunt permitted her to go where she had often been before without taking any precaution or requiring any permission.

Nicholas was out; only Mary and one or two of the Boucher children at home. Margaret was vexed with herself for not having timed her visit better. Mary had a very blunt intellect, although her feelings were warm and kind; and the instant she understood what Margaret's purpose was in coming to see them, she began to cry and sob with so little restraint that Margaret found it useless to say any of the thousand little things which had suggested themselves to her as she was coming along in the coach. She could only try to comfort her a little by suggesting the vague chance of their meeting again, at some possible time, in some possible place, and bid her tell her father how much she wished, if he could manage it, that he should come to see her when he had done his work in the evening.

As she was leaving the place, she stopped and looked round; then hesitated a little before she said:

– I should like to have some little thing to remind me of Bessy.

Instantly Mary's generosity was keenly alive. What could they give? And on Margaret's singling out a little common drinking-cup, which she remembered as the one always standing by Bessy's side with drink for her feverish lips, Mary said:

– Oh, take summut better; that only cost fourpence!

– That will do, thank you, said Margaret; and she went quickly away, while the light caused by the pleasure of having something to give yet lingered on Mary's face.

– Now to Mrs. Thornton's, thought she to herself. – It must be done. But she looked rather rigid and pale at the thought of it, and had hard work to find the exact words in which to explain to her aunt who Mrs. Thornton was, and why she

should go to bid her farewell.

They (for Mrs. Shaw alighted here) were shown into the drawing-room, in which a fire had only just been kindled. Mrs. Shaw huddled herself up in her shawl, and shivered.

– What an icy room! she said.

They had to wait for some time before Mrs. Thornton entered. There was some softening in her heart towards Margaret, now that she was going away out of her sight. She remembered her spirit, as shown at various times and places even more than the patience with which she had endured long and wearing cares. Her countenance was blander than usual, as she greeted her; there was even a shade of tenderness in her manner, as she noticed the white, tear-swollen face, and the quiver in the voice which Margaret tried to make so steady.

– Allow me to introduce my aunt, Mrs. Shaw. I am going away from Milton tomorrow; I do not know if you are aware of it; but I wanted to see you once again, Mrs. Thornton, to – to apologise for my manner the last time I saw you; and to say that I am sure you meant kindly – however much we may have misunderstood each other.

Mrs. Shaw looked extremely perplexed by what Margaret had said. Thanks for kindness! and apologies for failure in good manners! But Mrs. Thornton replied:

– Miss Hale, I am glad you do me justice. I did no more than I believed to be my duty in remonstrating with you as I did. I have always desired to act the part of a friend to you. I am glad you do me justice.

– And, said Margaret, blushing excessively as she spoke – will you do me justice, and believe that though I cannot – I do not choose – to give explanations of my conduct, I have not acted in the unbecoming way you apprehended?

Margaret's voice was so soft, and her eyes so pleading, that Mrs. Thornton was for once affected by the charm of manner to which she had hitherto proved herself invulnerable.

– Yes, I do believe you. Let us say no more about it. Where are you going to reside, Miss Hale? I understood from Mr. Bell that you were going to leave Milton. You never liked Milton, you know, said Mrs. Thornton, with a sort of grim smile; – but for all that, you must not expect me to congratulate you on quitting it. Where shall you live?

– With my aunt, replied Margaret, turning towards Mrs. Shaw.

– My niece will reside with me in Harley Street. She is almost like a daughter to me, said Mrs. Shaw, looking fondly at Margaret; – and I am glad to acknowledge my own obligation for any kindness that has been shown to her. If you and your husband ever come to town, my son and daughter, Captain and

Mrs. Lennox, will, I am sure, join with me in wishing to do anything in our power to show you attention.

Mrs. Thornton thought in her own mind, that Margaret had not taken much care to enlighten her aunt as to the relationship between the Mr. and Mrs. Thornton, towards whom the fine-lady aunt was extending her soft patronage; so she answered shortly,

– My husband is dead. Mr. Thornton is my son. I never go to London; so I am not likely to be able to avail myself of your polite offers.

At this instant Mr. Thornton entered the room; he had only just returned from Oxford. His mourning suit spoke of the reason that had called him there.

– John, said his mother – this lady is Mrs. Shaw, Miss Hale's aunt. I am sorry to say, that Miss Hale's call is to wish us good-bye.

– You are going then! said he, in a low voice.

– Yes, said Margaret. – We leave tomorrow.

– My son-in-law comes this evening to escort us, said Mrs. Shaw.

Mr. Thornton turned away. He had not sat down, and now he seemed to be examining something on the table, almost as if he had discovered an unopened letter, which had made him forget the present company. He did not even seem to be aware when they got up to take leave. He started forwards, however, to hand Mrs. Shaw down to the carriage. As it drove up, he and Margaret stood close together on the door-step, and it was impossible but that the recollection of the day of the riot should force itself into both their minds. Into his it came associated with the speeches of the following day; her passionate declaration that there was not a man in all that violent and desperate crowd, for whom she did not care as much as for him. And at the remembrance of her taunting words, his brow grew stern, though his heart beat thick with longing love. – No! said he – I put it to the touch once, and I lost it all. Let her go – with her stony heart, and her beauty; – how set and terrible her look is now, for all her loveliness of feature! She is afraid I shall speak what will require some stern repression. Let her go. Beauty and heiress as she may be, she will find it hard to meet with a truer heart than mine. Let her go!

And there was no tone of regret, or emotion of any kind in the voice with which he said good-bye; and the offered hand was taken with a resolute calmness, and dropped as carelessly as if it had been a dead and withered flower. But none in his household saw Mr. Thornton again that day. He was busily engaged; or so he said.

Margaret's strength was so utterly exhausted by these visits, that she had to submit to much watching, and petting, and sighing 'I-told-you-so's,' from her aunt. Dixon said she was quite as bad as she had been on the first day she heard of her father's death; and she and Mrs. Shaw consulted as to the desirableness of delaying the morrow's journey. But when her aunt reluctantly proposed a few

days' delay to Margaret, the latter writhed her body as if in acute suffering, and said:

– Oh! let us go. I cannot be patient here. I shall not get well here. I want to forget.

So the arrangements went on; and Captain Lennox came, and with him news of Edith and the little boy; and Margaret found that the indifferent, careless conversation of one who, however kind, was not too warm and anxious a sympathiser, did her good. She roused up; and by the time that she knew she might expect Higgins, she was able to leave the room quietly, and await in her own chamber the expected summons.

– Eh! said he, as she came in, 'to think of th' oud gentleman dropping off as he did! Yo' might ha' knocked me down wi' a straw when they telled me. "Mr. Hale?" said I; "him as was th' parson?" "Ay," said they. "Then," said I, "there's as good a man gone as ever lived on this earth, let who will be t' other!" And I came to see yo', and tell yo' how grieved I were, but them women in th' kitchen wouldn't tell yo' I were there. They said yo' were ill – and butter me, but yo' dunnot look like th' same wench. And yo're going to be a grand lady up i' Lunnon, aren't yo'?

– Not a grand lady, said Margaret, half smiling.

– Well! Thornton said – says he, a day or two ago, "Higgins, have yo' seen Miss Hale?" "No", says I; "there's a pack o' women who won't let me at her. But I can bide my time, if she's ill. She and I knows each other pretty well; and hoo'l not go doubting that I'm main sorry for th' oud gentleman's death, just because I can't get at her and tell her so". And says he, "Yo'll not have much time for to try and see her, my fine chap. She's not for staying with us a day longer nor she can help. She's got grand relations, and they're carrying her off; and we sha'n't see her no more". "Measter", said I, "if I dunnot see her afore hoo goes, I'll strive to get up to Lunnun next Whissuntide, that I will. I'll not be baulked of saying her good-bye by any relations whatsomdever". But, bless yo', I knowed yo'd come. It were only for to humour the measter, I let on as if I thought yo'd mappen leave Milton without seeing me.

– You're quite right, said Margaret. – You only do me justice. And you'll not forget me, I'm sure. If no one else in Milton remembers me, I'm certain you will; and papa too. You know how good and how tender he was. Look, Higgins! here is his bible. I have kept it for you. I can ill spare it; but I know he would have liked you to have it. I'm sure you'll care for it, and study what is In it, for his sake.

– Yo' may say that. If it were the deuce's own scribble, and yo' axed me to read in it for yo'r sake, and th' oud gentleman's, I'd do it. Whatten's this, wench? I'm not going for to take yo'r brass, so dunnot think it. We've been great friends, 'bout the sound o' money passing between us.

– For the children – for Boucher's children, said Margaret, hurriedly. – They may need it. You've no right to refuse it for them. I would not give you a

penny, she said, smiling; – don't think there's any of it for you.

– Well, wench! I can nobbut say, Bless yo'! and bless yo'! – and amen.

CHAPTER 44
EASE NOT PEACE

“A dull rotation, never at a stay,
Yesterday’s face twin image of today”.
Cowper

“Of what each one should be, he sees the form and rule,
And till he reach to that, his joy can ne’er be full”.
Ruckert

It was very well for Margaret that the extreme quiet of the Harley Street house, during Edith’s recovery from her confinement, gave her the natural rest which she needed. It gave her time to comprehend the sudden change which had taken place in her circumstances within the last two months. She found herself at once an inmate of a luxurious house, where the bare knowledge of the existence of every trouble or care seemed scarcely to have penetrated. The wheels of the machinery of daily life were well oiled, and went along with delicious smoothness. Mrs. Shaw and Edith could hardly make enough of Margaret, on her return to what they persisted in calling her home. And she felt that it was almost ungrateful in her to have a secret feeling that the Helstone vicarage – nay, even the poor little house at Milton, with her anxious father and her invalid mother, and all the small household cares of comparative poverty, composed her idea of home. Edith was impatient to get well, in order to fill Margaret’s bed-room with all the soft comforts, and pretty nick-knacks, with which her own abounded. Mrs. Shaw and her maid found plenty of occupation in restoring Margaret’s wardrobe to a state of elegant variety. Captain Lennox was easy, kind, and gentlemanly; sate with his wife in her dressing-room an hour or two every day; played with his little boy for another hour, and lounged away the rest of his time at his club, when he was not engaged out to dinner. Just before Margaret had recovered from her necessity for quiet and repose – before she had begun to feel her life wanting and dull – Edith came down-stairs and resumed her usual part in the household; and Margaret fell into the old habit of watching, and admiring, and ministering to her cousin. She gladly took all charge of the semblances of duties off Edith’s hands; answered notes, reminded her of engagements, tended her when no gaiety was in prospect, and she was consequently rather inclined to fancy herself ill. But all the rest of the family were in the full business of the London season, and Margaret was often left alone. Then her thoughts went back to Milton, with a strange sense of the contrast between the life there, and here. She was getting surfeited of the eventless ease in which no struggle or endeavour was required. She was afraid lest she should even become sleepily deadened into forgetfulness of anything beyond the life which was lapping her round with luxury. There might be toilers

and moilers there in London, but she never saw them; the very servants lived in an underground world of their own, of which she knew neither the hopes nor the fears; they only seemed to start into existence when some want or whim of their master and mistress needed them. There was a strange unsatisfied vacuum in Margaret's heart and mode of life; and, once when she had dimly hinted this to Edith, the latter, wearied with dancing the night before, languidly stroked Margaret's cheek as she sat by her in the old attitude – she on a footstool by the sofa where Edith lay.

– Poor child! said Edith. – It is a little sad for you to be left, night after night, just at this time when all the world is so gay. But we shall be having our dinner-parties soon – as soon as Henry comes back from circuit – and then there will be a little pleasant variety for you. No wonder it is moped, poor darling!

Margaret did not feel as if the dinner-parties would be a panacea. But Edith piqued herself on her dinner-parties; 'so different,' as she said, 'from the old dowager dinners under mamma's regime;' and Mrs. Shaw herself seemed to take exactly the same kind of pleasure in the very different arrangements and circle of acquaintances which were to Captain and Mrs. Lennox's taste, as she did in the more formal and ponderous entertainments which she herself used to give. Captain Lennox was always extremely kind and brotherly to Margaret. She was really very fond of him, excepting when he was anxiously attentive to Edith's dress and appearance, with a view to her beauty making a sufficient impression on the world. Then all the latent Vashti in Margaret was roused, and she could hardly keep herself from expressing her feelings.

The course of Margaret's day was this; a quiet hour or two before a late breakfast; an unpunctual meal, lazily eaten by weary and half-awake people, but yet at which, in all its dragged-out length, she was expected to be present, because, directly afterwards, came a discussion of plans, at which, although they none of them concerned her, she was expected to give her sympathy, if she could not assist with her advice; an endless number of notes to write, which Edith invariably left to her, with many caressing compliments as to her eloquence du billet; a little play with Sholto as he returned from his morning's walk besides the care of the children during the servants' dinner; a drive or callers; and some dinner or morning engagement for her aunt and cousins, which left Margaret free, it is true, but rather wearied with the inactivity of the day, coming upon depressed spirits and delicate health.

She looked forward with longing, though unspoken interest to the homely object of Dixon's return from Milton; where, until now, the old servant had been busily engaged in winding up all the affairs of the Hale family. It had appeared a sudden famine to her heart, this entire cessation of any news respecting the people amongst whom she had lived so long. It was true, that Dixon, in her business-letters, quoted, every now and then, an opinion of Mr. Thornton's as to what she had better do about the furniture, or how act in regard to the landlord of the Crampton Terrace house. But it was only here and there that the name came in, or any Milton name, indeed; and Margaret was sitting one evening, all alone in

the Lennoxes's drawing-room, not reading Dixon's letters, which yet she held in her hand, but thinking over them, and recalling the days which had been, and picturing the busy life out of which her own had been taken and never missed; wondering if all went on in that whirl just as if she and her father had never been; questioning within herself, if no one in all the crowd missed her, (not Higgins, she was not thinking of him,) when, suddenly, Mr. Bell was announced; and Margaret hurried the letters into her work-basket, and started up, blushing as if she had been doing some guilty thing.

– Oh, Mr. Bell! I never thought of seeing you!

– But you give me a welcome, I hope, as well as that very pretty start of surprise.

– Have you dined? How did you come? Let me order you some dinner.

– If you're going to have any. Otherwise, you know, there is no one who cares less for eating than I do. But where are the others? Gone out to dinner? Left you alone?

– Oh yes! and it is such a rest. I was just thinking – But will you run the risk of dinner? I don't know if there is anything in the house.

– Why, to tell you the truth, I dined at my club. Only they don't cook as well as they did, so I thought, if you were going to dine, I might try and make out my dinner. But never mind, never mind! There aren't ten cooks in England to be trusted at impromptu dinners. If their skill and their fires will stand it, their tempers won't. You shall make me some tea, Margaret. And now, what were you thinking of? you were going to tell me. Whose letters were those, god-daughter, that you hid away so speedily?

– Only Dixon's, replied Margaret, growing very red.

– Whew! is that all? Who do you think came up in the train with me?

– I don't know, said Margaret, resolved against making a guess.

– Your what d'ye call him? What's the right name for a cousin-in-law's brother?

– Mr. Henry Lennox? asked Margaret.

– Yes, replied Mr. Bell. – You knew him formerly, didn't you? What sort of a person is he, Margaret?

– I liked him long ago, said Margaret, glancing down for a moment. And then she looked straight up and went on in her natural manner. – You know we have been corresponding about Frederick since; but I have not seen him for nearly three years, and he may be changed. What did you think of him?

– I don't know. He was so busy trying to find out who I was, in the first instance, and what I was in the second, that he never let out what he was; unless indeed that veiled curiosity of his as to what manner of man he had to talk to was

not a good piece, and a fair indication of his character. Do you call him good looking, Margaret?

– No! certainly not. Do you?

– Not I. But I thought, perhaps, you might. Is he a great deal here?

– I fancy he is when he is in town. He has been on circuit now since I came. But – Mr. Bell – have you come from Oxford or from Milton?

– From Milton. Don't you see I'm smoke-dried?

– Certainly. But I thought that it might be the effect of the antiquities of Oxford.

– Come now, be a sensible woman! In Oxford, I could have managed all the landlords in the place, and had my own way, with half the trouble your Milton landlord has given me, and defeated me after all. He won't take the house off our hands till next June twelvemonth. Luckily, Mr. Thornton found a tenant for it. Why don't you ask after Mr. Thornton, Margaret? He has proved himself a very active friend of yours, I can tell you. Taken more than half the trouble off my hands.

– And how is he? How is Mrs. Thornton? asked Margaret hurriedly and below her breath, though she tried to speak out.

– I suppose they're well. I've been staying at their house till I was driven out of it by the perpetual clack about that Thornton girl's marriage. It was too much for Thornton himself, though she was his sister. He used to go and sit in his own room perpetually. He's getting past the age for caring for such things, either as principal or accessory. I was surprised to find the old lady falling into the current, and carried away by her daughter's enthusiasm for orange-blossoms and lace. I thought Mrs. Thornton had been made of sterner stuff.

– She would put on any assumption of feeling to veil her daughter's weakness,' said Margaret in a low voice.

– Perhaps so. You've studied her, have you? She doesn't seem over fond of you, Margaret.

– I know it, said Margaret. – Oh, here is tea at last! exclaimed she, as if relieved. And with tea came Mr. Henry Lennox, who had walked up to Harley Street after a late dinner, and had evidently expected to find his brother and sister-in-law at home. Margaret suspected him of being as thankful as she was at the presence of a third party, on this their first meeting since the memorable day of his offer, and her refusal at Helstone. She could hardly tell what to say at first, and was thankful for all the tea-table occupations, which gave her an excuse for keeping silence, and him an opportunity of recovering himself. For, to tell the truth, he had rather forced himself up to Harley Street this evening, with a view of getting over an awkward meeting, awkward even in the presence of Captain Lennox and Edith, and doubly awkward now that he found her the only lady there, and the person to whom he must naturally and perforce address a great

part of his conversation. She was the first to recover her self-possession. She began to talk on the subject which came uppermost in her mind, after the first flush of awkward shyness.

– Mr. Lennox, I have been so much obliged to you for all you have done about Frederick

– I am only sorry it has been so unsuccessful, replied he, with a quick glance towards Mr. Bell, as if reconnoitring how much he might say before him. Margaret, as if she read his thought, addressed herself to Mr. Bell, both including him in the conversation, and implying that he was perfectly aware of the endeavours that had been made to clear Frederick.

– That Horrocks – that very last witness of all, has proved as unavailing as all the others. Mr. Lennox has discovered that he sailed for Australia only last August; only two months before Frederick was in England, and gave us the names of...

– Frederick in England! you never told me that! exclaimed Mr. Bell in surprise.

– I thought you knew. I never doubted you had been told. Of course, it was a great secret, and perhaps I should not have named it now, said Margaret, a little dismayed.

– I have never named it to either my brother or your cousin, said Mr. Lennox, with a little professional dryness of implied reproach.

– Never mind, Margaret. I am not living in a talking, babbling world, nor yet among people who are trying to worm facts out of me; you needn't look so frightened because you have let the cat out of the bag to a faithful old herm it like me. I shall never name his having been in England; I shall be out of temptation, for no one will ask me. Stay! (interrupting himself rather abruptly) – was it at your mother's funeral?

– He was with mamma when she died, said Margaret, softly.

– To be sure! To be sure! Why, some one asked me if he had not been over then, and I denied it stoutly – not many weeks ago – who could it have been? Oh! I recollect!

But he did not say the name; and although Margaret would have given much to know if her suspicions were right, and it had been Mr. Thornton who had made the enquiry, she could not ask the question of Mr. Bell, much as she longed to do so.

There was a pause for a moment or two. Then Mr. Lennox said, addressing himself to Margaret – I suppose as Mr. Bell is now acquainted with all the circumstances attending your brother's unfortunate dilemma, I cannot do better than inform him exactly how the research into the evidence we once hoped to produce in his favour stands at present. So, if he will do me the honour to

breakfast with me tomorrow, we will go over the names of these missing gentry.

– I should like to hear all the particulars, if I may. Cannot you come here? I dare not ask you both to breakfast, though I am sure you would be welcome. But let me know all I can about Frederick, even though there may be no hope at present.

– I have an engagement at half-past eleven. But I will certainly come if you wish it, replied Mr. Lennox, with a little afterthought of extreme willingness, which made Margaret shrink into herself, and almost wish that she had not proposed her natural request. Mr. Bell got up and looked around him for his hat, which had been removed to make room for tea.

– Well! said he – I don't know what Mr. Lennox is inclined to do, but I'm disposed to be moving off homewards. I've been a journey today, and journeys begin to tell upon my sixty and odd years.

– I believe I shall stay and see my brother and sister, said Mr. Lennox, making no movement of departure. Margaret was seized with a shy awkward dread of being left alone with him. The scene on the little terrace in the Helstone garden was so present to her, that she could hardly help believing it was so with him.

– Don't go yet, please, Mr. Bell, said she, hastily. – I want you to see Edith; and I want Edith to know you. Please! said she, laying a light but determined hand on his arm. He looked at her, and saw the confusion stirring in her countenance; he sat down again, as if her little touch had been possessed of resistless strength.

– You see how she overpowers me, Mr. Lennox, said he. – And I hope you noticed the happy choice of her expressions; she wants me to “see” this cousin Edith, who, I am told, is a great beauty; but she has the honesty to change her word when she comes to me – Mrs. Lennox is to “know” me. I suppose I am not much to “see” eh, Margaret?

He joked, to give her time to recover from the slight flutter which he had detected in her manner on his proposal to leave; and she caught the tone, and threw the ball back. Mr. Lennox wondered how his brother, the Captain, could have reported her as having lost all her good looks. To be sure, in her quiet black dress, she was a contrast to Edith, dancing in her white crape mourning, and long floating golden hair, all softness and glitter. She dimpled and blushed most becomingly when introduced to Mr. Bell, conscious that she had her reputation as a beauty to keep up, and that it would not do to have a Mordecai refusing to worship and admire, even in the shape of an old Fellow of a College, which nobody had ever heard of. Mrs. Shaw and Captain Lennox, each in their separate way, gave Mr. Bell a kind and sincere welcome, winning him over to like them almost in spite of himself, especially when he saw how naturally Margaret took her place as sister and daughter of the house.

– What a shame that we were not at home to receive you, said Edith. –

You, too, Henry! though I don't know that we should havestayed at home for you. And for Mr. Bell! for Margaret's Mr.Bell...

– There is no knowing what sacrifices you would not have made, said her brother-in-law. – Even a dinner-party! and the delight of wearing this very becoming dress.

Edith did not know whether to frown or to smile. But it did not suit Mr. Lennox to drive her to the first of these alternatives; so he went on.

– Will you show your readiness to make sacrifices tomorrow morning, first by asking me to breakfast, to meet Mr. Bell, and secondly, by being so kind as to order it at half-past nine, instead of ten o'clock? I have some letters and papers that I want to show to Miss Hale and Mr. Bell.

– I hope Mr. Bell will make our house his own during his stay in London, said Captain Lennox. – I am only so sorry we cannot offer him a bed-room.

– Thank you. I am much obliged to you. You would only think me a churl if you had, for I should decline it, I believe, in spite of all the temptations of such agreeable company, said Mr. Bell, bowing all round, and secretly congratulating himself on the neat turn he had given to his sentence, which, if put into plain language, would have been more to this effect: – I couldn't stand the restraints of such a proper-behaved and civil-spoken set of people as these are: it would be like meat without salt. I'm thankful they haven't a bed. And how well I rounded my sentence! I am absolutely catching the trick of good manners.

His self-satisfaction lasted him till he was fairly out in the streets, walking side by side with Henry Lennox. Here he suddenly remembered Margaret's little look of entreaty as she urged him to stay longer, and he also recollected a few hints given him long ago by an acquaintance of Mr. Lennox's, as to his admiration of Margaret. It gave a new direction to his thoughts. – You have known Miss Hale for a long time, I believe. How do you think her looking? She strikes me as pale and ill.

– I thought her looking remarkably well. Perhaps not when I first came in – now I think of it. But certainly, when she grew animated, she looked as well as ever I saw her do.

– She has had a great deal to go through, said Mr. Bell.

– Yes! I have been sorry to hear of all she has had to bear; not merely the common and universal sorrow arising from death, but all the annoyance which her father's conduct must have caused her, and then...

– Her father's conduct! said Mr. Bell, in an accent of surprise. – You must have heard some wrong statement. He behaved in the most conscientious manner. He showed more resolute strength than I should ever have given him credit for formerly.

– Perhaps I have been wrongly informed. But I have been told, by his

successor in the living – a clever, sensible man, and a thoroughly active clergy man – that there was no call upon Mr. Hale to do what he did, relinquish the living, and throw himself and his family on the tender mercies of private teaching in a manufacturing town; the bishop had offered him another living, it is true, but if he had come to entertain certain doubts, he could have remained where he was, and so had no occasion to resign. But the truth is, these country clergymen live such isolated lives – isolated, I mean, from all intercourse with men of equal cultivation with themselves, by whose minds they might regulate their own, and discover when they were going either too fast or too slow – that they are very apt to disturb themselves with imaginary doubts as to the articles of faith, and throw up certain opportunities of doing good for very uncertain fancies of their own.

– I differ from you. I do not think they are very apt to do as my poor friend Hale did. Mr. Bell was inwardly chafing.

– Perhaps I used too general an expression, in saying “very apt”. But certainly, their lives are such as very often to produce either inordinate self-sufficiency, or a morbid state of conscience, replied Mr. Lennox with perfect coolness.

– You don’t meet with any self-sufficiency among the lawyers, for instance? asked Mr. Bell. – And seldom, I imagine, any cases of morbid conscience. He was becoming more and more vexed, and forgetting his lately-caught trick of good manners. Mr. Lennox saw now that he had annoyed his companion; and as he had talked pretty much for the sake of saying something, and so passing the time while their road lay together, he was very indifferent as to the exact side he took upon the question, and quietly came round by saying: – To be sure, there is something fine in a man of Mr. Hale’s age leaving his home of twenty years, and giving up all settled habits, for an idea which was probably erroneous – but that does not matter – an untangible thought. One cannot help admiring him, with a mixture of pity in one’s admiration, something like what one feels for Don Quixote. Such a gentleman as he was too! I shall never forget the refined and simple hospitality he showed to me that last day at Helstone.

Only half mollified, and yet anxious, in order to lull certain qualms of his own conscience, to believe that Mr. Hale’s conduct had a tinge of Quixotism in it, Mr. Bell growled out – Aye! And you don’t know Milton. Such a change from Helstone! It is years since I have been at Helstone – but I’ll answer for it, it is standing there yet – every stick and every stone as it has done for the last century, while Milton! I go there every four or five years – and I was born there – yet I do assure you, I often lose my way – aye, among the very piles of warehouses that are built upon my father’s orchard. Do we part here? Well, good night, sir; I suppose we shall meet in Harley Street tomorrow morning.

CHAPTER 45
NOT ALL A DREAM

“Where are the sounds that swam along
The buoyant air when I was young?
The last vibration now is o'er,
And they who listened are no more;
Ah! let me close my eyes and dream”.

W. S. Landor

The idea of Helstone had been suggested to Mr. Bell's waking mind by his conversation with Mr. Lennox, and all night long it ran riot through his dreams. He was again the tutor in the college where he now held the rank of Fellow; it was again a long vacation, and he was staying with his newly married friend, the proud husband, and happy Vicar of Helstone. Over babbling brooks they took impossible leaps, which seemed to keep them whole days suspended in the air. Time and space were not, though all other things seemed real. Every event was measured by the emotions of the mind, not by its actual existence, for existence it had none. But the trees were gorgeous in their autumnal leafiness – the warm odours of flower and herb came sweet upon the sense – the young wife moved about her house with just that mixture of annoyance at her position, as regarded wealth, with pride in her handsome and devoted husband, which Mr. Bell had noticed in real life a quarter of a century ago. The dream was so like life that, when he awoke, his present life seemed like a dream. Where was he? In the close, handsomely furnished room of a London hotel! Where were those who spoke to him, moved around him, touched him, not an instant ago? Dead! buried! lost for evermore, as far as earth's for evermore would extend. He was an old man, so lately exultant in the full strength of manhood. The utter loneliness of his life was insupportable to think about. He got up hastily, and tried to forget what never more might be, in a hurried dressing for the breakfast in Harley Street.

He could not attend to all the lawyer's details, which, as he saw, made Margaret's eyes dilate, and her lips grow pale, as one by one fate decreed, or so it seemed, every morsel of evidence which would exonerate Frederick should fall from beneath her feet and disappear. Even Mr. Lennox's well-regulated professional voice took a softer, tenderer tone, as he drew near to the extinction of the last hope. It was not that Margaret had not been perfectly aware of the result before. It was only that the details of each successive disappointment came with such relentless minuteness to quench all hope, that she at last fairly gave way to tears. Mr. Lennox stopped reading.

– I had better not go on, said he, in a concerned voice. – It was a foolish proposal of mine. Lieutenant Hale, and even this giving him the title of the service

from which he had so harshly been expelled, was soothing to Margaret, Lieutenant Hale is happy now; more secure in fortune and future prospects than he could ever have been in the navy; and has, doubtless, adopted his wife's country as his own.

– That is it, said Margaret. – It seems so selfish in me to regret it, trying to smile, and yet he is lost to me, and I am so lonely. Mr. Lennox turned over his papers, and wished that he were as rich and prosperous as he believed he should be some day. Mr. Bell blew his nose, but, otherwise, he also kept silence; and Margaret, in a minute or two, had apparently recovered her usual composure. She thanked Mr. Lennox very courteously for his trouble; all the more courteously and graciously because she was conscious that, by her behaviour, he might have probably been led to imagine that he had given her needless pain. Yet it was pain she would not have been without.

Mr. Bell came up to wish her good-bye.

– Margaret! said he, as he fumbled with his gloves. I am going down to Helstone tomorrow, to look at the old place. Would you like to come with me? Or would it give you too much pain? Speak out, don't be afraid.

– Oh, Mr. Bell, said she – and could say no more. But she took his old gouty hand, and kissed it.

– Come, come; that's enough, said he, reddening with awkwardness. – I suppose your aunt Shaw will trust you with me. We'll go tomorrow morning, and we shall get there about two o'clock, I fancy. We'll take a snack, and order dinner at the little inn – the Lennard Arms, it used to be – and go and get an appetite in the forest. Can you stand it, Margaret? It will be a trial, I know, to both of us, but it will be a pleasure to me, at least. And there we'll dine – it will be but doe-venison, if we can get it at all – and then I'll take my nap while you go out and see old friends. I'll give you back safe and sound, barring railway accidents, and I'll insure your life for a thousand pounds before starting, which may be some comfort to your relations; but otherwise, I'll bring you back to Mrs. Shaw by lunch-time on Friday. So, if you say yes, I'll just go up-stairs and propose it.

– It's no use my trying to say how much I shall like it, said Margaret, through her tears.

– Well, then, prove your gratitude by keeping those fountains of yours dry for the next two days. If you don't, I shall feel queer myself about the lachrymal ducts, and I don't like that.

– I won't cry a drop, said Margaret, winking her eyes to shake the tears off her eye-lashes, and forcing a smile.

– There's my good girl. Then we'll go up-stairs and settle it all. Margaret was in a state of almost trembling eagerness, while Mr. Bell discussed his plan with her aunt Shaw, who was first startled, then doubtful and perplexed, and in the end, yielding rather to the rough force of Mr. Bell's words than to her own

conviction; for to the last, whether it was right or wrong, proper or improper, she could not settle to her own satisfaction, till Margaret's safe return, the happy fulfilment of the project, gave her decision enough to say – she was sure it had been a very kind thought of Mr. Bell's, and just what she herself had been wishing for Margaret, as giving her the very change which she required, after all the anxious time she had had.

CHAPTER 46
ONCE AND NOW

“So on those happy days of yore
Oft as I dare to dwell once more,
Still must I miss the friends so tried,
Whom Death has severed from my side.
But ever when true friendship binds,
Spirit it is that spirit finds;
In spirit then our bliss we found,
In spirit yet to them I'm bound”.
Uhland

Margaret was ready long before the appointed time, and had leisure enough to cry a little, quietly, when unobserved, and to smile brightly when any one looked at her. Her last alarm was lest they should be too late and miss the train; but no! they were all in time; and she breathed freely and happily at length, seated in the carriage opposite to Mr. Bell, and whirling away past the well-known stations; seeing the old south country-towns and hamlets sleeping in the warm light of the pure sun, which gave a yet ruddier colour to their tiled roofs, so different to the cold slates of the north. Broods of pigeons hovered around these peaked quaint gables, slowly settling here and there, and ruffling their soft, shiny feathers, as if exposing every fibre to the delicious warmth. There were few people about at the stations, it almost seemed as if they were too lazily content to wish to travel; none of the bustle and stir that Margaret had noticed in her two journeys on the London and North-Western line. Later on in the year, this line of railway should be stirring and alive with rich pleasure-seekers; but as to the constant going to and fro of busy trades-people it would always be widely different from the northern lines. Here a spectator or two stood lounging at nearly every station, with his hands in his pockets, so absorbed in the simple act of watching, that it made the travellers wonder what he could find to do when the train whirled away, and only the blank of a railway, some sheds, and a distant field or two were left for him to gaze upon. The hot air danced over the golden stillness of the land, farm after farm was left behind, each reminding Margaret of German Idyls – of Herman and Dorothea – of Evangeline. From this waking dream she was roused. It was the place to leave the train and take the fly to Helstone. And now sharper feelings came shooting through her heart, whether pain or pleasure she could hardly tell. Every mile was redolent of associations, which she would not have missed for the world, but each of which made her cry upon ‘the days that are no more,’ with ineffable longing. The last time she had passed along this road was when she had left it with her father and mother – the day, the season, had been gloomy, and she herself hopeless, but they were there

with her. Now she was alone, an orphan, and they, strangely, had gone away from her, and vanished from the face of the earth. It hurt her to see the Helstone road so flooded in the sun-light, and every turn and every familiar tree so precisely the same in its summer glory as it had been in former years. Nature felt no change, and was ever young.

Mr. Bell knew something of what would be passing through her mind, and wisely and kindly held his tongue. They drove up to the Lennard Arms; half farm-house, half-inn, standing a little apart from the road, as much as to say, that the host did not so depend on the custom of travellers, as to have to court it by any obtrusiveness; they, rather, must seek him out. The house fronted the village green; and right before it stood an immemorial lime-tree benched all round, in some hidden recesses of whose leafy wealth hung the grim escutcheon of the Lennards. The door of the inn stood wide open, but there was no hospitable hurry to receive the travellers. When the landlady did appear – and they might have abstracted many an article first – she gave them a kind welcome, almost as if they had been invited guests, and apologised for her coming having been so delayed, by saying, that it was hay-time, and the provisions for the men had to be sent a-field, and she had been too busy packing up the baskets to hear the noise of wheels over the road, which, since they had left the highway, ran over soft short turf.

– Why, bless me! exclaimed she, as at the end of her apology, a glint of sunlight showed her Margaret's face, hitherto unobserved in that shady parlour. – It's Miss Hale, Jenny, said she, running to the door, and calling to her daughter. – Come here, come directly, it's Miss Hale! And then she went up to Margaret, and shook her hands with motherly fondness.

– And how are you all? How's the Vicar and Miss Dixon? The Vicar above all! God bless him! We've never ceased to be sorry that he left.

Margaret tried to speak and tell her of her father's death; of her mother's it was evident that Mrs. Purkis was aware, from her omission of her name. But she choked in the effort, and could only touch her deep mourning, and say the one word, 'Papa.'

– Surely, sir, it's never so! said Mrs. Purkis, turning to Mr. Bell for confirmation of the sad suspicion that now entered her mind. – There was a gentleman here in the spring – it might have been as long ago as last winter – who told us a deal of Mr. Hale and Miss Margaret; and he said Mrs. Hale was gone, poor lady. But never a word of the Vicar's being ailing!

– It is so, however, said Mr. Bell. – He died quite suddenly, when on a visit to me at Oxford. He was a good man, Mrs. Purkis, and there's many of us that might be thankful to have as calm an end as his. Come Margaret, my dear! Her father was my oldest friend, and she's my god-daughter, so I thought we would just come down together and see the old place; and I know of old you can give us comfortable rooms and a capital dinner. You don't remember me I see, but my name is Bell, and once or twice when the parsonage has been full, I've

slept here, and tasted your good ale.

– To be sure; I ask your pardon; but you see I was taken up with Miss Hale. Let me show you to a room, Miss Margaret, where you can take off your bonnet, and wash your face. It's only this very morning I plunged some fresh-gathered roses head downward in the water-jug, for, thought I, perhaps some one will be coming, and there's nothing so sweet as spring-water scented by a musk rose or two. To think of the Vicar being dead! Well, to be sure, we must all die; only that gentleman said, he was quite picking up after his trouble about Mrs. Hale's death.

– Come down to me, Mrs. Purkis, after you have attended to Miss Hale. I want to have a consultation with you about dinner.

The little casement window in Margaret's bed-chamber was almost filled up with rose and vine branches; but pushing them aside, and stretching a little out, she could see the tops of the parsonage chimneys above the trees; and distinguish many a well-known line through the leaves.

– Aye! said Mrs. Purkis, smoothing down the bed, and despatching Jenny for an armful of lavender-scented towels, times is changed, miss; our new Vicar has seven children, and is building a nursery ready for more, just out where the arbour and tool-house used to be in old times. And he has had new grates put in, and a plate-glass window in the drawing-room. He and his wife are stirring people, and have done a deal of good; at least they say it's doing good; if it were not, I should call it turning things upside down for very little purpose. The new Vicar is a teetotalter, miss, and a magistrate, and his wife has a deal of receipts for economical cooking, and is for making bread without yeast; and they both talk so much, and both at a time, that they knock one down as it were, and it's not till they're gone, and one's a little at peace, that one can think that there were things one might have said on one's own side of the question. He'll be after the men's cans in the hay-field, and peeping in; and then there'll be an ado because it's not ginger beer, but I can't help it. My mother and my grandmother before me sent good malt liquor to haymakers; and took salts and senna when anything ailed them; and I must e'en go on in their ways, though Mrs. Hepworth does want to give me comfits instead of medicine, which, as she says, is a deal pleasanter, only I've no faith in it. But I must go, miss, though I'm wanting to hear many a thing; I'll come back to you before long.

Mr. Bell had strawberries and cream, a loaf of brown bread, and a jug of milk, (together with a Stilton cheese and a bottle of port for his own private refreshment,) ready for Margaret on her coming down stairs; and after this rustic luncheon they set out to walk, hardly knowing in what direction to turn, so many old familiar inducements were there in each.

– Shall we go past the vicarage? asked Mr. Bell.

– No, not yet. We will go this way, and make a round so as to come back by it, replied Margaret.

Here and there old trees had been felled the autumn before; or a squatter's roughly-built and decaying cottage had disappeared. Margaret missed them each and all, and grieved over them like old friends. They came past the spot where she and Mr. Lennox had sketched. The white, lightning-scarred trunk of the venerable beech, among whose roots they had sat down was there no more; the old man, the inhabitant of the ruinous cottage, was dead; the cottage had been pulled down, and a new one, tidy and respectable, had been built in its stead. There was a small garden on the place where the beech-tree had been.

– I did not think I had been so old, said Margaret after a pause of silence; and she turned away sighing.

– Yes! said Mr. Bell. – It is the first changes among familiar things that make such a mystery of time to the young, afterwards we lose the sense of the mysterious. I take changes in all I see as a matter of course. The instability of all human things is familiar to me, to you it is new and oppressive.

– Let us go on to see little Susan, said Margaret, drawing her companion up a grassy road-way, leading under the shadow of a forest glade.

– With all my heart, though I have not an idea who little Susan may be. But I have a kindness for all Susans, for simple Susan's sake.

– My little Susan was disappointed when I left without wishing her goodbye; and it has been on my conscience ever since, that I gave her pain which a little more exertion on my part might have prevented. But it is a long way. Are you sure you will not be tired?

– Quite sure. That is, if you don't walk so fast. You see, here there are no views that can give one an excuse for stopping to take breath. You would think it romantic to be walking with a person "fat and scant o'breath" if I were Hamlet, Prince of Denmark. Have compassion on my infirmities for his sake.

– I will walk slower for your own sake. I like you twenty times better than Hamlet.

– On the principle that a living ass is better than a dead lion?

– Perhaps so. I don't analyse my feelings.

– I am content to take your liking me, without examining too curiously into the materials it is made of. Only we need not walk at a snail's pace.

– Very well. Walk at your own pace, and I will follow. Or stop still and meditate, like the Hamlet you compare yourself to, if I go too fast.

– Thank you. But as my mother has not murdered my father, and afterwards married my uncle, I shouldn't know what to think about, unless it were balancing the chances of our having a well-cooked dinner or not. What do you think?

– I am in good hopes. She used to be considered a famous cook as far as

Helstone opinion went.

– But have you considered the distraction of mind produced by all this haymaking?

Margaret felt all Mr. Bell's kindness in trying to make cheerful talk about nothing, to endeavour to prevent her from thinking too curiously about the past. But she would rather have gone over these dear-loved walks in silence, if indeed she were not ungrateful enough to wish that she might have been alone.

They reached the cottage where Susan's widowed mother lived. Susan was not there. She was gone to the parochial school. Margaret was disappointed, and the poor woman saw it, and began to make a kind of apology.

– Oh! it is quite right, said Margaret. – I am very glad to hear it. I might have thought of it. Only she used to stop at home with you.

– Yes, she did; and I miss her sadly. I used to teach her what little I knew at nights. It were not much to be sure. But she were getting such a handy girl, that I miss her sore. But she's a deal above me in learning now. And the mother sighed.

– I'm all wrong, growled Mr. Bell. – Don't mind what I say. I'm a hundred years behind the world. But I should say, that the child was getting a better and simpler, and more natural education stopping at home, and helping her mother, and learning to read a chapter in the New Testament every night by her side, than from all the schooling under the sun.

Margaret did not want to encourage him to go on by replying to him, and so prolonging the discussion before the mother. So she turned to her and asked,

– How is old Betty Barnes?

– I don't know, said the woman rather shortly. – We be not friends.

– Why not? asked Margaret, who had formerly been the peacemaker of the village.

– She stole my cat.

– Did she know it was yours?

– I don't know. I reckon not.

– Well! could not you get it back again when you told her it was yours?

– No! for she'd burnt it.

– Burnt it! exclaimed both Margaret and Mr. Bell.

– Roasted it! explained the woman.

It was no explanation. By dint of questioning, Margaret extracted from her the horrible fact that Betty Barnes, having been induced by a gypsy fortune-teller to lend the latter her husband's Sunday clothes, on promise of having them faithfully returned on the Saturday night before Goodman Barnes should have

missed them, became alarmed by their non-appearance, and her consequent dread of her husband's anger, and as, according to one of the savage country superstitions, the cries of a cat, in the agonies of being boiled or roasted alive, compelled (as it were) the powers of darkness to fulfil the wishes of the executioner, resort had been had to the charm. The poor woman evidently believed in its efficacy; her only feeling was indignation that her cat had been chosen out from all others for a sacrifice. Margaret listened in horror; and endeavoured in vain to enlighten the woman's mind; but she was obliged to give it up in despair. Step by step she got the woman to admit certain facts, of which the logical connexion and sequence was perfectly clear to Margaret; but at the end, the bewildered woman simply repeated her first assertion, namely, that 'it were very cruel for sure, and she should not like to do it; but that there were nothing like it for giving a person what they wished for; she had heard it all her life; but it were very cruel for all that.' Margaret gave it up in despair, and walked away sick at heart.

– You are a good girl not to triumph over me, said Mr. Bell.

– How? What do you mean?

– I own, I am wrong about schooling. Anything rather than have that child brought up in such practical paganism.

– Oh! I remember. Poor little Susan! I must go and see her; would you mind calling at the school?

– Not a bit. I am curious to see something of the teaching she is to receive.

They did not speak much more, but thrived their way through many a bosky dell, whose soft green influence could not charm away the shock and the pain in Margaret's heart, caused by the recital of such cruelty; a recital too, the manner of which betrayed such utter want of imagination, and therefore of any sympathy with the suffering animal.

The buzz of voices, like the murmur of a hive of busy human bees, made itself heard as soon as they emerged from the forest on the more open village-green on which the school was situated. The door was wide open, and they entered. A brisk lady in black, here, there, and every where, perceived them, and bade them welcome with somewhat of the hostess-air which, Margaret remembered, her mother was wont to assume, only in a more soft and languid manner, when any rare visitors strayed in to inspect the school. She knew at once it was the present Vicar's wife, her mother's successor; and she would have drawn back from the interview had it been possible; but in an instant she had conquered this feeling, and modestly advanced, meeting many a bright glance of recognition, and hearing many a half-suppressed murmur of 'It's Miss Hale.' The Vicar's lady heard the name, and her manner at once became more kindly. Margaret wished she could have helped feeling that it also became more patronising. The lady held out a hand to Mr. Bell, with –

– Your father, I presume, Miss Hale. I see it by the likeness. I am sure I am very glad to see you, sir, and so will the Vicar be.

Margaret explained that it was not her father, and stammered out the fact of his death; wondering all the time how Mr. Hale could have borne coming to revisit Helstone, if it had been as the Vicar's lady supposed. She did not hear what Mrs. Hepworth was saying, and left it to Mr. Bell to reply, looking round, meanwhile, for her old acquaintances.

– Ah! I see you would like to take a class, Miss Hale. I know it by myself. First class stand up for a parsing lesson with Miss Hale.

Poor Margaret, whose visit was sentimental, not in any degree inspective, felt herself taken in; but as in some way bringing her in contact with little eager faces, once well-known, and who had received the solemn rite of baptism from her father, she sat down, half losing herself in tracing out the changing features of the girls, and holding Susan's hand for a minute or two, unobserved by all, while the first class sought for their books, and the Vicar's lady went as near as a lady could towards holding Mr. Bell by the button, while she explained the Phonetic system to him, and gave him a conversation she had had with the Inspector about it.

Margaret bent over her book, and seeing nothing but that – hearing the buzz of children's voices, old times rose up, and she thought of them, and her eyes filled with tears, till all at once there was a pause – one of the girls was stumbling over the apparently simple word 'a,' uncertain what to call it.

– A, an indefinite article, said Margaret, mildly.

– I beg your pardon, said the Vicar's wife, all eyes and ears; – but we are taught by Mr. Milsome to call "a" an – who can remember?

– An adjective absolute, said half-a-dozen voices at once. And Margaret sat abashed. The children knew more than she did. Mr. Bell turned away, and smiled.

Margaret spoke no more during the lesson. But after it was over, she went quietly round to one or two old favourites, and talked to them a little. They were growing out of children into great girls; passing out of her recollection in their rapid development, as she, by her three years' absence, was vanishing from theirs. Still she was glad to have seen them all again, though a tinge of sadness mixed itself with her pleasure. When school was over for the day, it was yet early in the summer afternoon; and Mrs. Hepworth proposed to Margaret that she and Mr. Bell should accompany her to the parsonage, and see the – the word 'improvements' had half slipped out of her mouth, but she substituted the more cautious term 'alterations' which the present Vicar was making. Margaret did not care a straw about seeing the alterations, which jarred upon her fond recollection of what her home had been; but she longed to see the old place once more, even though she shivered away from the pain which she knew she should feel.

The parsonage was so altered, both inside and out, that the real pain was

less than she had anticipated. It was not like the same place. The garden, the grass-plot, formerly so daintily trim that even a stray rose-leaf seemed like a fleck on its exquisite arrangement and propriety, was strewn with children's things; a bag of marbles here, a hoop there; a straw-hat forced down upon a rose-tree as on a peg, to the destruction of a long beautiful tender branch laden with flowers, which in former days would have been trained up tenderly, as if beloved. The little square matted hall was equally filled with signs of merry healthy rough childhood.

— Ah! said Mrs. Hepworth — you must excuse this untidiness, Miss Hale. When the nursery is finished, I shall insist upon a little order. We are building a nursery out of your room, I believe. How did you manage, Miss Hale, without a nursery?

— We were but two, said Margaret. — You have many children, I presume?

— Seven. Look here! we are throwing out a window to the road on this side. Mr. Hepworth is spending an immense deal of money on this house; but really it was scarcely habitable when we came — for so large a family as ours I mean, of course. Every room in the house was changed, besides the one of which Mrs. Hepworth spoke, which had been Mr. Hale's study formerly; and where the green gloom and delicious quiet of the place had conduced, as he had said, to a habit of meditation, but, perhaps, in some degree to the formation of a character more fitted for thought than action. The new window gave a view of the road, and had many advantages, as Mrs. Hepworth pointed out. From it the wandering sheep of her husband's flock might be seen, who straggled to the tempting beer-house, unobserved as they might hope, but not unobserved in reality; for the active Vicar kept his eye on the road, even during the composition of his most orthodox sermons, and had a hat and stick hanging ready at hand to seize, before sallying out after his parishioners, who had need of quick legs if they could take refuge in the 'Jolly Forester' before the teetotal Vicar had arrested them. The whole family were quick, brisk, loud-talking, kind-hearted, and not troubled with much delicacy of perception. Margaret feared that Mrs. Hepworth would find out that Mr. Bell was playing upon her, in the admiration he thought fit to express for everything that especially grated on his taste. But no! she took it all literally, and with such good faith, that Margaret could not help remonstrating with him as they walked slowly away from the parsonage back to their inn.

— Don't scold, Margaret. It was all because of you. If she had not shown you every change with such evident exultation in their superior sense, in perceiving what an improvement this and that would be, I could have behaved well. But if you must go on preaching, keep it till after dinner, when it will send me to sleep, and help my digestion.

They were both of them tired, and Margaret herself so much so, that she was unwilling to go out as she had proposed to do, and have another ramble among the woods and fields so close to the home of her childhood. And,

somehow, this visit to Helstone had not been all – had not been exactly what she had expected. There was change everywhere; slight, yet pervading all. Households were changed by absence, or death, or marriage, or the natural mutations brought by days and months and years, which carry us on imperceptibly from childhood to youth, and thence through manhood to age, whence we drop like fruit, fully ripe, into the quiet mother earth. Places were changed – a tree gone here, a bough there, bringing in a long ray of light where no light was before – a road was trimmed and narrowed, and the green straggling pathway by its side enclosed and cultivated. A great improvement it was called; but Margaret sighed over the old picturesqueness, the old gloom, and the grassy wayside of former days. She sat by the window on the little settle, sadly gazing out upon the gathering shades of night, which harmonised well with her pensive thought. Mr. Bell slept soundly, after his unusual exercise through the day. At last he was roused by the entrance of the tea-tray, brought in by a flushed-looking country-girl, who had evidently been finding some variety from her usual occupation of waiter, in assisting this day in the hay field.

– Hallo! Who's there! Where are we? Who's that – Margaret? Oh, now I remember all. I could not imagine what woman was sitting there in such a doleful attitude, with her hands clasped straight out upon her knees, and her face looking so steadfastly before her. What were you looking at? asked Mr. Bell, coming to the window, and standing behind Margaret.

– Nothing, said she, rising up quickly, and speaking as cheerfully as she could at a moment's notice.

– Nothing indeed! A bleak back-ground of trees, some white linen hung out on the sweet-briar hedge, and a great waft of damp air. Shut the window, and come in and make tea.

Margaret was silent for some time. She played with her teaspoon, and did not attend particularly to what Mr. Bell said. He contradicted her, and she took the same sort of smiling notice of his opinion as if he had agreed with her. Then she sighed, and putting down her spoon, she began, apropos of nothing at all, and in the high-pitched voice which usually shows that the speaker has been thinking for some time on the subject that they wish to introduce – Mr. Bell, you remember what we were saying about Frederick last night, don't you?

– Last night. Where was I? Oh, I remember! Why it seems a week ago. Yes, to be sure, I recollect we talked about him, poor fellow.

– Yes – and do you not remember that Mr. Lennox spoke about his having been in England about the time of dear mamma's death? asked Margaret, her voice now lower than usual.

– I recollect. I hadn't heard of it before.

– And I thought – I always thought that papa had told you about it.

– No! he never did. But what about it, Margaret?

– I want to tell you of something I did that was very wrong, about that time, said Margaret, suddenly looking up at him with her clear honest eyes. – I told a lie; and her face became scarlet.

– True, that was bad I own; not but what I have told a pretty round number in my life, not all in downright words, as I suppose you did, but in actions, or in some shabby circumlocutory way, leading people either to disbelieve the truth, or believe a falsehood. You know who is the father of lies, Margaret? Well! a great number of folk, thinking themselves very good, have odd sorts of connexion with lies, left-hand marriages, and second cousins-once-removed. The tainting blood of falsehood runs through us all. I should have guessed you as far from it as most people. What! crying, child? Nay, now we'll not talk of it, if it ends in this way. I dare say you have been sorry for it, and that you won't do it again, and it's long ago now, and in short I want you to be very cheerful, and not very sad, this evening.

Margaret wiped her eyes, and tried to talk about something else, but suddenly she burst out afresh.

– Please, Mr. Bell, let me tell you about it – you could perhaps help me a little; no, not help me, but if you knew the truth, perhaps you could put me to rights – that is not it, after all, said she, in despair at not being able to express herself more exactly as she wished.

Mr. Bell's whole manner changed. – Tell me all about it, child, said he.

– It's a long story; but when Fred came, mamma was very ill, and I was undone with anxiety, and afraid, too, that I might have drawn him into danger; and we had an alarm just after her death, for Dixon met some one in Milton – a man called Leonards – who had known Fred, and who seemed to owe him a grudge, or at any rate to be tempted by the recollection of the reward offered for his apprehension; and with this new fright, I thought I had better hurry off Fred to London, where, as you would understand from what we said the other night, he was to go to consult Mr. Lennox as to his chances if he stood the trial. So we – that is, he and I – went to the railway station; it was one evening, and it was just getting rather dusk, but still light enough to recognise and be recognised, and we were too early, and went out to walk in a field just close by; I was always in a panic about this Leonards, who was, I knew, somewhere in the neighbourhood; and then, when we were in the field, the low red sunlight just in my face, some one came by on horseback in the road just below the field-style by which we stood. I saw him look at me, but I did not know who it was at first, the sun was so in my eyes, but in an instant the dazzle went off, and I saw it was Mr. Thornton, and we bowed,...

– And he saw Frederick of course, said Mr. Bell, helping her on with her story, as he thought.

– Yes; and then at the station a man came up – tipsy and reeling – and he tried to collar Fred, and over-balanced himself as Fred wrenched himself away,

and fell over the edge of the platform; not far, not deep; not above three feet; but oh! Mr. Bell, somehow that fall killed him!

– How awkward. It was this Leonards, I suppose. And how did Fred get off?

– Oh! he went off immediately after the fall, which we never thought could have done the poor fellow any harm, it seemed so slight an injury.

– Then he did not die directly?

– No! not for two or three days. And then – oh, Mr. Bell! now comes the bad part, said she, nervously twining her fingers together. – A police inspector came and taxed me with having been the companion of the young man, whose push or blow had occasioned Leonards' death; that was a false accusation, you know, but we had not heard that Fred had sailed, he might still be in London and liable to be arrested on this false charge, and his identity with the Lieutenant Hale, accused of causing that mutiny, discovered, he might be shot; all this flashed through my mind, and I said it was not me. I was not at the railway station that night. I knew nothing about it. I had no conscience or thought but to save Frederick

– I say it was right. I should have done the same. You forgot yourself in thought for another. I hope I should have done the same.

– No, you would not. It was wrong, disobedient, faithless. At that very time Fred was safely out of England, and in my blindness I forgot that there was another witness who could testify to my being there.

– Who?

– Mr. Thornton. You know he had seen me close to the station; we had bowed to each other.

– Well! he would know nothing of this riot about the drunken fellow's death. I suppose the inquiry never came to anything.

– No! the proceedings they had begun to talk about on the inquest were stopped. Mr. Thornton did know all about it. He was a magistrate, and he found out that it was not the fall that had caused the death. But not before he knew what I had said. Oh, Mr. Bell! She suddenly covered her face with her hands, as if wishing to hide herself from the presence of the recollection.

– Did you have any explanation with him? Did you ever tell him the strong, instinctive motive?

– The instinctive want of faith, and clutching at a sin to keep myself from sinking, said she bitterly. – No! How could I? He knew nothing of Frederick. To put myself to rights in his good opinion, was I to tell him of the secrets of our family, involving, as they seemed to do, the chances of poor Frederick's entire exculpation? Fred's last words had been to enjoin me to keep his visit a secret

from all. You see, papa never told, even you. No! I could bear the shame – I thought I could at least. I did bear it. Mr. Thornton has never respected me since.

– He respects you, I am sure, said Mr. Bell. – To be sure, it accounts a little for... But he always speaks of you with regard and esteem, though now I understand certain reservations in his manner.

Margaret did not speak; did not attend to what Mr. Bell went on to say; lost all sense of it. By-and-by she said:

– Will you tell me what you refer to about “reservations” in his manner of speaking of me?

– Oh! simply he has annoyed me by not joining in my praises of you. Like an old fool, I thought that every one would have the same opinions as I had; and he evidently could not agree with me. I was puzzled at the time. But he must be perplexed, if the affair has never been in the least explained. There was first your walking out with a young man in the dark –

– But it was my brother! said Margaret, surprised.

– True. But how was he to know that?

– I don’t know. I never thought of anything of that kind, said Margaret, reddening, and looking hurt and offended.

– And perhaps he never would, but for the lie – which, under the circumstances, I maintain, was necessary.

– It was not. I know it now. I bitterly repent it.

There was a long pause of silence. Margaret was the first to speak

– I am not likely ever to see Mr. Thornton again – and there she stopped.

– There are many things more unlikely, I should say, replied Mr. Bell.

– But I believe I never shall. Still, somehow one does not like to have sunk so low in – in a friend’s opinion as I have done in his. Her eyes were full of tears, but her voice was steady, and Mr. Bell was not looking at her. – And now that Frederick has given up all hope, and almost all wish of ever clearing himself, and returning to England, it would be only doing myself justice to have all this explained. If you please, and if you can, if there is a good opportunity, (don’t force an explanation upon him, pray,) but if you can, will you tell him the whole circumstances, and tell him also that I gave you leave to do so, because I felt that for papa’s sake I should not like to lose his respect, though we may never be likely to meet again?

– Certainly. I think he ought to know. I do not like you to rest even under the shadow of an impropriety; he would not know what to think of seeing you alone with a young man.

– As for that, said Margaret, rather haughtily – I hold it is “Honi soit qui

mal y pense.” Yet still I should choose to have it explained, if any natural opportunity for easy explanation occurs. But it is not to clear myself of any suspicion of improper conduct that I wish to have him told – if I thought that he had suspected me, I should not care for his good opinion – no! it is that he may learn how I was tempted, and how I fell into the snare; why I told that falsehood, in short.

– Which I don’t blame you for. It is no partiality of mine, I assure you.

– What other people may think of the rightness or wrongness is nothing in comparison to my own deep knowledge, my innate conviction that it was wrong. But we will not talk of that any more, if you please. It is done – my sin is sinned. I have now to put it behind me, and be truthful for evermore, if I can.

– Very well. If you like to be uncomfortable and morbid, be so. I always keep my conscience as tight shut up as a jack-in-a-box, for when it jumps into existence it surprises me by its size. So I coax it down again, as the fisherman coaxed the genie. “Wonderful,” say I, “to think that you have been concealed so long, and in so small a compass, that I really did not know of your existence. Pray, sir, instead of growing larger and larger every instant, and bewildering me with your misty outlines, would you once more compress yourself into your former dimensions?” And when I’ve got him down, don’t I clap the seal on the vase, and take good care how I open it again, and how I go against Solomon, wisest of men, who confined him there.

But it was no smiling matter to Margaret. She hardly attended to what Mr. Bell was saying. Her thoughts ran upon the Idea, before entertained, but which now had assumed the strength of a conviction, that Mr. Thornton no longer held his former good opinion of her – that he was disappointed in her. She did not feel as if any explanation could ever reinstate her – not in his love, for that and any return on her part she had resolved never to dwell upon, and she kept rigidly to her resolution – but in the respect and high regard which she had hoped would have ever made him willing, in the spirit of Gerald Griffin’s beautiful lines,

– To turn and look back when thou hearest The sound of my name.

She kept choking and swallowing all the time that she thought about it. She tried to comfort herself with the idea, that what he imagined her to be, did not alter the fact of what she was. But it was a truism, a phantom, and broke down under the weight of her regret. She had twenty questions on the tip of her tongue to ask Mr. Bell, but not one of them did she utter. Mr. Bell thought that she was tired, and sent her early to her room, where she sate long hours by the open window, gazing out on the purple dome above, where the stars arose, and twinkled and disappeared behind the great umbrageous trees before she went to bed. All night long too, there burnt a little light on earth; a candle in her old bedroom, which was the nursery with the present inhabitants of the parsonage, until the new one was built. A sense of change, of individual nothingness, of perplexity and disappointment, over-powered Margaret. Nothing had been the same; and this slight, all-pervading instability, had given her greater pain than if all had been too

entirely changed for her to recognise it.

– I begin to understand now what heaven must be – and, oh! the grandeur and repose of the words – “The same yesterday, today, and for ever.” Everlasting! “From everlasting to everlasting, Thou art God.” That sky above me looks as though it could not change, and yet it will. I am so tired – so tired of being whirled on through all these phases of my life, in which nothing abides by me, no creature, no place; it is like the circle in which the victims of earthly passion eddy continually. I am in the mood in which women of another religion take the veil. I seek heavenly steadfastness in earthly monotony. If I were a Roman Catholic and could deaden my heart, stun it with some great blow, I might become a nun. But I should pine after my kind; no, not my kind, for love for my species could never fill my heart to the utter exclusion of love for individuals. Perhaps it ought to be so, perhaps not; I cannot decide tonight.

Wearily she went to bed, wearily she arose in four or five hours’ time. But with the morning came hope, and a brighter view of things.

– After all it is right, said she, hearing the voices of children at play while she was dressing. – If the world stood still, it would retrograde and become corrupt, if that is not Irish. Looking out of myself, and my own painful sense of change, the progress all around me is right and necessary. I must not think so much of how circumstances affect me myself, but how they affect others, if I wish to have a right judgment, or a hopeful trustful heart. And with a smile ready in her eyes to quiver down to her lips, she went into the parlour and greeted Mr. Bell.

– Ah, Missy! you were up late last night, and so you’re late this morning. Now I’ve got a little piece of news for you. What do you think of an invitation to dinner? a morning call, literally in the dewy morning. Why, I’ve had the Vicar here already, on his way to the school. How much the desire of giving our hostess a teetotal lecture for the benefit of the hay makers, had to do with his earliness, I don’t know; but here he was, when I came down just before nine; and we are asked to dine there today.

– But Edith expects me back – I cannot go, said Margaret, thankful to have so good an excuse.

– Yes! I know; so I told him. I thought you would not want to go. Still it is open, if you would like it.

– Oh, no! said Margaret. – Let us keep to our plan. Let us start at twelve. It is very good and kind of them; but indeed I could not go.

– Very well. Don’t fidget yourself, and I’ll arrange it all.

Before they left Margaret stole round to the back of the Vicarage garden, and gathered a little straggling piece of honeysuckle. She would not take a flower the day before, for fear of being observed, and her motives and feelings commented upon. But as she returned across the common, the place was

reinvested with the old enchanting atmosphere. The common sounds of life were more musical there than anywhere else in the whole world, the light more golden, the life more tranquil and full of dreamy delight. As Margaret remembered her feelings yesterday, she said to herself:

—And I too change perpetually — now this, now that — now disappointed and peevish because all is not exactly as I had pictured it, and now suddenly discovering that the reality is far more beautiful than I had imagined it. Oh, Helstone! I shall never love any place like you.

A few days afterwards, she had found her level, and decided that she was very glad to have been there, and that she had seen it again, and that to her it would always be the prettiest spot in the world, but that it was so full of associations with former days, and especially with her father and mother, that if it were all to come over again, she should shrink back from such another visit as that which she had paid with Mr. Bell.

CHAPTER 47
SOMETHING WANTING

“Experience, like a pale musician, holds
A dulcimer of patience in his hand;
Whence harmonies we cannot understand,
Of God’s will in His worlds, the strain unfolds
In sad, perplexed minors”.
Mrs. Browning

About this time Dixon returned from Milton, and assumed her post as Margaret’s maid. She brought endless pieces of Milton gossip: How Martha had gone to live with Miss Thornton, on the latter’s marriage; with an account of the bridesmaids, dresses and breakfasts, at that interesting ceremony; how people thought that Mr. Thornton had made too grand a wedding of it, considering he had lost a deal by the strike, and had had to pay so much for the failure of his contracts; how little money articles of furniture – long cherished by Dixon – had fetched at the sale, which was a shame considering how rich folks were at Milton; how Mrs. Thornton had come one day and got two or three good bargains, and Mr. Thornton had come the next, and in his desire to obtain one or two things, had bid against himself, much to the enjoyment of the bystanders, so as Dixon observed, that made things even; if Mrs. Thornton paid too little, Mr. Thornton paid too much. Mr. Bell had sent all sorts of orders about the books; there was no understanding him, he was so particular; if he had come himself it would have been all right, but letters always were and always will be more puzzling than they are worth. Dixon had not much to tell about the Higginses. Her memory had an aristocratic bias, and was very treacherous whenever she tried to recall any circumstance connected with those below her in life. Nicholas was very well she believed. He had been several times at the house asking for news of Miss Margaret – the only person who ever did ask, except once Mr. Thornton. And Mary? oh! of course she was very well, a great, stout, slatternly thing! She did hear, or perhaps it was only a dream of hers, though it would be strange if she had dreamt of such people as the Higginses, that Mary had gone to work at Mr. Thornton’s mill, because her father wished her to know how to cook; but what nonsense that could mean she didn’t know. Margaret rather agreed with her that the story was incoherent enough to be like a dream. Still it was pleasant to have some one now with whom she could talk of Milton, and Milton people. Dixon was not over-fond of the subject, rather wishing to leave that part of her life in shadow. She liked much more to dwell upon speeches of Mr. Bell’s, which had suggested an idea to her of what was really his intention – making Margaret his heiress. But her young lady gave her no encouragement, nor in any way gratified her insinuating enquiries, however disguised in the form of suspicions or

assertions.

All this time, Margaret had a strange undefined longing to hear that Mr. Bell had gone to pay one of his business visits to Milton; for it had been well understood between them, at the time of their conversation at Helstone, that the explanation she had desired should only be given to Mr. Thornton by word of mouth, and even in that manner should be in nowise forced upon him. Mr. Bell was no great correspondent, but he wrote from time to time long or short letters, as the humour took him, and although Margaret was not conscious of any definite hope, on receiving them, yet she always put away his notes with a little feeling of disappointment. He was not going to Milton; he said nothing about it at any rate. Well! she must be patient. Sooner or later the mists would be cleared away. Mr. Bell's letters were hardly like his usual self; they were short, and complaining, with every now and then a little touch of bitterness that was unusual. He did not look forward to the future; he rather seemed to regret the past, and be weary of the present. Margaret fancied that he could not be well; but in answer to some enquiry of hers as to his health, he sent her a short note, saying there was an old-fashioned complaint called the spleen; that he was suffering from that, and it was for her to decide if it was more mental or physical; but that he should like to indulge himself in grumbling, without being obliged to send a bulletin every time.

In consequence of this note, Margaret made no more enquiries about his health. One day Edith let out accidentally a fragment of a conversation which she had had with Mr. Bell, when he was last in London, which possessed Margaret with the idea that he had some notion of taking her to pay a visit to her brother and new sister-in-law, at Cadiz, in the autumn. She questioned and cross-questioned Edith, till the latter was weary, and declared that there was nothing more to remember; all he had said was that he half-thought he should go, and hear for himself what Frederick had to say about the mutiny; and that it would be a good opportunity for Margaret to become acquainted with her new sister-in-law; that he always went somewhere during the long vacation, and did not see why he should not go to Spain as well as anywhere else. That was all. Edith hoped Margaret did not want to leave them, that she was so anxious about all this. And then, having nothing else particular to do, she cried, and said that she knew she cared much more for Margaret than Margaret did for her. Margaret comforted her as well as she could, but she could hardly explain to her how this idea of Spain, mere Chateau en Espagne as it might be, charmed and delighted her. Edith was in the mood to think that any pleasure enjoyed away from her was a tacit affront, or at best a proof of indifference. So Margaret had to keep her pleasure to herself, and could only let it escape by the safety-valve of asking Dixon, when she dressed for dinner, if she would not like to see Master Frederick and his new wife very much indeed?

– She's a Papist, Miss, isn't she?

– I believe – oh yes, certainly! said Margaret, a little damped for an instant at this recollection.

– And they live in a Popish country?

– Yes.

– Then I'm afraid I must say, that my soul is dearer to me than even Master Frederick, his own dear self. I should be in a perpetual terror, Miss, lest I should be converted.

– Oh said Margaret – I do not know that I am going; and if I go, I am not such a fine lady as to be unable to travel without you. No! dear old Dixon, you shall have a long holiday, if we go. But I'm afraid it is a long "if."

Now Dixon did not like this speech. In the first place, she did not like Margaret's trick of calling her 'dear old Dixon' whenever she was particularly demonstrative. She knew that Miss Hale was apt to call all people that she liked 'old,' as a sort of term of endearment; but Dixon always winced away from the application of the word to herself, who, being not much past fifty, was, she thought, in the very prime of life. Secondly, she did not like being so easily taken at her word; she had, with all her terror, a lurking curiosity about Spain, the Inquisition, and Popish mysteries. So, after clearing her throat, as if to show her willingness to do away with difficulties, she asked Miss Hale, whether she thought if she took care never to see a priest, or enter into one of their churches, there would be so very much danger of her being converted? Master Frederick, to be sure, had gone over unaccountable.

– I fancy it was love that first predisposed him to conversion, said Margaret, sighing.

– Indeed, Miss! said Dixon; – well! I can preserve myself from priests, and from churches; but love steals in unawares! I think it's as well I should not go.

Margaret was afraid of letting her mind run too much upon this Spanish plan. But it took off her thoughts from too impatiently dwelling upon her desire to have all explained to Mr. Thornton. Mr. Bell appeared for the present to be stationary at Oxford, and to have no immediate purpose of going to Milton, and some secret restraint seemed to hang over Margaret, and prevent her from even asking, or alluding again to any probability of such a visit on his part. Nor did she feel at liberty to name what Edith had told her of the idea he had entertained – it might be but for five minutes – of going to Spain. He had never named it at Helstone, during all that sunny day of leisure; it was very probably but the fancy of a moment – but if it were true, what a bright outlet it would be from the monotony of her present life, which was beginning to fall upon her.

One of the great pleasures of Margaret's life at this time, was in Edith's boy. He was the pride and plaything of both father and mother, as long as he was good; but he had a strong will of his own, and as soon as he burst out into one of his stormy passions, Edith would throw herself back in despair and fatigue, and sigh out – Oh dear, what shall I do with him! Do, Margaret, please ring the bell for Hanley.

But Margaret almost liked him better in these manifestations of character

than in his good blue-sashed moods. She would carry him off into a room, where they two alone battled it out; she with a firm power which subdued him into peace, while every sudden charm and wile she possessed, was exerted on the side of right, until he would rub his little hot and tear-smear'd face all over hers, kissing and caressing till he often fell asleep in her arms or on her shoulder. Those were Margaret's sweetest moments. They gave her a taste of the feeling that she believed would be denied to her for ever.

Mr. Henry Lennox added a new and not disagreeable element to the course of the household life by his frequent presence. Margaret thought him colder, if more brilliant than formerly; but there were strong intellectual tastes, and much and varied knowledge, which gave flavour to the otherwise rather insipid conversation. Margaret saw glimpses in him of a slight contempt for his brother and sister-in-law, and for their mode of life, which he seemed to consider as frivolous and purposeless. He once or twice spoke to his brother, in Margaret's presence, in a pretty sharp tone of enquiry, as to whether he meant entirely to relinquish his profession; and on Captain Lennox's reply, that he had quite enough to live upon, she had seen Mr. Lennox's curl of the lip as he said – And is that all you live for?

But the brothers were much attached to each other, in the way that any two persons are, when the one is cleverer and always leads the other, and this last is patiently content to be led. Mr. Lennox was pushing on in his profession; cultivating, with profound calculation, all those connections that might eventually be of service to him; keen-sighted, far-seeing, intelligent, sarcastic, and proud. Since the one long conversation relating to Frederick's affairs, which she had with him the first evening in Mr. Bell's presence, she had had no great intercourse with him, further than that which arose out of their close relations with the same household. But this was enough to wear off the shyness on her side, and any symptoms of mortified pride and vanity on his. They met continually, of course, but she thought that he rather avoided being alone with her; she fancied that he, as well as she, perceived that they had drifted strangely apart from their former anchorage, side by side, in many of their opinions, and all their tastes.

And yet, when he had spoken unusually well, or with remarkable epigrammatic point, she felt that his eye sought the expression of her countenance first of all, if but for an instant; and that, in the family intercourse which constantly threw them together, her opinion was the one to which he listened with a deference – the more complete, because it was reluctantly paid, and concealed as much as possible.

CHAPTER 48

'NE'ER TO BE FOUND AGAIN'

“My own, my father’s friend!
I cannot part with thee!
I ne’er have shown, thou ne’er hast known,
How dear thou art to me”.
Anonymous

The elements of the dinner-parties which Mrs. Lennox gave, were these; her friends contributed the beauty, Captain Lennox the easy knowledge of the subjects of the day; and Mr. Henry Lennox and the sprinkling of rising men who were received as his friends, brought the wit, the cleverness, the keen and extensive knowledge of which they knew well enough how to avail themselves without seeming pedantic, or burdening the rapid flow of conversation.

These dinners were delightful; but even here Margaret’s dissatisfaction found her out. Every talent, every feeling, every acquirement; nay, even every tendency towards virtue was used up as materials for fireworks; the hidden, sacred fire, exhausted itself in sparkle and crackle. They talked about art in a merely sensuous way, dwelling on outside effects, instead of allowing themselves to learn what it has to teach. They lashed themselves up into an enthusiasm about high subjects in company, and never thought about them when they were alone; they squandered their capabilities of appreciation into a mere flow of appropriate words. One day, after the gentlemen had come up into the drawing-room, Mr. Lennox drew near to Margaret, and addressed her in almost the first voluntary words he had spoken to her since she had returned to live in Harley Street.

– You did not look pleased at what Shirley was saying at dinner.

– Didn’t I? My face must be very expressive, replied Margaret.

– It always was. It has not lost the trick of being eloquent.

– I did not like, said Margaret, hastily – his way of advocating what he knew to be wrong – so glaringly wrong – even in jest.

– But it was very clever. How every word told! Do you remember the happy epithets?

– Yes.

– And despise them, you would like to add. Pray don’t scruple, though he is my friend.

– There! that is the exact tone in you, that – she stopped short.

He listened for a moment to see if she would finish her sentence; but she only reddened, and turned away; before she did so, however, she heard him say, in a very low, clear voice –

– If my tones, or modes of thought, are what you dislike, will you do me the justice to tell me so, and so give me the chance of learning to please you?

All these weeks there was no intelligence of Mr. Bell's going to Milton. He had spoken of it at Helstone as of a journey which he might have to take in a very short time from then; but he must have transacted his business by writing, Margaret thought, ere now, and she knew that if he could, he would avoid going to a place which he disliked, and moreover would little understand the secret importance which she affixed to the explanation that could only be given by word of mouth. She knew that he would feel that it was necessary that it should be done; but whether in summer, autumn, or winter, it would signify very little. It was now August, and there had been no mention of the Spanish journey to which he had alluded to Edith, and Margaret tried to reconcile herself to the fading away of this illusion.

But one morning she received a letter, saying that next week he meant to come up to town; he wanted to see her about a plan which he had in his head; and, moreover, he intended to treat himself to a little doctoring, as he had begun to come round to her opinion, that it would be pleasanter to think that his health was more in fault than he, when he found himself irritable and cross. There was altogether a tone of forced cheerfulness in the letter, as Margaret noticed afterwards; but at the time her attention was taken up by Edith's exclamations.

– Coming up to town! Oh dear! and I am so worn out by the heat that I don't believe I have strength enough in me for another dinner. Besides, everybody has left but our dear stupid selves, who can't settle where to go to. There would be nobody to meet him.

– I'm sure he would much rather come and dine with us quite alone than with the most agreeable strangers you could pick up. Besides, if he is not well he won't wish for invitations. I am glad he has owned it at last. I was sure he was ill from the whole tone of his letters, and yet he would not answer me when I asked him, and I had no third person to whom I could apply for news.

– Oh! he is not very ill, or he would not think of Spain.

– He never mentions Spain.

– No! but his plan that is to be proposed evidently relates to that. But would you really go in such weather as this?

– Oh! it will get cooler every day. Yes! Think of it! I am only afraid I have thought and wished too much – in that absorbing wilful way which is sure to be disappointed – or else gratified, to the letter, while in the spirit it gives no pleasure.

– But that's superstitious, I'm sure, Margaret.

– No, I don't think it is. Only it ought to warn me, and check me from giving way to such passionate wishes. It is a sort of "Give me children, or else I die." I'm afraid my cry is, "Let me go to Cadiz, or else I die."

– My dear Margaret! You'll be persuaded to stay there; and then what shall I do? Oh! I wish I could find somebody for you to marry here, that I could be sure of you!

– I shall never marry.

– Nonsense, and double nonsense! Why, as Sholto says, you're such an attraction to the house, that he knows ever so many men who will be glad to Visit here next year for your sake.

Margaret drew herself up haughtily. – Do you know, Edith, I sometimes think your Corfu life has taught you...

– Well!

– Just a shade or two of coarseness.

Edith began to sob so bitterly, and to declare so vehemently that Margaret had lost all love for her, and no longer looked upon her as a friend, that Margaret came to think that she had expressed too harsh an opinion for the relief of her own wounded pride, and ended by being Edith's slave for the rest of the day; while that little lady, overcome by wounded feeling, lay like a victim on the sofa, heaving occasionally a profound sigh, till at last she fell asleep.

Mr. Bell did not make his appearance even on the day to which he had for a second time deferred his visit. The next morning there came a letter from Wallis, his servant, stating that his master had not been feeling well for some time, which had been the true reason of his putting off his journey; and that at the very time when he should have set out for London, he had been seized with an apoplectic fit; it was, indeed, Wallis added, the opinion of the medical men – that he could not survive the night; and more than probable, that by the time Miss Hale received this letter his poor master would be no more.

Margaret received this letter at breakfast-time, and turned very pale as she read it; then silently putting it into Edith's hands, she left the room.

Edith was terribly shocked as she read it, and cried in a sobbing, frightened, childish way, much to her husband's distress. Mrs. Shaw was breakfasting in her own room, and upon him devolved the task of reconciling his wife to the near contact into which she seemed to be brought with death, for the first time that she could remember in her life. Here was a man who was to have dined with them today lying dead or dying instead! It was some time before she could think of Margaret. Then she started up, and followed her upstairs into her room. Dixon was packing up a few toilette articles, and Margaret was hastily putting on her bonnet, shedding tears all the time, and her hands trembling so that she could hardly tie the strings.

– Oh, dear Margaret! how shocking! What are you doing? Are you going

out? Sholto would telegraph or do anything you like.

– I am going to Oxford. There is a train in half-an-hour. Dixon has offered to go with me, but I could have gone by myself. I must see him again. Besides, he may be better, and want some care. He has been like a father to me. Don't stop me, Edith.

– But I must. Mamma won't like it at all. Come and ask her about it, Margaret. You don't know where you're going. I should not mind if he had a house of his own; but in his Fellow's rooms! Come to mamma, and do ask her before you go. It will not take a minute.

Margaret yielded, and lost her train. In the suddenness of the event, Mrs. Shaw became bewildered and hysterical, and so the precious time slipped by. But there was another train in a couple of hours; and after various discussions on propriety and impropriety, it was decided that Captain Lennox should accompany Margaret, as the one thing to which she was constant was her resolution to go, alone or otherwise, by the next train, whatever might be said of the propriety or impropriety of the step. Her father's friend, her own friend, was lying at the point of death; and the thought of this came upon her with such vividness, that she was surprised herself at the firmness with which she asserted something of her right to independence of action; and five minutes before the time for starting, she found herself sitting in a railway-carriage opposite to Captain Lennox.

It was always a comfort to her to think that she had gone, though it was only to hear that he had died in the night. She saw the rooms that he had occupied, and associated them ever after most fondly in her memory with the idea of her father, and his one cherished and faithful friend.

They had promised Edith before starting, that if all had ended as they feared, they would return to dinner; so that long, lingering look around the room in which her father had died, had to be interrupted, and a quiet farewell taken of the kind old face that had so often come out with pleasant words, and merry quips and cranks.

Captain Lennox fell asleep on their journey home; and Margaret could cry at leisure, and bethink her of this fatal year, and all the woes it had brought to her. No sooner was she fully aware of one loss than another came – not to supersede her grief for the one before, but to re-open wounds and feelings scarcely healed. But at the sound of the tender voices of her aunt and Edith, of merry little Sholto's glee at her arrival, and at the sight of the well-lighted rooms, with their mistress pretty in her paleness and her eager sorrowful interest, Margaret roused herself from her heavy trance of almost superstitious hopelessness, and began to feel that even around her joy and gladness might gather. She had Edith's place on the sofa; Sholto was taught to carry aunt Margaret's cup of tea very carefully to her; and by the time she went up to dress, she could thank God for having spared her dear old friend a long or a painful illness.

But when night came – solemn night, and all the house was quiet,

Margaret still sat watching the beauty of a London sky at such an hour, on such a summer evening; the faint pink reflection of earthly lights on the soft clouds that float tranquilly into the white moonlight, out of the warm gloom which lies motionless around the horizon. Margaret's room had been the day nursery of her childhood, just when it merged into girlhood, and when the feelings and conscience had been first awakened into full activity. On some such night as this she remembered promising to herself to live as brave and noble a life as any heroine she ever read or heard of in romance, a life sans peur et sans reproche; it had seemed to her then that she had only to will, and such a life would be accomplished. And now she had learnt that not only to will, but also to pray, was a necessary condition in the truly heroic. Trusting to herself, she had fallen. It was a just consequence of her sin, that all excuses for it, all temptation to it, should remain for ever unknown to the person in whose opinion it had sunk her lowest. She stood face to face at last with her sin. She knew it for what it was; Mr. Bell's kindly sophistry that nearly all men were guilty of equivocal actions, and that the motive ennobled the evil, had never had much real weight with her. Her own first thought of how, if she had known all, she might have fearlessly told the truth, seemed low and poor. Nay, even now, her anxiety to have her character for truth partially excused in Mr. Thornton's eyes, as Mr. Bell had promised to do, was a very small and petty consideration, now that she was afresh taught by death what life should be. If all the world spoke, acted, or kept silence with intent to deceive – if dearest interests were at stake, and dearest lives in peril – if no one should ever know of her truth or her falsehood to measure out their honour or contempt for her by, straight alone where she stood, in the presence of God, she prayed that she might have strength to speak and act the truth for evermore.

CHAPTER 49
BREATHING TRANQUILLITY

“And down the sunny beach she paces slowly,
With many doubtful pauses by the way;
Grief hath an influence so hush'd and holy”.
Hood

– Is not Margaret the heiress? whispered Edith to her husband, as they were in their room alone at night after the sad journey to Oxford. She had pulled his tall head down, and stood upon tiptoe, and implored him not to be shocked, before she had ventured to ask this question. Captain Lennox was, however, quite in the dark; if he had ever heard, he had forgotten; it could not be much that a Fellow of a small college had to leave; but he had never wanted her to pay for her board; and two hundred and fifty pounds a year was something ridiculous, considering that she did not take wine. Edith came down upon her feet a little bit sadder; with a romance blown to pieces.

A week afterwards, she came prancing towards her husband, and made him a low curtsy:

– I am right, and you are wrong, most noble Captain. Margaret has had a lawyer's letter, and she is residuary legatee – the legacies being about two thousand pounds, and the remainder about forty thousand, at the present value of property in Milton.

– Indeed! and how does she take her good fortune?

– Oh, it seems she knew she was to have it all along; only she had no idea it was so much. She looks very white and pale, and says she's afraid of it; but that's nonsense, you know, and will soon go off. I left mamma pouring congratulations down her throat, and stole away to tell you.

It seemed to be supposed, by general consent, that the most natural thing was to consider Mr. Lennox henceforward as Margaret's legal adviser. She was so entirely ignorant of all forms of business that in nearly everything she had to refer to him. He chose out her attorney; he came to her with papers to be signed. He was never so happy as when teaching her of what all these mysteries of the law were the signs and types.

– Henry, said Edith, one day, archly; – do you know what I hope and expect all these long conversations with Margaret will end in?

– No, I don't, said he, reddening. – And I desire you not to tell me.

– Oh, very well; then I need not tell Sholto not to ask Mr. Montagu so

often to the house.

– Just as you choose, said he with forced coolness. – What you are thinking of, may or may not happen; but this time, before I commit myself, I will see my ground clear. Ask whom you choose. It may not be very civil, Edith, but if you meddle in it you will mar it. She has been very farouche with me for a long time; and is only just beginning to thaw a little from her Zenobia ways. She has the making of a Cleopatra in her, if only she were a little more pagan.

– For my part, said Edith, a little maliciously – I am very glad she is a Christian. I know so very few!

There was no Spain for Margaret that autumn; although to the last she hoped that some fortunate occasion would call Frederick to Paris, whither she could easily have met with a convoy. Instead of Cadiz, she had to content herself with Cromer. To that place her aunt Shaw and the Lennoxes were bound. They had all along wished her to accompany them, and, consequently, with their characters, they made but lazy efforts to forward her own separate wish. Perhaps Cromer was, in one sense of the expression, the best for her. She needed bodily strengthening and bracing as well as rest.

Among other hopes that had vanished, was the hope, the trust she had had, that Mr. Bell would have given Mr. Thornton the simple facts of the family circumstances which had preceded the unfortunate accident that led to Leonards' death. Whatever opinion – however changed it might be from what Mr. Thornton had once entertained, she had wished it to be based upon a true understanding of what she had done; and why she had done it. It would have been a pleasure to her; would have given her rest on a point on which she should now all her life be restless, unless she could resolve not to think upon it. It was now so long after the time of these occurrences, that there was no possible way of explaining them save the one which she had lost by Mr. Bell's death. She must just submit, like many another, to be misunderstood; but, though reasoning herself into the belief that in this hers was no uncommon lot, her heart did not ache the less with longing that some time – years and years hence – before he died at any rate, he might know how much she had been tempted. She thought that she did not want to hear that all was explained to him, if only she could be sure that he would know. But this wish was vain, like so many others; and when she had schooled herself into this conviction, she turned with all her heart and strength to the life that lay immediately before her, and resolved to strive and make the best of that.

She used to sit long hours upon the beach, gazing intently on the waves as they chafed with perpetual motion against the pebbly shore – or she looked out upon the more distant heave, and sparkle against the sky, and heard, without being conscious of hearing, the eternal psalm, which went up continually. She was soothed without knowing how or why. Listlessly she sat there, on the ground, her hands clasped round her knees, while her aunt Shaw did small shoppings, and Edith and Captain Lennox rode far and wide on shore and inland. The nurses, sauntering on with their charges, would pass and repass her, and wonder in

whispers what she could find to look at so long, day after day. And when the family gathered at dinner-time, Margaret was so silent and absorbed that Edith voted her moped, and hailed a proposal of her husband's with great satisfaction, that Mr. Henry Lennox should be asked to take Cromer for a week, on his return from Scotland in October.

But all this time for thought enabled Margaret to put events in their right places, as to origin and significance, both as regarded her past life and her future. Those hours by the sea-side were not lost, as any one might have seen who had had the perception to read, or the care to understand, the look that Margaret's face was gradually acquiring. Mr. Henry Lennox was excessively struck by the change.

– The sea has done Miss Hale an immense deal of good, I should fancy, said he, when she first left the room after his arrival in their family circle. – She looks ten years younger than she did in Harley Street.

– That's the bonnet I got her! said Edith, triumphantly. – I knew it would suit her the moment I saw it.

– I beg your pardon, said Mr. Lennox, in the half-contemptuous, half-indulgent tone he generally used to Edith. – But I believe I know the difference between the charms of a dress and the charms of a woman. No mere bonnet would have made Miss Hale's eyes so lustrous and yet so soft, or her lips so ripe and red – and her face altogether so full of peace and light. – She is like, and yet more – he dropped his voice – like the Margaret Hale of Helstone.

From this time the clever and ambitious man bent all his powers to gaining Margaret. He loved her sweet beauty. He saw the latent sweep of her mind, which could easily (he thought) be led to embrace all the objects on which he had set his heart. He looked upon her fortune only as a part of the complete and superb character of herself and her position: yet he was fully aware of the rise which it would immediately enable him, the poor barrister, to take. Eventually he would earn such success, and such honours, as would enable him to pay her back with interest, that first advance in wealth which he should owe to her. He had been to Milton on business connected with her property, on his return from Scotland; and with the quick eye of a skilled lawyer, ready ever to take in and weigh contingencies, he had seen that much additional value was yearly accruing to the lands and tenements which she owned in that prosperous and increasing town. He was glad to find that the present relationship between Margaret and himself, of client and legal adviser, was gradually superseding the recollection of that unlucky, mismanaged day at Helstone. He had thus unusual opportunities of intimate intercourse with her, besides those that arose from the connection between the families.

Margaret was only too willing to listen as long as he talked of Milton, though he had seen none of the people whom she more especially knew. It had been the tone with her aunt and cousin to speak of Milton with dislike and contempt; just such feelings as Margaret was ashamed to remember she had

expressed and felt on first going to live there. But Mr. Lennox almost exceeded Margaret in his appreciation of the character of Milton and its inhabitants. Their energy, their power, their indomitable courage in struggling and fighting; their lurid vividness of existence, captivated and arrested his attention. He was never tired of talking about them; and had never perceived how selfish and material were too many of the ends they proposed to themselves as the result of all their mighty, untiring endeavour, till Margaret, even in the midst of her gratification, had the candour to point this out, as the tainting sin in so much that was noble, and to be admired. Still, when other subjects palled upon her, and she gave but short answers to many questions, Henry Lennox found out that an enquiry as to some Darkshire peculiarity of character, called back the light into her eye, the glow into her cheek.

When they returned to town, Margaret fulfilled one of her sea-side resolves, and took her life into her own hands. Before they went to Cromer, she had been as docile to her aunt's laws as if she were still the scared little stranger who cried herself to sleep that first night in the Harley Street nursery. But she had learnt, in those solemn hours of thought, that she herself must one day answer for her own life, and what she had done with it; and she tried to settle that most difficult problem for women, how much was to be utterly merged in obedience to authority, and how much might be set apart for freedom in working. Mrs. Shaw was as good-tempered as could be; and Edith had inherited this charming domestic quality; Margaret herself had probably the worst temper of the three, for her quick perceptions, and over-lively imagination made her hasty, and her early isolation from sympathy had made her proud; but she had an indescribable childlike sweetness of heart, which made her manners, even in her rarely wilful moods, irresistible of old; and now, chastened even by what the world called her good fortune, she charmed her reluctant aunt into acquiescence with her will. So Margaret gained the acknowledgment of her right to follow her own ideas of duty.

– Only don't be strong-minded, pleaded Edith. – Mamma wants you to have a footman of your own; and I'm sure you're very welcome, for they're great plagues. Only to please me, darling, don't go and have a strong mind; it's the only thing I ask. Footman or no footman, don't be strong-minded.

– Don't be afraid, Edith. I'll faint on your hands at the servants' dinner-time, the very first opportunity; and then, what with Sholto playing with the fire, and the baby crying, you'll begin to wish for a strong-minded woman, equal to any emergency.

– And you'll not grow too good to joke and be merry?

– Not I. I shall be merrier than I have ever been, now I have got my own way.

– And you'll not go a figure, but let me buy your dresses for you?

– Indeed I mean to buy them for myself. You shall come with me if you like; but no one can please me but myself.

– Oh! I was afraid you'd dress in brown and dust-colour, not to show the dirt you'll pick up in all those places. I'm glad you're going to keep one or two vanities, just by way of specimens of the old Adam.

– I'm going to be just the same, Edith, if you and my aunt could but fancy so. Only as I have neither husband nor child to give me natural duties, I must make myself some, in addition to ordering my gowns.

In the family conclave, which was made up of Edith, her mother, and her husband, it was decided that perhaps all these plans of hers would only secure her the more for Henry Lennox. They kept her out of the way of other friends who might have eligible sons or brothers; and it was also agreed that she never seemed to take much pleasure in the society of any one but Henry, out of their own family. The other admirers, attracted by her appearance or the reputation of her fortune, were swept away, by her unconscious smiling disdain, into the paths frequented by other beauties less fastidious, or other heiresses with a larger amount of gold. Henry and she grew slowly into closer intimacy; but neither he nor she were people to brook the slightest notice of their proceedings.

CHAPTER 50
CHANGES AT MILTON

“Here we go up, up, up;
And here we go down, down, downee!”
Nursery Song

Meanwhile, at Milton the chimneys smoked, the ceaseless roar and mighty beat, and dizzying whirl of machinery, struggled and strove perpetually. Senseless and purposeless were wood and iron and steam in their endless labours; but the persistence of their monotonous work was rivalled in tireless endurance by the strong crowds, who, with sense and with purpose, were busy and restless in seeking after – What? In the streets there were few loiterers – none walking for mere pleasure; every man’s face was set in lines of eagerness or anxiety; news was sought for with fierce avidity; and men jostled each other aside in the Mart and in the Exchange, as they did in life, in the deep selfishness of competition. There was gloom over the town. Few came to buy, and those who did were looked at suspiciously by the sellers; for credit was insecure, and the most stable might have their fortunes affected by the sweep in the great neighbouring port among the shipping houses. Hitherto there had been no failures in Milton; but, from the immense speculations that had come to light in making a bad end in America, and yet nearer home, it was known that some Milton houses of business must suffer so severely that every day men’s faces asked, if their tongues did not – What news? Who is gone? How will it affect me? And if two or three spoke together, they dwelt rather on the names of those who were safe than dared to hint at those likely, in their opinion, to go; for idle breath may, at such times, cause the downfall of some who might otherwise weather the storm; and one going down drags many after. – Thornton is safe, say they. – His business is large – extending every year; but such a head as he has, and so prudent with all his daring! Then one man draws another aside, and walks a little apart, and, with head inclined into his neighbour’s ear, he says, “Thornton’s business is large; but he has spent his profits in extending it; he has no capital laid by; his machinery is new within these two years, and has cost him – we won’t say what! – a word to the wise! But that Mr. Harrison was a croaker – a man who had succeeded to his father’s trade-made fortune, which he had feared to lose by altering his mode of business to any having a larger scope; yet he grudged every penny made by others more daring and far-sighted.

But the truth was, Mr. Thornton was hard pressed. He felt it acutely in his vulnerable point – his pride in the commercial character which he had established for himself. Architect of his own fortunes, he attributed this to no special merit or qualities of his own, but to the power, which he believed that commerce gave to

every brave, honest, and persevering man, to raise himself to a level from which he might see and read the great game of worldly success, and honestly, by such far-sightedness, command more power and influence than in any other mode of life. Far away, in the East and in the West, where his person would never be known, his name was to be regarded, and his wishes to be fulfilled, and his word pass like gold. That was the idea of merchant-life with which Mr. Thornton had started. – Her merchants be like princes, said his mother, reading the text aloud, as if it were a trumpet-call to invite her boy to the struggle. He was but like many others – men, women, and children – alive to distant, and dead to near things. He sought to possess the influence of a name in foreign countries and far-away seas – to become the head of a firm that should be known for generations; and it had taken him long silent years to come even to a glimmering of what he might be now, today, here in his own town, his own factory, among his own people. He and they had led parallel lives – very close, but never touching – till the accident (or so it seemed) of his acquaintance with Higgins. Once brought face to face, man to man, with an individual of the masses around him, and (take notice) out of the character of master and workman, in the first instance, they had each begun to recognise that ‘we have all of us one human heart.’ It was the fine point of the wedge; and until now, when the apprehension of losing his connection with two or three of the workmen whom he had so lately begun to know as men – of having a plan or two, which were experiments lying very close to his heart, roughly nipped off without trial – gave a new poignancy to the subtle fear that came over him from time to time; until now, he had never recognised how much and how deep was the interest he had grown of late to feel in his position as manufacturer, simply because it led him into such close contact, and gave him the opportunity of so much power, among a race of people strange, shrewd, ignorant; but, above all, full of character and strong human feeling.

He reviewed his position as a Milton manufacturer. The strike a year and a half ago – or more, for it was now untimely wintry weather, in a late spring – that strike, when he was young, and he now was old – had prevented his completing some of the large orders he had then on hand. He had locked up a good deal of his capital in new and expensive machinery, and he had also bought cotton largely, for the fulfilment of these orders, taken under contract. That he had not been able to complete them, was owing in some degree to the utter want of skill on the part of the Irish hands whom he had imported; much of their work was damaged and unfit to be sent forth by a house which prided itself on turning out nothing but first-rate articles. For many months, the embarrassment caused by the strike had been an obstacle in Mr. Thornton’s way; and often, when his eye fell on Higgins, he could have spoken angrily to him without any present cause, just from feeling how serious was the injury that had arisen from this affair in which he was implicated. But when he became conscious of this sudden, quick resentment, he resolved to curb it. It would not satisfy him to avoid Higgins; he must convince himself that he was master over his own anger, by being particularly careful to allow Higgins access to him, whenever the strict rules of business, or Mr. Thornton’s leisure permitted. And by-and-by, he lost all sense of

resentment in wonder how it was, or could be, that two men like himself and Higgins, living by the same trade, working in their different ways at the same object, could look upon each other's position and duties in so strangely different a way. And thence arose that intercourse, which though it might not have the effect of preventing all future clash of opinion and action, when the occasion arose, would, at any rate, enable both master and man to look upon each other with far more charity and sympathy, and bear with each other more patiently and kindly. Besides this improvement of feeling, both Mr. Thornton and his workmen found out their ignorance as to positive matters of fact, known heretofore to one side, but not to the other.

But now had come one of those periods of bad trade, when the market falling brought down the value of all large stocks; Mr. Thornton's fell to nearly half. No orders were coming in; so he lost the interest of the capital he had locked up in machinery; indeed, it was difficult to get payment for the orders completed; yet there was the constant drain of expenses for working the business. Then the bills became due for the cotton he had purchased; and money being scarce, he could only borrow at exorbitant interest, and yet he could not realise any of his property. But he did not despair; he exerted himself day and night to foresee and to provide for all emergencies; he was as calm and gentle to the women in his home as ever; to the workmen in his mill he spoke not many words, but they knew him by this time; and many a curt, decided answer was received by them rather with sympathy for the care they saw pressing upon him, than with the suppressed antagonism which had formerly been smouldering, and ready for hard words and hard judgments on all occasions. – Th' measter's a deal to potter him, said Higgins, one day, as he heard Mr. Thornton's short, sharp inquiry, why such a command had not been obeyed; and caught the sound of the suppressed sigh which he heaved in going past the room where some of the men were working. Higgins and another man stopped over-hours that night, unknown to any one, to get the neglected piece of work done; and Mr. Thornton never knew but that the overlooker, to whom he had given the command in the first instance, had done it himself.

– Eh! I reckon I know who'd ha' been sorry for to see our measter sitting so like a piece o' grey calico! Th' ou'd parson would ha' fretted his woman's heart out, if he'd seen the woeful looks I have seen on our measter's face, thought Higgins, one day, as he was approaching Mr. Thornton in Marlborough Street.

– Measter, said he, stopping his employer in his quick resolved walk, and causing that gentleman to look up with a sudden annoyed start, as if his thoughts had been far away.

– Have y o' heerd aught of Miss Marget lately?

– Miss – who? replied Mr. Thornton.

– Miss Marget – Miss Hale – th' oud parson's daughter – y o' known who I mean well enough, if y o'll only think a bit – (there was nothing disrespectful in the tone in which this was said).

– Oh yes! and suddenly, the wintry frost-bound look of care had left Mr. Thornton's face, as if some soft summer gale had blown all anxiety away from his mind; and though his mouth was as much compressed as before, his eyes smiled out benignly on his questioner.

– She's my landlord now, you know, Higgins. I hear of her through her agent here, every now and then. She's well and among friends – thank you, Higgins. That 'thank you' that lingered after the other words, and yet came with so much warmth of feeling, let in a new light to the acute Higgins. It might be but a will-o'-th'-wisp, but he thought he would follow it and ascertain whither it would lead him.

– And she's not gotten married, measter?

– Not yet. The face was cloudy once more. – There is some talk of it, as I understand, with a connection of the family.

– Then she'll not be for coming to Milton again, I reckon.

– No!

– Stop a minute, measter. Then going up confidentially close, he said – Is th' young gentleman cleared? He enforced the depth of his intelligence by a wink of the eye, which only made things more mysterious to Mr. Thornton.

– Th' young gentleman, I mean – Master Frederick, they ca'ad him – her brother as was over here, yo' known.

– Over here.

– Ay, to be sure, at th' missus's death. Yo' need na be feared of my telling; for Mary and me, we knowed it all along, only we held our peace, for we got it through Mary working in th' house.

– And he was over. It was her brother!

– Sure enough, and I reckoned yo' knowed it or I'd never ha' let on. Yo' knowed she had a brother?

– Yes, I know all about him. And he was over at Mrs. Hale's death?

– Nay! I'm not going for to tell more. I've maybe gotten them into mischief already, for they kept it very close. I nobbut wanted to know if they'd gotten him cleared?

– Not that I know of. I know nothing. I only hear of Miss Hale, now, as my landlord, and through her lawyer.

He broke off from Higgins, to follow the business on which he had been bent when the latter first accosted him; leaving Higgins baffled in his endeavour.

– It was her brother, said Mr. Thornton to himself. – I am glad. I may never see her again; but it is a comfort – a relief – to know that much. I knew she could not be unmaidenly; and yet I yearned for conviction. Now I am glad!

It was a little golden thread running through the dark web of his present fortunes; which were growing ever gloomier and more gloomy. His agent had largely trusted a house in the American trade, which went down, along with several others, just at this time, like a pack of cards, the fall of one compelling other failures. What were Mr. Thornton's engagements? Could he stand?

Night after night he took books and papers into his own private room, and sat up there long after the family were gone to bed. He thought that no one knew of this occupation of the hours he should have spent in sleep. One morning, when daylight was stealing in through the crevices of his shutters, and he had never been in bed, and, in hopeless indifference of mind, was thinking that he could do without the hour or two of rest, which was all that he should be able to take before the stir of daily labour began again, the door of his room opened, and his mother stood there, dressed as she had been the day before. She had never laid herself down to slumber any more than he. Their eyes met. Their faces were cold and rigid, and wan, from long watching.

– Mother! why are not you in bed?

– Son John, said she – do you think I can sleep with an easy mind, while you keep awake full of care? You have not told me what your trouble is; but sore trouble you have had these many days past.

– Trade is bad.

– And you dread...

– I dread nothing, replied he, drawing up his head, and holding it erect. I know now that no man will suffer by me. That was my anxiety.

– But how do you stand? Shall you – will it be a failure? her steady voice trembling in an unwonted manner.

– Not a failure. I must give up business, but I pay all men. I might redeem myself – I am sorely tempted –

– How? Oh, John! keep up your name – try all risks for that. How redeem it?

– By a speculation offered to me, full of risk; but, if successful, placing me high above water-mark, so that no one need ever know the strait I am in. Still, if it fails –

– And if it fails, said she, advancing, and laying her hand on his arm, her eyes full of eager light. She held her breath to hear the end of his speech.

– Honest men are ruined by a rogue, said he gloomily. – As I stand now, my creditors, money is safe – every farthing of it; but I don't know where to find my own – it may be all gone, and I penniless at this moment. Therefore, it is my creditors' money that I should risk.

– But if it succeeded, they need never know. Is it so desperate a

speculation? I am sure it is not, or you would never have thought of it. If it succeeded –

– I should be a rich man, and my peace of conscience would be gone!

– Why! You would have injured no one.

– No; but I should have run the risk of ruining many for my own paltry aggrandisement. Mother, I have decided! You won't much grieve over our leaving this house, shall you, dear mother?

– No! but to have you other than what you are will break my heart. What can you do?

– Be always the same John Thornton in whatever circumstances; endeavouring to do right, and making great blunders; and then trying to be brave in setting to afresh. But it is hard, mother. I have so worked and planned. I have discovered new powers in my situation too late – and now all is over. I am too old to begin again with the same heart. It is hard, mother.

He turned away from her, and covered his face with his hands.

– I can't think,' said she, with gloomy defiance in her tone, 'how it comes about. Here is my boy – good son, just man, tender heart – and he fails in all he sets his mind upon: he finds a woman to love, and she cares no more for his affection than if he had been any common man; he labours, and his labour comes to nought. Other people prosper and grow rich, and hold their paltry names high and dry above shame.

– Shame never touched me, said he, in a low tone: but she went on.

– I sometimes have wondered where justice was gone to, and now I don't believe there is such a thing in the world – now you are come to this; you, my own John Thornton, though you and I may be beggars together – my own dear son!

She fell upon his neck, and kissed him through her tears.

– Mother! said he, holding her gently in his arms – who has sent me my lot in life, both of good and of evil?

She shook her head. She would have nothing to do with religion just then.

– Mother, he went on, seeing that she would not speak – I, too, have been rebellious; but I am striving to be so no longer. Help me, as you helped me when I was a child. Then you said many good words – when my father died, and we were sometimes sorely short of comforts – which we shall never be now; you said brave, noble, trustful words then, mother, which I have never forgotten, though they may have lain dormant. Speak to me again in the old way, mother. Do not let us have to think that the world has too much hardened our hearts. If you would say the old good words, it would make me feel something of the pious simplicity of my childhood. I say them to myself, but they would come differently from you, remembering all the cares and trials you have had to bear.

– I have had a many, said she, sobbing – but none so sore as this. To see you cast down from your rightful place! I could say it for myself, John, but not for you. Not for you! God has seen fit to be very hard on you, very.

She shook with the sobs that come so convulsively when an old person weeps. The silence around her struck her at last; and she quieted herself to listen. No sound. She looked. Her son sat by the table, his arms thrown half across it, his head bent face downwards.

– Oh, John! she said, and she lifted his face up. Such a strange, pallid look of gloom was on it, that for a moment it struck her that this look was the forerunner of death; but, as the rigidity melted out of the countenance and the natural colour returned, and she saw that he was himself once again, all worldly mortification sank to nothing before the consciousness of the great blessing that he himself by his simple existence was to her. She thanked God for this, and this alone, with a fervour that swept away all rebellious feelings from her mind.

He did not speak readily; but he went and opened the shutters, and let the ruddy light of dawn flood the room. But the wind was in the east; the weather was piercing cold, as it had been for weeks; there would be no demand for light summer goods this year. That hope for the revival of trade must utterly be given up.

It was a great comfort to have had this conversation with his mother; and to feel sure that, however they might henceforward keep silence on all these anxieties, they yet understood each other's feelings, and were, if not in harmony, at least not in discord with each other, in their way of viewing them. Fanny's husband was vexed at Thornton's refusal to take any share in the speculation which he had offered to him, and withdrew from any possibility of being supposed able to assist him with the ready money, which indeed the speculator needed for his own venture.

There was nothing for it at last, but that which Mr. Thornton had dreaded for many weeks; he had to give up the business in which he had been so long engaged with so much honour and success; and look out for a subordinate situation. Marlborough Mills and the adjacent dwelling were held under a long lease; they must, if possible, be relet. There was an immediate choice of situations offered to Mr. Thornton. Mr. Hamper would have been only too glad to have secured him as a steady and experienced partner for his son, whom he was setting up with a large capital in a neighbouring town; but the young man was half-educated as regarded information, and wholly uneducated as regarded any other responsibility than that of getting money, and brutalised both as to his pleasures and his pains. Mr. Thornton declined having any share in a partnership, which would frustrate what few plans he had that survived the wreck of his fortunes. He would sooner consent to be only a manager, where he could have a certain degree of power beyond the mere money-getting part, than have to fall in with the tyrannical humours of a moneyed partner with whom he felt sure that he should quarrel in a few months.

So he waited, and stood on one side with profound humility, as the news swept through the Exchange, of the enormous fortune which his brother-in-law had made by his daring speculation. It was a nine days' wonder. Success brought with it its worldly consequence of extreme admiration. No one was considered so wise and far-seeing as Mr. Watson.

CHAPTER 51
MEETING AGAIN

“Bear up, brave heart! we will be calm and strong;
Sure, we can master eyes, or cheek, or tongue,
Nor let the smallest tell-tale sign appear
She ever was, and is, and will be dear”.
Rhyming Play

It was a hot summer's evening. Edith came into Margaret's bedroom, the first time in her habit, the second ready dressed for dinner. No one was there at first; the next time Edith found Dixon laying out Margaret's dress on the bed; but no Margaret. Edith remained to fidget about.

– Oh, Dixon! not those horrid blue flowers to that dead gold-coloured gown. What taste! Wait a minute, and I will bring you some pomegranate blossoms.

– It's not a dead gold-colour, ma'am. It's a straw-colour. And blue always goes with straw-colour. But Edith had brought the brilliant scarlet flowers before Dixon had got half through her remonstrance.

– Where is Miss Hale? asked Edith, as soon as she had tried the effect of the garniture. – I can't think, she went on, pettishly – how my aunt allowed her to get into such rambling habits in Milton! I'm sure I'm always expecting to hear of her having met with something horrible among all those wretched places she pokes herself into. I should never dare to go down some of those streets without a servant. They're not fit for ladies.

Dixon was still huffed about her despised taste; so she replied, rather shortly:

– It's no wonder to my mind, when I hear ladies talk such a deal about being ladies – and when they're such fearful, delicate, dainty ladies too – I say it's no wonder to me that there are no longer any saints on earth...

– Oh, Margaret! here you are! I have been so wanting you. But how your cheeks are flushed with the heat, poor child! But only think what that tiresome Henry has done; really, he exceeds brother-in-law's limits. Just when my party was made up so beautifully – fitted in so precisely for Mr. Colthurst – there has Henry come, with an apology it is true, and making use of your name for an excuse, and asked me if he may bring that Mr. Thornton of Milton – your tenant, you know – who is in London about some law business. It will spoil my number, quite.

– I don't mind dinner. I don't want any, said Margaret, in a low voice. – Dixon can get me a cup of tea here, and I will be in the drawing-room by the time you come up. I shall really be glad to lie down.

– No, no! that will never do. You do look wretchedly white, to be sure; but that is just the heat, and we can't do without you possibly. (Those flowers a little lower, Dixon. They look glorious flames, Margaret, in your black hair.) You know we planned you to talk about Milton to Mr. Colthurst. Oh! to be sure! and this man comes from Milton. I believe it will be capital, after all. Mr. Colthurst can pump him well on all the subjects in which he is interested, and it will be great fun to trace out your experiences, and this Mr. Thornton's wisdom, in Mr. Colthurst's next speech in the House. Really, I think it is a happy hit of Henry's. I asked him if he was a man one would be ashamed of; and he replied, "Not if you've any sense in you, my little sister." So I suppose he is able to sound his h's, which is not a common Darkshire accomplishment – eh, Margaret?

– Mr. Lennox did not say why Mr. Thornton was come up to town? Was it law business connected with the property? asked Margaret, in a constrained voice.

– Oh! he's failed, or something of the kind, that Henry told you of that day you had such a headache – what was it? (There, that's capital, Dixon. Miss Hale does us credit, does she not?) I wish I was as tall as a queen, and as brown as a gipsy, Margaret.

– But about Mr. Thornton?

– Oh I really have such a terrible head for law business. Henry will like nothing better than to tell you all about it. I know the impression he made upon me was, that Mr. Thornton is very badly off, and a very respectable man, and that I'm to be very civil to him; and as I did not know how, I came to you to ask you to help me. And now come down with me, and rest on the sofa for a quarter of an hour.

The privileged brother-in-law came early and Margaret reddening as she spoke, began to ask him the questions she wanted to hear answered about Mr. Thornton.

– He came up about this sub-letting the property – Marlborough Mills, and the house and premises adjoining, I mean. He is unable to keep it on; and there are deeds and leases to be looked over, and agreements to be drawn up. I hope Edith will receive him properly; but she was rather put out, as I could see, by the liberty I had taken in begging for an invitation for him. But I thought you would like to have some attention shown him: and one would be particularly scrupulous in paying every respect to a man who is going down in the world. He had dropped his voice to speak to Margaret, by whom he was sitting; but as he ended he sprang up, and introduced Mr. Thornton, who had that moment entered, to Edith and Captain Lennox.

Margaret looked with an anxious eye at Mr. Thornton while he was thus occupied. It was considerably more than a year since she had seen him; and

events had occurred to change him much in that time. His fine figure yet bore him above the common height of men; and gave him a distinguished appearance, from the ease of motion which arose out of it, and was natural to him; but his face looked older and care-worn; yet a noble composure sat upon it, which impressed those who had just been hearing of his changed position, with a sense of inherent dignity and manly strength. He was aware, from the first glance he had given round the room, that Margaret was there; he had seen her intent look of occupation as she listened to Mr. Henry Lennox; and he came up to her with the perfectly regulated manner of an old friend. With his first calm words a vivid colour flashed into her cheeks, which never left them again during the evening. She did not seem to have much to say to him. She disappointed him by the quiet way in which she asked what seemed to him to be the merely necessary questions respecting her old acquaintances, in Milton; but others came in – more intimate in the house than he – and he fell into the background, where he and Mr. Lennox talked together from time to time.

– You think Miss Hale looking well, said Mr. Lennox, don't you? Milton didn't agree with her, I imagine; for when she first came to London, I thought I had never seen any one so much changed. Tonight she is looking radiant. But she is much stronger. Last autumn she was fatigued with a walk of a couple of miles. On Friday evening we walked up to Hampstead and back. Yet on Saturday she looked as well as she does now.

– We! Who? They two alone?

Mr. Colthurst was a very clever man, and a rising member of parliament. He had a quick eye at discerning character, and was struck by a remark which Mr. Thornton made at dinner-time. He enquired from Edith who that gentleman was; and, rather to her surprise, she found, from the tone of his 'Indeed!' that Mr. Thornton of Milton was not such an unknown name to him as she had imagined it would be. Her dinner was going off well. Henry was in good humour, and brought out his dry caustic wit admirably. Mr. Thornton and Mr. Colthurst found one or two mutual subjects of interest, which they could only touch upon then, reserving them for more private after-dinner talk. Margaret looked beautiful in the pomegranate flowers; and if she did lean back in her chair and speak but little, Edith was not annoyed, for the conversation flowed on smoothly without her. Margaret was watching Mr. Thornton's face. He never looked at her; so she might study him unobserved, and note the changes which even this short time had wrought in him. Only at some unexpected mot of Mr. Lennox's, his face flashed out into the old look of intense enjoyment; the merry brightness returned to his eyes, the lips just parted to suggest the brilliant smile of former days; and for an instant, his glance instinctively sought hers, as if he wanted her sympathy. But when their eyes met, his whole countenance changed; he was grave and anxious once more; and he resolutely avoided even looking near her again during dinner.

There were only two ladies besides their own party, and as these were occupied in conversation by her aunt and Edith, when they went up into the

drawing-room, Margaret languidly employed herself about some work. Presently the gentlemen came up, Mr. Colthurst and Mr. Thornton in close conversation. Mr. Lennox drew near to Margaret, and said in a low voice:

– I really think Edith owes me thanks for my contribution to her party. You've no idea what an agreeable, sensible fellow this tenant of yours is. He has been the very man to give Colthurst all the facts he wanted coaching in. I can't conceive how he contrived to mismanage his affairs.

– With his powers and opportunities you would have succeeded, said Margaret. He did not quite relish the tone in which she spoke, although the words but expressed a thought which had passed through his own mind. As he was silent, they caught a whiff in the sound of conversation going on near the fire-place between Mr. Colthurst and Mr. Thornton.

– I assure you, I heard it spoken of with great interest – curiosity as to its result, perhaps I should rather say. I heard your name frequently mentioned during my short stay in the neighbourhood. Then they lost some words; and when next they could hear Mr. Thornton was speaking.

– I have not the elements for popularity – if they spoke of me in that way, they were mistaken. I fall slowly into new projects; and I find it difficult to let myself be known, even by those whom I desire to know, and with whom I would fain have no reserve. Yet, even with all these drawbacks, I felt that I was on the right path, and that, starting from a kind of friendship with one, I was becoming acquainted with many. The advantages were mutual: we were both unconsciously and consciously teaching each other.

– You say “were.” I trust you are intending to pursue the same course?

– I must stop Colthurst, said Henry Lennox, hastily. And by an abrupt, yet apropos question, he turned the current of the conversation, so as not to give Mr. Thornton the mortification of acknowledging his want of success and consequent change of position. But as soon as the newly-started subject had come to a close, Mr. Thornton resumed the conversation just where it had been interrupted, and gave Mr. Colthurst the reply to his inquiry.

– I have been unsuccessful in business, and have had to give up my position as a master. I am on the look out for a situation in Milton, where I may meet with employment under some one who will be willing to let me go along my own way in such matters as these. I can depend upon myself for having no go-ahead theories that I would rashly bring into practice. My only wish is to have the opportunity of cultivating some intercourse with the hands beyond the mere “cash nexus.” But it might be the point Archimedes sought from which to move the earth, to judge from the importance attached to it by some of our manufacturers, who shake their heads and look grave as soon as I name the one or two experiments that I should like to try.

– You call them “experiments” I notice, said Mr. Colthurst, with a delicate increase of respect in his manner.

– Because I believe them to be such. I am not sure of the consequences that may result from them. But I am sure they ought to be tried. I have arrived at the conviction that no mere institutions, however wise, and however much thought may have been required to organise and arrange them, can attach class to class as they should be attached, unless the working out of such institutions bring the individuals of the different classes into actual personal contact. Such intercourse is the very breath of life. A working man can hardly be made to feel and know how much his employer may have laboured in his study at plans for the benefit of his workpeople. A complete plan emerges like a piece of machinery, apparently fitted for every emergency. But the hands accept it as they do machinery, without understanding the intense mental labour and forethought required to bring it to such perfection. But I would take an idea, the working out of which would necessitate personal intercourse; it might not go well at first, but at every hitch interest would be felt by an increasing number of men, and at last its success in working come to be desired by all, as all had borne a part in the formation of the plan; and even then I am sure that it would lose its vitality, cease to be living, as soon as it was no longer carried on by that sort of common interest which invariably makes people find means and ways of seeing each other, and becoming acquainted with each others' characters and persons, and even tricks of temper and modes of speech. We should understand each other better, and I'll venture to say we should like each other more.

– And you think they may prevent the recurrence of strikes?

– Not at all. My utmost expectation only goes so far as this – that they may render strikes not the bitter, venomous sources of hatred they have hitherto been. A more hopeful man might imagine that a closer and more genial intercourse between classes might do away with strikes. But I am not a hopeful man.

Suddenly, as if a new idea had struck him, he crossed over to where Margaret was sitting, and began, without preface, as if he knew she had been listening to all that had passed:

– Miss Hale, I had a round-robin from some of my men – I suspect in Higgins' handwriting – stating their wish to work for me, if ever I was in a position to employ men again on my own behalf. That was good, wasn't it?

– Yes. Just right. I am glad of it, said Margaret, looking up straight into his face with her speaking eyes, and then dropping them under his eloquent glance. He gazed back at her for a minute, as if he did not know exactly what he was about. Then sighed; and saying – I knew you would like it, he turned away, and never spoke to her again until he bid her a formal 'good night.'

As Mr. Lennox took his departure, Margaret said, with a blush that she could not repress, and with some hesitation,

– Can I speak to you tomorrow? I want your help about – something.

– Certainly. I will come at whatever time you name. You cannot give

me a greater pleasure than by making me of any use. At eleven? Very well.

His eye brightened with exultation. How she was learning to depend upon him! It seemed as if any day now might give him the certainty, without having which he had determined never to offer to her again.

CHAPTER 52

'PACK CLOUDS AWAY'

"For joy or grief, for hope or fear,
For all hereafter, as for here,
In peace or strife, in storm or shine".
Anonymous

Edith went about on tip-toe, and checked Sholto in all loud speaking that next morning, as if any sudden noise would interrupt the conference that was taking place in the drawing-room. Two o'clock came; and they still sate there with closed doors. Then there was a man's footstep running down stairs; and Edith peeped out of the drawing-room.

– Well, Henry? said she, with a look of interrogation.

– Well! said he, rather shortly.

– Come in to lunch!

– No, thank you, I can't. I've lost too much time here already.

– Then it's not all settled, said Edith despondingly.

– No! not at all. It never will be settled, if the "it" is what I conjecture you mean. That will never be, Edith, so give up thinking about it.

– But it would be so nice for us all, pleaded Edith. – I should always feel comfortable about the children, if I had Margaret settled down near me. As it is, I am always afraid of her going off to Cadiz.

– I will try, when I marry, to look out for a young lady who has a knowledge of the management of children. That is all I can do. Miss Hale would not have me. And I shall not ask her.

– Then, what have you been talking about?

– A thousand things you would not understand: investments, and leases, and value of land.

– Oh, go away if that's all. You and she will be unbearably stupid, if you've been talking all this time about such weary things.

– Very well. I'm coming again tomorrow, and bringing Mr. Thornton with me, to have some more talk with Miss Hale.

– Mr. Thornton! What has he to do with it?

– He is Miss Hale's tenant, said Mr. Lennox, turning away. – And he

wishes to give up his lease.

– Oh! very well. I can't understand details, so don't give them me.

– The only detail I want you to understand is, to let us have the back drawing-room undisturbed, as it was today. In general, the children and servants are so in and out, that I can never get any business satisfactorily explained; and the arrangements we have to make tomorrow are of importance.

No one ever knew why Mr. Lennox did not keep to his appointment on the following day. Mr. Thornton came true to his time; and, after keeping him waiting for nearly an hour, Margaret came in looking very white and anxious.

She began hurriedly:

– I am so sorry Mr. Lennox is not here – he could have done it so much better than I can. He is my adviser in this...

– I am sorry that I came, if it troubles you. Shall I go to Mr. Lennox's chambers and try and find him?

– No, thank you. I wanted to tell you, how grieved I was to find that I am to lose you as a tenant. But, Mr. Lennox says, things are sure to brighten...

– Mr. Lennox knows little about it, said Mr. Thornton quietly. – Happy and fortunate in all a man cares for, he does not understand what it is to find oneself no longer young – yet thrown back to the starting-point which requires the hopeful energy of youth – to feel one half of life gone, and nothing done – nothing remaining of wasted opportunity, but the bitter recollection that it has been. Miss Hale, I would rather not hear Mr. Lennox's opinion of my affairs. Those who are happy and successful themselves are too apt to make light of the misfortunes of others.

– You are unjust, said Margaret, gently. – Mr. Lennox has only spoken of the great probability which he believes there to be of your redeeming – your more than redeeming what you have lost – don't speak till I have ended – pray don't! And collecting herself once more, she went on rapidly turning over some law papers, and statements of accounts in a trembling hurried manner. – Oh! here it is! and – he drew me out a proposal – I wish he was here to explain it – showing that if you would take some money of mine, eighteen thousand and fifty-seven pounds, lying just at this moment unused in the bank, and bringing me in only two and a half per cent. – you could pay me much better interest, and might go on working Marlborough Mills. Her voice had cleared itself and become more steady. Mr. Thornton did not speak, and she went on looking for some paper on which were written down the proposals for security; for she was most anxious to have it all looked upon in the light of a mere business arrangement, in which the principal advantage would be on her side. While she sought for this paper, her very heart-pulse was arrested by the tone in which Mr. Thornton spoke. His voice was hoarse, and trembling with tender passion, as he said:

– Margaret!

For an instant she looked up; and then sought to veil her luminous eyes by dropping her forehead on her hands. Again, stepping nearer, he besought her with another tremulous eager call upon her name.

– Margaret!

Still lower went the head; more closely hidden was the face, almost resting on the table before her. He came close to her. He knelt by her side, to bring his face to a level with her ear; and whispered-panted out the words:

– Take care. – If you do not speak – I shall claim you as my own in some strange presumptuous way. – Send me away at once, if I must go; – Margaret! –

At that third call she turned her face, still covered with her small white hands, towards him, and laid it on his shoulder, hiding it even there; and it was too delicious to feel her soft cheek against his, for him to wish to see either deep blushes or loving eyes. He clasped her close. But they both kept silence. At length she murmured in a broken voice:

– Oh, Mr. Thornton, I am not good enough!

– Not good enough! Don't mock my own deep feeling of unworthiness.

After a minute or two, he gently disengaged her hands from her face, and laid her arms as they had once before been placed to protect him from the rioters.

– Do you remember, love? he murmured. – And how I requited you with my insolence the next day?

– I remember how wrongly I spoke to you – that is all.

– Look here! Lift up your head. I have something to show you! She slowly faced him, glowing with beautiful shame.

– Do you know these roses? he said, drawing out his pocket-book, in which were treasured up some dead flowers.

– No! she replied, with innocent curiosity. 'Did I give them to you?'

– No! Vanity; you did not. You may have worn sister roses very probably.

She looked at them, wondering for a minute, then she smiled a little as she said:

– They are from Helstone, are they not? I know the deep indentations round the leaves. Oh! have you been there? When were you there?

– I wanted to see the place where Margaret grew to what she is, even at the worst time of all, when I had no hope of ever calling her mine. I went there on my return from Havre.

– You must give them to me, she said, trying to take them out of his hand

with gentle violence.

– Very well. Only you must pay me for them!

– How shall I ever tell Aunt Shaw? she whispered, after some time of delicious silence.

– Let me speak to her.

– Oh, no! I owe to her – but what will she say?

– I can guess. Her first exclamation will be, “That man!”

– Hush! said Margaret – or I shall try and show you your mother’s indignant tones as she says, “That woman!”

FINIS

ELIZABETH GASKELL

29 DE SETEMBRO DE 1810 – 12 DE NOVEMBRO DE 1865

Elizabeth Gleghorn Gaskell (1810-1865) nasceu em 29 de setembro de 1810 em Lindsay Row, Chelsea, da união entre um ministro unitário e de uma filha de fazendeiro do condado de Sandlebridge, próximo a Knutsford in Cheshire. Aos 13 meses ficou órfã de mãe, sendo criada por sua tia, Hannah Lumb, cuja autora a considerava mais que uma mãe verdadeira.

Aos quatro anos, seu pai casou-se com Catherine Thomson, irmã do pintor escocês William John Thomson, que pintou um famoso retrato de Elizabeth em 1832. No mesmo ano, Elizabeth se casou com William Gaskell, indo morar em Manchester, onde o marido era ministro assistente da Capela de Cross Street e onde desenvolvia trabalhos filantrópicos e benemerentes junto à população mais pobre da cidade. Em Manchester, Elizabeth teve contato com os contrastes sociais e econômicos da cidade e com a sociedade literária e filosófica da região. Manchester era sinônimo de desenvolvimento econômico e de desigualdade social, o que levou Friedrich Engels descrever seus bairros operários em sua obra de 1844, “As Condições das Classes Trabalhadoras na Inglaterra”.

William e Elizabeth Gaskell tiveram quatro filhas e um filho, William, que morreu de escarlatina. Como distração por sua perda, seu marido lhe sugeriu que começasse a escrever, como modo de aliviá-la da dor da perda. Entretanto, foi fora dessa intensa dor pessoal que seu primeiro romance foi escrito, “Mary Barton – Um conto da vida de Manchester, publicado anonimamente em 1848 e que produziu grande impacto tanto junto à crítica quanto ao público leitor. Devido ao realismo social apresentado em seu texto, “Mary Barton” chamou a atenção do escritor Charles Dickens, sendo que foi por sua intercessão que seus próximos romances foram publicados. Com o auxílio de Dickens, Elizabeth Gaskell tornou-se popular, especialmente por escrever histórias de mistério e terror, apesar da distância dessas com relação à sua produção social.

Suas relações com Dickens, apesar de vários pontos em comum, sobretudo com relação aos temas de seus principais romances, passaram por momentos de conflito, principalmente em suas relações pessoais e dado a genialidade dos dois escritores. Em uma ocasião, Dickens chegou a confidenciar ao seu editor que agradecia aos céus por não ser o marido de Elizabeth.

Elizabeth Gaskell era uma perspicaz observadora das relações humanas, especialmente entre os trabalhadores das indústrias de Manchester e das regiões rurais de onde ela era oriunda. Essa característica própria lhe valeu como uma grande ferramenta na construção de seus personagens e das relações entre os diversos núcleos dentro de cada romance. Seu círculo de amizade também lhe possibilitou uma análise profunda das relações humanas, sendo que Charlotte Brontë, John Ruskin, Carlyles, Charles Kingsley e Florence Nightingale frequentavam sua casa.

Entre suas obras, Elizabeth Gaskell se destacou pelos romances RUTH (1853), NORTE E O SUL – NORTH AND SOUTH (1855), O PRIMO PHILLIS

(1863), OS AMORES DE SYLVIA (1863) e, finalmente, seu romance considerado como sua obra-prima ESPOSAS E FILHAS (1866), que foi deixado sem concluir em virtude da morte da autora em 12 de novembro de 1865, por falência cardíaca. Deixou também uma biografia amplamente aclamada da vida de sua amiga Charlotte Brontë. Ao longo do século 20, a produção literária de Elizabeth Gaskell foi considerada fora de moda e muito provincial, mas hoje é considerada pela grande maioria da crítica especializada como um dos grandes nomes da literatura vitoriana britânica. Recentemente, análises mais profundas têm tentado delimitar as tênues fronteiras entre ficção e realidade dentro dos romances de Elizabeth, o que conseqüentemente tem levado ao um crescimento maior do interesse do público geral sobre a produção dessa grande escritora britânica do século 19.